**CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA**

# *A DIALÉTICA DO REAL E DO IMAGINÁRIO: Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno OVNI*

**Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.**

**Orientador: Prof. Dr. Benedito Miguel Angelo Perrini Gil**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
**FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS**
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ASSIS – 1999**

**AGRADECIMENTOS**

– Ao Prof. Dr. Benedito Miguel Angelo Perrini Gil, orientador, pela oportunidade e direção firme e segura que permitiram a realização deste trabalho;

– Ao CNPq, pelo apoio financeiro;

– Aos documentaristas do Arquivo do Estado de São Paulo, Alfredo Moreno Leitão e César Augusto Atti, pela ajuda em localizar importantes documentos;

– Ao Prof. Dr. Oscar Holme, meu primeiro mestre em história, pelos ensinamentos;

– A Prof. Dr. José Rivair Macedo, meu segundo mestre em história, pelas lições de sabedoria e humildade;

– A Pablo Villarrubia Mauso, jornalista e escritor, pela amizade, pelas sugestões, pelo companheirismo, apoio e estímulo ao meu trabalho;

– A Antônio Manuel Pinto, historiador, crítico implacável da sociedade alienada, pela amizade, pelo apoio, companheirismo e pelas contribuições;

– A Christiano José Jabur, ufólogo e articulista, pela amizade e ajude imprescindíveis nos momentos mais difíceis;

– A José Carlos Del Carlo, ufólogo, pelo desprendimento, pela amizade, força e compreensão;

– A Ademar José Gevaerd, ufólogo, criador e editor da revista *UFO*, pelo apoio, pela amizade e confiança;

– Ao Dr. Max Berezovsky, médico e ufólogo pioneiro, pela troca de experiências;

– A Fernando Grossmann, ufólogo veterano, pesquisador de casos clássicos, pela troca de idéias, confiança e pelo precioso e raro material concedido;

– A Homero Fonseca, jornalista, pelo livro pioneiro sobre os boatos;

– A Fábio Puentes, hipnólogo, por mostrar que o controle da mente por meio de processos sugestivos vem sendo aplicado de modo sub-reptício para manipular grande parte da sociedade;

– Ao Dr. Carlos Alberto Sugaya e a Dra. Hideko Sugaya, odontologistas, pela força e paciência;

– A todos os que não acreditaram em mim, por insuflarem o espírito da superação;

– A todos os que tentaram impedir, pelo uso dos métodos mais ardilosos, o término da obra;

– A todos os que pereceram no caminho em função desta difícil luta/labuta, em especial ao Dr. Walter Karl Bühler (*in memorian*);

– Enfim, a todos os que, como eu, buscam obcecadamente a verdade e a justiça.

Universidade Estadual Paulista (Unesp)
Campus de Assis
Faculdade de Ciências e Letras
Departamento de História
Curso de Pós-Graduação
Área de Concentração: História e Sociedade

Cláudio Tsuyoshi Suenaga
*A Dialética do Real e do Imaginário: Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno OVNI*

Orientador: Prof. Dr. Benedito Miguel Angelo Perrini Gil

Palavras-chave: disco voador, símbolo, mito, messianismo

Resumo: Neste trabalho procuramos expandir o entendimento e revelar as profundezas simbólicas de um fenômeno que se converteu em fonte de esperanças e temores do homem contemporâneo. Ao lidarmos com este autêntico "mito em gestação", vinculado aos conceitos de viagens espaciais e invasão de alienígenas, procedemos a revisão de um vasto pano de fundo intemporal, repleto de experiências visionárias, milagres religiosos e encontros folclóricos com seres sobrenaturais. Os discos voadores foram imediatamente rotulados como sendo de origem extraterrestre. Parecia certo que esses misteriosos objetos, aparentemente sob controle inteligente, não eram feitos pelo homem e vinham do espaço exterior. O envolvimento dos governos com o assunto ajudou a incitar um interesse sem precedentes, resultando na edição de grande quantidade de livros, artigos e filmes a respeito. Um novo campo de interesses e de estudos nasceu – a ufologia –, e junto com ele um novo especialista – o ufólogo. Durante a Guerra Fria, as duas superpotências usaram os OVNIs como fachada para uma operação psicológica de encobrimento às novas armas secretas que se desenvolviam. Devido à proliferação dos arsenais atômicos, era preciso criar o medo de um inimigo objetivo exterior à Terra: os extraterrestres. Este inimigo foi útil para que prosseguissem com sua política de partilha do mundo e conseqüente criação de um império em condomínio, o que de fato aconteceu. Na última parte do trabalho, analisamos o movimento messiânico-milenarista do contatado Aladino Félix, responsável, paradoxalmente, por quase metade de todos os atentados terroristas ocorridos em São Paulo em 1968 – erroneamente atribuídos à esquerda – os quais contribuíram decisivamente para a decretação do AI-5. A partir de documentos do DOPS por nós descoberto no Arquivo do Estado de São Paulo, logo após a sua disponibilização ao público, reconstituímos a trajetória do grupo, ligado aos altos escalões do Regime Militar.

State University of São Paulo (Unesp)
Campus in Assis
Sciences and Letters School
History Department
Post-Graduation Course
Area: Historia and Society

Cláudio Tsuyoshi Suenaga
*The Dialetics of Real and Imaginary: A Proposal of Interpretation of the UFO Phenomenon*
Director: Prof. Dr. Benedito Miguel Angelo Perrini Gil

Keywords: flying saucer, symbol, myth, messianism

Abstract: In this work we attempt to unfold the understanding and reveal the symbolic deepness of a phenomenon that changed into a source of hope and fears of contemporary man. While dealing with this autentic “myth in development”, bound to the concept of space travels and alien invasions, we made a review of the vast untemporary background, full of visionary experiencies, religious miracles and folklore meetings with supernatural beings. The flying saucers were immediately marked as being extra-terrestrials. It seemed right that this mysterious objects, apparently under intelligent control, weren’t man-made and came from outer space. The involvement of the governments with the subject helped to stimulate an unheard-of interest, resulting in the edition of a great amount of books, articles and films about it. A new range of interests and studies was born – ufology –, and, along with it, a new specialist – the ufologist. During the Cold War, the two super potencies used UFOs as a countenance to a psychologial operation of cover-up to the new secret weapons they developed. Due to the proliferation of atomic arsenals, they needed to create the fear of an objective enemy from outside the planet: the extra-terrestrials. This enemy was useful for them to proceed with their politics of share of the world and resultant creation of an empire in joint ownership, what actually happened. In the last part of the work, we analyse the millenarist-messianic movement by contactee Aladino Félix, responsible, paradoxically for almost the half of all terrorist outragues in São Paulo in 1968 – imputed to the left, by mistake – which helped conclusively to the decreeing of AI-5. From the DOPS documents found by us at the Archive of State of São Paulo, soon after it was made available to public, we reconstituted the group’s trajectory, tied to the echelons of the Military Regime.

“Um modo particular de designação pode ser desimportante, mas é sempre importante que seja um modo possível de designação. Esta é a situação na filosofia em geral: o singular se manifesta repetidamente como desimportante, mas a possibilidade de cada singular nos dá um esclarecimento sobre a essência do mundo”

Ludwig Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*

“E a ciência mesma, a nossa ciência — sim, o que significa em geral, encarada como sintoma da vida, toda a ciência? Para que, pior ainda, de onde — toda a ciência? Como? É a cientificidade talvez apenas um temor e uma escapatória ante o pessimismo? Uma sutil legítima defesa contra — a verdade? E, moralmente falando, algo como covardia e falsidade? E, amoralmente falando, uma astúcia? Oh Sócrates, Sócrates, foi este porventura o teu segredo? Ironista misterioso, foi esta, porventura, a tua ironia?”

Friedrich Nietzsche, *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*

“A vida moderna é um passeio de automóvel. Os passageiros ou apodrecem nos seus fétidos lugares, ou transitam de carro em carro sujeitos a transformações contínuas. Inevitável progressão rumo às origens (qualquer terminal serve), rompendo as cidades, cujas entranhas dilaceradas exibem um filme de janelas, sinais, ruas, edifícios. Outras vezes certas outras naves, mundos fechados, vagos, deslizam por nós e passam adiante ou vão definitivamente a pique”.

James Douglas Morrison, *Os mestres: apontamentos sobre a visão*

## SUMÁRIO

# INTRODUÇÃO

Um fenômeno multitudinário irrompeu entre nós, atraindo com a ambivalência de suas imagens, resistindo sistematicamente a qualquer explicação definitiva, gerando debates intermináveis, configurando um enigma atraente e de proporções globais, capaz de questionar pretensas verdades — quer científicas, religiosas ou filosóficas —, de assumir inúmeras formas e semear dúvidas quanto a sua origem, natureza e significação.

O contínuo registro e aparecimento de artefatos aéreos desconhecidos levou à consagração do acrônimo UFO (Unidentified Flying Object), cunhado pela Força Aérea Norte-Americana como tentativa de enquadramento a uma ordenação. Tais objetos foram logo tomados pelos meios de comunicação de massa como algo externo à nossa realidade, produto tecnológico de uma supercivilização extraterrena, cuja existência, na ausência de qualquer prova material definitiva, só podia ser apreendida por um juízo de fé: acreditava-se ou não. Logo se definiu a prevalência de determinados sistemas de crenças, articulados às categorias históricas, culturais e sociais atinentes.

A tendência manifestada pela maioria das pessoas foi a de identificar os OVNIs (Objetos Voadores Não Identificados), como são designados em língua portuguesa, com naves espaciais de capacidades insuperáveis. Se era impossível à lógica e à razão convencionais explicar o seu funcionamento, era desde logo tentador assimilá-los a um engenho espacial fatalmente mágico, pertencente ao universo sobrenatural. O consenso em torno desses conceitos, aliado a tendência de implicar a fatos extraordinários noções pré-concebidas, gerou o componente mítico do fenômeno. Porém, ao invés dos mitos clássicos, distantes e encobertos pela névoa do tempo, temos a oportunidade de lidar com um dos poucos mitos vivos, atual, contemporâneo, em pleno curso de sua elaboração narrativa.

O arcabouço da chamada Civilização Ocidental, urbana e industrializada, fortemente motivada pelas perspectivas de exploração e conquista do espaço, contribuiu sobremaneira para projetar os cenários inconscientes da “invasão alienígena”. O fascínio que o céu sempre exerceu sobre a mente humana foi um dos fatores principais da ampliação do conhecimento e desenvolvimento científicos. O impulso em decifrar as razões de nossa própria existência galgou-nos ao sistema solar, às estrelas e às regiões distantes do cosmos. Em conseqüência, a figura do extraterrestre tornou-se uma das imagens mais poderosas da sociedade contemporânea, de modo a alimentar expectativas de que ele estivesse presente, assumindo a forma de um tipo ariano, loiro, alto, ou de um humanóide atarracado com olhos grandes e escuros. O fato é que o extraterrestre nunca deixou de apresentar algum aspecto que o ligasse a nós mesmos. Cruzando as descrições, chegaremos a uma tipologia que pouco difere dos apanágios que comumente atribuímos ao “Outro”, a quem se transfere as incumbências que poucos gostariam de suportar.

O embate entre as questões de essência e existência, conduziu a uma dialética do real e do imaginário. Segundo apregoa os modelos mais aceitos, inteligências vindas de algum lugar “lá fora” já visitaram e continuam visitando nosso orbe — como atestariam as provas recolhidas pelos ufólogos, os especialistas em OVNIs — e, com a conivência dos governos, estão ajudando ou ameaçando a espécie humana — encarada nesse caso como um simples espécime de laboratório — com objetivos inconfessáveis. Por sua vez, os céticos pensam que continuamos na Terra, separados e não afetados, e que a única saída é procurar de modo passivo sinais distantes, enviados através da “vastidão intransponível” do espaço.

O aspecto principal a considerar é a extrema credulidade de grande parte da sociedade. Durante os 5 anos em que estivemos imbuídos na pesquisa, sendo que há mais de uma década já vínhamos acompanhando de perto o assunto, pudemos entrevistar dezenas de testemunhas, checar locais de aparições e seqüestros *in loco*, visitar grupos ufológicos das mais diversas

tendências, assistir a operações mediúnicas e até tomar parte de cultos místico-religiosos, sempre na condição de observador-participante. Constatamos que em todos esses lugares e situações, praticamente não há espaço para a dúvida. Ninguém está livre para manifestar-se dizendo: “Isso não pode ser”, porque correrá o risco de ser convidado a retirar-se ou até mesmo agredido pelos sequazes.

A nós, coube a árdua tarefa de compreender e analisar essa nova crendice popular. Árdua porque sabemos que a grande maioria acredita no sobrenatural. Acredita porque precisa acreditar. Se antes da era industrial o imaginário era povoado com anjos e fadas, bruxas e demônios, os cidadãos da modernidade — que carregam as mesmas raízes constitutivas e filogenéticas — também precisam crer na sobrevivência da alma, ressurreição dos mortos, nos profetas, taumaturgos, milagreiros e em extraterrestres. Trata-se de vestir, com roupagens hodiernas, os fantasmas dos tempos passados: sereias que encantavam os navegantes, monstros marinhos que naufragavam embarcações, fantasmas de castelos medievais, górgonas, oríneas, lobisomens e vampiros. Para atender aos anseios de uma era técnico-científica, da astronáutica e da bomba atômica, da velocidade supersônica e da televisão, só mesmo discos voadores.

Para a grande maioria, o mundo ainda é regido por agentes sobrenaturais, ou seja, por seres pessoais que atuam motivados por razões idênticas ao dela própria, e que, como tal, são passíveis de serem acionados com apelos de piedade e bem-aventurança. Testifica-se, portanto, uma condenação declarada à ciência, não propriamente da ciência saber, mas da ciência certeza, instauradora, objetiva, parcial e incompleta; de qualquer forma, da ciência conjunto, sistematicamente organizada em torno de proposições tidas como evidentes ou exatas; paradoxalmente da mesma ciência que cria os fantasmas que alimentam as ilusões dos que se voltam contra ela. Este é o mais notável dos paradoxos: os OVNIs alimentam uma verdadeira indústria da investigação acerca da comprovação de sua própria existência.

Apesar do interesse massivo por visões de OVNIs, poucas tentativas foram feitas para definir o fenômeno em si. Ocorre que, na opinião dos crentes, elas são desnecessárias, uma vez que aferraram-se à certeza de que o OVNI é um disco voador extraterrestre. O ponto chave está encadeado à sua complexidade, à maneira como se corresponde com outras áreas, se associa, se imbrica de narrativa para narrativa, interligando cada parte ao conjunto e o conjunto ao menor dos fragmentos.

É necessário retificar que a matéria-prima para o estudo do fenômeno não são os próprios OVNIs, mas os relatórios sobre os mesmos, os quais incluem as circunstâncias que envolvem cada caso. As narrativas não devem ser lidas como reflexos literais do que se passou, e sim como versões subjetivas que remetem a uma estrutura referencial. O fenômeno atua como uma espécie de transformador da realidade, infundindo situações simbólicas que vão se tornando indistingüíveis dessa realidade. O início se dá geralmente por uma série hipnótica de luzes coloridas piscando ou de tremenda intensidade, induzindo as testemunhas a um estado de profunda confusão mental, deixando-os vulneráveis à inserção de novos pensamentos e concepções. Os eventos paranormais recobrem um cenário uniforme e instalam a diferença, algo que não está acessível *a priori*.

Até que ponto nós é outorgado conhecer o real? O que é a realidade e como a percebemos? A maior parte do que julgamos ser real não passa, na verdade, de interpretações errôneas, de enganos da mente e dos sentidos. A assunção é condicionada por práticas culturais e disposições mentais prévias, em que interfere diretamente o ângulo de vista do espectador. O real existe somente para um olhar humano e com relação a ele. As diferentes formas de pensar — não apenas o que as pessoas pensam mas como pensam — confere-lhe valores e significados. Não raro, essa assertiva foi colocada no centro dos esforços empreendidos da compreensão do Universo e principalmente da compreensão de nós mesmos dentro desse Universo. Reunimos e

comparamos entre si as situações histórias e sociais em que foram formuladas, bem como analisamos as respostas obtidas em diversas épocas, especialmente a nossa.

Sejam quais forem as diretivas, elas continuam a encerrar, a todo momento, um caráter inquietante. Resgatamos as concepções sobre os "outros mundos", habitados por estranhas populações, dentro do que foi designado como fenômeno OVNI. Entre as visões do passado e os do presente, há uma correspondência inegável. Descrições idênticas separadas por longos períodos históricos evidenciam a sobrevivência de uma mentalidade "arcaica", sobreposta aos valores modernos. As "armadas celestes" e as "bruxas" dos séculos XV ao XVIII foram substituídos por "discos voadores" aerodinâmicos logo após o rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Antes disso, já nos finais do século XIX, a vaga norte-americana dos "airships" precedia as soluções do vôo aéreo terrestre. A capacidade volumétrica de sustentação dos grandes corpos, enfim, a antecipação dos progressos humanos no domínio da velocidade, da manobralidade e da aerodinâmica, desenhava, seguindo as centenas de testemunhos da época, as propriedades incríveis desses "dirigíveis fantasmas", que hoje impressionam como autênticos protótipos vindos do futuro.

As melhores vias de acesso para decifrar os aspectos incompreensíveis de uma cultura, na acepção dos antropólogos, podem ser aquelas que parecem mais obscuras. Diante da dificuldade de entender algo particularmente importante para os nativos de uma sociedade, resta a possibilidade de captar, a partir de fatos inusitados, seu sistema de vida. Os OVNIs representam justamente uma das características mais significativas do século XX: a coexistência entre o pensamento científico/racional e o pensamento mágico. Razão e imaginação não são necessariamente antitéticos. A própria ciência foi levada a reconsiderar a dimensão sobrenatural, a buscar um novo sentido para a transcendência. Dessa abertura surgiram as forças que propiciaram o retorno do pensamento mágico. O imaginário, o fabuloso, o onírico e o inusitado deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira para serem tratados como portas que se abrem para outras dimensões.

Procuramos não enquadrar o assunto à égide de uma só disciplina, aliás um dos motivos que o levaram a ficar durante tanto tempo preso no atoleiro. A química, a física, a psicologia, a lingüística e a astronomia, ao se restringirem às suas próprias teorias, não têm como fornecer, por si sós, parâmetros e ferramentas adequados. Já as raras opiniões emitidas pelos historiadores, infelizmente têm sido lamentáveis. Eles vêm preferindo a incerteza a enfrentar riscos. Destilando preconceitos, tendem a encerrar os fenômenos estranhos do passado e do presente numa estrutura fechada, enterrada na vala comum da fantasia. Devido a sua natureza eminentemente interdisciplinar, os OVNIs não podem ser estudados em compartimentos estanques, já que toca em todos os pontos do saber — do folclore à astrofísica, da etnologia à astronáutica, da história à parapsicologia. Trata-se da relação entre língua, pensamento, conhecimento e realidade.

O historiador deve seguir linhas preestabelecidas, definidas por hipóteses ou teorias. Praticamente todos os grandes passos foram dados por antecipação a natureza, ou seja, embora não mensuráveis, partiam de idéias razoavelmente fundamentadas. Ficaríamos simplesmente a assistir os fatos referentes aos OVNIs até o final dos tempos se não fizéssemos assunções na tentativa de solucionar o problema, mesmo que, depois de todos os esforços, ainda subsista uma série de questões não respondidas. Pressupõe-se também que o historiador, na qualidade de sujeito que conhece e investiga, aja com imparcialidade, obliterando emoções e predileções, e rejeitando condicionamentos sociais prévios. Destarte, a leitura subjetiva dos fatos, inerente a qualquer investida do gênero, sofre a influência da consciência de uma época. Ao decodificar tramas e intrigas, o historiador está revestido do juízo de valores pertencente a seu tempo e espaço, o que torna a tarefa bastante complicada. Não por acaso, a história se afigura como o presente projetado sobre o passado, ou seja, as inquietações, os interesses e as necessidades mais imediatas delimitam o campo de visão.

Relatórios de campo, fitas de áudio e vídeo, fotografias, pastas oficiais (até então reservadas, confidenciais ou secretas), recortes e cópias reprografadas de notícias de jornais e revistas sobre o tema em pauta, compõem a base documental desta dissertação. Quando o material atingiu um certo volume, emergiu um novo quadro do fenômeno dos OVNIs. Quadro bizarro, apesar de consistente; bem delineado, apesar de perturbador, tanto que resolvemos guardar em nossos arquivos certas informações que só serão trazidas a lume após uma análise detida de suas implicações. O que está sendo aqui analisado representa assim apenas uma parcela dos casos que estudamos pessoalmente, e uma porcentagem diminuta dos que o foram por outros pesquisadores. Saber que esse material nunca foi antes apreciado devidamente, é algo assustador.

A recusa em considerar os fatos atinentes, em termos estritos da sociologia, ressona como uma denúncia vigorosa dos limites estreitos dentro dos quais muitos acadêmicos trabalham. Com esta pesquisa espero estar contribuindo para mostrar que já passou da hora de adotarmos uma postura bem mais aberta em relação ao fenômeno e promover uma reavaliação do material acumulado. Dentre a sua imensa variedade, destaco a documentação de fontes governamentais como a mais promissora. Isso porque o fenômeno é muito mais perigoso e complexo do se supõe, razão pela qual vem sendo mantido acobertado pelas estruturas oficiais de poder.

Nossa intenção foi o de revelar como os cientistas sociais, atento às correntes mais recentes dos desenvolvimentos cognitivos e das novas propostas epistemológicas, pode investir no tratamento rigoroso e pertinente dessas zonas obscuras da experiência humana. A perseguição sistemática e as pressões exercidas pelo conservadorismo de certos círculos e setores, colocaram em risco o que ora se registra. Nossa esperança é que este trabalho, o primeiro em âmbito acadêmico no Brasil a mergulhar a fundo no fenômeno OVNI, contribua, ainda que minimamente, para lançar alguma luz à questão.

# I. O NASCIMENTO DE UM MITO CONTEMPORÂNEO

## 1. Segunda Guerra Mundial

Terminada a primeira grande conflagração, as nações vitoriosas resolveram estabelecer a paz mediante a criação de uma Liga de Nações que agisse como mediadora nas disputas internacionais e aplicasse sanções quando preciso. A Liga, no entanto, viu-se desde o início debilitada pela ausência dos EUA e pela exclusão temporária da Alemanha e da URSS. As severas condições de paz geraram um profundo ressentimento no povo alemão, que se inclinava a lançar sobre o Tratado de Versalhes a culpa das dificuldades resultantes da enorme destruição e desorganização provocadas pela guerra, agravadas pela inflação, pela multiplicação das barreiras alfandegárias e pela crise econômica de 1929. Esses fatores combinados favoreceram a ascensão do nazismo, movimento político de caráter totalitário que, sob a liderança de Hitler, chegava ao poder em 1933.

Os sucessivos recuos da Liga e das democracias ocidentais estimulavam as potências totalitárias a reincidir nos seus atos de provocação e agressão: invasão japonesa da Manchúria em 1931 e o subseqüente ataque à China; rearmamento alemão em 1935 e a remilitarização da Renânia no ano seguinte; conquista da Abissínia pela Itália em 1935-36; apoio do Eixo Roma-Berlim às forças franquistas na Guerra Civil Espanhola de 1936-39; *Anschluss* (Anexação) da Áustria pelos alemães em 1938, seguida pela campanha dos Sudetos, região tcheca habitada por uma minoria alemã que, incitada pelos nazistas, exigia a sua incorporação ao Terceiro Reich. A Tchecoslováquia, contando com a ajuda da URSS e pronta a resistir, viu-se abandonada pelas democracias ocidentais, que firmaram em 30 de setembro de 1938 o famigerado Pacto de Munich, em que cediam os Sudetos à Alemanha em troca da promessa hitlerista de não fazer novas exigências territoriais na Europa.

Um clima bélico-invasionista mobiliza as grandes potências, pegando desprevenida a população norte-americana, imersa na incerteza e instabilidade resultantes de uma crise econômica prolongada. O rádio atingia todos os lugares, mas a massa ainda não estava acostumada a receber informações simultaneamente aos fatos. Os EUA, que em 1921 contava com quatro emissoras, têm trezentos e oitenta e duas no final de 1922, e sete milhões de receptores em 1927. Na década de 30, os países colonizadores montam extensa programação voltada à manutenção de suas possessões africanas, e a URSS, a Alemanha, a Itália e o Japão, uma ofensiva de transmissões de propaganda ideológica.

Vinculada a ameaça de invasão hitlerista, havia o medo do desembarque de seres de outros planetas. Na noite de 30 de outubro 1938, véspera do *Halloween* (Dia da Bruxas), o perigo real se materializou numa situação imaginária. A rádio CBS de Nova York, efetuou com estrondoso êxito a "cobertura" de um desembarque de marcianos no vizinho Estado de Nova Jersey.[1] As descrições, perfeitas, desencadearam o pânico. A narração teve tanto impacto que o governo chegou a abrir um inquérito para apurar responsabilidades. O inquérito foi esquecido, mas o trabalho de Welles passaria à posteridade como um dos maiores furos na história da radiodifusão. Nas comemorações do seu cinqüentenário, várias pessoas que ouviram a locução diziam ainda guardar uma lembrança viva dos fatos. Henry Sears, 13 anos na época, levou

[1] Em seu filme *Radio Days* (*A Era do Rádio*), de 1987, Woody Allen mostra diversos episódios interligados – entre eles a invasão marciana preconizada por Welles – pela presença constante do rádio, que age poderosamente sobre os membros de uma família judia no bairro do Queens nos anos 30 e 40. Trata-se de uma nostálgica homenagem de Allen aos personagens e programas da idade de ouro do rádio americano, sob a ótica de sua própria infância.

consigo um rádio e se refugiou num bar junto de conhecidos.[2] As proporções do tumulto foram bem mais graves do que se mensurava, levando em conta os repetidos avisos da rádio de que a transmissão era fictícia.[3]

Comandando uma cadeia de noventa emissoras, costa a costa, o locutor começou: "O elenco do Mercury Theatre, sob a direção de Orson Welles, apresenta *A guerra dos mundos*, adaptação da novela de H. G. Wells". Ato contínuo, outro locutor, um dos atores do elenco, informava: "Passamos a transmitir do Park Plaza Hotel uma audição musical com Ramon Raquello e sua orquestra". Entra a música e, instantes depois, o locutor corta a apresentação com um aviso: "Interrompemos nosso programa de música dançante para transmitir o boletim que acabamos de receber da Agência Internacional de Notícias". A "notícia" era a de que um laboratório astronômico havia detectado explosões no planeta Marte. Volta a música. O programa sofre nova interrupção para uma "entrevista" com um astrônomo. Entra novamente a música e dessa vez o "repórter" Carl Phillips anuncia a queda de um objeto flamejante, descomunal, numa fazenda de Grover's Hill, em Nova Jersey. A música não retornaria mais.

De modo a conferir maior realismo à narrativa, a produção decidiu transmitir o restante do programa na forma de um boletim noticioso extraordinário. Sem demora, um repórter chega ao local da queda do objeto, um cilindro de aço, de dentro do qual saem criaturas repulsivas, portando armas condizentes com o nível tecnológico da época: uma espécie de lança-chamas mecânico e um expelidor de gases. No espaço de uma hora, o repórter é pulverizado, multidões são mortas, forças do Exército e da Aeronáutica dizimadas. De Washington, o secretário de Defesa admite a derrota. Em engenhocas semelhantes a um tanque de guerra sobre pernas articuladas, os marcianos marcham em direção a Nova York arrasando tudo pelo caminho, atravessam o rio Hudson e conquistam Manhattan. O único sobrevivente do ataque, arrastando-se entre os escombros, chega ao Central Park, onde encontra os corpos dos alienígenas em decomposição, mortos por infecções de vírus e bactérias contra as quais não tinham resistência imunológica.[4]

A "notícia" se difundiu de forma devastadora. Milhares de ouvintes histéricos contagiaram parente e amigos, pessoalmente ou por telefone, desatando o pavor coletivo. Cenas de pânico foram registradas numa ampla faixa da costa leste, principalmente nos estados de Nova York e Nova Jersey. Os habitantes dos arranha-céus de Manhattan refugiaram-se no subsolo ou fugiram para outras cidades. O serviço telefônico entrou em colapso devido ao excesso de chamadas para a polícia e os jornais, o que aumentou a sensação de que o país estava sendo realmente invadido. Nos hospitais e nas prisões, doentes, presos e empregados exigiam que fossem postos fora de perigo. Pessoas que passavam o alarma nas ruas foram presas, e a Polícia Montada empregou gás lacrimogêneo para dispersar a multidão desvairada. Em Nova Jersey, muitos alegaram terem visto explosões de bombas, colunas de fumaça e até os marcianos em pessoa. Em Tentro, os religiosos acorreram aos templos, crentes de que o fim do mundo havia chegado. Em Newark, as mulheres rezavam de joelhos no meio da rua. Alguns corriam pelas ruas com panos e toalhas cobrindo o rosto, prevenindo-se contra gases venenosos.[5] Os moradores de Grover's Hill acreditavam que um disco voador pousara em uma fazenda. Muitos procuraram o delegado perguntando o que deveriam fazer. Mesmo os que não tinham ouvido rádio naquele dia também fugiram. Um cidadão, apesar de rastrear as demais emissoras e constatar que seguiam sua programação normal, especulou que os locutores estavam deliberadamente tentando tranqüilizar o povo. A calma só voltou a reinar quando todas as

---

[2] " 'Guerra dos Mundos' assustou os EUA", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14-10-1989, exterior, p. A-10.
[3] O jornalista Homero Fonseca teve o acesso ao roteiro original da narrativa e incluiu um estudo a respeito no seu livro *Viagem ao planeta dos boatos* (Rio de Janeiro, Record, 1996).
[4] Fonseca, Homero, op. cit., p. 36-37.
[5] *Ibid*., p. 37-38.

estações de rádio passaram a divulgar insistentes informes sobre o que tinha havido, secundadas pelos jornais que lançaram edições extras nas ruas.[6]

A reação expôs algo profundo: o estado psicológico vulnerável da população. A pesquisa do American Institute of Public Opinion (AIPO), apontou que de 10 a 12% dos ouvintes (entre seiscentas mil a setecentas mil pessoas), apesar de terem escutado de que se tratava de uma novela, ficaram extremamente ansiosos. Segundo a CBS, esse percentual foi ainda maior: cerca de 20%, ou um milhão e duzentas mil pessoas. Além do aviso inicial, em dois intervalos a mensagem de que se tratava de uma ficção foi repetida. A massa, porém, predisposta a crer no pior, ignorou-as, liberando emoções reprimidas.[7]

Os alienígenas transfigurados de Welles não eram outra coisa senão estrangeiros de outros mundos, do Velho Mundo, da Europa.[8] Em poucos meses a guerra seria precipitada. Em 15 de março de 1939, Hitler ocupou a Boêmia e a Morávia, transformando-as em protetorados. Em abril, Mussolini tomou a Albânia, enquanto Hitler desencadeava a “guerra de nervos” contra a Polônia. Finalmente convencidas da inutilidade de quaisquer esforços para conter o nazi-fascismo, as potências ocidentais ofereceram auxílio a esse país e procuraram a colaboração soviética. No entanto, em 23 de agosto era assinado em Moscou o pacto de não-agressão germano-soviético, o que permitia à Alemanha levar a cabo os seus intentos sem o temor de um ataque a leste.

Em 1º de setembro de 1939, os nazistas invadiram a Polônia, irrompendo a pior guerra de todos tempos, considerada uma extensão da primeira, porquanto resultante de causas semelhantes — nacionalismo, imperialismo, armamentismo, disputas econômicas, propaganda —, agravadas pela conjuntura que colocava na Europa, frente a frente, os mesmos adversários principais: Alemanha, contra França e Reino Unido. A primeira, junto da Itália, do Japão e de seus satélites (Hungria, Eslováquia, etc.) opunha-se às chamadas democracias ocidentais e seus aliados (a Polônia e as nações posteriormente atacadas pelo Eixo: Noruega, Holanda, Bélgica, Iugoslávia, Grécia, URSS, EUA, etc.).

A partir de 1914, acelerou-se a evolução que vinha se esboçando e fazia do capitalismo competitivo do século XIX um capitalismo monopolista. O mecanismo e funcionamento da economia foram perturbados pela concentração da riqueza em poucas mãos e pela fusão do capital bancário com o industrial. Substituiu-se a empresa do tipo familial pela sociedade anônima, a concorrência pelos acordos e entendimentos, e a livre troca por um rígido protecionismo, imposto aos governos pelos grupos econômicos ameaçados. Um capitalismo em expansão cedeu espaço a um outro em vias de contração, caracterizado pelo malthusianismo, único sistema que, nos períodos de abundância, permitia a conservação dos preços de venda elevados, às custas do permanente desemprego e subemprego de grande parte da população ativa.

Diante da crise, os governos capitalistas viram-se obrigados a intervir. A partir de 1931, vigorou uma economia que tendia a utilizar as forças produtivas de maneira mais racional, dirimindo os atritos através de grandes obras públicas, do controle das indústrias e dos câmbios e da política de armamentos. A maioria dos governos adotou essa política intervencionista, inclusive os fascistas, que aplicaram os princípios de maneira radical e sistemática. No plano sócio-político, a crise trouxe à tona as contradições internas da democracia burguesa — expressão máxima do capitalismo liberal —, entre a estrutura da sociedade e as forças de produção e entre a soberania política das massas e a soberania econômica de uma minoria privilegiada. O desemprego, a crescente desigualdade na distribuição da renda e a concentração do poder,

---

[6] *Ibid*., p. 38-39.
[7] *Ibid*., p. 134-135.
[8] Banchs, Roberto. *Los OVNIs: una vision historica*, Buenos Aires, março 1995, nº 1, edição especial de *Los identificados*, p. 4.

agravavam os antagonismos sociais. O povo, efetivamente organizado, reivindicava melhorias nas condições de vida.

O controle do poder assumiu, pois, uma importância decisiva na luta entre a classe dominante e a dominada. Interrompeu-se o fluxo natural do desenvolvimento planejado. Na Inglaterra e na Europa Ocidental, as instituições democráticas continuaram subsistindo no quadro capitalista, embora contestadas e enfraquecidas. Na Europa Central e Oriental, principalmente na Itália e na Alemanha — mais do que qualquer outra atingida pela derrota e pela crise —, a sobrevivência da classe dirigente depende do completo sacrifício das instituições democráticas. O fascismo destrói as organizações operárias e impulsiona o armamentismo e o imperialismo, agravando rapidamente as dissenções. Os avanços japoneses na Ásia enfraquecem as potências coloniais, arruinando a base social da classe dirigente da China. Os movimentos pró-independência nacional assumem crescente força, tanto na Índia como nos impérios coloniais da França e dos Países Baixos. O sistema capitalista apresenta-se, pois, bastante debilitado. Daí o agravamento dos conflitos sociais que constituíram um fator importante da política externa e do equilíbrio de forças no plano internacional.[9]

Com a invasão da Escandinávia em 9 de abril de 1940 — que assegurou a Hitler as bases no Mar do Norte e o abastecimento do minério de ferro sueco —, a guerra agravou-se sobremaneira. A invasão dos Países Baixos em 10 de maio, inaugurou a fase da *blitzkrieg*, em toda a frente Ocidental. Os OVNIs absorveram tal característica, pois suas aparições se faziam com a mesma rapidez da guerra-relâmpago. A Holanda foi tomada em 4 dias, a Bélgica em 3 semanas e a França em menos de 1 mês e meio. Com a ocupação de Paris em 14 de junho, o general Pétain assinou o armistício e instalou em Vichy a sede de um governo colaboracionista. A queda da França — com seus exércitos mal equipados — e a iminente derrocada inglesa, consternaram os norte-americanos que temiam uma invasão alemã no território Ocidental. A destruição da Tchecoslováquia convenceu uma pequena, mas influente minoria, de que os EUA corriam sério perigo.[10] A Força Expedicionária Britânica foi empurrada para o mar de Dunquerque e forçada a executar uma difícil retirada. Exilado em Londres, o general De Gaulle apelou à resistência, criando o movimento França Livre. Os nazistas avançaram para o leste, invadiram a Iugoslávia e a Grécia em abril de 1941 e desencadearam uma ofensiva contra a URSS em junho, mas foram derrotadas na batalha pela capital em novembro. Washington, por sua vez, restringia-se a medidas estritamente diplomáticas, inúteis para conter o avanço nazista na Europa e o imperialismo japonês no Extremo Oriente.

A maioria dos norte-americanos inquiridos entre 1939 e 1941, manifestou-se contrária ao envolvimento do país na guerra.[11] Só o ataque japonês à base naval de Pearl Harbor, no Pacífico, em 7 de dezembro de 1941, os fez mudar de posição. O Japão dominou o sudoeste da Ásia e a Birmânia entre dezembro de 1941 e março de 1942. Nesse ínterim, um objeto em forma de disco apareceu em plena luz do dia nos céus da cidade de Tientsin, na China, desfilando ante centenas de pessoas e deixando-se fotografar. Um estudante do distrito de Gunma foi quem encontrou a foto perdida entre as cartas de seu pai. Este mesmo objeto teria sido observado por uma tropa do Exército de Libertação Comunista.

No segundo semestre, depois da segunda batalha de Alamein, a vitória passou para o lado aliado. As forças anglo-americanas desencadearam a contra-ofensiva no Egito e invadiram a África do Norte francesa, base do ataque italiano, entre outubro de 1942 e maio de 1943; paralelamente, o Exército russo lançava a ofensiva do Volga, ao norte e ao sul de Stalingrado, reconquistados em fevereiro de 1943; em julho, os norte-americanos desembarcaram na Sicília,

---

[9] Crouzet, Maurice. *História geral das civilizações, A época contemporânea: o declínio da Europa e o mundo soviético*, São Paulo, Difel, 1958, p. 219-221.
[10] Link, Arthur. *História moderna dos EUA*, Rio de Janeiro, Zahar, 1965, v. III, p. 807.
[11] *Ibid*., p. 809.

provocando a queda de Mussolini no dia 24 e a conseqüente capitulação da Itália em 3 de setembro. Nessa altura, o poderio germânico já estava bastante enfraquecido.

Misteriosos aviões, capazes de ficar "imóveis" e acelerar bruscamente, foram caçados pelo fogo da 37ª Brigada Antiaérea na madrugada de 25 de fevereiro de 1942. No dia seguinte, o chefe do Estado-Maior do Exército, general George C. Marshall, endereçava ao presidente Franklin Delano Roosevelt um memorando secreto reportando que: "1) Aeroplanos não identificados, que não eram do Exército ou da Marinha norte-americana, se encontravam provavelmente sobre Los Angeles. Descargas de fogo foram atiradas contra aqueles aviões por elementos da 37ª Brigada CA (AA) entre 3h12min e 4h15min. Aquelas unidades lançaram mil quatrocentos e trinta obuses; 2) Eram uns quinze aeroplanos que voavam a velocidades variadas, conforme descrições oficiais, desde muito lentamente até 360 km/h, e a altitudes de 9 mil a 18 mil pés; 3) Nenhuma bomba foi lançada; 4) Nossas tropas não registraram nenhuma baixa; 5) Nenhum avião do Exército ou da Marinha norte-americana entrou em ação. A pesquisa continua. Parece razoável concluir que, se aeroplanos não identificados estavam implicados, poderiam ter sido utilizados por agentes inimigos com a finalidade de espalhar a inquietação, de descobrir a localização das posições da defesa antiaérea e de diminuir a produção através do *blackout*. A conclusão é reforçada pelas diferentes velocidades dos aparelhos e pelo fato de que nenhuma bomba foi lançada".[12]

Os encontros de Roosevelt, Churchill e Stálin em Teerã, entre novembro e dezembro de 1943, anteciparam a maior operação militar da guerra: o desembarque na Normandia, comandando pelo general e futuro presidente Dwight David Eisenhower, em 6 de junho de 1944. Paris é libertada em 25 de agosto, e Hitler, num último esforço, bombardeia a Inglaterra durante o verão de 1944 com os revolucionários foguetes V-1 e V-2. Os aliados fechavam o cerco, avançando em direção à Alemanha. Os soviéticos penetraram na Prússia Oriental, na Polônia e na Silésia, e libertaram Budapeste e Viena entre março e abril de 1945, encontrando-se com as tropas aliadas às margens do Elba em 28 de abril. Hitler suicidou-se 2 dias depois. O almirante Karl Dönitz formou um novo governo e pediu o fim das hostilidades. Em 2 de maio, Berlim é ocupada pelos soviéticos. Em 7 de maio, a Alemanha assina, em Rheims, a rendição incondicional. A guerra do Pacífico prosseguiu até que o presidente Harry S. Truman ordenou o lançamento de duas bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima, em 6 de agosto, e Nagasaki, em 9 de agosto; no dia 14, o Japão capitulava.

O número de mortos na guerra gira em torno dos quarenta milhões. Dezessete milhões de soviéticos (nove milhões e meio de civis), cinco e meio milhões de alemães (três milhões de civis), quatro milhões de poloneses (três milhões de civis), dois milhões e duzentos mil chineses, um milhão e seiscentos mil iugoslavos, um milhão e quinhentos mil japoneses, quinhentos e trinta e cinco mil franceses (trezentos e trinta mil civis), quatrocentos e cinqüenta mil italianos (cento e cinqüenta mil civis), trezentos e noventa e seis mil ingleses, duzentos e noventa e dois mil norte-americanos, além de seis milhões de judeus (um terço da população judaica do mundo), vítimas do anti-semitismo nazista. Os territórios e o poderio industrial da Alemanha foram drasticamente reduzidos. Dividida em quatro zonas de ocupação, teve de pagar pesadas reparações de guerra, cedendo, para tanto, equipamentos, maquinarias, produtos manufaturados e navios mercantes.

Mais do que qualquer outro conflito do passado, a Segunda Guerra estimulou o avanço tecnológico. Ela foi ganha tanto no laboratório de experiências quanto no campo de batalha. No início, os norte-americanos encontravam-se muito atrasados em relação aos alemães — na vanguarda do conhecimento atômico, da propulsão a jato e dos foguetes[13] — e aos ingleses —

---

[12] Bourret, Jean-Claude. *OVNI: as Força Armadas falam*. São Paulo, Difel, 1980, p. 5-6.

[13] Em resposta à invasão aliada, Hitler desencadeou contra a Inglaterra, em 12 de junho de 1944, a ação de uma de suas propaladas "armas secretas", a bomba voadora V-1. Lançadas em grande número, especialmente sobre

peritos em dispositivos eletrônicos e de radar.[14] Antevendo a inevitável entrada dos EUA na guerra, em junho de 1940 o presidente do Instituto Carnegie, de Washington, Vannevar Bush, persuadiu o presidente a criar a Comissão de Investigações da Defesa Nacional (NDRC), que contaria com representantes dos meios militares, universitários e industriais. Roosevelt reorganizou os programas de investigação do governo e em junho de 1941 criou o Departamento de Investigação e Desenvolvimento Científico (OSRD), nomeando Bush como diretor e conferindo-lhe plenos poderes para elaborar, aprovar ou rejeitar projetos.

Sempre que se avistava algo estranho no céu, atribuíam-no ao arsenal inimigo. Assim procederam os comandantes norte-americanos ante os relatos pitorescos dos pilotos da Força Aérea que se disseram perseguidos por bolas luminosas vermelhas, laranjas e brancas que pareciam brincar com seus aviões no outono de 1944. Alguns deles foram acompanhados por até dez dessas luzes, apelidadas de *foo fighters* — um jogo de palavras misturando o termo francês *feu* (fogo) e o inglês *fighter* (avião) — pelos pilotos da 415ª Esquadra de Caças Noturnos dos EUA, baseada em Dijon. A esquadra efetuava missões de combate e reconhecimento sobre a zona do Rim, ao norte de Estrasburgo, no setor da frente compreendida entre Hagenau e Neustadt, ao oeste do rio dos Germanos.

Os primeiros informes vieram da tripulação de um bombardeiro B-29 na noite de 23 de setembro de 1944. A bordo, o tenente Ed Schluetter, o radialista Donald J. Meire e o tenente Fred Ringwald, oficial da inteligência militar que viajava como observador, justamente o primeiro a notar o que pareciam ser estrelas. Aos poucos, as estrelas converteram-se em cerca de oito bolas luminosas alaranjadas que se moviam velozmente. Desapareceram para logo reaparecerem mais adiante e, minutos depois, desvaneceram em definitivo. A Inteligência Militar classificou-as como armas secretas alemães, embora nunca tenha sido registrado nenhum caso de ataque.

Um bombardeiro B-24 foi seguido por uma formação de quinze *foo fighters*. A tripulação de um B-29, em missão de bombardeio sobre o Japão, também os avistou. Nessa época, os alemães travavam suas derradeiras batalhas, e os estranhos objetos pareciam um recurso desesperado. Com o término da guerra, o mistério agravou-se. Os Aliados examinaram os documentos inimigos e constataram que os alemães e os japoneses tinham ficado igualmente intrigados com o que para eles eram armas secretas ocidentais. As explicações estenderam a plausibilidade até o limite, já que é altamente improvável que um número tão grande de pilotos, de ambos os lados, pudessem ter sido afetados por alucinações. Os *foo fighters* continuaram a aparecer durante todo o ano de 1946. Tripulações de bombardeiros que sobrevoaram o Pacífico e militares que lutaram nas guerras da Coréia e do Vietnã, reportariam fenômenos semelhantes.

Os ingleses, preocupados, chegaram a formar uma comissão, sob o comando do tenente-general Massey, para determinar sua origem. Os nazistas, que chamavam os *foo fighters* de *krauts fireballs*, constituíram outra em 1944. Os inquietantes informes procedentes dos pilotos da Luftwaffe, instaram a criação do “Sonder Büro nº 13”, cujas atividades se ocultaram sob o nome em código de “Operação Uranus”. Integravam a Base Especial nº 13, oficiais da aviação,

---

Londres, essas bombas causaram enormes estragos e numerosas vítimas, embora menos de 25% dos projéteis tivessem atingido o alvo. A V-1 era tão lenta em vôo que os aviadores e os técnicos de tiro antiaéreo podiam atingi-la com certa facilidade. Mais terrível foi a bomba-foguete V-2, desenvolvida por Werner von Braun, contra a qual nunca foi possível encontrar uma defesa adequada. Ela voava a 3.400 milhas por hora e transportava uma carga explosiva de 1 tonelada.

[14] Os estudos em torno do radar começaram no início da década de 30 nos EUA, na Inglaterra e Alemanha, mas foram os ingleses que o aperfeiçoaram e o utilizaram pela primeira vez em grande escala durante um ataque aéreo alemão em 1940. Radares instalados em aviões de patrulha norte-americanos e britânicos, permitiram que navios de guerra controlassem os movimentos dos submarinos inimigos e que as Forças Aéreas lançassem poderosos interceptadores noturnos.

engenheiros aeronáuticos e conselheiros científicos ligados ao Estado-Maior Superior do Exército do Ar.

Os paralelos entre o advento do fenômeno disco voador, no verão norte-americano de 1947, e o da tecnologia aeroespacial, suscitam questões pertinentes. A Luftwaffe desenvolveu o primeiro caça a jato do mundo e trabalhava em uma série de aviões supersecretos nos últimos meses da guerra. Segundo o relatório de Marshall Yarrow, correspondente da *Reuters*, publicado em 13 de dezembro de 1944, "os alemães produziram uma arma secreta, que poderá vir a ser usada no fim do ano. O novo dispositivo que, aparentemente, é uma arma de defesa aérea, parece as bolas de vidro que enfeitam as árvores de Natal. Elas já foram vistas pairando no ar sobre a Alemanha, algumas vezes sozinhas, outras em grupo". No dia seguinte, o *New York Times* estampava uma nota: "Quartel-General supremo. Forças expedicionárias aliadas, 13 de dezembro de 1944. Foi revelado hoje que uma nova arma alemã fez sua aparição sobre o *front* aéreo do oeste. Os aviadores pertencentes às Forças Aéreas norte-americanas declararam ter encontrado discos de cor prateada nos ares, sobre o território alemão. Os aviadores os encontraram isolados e em grupo. Algumas vezes, eles eram transparentes".[15]

Os alemães produziram uma máquina voadora em forma de disco, de perfil baixo, alcunhado de Feuerball (Bola de Fogo), usada como dispositivo anti-radar e arma psicológica contra os Aliados. Uma versão melhorada, o Kugelblitz, projetado por Rudolph Scriever e montado numa fábrica da BMW perto de Praga, em 1944, tornou-se o primeiro avião capaz de pousar e decolar verticalmente. Seu primeiro vôo ocorreu em fevereiro de 1945 sobre o complexo subterrâneo de pesquisas de Kahla, na Turíngia, Alemanha, uma área montanhosa onde, de acordo com informações confidenciais, Hitler pretendia construir seu último bastião, guardado pelas últimas armas secretas que Herman Wilhelm Göring, comandante da Luftwaffe, vinha lhe prometendo. Uma notícia filtrada no Ocidente em 17 de abril de 1944, dizia que os técnicos nazistas tinham construído o V-7, um objeto em forma de disco, nos laboratórios do 10º Exército em Essen, Dortmund, Stettino e Peenemunde, locais em que se efetuaram as primeiras experiências com as V-1 e V-2.

De acordo com o coronel de engenharia Heinrich Richard Miethe, ele e seus técnicos projetaram um helicóptero a jato em forma de um disco, o Vergelungswaffe-7, Arma de Retorsão nº 7, ou simplesmente V-7. Os testes finais se realizaram em Breslavia, cidade que cairia nas mãos das tropas soviéticas. O disco voador nazista estava equipado com motores derivados do modelo BMW-028, que por sua vez nasceu do turbo reator axial M-018. Os motores eram dotados de um compressor de seis estádios, uma câmara anular de combustão e uma turbina especial para vôos estratosféricos, já que o disco ultrapassava os 20.000 m de quota. Os turbopropulsores internos eram munidos de dispositivos de pré-combustão. O V-7, de 42 m de diâmetro, se assemelhava a um disco olímpico. As doze turbinas estavam dispostas em igual distância no interior de um anel metálico que girava como a coroa de um giroscópio em volta de um corpo central esférico e imóvel comportando uma cabina pressurizada para os pilotos. Bombas de pequenas dimensões eram colocadas em volta dos reservatórios. Impulsionado por oxigênio líquido e álcool etílico, o V-7 decolava em menos de 16 segundos por uma rampa de lançamento vertical. Sem rampa, o aparelho comportava-se como um helicóptero. O projeto de um avião triangular capaz de voar a 2.500 km/h, semelhante aos modelos "invisíveis" B-2, por pouco não saiu do papel.

O tempo foi implacável para o arsenal secreto nazista. Sabemos que os EUA e a URSS assimilaram essa tecnologia, a qual originou os primeiros relatos de OVNIs. O chefe do Projeto Blue Book (Livro Azul) da USAF, capitão Edward J. Ruppelt, admitiu: "Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os alemães trabalhavam em diversos tipos radicais de aeronaves e mísseis teleguiados. A maioria dos projetos encontravam-se nos estágios preliminares, mas eram os

[15] Bourret, Jean-Claude, op. cit., p. 7.

únicos conhecidos que se aproximavam das características de vôo dos OVNIs. Assim como os Aliados depois da Segunda Guerra Mundial, os soviéticos obtiveram dados completos dos mais recentes inventos alemães. Os rumores de que os russos desenvolviam febrilmente as idéias alemãs, provocaram não pouco alarme. À medida que novas observações se processavam nas proximidades do campo de provas do Exército em White Sands, onde se fabricavam bombas atômicas, a Air Technical Intelligence Center (ATIC) redobrava seus esforços nas pesquisas".[16]

A OSRD desenvolveu a espoleta de aproximação — um rádio em miniatura instalado na cabeça de uma bomba ou de um míssil que detonava ao chegar perto do alvo —, usada pela Marinha contra os aviões japoneses em 1943, e em 1945 contra as bombas V-1 alemãs. Receando que os alemães encontrassem uma cápsula que não tivesse explodido e, assim, iniciassem a produção de espoletas, os chefes do Estado-Maior só permitiram o seu uso na Europa depois de dezembro de 1944. Na contra-ofensiva em Ardenas, a espoleta de aproximação aumentou a eficácia da artilharia e provou ser devastadora contra as tropas alemãs.[17] A mobilização dos cientistas trouxe inúmeras outras vantagens, entre elas os explosivos, as bombas incendiárias, o DDT, o plasma sangüíneo, a penicilina, e os novos e terríveis gases, alguns dos quais não chegaram a ser usados em larga escala.

A bomba atômica inaugurou uma nova fase na história. Em 26 de janeiro de 1939, o físico dinamarquês Niels Bohr surpreendeu um grupo de cientistas em Washington ao anunciar que dois alemães do Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim, haviam desintegrado o átomo de urânio. O temor de que os nazistas construíssem bombas atômicas levaram os físicos Enrico Fermi, da Universidade da Columbia, e Albert Einstein, do Instituto de Altos Estudos, junto com outros, a persuadirem o presidente a iniciar um programa urgente que fosse na mesma direção.

Todavia, os trabalhos só foram efetivamente iniciados em 1940. As pesquisas em diversas universidades não tardaram a confirmar, no verão de 1941, a viabilidade dos explosivos nucleares. A fabricação da bomba foi iniciada na primavera de 1943 num laboratório construído numa região solitária de Los Alamos, perto de Santa Fé, Estado do Novo México. Cientistas norte-americanos, britânicos e europeus, dirigidos por J. Robert Oppenheimer, trabalharam ininterruptamente até a montagem final da primeira bomba, em 12 de julho de 1945. A tensão aumentava à medida que se aproximava o dia do teste. Levada para a base aérea de Alamogordo, foi detonada com êxito às 5h30min de 16 de julho, produzindo um grande clarão de luz, muito mais brilhante do que o sol do meio-dia, um rugido ensurdecedor e uma imensa nuvem em forma de cogumelo. O alívio, misturado com um sentimento de pecado, encheu os espíritos dos homens que observavam o início de uma nova era da história humana.[18]

## 2. Guerra Fria

A Segunda Guerra chegara ao fim, mas a Guerra Fria apenas começava. Em 1946, na cidade de Fulton, Missouri, Churchill discursa sobre o "Perigo Vermelho". Uma série de avistamentos misteriosos no mar Báltico e na Escandinávia contribuiu para o acirramento das suspeitas. A bizarra atividade se iniciou em 26 de fevereiro de 1946 na região setentrional da Finlândia, perto do Círculo Ártico. Centenas de objetos voadores, comparados a bolas de *rugbi*, charutos, projéteis e torpedos de prata, surgiam em plena luz do dia. No final de maio, "foguetes" estranhos cruzavam o céu do norte da Suécia. Os relatos vinham de áreas remotas, por isso foram praticamente ignorados até o dia 9 de junho, quando os moradores de Helsinque,

---

[16] Ruppelt, Edward J. *Os discos voadores: relatório sobre os Objetos Aéreos Não Identificados*, São Paulo, Difel, 1959, p. 42-43.
[17] Link, Arthur, op. cit., p. 869.
[18] *Ibid.*, p. 869-872.

na Finlândia, viram um objeto resplandecente atravessar o pálido céu noturno deixando atrás de si um rastro de fumaça. Os jornais não paravam de publicar casos sobre os "foguetes fantasmas" e as "bombas assombradas" provenientes do norte da Europa. Só na Suécia, foram anotados mais de mil ao longo de 7 meses. Notícias similares chegavam de Portugal, da África do Norte, Itália, Grécia e Índia.

Os "foguetes fantasmas" eram condizentes com o formato dos foguetes nazistas V-1 e V-2, que despejaram morte e destruição em Londres. As atenções se voltaram para os soviéticos, que 1 ano antes haviam capturado uma base V-2 em Peenemündu, no mar Báltico. Já as bases de mísseis teleguiados em território europeu tinham sido na grande maioria bombardeadas, sem contar que o seu alcance máximo era um quarto do necessário para atingir o norte da Finlândia, da Noruega ou da Suécia. Mesmo se os soviéticos detivessem V-2 em condições de uso, como os suecos temiam, por que eles os desperdiçariam sobre países escandinavos, sem nenhum objetivo aparente? O Kremlin negou qualquer responsabilidade, mas a simples desconfiança gerou um *blackout* de informes na Suécia, Noruega e Dinamarca, assustando os governantes. Os militares suecos entraram em estado de alerta e os EUA enviaram o general aposentado da Força Aérea Jimmy Doolittle para assessorá-los. O Ministério da Defesa sueco concluiu por fim que 80% dos casos não passavam de aeronaves convencionais ou fenômenos naturais. Não obstante, pelo menos duzentos permaneceram inexplicáveis. O Serviço de Inteligência do Exército norte-americano aventou de que se tratavam de armas secretas fabricadas pelos russos em colaboração com cientistas alemães.

Os suecos proibiram a publicação dos relatórios oficiais em 17 de julho de 1946, de modo a não favorecer a potência que conduzia as supostas experiências. Dois dias depois, a proibição vigorava na Noruega. A Dinamarca impôs vetos em 16 de agosto. O auge da onda sueca abrangeu um único período de 24 horas, durante o qual duzentos e cinqüenta indivíduos de norte a sul do país declararam ter visto um objeto prateado, com o formato de lágrima. No dia seguinte, o Departamento de Defesa nomeou uma comissão de especialistas civis e militares. Em 20 de agosto, David Sarnoff, general reformado e vice-presidente da Radio Corporation of America (RCA), James Doolittle, herói de guerra, e Douglas Rader, coronel reformado da Força Aérea Real, pousaram no Aeroporto Bromma, de Estocolmo, e se reuniram com militares da Força Aérea Sueca. Doolittle, que integrou diversas operações do Serviço Secreto dos EUA após a guerra, recusou-se a falar em público sobre a reunião. Sarnoff apresentou um relatório ao presidente Truman, em que classificava os foguetes fantasmas como reais e não imaginários.

Antecipando-se imediatamente aos OVNIs ou discos voadores, os "foguetes fantasmas" constituíram em seu tempo parte de um fenômeno que assume diferentes configurações em reação às ansiedades e preocupações de um determinado momento histórico. As superpotências emergentes, sem que os demais países afetados pela guerra tomassem conhecimento, aumentaram o alcance e o desempenho das armas nazistas, contribuindo para assombrar o mundo com novos fantasmas tecnológicos.

A Europa estava à beira do colapso no inverno de 1946-47. Em Londres, sobrara carvão para aquecer e iluminar as casas algumas horas por dia apenas. Em Berlim, os vencidos enregelavam e morriam de fome. As cidades eram um mar de escombros (500 milhões de metros cúbicos só na Alemanha): pontes arrebentadas, canais bloqueados, ferrovias retorcidas. A Inglaterra, sem condições de sustentar os países que corriam o risco de vir a se tornarem socialistas, como a Grécia e a Turquia, levou o presidente Truman a preconizar a doutrina que recebeu o seu nome. O programa de reconstrução era uma política declarada de contenção à expansão socialista, às expensas da ajuda econômica. A doutrina Truman desdobrou-se no Plano Marshall, nascido de um discurso proferido pelo general George Marshall em 5 de junho de 1947, na Universidade de Harvard. Os estadistas Bevin e Bidault convidaram a URSS a tomar parte na elaboração do plano, mas a conferência de 27 de junho fracassou ante a intransigência

de Viacheslav Molotov. Os governos britânico e francês convocaram então os demais governos europeus para uma conferência em Paris em 12 de julho.

Como represália ao Plano Marshall, a URSS deflagrou uma campanha de descrédito nos países a serem beneficiados, principalmente na França e Itália, mediante levantes, greves e boatos de que a ajuda hipotecaria as liberdades nacionais. À revelia da campanha, o plano foi amplamente acolhido, e Truman assinava em abril de 1948 a lei autorizando a liberação de verbas para a Europa e a China. Os US$ 13,3 bilhões em empréstimos transformaram economicamente os dezessete países beneficiários. Mais que aumentarem aritmeticamente o PIB, forçaram as nações beligerantes recém-saídas da guerra a cooperar entre si como nunca haviam feito antes. Os administradores do Plano Marshall as conclamaram a desmontar os mecanismos de cotas comerciais que vinham tolhendo o comércio do continente desde a Grande Depressão.[19] Entre 1938 e 1947, o padrão de vida na Europa decaiu 8% ao ano. Com o Plano Marshall, entre 1948 e 1951, a renda *per capita* aumentou um terço.

O plano estará sempre relacionado ao endurecimento da Guerra Fria. Sem a ameaça da expansão comunista, o Congresso certamente não o teria aprovado. Patrocinando a divisão da Europa em duas correntes antagônicas, promoveu uma distribuição desigual de forças. A URSS controlava ou exercia influência permanente na zona ocupada pelo Exército Vermelho. Os EUA comandavam o restante do mundo capitalista, além do hemisfério norte e dos oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das ex-potências coloniais.[20]

A ufologia tem uma data inaugural: 24 de junho de 1947, terça-feira, um dia que deveria ser como outro qualquer para o norte-americano Kenneth Arnold, 43 anos, casado com Doris, pai de dois filhos, piloto civil de pequenos aviões (patente 333.487), habilitado em vôos sobre montanhas e proprietário de uma pista de aterrissagem nas proximidades do campo aéreo Bredley, em Boise, Idaho. Arnold decolara de Chehalis, Washington, com seu monomotor Piper (matrícula NC-33.355) e voava entre as cidades de Chebalis e Yakima, na esperança de localizar os restos de um avião C-46 de transporte do Corpo de Fuzileiros Navais que se extraviara no Monte Rainier (4.300 m de altitude), perto da fronteira com o Canadá.

Por volta das 15 horas, sua atenção foi atraída para o que lhe parecia um "bando de patos selvagens" voando em formação de "V" sobre a costa leste da montanha. Divisando melhor, notou que eram achatados e de grandes dimensões, pois calculou a distância que os separava em quase 30 km: "A atmosfera estava clara como cristal, e quando retomei meu rumo, um relâmpago brilhante refletiu-se no interior de minha cabine. Intrigado, olhei para trás e vi nove coisas que avançavam em diagonal. Por um momento, pensei que eram um novo tipo de avião a jato, mas em seguida descobri que não tinham cauda. Voavam como gansos, mas como gansos mais velozes, porque atingiam uma velocidade de 2.700 km/h".

Ao pousar, Arnold procurou os repórteres para contar que vira *flying saucers* (pires, ou pratos voadores). Um repórter local, Bill Bequette, recebe o crédito de ter captado o detalhe de que os nove objetos ondulavam como um "pires deslizando sobre a água". A notícia espalhou-se como um rastilho de pólvora, e em poucas horas estava nas primeiras páginas de todos os jornais dos EUA.[21] Dois dias depois, o mundo inteiro a comentava, ganhando tanto destaque que o termo "disco voador" passou a designar, indistintamente, os objetos misteriosos avistados no céu, tivessem ou não a forma discóide.[22]

---

[19] Sullivan, Scott. "Há 50 anos, Plano Marshall reerguia Europa", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25-5-1997, internacional, p. A-24.

[20] Hobsbawn, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX* (*1914-1991*), São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 223-224.

[21] "Mysterious 'flying saucers' seen over Oregon by Ranger", in *Examiner*, São Francisco, 26-6-1947; "Londe flier only one to sight big objects in Western sky", in *Milwaukee Journal*, Milwaukee, 26-6-1947.

[22] O termo "disco voador" se aplica a "todos os objetos variados em forma de disco, pretensamente vistos em vôo a grande velocidade e altitude, muitas vezes com extremas modificações de velocidade e de direção, e geralmente

O povo norte-americano, em sua maioria, acreditou na descrição do piloto, afinal, havia muito tempo que coisas misteriosas vinham aparecendo. Começava a Era Moderna dos discos voadores.[23] A casa de Arnold foi invadida por repórteres. "Não posso sequer calcular o número de visitantes, cartas, telegramas e telefonemas que tentei responder. Depois de 3 dias agitados, cheguei à conclusão de que eu era a única mente sã em toda aquela confusão".[24]

Transcorridas poucas semanas, a Força Aérea estabeleceu uma comissão para investigar e analisar relatórios semelhantes. A expressão popular induzia a falsas interpretações, por isso os militares preferiram uma expressão menos parcial. O capitão Edward J. Ruppelt cunhou o termo genérico UFO, acrossemia, em inglês, de Unidentified Flying Object (Objeto Voador Não Identificado). Com a Guerra Fria em curso, muitos acreditaram que aquelas coisas eram uma arma secreta norte-americana ou o prenúncio de uma futura invasão russa.

O racionalismo científico interrompeu as comunicações entre o céu e a Terra, e os deuses se apartaram do homem. Os OVNIs insurgiram como um esforço desesperado de reatar o contato com o ser.[25] Qualquer ato significativo, qualquer repetição de um gesto arquetípico, suspende o tempo profano.[26]

A experiência ontológica de Arnold fundou o tempo existencial, e o mundo testemunhou ali a metamorfose de um cidadão comum em herói mítico.[27] Muito antes de sua morte, em 1984, Arnold tornou-se o ancestral da ufologia, seu primeiro progenitor. O vocabulário técnico que tão bem dominava, emprestou-lhe as duas palavras-chave: disco voador. Nesse momento, o mundo do fenômeno OVNI nasceu, atendendo a necessidade de um cerimonial que conferisse àqueles eventos uma aura especial, fossem o que fossem, viessem de onde viessem. A sigla OVNI adquiriu conotações que excederam o significado original das iniciais: alienígenas, deuses, anjos, santos, duendes, demônios.[28]

À narrativa de Arnold, seguiram-se novos casos. Quatro dias depois, em 28 de junho, às 15h15min, um piloto da Força Aérea, a bordo de um F-51, voava nas proximidades do Lago Meade, Nevada, quando viu à sua direita uma formação de seis objetos. Na mesma noite, às 21h20min, quatro oficiais da Força Aérea — dois pilotos e dois oficiais da Inteligência —, lotados na Base Maxwell, em Montgomery, Alabama, reportaram que uma luz efetuou ziguezagues sobre eles e uma manobra em ângulo de 90º, desaparecendo ao sul.[29]

Com uma semana de intervalo, nasceria o maior mito da história dos OVNIs. Por volta das 21h50min de 2 de julho, a 46 km a noroeste da cidade de Roswell, Novo México, os moradores presenciaram a passagem de um objeto resplandecente. Um pouco mais tarde, nessa mesma noite, o fazendeiro William W. Brazel ouviu uma explosão sobre a sua propriedade, mas só na manhã seguinte foi verificar o que tinha ocorrido. Espalhados sobre uma faixa de terra de 400 m, encontrou fragmentos parecidos com folhas de estanho. Eram chapas finas e flexíveis que não se queimavam no fogo, não rasgavam e restituíam a forma original mesmo depois de

considerados como provenientes do espaço", conforme o *The Random House dictionary of the english language* (New York, 1966, p. 549). O *Aurélio* define o termo como "Objeto discóide observado por alguns a mover-se velocissimamente pela atmosfera terrestre, e cuja origem não foi identificada, conjeturando-se que seja fenômeno meteorológico, ou ilusão de óptica, ou engenho de guerra, ou aeronave extraterrestre, etc.". (Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, p. 224).

[23] "Avistamentos nos anos 40: o primeiro alerta nos céus da Terra", in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 7-8; Ojea, Emilio Alvarez. "Como tudo começou", in *Planeta Ufologia: os OVNIs chegaram-I*, São Paulo, setembro 1982, nº 120-A, p. 8.

[24] Thompson, Keith. *Anjos e extraterrestres: OVNIs e a imaginação mítica*, Rio de Janeiro, Rocco, 1993, p. 16.

[25] Eliade, Mircea. *Mito do eterno retorno*, São Paulo, Mercuryo, 1992, p. 81.

[26] *Ibid*., p. 39.

[27] *Ibid*., p. 43.

[28] *Ibid*., p. 26-28.

[29] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 38.

amassados. Havia ainda pequenas tábuas com uma espécie de escrita hieroglífica. Seis dias depois, Brazel resolveu levar os materiais ao xerife George Wilcox, que não hesitou em telefonar para a Base Aérea de Roswell, onde funcionava o 509º Grupo de Bombardeio da Força Aérea, que aliás detinha bombas atômicas.

Coube ao major Jesse Marcel, oficial de informações do Estado Maior da Força Aérea, vistoriar o local. Os restos que recolheu bastaram para que se convencesse de que eram parte de um disco voador acidentado. O primeiro-tenente e relações públicas Walter C. Haut, com o aval do coronel William H. Blanchard, divulgou um *press release* publicado na primeira página do jornal *Roswell Daily Record*, de 8 de julho. A manchete: "RAAF Captures Flying Saucer On Ranch in Roswell Region". O texto da matéria dizia que "Todos os boatos concernentes aos discos voadores tornaram-se realidade ontem, quando o oficial investigador do 509º Grupo de Bombardeiros da 8ª Força Aérea, teve a sorte de obter a posse de um disco graças à cooperação de um dos granjeiros locais e do gabinete do xerife de Chaves County". Decorridas menos de 24 horas, a Força Aérea negou tudo. Os fragmentos foram levados para o quartel-general em Fort Worth, Texas, onde o general-de-brigada Roger Maxwell Ramey obrigou Marcel a posar para fotos junto dos destroços de um balão meteorológico e declarou à imprensa que o major os confundira com um disco voador. Marcel, por força da hierarquia, curvou-se.

Nesse intervalo, o engenheiro civil Barrey Barnett, que trabalhava na conservação do solo para o governo federal, informou ter localizado um disco voador acidentado com vários extraterrestres mortos a bordo na planície de San Augustin Plains,[30] região de Socorro, Novo México. Uma operação militar gigantesca foi implementada, que, de acordo com as testemunhas, mobilizou cerca de cinco mil homens no isolamento das áreas da queda e da explosão. Especulou-se que o disco explodira sobre a fazenda de Brazel mas despencara somente em Socorro, a 180 km de distância. Os destroços teriam sido levados para a Base Aérea de Wright Patterson, em Dayton, Estado de Ohio, e resguardados no interior de um galpão denominado "Hangar 18".

A saga prosseguiu célere nas cinco décadas subseqüentes. Conta-se que pelo menos quinze pessoas foram mortas ou silenciadas por insistirem em falar demais. Na década de 70, valendo-se da Freedom Of Information Act (FOIA), os ufólogos impetraram ações judiciais contra o governo norte-americano tencionando desencavar documentos que atestariam o resgate do disco voador e dos corpos dos seres extraterrestres. Em 1977, Marcel, agora tenente-coronel, retomou pessoalmente as investigações do episódio que o ridicularizara perante a nação. Através de seus colegas militares, apurou ter havido um acobertamento sem precedentes. Decidiu comparecer a programas de entrevistas na televisão nas quais expôs sua versão, motivando outras pessoas a saírem do silêncio.

Desde então, mais de trezentas e cinqüenta testemunhas diretas prestaram declarações públicas. As repercussões continuaram mais vivas do que nunca ao longo da década de 90. Imagens em preto e branco de uma suposta autópsia em corpos alienígenas, uma farsa melancólica, comercializada pelo produtor inglês Ray Santilli, foram veiculadas em meados de 1995 pela Internet e pelas emissoras de televisão à guisa de subproduto dessa celeuma. Aproveitando tamanha publicidade, os moradores de Roswell capitalizam os dividendos. Na cidade, não há nada que não contenha alguma referência a discos voadores e até um museu dedicado ao tema foi construído.

As reiteradas negativas governamentais geraram efeitos contrários. O consenso favorável tendeu a crescer à medida em que os setores responsáveis pelo seu esclarecimento se esquivavam. Ao ensejo das comemorações do cinqüentenário, a USAF reconheceu afinal que um

---

[30] Nesse local foi instalado um campo de escuta do Observatório Nacional de Radioastronomia em função de não ser afetado pelas interferências elétricas provocadas pelo homem.

artefato explodiu a noroeste de Roswell.[31] No relatório *The Roswell Report: caso encerrado*, a USAF confirmou a autenticidade dos relatos das testemunhas que viram os destroços que, longe de serem de outro planeta, eram balões de polietileno, material que brilha intensamente e muda de cor ao passar pelo horizonte e ser atingido pela luz solar pouco antes do amanhecer.[32]

Os balões carregavam um protótipo da sonda Viking no formato discóide, fabricada pela Martin Marieta Corporation, de Denver, Colorado, e recuperada no lugar exato do disco voador acidentado, em San Augustin. Os destroços em Roswell, na fazenda de Brazel, eram fragmentos de balões do Projeto Mogul, equipados com instrumentos para espionar, via radar, explosões nucleares e lançamentos de mísseis e foguetes da URSS.[33] O que pareceu às testemunhas corpos de extraterrestres mortos espalhados no solo de San Augustin, eram bonecos usados em saltos de pára-quedas a altitudes superiores a 30.000 m, os quais simulavam o resgate de astronautas em vôos espaciais. Os danos sofridos na queda deixaram os bonecos com o aspecto estranho que as testemunhas descreveram (olhos enormes, quatro dedos, só um braço). O extraterrestre que muitos disseram ter visto entrar, caminhando, no hospital da Base Aérea de Roswell, era o capitão da aeronáutica Dan Fulgham, que em 1959 sofrera um terrível acidente que o deformara.

A USAF jurou serem essas as verdades finais — divulgadas porque não mais representavam perigo para a segurança nacional — , gastando para tanto duzentas e trinta e uma páginas que de nada serviram para demover a arraigada crença dos ufólogos.[34] Ao longo de julho de 1997, dez mil pessoas peregrinaram pelas ruas "sagradas" de Roswell, convertida em Meca pós-moderna.

Na esteira do incidente em Roswell, William A. Rhodes bateu no entardecer de 7 de julho, em Phoenix, Arizona, as primeiras fotografias de um hipotético OVNI — no formato de um salto de sapato masculino, descrição próxima à de Arnold — cruzando velozmente o céu em direção a sudoeste. As fotos foram publicadas 2 dias depois no jornal *Republic*, do Arizona. Na semana seguinte, Rhodes foi visitado por um agente do Federal Bureau of Investigation (FBI) e por um oficial do setor de investigações da aeronáutica que lhe interrogaram meticulosamente e pediram que lhes emprestasse os negativos do filme. Quando exigiu a sua devolução, 1 mês após, foi informado por carta de que isso seria impossível. No início de 1948, dois oficiais do Projeto Sign (Sinal) apareceram para entrevistá-lo. Em seguida, nunca mais se ouvir falar no caso e nos arquivos o avistamento de Phoenix está classificado como "trote", ainda que alguns investigadores tivessem considerado as fotos autênticas.

A semana de 4 de julho foi fértil em observações que se centralizaram na região de Portland, Oregon. Às 11 horas, nas proximidades de Redmond, pessoas em um automóvel viram quatro objetos discoidais cruzando o céu, para além do Monte Jefferson. Às 13h05min, um

---

[31] Anteriormente, em julho de 1994, a USAF havia liberado um relatório repleto de lacunas intitulado *The Roswell report: fact vs. fiction in the New Mexico desert*.

[32] Falcão, Lorem. "O UFO que iludiu Roswell", in *Manchete*, Rio de Janeiro, 12-7-1997, nº 2.362, p. 26-31.

[33] A URSS saiu à frente na corrida espacial com o lançamento do Sputnik em 1957. Os EUA trataram de recuperar o tempo perdido e aceleraram o programa Corona, que fracassou em dez tentativas de lançamento do satélite Discover entre 1949 e 1960. Surgiu então a idéia de lançar satélites a partir de um balão de alta altitude. A primeira tentativa falhou, mas em 11 de abril de 1960, o Discover XII ejetou uma cápsula que completou uma órbita em torno da Terra. A partir daí, os EUA ultrapassaram a URSS. Entre as naves estavam as sondas Voyager-Mars, cujos formatos eram iguais às dos discos voadores. Muitas sondas eram recuperadas no White Sands Missile Range, Novo México, o que explicaria os tantos OVNIs avistados na área. O livro *The truth about the UFO crash at Roswell* estampou o desenho de um dos discos voadores avistados, em forma de delta. É exatamente igual ao balão Vee, lançado em março de 1965 da base de Holloman, Novo México.

[34] Faltou explicar porque o agente funerário Glenn Dennis foi consultado por um pediatra do hospital de Roswell — possivelmente Frank B. Nordstrom, embora Dennis não tenha perguntado se nome — sobre o preparo de caixões para crianças e o embalsamento de corpos que teriam ficado muitos dias expostos ao ambiente. Dennis contou ter encontrado uma apavorada enfermeira, Naomi Maria Selff, que confidenciou-lhe a participação nas autópsias de pequenos e estranhos corpos. A enfermeira, "obrigada a guardar silêncio", foi transferida para a Inglaterra e dada como morta num suspeito "acidente" aéreo.

policial que se encontrava num estacionamento atrás do quartel de Portland, notou os pombos agitados. Olhando para o céu, viu cinco discos, dois em direção sul e três a leste, oscilando sobre seus eixos laterais. Minutos após, dois outros policiais relataram o aparecimento de três OVNIs voando em fila. Em Milwaukee, Oregon, foram observados na direção noroeste. Em Vancouver, Washington, funcionários do Departamento de Polícia avistaram cerca de vinte desses misteriosos engenhos.[35]

No final do mês, a política de sigilo em torno dos OVNIs tornou-se mais severa. "Os jornalistas que inquiriam sobre as atividades da Força Aérea a respeito recebiam o mesmo tratamento que receberia hoje quem perguntasse qual o número de armas termonucleares atualmente em estoque no arsenal atômico dos EUA. Ninguém, exceto alguns oficiais de alta patente do Pentágono, estava a par do que faziam ou pensavam as pessoas que viviam nos alojamentos cercados por arame farpado do ATIC", assinalou Ruppelt.[36]

A narrativa de José C. Higgins, apenas 1 mês e meio depois do início da Era Moderna dos discos voadores nos EUA, antecipou-se as do mesmo gênero que seriam registradas com profusão nos meses e anos seguintes no Brasil e no mundo. O assunto ainda não despertava atenção, que só viria com as fotos de Keffel e Martins na Barra da Tijuca em 1952. Eis o que contou Higgins aos jornais da época: "Estava eu no dia 23 de julho, a oeste da Colônia Goio-Bang, que fica a nordeste da cidade de Pitanga e a sudoeste de Campo Mourão, Estado do Paraná, realizando alguns trabalhos topográficos, quando, ao atravessar um dos raros descampados da região, um silvo profundo, porém baixo, me fez levantar os olhos para o céu. Vi, então, algo que me eriçou os cabelos: uma estranha nave aérea circular, com rebordos absolutamente iguais aos de uma cápsula de remédio, descia do espaço. Meus homens, todos caboclos simples, fugiram espavoridos ante o que lhes era dado ver. E eu não sei hoje porque resolvi ficar. O estranho aparelho percorreu um círculo fechado sobre o terreno e aterrou, mansamente, a uns 50 m de onde me encontrava. Era algo surpreendente. Tinha aproximadamente 30 m de diâmetro, fora os rebordos de 1 m mais ou menos e uns 5 m de altura total. Era atravessado por tubos em diversas direções, seis dos quais deixavam ouvir o citado ronco, sem, entretanto, fazer fumaça. A parte que pousou no solo tinha hastes curvas, que pareciam ser feitas de um metal branco-cinza, diferente porém da prata. Enquanto eu examinava o seu conjunto, sem contudo me atrever a mexer no aparelho, verifiquei, ainda, uma parede com uma janela de vidro ou coisa semelhante. Vi, então, duas pessoas que me examinavam com ar de curiosidade. Essas pessoas, como constatei no primeiro olhar, eram de aspecto estranho. Decorridos alguns segundos, uma delas voltou-se para o interior do aparelho e, ao que me parece, falou com alguém. E, imediatamente, ouvi um barulho do seu interior e uma porta, por baixo do rebordo, se abriu dando passagem a três pessoas, metidas dentro de uma espécie de macacão transparente que as envolvia completamente, inchado como uma câmara de ar de automóvel. Presa às costas havia uma mochila de metal, que me pareceu ser parte integrante da vestimenta. Através desse macacão, eu via perfeitamente as pessoas vestidas de camiseta, calções e sandália, não de fazenda, creio, mas de papel brilhante. Notei ainda que sua aparência estranha era devida aos olhos redondos e grandes, com cílios mas sem sobrancelhas, e a calva bem pronunciada. Não tinham barba e suas cabeças eram grandes e redondas e as pernas compridas. Quanto à altura, tinham uns 30 cm a mais do que eu, que meço 1,80 m. O mais interessante é que pareciam irmãos gêmeos, tanto os de macacão quanto os que não usavam e que se encontravam atrás dos vidros das janelas. Um deles trazia na mão, apontado para mim, um pequeno tubo do mesmo metal do aparelho. Notei que falavam entre si. Ouvia perfeitamente as palavras mas nada entendia. Falavam uma língua bonita e sonora, que eu jamais ouvira. Apesar do seu avantajado porte, moviam-se com incrível agilidade e leveza, formando um

---

[35] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 39.
[36] *Ibid*., p. 41-42.

triângulo à minha volta. O que empunhava o tubo fez gestos para que entrasse no aparelho, ao que me aproximei da porta e vi um pequeno cubículo, limitado por outra porta interior e a ponta de um cano que vinha de dentro. Divisei ainda diversas vigas redondas na base da saliência ou do rebordo. Fazendo gestos, perguntei para onde queriam me levar. O que pareceu o chefe desenhou no chão um ponto redondo cercado de sete círculos. Apontando para o sol, indicou-me o sétimo círculo. Fiquei mudo de espanto. Sair do mundo com vida? Não! Não era comigo! Diante disso, refleti. Lutar era impossível, pois eram mais fortes no físico e estavam em maior número. Tive então uma idéia. Havia notado que eles evitavam ficar ao sol. Assim, encaminhei-me para a sombra e, tirando do bolso a carteira, mostrei-lhe o retrato de minha esposa, dizendo que iria buscá-la. Não me detiveram e saí dando graças a Deus. Internei-me no mato, de onde fiquei a espreitá-los. Brincavam como crianças, dando saltos e atirando longe pedras de tamanho descomunal. Meia hora depois, olharam detidamente os arredores e se recolheram no aparelho que decolou com o mesmo ronco. Subiu até desaparecer nas nuvens, na direção norte. Jamais saberei se eram homens ou mulheres. Porém, posso afirmar que eram belos e aparentavam gozar de esplêndida saúde. Do que disseram, recordo-me de duas palavras: 'Álamo' e 'Orque', aquela designando o sol e esta o sétimo círculo do desenho. Sabe Deus por onde andariam agora! Teria sido um sonho? Teria sido realidade? Às vezes duvido que isso tenha realmente acontecido, pois tudo poderia não ter passado de um estranho e belo sonho".[37]

Uma pesquisa do Instituto Gallup, divulgada em 19 de agosto de 1947, revelou que nove entre dez norte-americanos tomara conhecimento dos discos voadores, ao passo que um número bem menor ouvira falar no Plano Marshall de reconstrução da Europa.

O tenente-general Nathan F. Twining, chefe do Comando do Material Aéreo, ordenou uma investigação completa, e em carta secreta ao general comandante da Força Aérea do Exército (nome alterado em seguida para Força Aérea dos EUA, USAF), datada de 23 de setembro, manifestou a opinião de que o fenômeno era "algo real e não coisa ilusória ou fictícia", recomendando no item 3, inciso III, que o Estado-Maior das Forças Aéreas definisse prioridades e nome em código.[38] Atendendo as diretivas, seria criado o Projeto Saucer (Pires), logo modificado para Projeto Sign.

O Sign arregimentava-se para iniciar os trabalhos após uma passagem de ano marcada pelo reaparecimento dos "foguetes fantasmas" sobre os países escandinavos — os adidos da Suécia, Dinamarca e Noruega metralhavam a ATIC com telegramas, e este respondia solicitando mais informes —,[39] até que na manhã de 7 de janeiro de 1948 ocorreu um fato que, pelas suas trágicas conseqüências, obrigou o governo a redirecionar sua política. Comandados pelo capitão Thomas F. Mantell, quatro aviões de combate tipo F-51D Mustang regressavam de um vôo de exercício à Base Aérea de Godman, em Fort Knox. Um dos caças, com menos combustível, recebeu autorização para pousar, enquanto os demais rodeavam a pista uma última vez. Nesse momento, o controlador de rádio da torre notificou-os que um objeto não identificado tinha sido avistado no céu, entre as nuvens. Acelerando, os caças saíram em perseguição a um "enorme copo de sorvete com cobertura vermelha". Como seus dois colegas não possuíam oxigênio nem combustível suficiente, Mantell ordenou que regressassem, enquanto continuaria subindo atrás do OVNI. O pessoal da torre ouviu-o dizer, excitado: "Estou chegando perto dele". Depois, silêncio.

Imediatamente uma busca foi organizada, e na manhã seguinte os restos do caça F-51 e do seu desafortunado piloto encontrados espalhados sobre uma grande área, "como se o avião

---

[37] *Correio do Noroeste*, Bauru (SP), 8-8-1947; Martins, João. "Na esteira dos 'discos voadores' VII: Seres do espaço descem à Terra", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 13-11-1954, p. 80-81.

[38] Em 1967, a Lei de Liberdade de Informações do Congresso obrigou o quartel-general da USAF a liberar os comunicados retidos, que foram parar nas mãos da NICAP (Keyhoe, Donald E. *A verdade sobre os discos voadores*, São Paulo, Global Editora, 1977, p.13-14).

[39] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 53.

tivesse explodido em vôo". A notícia de sua morte consternou a USAF, que se apressou a inventar uma "explicação" que não convenceu ninguém: "Mantell perdeu os sentidos ao subir a uma altitude muito grande, perseguindo um balão de pesquisas Skyhook". Teria ele se confundido com um balão? Mesmo que isso tivesse acontecido, sua máquina, lançada a 640 km/h, teria simplesmente atravessado o frágil balão de náilon. E onde encontrar um balão de sondagem capaz de fugir de um caça àquela velocidade? O capitão foi dado como morto em serviço e lançou-se uma pá de cal oficial sobre o caso. Nos meios ufológicos, Mantell tornou-se o "primeiro herói sacrificado".[40]

O incidente obrigou à complementação do decreto ou resolução através do qual o secretário de Estado da União, James Forrestal, criara o Projeto Sign, denominação que camuflava, por conselho das forças armadas, o Projeto Saucer, substituindo-se a palavra *saucer* por *sign*. O projeto de referência, cujo decreto foi assinado em 30 de dezembro de 1947, tinha vigência de 2 anos, devendo expirar em 27 de dezembro de 1949. O Sign entrou em funcionamento na Base Aérea de Wright-Patterson 15 dias depois da morte de Mantell.[41] Acessorados por cientistas de renome — entre eles o astrofísico Josef Allen Hynek, chefe do Departamento de Astronomia da Universidade de Ohio — e auxiliados por oficiais do Serviço de Inteligência da USAF, os membros do Sign interrogaram testemunhas e analisaram indícios. A maioria dos OVNIs relatados eram de formato discóide, geralmente com uma saliência na parte superior, seguidos pelos elípticos e "charutos" (alguns deles duplos, com duas fileiras de janelas).[42]

Da Holanda chegou uma curiosa descrição em 21 de julho de 1948. No dia anterior, os moradores de Haia viram um "foguete com duas fileiras de vigias laterais" surgir por detrás de nuvens altas e esparsas. Quatro noites depois, um OVNI semelhante por pouco não colidiu com um DC-3 da Eastern Airlines.[43]

Na madrugada de 23 de julho, os comandantes Clarence C. Chiles e John B. Whitted, pilotos comerciais de carreira, conduziam o bimotor Douglas DC-3 da companhia Eastern Airlines, de Houston, Texas, a Atlanta e Boston. Às 2h45min, a 33 km da cidade de Montgomery, um "avião sem asas" cruzou o DC-3 em sentido contrário. Chiles arremeteu para a esquerda no intuito de ver o OVNI que se afastava, e notou que a "coisa" reduzia a velocidade deixando-se alcançar. Chiles e Whitted captaram então vários detalhes: "Tratava-se de uma aeronave sem asas, em forma de charuto, com o dobro do tamanho de uma superfortaleza voadora B-29 e uma dupla fileira de 'olhos-de-boi' profusamente iluminados". Da parte traseira desprendiam-se chamas vermelho-alaranjadas e muita fumaça. Subitamente, o "charuto" afastou-se, sacudindo o DC-3.

Naquela época, os norte-americanos andavam experimentando foguetes V-2 capturados dos alemães no campo de White Fields, não muito distante do local. Entretanto, nenhum foguete manobrava em volta de um avião. Uma hora antes, o charuto sobrevoara o Aeroporto Robbins, em Macon, Geórgia, e as testemunhas que o viram afastar-se na direção do DC-3 descreveram-no como "um grande avião a jato sem asas". O Sign ouviu duzentos e vinte e cinco aviadores civis e militares que entre às 2 e 3 da madrugada encontravam-se nas proximidades de Montgomery, sem obter nada de conclusivo. Por fim, as autoridades enquadraram o caso na categoria dos irredutíveis, ou seja, inexplicáveis.[44]

---

[40] "Avistamentos nos anos 40: o primeiro alerta nos céus da Terra", in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 8-9.
[41] Ojea, Emilio Alvarez. "Como tudo começou", in *Planeta Ufologia: os OVNIs chegaram-I*, São Paulo, setembro 1982, nº 120-A, p. 11.
[42] Keyhoe, Donald E., op. cit., p. 22.
[43] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 66.
[44] Ojea, Emilio Alvarez. "Um caso irredutível", in *Planeta Ufologia: os OVNIs chegaram-I*, São Paulo, setembro 1982, nº 120-A, p. 12.

Travou-se na noite de 1º de outubro um mais estranhos combates aéreos já registrados. A Segunda Guerra terminara havia 3 anos, mas muitos aviões de combate F-51D Mustang, de propulsão convencional, continuavam em uso. Ocorre que milhares tinham sido fabricados nos últimos meses do conflito. O capitão Gorman pilotava uma dessas velozes (720 km/h na horizontal), robustas e eficazes máquinas quando perseguiu um OVNI que emitia intensa luz verde.

Por volta das 20h30min, chegava a Fargo, vindo de um vôo de treinamento. Ainda rodeou a cidade por meia hora até resolver aterrar. Contatou a torre de controle solicitando instruções para o pouso e foi avisado de que um Piper Cub trafegava na área. Olhando para baixo, Gorman localizou o pequeno avião e viu o que parecia ser a luz traseira de navegação de um outro avião passando à sua direita. Notificou a torre que informou não ter conhecimento de nenhum outro aparelho na área. O instinto de piloto de caça levou Gorman a fechar os *flaps* (comandos aerodinâmicos que reduzem a velocidade do avião em vôo) e acelerar mergulhando como um falcão rumo a “coisa”. Na torre, o controlador L. D. Jansen acompanhou com um binóculo as manobras do avião e da luz verde. A mais de 600 km/h, Gorman ascendeu a 7 mil pés de altitude (2.300 m). Como se tratava de um vôo de treinamento, as seis metralhadoras de 12,7 mm não estavam municiadas. Prevendo um choque iminente, desviou-se passando a poucos metros abaixo da bola de luz, distinguindo um pequeno e aparentemente sólido objeto no centro. Tentou todas as manobras possíveis, mas cada vez que investia contra ele, o OVNI acelerava, afastando-se ou desviando no último instante. Desapareceu a 17 mil pés (5.800 m), e o decepcionado Gorman pousou em Fargo com os tanques quase vazios.[45]

O piloto garantiu aos investigadores da ATIC que a luz era animada por forças inteligentes. O Sign concluiu, no entanto, que Gorman combatera um balão iluminado. Na acepção de Ruppelt, rechaçada pelos ufólogos, mesmo os pilotos experientes, quando voam à noite, ficam desorientados pela ausência de pontos de referência e tendem a confundir as coisas: “Pilotos de caça noturnas têm relatado dezenas de casos em que foram iludidos por luzes”.[46]

Os habitantes de Albuquerque, Novo México — Estado que num raio de 160 km comportava duas instalações que formavam a espinha dorsal do programa de bombas atômicas: Los Alamos e Sandia — começaram a avistar estranhas luzes verdes no final de novembro de 1948. Os membros da USAF em Kirtland, Albuquerque, e do Sign, no ATIC, não deram atenção no início, classificando-as simplesmente como disparos de pistolas Very e foguetes de sinalização, sobras de guerra ainda em poder de milhares de soldados. Diante do crescente número de relatórios, a USAF reconsiderou as luzes, enquadrando-as desta vez na categoria dos meteoritos. Lincoln la Paz, diretor do Instituto de Meteoritos da Universidade do Novo México, conduziu um estudo tentando provar isso, mas teve de admitir que não se tratavam de fenômenos naturais.

O Projeto Twinkle (Cintilação), estabelecido no final do verão de 1949 pelo Laboratório de Pesquisa Cambridge, da USAF, pretendia fotografar as bolas de fogo verdes empregando três câmeras especiais, cineteodolitos, instalados em pontos diferentes perto de White Sands. Os cineteodolitos, filmadoras de 35 mm, registravam em três discos a hora, o ângulo do azimute e o ângulo da câmara. Se duas ou três câmeras fotografassem o mesmo objeto, seria possível determinar com precisão sua altitude, velocidade e tamanho. Mas o projeto especialmente criado para determinar o que realmente eram terminou em fracasso. Apenas uma câmera foi cedida, e nada jamais foi fotografado. Com o advento da Guerra da Coréia e o desaparecimento das bolas de fogo verdes, o Twinkle acabou encerrado.[47]

---

[45] “Avistamentos nos anos 40: o primeiro alerta nos céus da Terra”, in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 10-11; Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 68-69.
[46] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 69-73.
[47] *Ibid.*, p. 76-83.

Em 15 meses de atividades, ou seja, até 22 de abril de 1949, o Sign investigou trezentos e setenta e cinco ocorrências, trinta e quatro das quais classificadas como insolúveis. As restantes foram tidas simplesmente como falsas interpretações de objetos convencionais ou formas moderadas de histeria coletiva, irritando os cidadãos que, de boa fé, haviam colaborado com as autoridades. A reação repercutiu na imprensa e instou a formação de dezenas de organizações ufológicas privadas que decidiram investigar os casos por conta própria.

Em 11 de fevereiro de 1949, antes de seu término e sem qualquer aviso prévio, o Sign foi transformado no Projeto Grudge, codinome que o dicionário define como "rancor, profundo ressentimento ou má vontade". Com a mudança do termo, mudou-se também o pessoal e a atitude em relação ao fenômeno. A premissa básica do Grudge era de que os OVNIs não existiam. A maioria que se recusou a participar dessa política de encobrimento e de ridicularização acabou expurgada.

Tencionava-se aniquilar o fenômeno em duas fases. Os membros remanescentes iniciaram a primeira, que consistia em explorar o máximo as ilusões de óptica e as falsas interpretações de balões e corpos celestiais. Hynek foi especialmente contratado para legitimar as observações que se enquadrassem nessa categoria. Para a campanha publicitária, o Grudge destacou Sidney Shallet, jornalista do *The Saturday Evening Post*. Harry Haberer, um dos mais ativos relações públicas da USAF, deveria providenciar-lhe subsídios. Autorizado pelo Pentágono, Shallet visitou o ATIC e sem perder tempo investiu contra os OVNIs em um artigo sarcástico publicado em duas partes nas edições de 30 de abril e 7 de maio. Procurando condicionar psicologicamente os leitores com frases e expressões como "o grande susto causado pelos discos", "tolices" e "terríveis fantasmagorias", reduziu os OVNIs a enganos, trotes ou ilusões e recomendou aos que vissem um cair na Terra, "recolher os cacos, caso pareça seguro".

O Grudge esperava arrefecer o interesse do público pelos OVNIs. O artigo, no entanto, provocou reações totalmente adversas. Em poucos dias, a freqüência das observações atingiu o clímax. A USAF apressou-se em distribuir um *release* à imprensa, o que só aumentou a confusão. Involuntariamente, Shallet ajudou a implantar a semente da dúvida.[48]

A semente germinou e alguns jornalistas colocaram o assunto em pauta. No final do outono de 1949, havia material suficiente para encher um livro. A edição de dezembro da revista de aventuras *True*, extremamente popular, saiu à frente das outras com a versão de que os OVNIs originavam-se do espaço exterior. O artigo "Os discos voadores são reais", era assinado por Donald Keyhoe (1897-1988), formado pela Academia Naval, veterano da Segunda Guerra, piloto de aviões, oficial aposentado da Marinha, e agora repórter *free-lancer*. Logo no parágrafo inicial, Keyhoe dizia que, após 8 meses de intensas pesquisas, concluíra que a Terra vinha sendo escrutinada por seres alienígenas. Sem oferecer provas, detinha-se em dados recolhidos pela USAF que, segundo ele, encobria a verdade temendo semear o pânico.[49]

O Grudge pretendia estar escrevendo o relatório final sobre o fenômeno. Entretanto, quando os resultados das pesquisas foram entregues à imprensa, logo após o anúncio da dissolução do Projeto em 27 de dezembro de 1949, ao invés de esfriar o problema, atiçou-o. Um dos apêndices era o estudo de Hynek.[50] Valendo-se dos diários de astronomia, ele e sua equipe concluíram que dos duzentos e trinta e sete casos, 32% não passavam de corpos celestes. O Serviço de Aerologia e o Laboratório de Pesquisa de Cambridge, apontaram que 12% correspondiam a balões de sondagem meteorológica. Separando as mistificações e confusões, o Grudge eliminou outros 33%. Restaram ainda 23%, ou cinqüenta e seis casos, que a Seção de Psicologia do Laboratório Aeromédico da USAF diagnosticou como resultantes de aberrações

---

[48] *Ibid*., p. 94-97.
[49] *Ibid*., p. 99.
[50] *Objetos Voadores Não Identificados - Projeto Grudge*, nº 102-AC-49/15-100.

psicológicas. O relatório recomendou a interrupção das investigações, pois da maneira como vinham sendo feitas, induzia as pessoas a acreditarem que os OVNIs eram plausíveis.[51]

A Guerra Fria definiu seus contornos geopolíticos em 1949. A parte oriental da Alemanha reclama a sua autonomia e se proclama República Democrática Alemã em 7 de outubro, dividindo o país ao meio. De posse do segredo da bomba atômica, a URSS explode o seu primeiro artefato em 14 de julho. Em resposta ao Plano Marshall, o governo soviético cria o Conselho de Assistência Econômica Mútua (Comecon), que visa a prestação de assistência econômica aos aliados no leste europeu e eventualmente em outras partes do mundo. O Ocidente agia preventivamente.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), surge de um acordo assinado em Washington em 4 de abril. Além dos integrantes do Pacto ou Tratado de Bruxelas, firmado em 17 de março de 1948 (França, Reino Unido, Bélgica, Holanda e Luxemburgo), a OTAN teve como signatários os EUA, o Canadá, a Dinamarca, Islândia, Itália, Noruega e Portugal. A Grécia e a Turquia passaram a integrá-la em 1952, e a República Federal Alemã em 1955. A tensão entre o Ocidente e o Oriente conferiu à OTAN um caráter quase que exclusivamente militar. O comando geral de suas forças, Supreme Headquarter Allied Powers, Europe (SHAPE), estava sediado em Paris. Da Turquia à Noruega, a URSS instalou uma rede de bases militares e de mísseis, formando um cinturão defensivo em torno de suas áreas de influência da Europa.

Esse foi o período em que o medo norte-americano de uma desintegração ou revolução social nas partes não soviéticas da Eurásia não se afigurava fantástico; afinal, em 1º de outubro de 1949, os comunistas liderados por Mao Tsé-tung assumiram o poder na China, proclamando-a República Popular. E não apenas mergulharam na guerra na Coréia como se dispunham — ao contrário dos demais países — a enfrentar um holocausto nuclear e sobreviver. Mao declarou ao líder italiano Palmiro Togliatti: "Quem lhe disse que a Itália deve sobreviver? Restarão três milhões de chineses, e isso será bastante para a raça humana continuar".[52] Uma "Cortina de Bambu" isolou a China do Ocidente. Até a morte de Mao em 1976, especialmente no período da Revolução Cultural (1967-69), os *fei tieh* ("objetos misteriosos" em chinês) não existiam oficialmente. Quem se atrevesse a falar ou escrever sobre eles, corria o risco de ser taxado de dissidente político e "inimigo do povo".

A *True* voltou a impactar o público em março de 1950, desta feita com o artigo "Como os cientistas seguem discos voadores", escrito pelo comandante Robert B. McLaughlin, oficial de carreira formado em Annapolis, o homem que chefiava uma equipe de cientistas da Marinha na ultra-secreta área de produção e experiência de teleguiados, o campo de provas de White Sands. Suas posições constituíam contradição direta a todas as declarações oficiais dos últimos 2 anos. Não somente acreditava ter comprovado a existência dos OVNIs como também afirmava que se tratavam de "astronaves de outro planeta, operados por seres inteligentes". Em diversas ocasiões, nos anos de 1948 e 1949, McLaughlin e seus subordinados em White Sands presenciaram o aparecimento de discos.[53]

No início de 1950, o *Time* reportou que batedores de carteira se aproveitavam da distração da multidão que se punha a contemplar os *platillo*s que andavam sobrevoando o México. O Departamento Nacional de Defesa mexicano admitiu que recolhera bons testemunhos, mas negou os boatos de que um disco voador houvesse caído naquele país.[54]

O dia 17 de março bateu o recorde daquele ano em quantidade de observações. Como assinalou Ruppelt, "Todos os discos voadores, do lado da estrela Polar, devem ter marcado encontro sobre Farmington, porque naquele dia a maioria dos três mil e seiscentos habitantes da

---

[51] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 98, 100-102.
[52] Hobsbawn, Eric J., op. cit., p. 226-227.
[53] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 107-109.
[54] *Ibid*., p. 110-111.

cidade viu a massa de OVNIs sobrevoá-la. As primeiras observações foram feitas às 10h15min; depois, durante 1 hora, o ar esteve repleto de discos voadores. As estimativas do número variavam de sóbrios quinhentos a 'milhares'. Deslocavam-se a velocidades incríveis e não seguiam uma linha de vôo preestabelecida".[55]

Não era necessário ser perito para notar a origem duvidosa das sete fotografias de OVNIs estampadas na edição de abril da *True*. Não obstante, afiguraram-se reais para a maioria dos leitores. Até o sóbrio *New York Times*, que se mantivera afastado da controvérsia, publicou um editorial intitulado: "Discos voadores: são ou não são?".[56] Em entrevista concedida à imprensa em 4 de abril, o presidente Truman declarou: "Posso afirmar que os discos voadores existem, mas não são fabricados por nenhuma potência terrestre".

A onda[57] atingiu um novo clímax em maio de 1950. "Não existe tal coisa chamada disco voador", insistiu um coronel da USAF, chamando as testemunhas de loucas, mistificadoras e exibicionistas. A população, porém, preferia os "loucos", pois uma pesquisa de opinião revelou que somente 6% dos cento e cinqüenta milhões seiscentos e noventa e sete mil e trezentos e sessenta e um habitantes não acreditavam em discos voadores.[58]

Para corroborar a crença, ainda faltava uma boa fotografia de OVNI. Esse feito coube a Paul Trent, um agricultor de McMinnville, Oregon. Às 19h30min do dia 11 de maio de 1950, sua esposa alimentava os coelhos no quintal quando avistou um disco metálico deslizando suavemente no céu encoberto. Alertou o marido que pegou a câmera e bateu duas fotos do objeto antes que este desaparecesse a oeste. Os Trent não tentaram vendê-los, tendo apenas mostrado a alguns amigos. Os jornais ficaram sabendo e publicaram as imagens 1 mês depois. Durante décadas as fotografias foram submetidas a exames detalhados por especialistas diversos, desde oficiais da USAF até fotógrafos da revista *Life*, sendo consideradas autênticas por todos.

Exércitos comunistas da Coréia do Norte,[59] equipados com material bélico russo, cruzaram o paralelo 38 em 25 de junho de 1950. No dia seguinte, as tropas de Pyongyang invadem a Coréia do Sul. Dois dias depois, o presidente Truman ordena que as tropas americanas intervenham no conflito; à frente das tropas — as quais se juntaram diversos contingentes internacionais — coloca o general Douglas MacArthur,[60] que desfecha um ataque maciço contra Yalu e chega até a fronteira da Manchúria; o exército do norte, apoiado pela China, desencadeou uma surpreendente contra-ofensiva em 27 de novembro. Temendo que os métodos de MacArthur conduzissem a conflito de conseqüência imprevisíveis com a China, Truman substituiu-o pelo general Mattew Bunker Ridgeway em 11 de abril de 1951. As negociações de paz, iniciadas em julho de 1951, resultaram na assinatura do armistício de Panmunjom em 17 de julho de 1953. Os

[55] *Ibid*., p. 114-115.
[56] *Ibid*., p. 115-117.
[57] Em terminologia da Força Aérea, uma "onda" é uma condição, situação ou estado de espírito de um grupo de pessoas, caracterizado por um avançado grau de confusão que ainda não atingiu as proporções de pânico.
[58] *Ibid*., p. 123.
[59] Reino independente desde tempos antiquíssimos, mais tarde reino tributário da China até 1895 e anexada pelos japoneses em 1910, a Coréia integrou o império nipônico até 1945, ano em que os Aliados dividiram-na em duas zonas — uma soviética e outra norte-americana, ao norte e ao sul do paralelo 38 — a serem mantidas até a realização de eleições gerais sob a supervisão da ONU para o estabelecimento de um Estado independente. Mas a URSS não permitiu que a comissão da ONU entrasse em sua zona, e as eleições só se realizaram no sul em maio de 1948, empossando o governo de Svngman Rhee; no norte, sob a presidência de Kim II Sung, instalou-se uma república comunista apoiada pela URSS, e as tropas de ocupação norte-americana e soviéticas abandonaram a península. Atritos e ameaças recíprocas sucederam-se entre as duas zonas, intensificando-se em 1950.
[60] Durante a Segunda Guerra, o então comandante supremo das tropas no Pacífico estabeleceu uma unidade de inteligência para estudar os relatos de aparições de estranhos objetos que intrigavam e assustavam pilotos e soldados. Convencendo-se de que eram tripulados por extraterrestres hostis ao gênero humano, prosseguiu acompanhando o assunto mesmo depois de sua aposentadoria no Exército. A edição de 8 de outubro de 1955 do jornal *New York Times* trouxe um artigo no qual se dizia que o general general MacArthur acreditava firmemente que um dia as nações do mundo se uniriam para enfrentar uma invasão de seres do espaço.

EUA perderam trinta e três mil setecentos e vinte e nove homens na guerra; as forças da ONU, quatro mil setecentos e oitenta e seis; a Coréia do Sul, setenta mil; os comunistas um milhão e seiscentos mil (dos quais 60% chineses); cerca de três milhões de civis norte-coreanos e quinhentos mil sul-coreanos morreram em conseqüências de fomes, epidemias ou bombardeios; os prejuízos foram avaliados em mais de US$ 1 bilhão. Os russos não se envolveram oficialmente, embora Washington soubesse que pelo menos cento e cinqüenta aviões chineses eram na verdade soviéticos. A informação foi mantida em segredo, porque se supunha, corretamente, que a última coisa que Moscou queria era a guerra.

Nesse ínterim, os OVNIs não cessaram suas atividades, muito pelo contrário. Compilaram-se duzentos e dez relatórios em 1950, dos quais vinte e sete, ou 13%, foram parar na gaveta dos inexplicados.

*Behind the flying saucers* (*Por trás dos discos voadores*), livro em que se afirmava que cientistas do governo haviam se apoderado de três diferentes modelos de discos voadores tripulados por seres pequeninos que se alimentavam de comidas concentradas e bebiam água pesada, chegava ao conhecimento do público em 8 de setembro de 1950. O autor, Frank Scully, disse ter ouvido a história de um milionário do petróleo, Silas Newton, que por sua vez a tinha ouvido de seu empregado, um tal de "dr. G.", justamente um dos cientistas encarregados de estudar os discos caídos. Newton ganhou fama, e Scully, dinheiro.[61] Na mesma época, Keyhoe lançou *The flying saucers are real*, que embora não fosse tão fantástico quanto *Behind the flying saucers*, soava muito mais real.[62]

O diretor do setor de Inteligência da USAF, major-general Charles P. Cabell, ordenou uma revisão do fenômeno. Em princípios de 1951, o Projeto Grudge foi reativado e confiado ao sereno capitão Edward J. Ruppelt, veterano da Segunda Guerra que há 6 meses reingressara na USAF. O operador de radar de aviões B-29, indicado pelo tenente-coronel Rosengarten, era o homem certo para a tarefa: não advogava a crença, tampouco se opunha ao assunto. Lotado no Air Technical Intelligence Center, encravado na Base Aérea de Wright-Patterson, em Dayton, Ohio — conhecida pela sigla ATIC, esta base mantinha-se informada sobre todas as atividades estrangeiras no campo das aeronaves e teleguiados —, Ruppelt elaborou formulários-padrão a serem distribuídos a todos os comandos e fez cumprir uma ordem do Pentágono: qualquer avistamento deveria ser imediatamente notificado. Ruppelt confiou a chefia das pesquisas científicas a Hynek e estabeleceu cooperação com a imprensa, emitindo *releases* e comunicados.[63]

As "luzes de Lubbock" aquilataram a atenção de Ruppelt. Ao longo de 2 semanas, entre agosto e setembro de 1951, centenas de moradores da cidade de Lubbock, no Texas, acompanharam seus movimentos. Às 21 horas de 25 de agosto, um empregado da Comissão de Energia Atômica (a ultra-secreta Sandia Corporation), e sua esposa, comentavam a beleza do firmamento sentados no quintal da casa nos subúrbios de Albuquerque, quando avistaram o que parecia ser um enorme avião, maior do que um B-35, voando rápida e silenciosamente a uma altura de 300 m. A asa, cruzada por faixas negras, era uma "flecha" de ângulos acentuados, em forma de V. Vinte 20 minutos depois, em Lubbock, quatro professores universitários que trocavam idéias na varanda viram uma formação semicircular de luzes riscar o céu em altíssima velocidade. No dia seguinte, a estação de radar do Comando de Defesa Aérea emitiu um relatório

---

[61] A edição de 6 de dezembro de 1952 da revista *Saturday Review* informou que um promotor público de Denver investigou os negócios de Newton na área petrolífera, constatando que os poços que dizia explorar nada continham. O promotor acusou-o de estelionato. Um dos supostos aparelhos eletrônicos para exploração de petróleo, avaliado em US$ 800 mil, revelou-se ser uma peça de ferro velho no valor de US$ 4.

[62] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 124-125.

[63] *Ibid.*, p. 20-21.

negando que seu equipamento houvesse registrado um alvo não identificado movendo-se a 1.500 km/h, uma vez e meia a velocidade dos aviões a jato em uso no momento.[64]

Cinco dias depois, Carl Hart Jr., calouro da Texas Technological, conseguiu fotografar as misteriosas luzes com sua câmera Kodak 35 mm. A noite estava quente, por isso arrastou sua cama para perto da janela, no andar superior da residência. Deitado, assistiu a uma fileira de luzes em formação de V surgir ao norte e cruzar um trecho do céu sem nuvens. Na expectativa de que reaparecessem, carregou a câmera, ajustou a lente e o obturador para f 3.5 e 1/10 de segundo, e saiu para o quintal. Não demorou e as luzes efetuaram a segunda passagem, permitindo que Hart batesse duas fotos. Uma terceira formação apareceu daí a poucos minutos, e o estudante tirou mais três. Logo de manhã, Hart mandou que um amigo, proprietário de uma loja de artigos fotográficos, revelasse o filme. Ruppelt tomou emprestado os negativos e logo que chegou a Dayton, encaminhou-os aos peritos do Laboratório de Reconhecimento de Fotografias do Campo Wright. Os negativos, infelizmente, devido ao excesso de manuseio, estavam muito maltratados, sujos e riscados, de modo que mal se distinguiam os objetos fotografados. Declarou Ruppelt à imprensa: "Não se provou que fossem uma fraude, tampouco que fossem genuínos".[65]

Já Donald Menzel, astrofísico da Universidade de Harvard, não usava de meias palavras. Sequer admitia a hipótese alienígena, classificando todos os avistamentos, sem exceção, como fraudes ou ilusões. Tal como Carl Sagan mais tarde, Menzel acreditava estar defendendo os bastiões da cultura e da ciência contra as forças do obscurantismo e da ignorância. Um editor que o conhecia, disse que "Menzel se achava infalível e chamava todos os ufólogos de charlatães". Menzel referiu-se com desdém às luzes de Lubbock, para ele simples reflexos de luzes dos postes, dos faróis dos carros ou das casas em uma fina camada de névoa noturna.

A "política de abertura" conduzida por Ruppelt, contribuiu para que 1952 fosse o grande ano dos OVNIs, com mil quinhentos e um depoimentos. A média de registos pulou de aproximadamente dez para vinte ao mês. Em março, todavia, o Grudge nada mais era do que um plano dentro de um grupo. Naquela primavera, ante a iminência de serem engolfados por uma gigantesca onda de OVNIs em formação, os oficiais da USAF decidiram expandir o Grudge e transformá-lo em Projeto Blue Book,[66] legitimado pelo documento nº 220-5. O ofício, com o timbre e a assinatura do secretário da USAF, classificava os OVNIs como um assunto sério e determinava aos comandantes de todas as bases aéreas que encaminhassem relatórios ao ATIC e ao Pentágono. Os investigadores do Blue Book tinham autorização para entrar em contato direto com qualquer unidade da USAF sem prévias ordens superiores.[67] A infra-estrutura englobava uma rede composta por todas as estações de radar norte-americanas espalhadas pelo mundo e o Grupo de Observadores Terrestres do Comando da Defesa Aérea.[68]

A popular revista *Life* incumbiu um grupo de pesquisadores de escrever um artigo definitivo sobre os OVNIs no início de 1952. Essa equipe contou com a cooperação de Ruppelt, que abriu os arquivos e permitiu acesso a relatórios confidenciais. "Temos visitantes do espaço?" gerou um impacto sem precedentes no público norte-americano ao fornecer detalhes de dez casos inéditos, impossíveis de serem explicados pela ótica convencional.[69] A USAF evitou comprometimentos, limitando-se a dizer que "As conclusões da *Life* são de inteira responsabilidade da revista". Sobrecarregada, a equipe de Ruppelt não dava conta de classificar e

---

[64] *Ibid*., p. 141-145.
[65] *Ibid*., op. cit., p. 146-159.
[66] O nome foi sugerido por Ruppelt, que o tirou dos livros de testes de colégios. Os colegiais, tal como a comissão de estudos da USAF, regurgitavam perguntas difíceis de responder. (Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 186).
[67] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 188.
[68] *Ibid*., p. 21-22.
[69] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 187.

arquivar tantos relatos. Somente uma porcentagem mínima era investigada. O *New York Times* informou que o "trabalho regular fora afetado".

O temor de que os discos voadores fossem armas secretas russas não se constituía um absurdo. Afinal, o cinema hollywoodiano, a serviço do macartismo, alimentava a paranóia comunista, metaforizando o perigo vermelho. O semanário *Noite Ilustrada* do Rio de Janeiro, estampava na capa da edição de 5 de agosto de 1952 a seguinte manchete: "Vêm da zona russa os discos voadores! Afirma o homem que viu decolar um desses aparelhos, no setor leste de Berlim". Com exclusividade, a revista trazia aos leitores brasileiros a sensacional reportagem de Antony Terry, correspondente em Berlim do jornal *Sunday Graphic* de Londres, que a publicara em sua edição de 6 de julho de 1952.[70] Assistiram a *decolage* o ex-prefeito Oskar Linke, foragido da zona ocupada pelos soviéticos na Alemanha, e sua enteada. No *fac-símile* da declaração oficial selada e assinada por Linke, consta: "Identificação e retrato 124/321/52, fornecido pelo chefe de Polícia de Berlim em 30 de junho de 1952. Confirmado e juramentado. Eu confirmo que este documento foi feito em minha presença. Escrivão, dr. Oskar Krause, no Distrito de Berlim, nr. 70 nos autos para 1952".

Segue a reportagem de Terry: "Munidos de sensacional depoimento prestado sob juramento por uma testemunha ocular, funcionários do Serviço de Investigações da Zona Leste de Berlim, estão hoje (5 de julho) investigando uma das mais palpitantes narrativas sobre discos voadores até agora divulgadas. Evidências de que um estranho aparelho — qual uma gigantesca caçarola sem cabo, de 50 pés de diâmetro, com uma torre cilíndrica central de 10 pés — decolou com tripulação de dois homens, em meio a uma clareira na floresta, dentro da zona soviética, estão sendo estudadas detida e cuidadosamente. Espera-se responder à importante questão: 'Serão os discos voadores uma arma russa?'. O homem que primeiro trouxe à luz essa incrível revelação é grisalho, conta 40 anos de idade e é ex-prefeito de Gleimershausen, próximo a Meiningen. Chama-se Herr Oskar Linke. Juntamente com sua esposa e seis filhos, fugiu da zona ocupada pelos russos".

Perante de um juiz, Linke, acompanhado de sua enteada de 11 anos, declarou: "Eu me dirigia para casa de motocicleta, com Gabriele, quando, perto da cidade de Hasselbach, estourou um pneu. Quando empurrávamos a máquina em direção a Hasselbach, Gabriele apontou alguma coisa a 150 jardas de distância. À primeira vista, devido à pouca luz, me pareceu ser um pequeno veado. Deixei minha motocicleta encostada a uma árvore, enquanto cautelosamente tentava me aproximar do suposto veado. Eu estava a mais ou menos 60 jardas de distância. Verifiquei, então, que a minha primeira impressão era falsa. O que imaginei a princípio, era na realidade duas figuras aparentemente humanas, agora a 50 jardas. Pareciam estar vestidos com uma espécie de substância metálica brilhante e recurvados sobre o chão; estudavam alguma coisa no solo. Aproximei-me sorrateiramente a uma distância de 30 pés desses homens. Espreitando sobre uma pequena elevação no solo, localizei um grande aparelho de mais ou menos 45 pés de diâmetro, embora fosse difícil uma impressão exata. Assemelhava-se a uma grande caçarola circular. Havia duas fileiras de orifícios circundando a 'caçarola', próximo à sua borda, de 1 pé de diâmetro. Entre as duas fileiras de orifícios, notava-se uma distância aproximada de pé e meio. Do centro do aparelho metálico erguia-se uma torre cilíndrica, negra, com cerca de 10 pés de altura. Interrompeu-se o chamado de minha filha, que havia permanecido a alguma distância. O rumor deve ter assustado as duas figuras que voltaram em pânico para o aparelho. Nele subiram rapidamente pelo lado da torre e desapareceram no seu interior. Anteriormente eu verificara que um dos homens parecia trazer uma lâmpada ao peito. A lâmpada brilhava em intervalos regulares. A borda externa da 'caçarola', na qual se localizavam os orifícios, começou a brilhar também. A cor que, a princípio, me parecera verde, mudou para vermelha e ao mesmo

---

[70] Terry, Antony. "50 yard away i saw two men take off in a 'flying saucer' ", in *Sunday Graphic*, Londres, 6-7-1952, p. 2.

tempo comecei a ouvir um rumor abafado, surdo. À medida que a luz e o som aumentavam, a torre cilíndrica retraiu-se ao centro da 'caçarola' e o aparelho elevou-se vagarosamente do solo. O efeito espiral do aparelho assemelhava-se ao de um gigantesco pião. Parecia apoiar-se na peça cilíndrica, que, após a elevação do aparelho, permanecia na terra. A 'caçarola' com seu brilhante anel de fogo, estava a 10 pés da terra. Então verifiquei que o aparelho se estava elevando lentamente do solo. O cilindro em que se tinha apoiado, havia desaparecido em ascensão ao centro, e reaparecia agora em cima do aparelho. A velocidade de ascensão agora aumentava bastante e ao mesmo tempo em que eu e minha filha ouvíamos um som agudo, quase como um ruído de bomba que cai, mas não tão alto. O aparelho deslocava-se horizontalmente, dirigindo-se a uma cidade próxima, ainda ganhando altura, para desaparecer por sobre colinas e florestas em direção a Stockeheim".

Várias pessoas, dentre elas o pastor Georg Derbst, distante cerca de uma milha do local, e o vigia do moinho, disseram ter visto algo semelhante a um "cometa". Linke encontrou uma depressão no solo: "Quando 'aquilo' se elevou e desapareceu, fui ao local onde 'eles' tinham estado. Encontrei uma depressão no solo, recentemente feita, em forma de círculo. Era exatamente o contorno da torre. Então me certifiquei de que não havia sonhado". Linke nunca ouvira a expressão 'disco voador' até que resolvesse fugir da zona soviética para a ocidental de Berlim: "Quando vi essa coisa estranha, imaginei que fosse uma nova arma russa. Fiquei horrorizado, pois sei que os russos não permitem que se conheça nada de seus planos, e pessoas são encarceradas durante anos, na Alemanha Oriental, por saberem demais".

O desenhista-chefe da *Vickers Aircraft*, George Edwards, ponderou: "Acreditar em discos voadores? Não sei. Há um pequeno erro na idéia de um círculo voador. Antes e durante a Primeira Guerra Mundial, a Inglaterra fez experiências com uma nave aérea circular. E ela voou. Denominamo-la 'rosca voadora'. Há pequenos obstáculos ao desenvolvimento do disco voador: o dinheiro e a necessidade. Qual será a utilidade maior de um disco voador sobre uma aeronave de forma convencional? Se a descrição de Linke é exata, pode ser que esse aparelho seja apenas um novo tipo de planador militar. Pela descrição do brilho em seu interior, pode atribuir-se a uma força geradora central que permita a decolagem e aterrissagem verticalmente. A forma cilíndrica ter-se-ia retraído para o interior do aparelho, para efeito da eliminação de ângulo e conseqüentemente a sua maior resistência.  Roupas metálicas são também plausíveis; poderiam ser uma forma de roupas de proteção próprias para as grandes altitudes. Nada há de impossível nesse fato, entretanto, para acreditar na existência de discos voadores, teria de vê-los, eu mesmo".[71]

Durante a Guerra Fria, os discos voadores foram inúmeras vezes usados como instrumentos de guerra psicológica. Nesse mesmo ano, os círculos oficiais noruegueses foram informados de que vários pilotos da Força Aérea tinham avistado aquilo que lhes parecia um avião, espatifado na ilha de Spitzberg, arquipélago do oceano glacial Ártico, ao norte da Noruega e pertencente a este país desde 1920, habitada na maior parte por trabalhadores que exploravam as minas de carvão, lígnito, ferro, mármore, gesso, manganês, asbesto, etc. Imediatamente foram para lá enviados vários grupos de comandos de salvamento e a resposta não se fez esperar: não era um avião, e sim um disco voador. Esse disco, apesar de bastante danificado, ainda se apresentou suficientemente intacto para ser recolhido e estudado.

A essa altura, técnicos dos EUA e da Inglaterra foram notificados do encontro e convidados a participar da expedição. Em seguida, nada mais se comentou do caso, apesar da ilha ter sido isolada, com acesso exclusivo aos técnicos. Três anos depois, em 4 de setembro de 1955, um jornal alemão voltou novamente no assunto, publicando a seguinte notícia: "Somente agora uma comissão de inquérito do Estado-Maior da Noruega está preparando, para publicação,

---

[71] Terry, Antony. "Vêm da zona russa os discos voadores!", in *Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 5-8-1952, nº 1.223, ano XXIII, p. 3-5.

um relatório sobre os exames realizados nos escombros de um OVNI que caiu nas proximidades de Spitzberg, presumivelmente em princípios do ano de 1952. O presidente da comissão, coronel Gernod Darnbyl, quando de uma aula de instruções militares aos oficiais da Força Aérea, afirmou: ‘A queda de um disco voador em Spitzberg foi de grande importância. Embora o conhecimento de nossos cientistas não nos permita resolver todo o mistério, tenho confiança de que os destroços serão elementos de grande importância. Há tempos, um engano involuntário qualificou o citado disco como de origem soviética. Não foi, de modo positivo, fabricado por nenhum país da Terra. Os materiais empregados em sua construção são totalmente desconhecidos por todos os técnicos que participaram das investigações’ ”.[72]

O disco de Spitzberg instilou o temor de que os russos detinham o segredo dessas naves. Em dezembro de 1963, liberou-se o relatório de um serviço de informação não identificado confirmando o resgate do disco nos gelos inóspitos a nordeste da ilha de Spitzberg e seu transporte de navio para Narvik, cidade portuária ao norte da Noruega, situada numa península do fiorde de Ofot, defronte às ilhas Lofoten. Ele seria movido a motores a reação que o faziam girar em torno de uma pequena cúpula transparente repleta de instrumentos. Suas dimensões comportavam várias bombas atômicas. Detectado pelo radar, seis aviões noruegueses saíram à sua procura. O comandante de patrulha olhou por acaso para baixo e avistou um grande disco metálico sobre o gelo, enrolado em um emaranhado de fios. No centro havia uma cabine parcialmente destruída. Os pilotos regressaram a Narvik e notificaram a descoberta. Em seguida, cinco aviões equipados com esquis, levando a bordo um tal de Norsel, especialista em foguetes, foram enviados em missão de resgate. Segundo Norsel, o disco voador que possuía um núcleo de plutônio e um transmissor que podia emitir todos os comprimentos de onda, havia sido construído na URSS.[73]

Ao entardecer de 21 de junho de 1952, um OVNI pairou sobre a usina atômica de Oak Ridge, uma instalação ultra-secreta onde se testavam equipamentos nucleares. O alarme soou e um caça F-47 Thunderbolt, em vôo de treinamento, desviou sua rota rumo ao local. O F-47 havia sido largamente usado durante a Segunda Guerra, mas como era robusto e veloz (680 km/h), continuava em operação. O piloto, embora com suas oito metralhadoras de 12,7 mm descarregadas, mergulhou sobre o intruso. Os observadores em terra assistiram a um emocionante duelo de manobras e perseguições. Cada vez que o caça tentava interceptar a bola de luz, esta se desviava no último segundo.[74]

Num período de 6 meses, Ruppelt colecionou dezesseis mil recortes de jornais. Quando a onda parecia estar se acalmando, surgia um novo relato e a tempestade recomeçava. Na manhã de 2 de julho, o major Delbert C. Newhouse, perito fotográfico da Marinha de Guerra, e sua esposa, viajavam de automóvel nas proximidades de Tremonton (Utah), atentos a uma formação de doze ou quatorze OVNIs que se deslocava a grande altura. Às 11h10min, os objeto se destacavam contra o céu azul como pontos brilhantes e circulares. Por trabalhar no Depósito de Abastecimento da Aviação Naval de Oakland, Newhouse estava familiarizado com todo tipo de aviões. Inteligindo a natureza não identificada dos objetos em questão, parou o carro e apontou-lhes uma câmera Bell & Howell de 16 mm, com teleobjetiva e um rolo de filme de 12 m. Newhouse encaminhou o filme, por intermédio da Marinha, ao Blue Book. Os laboratórios do ATIC descartaram qualquer possibilidade de fraude.[75]

Às 20h10min de 14 de julho, perto de Norfolk, Virginia, o piloto e o co-piloto de um DC-4 da Pan American, voando a 2.500 m de altitude na rota Nova York-Miami, viram seis objetos

---

[72] August, A. S. “Disco cai em Spitzburgen e é recolhido pelo governo norueguês”, in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial “O estranho mundo dos discos voadores”, p. 64-66.
[73] *Controversial Phenomena*, v. 1, nº 2, março-abril 1964, p. 13-14; Durrant, Henry, op. cit., p. 137-138.
[74] “Combate sobre a usina nuclear”, in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 18.
[75] Ojea, Emilio Alvarez, “Evidências ocultas”, in *Planeta Ufologia: os OVNIs chegaram-I*, São Paulo, setembro 1982, nº 120-A, p. 30-31.

rubros, cada qual com cerca de 30 m de diâmetro. “Seus contornos eram bem definido, e nada tinham de fosforescente ou pouco nítidos”, declarou o capitão William Nash. Enquanto ele e o co-piloto William Fortenberry olhavam embasbacados os seis discos em formação de cunha, surgiram dois mais a cerca de 600 m acima da baía de Chesapeake. Suas bordas tinham cerca de 4 m de espessura e as superfícies superioras eram planas. Os pilotos transmitiram um relatório à Aeronáutica e às 7 horas da manhã seguinte foram chamados para prestar esclarecimentos. Ao final de 2 horas de interrogatórios, ambos souberam que outros grupos na área também os tinham avistado.

Os radares do Aeroporto Nacional de Washington, a poucos quilômetros da Casa Branca, captariam OVNIs 4 dias depois. O fato sobrepujou a Convenção Democrática Nacional nas manchetes dos jornais, incitando tal furor que Ruppelt foi inundado por perguntas que partiam da imprensa de países como Canadá, México e Londres e até do gabinete presidencial dos EUA. De acordo com o livro de registro do aeroporto, os primeiros OVNIs surgiram às 22h30min da noite de 19 de julho. Dois radares captaram a leste e ao sul da Base de Andrews, oito alvos não identificados que viajavam a 160 ou 210 km/h e aceleravam bruscamente.

Aos 40 minutos de 20 de julho, sete *blips* (pontos luminosos) bem definidos apareceram numa das telas principais do radar, operada desde a meia-noite pelo controlador Ed Nugent, o qual imediatamente encarregou outros dois operadores, James Cupeland e Jim Ritchey, de avisar o chefe do setor, Harry G. Barnes, que por sua vez se comunicou com o operador da torre de controle, que confirmou a presença dos mesmos ecos em suas telas de radar. Os pontos brilhantes se separaram. Dois rodeavam a Casa Branca e um deles o Capitólio, zonas de vôo proibidas. Às 3 horas, Barnes alertou o Comando de Defesa Antiaérea e a Base da Força Aérea de Andrews Field, situada no Estado de Maryland e separada de Washington pelo rio Potomac. Meia hora depois, caças F-94 sondaram o aeroporto, sem nada encontrar. Mas assim que os jatos se foram, os sinais luminosos reapareceram nas telas dos radares, movendo-se lentamente até o dia raiar. A notícia vazou, e ante a pressão do público, a imprensa e o Congresso exigiram ação da USAF.

Apenas uma semana depois, em 26 de julho, os OVNIs despontavam novamente em Washington. Nas últimas horas da tarde desse dia, um objeto voador que irradiava uma luz avermelhada pairou sobre a Base Aeronaval de Key West, na Flórida, sendo testemunhada por mais de quinhentas pessoas, entre civis e militares, e perseguido por uma esquadrilha de destróieres. Às 20h08min, uma formação voando a grande altitude, razão por que a população não pôde contemplá-la, invadiu o espaço aéreo de Washington. Tal como da vez anterior, os operadores do Centro de Tráfego Aéreo acompanharam as evoluções nas telas dos radares e Harry Barnes consultou a torre de Andrews, que confirmou. Às 23 horas, Barnes contatou o Pentágono, e às 23h25min um par de F-94 chegou à capital. Após 10 minutos de buscas infrutíferas, os interceptadores retornaram à base. Às 3h20min, outra dupla de F-94 teria mais sorte. O piloto William L. Patterson reportou quatro luzes cercando seu avião antes que se afastassem em grande velocidade.

O principal investigador do Pentágono, o major Dewey Fournet, acompanhado do chefe de Imprensa, Albert M. Chop, e de um especialista em radar, acorreram ao local recusando-se a fazer comentários ou suposições a respeito. Durante 2 dias, os jornais atacaram a USAF e exigiram maior transparência. Em seu editorial, o *Rocky Mountains News*, de Denver, Colorado, repudiou as atitudes de encobrimento: “É tão inacreditável como aterrador o fato da USAF, com todos os recursos que possui, não ter podido ainda identificar tais objetos. Se os assim chamados ‘discos’ constituem uma descoberta submetida a segredo militar, é hora de nos despojarmos desta crosta de segurança em benefício da inocência nacional. Já existem bastante perigos reais no mundo para termos de enfrentar perigos imaginários e desnecessários”.

Assessorado por um grupo de especialistas em OVNIs do ATIC — entre os quais se encontravam o coronel Donald L. Bover, do Departamento de Investigações Técnicas, o capitão Roy L. James, especialista em vôos, o capitão Ruppelt, o major-general Roger M. Ramey, B. L. Griffing, vários técnicos em eletrônica e o chefe do Comando de Defesa Aérea —, o major-general John A. Samford fez um pronunciamento à imprensa em 29 de julho. Para agravar a situação, na manhã desse dia numerosos oficiais do Exército e da Polícia de Indiana testemunharam um impressionante e misterioso "combate aéreo", e poucas horas a seguir, um OVNI sobrevoou a usina nuclear de Los Alamos, desaparecendo assim que chegaram os jatos interceptadores.

A conferência estava marcada para às 16 horas, mas às 15h30min o salão já não comportava mais ninguém. Os mais prestigiosos representantes do jornalismo norte-americano disputavam os melhores lugares. Samford, porém, jogou um tremendo balde de água fria ao dizer que os avistamentos das últimas 2 semanas haviam sido causados por inversões de temperatura. Uma mentira deslavada, pois Ruppelt revelou em seu livro que o Blue Book classificou-os como "inexplicáveis". Menos de 6 horas depois da entrevista e antes que os jornais chamassem os OVNIs de fenômenos naturais, um deles cruzou a fronteira do Canadá e penetrou em Michigan. Às 21h40min, uma estação de radar do Comando da Defesa Aérea desse Estado captou o alvo que avançava a 1.000 km/h diretamente para a baía de Saginaw, no lago Huron. Um F-94 perseguiu-o inutilmente até que se visse com o combustível quase esgotado.[76]

Passava poucos mais da meia-noite de 5 de agosto quando dois operadores de rádio da Base Aérea de Haneda dirigiram-se à torre de controle onde substituiriam os colegas do turno da noite. Enquanto caminhavam tranqüilamente pela pista de concreto, viram uma luz pairando sobre a baía de Tóquio. Apressaram os passos e ao chegarem à torre constaram que seus colegas perscrutavam-na através de binóculos. A esfera, rodeada por um objeto quatro vezes maior, vinha em direção à Base Aérea. Alarmados, os operadores telefonaram para a estação de radar e foram informados de que a coisa luminosa, fosse o que fosse, aparecia nitidamente nas telas. Um F-94 da USAF decolou da Base Aérea de Johnson, situada nas proximidades, mas o objeto não permitiu que chegasse perto o bastante para que disparasse suas armas. Os operadores viram o "objeto" dividir-se em três partes, afastando-se cada qual em uma direção diferente a grande velocidade.[77]

Os efeitos da conferência de imprensa em Washington se fizeram sentir, pois o número de casos caiu de quase quinhentos e cinqüenta em julho para cento e setenta e cinco em agosto, se bem que esse número ainda superasse em muito a média normal de vinte e cinco por mês. Mostrando vitalidade, a onda voltaria a crescer e atingiria um novo clímax em setembro de 1952. Relatos chegavam de todo o sudeste norte-americano, principalmente dos estados da Geórgia — com destaque para os ocorridos nas proximidades dos recém construídos e ultra-secretos laboratórios da Comissão de Energia Atômica em Savannah River — e do Alabama. Mais da metade deles foram classificados como "inexplicáveis".[78]

As forças navais da OTAN manobraram ao longo das costas da Europa no final de setembro em prosseguimento a Operação Mainbrace (Apoio Continental). Em 20 de setembro, um repórter norte-americano que fotografava uma decolagem a bordo de um porta-aviões no Mar do Norte, notou um grupo de pilotos e mecânicos de pista parados no tombadilho. O que eles contemplavam, todavia, não era uma aeronave convencional e sim uma esfera metálica. Aproveitou para bater diversas chapas, nas quais procurou enquadrar não só OVNI como também a estrutura do porta-aviões. No dia seguinte, seis pilotos da Real Air Force (RAF)

---

[76] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 220-241; Ojea, Emilio Alvarez. "Evidências ocultas", in *Planeta Ufologia: os OVNIs chegaram-I*, São Paulo, setembro 1982, nº 120-A, p. 30-34.
[77] "Um OVNI visita Tóquio", in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 20.
[78] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 267.

voando em formação sobre o Mar do Norte viram um objeto esférico e brilhante rumar para a área da Operação Mainbrace, sem conseguir interceptá-los. No terceiro dia consecutivo, um OVNI apareceu perto da frota, desta vez sobre o aeródromo Topeliffe, na Inglaterra. Um jato logrou chegar perto o suficiente para ver que o objeto era “redondo, prateado e branco” e parecia “girar ao redor de seu eixo vertical”.[79]

A Inglaterra explodiu sua primeira bomba atômica em 1º de outubro. Em dezembro, os EUA iriam explodir a primeira bomba H, desenvolvida pelo Projeto Ivy. Elementos do Pentágono supunham que seres, terrestres ou não, andavam interessados nas atividades norte-americanas no Pacífico e encarregou o Blue Book de obter transporte para a zona de testes, estabelecer uma rede de informações, instruir o pessoal a elaborar relatórios e analisá-los no próprio local. Entretanto, nenhum OVNI foi visto durante a série de explosões atômicas do Projeto Ivy.[80]

No início de 1953, a USAF e a Central Intelligence Agency (CIA) atinaram que os OVNIs representavam ameaça à segurança nacional. A CIA alertou que os soviéticos poderiam aproveitar uma onda de avistamentos e deslanchar um ataque aéreo contra os EUA. Em seu último livro, *Aliens from space*, o major Donald E. Keyhoe apontou a CIA como o “verdadeiro poder invisível” por trás do fenômeno OVNI.[81] A autoridade da CIA se estendia sobre os Departamentos de Inteligência de todas as organizações militares dos EUA, exercendo controle total sobre a Administração da Aviação Federal, a Guarda Costeira, a Comissão Federal de Comunicação e demais instituições do governo, com exceção do FBI.

Desde a sua criação em 1947, a CIA controlou estreitamente o fenômeno e as operações da USAF. Afinal, sua função não era a de reunir informações, proteger os interesses norte-americanos e combater as organizações e movimentos subversivos nos países estrangeiros? Em abril de 1952, Dan Kimball, secretário da Marinha, viajava para o Havaí quando dois discos acompanharam o seu avião. “Meus pilotos calcularam que voavam entre 2.400 e 3.200 km/h. Deram duas voltas ao nosso redor e se afastaram na direção leste. Havia um outro avião da Marinha atrás de nós, levando a bordo o almirante Arthur Radford. [...] Os discos também rodearam-no, cobrindo as 50 milhas que nos separavam em menos de 2 minutos”. Assim que aterrissaram no Havaí, o secretário enviou uma mensagem de rádio à USAF. Regressando a Washington, soube através de um assistente que haviam-no proibido de comentar qualquer coisa a respeito com quem quer que fosse. A USAF lamentaria o erro, pois Kimball não era um homem facilmente influenciável. De imediato, ordenou que a Marinha iniciasse uma investigação particular do fenômeno OVNI, o que incluiu a análise, três meses depois, do caso do major Delbert C. Newhouse, autor do “filme de Utah”. A Marinha, tal como o ATIC, considerou-o autêntico.

A CIA empenhava-se firmemente em ocultar os OVNIs, quando seu diretor R. H. Hillenkoetter — promovido a vice-almirante e nomeado primeiro diretor da agência por Truman — tomou conhecimento das atitudes da Marinha capitaneadas por Kimball. A CIA pensou em recorrer ao presidente Truman, solicitando-lhe que repreendesse o insubordinado almirante, porém, desistiu da idéia por temerem uma reação escandalosa de Kimball, decidindo esperar pela eleição presidencial de novembro. A vitória do general Eisenhower aliviou a CIA, já que Kimball seria inevitavelmente substituído por um republicano.

Com o intuito de evitar novos atritos, a CIA assumiu a rédea do fenômeno, deslocando a USAF e estabelecendo estreita censura. Convocou uma reunião em que tomariam parte os coronéis William A. Adamns e Wesley S. Smith, do Serviço de Inteligência, o major Dewey Fournet, do Estado-Maior, que atuava como supervisor do Projeto Blue Book, o capitão Edward

---

[79] *Ibid*., p. 271-272.
[80] *Ibid*., p. 273-274.
[81] Keyhoe, Donald E., op. cit., p. 85-110.

J. Ruppelt e outros oficiais da USAF, Albert M. Chop, adido oficial de Imprensa para o assunto dos OVNIs, e um general da Base Aérea de Wright-Patterson.

Sem que a CIA suspeitasse, 6 semanas antes o major Fournet — que nesse ano de 1952 se destacara na avaliação de centenas de relatórios — e outros oficiais do Estado-Maior da USAF, incluindo Keyhoe, convencidos de que o segredo deveria acabar, trabalharam secretamente em um plano para desvendar o fenômeno OVNI perante o público. Em uma conferência de imprensa, marcada com poucas horas de antecedência para evitar intervenções, projetariam aos jornalistas o filme de Utah e a seguir exporiam uma documentação indiscutível, corroborada por indícios materiais, testemunhas fidedignas e registros de radar. Teriam feito isso até o final do ano se não fossem intimados pela CIA a comparecerem à reunião iniciada-se em 12 de janeiro de 1953 e conduzida pelo cientista Marshall Chadwell e pelos agentes Philip G. Strong e Ralph L. Clark. Após 5 dias de discussões, a Agência ratificou que se opunha à divulgação de informações sigilosas.

O grupo de Fournet não deixou transparecer suas intenções, e em fevereiro anunciaram a conferência extraordinária de imprensa. Pareciam a ponto de triunfar, mas a CIA mobilizou-se mais do que rapidamente e, do Pentágono, Albert Chop lamentou-se com Keyhoe: “Arruinaram nosso programa. Puseram em execução uma campanha nacional maciça de acobertamento”.

A CIA exerceu pressões sobre militares, aviadores, cientistas, altos funcionários do governo, cidadãos e até membros do Congresso. Pressões que, no caso de Ruppelt, redundaram na deterioração progressiva de sua saúde e no colapso cardíaco que o vitimou. Na reserva, Ruppelt escrevera o livro *The report on unidentified flying objects*, que abalou os censores pela quantidade de acusações contra a CIA. Nas cartas dirigidas a Keyhoe, reafirmou que se opunha ao sigilo e que nunca se enquadrara nos ditames oficiais. Em represália, a USAF cortou os contratos firmados com sua empresa aeroespacial e o obrigou a repudiar o conteúdo do livro. Ruppelt teve de acrescentar três capítulos na parte final rejeitando todas as provas e ridicularizando testemunhas idôneas, algumas das quais tinham se tornado seus amigos pessoais. Uma delas era o comandante D. J. Blanqueslee, piloto que durante a Segunda Guerra Mundial perseguira sobre o Japão um OVNI com luzes giratórias nas cores verde, vermelha e branca.[82]

Concomitantemente, a CIA convidou cinco reputados cientistas alheios à polêmica OVNI para um simpósio em Washington. O grupo, presidido por H. P. Robertson, físico e especialista em armas do Instituto de Tecnologia da Califórnia, contou com o prêmio Nobel Luís W. Alvarez, professor de Física da Universidade de Berkeley, que desempenhara papel fundamental no desenvolvimento da bomba atômica, Samuel A. Goudsmit, decano do Departamento de Física dos laboratórios nacionais de Brookhaven, que trabalhara com Albert Einstein, o geofísico Lloyd V. Berkner, presidente da Associated Universities, Inc., e o astrônomo Thornton L. Page, da Universidade John Hopkins.

Durante os 2 dias do simpósio (14 e 15 de janeiro de 1953), foram analisados setenta e cinco relatórios — com atenção especial para oito deles — e dois negativos de filmes coloridos. Após 12 horas de discussões, os cientistas chegaram ao consenso de que os OVNIs por si não ofereciam risco à segurança nacional, mas “uma ênfase continuada na divulgação desses fenômenos resulta, de fato, em ameaça”. Persuadidos pelo discurso de “caça às bruxas”, recomendaram que o Blue Book se preocupasse em acalmar o público, que as agências governamentais fomentassem uma campanha publicitária para “despojar o fenômeno OVNI de seu *status* especial e eliminar sua aura de mistério”, que os educadores delineassem um programa de “treinamento e desmascaramento”, e que os grupos ufológicos privados fossem vigiados de perto, pois poderiam ser usados para “propósitos subversivos”.

---

[82] Ojea, Emilio Alvarez. “Evidências ocultas”, in *Planeta Ufologia: os OVNIs chegaram-I*, São Paulo, setembro 1982, nº 120-A, p. 35-39.

Porém, ao contrário do que sugeria o relatório Robertson, o Blue Book não veio a desempenhar uma tarefa pedagógica, porque rebaixada à condição de virtualmente inexistente. O capitão Ruppelt deixara o Projeto em fevereiro nas mãos do tenente Bob Olsson. A essa altura, o quadro de funcionários estava reduzido à figura do soldado de primeira classe Max Futch. Ruppelt regressou ao ATIC, mas em julho foi chamado de volta com ordens para “fazê-lo funcionar”. Entretanto, conta Ruppelt, “sempre que solicitava mais auxiliares, tudo que obtinha era um polido ‘sinto muito’ ”. O Blue Book tornou-se assim um mero repositório de registros. Em março de 1954, Ruppelt deixou não só o Projeto como também a USAF, passando o comando ao soldado Max Futch.[83]

No dia 10, a Junta de Comando publicava a Joint Army Navy Air Force Publication (JANAP) — redigida secretamente pela USAF em setembro de 1951 e liberada em 12 de dezembro de 1953 — através de uma circular avalizada pelos chefes dos estados-maiores das três armas, conforme revelou Keyhoe em *The flying saucers conspiracy*. A carta de promulgação diz: “Este documento contêm informação que afeta a defesa nacional dos EUA, dentro dos significados das Leis de Espionagem, título 18, U.S.C., seções 793 e 194. A divulgação de seu conteúdo por qualquer pessoa não autorizada é proibida por lei”. Na instrução 201, a JANAP-146 exige a comunicação imediata, precedidos pelo sinal de urgência internacional, prioridade ou emergência militar, e na 206, ordena que sejam transmitidas ao Comando de Defesa Aérea ou ao comando militar mais próximo. Pelas prescrições da JANAP, centenas de pilotos que avistaram OVNIs foram implacavelmente silenciados. E em dezembro, a Junta do Estado-Maior decretou que toda divulgação não-autorizada atentava contra a Lei de Espionagem, o infrator ficando sujeito a US$ 10 mil de multa ou até 10 anos de prisão. (Seção III, 783, título 18, código dos EUA).

A circular AFR 200-2, de 12 de agosto, normatizava a interceptação de OVNIs. “A 402ª esquadrilha aérea deve ser alertada o mais rapidamente possível a fim de que possa intervir”. Essa ordem estendia-se também aos pilotos civis. No item 9, lemos: “Os quartéis da USAF publicarão sumários das avaliações de dados que servirão para informar o público a esse respeito. Nos inquéritos locais, é permissível informar os representantes dos meios de divulgação, quando o objeto for positivamente identificado como familiar (vide parágrafo 2b), excetuando-se os seguintes tipos de informes que não serão revelados: nomes, interceptações, processos de investigações e dados secretos de radar. Para os objetos não explicáveis, somente o ATIC analisará os dados em função das muitas incógnitas envolvidas”.

As diretivas produziram o efeito desejado no âmbito das agências governamentais, mas não impediram que as pessoas continuassem a ver e relatar coisas estranhas no céu. O fenômeno fincara-se inextirpavelmente na alma da cultura norte-americana. Em outubro de 1953, Keyhoe havia lançado *Flying saucer from outer space*, que em poucas semanas figurou na lista dos *best-sellers*. A contrapartida veio *Flying saucers* de Menzel, um desmentido erudito editado pela Universidade de Harvard. A *Look* comprou trechos do livro de Keyhoe. A USAF, receando que sua publicação desencadeasse uma nova febre de OVNIs, obrigou a revista a incluir desmentidos e contestações de cientistas e militares.

A onda européia irrompeu no verão de 1953. Em setembro, estações de radar de Londres captaram alvos não identificados riscando a capital em altitudes que variavam entre 15 e 23 km. Às 8h15min de 3 de julho de 1954, o comandante, os oficiais e quatrocentos e sessenta e três passageiros de um transatlântico holandês observaram um disco esverdeado do tamanho da metade da lua cheia cruzar o céu e desaparecer entre as altas nuvens. Na França, a onda começou em agosto, ao mesmo tempo em que desatava-se um “surto” de aterrissagens e encontros com tripulantes.

---

[83] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 314-319.

Duas irmãs de Gosdwen, Noruega, contaram que enquanto colhiam amoras na tarde de 25 de agosto, "um homem moreno e de cabelos longos vestindo um traje cáqui" apontou em direção a uma cova onde havia um "disco voador" pousado. Pensando tratar-se de um doido, preparavam-se para fugir quando o homem sinalizou para que se aproximassem. As mulheres ofereceram-lhe algumas amoras, prontamente recusadas. O "cigano" proferiu palavras incompreensíveis e pôs-se a desenhar sobre um papel que tirara do bolso, representações do sol, da lua e da Terra. Apontou para o solo e para as mulheres e em seguida para si próprio. Uma delas quis tocar no aparelho em forma de "panela" que media 1,50 m de altura e cerca de 4 m de diâmetro, mas o homem agarrou-lhe o braço e apontou para as raízes das árvores. Por fim, adentrou no aparelho que ascendeu rapidamente aos céus. Mais tarde, descobriu-se que o "homem do espaço" era o norte-americano Baily Faurot, piloto de um helicóptero da OTAN que se perdera na região.[84]

Por volta das 21 horas de 11 de setembro, Marius Dewilde, um metalúrgico que vivia em Quarouble, perto de Valenciennes, França, alarmou-se com os latidos furiosos de seu cão. Munido de uma lanterna, saiu para a rua e avistou uma "massa sombria" de forma oval, medindo 6 m de comprimento por 3 de altura, pairando sobre a via férrea que passava ao lado de sua modesta residência. Ao avistarem-no, "dois homens gordos com cerca de 1 m de altura" apontaram "lâmpadas" em sua direção e paralisaram seus movimentos, após o que regressaram ao "disco voador" que decolou verticalmente balouçando-se e expelindo fumaça.

O camponês Yves Davi trafegava de bicicleta pela estrada Vouneuil-Cénon, na localidade francesa de Brouloux, comuna de Vouneuil-sur-Vienne, em 19 de setembro, quando viu um ser de pequeno porte vestindo uma espécie de escafandro e falando uma língua incompreensível. Tempestivamente, o pequeno tripulante voltou-se a um aparelho escuro, com cerca de 3 m de comprimento por 1 de altura, que se encontrava estacionado nas proximidades. Ainda não refeito da surpresa, Yves percebeu um facho de luz verde saindo do aparelho que, incidindo sobre ele, paralisou-o imediatamente, provocando a sensação de choque elétrico. A seguir, a luz se apagou e o OVNI alçou vôo.[85]

Na manhã de 27 de setembro, Ângelo Girardo andava com sua motocicleta pela estrada de Bressuire, em Deux-Sevres, quando deparou-se com um enorme "barril" luminoso pousado num campo próximo. A cerca de 3 m do objeto, constatou a presença de um ser humanóide de pequeno porte, trajando um macacão escuro. Como se quisesse comunicar-se com Girardo, o estranho fez inúmeros gestos, assustando a testemunha de tal modo que, não suportando a emoção, acelerou sua motocicleta o mais que pôde.[86]

Sete testemunhas toparam com um OVNI circular, com um domo central, "pousado" à altura aproximada de 1 m do chão na localidade de Marcily-sur-Vienne, em 30 de setembro. Próximo ao aparelho, havia um ser humanóide com cerca de 1,50 m, vestindo um macacão de cor neutra e calçando uma bota de cano curto. Sobre a cabeça, usava um capacete opaco em forma de sino que se encaixava nos ombros. Na mão, trazia um objeto que lembrava um revólver, e no peito, um disco brilhante que projetava um feixe de luz. Um dos observadores, ao tentar aproximar-se, sentiu-se paralisado, possivelmente por ação do raio luminoso. A seguir, a estranha figura entrou no aparelho, que levantou vôo no sentido vertical, emitindo um forte zumbido. Na noite de 9 de outubro, Roger Barrault, de Lavroux, andava de bicicleta quando foi bruscamente detido por um forte facho de luz projetado por um ser parecido, a acrescentar seu

---

84 *Ibid*., p. 324-325; Rocha, Hugo, *O enigma dos discos voadores ou a maior interrogação do nosso tempo*, São Paulo, Gráfica Biblos, 1959, p. 152.

85 August, A. S. "Caso: luz emitida por OANI paralisa testemunha", in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial "O estranho mundo dos discos voadores", p. 140-141.

86 IDEM. "Caso: motociclista foge ao ver tripulante de OANI", in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial "O estranho mundo dos discos voadores", p. 142.

grande bigode. Após o incidente, Barrault caminhou por mais de 1 minuto na estrada e se embrenhou na floresta.[87]

Um horticultor de Chaliex, Dordogne, deparou-se em 4 de outubro com um OVNI em forma de sino, com base arredondada, pousando em sua propriedade agrícola. Do estranho aparelho desceram dois seres, iguais a homens normais, vestidos com um macacão amarelo. Os estranhos aproximaram-se sempre com um sorriso nos lábios, estendendo a mão e falando uma língua incompreensível. Um deles acariciou ternamente a cabeça do cão do horticultor, demonstrando afeto pelos animais. O cão, por sua vez, manteve-se perfeitamente dócil, como se estivesse recebendo carinho do seu próprio dono. Em seguida, os seres voltaram para o OVNI, que partiu sem ruído. Posteriormente, constatou-se que a grama estava amassada no local onde pousara o disco voador.[88]

O operário de origem tcheca, Lazlo Ujvari, de Saint Remy, contou à Polícia Militar que quando se dirigia para o trabalho na manhã de 20 de outubro, fora abordado "por um ser corpulento, de estatura média, envergando capacete e um blusão cinzento repleto de insígnias brilhantes nos ombros e trazendo um 'revólver' na mão". Versado em russo, exprimiu-se na língua de Tolstoi e, para sua surpresa, o interlocutor entendeu perfeitamente, perguntando se aquele país era a Itália ou a Espanha. Cientificado de que estava na França, quis saber as horas e a distância se encontrava da fronteira alemã. Eram 2h30min, mas o relógio que o homem tirou do blusão marcava 4 horas. Caminhando em frente, chegaram num trecho da estrada onde havia um engenho com a forma de "dois pratos emborcados do qual emergia uma espécie de periscópio", medindo 1,50 m de altura por 2,50 m de largura. Instruindo ao operário que se afastasse, despediu-se do operário dizendo "adeus" em russo e adentrou no disco que ascendeu lenta e verticalmente, emitindo um ruído de "máquina de costura".[89]

Às 8 horas de 5 de setembro, dez pessoas, incluindo três policiais de Granz, Áustria, viram um disco cruzar o céu na trajetória leste-oeste. Uma hora e meia mais tarde, um segundo disco moveu-se na mesma direção. À tarde, um disco pairou durante 10 minutos sobre Tanglers. Entre 13 e 20 de setembro, uma onda varreu a Holanda, concentrando-se principalmente em Zuidlaardeveen e Groningen. Um ex-comandante da RAF, marechal Lorde Dowding, tornou-se apologista dos OVNIs. O chefe do Estado-Maior da Forças Aéreas da Holanda manifestou cepticismo. Às 18h28min de 17 de setembro, milhares de pessoas em Roma, entre elas pilotos militares e oficiais graduados do Exército italiano, observaram durante mais de 1 hora um objeto semelhante a um charuto que deixava rastro luminoso em sua trajetória. Os radares do Aeroporto detectaram-no. Em 1º de outubro, um prato luminoso com uma longa cauda aterrissou em Dhubri, na Índia. No dia 2, houve registros no Canadá, na Tunísia (Megrine-Coteaux), Escócia (Perth) e França (Poncey). No dia 3, na Suíça (Jungfrau), Áustria (Ried), Itália (Mantau, Boscochiano), Índia (Bombay), Bélgica (Huy), Inglaterra (Northfolt) e Líbano (Beirute). No final do mês, na Angola, Argélia, Marrocos e Madagascar. Em novembro, a onda assolava a América do Sul, especialmente o Brasil. Também houve casos na Índia, África, Austrália, Espanha e Itália.[90]

O Gruppo Clipeológico Fiorentino, em seu trabalho intitulado *OVNI na Itália*, registrou a visão de uma "cruz grega" (duas partes que se cruzam em ângulo reto, tendo as quatro hastes perfeitamente iguais) reportada pelo diplomata Alberto Perego: "Por volta das 11 horas de 6 de novembro de 1954, Perego se encontrava em Túsculo, Roma, nas proximidades de uma fábrica de água mineral, quando notou uma formação de pontos brancos no céu. Fascinado pelo

---

[87] IDEM. "Caso: duas ocorrências análogas no prazo de 10 dias", in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial "O estranho mundo dos discos voadores", p. 143-144.
[88] IDEM. "Caso: tripulante de OANI acaricia cão", in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial "O estranho mundo dos discos voadores", p. 144-145.
[89] Rocha, Hugo, op. cit., p. 153-157.
[90] Vallée, Jacques & Janine. *O enigma dos discos voadores*. São Paulo, Global Editora, 1979, p. 129-134.

espetáculo, subiu no terraço da fábrica para ver melhor. Outros OVNIs continuaram a chegar, tantos que, depois de meia hora, Perego calculou que devia haver pelo menos cinqüenta sobre Roma. Mas o momento crucial da aparição ocorreu por volta da meia-noite, com duas formações em V movendo-se em direções opostas. Após alguns segundos elas se juntaram no vértice dos V, formando uma perfeita 'cruz grega'. Pelos cálculos de Perego, a cruz se formou exatamente sobre o Vaticano".

Na manhã de 14 de novembro, vendo descer no campo a poucos metros de sua residência, próxima a La Spezia, Itália, um disco fusiforme, luminoso e silencioso, o camponês Américo Lorenzini escondeu-se atrás de uma árvore, de onde pôde divisar a saída por uma escotilha de três pequenos seres, protegidos por um escafandro metálico. Embora pudesse ouvi-los, Américo não conseguia entender uma só palavra de sua estranha língua. A seguir, os homens começaram a apontar para um cercado onde havia uma criação de coelhos. O agricultor apanha seu fuzil e o assesta, ajoelhado, para os esquisitos visitantes. Aperta o gatilho mas a bala não sai. Tenta gritar e não consegue, como que controlado por uma estranha força. Sua arma começa a ficar cada vez mais pesada e ele não consegue sequer segurá-la, largando-a no chão. Enquanto isso, ignorando completamente a presença do camponês, os humanóides dirigem-se ao cercado onde apanham alguns coelhos, voltando para sua nave que sobe. Nesse momento, Lorenzini recupera a voz, apanha o fuzil e, para surpresa sua, ao atirar a bala sai.[91]

O governo iugoslavo prometeu iniciar uma investigação oficial ante as centenas de relatos provenientes de Sarajevo, Ljubljana, Belgrado e Zagrev, noticiou os jornais de Belgrado. Os da Romênia acusaram os EUA de induzir "uma psicose coletiva de discos voadores" no país. Em novembro, o governo húngaro colocou um "perito" diante de um microfone para explicar ao povo que os OVNIs não passavam de uma invenção dos países burgueses para desviar a atenção da população de seus reais problemas. A URSS saiu-se com o mesmo discurso. O jornal *Estrela Vermelha*, do Exército Soviético, denunciou os discos como uma "propaganda capitalista".[92]

Em meio a onda, o pesquisador francês Aimé Michel notou que os OVNIs evoluíam em linha reta, ou mais propriamente, em linha de máxima curvatura terrestre (ortodrômica). Algumas das linhas, como a de Southend, na Inglaterra, a de Po di Gnocca, na Itália, atravessavam diagonalmente a França. As que se formavam durante o dia, desfaziam-se por volta da meia-noite, assinalando uma disposição distinta para o dia seguinte. Ligandos os pontos a partir de um "centro de dispersão", como no caso dos raios de uma roda, obtinha-se figuras estelares. Justamente nesses centros é que se havia observado "charutos" ou "naves-mãe". E na extensão das linhas radiais, luzes, bolas de fogo, discos, aterragens e, às vezes, humanóides. Com base nessa "lógica", Michel cunhou o termo "ortotenia" (do grego *orthotenos*, "estendido em linha reta").

Examinando a carta ortotênica da Península Ibérica mapeada pelo ufólogo espanhol Antonio Ribera, Michel inferiu a mais importante das coordenadas fixas, que ganhou o nome de *Bavic* (palavra sugerida por Lex Mebane, que fundiu as letras iniciais de Bayonne-Vichy). Em 24 de setembro, registraram-se nove observações na França, das quais seis encontravam-se ao longo de um mesmo alinhamento, que ia de Bayonne a Vichy, passando por Lencouacq, Tulle, Ussel e Gelles.[93] Michel estendeu esta linha sobre todo o globo terrestre, constatando que passava sucessivamente por Espanha e Portugal, pelos estados do sul do Brasil, Venezuela, Argentina, Nova Zelândia, Nova Guiné oriental, Formosa e continente asiático. Aplicando os métodos ortotênicos aos estudos ufológicos, Michel lançou em 1958 o livro *Mystérieux objets*

---

[91] August, A. S. "Caso: camponês não consegue atirar em ser estranho", in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial "O estranho mundo dos discos voadores", p. 146.
[92] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 327-328.
[93] Segundo o investigador norte-americano Lex Mebane, a probabilidade de que, dentre nove pontos estabelecidos ao acaso numa superfície, seis se encontrem ao longo da mesma reta, vai de um para quinhentos mil até um para quarenta milhões, o que excluiria a intervenção do acaso.

*célestes*, prefaciado pelo general L. M. Chassin, comandante da Defesa Aérea Central da Europa, ligado a OTAN, que considerava seriamente suas descobertas: “Um dia, quase por acaso, ele constatou com surpresa e alegria que as observações de um mesmo dia se alinhavam impecavelmente e com uma extraordinária precisão sobre uma mesma linha reta, estivessem elas situadas em países afastados uns dos outros, como a Inglaterra, França e Itália. Indo mais longe, ele descobriu que o conjunto dessas trilhas retas formava uma teia de aranha bem característica, a qual, para um piloto, evocava irresistivelmente a idéia de uma exploração aérea sistemática”. [94]

Os OVNIs não deixaram de aparecer nos EUA durante a onda européia. As notificações ao Blue Book estavam abaixo da média, mas houve casos notáveis.

O estranho objeto desde o mês de maio costumava sobrevoar a pequena vila de Rio Vista, no Estado da Califórnia. As informações obtidas definiam o OVNI como tendo a forma de um charuto, ou, mais propriamente, de um dirigível, com um diâmetro máximo de 1 m e um comprimento aproximado de 4 m. O objeto tinha uma luz vermelha de sinalização e movia-se sem emitir qualquer ruído. Ao tomar conhecimento do assunto, a imprensa procurou a autoridade policial que melhor informação pudesse prestar. Encontrou o “subsherif” John Cruz, de Fairfield, que informou aos jornalistas que, depois de receber diversas notícias a respeito do estranho objeto, resolveu investigar pessoalmente. Em 22 de setembro de 1965, inquiriu os residentes e desses recebeu a informação de que o OVNI aparecia, geralmente, perto da torre da caixa d’água localizada a cerca de 8 km da cidade. Naquela noite, mais de trezentas pessoas permaneceram atentas e silenciosamente na escuridão, sobre uma pequena colina da qual se avistava a torre da caixa d’água. Depois de alguma espera, apareceu um estranho objeto vermelho e brilhante movendo-se lentamente a apenas 60 m acima da copa das árvores. Descartou-se a possibilidade de uma brincadeira feita com um dirigível ou um balão inflado de gás, pois na ocasião alguns rapazes armados com espingardas calibre 22 fizeram vários disparos em direção ao objeto. A distância era pequena e as balas atiradas, ao se chocarem com o OVNI, emitiam o ruído característico de tiro em metal. Ao mesmo tempo, o local atingido brilhava mais intensamente por alguns segundos. O tiroteio, entretanto, não impediu que de quando em quando o objeto voltasse para o mesmo local. Curioso salientar que os peritos da USAF afirmaram tratar-se apenas de uma visão do planeta Vênus.[95]

Os radares da Base Aérea de Griffiss, Nova York, detectaram em 1º de julho um “intruso” voando a grande altitude. Um jato interceptador F-94 decolou e, minutos depois, topou com um gigantesco disco metálico. De repente, o piloto e o operador de radar perderam contato pelo rádio e momentos mais tarde telefonaram para a base contando o que acontecera: assim que se aproximaram do disco, todos os sistemas da aeronave pararam de funcionar. “Era como se algo tivesse, pura e simplesmente, desligado nosso avião”. Não podendo mais controlar o avião, acionaram o assento ejetável e desceram de pára-quedas em uma fazenda. O F-94, descontrolado, estatelou-se sobre uma casa matando quatro pessoas. A imprensa local não perdoou a USAF, que alegou falhas técnicas e indenizou os familiares das vítimas sem esclarecer os reais motivos do que simplesmente classificou como “acidente”.[96]

Pilotos que aterrissavam no Aeroporto Internacional de Los Angeles e militares que decolavam da Base Aérea de Long Beach, avistaram luzes em forma de “V” na noite de 6 de outubro. No dia seguinte, a USAF identificou os OVNIs: tratavam-se de seus aviões-tanques KC-97 reabastecendo bombardeiros a jato B-47 em pleno vôo. Durante a operação, aviões-tanques iluminavam os bombardeiros com holofotes, produzindo assim o clarão anormal que

[94] Ribera, Antonio & Farriols, R. “A ortotenia e a linha Bavic”, in Wallace, Carlos S. (org.), *UFOs: ilusão ou realidade?* , Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1985, p. 22-24.
[95] August, A. S. “Caso: População de Rio Vista (Califórnia) atira em OANI”, in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial “O estranho mundo dos discos voadores”, p. 103-104.
[96] “Disco voador abate jato interceptador”, in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 24.

tanto alarmou os californianos do sul. Os aviões voavam muito alto e vagarosamente, de modo que nenhum ruído foi ouvido. Pouca gente, inclusive pilotos militares, sabia das possibilidades de um reabastecimento aéreo noturno.[97]

O histerismo anticomunista, reminescente da época entre guerras, adquiriu grandes proporções na última metade da administração Truman (1945-1953) e persistiu durante a metade inicial do primeiro mandato de Eisenhower (1953-1961). Milhões de norte-americanos aderiram aos demagogos que se valeram do medo de uma infiltração comunista no governo e nas instituições para amealhar poder pessoal e restringir a liberdade de pensamento. No cinema, nunca se viu tantos filmes em que comunistas apareciam transfigurados em alienígenas invasores. A personalidade de um senador de Wisconsin por vezes chegou a suplantar as dos próprios presidentes durante o segundo apogeu da "ameaça vermelha" (1950-1954). Com a Guerra Fria em pleno apogeu, qualquer esboço de crítica ao funcionamento da sociedade americana era facilmente confundido com antipatriotismo. Denunciando supostos simpatizantes do comunismo, políticos conservadores como o ambicioso deputado Richard Nixon e o senador Joseph R. McCarth, cujo sobrenome originou o termo "macartismo", sinônimo de "caça às bruxas", pairaram como pesadas sombras, ofuscando a tão decantada democracia norte-americana. Poucos homens públicos ousaram desafiá-lo. No início de 1954, pesquisas de opinião mostravam que 50% da população aprovava McCarthy.[98]

O ano de 1954 terminou com uma declaração do presidente Eisenhower em 19 de dezembro: "Os discos voadores existem somente na imaginação daqueles que os vêem". Em 1º de janeiro de 1955, o que restava do pessoal do Blue Book (duas pessoas) cedeu lugar ao "4202d A. I. Squadron", corpo especial criado na Segunda Guerra para arrancar informações de pilotos prisioneiros e executar "simulações", que já havia colaborado com o Projeto a pedido de Ruppelt.[99] Em 14 de maio, é firmado o Pacto de Varsóvia, aliança militar entre a URSS e os países do Leste Europeu com a mesma função da OTAN.

Em 26 de julho de 1953, um grupo de jovens rebeldes cubanos liderados por Fidel Castro atacou a Fortaleza de Moncada, em Santiago de Cuba, a leste da ilha. Os mais de mil homens que a guardavam, porém, frustraram a ousadia: somente trinta dos cento e cinqüenta guerrilheiros sobreviveram, sendo presos e condenados a penas que variavam entre 15 a 19 anos de reclusão.

O descontentamento contra Fulgêncio Batista y Zaldívar, o presidente ditador sustentado pelos EUA desde 1934, crescia nas ruas em forma de greves, protestos e sabotagens. Fidel e seus companheiros tiveram de ser libertados e rumaram para o México, iniciando os preparativos para invadir Cuba. Em novembro de 1956, oitenta e dois combatentes partiram do porto de Tuxpan a bordo de um pequeno barco. Pretendiam tomar Manzanilla, na parte ocidental da ilha, e dali organizar a luta armada contra Batista. Uma tempestade, no entanto, tirou-os do rumo e os levou a aportar em uma praia distante, onde foram implacavelmente atacados por aviões.

Os doze sobreviventes embrenharam-se na Sierra Maestra e passaram a recrutar os camponeses, a maioria dos quais vivendo em absoluta miséria. Superando as dificuldades, montaram uma estação de rádio e um pequeno hospital. A notícia de que um grupo de guerrilheiros combatia pelo povo logo se espalhou, atraindo voluntários à Sierra Maestra. Um ano depois, a guerrilha já controlava toda a província oriental e avançava para outras regiões, conquistando mais adesões. As forças repressivas sofriam derrota após derrota. Na passagem de 1958 para 1959, Batista fugiu do país e as colunas guerrilheiras tomaram Havana, desconcertando os EUA que usavam a ilha como uma verdadeira área de lazer com seus cassinos, cabarés, praias particulares, hotéis e mansões de luxo.

---

[97] Ruppelt, Edward J., op. cit., p. 22.
[98] Link, Arthur S., op. cit., v. III, p. 1.122, 1.219-1.226.
[99] Durrant, Henry. *Informe UFO: O livro negro dos discos voadores*, 4ª ed., São Paulo, Difel, 1983, p.113-114.

A participação popular era bem maior em Cuba do que nos demais países de economia planificada. Nela se baseou a reconstrução da sociedade, as reformas na economia, na educação e na saúde, a correção das injustiças e a prevenção dos ataques de tropas paramilitares contra-revolucionárias. Os Comitês de Defesa da Revolução (CDR) atuavam no campo, nas fábricas e nas escolas, tendo desempenhado papel crucial no episódio da invasão militar da Baía dos Porcos patrocinado pela CIA. Além de auxiliarem as forças militares, os CDR serviam de instrumentos de consulta e vigilância política.

Em represália à nacionalização das propriedades privadas, os EUA diminuíram drasticamente as compras de açúcar cubano, seu principal artigo de exportação. Já ao governo soviético interessava auxiliar financeira e militarmente Cuba, uma vez que a ilha, a apenas 140 km dos EUA, ocupava uma posição geográfica estratégica. Alinhando-se a URSS, Cuba abandonou a economia de mercado e adotou o modelo estatal. Vendo sua hegemonia ameaçada no continente, em 1961 os EUA cortaram relações diplomáticas com Cuba e decretaram um bloqueio econômico, extensivo aos demais países capitalistas. Para evitar uma crise de desabastecimento, os soviéticos tiveram de aprofundar seus gastos, que chegaram a atingir a cifra de US$ 10 milhões por dia. Como a população de Cuba girava em torno dos 10 milhões, infere-se a importância dessa quantia: quase que um terço da renda *per capita* era devia-se aos subsídios soviéticos.

Cuba servia de vitrine ao modelo soviético na América Latina, posando como o único país do continente em que a miséria, o analfabetismo, as doenças, a má distribuição de renda e outros problemas seculares estavam sendo erradicados. Os EUA já haviam feito algo parecido com relação a Israel e Coréia do Sul, igualmente localizados em áreas estratégicas.

Visando contrabalançar os mísseis americanos instalados do outro lado da fronteira soviética com a Turquia, o líder soviético Nikita Sergueievitch Khrushchev enviou mísseis à Cuba. Entre 22 e 28 de outubro de 1962, o mundo esteve sob tensão de uma crise que poderia resultar em confrontação atômica. Os dois lados procuravam impedir que gestos belicosos fossem interpretados como medidas efetivas para a guerra.[100] John Fitzgerald Kennedy determinou o bloqueio de Cuba, forçando a URSS a desmantelar as bases de foguetes que aí instalara, aceitando, em contrapartida, retirar os mísseis da Turquia. Seus esforços em prol do desarmamento culminaram em 1963 com assinatura, em Moscou, do tratado de proscrição de provas nucleares atmosféricas. Acabou assassinado em 22 de novembro desse ano, em Dallas, Texas.

A missão deveria ser igual a tantas levadas a cabo pela USAF: um vôo de reconhecimento fotográfico para detectar instalações militares no Caribe. Às 5h30min de 29 de julho de 1966, o capitão Robert A. Hickman decolou da Base Aérea de Barksdale, Louisiana, a bordo de um avião-espião U-2, pintado de preto-fosco e equipado com câmeras de alta sensibilidade. O plano de vôo consistia em cruzar o sul da Flórida, a 23 km de altitude, mudar de rumo e dirigir-se a Cuba, pondo-se fora do alcance dos mísseis antiaéreos. Finda a missão, faria uma volta de $180^{o}$ e regressaria ao ponto de partida. Tudo correu bem até o avião atingir o "ponto beta", onde acertaria o curso para Cuba. O piloto emudeceu, não mudou a rota como previsto e passou a ser acompanhado por "algo" sólido, detectado pelos radares da Base Aérea de Albrook, no Panamá.

Os militares sabiam que mesmo se o capitão estivesse morto ou desmaiado, o avião conservaria sua altitude graças ao piloto automático, pelo menos enquanto durasse o combustível. Com os tanques quase vazios, o U-2 oscilou e mergulhou na amazônia colombiana. Washington contatou imediatamente as autoridades de Bogotá e enviou uma equipe de resgate. Os restos do o avião sinistrado e do equipamento ultra-secreto, bem como o corpo do desafortunado piloto, foram devidamente recuperados, mas jamais se explicou o que era a

---

[100] Hobsbawn, Eric, op. cit., p. 226.

"coisa" que o seguiu. Certamente não era um míssil antiaéreo — tais projéteis não voavam tão devagar (a 800 km/h) quanto um U-2 —, tampouco um jato — naquela época, a Força Aérea Cubana utilizava interceptadores Mig-15 e Mig-17, que voavam a no máximo 12 km de altura e tinham um raio de ação reduzido.[101]

Católico e favorável à contenção do comunismo na Ásia, Ngo Dinh Diem passou a receber ajuda dos norte-americanos que, a partir de fevereiro de 1955, começaram a treinar sul-vietnamitas para lutar contra as forças de Ho Chi Minh; nesse ano, Diem adiou as eleições previstas pelo acordo de Genebra (julho), destronou Bao Dai e proclamou em outubro a República do Vietnã do Sul, assumindo a presidência. A resistência interna a seu regime fez surgir a Frente de Libertação Nacional em dezembro de 1960, ambos de orientação comunista; esses movimentos foram determinantes para que o presidente Kennedy aumentasse para quinze mil o número de conselheiros militares norte-americanos e criasse um comando militar na região. Em 1963, Ngo Dinh Diem foi assassinado, e à instabilidade política que se seguiu decidiu o presidente Lyndon Johnson a intervir de fato: nomeou o general William Westmoreland comandante-em-chefe das forças norte-americanas no Vietnã do sul em 24 de abril de 1964, e em agosto, ordenou ataques aéreos ao Vietnã do Norte; em outubro de 1964, cento e quarenta e oito mil norte-americanos estavam na guerra.

O major Hector Quintanilla sucedera ao tenente-coronel Robert Friend no comando do Blue Book no início desse ano. Concomitante a tensão que se sentia em certos meios com o acirramento da Guerra Fria, um caso particular mobilizou a USAF, que destacou investigadores do seu departamento em Ohio, entre eles o astrofísico Josef Allen Hynek. Se até então Hynek mantivera uma postura desfavorável aos OVNIs, a partir do caso que descreveremos a seguir sua opinião caminharia definitivamente em direção ao ponto de receptibilidade no qual reformularia totalmente seus pensamentos. "Apesar do meu grau de desejo de encontrar uma explicação natural para a observação (eu ainda não estava convencido da existência de contatos imediatos do terceiro grau), não fui capaz de encontrar; assim, este caso está classificado no Blue Book como "não identificado".[102]

O caso ocorreu em 24 de abril de 1964, na região de Socorro, Novo México. Por coincidência, um agente do FBI encontrava-se no local no momento em que o incidente fora reportado. Este telefonou ao oficial de dia de White Sands, o qual por sua vez telefonou ao capitão Holder, comandante daquela unidade. A presença do agente levou a Polícia de Socorro e os militares de White Sands a tratarem seriamente o caso.

A testemunha principal, o policial Lonnie Zamora, foi imediatamente entrevistado e um relatório ficou pronto à 1 da manhã do dia seguinte. Transcrevemos aqui sua declaração: "Por volta das 17h45min, enquanto perseguia um carro com excesso de velocidade em direção norte na estrada US 85, ouvi de repente um estrondo e vi chamas no céu, a cerca de 1 km a sudoeste. Lembrei-me de que existia naquela direção um paiol de dinamite que podia ter ido pelos ares, pelo que deixei de perseguir o carro e tentei dirigir-me para lá. A chama que vi no céu era azulada e cor-de-laranja, e ia descendo lentamente. Como continuei a guiar não pude olhar a chama, mas pareceu ser estreita, em forma de funil, mais estreita em cima do que em baixo, sendo a sua altura o quádruplo da sua largura". Depois de andar por um caminho pouco freqüentado e de sentir considerável dificuldade em tentar guiar o seu carro por uma encosta coberta de cascalho, disse que olhou em volta, à procura da cabana de dinamite, mas não se lembrava onde ficava. Notou então um objeto brilhante, a uns 150 m ao sul, que pensou ser um carro virado: "Pensei que talvez algumas crianças o tivessem virado. Vi então duas pessoas vestidas com uma roupa branca, que se encontravam muito perto do objeto. Uma das pessoas olhou diretamente para o meu carro e se espantou, pois deu um salto. Nessa altura, aproximei-me

---

[101] "Um UFO intercepta o avião-espião", in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 34-35.
[102] Hynek, Josef Allen. *OVNI: relatório Hynek*. Lisboa, Portugália, s.d., p. 85.

de carro até eles, com a intenção de ajudá-los". Zamora desceu com seu carro até a base do barranco. Estacionou próximo e seguiu a pé, e ficou impressionado quando viu que aquilo não era um carro, mas sim um objeto branco em forma de ovo, liso, sem portas nem janelas, com cerca de 15 pés de comprimento, pernas de aterrissagem e uma insígnia gravada na fuselagem. A insígnia era uma seta apontada para cima, envolta por um semi-círculo. Os seres eram parecidos com "anões" ou "crianças grandes". Zamora voltou para o carro e contatou o xerife pelo rádio, dizendo que tinha presenciado um acidente e que ia estar ocupado por uns momentos. "Mal me virei, ouvi de novo o rugido, primeiro em baixa freqüência, depois foi aumentando até que apareceu uma chama debaixo do objeto, e este começou a erguer-se. A chama era azul clara e alaranjada na parte inferior. Da posição em que estava, avistei a parte lateral do objeto. Pelo barulho que fazia, parecia que ia explodir. A chama saía do meio do objeto, e não soltava fumaça. Havia apenas poeira na zona adjacente. Virei-me e fugi para longe, mas tropecei. Os óculos caíram no chão, mas continuei a correr. Olhei para trás e vi que o objeto se erguia a uns 6 m do chão. Escondi-me e parei quando deixei de ouvir o barulho. Estava assustado, e tencionava continuar correndo. Deitei no chão e tapei a cara com os braços. Olhei e vi que o objeto se afastava mantendo a mesma altura e passando rente ao abrigo de dinamite. O objeto deslocava-se rapidamente, e finalmente desapareceu por trás dos montes. Já não tinha chama, nem fazia qualquer ruído".[103] O sargento Chavez, da Polícia do Novo México, acorreu em resposta ao chamado de Zamora, constatando depressões leves no solo arenoso e o mato queimado.

Quando Hynek e sua equipe visitaram o local, alguns dias já tinham transcorrido e os curiosos feito o seu papel; felizmente, os primeiros investigadores que ali chegaram poucas horas depois do sucedido, haviam posto pedras à volta das marcas da aterrissagem, preservando-as. A profundidade das marcas era de apenas 10 cm. Análises do solo não revelaram radiações acima do nível normal. O mato queimado não trazia nenhuma substância química que indicasse o tipo de propulsão da nave. O relatório concluiu que "Não se obteve nenhuma prova de que o objeto fosse extraterrestre ou que representasse ameaça à segurança dos EUA".

Um ofício encaminhado ao comandante Eric T. de Jonckhekre, coronel da USAF, prestava os seguintes esclarecimentos: "A possibilidade de um veículo de pesquisa estar envolvido na observação de Socorro foi investigada. O Departamento de Ligações do Exército foi contatado e o caso foi discutido pormenorizadamente com eles; contudo, disseram não conhecer nenhum veículo de pesquisa do Exército que deixasse marcas como as de Socorro. O tenente coronel Conkey e o major H. Mitchell também foram consultados. Ambos estavam a par do caso antes da nossa discussão. Nenhum deles, porém, tinha conhecimento de um veículo desse tipo na Base de Holloman. Bell Aircraft Corporation foi indagada no que diz respeito a um veículo de aterragem lunar que deixaria no solo impressões parecidas com as encontradas em Socorro. Um desses veículos foi entregue à USAF em Edwards. Entretanto, não está operacional e não será testado até fins de junho. Foram enviadas quinze cartas a companhias industriais indagando em que fase se encontram suas pesquisas para o desenvolvimento de módulos lunares. Até agora, as informações recebida dessas companhias não serviu para solucionar o caso".

Na manhã de 5 de maio, o fazendeiro Alfred Ernst, de Bernesville, Minnesota, conduzia seu carro carregado com sementes de trigo a uma pradaria a 100 km de Lomstock. Descarregava a carga quando observou "um objeto oval resplandecente que parecia ter 1,5 m de comprimento e o mesmo de largura a 500 m de distância". Desprendia um forte brilho, impedindo fixar a vista sobre ele. O objeto subiu rapidamente e desapareceu entre as nuvens em menos de 5 segundos. O fazendeiro correu ao sítio de seu irmão Leo e os dois retornaram ao local, encontrando uma depressão em forma de cratera, de aproximadamente 1 m de diâmetro, no interior do qual havia quatro orifícios de 4 cm de diâmetro formando um quadro ao redor do orifício central. A zona

[103] *Ibid*., p. 86-89.

estava estranhamente seca. Nas margens da depressão recolheram uma substância branca que as análises apontaram ser alcalina.

Os sputniks, seguidos pelos explores e vanguards, haviam demonstrado a viabilidade do uso de engenhos-robôs. Colocar um homem no espaço, no entanto, era um projeto inadiável. Para tanto, os EUA desenvolveram o avião-foguete X-15, um bólido negro de titânio e aço capaz de ultrapassar os limites da alta atmosfera, manobrar alguns minutos no espaço e regressar, pousando como uma aeronave convencional. Cinco pilotos foram treinados, sendo três deles engenheiros aeronáuticos; selecionaram-se os dois mais experientes, os majores Joseph "Joe" Walker e Robert "Bob" White. Os testes ocorreram entre abril e outubro de 1962. Em 30 de abril, Walker ascendeu a mais de 70 km de altitude superando os 3 mil km/h. Inopinadamente, cinco OVNIs em forma de disco, voando em "escalão", passaram a seguir o X-15.

Apesar de sua tremenda velocidade, os OVNIs não tiveram qualquer dificuldade em acompanhá-lo e foram captados pelas câmeras de filmagem automáticas. Os superiores de Walker autorizaram-no a relatar sua aventura à rede de televisão NBC. Por ocasião da entrevista, gravada em Seattle, promoveu-se a exibição do filme. A versão da USAF era a de que o X-15 fora acompanhado por pedaços de gelo desprendidos da carcaça do avião-foguete. Tal "explicação" não convenceu ninguém, assim como outra oferecida 4 meses depois, quando o X-15, desta vez pilotado por White, voltou a ser acompanhado por um OVNI. De acordo com White, "Era algo achatado, redondo e cinza". Os dois casos, devidamente filmados, permaneceram tão secretos quanto o Projeto X-15.

A corrida espacial ainda em seu estágios iniciais estendia os contatos imediatos da Terra à órbita superior. Em 4 de janeiro de 1960, dois enormes objetos que seguiam uma trajetória polar, provocou enorme agitação nos meios científicos, pois até então nem russos nem norte-americanos tinham conseguido lançar com êxito um objeto que seguisse uma trajetória ou órbita de pólo a pólo. Os objetos em questão foram fotografados pela estação rastreadora de satélites da Grumman Aircraft Corporation. Estimou-se que cada qual pesava 15 toneladas, sendo que o maior satélite lançado até o momento, pertencente à URSS, pesava 1.300 kg, e os lançados pelos EUA não excediam 244 kg.

Revistas como *Newsweek* e *Life* informaram que outros satélites gigantes, de procedências igualmente desconhecidas, haviam sido detectados a 11.200 km de altitude. Em 10 de janeiro de 1961, um OVNI rastreado pelos radares de Cabo Kennedy, seguiu o foguete Polaris quando este ganhava altura. Em 24 de maio de 1962, o astronauta M. Scott Carpenter, a bordo da cápsula Aurora 7, fotografou objetos alongados. A versão espanhola da *Life* anunciou na ocasião que o enigma estava resolvido: "Carpenter fotografió los misteriosos 'copos de nieve', que ya John Glenn había visto, brillando bajo um espetacular golpe de sol. Carpenter descubrió que podia producirlos golpeando con los nudiloos las paredes de la cápsula, y los atribuyó a la escarcha externa".[104] Em 16 de maio de 1963, enquanto atravessava a Austrália perfazendo sua 15ª volta orbital, Gordon Cooper Jr. informou ao centro de controle que um objeto resplandecente de cor verde e cauda vermelha aproximara-se de sua cápsula espacial. O objeto também foi visto da Terra pelo pessoal de Muchea, Austrália. Milhões de pessoas acompanharam pelo rádio e pela televisão as mensagens de Cooper. Uma vez de volta à Terra, entretanto, o astronauta recusou-se a falar sobre o assunto. Embora pairasse um grande segredo, soube-se que vários satélites soviéticos desapareceram ou foram desviados de suas órbitas. Correspondentes de Moscou apuraram que em outubro de 1963, uma esquadrilha de discos voadores rodearam uma cápsula espacial tripulada por três astronautas. Os objetos geravam um campo magnético tão intenso que a cápsula vibrou terrivelmente, quase provocando um desastre. Em março de 1965, Moscou anunciou que os astronautas Pavel I. Belyayev e Alexei A. Leonov permaneceriam circundando a Terra por mais tempo. Porém, após a 18º órbita, a cápsula

[104] "Un copo y un cohete a flote en el silencio fuera de la Aurora 7", in *Life*, 9-7-1962, v. 20, nº 1, p. 10-21.

precipitou-se feito uma bola de fogo na atmosfera e se arrebentou num banco de neve, a 1.400 km ao noroeste do lugar programado. Os astronautas por pouco não morreram queimados e em seguida congelados. Em uma conferência de imprensa em Moscou, Belyayev e Leonov revelaram que, instantes antes de caírem, encontraram-se com um "satélite luminoso". Em 8 de abril de 1964, quatro OVNIs voltearam a cápsula não tripulada Gemini, acompanhando sua trajetória. Em 11 de julho de 1965, a Associated Press informou que James McDivitt e Edward White viram um objeto misterioso no espaço sobre o Havaí e a Ásia Oriental. Declarou McDivitt: "Não sei o que era esse objeto, e não creio que alguém saiba". Comunicou Frank Borman em 4 de dezembro de 1965, a bordo da cápsula Gemini 7 junto de Jim Lowell: "Estamos vendo um 'espantalho' na direção 10 horas, mas um pouco mais acima" (isso significa que o objeto se encontrava a $60^o$ à esquerda da trajetória da cápsula). Os operadores do centro de controle pediram que checasse se não se tratava de um estágio de impulsão: "É um OVNI, e não se trata de estágio de impulsão. Sabemos muito bem onde se encontra o estágio", retrucou Borman. O incidente ficou gravado na fita magnética nº 43. Momentos antes de entrar em órbita a bordo da Gemini 10 em 18 de julho de 1966, John W. Young, alertou: "Há dois objetos brilhantes aqui em cima, e não são estrelas". O Centro de Controle de Houston, Texas, solicitou detalhes do objeto: "Parecem satélites de algum tipo", tentou definir Young. Em 12 de setembro de 1966, partiu de Cabo Kennedy a penúltima nave tripulada da série Gemini, a Gemini 11, levando a bordo Charles Conrad e Richard Gordon. A missão: acoplar-se com a nave automática Agena e elevar-se acima dos cordões de radiação de Van Allen. Com isso, os cientistas do Projeto Apolo, em pleno andamento, esperavam saber se a blindagem da nave seria capaz de proteger os astronautas durante a rápida passagem pelas aquelas barreiras naturais e letais de radiação. Gordon e Conrad teriam ainda de fotografar estrelas sempre que a Gemini entrasse no cone de sombra da Terra. A missão transcorreu normalmente até que no dia 12 um estranho objeto de grande dimensões cruzou a órbita da Gemini. Anos mais tarde, em 1968, Gordon visitou o Brasil e, numa entrevista à imprensa, descreveu o fato: "Estava eu de pé sobre o casco da nave fotografando estrelas com a câmera especial, quando avistei algo que vinha em sentido contrário. Consegui tirar fotos coloridas do objeto, que passou a menos de 100 m. Era metálico, oval, esverdeado e muito maior que a Gemini. Possuía duas longas antenas, uma de cada lado. Em segundos, desapareceu pelo lado oposto". Em novembro de 1967, James Lowell e Edwin Aldrin, a bordo da Gemini 12, viram quatro OVNIs que, assegurou Lowell, "não eram estrelas". A zona em volta da Terra encheu-se de resíduos a partir das primeiras incursões no espaço: satélites desativados, pedaços de naves, sacos de lixo e até uma câmera fotográfica perdida por um astronauta. Quase todos eles, no entanto, estavam catalogados e eram permanentemente seguidos pelo elaborado e custoso sistema de radar terrestre.[105]

Os OVNIs voltaram a sobrevoar a Casa Branca em 11 de janeiro de 1965. Com 2 semanas de antecedência, em 29 de dezembro de 1964, três deles foram detectados pelos radares voando a quase 8 mil km/h. A USAF atribuiu o fato a erros de interpretação. Três dias antes, no dia 21, Horace Bruns contou que o motor de seu carro morreu na U.S. Highway 250, ante a presença de um OVNI em forma de cone medindo 40 m de largura e 20 de altura. "Ele ficou pousado em um campo à margem da estrada por mais de 1 minuto e meio e decolou em ângulo reto". O professor Ernest Gehman e dois engenheiros da DuPont mediram o nível de radiação do local e detectaram índices acima do normal. Os OVNIs invadiram o espaço aéreo de Washington por quatro vezes entre outubro de 1964 e janeiro de 1965. Em 25 de janeiro, policiais de Marion, Virgínia, viram um objeto brilhante que desapareceu deixando uma esteira de faíscas. Vinte

---

[105] Ojea, Emilio Alvarez. "Os astronautas e os OVNIs", in *Planeta Ufologia: os OVNIs chegaram-I*, São Paulo, setembro 1982, nº 120-A, p. 8.

minutos depois, nove pessoas de Fredericksburg, cidade a 480 km de distância, viram a mesma esteira de faíscas.[106]

Cientistas e militares de uma base científica argentina na Antártida, fotografaram um disco voador que interferiu no rádio e nos aparelhos de medição do campo magnético da Terra. *O Estado de S. Paulo* publicou a notícia, datada de 8 de julho de 1965: "...um comunicado oficial foi publicado pelo governo sobre os 'discos voadores'. É um documento da Marinha argentina, baseado nas declarações de um grande número de marinheiros britânicos, chilenos e argentinos, lotados na base naval da Antártida. O comunicado declara que o pessoal da base naval da ilha de Decepção, viu às 19h40min de 3 de julho, um objeto voador de forma lenticular, de aparência sólida e cores predominantemente vermelha e verde, e por alguns instantes, amarela. O aparelho voava em ziguezague na direção do ocidente, porém mudou de curso várias vezes, e também de velocidade, com uma inclinação de cerca de 45º acima do horizonte. O aparelho ficou também estacionário, durante uns 20 minutos numa altura de mais ou menos 5 m, sem emitir ruído. O comunicado afirma, além disso, que as condições meteorológicas reinantes quando foi observado o fenômeno, podem ser consideradas excelentes para essa região e época do ano. O céu estava claro e muitas estrelas eram visíveis. O porta-voz da Marinha argentina afirma também em seu comunicado que a ocorrência foi presenciada por cientistas das três bases navais e que os fatos descritos por essas pessoas estão em perfeita concordância. Fica entendido que as fotos tiradas por um fotógrafo em uma dessas bases, serão publicadas após terem sido analisadas por cientistas".

A média de casos desde 1958 registrava uma cifra de quinhentos e quatorze por ano. Em 1965, só durante o verão, atingira-se esse número. O Blue Book continuava funcionando na Base Área de Wright Patterson, em Ohio. A política de censuras e segredos ainda vigoravam e nada indicava que iria ser modificada nos próximos anos.

A edição de 15 de julho de 1965 do jornal *Evening Post*, de Charleston, criticou severamente a USAF pela manutenção do segredo. E no dia 31, os militares viram-se às voltas com uma onda de OVNIs em Oklahoma, Kansas, Nebraska, Texas e em outros cinco estados do Centro Oeste. Um boletim transmitido ao teletipo do QG da USAF abalou os censores. As bases de Tinker, em Oklahoma, e Carswell, no Texas, confirmaram publicamente a detecção pelo radar de uma formação de OVNIs.

O Pentágono tentou corrigir o erro e explicou à imprensa que se tratavam apenas do planeta Júpiter e das estrelas Betegeuse, Rigel, Aldebaran e Capella. Os astrônomos rechaçaram isso, pois nenhuma das estrelas mencionadas estava visível no céu dos EUA na época das aparições. A imprensa redobrou os ataques. O *News*, de Idaho: "A política oficial do governo é negar a existência daquilo que ele não pode explicar". O *News Leader*, de Richmond: "Os desmentidos servem apenas para aumentar a suspeita de que a USAF não quer que saibamos de algo importante".[107] Para acalmar a situação, a USAF comunicou ao vice-presidente Humphrey, ao senador Birch Bayh e a outros legisladores, que todos os casos de OVNIs haviam sido explicados.

Editoriais exigindo transparência saíram em jornais de muitos estados. Até um jornal do Canadá, o *Equity*, de Shawville, Quebec, escreveu: "Há uma crença acentuada de que os chefes militares sabem muito mais sobre os OVNIs do que alegam, mas estão guardando isso como um segredo bem oculto, a fim de não assustar o povo". No início de 1965, menos de 20% do público acreditava em OVNIs, de acordo com pesquisas de opinião feitas pela USAF. Esse número estava agora em mais de 33%. No período de 1 mês, milhões de incrédulos convenceram-se de que os OVNIs eram reais e de que a USAF omitia a verdade. Como assinalou Keyhoe, "Desde o tenso verão de 1952, os censores receavam a irrupção de uma crença generalizada. A cada onda

[106] Berlitz, Charles, op. cit., p. 245-246.
[107] Keyhoe, Donald E., op., cit., p. 118-119.

de aparições, aumentava o número de crentes. Mas nunca antes o perigo tinha sido tão grande como agora. Os censores temiam ser soterrados por uma avalanche de casos até àquela data ainda não reportados por testemunhas anônimas. Pelos cálculos da USAF, não mais do que 10% do total havia chegado ao conhecimento do público. Se continuasse essa tendência anti-USAF, uma quantidade cada vez maior de pessoas iria relatar aparições e esse fluxo de provas poderia comprometer os militares".[108]

Novembro de 1965 foi um mês pródigo em ocorrências. Às 12h30min do dia 3, policiais de Exeter, New Haven, abordaram duas mulheres em estado de choque dentro de um carro. A motorista contou que um gigantesco OVNI de intenso brilho vermelho as seguiu de perto ao longo de 20 km. Por volta de 1h45min, o jovem Norman Muscarello, de 18 anos, entrou nervoso, exausto e quase sem fôlego na Delegacia de Exeter. Acalmado pelo sargento Reginald Toland e pelo patrulheiro Bertrand, Muscarello contou-lhes que voltava para casa pela rodovia 150 quando, repentinamente, o ambiente à sua volta ficou vermelho, enquanto uma nave dotada de quatro ou cinco luzes da mesma cor erguia-se acima das árvores. As luzes piscavam em uma seqüência de ida e volta. Terrivelmente assustado, o jovem escondeu-se atrás de uma pedra vendo a coisa passar lentamente sobre sua cabeça sem emitir qualquer ruído, a uma altura de apenas 30 m. A seguir, pairou logo acima de uma casa vizinha, de propriedade de Clayde Russel, e desapareceu atrás das árvores. O sargento Toland encarregou o patrulheiro Bertrand de investigar o local. A princípio, ele e o jovem nada viram de extraordinário. No momento em que Bertrand iluminou a área com sua lanterna, porém, surgiu um grande objeto negro com uma fileira de luzes brilhantes de cor vermelha, acima das árvores. As luzes se apagaram e a grande massa rumou ameaçadoramente em direção aos dois homens. Bertrand apanhou sua pistola mas achou melhor não atirar. A luz vermelha era tão forte que temeram sofrer queimaduras ou perder a visão. O patrulheiro pediu reforço pelo rádio e o seu colega David Hunt ainda chegou a tempo de observar o OVNI por cerca de 6 minutos.[109]

O segundo surto irrompeu em 14 de março de 1966. Às 3h50min, os subdelegados B. Bushroe e J. Foster viram discos voadores manobrando velozmente sobre Dexter, a 20 km de Ann Arbor, Michigan. Três dias depois, novos relatos de acrobacias aéreas no local. Em 20 de março, luzes se deslocaram ao redor de uma zona pantanosa, perto de Dexter. Na noite seguinte, mais de cinqüenta pessoas, incluindo doze policiais, viram luzes idênticas perto de Ann Arbor, e a 100 km dali, oitenta e sete moças, estudantes do Hillsdale College, durante 4 horas acompanharam as evoluções de um objeto ovalado e cintilante que pairava sobre um pântano. Graças a imprensa, a população estava novamente excitada.

A fim de acalmá-la, a USAF enviou Hynek a Michigan. Segundo ele, "A emoção era tamanha que não tive condições de fazer qualquer investigação realmente séria". Na verdade, mal chegara a Michigan quando o QG da USAF ordenou-lhe categoricamente: "O senhor dará uma entrevista coletiva amanhã e explicará essas notícias!". Hynek não sabia o que dizer. Lembrou-se então do telefonema de um botânico da Universidade de Michigan, que o alertara sobre o fenômeno da combustão do gás dos pântanos. Assim, acabou declarando aos jornalistas que a causa do fenômeno poderia ser o gás dos pântanos, evanescente da matéria vegetal em decomposição. Antes do término da entrevista, os jornalistas correram aos telefones e a versão do gás do pântano se espalhou por todo o país. "Nunca uma explicação da USAF teve uma recepção tão violenta", lembrou Keyhoe. A manchete do jornal *Tribune*, de South Bend: "A USAF insulta o público com essa teoria de gás do pântano". O *News*, de Indianópolis, pediu a abertura de um inquérito parlamentar no Congresso. No *talk-show* de Johnny Carson, Albert

---

[108] *Ibid.*, p. 119-121.

[109] August, A. S. "Caso: Disco voador aterroriza pessoas e é constatado por policiais", in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial "O estranho mundo dos discos voadores", p. 101-103.

Hibbs, cientista do Instituto de Tecnologia da Califórnia, rejeitou a teoria. A *Time*, a *Newsweek* e a *Life*, abordaram o assunto, e redes de tevê traziam notícias diárias sobre OVNIs.[110]

No Capitólio, o líder da minoria e representante de Michigan, Gerald Ford, exigiu uma investigação completa. Para aliviar as pressões, a USAF consentiu em participar da primeira Comissão de Inquérito do Congresso sobre os OVNIs, realizada no dia 5 de abril de 1966 em sessão fechada do Comitê Legislativo das Forças Armadas, presidido por L. Mendel Rivers, deputado de Carolina do Sul. Para Keyhoe, a breve audiência do Comitê, que durou apenas 1 hora e 20 minutos, não passou de uma farsa. Rivers convocou apenas três indivíduos para depor: o secretário-geral da aeronáutica Harold Brown, o diretor do Blue Book, major Hector Quintanilla, e o consultor do Projeto, Josef Allen Hynek. Brown disse que "Não há prova de que os OVNIs sejam de outros planetas, nem tampouco que existam". Hynek atritou-se com a USAF ao contradizer os desmentidos oficiais. Segundo ele, conhecia pelo menos vinte casos totalmente inexplicáveis. Em 1948, ao ser contratado pelo Projeto Sign, o céptico Hynek pensava que a mania OVNI desapareceria bem depressa. Entretanto, o interesse subjacente pelos OVNIs, alimentada por uma sucessão ininterrupta de relatos, cresceu com o decorrer dos anos.

Uma pesquisa do Instituto Gallup feita logo em seguida, mostrou que quase metade do povo (46%) acreditava em OVNIs.

A USAF encarregou um comitê de consultoria científica *ad hoc* para avaliar o Blue Book. Em fevereiro de 1966, o Comitê O'Brien concluiu em seu parecer que os recursos humanos a disposição do Blue Book na ocasião — um oficial, um sargento e uma secretária — eram muito limitados, recomendando o recrutamento de cientistas ligados aos meios acadêmicos. A Universidade de Harvard, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, a Universidade de Carolina do Norte e a Universidade da Califórnia, em Berkeley, declinaram do convite da USAF de tomar parte no novo projeto. Hynek, da Universidade de Northwestern, para onde se transferira em 1961, e James McDonald,[111] físico atmosférico da Universidade do Arizona, reivindicavam a incumbência às suas instituições. As duas não foram aceitas porque ambos já haviam se posicionado publicamente sobre o assunto: Hynek era céptico e McDonald um crente convicto. Em julho, decidiu-se pela Universidade do Colorado e à figura de Edward U. Condon, um professor de física de 64 anos, membro do Joint Institute for Laboratory Astrophysics (Instituto Associado de Astrofísica Laboratorial).

Desde o início, a chamada Comissão Condon deparou-se com problemas, a maioria delas resultantes de divergências entre Condon, o diretor, e Robert Low, o administrador. Ela nunca funcionou como um corpo coerente, e acabou destruída por querelas internas. A figura central

[110] Keyhoe, Donald E., op. cit., p. 122-124.

[111] Às recomendações do Relatório Robertson, de janeiro de 1953, acrescentou-se uma outra (secreta) a pedido dos representantes da CIA que assistiram à seção final do grupo. Estes representantes foram H. Marshall Chadwell, Ralph L. Clark e Philip G. Strong. O militar de maior graduação da USAF que se encontrava presente era o brigadeiro Garland, chefe do ATIC, F. C. Durante e Josef Allen Hynek, "membros associados" da comissão. Esta recomendação, imposta pela CIA exigia um sistemático *debunking* (descrédito) aos "discos voadores". O objetivo deste descrédito consistia em "reduzir o interesse público pelos discos". A existência desta quarta cláusula foi descoberta por James E. McDonald, físico atmosférico da Universidade do Arizona em Tucson. McDonald aproveitou em 1968 o convite feito pelo secretário-geral da Aeronáutica, Harold Brown, a todos os cientistas que desejaram consultar os arquivos secretos do Blue Book, convencido de que nenhum deles aceitaria o convite. Mas, McDonald o fez, já que esperava encontrar entre aquele conjunto de observações de OVNIs algum fenômeno meteorológico mal conhecido, e assim foi como descobriu os resultados completos do grupo Robertson. A partir daquele dia, McDonald (que se suicidou em 13 de junho de 1974) converteu-se num ardil da causa extraterrestre e num personagem muito incômodo para a CIA, à que não deixou de atacar até a véspera da morte. Os motivos que a CIA teve para fazer esta recomendação às Força Aéreas, que estas cumpriram, fielmente, durante mais de 15 anos, até a dissolução do Blue Book, foram que, no caso de uma agressão de uma potência hostil contra os EUA, os meios de informação militar, a rede de radares do NORAD, etc., poderiam ficar bloqueados por observações de "discos voadores". Por isso, tinha que desacreditar os OVNIs, considerando o enorme potencial científico que sua existência poderia supor.

nesse desse dilema, segundo Keyhoe, era Richard M. Nixon, o candidato do Partido Republicano à presidência. Na época em que Nixon integrava o Comitê de Atividades Anti-Americanas da Câmara, Condon culpou-o diretamente por restringir o acesso dos cientistas aos assuntos de segurança. Poucos se lembravam disso em meados de 1968, mas Nixon certamente não esquecera. Se eleito, como de fato foi, na condição de comandante em chefe das forças armadas poderia reter o relatório Condon. Receando isso, logo após a indicação de Nixon, a USAF começou a pressionar a Universidade do Colorado para terminar o relatório.[112]

A Comissão Condon existiu entre outubro de 1966 e novembro de 1968. *A scientific study of unidentified flying objects* (*Um estudo científico dos OVNIs*) — mais conhecido como "Relatório Condon" — é o título do alentado trabalho entregue à USAF em 31 de outubro e publicado em forma de livro em 1969.[113] As suas mil quatrocentas e sessenta e cinco páginas de argumentações acadêmicas de autoria de trinta e seis cientistas, enriquecidas por mapas e fotografias, forneceu aos cépticos munição necessária para desautorizar o conjunto dos casos. Mas tantas eram as indefinições que os crentes e entusiastas não viram motivos para abandonar o proselitismo. Quase 30% dos casos analisados ficaram sem explicação. Sugeriu-se a possibilidade de pelo menos um OVNI genuíno (caso 2, p. 251). Se não se preocupassem tanto em provar que os OVNIs não eram extraterrestres e sim que existia um fenômeno (independente de sua origem) poderoso atuando, talvez o relatório final tivesse valido a pena.

No capítulo-sumário, Condon pugnou pelo fechamento do Blue Book. O destino do Projeto, o mais duradouro e frutífero de todos, foi decidido em março de 1969 numa reunião de alta cúpula no Pentágono. Condon, afinal, prestara-se perfeitamente aos objetivos oficiais.

O secretário da USAF, Robert Seamns, extinguiu o Blue Book em 17 de dezembro. O Departamento de Defesa distribuiu um comunicado à imprensa anunciando a desativação do Projeto e o afastamento do governo de assuntos relativos aos OVNIs. Paradoxalmente, no mesmo ano em que o homem conquistara a lua, a era dos OVNIs parecia ter chegado ao fim. Contudo, eles não leram o relatório Condon. Quando em outubro de 1973 irrompeu uma onda de aparições nos EUA, a mão fria de Condon foi retirada do fenômeno.[114]

Dos doze mil seiscentos e dezoito casos pesquisados pela USAF no período de 22 anos, onze mil novecentos e dezessete, ou 94,4%, não passariam de erros de interpretação ou fraudes envolvendo objetos materiais (balões, satélites, aviões, etc.), não materiais (fenômenos atmosféricos), astronômicos (estrelas, planetas, sol, lua, meteoros, etc.) e condições meteorológicas especiais. Somente setecentos e um, ou 5,6%, permaneceram sem explicação.

## 3. OVNIs Como Cobertura De Armas Secretas

Os discos voadores terrestres existem e começaram a voar em 1910. Pelo menos desde essa época, comprovadamente, o homem projeta e constrói engenhos em forma de disco. O mais antigo é o "Esfero-plano", um estranho avião redondo de madeira e lona, fabricado pelo russo A. G. Ufitmsev, apenas 4 anos depois do vôo pioneiro de Santos Dumont. Teoricamente, Ufitmsev não estava longe do correto. Para elevar sua máquina do solo, em 1911, precisou equipá-lo com um motor mais forte, de 60 hp.

O primeiro avião a jato construído nos EUA, o Shotting Star (Caça à Estrela), levantou vôo em 8 de janeiro de 1944, mas como ainda era um protótipo, não pôde ser usado na Segunda Guerra Mundial, vindo a desempenhar um importante papel no desenvolvimento dos caças norte-americanos, como o T-33 e o F-94. O Shooting Star era de estrutura inteiramente metálica,

[112] Keyhoe, Donald, op. cit., p. 248.
[113] Condon, Edward U. et alii. *A scientific study of unidentified flying objects*, Universidade do Colorado, 1969.
[114] Hynek, Josef Allen, op. cit., p. 123-132.

monoposto, monoreator, impelido por um turbojato Allison J-33-A-23, de 1.771 kg de tração que se convertiam em 2.360 kg na decolagem, alcançando uma velocidade máxima de 940 km/h quando, na época, os aviões-caça mal ultrapassavam os 600 km/h e por pouco tempo apenas. Não era a sua velocidade, destarte, que induzia um piloto, mesmo militar, a confundir o Shooting Star com um objeto misterioso, e sim o fato de voar sem hélice e com uma enorme boca aberta no focinho. Remontam àquela época os primeiros casos de OVNIs que depois foram inseridos no Project Sign, criado logo depois da morte de Mantell.

A forma discoidal foi retomada experimentalmente pelos alemães durante a Segunda Guerra, quando construíram e testaram um aparelho discóide equipado com um motor de 85 hp, destruído por um bombardeio aliado. Ao término da guerra, foram confiscados documentos sobre o projeto V-8, outro aparelho em forma de disco que se estabilizava em vôo pela rotação giroscópica do seu anel periférico.[115]

A utilização dos OVNIs como fachada para testes de armas secretas derivadas dos nazistas principiou em 1946 nos EUA e na URSS. Examinemos os acontecimentos que vão até 1952, ano em que sucedeu o primeiro grande *flap* (onda) de OVNIs do pós-guerra. A psicose do rearmamento soviético era alimentada nos EUA por uma campanha de imprensa dirigida pelo Pentágono e pelos serviços secretos. Os aviões civis e militares alcançavam velocidades que, para os primeiros, não excedia os 590 km/h e, para os segundos, 900 km/h. Extra-oficialmente, no entanto, voavam protótipos de aviões que alcançavam velocidades superiores às do som.

Desde 28 de fevereiro de 1946, rasgava os céus o revolucionário XP-84, depois F-84 Thunderjet, um monoreator monoposto, caça bombardeiros, de asa média retilínea, fuselagem de seção oval, empenagem em cruz, entradas de ar no focinho, reservatórios nas extremidades das asas, abertura alar de 11,41 m e 11,50 m de comprimento, com uma superfície de sustentação de 79 m e um motopropulsor Allison J-35-A-29 de 2.000 kg de tração. Em experiências de estol,[116] atingia velocidades iguais ou inferiores aos dos aviões civis. Acelerado, superava em poucos segundos os 1.000 km/h. Numa época em que só se conheciam aviões a hélice, quem quer que o visse passar pensava logo que se tratava de um objeto extraterrestre.

Precisamente quando, com a visão de Kenneth Arnold em 1947, começava a era moderna dos OVNIs, estavam em curso experiências com um protótipo do B-47, denominado Stratojet, um bombardeiro inteiramente metálico e prateado que mais tarde foi usado como espião aéreo. De formato circular, asas altas em flecha, fuselagem de seção, motores em gôndolas suspensas sob as asas, 35,40 m de abertura alar, 35,48 m de comprimento total e uma superfície de sustentação de 130,6 $m^2$, alcançava quase 1.050 km/h. Tratava-se de uma arma altamente sofisticada, preparada para a guerra eletrônica e, portanto, secretíssima. Lançava sondas recuperáveis em terra ou no ar, que desciam penduradas em pára-quedas de seda transparente (geralmente invisíveis em certas condições de luz) e transmitiam dados e fotografias ao avião-mãe. As sondas eram projetadas de modo a serem destruídas com um sinal do B-47 em casos de perda ou captura.

A Marinha norte-americana apresentou em junho do mesmo ano o XF-U-1 Flying Flapjack (Panqueca Voadora), um elegante disco azul para apenas um tripulante, acionado em vôo por dois motores convencionais. A estranha máquina foi submetida a um intenso programa de testes durante 6 meses, período em que se auferiu as vantagens, desvantagens e deficiências da forma discóide. No que tange ao XF-U-1, a turbulência causada pelas hélices fazia o disco oscilar e perder estabilidade nas acelerações, sendo doado ao Museu Smithsoniano de

---

[115] Pereira, Roberto. "O princípio dos discos voadores", in *Planeta*, São Paulo, dezembro 1973, nº 16, p. 33-37; IDEM, "Aprendizes de feiticeiro: os discos voadores terrestres", in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 42-47.

[116] A palavra "estol" designa o momento em que, por alguma mudança na posição do avião, ocorre uma diminuição de sua velocidade em relação ao ar, seu peso se torna maior que a força de sustentação das asas e ele despenca em parafuso.

Washington. Outros modelos mais avançados o sucederam, até o XF5-U-1, teoricamente capacitado a atingir 700 km/h. Os testes revelaram-se pouco conclusivos. Aparelhos mais eficientes sofriam dos mesmos problemas causados pela turbulência das hélices, inclusive o avião discóide soviético, construído na mesma época. Foi aí que os engenheiros passaram a buscar na turbina a jato uma alternativa capaz de eliminar as turbulências. Um protótipo revolucionário voou em 19 de outubro: o monolugar de caça e assalto F-86 IE/F-Sabre, cuja velocidade superava os 1.100 km/h, impelido por um turbojato General Eletric J-47-GE-13, de 2.360 kg de tração, tal como o F-86, protótipo que voou 5 anos depois, em 10 de março de 1952. Este avião entrou em operação em 1956, após uma década de experiências secretas.

Os protótipos avistados a olho nu ou no radar correspondiam perfeitamente aos objetos metálicos que voavam a velocidades incomensuráveis e atingiam quotas inacreditáveis. Os técnicos, enlouquecidos, não encontravam nenhuma correspondência nos seus manuais *top secret* que, pensava-se, continham descrições, fotografias, desenhos e características de tudo o que sobrevoava os céus nacionais. Há, pois, inúmeros motivos para duvidar das visões de OVNIs relatadas por pessoas não qualificadas, isto é, que não estavam habituadas a observar o céu, não conheciam aviões, sobretudo os mais modernos, não sabiam como evoluíam, como se pareciam durante o vôo ou se comportavam sob condições luminosas especiais, já que nem os técnicos tinham acesso a determinados projetos.

A USAF lançou um apelo dramático ao seu povo em abril de 1952: assinalar tudo aquilo que se via no céu. Imprevistamente e após tantos anos de negativas, os discos voadores voltavam à atualidade, precisamente no ano em que houve a grande vaga de OVNIs. Mergulhados na histeria macartista, os EUA debatiam a necessidade de continuar mantendo relações com a URSS na base da desconfiança recíproca. Já bastante consistentes eram as forças que propugnavam a futura linha de coexistência pacífica. A confrontação tornou-se mais grave em 1952, provocando fraturas insanáveis nos serviços secretos e no Pentágono. Nestes centros de poder prevalecia a linha dura, que adjudicava o rearmamento do país ante o crescimento da força militar da URSS. Foi em 1952 que o fenômeno OVNI se tornou extremamente útil aos fabricantes de armas e aos políticos partidários do confronto aberto. As relações entre os EUA e a URSS teriam de estar assentadas no emprego de forças militares estratégicas, sendo que o primeiro queria o rearmamento para o confronto, enquanto o segundo pretendia angariar forças capazes de dissuadir uma agressão. Os que se aproveitaram dessa falsa polêmica foram as indústrias norte-americanas e a burocracia estatal soviética que, com o rearmamento e o conseqüente incremento da venda de armas, recuperaram parte das despesas militares e prosseguiram nas pesquisas e construções de novos instrumentos bélicos.

O Messerchmitt-163, alcunhado de o "Cometa" do Terceiro Reich, foi um revolucionário caça nazista com motor de foguete e asas em seta, medindo menos 3,45 m que a abertura das asas, com 9,50 m. Construíram-se duas versões, cedidos ao Japão, que angariou a licença de fabricação, mas não tornou operacional o seu Mitsubishi J8M Shusui, modelo perfeito do "Cometa" nazista. Ao término da guerra, alguns protótipos que pareciam um dos tantos triângulos negros vistos entre 1947 e 1953, caíram nas mãos da URSS, dos EUA e da Inglaterra.

O serviço secreto de Reinhardt Gehlen, chefe da seção russa do serviço de informações militares nazistas — que depois se colocaria ao serviço da CIA — obteve uma fotografia do "Cometa" soviético, uma versão biposta do ME-164 T-S. Mesmo diante da fotografia, um leitor desavisado julgaria tratar-se de um OVNI.

Testavam-se também o F-104 Starfighter (Caçador de Estrelas). Seus sucessores, o T-33 e o T-1 Sea Star (Estrela do Mar), chegavam em 22 de março de 1948 a quase 1.000 km/h. As primeiras divisões de caças que assinalaram o F-104 apelidaram-no de o "foguete com um homem dentro", por ser um míssil redondo e adelgaçado. Os protótipos subseqüentes, como o XF-104-A, entraram em uso a partir de 4 de fevereiro de 1954, o ano do segundo grande *flap* de

OVNIs. O XF-104-A era um veículo relativamente simples, voltado à interceptação diurna. Posteriormente transformaram-no numa máquina polivalente de grande complexidade, cujas variantes são as versões G e S, ainda hoje pertencentes a algumas forças aéreas, entre elas a italiana.

Dezenas de protótipos engendrados pelos países da OTAN só se tornaram operacionais 7, 10 ou até 12 anos após o primeiro vôo, entre eles o B-12 Stratofrotress, o T-37A-37, o F-84F, o RF-84F, o F-102-A, o G-93TF-9Y, o G-98F-11, o A-3D, o B-66, o F-101, o F-86E, o F-86DKEL e o F-100 "Super-sabre", caça-bombardeiro monoreator monoposto, que surgiu em 25 de maio de 1953, entrou em uso em 17 de janeiro de 1955 e foi consignado à USAF em 7 de março de 1957. Avião de asa baixa com seta, em certas condições dava a impressão de ser quase um corpo único em delta ou em triângulo, com uma abertura alar de 14,32 m.

A USAF divulgou à imprensa em 1954, diferentes concepções artísticas de um disco voador ultra-secreto que estava sendo aperfeiçoado em parceria com a fábrica canadense Avro. A máquina era equipada com uma turbina para ascensão vertical, que mudava a direção do vôo expelindo o sopro do motor na direção desejada através de orifícios na periferia. A cortina de segredo foi descerrada em meados de 1957, quando liberaram o disco Avro ao público. Seguiram-se meses de testes razoavelmente satisfatórios, até serem oficialmente interrompidos. Em 24 de junho de 1960, os militares declararam que o disco se elevava a uns poucos pés de altura do solo, que sua velocidade máxima era de uns escassos 50 km/h, e que era de difícil controle. A USAF despendeu US$ 10 milhões no projeto antes de finalmente cancelá-lo.

O disco da Avro tem uma pungente conexão com os OVNIs. Na época em que pela primeira vez recebeu publicidade, os avistamentos em larga escala haviam completado uma década. O público aos poucos chegava à conclusão de que os OVNIs eram interplanetários. Encarregada de investigar os OVNIs, a USAF alegava que os avistamentos não passavam de fenômenos naturais, mistificações ou objetos manufaturados pelo homem. Não obstante, crescia a pressão da opinião pública. Em reação a uma audiência programada pelo Comitê de Serviços Militares da Câmara, a USAF liberou um dia antes uma fotografia do disco Avro atribuindo-lhe propriedades fantásticas, como a de atingir velocidades de 2.400 km/h. Ou seja, as pessoas vinham confundido o modelo com OVNIs. Intentava-se assim condicioná-las a acreditar que os futuros avistamentos seriam de aeronaves Avro. A tentativa de encobrir o fenômeno funcionou por algum tempo. Porém, o anúncio do cancelamento do projeto comprometeu a política de encobrimento. Ainda irresolvido, restava, pois, o mistérios dos OVNIs, que continuaria a servir como álibi para novas armas secretas em desenvolvimento.

O desenho de um disco tripulado parecido com o modelo Avro apareceu na URSS em 1960, não havendo, entretanto, provas de que tenha sido fabricada. Pressionados por necessidades mais imediatas, os soviéticos provavelmente concentraram seus esforços na construção de aviões a jato comuns. A idéia dos discos voadores não foi posta de lado, destarte. Ela reapareceu na forma de grandes discos fixados sobre a fuselagem de aviões de patrulha. Os discos abrigavam potentes antenas de radar, capazes de detectar aeronaves suspeitas a centenas de quilômetros de distância. Em outubro de 1979, cientistas russos garantiram que haviam fabricado sofisticados discos, ou veículos assemelhados. Já em 1922, apresentaram o desenho de um aeroplano discóide, projetado por um engenheiro que pretendia ir à lua. E em 1948, construíram a "Panqueca-Voadora".

Remontam a 1947 os primeiros estudos em torno de uma arma futurista, conhecida sob a sigla RPV (Remotely Piloted Vehicle, isto é, Veículo Remotamente Controlado), comumente confundida com OVNIs ou OSNIs (Objetos Submarinos Não Identificados). Telepilotados a distâncias consideráveis, esses mini, médio e *maxi-robots*, aéreos, marinhos, ou submarinos, são empregados em espionagem, interceptação e ataque. As perspectivas de aplicação dos RPVs são

vastíssimas. A sua arquitetura lembra as formas esféricas, alongadas, triangulares e discóides dos OVNIs.

Os RPVs começaram a ser testados na Segunda Guerra pela Aeronáutica e Marinha visando o desenvolvimento de veículos teleguiados, capazes de desempenharem missões de bombardeamento em áreas definidas. Algumas “fortalezas voadoras” foram modificadas (nessa altura, a miniaturização era um sonho, algo praticamente impossível no que se referia a objetos com alto poder estratégico), sem resultados satisfatórios. Os nazistas lograram alguns êxitos, cujas realizações (as bombas-foguete da série V)[117] vieram a constituir a base das pesquisas das armas RPV, quer para os EUA, quer para a URSS. O primeiro Drone (Zangão), apareceu em 1947. A partir daí, fizeram-se grandes progressos, sobretudo graças à eletrônica, à microminiaturização e à construção de motores com baixa relação peso/potência, pequenas dimensões e boa segurança. A evolução dos Drone fez dos RPVs uma arma de reconhecimento tático e estratégico, isto é, de espionagem, contra-espionagem e operações de interceptação e bombardeamento sem piloto. Os norte-americanos efetuaram reconhecimentos estratégicos em tempos de paz com os aeroplanos U-2. Mas depois que um deles protagonizou um incidente sujo em 1960, preparado simultaneamente pela CIA e KGB ─ a primeira operação psicológica conjunta ─, o seu campo de ação ficou reduzido, e muitas das tarefas substituídas por satélites artificiais.

A capacidade dos RPVs ficou pela primeira vez demonstrada em 1962 (ano de nova onda de OVNIs), durante a crise dos mísseis soviéticos em Cuba. Pequenos veículos automáticos dotados de sensores forneceram um quadro completo da situação. A partir de então, missões com RPVs cada vez mais sofisticados foram levadas a efeito na China, no sudeste da Ásia e no Oriente Médio. Os soviéticos, por seu lado, continuaram fazendo o mesmo até 1978, a fim de rastear os movimentos da OTAN e das forças armadas da Grécia e da Turquia, que ainda não tinham aderido a Aliança Atlântica. Essa foi a razão do registro de tantos OVNIs e OSNIs no mar Adriático. Nas guerras do Vietnã e do Oriente Médio, confiaram-se aos RPVs operações de guerra eletrônica. Os pequenos objetos voadores designados pela OTAN de Firebee (Abelhas de fogo), podem ser considerados como o elo de ligação entre os velhos Drone e os modernos RPVs, programados para atuarem em vários campos operacionais e amplas zonas de ação.

Os RPVs eram pilotados por um operador instalado numa torre de comando em terra, num avião ou num barco adaptados para esse fim, ou por um satélite artificial. As manobras eram programadas por antecedência, mas o operador dispunha de meios para controlar os RPVs e checar os parâmetros de vôo, intervindo em conformidade. Modelos mais sofisticados recebiam até imagens televisivas. Os RPVs eram muito mais econômicos do que os aviões comuns, além de serem capazes de fazer evoluções (em ângulos de 90 graus) que um homem normalmente não suportaria, decolar de bases secretas ou serem transportados por veículos-mãe, descer em terra suspensos por um pára-quedas e, quando necessário, recuperados por helicópteros ou por um avião C-119 que os repescavam em vôo, como se tratassem de cápsulas espaciais.

Diretor-adjunto da Agência noticiosa ANSA e autor de um livro clássico relacionando os OVNIs às armas secretas,[118] Marcello Coppetti divisou um desses objetos fazendo manobras de 90 graus, subindo e descendo, quase parando e partindo em velocidade supersônica. Parecia mesmo um OVNI, mas era um aperfeiçoado RPV, embora não fosse um dos últimos protótipos. Não terão sido poucos os peritos a confundir esses artefatos com objetos extraterrestres,

[117] O piloto Thomas Mantell provavelmente perseguiu um míssil V, a arma secreta nazista que os norte-americanos testavam naquela época a fim de aperfeiçoarem os seus mísseis continentais e intercontinentais. É possível que o V tenha atingido o Mustang de Mantell, desintegrando-o. Destarte, motivos desconhecidos impuseram silêncio sobre as verdadeiras causas do incidente. Como o V fora visto por muitos e confundido com um disco voador, nada melhor do que atribuir a culpa aos extraterrestres.

[118] Coppetti, Marcello. *OVNI: arma secreta*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d.

especialmente em zonas de manobras militares. Em 1972, os RPVs já tinham se desenvolvido muito desde 1947, sendo classificados em duas categorias: a primeira compreendia objetos voadores e submarinos destinados ao reconhecimento fotográfico e televisivo, à guerra eletrônica, à vigilância das emissões eletromagnéticas e à função de relê para telecomunicações militares ultra-secretas e codificadas; a segunda incluía um outro tipo de RPV, com forma de charuto, cujo comprimento oscilava entre os 7 e os 20 m. Nos seus flancos abriam-se três ou quatro escotilhas donde saíam, a uma ordem vinda de terra ou do cérebro eletrônico pré-programado, sondas para fotografar e registrar emissões de radar. As sondas atingiam locais situados a dezenas de quilômetros do RPV, a ele retornado após cumprida a missão. Certamente, milhares de observadores confundiram esses RPVs com um charuto voador, afirmando, de boa fé, terem visto dele sair e entrar OVNIs.

Portanto, não há como duvidar dos OVNIs como uma cobertura perfeita para armas secretas. Os EUA e a URSS valeram-se psicologicamente do fenômeno — criando-o ou encenando-o — por intermédio de seus serviços secretos. Uma foto do disco Saunders Roe, arma de guerra que tomou parte de uma série de manobras anfíbias em Portsmouth (no início correu velozmente sobre a superfície do rio como se fosse um esqui, depois levantou vôo), veio a público em 1959.

Os modelos da linha X foram os mais confundidos com OVNIs. Em 14 de outubro de 1947, o capitão Chuck Yeager quebrou a barreira do som a bordo de um X-1. Em 1956, o X-2 atingiu quase o triplo da velocidade do som. Já o X-4 não possuía cauda. O X-5, baseado nos jatos alemães Me-262, usava asas na forma de ângulos variados em relação a fuselagem. O primeiro vôo oficial do X-15 como protótipo se realizou em 17 de setembro de 1959, alcançando com dois motores de 3.730 kg de tração, uma velocidade de mach 3.5, isto é, quase 4 mil km/h. Híbrido, projetado para o estudo de altíssimas velocidades, voou a mais de 100 km de altitude a uma espantosa velocidade de até 7.500 km/h. Em 27 de julho de 1962, o X-15A atingiu 6.605 km/h, e em 5 de dezembro de 1963, mach 6.6 (7.200 km/h). Outra versão, precursora do ônibus espacial, alcançou mach 8 (9.600-10.000 km/h) e uma tangência superior aos 95 km. O X-15 foi ancestral de um ambicioso projeto, o X-30, um avião hipersônico para ligar continentes. O germano-americano X-31, liberado para uso em 1997, descendeu dessa linhagem que revolucionou a aeronáutica. O X-31 reinventou o modo de voar, usando suas asas de um jeito tão radical que faria todos os outros modelos entrarem em parafuso. Ele na verdade se aproveitou da situação desfavorável para adicionar maior manobralidade. É o chamado vôo pós-estol. O termo técnico que define os limites a serem quebrados é o ângulo de ataque (o ângulo entre a asa e o fluxo do ar). O ângulo-limite no vôo convencional é de 30 graus. O X-31 explorou a possibilidade de voar entre 30 e 70 graus de ângulo de ataque. A façanha só foi possível graças aos supercomputadores capazes de simular as complexas modificações no fluxo do ar nos pontos do avião. Quando este ficava de nariz empinado surgiam pressões muito baixas na parte de cima da asa, que causavam uma multiplicidade de redemoinhos que desequilibravam a aeronave. Para contrabalançar as forças que tendiam a causar a queda, o X-31 controlava outro fluxo, o do jato do motor. "Pás" no escapamento de gás serviam para direcionar o fluxo. O *software* que controlava essas "pás", além de outras superfícies móveis do avião — como os *canards*, uma das asinhas situadas na frente —, estava em constante aperfeiçoamento. Os vôos de teste do X-31 foram planejados para um incremento gradual da quebra do limite do estol. As manobras assustavam quem as visse. O nariz do avião podia até apontar numa direção, enquanto ele voava em outra. O avanço dos conhecimentos em aerodinâmica proporcionados pelo projeto X-31 teve um óbvio interesse militar.[119]

---

[119] Bonalume Neto, Ricardo. "O avião que reinventou o vôo", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9-7-1995, mais!/ciência, p. 16, c. 5.

Os E-104A, derivados do 15JF-104A e consignados à USAF em 1958, saíram de uso em 1960 por não apresentarem resultados compensadores. Vinte e quatro se converteram em alvos radiocomandados, os OF-103; três em aeroplanos experimentais com motor-foguete, os NF-104A. Este serviu para que os futuros astronautas simulassem em vôo o estado de imponderabilidade, ou seja, a sensação de ausência de gravidade. Atingindo uma quota de 6.100 m (18 mil pés), iniciava vôo intercalado até alcançar 1 G, ao que descia a uma quota de 5 km (1 G e ½) para voltar a 1 G, completando o vôo parabólico uma vez regressado a 6.100 m e batendo os 7 km (21 mil pés). Por 42 segundos, quem estivesse no avião encontrava-se em zero G, o estado de imponderabilidade. Em meio a essas evoluções, "o míssil com um homem dentro", que ninguém conhecia e que voava em velocidades supersônicas (superando mach 2.2, 2.370 km/h), transmitia a impressão, quer aos que o observavam da terra, quer aos pilotos em vôo (militares ou civis), de que estavam diante de um aparelho alienígena. Sob condições especiais de luz, o F-104 aparecia como se não possuísse asas. Durante as provas de pára-quedas de travamento, milhares de pessoas certamente pensaram ter visto uma esfera saindo de um charuto. Em função das provas de ensaio do protótipo F-104M, cidadãos residentes nas zonas de Englin, Edwards, Holloman, Wright Patterson, Palmdale, Forth Worth e Sacramento, reportaram o aparecimento de esferas, charutos, discos, triângulos, etc., até porque o protótipo efetuava manobras de "zoom em quota", perfazendo movimentos erráticos em posições irregulares.

Há, pois, uma estreita correlação entre os OVNIs e o início e consolidação da indústria bélica (primeira geração: 1946-1960) e espacial dos EUA e da URSS (1957-1978). Com efeito, o próprio termo OVNI é um acrônimo cunhado pela USAF em 1948 que comporta as palavras Objeto Voador Não Identificado. As duas superpotências logravam os primeiros progressos na tentativa de aperfeiçoar a tecnologia nazista para fins de transporte de cargas atômicas no espaço. Simultaneamente aos lançamentos do primeiro satélite artificial da Terra, o soviético Sputnik em 4 de outubro de 1957, e do primeiro satélite orbital norte-americano, o Explorer em 31 de janeiro de 1958, registraram-se um grande número de avistamentos de OVNIs. As principais ondas ocorrem nos anos de intensas atividades missilísticas e sobretudo espaciais.

Os satélites artificiais trouxeram novos desafios aos projetistas. Um estudo encomendado à indústria norte-americana em 1962, pesquisou as formas mais apropriadas para os engenhos destinados a voar no espaço cósmico: a esfera, o cone, o cilindro, o ovóide e o disco. Muitos engenhos assumiriam a forma de um disco, a exemplo das naves Pioneer 10 e 11, de 3 m de diâmetro, enviadas no início dos anos 70 para sondar os recônditos do sistema solar. Dotadas de baterias nucleares e de avançados instrumentos de medição, ultrapassaram a órbita de Plutão e mergulharam no espaço interestelar, levando a bordo placas metálicas banhadas a ouro com mensagens aos hipotéticos seres inteligentes que porventura as capturem vagando pelo espaço.

A política de descrédito aos OVNIs foi levada a efeito pela comissão de peritos dirigida pelo físico H. P. Robertson, do California Institute of Tecnology, da qual faziam parte funcionários do serviço informativo da aeronáutica militar e da CIA, agência que controlava e dirigia toda a Operação John Doe, conforme demonstrou Coppetti. A CIA impôs à Comissão Robertson a minimização da importância dos OVNIs. Um relatório de 1967 informa que foi constituída nos EUA uma comissão de "enorme importância" cuja tarefa consistia em "determinar, com a maior exatidão e de modo realista, a natureza dos problemas que os EUA teriam de resolver se fosse instaurado no mundo uma situação de paz estável e traçar um programa para enfrentar semelhante conjuntura". No programa, fala-se das prevenções ante uma ameaça extraterrestre.[120] Coppetti conjeturou acerca da identidade do autor do relatório, sobretudo porque o responsável pela sua publicação eximiu-se. Coppetti descobriu que ele fora produzido por um grupo de estudiosos remunerados pela CIA, e que o misterioso John Doe, pseudônimo por trás do qual o responsável pelo relatório escondia o estudioso que lhe entregara

[120] *Report from Iron Mountain on the possibility and desirability of peace*, Nova York, Dial Press, 1967.

os documentos devido a “uma crise de consciência”, não passava do nome em código de uma operação secreta da CIA. Doe havia servido, durante a Segunda Guerra, como nome de cobertura para uma operação organizada pelo Departamento de Estado em 1940 para manter a paz com o Japão.[121]

Com as decisões tomadas em Yalta pelos três grandes (Roosevelt, Churchill e Stálin) — De Gaulle não participou porque “não queria que a França se envolvesse numa iníqua e anti-histórica desaparição do mundo” —, entre elas a de usar a energia atômica como arma total, as superpotências, após um longo e tenso período de guerra fria, estabeleceram regras comuns de coexistência pacífica que culminariam em distensão, menos pelo humanitarismo do que pelo receio de se destruírem reciprocamente.

Os EUA e a URSS assinaram em 1971 um tratado para redução de armas nucleares, estabelecendo em seu artigo 3º que “As partes deste acordo encarregar-se-ão de notificar uma à outra imediatamente após a ocorrência, a detecção de objetos não identificados através dos avançados sistemas de alarme que possuem, de modo a prevenir a deflagração de uma guerra nuclear entre os dois países”. Assim, enquanto os militares lidavam com novas estratégias e táticas distensivas — que não significou o abandono da luta ideológica, mas a utilização dos serviços secretos para evitar a guerra atômica e ampliar o consenso, sincero ou forçado, à política de condomínio —, nos laboratórios dos grandes institutos de pesquisa — onde trabalhavam técnicos, economistas e sociólogos especializados na arte de fazer previsões de alcance prático bem definido — procuravam-se saídas para o futuro da humanidade. Deveriam apontar substitutos para a guerra, cuja extinção faria cessar o motor da economia mundial. Dois deles já estavam em curso: a guerra para a conquista do espaço e a guerra para o aproveitamento dos abismos marinhos, os quais punham em movimento a indústria pesada e, em última instância, a economia em geral.[122]

Sob a estratégia do “equilíbrio do terror”, o mundo andava no fio da navalha. A detecção de um OVNI numa central de radar, poderia ser interpretada como uma agressão e gerar represália. Na época em que só haviam mísseis de pequeno e médio alcance, as superpotências mantinham seu *status quo* inalterado. Porém, com a proliferação dos arsenais de mísseis intercontinentais, capazes de alcançar Washington e Moscou, a estratégia entrou em crise e foi reavaliada. Eis o verdadeiro sentido que se escondia por trás da corrida espacial — passar dos mísseis aos satélites. Era necessário mostrar aos países que agora possuíam mísseis intercontinentais (como a China e Israel), que os dois mandatários haviam desenvolvido tecnologias muito mais avançadas, as quais levariam anos para serem superadas.

A eletrônica ocupou um lugar proeminente nos anos 80, e sua crescente aplicação nos setores petrolíferos e automobilísticos, impeliu a substituição da mão-de-obra por máquinas e robôs, redimensionando os custos das empresas e refletindo seriamente na crise econômica do período. O primeiro setor a impulsionar essa tendência foi o bélico. Sabe-se hoje muito acerca de armas nucleares, de agentes químicos e biológicos, de mísseis e satélites. A opinião pública é constantemente alertada sobre o perigo que tais armas representam. No entanto, detalhes sobre a

[121] Coppetti, Marcello, op. cit., 118-127.

[122] Na série microfilmada para a Biblioteca do Congresso norte-americano dos arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros japonês e do Departamento de Estado, lemos no capítulo VII do relatório como o grupo de estudo organizado pela CIA encara os substitutos da guerra: “As funções da guerra que ilustramos são essenciais para a sobrevivência dos sistemas sociais que hoje conhecemos. Com duas exceções possíveis, são também essenciais a qualquer forma estável de organização social capaz de sobreviver num mundo sem guerra. Não tem sentido falar dos meios e dos modos para efetuar a transição para esse mundo: a) Se não se propuserem substitutos para essas funções; b) Se não puder considerar que a falta de uma dessas funções poderia comprometer irreparavelmente a possibilidade de existência das sociedades futuras”.

guerra, a espionagem e a contra-espionagem eletrônicas,[123] não foram minimamente divulgados, permanecendo sob uma capa de segredo absoluto, mesmo depois do fim da Guerra Fria. Não restam dúvidas de que podem determinar, em caso de conflito, a vitória ou a derrota. A tecnologia extrapolou limites que, há algumas décadas, demarcavam o terreno da ficção. Fotografias enviadas à Terra por satélites espiões, permitem a visualização de alvos restritos a um espaço de apenas 20 cm. Já em 1962, a eficiência foi comprovada quando da localização da base de mísseis soviéticos em Cuba através de imagens captadas a bordo de aviões U-2.

O engenheiro aeronáutico Paul Moller, professor da Universidade da Califórnia, construiu em 1975 um disco voador movido a gás natural que girava o jogo de hélices e voava a 165 km/h. Cogitava fabricá-lo em série e vender cada unidade a US$ 10 mil. Em dezembro do mesmo ano, revistas e jornais estamparam a fotografia de um disco voador projetado a pedido da RAF, medindo 9 m de diâmetro e que elevava-se feito um balão.

Para o engenheiro John West (proprietário da empresa John West Associated de Epsom Surrey), autor do Skyship — um protótipo em miniatura de um gigantesco dirigível circular que iria medir 213 m de diâmetro e transportar uma carga útil de 400 toneladas, que estava sendo testado em Cardington, perto de Londres —, seu invento desempenharia importante papel no transporte de alimentos e cargas a regiões de difícil acesso assoladas por inundações ou outras catástrofes. Além de economizar combustível, o Skyship seria absolutamente seguro, pois dez motores de turbo-hélice *Rolls Royce* o impulsionaria. Se um deles falhasse, poderia ser reparado em pleno vôo, enquanto os outros permaneceriam funcionando. E mesmo se todos falhassem, não haveria perigo, pois continuaria flutuando. Caso os balões fossem perfurados, o gás escaparia lentamente e o Skyship pousaria suavemente. O projeto do dirigível, que teria uma altura equivalente a um prédio de quatorze andares, aparentemente foi abandonado.

A revista *Bunte* publicava em sua edição de 1º de abril de 1982, uma reportagem anunciando que: “O disco voador não é mais uma visão do futuro. Ele existe de verdade. Chama-se Turboplan e foi desenvolvido pelo engenheiro Heinz Jordan, de Klagenfurt. Gastou 5 anos. O invento revolucionário austríaco irá dominar o espaço aéreo do futuro. Diz ele: “O Turboplan é superior a qualquer helicóptero. Com os discos voadores futuramente se poderá transportar tanto passageiros como cargas, mesmo a pontos tidos como inacessíveis”. Havia apenas um pequeno protótipo da invenção, que ainda se prestaria a supervisionar o tráfego. O modelo definitivo teria uma grande superfície em forma de anel, com uma abertura no meio, onde ficariam os mecanismos propulsores de ar e a cabine da tripulação.

A USAF apresentou em 1983 um avião mortal, alcunhado de Dornier, teleguiado, com asas em delta, envergadura de 2 m e uma pequena hélice traseira, que seria utilizado em missões de perseguição.

Na véspera do ano novo de 1982, milhares de pessoas inundaram Hudson Valley, em Nova York, principalmente os municípios de Westchester e Putnam. No verão de 1987, mais de cinco mil pessoas viram (alguns fotografaram e filmaram) um enorme OVNI triangular, cuja silhueta iluminada ficou conhecida como “Hudson Valley Boomerang”. Entre 1983 e 1984, motoristas do Taconic Parkway estacionaram seus carros no acostamento da estrada para admirar um gigantesco e silencioso objeto que se movia lentamente. Testemunhas perplexas chegaram a comparar suas dimensões com as de um porta-aviões e de uma “cidade voadora”. A despeito dos relatos — inclusive de pilotos, engenheiros e altos executivos — que insistiam em atribuir uma origem extraterrestre, o caso foi convenientemente “solucionado”. Apontaram-se os culpados pela confusão: um grupo de pilotos civis que, por anos a fio, em frontal violação aos

---

[123] A guerra eletrônica nasceu em 1939. Sabemos que se muitas bombas lançadas pelos aviões de ambas as partes não caíram sobre cidades e fábricas, mas em campos abertos ou no mar, isso deveu-se precisamente aos vários sistemas de “ordens eletrônicas” (ESM, Eletronic Support Measures) e “contra-ordens eletrônicas” (ECCM, Electronic Counter-Counter Measures).

regulamentos da FAA (Federal Aviation Administration), assustaram os residentes locais. Os "marcianos", voavam com seus Cessna em formações fechadas para que as pessoas tivessem a ilusão de estarem vendo um grande objeto iluminado em forma de bumerangue.[124]

O bombardeiro Stealth, projetado para parecer invisível aos radares, permaneceu décadas em segredo. Havia pelo menos dois deles sendo testados em Nellis, na Área 51 — o ciclópico complexo de pesquisas militares ultra-secretas e subterrâneas que cobre 1,2 milhão de hectares no deserto de Nevada, a noroeste de Las Vegas, local que ficou conhecido como "Dreamland" ("Terra dos sonhos"). A USAF nunca distribuiu fotos, apenas um desenho, enfatizando as formas arredondadas do avião, menos sensíveis ao radar do que os ângulos agudos da maioria dos jatos. Causou espanto quando, em 1984, a revista *Defense Systems Review*, em artigo assinado por Hans Peot, pesquisador da USAF, detalhou a aplicação das tecnologias desenvolvidas para o Stealth no B-1B, o novo bombardeiro supersônico recém-saído da linha de montagem. O nariz e as bordas das asas eram revestidos por uma fibra capaz de refletir as ondas do radar, e as tomadas de ar das turbinas embutidas nas asas.

As autoridades norte-americanas mentiram para proteger seus programas militares, que culminaram em 1993 na consecução do mais extraordinário avião já construído: propelido a metano liqüefeito, capaz de atingir os 8 mil km/h e uma altitude superior a 30 km. Invisível aos radares, chegava em qualquer ponto do planeta em menos de três horas e transmitia imagens televisivas ou de radar das áreas que sobrevoava. O filho pródigo da Guerra Fria, a quintessência dos desvairados sonhos da espionagem *high-tech*, custou US$ 1 bilhão. Os jornalistas o batizaram de Aurora, nome tirado de um orçamento sigiloso. A bem informada revista *Aviation Week and Space Technology*, desde o final dos anos 80 desconfiava da existência do aparelho, embora não possuísse de provas. O primeiro indício foi publicado na edição de maio de 1992. O fotógrafo Steven A. Douglas, um fanático por aviação, viu em 23 de março, na cidade de Amarillo, no Texas, algo que o estarreceu. Às 8h30min, ouviu um ruído inverossímil vindo do céu: "Era um estrondo estranho, forte e pulsante, um pouco como um ruído de foguete, mas com pulsações regulares, diferente de qualquer outra coisa. Fazia tremer a casa e os vidros." Olhando para cima ele viu um daqueles rastros brancos que acompanham os aviões em alta altitude. Aquele, no entanto, era cercado por anéis em espaços regulares, que ele traduziu pela expressão "donuts on a rope" ("rosquinhas numa corda"). Douglas vasculhou o espectro de rádio com a ajuda de seus receptores e escutou uma conversa em código na freqüência de 288 mhz, às vezes usada pelos satélites-espiões da USAF.

O Pentágono desmentiu veementemente todas as versões, mas os *spotters* (fanáticos por aviação militar), não pararam de encontrar novos indícios. A maioria das audições se concentravam na Califórnia, no deserto de Mojave, na base aérea de Edwards ou na de Groom Lake, Nevada. As visões se multiplicavam. Sempre imprecisos e parciais, os observadores evocavam um avião no formato de um XB-70, bombardeiro supersônico experimental abandonado nos anos 60. Tripulantes e passageiros de um Boeing 747 (vôo 934 da United Airlines) que ia de Los Angeles a Londres, avistaram um estranho objeto — não detectado pelos radares de bordo e da torre — passando sob o nariz do avião, que escapou por pouco de uma colisão. Em 6 de janeiro de 1991, em Burbank, sede das oficinas secretas da Lockheed, funcionários viram um C-5 Galaxy embarcar uma carga útil que parecia ser o Aurora. A revista britânica *Jane's Defense Weekly*, recolheu um importante testemunho. Chris Gibson, engenheiro de uma plataforma petrolífera do Mar do Norte, afirmou ter visto o Aurora escoltado por um Boeing abastecedor KC-135 e dois bombardeiros F-111, em agosto de 1989. Gibson, membro aposentado do Corpo Real de Observadores, desenhou com precisão o aparelho. O formato triangular, de ponta de flecha, correspondia às versões da McDonnell Douglas de aviões hipersônicos como o Nasp (National Aerospace Plane), que serviram para desviar a atenção do

[124] Berlitz, Charles. *O livro dos fenômenos estranhos*, São Paulo, Círculo do Livro, 1988, p. 294-295.

programa Aurora. Bill Sweetman, consultor da *Jane's* para assuntos de aeronáutica, analisou os dados fornecidos por Gibson, estimando o peso do Aurora, vazio, em 25 toneladas, e carregado, em 80 toneladas. A estrutura seria composta de uma liga de titânio. A tripulação teria apenas dois pilotos. A inovação ficava por conta do sistema de propulsão. Igualmente na pista do Aurora, os especialistas franceses da revista *Air et Cosmos* especulavam que ele era movido por estatoreatores ou propulsores pulsadores (*Pulse Detonated Engines* ou PDE). Tratar-se-ia de pulso-reatores de terceiro tipo, semelhantes ao sistema a válvula automática que equipava o míssil alemão V-1.

Orçamentos imprecisos, agrupando programas clandestinos sob a rubrica *black budgets* (orçamentos negros), esconderam despesas de bombardeiros como o F-117 e o B-2. A Lockheed enumerou em seus relatórios anuais, linhas de crédito não especificadas na ordem de US$ 400 milhões em 1992, e US$ 475 milhões em 1993. Com o aparecimento do Aurora, ficou esclarecido porque o avião-espião SR-71 Blackbird (Pássaro negro) saiu de linha em 1990. Esse aparelho, que já era excepcional, tinha um sucessor de desempenho ainda mais extraordinário. Com o Aurora, os EUA ampliaram enormemente sua vantagem na coleta aérea de informações militares. A Rússia, assim como os EUA, dispunha de satélites de reconhecimento óptico (no espectro visível de infravermelho) e de satélites-radares. Não obstante, os sistemas espaciais em órbita sofriam de uma séria desvantagem: demoravam várias semanas para que passassem pela segunda vez, verticalmente, sobre o ponto exato e sob as mesmas condições. O Aurora eliminou o tempo de espera: o Pentágono poderia enviá-lo a qualquer ponto do planeta. A uma ordem ou permissão de decolagem do presidente dos EUA, menos de três horas depois transmitia imagens da área sobrevoada. O Aurora surgiu como um dos mais formidáveis instrumentos de auxílio para a tomada de decisões político-militares, informando em tempo real.[125]

A quem serviu, afinal, tantos despistes e confusões? Por décadas, a indústria caseira dos OVNIs prosperou na suposição de que o governo norte-americano ocultava a presença de extraterrestres. A CIA veio a público no início de agosto de 1997 e admitiu que as autoridades do seu país mentiram deliberada e sistematicamente acerca dos OVNIs vistos nas décadas de 50 e 60, que não passavam, na maioria dos casos, de aviões espiões U-2 e SR-71 Blackbird. Para esconder dos russos a existência das aeronaves, espalharam falsos relatórios atribuindo-lhes origem extraterrestre, quando não os enquadravam na categoria de fenômenos naturais (ilusões de ótica provocadas por cristais de gelo, inversões de temperatura, etc.). Em janeiro de 1965, Albert M. Chop, diretor adjunto do serviço de relações públicas da NASA, antigo adido de imprensa da USAF e encarregado do assunto OVNI no Pentágono, chegou ao ponto de declarar enfaticamente à *True Magazine* estar há muito convencido de que os discos voadores eram engenhos interplanetários e que a Terra vinha sendo vigiada do espaço. "Embora justificáveis, os relatórios alimentaram as versões de que o governo estava escondendo evidências de seres e espaçonaves extraterrestres", concluiu o estudo publicado na revista *Studies of Intelligence*, veículo oficial da CIA.[126]

Um historiador ligado a essa agência, Gerald Haines, em artigo na mesma revista, confirmou que o governo inventou subterfúgios para aplacar os temores em relação aos OVNIs e ao mesmo tempo preservar o segredo em torno de seus aviões de espionagem. Na avaliação da CIA, inimigos estrangeiros poderiam promover uma guerra psicológica valendo-se de boatos sobre OVNIs com o objetivo de romper as defesas aéreas norte-americanas. Em meados dos anos 50, um grupo do governo recomendou que o Conselho de Segurança Nacional familiarizasse o povo com os OVNIs recorrendo aos meios de comunicação de massa, à publicidade, aos grupos de ação cívica e até aos estúdios Walt Disney. Recomendou também que organizações civis de

[125] Guisnel, Jean. "O OVNI terrestre", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3-1-1993, mais!/ciência, p. 12, c. 6.
[126] "CIA mentiu sobre OVNIs para esconder aviões-espiões", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5-8-1997, mundo, p. 14, c. 1.

pesquisas de OVNIs fossem vigiadas em suas atividades supostamente subversivas. A CIA, por sua vez, censurava a si mesma, expurgando qualquer referência nos relatórios que produzia. No auge da Guerra Fria, os casos aumentaram bastante, em parte porque a partir de 1955, a CIA e a fabricante de aviões Lockheed (através da Skunk Works, sua divisão secreta), começaram a testar os aviões U-2.[127]

“Para governar bem, o príncipe deve confundir e dividir seus súditos, mantendo-os na ignorância dos grandes problemas do Estado. E nunca, em hipótese alguma, admitir que exista um poder maior que o seu próprio”. Essa antiga lição de Maquiavel, cínica mas realista, foi sistematicamente aplicada em relação aos OVNIs. Crise manejada é um jargão utilizado nos meios governamentais para designar o cenário de uma situação artificialmente criada. As soluções são usualmente três: aumento dos gastos militares, incremento da segurança e perda de liberdades. Através de uma crise manejada, o governo conduz a sociedade por um caminho previamente escolhido, que não admite contestações.

---

[127] “OVNIs perseguem a CIA”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6-8-1997; *UFO-Informe*, Grupo de Pesquisas Ufológicas (GPU), Itapema (SC), agosto de 1997, nº 35, p. 3.

# II. HISTÓRIA DOS DISCOS VOADORES NO BRASIL

## 1. O Início: A Reportagem Dos Diários Associados

A história dos OVNIs no Brasil principiou em 7 de maio de 1952, durante o segundo governo de Getúlio Dornelles Vargas (1951-1954), 5 anos depois de Kenneth Arnold ter inaugurado a chamada "Era Moderna" dos discos voadores nos EUA. Até então, pouca gente tinha visto ou pelo menos admitido que tinha visto um no país. Foi preciso que dois repórteres da revista carioca *O Cruzeiro* fotografassem um corpo estranho em forma de disco, com uma espécie de pequena cúpula na parte central, para que o Brasil ingressasse definitivamente nessa era e passasse a ocupar o posto de segundo país do mundo em número de casos, perdendo apenas para os EUA. As fotos serviram como válvula de escape a todos os que ansiavam relatar fenômenos aéreos desconhecidos e não tinham coragem para tanto.

O disco voador de 1952 continua atual. Ainda suscita polêmicas e atrai seguidores. Converteu-se numa imagem clássica, mítica, atemporal. Um ícone, tão difundido quanto o rosto sorridente de Marilyn Monroe sacramentado por Andy Warhol. Nos países de língua inglesa, o disco é conhecido como *saucer*. Nos de língua francesa, como *soucoupe*. Em ambos, as palavras significam "pires". Não por acaso, as fotografias de *O Cruzeiro* mostram um objeto em forma de pires, dotado de saliência. Essa saliência era necessária porque para ressaltar que dentro dela "havia gente como nós", que dificilmente se acomodaria em uma coisa simplesmente achatada. Se as notícias iniciais tivessem mencionado losangos voadores, e se o nome dado fosse "losango" e não "pires", quase que certamente as fotos mostrariam um aparelho nesse formato. Mas o fato é que os OVNIs teimavam em aparecer como discos ou pires. Os jornais e revistas do mundo inteiro já vinham estampando imagens de "coisas estranhas" avistadas nos céus, porém nenhuma delas trazia a riqueza de detalhes e a nitidez das fotos de *O Cruzeiro*, só superadas pelas do contatado Adamski, em novembro do mesmo ano.[128]

Às 12 horas daquele 7 de maio, o fotógrafo Ed (abreviatura de Eduardo) Keffel e o repórter João Martins[129] chegaram à Barra da Tijuca. Aí já surgem as primeiras contradições. De acordo com o original da edição extra de *O Cruzeiro*, de 17 de maio, eles preparavam uma matéria sobre casais de namorados que se dirigiam ao ponto turístico conhecido como Ilha dos Amores. Decorridos 21 anos, na mesma revista, outro repórter, Júlio Bartolo, retornou ao assunto e escreveu que ambos lá estavam "com a intenção de sondar o local, diante da suspeita de que um homem muito parecido com Hitler estava aparecendo com freqüência naquela região, agindo como turistas, para evitar problemas".[130] Na versão do ufólogo francês Jimmy Guieu, os jornalistas foram à Barra da Tijuca com a idéia de entrevistar algum casal célebre ─ estrelas de cinema e outras notabilidades.[131] Não sabemos dizer qual delas é a correta e tampouco o porquê

---

[128] Adamski certamente foi influenciado pelas fotos, assim como quase todos os indivíduos que a partir daquele ano começaram a aparecer em público alegando que estavam mantendo contatos com extraterrestres benevolentes provenientes de planetas do nosso próprio sistema solar. As fotos tiradas das "naves" em que pretensamente teriam viajado, mostravam na maioria das vezes discos que não passavam de variações do modelo de *O Cruzeiro*.

[129] Engenheiro baiano, começou como fotógrafo de *O Cruzeiro* e logo se tornou repórter. Quando a revista fechou, foi trabalhar na *Manchete*. Inaugurou e impulsionou, junto com o fotógrafo Ed Keffel, a história dos OVNIs no Brasil. Faleceu em junho de 1998, aos 82 anos, em decorrência de problemas cardíacos.

[130] Bartolo, Júlio. "7 de maio de 1952, quatro e meia da tarde: o dia em que o disco apareceu", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 12-12-1973, p. 8.

[131] Traduzida de seu livro *Les soucoupes volantes viennent d'un autre monde* e que apareceu com o título de *Flying saucers from another world*, na edição inglesa. Londres, Hutchinson, s.d., p. 47-48.

dessa discrepância. Numa carta enviada ao ufólogo Carlos Alberto Reis, um pesquisador carioca informou que a reportagem de Bartolo cometeu um equívoco.[132]

Os repórteres atravessaram de barco o canal da Barra e chegaram ao "bar do Compadre", oásis de camarões bem preparados na então desértica Barra da Tijuca. Conversaram com Antônio Teixeira, o dono do bar, e ficaram despreocupadamente saboreando camarões até às 15h30min. Às 16 horas, o sol anunciava o fim da tarde, mas ainda estava forte no céu. Os repórteres foram até a areia da praia, sentaram e começaram a conversar, lembrando outros tempos, uma oportunidade de comemorar o reencontro. E assim ficaram sob o calor morno, apreciando o mar e o horizonte descoberto à frente, no começo do canal interior da Barra. Às 16h30min, olhando casualmente para o mar, tiveram a atenção despertada por um objeto que pensaram ser um avião. Todavia, o objeto movia-se para o lado a uma velocidade tremenda, do oceano para a terra, deixando os dois extasiados. Keffel apontou sua Rolleiflex para o lado do sol, de onde vinha o "avião". Cinco chapas foram batidas, as últimas do filme. A reportagem extra publicada na ocasião reporta que "Enquanto isso, o disco (porque o que estávamos vendo era indubitavelmente um objeto em forma circular), continuava o semicírculo sobre as matas da Tijuca, até sobrevoar a Pedra da Gávea. Nesse ponto, fez uma descaída, balançou-se à semelhança de uma folha que se desprende de uma árvore, ou como acontece às vezes com alguns aviões numa tomada de campo. Repentinamente, porém, ao chegar sobre o mar, lançou-se de novo para a frente, numa arrancada alucinante, não em posição horizontal, mas inclinado num ângulo de uns 45 graus sobre o seu próprio eixo, como um aeroplano deitado sobre uma de suas asas, e desapareceu como uma flecha, ou melhor, como uma bala, em direção ao oceano, além das ilhas Tijucas, que encobriram a nossa linha de visão para o horizonte. Tomou, portanto, o mesmo rumo de onde tinha vindo. Tudo isso durou no máximo um minuto, hiato em que não ouvimos o mais leve som. Aquilo parecia voar em absoluto silêncio, ou produzindo um som de freqüência superior à capacidade auditiva do homem. Não deixava o menor rastro de vapor ou de chamas. Não era luminoso. Por causa de sua cor cinzenta-azulada, confundia-se com o céu sem nuvens".

Alguém mais testemunhou o aparecimento do disco? Um trecho da reportagem referente ao momento em que o disco partiu, chama particularmente a atenção. A dupla sai procurando outras testemunhas. O pescador e o dono do bar nada viram. Dois casais que comiam camarões fechavam o pequeno círculo dos que poderiam ter presenciado o fenômeno. No texto, uma insinuação apenas: "...Dois casais que almoçavam sob o alpendre não eram nem tinham vontade de ser testemunhas". Aparentemente, portanto, ninguém mais viu o disco voador.

Avisados pelos repórteres, diretores e jornalistas ficaram na expectativa da chegada de Keffel e Martins com a "bomba". Assim que entraram na redação, debaixo de inúmeras recomendações, entregaram o filme ao laboratório fotográfico de plantão. Quando a porta da câmara escura foi aberta, inúmeras mãos disputaram o negativo. Lá estava, sem dúvida, o tal objeto. Em cinco posições diferentes, a mais nítida imagem de um disco voador jamais obtida.

No dia seguinte, a distribuição da revista com data de 17 de maio de 1952, já pronta, foi suspensa. Montada a matéria, escrita por Martins, ela entrou num suplemento extra, de oito páginas, que trazia a manchete: "Extra - Disco Voador na Barra da Tijuca. Reportagem de Ed Keffel e João Martins". Não houve tempo de mudar a capa — que estampava, curiosamente, uma foto da então jovem rainha inglesa Elisabeth sobre num cavalo.[133] Toda a Cadeia Associada — jornais, rádios e tevê — noticiava o feito dos repórteres. A redação da revista foi invadida. Juntos vieram o ministro da guerra, general Ciro do Espírito Santo Cardoso, e o chefe da Casa Militar da Presidência, general Caiado de Castro. O EMA enviou à redação os majores Artur Peralta e

---

[132] Reis, Carlos Alberto. "As fotos não resistem ao enfoque científico", in *Planeta Especial: Ufologia*, São Paulo, março 1984, nº 138-C, p. 13.

[133] Título da capa: "A moça que nasceu para ser rainha".

Fernando Hall, o capitão Múcio Scevola e o técnico em fotografias Raul Alfredo da Silva. Da Embaixada dos EUA, único país que naquela época possuía uma comissão oficial para estudo dos OVNIs, veio o coronel Jack Werley Hughes, adido da Aeronáutica, que declarou, mesmo sem um exame mais acurado do negativo e das cópias que lhes foram apresentados: "Fiquei impressionadíssimo. Os negativos são ótimos e não posso por em dúvida a sua autenticidade. Pela primeira vez no mundo se fotografou um disco voador com tanta nitidez, com tanta precisão e objetividade". Keffel e Martins repetiram até à exaustão a história das fotografias. O negativo foi guardado num cofre-forte para evitar extravio. A revista saiu pouco depois com a versão definitiva do acontecimento, esgotando os exemplares em poucas horas. O Distrito Federal discutia o assunto e o resto do país acompanhava a polêmica. O disco instava a uma tomada de partido: a favor ou contra?

Os principais veículos de informação do mundo abriram manchetes a um assunto que ainda era, num certo sentido, novo e palpitante, suscetível a tremendas polêmicas. Na Alemanha, o *Der Stern*, editado em Hamburgo: "Die ersten fotos". O *Paris Match*: "Un journal de Rio de Janeiro annonce premieres photos dune soucoupe volante". O *La Cronica,* de Lima, Peru: "Fantastico, pero real: el platillo volador". O *Zafer*, da Turquia: "Uçan daireler merih yildizindan mi geliyor?".

O fato que impulsionou o fenômeno é um exemplo notório de como as notícias, mesmo as verdadeiras e bem documentadas, se dilaceram, criam apêndices, se transformam, e acabam produzindo uma impressão muito diferente da realidade.

A versão de Cristian Vogt, representante da Association Mondialiste Interplanétaire, em Buenos Aires: "Em 7 de maio de 1952, dois repórteres fotográficos brasileiros, Martins e Keffel, se transladaram à Tijuca, pequena ilha próxima ao Rio de Janeiro conhecida como ilha dos Amores pelas facilidades que oferece aos amantes da solidão. O objetivo da viagem era fazer uma reportagem ilustrada. Quando já estavam para finalizar a tarefa, viram um magnífico disco voador sobre a ilha e tiraram cinco instantâneos, imediatamente reproduzidos pela imprensa carioca e mundial. Os negativos foram comprados por uma grande soma pela ATIC, numa operação levada a cabo pelo coronel Hughes".[134] Vogt tirou conclusões apressadas ao mencionar Hughes, o qual efetivamente examinou as fotos e os negativos, mas não os adquiriu.

O ufólogo M. K. Jessup estampa em seu livro uma foto do disco acompanhado de uma legenda que denota a visão estereotipada alimentada por alguns estrangeiros em relação ao país: "Este disco voador foi fotografado quando voava sobre a selva brasileira".[135] Não sobre núcleos urbanos, mas sobre a vasta "selva" tropical por dois intrépidos que se embrenharam nela.

Todavia, nenhuma das versões é tão absurda quanto a de Gerald Heard: "Do famoso porto do Rio de Janeiro também chegou um relatório de um disco que subitamente apareceu sobre o Atlântico em direção à baía, em plena luz do dia, e depois foi embora. Quatro fotografias de primeira ordem foram tiradas e publicadas pelo conhecido e ilustrado magazine *O Cruzeiro*. As fotografias foram postas a disposição, para exame, quando um perito fotógrafo descobriu que a sombra aparentemente projetada sobre o aba do disco pela calota central mostrava que o sol estava a uma elevação muito diferente daquela indicada pelas sombras de alguns arbustos que aparecem em baixo da fotografia. No entanto, o diretor do Observatório do Rio declarou que ele estava no terraço da instituição no dia em que as fotografias foram batidas e que ele mesmo vira o objeto em forma de disco entrar na baía, voar ao redor e seguir em direção ao mar".[136] Não se sabe de que fonte Heard tirou essa informação. Talvez as declarações à *O Cruzeiro* de Domingos Costa, astrônomo-chefe do Observatório Nacional, de que 1 ano antes do caso ele e sua filha

[134] Vogt, Cristian. *El misterio de los platos voladores*. Buenos Aires, Editorial La Mandrágora, p. 25-26.
[135] Jessup, M. K. *The case for the UFO*, New York, Bantam Books, 1955, p. 3.
[136] Em *Is another world watching?*, que na Inglaterra apareceu com o título de *The riddle of the flying saucers*. New York, Bantam Books, p. 46.

avistaram de Santa Tereza um disco azul acinzentado que se deslocava de leste para oeste sem qualquer ruído, tenha levado Heard a confundir as coisas. Segundo Costa, que já tinha presenciado três aparições de discos — luminosos, rápidos e capazes de descrever curvas em ângulos retos — que costumavam surgir ao anoitecer, "em 7 de maio de 1952, Marte estava em posição favorável".

Uma das raras publicações que insurgiram contra o disco voador que "marcara entrevista exclusiva" na Barra da Tijuca foi a revista mensal carioca *Ciência Popular*.[137] Na edição seguinte ao caso, Ary Maurell Lobo registrou que haviam sido procurados por inúmeros leitores, ainda sob a impressão dos noticiários de *O Cruzeiro* e do jornal vespertino *Diário da Noite*. Com ceticismo, assinalou que não era preciso acrescentar uma só palavra ao estudo que fizeram no nº 22, de maio de 1950, o qual concluía que não existia na Terra um aparelho com as características técnicas apontadas: "Salientamos as molecagens que têm sido feitas nos EUA e Europa com o lançamento de pequenos discos no espaço. Tudo quanto saiu publicado nos periódicos mencionados pode ser facilmente obtido por esse processo, ou mediante uma montagem especial, com sucessivas fotografias. Não queremos afirmar que a sensacional reportagem seja de tão criminosa natureza, mas não a aceitamos, ainda mais porque a parte do 'furo' do *Diário da Noite* que se refere à invenção de um sargento brasileiro foi por nós publicada há mais de anos, ocasião em que salientamos o nenhum valor dela!".[138]

*Ciência Popular* voltava à carga em novembro. Lobo aludia ao fato que nos EUA o mistério dos discos voadores estava sendo objeto de estudos rigorosos por parte da USAF, "o qual chegou mesmo a organizar uma seção especial para estudar o assunto". As primeiras conclusões em torno dos trabalhos realizados, a partir de 1947, indicava que de dois mil e quatrocentos casos estudados, nada menos de dois mil tinham origem natural: reações luminosas provenientes da alternância de camadas de ar quente e frio, trajetórias de bólidos, balões sondas e sobretudo ionização da alta atmosfera. Para simular este fenômeno, o perito militar Noel Scott utilizou uma campânula, obtendo protuberâncias alaranjadas, verdadeiros "discos voadores" a domicílio, perfeitamente explicáveis. Lobo aproveitou tais informações para lembrar que "os homens da ciência estão acostumados a tais coisas: fatos sem a menor ligação com os conhecimentos anteriores acabam finalmente encontrando a sua explicação. Com Franklin, há 180 anos, o raio era tão 'misterioso' quanto os 'discos voadores' antes de Scott esclarecer o fenômeno. Na tangente dos leigos, esses continuarão 'vendo' os 'discos voadores' freqüentemente, e os espertalhões até conseguirão 'fotografá-los' ".[139]

A edição de dezembro de 1954 de *Ciência Popular* trazia na capa um desenho de discos voadores atacando e destruindo uma vila, com pessoas tomadas pelo pânico, numa cena semelhante ao do filme *War of the worlds*. Na contracapa, um texto alertava para "...o propósito deliberado de criar o terror no grande público, de levar a gente simples do povo ao máximo da tensão nervosa, não só para alcançar determinados favores com prejuízo da coletividade cedente mas também para vender revistas e jornais que apenas circulam à custa da exploração de assuntos escandalosos ou fantasiosos. Haja vista o que está acontecendo com os discos voadores, a mais miserável chantagem dos últimos tempos". *Ciência Popular* afirmou que até então "todas as fotografias de discos voadores dadas a lume, sem exceção de uma só, todas, todas são absolutamente falsas, ou em outras palavras mais fortes: são torpemente falsificadas pelos escroques que estão tomando conta da imprensa em todo o mundo. Não tem faltado a esses vigaristas o apoio de altas autoridades civis e militares, altas nas posições de mando e na

---

[137] Fundado por Arnaldo Nabuco Maurell Lobo. O diretor geral era Ary Maurell Lobo, autor dos artigos contra os discos voadores.

[138] Lobo, Ary Maurell. "Os discos voadores", in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, junho de 1952, nº 45, p. 52.

[139] IDEM, "Desvendando o mistério dos 'discos voadores'!", in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, novembro de 1952, nº 50, p. 45.

ignorância enciclopédica. No estado atual das ciências e das técnicas, nem um aparelho terrestre pode possuir as características reveladas, nem tão cedo elas serão conseguidas. Em outros planetas deve realmente existir outras espécies de vidas, mas os fatos já conhecidos permitem por de lado a hipótese de máquinas interplanetárias. Restam os fenômenos luminosos, riscando o espaço, e as psicoses, confundindo o cérebro dos tolos e dos fracos".[140]

No mês seguinte, Lobo vinha disposto a encerrar de vez as discussões: "Os jejunos em ciência, sem mais nem menos, convenceram-se de que os marcianos andam em alvoroço com as explosões atômicas dos americanos e dos russos. Os coitados não sabem que esses rebentamentos não passam de traques de São João em confronto com as estrelas novas! Os imbecis e os tolos estão crentes, sem que jamais estudassem algo a respeito, de que existe em Marte uma civilização mais alta que na Terra. Ora, para azar deles, os homens de ciência admitem exatamente o contrário. Assim, serão mais fáceis as travessuras dos terreais em Marte do que as dos marcianos na Terra!" Duas fotos ilustravam o artigo, mostrando o físico norte-americano Scott ionizando a atmosfera e produzindo alguns dos efeitos assinalados pelas testemunhas. "O mais interessante é que as bolas luminosas do dr. Scott são detectadas pelo radar".

A posição céptica corajosamente assumida por Lobo ― numa época em que era muito mais fácil crer do que duvidar ―, apesar de parcial e intransigente, mostrou-se acertada com o decorrer do tempo. Criticou o sensacionalismo de jornais e revistas que exploravam o rico filão dos discos voadores em vez de se ocuparem com aparelhos realizáveis pela ciência moderna. Ao mesmo tempo em que condenou Keffel e Martins, Lobo aproveitou para ironizar a precariedade dos equipamentos das Forças Armadas brasileiras, produto "da pobreza nacional, sobretudo em matéria de vergonha": "Finalmente, os 'discos voadores' rumaram para o Brasil. Marcaram o primeiro encontro, na Barra da Tijuca, com dois ladinos repórteres de *O Cruzeiro*, magazine que precisa vender uma tiragem de 750.000 exemplares por semana. Depois, passaram a espionar as bases aéreas brasileiras, para avaliar com certeza o poderio bélico da Terra da Santa Cruz, que tem mais generais e almirantes e brigadeiros que soldados. Ora, só e só esta última façanha dos 'discos voadores' deveria ser suficiente para os desmoralizar completamente. Tais engenhos teriam de provir de um lugar habitado por seres de fenomenal inteligência, e tão somente gente muito burra ignora que nada há para espionar por aqui, já que o Brasil não passa, quanto ao potencial bélico, de um zero bem redondo, ou talvez mais exatamente de um *googol* (*sic*!) de zeros, resultado muito lógico da pobreza nacional, sobretudo em matéria de vergonha".[141]

Muitos leitores andavam procurando Lobo a fim de que opinasse sobre a conferência do coronel João Adil de Oliveira na Escola Técnica do Exército, no Rio de Janeiro, que contara com a presença dos dois repórteres de *O Cruzeiro*. Lobo não viu novidades no conteúdo exposto: "Eu o conhecia de jornais e revistas da Itália, da França e da América do Norte, daqueles que se aproveitam dos imbecis e psicopatas que pululam no grande público". O chefe do Serviço Secreto da Aeronáutica se limitou a resumir notícias e comentários de veículos como *Noir et Blanc*, *Paris Match*, *L'Europeo*, *Tempo*, *Point de Vue*, *Settimo Fiorno*, etc. Para por um ponto final "nesta chantagem, imbecilidade e psicose", Lobo bradou "da maneira mais peremptória possível" que os brasileiros estavam sendo vítimas de inominável zombaria. As falsas fotografias foram obtidas das seguinte maneira: enquanto um deles jogava o modelo de papelão pintado para o alto, o outro, de joelhos, ia rodando o filme. O coronel Adil, que não era tão inexperiente e ingênuo quanto a sua desastrada conferência o fez parecer, segundo Lobo, foi "vítima dos serviços de 'inteligência' que existem no Brasil, em sua maioria os mais incapazes deste

---

[140] IDEM, "Os discos voadores, ridícula psicose coletiva", in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, dezembro de 1954, nº 75.

[141] IDEM, "Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose", in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, janeiro de 1955.

mundo", porque não se dedicava aos estudos científicos. De qualquer maneira, Lobo não perdoou Adil por permitir que fosse usado na encenação de um inqualificável embuste: "Por que o coronel não ouviu o Gabinete de Pesquisas Periciais do Departamento Federal de Segurança Pública que não se deixou enganar pelos dois espertalhões? Assim ficaria sabendo que as fotografias ali estiveram para exame e foram devolvidas sem parecer".[142]

A investigação da Força Aérea Brasileira (FAB), condenada por Lobo, se iniciou em 10 de maio, 3 dias depois do fato. Os militares tomaram-no a sério e deslocaram especialistas e equipamentos ao local indicado. Uma equipe de técnicos construiu uma réplica exata do disco em madeira. Os oficiais à paisana foram vistos pelos pescadores atirando o modelo para o ar no exato momento em que o disco original apareceu. Procederam levantamentos e elaboraram diagramas detalhados indicando a posição do azimute,[143] a trajetória e a distância. Nos minuciosos relatórios, concluíram pela autenticidade do evento.

Os jornalistas estrangeiros que conversaram com os pescadores ouviram deles a versão de que o disco era um modelo arremessado para o ar. Apressadamente divulgaram que tudo fora uma brincadeira de jornalistas desocupados em uma tarde de folga. A USAF comunicou ao Serviço de Imprensa da embaixada que não considerava as fotos autênticas, pois as sombras no objeto não coincidiam com as das árvores. Keffel e Martins não reagiram de imediato aos ataques, o que pareceu uma admissão da fraude. Só depois, com a confusão já estabelecida, emitiram uma declaração conjunta de dez itens, que aqui resumimos: 1) Estavam na Barra a serviço para fazer uma reportagem sob a orientação do diretor de redação. O que aconteceu foi uma coincidência; 2) A máquina usada foi uma Rolleiflex,[144] lente Tessar, diafragma 3.5, distância focal de 7,5 cm. Não foi empregado nenhum filtro, nem pára-sol. A velocidade dos instantâneos foi de 1-500 (cinco centésimos de segundo). Diafragma entre 8 e 11. Filme preto e branco Kodak Super XX. Foco no infinito; 3) Não usaram teleobjetiva, "pois não tinham encontro marcado com o disco" (*sic*!); 4) A primeira fotografia, mesmo tomada contra o sol, ficou boa devido a qualidade da lente Rolleiflex e ainda a grande velocidade empregada e a pequena abertura do diafragma; 5) Os cinco instantâneos foram feitos por Keffel em um minuto. Fato em nada extraordinário, pois o próprio Keffel conseguiu provar que fazia até doze chapas em um minuto; 6) Foi difícil calcular o tamanho e a altura em que se encontrava o disco, uma dúvida que surgiu muito na época; 7) Este é o ponto mais discutido. Refere-se a foto número quatro, na qual aparece uma palmeira na paisagem, em que parece haver uma discordância de sombras entre o disco e o mato da elevação. Eles responderam com um desafio: que qualquer pessoa fotografasse a mesma paisagem, do mesmo local e na mesma hora, para que comprovassem que a discordância de sombras era uma simples ilusão de óptica; 8) Sobre a possibilidade de terem sido os negativos adulterados, refutaram com a prova de que não participaram da revelação do filme, sendo as fotos do disco as cinco últimas ao lado de outras sete impressas horas antes, inclusive dos dois comendo camarão no "bar do compadre"; 9) Teriam jogado um disco falso para o ar? Segundo eles seria um milagre obter, em cinco chapas consecutivas, cinco posições diferentes desse disco, em diversas e grandes distâncias; 10) O negativo permanecia no cofre-forte da revista, não tendo sido entregue a nenhuma potência estrangeira.

O segredo em torno dos testes da FAB só foi parcialmente quebrado durante uma conferência na Escola Superior de Guerra (ESG) em 3 de outubro de 1954, ocasião em que defendeu-se a legitimidade das fotos. O ufólogo Fernando Cleto Nunes Pereira resgatou a documentação no Ministério da Aeronáutica e fez com que seu conteúdo se tornasse conhecido

---

142 IDEM, in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, janeiro de 1955, nº 76, p. 2.
143 Ângulo formado pela vertical de um astro ou de um objeto com o meridiano do lugar.
144 A Rolleiflex usada por Keffel em 1952 ficou em poder de sua filha residente em Porto Alegre, e pelo menos até a década de 70 funcionava perfeitamente.

através da série *O enigma do espaço*, exibida pela extinta TV Continental em 1959, época em que o público já tinha se acostumado com o assunto. Olavo T. Fontes[145] enviou cópias da reportagem e das fotos para a Aerial Phenomena Research Organizations (APRO),[146] o que resultou na inclusão do caso no relatório Condon, que o classificou como "inconsistente".[147]

Diferentemente dos outros dois contatados (Adamski e Baraúna), Keffel, "o descobridor do disco no Brasil", não gostava de relembrar o passado. Em 1973, então com 70 anos e vivendo no centro nervoso de Copacabana, ainda se dedicava ao jornalismo como correspondente da revista alemã *Bunte Ilustrierte* e procurava manter-se atualizado na arte fotográfica. Keffel nasceu na cidade de Speyer, Alemanha, e emigrou para o Brasil em 1936. Trabalhou na *Revista do Globo*, em Porto Alegre, e em *O Cruzeiro* de 1948 a 1969. Mais de duas décadas depois das fotos, Keffel ainda era reconhecido por onde passava. Num jantar oferecido na Prefeitura de Blumenau, repetiu-se uma cena extremamente monótona. Um senhor aproximou-se com ar misterioso e falou: "Conte-me como é que foi aquele truque". Para não alongar a conversa, Keffel resolveu assentir. Haviam dois tipos de gente que o abordavam. Um era igual a esse senhor de Blumenau. O outro pedia que contasse as passagens daquele 7 de maio. Extasiava-se com os detalhes e exprimia: "Que coisa fabulosa".

Atendendo aos insistentes apelos da reportagem, Keffel tornava a pisar vez na areia daquela praia onde se sentara com Martins.[148] "Nós estávamos aqui, distraídos com o grande número de aviões comerciais que davam a volta para tomar a pista do Santos Dumont. Ficamos contando aviõezinhos. Eu usava óculos para ver ao longe e, quando fiz a primeira foto, me atrapalhei com o visor esportivo da Rolleiflex, que acabou emperrando. Continuei fotografando o disco por mais quatro vezes, vendo aquele minúsculo ponto pelo vidro despolido da máquina. Foi uma coisa impossível, nós dois muito nervosos e eu perseguindo aquele ponto que se movia". O quebrar das ondas chamou-lhe a atenção inicialmente: "Era muito bonito, pois vinham ondulando desde o quebra-mar. Focalizei a cena, armei a máquina com 500 de velocidade para as ondas não saírem tremidas, e regulei o diafragma entre 8 e 11, devido ao reflexo do sol no mar. Não bati a fotografia, mas, quando comecei as do disco, a máquina estava armada assim. Como era a primeira vez eu ia à Barra e queria mandar uma lembrança à minha mulher que morava em Porto Alegre, tirei uma foto junto com Martins, a peixada em primeiro plano. Depois das fotos dos disco corremos para descobrir alguma testemunha, sem no entanto encontrar nenhuma. Ligamos do Joá para a revista, pedindo que aguardasse a nossa chegada. No princípio, não deram muito crédito. Com as ampliações é que aquele ponto se transformou na forma conhecida do 'objeto'. Aí foi incontrolável. A redação foi invadida, parecia um formigueiro. Todos querendo ver o disco, discutir se era ou não verdadeiro. Alguns me perguntando como fizera o truque. Quase fiquei doido. Até hoje acho que o fato deveria ser divulgado com mais tranqüilidade".

Indagado se a reportagem do disco havia sido a melhor de sua vida, retrucou que, muito pelo contrário, havia sido a pior: "Na confusão, acusaram-me de tudo. Foi uma fama ingrata. A revista alemã *Quick*, na briga pelos direitos de publicação, saiu com a manchete: 'Brasileiros

---

[145] O gastroenterologista e ufólogo pioneiro, à época representante da APRO, escreveu um longo artigo publicado em número especial do boletim daquela organização, em outubro de 1961. Fontes, que havia tomado conhecimento do relatório por intermédio de Fernando Cleto Nunes Pereira em 11 de outubro de 1959, contou que os negativos estavam em poder do laboratório de reconhecimento da FAB. O tenente-brigadeiro Eduardo Gomes apresentou a um público seleto — no qual se incluía Pereira, então funcionário do Banco do Brasil — os resultados de sua pesquisa oficial.

[146] Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos, associação civil fundada em 1952 pelo casal Jim e Coral Lorenzen, no Estado do Arizona (EUA).

[147] *A scientific study of unidentified flying objects*, Universidade do Colorado, 1969, caso nº 48, p. 418.

[148] Apesar da corrida aos terrenos da Barra da Tijuca, muito valorizados na época, Keffel não fazia nenhuma questão de ter um no local.

jogam panquecas para o ar'. Quando uma revista estrangeira comprava as fotos, as concorrentes reproduziam a seqüência e malhavam a nossa reportagem". Keffel reafirmou que não houve trucagens: "Muita gente tentou jogar coisas para o ar na época. Acontecia que a paisagem ficava nítida e o disco fora de foco. Disseram que desenhei o disco num vidro. Meu Deus! Eu precisaria de um vidro tão grande que seria impossível transportá-lo sem ser visto. Fiz as fotos apenas, não participei de nada, nem entrei no laboratório na hora da revelação. Morava no Hotel Riviera, em Copacabana, e não possuía qualquer equipamento além da Rolleiflex. Nem aproveitei a onda, só fiz outros trabalhos relacionados aos discos voadores cumprindo ordens. E só agora volto a rememorar os fatos. Não guardo revistas, recortes de jornais, nada. Os bens materiais que possuo hoje já os possuía antes do disco. Não ganhei um tostão com isso". Fotografaria o disco novamente caso reaparecesse? "Viro as costas, fecho os olhos e saio correndo. Quem vai acreditar que o disco tenha surgido duas vezes para a mesma pessoa?".[149]

Durante o simpósio UFO/APRO na Universidade do Arizona, entre os dias 21 e 22 de novembro de 1971, a ufóloga Irene Granchi ficou horrorizada ao constatar que "a verdade ainda estava firmemente ancorada no fundo do poço". B. Roy Frieden argumentou que faltavam informações essenciais, o que a levou a retomar as pesquisas.[150] Por solicitação de Granchi e com a anuência de Keffel, Martins endereçou a ela uma carta depoimento datilografada, datada de 6 de dezembro do mesmo ano, confirmando a legitimidade do que fizeram e presenciaram. Comparecemos ao apartamento da ufóloga, na praia de Botafogo, em 21 de fevereiro de 1996,[151] ocasião em que esta nos forneceu uma fotocópia da carta de Martins, em que se ressalta que nem ele nem Keffel obtiveram vantagens financeiras: "Éramos contratados exclusivos da revista e a ela entregamos as fotos, sem nenhuma remuneração extra. Também nada recebemos — nem quisemos receber —, de quem quer que fosse, pelo relato, pelas fotos, ou pelas vezes que fomos praticamente obrigados a aparecer nas televisões. Proferi palestras gratuitas perante autoridades militares e auditórios de universidades. Não sei o que era aquilo, por isso enquadrei-o na categoria de 'objeto aéreo não identificado', vulgarmente chamado de 'disco voador'. O incidente — além de aborrecimentos — só teve a vantagem de chamar a minha atenção para o assunto, levando-me a pesquisar com a máxima frieza outros casos no Brasil e no exterior...". Quanto à posição do sol e das sombras na folhagem, "podem ser facilmente constatados. É só ir ao local, de fácil acesso, na hora e na época do ano correspondentes. O que aliás foi feito em 1952 por técnicos da FAB, conforme divulgaria Fernando Cleto através da imprensa". Críticas negativas de quem não conhece o assunto a não ser à distância ou através de terceiros, eram "devidas a intolerância ou desonestidade de propósitos. Quanto a mim, ignoro-as, pois sou um profissional que não baseia sua carreira naquela reportagem e não tenho tempo a perder com debates estéreis. Relatei o que vi e o que tinha a dizer já foi dito".[152]

Além da carta de Martins, Granchi recebeu em 1973 uma outra de um médico do Rio de Janeiro contando que ele e sua esposa, na época sua noiva, tinham estado na Barra da Tijuca "em 1951 ou 1952", próximo do local onde as fotos foram feitas. O segredo era só agora revelado — o médico leu no jornal *O Globo* uma matéria em que Granchi manifestava seu interesse pelos OVNIs — porque temia prejudicar sua carreira. Numa tarde clara e ensolarada, saiu de carro com

---

[149] Bartolo, Júlio. "Keffel, Baraúna e G. Adamski: Eles fotografaram discos voadores", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 19-12-1973, p. 24-33.

[150] Granchi, Irene. *UFOs e abduções no Brasil*, Rio de Janeiro, Novo Milênio, 1992, p. 38.

[151] Após tantos anos, Granchi lamentou que as fotos tivessem caído em descrédito, apesar de seus esforços. Fernando Cleto Nunes Pereira guardava em seu apartamento na rua Toneleros, em Copacabana, um farto material sobre o caso, parte do qual pudemos consultar. Pereira é um dos poucos que ainda desfrutavam da amizade de Martins, que residia num apartamento da rua Ayres Saldanha, também em Copacabana. Por telefone, Martins se negou a nos receber, alegando que estava farto do assunto.

[152] Na lateral esquerda da carta (Rio de Janeiro, 6-12-1971), Keffel escreveu, assinando embaixo: "Confirmo as declarações do sr. João".

sua noiva para um passeio na Barra. Por volta das 15 horas, se dirigiram ao bairro de Recreio dos Bandeirantes pela avenida que margeia o mar. Na altura do quilômetro 6, avistaram um objeto metálico que em princípio pensaram ser um avião. "Nessa época quase não se falava em disco voador e nós nem supusemos que pudesse tratar-se de um aparelho desse tipo". Com o carro parado, ficaram a observá-lo por uns 2 ou 3 minutos, até que de repente desapareceu atrás das montanhas no começo da Barra. "Qual não foi minha surpresa na semana seguinte ao ler em *O Cruzeiro* uma sensacional reportagem sobre o aparecimento de um disco voador naquele mesmo lugar, data e hora [...] Em tempo. Sou médico e não gostaria de nenhuma publicidade em que aparecesse o meu nome, sendo o assunto que lhe transmiti de ordem confidencial".

As missivas, por si sós, não bastaram para arrefecer as dúvidas. No II Congresso Internacional de ufologia em Brasília, em 1983, desatou-se o conflito entre os ufólogos. De um lado, defendendo a autenticidade, Irene Granchi, presidenta do Centro de Investigação sobre a Natureza de Extraterrestres (CISNE); do outro, desmontando o embuste, Carlos Alberto Reis, diretor, entre outras fundações, do Centro de Estudos Extraterrestres (Ceex).

A revista *Planeta* retomou a polêmica no ano seguinte. De posse da documentação original, Reis detectou falhas técnicas que se contrapunham à suposta veracidade das "famigeradas" fotos.[153] As análises computadorizadas do Ground Saucer Watch (GSW), em fins de 1981, referendaram Reis. Tão logo souberam dos resultados, os ufólogos apaniguados de Martins atacaram o grupo o grupo norte-americano como não sendo digna de confiança.[154] Os laudos do GSW atestaram que: "1) As sombras do OVNI e da paisagem de fundo são contrárias (referindo-se à quarta foto); 2) O ponto de fatoração (ou acentuação da imagem, nas palavras de Granchi) é muito contrastante; a montanha e a solitária árvore revelam distorções atmosféricas, indicando estarem a grande distância da câmara; entretanto, as bordas do objeto estão quase uniformes, indicando que a imagem está próxima da câmara; 3) Como temos dúvida se o fotógrafo tinha ou não acesso à técnica sofisticada de dupla exposição, a nossa opinião é a de que o mesmo se utilizou de uma simples montagem técnica. Por não possuirmos os negativos originais, não podemos afirmar isso, ainda mais por não termos medidas absolutas de densidade".

A acepção de Reis era a de que os dois jornalistas não tinham idéia da repercussão que o caso iria assumir, por isso não se preocuparam em corrigir as gafes técnicas. Às ponderações, acrescentou uma crítica à ufologia brasileira em geral: "A análise dos acontecimentos deve ser levada de maneira imparcial, isenta de simpatias e preferências pessoais. Mais do que nunca acredito que a seriedade de uma ciência só é construída a partir do grau de credibilidade e confiança que ela desperta. Lamentavelmente, o que observamos hoje é a ufologia brasileira permeada de um misticismo incontrolado, de uma intensa mistificação que não se harmoniza com seus legítimos princípios. No passado, os ufólogos sofriam o escárnio de uma sociedade alheia ao íntimo dos acontecimentos; a ironia e o descrédito campeavam e estampavam-se nas fisionomias dos incrédulos e opositores. Hoje, entretanto, somos nós que rimos daqueles que insistem em fazer dessa disciplina o trampolim para o disfarce de suas frustrações pessoais ou motivo de suas zombarias e menosprezo".[155]

Diante de algo tão inédito, fascinante e misterioso, os "crentes" da década de 50 sentiram a necessidade de convencer os que relutavam em aceitar que os discos voadores emergiam à nossa frente, embora estivessem muito distantes do mais pueril entendimento. Para tanto, faltava uma "imagem" primordial. Dois repórteres foram responsáveis diretos por isso — cumpre

[153] Reis, Carlos Alberto. "As fotos não resistem ao enfoque científico", in *Planeta Especial: Ufologia*, São Paulo, março de 1984, nº 138-C, p. 13-14.
[154] Granchi, Irene. "As testemunhas são confiáveis", in *Planeta Especial: Ufologia*, São Paulo, março de 1984, nº 138-C, p. 18-20.
[155] *Ibid*., p. 15-17.

lembrar que nos EUA os repórteres desempenharam um papel indireto, mas preponderante, ao divulgarem o relato de Arnold —, sem que previssem a dimensão histórica que o episódio tomaria. O veículo não poderia ser outro que a revista semanal de maior circulação na época, *O Cruzeiro,* cuja tiragem atingia setecentos e cinqüenta mil exemplares,[156] num país que contava com cerca de um terço da população do final do século.[157] As fotos congregaram os pioneiros de uma "ciência" embrionária, predestinada a enraizar-se no seio da sociedade. E como quase todos possuíam uma câmera, o volume de fotos não parou de crescer. A sofisticação dos equipamentos favoreceu as trucagens. Só umas poucas fotos se salvaram, e dentre elas certamente não estão às tiradas na Barra da Tijuca.[158]

Narrativas fantásticas foram feitas por Pedro Serrate e Francisco de Assis Teixeira, residentes na povoação de Pedras Negras, às margens do Rio Guaporé. Em 28 de novembro de 1953, ambos saíram para caçar patos, na Baía dos Patos, a 2 horas de caminhada da povoação. Lá chegando, postaram-se em diferentes pontos, como era hábito entre caçadores. Contou Francisco que, em certo momento, viu passar sobre sua cabeça um aparelho silencioso que posou na superfície da água, a uns 50 m do local em que se encontrava. Pedro, que se achava trepado em uma árvore, viu o aparelho a apenas 4 m de distância. Contou ele: "O aparelho não fez nenhum ruído. Na parte traseira havia um tubo de cada lado, curvados, de 2 polegadas de espessura, por onde saía água. Media uns 4 m de comprimento por uns 2,5 de largura e 2 de altura. O casco era do feitio de uma bacia, sendo de vidro ou material semelhante toda a circunferência do bojo, com mais ou menos 1 m de altura. A cobertura era boleada, apoiada sobre o vidro e sustentada por barras de metal existentes no interior, sem rebites na cobertura. Na parte traseira havia uma espécie de leme, sistema cauda de boto, com cerca de 1 m de largura. Todo o aparelho era de cor azul-escura. No interior havia seis pessoas, sentadas três de cada lado, sendo quatro homens e duas mulheres, todos aparentando não ter muito mais de 20 anos de idade. Eram de estatura mediana e tinham os cabelos ruivos. Eram brancos e de faces bastante rosadas. As mulheres usavam os cabelos à altura dos ombros, partidos de lado, parecendo européias. Todos estavam vestidos com roupas grossas, da mesma cor do aparelho. No interior deste havia dois volumes, um na parte dianteira e outro na parte traseira, estando ambos

---

[156] Em 1928, com grande publicidade preparatória, surgiu *O Cruzeiro*, fundado por Carlos Malheiros Dias e que passou, posteriormente, a integrar com *A Cigarra*, o império de comunicações Diários Associados, fundado em 1924 por Assis Chateaubriand — O "Cidadão Kane" brasileiro —, ganhando circulação nacional, no que foi pioneira. De acordo com Millôr Fernandes, *O Cruzeiro* foi a "revista de maior sucesso de todos os tempos no Brasil. Numa população de quarenta e cinco milhões de habitantes, chegou a vender setecentos e cinqüenta mil exemplares semanais e teve uma edição internacional, em língua espanhola, que circulava até no sul dos EUA". Na década de 1950, a empresa se transformou "no que equivale à TV Globo de hoje, faturando bilhões". Assim, o apoio desse órgão de comunicação era muito importante para os governos do período. O grupo Diários Associados chegou a reunir noventa empresas (incluindo nove emissoras de televisão e vinte e oito emissoras de rádio). Em 1980, o presidente João Baptista Figueiredo decretou a liqüidação de sete emissoras de televisão. Em 1997, ainda era o sexto maior grupo na área de comunicação e reunia seis emissoras de televisão, treze de rádio e doze jornais, entre eles o *Correio Braziliense*, o *Estado de Minas* e o *Diário de Pernambuco*. Na acepção de Nelson Werneck Sodré, "A imprensa industrial da fase capitalista é bem diversa da imprensa artesanal que a antecedeu; nela, a divisão do trabalho ampliou-se consideravelmente, e a divisão em classes tornou-se clara. Numa empresa jornalística, operam elementos de três camadas ou classe sociais; os trabalhadores intelectuais, que pertencem à classe média ou pequena burguesia; e os operários, que pertencem à classe operária, o proletariado. Esses elementos são, pois, diferentes, por origem de classe, e têm interesses contraditórios" (*A história da imprensa no Brasil*, São Paulo, Civilização Brasileira, 1966, p. 428).

[157] Pelos dados do senso de 1950, 51.944.397 habitantes. O Estado da Guanabara, então Distrito Federal, contava com pouco mais de dois milhões de habitantes (Fonte: Instituto Brasileiro de Estatística, Departamento de Censos).

[158] Millôr Fernandes, no programa *Cara a Cara* da Rede Bandeirantes, exibido em 18-10-1994, ao ser perguntado pela jornalista Marília Gabriela qual o maior "furo" de reportagem de que tinha conhecimento, respondeu ironicamente que era o "disco voador" da Barra da Tijuca, fotografado por Keffel. Segundo Fernandes — que ao ensejo trabalhava na redação de *O Cruzeiro* —, Keffel era "técnico fotográfico" e costumava atirar calotas de pneus para o ar. Com as fotos falsas do disco, obteve um "furo" sensacional de reportagem.

cobertos. Não sei o que eram. Tão logo os estranhos notaram que haviam sido vistos, levantaram vôo, não tendo dado nenhum sinal. A distância entre mim e o aparelho já era de menos de 3 m, quando houve o reconhecimento por parte dos tripulantes. Ao suspender vôo, o aparelho não fez nenhum barulho nem soltou fumaça, desaparecendo em em uma velocidade incrível". O correspondente do jornal *O Imparcial*, de Guarajá-Mirim, território de Guaporé, acrescentou que os dois caçadores passaram uma semana sem poder controlar os nervos, impressionados com o que tinham visto.[159]

## 2. A Repercussão: O Imediato Reconhecimento Oficial

As mensagens de rádio transmitidas pelo comandante Nagib Ayud na noite de 6 de agosto de 1954, puseram em pé de alerta os aeroportos de Porto Alegre, São Paulo e do Rio de Janeiro, conforme ele próprio contou a João Martins: "Tínhamos saído de Porto Alegre às 17 horas. O nosso destino era o Rio de Janeiro, em vôo direto. A bordo do PP-VBF, um DC-3, cargueiro, éramos três: eu, o capitão-piloto Ruthilio Pinheiro da Silva e o radiotelegrafista Rafael França Godinho. Pelo nosso plano de vôo, iríamos até Florianópolis a 2.100 m de altitude, de Florianópolis a Santos a 2.250 m e de Santos ao Rio a 2.100 m. A etapa de Florianópolis a Santos seria toda sobre o mar. E até aquela primeira cidade, a viagem decorreu normalmente, sob um tempo chuvoso. Daí para frente, o céu clareou. Passamos Florianópolis às 19h01min. E foi na altura da Ponta da Rampa que surgiu a primeira luminosidade, de cor avermelhada. Mas isso durou apenas uns 2 segundos e desapareceu. Pouco antes do través de Paranaguá, 200 km além, aconteceu a mesma coisa. Dessa vez o co-piloto também notou, mas como a luminosidade logo desapareceu ficamos tranqüilos, embora alertas, pois não podíamos imaginar o que era. Logo depois de Paranaguá, porém, a 'coisa' tornou a surgir. Agora, mais baixa do que o nosso avião, do lado do litoral, do qual estávamos a 90 km de distância. Era como uma bola luminosa, de tamanho aparente maior do que a da lua. Parecia aproximar-se e afastar-se, crescia e diminuía, às vezes ficava com uma luz mais forte, bem avermelhada, às vezes tornava-se mais fraca, cor de âmbar. Quando se locomovia mais rapidamente parecia ficar um pouco azulada. Depois de voarmos 10 minutos com aquela 'coisa' nos seguindo, enviamos a primeira mensagem à Varig, relatando o que estava acontecendo. Conservamos a rota e a altitude, apagamos todas as luzes do avião, eu cheguei mesmo a por a cabeça para fora da cabina, para ficar certo de que aquilo não era algum reflexo. O OVNI nos acompanhou até às 21 horas, quase 2 horas, portanto. A esse tempo estávamos à altura de Santos. Pedimos permissão para aterrar em São Paulo. Como era natural, queríamos abreviar a viagem, antes que algo de pior acontecesse. Embora durante todo o tempo a 'coisa' se conservasse à distância, não era nada tranqüilizador um vôo assim, com aquilo a nos seguir. Tomamos o rumo de Congonhas e transmitimos pelo rádio a última posição em que a avistamos. A essa hora, vinha do Rio para São Paulo um outro avião de carga da Varig, um Curtiss-Comand, comandando por Edu Michel. O comandante Edu desviou-se um pouca da sua rota e foi ver se avistava a 'coisa'. Avistou-a, pouco antes de Mogi das Cruzes. Fez a observação e seguiu para São Paulo. Também dois oficiais da FAB, que iam para São Paulo pilotando um caça N.A., avistaram o mesmo fenômeno".

Em São Paulo, Nagib escreveu um relatório e foi interrogado durante 3 horas pelo pessoal da Aeronáutica. Todas as hipóteses possíveis foram passadas em revista. O mesmo aconteceu com o comandante Edu. Nagib era um rapaz de 28 anos, calmo, afável. Foi controlador de vôo na FAB. Em 1950 tornou-se piloto, e em 1951 entrou na Varig. Era comandante há 8 meses. A sua história contou com o testemunho do co-piloto e do

[159] Martins, João. "Na esteira dos 'discos voadores', VII: Seres do espaço descem à Terra", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 13-11-1954, p. 81-82.

radiotelegrafista, e mais a comprovação feita pelo outro avião da mesma companhia, que vinha em sentido contrário, além da observação do avião militar.[160]

Decorridos 2 meses do suicídio de Vargas, em 24 de agosto de 1954, o Brasil era novamente abalado, desta vez com um pronunciamento público, o primeiro da história mundial em que um governo reconhecia oficialmente a existência dos OVNIs.[161]

O Comando da Base Aérea de Porto Alegre, V Zona Aérea, liberou em 26 de outubro um relatório acerca dos objetos avistados sobre a base de Gravataí e em vários pontos do Rio Grande do Sul: "No dia 24 de outubro corrente, no período entre às 13 e às 16 horas, foi observada a presença de corpos estranhos sobre a Base. Não foi possível calcular a altura dos mesmos nem a velocidade com que se deslocavam, embora seja razoável dizer que seu valor é muito acima do que qualquer outro de que a Base tenha conhecimento. Seu formato é de modo geral circular e sua cor prateada-fosca. Tendo em vista sua altura, seus movimentos intermitentes e volta aos locais de partida, não é possível confundi-los com corpos celestes conhecidos. No momento da observação não havia balões de sondagem meteorológica sobre Porto Alegre. O fato foi comprovado por vários oficiais-aviadores, sargentos, praças e civis. A Base já comunicou ao Estado Maior da Aeronáutica (EMA) e iniciou uma investigação a respeito. Solicita-se ao povo em geral que, caso seja observada ocorrência similar, seja trazida ao conhecimento deste Comando, por escrito, com descrição detalhada citando testemunhas, se as houver, hora, local, tipo de observação (olho nu ou por meio de instrumentos), nome por extenso do observador, residência e profissão".

O coronel Hardman, comandante da base, proibiu que seus subordinados prestassem declarações. O brigadeiro Gervásio Duncan, chefe do EMA, concedeu em 16 de outubro uma entrevista coletiva à imprensa em seu gabinete no Ministério da Aeronáutica, limitando-se a ler os cinco dos dezesseis relatórios enviados pela V Zona Aérea. Devido ao seu teor e grau de importância, transcrevemos os documentos na íntegra:

Major-aviador João Magalhães Mota: "Ontem, 24 de outubro, fui chamado pelo tenente-aviador Ernani Ferrari de Almeida para observar um objeto estranho que pairava acima da base. Realmente vi a olho nu um objeto redondo, prateado, cercado de um halo fosco, pairando a cerca de quarenta mil pés. Trinta minutos depois, na porta do prédio do Comando, avistei-o novamente. Em menos de 10 segundos, cobriu um arco de círculo de 60 graus no céu, andando e parando de modo repentino. Por volta das 16 horas, certifiquei-me com o binóculo de que não se tratava de um corpo celeste conhecido. Os seguintes oficiais testemunharam o fenômeno junto comigo: 1º tenente Paranhos, 1º tenente Ernani Ferraz de Almeida, 1º tenente Brito, capitão-aviador Carlos Guimarães, sem contar vários sargentos — entre eles o 3º sargento Paulo Gonçalves —, praças e civis. O objeto foi observado ao mesmo tempo e de diversos pontos da base por grupos que não se influenciaram psicologicamente. Conforme verificou o tenente Almeida junto ao pessoal da USAF, não havia nenhum balão de sondagem meteorológica na área. Não tenho dúvidas de que não existe nada parecido que esteja em fabricação no momento".

Capitão Pedro Richard Neto: "Comunico-vos, para os devidos fins, que quando manobrava meu automóvel na noite de 26 de outubro, por volta das 20h40min, nas proximidades do Rio Guaíba, em direção a Belém Velho, tive a atenção despertada para um ponto luminoso opaco, maior que uma estrela e menor que a lua cheia. Observei o fenômeno por cerca de 15 minutos, período em que certifiquei-me de que não se tratava de balão, avião, estrela, lua ou

[160] Martins, João e Keffel, Ed. "Na esteira dos 'discos voadores' I: Uma bola luminosa acompanhou o avião quase 2 horas, de Florianópolis a Santos", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 9-10-1954, p. 64-66.

[161] Divulgado em primeira mão por João Martins ("A palavra da Força Aérea Brasileira sobre os discos em Porto Alegre", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 27-11-1954, p. 16-17).

Vênus. O ponto luminoso diminuiu de tamanho até desaparecer, instante em que emitiu um clarão".

Capitão Antonio Pyrrho de Andrade: "Para fins de futuras investigações, levo ao vosso conhecimento que às 13h20min de 26 de outubro, observei um corpo acizentado de forma circular que se deslocava na vertical de oeste para leste à grande velocidade e altitude. No mesmo dia, por volta das 21h30min, quando transitava pela estrada de Canoas, deparei com curiosos que observavam o céu. Parei o carro e fiquei a observar uma bola alaranjada se deslocando para oeste com grande velocidade".

1º tenente-aviador Ernani Ferraz de Almeida: "Declaro que às 13 horas fui chamado por um sargento para observar um corpo estranho que mudava constantemente de forma e posição pairando sobre a base. A olho nu, calculei sua altitude em no mínimo 30 km. Dirigi-me à torre, onde fiquei a observá-lo com um binóculo. Na estação meteorológica da USAF, encontrei um sargento que também vira o objeto. Às 15 horas, no prédio do Comando, vi o objeto se deslocando no sentido oeste-leste. Percorreu o céu num ângulo de 60 graus em menos de 10 segundos. Às 16 horas, voltei a observá-lo de outro ponto. Notei então que havia mais um, que se deslocava a uma velocidade vertiginosa, enquanto o segundo permanecia parado. Às 16h30min ainda eram visíveis. Vários oficiais-aviadores, sargentos e civis assistiram ao 'show' ".

2º tenente-aviador José Alexandre Moreira Pena: "Levo ao vosso conhecimento a ocorrência por mim presenciada e que passo a expor. Na noite de 12 de outubro, decolei no T6 1473 desta unidade por volta das 20h30min a fim de realizar treinamento noturno. Dirigi-me para a Zona nº 2, que corresponde a uma área sobre as cidades de São Leopoldo, Novo Hamburgo e adjacências. A noite estava limpa e a lua cheia clareava o solo. Quando observava o firmamento, notei que um corpo luminoso fosco, de cor avermelhada, pairava na direção este.[162] Passei a fixá-lo atentamente, já convencido de que não se tratava de um astro ou reflexo luminoso. Não me foi possível aproximar em virtude da grande altitude em que se encontrava. Os tenentes Saliba e Dipp também viram o objeto".

O brigadeiro Duncan reconheceu que os testemunhos eram irrefutáveis e João Martins acusou a FAB de esconder outros onze relatórios militares. Duncan alegou simplesmente que deixara de os ler porque repetiam os cinco primeiros. Havia ainda rumores de que a FAB obtivera pelo menos duas fotografias dos tais objetos. De qualquer modo, asseverou Martins, "As autoridades militares têm o direito e o dever de serem cautelosas acerca do que consideram importante ou vital para a defesa ou segurança do país. Os chamados 'discos voadores' até agora não mostraram representar perigo ou ameaça, mas ninguém pode dizer que já desvendou completamente o mistério que os cerca, nem que os tem sob controle. É, portanto, compreensível que as altas patentes julguem melhor e mais prudente conservar em segredo os detalhes que acharem convenientes".[163] Martins visitou a base onde foi recebido pelo coronel Hardman e atestou que ele e seus subalternos encaravam seriamente o problema.

A Europa, principalmente a França e a Itália, andava desde setembro às voltas com uma onda que incluía casos de aterragem e desembarque de seres que, embora esquivos e fugidios, tentavam estabelecer contatos com humanos. Refletindo-se no Brasil, atingiu especialmente o Rio Grande do Sul. O primeiro objeto foi visto pelo comandante da guarnição do Corpo de Bombeiros de Pelotas, tenente Adil Quites, pela sua família e por soldados às 21h40min do dia 12 de outubro. Recapitulando, na mesma noite o tenente-aviador José Alexandre Moreira Pena e os tenentes Saliba e Dipp, que realizavam vôos de treinamento, viram um objeto luminoso

---

[162] Ponto da esfera celeste situado do lado do nascer dos astros, e que é a interseção do primeiro vertical com o horizonte real; ponto cardeal situado à direita do observador voltado para o norte.

[163] Martins, João. "No Rio Grande do Sul discos aterrissaram", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 4-12-1954, p. 8-14, 18.

avermelhado. Sobre a Base Aérea de Porto Alegre, aliás, não surgiu apenas um, mas dois objetos. Através dos binóculos discerniram melhor o seu formato, semelhante a um prato. Na parte superior havia uma cúpula arredondada encimada por uma esfera, e na inferior uma saliência curva com três esferas giratórias. Na noite do dia 24, na Praia de Torres, observadores reportaram o aparecimento de objetos luminosos em forma de "pratos"; no dia 25, um "disco" foi assinalado sobre Osório; no dia seguinte, os objetos surgiram como corpos circulares de cor acinzentada, e durante a noite como corpos luminosos.

Segue uma síntese cronológica da seqüência de 1954:

24-10: Dois OVNIs evolucionaram durante horas sobre a Base Aérea de Gravataí, motivando o primeiro comunicado oficial público da história;

30-10: Flávio Rebelo, junto de sua esposa e filhos, foram seguidos por quatro OVNIs enquanto viajavam pela estrada de Tapes (RS);

2-11: Murílio Braga Godói, de São Paulo, garantiu à FAB que esteve dentro de um disco voador, onde foi colocado diante de um mapa da América da Sul;

4-11: O caboclo José Alves, da cidade de Pontal, próxima a Catanduva (SP), viu alguns seres recolhendo capim, folhas e água, após o que entraram num disco que partiu velozmente na vertical;

7-11: Levy Pinto Madureira tirou duas fotos de um OVNI no Leblon (RJ);

11-11: OVNIs foram vistos em Bento Gonçalves (RS), na Paraíba por um aviador que sobrevoava aquele Estado e por militares em Fortaleza. O fato foi anotado pelo comandante Waldemyr Costa no diário de bordo do avião PP-ITH;

12-11: Novamente assinalados sobre Porto Alegre. Em Itapetininga (SP), o professor José Ozi viu um pousado, de dentro do qual saíram seres que o teriam hipnotizado;

13-11: José Rodrigues, chefe de uma estação ferroviária do Paraná, viu um pousar nos trilhos e desembarcar três tripulantes vestidos com roupas colantes e de cores berrantes que examinaram o leito da ferrovia. No trajeto de Uraí (PR) a Londrina, a professora Margarida Bastos avistou OVNIs. O piloto civil Severino Cordeiro sobrevoava Pernambuco num avião Bonanza PP-DNG quando teve de manobrar rapidamente para evitar o choque com um OVNI;

14-11: Jornais cariocas publicaram depoimentos — como o do compositor Pedro Melo — de testemunhas que viram um nesse dia;

15-11: Telmo Braga contou aos oficiais da Escola Técnica do Exército que um OVNI pairou sobre uma velha fortaleza em Cabo Frio (RJ);

16-11: Francisco Bretas Bhering assinalou um OVNI sobre Belo Horizonte;

19-11: Assinalado sobre São José dos Campos (SP). Giovani Ercoli comandava um avião da VASP, PP-SQD, quando sua tripulação e os passageiros avistaram um OVNI sobre o Aeroporto de Congonhas;

22-11: Os comandantes Paulo Luiz Ferreira e Armando Bráulio observaram de seu avião uma esquadrilha de quinze OVNIs cruzando o Vale do Paraíba (SP). O radiotelegrafista Arquimedes Fernandes viu vários deles se movimentando sobre a Base Aérea de Santa Maria (RS);

24-11: Um gaúcho enfrentou um OVNI que pousou num campo em Vacaria (RS). Ao tenta usar o revólver, foi repelido por uma força desconhecida que paralisou o seu braço;

26-11: Adolfo Neuman viu três OVNIs em Curitiba;

2-12: Padre Paulo Lima e outros viram um em Manaus; Henrique Vieira presenciou em Goiás o desembarque de seres que recolheram terra. A FAB examinou amostras de solo do local constatando que eram apropriadas para o fabrico de louça (material isolante);

6-12: Quinze OVNIs pairaram sobre Recife durante 5 minutos. Três sobre o Parque da Aeronáutica do Campo de Marte (SP) por mais de uma hora. Aviões militares foram colocados no seu encalço;

9-12: No município de Bela Vista (RS), Olmiro Costa viu seres de cabelos compridos e que respiravam nosso ar carregarem pés de milho e de feijão para o interior de um disco; ofereceu-lhes uma ovelha, recusada;

12-12: Ainda no Rio Grande do Sul, Pedro Moraes se aproximou de seres que arrancaram e levaram um pé de fumo;

13-12: Em Campinas (SP), discos voadores aparentemente avariados derramaram sobre algumas casas um material que, examinado, revelou a presença de estanho em elevado grau de pureza;

15-12: Os comerciantes de Curitiba cerraram as portas para assistir a um *show* aéreo de OVNIs;

18-12: A onda fez soar o "alarme" no Palácio do Catete e colocou o presidente Café Filho em prontidão. O general Juarez Távora encaminhou um relatório (anexo 18) ao comandante da guarda;

24-12: Repórteres do jornal *O Globo* fotografaram objetos que sobrevoaram o Rio de Janeiro por mais de 2 horas;

25-12: Incidente envolvendo um OVNI que se aproximou da cabeceira da pista registrada no livro de ocorrências da torre de controle do Aeroporto de Congonhas;

30-12: Às 18 horas, um objeto foi visto sair de dentro de uma nuvem solitária que pairava sobre o Aeroporto Santos Dumont.[164]

Por ordem da ESG, o coronel aviador João Adil de Oliveira,[165] chefe do Serviço de Informações do EMA, proferiu em novembro uma conferência na Escola Técnica do Exército. Na platéia, o alto escalão das Forças Armadas — inclusive o chefe do EMA, brigadeiro Duncan, e o tenente-brigadeiro Eduardo Gomes —, técnicos, cientistas e convidados credenciados. Oliveira patenteou a posição do governo brasileiro: "Sendo apaixonante como é, o problema dos discos voadores pode dar lugar a tudo o que se possa imaginar como atitude face a eles. Afirma-se, duvida-se, nega-se, havendo até aqueles que, comodamente, se recusam a tomar conhecimento.[...] É que o 'jogo' é realmente perigoso e o terreno escorregadio. Recomenda-se prudência, se quisermos dar um nome a ela, usando um eufemismo".[166]

Uma das missões da Marinha Brasileira durante o Ano Geofísico Internacional (1958) era a instalação de uma estação meteorológica na ilha da Trindade.[167] A estação estava incumbida de realizar radiossondagens diárias e auxiliar as pesquisas de cientistas do mundo inteiro. Dentre o material flutuante, posto a disposição da Diretoria de Hidrografia e Navegação, encontrava-se o navio-escola Almirante Saldanha, comandado pelo capitão-de-mar-e-guerra José de Saldanha da

---

[164] Fonte: Pereira, Fernando Cleto Nunes. *Que ciência constrói os discos voadores?*, Rio de Janeiro, Record, 1995, p. 29-31.

[165] Promovido mais tarde a brigadeiro, Oliveira ficou famoso ao presidir o inquérito do Galeão, no Rio de Janeiro, o qual procurou apurar as responsabilidades de um dos mais sensacionais crimes políticos do Brasil — que culminou no fim do governo e no conseqüente suicídio de Vargas —, o atentado da rua Toneleros contra o jornalista Carlos Lacerda, em que perdeu a vida o major Rubens Florentino Vaz.

[166] Reis, Carlos Alberto. "Alerta: os UFOs e a defesa áerea nacional", in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, CBPDV, novembro-dezembro 1985, nº 5, p. 18.

[167] A ilha, parte do território brasileiro, situa-se a 600 milhas a leste do Estado do Espírito Santo, na latitude de 20º 30' S e longitude de 20º 20' W. A ilha já tinha sido militarmente ocupada durante as guerras mundiais e por ocasião dos estudos realizados por João Alberto, em 1950.

Gama. [168] De 26 de agosto a 14 de setembro de 1957, o navio participou de sua primeira missão, levando a bordo uma turma de mergulhadores, fotógrafos e jornalistas.[169] Foi nas proximidades da ilha que o fotógrafo Almiro Baraúna flagrou um disco voador sobrevoando o Almirante Saldanha, quando este se achava fundeado em prosseguimento aos trabalhos do Ano Geofísico Internacional. As fotos ganharam destaque nos jornais de 21 de fevereiro e na edição de 8 de março de *O Cruzeiro*, que no ano anterior publicara uma série de artigos sobre os discos voadores da autoria de João Martins, o qual procurou Baraúna com o intuito de obtê-las. O fotógrafo, no entanto, alegou ter firmado compromisso de não ceder as chapas antes do aval dos técnicos da Armada. O próprio presidente da República, Juscelino Kubistchek de Oliveira, determinara pessoalmente que fossem oficialmente examinadas.

O Almirante Saldanha se preparava para regressar ao Rio de Janeiro em 16 de janeiro 1958, quando, às 12h15min, Baraúna escutou um grande vozerio vindo do convés, cheio de oficiais, marinheiros, civis, geólogos e repórteres do *Jornal do Brasil*. O mar andava agitado, o céu encoberto e a atmosfera clara. Inicialmente, um ponto brilhante surgiu no mar, contornou o morro Crista de Galo e sumiu atrás do Pico Desejado. Na pressa, Baraúna bateu três fotos com superexposição, pois a lente estava graduada para a velocidade 125 e diafragma 8. O disco ressurgiu em sentido inverso e se aproximou mais do navio. Devido a confusão reinante, Baraúna perdeu as quarta e quinta exposições. Lançando-se em direção ao mar, o disco fez uma parada súbita no ar, oferecendo a chance de uma sexta e última foto. Em menos de 10 segundos, afastou-se e desapareceu em definitivo. Respondendo às indagações de Martins, Baraúna disse que o disco, de cerca de 40 m de diâmetro, era cinza-escuro e apresentava, na frente, uma nuvem de vapor esverdeada ou fosforescente. A velocidade girava em torno dos 900 km/h. O radar de bordo acusou a presença do alvo na tela. O oficial do navio, o capitão-de-corveta Bacelar, acompanhou o processo de revelação do filme. Para Baraúna, o disco era telecomandado e tinha por missão espiar as atividades do navio. Um dos membros do Clube de Pesca Submarina o apoiou nessa opinião, sugerindo que o objeto fora enviado por alguma potência estrangeira.[170]

A Marinha, acusada de reter as fotos de Baraúna, negou que houvesse tomado conhecimento oficial, uma vez que a matéria não se enquadrava nas atribuições daquele Ministério. De fato, o Livro de Quartos do navio não registrou o fenômeno. Não se tratou, por certo, de negligência do oficial no posto, porquanto, alguns meses mais tarde, em 31 de maio, este fizera o seguinte registro, assinado pelo oficial-de-quarto, tenente Pedro Steenhagen Pinto: “No alvorecer, o encarregado de navegação, capitão-de-corveta Márcio Lyra e o suboficial Geraldo Augusto Mendes, avistaram, na posição latitude 21º 38’ S e longitude 34º 27’ W, um objeto aéreo não identificado que se deslocava a grande altitude, no rumo aparente de nordeste,

---

[168] Gama, Arthur Oscar Saldanha da. *Brasileiros no sinistro Triângulo das Bermudas*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1984, p. 181.

[169] Aceitou fazer a viagem o cientista Rodolf Barth, que escreveu um artigo intitulado *Observações biológicas e meteorológicas na ilha da Trindade*. Deste artigo extraímos uma série de dados pertinentes: “A ilha é de formação vulcânica; não pertence mais à plataforma continental; ergue-se como uma única coluna com uma profundidade de 4 a 5 km, na limitação ocidental da Bacia do Brasil que, por sua vez, representa extensa depressão do fundo do mar a leste da elevação central do Atlântico. Numa distância de 30 milhas, a leste da ilha, encontramos uma formação semelhante, que é o arquipélago de Martim Vaz (ponto mais oriental do território brasileiro), bem visível da ilha da Trindade nos dias claros. Em contradição aos mapas geográficos, a Trindade e este grupo não possuem uma base comum, pois, pelas sondagens provisórias, foi constatada uma profundidade de alguns mil m entre estas duas porções de terra. A ilha possui uma extensão, no sentido NW para SE, de 5 km e, no sentido de NE para SW, de 2,5 km. É circundada por uma plataforma (de até 200 m de profundidade) que termina numa distância de 2 a 3 milhas da costa. Grande parte do litoral, especialmente as enseadas e as menores reentrâncias, possui bancos de corais que protegem a orla do mar. A ilha é ornada por muitas elevações, cujos picos se erguem ao céu, sendo os maiores os da Trindade e do Desejado, que atingem 600 m”. (Anais historiográficos DHN, v. XVII, 1958).

[170] A suposição de Baraúna pareceu a Oscar Saldanha da Gama um tanto desprovida de senso. Perguntou ele que curiosidade teria essa gente em espionar as atividades de pesquisas executadas por inofensivo veleiro, em trabalhos abertos a todas as nações. (Gama, Arthur Oscar Saldanha da, op. cit., p. 183-184).

projetando no céu entre as estrelas Altair e Deneb. O objeto apresentava brilho e tamanho semelhantes as de uma estrela de primeira grandeza, embora parecesse pulsar".[171]

Aparentemente, o caso era em tudo ideal. As condições eram perfeitas para que se contasse — finalmente! — com fotos indiscutíveis de um OVNI. O disco fora visto pela maior parte dos membros da equipagem, exceto o capitão e o imediato, que no momento se encontravam sob a coberta. O autor das fotografias, um civil, tinha sido oficialmente enviado pela Marinha como adido da expedição científica. As imagens obtidas, enfim, pareciam verídicas. O caso, entretanto, se complicou de maneira inacreditável. Descobriu-se que Baraúna não era um fotógrafo qualquer, mas um especialista em trucagens fotográficas. No início de 1953 — época em que ainda era um fotógrafo amador — publicou um artigo humorístico na revista *Mundo Ilustrado* intitulado "Um disco voador esteve em minha casa", no qual instruía o leitor a juntar duas fichas de metal, amarrar a armação numa linha bem fina e fotografar o conjunto contra a paisagem. Criticava assim, em tom sarcástico, as fotos de Keffel, a sensação do momento. Mera coincidência? Outro problema era o estranho comportamento do governo brasileiro. Baraúna declarara que as fotos foram ampliadas ao máximo e estudadas por uma comissão de especialistas. As autoridades não desmentiram nem confirmaram. Os oficiais do Almirante Saldanha, que num primeiro momento afirmaram ter avistado o disco, se calaram e nada mais quiseram comentar. O próprio governo, tencionando por fim ao clamor que repercutia até no exterior, emitiu um comunicado ambíguo em que dizia não pretender obstaculizar a divulgação das fotos, embora advertisse que, no tocante à natureza do objeto, as análises não forneciam qualquer prova.

O que teria havido? Um fotógrafo sem escrúpulos ludibriara o governo brasileiro? Ou o fato era verídico e as autoridades impuseram a política de encobrimento às testemunhas, compostas em sua maioria por militares sujeitos à disciplina e à obediência? As fotos, sob um exame detido, geraram perplexidade. Em todas, as costas da ilha são vistas com clareza, mas a imagem do disco não apresenta contraste ou sombra. Ademais, considerando a alta velocidade com que se deslocava, deveria apresentar um ofuscamento lateral característico, inexistente. Uma fraude? O que levara então uma tripulação inteira a confirmar, de início, as alegações de Baraúna? E por que arquitetar uma fraude justamente num navio militar? Talvez tenha sido uma peça pregada pelo fotógrafo e ratificada pelos demais, que aceitaram ser cúmplices na brincadeira. Destarte, o caso tomou proporções inesperadas e Baraúna fora obrigado a continuar sustentando sua versão.

O único que poderia, com toda certeza, fornecer a resposta, seria o governo brasileiro, que infelizmente nunca esteve disposto a isso. Remetemos uma série de cartas ao Ministério da Marinha indagando sobre o envolvimento no episódio, sem que nos fosse fornecido qualquer parecer. O capitão-de-fragata Francisco Luiz Gallo, diretor-interino do Serviço de Relações Públicas da Marinha, sediado na Esplanada dos Ministérios em Brasília-DF, preferiu transferir a responsabilidade ao Ministério da Aeronáutica, em carta datada de 8 de janeiro de 1991: "Em atenção à sua carta datada de 11 de novembro de 1990, dirigida à Comissão Naval em São Paulo e, posteriormente, encaminhada a este Serviço, solicito a v.s[a] entrar em contato com o Ministério da Aeronáutica, órgão do governo que trata do assunto relacionado com o seu pleito".[172]

O capitão-de-mar-e-guerra Eurico Wellington Ramos Liberatti, do Serviço de Relações Públicas da Marinha, em carta datada de 5 de outubro de 1995, declarou: "Acuso o recebimento de sua carta datada de 30 de setembro do corrente ano, no qual v. sa. pergunta quais as incumbências da Marinha relacionadas com o fenômeno dos Objetos Voadores Não Identificados. Participo que a Marinha do Brasil não possui nenhum setor com qualquer

[171] Gama, Arthur Oscar Saldanha da, op. cit., p. 184.
[172] JJ/FL/30, F.0009/91.

atribuição referente ao assunto e, portanto, não poderá prestar qualquer contribuição ao seu esforço de pesquisa".[173]

O repórter Júlio Bartolo, de *O Cruzeiro*, retomou o caso em 1973, notando que, ao contrário de Keffel, Baraúna, então com 57 anos, não sofria do "complexo do disco", muito pelo contrário, pois até colecionava recortes que falavam de seu feito. Ele mesmo admitia que "O disco me causou aborrecimentos mas também me projetou muito. Pensando nos prós e contras, acho que foi mais positivo do que negativo." Morava onde sempre gostou de morar, na praia de Icaraí, em Niterói. O assunto que o fizera famoso ainda o interessava, por isso atuava como diretor da SBEDV, presidida por Walter Bühler, e mantinha correspondência com grupos e indivíduos ligados ao fenômeno. Regredindo no tempo, voltou àquele dia de janeiro de 1958: "Estava na ilha a convite da Marinha, como integrante da equipe de pesca submarina do clube de Icaraí. Passamos os dias 15 e 16 na ilha. No último, lá pelas 10 horas, embarcamos no Almirante Saldanha, que na época era veleiro, e fiquei assistindo do convés ao transbordo do equipamento e da tripulação. Estava muito enjoado, pois esquecera de tomar a pílula preventiva, e o jeito era sofrer. Deitei para descansar com a Rolleiflex ao lado, meu hábito antigo de sempre andar com máquina fotográfica. Daí a pouco, outro fotógrafo que acompanhava a expedição me chamou para ver o embarque da tripulação. O mar andava agitado e a cena renderia um bom flagrante. Ajustei a câmera em 125 de velocidade e 8 de diafragma. É bom guardar esse detalhe da velocidade e do diafragma para compreender o que aconteceu na hora em que bati as chapas do disco. Mas o enjôo me obrigou a dar dois passos para trás. Nesse momento, ouvi uma gritaria procedente do convés. Olhei na direção em que apontavam e divisei, claramente, uma luz distante, meio esverdeada, que piscava sem parar. Instintivamente, sem tempo de regular a máquina, comecei a fotografar, enquanto era empurrado pelos demais, que se atropelavam na ânsia de conseguir os melhores postos de observação".

A "sorte" de ter contado com quarenta e oito testemunhas, entre tripulantes, oficiais da Marinha e cientistas da expedição, foi um dos fatores que livraram Baraúna do "complexo de disco". A revelação do filme, feita em condições precaríssimas num dos banheiros do veleiro, também foi acompanhada por oficiais. Em conseqüência, a Marinha proibiu a divulgação das fotos até que maiores investigações fossem realizadas. Algumas cópias vazaram e explodiram em manchetes gritantes de jornais em 21 de fevereiro. "Aí caíram em cima de mim. Eu me defendendo com as testemunhas, esperando que a Marinha se posicionasse, o que só ocorreu em 16 de abril. O *Jornal do Brasil* chegou até a desenterrar aquele artigo que escrevera para o *Mundo Ilustrado*, fazendo-a acompanhar do seguinte título: 'Mestre Baraúna já fotografou muitos discos' ". Trechos do relatório do Departamento de Inteligência do Comando de Operações Navais isentam Baraúna de fraude: "O alarma do OVNI foi dado por membros da tripulação na proa do navio [...] todos reconheceram que o objeto que aparecia nas fotos era idêntico ao que haviam visto no ar [...] Um técnico do Departamento de Hidrografia da Armada afirmou que os negativos são autênticos".

Funcionário público do Estado do Rio, ganhador de inúmeros concursos fotográficos e dono de um estúdio particular, Baraúna ficou famoso graças as fotos na ilha da Trindade. "Mas é preciso deixar claro que não enriqueci com o disco. O único dinheiro que recebi foram os 60 contos pagos por *O Cruzeiro* quando vendi o negativo. Só isso. Mesmo às pessoas que me procuram tenho cedido cópias gratuitamente". Perguntado se fotografaria um disco voador novamente, respondeu: "Mas é claro. Ele só me trouxe alegrias".[174]

---

[173] LC/RK/33/T, F. 0541/95.

[174] Bartolo, Júlio. "Keffel, Baraúna e G. Adamski: eles fotografaram discos voadores", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 19-12-1973, p. 29-30.

## 2.1. Contatos Sexuais

Qual a relação entre a sexualidade e o fenômeno OVNI, ou mais propriamente, os contatos? Haveria uma área de interseção entre estes três campos semânticos, o religioso, o ufológico e o sexual? Jung chamou a atenção para os relatos de sonhos de seus pacientes, nos quais comumente aparecia a costumeira forma lenticular ou de charuto, que aludia à dos primeiros dirigíveis. A interpretação psicanalítica correlacionou a forma de gota dos OVNIs a um símbolo feminino, e a do charuto a um masculino. Os substratos psíquicos arcaicos traduzem o desconhecido ou o incompleto por vias instintivas, o que levou Freud a propor que as formas redondas ou ocas são de cunho feminino, e as longitudinais, masculino. As transposições não são motivadas somente pelo impulso sexual mas também pela fome, ou seja, pelo instinto de alimentação, e pela sede. Os deuses, além de praticarem sexo, são comidos e bebidos. Na linguagem popular, o homem gosta de uma mulher a ponto de querer "comê-la". O sentido específico consiste em despertar o instinto que lhe corresponde, tanto na escolha do símbolo, quanto na sua interpretação.[175]

O componente sexual indica que um instinto poderoso participa da estrutura da manifestação. Afora a religiosidade – e o instinto de poder, que se apodera em medida ainda pior –, nada desafia tanto o homem moderno quanto a sexualidade. A repressão racionalista desemboca num cinismo que destrói a alma, e o instinto de poder num desejo de dominação do outro. Os efeitos neurotizantes daí advindos são em grande parte culpados pela divisão do indivíduo e do mundo em geral. Há uma resistência das pessoas em não querer reconhecer a existência da "sombra". A Igreja, avaliando bem a situação, elegeu a sexualidade como a principal inimiga, perseguindo-a incessantemente, apesar de considerar alguns pecados "permissíveis".

Poderia-se talvez classificar o sexo no fenômeno OVNI como fantasias originadas de frustrações e neuroses. No entanto, as explicações ficariam incompletas. Apesar de Freud ter aplicado à religião suas teorias psicanalíticas, reconhece-se hoje que o instinto religioso é tão básico quanto o próprio sexo, o que não impede o primeiro de expressar-se mediante uma linguagem sexual.[176] Associados a ele iremos encontrar os antiquíssimos conceitos de *chi* dos chineses, de *ki* dos japoneses, de *prana* dos yogues indianos, de *kundalini* dos lamas, de *a'kinan* dos maias e de *maná* dos havaianos. No *Livro dos Esplendores*, pedra angular da Cabala hebraica, lê-se: "Recorde-se que o Senhor [...] não permanece onde o macho e a fêmea não estão unidos. Ele cobre com suas bênçãos somente o lugar onde o macho e a fêmea estão unidos. É por isso que as escrituras dizem que os abençoou e deu a eles o nome de Adão". O *Talmude* judaico relata haver Eva copulado com uma serpente. Sobre fragmentos encontrados em Nipur há o retrato de uma mulher, de seios bem desenvolvidos e cauda de serpente — representação essa, aliás, semelhante à que se confere às sereias, que atraem belos mancebos. Na *tantra ioga*, a união sexual é o veículo que conduz para fora do mundo das aparências e permite a contemplação mística da verdadeira realidade. O hinduísmo associa o *lingam* (falo) — também descrito como uma coluna de fogo ligando a terra e o céu — ao *vimana*, o veículo aéreo dos deuses, que tem a forma de um *yoni* (vagina).

Entre os nativos das ilhas Trobriand, da parte melanésica de Nova Guiné, Oceano Pacífico, Malinowski observou a prevalência de crenças relativas a uma terra mítica ou paraíso erótico, vinculadas aos conceitos de vida futura. Os trobriandeses situavam o mundo dos espíritos na pequena ilha de Tuma, a noroeste, onde, invisíveis aos olhos mortais, sem serem afetados pelos problemas do mundo, os espíritos levavam uma vida cotidiana que em muito se

---

[175] Jung, Carl Gustav. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*, Petrópolis, Vozes, 1988, p. 22-23.

[176] Reis, Carlos Alberto & Manfredi, Lúcio. "Sexo e ufonautas: as naves de Eros", in *Planeta Extra: OVNIs*, São Paulo, março 1989, p. 33-36.

assemelhava à dos trobriandeses, só que bem mais agradável. Malinowski reproduziu a descrição de um de seus melhores informantes, Tomwaya Lakwabulo, vidente famoso, médium espírita dotado de talento e imaginação — e principalmente esperteza — fora do comum, que alegava receber freqüentes visitas procedentes do mundo dos espíritos: "Em Tuma, vivemos como se fôssemos chefes; temos magníficos terrenos cultivados e nenhum trabalho a fazer — as mulheres se encarregam de tudo. Possuímos pilhas de ornamentos e muitas mulheres, todas lindas". No Ocidente, os cristãos igualmente esperam as consolações do reino dos céus, mas demonstram nenhuma ansiedade em chegar lá. Na visão dos nativos, Tuma estava povoada de belas mulheres, felizes por trabalharem durante o dia e dançarem à noite. Os espíritos deleitavam-se em perpétuos bacanais, em meio a praças espaçosas ou praias de areia macia, repletas de bebidas à base de bétel e de coco verde, de folhas aromáticas e de enfeites mágicos, de riquezas e de insígnias honoríficas. Nessa utopia, os plebeus se tornam chefes, e nenhum chefe se crê diminuído ou ofuscado pelos espíritos inferiores que ocupam seu lugar.

Acompanhemos as aventuras de um espírito a partir do instante em que adentra o outro mundo. Após cumprir formalidades preliminares, o espírito se põe a frente junto com o guarda do caminho, Topileta, que pertence ao clã Lukuba e se parece muito com o homem — principalmente em seus apetites, gostos e vaidades —, mas possui a consistência de um espírito e se distingue em sua aparência por um par de enormes orelhas que batem como as asas de um morcego do tipo "raposa voadora".[177]

Aconselha-se que o espírito se dirija a Topileta de maneira amistosa e se informe com ele sobre o caminho a seguir; ao mesmo tempo, o espírito deve mostrar-lhe os valiosos presentes que recebeu para sua viagem a Tuma de seus parentes vivos. Esses objetos não são enterrados com o morto nem destruídos; pressionados e esfregados contra o corpo do moribundo, são deixados sobre o seu cadáver. Acredita-se que o espírito carregue consigo as cópias espirituais desses objetos, que são oferecidos a Topileta, utilizados como enfeites antes da chegada a Tuma, ou ambos. Topileta não se contenta só com os presentes. Sua lascívia em nada fica devendo à sua ganância, de modo que se o espírito é mulher, ele copula com ela, e, se é homem, passa-o à sua filha para que proceda da mesma forma. Feito isso, Topileta mostra o caminho ao viajante, que segue em frente. Os demais espíritos sabem quando um novo companheiro está para chegar e acotovelam-se para saudá-lo, executando um ritual que afeta profundamente seus pensamentos. O espírito chega carregado de tristeza, com saudades de sua amada e de seus filhos. Porém, momentos antes de surgir na ilha, enfeixa-se uma erva (*vana*) aromática denominada *bubwayayta*, que será agitada diante dele pela mais linda das mulheres-espírito. O perfume penetra em suas narinas, fazendo-o esquecer o que deixou na terra. Agora ele só quer ficar em Tuma e deliciar-se com as belas, ardentes e arrebatadoras — ainda que incorpóreas — mulheres-espírito. Elas amontoam-se em sua volta, acariciam-no e agarram-no com violência. Estimulado pelo encantamento da *bubwayayta*, ele cede, e desenrola-se uma cena que aqueles que ignoram a maneira de ser de um espírito acharão indecente, mas que, no paraíso, é vista como algo normal.[178]

A homologação entre os rituais religiosos ou contatos imediatos e a união sexual é congruente. Freud concebeu a sexualidade como uma expressão dos instintos da vida, que denominou de Eros. Para Eliade, os ritos decorridos no tempo mítico objetivam regenerar o Universo e renovar a criação. Portanto, o rito corresponde ao que a união sexual é na esfera microcósmica: uma experiência regeneradora: "Na China, os jovens casais saíam na primavera e uniam-se na grama de modo a estimular a 'regeneração cósmica' e a 'germinação universal'. [...]

---

[177] Morcego frutívoro cuja cabeça lembra a de uma raposa ou a de um cão.

[178] Malinowski, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das ilhas Trobiand* (*Nova Guiné Britânica*), Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983, p. 413-415.

O mundo é regenerado todas vez que a hegemonia é imitada, isto é, sempre que se consuma a união matrimonial".[179] Hillman acrescentou que Eros também é responsável pela busca do homem pelo transcendente, busca essa que Jung identificou ao instinto religioso. Está implícito no *Banquete* (202 B) de Platão, que se precisa de Eros para participar no mundo imaginal, através do qual o homem tem intercurso com os deuses — seja acordado, adormecido, em transe ou através de visões, profecias e mistérios.[180]

A cerimônia culminante — e mais secreta — da entronização do imperador japonês Akihito, foi celebrada na noite de 22 de novembro de 1990, quando ele, sozinho, executou um ritual religioso ancestral, com conotações sexuais e significado polêmico. Os detalhes são zelosamente guardados à sete chaves pelos funcionários do serviço da corte. Apesar da "cortina de crisântemos", como é conhecido no Japão o mistério que cerca os assuntos palacianos, alguns aspectos do ritual passaram pelos muros do palácio imperial. A deusa Amaterasu Omikami, fundadora da dinastia imperial nipônica, "reservara" para ele um leito em palha de arroz. O imperador levara a efeito um rito de fecundidade, que simula um ato sexual com a deusa. Realizado há mais de 2.000 anos, se encaixa perfeitamente nos preceitos de uma religião como a xintoísta, em que a fecundidade ocupa papel preponderante. Os críticos do sistema imperial condenaram o momento em que Akihito se convertera num "Deus vivo", o que é proibido pela Constituição do país, imposta pelos norte-americanos após a Segunda Guerra Mundial.[181]

Ao isolar o sexo em compartimentos estanques e tratá-lo como um valor oposto, o cristianismo — religião do homem moderno e histórico — provocou uma ruptura ontológica, cujas trágicas conseqüências se fizeram sentir.[182] Nietzsche designou-a de moral dos escravos, que, longe de ser uma revelação divina, não passaria de um sistema de valores. Os instintos, pervertidos, acabaram interiorizados. Em *A genealogia da moral*, Nietzsche indaga se o *Parsifal* de Wagner, não seria talvez "o produto de um ódio feroz contra a ciência, o espírito e a sensualidade, um anátema contra os sentidos e contra o espírito, uma apostasia ao ideal de um cristianismo enfermiço e obscurantista, uma negação de si mesmo, uma destruição da sua própria arte, que tendia para a espiritualização e sensualização suprema....".[183] Separado das bases da vida, o cristianismo tornou-se dogmático, e o erotismo passou a oscilar entre os pólos da repressão e da promiscuidade. As experiências ufológicas insurgiram como uma espécie mediadora, restaurando a unidade primitiva entre os três pilares fundamentais do psiquismo humano.[184]

De acordo com Marcuse, a cultura e a sexualidade se antagonizam porque a última ameaça destruir a primeira, forçando-a a mobilizar todos os reforços contra ela.[185] Comparada ao período vitoriano, a liberdade sexual aumentou indiscutivelmente, "Ao mesmo tempo, porém, as relações sexuais passaram a ser assimiladas às relações sociais; a liberdade sexual harmoniza-se com o conformismo lucrativo. O antagonismo fundamental entre sexo e utilidade sexual — em si mesmo um reflexo do conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade — é obnubilado pela progressiva incrustação do princípio de realidade no princípio de prazer. Num mundo de alienação, a libertação de Eros atuaria, necessariamente, como uma força destruidora e fatal — como a total negação do princípio que governa a realidade repressiva. Não é por mero acidente que a grande literatura da Civilização Ocidental celebra somente o 'amor infeliz', de que o mito de Tristão e Isolda se converteu na expressão mais representativa. O romantismo

---

[179] Eliade, Mircea. *O mito do eterno retorno*, São Paulo, Mercuryo, 1992, p. 32.
[180] Hillman, James. *O mito da análise*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, s.d.
[181] "Imperador vira 'deus' em ato de caráter sexual", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13-11-1990, exterior, p. A-15.
[182] Eliade, Mircea, op. cit., p. 136.
[183] Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*, São Paulo, Moraes, s.d., p. 66.
[184] Reis, Carlos Alberto & Manfredi, Lúcio, op. cit., p. 33-36.
[185] Marcuse, Herbert. *Eros e civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*, Rio de Janeiro, Zahar, 1968, p. 57.

mórbido do mito é, num sentido estrito, 'realista'. Em contraste com a destrutividade do Eros libertado, o relaxamento da moralidade sexual, dentro do sistema firmemente consolidado e de controles monopolistas, serve ao sistema. A negação está coordenada com o 'positivo': a noite com o dia, o mundo sonhado com o mundo do trabalho, a fantasia com a frustração. Então, o indivíduo que folga nessa realidade uniformemente controlada recorda não o sonho, mas o dia, não a fantasia, mas a sua denúncia. Em suas relações eróticas, os indivíduos 'respeitam seus compromissos' — com charme, com romance, com os seus 'comerciais' favoritos".[186] Sob condições não repressivas, a sexualidade tende a "tornar-se" Eros, ou seja, a auto-sublimação em relações duradouras e expansivas que servem para intensificar e ampliar a gratificação instintiva.[187]

O primeiro intercurso sexual entre um ser humano e uma suposta entidade biológica extraterrestre foi registrado justamente num país onde a liberação das fantasias e a busca desenfreada de prazeres carnais sempre escapou ao controle da moralidade religiosa: o Brasil. De qualquer forma, permaneceu em segredo por 8 anos, pois os seus responsáveis preferiram esperar o momento certo de divulgá-lo. Redigiu-se cuidadosamente os relatórios de modo a resguardar o protagonista, conhecido apenas pelas iniciais A.V.B. Se João Martins inauguraria o interesse pelos OVNIs no país, acrescentaria também um novo componente: o sexual.

Em fins de 1957, Martins publicava em *O Cruzeiro* uma série de reportagens sobre os discos voadores em que convidava os leitores a lhe enviarem cartas contando experiências que porventura tivessem vivido. Entre as centenas delas, a de um jovem agricultor que morava próximo à cidade de São Francisco de Sales, em Minas Gerais, chamou-lhe tanto a atenção que resolveu enviar-lhe ajuda financeira para que custeasse viagem até o Rio de Janeiro, onde exporia pessoalmente o ocorrido. No consultório do médico Olavo T. Fontes, amigo do jornalista, teria início em 22 de fevereiro de 1958 uma investigação que surpreenderia os círculos especializados em ufologia. Tomando a precaução de evitar que narrativas semelhantes surgissem por sua influência, temendo por isso que fosse invalidada, impediram qualquer divulgação. Apesar das precauções, no entanto, parte do relato vazou e chegou a ser parcialmente comentado.

O próximo a integrar o grupo, o igualmente médico Walter Bühler, publicaria suas ponderações em 1961.[188] O artigo, traduzido pelo editor Gordon Creighton (ex-cônsul inglês em Recife) e enriquecido de comentários, saiu na revista inglesa *Flying Saucer Review*, de janeiro de 1965. Bühler rompeu a cortina de silêncio e fundou a moderna ufologia dos contatos de "terceiro grau". O prestígio dessa publicação inglesa, assinada inclusive pela Academia de Ciências Soviéticas, projetou a ufologia brasileira no cenário internacional.[189]

A versão de Martins saiu na edição espanhola de *O Cruzeiro*. A história completa, acompanhada dos resultados dos testes clínicos, só viria à lume em 1969 com a publicação de *Os humanóides*, uma coletânea de casos de contatos de seres humanos com tripulantes de discos voadores. Por ela ficou-se sabendo que A.V.B. era Antônio Villas Boas,[190] um lavrador mineiro de 23 anos que morava com os pais, dois irmãos e três irmãs e estudava por correspondência.

Por volta das 23 horas de sábado, 5 de outubro de 1957, Antônio e seu irmão, cansados depois de uma festança na casa de amigos, se preparavam para dormir quando, pela janela do quarto, viram uma luz brilhante que se aproximou até ficar pairando sobre a casa. Através das tábuas de veneziana e dos espaços entre as telhas — a casa não tinha forro, como era comum na região — , puderam acompanhar seus movimentos. O segundo incidente ocorreu em 14 de

---

[186] *Ibid*., p. 95.
[187] *Ibid*., p. 193.
[188] Conforme revelou no *Boletim Informativo da SBEDV*, Rio de Janeiro, dezembro 1978, nº 121/124, p. 15-19.
[189] Creighton, Gordon. *Flying Saucer Review*, Londres, setembro 1976/abril 1977, nº 112/115, p. 11.
[190] Não há nenhum parentesco com os irmãos sertanistas Cláudio e Orlando Villas Boas.

outubro, segunda-feira, por volta das 21h30min. Ambos aravam a terra com o trator e de repente notaram uma luz estonteante, que se manteve a cerca de 90 m de distância. Antônio aproximou-se, mas a luz, como se brincasse com ele, voou com rapidez para a outra extremidade do campo. A manobra se repetiu duas ou três vezes, sempre que o jovem lavrador tentava chegar perto dela.

Na noite seguinte, Villas Boas, desta vez sozinho, arava de novo a terra com o trator. Por volta de 1 da madrugada, notou uma "grande estrela vermelha" que pairou a 50 m do solo, iluminando o campo como se fosse dia. Villas Boas permaneceu sentado no trator, paralisado de medo, enquanto o OVNI aterrissava a uns 15 m à sua frente. Tratava-se de um grande veículo ovalado, com cerca de 20 m de comprimento por 4 m de altura. A parte de trás era mais bojuda. Defronte, havia três hastes metálicas, feito esporões, bem grossos na base e afilados nas pontas, solidamente encravadas: uma no bico afunilado da nave e uma de cada lado. De suas extremidades saíam uma fosforescência avermelhada, "como se as pontas estivessem em brasa". Na base de implantação de cada haste, pouco mais acima, havia lâmpadas avermelhadas embutidas. As das laterais eram menores que as da frente, que parecia um grande farol. Pequenas lâmpadas quadradas embutidas contornavam o objeto, lançando uma fosforescência arroxeada. Uma plataforma, em toda a volta do objeto, terminava na frente, junto a um vidro largo e grosso, meio saliente, alongado para os lados, solidamente embutido no metal. "Como não havia janelas, esse vidro talvez servisse para olhar o exterior, embora parecesse muito embaçado quando visto de fora". Na parte superior, uma cúpula giratória de 10 m de diâmetro, em constante movimento de rotação, emitia uma forte luminosidade avermelhada que mudava de cor de acordo com a aceleração.

Assim que a nave aterrissou, Villas Boas, apavorado, procurou fugir. O trator percorreu uns poucos metros e parou, apagando os faróis, embora o motor continuasse funcionando. Em pânico, o lavrador saltou e tentou correr. Os sulcos feitos no solo pelo trator, no entanto, o impediram de imprimir maior velocidade. Dali a pouco alguém o segurou pelos braços. Ao girar o corpo, Villas Boas deparou-se com uma figura estranhamente vestida, de baixa estatura. Empurrou o atacante, mas logo outros três o agarraram e o ergueram acima do solo. Esperneando, ele gritava e xingava. Cada vez que proferia um palavrão, os homenzinhos paravam surpresos e o olhavam, "como se quisessem dizer que eram educados". Uma escada metálica flexível baixou e seus captores suspenderam-no com grande dificuldade, pois ele resistia, agarrando-se a uma espécie de corrimão.

Dentro da nave, o lavrador viu-se numa sala quadrada com paredes prateadas, intensamente iluminada por "uma infinidade de pequenas lâmpadas quadradinhas, fluorescentes, embutidas no metal do teto". Havia cinco pequenos humanóides, dois dos quais seguravam-no com firmeza. Um deles fez sinal para que os outros o levassem à sala contígua, maior e oval. Uma coluna metálica, roliça, bem no centro do compartimento, ia do chão até o teto. Ao lado, uma mesa esquisita, rodeada de cadeiras giratórias, sem encosto. Tudo parecia feito do mesmo metal branco e polido.

Nessa sala iniciou-se uma "conversa" entre os captores, que emitiam sons parecidos com latidos de cachorro. "Aquela fala era diferente de qualquer coisa que eu já tinha escutado. Alguns dos latidos ou ganidos eram mais longos, outros mais curtos. Às vezes alternavam sons diferentes e encerravam a frase com um tremido. Aos meus ouvidos, aqueles sons pareciam iguais, por isso, fui incapaz de memorizá-los. Ainda estremeço quando penso neles. Não consigo reproduzi-los. Meus ouvidos não foram treinados para isso". Villas Boas ficou ali tiritando e temendo o que adviria. "Durante intermináveis minutos permaneci de pé naquela sala, seguro pelos dois dos pequenos seres, enquanto aquela gente estranha me observava e falava a meu respeito...". Os captores interromperam bruscamente a conversa e começaram a despi-lo. Antonio gritou, xingou e lutou, inutilmente. Embora usassem de grande força, em nenhum momento o machucaram.

Os humanóides mediam cerca de 1,50 m de altura. Vestiam macacões cinzentos, aderentes ao corpo, confeccionados com um tecido grosso, porém macio, com listinhas pretas aqui e ali. O macacão ia até o pescoço, onde se unia ao capacete, de material mais duro, da mesma cor, reforçado na frente e atrás por lâminas de metal fino, uma delas triangular e à altura do nariz. O capacete só deixava ver os olhos, de cor clara, que ficavam atrás de dois vidros redondos, semelhantes a lentes de óculos. Três tubos redondos e prateados, pouco mais finos que uma mangueira de jardim, embutiam-se na roupa: um no meio das costas e os outros dois, um de cada lado, se fixavam por baixo das axilas. As mangas do macacão iam até os punhos, onde terminavam em luvas grossas que dificultavam o movimento das mãos. Também não havia separação entre as calças e as botas que pareciam ser uma continuação das vestes. As solas eram grossas e arqueadas para cima na parte da frente. Na altura do peito, os seres traziam um “escudo vermelho do tamanho de uma rodela de abacaxi”, que, de quando em quando, emitia flashes luminosos. Do escudo descia uma tira de tecido prateado ou metal laminado que se unia a um cinto largo e justo, sem fivela ou presilhas.

Fora da nave fazia muito frio e dentro a temperatura não era mais agradável. Completamente nu, a angústia de Villas Boas aumentou. Um dos seres aproximou-se e com uma “esponja” molhada esfregou uma substância em seu corpo. “O líquido era transparente como água, porém mais grosso. Parecia uma espécie de óleo, mas minha pele não ficou engordurada”. Villas Boas foi colocado por dois seres diante de uma porta, que tinha no alto uma inscrição em caracteres desconhecidos, a qual tentou memorizar. A inscrição era vermelha, e talvez devido ao efeito da luz, parecia estar uns 5 cm à frente do metal da porta. A sala a que foi conduzido a seguir era bem menor. Ali, dois seres se aproximaram com um “cálice” do qual saíam dois tubos flexíveis. Colocaram a extremidade de um dos tubos no cálice e a outra ponta, que tinha um “biquinho” semelhante a uma ventosa, num dos lados de seu queixo. Não sentiu dor, apenas a sensação de que a pele estava sendo sugada. O seu sangue escorreu pelo tubo e se depositou no cálice, que encheu até a metade. O tubo foi retirado e substituído pelo que ainda não havia sido usado, sendo colocado do outro lado do queixo, de onde se coletou mais sangue, até completar o cálice. A pele ficou ardendo e coçando no lugar da sangria.

Com o término dos procedimentos, deixaram-no sozinho. Por mais de meia hora, Villas Boas ficou sentado no único móvel (um “divã” macio) que havia na sala, matutando sobre o terror que vivia, até que um estranho odor penetrou em suas narinas causando-lhe náuseas e mal-estar. Examinando as paredes, descobriu que exalava de tubos metálicos, pouco abaixo do teto. De um deles saía uma fumaça cinzenta, que se dissolvia no ar. “Era uma fumaça grossa que abafava a minha respiração. Lembrava o cheiro de pano pintado sendo queimado”. Enjoado, Villas Boas não agüentou vomitou no canto da sala. Sentindo-se menos amedrontado, amargou mais um período de prolongada espera.

Subitamente ouviu barulhos na porta que se abriu dando passagem a uma bela mulher, completamente nua. “O corpo era mais bonito do que o de todas as mulheres que conheci”. Eis a sua compleição: Magra, cerca de 1,60 m de altura, seios empinados e bem separados, cintura fina, barriga pequena, quadris largos, coxas grossas, pés pequenos, mão compridas e finas, dedos e unhas normais, pele branca cheia de sardas nos braços. O cabelo era liso e abundante, quase branco, repartido ao meio, e chegava até a metade do pescoço. As pontas viravam-se para dentro. Os olhos eram azuis, grandes e oblíquos. O nariz, pequeno e reto, não era pontudo nem arrebitado. As maçãs do rosto eram pronunciadas, carnudas e macias ao toque. O rosto largo se estreitava na altura do queixo pontudo, conferindo uma feição triangular. Os lábios eram finos e a boca não passava de uma ranhura. As orelhas eram pequenas. O que mais chamou a atenção de Villas Boas foram os pêlos púbicos, de cor vermelha. Ela não usava perfume, apenas exalava “cheiro de mulher”.

A porta se fechou e Villas Boas ficou diante daquela mulher escultural, que, apoiada nas pontas dos pés, esfregou sua cabeça contra a dele. Apesar do inusitado da situação, Villas Boas excitou-se. “Sozinho, ali, com aquela mulher me abraçando e dando a entender claramente o que queria, comecei a ficar excitado... Isso parece incrível na situação em que me encontrava. Penso que o tal líquido que me esfregaram no corpo foi a causa disso. Só sei que fiquei numa excitação sexual incontrolável, coisa que nunca me aconteceu antes. Acabei esquecendo tudo e agarrei a mulher, correspondendo aos seus carinhos com outros maiores. Fomos terminar no ‘divã’, onde tivemos relações pela primeira vez”. O ato foi normal e ela se comportava como qualquer mulher. Entremeada a carícias, seguiu-se nova relação. No final, sua respiração ofegava. “Eu continuava animado, mas ela agora negava, procurando fugir, me evitar, acabar com aquilo... Quando notei isso, esfriei também”. Em nenhum momento ela o beijou, apenas mordeu-o carinhosamente no queixo. Tal como os seres da nave, ela não falava, grunhia. “Foi isso que estragou tudo, pois tinha a desagradável impressão de que me relacionava com um animal”. A porta se abriu e na soleira surgiu um dos seres fazendo gesto para que ela saísse. Antes, porém, virou-se para Villas Boas e, sorrindo, apontou para o ventre, para o jovem fazendeiro e finalmente para o céu. A mímica deixou o lavrador aturdido, sensação que, 4 meses depois, ainda o perturbava, pois era como se os gestos exprimissem que no futuro próximo voltariam para levá-lo para sempre. Fontes conseguiu tranqüilizá-lo, sugerindo que quisesse dizer que iriam ter um filho, mas que este seria criado no seu planeta de origem. De qualquer forma, Villas Boas sentiu-se usado por seres que precisavam senão de “um bom reprodutor terráqueo”.[191]

Um dos captores trouxe suas roupas e ordenou que se vestisse. “Minhas coisas estavam todas nos bolsos, só faltava o isqueiro da marca Homero. Não sei se foi tirado por eles ou se o perdi durante a luta”. De volta à sala maior, viu três seres sentados e “ganindo”. Sobre uma mesa havia uma caixa quadrada com tampa de vidro, semelhante a um relógio. Villas Boas pensou em levá-la como prova de sua aventura e apanhou-a sorrateiramente. Num salto, um deles se levantou e arrancou-a raivosamente de suas mãos. Empurrando Villas Boas para o lado, depositou a caixa no mesmo lugar.

Por fim, um dos seres conduziu-o para fora e mostrou-lhe a parte externa da nave, que contornaram percorrendo a estreita plataforma que a circundava. Sem despedir-se, o guia fez-lhe sinal para que descesse pela escada e se afastasse do aparelho. Em terra, Villas Boas viu a escada de metal “encolher” e os degraus se arrumarem uns por cima dos outros, “como uma pilha de tábuas”, enquanto as garras de metal e as luzes começavam a brilhar intensamente. A 50 m do solo, o objeto estacionou por alguns instantes, aumentando a luminosidade e o zumbido. A cúpula passou a girar em velocidade espantosa, e as luzes alternaram várias tonalidades até ficar de um vermelho vivo. E, com um movimento brusco, a nave mudou de direção e partiu rápido como uma bala, sumindo na direção sul. O dia já amanhecia: eram 5h30min.

O lavrador foi checar o trator, notando que um dos cabos da bateria havia sido desparafusado e retirado de lugar. Retornou enfraquecido para casa, não contando a ninguém o que protagonizara, a não ser à sua mãe. Exausto, dormiu quase o dia todo, despertando só às 16h30min. Sentindo-se melhor, jantou normalmente. À noite, entretanto, não conseguiu dormir. Pegou no sono mas logo acordou gritando porque sonhara com os fatos. De manhã estava inquieto, andando de um lado para o outro e fumando continuamente. Nem o cansaço nem as dores que fustigavam o seu corpo haviam passado. Bebeu apenas uma xícara de café e não ingeriu nenhum alimento, como era seu hábito. A seguir, sentiu náuseas e uma forte dor de cabeça na região das têmporas. Não teve vontade de comer absolutamente nada naquele dia nem

---

[191] Villas Boas, quando já tinha se tornado advogado, foi entrevistado no Programa Flávio Cavalcanti, que em 1980 dedicou uma série de reportagens sobre os discos voadores. Após confirmar diante das câmeras e em cadeia nacional a sua aventura, o apresentador perguntou se porventura mantivera algum contato com o suposto filho gerado. Eis a instigante resposta de Villas Boas: “Peço licença, mas prefiro não responder a essa pergunta”.

no seguinte. A segunda noite também foi passada em claro. A dor de cabeça desaparecera, dando lugar a uma ardência nos olhos que se acentuou nos dias subseqüentes, e que se agravava à luz do sol. O sono voltou na terceira noite, desta vez exageradamente, já que durante 1 mês sofreu de sonolência excessiva. Feridas surgiram nos antebraços e nas pernas. Um pequeno calombo com um "olhozinho no centro", que coçava muito, demorou cerca de 15 dias para cicatrizar. Duas semanas depois, duas manchas amareladas surgiram no rosto e só desapareceram decorridos 20 dias. Sem que pesasse tantas seqüelas, Villas Boas não notou qualquer diminuição na libido ou na potência.

O exame de Fontes[192] constatou duas pequenas manchas hipercrônicas — entre outras cicatrizes misteriosas —, uma de cada lado do queixo, classificadas como "cicatrizes de alguma lesão superficial com hemorragia subcutânea associada". Em carta à *Flying Saucer Review*, Fontes sugeriu que seriam resultantes de uma intoxicação por radiação. O médico não pôde confirmar isso, porque, "infelizmente, ele chegou muito tarde em meu consultório para fazer um exame de sangue". Em 1971, Martins achou que não havia mais razão para ocultar o ocorrido e publicou um resumo no suplemento carioca de *Domingo Ilustrado*, de 10 de outubro: "A.V.B. foi submetido por nós aos mais sofisticados métodos de interrogatório, sem que tenha caído em qualquer contradição. Escapou de todas as armadilhas que fizemos para testar se ele estava em busca de fama ou dinheiro. Acurados exames médicos revelaram um estado de total equilíbrio físico e mental. Sua reputação na região onde vivia era a de um homem trabalhador, sério e honesto". Ponderou Martins: "É muito provável que em algum lugar do Universo haja uma estranha criança que talvez esteja sendo preparada para voltar aqui".

O caso foi revisado em 1985 por Jaime Lauda: "Considerando que ele foi analisado e estudado por grandes e eminentes ufólogos como Martins e Fontes, nada há que desabone a análise dessas grandes autoridades. Apenas saltam à vista alguns tópicos que deveriam na época ter merecido maior atenção". Os questionamentos de Lauda são bastante pertinentes: "1) Como pôde a testemunha, em estado de excitação psicológica e forte traumatismo emocional, haver descrito com tal precisão as dimensões do objeto tão seguramente? Aparência externa e interna, plataforma, lâmpadas que se alternavam em luminosidade e rotação, etc.?; 2) O seqüestrado nos relata que foi içado por uma escada metálica, empurrado a contragosto para cima. Seria isso compatível para uma astronave tão geniosamente descrita e que, presumivelmente, deveria dispor de um sistema de absorção bem mais complexo?; 3) A descrição dos tripulantes pela testemunha chega as raias do excesso descabido, tais os detalhes descritos por alguém desejoso de escapar a qualquer preço; 4) A psicologia afirma que, sob tais condições patológicas vividas, detalhes tão minuciosos jamais poderiam ter sido descritos pela testemunha em questão. Talvez algo de fundo emocional tenha influenciado sobremaneira o relato de Villas Boas, a ponto de ter criado' condições para que o seu subconsciente preenchesse as lacunas no relato original; 5) Também não se compreende por que Villas Boas nunca tenha sido submetido a uma hipnose de modo a justapô-la aos fatos empíricos vivenciados". Apesar dessas flagrantes incongruências,

[192] Comportava: 1) Uma ficha de identificação do paciente; 2) Um histórico médico completo, incluindo as seguintes verificações: propensão para dormir em demasia e pesadelos, incapacidade de prosseguir seu curso por dificuldades de concentração, nervosismo persistente, fadiga, dores em todo o corpo, enxaquecas, fortes pulsações cardíacas e na região das têmporas, perda de apetite, infecção nos olhos e lágrimas sem nenhum sinal de congestionamento, insônia e vômitos; durante 1 mês continuou a dormir em demasia, notando o aparecimento de erupções e pequenos furúnculos nos braços e nas pernas (quando foram feitos os exames, as cicatrizes ainda eram visíveis; restaram duas manchas amareladas, um de cada lado do nariz, depois de 15 dias, as quais desapareceram espontaneamente cerca de 20 dias mais tarde; 3) Os antecedentes médicos do paciente, que se resumiam a algumas doenças infantis; 4) Exames físicos que atestaram uma excelente condição, especialmente nutricional; 5) Exames dermatológicos que constataram: a) dois pontos hipercrônicos, um de cada lado do queixo; b) escoriações originadas de lesões epidérmicas nas costas das mãos, nos antebraços e nas pernas, com hipercromias avermelhadas desconhecidas (levando em conta os casos até hoje registrados); 6) Exames dos sistemas nervoso e psíquico que nada revelaram de anormal.

Lauda seguiu aceitando o caso "como um dos mais autênticos de que a ufologia dispõe para alicerçar-se no futuro como uma fantástica ciência".[193]

Um mito indígena da costa canadense do Pacífico, originalmente analisado por Lévi-Strauss, permite-nos identificar estruturas comuns subjacentes. Na chamada gesta de Asdiwal,[194] deparamo-nos com uma série de questões instigantes, vinculadas à problemática. Ocorre, no entanto, que o mito dos índios Tsimshian foi recolhido ainda nos primórdios do século XX por Franz Boas, na região localizada imediatamente ao sul do Alasca, que compreende as bacias dos rios Nass e Skeena. Apresentaremos uma síntese da gesta, cuja interpretação retomaremos em seguida:

A fome assola o vale do Skeena, o rio está gelado, é o inverno. Duas mulheres, mãe e filha, cujos maridos morreram ambos de fome, sonham separadamente com os tempos felizes em que viviam juntas, quando não faltavam alimentos. Tornadas livres pela viuvez, têm simultaneamente a idéia de reunir-se e se põem a caminho ao mesmo tempo. Como a mãe mora ao norte, a jusante, e a filha a montante, a primeira se dirige para o leste, enquanto a segunda caminha para o oeste, tomando as duas o leito congelado do Skeena, sobre o qual se encontram, a meio caminho. Chorando de fome e de tristeza, as duas mulheres acampam na margem do rio ao pé de uma árvore, perto da qual encontram, por todo alimento, uma fava apodrecida que dividem melancolicamente. Durante a noite, um desconhecido visita a jovem viúva. Logo se saberá que seu nome é Hadsenas, termo que designa, no dialeto tsimshian, um pássaro de bom agouro. Graças a ele, as duas mulheres começam a encontrar comida regularmente, e, tendo-se tornado esposa do protetor desconhecido, a jovem viúva dá à luz um filho, Asdiwal (nome que significa desbravador de montanhas ou pássaro trovão), cujo nascimento é acelerado através de meios sobrenaturais por seu pai, que lhe entrega diversos objetos mágicos: arco e flechas infalíveis na caça, aljava, lança, cesta, sapatos para a neve, manto e chapéu, que servirão ao herói para transpor todos os obstáculos, a tornar-se invisível e a produzir um alimento inesgotável. Hadsenas desaparece e a mais velha das duas mulheres morre. Asdiwal e sua mãe prosseguem a marcha para o oeste e se instalam na terra natal deles, Gitsalasert, nas gargantas do Skeena. Um dia, uma ursa branca desce ao vale. Perseguida por Asdiwal, e quase alcançada graças aos objetos mágicos, ela começa a subida de uma escada. Asdiwal a segue até o céu, que toma a forma de uma vasta planície, verde e florida. A ursa o atrai à casa de seu pai, o Sol, onde se transforma em graciosa moça, a Estrela da Tarde. Casam-se, não sem que antes o Sol submeta Asdiwal a uma série de provas, nas quais todos os pretendentes anteriores sucumbiram (caça à cabra selvagem, na montanha dos tremores de terra; apanhar água em uma fonte no fundo de uma grota cujas paredes se fecham; apanhar lenha de uma árvore que esmaga os que a abatem; permanência em um forno quentíssimo). Mas Asdiwal triunfa sem maiores problemas graças a seus objetos mágicos e à oportuna intervenção de seu pai. Conquistado pelo talento de seu genro, o Sol concorda com o casamento. Passado algum tempo, Asdiwal sente saudades da mãe. O Sol permite que volte à Terra com sua esposa e como provisão lhes dá quatro cestas cheias de comidas inesgotáveis, proporcionando ao casal uma acolhida repleta de gratidão por parte dos índios, vítimas da fome hibernal. Apesar de sua mulher tê-lo advertido, Asdiwal a trai com uma índia da tribo. Estrela da Tarde parte magoada, seguida de seu arrependido marido. Chegado a meia altura, entre o céu e a terra, Asdiwal é fulminado por ela. Ele morre, porém, devido ao choro arrependido da mulher, é ressuscitado por seu sogro celestial. Depois de um certo tempo, Asdiwal volta a sentir nostalgia da Terra. Desta vez, Estrela da Tarde não concorda em

---

[193] Lauda, Jaime. "O caso Villas Boas revisado: o estudo detalhado do seqüestro do mineiro Villas Boas, em 1957, mostra interessantes detalhes", in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, CBPDV, julho-agosto 1985, nº 3, p. 15.

[194] Lévi-Strauss, Claude. "A gesta de Asdiwal", in *Mito e linguagem social*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970, p. 13.

acompanhá-lo e se despede em definitivo. De volta à aldeia, Asdiwal fica sabendo da morte de sua mãe. Nada mais o prende ali, e ele parte em direção de jusante. Chegando em uma aldeia, seduz a filha do chefe local, com quem se casa. Levando vantagem na caça com os objetos mágicos, briga com os cunhados e é abandonado sozinho. Recolhido por estrangeiros, se integra a eles numa pescaria coroada de sucesso, e se casa com uma de suas irmãs, tornando-se pai de um menino. Como da vez anterior, a vantagem na caça é o estopim da briga com os cunhados, que o abandonam sozinho num recife. Com a ajuda de seu pai, Hadsenas, que aparece para salvá-lo, Asdiwal se transforma em pássaro e consegue manter-se à flor das águas, flutuando sobre os objetos mágicos. Passados 2 dias e duas noites, Asdiwal adormece, esgotado. Um ratinho o desperta e o conduz ao subterrâneo das morsas, as quais ele havia ferido em uma das caçadas milagrosas, mas que se imaginam vítimas de uma epidemia, já que as flechas de Asdiwal são invisíveis. Asdiwal retira as flechas e cura as morsas, pedindo-lhes, em troca, que assegurem a sua volta. O rei das morsas empresta a Asdiwal o seu próprio estômago, à guisa de barco. Chegando à costa, o herói encontra sua mulher e seu filho. Com a ajuda dela, fabrica objetos aos quais ele dá vida e que despedaçam as embarcações, provocando a morte dos cunhados. Mais uma vez, Asdiwal sente saudades de sua infância e deixa sua mulher, voltando ao vale do Skeena e se fixando na aldeia de Ginadaos. A ele se reúne seu filho, a quem entrega seu arco e suas flechas mágicas, recebendo dele um cão. No inverno, Asdiwal vai caçar nas montanhas, mas se esquece de levar seus sapatos mágicos. Perdido, incapaz de subir ou de descer, metamorfoseia-se em pedra juntamente com sua lança e seu cão, podendo ser vistos sob essa forma no cume da grande montanha do lado de Ginadaos.[195]

Por ora trataremos de decifrar os conteúdos latentes do mito levando em conta o contexto em que surgiu, confrontando-o com o distinto campo conceitual em que se insere os fenômenos ufológicos que apresentam a mesma natureza e estrutura.

A geografia física e política do território mencionada no mito, assim como a organização social e familiar e a vida econômica que determina as migrações estacionais, correspondem à realidade da tribo. A cosmologia que trata das viagens de Asdiwal ao céu e ao mundo subterrâneo, no entanto, destoa dessa realidade, e, tal qual os relatos dos abduzidos, se por um lado partem de uma realidade bem conhecida, por outro conduzem ao reino do Mágico de Oz da fábula de Frank Baum, a exemplo do caso de Betty Andreasson.

Da seqüência inicial à seqüência final, o mito é construído sempre a partir de um par de oposições que se relacionam dialeticamente, tendendo a uma amenização ou radicalização dessas oposições. Logo de saída, as oposições mãe/filha, mais velha/mais jovem, jusante/montante e oeste/leste, conduzem a um casamento exogâmico extremado entre uma mulher da Terra e um ser sobrenatural do céu. Um dado bastante significativo é o local onde ocorre esse cruzamento inusitado, ou seja, bem no meio do caminho em que se reuniram pela primeira vez desde a morte de seus maridos. Entre os tsimshian a filiação é matrilinear, mas a residência é patrilocal, com a mulher indo morar na aldeia de seu marido. No mito, o sistema patrilocal é quebrado pela fome que libera as duas mulheres permitindo que se reunam a meio caminho. O acampamento ao pé de uma árvore é a imagem de um modo matrilocal reduzido a sua expressão mais simples, visto que a nova residência consiste apenas em mãe e filha. Curiosamente, os casamentos subseqüentes serão matrilocais, com Asdiwal indo morar na aldeia da mulher. O casamento matrilocal também é marcado pela hostilidade da família da mulher para com Asdiwal. No final é que a situação se inverte, com a mulher se recusando a seguir seus irmãos e ainda ajudando Asdiwal a matá-los. O patrilocalismo triunfa quando Asdiwal abandona a sua mulher — nos casos precedentes tinha sido abandonado por suas esposas — e volta ao Skeena natal, onde seu filho se junta a ele.

[195] *Ibid*., p. 16 a 18.

"Começando pelo relato da reunião de mãe e filha, livres de seus afins ou parentes paternos, o mito termina pelo relato da reunião de pai e filho, livres de seus afins ou parentes maternos".[196]

Encontramos no mito outros grupos de oposições: embaixo/ao alto, terra/céu, homem/mulher, endogamia/exogamia, etc. Reduzindo o mito a suas duas proposições extremas inicial e final, chegaremos a um quadro simplificado de oposições: fêmea/macho, leste/oeste, alto/baixo, fome/saciedade e movimento/imobilidade. Não por acaso, em quase todos os relatos de contatos imediatos tais oposições estão implícitas.

Destrinçando cada uma das etapas, assim como o simbolismo que lhes é peculiar, entrevemos uma estrutura lógica subjacente, comum tanto a gesta de Asdiwal quanto a maioria dos seqüestros por ufonautas. Bertrand Meheust, em seu trabalho sobre as implicações do folclore popular no mental coletivo — capaz de recriar a partir de valores culturais uma espécie de versão ocidental contemporânea do rapto de pessoas por seres sobrenaturais sob uma égide tecnológica — nos forneceu uma visão dessas etapas,[197] que obedecem a seguinte seqüência: 1) Separação do meio cotidiano, geralmente de modo violento; 2) Período de margem, em que ocorrem testes, experiências, exames, extrações, mutilações, o ensinamento de um novo código e a progressiva supressão de barreiras; 3) Reintegração à vida ordinária do indivíduo transformado. Ou, em jargão antropológico: ritos de agregação ao meio sagrado; margem; ritos de separação do meio sagrado; ritos de reintegração ao meio comum. Ritos de passagem de todos os gêneros, como aqueles do xamanismo, batismo, casamento, da iniciação à vida adulta, etc., presentes em praticamente todas as culturas do mundo, seguem o mesmo esquema.

Os ritos são destinados a preparar e introduzir o indivíduo em um período de vida radicalmente diferenciado do anterior, em que terá de desempenhar ou cumprir determinado papel no seio de um grupo. Nos ritos de iniciação do índios Navaho da América do Norte, um dos últimos atos inclui a inalação, pelo candidato a tornar-se adulto, de uma fumaça sagrada.[198] É deveras revelador que Villas Boas tenha passado mal com a fumaça que impregnava a sala onde fora deixado sozinho. O isolamento é outro requisito indispensável num ritual de iniciação. Além disso, entre tantos elementos que se destacam, cabe assinalar o líquido aplicado em seu corpo, que nos faz lembrar um ritual de batismo em que é comum a aspersão de água sagrada.

Cabe ainda duas observações interessantes: Villas Boas foi retirado de um sistema de residência patrilocal, e enquanto permaneceu na nave viveu num sistema oposto, de cunho matrilocal, tal como Asdiwal no episódio em que perseguiu a ursa (na verdade uma bela jovem). E identicamente a Asdiwal, Villas Boas também teve de subir uma escada (símbolo universal da ascensão a regiões cósmicas e existências mais elevadas). Para Eliade, "Aquele que se eleva subindo a escadaria de um santuário ou a escada ritual que conduz ao céu, cessa então de ser homem: de uma maneira ou de outra, participa da condição divina".[199]

Um último dado importante, inerente a ligação céu-fêmea/terra-macho, refere-se a correlação com o campo sendo semeado bem no momento em que a nave em forma de ovo aterrissa. Temos aí a alegoria de um óvulo feminino que se une a um campo fértil masculino, promovendo uma fecundação, consubstanciada na união entre uma mulher do céu e um homem da Terra. Aquilo que dominava a mentalidade e a sensibilidade de Villas Boas, determinando o essencial de suas atitudes, provinha em grande parte do contato com a terra, e provavelmente por essa razão o caso revestiu-se de tantos elementos simbólicos relacionados ao trabalho no campo, sem dúvida o centro de sua vida econômica, social e cultural até então.

---

[196] Lévi-Strauss, Claude, op. cit., p. 23.
[197] Meheust, Bertrand. "O Fenômeno UFO como elemento estabelecedor do 'folclore fantástico', in *UFO*, Campo Grande, março 1994, nº 28, p. 24-26.
[198] Gennep, Arnold van, op. cit., p. 79.
[199] Eliade, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s.d., p. 129.

O que marcava a vida dos índios tsimshian, por sua vez, não era a agricultura, aliás não praticada, mas a pesca fluvial com seu ritmo complexo, que os fazia deslocar conforme as estações do ano entre as duas aldeias de inverno na região litorânea, sobre os rios Nass e Skeena. Com o fim do inverno, findavam também as provisões, e os índios enfrentavam duros períodos de fome, cujos ecos se encontram no mito. A única esperança era a chegada do peixe-azeite, que subia o rio Nass para desovar. Todos voltavam pelo mesmo caminho ao Skeena para a chegada do salmão, outro fator de importância vital. No verão, as mulheres colhiam frutos e favas, e os homens caçavam ursos, cabras, focas e morsas e pescavam em alto-mar. Tais elementos estão presentes no mito. Asdiwal é, de certa forma, "pescado" pela ursa feito um peixe em uma "terra" confundida com o elemento líquido, do alto de um "céu" descrito como paisagem terrestre: "planície verde e florida".[200]

Na casuística ufológica, não são raros os incidentes aludindo a verdadeiras "pescarias" transfiguradas. Em alguns essa sugestão é explícita, a exemplo do sucedido com o vigilante noturno Jesus Antunes Moreira, em 6 de dezembro de 1978, na represa da hidrelétrica do Marimbondo, fronteira com Minas Gerais.[201] Segundo ele, um dos seres com quem conversou tentou apanhar uma pedra com um gancho. A presa principal visada nessa pescaria insólita, no entanto, era o próprio Jesus: instado a embarcar no disco voador, só não foi levado porque recusou-se terminantemente a aceitar tão estranha proposta. O vigilante narrou a história com uma convicção impressionante, chegando várias vezes a emocionar-se.

Às 18 horas, Jesus assumiu suas funções na hidrelétrica de Furnas e, como garoava, abrigou-se numa guarita às margens do Rio Grande. "De repente, surgiu no rio uma luz forte. Ao diminuir de intensidade, pude divisar um objeto grande, redondo. Um ser abriu uma janela e em seguida saíram dois outros, parecidos com a gente da terra". A curiosidade era maior que o medo, por isso chegou mais perto para apreciá-los melhor. "Aí vi que tinham 2 m de altura, cabelos pretos e lisos e orelhas ligeiramente despontadas. Trajavam roupas iguais aos dos jogadores de futebol, de cor azulada, e luvas cor-de-rosa. O aparelho se deslocou para a outra margem do Rio Grande. Nesse momento, quis usar o telefone para pedir socorro, mas os seres, que se mantinham de pé sobre uma plataforma, acenaram-me negativamente. Não entendia nada do que falavam. Saquei a arma e tentei atirar. O gatilho, porém, emperrou. Um dos seres, com o tipo físico de uma mulher, entrou no aparelho e saiu de lá com um objeto do tamanho de uma caixa de sapatos, brilhante, que entregou ao que dirigia palavras a mim. Este começou a falar próximo daquele objeto e a partir de então passei a entender tudo".

Eis o diálogo mantido entre Jesus e o ufonauta:

U: — Você está com medo?
J: — Não, não estou com medo.
U: — Você não precisa ter medo porque não vamos lhe fazer mal algum.
J: — Então, o que vocês querem?
U: — Estamos realizando uma experiência. Você gostaria de participar do nosso trabalho? Se quiser poderá vir conosco.

---

200 Lévi-Strauss, Claude, op. cit., p. 37-38.

201 A represa dista 50 km tanto de Barretos quanto de São José do Rio Preto. Situa-se na fronteira norte do Estado de São Paulo, onde o Rio Grande, nesse ponto represado, se limita com Minas Gerais. À margem direita do Rio Grande fica a pequena cidade de Fronteira, onde se acha o hospital e as acomodações dos empregados especializados e de nível superior. Os guardas alojam-se num conjunto de casas mais modestas, em Icém ou na vila residencial de Furnas, onde o vigilante foi pela primeira vez entrevistado pelo jornalista Paulo Goulart ("Vigilante noturno vê aparelho estranho, conversa e recebe convite dos tripulantes", in *Correio de Barretos*, Barretos (SP), 18-12-1978; "Vigia confirma contato com tripulantes", in *Diário de Barretos*, Barretos (SP), 18-2-1979). Nessa ocasião, Jesus usou uma linguagem singela — não havia ainda sido pressionado e pôde relatar tudo com tranqüilidade.

J: — Não posso porque não tenho estudo. Não sou formado. Posso chamar um doutor? Era isso que eu ia fazer agora mesmo.

U: — Não. Não chame ninguém. Se você quiser, poderá fazer experiência conosco. Não tem importância que não tenha estudado. Apenas, não poderá vir agora porque não está em condições fisicamente. Precisa melhorar e quando quiser nós o levaremos.

J: — Não, mas eu não posso porque sou casado, sou pobre e preciso cuidar da minha família. Se eu for quem vai cuidar dela?

U: — Nada disso impede. Quando você quiser, entraremos em contato de novo e, se estiver preparado com melhor saúde, poderá vir conosco. É preciso alimentar-se bem. Você não falará conosco, mas nós o ouviremos.

J: — De onde são vocês, de onde vieram, quais seus nomes?

U: — Silêncio... Agora nada podemos lhe falar. No futuro, se você vier, quem sabe? Saiba aguardar o momento oportuno.

O diálogo durou por volta de 15 minutos, após os quais um dos tripulantes, que portava uma corda brilhante nas mãos, tencionou apanhar uma pedra com um gancho. "O que falava comigo pediu para que não tocasse em nada, porque poderia estragar as instalações com a energia que traziam no corpo. Houve uma pausa e no final eles reingressaram no aparelho. A cerca de 400 m de altura, lançaram uma luz fortíssima que me atingiu. Fiquei tonto e corri atordoado ao telefone, pedindo ajuda. Ao recobrar os sentidos, estava sendo socorrido no ambulatório médico. A lanterna e o revólver foram encontrados no chão, perto da guarita, pelo ronda Lourival São José". Eram então por volta de 22 horas. Os médicos verificaram que seu estado era normal. Ao despertar, sentiu fortes enjôos e uma ardência na região dos olhos, que persistiram durante várias horas .[202]

Instigado com a notícia veiculada em *Notícias Populares*, Bühler e sua equipe se dirigiram ao local em 17 de fevereiro de 1979.[203] Em Fronteira, foram informados de que Jesus já havia deixado seu emprego na hidrelétrica e se transferira para Barretos. Ao localizarem-no nessa cidade, constataram ser ele um homem modesto e sem pretensões. Com naturalidade, repassou os fatos acrescentando novos detalhes.

Na quarta-feira, 6 de dezembro, às 17 horas, como de costume, jantara no acampamento de Furnas, na avenida 15, Vila Fronteira, e às 18 horas iniciou a jornada — em substituição ao guarda Cristiano Marinho de Araújo — não sem antes checar o funcionamento de seu revólver Taurus, calibre 38. Chovera à tarde, por isso Jesus vestiu sua capa de plástico e se abrigou na guarita, na crista de cimento armado da barragem, pois dali usufruiria de ampla visão. Às 20h45min, olhando para a parte vazia do barranco, em direção sul, notou um reflexo nas águas turbulentas. Virando a cabeça para o norte, deparou-se com um objeto luminoso, à distância de uns 200 m e a 30 graus acima do horizonte. O engenho vinha em sua direção ao passo que o brilho diminuía, reduzindo-se a uma fosforescência. A uns 50 m, Jesus discerniu o formato: era um cone arredondado com apenas 3 m de diâmetro, que se locomovia paralelamente à crista da barragem, ao longo de uns 400 m à direita da guarita. O cone foi baixando ao ponto que no final da crista de cimento armado da represa ficou num plano inferior. Embora não ouvisse ruído de motor, Jesus pensou que se tratava de um helicóptero da Companhia de Furnas trazendo engenheiros ou diretores.

---

202 Pacheco, Valdir. "Mulher desce do disco voador e fala com vigia", in *Notícias Populares*, São Paulo, 21-12-1978, 1ª página e p. 5.

203 Os levantamentos efetuados foram minuciosamente relatados por Walter Karl Bühler e Guilherme Pereira em *O livro branco dos discos voadores* ("Capítulo 11: Disco voador na hidrelétrica de Marimbondo", Petrópolis, Vozes, 1985, p. 85-91).

Entretanto, depois de 3 minutos o veículo ultrapassou a crista, do lado direito, e estacionou no ar, a uns 7 m do vigilante. Na parte superior da porta do cone abriu-se uma pequena portinhola, de onde surgiu uma cabeça humana que fitou Jesus. A portinhola se fechou e a nave se aproximou ainda mais, até ficar a apenas uns 2 m de distância. A porta maior se abriu, deslizando para um dos lados. Três seres com 2 m de altura saíram e se postaram na plataforma circundante da base do cone — que teria uns 30 cm de largura. O do meio parecia uma mulher: os seios eram salientes e os cabelos atingiam 40 cm. Os que a ladeavam eram quase idênticos, como se fossem gêmeos. O trio possuía cabelos pretos e pele jambo-avermelhada, sangüínea. As sobrancelhas dos homens eram cerradas e, as da mulher, ralas. Os dentes eram normais. Vestiam macacões azulados inteiriços, de brilho metálico, cheio de dobras, como se fossem de pano. As luvas eram cor-de-rosa. O que os diferenciava de pessoas comuns eram as orelhas: pontudas e repuxadas para cima.

Quem se comunicou com ele foi o personagem à esquerda, ao mesmo tempo em que os outros dois conversavam entre si. O timbre de voz da mulher era menos grave. Jesus fez menção de procurar o telefone mais próximo, dizendo aos estranhos: “Vou chamar outra pessoa, porque não compreendo o que vocês falam”. Um dos seres gesticulou-lhe para que não fizesse isso. Sentindo-se desrespeitado em sua posição de guarda, Jesus resolveu detonar um tiro de advertência, em direção ao chão. Puxou o gatilho, sem resultado, o que o deixou encafifado, já que antes de iniciar o turno verificara o perfeito funcionamento do tambor de munição.

Nesse ínterim, a mulher saiu do interior da nave carregando uma espécie de caixa, semelhante à de sapatos. O personagem que inicialmente tentara encetar conversa, tomou a caixa e a manteve na altura do ombro esquerdo. A partir de então, o diálogo fluiu. Entrementes, o outro tripulante masculino penetrou na nave e saiu de lá trazendo uma corda de brilho metálico com um gancho de três pontas afixado na extremidade, com a qual tentou içar uma das pedras do barranco. Repreendido pelo que falava com Jesus, desistiu do intento. A tripulante feminina, por sua vez, saiu segurando uma espécie de caixa de cigarros, que, manipulada, fulgurava em cores alternadas. Postado num plano superior, Jesus logrou observar parcialmente o interior da nave através da abertura da porta. Divisou uma salinha, onde havia dois banquinhos e mesinhas circulares, com diâmetros aproximados de 70 cm, apoiados em suporte único de cerca de 1 m de altura. Decorridos uns 20 minutos, os ufonautas acenaram em despedida e recolheram-se definitivamente ao interior do engenho, que ascendeu lentamente e num certo ponto adquiriu um brilho extraordinário, partindo em velocidade vertiginosa. A cerca de 400 m de altura, a nave projetou uma luz sobre Jesus, que ficou com os olhos ardendo e o estômago enjoado. A sua função exigia que notificasse o incidente à empresa. Dirigiu-se ao mais próximo dos seis telefones instalados ao longo da crista de cimento e notificou seu colega Baltazar. Sem demora, acorreram, junto com este último, os companheiros Lourival São José e Moniz Assunção.

O médico que atendeu Jesus, Sérgio Tadeu F. Bandeira, do ambulatório da hidrelétrica, contou à equipe de Bühler, em Fronteira, que recebeu um telefonema urgente do hospital solicitando sua presença. Examinando o paciente, constatou sua sobriedade — não havia ingerido bebidas alcóolicas, pois temia perder o emprego. Bandeira teve de escurecer o ambiente, pois o vigilante não suportava nem mesmo a réstia de claridade que se infiltrava da sala contígua. Reexaminando o paciente no dia seguinte, o médico não detectou qualquer anormalidade. Não sofrera edema palpebral nem queimadura na região dos olhos. Jesus tinha 26 anos, era católico, filho de lavradores, cursara o primário, e estava há 4 anos casado com Sônia Maria Vicente Moreira. O casal residia em Barretos. Havia sido contratado há apenas trinta dias pelo Serviço Interno de Segurança (Plesvi) da hidrelétrica, para um turno de trabalho de 12 horas, com descansos regulares. Os plantões alternavam-se de noturnos para diurnos, de mês em mês. A visita de extraterrestres jamais fizera parte de suas preocupações.

As três visitas sobrenaturais do mito Tsimshian estabelecem relações entre termos "inferiores" e "superiores": a visita de Hadsenas, associado ao céu atmosférico, engravidando a jovem viúva; a visita de Asdiwal ao céu empíreo, casando-se com Estrela da Tarde, e por fim a visita de Asdiwal ao reino subterrâneo das morsas, guiado por um ratinho.[204] A primeira visita corresponde aos relatos de mulheres abduzidas e fecundadas por extraterrestres do tipo alfa (*grays*), que lhes retiram os fetos depois de 3 meses e os apresentam posteriormente como crianças já crescidas em ambiente desconhecido. O mito se aproxima ainda mais desses relatos ao mencionar o fato de Asdiwal ter seu nascimento acelerado por "meios sobrenaturais". A segunda visita nos faz pensar em casos como o de Villas Boas. E quanto a última visita de Asdiwal, empreendida ao reino subterrâneo?

Dentre tantos casos recolhidos a respeito, destacamos o da pianista clássica brasileira Luli Oswald, pesquisado por Irene Granchi. Na noite de 15 de outubro de 1979, Luli viajava de carro guiado por um amigo de seus filhos, com destino a Saquarema, região dos Lagos, a leste da baía de Guanabara, litoral do Rio de Janeiro. Quando passavam pela praia de Jaconé, notaram um grupo de discos voadores perseguindo-os. Uma das naves que sobrevoava o mar arrebatou-os por meio de um feixe de luz, e ambos acabaram submetidos a exames numa espécie de sala de operações. Pelas descrições de Luli, os seres tinham a altura de uma criança de 13 anos, pele cinza, pés de pato, nariz longo e afilado e orelhas semelhantes as de um rato. Revelaram serem provenientes de um mundo subterrâneo que se comunica com a superfície através de um túnel sob o Mar da Patagônia.[205]

A persistência de fenômenos similares denota uma tensão social que se manifesta por intermédio de mitos. Não devemos, entretanto, incorrer no erro de generalizar tão ampla temática. As questões histórico-antropológicas levantadas não pretendem negar a validade de interpretações anteriores, mas apenas acrescentar uma nova visão e apontar caminhos. Como disse o sociólogo Norbert Elias, "a sociologia deveria nos ajudar a entender melhor e a explicar o que é incompreensível em nossa vida social". Essa tarefa se torna muito mais complexa quando o assunto é o fenômeno OVNI, que por vezes ultrapassa todas as categorias lógicas conhecidas.

As mulheres, tal como no mito de Asdiwal, têm sido igualmente protagonistas de contatos sexuais visando a reprodução de híbridos. A revista *Flying Saucer Review* descreveu em extenso artigo a aventura vivida por Elisabeth Klarer,[206] que contava com o apoio de Edgard Sievers, ufólogo sul-africano, autor do livro *Flying Saucer über Südafrika*. Klarer viu um disco voador pela primeira vez aos 7 anos de idade, ansiando, desde então, pelo seu retorno, que só ocorreria décadas após. Num belo dia, desceu em sua propriedade um disco tipo Adamski pilotado por um "galã do espaço", por quem se apaixonou.

O caso em si é altamente indigesto, e qualquer psicólogo concluiria que a heroína catalisou frustrações sentimentais e sexuais, como fez Bethurum. Para enfrentar a solidão no deserto de Mojave, Bethurum criou a miragem de uma encantadora mulher espacial; na solidão da fazenda no sul da África, Klarer idealizou o "homem de sua vida". Cynthia Hind envolveu-se pessoalmente com a protagonista, quebrando todos os protocolos que exigem um certo distanciamento. Apesar dela ter dito que nunca tomara partido da história, seus escritos demonstram o contrário. Ela nunca escondeu sua simpatia por Klarer, classificando o caso como "um dos melhores vindos da África". Hind chegou a ser acusada de credulidade excessiva e de ter sido hipnotizada por Klarer, retratada como "uma mulher surpreendente, de vida suave que

---

[204] Lévi-Strauss, Claude, op. cit., p. 28.

[205] Região na extremidade meridional do continente sul-americano, limitado ao norte pelos rios Negro e Limay, ao sul pelo estreito de Magalhães, e a leste e oeste pelos oceanos Atlântico e Pacífico. Descoberta em 1520 por Fernão de Magalhães, e dividida entre a Argentina e o Chile em 1881. A Patagônia possui depósitos minerais (petróleo e carvão) e criação de carneiros.

[206] "Aterragem na África do Sul", in *Flying Saucer Review*, Londres, novembro-dezembro de 1956, nº 6, v. 2, novembro-dezembro de 1956.

nunca se importou em aceitar publicamente ter concebido uma criatura ilegítima". Ou seja, uma precursora do feminismo. "Klarer é uma mulher bonita, com olhos em forma de amêndoa, vivos e verdes e cabelos castanho lustroso. Ela tem enorme carisma e magnetismo pessoal. Ao conhecê-la encontrei uma senhora atraente, inteligente, aparentando muito menos idade de que ela efetivamente tinha. Ela me pareceu um pouco fria, apesar de gentil, e possuía um certo fascínio, um charme, que permanecia com o passar dos anos". Hind a conheceu em 1989, quando Klarer contava 79 anos de idade e residia em Joanesburgo.

Natural de Natal, África do Sul, cresceu numa fazenda aconchegante entre as montanhas Drakensberg, uma das áreas mais frescas da província. Aprendeu a navegar e a pilotar, formando-se em meteorologia em Cambridge, Inglaterra. Na juventude, fazia longas caminhadas na montanha de Drakensberg, perto do rio Mooi, o local da fazenda dos pais, onde, em outubro de 1917, viu, junto à sua irmã, uma bola laranja-avermelhada que parecia um meteorito em curso de colisão com a Terra. Um objeto metálico arredondado circulou três vezes em torno da bola luminosa, desviando-se a tempo de evitar a colisão. Klarer ficou mistificada. Durante anos voltava sempre ao mesmo ponto, esperando que a visão se repetisse. Os anos transcorreram e ela acabou casando com o capitão Philips, piloto de provas, indo morar longe da fazenda. Klarer costumava voar com Philips e, num entardecer de 1937, no trajeto de Durban a Baragwanath, a bordo do pequeno avião Havilland-Leopard Moth, viu uma luz branca azulada rasgando o céu.

Aproveitando a visita à fazenda onde agora moravam a irmã e o cunhado, em 27 de fevereiro de 1954 Klarer subiu a colina que tanto apreciava. Às 10 horas, surgiu um disco metálico, com cerca de 18 m de diâmetro, que ficou pairando a uns 4 m de altura. Havia um homem em pé na portinhola, com os braços cruzados, sem expressão, como se apenas observasse a paisagem. A face era magra, o nariz afilado, os ossos molares eram altos e os olhos rasgados. O deslocamento de ar tornou-se quase insuportável, e a nave partiu repentinamente. Klarer não contou o fato a ninguém, exceto à sua irmã.

No feriado de Páscoa de 1956, estava no litoral com seus dois filhos. Sentindo uma forte compulsão para voltar à fazenda, não pensou duas vezes. Colocou as crianças no carro e correu para lá. Na manhã seguinte, 7 de abril, acordou cedo e escalou a colina, que agora chamava de "a colina do disco voador". Assim que chegou, não se surpreendeu ao avistar a mesma nave, só que desta vez pousada no solo. O homem do espaço aproximou-se e pegou a mão de Klarer, que se entregou com total confiança. De perto, ela notou o quanto era alto (quase 2 m de altura), sem bem que não fosse tão jovem como supunha. O rosto tinha rugas profundas e os cabelos eram grisalhos na fronte. Os maxilares eram altos e proeminentes, e os olhos, cinza-claros, se dobravam em direção às têmporas. Vestia uma roupa inteiriça, de cor creme, que ao cair da tarde se tornou prateada, brilhando feito nylon. O tecido era leve e confortável. Dentro do disco havia outro homem, só que moreno e atarracado, que parecia ser o ajudante do grisalho. Klarer perguntou se ele era russo, ouvindo a resposta de que procediam de Meton, um planeta da estrela Alfa Centauri.

Os detalhes descritos por Klarer condizem com aqueles de outros casos: a cabine circular era iluminada por luzes indiretas e não havia frestas visíveis. A nave "zuniu" e vibrou o ar ao partir. O venusiano, que se apresentou como Akon, exprimiu-se no mais perfeito inglês e a levou para um passeio espacial que durou 12 horas, período em que comeu folhas, frutas, uma espécie de bolo de aveia, e bebeu suco de frutas, já que o povo de Akon era vegetariano. Em 17 de julho, Klarer, munida de uma câmera fotográfica, tirou do alto da colina sete fotos do disco que surgiu no meio de uma formação de nuvens tempestuosas. O GSW taxou-as de fraudes deliberadas.

Os encontros romanescos com Akon se repetiram, redundando em gravidez. Em 1959, aos 5 meses de gestação, Akon resolveu levá-la a Meton, onde concebeu um menino batizado de Ayling. Ela viveu alguns meses no planeta, mas, com a saúde afetada pelo ar que lhe impunha dificuldades de respirar, teve de retornar à Terra. Em síntese, estas eram as características do

povo extraterrestre com quem conviveu: O planeta não fora afetado pela poluição; necessitava de "sangue novo" para aprimoramentos genéticos; tinha um passado de 400 milhões de anos; aboliu os sistemas políticos e monetários, o casamento, as guerras e as doenças; abandonou o uso da roda; criou bebês de proveta mas desistiu do intento pois os "produtos" nasceram com personalidades frias e indiferentes; tentou estabelecer a harmonia com todos os planetas; usava a telepatia; viajava de uma dimensão a outra (a nave combinava matéria e anti-matéria e o equador formava um vácuo).

A contatada tornou-se uma médium reconhecida e uma celebridade nacional. Fundou uma seita religiosa que pregava a maravilhosa filosofia do povo de Akon — "baseada no amor universal e nos complicados dados técnicos que envolvem tempo e espaço, assuntos sobre os quais os cientistas da Terra estão apenas especulando" — e contou suas experiências em dois livros, que lhe rendaram um dinheiro razoável: *Beyond the light barrier* (*Além da barreira da luz*), publicado na Alemanha e na África do Sul e *O arquivo da gravidade*.[207]

É estupefaciente constatar que todos os envolvidos no caso são brancos, de classe média alta, descendentes de colonizadores ingleses, inclusive a ufóloga Hind. Embora tentassem propositadamente encobrir esses aspectos, essenciais para a compreensão do caso, não nos escapou o fato de que a África do Sul, governada por essa minoria, sucumbiu ao *apartheid*, política de segregação racial que por décadas perseguiu e discriminou os negros nativos. O "galã do espaço", como não poderia deixar de ser, também era branco. Eis o detalhe mais revelador: no encontro de 7 de abril de 1956, Klarer disse ter visto dentro do disco um homem moreno e atarracado que não passava de um mero "ajudante" de Akon. O único personagem não branco incluído na história era um subalterno cumpridor de ordens. Klarer, escudada por Hind, projetou em sua narrativa, diga-se de passagem delirante e fictícia, os preconceitos do regime racista sul-africano que arraigara.

A dona de casa Cynthia Appleton, residente em Aston, Birmingham, Inglaterra, em 18 de novembro de 1957 descansava tranqüilamente na sala quando notou, ao lado da lareira, os contornos de um homem alto e belo, de cabelos longos, que aos poucos ia se delineando, feito uma imagem de televisão. Vestia uma roupa prateada colada ao corpo, semelhante aos impermeáveis de borracha. Um jornal ao pé do visitante se queimara assim que se materializou. Por telepatia, disse que viera à Terra em busca de "titium" ou titânio. Como num passe de mágica, fez surgir uma "tela de televisão" em uma das mãos, através da qual Appleton viu as imagens da espaçonave circular. O homem prometeu que retornaria em 7 de janeiro, sumindo tão repentinamente quanto chegara. No dia combinado, apareceram duas figuras altas e esguias, com cerca de 1,80 m, cabelos curtos e uniformes idênticos aos do "chefe". Um deles falou em inglês, revelando serem oriundos de uma região de Vênus chamada Ghanas Vahn. Appleton desejou tocá-los, mas foi advertida de que isso seria danoso à saúde. As figuras que ali via eram apenas imagens projetadas da nave. Antes de partirem, informaram que não mais voltariam de modo a evitar que sua saúde fosse prejudicada. Tempos depois, Appleton divulgou à imprensa que estava grávida e teria um filho, não de seu marido Ronald, mas de um ser proveniente de Vênus...

Funcionária de uma companhia telefônica, Shane Kurz enviou uma carta ao ufólogo Hans Holzer pedindo que lhe recomendasse um especialista em regressão hipnótica. É que ultimamente andava mais ansiosa devido à repetição de certos sonhos e sensações corporais. Desde que em 1968 protagonizara um incidente do qual só guardava lembranças parciais, tornou-se interessada no assunto e membro do grupo Contact International, sediado em Nova York. Em abril de 1975, Shane passou a escrever artigos sobre OVNIs e fenômenos psíquicos para dois jornais. Exceto por essa predileção, Shane era uma típica jovem de classe média que vivia em uma pequena região rural, afastada do agito dos grandes centros. O sobrenome Kurz era

---

[207] Hind, Cynthia. "Dois excepcionais casos ufológicos africanos", in *UFO Documento*, Campo Grande, junho-julho de 1989, nº 1, v. 1, p.16-20; IDEM, *UFOs: contatos africanos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1987, p. 33-55.

herança de seu pai, de origem germano-franco-suíça, ao passo que sua mãe, Doris Bailey, descendia de franceses, irlandeses, espanhóis, portugueses e de índios cherokees. Embora Shane fosse um nome masculino, sua mãe quis batizá-la com ele mesmo assim, pois era tirado de uma de suas novelas preferidas, escrita por Zane Grey. Natural de Nova York, Shane cresceu num ambiente em que predominava a religião batista, ainda que não costumasse freqüentar a Igreja.

Na primavera de 1968, vários OVNIs foram vistos no centro de Nova York, principalmente nos arredores de Westmoreland, onde a família residia num sobrado de madeira perto da estrada. Certa noite, Shane e sua mãe, munidas de um telescópio, observaram um objeto brilhante em forma de charuto deslocando-se elipticamente. Às 2 horas de 15 de abril, Shane despertou sacudida por sua mãe, que queria saber como conseguira dormir com tanta luz inundando o quarto. Ao abrir os olhos, viu um feixe de luz branca saindo da janela, tão forte que as irmãs, instaladas no quarto vizinho, também acordaram ofuscadas pelo clarão. Shane telefonou à Base Aérea de Griffis e ao aeroporto do condado de Oneida, a poucos quilômetros de distância, certificando-se de que nenhum balão meteorológico ou aviões de testes sobrevoara a região.

Em 2 de maio, Shane vivenciou uma experiência intrigante. Depois de permanecer 2 horas olhando o céu, viu o mesmo objeto em forma de charuto surgir e executar uma trajetória elíptica. Uma hora mais tarde ela adormeceu profundamente, sendo despertada às 8 horas por sua mãe que lhe perguntava nervosamente onde havia estado. Como se estivesse bêbada ou drogada, Shane custou a acordar, dando conta então de que se encontrava deitada em cima da coberta da cama e vestida com o roupão e os chinelos, ambos sujos de lama seca.

A partir daquela manhã, Shane começou a apresentar mudanças físicas e mentais. Ao tomar banho de chuveiro para remover a lama, notou duas marcas vermelhas, triangulares, um de cada lado do abdômen inferior, e um risco vermelho que saía do umbigo. As marcas eram sensíveis ao toque, e doíam feito queimaduras. Pesadelos a perturbavam, entrou em depressão, perdeu peso e a menstruação cessou. Só muito a contragosto consultou um médico, estranhando a si mesma, pois nunca tivera receio de médicos. Na ocasião em que fora examinada, as marcas no abdômen haviam sumido. Por insistência da mãe, ainda submeteu-se a outros exames – incluindo um eletroencefalograma – no hospital local, cujos resultados nada indicaram. Na ausência de subsídios para um diagnóstico seguro, supôs-se que sofrera uma choque traumático.

Shane continuou enfrentando dificuldades de conciliar o sono à noite. Os olhos ficaram estrábicos. Ardiam e doíam. O oftalmologista constatou que a visão piorara repentinamente desde a última consulta há 4 meses, quando apresentava visão perfeita, 20/20, e teve de receitar-lhe óculos. A dor de cabeça era insistente, assim como a vontade de chorar. Por outro lado, a audição se amplificara a ponto de, deitada em seu leito, ouvir sons distantes.

Nove meses depois, Shane começou a perder o apetite e conseqüentemente o peso, entrando num estado depressivo. O ciclo menstrual só se normalizou 1 ano e meio depois.

Em fevereiro de 1973, Shane estava quase que totalmente recuperada, tornando-se mais sociável e acessível e agendando mais compromissos do que nos últimos 4 anos. Passou a ter sonhos clarividentes, nos quais previa fatos cotidianos de sua vida e de sua família. As faculdades psíquicas foram aprimoradas. Os relógios de pulso que usava funcionavam de modo estranho, como se seu corpo exercesse alguma influência magnética.

Porém, faltava desvendar o que afinal se sucedera. Em julho de 1974, a família se mudou para Whitesboro, uma pequena cidade de Nova York, a cerca de 16 km de Westmoreland. Em 25 de janeiro de 1975, Shane reportou outro incidente perturbador: "Ontem de manhã, acordei atrasada. Havia perdido a hora e adquirido queimaduras no pescoço, no rosto e parte superior do peito. No antebraço direito, um sinal vermelho com um pequeno furo de injeção no meio. Sentia um sono excessivo, sem que tivesse tomado remédios na noite anterior". Shane pensou que o seu colchão elétrico provocara as queimaduras, ainda que estivesse desligado.

Em 21 de fevereiro, Holzer hipnotizou-a e remexeu nas lembranças amnésicas daquela noite de 2 de maio de 1968. Por volta da meia-noite, Shane deitou-se e logo ouviu uma voz chamando pelo seu nome. Ela se levanta e veste o roupão, fechando todos os botões. Coloca os chinelos e atravessa o *hall*. A noite está fria. Caminha até o outro lado da rua, enlameando os pés. O disco voador, com uma borda giratória brilhante, desce atrás de uma casa. Alguns seres se aproximam e um feixe de luz quente os "puxam" para bordo.

Ela se vê num quarto branco, parecido com o dos hospitais, sem móveis, exceto uma mesa. Um homem magro, baixo e forte, sem nariz, vestindo camisa esporte, se aproxima. Ao falar, ela reconhece a voz, a mesma que ouvira no quarto. Ele pede que tire a blusa, mas ela recusa. Atrás dele, um outro homem de conformação física semelhante, usando um capote comprido, segura o seu braço, enquanto o "médico" arranha a sua pele e deposita a raspagem sobre um "papel encerado" quadrado. "Gosto desse médico", diria Shane. O seu braço dói, como se tivesse levado uma injeção. Ele insiste para que ela tire as roupas.

"Não posso resistir. Sinto-me tão... ele tem um aparelho. É triangular e luminoso. Os meus olhos estão fechados, sinto algo queimando. Dói. Tento mover os braços e cobrir o umbigo. Ele quer enfiar a agulha comprida no umbigo. Coloca as mãos sobre os meus olhos e diz que não vai doer, mas está doendo. É como se algo movimentasse o meu estômago. Preciso livrar-me de sua mão! Agora ele se afasta. Já não dói mais. Ele é o capitão, o chefe. Está me olhando. Seus olhos são tão penetrantes! Não posso ver a sua boca, não há músculos nos lábios. Ele me deseja. Quer que eu me una com ele. Eu pergunto de onde são. Eles vêm de muito longe. Quer que eu vá com ele. O chefe despiu-se. Segura um tubo cheio de geléia. Não quero olhar. Estou descendo. A mesa está descendo. Ele está esfregando aquela geléia no meu abdômen e no meu peito. Ele diz que isso estimula, é quente. Ele tem órgãos sexuais parecidos com os humanos. Ele é engraçado, tem a pele acinzentada, quase branca. Está sobre mim. Sinto-me mal. Estou gostando. E tentando não gostar. Acho que é aquela geléia. Ele está zumbindo feito um animal. Ele geme. Ele está me seduzindo, e eu não quero...".

Consumado o ato, o chefe devolveu o roupão a Shane e vestiu sua roupa. "Eu o ofendo. Digo que me seduziu, e ele nega. Eu quero morrer. O que minha mãe vai dizer? A mesa está fria e meus pés também. Estão me calçando os chinelos e dizendo que posso ir embora. Sinto-me cansada. Ele diz que não vou lembrar de nada. Sedução? Eu me lembrarei. O aparelho se abre, e um de feixe luz emitido por um 'olho' enorme cai sobre mim. Estou descendo, flutuando no ar. O disco está indo embora, não quero olhar. Não posso me lembrar como cheguei a casa. Sinto-me esquisita, com a cabeça doendo".

A narrativa de Shane coincide em vários pontos com a de Betty Hill: o exame médico, a dor provocada pela agulha inserida no umbigo para extração de óvulos, a tipologia dos alienígenas, os detalhes da nave, etc. Por recomendação de uma amiga, Shane leu o livro de John G. Fuller sobre o caso Hill em 1973, o que certamente a teria influenciado, já que a hipnose foi realizada em 1975. A educação batista que recebeu na infância levou-a a pensar que vivera em época bíblica e que seu arrebatamento condizia com os dos profetas Elias, Enoque e Ezequiel. Holzer depreendeu que o "estuprador alienígena" foi o primeiro homem da vida da jovem, motivo porque autocensuras – instadas pela moral religiosa – atormentaram-na impiedosamente. O aumento excessivo das exigências da libido versus a repressão social, enfraqueceram o ego gerando transtornos neuróticos acompanhados de refreamento sexual, estados de ansiedade, distúrbios físicos e psicológicos.

Uma moradora de Melbourne, Austrália, procurou um repórter do jornal *New York Chronicle* em 21 de novembro de 1966, dizendo: "quer o senhor creia ou não, um alienígena me seduziu e me engravidou dentro de um disco voador!". O ufólogo Frank Edwards contou que Marlene Trevers, 24 anos, visitava os amigos interioranos na noite de 11 de agosto, ouvindo deles a menção de que um OVNI rondara a região um dia antes. Descrente, Marlene apenas riu.

Após o jantar, ela resolveu fazer uma caminhada de 800 m até um estabelecimento onde compraria cigarros. No meio do caminho, escutou um zumbido e viu um disco prateado, com cerca de 18 m de comprimento e 2,5 m de altura, emanando luz própria, que pousou num campo a uns 15 m dali. "Uma porta corrediça se abriu e um homem alto e elegante, envergando uma túnica metálica verde bem ajustada no corpo, saiu do disco e me fitou com um olhar faiscante. Eu queria correr e gritar, mas estava petrificada". O homem abriu a boca e soltou um "ganido agudo". Ele não usou a força; um leve toque bastou para deixá-la à sua mercê. Adentraram o disco, passaram por um painel de instrumentos e chegaram a uma sala "fartamente mobiliada".

O alienígena comunicou-lhe telepaticamente que ela tinha sido escolhida para ser a primeira mulher da Terra a gerar um filho com um homem de seu planeta, no caso ele próprio. Marlene cedeu e manteve relações sexuais, ao fim das quais foi levada para fora. No percurso, tropeçou numa peça exposta da nave, talvez uma "chave". A faísca resultante do atrito queimou os tornozelos de Marlene, que caiu desmaiada. Ao despertar, viu-se deitada no campo onde o disco pousara. Retornando à casa, foi admoestada pelos amigos, que a procuravam há horas. Um médico constatou as queimaduras nos tornozelos. Junto com os amigos, ela voltou ao campo e apontou uma grande marca no solo. Semanas depois, Marlene foi novamente ao médico, que confirmou a gravidez. O que aconteceu à híbrida criança, ninguém sabe.

Uma professora da Califórnia alegou em 1966 ter sido raptada e narcotizada a bordo de um Cadillac preto dirigido por um homem que vestia um manto branco e comprido. Cordélia Donovan acordou dentro de um disco voador, onde foi seduzida por um alienígena, escreveu John Keel em *Our haunted planet*. Keel cita o livro *Those sexy saucer people*, de Jan Hudson, que menciona boatos sobre bebês espaciais que estão nascendo na Inglaterra, na América do Sul, no México e nos EUA. "Tais boatos têm preocupado alguns ufólogos que temem que os extraterrestres estejam empenhados numa experiência biológica de massa visando a criação de uma raça híbrida que irá dominar a Terra".[208] Em *Strange creatures from time and space*, Keel afirma que "Existe um grande número de fatos notáveis que sugerem que tais cruzamentos estejam sendo realmente feitos".[209]

Mulheres engravidam de criaturas celestes desde os tempos bíblicos. Nos pergaminhos de Lameque, que integram os textos Qumram, do Mar Morto, decifrou-se partes de uma história apócrifa. Certo dia, ao chegar a casa, Lameque, pai de Noé, deparou-se com um menino que não se enquadrava no tipo físico da família. Levantou pesadas acusações contra Bat-Enosh, sua mulher, e se recusou a aceitar que a criança se originara dele. Bat-Enosh ainda jurou por tudo que era sagrado que o sêmen era do marido, pois não se deitara com nenhum "filho do céu". Desassossegado, Lameque foi pedir conselhos a Matusalém, seu pai, que por sua vez enfrentou os incômodos de uma longa viagem para consultar Enoque. O sábio, alarmado, vaticinou que sobreviria uma grande punição à humanidade, e que toda carne, por sua perversão, acabaria aniquilada, sugerindo que batizassem o menino de Noé, pois seria o progenitor dos sobreviventes da catástrofe universal. É de admirar que os pais de Noé fossem informados do dilúvio por Matusalém, que por sua vez o soube por Enoque, aquele que, mais tarde, desapareceria para sempre sem haver morrido (Gênesis, 5:24).

O intercurso ou a gravidez, em muitos casos envolvendo discos voadores, não passam de alusões a desejos socialmente reprimidos. Um exemplo notório é o de Meagan Quezet, uma dona de casa sul-africana de 30 anos, casada com Paul, de origem francesa, com quem teve dois filhos: Gary, 8 anos, e André, 12 anos. Meagan largara um curso de enfermagem devido a família, residente em Mindalore, subúrbio de Krugersdorp, cidade a uns 26 km de Joanesburgo. As casas não eram grandes, porém modernas e atraentes. As ruas eram amplas e asfaltadas, e circundadas por uma serra que oferecia uma vista panorâmica da área, de onde aliás se extraía

---

[208] Keel, John A. *Our haunted planet*, Greewich, Fawcett Publications, 1971.
[209] Holzer, Hans. *Os ufonautas: quem são os tripulantes dos discos voadores*, São Paulo, Global, 1979, p. 179-206.

manganês, ferro e asbesto. Uma fábrica de urânio se instalara no perímetro. Cynthia Hind a entrevistou em 12 de janeiro de 1979.

Às 23h50min de quarta-feira, 3 de janeiro, Meagan estava sentada na sala de estar finalizando a leitura de um livro, quando André entrou reclamando que não conseguira pegar no sono, sugerindo que preparasse uma xícara de chá. Nisso, Cheeky, o cachorro lingüiça vira-lata — que se recuperava de um atropelamento de carro —, começou a latir furiosamente e escapuliu pelo portão. Sem querer incomodar os vizinhos, Meagan pediu a André que a ajudasse prendê-lo novamente na garagem. A residência ficava na metade da rua Saul Jacobs. A uns 12 m adiante, havia uma rua recentemente aberta que se conectava à área industrial.

Perto dali, Meagan localizou Chekky, que não parava de latir e agora era acompanhado pelos cães da redondeza. Uma luz difusa cor-de-rosa brilhava no topo da estrada. Meagan comentou com André: "Olhe, já tem luz lá no alto". O menino, que costumava percorrer a estrada, estranhou aquilo, pois não havia postes de luz por lá. Meagan achou então que poderia ser um pequeno avião acidentado e resolveu conferir se alguém precisava de ajuda. "Ao nos aproximarmos, vi logo que não era um avião. Tinha um aspecto tão esquisito! Não entendíamos o que se passava. Mas, como enfermeira, senti que poderia ajudar prestando primeiros socorros. Se fosse necessário chamaria uma ambulância".

A coisa, fosse lá o que fosse, estava encapsulada por uma luz brilhante, cor-de-rosa. André fez um desenho no qual se distinguem duas luzes, um de cada lado da porta, e uma encimando o objeto. Na descrição de Meagan, ele "era um ovo cinza-chumbo com cerca de 3,66 m de altura e 4,88 m de largura, cortado em linha reta na parte de baixo, apoiado em quatro pernas com cerca de 1,22 m de altura parecidas com as de aranha". No momento pareceu-lhe ser "algum tipo de aparelho aéreo fora do comum em fase de testes", e não um disco voador. "Você sabe, eu não acreditava nesse tipo de coisa e nunca lera nada a respeito". Prossegue Meagan: "Seis homens saíram pela porta. Dois se afastaram para o lado esquerdo da nave, dois permaneceram próximos da parte central e dois vieram em nossa direção". André viu um dos homens do lado esquerdo abaixar e recolher areia, que deixou "escorrer suavemente entre seus dedos".

As frases eram entrecortadas, pronunciadas com vozes estridentes, numa língua parecida com o chinês. Envergavam macacões brancos que os cobriam inteiramente, só deixando o rosto e as mãos à mostra. Eram baixos e franzinos, com cerca de 1,58 m. O mais próximo de Meagan e André usava barba, tinha cabelo escuro, espesso e frisado e a pele azeitonada, como a das pessoas do Oriente Médio. O barbudo não tirava os olhos de Meagan. Como se fizesse uma saudação, inclinou o corpo e falou qualquer coisa a ela, que sentiu-se imediatamente atraída por ele: "Sempre gostei de homens barbudos". Foi só aí que se deu conta de que algo não estava normal, e gritou a André: "Vá chamar papai, correndo, por favor, correndo!". Os seres pularam de volta para dentro da nave, que partiu zunindo feito um "enxame de abelhas". Antes de se recolherem, as pernas se alongaram até alcançar mais de três vezes o tamanho inicial. André voltou ao topo da escarpada e também observou a nave cruzar velozmente o céu.

A intenção de Meagan era a de acordar o marido, mas logo se deu conta de que já não havia mais nada que ele pudesse fazer. Além disso, Paul era gerente de uma oficina, o que implicava em longas e cansativas horas de trabalho. Saía de manhã cedo e só voltava tarde da noite. Vivia cansado, e Meagan receava que sofresse um ataque cardíaco. Não seria justo, portanto, acordá-lo àquela hora da madrugada. De manhã, Paul ouviu a história e opinou de que se trataria de um OVNI. O que mais a atormentava era o fator tempo. Às 23h50min saíram para procurar o cão. Gastaram 5 minutos para atingir o alto do aterro, 10 minutos observando o aparelho e mais 5 minutos para voltar à casa. Ao todo, não teria decorrido mais do que meia hora, porém, o relógio marcava cinco para uma quando chegaram. Meagan aceitou ser

hipnotizada por um médico em 21 de junho de 1979, de modo a lembrar o que houvera durante o "tempo perdido".

O barbudo, expressando-se em inglês, manifestou desejo que ela adentrasse na nave. "Mas não posso. Não posso ir embora com você, tenho crianças". Ele puxou o seu braço e foi nesse instante que ela gritou para que André chamasse o pai. O barbudo insistia para que ao menos desse uma olhada: "Entra, entra e dá uma olhadinha. Você sabe que gostaríamos de levá-la embora. É um lugar lindo onde moramos. Muito bom. Você vai se sentir feliz lá. Olhe para dentro de meus olhos, olhe para dentro de meus olhos...". Meagan resistia: "E o meu filho? Ele é o menorzinho, ficaria apavorado sozinho. Acho que o meu marido não se importaria, mas e a criança? E o meu caçulinha? Não posso deixá-lo só". Por fim, ela acabou aquiescendo e entrou na nave, onde viu cadeiras, painéis, uma mesa no centro e luzes piscando. A um pedido para que se sentasse, foi tomada pelo medo e pulou para fora. O barbudo a seguiu e ordenou que olhasse em seus olhos: "Apenas olhe para os meus olhos. Vou dizer algo, e você vai esquecer o que houve". Novamente ela obedeceu: "Sim, gosto de seus olhos. São fantásticos, e tem qualquer coisa neles".

O médico que a hipnotizou concluiu que "A hipnose desencadeou um processo dissociativo que permitiu às fantasias e frustrações aflorarem, até o ponto de declarar que o marido não iria sentir sua falta, a não ser o filho caçula [...] não há dúvidas de que se trata de uma mulher de nervos extremamente tensos, profundamente influenciada pelo filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. André entra nesse jogo de fantasias como numa espécie de *folie à deux*, em que um influencia o outro no que querem ver e escutar. André recusou-se a participar da hipnose, em parte porque os religiosos de seu colégio convenceram-no de que a experiência fora "trabalho do diabo".[210]

Lilith, alma sombria e Eros negativo, fantasma persecutório da bruxa, da diaba, da prostituta agressiva, da sedutora cândida ou da mulher devoradora, fonte de terror e de pânico, irrompeu das grades do inconsciente e invadiu a cultura contemporânea, notadamente o campo dos OVNIs. De divindade exclusivamente ctônica e arcaica a arquetípico da alma dividida e da Grande Mãe urobórica bivalente, espelha a repressão dos instintos e das pulsões sexuais.[211] A primeira companheira bíblica de Adão, cujos traços a consciência coletiva apagou,[212] não nasceu da costela do homem, mas do pó, tal como ele. Cheia de sangue e saliva (menstruação e desejo), reivindicou igualdade, não aceitando a inferioridade e a submissão. Renegada, optou à convivência com os demônios no Mar Vermelho. Entronizada rainha do palácio do inferno, proclamou guerra ao pai e aos homens.[213] Não é à toa que as mulheres dos discos voadores são as que comandam os atos sexuais, agindo como *instrumentum diaboli* terrivelmente sedutoras.

Um baixo relevo sumério mostra uma figura híbrida, impenetrável, severa, inefável, disposta em pé, em posição frontal, com os braços abertos, os cotovelos dobrados em direção aos flancos, as mãos abertas e os dedos unidos. O vulto tem uma conformação rotunda, olhos grandes bem delineados e nariz regular. A boca esboça um grande sorriso, um frêmito imperativo de provocação sensual. O penteado dos cabelos segue a moda mesopotâmica ou proto-assíria; da nuca partem quatro serpentes fálicas sobrepostas em cone. O corpo é robusto e a bacia é ampla. As pernas, que se adelgaçam em direção aos joelhos, é um misto de plasticidade feminina e animalesca, terminado em garras de abutre com dedos rugosos. Ela segura nas mãos dois amuletos que lembram vagamente os sinais hieroglíficos da balança, cetros de potência,

---

[210] Hind, Cynthia, op. cit., p 197-224.
[211] Sicuteri, Roberto. *Lilith: a Lua Negra*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p. 140.
[212] *Ibid*., p. 9.
[213] *Ibid*., p. 33.

iniciação e justiça. Embaixo e ao lado, estão dispostas duas aves vigilantes cujas cabeças são semelhantes a águia, a coruja e aos felinos egípcios.[214]

A lua crescente e a cheia correspondem à Grande Mãe, à fertilidade e ao influxo benéfico da natureza. Quando a lua, concluída a última fase, desaparece, surge a dramática Lua Negra, "ausente" e obscura. Nas épocas egípcia e grega, Lilith assumiu um caráter numinoso. Em 3000 a.C., Ishtar, a famosa mãe de Tamuz, era adorada na Babilônia. A deusa lunar Astarté (ou Ashtart), era adorada por hebreus, fenícios e cananeus, conforme assinala a literatura acadiana. A grande Ísis egípcia surgiu na cultura mediterrânea em 1700 a.C. No último século a.C., em Frígia, surge Cibele. Entre os celtas é Anu (ou Annis), culto que se difunde pela Europa. Cibele seria identificada com as deusas gregas Rea, Gea e Deméter, e com suas equivalentes romanas Tellus, Ceres e Maia.[215] Ishtar se apresenta em primeira pessoa numa oração do período helenístico: "Eu sou divina, a senhora do céu, eu exerço a senhoria; pequenos e grandes eu arrebento de sua estabilidade. À noite, feito luz, estou alta no céu".[216]

As lâmias acorriam aos trívios e, durante a noite, se uniam às empusas para consumar as empresas nefastas. Com amplexos devoradores, sugavam o sangue dos jovens. O vampirismo das lâmias insurge como uma reativação, na psique grega, das fantasias canibais e sadomasoquistas. Na relação que o sujeito mantinha com a lâmia, produzia-se uma perturbação sexual em sentido autoerótico.[217]

Os inquisidores Heinrick Kramer e Jacobus Sprenger escreveram em seu manual de caça às bruxas que "Um diabo súcubo extrai o sêmen de um homem perverso e, se ele é o diabo particular daquele homem e não deseja se tornar um íncubo para uma bruxa, ele transfere o sêmen para o diabo atribuído a uma mulher ou bruxa e, por último, sob alguma constelação que favoreça seu propósito de que o homem ou mulher daí nascido seja forte na prática da bruxaria, tornar-se um íncubo para a bruxa".[218]

O espectro das bruxas começa a vaguear pela Europa no século XII. As bruxas se ofereciam aos demônios ou aos possessos e concebiam diabos. No Sabbat, a grandiosa epifania dos instintos sexuais, a bruxa renova seu protesto. Ela é a sucessora de Lilith, a rainha da noite. Esparge ungüento nos seios, no ventre, nas coxas e nádegas. A pomada mágica é preparada com gordura de crianças cozidas em água, aipo, acônito, folhas de choupo, fuligem, ácaro, pentalfilone, sangue de passarinho, gordura de porco, sonífero e óleo. É esfregada com força até avermelhar e dilatar os poros da pele, que assim se torna propícia às carícias eróticas.[219] Não é à toa que os seqüestrados tiveram seus corpos besuntados por óleos, geléias ou ungüentos afrodisíacos e excitantes.

A bruxa pode ser uma senhora casada, uma virgem ou anciã. Os corpos físicos permanecem no leito, e só a alma vai ao Sabbat. Montadas em cabos de vassouras lambuzados com ungüentos satânicos, são vistas cruzando os céus da noite. Na assembléia reúnem-se dez, vinte ou até cem bruxas. O local pode ser uma igreja sacrossanta, um curral, um castelo, um cemitério ou as ruínas de uma casa abandonada. A hora do convite oscila entre às 23 e 24 horas.[220] A aparição de Satanás ou Belzebu é iminente. Os pés são bifurcados, como os de Pã, o

---

[214] *Ibid*., p. 42.
[215] *Ibid*., p. 62.
[216] *Ibid*., p. 63.
[217] *Ibid*., p. 83-84.
[218] Kramer, Heinrick & Sprenger, Jacobus. *Malleus Maleficarum*, São Paulo, Três, dezembro de 1976, p. 58.
[219] *Ibid*., p. 122-123.
[220] É espantoso constatar que, hodiernamente, esse entreato de tempo seja também o preferido dos extraterrestres. Estudando os horários de atividades mais freqüentes dos ocupantes de OVNIs, o ufólogo Jader U. Pereira mostrou que estas se iniciam principalmente ao entardecer, entre 16 e 17 horas, atingindo um pico máximo justamente entre 23 e 24 horas, diminuindo e voltando a ter uma pequena elevação ao amanhecer e de manhã. A partir das 11 horas, há uma redução paulatina até baixar para zero, entre 15 e 16 horas. "No total, a atividade noturna apresenta o dobro de casos da atividade diurna. Se considerarmos, porém, que a quantidade de pessoas fora de casa durante a noite é

sátiro. A forma mais assumida é a de bode. Sobre a cabeça traz uma vela acesa. Os braços são peludos, assim como o tronco. As coxas e os membros inferiores são de asno ou carneiro. Senta-se num trono de pedra ou numa árvore seca. O diabo incute terror e erotismo. As bruxas se aproximam e se ajoelham fazendo mesuras.

O Sabbat se desenrola em frêmitos de prazer e paródias obscenas: cópulas violentas, estupros, abraços lascivos, amplexos antinaturais, aberrações... Nas igrejas, o diabo foi muitas vezes visto vestido de negro, com um chapéu na cabeça, pregando do púlpito para as bruxas unidas em círculo, segurando velas acesas. As chamas são azuis, lembrando fogos-fátuos. O vento se move, como se movem as bruxas ansiando o gozo. Elas se alinham em círculo, girando em sentido anti-horário. No rito diabólico, tudo é oposto ao sentido corrente. A prece introduz a Missa Negra. Carrosséis desenfreados aludem os mistérios de Elêusis e as orgias das bacantes de Zagreo. As bruxas gritam e correm até o exaurimento das forças. Em certas ocasiões, uma criança — ou apenas seu sangue — é oferecida em sacrifício. Tira-se sangue dos braços, das nádegas e das coxas das bruxas para que o diabo beba. As bruxas gritam não só por prazer sádico, mas igualmente pela dor de viverem uma sexualidade substitutiva, patológica, que produz frio, ao invés de calor humano. Uma bruxa conta: “Um bode negro com uma vela atrás do chifre conheceu-me carnalmente e me impôs grande dor”. Uma achou desagradável o coito com o diabo por ter sofrido uma dor atroz no ventre. Outra desistiu do amplexo porque não suportou a penetração do membro escamoso. As virgens saíam com cruentas hemorragias. A viúva Bush, de Barton, disse que o diabo era mais frio e pesado do que um homem e não conseguiu completar o ato sexual; Ianet e Issobel disseram que o seu membro viril é frio. O Sabbat se dissolvia a uma ordem expressa do diabo.

Graças a Freud, reconhecemos nas manifestações somáticas das mulheres medievais os sintomas da histeria de conversão. Torquemada e os demais inquisidores viam na bruxa aquilo que Charcot e Bleurer viram nas pacientes histéricas do século XIX: bulimia, anorexia nervosa, conversões e gravidez histéricas, tremores, estupor catatônico, catalepsia, amnésia, sonambulismo, narcolepsia, mitomania, *taedium vitae*, pessimismo, despersonalização, cisão endopsíquica, dislexia ou disfasia, coprolalia, escolalia e vômitos que expulsavam corpos estranhos como agulhas, etc.[221]

O *Malleus Malleficarum* registrou os corpos que os diabos assumem e os elementos de que são formados, os métodos pelos quais as bruxas copulam com diabos íncubos, os locais e as horas mais favoráveis, se o ato é acompanhado de injeção de sêmen retirado de outro homem, se o ato é visível apenas às mulheres, se os que foram assim gerados são visitados por diabos, etc. A respeito da matéria do corpo do diabo, diz-se que “ele assume um corpo aéreo que é terrestre em certos aspectos. O ar não pode por si só assumir uma forma definida, exceto a forma de algum outro corpo no qual esteja incluído”.[222]

Kramer e Sprenger assinalaram que na Antigüidade os íncubos já assolavam as mulheres contra sua vontade, citando Nider, autor de *Fornicarius*, e Thomas de Brabant, autor de *Do bem universal* ou das *Abelhas*. As bruxas modernas, no entanto, “são corrompidas por essa prática diabólica por vontade própria. Quantas não foram as mulheres que deixaram de ser punidas pela lei secular em várias dioceses, principalmente em Constança e na cidade de Ratisbon? Durante anos foram adeptas dessas abominações, algumas desde os seus 20 anos e outras desde os 12 ou 13 anos, sempre com uma total ou parcial abnegação da fé. Os habitantes desses lugares são testemunhas disso. Sem contar as que secretamente se arrependeram e retomaram a fé, nada

---

muito inferior do que durante o dia, esse dobro é representativo de uma atividade noturna muito intensa. O fenômeno seria, então, essencialmente noturno, e os avistamentos no fim da tarde e início da manhã seriam prolongamentos do início e fim da atividade” (Pereira, Jader U. *Tipologia dos humanóides extraterrestres*. Campo Grande, CBPDV, março 1991, p. 30).

[221] Sicuteri, Roberto, op. cit., p. 123-145.

[222] Kramer, Heinrick & Sprenger, Jacobus, op. cit., p. 53.

menos que quarenta e oito foram queimadas em 5 anos. [...] No condado de Burbia, em 1485, quarenta e uma bruxas foram queimadas após confessarem publicamente a prática de abominações com diabos".[223]

Se as bruxas se originaram dessas abominações, seria lícito concordar com Santo Agostinho e Santo Tomás que afirmaram "ser verdade que todas as artes supersticiosas tiveram sua origem na associação pestilenta de homens com diabos", que saberiam como garantir a "virtude do sêmen: primeiro pelo temperamento de quem o sêmen é obtido; segundo, pela mulher mais apropriada à recepção do sêmen; terceiro, pela constelação mais favorável àquele efeito corpóreo; e quarto pelas próprias palavras de quem gerará a obra do diabo. Quando todas as causas assim concorrem, conclui-se que homens nascidos dessa maneira são poderosos e grandes de corpo".[224]

Enfeitiçava-se de três maneiras: "Primeira, quando mulheres voluntariamente se prostituem com diabos íncubos; segunda, quando homens têm conexão com diabos súcubos, sem porém fornicarem com o mesmo grau de culpabilidade, pois os homens, sendo de natureza intelectual mais forte, são mais aptos a recusarem tais práticas; terceira, quando homens e mulheres são vinculados, por meio de bruxaria, a diabos íncubos ou súcubos contra sua vontade".[225]

As mulheres são apontadas como mais suscetíveis, "pois elas são mais tímidas e propensas a imaginar coisas extraordinárias". William de Paris é freqüentemente citado a propósito. Segundo ele, "Muitas aparições fantásticas ocorrem a pessoas que sofrem de melancolia, especialmente as mulheres. A razão disso, apontam os médicos, é que a alma delas, por natureza, é muito mais impressionável que a alma masculina. Vi uma mulher que pensava que um diabo copulava com ela de dentro para fora. Algumas chegam a pensar que engravidaram de um íncubo e vêem suas barrigas crescerem e incharem enormemente; na hora do parto, porém, ao invés de um bebê expulsam grande quantidade de ar".[226]

## 2.2. Contatos Hostis

Os chefes militares brasileiros ficaram tão perturbados com os ferimentos causados por um OVNI, na madrugada de 4 de novembro de 1957,[227] que solicitaram o auxílio do governo dos EUA para uma investigação confidencial.[228] O caso ocorreu num contexto de grande excitação mundial. Há 1 mês os russos haviam lançado o Sputnik I, primeiro satélite a circular a órbita da Terra. Como indicação do interesse dos alienígenas pelos nossos primeiros passos no espaço, as aparições de OVNIs aumentaram. Na zona de provas de White Sands, a Polícia do Exército seguiu um disco que decolou antes que chegassem perto. Outros policiais viram um segundo objeto pairando a 50 m do solo. Um comunicado oficial do Exército descreveu-o como um aparelho dirigido, com mais de 200 pés de comprimento. A censura foi parcialmente quebrada em meio a tanta agitação. Relatos de pilotos militares e comerciais, operadores de torres de radar, engenheiros aeronáuticos e outros profissionais gabaritados do Canadá, da Austrália, e de países da América do Sul, África do Sul e Europa, vieram à lume.

Às 2 horas, dois sentinelas do Forte Itaipu,[229] na Praia Grande, município do litoral sul a 78 km de São Paulo e a 8 km de São Vicente, notaram uma luz que, de início, pensaram ser uma

[223] *Ibid.*, p. 56-57.
[224] *Ibid.*, p. 57.
[225] *Ibid.*, p. 145.
[226] *Ibid.*, p. 150.
[227] Keyhoe, Donald E. *A verdade sobre os discos voadores*, São Paulo, Global, 1977, p. 29-32.
[228] Confirmado e apresentado em detalhes no comunicado da Academia da FAB, p. 459.
[229] No promontório, à entrada da Baía de Santos, ergue-se o Forte, guarnecido por um grupo de artilharia de costa.

estrela com brilho aumentado. Baixando diretamente sobre o Forte à tremenda velocidade, estacionou a cerca de 50 m acima deles, que discerniram a forma do objeto graças ao brilho alaranjado ao seu redor. Era circular, com no mínimo 30 m de diâmetro. Banhados por aquela luz amarela, ambos ficaram paralisados de medo. Armados com uma submetralhadora, nenhum tentou atirar ou fazer soar o alarme. O objeto emitia um forte zumbido, parecido com o de um gerador. Sem qualquer aviso ou sinal, uma intensa onda de calor atingiu de repente os dois. Não viram raios serem expelidos. Com as fardas em chamas, um deles caiu de joelhos e desmaiou, enquanto o outro, gritando de dor, procurou abrigo lançando-se embaixo de um canhão. Os gritos despertaram as tropas da guarnição, mas antes que saíssem, todas as luzes se apagaram. Um calor moderado penetrou o interior do Forte, que, somado à escuridão total, semeou o pânico. O calor dissipou-se rapidamente e as luzes logo se acenderam. Os soldados, assumindo postos de combate, ainda viram uma luz brilhante se afastando do céu.

Assim se reportou ao caso o suplemento especial do *Diário Popular*, publicado 10 anos depois: "O presente acontecimento deve ser visto pelo leitor com muita atenção, por ter-se passado aqui mesmo em território brasileiro e por ter acontecido em uma de nossas mais tradicionais bases militares. Citado em diversos catálogos, relatado intensamente pela imprensa e objeto de um capítulo do livro de Frank Edwards, não conseguimos localizar qualquer oficial do nosso Exército que tivesse condições de fornecer maiores detalhes. Entretanto, recomendamos que seja lido com a máxima atenção. [...] As duas sentinelas do Forte Itaipu, tiveram sua atenção voltada para um estranho disco voador de cor alaranjada e brilhante que vinha do horizonte em direção ao Forte. Com a aproximação do OVNI, forte onda de calor tomou conta dos dois jovens, a esta altura completamente apavorados. Uma das sentinelas teve ainda presença de espírito para tentar soar o alarma. A esta altura, todas as luzes do Forte se apagaram, sob ação aparentemente consciente dos tripulantes do OVNI. Uma das sentinelas não conseguindo resistir a emoção e a forte sensação de calor, desmaiou, tendo sido constatado mais tarde que havia sido vítima de uma síncope cardíaca. Tudo aconteceu durante um bom lapso de tempo em que, apenas aquelas duas testemunhas mudas presenciavam uma cena incompreensível. O disco voador nem ao menos tocou o solo do Forte. Permaneceu flutuando a pequena altura durante algum tempo, desaparecendo a seguir em grande velocidade. As luzes se acenderam novamente e soando o alarma ambos estavam visivelmente queimados. Nas áreas descobertas do corpo, constatou-se a presença de queimadura de 2º grau. Não havia qualquer sinal de radioatividade naquela fortificação e nem nos corpos dos jovens sentinelas. Por tratar-se de um forte convencional, cujo poder militar é apenas relativo e sem qualquer novidade, dificilmente se poderia explicar o interesse de estranhas criaturas por aquela fortificação".[230]

Os sentinelas queimados receberam tratamento médico no interior do Forte. Nas áreas descobertas do corpo, sofreram queimaduras de 1º grau e nas partes vestidas, de 2º grau. Não detectou-se a presença de radioatividade. O intrigante é que as fardas das duas sentinelas que faziam guarda no alto dos muros da fortaleza permaneceram intactas, tal como as roupas de João Prestes.

O comandante do Forte enviou uma mensagem urgente ao Quartel-General do Exército e os pilotos da FAB decolaram em patrulhas especiais. As altas patentes, através da embaixada norte-americana, contataram a USAF. Os sentinelas, mesmo em estado grave, foram inapelavelmente interrogados pelos militares que pretendiam descobrir o porquê de terem sido atacados. À caça de um motivo, um oficial da USAF invocou o Sign. Alguns membros desse projeto acreditavam que a Terra vinha sendo perscrutada por uma civilização avançada. No entanto, por que escolheriam um Forte como o de Itaipu e não uma base soviética ou norte-americana? De qualquer maneira, ao tomar conhecimento das graves implicações, a USAF

---

[230] August, A. S. "Caso: OANI deixa escuro o Forte de Itaipu", in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial "O estranho mundo dos discos voadores", p. 83-84.

passou a reexaminar os antigos relatórios e a conferir especial atenção aos que mencionavam o uso de força calorífica.

Em 4 de março de 1946, uma segunda-feira, mais de 1 ano antes do início da "Era Moderna" dos discos voadores, na pequena cidade de Araçariguama,[231] distante cerca de 70 km da capital paulista, ocorreu um dos casos mais fantásticos, intrigantes e discutidos da ufologia em todos os tempos. O mundo ainda se refazia dos estragos causados pela Segunda Grande Guerra — a mais destrutiva da história, que culminou com a explosão de duas bombas atômicas, arma até então desconhecida — quando o lavrador João Prestes Filho, 44 anos, sofreu o ataque de uma luz misteriosa. Não soube precisar de onde esta provinha e acabou morrendo em menos de 9 horas dentro de um quadro de horror dantesco que lembrava o das vítimas de Hiroshima e Nagasaki.

Na época, a cidade não dispunha de luz elétrica, telefone ou rede sanitária. Havia apenas um rádio e as pessoas se amontoavam em volta dele para acompanhar os jogos do Campeonato Paulista de Futebol. No campo, não se usava arado, só enxada e enxadão. No incipiente comércio, havia poucas mercadorias à venda: produtos vindos de fora como roupas, latas de sardinha, mortadela, sal, querosene, mais os do lugar, como feijão, arroz e batata. Todos se conheciam nas ruas e nos caminhos de Araçariguama. Qualquer coisa — da compra de uma garrafa de leite à entrega de uma carta — era um fato importante e inesquecível na vida dos pacatos habitantes, o que dizer então de um acontecimento como o de Prestes. Tanto que, mais de meio século depois, ainda encontramos testemunhas vivas que se recordam perfeitamente bem do caso.

Com o propósito de resgatar um dos maiores clássicos da ufologia mundial, dirigimo-nos à Araçariguama na companhia do jornalista e escritor Pablo Villarrubia Mauso. Antes fizemos uma parada em São Roque, onde nos hospedamos no Hotel Minas Gerais, um dos piores (e mais baratos) de lá. O desconforto, porém, foi compensador, pois na manhã seguinte encontramos em meio a uma pilha de jornais velhos ao lado do fétido banheiro um exemplar de *O Democrata*, que trazia em sua seção de falecimentos uma notícia que, apesar de triste, forneceu pistas que nos levariam às testemunhas do caso: "Faleceu no dia 6 de abril passado, em sua residência nesta cidade, o estimado sr. Roque Prestes, membro de tradicional família desta comunidade, como também Soldado Constitucionalista da Revolução de 1932. O saudoso extinto contava 91 anos de idade, viúvo de Inilde Veronezzi Prestes, deixa os filhos: João Sérgio, casado com Eunice Monteiro Prestes, Therezinha, casada com Antonio Castro, Maria Aparecida, desquitada, Luiz Prestes, casado com Nilza Prestes; José Carlos, casado com a profa. Cleunice Maria A. Prestes, Roque Prestes Filho casado com a sra. Leda de Lima Prestes, Benedito Santana, casado com a sra. Helena Lazzarini Prestes e profa. Ana Maria Prestes, casada com o sr. Sérgio Tozzi. Era irmão de Lazaro João Prestes (falecido); *João Prestes* (falecido) e dona Benedita Maria Prestes, viúva e Laudelina Prestes (falecida). Deixa netos, bisnetos e tataranetos, sobrinhos e parentes. Seu corpo foi velado no Velório Municipal e sepultado no dia seguinte (7) às 10 horas, no Cemitério da Paz. Às exmas. famílias enlutadas nossos pêsames".[232]

---

[231] Vila e município do Estado de São Paulo, na comarca de São Roque, próxima à margem esquerda do ribeirão Araçariguama, a 13,8 km de São Roque, a 19,8 de Santana de Parnaíba e de Cabreúva e 40,2 de Itu. Deve sua origem, segundo Azevedo Marques, à influência dos paulistas capitão-mor Guilherme Pompeu de Almeida, seu filho, o padre de mesmo nome, e Francisco Rodrigues Penteado, que ali edificaram a capela, depois matriz da paróquia, com o aval do padre Belchior de Pontes. No livro 1º do Registro de provisões da Câmara Episcopal, consta que a paróquia foi desanexada de Santana de Parnaíba em 1653 com a invocação de Nossa Senhora da Penha. Ao norte da vila, a cerca de 7 km, existe uma capela erguida em agosto de 1886 com a invocação de Nossa Senhora Aparecida, e ao sul, a 4 km, há outra denominada Colégio, atribuída ao padre Belchior de Pontes. As montanhas do município são ramificações da serra de São Francisco, destacando-se o morro do Japy, um dos mais altos do Estado, e o Voturuna. Pertenceu ao município de São Roque, do qual foi desmembrado e elevada à categoria de vila pelo art. 1º da Lei Provisória nº 43, de 16 de abril de 1874. Cultivava-se café, cana de açúcar, algodão e cereais.

[232] *O Democrata*, São Roque (SP), 12-4-1997, p. 10.

Tratava-se, sem dúvida, do irmão do "homem queimado pela estranha luz", que infelizmente havia falecido há 1 mês. Lamentamos ter chegado um pouco tarde e perdido a chance de consultar tão valiosa fonte histórica. Sem desanimar, concentramo-nos nos nomes acima e conseguimos obter o telefone de Luiz, filho de Roque. Este, por sua vez, nos indicou o nome de Vergílio Francisco Alves, irmão de leite de Roque e primo de João, que se revelaria uma fonte tão boa quanto o falecido. O próprio Luiz, a quem entrevistamos por último, concedeu-nos um proveitoso depoimento. Ambos residiam em São Roque.

Ao chegarmos à casa de Vergílio, depois de uma longa caminhada, sua filha nos informou que naquele momento ele se encontrava capinando o terreno do outro lado da rua, onde, sozinho, cultivava cana de açúcar, laranja, tangerina e banana. Gentilmente ele interrompeu o seu "lazer" e veio nos atender. Vimos logo que estávamos diante de um senhor idoso, mas bastante forte, ativo e lúcido. Acomodados na sala de visitas, dispomo-nos a ouvir as histórias que ele mesmo viveu e presenciou, entre elas a de seu primo.

Eis a versão de Vergílio: "Na semana do Carnaval, o João decidiu pescar. Avisou à sua mulher Silvina Nunes Prestes e consentiu que ela fosse brincar o Carnaval com os filhos. Pegou a charrete, deslocando-se do bairro da Água Podre, onde morava, até as margens do rio Tietê, a uns 2 km de distância, que na época tinha muitos peixes. Quando voltou, encontrou a casa vazia, pois todos ainda estavam fora. Colocou a charrete e o cavalo no curral e entrou para dentro. Tomou um banho de água morna na bacia e trocou de roupa. De repente, um raio amarelado 'alumiou' toda a casa, sentindo na hora o corpo queimado. Sentiu a barba rala dele queimada. Quis tirar a tramela da porta mas não conseguiu, tendo de fazê-lo com a boca. Saiu descalço e correu vários quilômetros a pé. Chegando em Araçariguama procurou sua irmã Maria e, desesperado, pediu ajuda, jogando-se na cama. O delegado João Malaquias acorreu de imediato, perguntando ao João o que havia acontecido. Este respondeu que o que o atingira 'não era nada deste mundo, e sim uma coisa invisível'. Aí começou a trovejar e chover. O Malaquias o levou ao hospital de Santana de Parnaíba, onde sentiu-se muito mal. Chamaram o seu irmão Roque, que tinha um armazém em Araçariguama. Mas o João acabou morrendo. O meu primo Veridiano é quem veio me avisar sobre o que tinha havido. Ainda cheguei a ver o João vivo. Lembro que ele estava conversando com o Malaquias, mas logo as forças o foram abandonando e ele não falou mais nada. Naquele tempo a estrada era muito ruim e o carro encalhava na terra. Quando ele chegou a Santana de Parnaíba acabou morrendo. Em seguida veio a Polícia Técnica de São Paulo. Eles apuraram que se fosse um raio o causador daquilo, teria de estar tudo queimado por ali, mas não tinha nada queimado. O João era branco a pele dele ficou avermelhada, torrada. As mãos e o rosto queimaram-se mais. O rosto assou. Já o cabelo não queimou. A roupa também não foi queimada. Só podia ser mesmo uma coisa invisível que o queimou por dentro. O João repetia que não era para culpar ninguém porque aquilo não era coisa deste mundo".

Detalhes desconhecidos da vida pregressa de João Prestes, relacionados aos fenômenos luminosos que há décadas assolaram a região, vieram a ser acrescentados por Vergílio. Contou ele que certa vez João foi atacado pelo "boitatá": "Na juventude, João era tropeiro e morava junto com o pai. Numa tarde ele foi tocar a tropa num morro alto e viu uma bola caindo. Perto do portão de uma capela, onde havia uma cruz, sentiu a bola passando ao lado dele, que quase o atingiu. Lá costumava aparecer muitas bolas de fogo, em grupos de até doze pelotas. As bolas eram avermelhadas, do tamanho da lua cheia. Às vezes cinco ou seis delas caíam e explodiam soltando fogo para cima. Eu nunca vi de tão perto, quem contava era o João. Por isso o povo chegou a comentar que o fogo do boitatá o havia matado. Eu só cheguei a ver a bola de longe quando vinha de um sítio de Araçariguama. A bola passava por uma montanha e caía. Às vezes a mãe d'ouro saía também dos morros de Araçariguama. Saía também o lagartão[233] do morro do

[233] Em várias regiões rurais do Brasil, a expressão designa uma luz que se alonga, tomando a forma de um "lagarto ou "dragão".

Saboão, sempre na boca da noite. Outras vezes saía da mina de ouro[234] de Araçariguama e ia para o morro do Saboão. A mãe d'ouro era diferente do boitatá, parecia mesmo um lagartão. Andava devagar e em linha reta, sem fazer barulho". Uma das diversões prediletas de Vergílio era jogar futebol. Numa foto que nos mostrou, tirada em 1920, aparece, junto com Roque, posando como um dos atletas do time Araçariguama F.C. Diz ter conseguido marcar, em certa ocasião, quando a partida estava empatada em 0x0, um gol de quarenta jardas. Depois da mina de ouro, Vergílio passou a exercer diversos ofícios, como lavrador, guarda de uma fábrica de ferramentas, vendedor de frios e peixes, servente de pedreiro, etc. Entre os 71 e os 76 anos, ainda trabalhou como construtor de casas.

Rumamos em seguida para Araçariguama, no único ônibus que ligava as duas cidades, cujo tráfego ainda era feito na maior parte por uma estrada poeirenta de terra. Lá, Fabiana Matias de Oliveira, acessora de imprensa do prefeito Moysés de Andrade, indicou-nos seu tio, Hermes da Fonseca, nascido em 1927, por ser um velho conhecedor da história e do folclore local. Aliás, seu pai escolheu este nome porque era justamente um "Hermista roxo".[235] Ao chegarmos, o encontramos fazendo alguns pequenos serviços num campo de futebol atrás da Prefeitura. Sentamos nos bancos de pedra e passamos a ouvi-lo atentamente: "Eu conheci o João Prestes e sua família quando me mudei para cá em 1945 e fui morar no bairro Aparecidinha. Ali, numa pegada de sapé, eu fui picado na perna por uma cobra cascavel. Conheci o João Prestes, seu irmão Lázaro, o Roque. O João tinha voltado de uma pescaria e foi queimado na sua casa, que ficava onde hoje é uma casa de ração. Levaram-no de charrete até Araçariguama. Lembro que passaram em frente a padaria Ema. Eu não cheguei a ver mas soube que ele recebeu umas queimaduras muito fortes que ninguém conseguiu identificar a causa".

Tal como Vergílio, Hermes revelou-nos inúmeros casos envolvendo a aparição de luzes estranhas. "Por volta de 1947, o Emiliano Prestes, irmão de João, viu em Ibaté, atrás do cemitério, o boitatá, dois fogos que iam e vinham e batiam um no outro. Esses fogos se aproximaram dele e começaram a rodeá-lo. O medo fez com que ajoelhasse e rezasse. Aí aquela coisa foi aos poucos se afastando. Até hoje muita gente ainda vê essas luzes no Ibaté. Há uns 2 anos e meio atrás, por exemplo, o Gilmar Gouveia viu uma luz soltando raios cor de laranja em volta de alguns animais. Ficou apavorado e chamou o cunhado para ver aquilo. Em 1955, exatamente 1 ano depois do suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto, muitas pessoas viram um objeto desconhecido junto comigo. Trabalhávamos na construção do teleférico da fábrica de cimento Santa Rita, depois pertencente a Votorantim, situada na rua Amador Bueno, perto de Itapevi. Havia lá umas gôndolas que puxavam pedras da represa de Araçariguama. Fazia calor e o céu estava azul. De repente, por volta das 11h15min, vimos um objeto semelhante a um prato de alumínio, brilhante. Ele dava voltas e deixava atrás de si um círculo branco de fumaça. Nós paramos o serviço para ficar observando. Até o encarregado que não gostava de ver a turma parada ficou ali estatelado. Por volta das 12h10min, vieram uns cinco ou seis aviões a jato, provavelmente da FAB. Então, em questão de segundos, a coisa se desmanchou no ar. No dia seguinte, os jornais noticiaram a aparição em Osasco de um estranho objeto. Já em 1960, um motorista de ônibus chamado Celso Gomide (irmão de Araci Gomide,

---

[234] A mina de ouro, situada a menos de 100 m da Castelo Branco — rodovia que liga a cidade de São Paulo à região noroeste do Estado —, na localidade de Morro Velho, apontada como um dos focos principais das aparições, foi fundada pelo general canadense George Raston em 1926, atingindo o auge nas décadas de 20 e 30. Em 1936, chegou a produzir 32 kg de ouro, desempenho que lhe valeu o título de principal veio aurífero do Estado. No final dos anos 30, entretanto, ela foi fechada. Vergílio trabalhou durante um certo tempo na mina. Naquela época era um rapaz de 16 anos. Como a presença de menores era proibida nos túneis, trabalhava do lado de fora, socando as pedras num pilão de ferro. Uma biquinha d'água levava esse pó 10 m abaixo. Depois que a areia caía, o ouro, mais leve, ia sendo depositado nas camadas superiores. Vergílio conta que quando os ingleses lhe perguntaram o seu nome, não conseguiram escrevê-lo corretamente. Um deles apelidou-o então de "Menino de Ouro", ficando assim conhecido.

[235] Correligionário do 8º Presidente da República do Brasil, Hermes da Fonseca (1910 -1914).

outra testemunha do caso Prestes como veremos adiante), voltava da festa do vinho em São Roque e viu uma luz vermelha que o fez parar o veículo. Ficou tão apavorado que se pôs a rezar. Depois de 20 minutos a luz sumiu em questão de segundos na direção da estrada de São Roque. É bom lembrar que do morro do Saboão (um vulcão extinto) às vezes sai uma luz e um fogo vermelho que vai até o morro do Voturuna. Esse fenômeno acontece há muito tempo".

No cemitério de Araçariguama entrevistamos o coveiro Nelsom de Oliveira, 53 anos, que trabalhava ali desde 1976. Aproveitamos para indagar se ele vira algo estranho. Eis o que nos contou: "Fantasmas eu nunca vi não, a não ser um tipo de um chapéu redondo da cor do alumínio que passou voando bem alto por cima do cemitério, há uns 8 anos atrás. Andava como se estivesse balangando, bem devagar, em linha reta, refletindo a luz do sol. Era parecido com um chapéu redondo, só que com a aba para cima".

À noite retornamos a São Roque para entrevistar Luiz Veronezzi Prestes,[236] com quem primeiro havíamos conversado por telefone. Eis a versão de Luiz para os fatos ocorridos com seu tio João Prestes: "Como era época de Carnaval, a família aderiu aos festejos em Araçariguama. O João, que não gostava de folia, resolveu pescar. Chegou a casa com a charrete e quando se preparava para jantar, abriu a janela e foi aí que a bola de fogo o atingiu. Desesperado, juntou suas forças e correu até Araçariguama, enrolado num cobertor. Ao virem-no naquele estado, as pessoas foram logo perguntando o que tinha havido. Ele só dizia que a bola de fogo entrara pela janela e o queimara. De repente, caiu desmaiado no chão. Puseram-no num caminhão e o levaram a Santana de Parnaíba. Meu pai, que além de ser o subdelegado da cidade — o delegado era um tal de Rio Branco — também era proprietário de um armazém, acorreu de pronto, encaminhando-o para a Santa Casa. Logo depois, a polícia mais aperfeiçoada da época chegou para investigar o caso. Constataram que na casa, com exceção de João, nada se queimara, nem mesmo a cadeira em que se sentara. Encontraram uma lamparina apagada com um pouco de querosene dentro, que obviamente não era a causadora daquela tragédia. Os peritos de Osasco, Barueri e Santana de Parnaíba não conseguiram encontrar nenhum vestígio ou prova que indicasse um crime ou acidente convencional. O inquérito principal foi feito nessa cidade. O João era uma pessoa pacata e ninguém tinha razões para matá-lo. O que aconteceu foi algo bem diferente, por exemplo, desse crime cometido pelos adolescentes de Brasília que incendiaram o índio pataxó com álcool".

A *causa mortis* apontada no certidão de óbito, segundo Luiz, foi "queimadura". O Cartório de Santana de Parnaíba expediu-nos o documento em 13 de janeiro de 1998 confirmando isso. O óbito foi atestado pelo médico Luiz Caligiuri, que deu como causa da morte "colapso cardíaco e queimaduras generalizadas de 1º e 2º grau".[237] Roque não deixou que Luiz, com apenas 8 anos de idade, visse João de perto, a não ser quando já estava coberto por um lençol. "Ele ficou como quem sofrera uma grave queimadura. Eu tenho uma foto tirada em 9 de dezembro de 1928 pelo meu avô por parte de mãe, Luiz Veronezzi, que retrata o menino Antonio Francischnelli Filho, vítima de queimaduras na cidade de Itu (SP). Meu avô inventou um remédio e curou esse menino. Meu pai costumava dizer que as queimaduras de João se pareciam com a desse menino. Entretanto, o estranho é que o rosto de João queimou, mas o cabelo e as roupas não". A esposa de João, Silvina, permaneceu viúva, não se casando mais. Até o fim de sua vida dedicou-se somente aos oito filhos: Genésia Nunes, Norberto Alcides, Mauro Nunes,

---

[236] Nascido em 1937, foi registrado inicialmente com o nome de Luiz Carlos Prestes em homenagem ao líder comunista, de quem seu pai era admirador. Destarte, por ocupar o posto de subdelegado de Polícia de Santana de Parnaíba, recomendaram que alterasse o nome para evitar problemas políticos. Rebatizou-o então como Luiz Veronezzi Prestes, mantendo o primeiro nome e o sobrenome que, por coincidência, era o mesmo. Roque chegou inclusive a conhecer o próprio Luís Carlos Prestes numa ocasião em 1958, quando este visitou São Roque. No entanto, era só um simpatizante das idéias de Prestes, nunca tendo se filiado ao PCB ou a qualquer outro partido.

[237] Silva, Luzia Anastácio da (escrevente autorizada), Santana de Parnaíba (SP), 13-1-1998, nº 2397, folhas 79 do livro C-014 de registro de óbitos.

Maria Lourdes, Dorival Nunes, João Nunes, Nelson Nunes e Getúlio Nunes. Mas, infelizmente, contou Luiz, "os filhos do tio bebiam um pouco demais. Um deles foi assassinado na Vila Aguiar. Outro morreu de tanto beber. Já o Norberto Alcides virou chefe de trem, mas de vez em quando bebia também". Ressalvou, porém, que "o tio João não bebia, era uma excelente pessoa. Eu me lembro dele passeando em Santana de Parnaíba. Gostava de usar chapéu e bota, ao contrário do tio Lazinho, que só andava descalço".

No que tange às bolas de fogo, Luiz fez questão de acrescentar outros casos. Confirmou o ocorrido com Emiliano Prestes, filho do tio Neco e irmão de seu avô: "Em 1947, 1 ano depois da morte de João, ele foi rodeado por uma tocha de fogo que chegou a queimá-lo superficialmente". Na juventude, Roque costumava freqüentar um baile de sanfoneiros no bar Aparecidinha. Para encurtar o caminho, atravessava o rio a nado puxando o cavalo. Um dia, na estrada, deparou-se com uma bola de fogo, três vezes maior que a lua cheia. O cavalo, com o susto, empinou as patas. A bola de fogo ficou à distância rodeando o meu tio. Depois disso ele deixou de ir ao baile. Meu pai chegou a ver essa bola diversas vezes. Às vezes ela ficava girando e se afastava com uma velocidade tremenda".

À desconcertante profusão de fenômenos misteriosos que por décadas assolaram a região, junta-se a lenda do lobisomem. Luiz narrou que numa noite de 1922, seu pai em companhia de seu avô e seu tio, vinham voltando da cidade quando, na beira de uma pinguela, avistaram um lobisomem. "Meu tio atirou uma pedra e feriu a mão do bicho. Meu avô disse a ele que aparecesse no dia seguinte no sítio para buscar sal. Ao chegarem a casa contaram o fato à minha avó, Presciliana. Por volta das 22 horas, um compadre do meu avô, que estava com a mão enfaixada, apareceu para pedir sal. O sítio de meu avô ficava em Araçariguama, perto do bairro da Água Podre e do Ribeirãozinho".

Em 15 de setembro de 1973, Max Berezovsky, presidente da APEX (Associação de Pesquisas Exológicas) de São Paulo, deslocou-se com os ufólogos Guilherme Willi Wirz, João Evangelista Ferraz, E. Krishna Anaken, William Lee Júnior e pesquisadores da Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres (ABECE), sendo recebidos em São Roque por Irineu Silveira, Jonas de Souza, Dirceu Arruda, Paulo Silveira Santos, Tito Lívio Gagliardi, Guilherme da Silva Pontes e João Genari, reunindo-se na sede do Rotary onde traçaram planos preliminares da pesquisa.[238]

No ano seguinte, em 28 de setembro, Wirz, Ivone Brandão, Luiz Jesus Braga Cavalcanti de Araújo e Fernando Grossmann voltaram à cidade e entrevistaram Araci Gomide, residente num sítio às margens do rio Tietê. Por ser amigo da vítima e também por ter praticado enfermagem nas Forças Armadas, Gomide foi chamado para socorrer Prestes, que já se encontrava na vila, em casa de Sebastião, um parente seu. Ao ver o estado físico do amigo, trancou-se com ele no quarto e perguntou-lhe o que tinha ocorrido e quem o havia queimado com água fervendo. Prestes, perfeitamente lúcido, respondeu-lhe que "não havia sido ninguém", que "não havia sido queimado" e que não sabia exatamente o que havia ocorrido. Relatou que, voltando de uma pescaria às margens do Tietê, ao entrar em casa pela janela, que encontrava-se encostada, quando já estava escalando-a, caiu sobre ele uma "claridade" que o envolveu. Terminou de transpor a janela, e já dentro de casa caiu ao chão sem sentidos. Gomide não forneceu detalhes sobre as circunstâncias em que a vítima recobrara os sentidos, mas esclareceu que em seguida andara 2 km a pé até a casa de parentes em Araçariguama e que viera exatamente com as mesmas roupas que vestia quando foi atingido pela "claridade", isto é, uma calça com as barras arregaçadas até as canelas e uma camiseta de meia manga com botões desabotoados no peito.

---

[238] "Cientistas tentam desvendar velho mistério de São Roque", in *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba (SP), sexta-feira, 20 de setembro de 1973, p. 20.

A visita de Gomide à vítima ocorrera cerca de 2 horas após o incidente. Prestes encontrava-se literalmente cozinhando como se tivesse sido escaldado em água fervendo, com suas carnes desprendendo dos ossos. As queimaduras, Gomide fez questão de frisar que tratava-se de uma analogia, e que nem sequer sabia designar o fenômeno. Nada estava chamuscado por fogo: nem os cabelos, nem pelos e nem as roupas. Cheirou a vítima, não sentindo o menor cheiro de queimaduras ou de combustível como querosene ou álcool. A vítima também não encontrava-se alcoolizada, porém lúcida e declarando não sentir nenhuma dor. A "claridade" que atingira Prestes, segundo declarações do próprio em plena lucidez antes de falecer, viera de fora da casa, envolvendo-o, e não de dentro da casa. Morreu às 3 horas, cerca de 9 horas depois da ocorrência.[239] Foi transportado de caminhão, tendo falecido em Santana de Parnaíba antes de dar entrada no hospital. Durante a conversa particular com a vítima, esta encontrava-se deitado de costas na cama. Gomide achava que Prestes fora queimado (ele enfatizou que o termo queimado é altamente impróprio) por uma "misteriosa bola de fogo" cuja ocorrência já vinha sendo observada em Araçariguama e que continuava sendo observada.

A casa de Prestes ficava dentro da rota do fenômeno que se iniciava no Alto do Cotiano. Grossmann e Araújo concluíram que a vítima não foi queimada por chama oriunda de combustíveis convencionais (querosene, gasolina, lenha, carbureto), nem por líquido muito quente (água fervente, sopas entornadas ou jogadas por agressão): "Soltando a imaginação poderíamos supor uma fonte de energia térmica intensa, sem chama, incidindo diretamente na vítima e provavelmente de curta duração, pois seu efeito foi detido, pelo menos até onde nos é dado avaliar, pelas vestes da vítima. Surge-nos logo a mente a imagem da bomba atômica sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki no final da Segunda Guerra Mundial. Fora do epicentro onde tudo é destruído, os danos pessoais, referimo-nos aos danos imediatos, não aos tardios, consistem em queimaduras causadas por uma terrível onda de calor. Este agente físico, entretanto, muitas vezes é detido por um simples tapume o qual queima-se em sua face voltada ao epicentro e preserva o que estiver do outro lado. Podemos ainda, dando mais asas à imaginação, pensar em uma 'luz que queima', a qual restringiria sua ação a células vivas, poupando de sua ação as células mortas, nesse caso as roupas e os cabelos da vítima, e não atingiria as células vivas que ficassem à 'sombra'. Mas tudo isso é especulação pura, a partir do relato de uma única testemunha, e tudo com o agravamento de quase 30 anos que nos separam do acontecimento, e só o que nos resta como certeza é a incerteza".[240]

Em artigo baseado nas pesquisas da APEX, o ufólogo Adilson Machado apresentou uma versão ligeiramente modificada, acrescida de novos detalhes. Segundo ele, naquele feriado de Carnaval, João Prestes e Salvador dos Santos revolveram aproveitar o dia para pescar às margens do rio Tietê. João avisou à sua mulher de que talvez só retornassem ao anoitecer, e que por isso não se preocupasse. O povo da região nunca ouvira falar de discos voadores, mas já comenta mencionava estranhas luzes que cortavam o céu noturno. De volta à vila, por volta das 19 horas, João e Salvador se despediram e rumaram para suas casas, que ficavam próximas uma da outra. João encontrou a sua fechada, pois a mulher havia saído para visitar alguns parentes. Dirigiu-se então à janela, que abria por fora, e, enquanto tentava alcançar a trava interna, foi "atacado" por um potente raio de luz. Ele não soube precisar de onde ela partira, só que "vinha de cima". O foco era tão potente que ele teve de proteger os olhos e a face com as mãos. Não conseguindo manter-se em pé, caiu no solo por alguns instantes, sem perder a consciência. O facho se apagou, assim como se acendera, e João se levantou, aturdido. Profundamente abalado, desandou a correr alucinado em direção à casa de sua irmã Maria, gritando e pedindo socorro. Várias pessoas acorrem ao chamado: sua irmã, os vizinhos Jonas de Souza, Guilherme da Silva (ambos

[239] A certidão de óbito registra que a morte ocorreu na verdade às 22 horas.

[240] Grossmann, Fernando & Braga, Luiz. "Nova luz sobre o caso Araçariguama", in *Boletim Informativo da APEX*, São Paulo, janeiro-abril 1975, ano 1, n$^{os}$ 2 e 3, p. 5-10.

comerciantes), João Gennari (corretor de imóveis) e Araci Gomide (64 anos, inspetor fiscal da Prefeitura de São Roque e tesoureiro da municipalidade de Araçariguama). João Prestes vestia uma camisa de mangas curtas, desabotoada até a metade, calças arregaçadas e não usava calçados. Curiosas e alarmadas, as pessoas tentavam saber de João o que tinha acontecido. Ele não apresentava sinais de ferimentos externos nem sentia dor, mas estampava o terror em seus olhos, e com voz alterada suplicava: "Me acudam, me acudam...".

Os minutos transcorriam e ninguém conseguia descobrir o que tinha se passado com João, que continuava afirmando não sentir dor nenhuma. De repente, algo começou a acontecer com o seu corpo, instando "o horror mais espantoso que poderia ter surgido na mente dos presentes", no dizer de Antonio Las Heras, que relatou o fato em seu livro *Informe sobre los visitantes extraterrestres y sus naves voladoras*.[241] A carne de João começou a soltar-se dos tecidos, desprendendo-se como carne de vaca posta em água fervendo, aos pedaços. Angustiado, ele dizia não estar sentindo dor. Ante aquele espetáculo repugnante, as testemunhas ficaram petrificadas, mesmo porque não havia nada de anormal na aparência geral de João. Levado para casa, colocaram-lhe compressas quentes nos locais afetados na intenção de aquecer as áreas que permaneciam frias e insensíveis. Ainda muito abalado, tentou repousar um pouco pensando em procurar auxílio pela manhã. Talvez alguém soubesse de algum remédio, alguma pomada ou erva. No entanto, João não conseguia adormecer. Ninguém sabia ao certo o que deveria ser feito. Aturdidos, os amigos e parentes viam as carnes de João se soltando, rolando sobre o lençol e o assoalho. Primeiro caíram as carnes dos braços, seguidas pelas do peito, das mãos e das partes inferiores do corpo. Os ossos e os nervos iam ficando descobertos. O inspetor Gomide viu o nariz e as orelhas de João se desprenderem e rolarem até o chão. Por incrível que pareça, a vítima continuava lúcida, acompanhando tudo. Já com a boca deformada, ainda tentava falar mas não conseguia articular as palavras. Para comunicar-se, João agora movia a cabeça, e com extrema dificuldade. No final, só movimentava os olhos. Um morador se dispôs a conduzi-lo a um hospital. Optaram pela cidade de Santana de Parnaíba, já que era a mais próxima. Enrolado em seus próprios lençóis, foi posto no carro, mas acabou faleceu no meio do caminho.[242]

Durante sua viagem ao Brasil, em abril de 1980, o astrofísico francês conferiu prioridade máxima aos casos em que o contato com o fenômeno resultou em infortúnio semelhante ao dos homens das máscaras de chumbo que ele pesquisou indo ao próprio local, no morro do Vintém, em Niterói, Rio de Janeiro. Vallée alarmou-se ao constatar que a lista de vítimas era maior do que se poderia pensar examinando a literatura ufológica. E o primeiro nome da relação era justamente o de João Prestes.

Pela versão de Vallée, Prestes e um amigo, Salvador dos Santos, voltavam de uma pescaria. Quando chegaram ao povoado onde moravam, despediram-se e cada qual seguiu seu caminho. Uma hora depois, às 20 horas, Prestes apareceu na casa da irmã, contando que um facho de luz o atingira quando aproximava-se da porta da frente da casa dele. Ficou tonto, não conseguia enxergar nada. Caiu no chão, sem perder contudo a consciência. Conseguiu erguer-se e chegar até a casa da irmã. Na mesma noite, o estado de Prestes teria piorado rapidamente. A carne literalmente desprendia-se do corpo, como se tivesse sido cozida em água fervendo. Prestes não sentia dores, mas ficou compreensivelmente aterrorizado. Em pouco tempo não conseguia mais falar. Os vizinhos o colocaram em uma carroça, para levá-lo ao hospital, mas ele morreu no caminho, cerca de 6 horas depois de ter sido atingido pelo facho luminoso. Prestes manteve a consciência até o último momento. Quando o corpo foi trazido de volta, a carne se soltara, dando a impressão de que se tratava de um cadáver "decomposto". Ponderou Vallée:

---

[241] Heras, Antonio Las. *Informe sobre los visitantes extraterrestres y sus naves voladoras*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso Editor, 1974, p. 115-123.

[242] Machado, Adilson. "Coincidência de todas as épocas", in *O Assunto é... Ufologia*, São Paulo, junho 1986, nº 14, p. 28-34.

"Prestes poderia ter sido atingido por um raio? De acordo com um pesquisador brasileiro, Felipe Machado Carrion — o primeiro a escrever sobre o caso, em dezembro de 1971, depois de entrevistar Salvador dos Santos, que ainda vivia —, o tempo estava claro e não apresentava condições para tempestades com raios. Não conseguimos localizar o povoado nem as testemunhas, e como o caso aconteceu há mais de 40 anos, dificilmente alguém poderia confirmá-lo".[243]

Em setembro de 1971, Carrion, professor de Cosmologia do Colégio Estadual Júlio de Castilhos e autor do livro *Discos Voadores: imprevisíveis e conturbadores*,[244] participou em São Paulo do IV Colóquio Brasileiro sobre OVNIs/XX Simpósio Nacional sobre as Civilizações Extraterrestres, sob a presidência de honra do general Moacyr de Mendonça Uchôa, e a presidência executiva de Flávio Augusto Pereira, ocasião em que tomou conhecimento do caso Prestes através do cirurgião dentista Irineu José da Silveira — um dos primeiros, senão o primeiro a pesquisá-lo —, que alguns meses depois concluiu e enviou-lhe o relatório completo a respeito, base do referido artigo lançado na revista *Phénomènes Spatiaux* e mais tarde traduzido para o boletim *Stendek*.[245]

As suas investigações, bem como as de Bühler,[246] Berezovsky, Wirz, Ferraz, Grossmann, Araújo e por fim as nossas, infelizmente se realizaram muitas décadas após o ocorrido. Muitos detalhes já estavam então irremediavelmente perdidos. Independente disso, fatores subjetivos e pessoais concorreram para distorcer os relatos, daí a disparidade entre eles, colhidos com uma distância de mais de 20 anos.

Cada qual reflete uma face da verdade, mas nenhum a espelha por completo. No clássico filme *Roshomon*, dirigido por Akira Kurosawa em 1950, vimos como um mesmo fato pode ser encarado de maneiras diferentes. No Japão medieval, um homem violenta uma mulher na entrada de uma floresta, e quatro pessoas testemunham o crime. Mais tarde, cada uma delas (e até um fantasma) conta a sua própria versão. A Teoria da Relatividade já mostrou que a realidade é diferente para diferentes observadores; a física quântica demonstrou que o observador modifica o fato observado. Assim, é normal que as versões em torno do caso tenham se diversificado, se enriquecido e se tornado mais complexas com o decorrer tempo. Contudo, cumpre asseverar que nos relatos colhidos por nós, assim como nos que foram anteriormente, há mais pontos coincidentes do que variações, e nenhum deixa de manifestar estranheza diante das circunstâncias que envolveram a morte de João Prestes. O que destoa é a versão, um tanto exagerada, de que as suas carnes se desprendiam do corpo. Ela deve ter se originado de algumas notícias sensacionalistas dando conta de que João "derreteu", o que tampouco se confirma. Vergílio nos disse com convicção que "A carne dele não estava se soltando. A pele estava pipocada como a de um porco. Era como um porco sapecado com fogo".

Embora a palavra disco voador ou OVNI não tenha sido mencionada pelas testemunhas, os ufólogos, desde que tomaram conhecimento do caso, ficaram convictos de que o raio de luz que atingiu João Prestes era proveniente de um. Surgiram então duas correntes de pensamento: a

---

[243] Vallée, Jacques, op. cit., p. 139-140.

[244] Carrion, Felipe Machado. *Discos voadores: imprevisíveis e conturbadores* (Porto Alegre, Impresso nas oficinas da Escola Gráfica Educandário São Luiz, 1968).

[245] Carrion, Felipe Machado. "Un mystérieux faisceau de lumiére cause une mort atroce", in *Phénomènes Spatiaux*, Paris, 4º trimestre de 1971, nº 30, p. 19-22; "Un misterioso haz de luz causa una muerte atroz en el Brasil", in *Stendek*, Barcelona, Centro de Estudios Interplanetarios (CEI), junho 1973, nº 13, p. 23-27.

[246] Em dezembro de 1972, Walter Bühler procurou Irineu Silveira e Tito Lívio Gigliardi, a fim de tomar informações mais precisas sobre o caso. O médico havia sabido que em meados daquele ano a equipe sanroquense composta por Silveira, Gabliardi, Raul Calfat, Jonas de Souza, Guilherme da Silva Pontes e João Genari tentavam obter novos elementos que confirmassem o relato de Gomide. Bühler, propositor e partidário no Brasil da filosofia de "fraternidade cósmica" do contatado George Adamski, opunha-se e por conseguinte tendia a detratar a maioria dos casos de agressão e morte por parte dos ocupantes dos OVNIs, por mais claros e evidentes que fossem. Assim, concluiu que Prestes morrera em decorrência de "fogo de lampião".

que defendia a hipótese do raio ter sido atirado propositadamente e a que apontava um acidente no manuseio das freqüências de radiação produzida pelo equipamento de bordo dessas naves.

De qualquer forma, a hipótese de uma morte convencional, decorrente de queimadura por lampião ou querosene, nunca foi aceita. Berezovsky, por exemplo, explicou que a morte por queimadura sobrevem em conseqüência da gravidade de 3º grau que cubra cerca de 50% do corpo, ou choque hipovolêmico (baixo volume de sangue). A vítima morre imediatamente ou sobrevive por alguns dias, até que seus rins sejam afetados e sobrevenha a morte. Convém lembrar que a certidão de óbito registra que as queimaduras eram de 1º e 2º graus.

O caso de João Prestes, a exemplo da maioria dos que compõe a casuística ufológica, é apontado, invariavelmente, como sendo fantástico. Mas, onde está o fantástico? Em todo lugar e em nenhum lugar. Depende, de algum modo, do ângulo de vista do espectador, do leitor. O fantástico existe sempre e somente para um olhar humano e com relação a ele. A natureza, antes da presença e da intervenção do homem, não é em nada fantástica. Ela é, simplesmente. Não seria o paradoxo do próprio homem (natureza x cultura x sociedade) capaz — por defasagem entre o dado e o sonhado, mas também, e talvez mais ainda, por defasagem entre o dado e o construído — de fazer surgir o fantástico?

Esse primeiro processo do cinema — e o caso de Prestes entra na categoria dos filmes de horror tipo *trash* — é, sem dúvida, o mais difundido. Tudo começa como numa história realista. Estamos na vida banal, cotidiana. O desenvolvimento da história parece normal, linear... até o momento em que, seja de maneira nítida — pela introdução de nova personagem, de objeto estranho, de elemento imprevisto da paisagem —, seja por passagem insensível de atmosfera, o desconhecido e o estranho irrompem e tudo fica "diferente".[247]

Dentre outros casos notórios, que detalharemos a seguir, figuram o do chefe de escoteiros Sonny Desverges, o do incidente com o jato Starfire F-94 da USAF, o de Rene Gilham, da comunidade de Merom, o dos paióis de munição do Exército brasileiro, o do mecânico industrial Stephen Michalak, o do menino Gregory Wells, o da destruição de uma aldeia na Etiópia e o do chofer de caminhão Eddie Doyle Webb

O capitão Edward J. Ruppelt, chefe do Projeto Blue Book, foi um dos que se debruçaram sobre o caso Deverges, introduzindo argumentos novos depois de rigorosa investigação. Ruppelt afirma que Deverges mentiu e, em seguida, lança aos leitores um problema até então desconhecido. A seqüência da história, qualquer que ele tenha sido, Ruppelt omite, como se propositadamente quisesse estabelecer confusão.[248]

Na noite de 19 de agosto de 1952, o chefe de escoteiros Sonny Deverges, 30 anos, vinha de automóvel em companhia de três pupilos, quando, nas proximidades de um bosque, teve a atenção despertada por um objeto luminoso que parecia ter aterrado entre as árvores. Deverges deixou os meninos no carro e se dirigiu para o local para ver do que se tratava. Algum tempo depois regressou aterrorizado e com vestígios de queimaduras nos braços e no boné. Interrogado pela polícia, Deverges declarou que, enquanto estava parado no meio da mata, um grande objeto em forma de disco pairou sobre sua cabeça e disparou um raio luminoso que lhe queimou o braço e o boné. Ruppelt foi à Flórida e os escoteiros disseram que as luzes pareciam com as de um avião em "pane". Como estavam munidos de duas lanternas elétricas, acompanharam a incursão de seu chefe mata a dentro. Deverges começou a sentir um cheiro e um calor estranhos. Mais alguns passos adiante deparou-se com uma sombra escura 15 m acima, que vedava a luz das estrelas. Deu alguns passos para trás e iluminou a sombra com a lanterna, discernindo um objeto circular com uma depressão na parte inferior e uma torre na superior. O objeto emitiu um ruído semelhante ao que faz uma porta bem lubrificada ao ser aberta e disparou uma pequena

[247] Held, Jacqueline, op. cit., p. 59-65.
[248] Ruppelt, Edward J. *Discos Voadores: relatórios sobre os objetos aéreos não identificados*, São Paulo, Difel, 1959, p. 242-259.

bola de fogo vermelha em sua direção, que ia se expandindo conforme se aproximava. Ao atingi-lo, Deverges desmaiou. Os escoteiros viram quando a bola de fogo envolveu seu chefe. Desesperados, saltaram do carro e correram em direção a uma casa de fazenda nas proximidades. O proprietário chamou a polícia e todos ajudaram no resgate de Deverges que, ao voltar a si, saiu da mata espavorido. Os investigadores encontraram uma lanterna elétrica ainda acesa no local. No caminho, Deverges notou que o rosto, o braço e o boné estavam queimados.

Diante desse quadro, o delegado de polícia resolveu comunicar o caso à USAF. Ruppelt interpelou o médico que examinou Deverges, obtendo a confirmação de que este sofrera queimaduras ligeiras — comparáveis às que são produzidas pelo sol — nos braços, nas costas das mãos e por dentro do nariz. Ruppelt checou a ficha de Deverges, constatando fatos desabonadores: ele tinha sido expulso do Corpo de Fuzileiros Navais por deserção e enquadrado por furto de automóvel. Conforme seus levantamentos, os escoteiros, mesmo que tivessem ficado de pé sobre o automóvel, não poderiam ter visto Deverges da posição em que estavam.

Um aspecto, no entanto, era bastante intrigante: as raízes das folhas de grama haviam sido queimadas, mas as folhas em si não. O calor necessário para tanto seria de 300 graus Farenheit. Ruppelt: "Logo que obtivemos o laudo, reexaminamos o local. Não havia fontes de águas quentes que pudessem ter aquecido a terra, nenhuma substância química no solo e nada mais que pudesse explicar o fenômeno. A única maneira pela qual se teria feito a falsificação, seria aquecendo a terra, por baixo, a 150 graus centígrados. Mas, como poderia isso ser feito sem o uso de um grande equipamento e sem revirar a terra? Não, não podia ser. Poucas pessoas tiveram as amostras da relva em mãos: o laboratório, o oficial de Inteligência na Flórida e eu. [...] Talvez possa haver uma resposta simples que ainda não percebemos, mas até o momento as raízes chamuscadas permanecem um mistério".[249] O delegado: "Talvez tenha sido esta a única vez em sua vida que Deverges falou a verdade, mas eu duvido". Ruppelt chegou a mesma conclusão que o delegado e liquidou o assunto classificando-o como "uma das peças mais bem pregadas da história dos OVNIs". Ruppelt saiu em campo para investigar um fato material, encontrou provas materiais, mas encerrou o caso com provas morais, isto é, o passado de Deverges.[250]

Minutos antes do meio dia de 1º de junho de 1954, os radares da base aérea de Griffiss, Nova York, captaram sinais de um OVNI. O piloto de um jato F-94 Starfire da USAF que levantara vôo para identificar a "coisa", descreveu-a como "um disco branco e brilhante". Ao aproximar-se do objeto, os motores do jato pararam repentinamente de funcionar, assim como os instrumentos de bordo, e um calor intenso invadiu ambas as cabines. Respirando com dificuldade, o piloto e o operador de radar ejetaram-se. O F-94 caiu sibilando sobre Walesville, bateu num prédio e se incendiou. Os pedaços do avião, em chamas, atingiram um carro. Quatro pessoas morreram — um homem, sua esposa e dois filhos menores. Outros cinco moradores ficaram feridos, dois deles gravemente.

Assim que o piloto desceu nos limites da cidade, foi abordado por um repórter. Ainda meio atordoado, falou acerca do estranho calor. Antes que terminasse a história, um veículo da USAF apanhou o piloto e o operador de radar e os levou às pressas à Base Aérea de Griffiss. As entrevistas foram proibidas e a USAF tratou logo de negar a versão do repórter, atribuindo o incidente a uma pane no motor. Os moradores de Walesville, principalmente os feridos e os parentes das vítimas, condenaram os pilotos por terem saltado. Outros pilotos da USAF tinham permanecido nos aviões danificados, sacrificando suas vidas para evitarem que caíssem sobre as cidades. Embora Keyhoe houvesse investigado o caso em 1954, somente no início de 1968 é que ficaria sabendo de certos detalhes. Um oficial do QG informou-lhe que o piloto reportara um efeito isolado, além do calor. Algo paralisara a sua mente de tal modo que ele não se lembrava

---

[249] *Ibid*., p. 256-257.

[250] Simões, Auriphebo Berrance. *Os discos voadores: fantasia e realidade*. São Paulo, Edart, 1959, p. 264-267.

nem mesmo de ter saltado do avião, a não ser do calor súbito, só recobrando a consciência quando já tinha aberto o pára-quedas. Os médicos opinaram que o calor intenso o induzira àquele estado. Os dois pilotos foram terminantemente proibidos de falar com os parentes das vítimas ou com a imprensa.[251]

Na noite de 6 de novembro de 1957, apenas 2 dias depois do incidente no Forte Itaipu, raios de luz disparados por um disco voador causaria graves queimaduras em Rene Gilham, que morava com a esposa e os filhos nos subúrbios da pequena comunidade de Merom, Indiana (EUA). A família e os vizinhos observaram um objeto em forma de disco, silencioso, de aproximadamente 15 m de diâmetro, pairando a cerca de 60 m de altura. “Holofotes” azuis projetados desde o centro do disco iluminaram a terra, assustando os curiosos, menos Gilham, que durante 10 minutos — até o instante em que o objeto emitiu um ruído semelhante a um motor elétrico em alta rotação e desapareceu rapidamente no horizonte — se expôs direta e deliberadamente aos raios.

Sem notar nenhuma alteração, Gilham adormeceu. Na manhã seguinte, porém, seu rosto começou a inflamar e a coçar intensamente, adquirindo uma coloração avermelhada, o que o obrigou a hospitalizar-se em Sullivan, no mesmo Estado. No hospital, recebeu a visita de um oficial da USAF, que o aconselhou a não comentar o caso com ninguém. Frank Edwards entrevistou o médico que tratou Gilham, Joseph Dukes, o qual declarou que as queimaduras eram semelhantes às produzidas por uma tocha de acetileno. A vítima, por sua vez, negou categoricamente que tivesse manuseado acetileno ou qualquer outro produto inflamável.[252]

Violentas explosões, nos primeiros 30 minutos de 3 de agosto de 1958, destruíram os depósitos de munição do Exército em Deodoro, Rio de Janeiro. Antônio Pacheco, guarda noturno nº 756, viu um “jato de fogo” sair de um “pequeno avião” que voava a baixa altitude nas proximidades. Mais dois soldados viram o “avião” soltar algo que foi descrito como “jato”, “tocha” e “bola de fogo”. Os três foram presos e mantidos incomunicáveis pela FAB, que emitiu um comunicado classificando de “fantásticas” as versões e garantindo que nenhum “avião” sobrevoara a área. Técnicos militares descartaram que as explosões tivessem por causa combustão espontânea, pois era inverno e a noite estava fria. Em 16 de setembro, a imprensa noticiava laconicamente: “Ninguém foi responsabilizado pelas explosões em Deodoro” (elas foram casuais...).[253]

Manitoba, Canadá, 20 de maio de 1967. O mecânico industrial Stephen Michalak, 62 anos, residente em Winnipeg, atraído pela aterragem de um OVNI em sua propriedade, aproximou-se do mesmo e observou o seu interior através de uma escotilha. Inopinadamente, o veículo fez um ligeiro movimento para o lado e expeliu pela parte inferior uma espécie de vapor extremamente quente, que atingiu Michalak na região abdominal. O episódio é tido como um dos mais controverso do Canadá. Ele deixou peritos e funcionários públicos de quatro departamentos diferentes completamente desnorteados. Na véspera de um final de semana em que se comemorava o Dia da Vitória, Michalak, um explorador amador, resolveu procurar minerais nas imediações do Lago Falcon, 80 milhas a oeste de Winnipeg. Partiu na sexta-feira à noite e passou a noite num motel da rodovia Transcanadense. Às 5h30min rumou para o norte, no outro lado da rodovia, e penetrou no bosque. Segundo suas palavras, “àquela altura não sabia que tipo de sorte devia encontrar”.[254]

Às 12h15min, enquanto examinava um veio de quartzo, ouviu o grasnar de gansos nas proximidades. Virou-se e ficou atônito com o que viu. Dois objetos em forma de charuto, com

---

[251] Keyhoe, Donald E., op. cit., p. 32-34.
[252] August, A. S. “Caso: Luz de OANI queima como acetileno”, in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial “O estranho mundo dos discos voadores”, p. 85-86.
[253] Pereira, Fernando Cleto Nunes, op. cit., p. 20.
[254] Michalak, Stephen. *My encounter with the UFO*, Winnipeg, Osonova Publications, 1976, p. 6.

vários “calombos”, desciam do céu brilhando com uma luminescência vermelha. À medida que se aproximavam da terra, assumiam uma forma ovalada. Um deles parou no ar, ao passo que o outro pousou sobre uma rocha achatada, a cerca de 160 pés do explorador. O que ficara flutuando no ar disparou em altíssima velocidade, deixando para trás um arco-íris estonteante. A nave pousada, de 40 pés de largura e 15 de altura, alternava cores que iam do vermelho ao cinza-claro. Parecia uma tigela imensa com uma pequena abóbada em cima. Sob a borda da tigela, havia uma abertura retangular através da qual uma luz púrpura se filtrava. Um cheiro penetrante de enxofre e um zumbido semelhante ao de um motor elétrico enchiam o ar. Os raios púrpura tornaram-se intensos, obrigando-o a virar, periodicamente, a cabeça para o lado oposto. Até esse momento, Michalak pensava que a nave fizesse parte de algum projeto espacial norte-americano.

A uns 60 pés de distância, ouviu vozes que partiam de seu interior. Dirigindo-se em inglês, perguntou se precisavam de ajuda. Sem retorno, o mecânico falou em russo, alemão, ucraniano, francês e italiano. Agora ele estava a poucos centímetros da nave, frente a uma vigia. Colocou as lentes verdes sobre seus óculos de proteção e enfiou a cabeça pela abertura, mas só distinguiu um emaranhado de luzes intermitentes. A espessura das paredes tinha cerca de 20 polegadas na seção transversal. Ofuscado pelas luzes, Michalak recuou ao mesmo tempo em que três painéis deslizaram pela vigia, isolando-a por completo. Tocando no casco externo, feito com um material altamente polido, semelhante ao aço mas com aparência de vidro colorido, notou o quanto estava quente, tanto que queimou as luvas que usava. De súbito, a nave inclinou-se soltando uma baforada de ar quente através um respiradouro em forma de grade que havia por baixo. A camisa de Michalak incendiou-se e ele sentiu uma dor lancinante no peito. Rasgou a camisa e deixou à mostra uma queimadura em forma de grade, igual a do respiradouro. A nave ergueu-se provocando um fortíssimo deslocamento de ar e tomou a mesma direção da nave-irmã.

Estonteado, Michalak juntou seus pertences e examinou as marcas que o OVNI deixara. A impressão que se tinha era a de que o solo havia sido varrido por uma vassoura. O enjôo e a dor de cabeça aumentavam. Suava frio. Vomitou e ficou com a visão turva. Arrastou-se com dificuldades até o motel, sentindo durante todo o trajeto um cheiro de “motor elétrico queimado” e de enxofre que partia dele mesmo. Em seguida, teve de aguardar por várias horas um ônibus que o levaria de volta a Winnipeg. Tão logo ali chegou, foi levado por Mark, seu filho mais velho, ao Hospital da Misericórdia. Os médicos, destarte, não souberam diagnosticar o que afetara Michalak. A latejante dor de cabeça persistia no dia seguinte. Perdeu o apetite e na semana subseqüente emagreceu 22 libras. A taxa de linfócitos em seu sangue caiu dos normais 25% a um índice alarmante de 16%, só se regularizando 1 mês depois. Cabe lembrar que a baixa de linfócitos está geralmente associada a exposição direta à radiação. Contudo, os departamentos de radioterapia do Hospital Geral de Winnipeg e do Centro Nacional de Pesquisa Atômica em Pinawa, Manitoba, atestou que ele não fora vítima de exposição à radiação.

Entrementes, a *British e a Canadian Broadcasting Corporation* e a *Life* dedicaram uma ampla cobertura a respeito. A Real Polícia Montada (RCMP) e a Real Força Aérea do Canadá (RCAF) saíram a campo para investigar o incidente. Concomitantemente, uma febre de observações de OVNIs tomava conta de Manitoba. No período de 4 semanas, iniciado no início de maio, pelo menos vinte comunicados foram feitos na região de Winnipeg.

No início de junho, Michalak, parcialmente recuperado, conduziu um grupo de oficiais da RCMP e da RCAF ao Lago Falcon. Vasculharam a área com um helicóptero, mas o mecânico não conseguiu encontrar o local exato do pouso. Para piorar, em meio às buscas surgiu um exantema (eflorescência peculiar às febres eruptivas) em forma de V, que se estendia da parte superior do peito às orelhas, e que desapareceu gradualmente nas semanas seguintes.[255] Em 30 de junho, Michalak voltou ao Lago Falcon acompanhado por Hart, engenheiro eletrônico, e após 6 horas de buscas intensivas finalmente encontraram o local. A maior surpresa foi constatar que

---

[255] *Canadian UFO Report*, maio-junho 1969, v. I, nº 3, p. 12.

a marca deixada pela nave no solo não havia sumido, ainda que tivesse transcorrido mais de 1 mês. Tiraram fotos e recolheram terra, pedras e materiais diversos — incluindo a camisa chamuscada de Michalak e sua trena de aço —, enviados ao Laboratório de Investigações Criminais da RCMP, em Ottawa e ao Departamento de Saúde e do Bem-Estar Social.

Os resultados das análises divulgados em 24 de julho revelaram um alto índice de contaminação radioativa do solo por Radio 226. Os peritos em medicina legal do laboratório da RCMP resignaram-se: "Os itens do vestuário pessoal supostamente queimados pelo OVNI foram submetidos a uma análise profunda, mas não pudemos apontar o que teria causado aquele chamuscamento".[256] Stewart Hunt, do Departamento Nacional de Saúde e Bem-Estar Social, e D. Thompson, do Departamento de Saúde de Manitoba, estiveram igualmente no local e confirmaram a presença de tinta de rádio, comumente usada nos mostradores luminosos dos relógios.[257]

O estado de saúde de Michalak parecia ter se estabilizado. Em 21 de setembro, no entanto, surgiu um exantema doloroso em seu rosto que se espalhou rapidamente por todo o corpo, que inchou assustadoramente. Grandes manchas vermelhas surgiram na região da queimadura.[258] Inconsciente, o mecânico foi levado às pressas ao Hospital da Misericórdia, onde diagnosticaram uma crise alérgica. O ciclo de inflamações, náuseas e desmaios desencadeava-se pontualmente de 3 em 3 meses. Durante 14 meses, Michalak consultou-se com vinte e sete médicos especialistas diferentes.[259] O desesperado mecânico procurou como último recurso, em agosto de 1968, a ajuda da Clínica Mayo, em Rochester, Minnesota. Os resultados dos exames permaneceram confidenciais, o que levou várias publicações ufológicas especularem que uma impureza química fora encontrada no sangue de Michalak. O certo é que o seu problema foi mitigado e desapareceu inteiramente exatamente 1 ano depois do incidente.

Restabelecido, não tardou a retornar ao fatídico local, novamente acompanhado de um amigo. Com um contador Geiger, detectaram uma fonte radioativa que saía de uma fissura na rocha. Dentro dela, havia fragmentos de uma substância metálica em forma de barras. A Divisão de Geologia do Conselho Nacional de Pesquisa constatou uma elevada concentração de prata (entre 93 e 96%), superior a média da prata de lei, e uma fina camada de urânio, do qual o rádio é um dos subprodutos.[260]

Os membros do Parlamento tentaram fazer com que os relatórios fossem encaminhados à Câmara dos Comuns, sem sucesso. O ministro da Defesa Leo Cadieux, em resposta a uma solicitação do ex-*premier* e então governador-geral de Manitoba, Ed Schreyer, foi enfático: "Não é da intenção do Ministério da Defesa tornar público o relatório da suposta observação".[261] O sigilo só serviu para aumentar as certezas de um acobertamento governamental.

Passados 15 meses, Barry Mather (NDP-Surrey, B.C.) conseguiu autorização para examinar os documentos oficiais. Ao apreciá-los, porém, percebeu que faltavam diversas páginas. Yves Forest, secretário parlamentar do presidente do Conselho Privado (Departamento de elite que atua na qualidade de principal conselheiro do primeiro-ministro), tentou justificar dizendo que subtraíram-se "relatórios interdepartamentais, cuja publicação não seria de interesse público". Parte dos relatórios acabaram liberados, uma vez que foram depositados no Arquivo de Observações Não-Meteoríticas do Instituto Herzberg de Astrofísica, em Ottawa. Dentre as

---

[256] Instituto Herzberg de Astrofísica, Seção de Ciências Planetárias, Conselho Nacional de Pesquisa, Arquivo de Observações Não-Meteoríticas, DND 222, Ottawa, Canadá.
[257] *Boletim da Organização para a Pesquisa de Fenômenos Aéreos do Canadá* (*CAPRO*), janeiro-fevereiro 1969, v. 2, nº 2, p. 5.
[258] *Winnipeg Free Press*, "Leisure Magazine", 6-4-1968, p. 3.
[259] *Canadian UFO Report*, p. 12.
[260] Arquivo de Observações Não-Meteoríticas, DND 200.
[261] Debates na Câmara dos Comuns, 6-2-1969, Ottawa, Queen's Printer, p. 5.326.

páginas subtraídas, estão as referentes aos exames realizados pela RCMP dos materiais queimados e as conclusões finais do governo, se é que existe alguma.

O que essa experiência trouxe a Michalak? Ele não obteve lucros financeiros, exceto os direitos autorais que lhe foram pagos pela venda limitada de seu livreto *My encounter with UFO*. A queimadura custou-lhe caro. Os tratamentos médicos obrigaram-no a faltar muitos dias de serviço, e as despesas com consultas, internações e remédios saíram de seu próprio bolso.[262]

Chamada de o "poço mental" da USAF, a Rand Corporation era uma organização de caráter semi-oficial ligada ao Pentágono, constituída pelos melhores peritos militares, cientistas e engenheiros. Por décadas, a Rand coordenou e articulou as políticas da USAF. Em 1955, redigiu um documento intitulado "Projeto Especial 14", em que negava peremptoriamente a realidade dos OVNIs. Não obstante, a Rand reviu suas posições em 1970, desta vez pugnando a realidade dos OVNIs, a quem responsabilizavam pelas interferências nas redes elétricas e pelos ferimentos e mortes infligidos em seres humanos. A mudança de atitude da Rand deveu-se a um novo caso de hostilidade-OVNI, pesquisado por James E. Mc Donald, da NICAP, e comunicado ao Comitê de Ciência e Astronáutica no transcorrer dos debates ufológicos de 1968.

O jovem Gregory Wells morava com seus pais em um *trailer*, estacionado a cerca de 45 jardas da casa da avó, perto de Beallsville, Ohio. Na noite de 14 de março de 1968, Gregory saiu da casa da avó e retornava ao *trailer*. A meio caminho, sua avó e sua mãe ouviram-no gritar. As duas acorreram e encontraram-no rolando no chão, com a roupa em chamas. Usando os recursos disponíveis, apagaram o fogo. Gregory, com queimaduras no antebraço e em estado de choque, foi levado às pressas a um hospital. Assim que retomou a fala, o jovem explicou que parou para observar um objeto luminoso pairando sobre as árvores, do outro lado da estrada. Um acessório tubular saiu no fundo do aparelho e, apontando para ele, emitiu uma chama brilhante que incendiou o seu paletó. A mãe e a avó nada viram porque concentraram toda a atenção em Gregory. Dezenas de testemunhas, porém, descreveram um aparelho cilíndrico deslocando-se a baixa altura, rumo à propriedade dos Wells. A exemplo do caso no Forte Itaipu, não havia porque atacar o jovem, a não ser que os alienígenas agissem por puro sadismo.[263]

Por que razão um OVNI teria destruído uma aldeia na África? O caso foi reportado por um médico, encarregado pela ONU de representar a sua delegação na Etiópia. Às 11h30min do dia 7 de agosto de 1970, os habitantes da pequena aldeia de Saladare, a uns 14 km ao norte de Asmara, ouviram um ruído proveniente de um pequeno bosque próximo ao aglomerado habitacional e que, segundo eles, parecia ser produzido por um avião voando a baixa altitude. O ruído aumentou, tornando-se cada vez mais agudo. De repente, os assustados nativos observaram uma bola vermelha e brilhante que, voando muito baixo e a grande velocidade, atravessou a vila, destruindo todas as construções que encontrou à sua passagem. O estranho objeto arrancou inúmeras árvores de raiz e carbonizou a erva sem causar incêndios. Quando o OVNI se afastou da vila, rasgou o asfalto de uma estrada próxima, fundindo-o numa área de 14 m quadrados, tendo derrubado também a parede de pedra de um túnel destroçando-o por completo. Sem alterar a sua velocidade ou a sua trajetória, o OVNI percorreu uma distância de uns 150 m, até se situar sobre a ladeira de um monte próximo, onde ficou estacionado, durante alguns segundos, a poucos metros do solo.

Imediatamente recomeçou a deslocar-se, atravessando a aldeia de novo na mesma direção de onde tinha sido visto pela primeira vez. O percurso total que o objeto cobriu nas suas duas passagens, e à vista de numerosas testemunhas, foi de uns 5 mil m e a duração do incidente cerca de 10 minutos. O objeto foi também observado por habitantes de uma outra aldeia próxima de Saladare. Descreveram-no como "uma bola de grandes dimensões provida de uma cauda e de

---

[262] Bondarchuk, Yurko. *UFO: observações, aterrissagens e seqüestros: a prova documentada*, São Paulo, Difel, 1982, p. 41-50.
[263] *Ibid.*, p. 35-37.

uma cor vermelha muito brilhante". O médico, juntamente com alguns colegas, visitou a aldeia de Saladare, comprovando que cinqüenta casas tinham ficado completamente destruídas, enquanto que mais de uma dezena apresentava danos consideráveis. Oito nativos ficaram feridos e uma criança morta em conseqüência do incidente. Na opinião do informante, "parecia que tinham disparado uma grande bala de canhão através do povoado".

É certo que não se tratava de um meteoro, já que o vôo do OVNI dava a impressão de responder a um controle inteligente: atravessou a vila por duas vezes utilizando o mesmo caminho. Não se trataria de um fenômeno meteorológico (tornado) uma vez que os visitantes comprovaram que os tetos da chapa das casas encontravam-se enrugados e semi-fundidos. Deve abandonar-se também a possibilidade de que o objeto em causa tenha sido um "raio globular" porque o tempo estava excelente (céu limpo e uma percentagem de umidade muito baixa). Obviamente tratava-se de um objeto sólido, que certamente voava a grande velocidade e a escassos metros do solo e, sobretudo, permanece não identificado.[264]

Numa das últimas de uma série de aparições de OVNIs que assolaram o sudoeste de Missouri em outubro de 1973, Eddie Doyle Webb, 45 anos, residente em Greenville, perdeu a visão durante algumas horas. Na madrugada de quarta-feira, Webb dirigia um trator que puxava um reboque, quando viu um "objeto de alumínio" ascendendo ao céu em grande velocidade. Acordou sua mulher, Velma Mae Webb, 47 anos, que dormia na cabine, mas esta nada viu. "Então eu pus a cabeça para fora da janela e uma imensa bola de fogo atingiu o meu rosto, jogando os óculos no chão". Velma contou que seu marido berrava: "Oh, meu Deus! Estou queimado! Não posso enxergar!". Uma das lentes desencaixou-se da armação de plástico, que ficou deformada. Velma, que às vezes revezava-se ao volante com o marido, levou-o ao hospital. Ed Wright, sargento da patrulha rodoviária, encaminhou os óculos de Webb a Harley Rutledge, diretor do Departamento de Física da Southwest Missouri State University. Rutledge concluiu que os óculos haviam sido aquecidos internamente — como que por um forno de microondas.[265]

### 2.3. Emblemas E Sinais

No ano seguinte, um fato surpreendente chegaria ao conhecimento de João Martins por meio de um oficial do Exército da 6ª Região Militar sediada em Salvador. A autenticidade foi investigada até os limites do possível, isto é, interpelaram e rebuscaram a vida da testemunha e examinaram as fotos e os negativos em todos os ângulos técnicos. Num caso como esse, só se alcançaria um resultado definitivo se fossem encontrados indícios de fraude, ou seja, se a posição do sol e a conformação das nuvens estivessem em desacordo com as imagens, se o caráter da testemunha fosse desabonado, ou ambas. Martins reconheceu não haver provas a favor, tampouco contra, daí a concluir que "Quanto a verdade absoluta, só a própria testemunha pode ter certeza dela".

Desenhista profissional e empregado da seção de estatística do Banco Econômico da Bahia, em Salvador, Hélio Aguiar, 32 anos, casado e pai de cinco filhos, era míope e usava óculos de lentes grossas que o assemelhavam a Jânio Quadros — político populista em ascensão que seria eleito presidente em 1960 e renunciaria 7 meses depois. Fumante e de temperamento dinâmico — "excêntrico" para alguns por ser dado a estudos nas áreas da hipnose, telepatia e metafísica —, ao conceder a entrevista nada exigiu em troca, pois queria "contribuir para o progresso da ciência e do conhecimento".

---

[264] Darnaude, Ignacio. "Destruição de aldeia na Etiópia", in *OVNI*, Lisboa, abril 1979, nº 11, ano 1, investigação, p. 21-22.

[265] *United Press International*, Cape Giradeau, MO (UPI), 5-10-1973; trad. de Maria Lúcia Vasconcellos de Azevedo.

Na tarde de 24 de abril de 1959, uma sexta-feira, Aguiar dirigiu-se ao QG da 6ª RM no intuito de encontrar um amigo, o capitão Leib Leibovitch. A amizade firmava-se em dois gostos comuns: hipnose e motocicletas. Leibovitch possuía uma moto que às vezes emprestava a Aguiar. Às vésperas de viajar a São Paulo, para onde fora transferido, o capitão pediu ao amigo que lhe devolvesse sua arma particular, que no entanto se achava na casa de um amigo de Aguiar, residente no bairro de Amaralina, distante do QG. Levando uma câmera fotográfica, já que pretendia fotografar alguns parentes, Aguiar seguiu para Amaralina e resolveu aproveitar os últimos momentos com a moto correndo ao longo da Otávio Mangabeira, extensa avenida que contornava as belas paisagens marítimas e desembocava em Itapoã. Próximo da praia de Piatã, Aguiar notou uma "mancha escura" acima do oceano, que a princípio julgou ser uma ilusão de ótica. Subitamente, o motor da moto parou de funcionar. A mancha se aproximou e tomou a forma de um "disco achatado num lado, do qual sobressaíam quatro semi-esferas e uns sinais escuros, como símbolos". Do outro lado havia uma "cúpula rodeada de reentrâncias ou janelas da qual partiam vários tubos paralelos". Sobre a cúpula havia outros sinais que Aguiar não gravou de memória. O disco era prateado e girava no ar fazendo *looping*. Das três fotografias obtidas, duas mostram a parte achatada e uma a parte da cúpula. Ao bater a terceira, Aguiar sentiu uma estranha pressão no cérebro que o lançou num estado de crescente confusão. Uma "ordem" o instava a escrever. No momento em que rodava o filme para disparar nova foto, perdeu completamente os sentidos. Ao voltar a si, viu-se debruçado sobre a motocicleta, segurando na mão esquerda um papel — que trazia no verso um esboço do "jogo de botões" dos seus filhos — e na mão direita um lápis. Redigira, sem saber como, uma mensagem: "Que cessem definitivamente experiências atômicas para fins bélicos. O equilíbrio do Universo está ameaçado. Permaneceremos vigilantes e prontos a intervir". Na opinião de Martins, uma "boa advertência" aos homens da Terra.

Regressando ao QG, Aguiar confidenciou o incidente a Leibovitch, que não hesitou em acompanhá-lo na procura de alguém que revelasse o filme, o que foi feito pelo professor Ismael Barros, residente no bairro da Saúde. No total, saíram dez fotos. A primeira, tirada no QG, mostrava Leibovitch e o capelão da 6ª RM. Da segunda à sexta, os sobrinhos. Da sétima à nona, o objeto propriamente dito. Na décima, que Aguiar não se lembrava de ter tirado, o objeto quase transformado num ponto. As duas restantes não foram usadas. Não havia discrepância entre a posição do sol e o aspecto das nuvens na hora alegada das fotografias. Usou-se uma Flexaret, com filme Agfa Isopan. Os negativos não apresentavam sinais de manipulação, mas, super-revelados, ficaram com granulação excessiva. Aguiar desenhou o disco acrescentando detalhes só vagamente percebidos nas fotos. A mensagem, examinada do ponto de vista grafológico, atestou que a escrevera sob impacto emocional. Interrogado repetidas vezes, Aguiar não incaiu em contradição.[266]

Raras vezes se obteve tantos flagrantes de um mesmo objeto. Ao longo dos anos, o caso transformar-se-ia num dos maiores clássicos da ufologia mundial, sem que jamais se questionasse a sua autenticidade. Infelizmente, ninguém se preocupou em analisar profunda e cuidadosamente os diversos aspectos — gritantes — que o revestem. Denota-se, em primeiro lugar, que o modelo do disco de Aguiar aproxima-se sobremaneira daquele fotografado por Keffel na Barra da Tijuca, com a diferença de que possuía um *design* mais moderno, arredondado e aerodinâmico, e símbolos bastante significativos.[267] Os pontos em comum não param por aí. O disco também surgira à beira da praia, e na mesma época do ano — outono. Por ser desenhista profissional, Aguiar certamente não teve dificuldades em atualizar o modelo do

[266] Martins, João. "Mensagem do disco voador", in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 13-6-1959, p. 54-60.

[267] É interessante observar que o falso disco voador do caso Ummo (tratava-se de um pequeno modelo suspenso por um fio, como ficou comprovado) fotografado em San Jose de Valderas, na Espanha, em 1967, apresentava também na sua parte inferior um símbolo, neste caso em forma de H, pintado com tinta spray.

disco e conceber os símbolos, tanto que ele próprio os forneceu de pronto à reportagem, como se estivessem adrede preparados.

Se por um lado alguns ufólogos argumentaram que ele fora induzido ao transe hipnótico pelos tripulantes do disco que ditaram-lhe a mensagem ou que mergulhara nesse estado espontaneamente ante o choque do aparecimento do disco — partindo do pressuposto de que as fotos seriam autênticas —, por outro não nos passa desapercebido o fato de que se considerava propenso a receber transmissões mentais. Martins assinalou tal capacidade, e perguntou: "Terá ele sofrido uma auto-hipnose? Será uma mistificação? Ou as suas experiências telepáticas terão facilitado uma comunicação?". O mais provável é que tenha sido uma combinação das três possibilidades.

Os motivos que estimularam o engendramento das ações se situam no plano mágico-religioso. Intentava-se "controlar as forças maléficas responsáveis pela desordem do mundo e da vida cotidiana". Como bem frisou Paula Montero, "...a intervenção mágico-terapêutica tem como suporte essa visão globalizante uma vez que visa reconstituir o equilíbrio individual e social atuando no plano espiritual. Mas essa ação espiritual tem por sua vez como suporte o indivíduo: somente quando se realizam nele, as forças do mal podem ser domesticadas; somente quando se cristaliza no corpo, a desordem do mundo se objetiva e pode ser controlada. Assim, todas as práticas rituais visam o corpo, na medida em que é um 'corpo-que-fala' que encarna e expressa algo que lhe é estranho e exterior".[268] Aguiar sentia a necessidade de curar não apenas as pessoas individualmente, mas o mundo em geral. E os discos voadores, tão em voga, principalmente depois das fotos de Keffel, constituíam o melhor meio de atrair a atenção. Não surpreende, portanto, que recorrera à imprensa através de Martins — um dos "pais" dos discos voadores no Brasil — nada exigindo em troca, pois desejava apenas "contribuir para o progresso da ciência e do conhecimento". O discurso de Aguiar esconde nesse tocante um jogo de inversões: militava ele, na verdade, contra a ciência, "responsável", em instância direta, pelo "perigo nuclear" que o angustiava.

Conferindo sentido a uma realidade que se afigurava desordenada e caótica, mobilizava um circuito particular de solidariedade social que articulava discursos universais capazes, até certo ponto, de subverter regras morais e de autoridade dominantes na sociedade abrangente. "São esses elementos que nos levam a concluir que o 'processo da demanda', enquanto ritual 'terapêutico', institui um espaço de linguagem e de ação 'alternativo' para as camadas populares, com relação aos canais de ação e de significação que lhes são oferecidos em outras esferas do mundo social. Não que esse espaço se constitua num lugar de inversão total e efetivo da ordem social abrangente, nem muito menos num espaço de produção de uma contra-sociedade alternativa. Mas de qualquer maneira parece-nos legítimo concluir que, mesmo no interior dos limites impostos pela ordem dominante, os grupos sociais populares são capazes de produzir práticas culturais próprias. Jogando o jogo da cura, médiuns, pais-de-santo e clientes se subtraem, resistem e até mesmo se opõem ao jogo dos grupos hegemônicos, produzindo elementos de subversão que podem, quem sabe, vir a tornar-se a força motriz de um novo jogo".[269]

A recepção da mensagem, estando imerso numa espécie de transe, implica-lhe o papel de médium, o que desvela influências da cultura de Salvador, fundada nas religiões africanas. De acordo com Renato Ortiz, "A religião umbandista fundamenta-se no culto dos espíritos, e é pela manifestação destes, no corpo do adepto, que ela funciona e faz viver suas 'divindades'; através do transe, realiza-se assim a passagem entre o mundo sagrado dos deuses e o mundo profano dos homens. A possessão é portanto o elemento central do culto, permitindo a 'descida' dos espíritos do reino da Luz, da corte de Aruanda, que 'cavalgam' a montaria da qual eles são os senhores. A

---

[268] Montero, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*, Rio de Janeiro, Graal, 1985, p. 138.
[269] *Ibid*., p. 258.

idéia segundo a qual o neófito é o 'cavalo' dos deuses, o receptáculo da divindade, é uma herança dos cultos afro-brasileiros, em que a possessão desempenha um papel primordial; nesses cultos a celebração das festas religiosas culmina sempre com a 'descida' dos deuses africanos. Depois de dançar sob o ritmo incessante dos tambores, a 'filha de santo', tomada pela divindade, desmaia e cai no chão, marcando desta forma a morte de sua personalidade profana".[270]

Substituiu-se aqui o culto aos espíritos pelo culto aos extraterrestres, que não deixam de ser "entidades" sobrenaturais ou "deuses" para muitos. Foram eles que "desceram" num Aguiar extasiado com a visão do disco. A doutrina concebida por Kardec — responsável por equacionar as diferenças do universo sagrado hierarquizando-o numa ordem tríplice — enquadra os seres que contataram Aguiar na categoria de espíritos puros: anjos, arcanjos e serafins. O umbandismo estabeleceu um corte no segundo plano, simplificando a hierarquia mística acentuando o dualismo: de um lado os missionários do bem, e de outro os do mal.[271]

Os símbolos, reveladoramente, nada têm de espaciais — embora a reportagem se esforçasse para que assim transparecessem —, mas são praticamente idênticos aos pontos riscados dos rituais umbandistas. Os pontos riscados, tal como os pontos cantados, são símbolos milenares utilizados desde os tempos remotos pelas mais diferentes culturas e religiões. O ponto cantado tem o sentido de prece, oração e invocação a um santo, guia, uma entidade, etc. Na umbanda, o ponto cantado serve para chamar e aproximar os orixás — engiras de desenvolvimento em trabalhos de qualquer linha —, que irão incorporar e atuar, cada qual na sua linha ou falange. Cada palavra representa uma mensagem ou um pedido. O ponto riscado, que em geral corresponde ao ponto cantado, varia segundo o trabalho a ser executado. Na umbanda ou na quimbanda é uma bandeira, um escudo ou emblema.

Os cavaleiros cristãos das cruzadas medievais traziam um emblema que os identificavam perante os inimigos muçulmanos. Os antigos romanos, bandeiras e insígnias gravadas em seus escudos. O rei Davi e seu poderoso exército, uma marca que os identificavam nas terras por onde passavam. Os vikings, os primeiros navegadores, marcas e insígnias que traduziam pânico e medo. Exemplos notórios são as estrelas de cinco, seis e sete pontas, e as cruzes: a suástica, a de Jesus Cristo, a de Caravaca e a de São Bartolomeu. Cristo foi crucificado numa cruz diferente às dos outros dois, o bom e o mau ladrão — as cruzes destes eram em forma de T. Na umbanda, cada guia tem o seu ponto riscado, que se modifica conforme o trabalho a ser executado. A propósito, N. A. Molina alertou que "...é por este motivo que não aconselhamos a desenhá-los por brincadeira, pois estarão mexendo com forças que poderão trazer sérios prejuízos, já que os pontos cantados e riscados só devem ser usados pelos guias e orixás, devendo pois termos total respeito por eles. Há alguns anos atrás, tivemos uma grande prova do que acabamos de explicar: Hitler usou a cruz suástica, que desenhada inversamente, trouxe grandes problemas para a humanidade. Hitler, ao colocar a cruz suástica na bandeira da Alemanha, usou nada mais do que um ponto riscado, que dentro da Cabala é signo de terror e ruína [...] Esta cruz representa o ponto sagrado do bramanismo, que ao ser invertida trouxe malefícios que até hoje o homem paga a preço de ouro".[272] O ponto riscado é traçado pelo guia com o uso da pemba, que em geral é branca. Em trabalhos de alta magia, porém, pode ser usada a pemba preta ou vermelha, ou ambas. Nos demais casos usa-se a pemba amarela, azul, cor-de-rosa ou verde, dependendo do orixá envolvido. Os "pontos riscados" de Aguiar correspondem ao "ponto de segal", referente ao povo do Oriente,[273] aos "pontos da linha das almas" dos pretos velhos[274] e ao "ponto de chamada do Pai Joaquim da Costa".[275]

---

[270] Ortiz, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes*, Petrópolis, Vozes, 1978, p. 63.
[271] *Ibid*., p. 79.
[272] Molina, N. A. *3.777 pontos cantados e riscados na umbanda e na quimbanda*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Espiritualista, s.d., p. 6-7.
[273] *Ibid*., p. 32.

Três meses depois, um OVNI no norte do Brasil voltaria a mobilizar autoridades políticas e militares. “No mês de maio último, em pleno dia, durante 50 minutos aproximadamente, um objeto não identificado, como qualquer dos muitos tipos de aparelhos de vôo usados e conhecidos em todo o mundo, sobrevoou a cidade de Porto Velho”, declarou à reportagem das *Folhas* o coronel-engenheiro Paulo Nunes Leal, governador do território federal de Rondônia. O depoimento foi prestado no aeroporto daquela cidade, na presença do coronel aviador Carlos Faria Leão e do capitão-aviador Tarcísio Faria, pilotos do C-47-2013 do Correio Aéreo Nacional. Grande parte da população porto-velhense logrou observar o objeto demoradamente, que tinha a forma de um charuto e desprendia da cauda um risco de fumaça, o qual o coronel Paulo Nunes Leal achou parecido com as faixas de propaganda que eram presas nos leme dos aviões em vôos publicitários. No “focinho da carlinga”, descreveu, “brilhava qualquer coisa, com uma cor metálica”. O pormenor igualmente fora notado por um sargento da FAB, encarregado do Serviço de Proteção ao Vôo em Porto Velho. O governador, que era engenheiro militar, afirmou que o objeto não podia ser um avião e muito menos um aerolito, em função de seu comportamento no espaço. Pairando a uns 3 km de altitude, ora parava no espaço, ora descia para em seguida subir, voando em círculos e em velocidades altíssimas, impossíveis para as aeronaves da FAB. O “disco voador”, na opinião unânime da população, observava a região amazônica, coberta de extensas matas virgens e cortada por imensos caudais.[276]

## 3. O Fechamento: Regime Militar

O envolvimento da Aeronáutica com os OVNIs confunde-se portanto com o próprio início da história do fenômeno no Brasil. A repercussão pública alcançada por uma profusão assustadora de casos obrigou o governo militar a tomar providências. Por questões de segurança nacional, designaram-se comissões e organismos de investigações. Todas as evidências deviam ser imediatamente levadas ao conhecimento do governo brasileiro. Nos anos seguintes, as Forças Armadas em geral (Exército e Marinha) também se comprometeriam, mantendo as atividades no mais absoluto sigilo, tanto que, até 1969, pouco sabemos acerca do que foi feito.

Nesse ínterim, ocorreram centenas de casos alarmantes provavelmente apreciados pelos militares. Em 17 de fevereiro de 1965, por exemplo, tripulantes e passageiros de um bimotor C-46 da empresa Sadia (depois Transbrasil), indo de São Paulo ao Rio de Janeiro, testemunharam um OVNI. Às 20h30min, o comandante Inácio Silvestre dos Santos mantinha, pelo rádio, contato com a torre de controle do aeroporto Santos Dumont, no Rio, quando de repente sua atenção foi atraída por uma luz que se refletia nas águas da baía de Guanabara. “Era uma luz azul-clara, emitida por um objeto esférico”. O OVNI seguiu a aeronave comercial durante 1 minuto, pouco antes dos procedimentos normais de pouso. Os passageiros, dentre os quais o governador da Bahia, Lomanto Júnior, confirmaram as palavras do comandante Santos. Observadores em terra notificaram o mesmo objeto. Dois dias após, centenas de pessoas avistaram sobre a praia de Icaraí, em Niterói, uma esfera iluminada que mudava de direção e altitude.

Os discos voadores vinham, pois, mais e mais ostensivamente rondando as grandes cidades. O cenário se deslocava dos campos despovoados ou praias desertas para os centros urbanos. O presente relato, fartamente divulgado pela imprensa em novembro de 1967, teve como palco Brasília e municípios vizinhos. As primeiras notícias informavam que por volta das

---

[274] *Ibid*., p. 201.
[275] *Ibid*., p. 167.
[276] Teixeira, Hugo Penteado. “Objeto não identificado sobrevoou Rondônia, alarmando a população”, in *Folha do Norte*, Rondônia, 20-7-1959.

22 horas do dia 20, um objeto pairara sobre a capital federal, deslocando-se à baixa velocidade e altura. A nave, presenciada por milhares de pessoas, possuía várias fileiras de luzes vermelhas, verdes, azuis e amarelas sobrepostas, conferindo-lhe o aspecto de uma árvore de Natal fartamente iluminada. A torre de controle do aeroporto de Brasília constatou o fenômeno, mas não o registrou no livro de ocorrências. Voando no sentido sudoeste-nordeste, antes de seguir para o norte pairou durante algum tempo sobre a torre de televisão local.

A divulgação da imprensa motivou Wilson Gusmão, chefe do escritório do governo de Goiás, em Brasília, declarar ter visto, em companhia de dezoito pessoas em sua fazenda a 120 km da capital, no município de Luziânia, um OVNI em forma de prato tentando pousar em um campo das proximidades, na noite do dia 15. Havia silenciado até então porque temia ser considerado insano. Ao tentar aproximar-se do aparelho, achou que os tripulantes pressentiram sua presença, já que luzes coloridas se acenderam e imediatamente levantou vôo. No entanto, pouco mais tarde, o mesmo OVNI voltou à fazenda, manobrando e emitindo luzes que clareavam o terreno. Em conseqüência da proximidade com o OVNI, as testemunharam sofreram enorme mal-estar e, fato curioso, várias partes do corpo ficaram insensíveis, só voltando ao normal no dia seguinte. Um detalhe não menos curioso refere-se a uma nuvem de insetos que Gusmão vira esvoaçando dentro do facho luminoso emitido pelo aparelho. Segundo a imprensa, a fazenda era bastante rica em rutílio,[277] o que talvez tenha atraído os “extraterrestres”.[278]

## 3.1. SIOANI

Em plena ditadura Médici e vigência do AI-5, um grupo de altas patentes da FAB resolveu criar, dentro das instalações do IV Comando Aéreo Regional (Comar), no bairro do Cambuci, São Paulo, o Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (SIOANI), primeiro órgão oficial latino-americano — a Argentina só faria o mesmo alguns anos depois — dedicado exclusivamente ao fenômeno. A exemplo dos demais órgãos surgidos durante a repressão, suas atividades foram secretas, mas bastante indiscretas. Avalizado e apoiado pela cúpula da Aeronáutica, o SIOANI organizou um *staff* escalando indivíduos de diversas bases aéreas, de núcleos de proteção ao vôo (NPVs) dos principais aeroportos brasileiros e, até mesmo, de aeroclubes e associações civis dedicadas a ufologia.

O documento que formalizou o SIOANI foi uma carta datada de 15 de abril de 1969, escrita pelo major-brigadeiro José Vaz da Silva, comandante do IV Comar: “Remeto-vos o primeiro boletim do SIOANI, organizado nesta IV Zona Aérea. Solicito-vos a designação urgente de um representante credenciado dessa corporação, a fim de entrar em contato imediato com esta CIOANI”. O boletim confidencial nº 1, de março de 1969, esboça normas diretivas e confere atribuições aos comandos em toda estrutura da FAB. Correspondências e expedientes diversos passaram a ser intercambiados entre o SIOANI e os postos em funcionamento.

Os resultados, extremamente positivos, não tardaram a ser colhidos. Em agosto, decorridos apenas 5 meses de operações, o SIOANI lançava seu segundo boletim, desta vez recheado com muito mais páginas e descrições minuciosas de dezenas de contatos imediatos, a maioria dos quais no interior de São Paulo. Por certo, nenhum grupo privado de ufologia no Brasil chegou a realizar algo tão completo e profundo em tão pouco tempo. Dados como temperatura e umidade do ambiente, religiões praticadas, tendências políticas, se as testemunhas possuíam aparelhos de rádio ou de televisão, constavam entre as perguntas de um alentado questionário de dezenove páginas.

---

[277] Rutilo é óxido de titânio, elemento utilizado em reatores atômicos.

[278] August, A. S. “Caso: disco voador é visto passeando ostensivamente sobre Brasília”, in *Diário Popular*, São Paulo, 1967, suplemento especial “O estranho mundo dos discos voadores”, p. 110, B-110 D.

A cortina de segredo em torno do SIOANI só foi rasgada quando, em maio de 1987, o ufólogo Ademar José Gevaerd, presidente do Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), sediado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, decidiu publicar parte dos documentos oficiais e detalhes completos sobre a atuação, estrutura e o funcionamento da entidade.[279] O pedido de autorização para tanto já havia sido solicitada em 1984 junto ao IV Comar, cujo chefe, além de não deferir o pedido, "sugeriu" que se evitasse a divulgação massiva "de forma a evitar embaraços desnecessários".[280] Gevaerd não se curvou à intimidação porque achava que a população devesse saber que nossas Forças Armadas se preocupam com a questão: "Evidentemente, tentamos nos certificar de que isso não resultaria em represálias que pudessem destruir nosso trabalho. Assim, em 1984, 3 anos antes da publicação dos documentos, consultamos a base aérea mais próxima de Campo Grande mesmo [...], que passou o ofício ao IV Comar, em Cambuci, onde era sediado o SIOANI, e, em 28 de novembro de 1984, recebemos a resposta do próprio Comar paulista, assinada pelo chefe interino do Estado-Maior daquela corporação. A carta, de duas páginas, explicava alguns detalhes da 'desestruturação do órgão por falta de maiores interesses dos oficiais' e 'sugeria' que não divulgássemos sua existência e o conteúdo dos documentos que possuíamos. Como o próprio coronel aviador João Bertoldo Glaser, que assinou a carta, disse, 'de forma a evitar embaraços desnecessários'. Mas, apesar da leve ameaça, o CBPDV publicou a matéria em *Temas Avançados*, em sua edição nº 2, de vinte e quatro mil exemplares, contendo dezenas de documentos sobre a formação e estrutura do SIOANI, vários telegramas sigilosos trocados entre bases aéreas que o auxiliavam, algumas cartas e relatórios de investigação e até a íntegra dos dois boletins editados pela entidade".[281] Aliás, a preocupação do governo, como bem lembrou, vinha "...de pelo menos 15 anos antes que o major-brigadeiro José Vaz da Silva oficializasse o SIOANI. Em 1954, o Estado Maior Brasileiro (EMFA) reuniu-se em diversas sessões para estudar, debater e decidir o que fazer em relação ao assunto. Nessa ocasião, no entanto, houve mais bom senso por parte de nossas autoridades militares — encabeçadas pelo coronel-aviador João Adil de Oliveira —[282] e o assunto

---

[279] Na edição nº 2 da coleção *Temas Avançados*, vinculada à revista *PSI-UFO*. O CBPDV também colocou a disposição fotocópias dos documentos originais em forma de "material bibliográfico especializado". O material foi publicado na íntegra na *Coleção Biblioteca UFO*: "Os documentos oficiais da Força Aérea Brasileira", Campo Grande, CBPDV, março de 1991, ano 1, nº 2.

[280] Eis o conteúdo eloqüente da carta: "I) Incumbiu-me o exmo. sr. comandante de, em atenção à sua carta supra referenciada, servir-me deste ofício para historiar e em seguida responder às principais indagações dessa entidade discológica, da forma que se segue: 1) A atividade de pesquisa de objetos aéreos não identificados, nesta organização, se reporta ao ano de 1969 na IV Zona Aérea e foi fruto do interesse pelo assunto por parte do então comandante ten.- brig. R/R José Vaz da Silva e de alguns oficiais que aqui serviam; 2) De 1969 a 1972, as atividades ufológicas nesta Organização foram as mais variadas, incluindo elaboração de boletins informativos, esboço de regulamento do SIOANI, contatos com interessados, palestras, catalogação de contatos e outras, sempre visando contribuir neste campo de pesquisa que já era bem conhecido no Brasil; 3) De 1973, com a criação do IV Comar, para cá, essas atividades foram diminuindo não pelo desinteresse dos Comandos que se sucederam, mas sim, pelo aumento dos encargos administrativos que foram atribuídos ao novo Comando que se criava; 4) Ao mesmo tempo, essas atividades foram sendo centralizadas pelo EMA (4ª Subchefia), o qual hoje detém um acervo mais consistente e que, segundo nosso julgamento, seria a Organização ideal para contatos futuros e cujo endereço segue ao pé do ofício; 5) Também é do conhecimento do Comandante a carta nº 255/84 datada de 5 de setembro de 84, expedida por essa coordenadoria e enviada à Base Aérea de Campo Grande. Nela, v. sª acusa a posse de dois boletins (1 e 2) do SIOANI, bem como nos consulta sobre a utilização do referido material para divulgação junto à comunidade pesquisadora brasileira; 6) É entendimento do Comando, que, dado o caráter apenas ilustrativo e informativo da documentação em seu poder bem como da classificação ostensiva quanto ao sigilo atribuído, não haver inconveniente em que o mesmo seja divulgado única e exclusivamente junto ao público citado anteriormente. Aproveito a oportunidade para lembrá-lo que deve ser evitado a sua divulgação à imprensa, de forma a evitar embaraços desnecessários. II) Sendo só para o momento, valho-me desta oportunidade para renovar os protestos de alta estima e distinta consideração" (Of. nº 19/EM-4/4035).

[281] "Os documentos oficiais da Força Aérea Brasileira", Campo Grande, CBPDV, março de 1991, ano 1, nº 2, p. 31.

[282] Então chefe do Serviço de Informações da FAB.

foi, até um nível desejado, colocado ao público, principalmente através de edições especiais da revista *O Cruzeiro*".[283]

O primeiro Boletim do SIOANI, datilografado e com vinte e duas páginas no total, dividia-se em seis tópicos: "1) O fenômeno dos 'Objetos Aéreos Não Identificados' (OANI) — síntese histórica; 2) A atenção do mundo científico — as controvérsias; 3) A ocorrência dos OANIs no Brasil e em São Paulo — suas peculiaridades; 4) A atenção da IV Zona Aérea para o fenômeno e a idéia de estudá-lo; 5) A criação e organização da SIOANI e a doutrina que preside o seu funcionamento; 6) Considerações gerais".

No tópico 4, dizia-se: "É evidente que a onda de notícias sobre o aparecimento de OANIs no Estado de São Paulo tem aumentado gradativamente; esse fato chamou a atenção da FAB e em particular da IV Zona Aérea. Resolvemos, então, criar um Sistema de Investigação que oriente normativa e cientificamente a pesquisa do fenômeno, objetivando sua explicação; suas peculiaridades ditaram os princípios da organização e do funcionamento. Entendemos que o fator mais importante do problema seja o observador do fenômeno, aquele ou aqueles que dizem ter tomado contato com o OANI; essa importância é diretamente proporcional à intimidade da anunciada observação".[284] Apontaram-se três fatores que possibilitariam uma melhor abordagem do problema: "a) instantaneidade da comunicação; b) pronta movimentação da nossa equipe; c) precisão de nossa avaliação". O que os obrigava a "possuir uma rede de observadores, um sistema de comunicações, de transporte e uma organização técnico-científica capaz de examinar e avaliar o grau de confiabilidade do observador e do fenômeno". Prossegue o major Vaz: "Ora, a FAB já possui respectivamente a rede, o sistema e a organização. Bastará, pois, superpor o sistema proposto ao já existente da FAB para que entre em funcionamento, desde que a idéia da IV Zona Aérea sobre o assunto seja divulgada aos diversos órgãos, bem como processos, normas e regulamentos transmitidos em tempo útil. Para o estudo do fenômeno em si, necessitamos de laboratórios, cientistas, aparelhagem adequada e equipamentos apropriados".[285]

Não se pretendia circunscrever o trabalho ao âmbito da FAB: "É nossa idéia, e isso já vem acontecendo com esplêndidos resultados, levar tal interesse às demais Forças Armadas e ao meio civil. Algumas organizações civis idôneas já estão em contato conosco, aguardando nossa orientação para se integrarem no Sistema. A juventude será mobilizada em torno desse assunto, que poderá dar origem a uma verdadeira cruzada. Universitários e colegiais, com quem estabelecemos contato, sentiram a responsabilidade com que estamos tratando o assunto e se entusiasmaram com a idéia de integração ao Sistema. É nosso pensamento recrutar os observadores e pesquisadores no meio estudantil, aproveitando preferencialmente organizações já existentes. Vale lembrar que já começamos a agir e ótimos estão sendo os resultados. [...] Assim, ao criar e ativar o nosso Sistema, estaremos também mobilizando a nossa juventude para o interesse, o estudo e o trabalho de conquista desse mundo maravilhoso que só os homens poderão possuir, restando aos demais apenas tomar conhecimento por 'ouvir dizer'. É essa nossa idéia, nossa doutrina, o nosso escopo, a nossa intenção, a nossa diretiva. É esse o objetivo de nosso trabalho. Haveremos de alcançá-lo".[286]

Publicou-se no boletim nº 2 a relação dos Núcleos de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (NIOANIs)[287] e encetou-se o relato dos casos que, desde outubro de 1968,

---

[283] Gevaerd, A. J. "FAB capta e persegue UFOs em Goiás", in *UFO*, Campo Grande, CBPDV, janeiro-fevereiro 1991, nº 14, p. 28.

[284] *Boletim do SIOANI*, São Paulo, Força Aérea Brasileira/IV Zona Aérea, março de 1969, nº 1, p. 7-8.

[285] *Ibid*., p. 8.

[286] *Ibid*., p. 9-10.

[287] Órgãos executores de observações, investigações e coleta de materiais para pesquisa de OANIs. Sua função era exercida por pessoas e corporações recrutadas em cidades de sete estados brasileiros. São Paulo: São Paulo, Cumbica, Birigüi, Bauru, Botucatu, Presidente Prudente, Guaratinguetá, Ibiúna, Jales, Campinas, Lins, Mineiros do Tietê, Marília, Matão, São José dos Campos, Congonhas, Serra Negra, Santos, Tatuí, Urubupungá, Votuporanga,

vinham chamando a atenção dos militares. Vinte e três gráficos de controle e observação foram incluídos.[288]

O SIOANI atuou ativa e camufladamente até 1972, ano em que ganhou novo nome, nova estrutura, diretoria e sede em Brasília, passando a funcionar como um departamento do EMA. Cabe-nos, pois, indagar: por que tanta preocupação com os OVNIs? A resposta é simples, segundo Gevaerd: "O Brasil, assim como outras nações terceiro-mundistas da época (e até hoje) rezava pela cartilha geopolítica dos EUA. Foi nesse período que se convencionou dizer — e as autoridades tupiniquins pareciam concordar — que o que era bom para o *Big Brother* tinha que ser bom para nós. Oras, com a evolução da questão ufológica em todo o mundo, logo no fim da década de 40 e começo da de 50, as grandes potências passaram a dedicar-se à questão, e por razões óbvias! Com isso, tais nações, e principalmente os EUA, armaram suas redes de coleta de informação ufológica ao longo do mundo, nos países alinhados com sua ideologia. Nesse esquema, o Brasil, o quinto maior país do globo terrestre, evidentemente não poderia ficar de fora — principalmente, por um lado, era alvo de maciça incidência ufológica e, por outro, era um aliado manso dos EUA! Oficiais brasileiros começaram a freqüentar determinadas bases aéreas e quartéis norte-americanos, onde aprendiam ufologia 'política' e conheciam os sistemas que usariam para coletar e transferir informações para o *Big Brother*. Assim, após as peripécias do EMFA e do coronel Adil, lá nos idos de 1954, a posição brasileira foi mudando de cor, sempre influenciada pelos EUA [...] A questão ufológica virou *top secret* no Brasil...".[289] Gevaerd acrescentou que "quando o SIOANI estava no auge de suas atividades trabalhando sigilosamente por este imenso Brasil afora, as captações de radar e perseguições com caças passaram a ser sistemáticas, partes da mesmíssima 'metodologia de trabalho' com a questão ufológica que os

---

Pirassununga e Alfa Centauro. Mato Grosso: Campo Grande, Corumbá, Ponta Porá, Cuiabá, Xingu e Xavantina. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Guanabara, Parque dos Afonsos, Base dos Afonsos e Santa Cruz. Distrito Federal: Brasília. Minas Gerais: Belo Horizonte, Passatempo. Santa Catarina: Florianópolis. Rio Grande do Norte: Natal. Pernambuco: Recife e Petrolina. Bahia: Salvador. Até em Paris, na França, havia um NIOANI ativado até julho 1969. Os pesquisadores eram: Acassil J. O. Camargo (Tatuí-SP), Edgard C. Rosa (Ibiúna-SP), sr. Madalena (SP), Tarcísio E. Filho (Alfa-Centauro-SP), Waldir A. Nothio (Alfa Centauro-SP), Hélio R. Júnior (Alfa Centauro-SP), Edson M. de Aguiar (Alfa Centauro-SP), Mauro G. de Assunção (Alfa Centauro-SP), Marco Aurélio S. Rodrigues (SP), tenente R. Francisco Soares (Ibiúna-SP), Miguel Ward (SP), Antônio Faleiro (MG) e Antônio P. S. Faleiro (MG).

[288] Versavam sobre os seguintes aspectos, nesta ordem: possuidores de tevê (sim 29, não 49), área de observação (sítio 12, fazenda 10, vila 10 e cidade 38), características dos locais de observação (planície 12, planalto 17, montanhosa 19, litorânea 24 e hidrográfica 3), vegetação (rasteira 39, caatinga 2, mata 9, floresta 1, culturas 26, jardins 8, pedreiras 1 e minas e jazidas 1), momento da observação (alvorada 9, dia 10, anoitecer 9 e noite 42), temperatura (frio 14, morno 28, quente 28), umidade (seco 48, bruma seca 2, úmido 9, nevoeiro 3 e chuva 1), local (ermo 25, habitado 38, iluminado 34, não iluminado 11, presença de grupos de pessoas (48 sim e 12 não), idade (infância 5, puberdade 2, juventude 4, maturidade 55 e velhice 20), sexo das testemunhas (masculino 24 e feminino 19), estado civil (casados 64, solteiros 11 e viúvos 2), tipo físico (atlético 39, pícnico 12, leptossomático 17, displássico 1), religião (católica 45, católica brasileira 1, israelita 1, nenhuma declarada 2), grau de escolaridade (analfabeto 8, grupo escolar 25, ginasial 13, superior 6 e universitário 11), condições das testemunhas (fracas 24, razoáveis 6, média 12, boas 18, muito boas 9), condições psicofísicas (jejum 10, alimentado 46, com teor alcóolico 1, cansado 6, trabalhando 24, distraído 23), subtaneidade ou não no momento da ocorrência (sim 27, não 29), tensões familiares, políticas, etc. (sim 2, não 68), porte ou não arma no momento do fato (sim 12, não 58), observação feita com (olho nu 56, óculos 7 e binóculos 3), interferência em circuitos elétricos (ruídos parasitas 2, interrupções de corrente 4), pontos de ocorrência (casas 40, fábricas 11, escolas 20, hospitais 4, quartéis 6, antenas de emissoras de rádio 7, antenas repetidoras de tevê 6, subestações de energia elétrica 13, usinas elétricas 3, linhas de baixa tensão 34, linhas de alta tensão 26, transformadores 20, rodovias 26, ferrovias 13, oleodutos 1, adutoras de água 2 e outros 27), colorações dos OANIs (alaranjado 18, vermelho 17, amarelo 13, verde 6, azul 9, aluminizado 14). Algumas testemunhas também foram submetidos a exames psiquiátricos (sem psicopatologia definida 13, sujeitos a delírios 4, a alucinações 3, a sugestionamentos 1, com desvios de personalidade 4, com tendências a mitomania 4).

[289] Gevaerd, A. J. "FAB capta e persegue UFOs em Goiás", in *UFO*, Campo Grande, CBPDV, janeiro-fevereiro 1991, nº 14, p. 28.

EUA mantinham: primeiro, se aparecer um OVNI, confirmá-lo visualmente e pelo radar; segundo, caso possível, designar um caça para identificá-lo de perto; terceiro, constatado ser não identificado, o caça deve forçar o pouso da nave; quarto, não havendo resposta, atirar para derrubar! Essa era a sistemática que, nos EUA, foi empregada e não funcionou muito bem; mas, mesmo assim, foi 'incentivada' e praticada em vários países do lado pobre do mundo. Nessa época, quando ocorreram as grandes ondas ufológicas no interior de Minas Gerais e São Paulo, as testemunhas freqüentemente recebiam oficiais da FAB juntos de oficiais da USAF, para conversas, cafezinhos e averiguação".[290]

"Certa vez", ainda de acordo com Gevaerd, "um indignado senhor de 68 anos, testemunha se vários OVNIs em Lins, no interior de São Paulo, disse-me que recebeu a visita de dois sargentos da FAB que carregavam a bagagem de um oficial norte-americano. 'Era um americanão branco de 2 m de altura que fuçou tudo o que podia na minha chácara', segundo ele. Disse ainda que seus equipamentos eram grandes caixas que 'ele abria e tinham um monte de relógios e ponteiros' e que 'pesavam uma barbaridade, e o gringo ainda fazia a gente carregar aquilo pra todo canto, como se eu e o pessoal que ele trouxe fôssemos seus empregados'. [...] Como se vê, o Brasil tem tradição ufológica: sempre esteve de alguma forma envolvido em atividades de pesquisa e reconhecimento ufológico, e naturalmente, sempre sob a proteção dos EUA. Assim, é óbvio que foi só começarem a ser instalados os primeiros radares em nosso país, na época da ditadura, para que entrássemos na era da eletrônica e passássemos a ter o privilégio de ver OVNIs cortando os *scopes* (telas) esverdeados das máquinas bisbilhoteiras, desnorteando logo de cara os provavelmente assustados controladores. Foi quando os primeiros caças a jato chegaram às nossas bases aéreas, logo passando a perseguir os intrusos que desafiavam nossas altas-patentes. De lá para cá não houve novidade significativa; o sigilo aumentou, os caças e radares se sofisticaram, os oficiais receberam melhor treinamento e a nação continuou acreditando que os EUA mereciam nossas informações".[291]

Procederemos a seguir uma breve revisão dos principais contatos imediatos pesquisados pelo SIOANI.

A edição de 6 de julho de 1968 do jornal *Gazeta de Botucatu*,[292] trazia uma nota na primeira página intitulada "Disco Voador": "Botucatu, cujo nome vinha aparecendo com freqüência nas manchetes dos jornais e revistas, tem agora mais um motivo para manter-se em foco: apareceu um disco voador em Rubião Júnior, nas proximidades da Faculdade. Segunda feira última, por volta de 11h30min, três meninos teriam visto um desses aparelhos pousar e dele ser baixado uma escada. Diante dos gritos dos meninos assustados e do aparecimento de professoras e senhoras, o engenho levantou vôo rápida e silenciosamente, deixando atrás de si um rastro de fumaça. No local encontraram-se sinais que os meninos dizem ser dos 'pés' do disco e da escada. Os meninos relataram com muita segurança e coincidência os fatos pelas rádios locais, o que deixou intrigada toda a população que transformou o ocorrido em seu assunto predileto".

A concorrente *Correio de Botucatu* ampliava em 7 de julho o fato noticiado pela *Gazeta*, estampando na primeira página esta manchete: "O disco esteve aqui". A matéria contava que às

---

[290] *Ibid.*, p. 28.
[291] *Ibid.*, p. 28-29.
[292] Estivemos na gráfica do jornal *Gazeta de Botucatu* e nos surpreendemos ao constatar que os métodos e meios de impressão continuam sendo os mesmos desde sua fundação, por Milton Marianno, em 1958. A máquina é uma A Ramm - Frankfnthal, alemã, fabricada em 1909. Conversamos e ouvimos as experiências dos profissionais que ali trabalham. Antonio Gamito, 54 anos, descendente de espanhóis, é gráfico desde 1957, tendo ingressado no jornal no ano de sua fundação. Gamito contou que em 1965 costumava ver pelos lados da Bocaina uma "bola de fogo maior que a lua que soltava muitos raios". O gráfico Luis Carlos Pena, 53 anos, começou a trabalhar no jornal logo depois de Gamito. Além da parte gráfica, ele próprio cuida da revisão e ainda escreve pequenas notas. Foi nos preciosos arquivos do jornal que encontramos a matéria sobre o disco voador (6-7-1968, edição nº 531).

12 horas de 1º de julho, segunda-feira, a poucos metros do Hospital das Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), distrito de Rubião Júnior, pousou um artefato voador não identificado. Com a aproximação das testemunhas, o disco alçou vôo em grande velocidade, deixando apenas como vestígio as marcas no chão e uma esteira de fumaça branca que aos poucos se desvaneceu no céu azul. Antonio Fernando Assumpção Campos Lima, Walter de Souza Filho e "Valencinho", três garotos que brincavam nas proximidades do local do pouso, lograram ver, claramente, o disco aterrissando sobre um tripé e largando uma pequena escada que tocava o chão. Em estado de choque, começaram a gritar até que o disco levantou vôo recolhendo o tripé e a escada e ascendeu verticalmente o céu a uma velocidade espantosa. Alarmada com os gritos, Eloá, mãe de Walter, saiu à janela e observou o disco envolto em fumaça branca se afastando rapidamente. O mesmo OVNI seria visto por funcionários da FCMBB e por uma de suas professoras, para quem o objeto emitia um ruído *sui generis*, diferente de qualquer outro. Nair de Melo Rodrigues, professora aposentada residente em Rubião Júnior, saiu casualmente para a área externa de sua casa quando viu, a baixa altitude, um aparelho cinzento, de forma circular, sem asas, com duas abóbadas, uma superior e outra inferior, que voava um tanto inclinado em relação ao solo.

O ufólogo Braz Titton, fundador do Grupo Regional de Investigação de Fenômenos Espaciais (GRIFE), entrevistou-a alguns anos depois, obtendo a confirmação do relato. Pensando principalmente na utilidade que teria para os estudos futuros, Osvaldo Rodrigues, marido de Nair, mediu as marcas deixadas pelo objeto e elaborou um croqui minucioso, que considerou até o desnivelamento do terreno. Técnicos da própria Faculdade, examinando o local da aterrissagem, constataram que as marcas haviam sido produzidas por uma grande compressão, pois eram profundas e perfeitamente simétricas. Os pontos formavam um triângulo isósceles — dois de seus lados mediam 6 m e, o terceiro, 7 m. No centro do triângulo viam-se as marcas da escada, que também devia ser bastante pesada.

O capitão João Batista de Campos Lima, comandante da 6ª Companhia Independente da Força Pública, sediada em Botucatu, soube do fato através de Walter de Souza, administrador da FCMBB e pai de Walter Filho, que por sua vez estava em companhia de Antonio Fernando, filho de Lima. O capitão declarou que as crianças ficaram tão abaladas com a visão que perderam momentaneamente a noção de tempo, o que foi confirmado por Walter de Souza.[293] Por volta das 12h15min, grande parte da população botucatuense viu nos céus uma linha comprida de fumaça branca interrompida em diversos pontos. Embora parecesse obra de um avião a jato, a direção da fumaça correspondia à do OVNI indicada pelos meninos.

O *Correio* registrou opiniões diversas e inacreditáveis: "Alguns acham que foi algum avião estrangeiro que desceu sem permissão e ao ser descoberto fugiu. Outros acham que é tudo imaginação de crianças, outros há ainda que acham ser alguma espaçonave de outro planeta em expedição exploradora à Terra e muitas outras opiniões poderão ser facilmente observadas no âmbito popular". Um funcionário relatou que, alguns dias depois, um sitiante das imediações conversava com seu genro quando avistou um enorme disco voador pousar atrás do eucaliptal vizinho. Indo até lá, nada encontraram, e, como não dispusessem de provas, resolveram ficar calados.[294]

Na madrugada de 25 de agosto de 1968, pouco antes do amanhecer, ocorria em Lins[295] um dos episódios mais espetaculares dos anais da ufologia brasileira, investigado por Max

---

[293] Melluso, Carlos Alberto. "O disco esteve aqui", in *Correio de Botucatu*, Botucatu (SP), 7-7-1968, nº 10.169. O jornal foi fundado em 1901. Em 1968, o diretor era Plínio Paganini.

[294] Titton, Braz. "Quando Botucatu recebeu um visitante especial", in *O Povo*, Botucatu (SP), 1991. Em 24 de abril de 1997 estivemos em Botucatu pesquisando este e outros casos. O ufólogo e bibliotecário da Faculdade de Medicina da Unesp, Braz Titton, nos forneceu um vasto material que recolheu sobre os discos voadores na região.

[295] A cidade, a 445 km a oeste de São Paulo, de economia basicamente agrícola (algodão, café, milho) e pecuarista, vivia uma onda de OVNIs na ocasião. O *Boletim do SIOANI* nº 2, registrou inúmeros casos em datas próximas.

Berezovsky, da APEX, e pelo major Gilberto Zani, que, extra-oficialmente, acompanhava o caso a pedido do brigadeiro José Vaz da Silva. Na noite anterior, o médico de plantão do Hospital Clemente Ferreira — a 5 km da cidade — e diversos funcionários, observaram admirados ao deslocamento de uma estranha bola luminosa no céu. Maria Cintra, uma enfermeira mulata e religiosa de 40 anos, trabalhava há tempos no hospital, onde também residia, sendo muito estimada por todos, apesar de humilde e mal saber assinar o nome.

Com uma convicção impressionante, ela contou que, por volta das 4h30min, rezava o terço sentada na cama, como fazia habitualmente ao despertar, quando ouviu um som parecido com "freagem de automóvel": "Abri a persiana e vi lá de cima uma senhora parada em frente ao portão do hospital. Perguntei se era caso de internamento e, como não respondeu, vesti minha capa de contágio, desci as escadas e abri a porta. Voltei a perguntar se era internamento. A mulher enrolou a língua e não entendi nada. Deu-me uma garrafa muito bonita, toda brilhante e trabalhada, e fomos juntas até o bebedouro, que fica no saguão. Quando chegamos, ela tirou não sei de onde uma canequinha, encheu de água e bebeu. Eu disse que a água daqui é muito boa, ela tentou repetir a frase, mas o tom de voz era muito gutural. Ficou observando os carros do administrador e do médico de plantão estacionados na entrada. Voltamos juntas dali, enquanto ela segurava a garrafa e a caneca com uma das mãos e com a outra batia no meu ombro, dizendo: 'embaúra, embaúra'. Ao invés de sair normalmente, a mulher entrou pelo canteiro. Foi aí que vi um aparelho semelhante a uma pêra flutuando a 1 m de altura, carregando uma pessoa dentro, a qual deu a mão para a mulher entrar pela abertura. O objeto soltou um zumbido e subiu na vertical". A enfermeira, traumatizada, caminhava para trás, sem dar as costas para o local da aterrissagem. "Quando cheguei na porta e vi o aparelho desaparecer, comecei a gritar desesperada. Fiz tanto barulho que acordei quase todo mundo. Comecei a chorar e a fazer xixi na escadaria! Fui toda molhada para o meu quarto e fiquei rezando na cama".

As marcas deixadas pelo aparelho ainda estavam bem visíveis. Na descrição de Maria Cintra, a mulher, de cor branca, tinha feições normais e aparentava uns 30 anos de idade. O rosto era fino e a estatura média, praticamente da mesma altura que ela. Usava um "uniforme de aviador" (roupa colante) que lhe cobria a cabeça, um cinto cor de chumbo e sapatos pontiagudos. Os oficiais da FAB encontraram as pegadas da mulher e recolheram amostras da grama alterada, analisadas pelo Instituto Tecnológico em São José dos Campos. Durante muito tempo não voltou a crescer nada no local.

Dezessete anos após o ocorrido, Jaime Lauda teceu as seguintes ponderações: "1) Os céticos acham inconcebível que extraterrestres se exponham tanto a ponto de atravessar o vácuo sideral para simplesmente 'pedir água'; 2) Ninguém mais, além da atendente do hospital, observou a criatura ou o objeto; 3) O caso pode ter sido simplesmente montado por pessoas qualificadas com objetivos desconhecidos. Conclusões: 1) Os componentes absurdos podem ser facilmente aceitos se reconhecermos que a ufologia lida, essencialmente, com 'festivais do absurdo', conforme acepção de Aimé Michel. Sabemos hoje que os lençóis de água subterrâneos da cidade de Lins são famosos por sua pureza de extração. Isso, por si só, pode ter ativado a atenção dos alienígenas e determinado a grande onda de observações em 1968/69; 2) A casuística ufológica está repleta de casos presenciados por somente uma testemunha, sem que isso conte como fator de descrédito. Cremos que Maria Cintra vivenciou uma verdade sentida, forte o suficiente para desencadear micção involuntária; 3. O diretor do sanatório, o médico Alberto Prata, confirmou que a testemunha era equilibrada, trabalhadora e estimada por todos. As autoridades da FAB, tendo a frente o major Gilberto Zani, interrogaram a enfermeira repetidas vezes sem que esta incaísse em contradição".[296]

---

[296] Montandon, Marco Antonio. "A pesquisa dos objetos não identificados", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4-7-1974, Documentos do DOPS, nº 50Z/354/82; Lauda, Jaime. "Caso Maria Cintra, Lins 1968", in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, março 1985, nº 1, p. 9.

O primeiro contato de Jaime Lauda com Toríbio Pereira aconteceu em 1977, na residência do contatado, no município de Ferraz de Vasconcelos — limítrofe ao bairro de Guaianazes, zona leste de São Paulo. Enfrentando dificuldades para sobreviver com os parcos rendimentos de um trabalho humilde, vivia em estado de comiseração. De estatura mediana, cabelos e olhos negros, de ascendência indígena e com precária formação escolar, era uma pessoa simples e boa o suficiente para granjear a simpatia dos que dele se aproximavam. Lauda contou com a assessoria dos ufólogos Guilherme Wirz e Carlos Alberto Reis, sem os quais, confessou, o seu delírio teria chegado "às raias da fascinação descabida". O caso foi recontado por Toríbio no escritório que esses ufólogos mantinham no centro de São Paulo. Na época do incidente, em 2 de outubro de 1968, era tratorista da Prefeitura de Lins, e vivia com a família e os filhos numa casa modesta nas cercanias da cidade.

Como de costume, naquela manhã saiu de casa por volta das 6 horas para prosseguir com o trabalho de rebaixamento de um barranco na continuação da avenida da Saudade, perto das últimas casas do bairro São João. Ali chegando, subiu no trator e puxou a vareta de óleo do diferencial para checar o nível, voltando a recolocá-la. Nesse momento, notou ao seu lado, flutuando pouco abaixo do nível da roda traseira, um "automóvel pequeno" semelhante a um "Karmann-Ghia" dourado, com cerca de 5 m de comprimento por 3 de largura e uma plataforma ao redor. A parte superior era transparente.

Dentro havia "apenas quatro banquinhos e um painel um tanto esquisito, parecido com um teclado de piano". Assustado, preparava-se para fugir quando viu quatro criaturas praticamente idênticas — "mais parecidas entre si do que as minhas próprias filhas gêmeas", descreveria —, vestindo túnicas que recobriam as cabeças e calçando sandálias com tiras que se entrelaçavam até os joelhos. Os rostos eram de traços infantis, e, na visão de Toríbio, "muito bonitos". Um inspecionava o motor do trator. O segundo recolhia porções de terra e as depositava no interior do objeto com uma pazinha prateada. O terceiro não saíra, e permanecera olhando fixamente para Toríbio enquanto "tocava" o "teclado do piano". O último, que estava de pé sobre a plataforma, disparou sem hesitar uma "arma" que segurava em uma das mãos. "Não sei se era um raio paralisante. Eu apenas percebi uma esfera luminosa me atingindo em cheio no estômago". Refletindo acerca dos motivos que instaram o ataque, Toríbio atribuiu a si parte da culpa: "Lembro que no momento em que a tal criatura disparou contra mim, eu estava, ou melhor, tinha acabado de retirar a vareta do diferencial e talvez tenham tomado isso como um gesto de agressão". Apesar de completamente paralisado e sentindo fortes dores na altura da barriga, suas faculdades de percepção não foram afetadas, a ponto de poder observar tudo o que se passava.

O quarteto entrou calmamente no objeto e cada qual sentou-se no seu respectivo banquinho. A plataforma circunferencial foi "absorvida" e uma cúpula transparente envolveu os homenzinhos. O aparelho levantou vôo silenciosamente, tomando certa altura, parando e em seguida partindo velozmente. Restabelecendo aos poucos os movimentos, Toríbio desceu do trator com dificuldades e tratou de buscar ajuda. No meio do caminho, encontrou-se com o colega Ismael, caminhoneiro que o deixou na Prefeitura. O médico constatou que estava terrivelmente pálido e com profundas olheiras. Traumatizado, sentia vontade de chorar. O seu chefe não o levou a sério, ordenando que retornasse ao trabalho. Antes, porém, passou em casa, onde teve ataques de choro convulsivo. Devido ao seu estado, a Aeronáutica transferiu-o para um local desconhecido em que foi mantido isolado por 3 dias. Liberado, submeteram-no a tratamentos intensivos que duraram três semanas, período em que perdeu mais 10 kg, pois ficara sem apetite.

No momento do contato, Toríbio sequer cogitou que aquilo fosse algo extraterrestre: "Realmente não. Só posteriormente é que pensei nos inúmeros relatos de avistamentos de discos voadores que vinham sendo estampados nos jornais da época. Em Lins, as pessoas haviam

enlouquecido atrás dos tais discos. Lembro-me de ter caçoado do caso da Maria Cintra, do Hospital Clemente Ferreira. Com relação ao que se passou comigo, sei que foi muito real, muito mesmo".

Anos depois, já morando em São Paulo, Toríbio foi novamente procurado pelos seres. Na ocasião, trabalhava numa fábrica de papéis da zona leste. Certo dia, passava pelo viaduto Alcântara Machado quando viu o "Karmann-Ghia" suspenso sob a marquise. Telepaticamente, os seres disseram que somente ele os estava vendo, e aproveitaram para revelar aspectos de sua natureza, espécie e cultura. Vinham de um outro mundo, porém de "um mundo dentro deste mundo, uma dimensão diferente, talvez paralela". Eram andróginos, ou seja, homem e mulher ao mesmo tempo. Chegaram até a mostrar como se reproduzem: "Retiram um líquido da coxa com uma espécie de seringa, depositam-no numa incubadora e assim fazem nascer outro igual a eles". Os seres pretendiam fazer experiências com ele, mas desistiram porque sua saúde andava um tanto debilitada. "Eles aconselharam que deveria me cuidar melhor". O único desejo de Toríbio era permanecer no anonimato e esquecer tudo o que se passara com ele e sua família, que havia sofrido o descrédito de muitos. Concluiu Lauda: "Estive com Toríbio outras vezes, após o nosso encontro inicial. Confirmei pormenores importantes conhecendo sua esposa e filhos, os quais, sem dúvida, deixaram patente a boa impressão que originalmente havia tido. A publicação do caso pelo *Boletim da SBEDV*, de Bühler, ajudou a criar uma conscientização mais séria e formal".[297]

Veiculada em novembro de 1979 no jornal *Vale Paraibano*, de São José dos Campos, esta notícia reportava uma ocorrência que em quase tudo lembrava a de Toríbio. Até a profissão do envolvido — tratorista — era a mesma. Benedito Custódio da Silva, o "Canhoto", ao ensejo trabalhava na fazenda São Pedro, em Taubaté. Por volta de 1h30min, como de costume, preparava o trator quando, de repente, uma esfera de luz piscante pousou a poucos m dali. Ao lado, havia "um homem portando uma 'lanterna', vestindo um macacão brilhante e um negócio na cabeça". Por gestos, indicou que deveria continuar a proceder normalmente, e sentou-se na traseira do trator, sobre a ração do gado. Benedito, com o estranho na "garupa", percorreu um trajeto de 2 km até onde estava o gado. "Subitamente, sem saber como, eu me vi de volta ao lugar inicial, sem o trator". Ali ele divisou um "ônibus de frente baixa e sem pneus" pousado no solo, tendo ao lado quatro criaturas iguais ao que lhe pedira carona. "Eram semelhantes a nós, mas não consegui entender nada do que diziam. Apontavam as lanternas para todos os lados como se estivessem à procura de algo". Os quatro adentraram o objeto que desprendia fumaça por baixo e possuía várias luzes piscantes. Benedito observou parte do interior, cheio de luzes, painéis e visores. Ascendendo verticalmente, em poucos segundos confundiu-se com as estrelas. Ainda por três vezes naquela madrugada, Benedito logrou ver o mesmo objeto. Os colonos admitiram que há tempos objetos não identificados sobrevoavam a fazenda. Na época, um OVNI pousou num campo de futebol próximo e deixou marcas no solo que demoraram várias dias para desaparecer.[298]

Na manhã de 6 de fevereiro de 1969, no modesto bairro de Pinheiros, em Pirassununga,[299] a 206 km de São Paulo, aconteceria um dos casos mais desconcertantes e desafiadores da ufologia. Às 19h30min, Tiago Machado, um jovem de 19 anos que trabalhava como vendedor ambulante de frutas, despertou aos gritos da vizinha Maria dos Santos, assustada com um objeto reluzente que descia em direção ao Instituto Zootécnico da Indústria e Pecuária (IZIP), a apenas 600 m dali. "Apanhei o binóculo da mamãe e vi um negócio muito lindo,

---

[297] Lauda, Jaime. "Caso Toríbio Pereira revisado e analisado: humanóides extraterrestres assexuados se comunicam com tratorista no interior de São Paulo", in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, abril 1986, nº 8, p. 18-21.

[298] In *Planeta*, São Paulo, maio 1980, nº 92, Ufojornal, p. 58.

[299] Agricultura: algodão, arroz, cana-de-açúcar, milho e soja; indústria: açúcar, álcool, aguardente, cerâmica, fibras têxteis e móveis.

prateado. Saí correndo convidando as pessoas para me acompanharem até o local, mas o único que aceitou foi o alemão Francisco Hanser — falecido em 1986 —, porteiro do IZIP". Ambos seguiram pelas matas adjacentes, de vegetação espessa. A certa altura resolveram tomar caminhos opostos. Hanser optou pelo lado de baixo, passando entre as árvores. Um grupo de pessoas, postadas acima da área que exploravam, tentava orientá-los ao ponto em que pousara o objeto.

A uma distância de cerca de 10 m, Tiago defrontou-se com o aparelho. "Parei espantado diante do disco, que parecia dois pratos emborcados de alumínio apoiados sobre um tripé. As bordas giravam, enquanto a parte central permanecia imóvel. Uma 'tampa' se abriu sobre a cúpula e através dela saíram flutuando dois homenzinhos fortes, com cerca de 1,50 m, envergando roupas metálicas inteiriças e capacetes com viseiras transparentes. Por isso pude ver seus rostos, semelhantes aos nossos, porém cheio de cicatrizes ou rugas. Os lábios eram finos, o nariz grande e achatado e a pele amarelada. Os olhos eram amarelo-escuros e não possuíam pupila, esclerótica ou cílios. O olho esquerdo ficava um pouco acima do direito. Dentro da nave havia mais dois seres me observando atrás de um tipo de pára-brisa ". Um tubo flexível saiu do visor de um dos seres, emitindo sons graves, roucos e guturais. Os dois homenzinhos deram três passos à frente, momento em que Tiago perguntou-lhes de onde vinham. "Um deles fez um círculo com os braços, girando as mãos para cima e para baixo. Perguntei novamente e ele respondeu com os mesmos gestos".

De modo a demonstrar que o binóculo que trazia pendurado no pescoço não era arma, Tiago depositou-o no chão. Instintivamente, para aliviar a tensão, acendeu um cigarro. Ao soltar uma baforada, os seres se entreolharam e comentaram qualquer coisa. Educadamente, jogou o maço na direção dos visitantes, como que a oferecer-lhes em cortesia. Para sua surpresa, "um deles posicionou a palma da mão acima do maço e o atraiu como se fosse um imã. Depois encostou a mão na calça e o maço desapareceu". Diante da estupefação de Tiago, as criaturas riram, pondo à mostra os dentes enegrecidos, com falhas que se encaixavam entre si. Como caminhavam lentamente em sua direção, o rapaz deduziu que seria convidado a viajar no disco voador.

O encanto foi quebrado pela gritaria do porteiro Hansen e dos populares que chamavam o nome de Tiago. Os homenzinhos recuaram de volta ao disco, sempre de costas para este e de frente para o rapaz. Com um pulinho, flutuaram no ar e adentraram pela cúpula. O último, com a metade do corpo para fora, apanhou uma espécie de "maçarico" e, girando uma alavanca, fez disparar um raio vermelho e azul que atingiu as pernas de Tiago, que caiu com as pernas doloridas e paralisadas. Antes de desfalecer, viu o disco ascender obliquamente em grande velocidade. "Eu fiquei completamente neutralizado, duro como uma estátua. Em dois segundos o disco partiu de lá e mais tarde foi pousar na fazenda Bela Vista, onde também se mostrou a outras pessoas, como o José Luiz Bonifácio".[300]

A mãe de Tiago, Maria Machado Metzer, e duas vizinhas, Maria dos Santos e Ana Maria Creonice, encontraram-no 40 minutos depois "todo abobalhado", pálido e suando copiosamente. Paralítico da perna direita, foi levado às pressas ao Hospital Municipal de Pirassununga e, por determinação do delegado, removido para a Santa Casa. O médico Henrique Reis não descobriu a causa do ferimento — que os vizinhos atribuíram à mordida de cobra —, confessando que nunca vira nada igual. Tiago ficou a seguir sob responsabilidade da FAB, que o submeteu a uma bateria de testes e exames físicos e psicológicos. Transferido para o Rio de Janeiro, recebeu tratamento de acupuntura que, segundo ele, recuperou a perna: "Um grupo de chineses fez quatro sessões de acupuntura e eu sarei". O tenente-coronel Zani, da IV Zona Aérea, encarregado das

[300] Quando colhiam arroz na chácara Morais, quatro lavradores, Benedito Dias Ramos, Bárbara Lima da Silva, João Baptista da Silva e Paulino Ramos, viram "uma barraca de alumínio com quatro anões dentro que, em poucos segundos, transformou-se numa bola brilhante".

investigações, tirou medidas do terreno e recolheu amostras da vegetação e do solo. As evidências materiais e as centenas de testemunhas não deixavam margem a dúvidas: tratava-se de um autêntico contato de 3º grau.[301] Alertado pelas autoridades locais, incluindo o prefeito e o delegado, o coronel Hélio Stétison, comandante da Escola da Aeronáutica de Pirassununga, organizou uma comissão especial.[302]

Um documento oficial assinado por uma alta patente das Forças Armadas — cujo nome foi omitido, assim como o de outros militares envolvidos —, em poder de Fernando Cleto Nunes Pereira, corrobora a veracidade do caso: "Possível pouso de OANI em Pirassununga (SP): 1) Por volta de 9h30min, achava-me inaugurando o posto da Caixa Econômica Federal no Destacamento Precursor da Escola de Aeronáutica (hoje AFA) em Pirassununga, em companhia dos brigadeiros [...], quando, sem qualquer explicação, faltou energia elétrica e os telefones ficaram mudos; 2) Por volta das 11 horas, telefonou-me o coronel [...] do 17º Regimento de Cavalaria, dizendo: 'Você soube do disco voador? Queria avisar-lhe, mas os telefones não funcionaram. Uma multidão está alvoroçada com um objeto que pousou no terreno do IZIP, na Vila Pinheiros. Um rapaz está na Santa Casa por ter levado um tiro dos tripulantes. Desloquei-me de helicóptero para o local em companhia do coronel [...] e de outro oficial. Encontramos o capim amassado, em formato circular, medindo 6 m de raio; no centro havia três marcas eqüidistantes 66 cm entre si, perfazendo um triângulo. As marcas — três covas lisas por dentro, perfeitamente semi-esféricas — eram como que resultantes da queda de uma esfera de aço (com o dobro do tamanho de um peso de arremesso usado em competições esportivas). Um garoto sem camisa, com cerca de 11 anos, dirigiu-se a mim: 'Comandante, o aparelho pousou em mais dois lugares, ali e lá. Quer ir lá ver? O capim era meio alto. Tentei chegar ao local mas desisti. Cada ponto distava uns 50 m um do outro. Recolhemos nas proximidades um maço de cigarros nacional. Voltando ao quartel, determinei imediatamente a ida de um oficial à Santa Casa e comuniquei o ocorrido ao [...] Na Santa Casa, o oficial não encontrou o rapaz, que tinha sido convidado por uma estação de rádio a conceder entrevista. O oficial ouviu então Henrique, médico que atendeu Tiago: 'O rapaz chegou aqui desmaiado e balbuciou: 'Levei um tiro nas pernas'. Examinei-o mas não encontrei marcas de tiro, a não ser duas grandes saliências avermelhadas, uma em cada perna, na parte anterior da coxa, ambas na mesma altura. Ao recuperar a consciência, o rapaz contou-me que ele fora o único a chegar perto do disco voador, do qual desembarcaram dois homenzinhos. [...] Um deles, com uma arma, deu-lhe um tiro nas pernas, após o que desfaleceu [...] Chegou de São Paulo, no mesmo dia, o tenente coronel [...] que interrogou Tiago, além de outras trezentas pessoas, incluindo a mim. Os depoimentos foram coincidentes. Um sargento tirou fotos do local do pouso. No dia seguinte, o motorista da ambulância de pista da FAB, residente na Vila Pinheiros, que estava de folga por ter ficado de plantão durante o vôo noturno, contou-me: 'Fazia uns servicinhos em casa quando a minha mulher me chamou falando de um estranho pára-quedas; pensei logo em algum cadete que havia saltado de avião e corri para prestar auxílio. Ocorre que aquilo não se parecia em nada com um pára-quedas, e sim com um disco metálico brilhante, azulado. [...] Vi uma três ou quatro pessoas correram para o local do pouso e o rapaz se aproximando do aparelho. Não fui até lá porque a minha esposa, com medo, já ia fazendo escândalo'. Ao todo, calculo que cerca de quinhentos moradores da Vila Pinheiros saíram para ver o disco. No dia seguinte, mandei um avião a Poços de Caldas trazer dois técnicos especialistas em radioatividade, que no entanto não detectaram

---

[301] Graziano Filho, Romeo. "O retorno dos extraterrestres", in *Planeta série ouro: as melhores matérias já publicadas sobre ufologia*, São Paulo, julho 1988, p. 31-33; Pereira, Fernando Cleto Nunes. *Sinais estranhos*, Rio de Janeiro, Hunos, 1979, p. 19-20.

[302] André, Jaycé J. "A anatomia de uma invasão", in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro; Pereira, Fernando Cleto Nunes, op. cit., p. 20-22.

níveis anormais. O capim amassado adquirira uma coloração amarelada e exibia uma faixa queimada".[303]

## 3.2. DOPS

Já em 1912, o DOPS começou a apurar, ainda que de modo incipiente, as primeiras informações que o consagrariam como o instrumento mais requisitado dos detentores do poder para controlar os opositores. Criado oficialmente em 1934 durante o governo de Getúlio Vargas, em plena época de enfraquecimento das linhas políticas produzidas pela revolução de 1930,[304] ganhou alento, passando em outubro de 1935 a catalogar e a acumular, em caráter definitivo, fichas de suspeitos de subversão em vários estados do país.[305] Até sua extinção em 14 de março de 1983, o DOPS sofreu diversas transformações, mas nunca deixou de servir, em maior ou menor grau, aos interesses diretos dos diversos governos e regimes constituídos, sempre com fins de repressão política.

O acervo paulista do DOPS, composto por um 1.536.690 fichas, 13.374 dossiês, 6.494 pastas e 92 caixas de documentos, permaneceu desde então sob a guarda da PF. O processo para torná-lo acessível ao público, apesar de favorecido pela conjuntura democrática que se delineava, demandou consideráveis esforços por parte da sociedade civil organizada, principalmente dos familiares das vítimas, devotados em esclarecer as circunstâncias das mortes de seus entes queridos.

Contribuiu para impulsionar a abertura dos arquivos, a descoberta, em 4 de setembro de 1990, de uma vala clandestina no cemitério Dom Bosco, no bairro de Perus, Grande São Paulo, contendo mil e quarenta e nove ossadas de cadáveres humanos envoltos em sacos

---

303 Pereira, Fernando Cleto Nunes, op. cit., p. 22-25.

304 Skidmore, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, p. 40.

305 O processo de radicalização ideológica corria célere no mundo e repercutiu também no Brasil. Crescia o Movimento Integralista, inspirado na ideologia do fascismo. Para combatê-lo, foi criada a Aliança Nacional Libertadora (ANL), que incluía em seu programa o "combate ao imperialismo anglo-americano e ao fascismo, pela liberdade". O Partido Comunista foi o polarizador da ANL, na liderança de Luís Carlos Prestes, que assumiu a direção do movimento. Através dele se organizou a Antimil, organização secreta dos comunistas dentro dos quartéis, que seria a responsável maior pela preparação do levante militar. A ANL atraiu para si grande número de antigos partidários da Revolução de 1930 que, insatisfeitos com o desenvolvimento do processo político, continuavam a conspiração nos moldes do tenentismo. Em poucos meses estruturaram-se milhares de núcleos em todas as camadas sociais, nas fábricas, escolas, nos escalões inferiores das Forças Armadas, etc. Suas formas de agitação e propaganda eram os "comandos" e comícios relâmpagos. O governo e o imperialismo eram o alvo principal dessa agitação. Assustado com as agitações que cresciam, Getúlio Vargas mandou fechar a ANL e prender alguns de seus partidários, precipitando a atividade conspirativa — Intentona Comunista — que, agora, visava uma insurreição armada para levar a ANL ao poder. Estavam em fase de luta, quando em 27 de novembro de 1935, foram surpreendidos com a sublevação no 3º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, sob os comandos de Agildo Barata, Álvaro de Sousa e José Leite Brasil. Na Escola de Aviação, o levante foi comandado pelos capitães Agilberto Vieira de Azevedo e Sócrates Gonçalves da Silva. Surpreendidos porque nenhuma das forças que compunham a ANL foram previamente consultadas. A tentativa partiu de setores militares do PC. Os rebeldes cariocas foram dominados no dia seguinte pela força legalista chefiadas pelos coronéis Eduardo Gomes e Ivo Borges. A rebelião em Natal havia começado em 23 de novembro, no quartel do 21º Batalhão de Caçadores, sob o comando do sargento Clementino Diniz Henriques. Os rebeldes tomaram a cidade e, 4 dias depois, foram derrotados. Em Recife, eclodiu em 25 de novembro, no 29º Batalhão de Caçadores, sob o comando dos capitães Silo Meireles e Otacílio Lima, e do tenente Lamartine Coutinho. Em 24 horas, os insurretos foram dominados pelas forças legalistas. O movimento operário foi o primeiro a sofrer as conseqüências. Os sindicatos mais combativos foram postos sob intervenção tão logo foi aprovada a Lei de Segurança Nacional. As conseqüências de 1935 enfraqueceram igualmente os setores antiimperialistas do governo (centenas de militares e autoridades civis foram destituídos e presos.

plásticos azuis, alguns dos quais identificados como sendo pertencentes a ex-militantes assassinados ou desaparecidos durante as décadas de 60 e 70.[306]

Fazia-se premente desanuviar o passado, reconstituindo-o. Em 18 de janeiro de 1992, os documentos foram finalmente transferidos do quinto andar da sede paulista da PM para o Arquivo Intermediário do Estado, na Mooca, e de lá, para o Arquivo do Estado de São Paulo, na Consolação. Entretanto, os arquivos só foram liberados à consulta pública em 5 de dezembro de 1994, depois de passarem por um exaustivo trabalho de organização e catalogação.[307] Este era o acervo mais consultado por pesquisadores, advogados, membros dos diversos comitês de direitos humanos, poder judiciário, familiares de desaparecidos e pelos próprios fichados, além, claro, da imprensa escrita, falada e televisiva.[308]

Constatou-se, todavia, que certos documentos comprometedores para seus autores, os órgãos de segurança do regime militar, haviam sido manipulados ou subtraídos. Na realidade, pouca coisa que os incriminasse ficou nas pastas. Censuraram os sinais mais graves de violência cometidos. E os registros mais reveladores, expedidos pelas Forças Armadas, haviam sido desviados. Em que pese a falta de tantos dados arbitrariamente encobertos, nossa pesquisa, iniciada logo depois da abertura dos arquivos em dezembro daquele ano, conseguiu desencavar documentos que trazem informações inéditas à história recente do Brasil, propiciando-nos revê-la de ângulos inusitados.[309] Antes de analisarmos os mesmos, porém, cabe-nos reportar o papel desempenhado pelos demais órgãos de repressão, inseridos dentro do contexto marcado pelo princípio da Doutrina de Segurança Nacional,[310] cujos ecos se fazem sentir ainda hoje — vetar o acesso aos documentos referidos é um claro indicador disso.

A tal Doutrina projetou leis e regras estendendo-as sobre todos os setores da vida da nação que demandassem vigilância e acompanhamento. A entidade máxima do regime, o Conselho de Segurança Nacional (CSN) traçava os "objetivos nacionais permanentes" e as "bases para a política nacional". Editava decretos e decretos-lei, apresentando ao Parlamento projetos de lei e emendas constitucionais e, quando necessário, expedia até mesmo os obscuros "decretos secretos", como aconteceu a partir do governo Médici.[311]

As perseguições, cassações, punições, torturas e assassinatos foram institucionalizados, tornando-se parte essencial da estratégia revolucionária, permitindo afastar da máquina estatal todos os indivíduos que suscitassem desconfianças. A paranóia em curso não só levou a criação de aparatos desproporcionais para enfrentar supostos "aliados de Moscou", como também produziu situações absurdas, dignas de inspirar Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta.

---

[306] "Mortos se levantam", in *Veja*, São Paulo, 12-9-1990, brasil, p. 30-32.

[307] O acervo do DOPS foi franqueado ao público em geral, aos profissionais de imprensa, pesquisadores e advogados, sem qualquer restrição senão aquelas determinadas pela Constituição Brasileira. Exigiu-se a assinatura de um termo de responsabilidade, no qual se vedou a utilização de informações que pusessem em risco a Segurança do Estado ou que denegrisse alguém. Não foram permitidas reproduções xerográficas de qualquer material do acervo. O único meio disponível era o microfilme, mediante consulta do setor técnico responsável. Levamos assim bastante tempo para obter os documentos (entre o pedido e o recebimento, decorreu quase 1 ano).

[308] Odália, Nilo. "Notas sobre o Arquivo do Estado de São Paulo", in *Revista de História*, São Paulo, FFLCH-USP, 2º semestre de 1995, nº 133, terceira série.

[309] A *Folha de S. Paulo* produziu uma ampla reportagem a respeito de nossas pesquisas. Ver "Militares espionaram ufólogos brasileiros", São Paulo, domingo, 11-5-1997, ano 77, nº 24.875, primeira página; "Arquivo X: Regime militar investigou óvnis e ETs", são paulo, p. 6, c. 3; "Arquivo X 2: Aeronáutica recolhe dados sobre óvnis", são paulo, p. 7, c. 3. Por Mauricio Stycer (da reportagem local). Fotos de João Quaresma.

[310] A doutrina surge no Pentágono (Departamento de Defesa dos EUA), desenvolvido pelo coronel Gordon Lincoln, de West Point, dentro da política de resposta flexível e contra insurreição do início dos anos 60. Ante o acirramento da Guerra Fria, é exportado para toda a área de influência dos EUA, em especial a América Latina. Um de seus componentes é a teoria do dominó, segundo a qual cada avanço do comunismo prepara o passo seguinte, numa reação em cadeia que é preciso debelar no nascedouro.

[311] Arns, dom Paulo Evaristo (coord.). *Brasil: nunca mais*, 19ª ed., Petrópolis, Vozes, 1986, p. 74-75.

No DOPS de Goiás, por exemplo, há o caso da cabeleireira Iraci Palmira Amorim, fichada em 1979 somente porque um exemplar do jornal francês *Le Monde*, com versão em português, fora encontrado em seu salão de beleza. A busca pelo valorizado jornal — o motivo era uma matéria intitulada: "O terror começou no DOPS gaúcho" — envolveu o DOPS, a Divisão Central de Informações, a Secretaria de Segurança Pública e o Ministério do Exército. No inquérito, a cabeleireira disse apenas que o jornal havia sido deixado em seu salão por uma cliente.

O aparelho repressivo já havia liquidado quase todas as organizações de guerrilha urbana na época em que os ufólogos foram investigados. Como ameaça, restava apenas o foco guerrilheiro do Partido Comunista do Brasil (PC do B) nas selvas do Araguaia. Em 1974, com a derrota da guerrilha, o governo Ernesto Geisel dava início à abertura política. Entretanto, o arbítrio não arrefecia, muito pelo contrário; as garras dos algozes estavam mais afiadas do que nunca — como evidenciou o assassinato do jornalista Vladimir Herzog nas dependências do DOI-CODI em 1975.

O conteúdo dos documentos revela de modo inusitado que a motivação inicial para o monitoramento dos fatos ligados aos OVNIs se ligava menos às implicações políticas daí advindas do que ao fenômeno em si. Só posteriormente é que as autoridades passam a manifestar dúvidas quanto às reais atividades dos personagens envolvidos.

Trazendo o timbre da Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública, uma carta emitida pela Delegacia de Polícia de Guarantã em 11 de setembro de 1974, dirigida ao diretor do DOPS e assinada pelo delegado de polícia daquela cidade, Herminio José Theodoro, relevou que tratava-se primeiramente de "tentar, por todos os meios, conseguir algum esclarecimento com relação ao contínuo aparecimento dos tão comentados discos voadores": "Senhor Diretor: No dia 28 de abril do corrente ano, esta cidade de Guarantã foi abalada pela notícia de que o indivíduo Onilson Patero, residente à rua Baía, nº 910, na cidade de Catanduva,[312] exercendo a profissão de vendas da Distribuidora de Livros Ltda., estabelecida naquela região, quando em trânsito pela rodovia SP-333 Marília-Porto Ferrão, fora 'seqüestrado' por um 'disco voador', há 12 km desta cidade, em local pertencente a esta Jurisdição Policial, tendo o veículo que era por ele utilizado, ali sido encontrado abandonado no dia seguinte. Preliminarmente, esta autoridade se limitou a recolher para esta Delegacia o veículo abandonado, para as diligências de praxe, no sentido de ser o seu ex-ocupante encontrado identificado e devidamente esclarecida a verdade dos fatos ocorridos. Nos dias que se seguiam, enquanto se procediam as buscas e diligências no sentido de ser Onilson Patero encontrado, eis que, através de noticiário dos jornais da capital e do interior, chega ao conhecimento desta autoridade a notícia de que Patero aparecera em uma fazenda no município de Colatina, no Estado do Espírito Santo, isto 6 dias após o seu desaparecimento. Como é óbvio, para um noticiário, cada qual mais sensacionalista, Patero passou a ser abordado e entrevistado por enorme número de repórteres de jornais de São Paulo e do interior, inclusive televisão. Contudo, em nenhuma das reportagens Patero prestava os esclarecimentos de onde se pudesse concluir estar narrando uma história verdadeira. Durante todas as entrevistas concedidas por Patero estava ele sempre acolitado por quatro personalidades que se diziam 'elementos estudiosos' da Associação de Estudos dos OVNI, os quais, segundo palavras de Patero, o impediam de prestar informações com maiores detalhes às reportagens. Diante de tais noticiários, esta autoridade achou por bem determinar a instauração de Autos de Investigação Policial para melhor apurar tais fatos e bem assim tentar, por todos os meios, conseguir algum esclarecimento sobre este acontecimento, com relação ao contínuo aparecimento dos tão comentados 'discos voadores' ou coisa semelhante. Assim, Senhor Diretor,

[312] Cidade localizada na margem do rio São Domingos, a 506 m de altitude. Dista 368 km da capital do Estado. A região produzia algodão, milho, arroz, feijão, amendoim, etc. Contava com cerca de oitenta mil habitantes. As suas indústrias abrangiam beneficiamento de algodão, café e arroz, de couros e peles, etc.

tem por escopo este ofício deprecar a esse conceituado Departamento da Polícia Estadual, se procedam às investigações cabíveis, no sentido de que os cidadãos Max Berezovsky e Walter Bühler, médicos psiquiatras e os professores psicólogos Guilherme Wirz e Charalambe Kiriakamis, segundo notícia dos jornais residentes no Rio de Janeiro (Guanabara), informem se pertencem a algum órgão oficial de 'Assuntos Espaciais', ou se podem oferecer algum esclarecimento a respeito dos fatos ocorridos com Patero, no município de Guarantã, na noite de 27 para 28 de abril de 1974, o qual, segundo suas declarações aos jornais e nestes autos, disse haver voado num 'disco voador' de Guarantã a Colatina no Estado do Espírito Santo".[313]

Para efeitos de registro, optamos por transcrever os documentos na íntegra e em ordem cronológica. Aqui vemos Patero e os pesquisadores que o acompanhavam e que procuravam controlar suas declarações, serem alvo de um inusitado interesse por parte do delegado da cidade de Guarantã, depois de assediados pela imprensa ávida em explorar os aspectos mais espetaculares do caso. Notamos que em nenhum momento ele faz menção a questões político-ideológicas, destacando somente a necessidade de uma profunda investigação que apurasse a verdade dos fatos, tal como eles teriam ocorrido. Cumpre-nos acrescentar que, naquela época, o Brasil, assim como muitos outros países — a exemplo da França — estava sendo palco de uma enorme onda de avistamentos de discos voadores. O delegado provavelmente não quis perder a chance de checar a confiabilidade desses testemunhos, instaurando trâmites legais que lhe permitissem mobilizar diligências.

A revista *Planeta*, em matéria intitulada "Atacado por um disco voador", relatou assim o caso Patero: "Três horas da madrugada do dia 22 de maio de 1973. Onilson Patero viajava de Itajobi para Catanduva, pela rodovia estadual 321. No km 7, seu carro — um Opala — começou a falhar. O rádio sofreu grande interferência enquanto o motor rateava. Patero reduziu a velocidade, engatou a segunda marcha, mas como o carro continuava falhando, engatou a primeira. Nesse instante, o interior do carro iluminou-se e um foco de luz bateu em cheio no rosto dele. Imaginando que se tratava de um caminhão que vinha em sentido contrário, ele dirigiu seu carro para o acostamento. Não passou nenhum carro e a luz permaneceu. Patero abriu a porta, desceu e viu a uns 10 m de altura e a 15 de distância, um aparelho estranho em forma de disco. A temperatura elevou-se rapidamente e ele sentiu falta de ar. Então, uma espécie de protetor cobriu o objeto e a temperatura voltou ao normal. Um tubo começou a sair do disco em sua direção. Apavorado, começou a correr pela estrada, mas alguma coisa o segurou pela cabeça. Antes de desmaiar, Patero ainda teve tempo de ver um foco de luz atingir seu carro, tornando-o transparente como uma pedra de gelo. Patero foi acordado às 5 horas por um guarda-rodoviário, que fora avisado por dois rapazes que tinham visto o seu corpo caído ao lado do Opala, sob a chuva fina. Pensando que se tratava de um crime, resolveram não se aproximar do local e chamar a polícia. Ao acordar, Patero contou que tinha sido atacado por um disco voador. O guarda, evidentemente, fingiu acreditar em tudo e encaminhou-o ao hospital psiquiátrico. Ali, sob os cuidados do médico Elias Azis Chediak, Onilson permaneceu durante o dia inteiro. Foi submetido a diversos testes e apurou-se que ele é absolutamente normal. A única anormalidade constatada foi o aparecimento de manchas amarelas em seu corpo. Essas manchas não doem, mas os médicos não sabem explicar sua origem. Seus cabelos, que eram castanhos, tornaram-se negros, mas já voltaram ao normal".[314]

A matéria acima reporta o primeiro contato imediato de Patero, passado num local diferente. As circunstâncias, no entanto, assemelham-se sobremaneira — atentar para o detalhe da estrada e do carro. O segundo contato soa como uma reedição do anterior, acrescido de alguns exageros. Alegou desta feita ter sido levado das imediações de Guarantã para Colatina, no

[313] Of. nº 195; DOPS, São Paulo, nº 50/Z/354/76 e 77.
[314] "Atacado por um disco voador", in *Planeta*, São Paulo, outubro 1973, nº 14, p. 6-7.

Estado de Espírito Santo, a milhares de quilômetros de distância, pelo mesmo disco voador que o seqüestrara cerca de 1 ano antes.

Anexada aos demais documentos, na mesma pasta, estavam os recortes de jornais com as matérias sobre o caso Patero que tanto havia intrigado das autoridades. Uma série de reportagens publicadas pelo diário sensacionalista *Notícias Populares* estampava manchetes como "Viajou num disco voador com marciano", "Marcianos usam telepatia para interrogatório", "Confundido com marciano, Onilson foi cercado por multidão na Delegacia" e "Revelações de Onilson aos marcianos estão sob sigilo".[315] Condensamos a "saga" do comerciário conforme foi contada, em minúcias, pelo aludido diário.

Em 26 de abril de 1974, por volta das 11 horas, Onilson Patero, 42 anos, da cidade de Catanduva, saiu de sua residência, sito à rua Bahia, nº 910, entrou no Volks e dirigiu-se à cidade de Júlio Mesquita. Passados 7 dias, depois que sua família foi comunicada do encontro de seu automóvel abandonado num trecho da rodovia entre Guarantã e Marília (cidade próxima), ele era localizado na distante cidade de Colatina, no Estado do Espírito Santo. Começava para ele um grande pesadelo que se repetia depois de quase 1 ano, quando muitos chegaram a duvidar de sua sanidade mental. Encontrado naquela cidade, num morro de 3 km de altitude e completamente fora de si, Patero contaria a fantástica história de ter sido seqüestrado por um objeto voador, o que lhe traria muitos aborrecimentos. Por vários dias, a cidade de Catanduva foi visitado por repórteres de jornais e televisão na inútil tentativa de entrevistar o homem que realizara a incrível viagem num aparelho não identificado e por muitos classificado como "disco voador".

Quando Patero saiu de casa, não esperava que novamente iria viver outra estranha aventura com "homens do espaço". Após engolir apressadamente um café em companhia de sua esposa Maria de Lurdes Santos Patero e suas filhas Samaria, 14 anos, e Silvana, 13 anos, entrou em seu automóvel Volkswagen azul. Estava apressado, pois marcara uma entrevista com o prefeito de Júlio Mesquita, Antonio Xavier, para tratar de negócios. Na estrada não se arriscava a correr apressadamente e olhava os carros que passavam por ele, sempre consultando o relógio, preocupado com o encontro. Por volta das 15 horas chegava à cidade, justamente no horário combinado. Mas as coisas começariam a andar mal para seu lado: o prefeito, em reunião prolongada com seus acessores, mandara avisá-lo da transferência da reunião. Patero tentou então uma outra reunião, na cidade de Marília, com um inspetor de ensino de uma escola. Mais uma vez não conseguiria seu intento, como se o destino quisesse que algo surpreendente viesse acontecer em sua vida. Sabendo que aquela pessoa não se encontrava na cidade, o comerciante resolveu desistir. Depois de tomar café num bar central, entrou no automóvel e reiniciou a viagem de volta.

Não passava das 22h30min quando deixou Marília, lamentando a má sorte. O carro corria muito bem, em vista de ter passado por uma revisão no dia anterior. Se ele se lamentava de sua pouca sorte naquele dia 26 de abril, lamentar-se-ia, ainda mais, com os fatos que iriam acontecer. Quase no meio do trecho da rodovia que liga Marília à cidade de Guarantã, notou que o automóvel estava falhando. Praguejou, pensou que fosse falta de combustível, mas ficou surpreso: ao olhar para o painel, que indicava ainda gasolina suficiente, notou uma luz estranha ali circulando. Não ligou muito, até que olhou para os fios de alta tensão. Em volta deles, um filamento de luz azul acompanhava o trajeto de seu automóvel, como numa brincadeira de alguém que jogasse um holofote na direção dos fios. Àquela altura, o automóvel não mais lhe obedecia, morrendo poucos metros depois. Instintivamente, Patero abriu a porta do veículo e saltou.

---

[315] Pino, Nelson del. "Viajou num disco voador"; "Viajou num disco voador com marciano"; "Marcianos usam telepatia para interrogatório"; "Confundido com marciano, Onilson foi cercado por multidão na Delegacia"; "Revelações de Onilson aos marcianos estão sob sigilo"; série de cinco reportagens sobre o caso Onilson Patero, in *Notícias Populares*, São Paulo, maio-junho 1974; DOPS, São Paulo, 1974, nº 50Z/354/83 e 84.

Naquela escuridão, sua atenção foi atraída para um estranho aparelho que estava parado ao lado estrada. Suspenso no ar, o objeto que se assemelhava a duas bacias justapostas, uma contra a outra, irradiava uma luminosidade que clareava tudo à sua volta. Nem o pavor impedira que Patero saísse correndo em direção contrária a que se destinava. Mas algo o fez parar: a faísca que acompanhava o automóvel, bailando nos fios de alta tensão, dirigira-se para ele e o paralisara. Automaticamente ele começou a retornar, sentindo que em determinado momento os pés não mais tocavam chão. Uma espécie de sonolência o induziu a um estado de semi inconsciência. Sob o efeito do estranho facho de luz, flutuava, atraído para o disco voador.

Abordado pelo "aparelho" e por um facho de luz que o envolveu e o conduziu pelos ares, ao acordar, ainda "tremendo como uma vara verde", constatou estar dentro de uma sala com vários painéis. O calor era insuportável, mas seu organismo adaptou-se rapidamente a temperatura. Uma estranha calma foi se apoderando dele, como se alguém controlasse suas reações. Não soube precisar quanto tempo ficou nesse primeiro compartimento. Tanto poderiam ser 5 ou 10 minutos como várias horas. Tinha a impressão de que olhos invisíveis o observavam. Sentia-se como uma cobaia. A estranha calma prosseguia, como se houvessem ministrado alguma droga calmante. A sonolência voltou a dominá-lo, e o comerciante, depois de algum tempo (incalculável) viu-se noutra sala, onde os aparelhos eram menos complicados. Suas roupas haviam sido trocadas por outras, brilhantes, que lhe refrescavam o corpo. Sentou-se numa poltrona que perfazia meio círculo e observou o ambiente.

Num determinado momento, seus pensamentos fugiram completamente de seu controle. Parecia conversar com uma pessoa "que não estava nem perto nem longe". A comunicação, de início, parecia difícil, e a medida que ele reagia, sua mente era dominada. Era como se dissesse a si mesmo: "Não resista Onilson, tudo vai dar certo. Será pior resistir...". Patero não sabe como terminou esse monólogo, mas lembra que desacordou quando respondia a perguntas que surgiam misteriosamente em seu cérebro. Eram perguntas inteligentes, às quais seu cérebro respondia sem objetar.

Ao acordar, sentia-se mentalmente esgotado, como se tivesse trabalhado ininterruptamente durante vários dias. De resto, tudo estava como antes do seqüestro. Um fazendeiro, César Minelli, conduziu Patero, em estado lastimável, à sua propriedade, providenciando-lhe acomodações. Tudo era inexplicável nessa fantástica viagem que durou 7 dias. Algo inacreditável para o próprio Patero, e ele sabia que as pessoas o taxariam de louco.

Se por um lado sentia-se extremamente cansado, por outro sentia-se na obrigação de tentar explicar o que se sucedera àquelas pessoas que tão bem o acolheram, com exceção de alguns empregados do local, que o olhavam com desconfiança, como que a taxarem-no de desequilibrado. O fazendeiro oferecera-lhe até dinheiro, prontamente recusado. O único desejo de Patero era de voltar para Catanduva e rever a família, que àquela altura já deveria estar desesperada à sua procura. Com paciência, ele contou ao fazendeiro o que conseguiu recordar e depois solicitou que o levasse à Delegacia de Polícia. Seu estado psicológico, porém, não permitia isso, detalhe observado por Minelli, que gentilmente o levou para sua residência na cidade, sito à rua Santa Maria, nº 99, onde descansou até às 21h30min. A notícia de que um homem tinha descido de um disco voador se espalhou rapidamente na cidade, e logo uma enorme multidão cercou a residência do fazendeiro. Sob forte proteção policial, Patero foi retirado da casa e levado até a Delegacia.

A incredulidade das pessoas mais instruídas não o incomodava, já que ninguém era obrigado a acreditar em sua aventura. Pior foi ter sido cercado por uma multidão enfurecida que queria invadir a casa. A polícia foi comunicada e o delegado Nilson Leandro Pereira escoltou-o até a Delegacia. Mas o povo continuava à sua procura, pensando que se tratava de um marciano ou coisa parecida. As autoridades municipais, alarmadas com tamanha movimentação, foram conversar de perto com o comerciante e verificar se havia algo de concreto em suas afirmações.

E outra vez Onilson se sentiu observado, analisado, o que lhe doía ainda mais, pois eram pessoas como ele que o confundiam. Mesmo assim, não deixou de atender ninguém. Entre os presentes na Delegacia encontravam-se as seguintes autoridades: Arione Vasconcelos Ribeiro, juiz da 1ª Vara Cível; Wilian Aragão, professor da Faculdade de Direito de Colatina, parapsicólogo e estudioso dos fenômenos de discos voadores; Rui Lora, professor da Faculdade de Direito de Colatina e inspetor federal; além das estudantes de direito Maria Cleusa Fardini Magalhães e Maria Nazareth Bardelott, ambas de Vitória. Chegariam depois à Delegacia, Sérgio José Silveira de Moraes, professor e diretor de imprensa, e Cohmar Correa Carvalho, professor e advogado. Todos escutaram com atenção o comerciante e confiaram em suas declarações.

Acolhido pelas autoridades de Colatina, Patero visitou a prefeitura, onde ansiavam conhecê-lo. Recusando ficar no melhor hotel da cidade, aguardou pacientemente que sua família viesse buscá-lo. Apareceram seu irmão Éder Pántaro, seu cunhado Francisco Sanches Rodrigues e seu primo Antonio Pires das Chagas. O juiz da comarca só deixou Patero partir no automóvel que o levaria de volta quando os seus parentes se identificaram. Nunca se sabe o que envolve uma história fantástica, atinou o juiz, que agiu com a máxima precaução.

Desembarcou em Catanduva no domingo, por volta das 14 horas, e ao invés do sossego esperado, sua esposa lhe recebe comunicando que havia entrado em contato com Max Berezovsky, de São Paulo. Já havia sido acertado com o médico que este submeteria Patero a uma hipnose regressiva em sua clínica. Durante um fim de semana inteiro, repetiu o que acontecera, respondendo a perguntas cuidadosamente formuladas. A imprensa não parava de sondar o comerciante que, a pedido dos médicos e ufólogos, não voltou a conceder entrevistas, com a justificativa de que certas informações não poderiam ser reveladas.

Desde que passara pela segunda experiência, Patero começou a sofrer os efeitos da incredulidade popular. Mesmo sendo um homem modesto e de hábitos comuns, despertou muitas dúvidas. Os poucos que o apoiaram, reconheceu Patero, mostraram ser os verdadeiros amigos. Andar despreocupadamente pelas ruas de Catanduva tornou-se impossível. Os olhares curiosos e os cochichos de grupinhos perturbavam-no. Destarte, sua vida e a de sua família tinham de prosseguir. "Para seu próprio bem", tentaria esquecer a experiência.

No quarto programa de uma série de oito que o apresentador Flávio Cavalcante, da Rede Tupi de Televisão, levou ao ar no decorrer de 1978, enfocando o problema dos discos voadores, Patero fora entrevistado juntamente com Edmilsom Queiroz Albuquerque, que em 29 de junho último havia filmado um OVNI na Ilha Grande, Rio de Janeiro. Patero revelou aos telespectadores os dois contatos que manteve: "No primeiro, em 22 de maio de 1973, vinha guiando um Opala azul da cidade de Osvaldo Cruz para Catanduva. Passei nas imediações de Salto do Avanhandava, onde existe uma hidrelétrica. Na cabeça da ponte, quando ia atravessar o rio Tietê, observei um cidadão que acenava com a mão para que parasse. Pensei que fosse um guarda, já que ao lado havia um posto da Polícia Rodoviária. Não é de meu feitio dar carona,[316]

---

[316] Casos em que "extraterrestres pedem carona" são raros na casuística ufológica e só ocorrem em situações muito específicas. Um outro, também pesquisado pela SBEDV, aconteceu com três rapazes: Jaime, Luís Walter e Osmar, estudantes do Colégio São João, em Aguaí. Na noite de 19 de novembro de 1968, viajavam juntos num Volkswagen, em direção à cidade de Pirassununga (SP), quando, por volta das 23 horas, ao entrarem numa reta de 5 km, divisaram ao longe, na outra extremidade, um foco de luz. Pensaram ser um carro trafegando em sentido contrário, mas a luz demorou em demasiado para aproximar-se e parecia flutuar no ar, a uns 40 m de altura e à igual distância do carro. Luís, que ia ao volante, grita que aquilo era um "disco voador". Chegando ao fim de uma descida na rodovia e no início de uma subida, Luís parou o carro e ficou apagando e acendendo as luzes. Os sinais foram respondidos pelo foco de luz. Nervoso, Luís passou o volante a Osmar. Pouco depois, observaram a uns 80 m à direita da estrada o tal foco, de tonalidade azulada, que clareava a mata próxima. Dos quatro, Luís era o mais nervoso e pedia repetidamente ao companheiro acelerar o carro, e este não respondia em velocidade. Assim, com todos assustados e rezando, passaram lentamente em frente ao objeto, mais ou menos a 1 km da fazenda de Fernando Costa. Logo depois, o automóvel começou a correr, funcionando normalmente. Então, repentinamente surgiu à frente do Fusca um redemoinho que tomava quase toda a largura da estrada. Isso fez o motorista reduzir a

mas resolvi parar. O cidadão me cumprimentou e perguntou que destino tomaria. Respondi que iria a 'Catanduva' e ele falou que também se dirigia para lá. Apresentou-se dizendo que se chamava Alex. Abri a porta do automóvel, tinha uma pasta na frente, pus atrás, ele se sentou e nesse momento pude ver que ele levava consigo uma caixinha parecida com uma cigarreira. Rodei uns 300 m e ele perguntou o que eu fazia. 'Olha, eu trabalho na Livraria Cultural Editora, de Osvaldo Cruz, uma firma assim, assim...', expliquei; sou relações públicas da Prefeitura e contatamos os prefeitos das cidades onde não existe biblioteca de modo a formar uma... Alonguei-me bastante nesse assunto. Quando tentava formular-lhe perguntas, ele já me fazia outra antes, como se cortasse meu pensamento. Indagou há quanto tempo morava em Catanduva. Disse que era natural de lá e morava na rua Goiás, n° 94. Perguntou qual era o meu grau de instrução. Disse que era somente o primário. Em seguida ofereci-lhe um cigarro, prontamente recusado, pois alegou que não costumava fumar em viagens de automóvel. Paramos num posto de gasolina perto de São José do Rio Preto e aí aproveitei para observá-lo bem de perto. Era um moço de rosto redondo, olhos azuis, grandes, cabelo amarelo, aparado, orelha, boca e nariz pequenos. Usava jaqueta e calça cinzas e sapatos pretos. Pedi um café e ele uma garrafa de água mineral. O engraçado é que ele bebeu só um pouquinho dessa água... e continuamos viagem. Em Catanduva, fiz o retorno para entrar pelo aeroporto; aí ele olhou no relógio e falou que não havia mais ônibus para chegar em Itajubi, pois já eram 3 horas; então indaguei, afinal de contas, se ele iria a Itajubi ou a Catanduva; ele me informou que precisava chegar em Itajubi, distante 18 km de Catanduva. Deixei-o na praça principal desta cidade. Ele agradeceu e perguntou quanto custara a viagem. Não queria cobrar nada, mas ele tirou um dinheiro do bolso e me deu. No momento, não conferi o valor da nota e a coloquei no bolso da camisa. Despediu-se e me desejou uma boa viagem. Por fim prometeu: 'Qualquer dia desses vou visitá-lo em sua casa; você mora na rua Goiás, 94'. Assim que cheguei no km 7 de Catanduva, o rádio começou a sofrer interferências. Como me aproximava do linhão da CESP, achei que essa era a causa do problema e abaixei o volume do rádio. De súbito, um foco de luz azul com cerca de 10 cm percorreu o interior do automóvel. A luz era tão potente que o veículo ficou transparente como se estivesse sob um raio X. Vi o virabrequim, o comando da válvula e o asfalto correndo no chão. O foco parou e um filamento fino de luz bateu em cheio no meu rosto. Pensei que eram as luzes de um caminhão vindo em sentido contrário e pedi para o cidadão abaixá-las, mas nada. O automóvel, que corria a 100 km/h, foi parando aos poucos, passando para 80, 70, 60 e a 10 km/h. A marcha ainda estava pesada quando engatei a primeira. Estacionei no acostamento e botei a mão nos olhos. Coloquei os óculos em cima do painel do carro e fiquei esperando o impacto, entretanto nada aconteceu e quando olhei para frente, notei um objeto extraordinário flutuando a uns 10 m de altura, acima da rodovia. O objeto, com cerca de 4 m de diâmetro, era opaco e tinha o formato de duas bacias sobrepostas ou dois chapéus de abas largas. Ao descer do automóvel, senti calor e uma espécie de tela envolveu o aparelho. Um cilindro começou então a baixar e quando faltava mais ou menos 1 m para tocar o asfalto, exclamei: 'Meu senhor do céu. Isso aí é um disco e vai me pegar!'. E saí correndo... Corri uns 40, 50 m, até que fui puxado para trás. Era como se

---

marcha e desviar o carro para a margem esquerda. Mas, o que observou em seguida, o levou a frear ainda mais o veículo. No meio da estrada havia um homem em pé, olhando para o carro, com o braço direito estendido, tendo a palma da mão voltada para baixo. Com a guinada para a esquerda e a brecada rápida, o Fusca passou raspando pelo homem, sem contudo atropelá-lo. Logo adiante, postados em fila na margem direita da estrada, haviam três outros homens, olhando para o carro. Eram indivíduos altos, com feições normais em relação ao padrão humano terrestre, trajando macacões azuis. Não falaram nem fizeram qualquer movimento. Mais calmo, Jaime abaixou o vidro da porta, e notou que não estava ventando. Depois que passaram pelos quatro homens, Luís sugeriu: "Vamos parar, assim eles também verão o disco voador." Seus companheiros, no entanto, ainda estavam amedrontados e preferiram seguir o mais depressa possível rumo a Pirassununga. (Pesquisada efetuada pelo SBEDV, "Tripulantes de UFOs pedem carona: estranho incidente em rodovia paulista", in *UFO*, Campo Grande, CBPDV, março 1988, n° 1, v. 1, p. 10-11).

alguém tivesse jogado uma tira de borracha em mim; ao olhar para trás só vi um facho sair do aparelho e bater no Opala. Aí desmaiei. Depois de não sei quanto tempo fui socorrido pelo guarda Clovis Queiroz, do destacamento de Catanduva. Nessa cidade fui examinado pelo médico Elias Cheibi. Em São Paulo o fui por Max Berezovsky e no Rio de Janeiro por Guilherme Pereira e Walter Bühler. Acordei no hospital às 11 horas, sendo que o médico logo me liberou, recomendando que retornasse dali a 8 dias. Fizeram inclusive uma biópsia. No segundo contato, em 26 de abril de 1974, regressava da cidade de Marília para Catanduva, nas imediações de Guarantã, que também é cortada pelas linhas da CESP. Vi o mesmo filamento azul e logo me lembrei do primeiro caso".

Afigura-se no mínimo instigante o fato desta região, cortada pela rodovia SP-333, servir freqüentemente de cenário para ocorrências do gênero. Durante nossas pesquisas por ocasião da onda de avistamento de OVNIs que assolou a região Oeste do Estado, colhemos um depoimento que mais uma vez comprovou essa tendência. José M. C., motorista de ônibus da empresa Florínea, declarou ter visto, no início de março de 1995, às 23h30min, na mesma rodovia, entre as cidades de Assis e Marília, um objeto oval de cor amarelada que brilhava intensamente e que partiu em altíssima velocidade após permanecer alguns minutos parado. O avistamento do motorista, que nessa noite transportava cerca de cinqüenta estudantes universitários ─ alguns dos quais ratificaram o testemunho ─ foi inclusive reportado pela imprensa local.[317]

A região do primeiro contato também conta com um histórico privilegiado de aparições. No ano de 1982, por exemplo, uma onda de discos voadores assolou várias cidades vizinhas, como Mirassol e São José do Rio Preto. Numa noite de agosto, em Catanduva, centenas de pessoas que viajavam de ônibus e automóveis observaram do posto rodoviário, por volta das 22h40min, uma espécie de nave luminosa achatada, que deixava atrás de si um facho vermelho alaranjado. O fato também foi presenciado por três policiais que guardavam o posto.[318]

Um dos ufólogos que estiveram com Patero, Walter Bühler, reservou algumas páginas de seu livro ao caso. Selecionamos os trechos que se seguem: "Do seqüestro de 6 dias, Patero lembra-se somente de quatro cenários correspondendo a aproximadamente 10 minutos o total do tempo em que pôde reter sua consciência, vigília ou memória. [...] Aliás, sabemos de pelo menos quatro 'apagamentos' de vigília (ou memória?) no caso de Patero".[319] Dentre as poucas recordações, restou a de ter visto um clone seu, isto é, uma réplica exata, confeccionada pelos supostos extraterrestres.

Apenas 1 ano e meio após a segunda experiência de Patero, aparecia na imprensa, em 1975, uma narrativa deveras semelhante, desta feita envolvendo um professor de desenho do Colégio Estadual de Campinas e aluno do curso de Engenharia Mecânica da universidade local. Antônio Roiuk, 36 anos, casado com Maria Celeste e pai de Karina, de 13 meses, na manhã do dia 13, às 9 horas, saiu de casa com destino à universidade dirigindo seu carro, um Volkswagen branco. No caminho, descontou um cheque no valor de Cr$ 300,00 no banco do centro da cidade. Isso foi tudo de que conseguiu recordar. Nem ele, nem ninguém tinha qualquer idéia do que se passara nesse dia. Na manhã de domingo, o problema veio a público. O jornal *Diário do Povo* de Campinas, publicou uma pequena nota em sua página policial anunciando o sumiço do professor. À noite, o carro foi encontrado em frente a um terreno baldio no bairro de Botafogo, ponto afastado do itinerário seguido por Roiuk. O carro estava estacionado normalmente, trancado, com seus livros no banco da frente. Não havia o menor sinal de violência.

Na segunda-feira, os jornais destacavam o caso, publicando declarações de parentes e amigos de Roiuk, que atestavam ser ele um "homem caseiro, pacato, sem inimigos, vivendo com a esposa e a filha na mais perfeita harmonia". Na noite desse dia, a primeira pista e uma

---

317 "Ônibus de estudantes é 'perseguido' por OVNI", in *A Gazeta do Vale*, Assis (SP), 8-3-1995, Cidade, p. 3.
318 *Diário Popular*, São Paulo, 9-8-1982.
319 Bühler, Walter Karl & Pereira, Guilherme. *O livro branco dos discos voadores*, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 159.

surpresa: às 20 horas, um sargento de Vilhena, cidade do então Território de Rondônia, comunicou à diretora do Colégio Estadual de Campinas que o professor fora localizado numa rua de madrugada, desacordado. Às 23 horas, novo telefonema de Vilhena. Agora, o próprio Roiuk vinha ao telefone para conversar com o professor Davi Barreto Leite, seu colega. Alegou que não se lembrava de como havia chegado ali, a não ser que saíra do banco, na quinta-feira, em Campinas, e que passara numa banca de jornais onde comprou o *Diário do Povo*, voltando a dirigir em seguida. "Aí me senti mal na direção. Uma dor de cabeça, um mal-estar. Parei o carro e me debrucei sobre o volante. Daí em diante, não me lembro de mais nada".

Providenciada a volta Roiuk a Campinas, na quarta-feira desembarcava no aeroporto Campo dos Amarais. A esposa de Roiuk recordou que na quarta-feira, véspera do desaparecimento, seu marido se queixara de fortes dores de cabeça. "Ele não quis jantar e foi para a cama, após tomar alguns remédios. Nunca havia sofrido de dores de cabeça antes, nem fizera tratamento com nenhum psiquiatra, como andam dizendo. Sempre foi uma pessoa normal e formidável". O médico Nabor Facure submeteu-o a vários exames neurológicos "O resultado de todos exames foi normal", assegurou o médico. "Eu não conhecia Roiuk pessoalmente, antes do episódio. Mas, pelo que me informou um colega, também médico — pediatra do filho dele —, Roiuk era um indivíduo completamente normal". Facure tentou encontrar uma explicação médica para o ocorrido: "Roiuk pode ter sido vítima de uma crise de automatismo psicomotor, um fenômeno que ocorre em pacientes com epilepsia do lobo temporal. Nesse estado, a pessoa pode realizar atos normais, como se locomover, dirigir um carro, conversar com outras pessoas, etc., em estado de completa inconsciência. De qualquer maneira, é um fato extraordinário. O estado de inconsciência sofrido por Roiuk durou um tempo demasiadamente prolongado, da manhã de quinta-feira à madrugada da segunda-feira seguinte".

A distância que separa Campinas de Vilhena é de cerca de 3 mil km em linha reta. Averiguou-se que Roiuk não foi até lá de avião. Quando encontrado, tinha no bolso apenas Cr$ 20,00 (dos Cr$ 300,00 que levava) alguns maços de cigarro e as chaves do carro. Trajava as mesmas roupas com as quais havia saído de casa na quinta-feira (mais uma suéter, que costumava transportar no banco de trás). Não apresentava qualquer sinal de cansaço ou violência. O que lhe causou estranheza era um pente que portava. "Eu não costumo levar pente no bolso", observação que foi confirmada por sua esposa. Facure aconselhou aos familiares e amigos de Roiuk: "O importante é não deixar de preparar o professor com naturalidade para assumir suas funções normais, depois que tudo isso passar. Não se pode prejudicá-lo emocionalmente nem profissionalmente. Não seria o caso de marginalizar alguém que, de repente, sofresse um desmaio".

Era inevitável que, em meio a tanto mistério, surgisse todo tipo de hipóteses e especulações. Cataldo Bove, conhecido jornalista de Campinas, presidente da Associação de Amadores de Astronomia e Astronáutica de Campinas (Astro), admitia — e acreditava com fervor — que o professor fora seqüestrado por um disco voador. A opinião de Bove ganhou destaque na edição dos jornais de sábado, dia 22. Apressada ou não, eletrizou Campinas. À uma emissora de televisão, Bove declarou: "O desaparecimento de Roiuk é, sem dúvida, um caso para pensar seriamente. Não seriam seres de outro planeta, com suas máquinas voadoras, os responsáveis por essas brincadeiras de mau gosto?". Um jornalista fez menção ao caso Patero: "São muitos os episódios conhecidos de seqüestros de pessoas por seres extraterrenos e discos voadores. Sabe-se, por exemplo, de um casal paulista que há 3 anos foi parar no México, com seu automóvel. Do menino que há 30 anos teria sido seqüestrado por um disco voador e que até hoje, já homem, o descreve com minúcias. E também o de um vendedor de livros que em 1974 desapareceu em Marília, interior de São Paulo, e só foi encontrado em Colatina, Espírito Santo".

Enquanto a imprensa prosseguia especulando, Roiuk recolhia-se num local que só a família e o médico conheciam, preferindo não falar no assunto e manter absoluto repouso. Ao longo dos anos, Roiuk não saiu desse silêncio, recusando-se a voltar a comentar o episódio.[320]

O ofício a seguir, com o timbre da Secretaria da Segurança Pública, emitido em 27 de setembro, pouco mais de duas semanas depois dos apelos do delegado de Guarantã, traz as solicitações de Roberto Quass, delegado adjunto do Serviço de Informações do DOPS, "...para que se digne indagar ao jornalista Marco Antonio Montandon, autor da reportagem 'A pesquisa dos Objetos Não Identificados', publicada no dia 4 de julho de 1974, no jornal *Folha de S. Paulo*, sobre a localização da Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres...".[321]

A matéria do jornal em questão, de autoria do jornalista Marco Antonio Montandon, estava anexada nos documentos: "No último domingo, quando todas as atenções se voltavam para o jogo entre o Brasil e a Argentina, dois homens ─ um médico e um filólogo ─ tomaram o rumo da rodovia Castelo Branco e viajaram 150 km até a cidade de Tietê. Ali passaram praticamente o dia interrogando um fazendeiro, fazendo anotações e olhando minuto a minuto o horizonte que se estendia ─ claro e límpido ─ em direção a Porto Feliz, Cerquilho, Capivari, Campinas, Viracopos...". Além do caso do fazendeiro, foi mencionado em detalhes os casos de Maria Cintra, a enfermeira de Lins, de Toríbio Pereira, tratorista de Lins, Tiago Machado, vendedor de frutas de Pirassununga, e de Caetano Sérgio Santos, o vigia noturno de Caconde, [322] todos testemunhas do fenômeno OVNI apreciadas pelo grupo.

Imediatamente escalado, um agente do DOPS procedeu as primeiras investigações e elaborou um relatório encaminhado ao delegado adjunto: "Cumprindo determinações de v.s[a], estive no jornal *Folha de S. Paulo*, onde conversei com o sr. Marco Antonio Montandon, jornalista que informou que o sr. Flávio A. Pereira é quem responde pela Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres, cujo endereço é: rua dos Gusmões, 100, fone 220-9522. Dirigindo-me a esse endereço, fui informado que o sr. Guilherme Wirz reside à rua Cajaíba, 15, apto. 802, Sumaré; sr. Max Berezovsky reside à rua Tomé de Souza, 561, Lapa, capital. Com relação aos srs. Walter Bühler e Charalambe Kiriakamis, fui informado que residem no Estado do Rio de Janeiro. Era o que tinha a relatar".[323]

---

[320] Azevedo, Luís Carlos de. "A estranha viagem do professor Roiuk levanta de novo a hipótese de seqüestro por discos voadores", in *Fatos e Fotos/Gente*, Brasília (DF), 15-12-1975, nº 747, p. 8-11.

[321] DOPS, São Paulo, 1974, nº 50Z/354/81.

[322] Caetano Sergio dos Santos, 27 anos, vigia noturno da hidrelétrica de Caconde, não teve propriamente uma experiência direta com um OVNI ou seus tripulantes. Às 17 horas de um dia de maio de 1968, voltava do serviço quando notou em frente ao seu casebre um estranho objeto brilhante. Temeroso de que se tratasse de uma bomba, Caetano inicialmente examinou o objeto de longe mas, ao perceber que não havia relógio, tentou pegá-lo com uma das mãos, sentindo o seu peso. Ao levantá-lo com as duas mãos, notou que era parecido com uma lata de conservas, medindo aproximadamente 17 cm. Apesar do cilindro parecer ter sido feito de aço inoxidável (vidro metalizado, se supôs depois) e a tampa e o fundo de vidro, faziam uma junção tão perfeita que deixavam entrever o menor sinal de fenda ou interseção. Na tampa havia um ponteiro preto e no fundo um vermelho. Ambos os ponteiros estavam calibrados no zero (de uma numeração até seis). "Acho que eram escritos em dois alfabetos: um me pareceu árabe e outro que não consegui adivinhar". Sem mais pensar no caso, Caetano guardou o objeto na separação entre a cozinha e o banheiro de sua casa sem forro e foi dormir. À meia-noite, ao acordar para verificar se sua mulher ─ grávida do terceiro filho ─ estava bem, deparou-se com um alvoroço em frente ao casebre. Os vizinhos, excitados, junto da mulher e dos dois filhos chorando, apontavam para um buraco no telhado. Sua esposa contou-lhe que por volta da meia-noite, fora despertada por um zumbido e uma forte luz forte vindos da cozinha, além do calor que aumentara no recinto. Pensando que a casa pegava fogo, apanhou as duas crianças e sair a pedir por socorro. Nesse momento, o telhado se rompeu e o objeto guardado pelo marido atravessou a brecha, desaparecendo no céu noturno. Max Berezovsky possui uma réplica que mandou construir do objeto (Montandon, Marco Antonio, op. cit.; DOPS, São Paulo, 1974, nº 50Z/354/82).

[323] DOPS, São Paulo, 1974, nº 50Z/354/80.

Nessa altura, as suspeitas em torno de Patero foram transferidas aos ufólogos. Eles acabaram, como os que suscitavam desconfianças na época, constrangidos a depor no DOPS. Documentos timbrados da Secretaria da Segurança Pública, emitidos pelo Serviço de Informações do órgão, com o carimbo Confidencial, trazem os termos de declarações de vários deles. Citaremos dois exemplos bastante ilustrativos, nos quais podemos vislumbrar os métodos de interrogação em voga na época. O primeiro é de Max Berezovsky e o segundo de Willi Wirz:

"Aos 11 dias do mês de outubro de 1974, nesta cidade de São Paulo, capital, no Serviço de Informações onde se achava o dr. Roberto Quass, delegado adjunto do S.I.-DOPS, delegado respectivo [...], compareceu Max Berezovsky, filho de Michael Berezovsky e Sara Berezovsky, com 44 anos de idade, de cor branca, estado civil casado, de nacionalidade brasileira, natural de São Paulo (SP), de profissão médico, residente à rua Tomé de Souza, nº 561, Lapa, capital. Sabendo ler e escrever declarou: que o declarante é médico formado pela Universidade de São Paulo, clínico geral e pneumologista; que é também 1º vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres, localizada à Praça da República, 424, conj. 63, nesta capital; que segundo relato do próprio Onilson Patero, o mesmo teve acidentes relacionados com a presença de objetos aéreos não identificados; que o primeiro caso ocorreu em 22 de maio de 1973, na rodovia que liga Itajobi a Catanduva e o segundo caso em 28 de abril de 1974, que liga Marília-Porto Ferrão; que o declarante inicialmente aceitou como verdadeiro o primeiro caso, apesar de dados não compreensíveis; que, com relação ao segundo, chegou à conclusão que a narração é falsa porque: 1º) o desaparecimento de um certo valor em dinheiro; 2º) incoerência e contradição em certos detalhes referentes 'a viagem'; 3º) falta de detalhes e explicações quando indagado acerca de certos pormenores; 4º) negação do paciente de ter procedido a certas necessidades fisiológicas como alimentar-se e exonerar o intestino e bexiga durante 5 dias; 5º) preocupação em tornar-se alvo de atenção; 6º) certa alteração neurológica; que o declarante não pode indicar no momento o endereço do professor Charalambe Kiriakamis, porém se coloca a disposição, caso seja necessário fornecer posteriormente esse endereço".[324]

"Aos 11 dias do mês de outubro de 1974, nesta cidade de São Paulo, capital, no Serviço de Informações onde se achava o Doutor Roberto Quass, delegado adjunto do S.I.-DOPS, delegado respectivo [...], compareceu Willi Wirz - R.G. mod. 19 nº 151.938, 'Prof. Guilherme'. Filho de Wilhelm Wirz e Marie Wirz, com 74 anos de idade, de cor branca, estado civil divorciado, de nacionalidade Suíça, natural de Soleure, de profissão professor aposentado, residente à rua Cajaíba, nº 15, apto. 802, Sumaré, São Paulo, capital. Sabendo ler e escrever declarou: que o declarante é professor dos idiomas francês, alemão, inglês, latim e grego; que em 1968 foi aliado segundo vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres, localizada à Praça da República, 424, conj. 63; que essa entidade está devidamente registrada e se rege por leis brasileiras; que o declarante não pertence a nenhum órgão oficial; que, contudo, em 1968-69, prestou colaboração em razão de seus conhecimentos especializados à 4ª Zona Aérea; que com relação ao assunto em tela, o declarante não estava na cidade de Guarantã (SP), em abril ou maio do corrente ano, porém, em 1973, visitou Catanduva e Itajobi (SP), para pesquisar o primeiro caso de Onilson Patero ocorrido em 22 de maio de 1973, entre as 2 e 5 horas, no Km 7 da estrada de rodagem de Catanduva-Itajobi; que, naquele dia, Patero foi encontrado, aparentemente inconsciente, por um guarda rodoviário; que, quando o policial foi socorrer Patero, este "pulou defendendo-se do policial"; que disse Onilson ter sido imobilizado quando queria fugir de um disco voador; que disse ainda Onilson naquela ocasião, ter ficado 2 horas completamente inconsciente; que com relação ao novo encontro do disco voador por Onilson Patero, o declarante teve inicialmente conhecimento por terceiros e posteriormente manteve em São Paulo, contato pessoal com o mesmo; que o declarante conclui

[324] *Ibid.*, nº 50Z/354/78, fl. 14.

que Onilson Patero inventou os dois casos de encontro com discos voadores; que o declarante não pode especificar as razões que teriam levado Onilson a inventar as duas histórias; que o declarante chegou a essa conclusão em maio de 1974, pois o relato do segundo caso é completamente inconsistente, com muitos pormenores que lembram filmes de televisão, principalmente a série *Os invasores*; que, portanto, se o segundo caso foi inventado, o primeiro (de 1973) poderia ter sido também inventado e nesse caso, fenômenos inexplicáveis seriam perfeitamente naturais, com por exemplo o fenômeno do farol do automóvel ligado 2 horas consecutivas, sem descarregar a bateria, seria explicado, porque ele somente ligava e desligava o farol no momento da aproximação de outro veículo; que o dr. Walter Bühler reside no Rio de Janeiro, bairro do Cosme Velho, à rua Senador Pedro Velho, 50, apto. 201, tel. 245-2695".[325]

Nos interrogatórios buscava-se sensibilizar as vítimas nos seus ângulos vulneráveis (família, emprego, etc.). Abstraía-se daí uma massa considerável de dados, posteriormente checados e confrontados. Em decorrência, se ficasse subentendido que num momento qualquer da fala algo de comprometedor havia sido pronunciado, as suspeitas aventadas inicialmente tendiam a confirmar-se. Isso parece ter ocorrido com os personagens em voga, pois continuaram sob vigilância estrita das autoridades. Talvez soasse destoante que um grupo pudesse preocupar-se exclusivamente com discos voadores. Entretanto, era esse o caso.

A delimitação do campo político-social em dois setores opostos, exigia a observância de modelos comportamentais rígidos (em certas situações mesmo únicos). Tendiam assim a encará-los ou como subversivos em potencial ou como indivíduos portadores de traços desviantes. Dentro dessa perspectiva, entende-se por desviantes aqueles que não estão fora de sua cultura mas que fazem uma leitura divergente dela. Eles poderão estar sozinhos ou serem parte de uma minoria organizada. Porém, eles não serão sempre desviantes. Existem áreas de comportamento em que agirão como qualquer cidadão "normal". Mas em outras áreas divergirão, com seus comportamentos, dos valores dominantes.[326]

Lidar com assuntos considerados bizarros pela maioria, implica em ficar marcado por um estigma. A opção é entendida como um sinal de afastamento dos atributos comuns e naturais ao ser humano. Tornar-se-à portanto, um forte candidato a ser apontado como louco ou desregrado. A situação especial do estigmatizado é que a sociedade lhe diz que ele é um membro do grupo mais amplo, o que significa que é um ser humano normal, mas também que ele é, até certo ponto, "diferente", e que seria absurdo negar essa diferença. A diferença em si deriva da sociedade, porque, em geral, antes que uma diferença seja importante ela deve ser coletivamente conceitualizada pela sociedade.[327]

Os personagens envolvidos atuavam na maioria das vezes em pequenos grupos. Suas trajetórias estão diretamente relacionadas. Define-se como pequenos grupos aqueles que servem de mediação entre as pessoas e a sociedade da quais fazem parte. As pessoas se comunicam com o todo maior que é a sociedade e, por sua vez, recebem sua resposta, por intermédio do pequeno grupo. O pequeno grupo ajuda a reunir as emoções e conhecimentos de uma pessoa e, assim, promove ação de sua parte. Isso resulta em auxílio, porque reunir emoção e conhecimento depende parcialmente do conhecimento experimental e este, como o nome sugere, é uma função da experiência compartilhada.[328]

Conquanto seja importante analisar os personagens como integrantes de um pequeno grupo obcecado por OVNIs, cumpre-nos complementar os dados já citados. Quase todos são

[325] *Ibid.*, nº 50Z/354/78, fl. 15.
[326] Velho, Gilberto. "O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social", in *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1977, p. 27-28.
[327] Goffman, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara, 1988, p. 134.
[328] Shepherd, Clovis R. *Pequenos grupos: aspectos sociológicos*, São Paulo, Atlas, 1969, p. 120.

pioneiros no estudo do fenômeno no Brasil. Juntos pesquisaram, desde a década de 50, centenas de casos tornados clássicos e publicaram uma grande quantidade de artigos, reportagens, boletins, revistas e livros, inclusive no exterior. Proferiram dezenas de palestras e conferências. Sempre pautaram por uma linha de abordagem estritamente científica, não escondendo porém a crença na existência de visitantes extraterrestres. Segue uma breve biografia de cada um deles.

O médico Walter Karl Bühler, natural da Alemanha, imigrou para o Brasil em 1933, falecendo em junho de 1996. Fez curso de Aplicação no Instituto Osvaldo Cruz e tornou-se livre docente pela Cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Fundou, em 1957, a Sociedade Brasileira de Estudos de Discos Voadores (SBEDV), uma da primeiras entidades do gênero a surgir no país e a editar regularmente um boletim informativo, fonte de referência obrigatória a todos os ufólogos do país. Escreveu, em parceria com Guilherme Pereira, *O livro branco dos discos voadores*.

O professor Flávio Augusto Pereira, que aliás era presidente honorário do grupo, fazia parte do conselho fiscal e coordenava a área de exobiologia, presidiu a Comissão Brasileira de Pesquisa Confidencial dos Objetos Aéreos Não Identificados (CBPCOANI), o Instituto Brasileiro de Astronáutica e Ciências Espaciais (IBACE) e a Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres (ABECE), entidades igualmente precursoras. Autor da obra *O livro vermelho dos discos voadores,*[329] redigiu a apresentação do famoso livro de Erich von Däniken, *Eram os deuses astronautas?*.[330]

O professor de história da cultura e artista plástico Carlos Jacchieri[331] escreveu por sua vez *Os deuses não eram astronautas!*,[332] rebatendo as teorias do livro prefaciado por seu colega.

O professor Willi Wirz era correspondente da revista norte-americana *Flying Saucer Review*, e se dedicou de modo destacado à elucidação de vários casos importantes. Conforme ele próprio declarou aos inquiridores, participou do Sistema de Investigação dos Objetos Aéreos Não Identificados (SIOANI), órgão oficial do IV Comar de São Paulo vinculado ao Ministério da Aeronáutica, criado em 1969 pelo major brigadeiro José Vaz da Silva para estudar sigilosamente o fenômeno.[333]

O entomologista e apicultor Fernando Grossmann ocupava o cargo de primeiro-tesoureiro e coordenava a área de divologia (pesquisa de campo). Procedendo a leitura do artigo sobre o envolvimento do DOPS com a questão dos OVNIs,[334] Fernando Grossmann dirigiu-me uma série de correspondências em que se dispôs a complementar as informações obtidas, anexando valiosos documentos originais da época. Grossmann acusava os "ufólogos disfarçados de beatos das correntes angelicais" de traição e justificou sua decisão de "vir a público e depor perante a história": "Trata-se sim, de uma posição abertamente assumida, por quem sofreu na própria pele todo veneno da repressão ufológica e perdeu a ingenuidade ao descobrir que a repressão era exercida por intermédio dos próprios ufólogos traidores, infiltrados na ufologia e disfarçados de 'beatos das correntes angelicais'. [...] lemos muito atenciosamente o seu excelente

---

[329] Pereira, Flávio Augusto. *O livro vermelho dos discos voadores*, São Paulo, Florença, 1966.
[330] Däniken, Erich von. *Eram os deuses astronautas*, 37ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1986, p. 1-10.
[331] No campo das artes plásticas, documentou o panorama nacional com seus magníficos murais (Banco Itaú-América em Curitiba e São Paulo, Banco Bandeirantes do Comércio, Banco do Estado do Paraná, Santa Casa de Misericórida, etc.), seus altares entalhados em madeira de lei (Colégio da Sagrada Família, no Ipiranga, capela da creche Catarina Laboure), seus vitrais (Cine Bristol, Capela da Cachoeirinha) e seu *Cristo astronauta*, realizado em alumínio para a igreja do Caxingui. No campo das letras filosóficas e científicas escreveu também *Duiruna e o sol*, *O Evangelho segundo... Jesus Cristo*, *O mito cristão e o ser social*, *Tratado de simbólica* e *Os mitos brasilíndios do pecado original*.
[332] Jacchieri, Carlos. *Os deuses não eram astronautas!*, São Paulo, Ciência e Progresso, 1971.
[333] *Os documentos oficiais da Força Aérea Brasileira: coletânea de boletins, memorandos e documentos que demonstram a atuação secreta da Aeronáutica brasileira na questão ufológica*. Campo Grande, CBPDV, março 1991.
[334] "Ditadura militar investigou ufólogos", in *UFO*, Campo Grande, dezembro 1996, nº 48, p. 35-37.

trabalho, e nos sentimos instigados e estimulados em aprofundar a elaboração de informes e relatórios e a desentranhá-los [...] e trazê-los a público, à luz do dia [...] a verdade plena [...] Outrossim, como o amigo é pioneiro no ramo, oferecemos em nossa missiva de 20-2-1997, o nosso depoimento oral de testemunha e personagem da história...”.[335]

O cirurgião plástico Luiz J. B. Cavalcanti de Araújo ocupava o posto de primeiro vice-presidente da APEX e, juntamente com Grossmann, pesquisou o caso João Prestes.

O médico Max Berezovsky — com quem encontrei-me no Arquivo do Estado de São Paulo justamente num dos dias em que realizava pesquisas lá —, durante a década de 70, presidiu a APEX,[336] entidade modelo que inspirou o surgimento de inúmeros grupos baseados nos mesmos moldes.

A APEX costumava conclamar vigílias nacionais através da imprensa no intuito de detectar as áreas e os períodos de maior incidência de aparecimentos de OVNIs. Muitos integrantes do grupo, no entanto, não foram citados nos documentos. Rubens Junqueira Vilela, professor universitário e meteorologista, ocupava o cargo de segundo presidente. O primeiro secretário e coordenador da área de física e tecnologia era o engenheiro Adhemar Eugênio de Mello e o segundo secretário era o engenheiro David Berezovsky, irmão de Max. O fotógrafo e gemólogo Bunshiro Tokutake era o segundo tesoureiro. O advogado João Bacic e o coronel Humberto Santos Maito, ex-comandante do Campo de Marte (Cenafor), completavam o conselho fiscal. Em 1975-76, Charles Kunzi, engenheiro doutor em ciências técnicas, viria a ser o secretário geral, e Newton C. Braga,[337] engenheiro eletrônico, o redator. Em reunião realizada em 16 de janeiro de 1976, ficou instituído o quadro de assessores da APEX, sendo indicados os seguintes nomes: Peter Tasi,[338] Methodios Kalkashlief, Willi Wirz, Salvatore di Salvo, David Berezovsky, Carlos Zumbeira, Paulo Ferraz de Mesquita, José Luiz Zamboni e Newton C. Braga.

A dimensão adquirida pelo caso pode ser auferida pelo envolvimento do delegado chefe do Serviço de Informações do DOPS da época, Romeu Tuma. Seu subordinado direto, o delegado adjunto Roberto Quass, dirigiu-lhe um relatório em 14 de outubro: “Sr. delegado chefe: Acredito, *data vênia*, que as solicitações contidas no ofício nº 195/74, do ilustre delegado de Polícia de Guarantã, del. Hermínio José Theodoro, foram cumpridas. Aproveito o ensejo para tecer algumas considerações: a) o professor Willi Wirz e o médico Max Berezovsky estudam o assunto dentro de padrões científicos; b) ambos informaram ser Onilson Patero um mitômano, apresentando certa ‘alteração neurológica’; c) solicitaram que as declarações feitas neste S.I., sejam classificadas como confidenciais, para evitar que o sr. Onilson Patero, ao tomar conhecimento destas, explore mais uma vez o tema, chamando a atenção para sua pessoa. Face a essas razões, foram as declarações classificadas como ‘assunto confidencial’, ficando todas e

---

[335] Carta de Fernando Grossmann, São Paulo, 4-5-1997.

[336] O primeiro número do *Boletim Informativo da APEX* foi publicado em novembro-dezembro 1974.

[337] Nascido em São Paulo em 6-11-1946, cedo iniciou atividades no ramo da eletrônica. Com apenas 11 anos, elaborou uma série inédita de projetos de eletrônica que foram posteriormente publicados numa seção da revista *Eletrônica Popular*, do Rio de Janeiro. Por influência dos pais, mal terminava o curso colegial e já lecionava em escolas preparatórias aos vestibulares, tendo sido fundador de uma delas no município de Guarulhos (SP). Ingressou na USP, tendo cursado o Instituto de Física e a Escola Politécnica. Já, nessa época de estudante, escrevia artigos técnicos de eletrônica para diversas publicações como a revista *Monitor* e o jornal *A Eletrônica em Foco*. Foi professor de eletrônica do Colégio Objetivo e realizou pesquisas no campo da Bio-eletrônica na Escola Paulista de Medicina. Participou também de importantes associações de pesquisas, como a APEX, em que trabalhos sobre eletrônica, parapsicologia e outras ciências foram estudados e analisados. Publicou diversos artigos no exterior, tendo colaborado com o boletim da CBC (Canadian Broadcasting Co.). Foi convidado em 1976 a participar de uma nova publicação, tornando-se diretor técnico da *Revista Saber Eletrônica*. Nesse posto, criou a revista *Experiências e Brincadeiras com Eletrônica Júnior* e colaborou com a revista *Rádio e Eletrônica.*

[338] Vim a conhecer o húngaro Tasi em 25-1-1997, por ocasião de um encontro no consultório de Max Berezovsky, no bairro da Lapa, São Paulo.

qualquer pessoa, que oficialmente destas informações tomarem conhecimento, responsável pela manutenção do sigilo".

Um manuscrito do mesmo dia, igualmente de autoria de Roberto Quass, classificado como Secreto, também faz menção a Tuma. Discorrendo sobre os resultados parciais de suas investidas, emite pareceres e solicita providências: "Preparar os seguintes despachos: 1º) Do dr. Tuma para mim, a fim de adotar as providências cabíveis; 2º) a) Para a Seção de Recortes deste SI juntar recortes de notícias a respeito do assunto; b) Ordem de Serviço para o 506 a fim de indagar ao jornalista Marco Antonio Montandon, autor da reportagem 'A pesquisa dos objetos não identificados', publicada no dia 4 de julho de 1974, no jornal *Folha de São Paulo*, a localização da Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres, Guilherme Wirz, Max Berezovsky, Walter Bühler e Charalambe Kiriakamis. Preparar relatório do investigador cumprindo determinação desta chefia. Estive no jornal *Folha de S. Paulo* onde conversei com Montandon, que informou que Flávio A. Pereira responde pela Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres, na rua dos Gusmões, 100, fone [...]. Dirigindo-me a esse endereço fui informado que o Guilherme Wirz reside na rua Cajaíba, 15, apto. 802, Sumaré, e Max Berezovsky na rua Tomé de Souza, 561, Lapa, nesta capital. Com relação a Walter Bühler e Charalambe Kiriakamis fui informado de que residem no Estado do Rio de Janeiro. Era o que tinha a relatar".

O próprio Romeu Tuma assinou um documento com o timbre da Secretaria da Segurança Pública, Serviço de Informações do DOPS, datado de 15 de outubro, em que solicita sucintamente: "Face as providências tomadas pelo sr. delegado adjunto ao Serviço de Informações, devolva-me o presente expediente ao sr. diretor-geral de Polícia deste Departamento".

Inferimos assim que o caso já havia chegado ao conhecimento dos demais órgão de repressão, que tratavam de emprestar-lhe conotações políticas. Não obstante, o envolvimento de Romeu Tuma merece considerações à parte. Uma reportagem abordou os documentos obtidos por familiares de desaparecidos políticos nos quais o senador pelo Partido Liberal (PL) aparece desfrutando de maior proximidade com os órgãos de repressão do que a simples vinculação burocrática que sempre afirmou ter. Entre 1966 e 1983, Tuma trabalhou no DEOPS de São Paulo e até 1977 foi delegado. Desse ano até 1983 foi diretor. Segundo os familiares, Tuma assinou documentos comprometedores que o ligam diretamente ao esquema repressivo. Há um despacho de 24 de junho de 1970, assinado por ele, em que reafirma uma versão policial de que Noberto Nehring se suicidara em um hotel. Outro documento, de 5 de novembro de 1978, do Serviço Nacional de Informações (SNI), mostra que Tuma sabia que cinco presos estavam mortos. Há ainda um documento que revela que ele solicitava autópsias para presos que supostamente morreram sob tortura. Tuma também foi acusado de omitir informações sobre a morte de Sônia Lopes. Morta em 1973, 10 anos depois sua mãe viu uma foto em poder do legista Harry Shibata, o qual afirmou que a foto fora repassada a ele por Tuma. Os familiares dos desaparecidos acusaram-no de ter se apossado dos arquivos do DEOPS ao deixar o órgão e transferir-se para a PF, em 1983. Constatou-se que cópias de depoimentos de presos não se encontravam mais nos arquivos do DEOPS. Por fim, as famílias acusaram Tuma de ter protegido torturadores. Basta mencionar que levou com ele para a PF os delegados Aparecido Laerte Calandra e Davi dos Santos Araújo, ambos acusados de terem praticado torturas.[339]

O delegado geral de Polícia do DOPS, Lúcio Vieira, estando "devidamente informado pelo Serviço de Informações deste DOPS", ordena em ofício com o timbre da Secretaria de Segurança pública, Gabinete do Diretor, datado de 29 de outubro, que se devolva, "juntamente

[339] Neri, Emanuel. "Famílias vinculam Tuma a desaparecidos", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3-6-1995, brasil, p. 11, c. 1.

com Termos de Declarações de Max Berezovsky e Willi Wirz, [...] o presente expediente ao diretor-geral de Polícia do Derin”.[340]

Um ofício timbrado da Secretaria da Segurança Pública, rotulado de Confidencial, datada de 6 de novembro, e assinada pelo diretor-geral do Derin, José Renè Motta, comunica ao delegado de Guarantã as medidas adotadas. O assunto é “o seqüestro de Onilson Patero por ‘um disco voador’ ”: “Ao sr. dr. delegado de Polícia de Guarantã, por intermédio da Seccional de Polícia de Bauru, para que se digne conhecer das providências levadas a efeito, servindo-se devolver em seguida”.[341] O delegado seccional de Polícia de Bauru, Sebastião Joacyb Furquim de Castro, respondia em 14 de novembro, por intermédio de um ofício Confidencial: “Ao sr. delegado de Polícia de Guarantã, para que se digne tomar conhecimento do despacho 4.166/77, do sr. diretor-geral do Derin, servindo-se devolver com as cautelas legais, em face das razões invocadas na informação de fl. 16”.

O documento que ensejou a infiltração de agentes, datado de 13 de junho de 1975, traz o timbre do Ministério do Exército, Comando do II Exército - 2ª seção, o carimbo Confidencial e a assinatura do diretor do DOPS. Abaixo, há uma ordem manuscrita expressa: “mandar observador”. O caso de Patero nem é mais mencionado, e todas as atenções se voltam à associação de pesquisas de OVNIs. Seus integrantes passam a ser encarados como possíveis subversivos que desenvolviam atividades sob esta fachada: “Assunto: reuniões duvidosas na Associação de Estudos das Civilizações Extraterrestres; Origem: II Exército; Difusão: DOPS/SP; 1. Dados Conhecidos: tem havido reuniões de cunho duvidoso na residência de Max Berezovsky (rua Tomé de Souza, 561- Lapa, SP) e no Clube Makavi (av. Angélica, 634), onde, com a idéia de realizar debates sobre estudos das civilizações extraterrestres (discos voadores) buscam contatos com estudantes e outros elementos, possivelmente ligados à subversão, para discussão e combate ao governo constituído. Esta comunidade é composta de aproximadamente vinte pessoas e dentre elas podemos destacar: Max Berezovsky, Luiz Jesus Braga Cavalcanti de Araújo, Flávio Augusto Pereira, Fernando Grossmann e Carlos Jacchieri. Está prevista para o próximo dia 27, às 21 horas, uma reunião no Clube Makavi. 2. Dados Solicitados: procurar investigar os trabalhos da Associação; fazer o possível para acompanhar e relatar os acontecimentos da reunião previstas para o dia 27 de junho de 1975”.[342]

Já no dia seguinte à reunião, o Serviço de Informações do DOPS emitiu um relatório timbrado da Segurança da Segurança Pública, procedente da chefia dos investigadores do S.I., destinado ao delegado chefe. Relatava com detalhes precisos tudo o que fora presenciado na ocasião pelo agente infiltrado, que, cabe reconhecer, procedera uma leitura de cunho antropológico dos eventos. Ele acerta ao constatar a prevalência de crenças antecipadas em discos voadores entre os participantes da reunião. Por fim, conclui que nenhum deles visava intentar qualquer tipo de ação político-ideológica, limitando-se aos debates do tema em curso: “Realizou-se ontem, dia 27-6-1975, com início às 21 horas e término 22h30min, na avenida Angélica nº 634 (Federação Israelita de São Paulo), uma conferência proferida por Flávio Augusto Pereira e patrocinada pela APEX, vinculada ao tema: ‘civilizações extraterrestres’. O auditório usado (do teatro), no primeiro andar, abrigou cerca de oitenta pessoas, estando à mesa Flávio Pereira, Max Berezovsky, Luiz Jesus Braga Cavalcanti de Araújo e coronel Humberto S. Maito, todos diretores da Associação em tela. O conferencista discorreu sobre a problemática dos discos voadores, transmitindo inúmeras teorias e informações sobre o assunto, tais como fatos ocorridos e testemunhados sobre a aparição dos chamados ‘objetos voadores não identificados’.

340 São Paulo, Reg. liv. nº 3.290/74, ofício nº 195/74; Recebido em 5-11-1974 pela Diretoria Geral do Derin.

341 São Paulo, of. nº 195/74, fl. 16, despacho nº 4.166/74; Delegacia Seccional de Polícia de Bauru, Bauru (SP), protocolado sob nº 4809 no livro de fl. 27 em 14-11-1974.

342 DOPS, São Paulo, pedido de busca nº 238/75-LS, 2ª seção, Comando do II Exército; Registrado sob nº 783, à fl. 33 do livro 1 em 18-6-1975; DOPS, São Paulo, 8-10-1979, nº 50Z/8/1819.

A posição do orador ficou manifesta sobre a existência de tais objetos, como civilizações de outros planetas e galáxias, parecendo também evidente que a maioria dos presentes é aficionada e crente no assunto. Obs.: A entidade patrocinadora fora fundada anteriormente com a denominação de Associação Brasileira de Estudos das Civilizações Extraterrestres. Atualmente encontra-se semi-inativa, e pelo fato de não dispor de sede, seus sócios, em número reduzido, se reúnem esporadicamente na casa dos seus diretores (agora, na residência de Max Berezovsky, presidente da entidade. Estão em campanha de novos sócios (anuidade de Cr$ 240,00) e pretendem constituir uma sede. Os participantes dessa sociedade, de profissões variadas, como médico, agricultor, advogado, aeronauta, etc., parecem exercer essa atividade como 'hobby', motivo porque, quando assuntos de maior importância se antepõem, paralisam-se essas atividades. Na ocasião (antes, durante e depois da conferência), não observamos qualquer comentário, atitude ou alusão política".[343]

O parecer favorável do agente finalmente convenceu as demais autoridades, trazendo paz aos ufólogos, 9 meses depois da abertura dos inquéritos pelo delegado de Guarantã. Encerrava-se assim um dos mais insólitos processos movidos durante o período. Aqueles tempos de perseguições constituíram um excelente laboratório para os órgãos de informação. A paranóia em curso levou os militantes políticos a reconhecerem agentes infiltrados em cada assembléia, cada passeata, cada manifestação, na maioria das vezes acertadamente. O Estado brasileiro, ao promover o monitoramento de todas as atividades que julgasse suspeitas, não poupou nem mesmo os indivíduos que não ofereciam quaisquer perigos à ordem política da nação. Ou seria o assunto dos discos voadores que colocava em risco a segurança nacional? De qualquer modo, o caso é a confirmação da conduta extremada de setores engajados na manutenção do *status quo* em meio a uma guerra ideológica travada sem trégua, estendida a todos os âmbitos da vida da nação.

### 3.3. Operação Prato

Os povoados litorâneos e interioranos dos estados do Pará e do Maranhão inquietavam-se no decorrer dos últimos meses de 1977 com fenômenos bizarros e concordes, aparentemente inspirados nos enredos de filmes de terror: feixes de luz que, projetados por OVNIs, queimavam e sugavam o sangue de homens e mulheres. Daí as expressões populares "chupa-chupa" e "aparelho" ("apareio", no linguajar de certas regiões maranhenses). Precedida por um longo período de "incubação", irrompeu com força e constância sem precedentes. Intrigado, o biólogo[344] e ufólogo Daniel Rebisso Giese empreendeu uma demorada investigação. Cinco anos de viagens pelos municípios paraenses, leituras de obras especializadas e incontáveis horas de entrevistas, resultaram num livro essencial, que o título por vezes encobre.[345] O que iremos relatar a seguir se deve e se baseia em grande parte à sua pesquisa.[346]

Os fenômenos evoluíram em regiões de difícil acesso do litoral atlântico brasileiro, da baía de São Marcos (MA), ao delta-estuário do rio Amazonas, concentrando-se inicialmente em torno da foz do rio Gurupi e dos municípios de Augusto Corrêa, Bragança, Viseu e a Baixada Fluminense. Entre outubro e dezembro, deslocaram-se para a baía do Sol, nos municípios de

---

[343] Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-6-1975, pedido de busca nº 238/75-LS, 2ª Seção, Comando do II Exército; DOPS, São Paulo, 8-10-1979, nº 50Z/8/1818.
[344] Graduado em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará em 1983.
[345] Giese, Daniel Rebisso. *Vampiros extraterrestres na Amazônia*, Belém, Falangola, 1991.
[346] IDEM, "O fenômeno 'chupa-chupa': OVNIs atemorizam o Estado do Pará", in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, CBPDV, novembro-dezembro 1985, nº 5, p. 9-15.

Vigia, Colares, Santo Antônio do Tauá e Belém, com focos esparsos sobre o baixo rio Amazonas, entre as cidades de Santarém e Monte Alegre.[347]

Com o fim das prolongadas chuvas de inverno paraense em julho de 1977, a pequena cidade de Viseu, às margens do rio Gurupi — divisor dos estados do Pará e do Maranhão —, que desemboca no Atlântico, vivia dias ensolarados. As noites seriam normais não fossem aquelas estranhas luzes coloridas se movimentando no firmamento. Luzes incomuns, silenciosas, extremamente ágeis. “Isso é coisa do final dos tempos”, proclamavam os apocalípticos. Com a abertura, ao amanhecer, das portas do Mercado Municipal de Viseu, ouviam-se as primeiras notícias do dia. Colonos dos vilarejos de Curupati, Urumajó e Itaçu se referiam a uma luz capaz de paralisar e drenar o sangue e a energia das vítimas.

O prefeito Carlos Cardoso Santos e o delegado de polícia, sargento Sabino do Nascimento Costa, atribuíram os fatos à fantasia, em consonância com José Giambelli, barnabita e pároco da igreja Nossa Senhora de Nazaré, que, sem controle sobre os fiéis agora engajados em rezas e novenas com vistas a afastar a “luz diabólica”, comentou: “Olha gente, estou aqui há 5 anos e nunca vi nada de anormal; essa luz é simples imaginação da gente interiorana. Já tinha escutado boatos semelhantes há 3 meses atrás, mas do outro lado do Gurupi”.[348]

O *Jornal da Bahia* antecedia a onda “chupa-chupa” em 12 de julho: “A história fantástica de um objeto voador que emite luz forte e suga o sangue das pessoas, circula de boca em boca entre a população dos municípios de Bragança, Vizeu e Augusto Corrêa, no Pará, onde muita gente teme sair de suas casas durante a noite para não ser apanhado pela vampiresca luz do objeto que, segundo as informações, já teria causado a morte de dois homens. Ninguém sabe como a história começou, mas a verdade é que ela chegou a Belém e ganhou manchete nos jornais locais”.[349]

Noites intranqüilas as de julho. As crianças, recolhidas em casa, não saíam para brincar nas ruas. Os adultos evitavam passear e os pescadores deixaram de freqüentar o mar. Os vilarejos em alerta e vigília constante. Rezas e fogos de artifício, tudo era válido para afugentar as “luzes vampirescas”. Segunda semana de julho: o fenômeno adquiria contornos inusitados estendendo-se aos municípios da baixada maranhense de Pinheiro, São Bento, São Vicente de Ferrer e Bequimão.[350]

*O Estado do Maranhão*, de 17 de julho: “O aparecimento nos céus deste município (Pinheiro) de um OVNI está causando suspense e pânico entre a população e estimulando imaginações a ponto de haver quem afirme que o aparelho não identificado estonteia e retira o sangue com um jato de luz”.[351] O mesmo jornal, em 20 de julho: “Está definitivamente confirmada a presença nos céus da baixada de um estranho OVNI. A população de São Luís vai ter a oportunidade de confirmar isso quando vir o filme feito pelo cinegrafista da TV-Difusora. O OVNI que tem sido visto por milhares de pessoas dessa região e mais insistentemente entre Pinheiro e São Bento, é semelhante a um Y e emite uma chama na parte inferior. O ambiente é de generalizado temor e as pessoas não ousam sair à noite em face dos rumores de que o OVNI emite um jato luminoso de intenso calor”.[352] Em 27 de julho, o jornal informava que Coucima Gonçalves da Silva, residente no povoado Boa Vista, em Bom Jardim, cuidava dos afazeres domésticos quando foi atingida por um raio que a fez desmaiar. Internada na Casa de Saúde Santo Antônio, em Santa Inês, recuperou-se graças aos cuidados do médico Pedro Guimarães.[353]

---

[347] *Ibid*., p. 24-25.
[348] IDEM, *Vampiros extraterrestres na Amazônia*, Belém, Falangola, 1991, p. 13-14.
[349] IDEM, “O fenômeno ‘chupa-chupa’: OVNIs atemorizam o Estado do Pará”, in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, CBPDV, novembro-dezembro 1985, nº 5, p. 10.
[350] IDEM, *Vampiros extraterrestres na Amazônia*, Belém, Falangola, 1991, p. 17.
[351] “OVNI nos céus da Baixada”, in *O Estado do Maranhão*, São Luís, 17-7-1977, p. 1, c. 1.
[352] “Filmado objeto voador que atemoriza Baixada”, in *O Estado do Maranhão*, São Luís, 20-7-1977, p. 1, c. 1.
[353] “Objeto voador começa a atacar de dia”, in *O Estado do Maranhão*, São Luís, 27-7-1977, p. 2, c. 1.

O pânico e o medo instaurados mobilizaram a III Zona Aérea e as autoridades municipais — prefeitos e delegados de polícia —, que se pronunciaram a favor da existência dos aparelhos. Na última semana de julho, a própria polícia foi seguida por um OVNI no percurso entre o vilarejo de Paca e a sede do município de Pinheiro. O prefeito deste solicitou o auxílio da Aeronáutica. *O Liberal*, de 29 de julho, atestou que "O comunicado foi recebido e as autoridades providenciaram o envio do expediente do prefeito à Base Aérea de Recife, de onde seguiu ao Ministério da Aeronáutica".[354]

Os moradores, precavidos, se protegiam dormindo na companhia de parentes ou evitando sair à noite sozinhos. Por 2 meses, os ataques das luzes cessaram quase que completamente, transmitindo a falsa impressão de que haviam ido embora. As primeiras notícias do que Giese convencionou chamar de "segunda fase" vieram do vilarejo de Umbituba, no interior de Vigia, habitado por poucas dezenas de famílias que sobreviviam da pesca e da lavoura. O único contato com as outras vilas era feito através dos rios ou pelo estreito ramal na altura do km-32 da rodovia estadual PA-140.

A manchete de *O Liberal*, em 8 de outubro: "Bicho sugador ataca mulheres e homens em povoado de Vigia". A reportagem dizia que "Um estranho fenômeno vem acontecendo há várias semanas no município de Vigia, mais exatamente na vila Santo Antonio do Umbituba, a cerca de 7 km da rodovia PA-140. Um objeto foca uma luz branca sobre as pessoas imobilizando-as por cerca de uma hora, e suga os seios das mulheres, que ficam a sangrar. O objeto conhecido pelos moradores como 'bicho voador' ou 'bicho sugador' tem o formato de uma nave arredondada e ataca as pessoas (principalmente mulheres) desacompanhadas, apesar de ter atacado alguns homens também [...] Uma das vítimas foi a senhora Rosita Ferreira, casada, 46 anos, residente no Ramal do Triunfo, que teve o seio sugado pela luz dias atrás, por volta das 3h30min. Parecia tratar-se de um pesadelo, e sentia como se algumas unhas tentassem segurá-la".[355] Em 15 de outubro, *O Liberal* usava pela primeira vez o termo "chupa-chupa", que confere com a idéia de que os objetos sugavam a energia humana. A presença de OVNIs também foi uma constante na pequena colônia Coração de Jesus, interior do município de Vigia, e em regiões desde a Baixada Maranhense até a baía de Marajó (PA). Além de esferas luminosas foram observadas naves que lembravam helicópteros, pipas e peixes como as arraias.[356]

Na secular cidade de Bragança (PA), a presença de uma jovem solitária, de cabelos claros e pele branca, suscitava desconfianças. Ninguém sabia ao certo de onde vinha e o que fazia, a não ser que vivia isolada na ilha do Cajueiro, próxima do município de Augusto Corrêa (PA). A "hippie" costumava comprar grande quantidade de peixe no Mercado Municipal, geralmente entre 100 e 200 kg. "Para que tanto peixe, se ela vive sozinha?", perguntavam. O imaginário popular engendrava as mais fantásticas explicações: "Ora, vai ver que ela anda alimentando as criaturas dos aparelhos". Um dos pescadores que comercializavam no mercado, salientou que na ilha sucediam fenômenos inexplicáveis. Pescadores que ali se aventuraram observaram-na caminhando sobre as águas. Luzes brilhantes espocavam dentro da casa. Os jornais de Belém publicaram pequenas notas a respeito da "mulher dos peixes".[357] Os agentes do Serviço de Inteligência da Aeronáutica e da Marinha estiveram na ilha averiguando o caso, mas não elucidaram nada. Havia a suspeita de que ela era espiã, terrorista ou contrabandista de armas. Dentro da cabana abandonada encontraram somente um pequeno envelope aéreo proveniente da França, endereçado a "Elisabeth".[358]

---

[354] "Objeto voador misterioso apavora todo o Maranhão", in *O Liberal*, Belém, 29-7-1977, p. 12, c. 1; Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 30-31.
[355] Giese, Daniel Rebisso. "O fenômeno 'chupa-chupa': OVNIs atemorizam o Estado do Pará", in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, CBPDV, novembro-dezembro 1985, nº 5, p. 10.
[356] IDEM, *Vampiros extraterrestres na Amazônia*, Belém, Falangola, 1991, p. 35-38.
[357] *O Liberal* (10-7-1977) e *A Província do Pará* (11-7-1977).
[358] Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 20-22.

Todos os anos, no segundo domingo de outubro, Belém se transforma no maior centro religioso do país, com a procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. As festividades religiosas atraem milhares de fiéis de todas as partes do mundo, em especial do interior do Estado. Alguns peregrinos de Salgado e da zona Bragantina, onde estão os municípios de Vigia, Maracanã, Bragança, Viseu e outros, interpretaram as "luzes vampirescas" como "sinais do Apocalipse" ou "manobras do demônio".[359]

Os apavorantes fenômenos urgiam uma explicação, mas nenhuma autoridade parecia disposta a isso. A Universidade Federal do Pará, a exemplo de outras instituições acadêmicas, simplesmente fechou os olhos, numa atitude negligente e irresponsável. A Câmara Municipal de Belém, através dos vereadores Adamor Filho e Elói Santos, solicitou uma investigação imediata. A Aeronáutica preferia o silêncio, como atestou em 19 de novembro de 1977 *A Província do Pará*: "As autoridades aeronáuticas procuradas pela reportagem responderam que não há nada de oficial sobre o assunto, limitando-se laconicamente a essa resposta prudente...". A mesma reportagem publicava, pela primeira vez, uma fotografia mostrando as lesões causadas pelo "chupa-chupa" em Aurora do Nascimento Fernandes, uma jovem de 18 anos residente em Passagem Tabatinga, no bairro do Jurunas (Belém-PA). Por volta das 21 horas, uma forte luminosidade avermelhada acompanhada de uma corrente de ar frio atingiu Aurora, que lavava louça, deixando-a atordoada. Sentindo "furadas muito finas" em seu seio, caiu desmaiada. O médico que a examinou, Orlando Zoghbi, diagnosticou um quadro de histeria e pânico, alimentado pela psicose coletiva em torno do "chupa". Para ele, os ferimentos haviam sido auto-inflingidos pela própria paciente que contraíra as mãos em garra (sobre a mama) num ato instintivo de proteção à suposta investida do "chupa". Giese discordou do laudo, "haja visto que as feridas não possuíam configuração ungueal e as marcas eram concentradas e profundas (como biópsias), dentro de uma área pequena, não havendo vestígios de arranhões". Com as manchetes de 19 e 20 de novembro em *A Província do Pará*, as notícias cessam definitivamente e pouco se ouve falar a respeito. O quadro volta à "normalidade" e o povo permanece na ignorância, sem saber o que realmente ocorrera.[360]

A faixa litorânea que se estende de São Luís (MA) a Belém, agrupa inúmeras ilhas, algumas habitáveis, uma das quais se destacou no contexto do fenômeno: Colares (PA). Isolada do continente pelas águas do rio Guajará-Mirim, mantinha relativa proximidade com os municípios de Vigia e Santo Antonio do Tauá. O transporte fluvial ou marítimo viabilizava o comércio de pescado com os principais portos da região. Via terrestre, o acesso era feito pela rodovia estadual PA-238. Os veículos se deslocavam por 13 km de chão batido, até a asfaltada vila de Colares (sede do município).

A ilha, com 290 km$^2$, abrigava comunidades como Mocajatuba, Fazenda, Jaçarateua, Arari, Guajará e outras de difícil acesso. Parte da população exilou-se, temporariamente, em locais que ofereciam maior segurança. Os que permaneceram uniram forças contra os OVNIs. O delegado de Colares, Olímpio de Almeida Martins, declarou que: "Não dava para dormir direito por causa da zuada dos fogos de artifício que o povo lançava na tentativa de afugentar os objetos, que não eram poucos. Lembro-me de que vieram várias pessoas queimadas do interior da ilha". O prefeito Alfredo Bastos Filho confirmou: "Realmente não havia sossego, o povo estava assustado com aquela história do 'chupa-chupa'. Inclusive cheguei a ver uma das vítimas, dona Mirota, que foi atendida na Unidade Mista de Saúde". As famílias evitavam sair à noite e procuravam dormir na companhia de parentes ou amigos. Os homens montavam vigílias junto às fogueiras acesas nas ruas. Ante a aproximação do aparelho, batiam latas e detonavam fogos de

---

[359] *Ibid.*, p. 42.
[360] *Ibid.*, p. 45-47; IDEM, "O fenômeno 'chupa-chupa': OVNIs atemorizam o Estado do Pará", in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, CBPDV, novembro-dezembro 1985, p. 11.

artifício. Constatou-se que eles retornavam assim que as fogueiras e os fogos de artifício eram consumidos, depreendendo-se daí certa suscetibilidade às fontes de luz e calor.[361]

O grau de saturação atingiu níveis tão altos em determinadas regiões, que raramente passava-se uma noite sem a visita dos OVNIs. Um dos epicentros foi a baía do Sol, mais especificamente a ilha de Mosqueiro, de maior extensão geográfica, pertencente a capital Belém. O acesso a Mosqueiro ─ recanto turístico famoso pelas praias de água doce ─ era facilitado, quer por via rodoviária, quer fluvial. Os primeiros indicativos do fenômeno vieram de Tapiapanema, pequena comunidade isolada num dos braços do rio Pratiquara. *O Estado do Pará* de 1º de novembro de 1977, reportava que a grávida Sílvia Mara, 17 anos, fora atacada por "personagens que se aproximaram da casa portando objetos dourados ─ semelhante a lanternas ─ com os quais focavam as frestas da casa". Atingiram o braço esquerdo da moça, à altura do pulso: "As veias pareciam saltar do corpo, tão entumecidas ficaram". O marido Benedito Campos Trindade, 24 anos, também foi atingido por um foco de luz.[362] O casal ficou hospitalizado durante 3 dias na Unidade Mista, período em que Sílvia correu sérios riscos de abortar. Já Benedito, com as funções motoras afetadas, entrou em depressão e padeceu de crises freqüentes de choro.[363]

Durante o tempo em que esteve lotada na Unidade Sanitária de Colares, a médica Wellaide Cecim Carvalho[364] ─ nomeada pela Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará (SESPA) em 10 dezembro de 1976 ─ teve a oportunidade de tratar as vítimas dos OVNIs ─ além de ser ela própria uma testemunha do fenômeno. Giese entrevistou-a em 1984, obtendo um depoimento valioso. Em setembro de 1977, logo após a Semana da Pátria, Carvalho começou a ser procurada por moradores que se diziam atacados por uma luz que chamavam de "chupa-chupa". Aquilo que para ela não passava de crendice popular, tornou-se insistente. Quase que diariamente examinava lesões sem precedentes nos seus livros de medicina. "As queimaduras assemelhavam-se às produzidas pelas bombas de Cobalto. Na primeira fase havia uma intensa vermelhidão na área atingida (hipermia); posteriormente, os pêlos caíam (alopécia) e a pele descamava. Nesse estágio discernia-se dois pontos bem próximos, iguais a picadas de agulha (papilas locais)".[365] Calcula que medicou cerca de trinta e cinco vítimas ─ homens e mulheres de diferentes faixas etárias, e nunca crianças ─, quase todas atingidas nas regiões do tórax e da face.

A partir de meados de novembro, os casos se tornaram raros. Apesar disso, a população fugia em massa da ilha, aumentando o afluxo de ônibus. O delegado abandonou o posto; a Prefeitura e as escolas fecharam. Apenas o Posto de Saúde continuou funcionando. "A vila de Colares estava desolada. A população, histérica, não dormia à noite. Os que não eram atacados passavam mal com medo de serem vítimas do 'chupa-chupa'. Até eu procurei me ausentar da ilha. Pedi licença à Secretaria de Saúde, mas o pedido foi negado". Quase todos os sábados, o prefeito de Colares ia a Belém comprar pistolas e fogos de artifício. Distribuía o material aos moradores e mandava que juntassem latas. Ao cair da tarde, todos começavam a vedar os orifícios de suas casas, de modo a impedir a penetração dos raios do "chupa". O barulho das latas e das pistolas prosseguia até o amanhecer. Eis a ocasião em que a médica viu pessoalmente um OVNI: "Às 18 horas voltava com a minha empregada da casa de um paciente, quando ela começou a puxar minha roupa e a falar: 'doutora'... doutora'... De repente desmaiou. Olhei para o céu e presenciei a coisa mais linda e fantástica da minha vida: um cilindro voador emitindo uma luz clara, descrevendo movimentos espirais". A equipe da Aeronáutica chegou à ilha nos primeiros dias de outubro, em dois carros: "Havia entre dez a quinze oficiais, a maioria tenente,

---

[361] IDEM, *Vampiros extraterrestres na Amazônia*, Belém, Falangola, 1991, p. 48-55.
[362] "Disco voador ataca mulher. Pavor na ilha do Mosqueiro", in *O Estado do Pará*, Belém, 1-11-1977, p. 12.
[363] Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 60-63.
[364] Sanitarista e diretora do Departamento de Programas Especiais da Secretaria Municipal de Saúde de Belém.
[365] Durante sua permanência na Unidade Sanitária de Colares, a médica realizou exames de sangue em algumas das vítimas. Os resultados indicaram baixo teor de hemoglobina e redução do número de hemácias (Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 94).

com idades em torno dos 40 anos. Não eram paraenses e sim do sul do país. Estavam equipados com aparelhos sofisticados como câmeras fotográficas e telescópios. Montaram duas barracas: uma na beira da estrada e outra na praia. Andavam à paisana e entrevistavam todo mundo. Eu o padre fomos os primeiros a prestar depoimentos, debaixo de muito sigilo: 'Por favor, me descreva... não diga nada a ninguém...'. A população não podia chegar perto dos acampamentos e à noite escutava ruídos de câmeras e filmadoras. Em 11 de novembro pedi transferência à cidade de Ourém (PA), onde tratei de duas pessoas queimadas pela luz".[366]

A ostensiva invasão do espaço aéreo e a pressão dos prefeitos dos municípios conflagrados, instaram a intervenção da FAB. O QG do Primeiro Comando Aéreo Regional da Aeronáutica (I Comar), sediado em Belém, acionou a 2ª Seção (A-2), responsável pelo serviço de informações, exigindo um relatório completo que obedecesse três diretrizes: "1) O fenômeno deverá ser analisado profunda e objetivamente; 2) Todas as informações deverão ser investigadas e selecionadas, conforme o grau de importância; 3) Pronunciamentos e comentários públicos deverão ser evitados". A 2ª Seção destacou duas equipes de sub-oficiais, cada qual composta por quatro a seis homens distribuídos em pontos estratégicos e munidos de equipamentos adequados ─ binóculos, câmeras, teleobjetivas, filmadoras super-8 e rádio-transmissores ─ para um perfeito registro dos fenômenos. Helicópteros tipo Bell eram usados para o deslocamento das equipes em regiões de difícil acesso.[367]

Objetivava-se colher o maior número possível de dados, razão porque as equipes selecionavam áreas endêmicas onde mantinham postos fixos de observação ─ junto a vilarejos, às margens dos rios ou no interior da selva. No início de novembro, concentraram-se em diversos pontos da ilha de Colares; em dezembro, na baía do Sol e no rio Guajará (município de Ananindeua-PA), este último palco de um contato imediato do terceiro grau.

No dia 2, Domingos Pereira Rodrigues, seu irmão Luís e Marcos Sebastião, que trabalhavam na Olaria Keuffer, se dirigiram às margens do rio em busca de barro. O nível baixo das águas impediu o barco de retornar ao porto de origem. Com a chegada da noite, Luís resolveu caçar, munido de uma velha espingarda. Subiu em um mutá,[368] armado ao lado de uma árvore frondosa, e ali ficou aguardando. Por volta das 20 horas, Luís foi surpreendido por um clarão tão intenso quanto o nascer do sol. Dentro da luz abriu-se uma "porta", através da qual uma criatura envergando roupa colante ─ parecida com a dos mergulhadores ─ saiu flutuando e lançou um raio luminoso na direção de Luís, que correu de volta ao barco, gritando pelos seus companheiros. Estes, ao verem que se tratava do aparelho, abandonaram a embarcação e se esconderam na várzea. O incidente chegou ao conhecimento da Aeronáutica que, impressionada, manteve um posto de observação por duas semanas no local.[369]

A maioria das fotos do I Comar foram justamente obtidos nas adjacências de Colares, da baía do Sol e do rio Guajará. Empregaram-se filmes preto e branco de alta sensibilidade (ISO-400 e ISO-1000), infravermelhos capazes de captar fontes térmicas invisíveis, e cerca de 100 m de películas super-8 coloridas. As câmeras fotográficas (Minolta e Nikon), adaptadas a tripés, eram dotadas de objetivas com zoom (100-200 mm) e teleobjetivas de grande alcance, permitindo a produção de cerca de trezentas fotos por noite.[370] Algumas imagens mostram uma

---

[366] Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 74-84.
[367] *Ibid*., p. 110-111.
[368] Pequena armação de paus suspensos, feito no mato ou à beira d'água, usada para auxiliar a caça ou a pesca.
[369] Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 111-113.
[370] Cinco fotos sigilosas (uma sexta não foi incluída por falta de nitidez) foram pela primeira vez publicadas na revista *Ufologia Nacional & Internacional* ("Documento: fotos de OVNIs da Força Aérea Brasileira (FAB)...", Campo Grande, CBPDV, julho-agosto 1995, nº 3, p. 10-11). Novas fotos foram publicadas na edição nº 2 da coleção *Temas Avançados* (Campo Grande, CBPDV, março 1991, p. 11-14), vinculada à *PSI-UFO*. A sua obtenção e popularização se deveu a três ufólogos: André Gondim, Daniel Rebisso Giese e Antonio Jorge Thor, que contaram com a ajuda sub-reptícia de oficiais do Comar de Belém (PA). Notadamente, o verso das referidas fotografias trazia

intensa luz difusa em torno dos objetos, enquanto em outras apenas os contornos são discerníveis. Naves-mãe aparecem liberando objetos menores, que por sua vez surgem voando em conjunto, entrando e saindo de nuvens. Especialistas do Centro de Investigação e Segurança da Aeronáutica (CISA), de Brasília, igualmente estiveram em Belém. Relatórios e fotos, devidamente classificados, seguiram para o EMA, na capital federal.[371]

A Operação Prato, assim alcunhada numa alusão ao formato dos discos voadores, estendeu-se por 3 meses (outubro a dezembro), resultando num documento final de aproximadamente 500 páginas compreendendo centenas de fotos, desenhos, mapas, reportagens jornalísticas e dados complementares. Cinco filmes de curta-metragem (8 mm) evidenciam cabalmente a existência concreta do fenômeno.[372] Em princípio, os membros da comissão pensaram em tornar público o documento. Todavia, circunstâncias históricas desfavoráveis — o momento político não era propício, perdurava a censura e a repressão do regime militar, etc. —, somadas ao fato de que as conclusões não eram 100% satisfatórias — as Forças Armadas não pretendia expor-se à incompreensão e à ironia de setores oposicionistas, principalmente radicais de direita e de esquerda —, impediram a abertura.[373]

O sigilo foi quebrado por um informante do Comar de Belém, que passou parte dos documentos a Giese, que por sua vez os repassou a Gevaerd, que optou por publicá-los em sua versão original, na forma de *fac-símile*, na edição nº 2 da revista *UFO Documento*, de agosto-setembro de 1991. Transcreveremos aqui alguns trechos no intuito de fornecer uma amostra de seu eloqüente conteúdo:

"Cumprindo determinação da chefia do A2, a equipe de operações, constituídas pelos agentes 1S MT Flávio,[374] 2S HAV Almeida e 3S DT Pinto, deslocou-se para cobrir a área dos municípios de Vigia, Colares e Santo Antonio do Tauá, percorrendo diversas localidades e povoados, com o objetivo de: através de busca intensiva de informações, aliada às observações e registros (cine-fotográficos) efetuados pelos elementos da equipe, esclarecer o que de real existe sobre os aparecimentos e movimentação, em nosso espaço aéreo inferior, dos chamados OVNIs, vulgarmente denominados de 'luz', 'objeto', 'aparelho', 'bicho', 'chupa-chupa' [...], e abreviado pela gente simples do interior como 'chupa'. A equipe ouviu testemunhas oculares e pessoas que se dizem 'atingidas' por um 'foco de luz' proveniente de um corpo luminoso de origem e características desconhecidas; as pessoas são de diferentes níveis culturais (pescadores, lavradores, médicos, aviadores, padre e físico)".

"Local: Santo Antonio do Tauá-PA. Testemunha: Manoel Espírito Santo; idade: 20 anos; instrução: primária. Data/hora da ocorrência: 12-10-77, às 23h30min. Encontrava-se em frente a sua residência juntamente com alguns amigos (Júlio, Paulo, Deca e Carlito), quando percebeu uma luz amarelada que se deslocava no sentido E/W (nascente/poente), diminuindo a velocidade e quase parando a cerca de 20 m do grupo; disse que percebeu então que a 'luz' era tripulada por dois elementos de aparência humana, sendo que o 'homem' ocupava o lado esquerdo e a mulher o lado direito do 'aparelho'. Ambos portavam óculos (formato diferente) e equipamento de intercomunicação; o elemento da esquerda levou as mãos aos 'óculos' como se observasse mais atentamente ao grupo de pessoas; no mesmo instante o outro, através de um tubo existente na lateral, dirigiu um feixe luminoso de cor vermelha em direção ao grupo; tendo sido atingido diretamente, sentiu um forte abalo (como choque elétrico), dos pés a cabeça; sobreveio então a

---

um carimbo prevenindo eventuais violações militares: "Confidencial: Toda e qualquer pessoa que tome conhecimento de assunto sigiloso, fica, automaticamente, responsável pela manutenção de seu sigilo (Art. 12, do Dec. nº 79.099, de 6-1-77, regulamento para salvaguarda de assuntos sigilosos)".

[371] Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 113-114.

[372] *Ibid*., p. 110-111.

[373] *Ibid*., p. 116.

[374] Suboficial João Flávio de Freitas Costa.

paralisação (imobilidade dos membros inferiores e superiores) e semi-inconsciência. O aparelho afastou-se gradativamente aumentando a velocidade. Manoel voltou a movimentar-se, sentindo-se, porém, como que entorpecido durante alguns minutos".

"Local: Santo Antonio do Tauá-PA. Testemunha: Alzira Farias de Campos; idade: 55 anos; instrução: primária. Data/hora da ocorrência: 13-10-77, às 23h30min. Alzira, ao sair para o quintal de sua residência, notou uma grande luminosidade que vinha do alto por sobre uma mangueira (20 m); assustou-se e correu para o interior da residência, tendo antes sido atingida em sua perna esquerda por um 'foco' de luz avermelhada, caindo por cima de um banco existente na cozinha; que sentiu a partir de então um amortecimento progressivo, como um calafrio que percorreu seu corpo dos pés a cabeça; foi socorrida por sua filha; posteriormente sobreveio dor de cabeça, tremores e dormência no corpo que duraram uns 8 dias.".

"Local: Colares-PA. Testemunha: Wellaide Cecim Carvalho; idade: 24 anos; instrução: superior, médica, clínica geral. Data/hora: 15 e 22-10-77, às 18h30min e 19h30min. Wellaide afirmou ter visto e observado nos dias e horas respectivamente citados, objeto luminoso (brilho metálico), fazendo evoluções sobre a parte frontal da cidade (praia do Cajueiro), a baixa altura (100 m), a uma distância estimada de 1.500 m, sem produzir o mínimo ruído. Descreveu os objetos assim: forma cônica-cilíndrica (parte superior mais estreita), tamanho aparente em função da distância, 3 m de comprimento, por 2 m de diâmetro; movimentando-se de maneira irregular (posição vertical em função do seu eixo longitudinal); balanceios laterais acentuados, entretanto vez ou outra efetuava ligeiras paradas e dava uma volta sobre si mesmo. Disse ter observado nitidamente, estando na ocasião em companhia de outras pessoas em frente a unidade hospitalar local. Entrevistada por elementos da equipe, entre outras coisas disse que: Afim de preservar sua reputação ética profissional, deixou de fazer uma comunicação mais completa com referência às pessoas que se dizem atingidas por um 'foco de luz' de procedência desconhecida (quatro casos que atendeu). Disse que, além de crise nervosa, seus pacientes apresentavam outros sintomas [...]: cefaléia, astenia, tonturas, tremores generalizados, queimaduras de 1º grau, bem como marcas de micro-perfurações. De acordo com o sexo, os homens no pescoço (jugular) e as mulheres no seio (só um caso). Pediu reservas ao externar sua opinião pessoal....".

"Obervações equipe A2. Local: Santo Antonio do Ubintuba. Data/hora: 22-10-77, às 19 horas. Observados dois corpos luminosos deslocando-se em altitude superior, acima de 35.000 ft, trajetória regular, movimento uniforme, no sentido W/E, distância aparente de 3 m entre os elementos, seguiam rota paralela com um dos elementos ligeiramente recuado".

"Data/hora: 1-11-77, às 19 horas. Colares. Pela primeira vez, elementos da 2ª Seção observaram a baixa altitude (6.000 a 9.000 ft), o deslocamento de um corpo luminoso ('luz') à distância de 4.000 m (visão inicial), com tamanho aparente estimado em 2 cm; cor amarelada, brilho e intensidade variável (farol quarto-iodo). No início como uma estrela brilhante, diferente porém por emitir lampejos compassados, de cor azul-violeta, vôo picado em suave curva para a esquerda, cruzando na vertical a 4.500 ft, sendo seu tamanho aparente estimado em 8 cm. [...] À meia distância notava-se uma cúpula (semi-círculo) muito fina sobre a parte superior. A passagem durou aproximadamente 45 segundos (1S Flávio)".

O oficial que estruturou, organizou e comandou a Operação Prato foi o coronel Uyrangê Bolivar Soares Nogueira de Hollanda Lima. Em setembro de 1997, aos 57 anos, aposentado (desde 1992) e na reserva, revolveu finalmente sair do silêncio forçado de duas décadas.[375] Não

[375] Em 2 de outubro de 1997, poucas semanas depois de conceder a entrevista, o coronel Uyrangê foi encontrado morto em seu apartamento, num aparente suicídio. Assim que souberam da tragédia, os ufólogos procuraram os familiares para obterem esclarecimentos, mas estes haviam viajado, e não quiseram ou nada puderam dizer. Até o momento, não se sabe ainda as circunstâncias que cercaram o suposto suicídio. Que motivos teria o coronel Uyrangê para tirar a própria vida? Casado pela segunda vez, com uma boa aposentadoria, vivendo à beira-mar em Cabo Frio?

tomou tal atitude por acaso. Hollanda vinha acompanhado a revista *UFO* desde seu lançamento em 1985 (época em que ainda se chamava *Ufologia Nacional & Internacional*). Em 1988, na busca de informações sobre a Operação Prato, Gevaerd e sua equipe contataram-no em Belém. Ao ensejo, Hollanda os recebeu com formalidade em seu posto no I Comar, sem declinar nada. No início da década de 90, já prestes a aposentar-se, encontraram-se casualmente, trocando poucas idéias. Em setembro de 1997, Hollanda e alguns consultores da revista *UFO* estiveram no programa *Fantástico*, da Rede Globo, que na ocasião produzia uma matéria sobre o sigilo imposto pelos governos. Hollanda sentiu então que o momento era propício para falar. Na segunda-feira seguinte ao programa, telefonou colocando-se a disposição da revista.

Sem temer eventuais punições por parte de seus superiores, desafiou: "Estou na reserva, cumpri minha missão para com a Aeronáutica. O que eles podem fazer? Me prender? Duvido!". Gevaerd e Marco Antonio Petit entrevistaram-no em seu luxuoso apartamento à beira-mar, em Cabo Frio, litoral do Rio de Janeiro.[376] Hollanda teve a oportunidade de não apenas conhecer a fundo o fenômeno, mas de viver ele próprio dezenas de experiências à curta distância. Em 36 anos de atividades militares, desempenhou funções de vão de coordenador de Operações Especiais na Selva a chefe do Serviço de Intendência do I Comar e chefe do Serviço de Operações de Informação (A2). Admitiu que "a Operação Prato tinha o objetivo de desmistificar as aparições na Amazônia. Eu mesmo era céptico a respeito disso. Mas depois de algumas semanas, quando os OVNIs começaram a aparecer de todos os lados, enormes ou pequenos, perto ou longe, não tive mais dúvida".

Ao chegar em Brasília, já havia agentes sendo enviados ao norte para investigar as ocorrências que há tempos atormentavam. "O prefeito de Colares mandou um ofício ao comandante do Comar notificando que os OVNIs atacavam os pescadores. Alguns não conseguiam mais exercer suas profissões. Os moradores não dormiam em paz. Em vigília, acendiam fogueiras e soltavam fogos para afugentar os invasores. Diante desse quadro, o brigadeiro incumbiu-me da missão".

Quando a Operação foi concebida, Hollanda fazia um curso em Brasília, apesar de estar lotado em Belém. Retomando o posto, apresentou-se ao chefe da 2ª Seção do Comar, o coronel Camilo Ferraz de Barros, que perguntou-lhe se acreditava em discos voadores. "Foi meio de surpresa. Eu nem sabia que o assunto andava sendo pesquisado. Quando respondi que sim, ele falou: '...então você está encarregado deste caso', e me deu uma pasta com o material. Era o início da Operação, que ainda não tinha nome". Hollanda resolveu batizá-la de Operação Prato porque o Brasil era o único país no mundo a chamar o OVNI de disco voador. Em francês é *soucoupe volante* (pires). Os portugueses o chamam de prato voador. Na Espanha é *platillo volador*. Até em russo é prato, e não disco. "E como nas Forças Armadas costumamos atribuir códigos às operações secretas, nesse caso não podia ser diferente. De qualquer maneira, não poderíamos chamá-la de Operação Disco Voador".[377] Designou-se uma equipe, chefiada por Hollanda, composta de cinco agentes, todos sargentos, que trabalhavam na 2ª Seção do Comar, e vários informantes. "Às vezes eu dividia a equipe em duas ou três posições diferentes na mata. Ficávamos em permanente contato uns com os outros através do rádio".[378]

Lograram obter um total de mais de quinhentas fotos. Gastaram dezenas de rolos de filmes, uma caixa de papelão cheia deles. Milton Mendonça, perito em fotografia e cinegrafista da TV Liberal de Belém, tornou-se um colaborador essencial, participando de algumas vigílias e

---

Justamente ele, que acabara de resolver contar tudo o que sabia para os ufólogos? Quis ele deixar seu depoimento como um legado, já planejando matar-se em seguida? Ou teria sido uma "queima de arquivo"?

[376] Gevaerd, A. J. & Petit, Marco Antonio. "Coronel rompe silêncio sobre UFOs", in *UFO*, Campo Grande, CBPDV, outubro 1997, nº 54, p. 16-27; "Os resultados da Operação Prato", in *UFO*, Campo Grande, CBPDV, novembro 1997, p. 46-52.

[377] Gevaerd, A. J. & Petit, Marco Antonio, op. cit., p. 19.

[378] *Ibid*., p. 20.

instruindo-os acerca do modo correto de usar filmes infravermelhos, ultravioletas, etc. “Tínhamos máquinas fotográficas Nikon profissionais, com teleobjetivas de 300 a 1.000 mm. Era um terror trabalhar com elas, por causa do foco, rapidíssimo. Qualquer ‘bobeada’, qualquer movimento em falso, e perdíamos os OVNIs”.[379] A incidência do fenômeno era diária e chegaram a classificar nove formas de objetos, desde sondas a naves-mãe de onde saíam objetos menores, tudo devidamente filmado.[380]

A população nada sabia sobre a Operação, embora visse os militares circulando. Alguns sabiam que existia uma Operação, só não sabiam o nome. “Outras sabiam de pequenos detalhes, como o fato de eu ser capitão, ou de fulano ou sicrano ser sargento, mas ninguém sabia dos resultados da missão. Apenas desconfiavam que estávamos investigando. Só!”.[381] Hollanda tinha amigos no SNI, que, se por lado não tomaram parte na Operação, por outro chegaram a acompanhar algumas missões. “Os agentes eram nossos conhecidos, manifestavam curiosidade, por isso iam conosco. Quando pediram para ir, eu disse que não havia problema, desde que autorizados por seu superior (o chefe do SNI em Belém era o coronel Filemon)”.[382] Hollanda foi bastante assediado pela imprensa. “No entanto, não podia falar nada na época, tinha obrigações militares. Quatro meses depois, a Aeronáutica interrompeu a Operação. O comandante, o brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira, ficara satisfeito com os resultados e não me competia julgar se isso era certo ou errado”.[383]

Em meados de agosto de 1997, Gevaerd enviou reservadamente à alguns consultores da revista *UFO* – no qual me incluo – cópias de documentos (incluindo mapas, croquis e desenhos) inéditos da Operação Prato. Nos informes e relatórios constam os nomes de João Flávio de Freitas Costa (chefe da equipe A2) e Uyrangê Bolivar Soares Nogueira de Hollanda Lima. Transcrevo aqui um deles: “Local: Colares - PA. Latitude: 00º 52’40’S. Longitude: 048º 31’00’W. Data: 23-11-77. Hora estimada: 21h30min/22h30min. Condições meteorológicas: céu claro. Relato 59A - CL 8 - F 44 (Antonio Ferreira, 35 anos, alfabetizado, pintor). Objeto Aéreo (não era avião), de forma oval-cilíndrica, cor vermelha e brilho metálico na parte superior; deslocava-se com grande velocidade (maior que a de um avião à jato), no sentido SE/NE, a baixa altura (1.000/1.200 m), passando à distância de 1.500 m do observador; media aproximadamente 1 m de comprimento por 50 cm de largura (diâmetro); movimentava-se de maneira irregular (o que chamou a atenção do relator); tal qual uma folha ao vento, parava rapidamente, girava e se deslocava com velocidade, como se recebesse impulsos; após efetuar várias evoluções, aumentou sua velocidade e em linha reta desapareceu para o lado do nascente, um pouco para o norte (NE). NB - O relator se encontrava sozinho, mas acredita que outras pessoas também viram o objeto”.

O perfil psicossocial e econômico dos moradores da região foi traçado por João Flávio de Freitas Costa em novembro de 1977: “A região onde os corpos luminosos de origem desconhecida apareciam tinha por habitantes pessoas de nível cultural, sócio-econômico e sanitário dos mais baixos, facilmente influenciáveis por crendices e pelos meios de comunicação. As próprias autoridades permitiam e estimulavam abusos, tais como a queima de fogos (pistolas e foguetões) e o consumo desregrado de bebidas alcóolicas. Para agravar o quadro, essas mesmas autoridades se omitiam de seus deveres comunitários, negando apoio e deixando de orientar corretamente os menos esclarecidos”. A cidade de Colares sucumbiu à histeria coletiva. Os moradores, impressionados com as luzes, não dormiam, não pescavam (principal atividade econômica da região) e ainda se afundavam no álcool, gastando os parcos recursos em fogos e bebidas. Do cair da noite ao alvorecer, fogueiras eram acesas, faziam-se procissões, detonavam-

[379] *Ibid*., p. 23; 26.
[380] *Ibid*., p. 26.
[381] *Ibid*., p. 24.
[382] *Ibid*., p. 24.
[383] *Ibid*., p. 17.

se fogos e disparavam-se tiros a esmo, tudo para assustar "o inimigo" desconhecido. Ouvia-se gritos de pavor e em seguida a notícia: o "aparelho" atacou fulano de tal.... As vítimas eram acometidas de forte crise nervosa, associada ao amortecimento progressivo das partes atingidas, a imobilização parcial ou total, perda da voz, calafrios, tonturas, calor intenso, rouquidão, taquicardias, tremores e cefaléia. O chefe da equipe A2 sugeriu medidas para reverter o quadro de desagregação social: "Caso a atual situação perdure ou se agrave, prevemos problemas de várias ordens, inclusive a auto-eliminação por parte dos mais fracos de espírito [...] As seguintes medidas poderiam ser tomadas: proibição da venda de fogos de artifício e bebidas alcóolicas; orientação quanto a maneira de manter vigilância, ou seja, com objetividade e racionalidade; divisão e distribuição dos grupos — de no máximo dez homens — em zonas bem determinadas. Em Ubintuba, Campo Cerrado, Vila Nova e outros vilarejos menores, a situação é praticamente idêntica, com uma vantagem: as famílias procuram reunir-se em uma só residência. É a solidariedade em função da necessidade. Levando palavras de conforto e tranqüilidade, a equipe mostrou àquela população simples que não estavam abandonadas à própria sorte. Isso lhes foi benéfico". Colares, onde a presença militar se fez mais demorada e insistentemente, exibia uma "nova atmosfera" em novembro de 1977. A maioria aprendera a conviver com o fenômeno. "Talvez nossas palestras tenham ajudado", reivindicou Freitas Costa, reconhecendo estupefato que as luzes continuavam a aparecer, e, o que era mais surpreendente, obedecendo horários determinados. O suboficial concluiu por fim que "A existência e presença na região de objetos voadores (luzes não identificadas) é patente [...] movimentam-se em altitudes e direções variadas e efetuam manobras complexas, indicando uma direção inteligente. Nossa certeza está apoiada em observações pessoais e em relatos de testemunhas confiáveis".

Os boatos, na maioria das vezes, antecipam-se aos fatos. Segundo alguns, extraterrestres teriam sido capturados após a queda de um disco voador no km-36 da rodovia Estadual Acará-Moju. Chegou-se inclusive a acreditar que os OVNIs integravam um programa secreto japonês de contrabando de sangue.[384] Para outros, os fenômenos deviam-se às operações do Projeto Radam. De concreto, temos a lembrar que em agosto de 1977 inaugurou-se a primeira etapa das obras da hidrelétrica Curuá-una, a 70 km de Santarém. O jornalista Álvaro Martins selecionou três explicações plausíveis: Os OVNIs eram aparelhos de sondagem petrolífera pertencentes a Petrobrás, artefatos secretos militares ou, conforme os moradores de Viseu, "artifícios utilizados por contrabandistas internacionais — comandados por agentes franceses operando sigilosamente junto à ilha do Meio e às margens dos rios Umurajó e Emborai (PA) — para afugentar curiosos das áreas de extração de areia monazítica".[385] Giese rebateu Martins, argüindo que apenas os RPVs, na época desconhecidos das autoridades locais e restritos a umas poucas potências militares, é que seriam capazes de gerar tamanhas confusões. "O contrabando de areia monazítica por agentes estrangeiros também não foi confirmado".[386]

Analisando detidamente os relatos, depreendemos, em discordância a Giese, que a quase totalidade dos OVNIs correspondem ao feitio de armas secretas norte-americanas. Portanto, não descartamos que testes estivessem sendo conduzidos justamente nessa área remota e desolada do Brasil — haveria lugar mais perfeito para tanto? — sob a fachada extraterrestre. Além de esferas luminosas, muitos reportaram naves em forma de helicópteros, pipas, peixes e arraias. O colono Oswaldo Pinto de Jesus, 45 anos, do pequeno vilarejo Coração de Jesus, interior de Vigia, no final de outubro de 1977: "Na época do 'chupa', a gente ouvia muita conversa sobre o tal

[384] Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 35.
[385] O Pará é um Estado riquíssimo em minérios. Na serra dos Carajás há uma reserva de ferro calculada em 18 bilhões de toneladas, com teor de pureza de mais de 60%, além de cobre (1 bilhão de toneladas), manganês (56 milhões), bauxita, níquel e ouro. O Estado possui reservas de cassiterita, calcário, chumbo, molibdênio e talco. No Médio Amazonas, a Petrobrás descobriu uma das maiores bacias de sal-gema do mundo, que se estende de Montes Claros ao Estado do Amazonas.
[386] Giese, Daniel Rebisso, op. cit., p. 42-44.

aparelho que andava rondando a vila de Santo Antonio de Umbituba, até que apareceu em Coração de Jesus. Na madrugada de um fim de semana, minha mãe (Maria Assunção) viu o aparelho e nos chamou. Aquilo voava devagar, sem fazer barulho. Visto de baixo parecia um helicóptero. Tinha muitas luzes coloridas na cauda e um foco bem forte na ponta. Como se notasse a nossa presença, o objeto apagou as luzes e desapareceu na escuridão".[387] Anexo ao relatório da Operação Prato, consta o desenho de Carlos Avad de um OVNI triangular (idêntico aos "aviões invisíveis" tipo B-2) que ele avistara sobre a praia do Arariá, em Santarém (PA).

Às vésperas do Carnaval de 1982, na madrugada de segunda-feira, 8 de fevereiro, o Boeing 727 da Viação Aérea de São Paulo (VASP), vôo 169, decolou do aeroporto Pinto Martins, em Fortaleza, com destino a São Paulo. Decorridos exatos 82 minutos, às 3h12min, sobrevoando os arredores de Petrolina e Bom Jesus da Lapa, sul da Bahia, à altitude de 10 mil m e velocidade de 975 km/h, o comandante Gerson Maciel de Britto[388] avistou à esquerda "uma sinalização luminosa". Surpreso, contatou o Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (Cindacta) de Brasília, que não detectara tráfego na rota assinalada. O objeto emitia luzes em tons variados — vermelhas, alaranjadas, azuis e brancas.

Os comandantes de um Boeing das Aerolineas Argentinas, com o mesmo prefixo (169) da VASP, e de um jato da Transbrasil, de prefixo 177, entraram na freqüência informando que também testemunhavam o fenômeno. Sobre Belo Horizonte, o OVNI atingiu o ápice da aproximação, sendo detectado pelos radares de Brasília. "O controlador notificou que captara um objeto a 8 milhas da nossa aeronave, ambos no quadrante 9 horas". Leitor contumaz de revistas de ufologia, essa era a quarta vez que Britto vivenciava uma experiência do gênero. No segundo semestre de 1978, ao decolar de Belo Horizonte, ele e os pilotos de um jato da Panamerican, da Transbrasil e de um *learjet* da Líder, avistaram uma luz semelhante. Por esse motivo, estava "psicologicamente preparado". Com insistência, tentou estabelecer uma comunicação, piscando alternadamente os faróis, mas não foi correspondido.

Avisados por Britto, os cento e quarenta passageiros disputavam alvoroçadamente as janelas. Apenas três não se levantaram das poltronas: dom Aloísio Lorscheider, cardeal-arcebispo de Fortaleza, dom José Terceiro, bispo-auxiliar de Fortaleza, e dom Milton, bispo de Crato (CE). "O comandante falou de um objeto nos seguia, pelo lado esquerdo. Como eu estava do lado direito, quase dormindo, pensei: deixa esse disco voador para lá", declarou Lorscheider, que rumava a Itaici para participar da 20ª Assembléia-Geral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Ao desembarcar, fugiu ao assédio da imprensa e se recolheu a um dos apartamentos do mosteiro, onde descansou por recomendações médicas (cardíaco, Lorscheider já havia implantado uma ponte de safena). A passageira Silésia Barbosa Paes del Rosso, por sua vez, foi a que mais se deslumbrou, tendo feito a seguinte descrição aos jornalistas aglomerados no aeroporto de Congonhas: "O objeto lembrava um lustre achatado, virado para cima, e brilhava como uma dessas lâmpadas de vapor de mercúrio que iluminam as vias públicas".[389]

O OVNI acompanhara o Boeing durante 1 hora e 25 minutos. Três minutos antes da escala programada na pista 14 do aeroporto do Galeão, Britto viu o OVNI pela última vez, alertando a torre. Uma esquadrilha da FAB decolou imediatamente da base aérea de Santa Cruz (zona oeste do RJ), sem resultados. Antes de seguir para São Paulo, o comandante foi informado de que há 2 dias uma luz estranha vinha sendo observada e que por isso os caças estavam em *standby*, prontos para qualquer eventualidade. Mílton Missaglia e Mário Pravato, comandantes do Boeing 727/100 da Transbrasil, que fazia a rota Manaus-Rio de Janeiro, com escala em

[387] *Ibid*., p. 38.
[388] Então com 45 anos de idade, era piloto há 30 anos e funcionário da VASP desde 1960 (na qual acumulou uma experiência de cerca de 17 mil horas de vôo).
[389] 9-2-1982: "OVNI segue Boeing da VASP da Bahia até o Rio", in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro; "OVNI é visto de três aeronaves", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo; "Objeto Voador Não Identificado", in *Jornal da Tarde*, São Paulo.

Brasília, confirmaram Britto. Missaglia, 30 anos, voava há 10 pela empresa e acumulava 8 mil horas de vôo. "Era uma viagem de classe econômica e tudo transcorria normalmente até que passamos a observar aquele objeto luminoso sobre Belo Horizonte. De início, pensei que se tratava do planeta Vênus. Porém, mudei de opinião ao saber que o Centro de Radares de Brasília detectou o ponto a 8 milhas do Boeing da VASP". Pravato, 36 anos e 10 de Transbrasil: "Ouvimos com clareza cinco (termo usado na aviação para designar um som nítido e perfeito), a comunicação do comandante da VASP com Brasília".

"Equilibrado psicologicamente, [...] sem criar tumulto ou atropelo, conclamei o restante da tripulação e os passageiros à presenciarem aquela aproximação do OVNI, em todo o seu esplendor [...] coincidentemente ou não, o Cindacta detectou um ponto na posição nove (9) horas e há oito (8) milhas da nossa aeronave", escreveu Britto em seu relatório de vôo (169/0802-10/2/1982) encaminhado ao comandante Wladimir Vega, gerente do Departamento de Operações da VASP. O comandante da base aérea de Santa Cruz, coronel Luís Carlos Picorelli, negou através do Serviço de Relações Públicas que algum jato da esquadrilha tivesse levantado vôo na madrugada de segunda-feira.[390] Em 4 de fevereiro, um outro Boeing, desta vez da Swissair, Linhas Aéreas Suíças, havia sido seguido de perto por um OVNI. Tal fato jamais chegaria ao conhecimento público não fosse o esforço de ufólogos europeus, em especial do major dinamarquês Hans C. Petersen, amigo de Britto na Dinamarca.[391]

Oficiais do Comando Aéreo de Belém, impressionados com a repercussão internacional do caso, resolveram levar Britto para conhecer aquelas instalações. Introduzido em uma das salas, exibiram-lhe horas de filmagens espetaculares e deixaram que examinasse fragmentos de OVNIs. Quem eram esses oficiais? Ninguém menos do que dois veteranos em ufologia: o suboficial João Flávio de Freitas Costa, chefe da equipe A2 da Operação Prato, e o coronel Uyrangê Hollanda, chefe do Serviço de Intendência do I Comar e chefe do Serviço de Operações de Informação. Britto: "Durante o vôo 282 com destino a Belém do Pará, fui procurado na cabina de comando por um senhor de nome 'Flávio', portando uma credencial. Confidenciou-me ser egresso da FAB, onde desempenhara a função de controlador de vôo no Cindacta, e que agora fazia parte de um grupo de pesquisas ufológicas sediado em Belém (I Comar), integrado por oficiais, sub-oficiais, sargentos e especialistas de diversas áreas, tais como fotógrafos, cinegrafistas, topógrafos, etc. Possuíam um arquivo sem igual, que incluía desenhos, fotos, filmes em super-8 e laudos de laboratórios fotográficos. Nessas imagens, naves-mãe apareciam liberando naves menores que efetuavam uma espécie de reconhecimento do leito do rio Amazonas, sem falar de tantas outras coisas que soavam fantasiosas e inacreditáveis. Ao menos uma vez por mês, realizavam pesquisas de campo em locais como a 'enseada do sol', no desaguadouro do rio Amazonas. Flávio trazia um convite do grupo, em nome de um tal de major Hollanda, para que eu comparecesse a uma das reuniões secretas. Bastaria que indicasse a data e convocariam os demais. [...] No dia estipulado, o valoroso major Hollanda disse que todos acompanharam com atenção o meu caso, só não interferindo porque a farda os impedia. Em compensação, iriam mostrar os trabalhos até então feitos pelo grupo. Trouxeram-me três volumes, cada qual com 10 cm de altura. Fiquei perplexo. Os documentos estavam meticulosamente organizados em seqüência cronológica. As fotos e os filmes, acompanhados dos dados técnicos respectivos – abertura do diafragma, fotômetro, distância, luminosidade, etc. Havia fotos de marcas no solo, de OVNIs pousados nas margens e de tantas outras coisas incríveis [...] Destarte, o que me deixou mais feliz foi o que revelaram ao término da reunião: 'Além da farda, existe o zelo do caráter e da dignidade humana, por isso não poderíamos deixar

[390] "Outros dois pilotos viram objeto voador", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10-2-1982.

[391] O documento da Swissair leva o carimbo "Confidencial", o que fala por si só (Britto, Gerson Maciel de. "Caso VASP, vôo 169: um avião, seus tripulantes e passageiros tomam contato real com emissários de civilizações extraterrestres", in *Ufologia Nacional & Internacional*, Campo Grande, CBPDV, abril 1986, nº 8, p. 14.

de tranquilizá-lo em meio a esse conflito de opiniões. Existe em Brasília outro grupo de pesquisas bem mais documentado e organizado do que o nosso. Em seus arquivos, armazenam gravações insólitas captadas pelos radares do Cindacta, entre elas a conversa que manteve a 70 milhas de Belo Horizonte'. [...] Por fim, pediram que não declinasse seus nomes em público de modo a não comprometê-los. [...] Ao me procurar, queriam pelo menos saldar parte da dívida moral que acumulavam por esconder a verdade [...] Respeito suas posições e manterei o segredo de seus nomes".[392]

O Brasil foi varrido por uma onda de proporções gigantescas em 1982 — só comparável às de 1954 e 1968, obedecendo um ciclo de 14 anos. No Carnaval, os radares da Base Aérea de Anápolis detectaram um OVNI a 50 km de Goiânia. O Centro de Operações de Defesa Aérea (CODA) colocou um caça Mirage em seu encalço. A perseguição terminou a 40.000 pés (12.000 m) de altura, já que o OVNI continuou a ascender em direção ao espaço. Cabe aqui destacar duas aparições. Em Presidente Prudente, oeste do Estado de São Paulo, um objeto sem forma definida, emitindo luzes multicoloridas, com predominância do verde, surgiu num sábado à noite e desapareceu velozmente deixando um rastro luminoso. O controlador da Rádio Patrulha da cidade, cabo Torres, avistou-o às 21h10min. Soldados de plantão nas unidades de Regente Feijó, Rancharia, Lins e Tupã, e funcionários de aeroportos, igualmente testemunham o fenômeno. Em Campo Grande (MS), um OVNI surgiu também num sábado, por volta das 20h15min, sendo observado por milhares de torcedores que aguardavam o início do jogo de futebol entre Operário e Vasco da Gama no estádio "Morenão". As versões divergiram quanto a quantidade — para alguns eram dois os objetos, para outros, quatro — e o formato — falou-se apenas de luzes intensas e de várias cores. O agente de serviço noturno da base aérea de Campo Grande viu dois objetos e consultou o Cindacta de Brasília, o qual informou que não detectara nenhuma aeronave conhecida naquele horário.

## 4. A Promessa: Nova República

O reconhecimento governamental à presença de OVNIs nos céus brasileiros não se afigurava mais como um fato extraordinário desde os estertores da década de 50. Entretanto, um pronunciamento oficial público do ministro da Aeronáutica, avalizado pelo presidente da assim chamada "Nova República", tornou a ocasião inédita. Entre às 21 horas de segunda-feira, 19 de maio de 1986, e aos 10 minutos de terça, a Grande São Paulo, a região de São José dos Campos (Vale do Paraíba) e o Rio de Janeiro foram literalmente invadidos por nada menos do que vinte e um OVNIs que se deslocavam a velocidades que pulavam de 60 a 3.500 km/h. O CODA acionou três caças F-5E e três caças Mirage F-103 com a missão de interceptar e — se preciso — abater os intrusos. O evento repercutiu nacionalmente em 21 de maio, quando o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Júlio Moreira Lima, 59 anos, convocou a imprensa no Palácio do Planalto para explicar que os objetos haviam saturado os escopos dos radares do Cindacta e provocado a interrupção do tráfego aéreo.

Os jornais paulistas estamparam no dia seguinte manchetes que se misturavam às notícias em torno da euforia do Plano Cruzado e da epidemia de dengue que grassava em São Paulo.[393] As reportagens davam conta que os caças partiram, simultaneamente, das bases de Anápolis (a 50 km a noroeste de Goiânia e a 150 km de Brasília) e de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Um dos F-5E, de perseguidor passou a perseguido por treze objetos. Moreira Lima proclamou que

[392] *Ibid.*, p. 16-17.

[393] *Folha de S. Paulo*: "OVNIs sobrevoam São Paulo e parte do Estado do Rio"; *Folha da Tarde*: "Aviões da FAB caçam discos voadores"; *O Estado de S. Paulo*: "Invasão aérea. São os tais OVNIs"; *Jornal da Tarde:* "Alerta geral: vinte OVNIs sobre São Paulo e Rio".

estavam diante de um "fenômeno inexplicável", considerando remota a possibilidade de uma "guerra eletrônica". Indagado se acreditava em seres extraterrestres, respondeu: "Não se trata de acreditar ou não. Isso requer informações técnicas suficientes, o que nós não temos. Temos de aguardar os relatórios". Admitiu que "há registros parecidos no Cindacta, mas nada que se assemelhe a este em magnitude". Interrompendo discretamente um jantar oferecido no Itamaraty ao presidente de El Salvador, Napoleón Duarte, notificou o presidente José Sarney, que se mostrou "interessado e curioso".

O coronel Ozires Silva, 55 anos, recém empossado na Presidência da Petrobrás,[394] ante o assédio da imprensa que solicitava uma descrição do OVNI que teria visto enquanto pilotava o avião Xingu, com o qual acabara de pousar em São José dos Campos, vindo de Brasília, negou que tivesse visto algo. Ao perguntar a um dos jornalistas quem havia feito tal comentário, ouviu o nome do ministro da Aeronáutica, no que de pronto assumiu: "Então eu vi mesmo", encerrando o assunto e passando a falar apenas sobre o papel que desempenharia à frente da Petrobrás.

O CODA, em Brasília, convocou os jornalistas credenciados para uma reunião no gabinete do ministro da Aeronáutica, às 19 horas. O major-aviador Ney Antônio Cerqueira, chefe do órgão, revelou que o responsável pelo acionamento dos aviões F-5E, na base aérea de Santa Cruz, fora o brigadeiro João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, comandante do órgão, e anunciou ser aquele "motivo suficiente para justificar uma apuração a fundo do problema". A principal hipótese a considerar, levando em conta que os OVNIs se concentraram sobre São José dos Campos, área eminentemente estratégica, era a de espionagem industrial por satélites ou aviões estrangeiros. Ozires já havia alertado quanto a necessidade da adoção de medidas de segurança nesse sentido.[395]

A propósito do presidente da Petrobrás, Cerqueira detalhou que por volta das 21 horas de segunda-feira, a tripulação do Xingu captou luzes não identificadas no radar de bordo e consultou a torre de controle do aeroporto de São José dos Campos. O operador respondeu negativamente, certificando porém que os radares de São Paulo detectaram objetos na posição indicada. Às 21h45min, o Comando de Operações Militares de Brasília ordenou que três caças F-5E se deslocassem até São José dos Campos, dando início à operação de busca. Mesmo sofrendo interferências nos instrumentos de bordo, um dos pilotos perseguiu três luzes 200 milhas além do litoral. Às 22 horas, visualizou o objeto que às 22h10min saltou de 250 a 1.500 km/h, e às 22h15min desapareceu rumo ao continente africano.

Simultaneamente, objetos semelhantes foram detectados pelos radares da base aérea de Anápolis. Três Mirages decolaram em interceptação e, tal como no Rio de Janeiro, apenas um fez contato-radar. Cerqueira declarou que "o desaparecimento do contato no radar é inexplicável, pelo menos para os conhecimentos científicos atuais e de que dispõe o Ministério da Aeronáutica".

O comandante do III Comar, major-brigadeiro Nelson Fisch de Miranda, às 17 horas do dia 21 redigiu na sede do Comando, centro do Rio, uma nota confirmando o incidente: "Na madrugada de 19 para 20 de maio, o Cindacta detectou sobre São José dos Campos um alvo de radar que não respondia às mensagens de rádio. O 1º Esquadrão de Controle e Alarme (ECA-1), acionou um caça supersônico F-5E da base aérea de Santa Cruz. O caça não conseguiu localizar a luz pelo radar ou visualmente, retornando à base por falta de combustível. Já o segundo caça logrou detectar e visualizar o alvo".

Às 16 horas de 22 de maio, no Rio — após transferir a superintendência da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) ao engenheiro Ozílio Carlos da Silva, cargo que ocupara

---

[394] Ozires Silva permaneceu no cargo até 1988.

[395] São José dos Campos, a 97 km de São Paulo, é a mais importante região estratégica do país. Lá se concentram: indústria bélica brasileira (primeira em armas do Terceiro Mundo); indústria aeroespacial, Centro Técnico Aeroespacial (CTA); usina atômica de Angra dos Reis e o principal terminal de recebimento de petróleo (terminal Almirante Barroso em São Sebastião), que se liga diretamente à Refinaria da Petrobrás, no Planalto Paulista.

durante 17 anos —, o presidente da Petrobrás assumiu de vez ter feito contato visual com estranhos pontos luminosos, os quais seriam enquadrados como estrelas não fossem captados pelos radares. "Não sou lunático", pontuou. Às 21h20min, ele e o co-piloto Alcir Pereira da Silva, 37 anos, preparavam-se para descer em São José dos Campos quando o controle de Brasília perguntou se viam algo, já que estavam com três OVNIs nos radares. Ozires solicitou que lhe fornecessem a posição relativa dos objetos, após o que se dirigiram à área indicada e efetivamente avistaram os pontos luminosos de coloração vermelha e alaranjada. Aparentemente, apenas um deles se movia. Piloto há 44 anos, Ozires brincou: "Disseram que eu saltei de presidente da Embraer à presidente da Petrobrás, e esse vôo foi tão alto que eu acabei vendo discos voadores". Perguntado se o cargo que ora assumia não o deixava constrangido com relação ao assunto, respondeu: "Claro que fico constrangido. Geralmente não se leva a sério as pessoas que vêem discos voadores. Não fossem os registros do radar não teria coragem de me expor".

Os profissionais do ramo da aviação evitavam falar em OVNIs temendo o descrédito e eventuais sanções ou represálias. No Aeroporto Internacional de São Paulo (Cumbica), município de Guarulhos, nordeste da Grande São Paulo, foram poucos os que aquiesceram em comentar os incidentes mencionados.[396]

O ministro do Superior Tribunal Militar (STM), brigadeiro George Relham da Motta, lembrou-se que nos tempos em que era major observou um fenômeno semelhante nas imediações de Recife, recebendo ordens expressas de nada comentar.[397]

O major-brigadeiro-do-ar Sócrates Monteiro,[398] comandante do IV Comar em São Paulo, quebrou o protocolo, relevando que: "Há muitos anos esses casos vêm sendo registrados. Em 19 de maio, os objetos pularam de 240 para 1.500 km/h em frações de segundo. A FAB filmou os eventos. [...] Cumpre assinalar que os pilotos de caça são rigorosamente selecionados entre os melhores do Brasil, portanto dificilmente confundiriam meteoros com OVNIs. Os currículos dos pilotos falam por si sós: novecentas missões, 2.000 horas de vôo, e assim por diante. Aliás, só um em cada quinhentos candidatos consegue tornar-se piloto de caça da FAB".

Às 14 horas de 21 de maio, a base aérea de Fortaleza recebeu numerosos telefonemas de moradores que se referiam a um objeto escuro em forma de charuto, reluzente ao sol.[399] Na noite desse mesmo dia, na localidade de Petaluma, norte de São Francisco, Califórnia (EUA), mais de uma dúzia de pessoas viram um OVNI com luzes alaranjadas em forma de "X". Às 4h30min, Sue Hart distribuía jornais quando viu várias luzes alaranjadas paradas no céu, as quais rumaram para o leste com uma "velocidade inacreditável", conforme acrescentou um policial.[400]

"O comportamento das luzes e dos contatos-radar registrado na noite de segunda para terça-feira sobre São José dos Campos e Anápolis, não corresponde a nenhum padrão conhecido na aviação internacional". Esta frase, com pequenas variações, foi repetida à exaustão pelos sete pilotos e três controladores de vôo na entrevista coletiva à imprensa em 23 de maio. Outro ponto ressaltado: a noite estava clara, ideal para visualizar alvos à distância, sem nenhuma nuvem pesada que pudesse causar anomalias nos radares.[401]

O tenente Kleber Caldas Marinho, 25 anos, e o capitão Márcio Brisolla Jordão, 29 anos, lotados na base aérea de Santa Cruz, a exemplo dos demais pilotos que tomaram parte da

---

[396] "Pilotos que perseguiram OVNIs falam hoje à imprensa", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23-5-1986.
[397] "Aeronáutica faz relatório sobre OVNIs vistos no Sul", in *O Globo*, Rio de Janeiro, 23-5-1986.
[398] O major Monteiro se tornaria depois Ministro da Aeronáutica do governo Fernando Collor de Mello.
[399] " 'Charuto voador' apareceu no Ceará na quarta-feira", in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23-5-1986.
[400] "Piloto da FAB foi seguido por treze objetos não identificados", in *Folha da Tarde*, São Paulo, 24-5-1986.
[401] 24-5-1986: "Pilotos confirmam luzes voadoras", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo; "Piloto da FAB foi seguido por treze objetos não identificados", in *Folha da Tarde*, São Paulo; "OVNIs ficaram fora do alcance da caça da FAB", in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro; "Pilotos afirmam que OVNIs tinham luzes brilhante e multicoloridas", in *O Globo*, Rio de Janeiro.

operação não admitiram ter visto discos voadores, preferindo defini-los como "pontos luminosos persistentes, luzes intensas que se deslocavam rapidamente e ecos-radar não identificados". O capitão Armindo Souza Viriato de Freitas, 30 anos, com vistas a seguir um ponto que ziguezague em seu radar de bordo, decolou de Anápolis com o Mirage F-103 tomando direção oposta ao dos dois companheiros. O tenente Hugo Nunes Freitas, 30 anos, chefe da seção de controle de vôos do Cindacta, num certo momento preveniu-o de que vários pontos o estavam seguindo — seis ecos-radar de um lado e sete do outro. Viriato fez uma manobra de 180 graus na intenção de ficar de frente para os pontos, mas estes desapareceram repentinamente.

A torre de São José dos Campos informou que, com a chegada dos caças, todos os pontos luminosos sumiram para só reaparecer às 1h30min. O tenente Marinho, primeiro piloto enviado a São Paulo com o caça armado de mísseis sidewinder e canhões de 30 milímetros, perseguiu uma luz que mudou a coloração de branca para verde e vermelha pouco antes de desaparecer em direção a África. O capitão Júlio César Rozemberg, 32 anos, terceiro piloto do Mirage, optou por ser orientado pelo radar da torre de Anápolis ao encontro de um ponto luminoso que cruzou tão rapidamente o seu caça que não deu chances para uma visualização. Rozemberg não soube explicar porque a torre o detectava e o radar de bordo não. O chefe do Centro de Relações Públicas do Ministério da Aeronáutica, coronel Adalberto Resende Rocha, anunciou que uma comissão do Comando de Defesa Aérea fora encarregada de elaborar um relatório que no entanto não seria divulgado. Dois dias antes, o ministro da Aeronáutica havia incumbido o CODA de constituir uma comissão especializada. "Os trabalhos da comissão deverão estar prontos em no máximo 30 dias", prometeu.[402]

A onda de maio compensara a decepção com o cometa Halley, festejou a revista *Istoé*. Otto Nogueira, piloto de um jatinho particular, foi perseguido por um OVNI ao longo dos 700 km do trajeto entre São Luís e Brasília. Um cinegrafista da TV Maringá, Paraná, logrou filmar um dos objetos que mudava constantemente de cor. Assim que os OVNIs invadiram o espaço aéreo, o presidente José Sarney fora contatado através de uma "linha quente" de telefone no Palácio do Planalto, já que, como comandante supremo das Forças Armadas, deveria autorizar ou não a interceptação e derrubada dos objetos. A universitária carioca Maria Cristina, 23 anos, filha do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, declarou que semanas antes, na madrugada de 4 de maio, ela e uma amiga viram um enorme disco luminoso na estrada que liga Belo Horizonte ao Rio de Janeiro.[403]

O terraço do prédio do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), no início da avenida São João, zona central da cidade, tornou-se um posto de observação privilegiado na noite de quinta-feira, 29 de maio. Tanto que cinco profissionais da produtora Miksom, contratada pela agência publicitária Deck, lograram obter, diga-se de passagem involuntariamente — enquanto concluíam as filmagens de um pacote de quatro comerciais da Eletropaulo, veiculados nas emissoras de tevê na semana seguinte —, um dos mais importantes documentos cinematográficos não só da onda como também de toda a história da ufologia. O OVNI esférico, de brilho intenso, com cores que variavam do amarelo ao laranja, permaneceu praticamente parado (a oeste) por cerca de 10 minutos.

O argentino Daniel Gomez, diretor de vídeo, então com 31 anos, declarou: "Colhíamos imagens entre às 22 e 23 horas. A lua estava linda e a visibilidade era boa. Começamos a gravar com a câmera desfocada, tomando um ponto de luz intenso como referência. Só depois de um tempo, devido aos movimentos e variações que apresentou — diminuiu a intensidade da luz e voltou a ressurgir com força duas vezes — é que prestamos mais atenção". Gomez não se espantou, pois aos 12 anos vira um OVNI em Mar Del Plata.

---

[402] 23-5-1986: "Pilotos que perseguiram OVNIs falam hoje à imprensa", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo; "Aeronáutica faz relatório sobre OVNIs vistos no Sul", in *O Globo*, Rio de Janeiro.

[403] "Melhor que o Halley", in *Istoé*, São Paulo, 28-5-1986, p. 28-29.

A Miksom, localizada em Moema, zona sul, recebeu a visita de inúmeros jornalistas, curiosos e pesquisadores. O engenheiro eletrônico e ufólogo Claudeir Covo analisou as imagens e concluiu: "Até agora, todos os exames realizados atestam que foi filmado um autêntico disco voador esférico, medindo entre 6 a 8 m de diâmetro, o qual se encontrava a aproximadamente 10 km de distância, pairando sobre a Serra da Cantareira. Os radares do aeroporto de Congonhas chegaram inclusive a detectá-lo".

O astrônomo do IAG-USP, Roberto Boczko, descartou que se tratasse de algum corpo celeste conhecido: "A maior semelhança é com a lua, mas ela aparece em outra posição, do lado direito. Nenhum planeta apresenta um brilho com tamanha magnitude. A menos que seja uma espécie de refração anômala ou miragem, que faz uma imagem aparecer numa posição em que ela realmente não está. De qualquer forma, esse objeto não deve ser confundido com nenhum astro celeste,[404] e a explicação deve ser buscada em outro terreno que não a astronomia".[405]

O capitão da reserva da Aeronáutica, Basílio Baranoff, membro do Instituto de Atividades Espaciais (IAE) do Centro Técnico Aeroespacial (CTA) de São José dos Campos, avistou às 18h30min de 13 de abril, em companhia de seu filho, estudante de engenharia, um OVNI do segundo andar do edifício Riviera, onde residiam. O ponto luminoso movimentou-se lentamente no azimute 330º, na horizontal, e às 18h45min afastou-se na direção de Pirassununga, emitindo luzes cintilantes brancas, vermelhas e azuis. Baranoff redigiu um extenso relatório baseado em observações pessoais, pesquisas de campo e análises comparativas,[406] inferindo que a onda se iniciou em fevereiro e se estendeu até julho, abrangendo as cidades de Santos, São Paulo, Guarulhos, Mogi das Cruzes, Arujá, Santa Branca, Paraibuna, Campos do Jordão, Caraguatatuba e São Sebastião. São José dos Campos foi o epicentro ou centro de convergência entre os dias 19 e 29 de maio. Os OVNIs iam de velocidades nulas (0 km/h) e lentas (de 4 a 60 km/h) a instantâneas (na ordem de 3.600 km/h). Os movimentos eram circulares (um deles descreveu curvas de 360º), oblíquos e horizontais. Os tamanhos variavam entre uma bola de futebol a um Boeing 727. Praticamente todas as observações ocorreram no período noturno — com exceção de um no final do vespertino, às 17h30min.

Os OVNIs começaram a ser detectados pelos radares do aeroporto de São José dos Campos horas antes do primeiro caça F-5E levantar vôo. Baranoff elaborou este cronograma técnico:

18h30min - Primeiro avistamento pela torre de São José dos Campos de dois objetos luminosos, nas cores vermelha e laranja, a uma altitude aproximada de 2 km, alinhados com o eixo da pista, azimute[407] 330º, distando aproximadamente 15 km da torre. Apresentavam bordas definidas; na parte inferior, cintilações multicoloridas vermelho-azuladas.

19 horas - As torres de controle de São Paulo (APP-SO)[408] e Brasília (ACC-SP)[409] confirmaram para APP-SJ três alvos primários e a inexistência de aeronaves na área de APP-SJ.

---

404 O cometa Halley (cuja periodicidade foi calculada pelo astrônomo e matemático inglês Edmund Halley em 1682) se aproximou da Terra pela primeira vez desde maio de 1910, em outubro de 1985. Nesse mês houve uma chuva de meteoros e ninguém a confundiu com discos voadores. Em maio, ocorreu uma chuva de meteoros e também um show de discos voadores. A chuva de meteoros foi visível em todo o planeta e o show de discos somente em alguns estados brasileiros.

405 "Equipe de vídeo filma OVNI sobre SP", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31-5-1986; "Vídeo-tape flagra mais um OVNI nos céus da cidade", in *Folha da Tarde*, São Paulo, 31-5-1986; "Disco voador enfeitiça São Paulo", in *Notícias Populares*, São Paulo, 1º-6-1986; Covo, Claudeir, "A mobilização no céu brasileiro", in *Planeta: o assunto é... ufologia*, São Paulo, outubro 1986, nº 14, p. 15.

406 Um texto adaptado do relatório original foi publicado na *PSI-UFO* ("OVNIs em maio de 1986", Campo Grande, CBPDV, janeiro-fevereiro 1987, nº 4, p. 29-33).

407 Ângulo horizontal relativo ao norte verdadeiro.

408 APP (Centro de Controle de Aproximação), órgão que controla e orienta a aeronave dentro de uma área terminal, num raio de 54 milhas (87,2 km), até o seu pouso final.

19h40min - APP-SJ avista dois outros objetos luminosos deslocando-se de norte a oeste, que se alinham com o eixo da pista, azimute 330º, acima dos dois primeiros objetos luminosos. Os quatro permaneceram por longo tempo parados e alinhados com o eixo da pista.

20 horas - Já eram oito o número de alvos (ou ecos) na telas dos radares do APP-SJ, Cindacta de Brasília.

20h30min - A torre APP-SJ aciona o Comda em razão da quantidade de objetos luminosos. Surge um novo alvo na radial 120º, acima da linha do horizonte, a 60 km, na direção da Serra do Mar.

21 horas - A aeronave PP-MBZ Xingu da Embraer, pilotada pelo coronel Ozires Silva e pelo comandante Alcir Pereira, solicita à torre APP-SJ permissão para pousar. Interrogada pelo APP-SJ, a aeronave confirma o avistamento de objetos luminosos no azimute 330º, igualmente confirmados pelo APP-SP, ACC-BR e Cindacta; o Xingu tentou então seguir um dos objetos por 10 minutos, sem êxito, pois desaparecera repentinamente.

21h10min - Xingu retornava para o pouso quando avistou outro grande objeto luminoso, avermelhado, no azimute 290º, que se deslocava à baixa altitude na direção de Mogi das Cruzes. APP-SP informou a existência de dois ecos: o do Xingu e de um outro objeto.

21h20min - ACC-BR informa o Comda da situação de momento.

21h25min - Xingu retornava para o segundo pouso quando a APP-SP informou a existência de um objeto avermelhado 180º ao sul.

21h30min - Xingu retornava para o terceiro pouso pelo sul-sudeste do aeródromo, passando sobre a Petrobrás, quando ACC-BR alertou a torre APP-SJ da existência de objetos a 30 km. A 3 km de altitude, o Xingu avistou três objetos luminosos no azimute 65º, próximo à refinaria da Petrobrás, abaixo da aeronave. Alcir Pereira e Ozires Silva observaram o desaparecimento dos objetos na direção da Serra do Mar, a 90º. O Xingu finalmente decide pousar.

21h40min - Objeto luminoso amarelo, acompanhado de inúmeros objetos menores, de cor branca, avistados nos azimutes 320º e 110º.

22h23min - Acionada a primeira aeronave, um caça F-5E da Base Aérea de Santa Cruz.

22h45min - Acionado o segundo caça F-5E.

22h55min - Contato-radar pelo Controle de Aérea de Anápolis.

23 horas - Acionado o terceiro caça Mirage F-103.

23h15min - Um dos caças F-5E, em perseguição ao objeto avistado visualmente e por radar, acelera até 1.1 mach (1.320 km/h). O piloto diminuiu a distância com relação ao alvo de 24 milhas (43,2 km) a 6 milhas (10,8 km), após o que abandonou a missão por falta de combustível.

O Ministério da Aeronáutica informou que os OVNIs instaram as seguintes contramedidas:

20h50min - A torre de controle de São José dos Campos visualiza no azimute 330º uma formação circular em torno de uma luz amarela e inúmeros pontos brancos. O controlador da torre contata o radar de São Paulo, que confirma os alvos no mesmo azimute.

21h14min - O controle da área de São Paulo (APP-SP) confirma a presença de alvos no terminal de São José dos Campos.

21h15min - APP-SP notifica o controle de tráfego de Brasília sobre a existência dos alvos.

21h20min - Controle de área de Brasília (ACC-BR) confirma a presença dos alvos sobre a região de São José dos Campos.

---

[409] ACC (Centro de Controle de Área), órgão que controla as aeronaves dentro das aerovias.

21h21min - ACC-BR informa ao Centro de Operações Militares de Brasília sobre os alvos.

22h23min - Acionamento de uma das aeronaves F-5E, que se encontrava em alerta.

22h24min - Acionamento da segunda aeronave F-5E.

22h50min - Acionamento da terceira aeronave F-5E.

22h55min - Contato-radar estabelecido pelo controle de área de Anápolis.

22h56min - Contato-radar pelos Mirage F-103.

23h15min - Visualização, pelo piloto do F-5E, de luzes cintilantes vermelhas, azuis e brancas. Contato-radar com os alvos a 12 milhas (24 km). O piloto tenta alcançar os pontos luminosos, acelerando o avião até 1.1 mach — sem sucesso.

23h17min - Acionamento do segundo F-103 Mirage.

23h20min - Acionamento do terceiro Mirage F-103.

23h36min - Novo acionamento do F-103.[410]

Os OVNIs retornaram exatamente 10 dias depois, na noite de 29 de maio, para uma nova revoada sobre São José dos Campos, sendo avistados visualmente, detectados pelos radares de São Paulo, de Brasília e pelo Cindacta 1.[411]

A caminho do trabalho, milhares de europeus viram na manhã de 23 de setembro uma fileira irregular de luzes verde-esmeraldas se deslocando rapidamente. Em Paris, Jean Luc Durant e Suzanne Blangis observaram entre dez a quinze pontos luminosos, ao mesmo tempo em que um OVNI era visto sobre as capitais da Holanda e da Bélgica. Em Amsterdã, o objeto foi descrito como "uma bola de fogo", e em Bruxelas, como "um foguete luminoso". O departamento meteorológico da base de Eidhoven, da Força Aérea Holandesa, recebeu inúmeros telefonemas de moradores assustados com a "bola de fogo".

Os cientistas e os responsáveis pelos centros de controle do tráfego aéreo consultaram-se em busca de uma explicação. O Centro Nacional de Estudos Espaciais da França atribuiu os fenômenos a restos de satélites ou foguetes espaciais, no que foram contestados pela Agência Espacial Européia, em Darmstadt, Alemanha Ocidental. Astrônomos da Alemanha Ocidental associaram-no a um meteorito em processo de desintegração, e um porta-voz da segurança aérea de Luxemburgo a um foguete da Aliança Atlântica que se desviara da rota. O OVNI foi avistado quase que simultaneamente em cinco países, o que excluía a hipótese de um míssil perdido pelas forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Para o NORAD,[412] organismo militar que vigia o espaço aéreo norte-americano e acompanha a trajetória de todos os artefatos em órbita, os ângulos de queda de restos de foguetes soviéticos correspondiam às das misteriosas luzes. A queda dos foguetes lançados em março e junho estava prevista para a segunda semana de setembro, com margem de erro de alguns dias. Vagando em órbitas erráticas, os foguetes vão aos poucos retornando à atmosfera, onde se queimam. Marc Mitten, controlador de vôo do aeroporto de Luxemburgo, deixou a dúvida no ar: "Parecia um

---

410 Randhas, Paulo. "Caças da FAB perseguem OVNI", in *Mecânica Popular*, São Paulo, julho-agosto 1986, ano 1, nº 1, p. 8 e 10.

411 Sediado em Brasília, responsável pelo espaço aéreo do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e São Paulo.

412 Na imensa caverna artificial sob o monte Cheyenne, em Colorado Springs, Colorado, fica o cérebro do sistema de defesa continental dos EUA. Um departamento do NORAD, denominado Sistema de Defesa Espacial (SDS), conta com equipamentos de observação extremamente avançados, capazes de detectar a luz solar refletida em um corpo, do tamanho de uma bola de futebol, que esteja a 80 mil km de altura. Nada pode permanecer em torno deste planeta sem que a aparelhagem o detecte. O SDS pode seguir sua trajetória, qualquer que seja, embora nem sempre consiga determinar a massa exata do objeto. Em 1984, o NORAD informou que haviam quinze mil objetos em órbita, incluindo partes de foguetes e outros detritos espaciais, e cinco mil trezentos e doze satélites.

foguete, mas muito mais rápido. Não era um avião. Eram cinco coisas voando quase juntas. Elas não apareceram na tela do radar. Não sei o que eram. Foi a primeira vez que vi algo assim".[413]

A revista *Veja*, normalmente distante de assuntos ufológicos, trouxe uma nota reveladora decorridos 2 anos e meio da grande onda de 1986: "O Ministério da Aeronáutica preparou um dossiê detalhado, devidamente documentado, sobre a passagem de discos voadores no Brasil, captados pelos radares do Cindacta. A divulgação do teor do documento está proibida. O ministro Octávio Moreira Lima diz acreditar piamente na existência dos OVNIs".[414] Gevaerd enviou uma carta à revista protestando contra a não liberação do dossiê ao público: "Causou-me surpresa ver a nota 'Aeronáutica tem dossiê sobre OVNI', publicada na seção Radar (5 de outubro), em que é dito que o ministro da Aeronáutica mantém sob sigilo um dossiê detalhado sobre os 'discos voadores'. Gostaria de chamar a atenção dos leitores da *Veja* para o fato de que é direito de cada um dos cinco bilhões de terrestres saber quem nos visita ininterruptamente há décadas, observando-nos e monitorando-nos com tamanha intensidade".[415]

## 4.1. A Manutenção Da Política De Sigilo

A política de sigilo imposta pelo alto escalão militar permaneceu inalterada nos governos subseqüentes de Fernando Collor de Mello (1990-1992),[416] Itamar Franco (1992-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), este último, aliás, uma testemunha assumida do fenômeno. O sociólogo se fazia acompanhar na ocasião pela sua esposa, a antropóloga Rute Cardoso, e pelo economista Celso Furtado. Durante o encontro anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) na cidade de Fortaleza (CE), em 1979, viram um OVNI que Furtado descreveu como um objeto de intensa luminosidade que desceu na vertical, fez uma pequena pausa na horizontal e desapareceu vertiginosamente.[417]

Um documento confidencial com cinco páginas e vinte e oito recomendações orientando os militares a não revelar informações sobre OVNIs, em vigor desde 20 de setembro de 1990, veio a público somente em 1997. O procedimento nº 4.7 é taxativo: "Havendo telefonemas de jornalistas ou 'curiosos' solicitando informações, responder que não está autorizado a fornecê-las".

O brigadeiro José Montgomeri Melo Rebouças, porta-voz do então ministro da Aeronáutica Lélio Viana Lobo, indagado sobre o teor das resoluções pelo jornalista Ivan Finotti, procurou generalizar a questão, respondendo que "O documento em pauta considera objeto

---

[413] "Discos voadores aparecem na Europa", in *Folha da Tarde*, São Paulo, 24-9-1986.

[414] "Aeronáutica tem dossiê sobre OVNI", in *Veja*, São Paulo, 5-10-1988, nº 40, ano 21, Radar, p. 43.

[415] In *Veja*, São Paulo, 26-10-1988, ano 21, nº 43, Cartas, p. 16.

[416] Após a vitória na eleição Presidencial de 1989, surgiram histórias que entraram para o folclore da campanha. Contou-se que na noite de segunda-feira, 11 de dezembro, o deputado federal José Carlos Martinez, coordenador da campanha de Collor no Paraná, viajava de Brasília a Curitiba a bordo de um Citation, quando presenciou um dos fatos mais intrigantes dos últimos 6 meses. Na frente do avião havia uma luz alaranjada intensa que acendia e apagava. Passava das 10h30min e a luz também foi vista por outros três passageiros de num jatinho da Líder Táxi Aéreo que ia de Brasília a Porto Alegre, os quais prestavam serviços de coordenação, fiscalização e apuração. O advogado Paulo Newton e o encarregado do serviço de transmissão de dados do esquema paralelo de apuração, Maurício Cardoso, ficaram espantados com o que viram. Acompanhados dos deputados Alceni Guerra (PFL-PR), que dormia, e Basílio Vilani (PRN-PR), ambos não conseguiram identificar a luz. "Não sei se era disco voador, mas avião não era", garantiu Maurício Cardoso. Os pilotos do jatinho em que viajavam estabeleceram contato radiofônico com o Cindacta, que não conseguiu identificar o objeto voador. Pilotos de um avião da Varig também viram o OVNI, que tornou-se um dos episódios mais insólitos da campanha do PRN (Partido da Reconstrução Nacional), rica em histórias de golpes e ataques subterrâneos contra os adversários petistas. (Suassuna, Luciano. "OVNI diverte assessoria do PRN", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26-12-1989).

[417] "Celso Furtado já observou", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11-2-1982.

voador não identificado todo aquele que, penetrando ou evoluindo no espaço aéreo brasileiro, não forneça elementos que possibilitem a sua identificação". As instruções gerais abordam desde levantamentos de dados meteorológicos no momento em que um OVNI é avistado até questões de ordem burocrática — quando e como informar os superiores, por exemplo. Em anexo, há um modelo de questionário com dezoito perguntas a ser aplicado. Os dois militares que assinaram o documento, agora já na reserva, pertenciam à Divisão de Operações do Serviço Regional de Proteção ao Vôo (SRPV) do Rio de Janeiro. Finotti conversou com um deles, o tenente coronel-aviador Tacarijú Thomé de Paula Filha, na época chefe do Serviço: "Não me lembro desse documento", alegou simplesmente. Ante a insistência do jornalista, o militar bateu o telefone sem despedir-se.

Encarregou-se o Núcleo do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (Nucomdabra), sediado na Área do VI Comar, Lago Sul, Brasília, do problema dos OVNIs no final da década de 80. O comandante do Núcleo, o brigadeiro-do-ar Ronald Eduardo Jaeckel, respondeu-me em 25 de setembro de 1990: "Recebi sua carta, datada de 25 de julho, endereçada ao EMA, órgão que era responsável pela catalogação e análise de OVNIs. Informo-vos que, atualmente, o órgão responsável pela catalogação e análise de OVNIs é o Nucomdabra, onde exerço no momento a função de comandante".[418]

Não foi por acaso que Jaeckel assumiu o comando do Nucomdabra. Às 21 horas da noite de 18 de março de 1967, a 3 km de altura, um cargueiro militar C-47 da FAB, voava com destino a Porto Alegre. O avião nº 2077 decolara minutos antes do aeroporto de Florianópolis levando a bordo dois tripulantes e quatorze passageiros. Na cabina, o piloto Alberto Espírito Santos Puget e o co-piloto Ronald Eduardo Jaeckel observavam os instrumentos. A atenção foi atraída para uma luz avermelhada do tamanho aparente da lua, que de repente surgira bem à frente. Instantes atrás ela não estava lá, mas agora oscilava de um lado a outro e imprimia a mesma velocidade que o avião. A luz apagou e reapareceu segundos depois em outra posição. Puget contatou a base aérea de Gravataí (RS), que informou não ter detectado nenhuma aeronave naquela rota e altitude. Puget verificou que toda vez que inclinava o cargueiro bimotor em sua direção, ele desviava ora num sentido, ora noutro. Malogradas as tentativas de aproximação, Puget e Jaeckel retomaram a rota. Inopinadamente, um segundo objeto luminoso, idêntico ao primeiro, apareceu do outro lado do avião. A insólita formação (dois OVNIs nas extremidades e um C-47 no meio) se manteve durante mais 40 minutos, só se desfazendo quando o avião iniciou as manobras de aterrissagem na base aérea de Gravataí. Antes das luzes desaparecerem, os oficiais da base perscrutaram-na com binóculos. A torre de controle do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, solicitou aos tripulantes do PP-CES, da Cruzeiro do Sul, procedente de Montevidéu, que tentasse localizar algo estranho no céu. O DC-3 estava equipado com câmeras especiais que permitiam tirar fotografias aéreas (aerofotogrametria), e havia sido requisitado para tal pelo governo uruguaio. A bordo, os tripulantes Bernardo Aizemberg, Ricardo Wagner, Costa Maia, Vicente Arno e Francisco Urbano. Orientado pela torre de controle, o piloto Aizemberg tentou fotografar os OVNIs, que no entanto se afastaram velozmente.[419]

Na tarde de sábado, 28 de julho de 1990, logrei fotografar um OVNI em Guaianazes (bairro periférico da zona leste de São Paulo, a cerca de 30 km do centro).[420] Às 17h25min, resolvi contemplar o céu para espairecer um pouco, já que passara horas entretido em leituras um tanto pesadas. Qual não foi minha surpresa, porém, ao divisar um pequeno objeto branco, com o formato de um charuto, deslizando lenta e silenciosamente na direção sul-norte, sem deixar

---

[418] O Nucomdabra continuou centralizando as investigações pelo menos até 1997. Em carta datada de 10 de abril do referido ano, o tenente-coronel e aviador Jader da Silva Garcia, chefe da Divisão de Relações Públicas do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica, confirmou-me isso.

[419] "A estranha escolta ao cargueiro da FAB", in *Planeta Ufologia*, São Paulo, junho 1982, nº 117-A, p. 7-8.

[420] Com uma área de 34 mil km$^2$ e com cerca de duzentos mil habitantes, Guaianazes conta com uma série de casos de discos voadores.

rastro na trajetória. Por sorte, a máquina fotográfica (Olympus Trip 35) estava munida de filme. Chamei o meu pai e fiz com tirasse duas fotos. Antes do objeto desaparecer atrás de um prédio, logrei tirar uma terceira e última foto. Alguns meses depois, encaminhei as fotos ao Nucomdabra.

O major-aviador Mardem José de Andrade enviou-me um parecer preliminar em 13 de fevereiro de 1991, anexo a um questionário[421] que vinha a comprovar o grau de envolvimento e preocupação dos chefes militares com os discos voadores. "Recebi sua carta com data de 2 de janeiro de 1991, juntamente com as fotos. Envio em anexo um parecer preliminar e espero poder contar com a sua colaboração, enviando-nos mais informações sempre que possível. Segue com a carta um formulário que poderá ser preenchido por v.s[a] ou por outra qualquer pessoa que venha a observar OVNIs". Parecer preliminar: "Não foram recebidas outras informações sobre o fato. Aparentemente, numa primeira avaliação e tendo em vista a falta de maiores detalhes, bem como o respectivo negativo, parece tratar-se de um rastro de condensação (*jet stream*), relativo a uma aeronave em grande altitude e em uma atmosfera com baixo índice de umidade. Essas ocorrências costumam ser observadas normalmente nos meses de julho, agosto e setembro. Nos demais meses a condensação é maior, mais visível e permanece por mais tempo".

O Serviço Regional de Proteção ao Vôo de São Paulo, ligado ao Serviço Público Federal, tal como sua congênere do Rio de Janeiro — em que estava lotada a dupla de militares que ratificou o documento confidencial pautado pela mentira e pelo ocultamento —, como não poderia deixar de ser, também possui um departamento de investigações do fenômeno. Vim a saber disso ao comunicar que havia fotografado OVNIs em Guaianazes. Em carta datada de 26 de fevereiro de 1991, impressa em papel timbrado, tendo no fundo o brasão do Sistema de Informática do Ministério da Aeronáutica (Simaer), o chefe do SRPV, Marcos Guerra Antunes, coronel aviador, escreveu: "Manifestando interesse no assunto, que obtivemos conhecimento através de carta a nós endereçada pelo sr., pedimos que nos mande as fotos que diz ter tirado dos tais objetos junto com mais informações a respeito para o SRPV de São Paulo, aeroporto de Congonhas". Enviei-lhes as fotos mas nunca obtive qualquer resposta.

Pouco antes, encaminhara as fotos ao ufólogo Luciano Pera Houlmont, que muito atenciosa e prontamente teceu as seguintes observações: "Percebe-se que a névoa que envolve o aparelho o acompanha em vôo, não deixando rastros pelo céu; caracteriza a névoa de um OVNI. [...] Anexos a esta carta, envio uma série de reproduções que apresentam vários tipos ou formas de névoas de OVNIs analisados por mim, para mostrar os movimentos dos OVNIs. Verifique que mesmo no espaço cósmico, onde não há atmosfera, o OVNI apresenta a mesma névoa. Este detalhe não é analisado pelos ufólogos; nas revistas especializadas, até agora, não li nada a respeito. Uma revista apresentou a névoa como reação entre os íons soltos pelos OVNIs com os gases da atmosfera, dizendo que conforme o tipo de gás de reação teria esta ou aquela cor. Errado. No espaço cósmico acontece a mesma reação, e lá não há gases".

O engenheiro eletrônico e ufólogo Claudeir Covo, fundador em 1975 do Centro de Estudos e Pesquisas Ufológicas (CEPU) e especialista em análises fotográficas, forneceu-me um laudo consubstanciado: "1) Os três negativos foram examinados no microscópio, e não apresentaram riscos ou manchas químicas, eliminando assim a hipótese de uma fraude ou um

---

[421] Com os seguintes dados a serem preenchidos: Data/Hora/da recepção; 1) Como e quando notou pela primeira vez os objetos (OVNI)?; 2) Posição do objeto (OVNI): a) Distância do objeto em relação ao observador, b) Altura, c) Posição em relação aos pontos cardeais (azimute); 3) Descrição do objeto: a) Forma, b) Tamanho, c) Cor, d) Velocidade, e) Som, f) Rastro; 4) Quantidade; 5) Voando próximo um do outro?; 6) Trajetória; 7) Duração da observação; 8) Estava sozinho ou acompanhado? (se acompanhado, quantas pessoas); 9) Existência de provas físicas (fotografia, filme, amostras); 10) Observação a olho nu ou com algum dispositivo ótico?; 11) Condições de tempo presente (meteorológicas); 12) Dados pessoais do observador: a) nome, b) endereço, c) idade, d) grau de instrução, e) ocupação principal, f) possui ou não conhecimentos técnicos sobre OVNI? (caso afirmativo, quais); 13) Posto ou graduação e nome de quem recebeu a informação; 14 ) Dados complementares.

acidente fotográfico; 2) Os negativos foram sensibilizados por luz, confirmando que o objeto realmente estava no local onde foi fotografado; 3) A ponta da 'mancha branca' foi cuidadosamente examinada, via microscópio, para verificar a existência de um objeto metálico, caso fosse um avião à jato soltando fumaça, mas nada foi encontrado; 4) Em duas ocasiões distintas, uma em Curitiba e outra em Águas de Lindoya, pude fotografar aviões à jato soltando esteiras de fumaça. Comparando essas fotos com as fotos obtidas por Cláudio Suenaga e seu pai, verificamos que são totalmente diferentes; 5) As fotos obtidas por Marcelo Antero de Carvalho, em junho de 1988, no Rio de Janeiro, são idênticas às obtidas por Cláudio e seu pai. (relatório em anexo); 6) Em 17 de outubro de 1988, na cidade de Leme (SP), pude observar um objeto com as mesmas características, ou seja, a 'cauda' fixa ao objeto se movimentando como um único conjunto; 7) Os filmes feitos no Japão, nos EUA e no Brasil, apresentam as mesmas características do objeto fotografado pela família Suenaga. Entre todas as hipóteses avaliadas, a pesquisa resultou em duas possibilidades: 1ª) O objeto fotografado pode ser um tipo de avião à jato, bem diferente dos tipos convencionais; 2ª) O objeto pode ser um autêntico disco voador".

## 5. A Manipulação: OVNIs No Oeste Paulista

Os avistamentos reportados em meados de janeiro de 1995 nas cidades interioranas paulistas de Capivari, Rafard, Mombuca e Tietê,[422] fizeram parte de uma onda de proporções muito mais amplas que atingiu toda a região Oeste do Estado — o Pontal do Paranapanema — principalmente Assis.[423] Por coincidência, o campus da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp) fica localizado justamente nessa cidade, e pudemos assim ir à campo e entrevistar inúmeras testemunhas. É raro encontrar uma onda em que tantas facetas do fenômeno tenham se concentrado. Assis constituiu um autêntico laboratório do problema estudado, além de ter oferecido a oportunidade direta de desvendarmos parte da trama que a política das hegemonias tem procurado monopolizar, abafar e tornar controvertido.

Antecedendo a "grande onda", houve uma espécie de "ensaio" numa comunidade estabelecida numa fazenda próxima à cidade de Presidente Prudente.[424] Desde junho de 1994, integrantes de quatorze famílias da Comunidade do Bom Pastor andavam às voltas com luzes que realizavam manobras e até desciam à altura do solo, conforme apurou o ufólogo e editor da revista *UFO* Ademar José Gevaerd, que foi pessoalmente ao local fazer levantamentos.[425] As observações se iniciaram depois que Ana C. M.,[426] uma empresária de 34 anos e moradora da comunidade, ouviu um estranho zumbido numa noite de junho. Em seguida, durante alguns segundos, as luzes de sua casa enfraqueceram e oscilaram, e o telefone ficou mudo. Pensando tratar-se de um avião em perigo, já que a comunidade fica a apenas 2 km do Aeroporto[427] de Presidente Prudente, Ana ligou para a torre de controle, sendo atendida pelo controlador de

---

422 Dezenas de pessoas afirmaram ter presenciado a aparição de luzes misteriosas nas regiões de Capivari, Rafard, Mombuca e Tietê. A grande incidência de avistamentos chamou a atenção da imprensa local: a EPTV de Campinas exibiu reportagens a respeito dos OVNIs e os jornais *Diário do Povo*, *Correio Popular* e *Dois Pontos* publicaram várias matérias sobre o assunto (Boaventura Jr., Edson. "Avistamentos de luzes e ETs mudam a rotina de várias cidade do interior de São Paulo", in boletim *Supysáua*, Guarujá, janeiro-março 1995, nº 35).

423 Situada a 432 km de São Paulo, a 134 km de Presidente Prudente e a 69 km de Ourinhos. A população gira em torno dos cem mil habitantes. Altitude de 546 m. A economia está assentada basicamente na agricultura (cana-de-açúcar, soja, trigo), no comércio e na indústria de médio porte.

424 A 134 km de Assis e a 558 km de São Paulo. Altitude: 476 m. População: 150 mil habitantes. Agricultura: algodão e milho. Hortigranjeiros: tomate. Indústria: alimentos, laticínios, metalurgia. Pecuária: bovinos.

425 Gevaerd, A. J. "Fenômenos agitam o oeste paulista", in *UFO*, Campo Grande, janeiro 1995, nº 35, p. 28-30.

426 De modo a resguardar a privacidade das testemunhas, os sobrenomes não serão divulgados.

427 Rodovia Assis Chateaubriand, km 6,5. Aviões para Campo Grande, Dourados, Londrina, Marília, Maringá, Ourinhos, Ponta Porã e São Paulo.

tráfego aéreo Henrique,[428] 34 anos e 7 na função: "O zumbido era contínuo e lembrava o barulho de um avião a jato", disse Ana ao controlador, mas Henrique assegurou-lhe que nada havia de anormal no céu e que telefonaria em caso de novidade. Henrique contatou a base de Curitiba do Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo, o Cindacta II,[429] ao qual o aeroporto de Prudente está jurisdicionado, e obteve dos operadores de lá a informação de que não havia tráfego na áerea. Em seguida, Henrique muniu-se de um binóculo potente e, em meio à escuridão das quase 21 horas, pôde ver um objeto estranho próximo de onde Ana ouvia o zumbido: "Aquilo era uma estrutura muito luminosa. Um objeto estático no ar, com várias luzes ao redor. Já vi esse tipo de coisa pelo menos outras quatro vezes e muito outros colegas também", confessou Henrique a Gevaerd. O controlador retornou a ligação para dizer à empresária que o que ela estava ouvindo não era barulho de avião. "Aquilo é um OVNI", disse à Ana, sem que essa tivesse tocado no assunto. A observação durou foi até às 2 horas do dia seguinte, por um período de quase 5 horas ininterruptas. Nesse ínterim, Ana e Henrique trocaram inúmeros telefonemas, pois ela não conseguia ver o OVNI — só ouvia o zumbido —, e o controlador tentava indicar-lhe a posição do objeto. "Acordei outros moradores da comunidade e chegamos a subir na torre do moinho para tentarmos ver algo, mas nada conseguimos", declarou Ana.

De qualquer maneira, aquilo seria apenas o começo de uma avalanche de observações que se repetiria em várias noites seguidas. Dois dias depois, por volta das 23h30min, os moradores da Comunidade Bom Pastor se veriam de novo às voltas com luzes intrigantes. E novamente receberiam confirmações dos controladores de vôo da torre da Aeroporto de Prudente. Dessa vez, Ana conversou com Rafael,[430] 30 anos e também 7 na função, que já sabia através de Henrique dos acontecimentos anteriores. Novamente a empresária dizia ao controlador de vôo que só conseguia ouvir o tal zumbido, enquanto esse lhe garantia estar vendo, através de binóculos, um estranho objeto. "Era uma noite sem movimento no aeroporto, que estava quase fechado devido a um intenso nevoeiro, mas vi um objeto em forma de elipse com uma parte azul e algo vermelho que girava em torno dele", contou Rafael. O controlador explicou que pôde ver o objeto e Ana não porque estava no alto da torre de controle, sendo que o OVNI encontrava-se acima das nuvens. No meio do nevoeiro, Ana nada podia ver. "O curioso", completa Rafael, "é que o OVNI desaparecia num lugar para reaparecer noutro, em fração de segundos". Rafael e Henrique são funcionários da empresa Telecomunicações Aeronáuticas S.A. (Tasa), que opera sob comando do Ministério da Aeronáutica. Ambos tiveram variadas experiências de avisamentos de OVNIs que, garantem, "ocorrem em todas as torres de controle de tráfego aéreo do país mas são silenciadas pelas autoridades aeronáuticas".

Embora o aeroporto local fosse de pequeno porte, pois só pousavam aviões do tipo Fokker 27/100 e ATR 42, das empresas TAM e Pantanal, o registro de OVNIs em Prudente era intenso. Rafael, que já viu OVNIs outras três vezes, formulou até uma teoria para explicar tamanha movimentação sobre o Oeste de São Paulo: "Entre a região de Prudente e a cidade de Bataguassu, no Mato Grosso do Sul, há uma espécie de 'cone de silêncio' que inibe o funcionamento normal de rádios e outros aparelhos. Isso deve ser devido a fortes concentrações de minério radioativo na área, talvez urânio. Pode ser essa explicação para o fenômeno, mas o fato é que algo de muito sério está acontecendo em toda uma vasta região, e as autoridades aeronáuticas bem sabem. Há alguns anos, um avistamento chocante aconteceu no mesmo aeroporto e nunca foi divulgado". Segundo Henrique, que até algum tempo atrás chegou a manter um registro particular de todos os casos de OVNIs de que tinha conhecimento, um avião cargueiro da TAM teve seu pouso adiado devido à movimentação de um OVNI sobre a área do

[428] Nome fictício visando proteger a identidade do profissional.
[429] Cobre os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
[430] Nome igualmente fictício.

aeródromo. O avião, um Fokker 27/100 de prefixo TAM 556, vinha para pouso em Prudente quando o comandante avisou pelo rádio que via um objeto luminoso à esquerda da aeronave. Na torre, Henrique também confirmou a observação do objeto e trocou informações com o comandante, que decidiu desviar sua aeronave e rumar em direção ao OVNI. O Fokker ficou cerca de cinco minutos no encalço do objeto, o que permitiu à tripulação uma boa observação. Em seguida, pousou e o comandante foi até a torre de controle trocar idéias sobre o caso com os funcionários. "Naquela noite, o comandante descreveu vários casos de OVNIs que viveu pessoalmente. Foi fantástico", declarou Henrique à Gevaerd. A observação desse objeto durou cerca de 2 horas, e o comandante disse que se tratava de um "jogo de luzes coloridas", mas não pôde ver direito devido as nuvens. Henrique e Rafael parecem ver sempre o mesmo tipo de objeto na região, mas lamentam que o radar do Cindacta 2 insistia em dizer que não capta a presença do intruso sobre Prudente.

Noutra ocasião, vários controladores da torre de Prudente puderam ver juntos, na alvorada, um outro objeto luminoso que aparecia no final da pista de pouso e decolagem. Era uma luz intensa e multicolorida que foi se deslocando até posicionar-se em direção oeste, justamente na área do 'cone de silêncio' ao qual Rafael se referiu. Seus colegas e superiores também viram a movimentação de luzes. O comportamento das naves é peculiar, especialmente sobre aéreas estratégicas ou militares, como aeroportos, bases aéreas, quartéis, etc. Um bom exemplo é o complexo aeronáutico de São José dos Campos, próximo ao litoral norte do Estado e a apenas 97 km da capital. "Lá, a movimentação de OVNIs é constante, o tempo todo", garantiu Rafael.

Os moradores da Comunidade foram despertados para o fenômeno. Passaram várias noites em vigília à espera das luzes não identificadas. Viram luzes ora estáticas, ora em manobras no céu. E em pelo menos duas ocasiões viram sondas vermelhas encostadas no solo, a não mais de 500 m de distância da sede da fazenda. As sondas eram semi-esféricas e estavam próximas à uma mata limítrofe da comunidade, que ficava numa área bucólica e silenciosa. A comunidade era eclética e composta por pessoas de várias formações — advogados, empresários, bancários, etc. —, sendo que todos tinham em comum a fé cristã, embora não professassem qualquer religião específica. Ana, por exemplo, era proprietária de uma escola em Prudente e nunca tinha visto OVNIs antes de junho. "Para mim, foi uma surpresa saber pelos controladores da torre do aeroporto, que hoje são meus amigos, que aquele zumbido era de um OVNI. Eu achava que fosse um avião em perigo". A líder espiritual da comunidade, Maria A. G. P. F. S., conhecida como Dê, disse que nunca viu nada de significativo nessa área, mas que seu grupo teve experiências muito interessantes.

O caso que abriu a onda de Assis soa como um prenúncio do que estava por vir. No dia 5 de janeiro de 1995, por volta das 2h30min, a insônia acometia a costureira Maria A. de O. P., 45 anos, residente na Vila Operária. Resolveu então sentar-se no quintal dos fundos para respirar um pouco de ar fresco. Não demorou para que sua cadela começasse a latir furiosamente em direção ao céu. Maria, pensando que um gato andava pelo telhado, espantou-se ao ver que na verdade tratava-se de um enorme objeto oval meio disforme, brilhante (como uma "lâmpada fluorescente") maior do que a lua cheia, que fazia movimentos alternados, mantendo uma distância de cerca de 400 m de onde estava. Segundo ela, quando o objeto — que parecia ser de "vidro" ou "metal transparente" — girava, alguns "ganchos" pendiam para baixo (no desenho de Maria, o objeto assemelha-se a um "vírus" ou "bactéria" que lembra as "criaturas" flutuantes do quadro *Céu Azul,* de Kandinsky). Emitia lampejos que ofuscavam seus olhos e um chiado intermitente (como o de um rádio mal sintonizado) que penetrava em sua cabeça. Por um breve período sentiu a mente paralisada, com a impressão de que alguém a comandava. "Parecia que tinha uma força magnética, um imã no objeto. Senti medo e uma batedeira no coração". O OVNI, multicolorido, de esverdeado passou a lilás mais claro e depois para um alaranjado muito

forte (esta cor foi a que mais lhe atacou a vista). O objeto soltou ainda um chuvisco "parecido com o chuvisco da tevê".[431] De repente, aumentou sua luminosidade (fez um "zoom"). "Quando pisquei os olhos ele sumiu como se tivesse apagado". A cadela, de tão amedrontada, naquela madrugada refugiou-se sob a cama do casal, lá permanecendo até de manhã. Apesar dos olhos muito irritados, Maria ainda conseguiu dormir até às 7h30min. Durante várias dias os olhos de Maria sofreram coceira, ardência e lacrimejação. Curiosamente, as goiabas de uma árvore do quintal, mesmo fora de época, amadureceram rapidamente.

A onda tomou vulto em 7 de janeiro, quando um objeto foi avistado ao mesmo tempo em todos os arredores da cidade. A própria Maria o viu, mas como parecia menor do que o da vez anterior, não deu muita importância. Por volta das 23 horas, seus vizinhos conversavam distraidamente nas calçadas quando a menina Natália C. V. P., 5 anos, que andava de bicicleta, chamou a atenção para um objeto oval branco-avermelhado estacionado acima dos fios de alta tensão da Fepasa. Quase toda a família de Natália viu o objeto. O aposentado Roque V. P., 63 anos, avô de Natália, estava dentro de casa e foi atraído pelos gritos na rua. "O objeto era uma esfera brilhante com cerca de 60 cm de diâmetro que alternava várias cores (azul, amarelo, abóbora). Na lente do binóculo ele parecia mais escuro. Um círculo com uma pequena faixa brilhante era discernível. A olho nu parecia girar em torno de si mesmo". A esposa de Roque, Terezinha G. P., 53 anos, descreve o que viu: "Era uma esfera oval, brilhante, de cor vermelha na parte de cima e branca embaixo, com cerca de 3 m de diâmetro. Surgiu quase em cima de minha casa, e depois foi se afastando e sumindo para os lados de Ourinhos. Era como uma estrela, muito bonita. Eu não tive nem um pouco de medo. Eu vi e queria ver de novo. Tenho certeza que balão não era, era um objeto estranho mesmo. Quando telefonaram para o corpo de bombeiros eles falaram que era um balão, mas balão não era, tenho certeza", enfatizou. Sônia R. V. P., 29 anos, casada com João R. V. P. (filho de Terezinha) e mãe de Natália, auxiliar de enfermagem e aluna do 1º ano de enfermagem na Universidade de Marília (Unimar), acha que não era satélite, balão ou estrela, mas também não tem certeza se era um disco de outro planeta. "Desconfiei que era uma projeção", declarou. Rafael C. V. , 11 anos, irmão de Natália, a exemplo desta andava de bicicleta no momento em que o OVNI apareceu. Por ter assistido três vezes o filme *ET, o Extraterrestre*,[432] achou que era um OVNI pilotado por um ser de outro planeta.

A bancária Jane M. V., 39 anos, logrou filmá-lo com sua câmera VHS (M-2.000, Panasonic semi-profissional) captando com nitidez o objeto redondo silencioso que mudava ligeiramente de formato, tamanho e cor. Às 23 horas, estava no quarto assistindo tevê junto com sua mãe Dirce, quando foi despertada pelo gritos na rua. Ao ver que se tratava de um OVNI, apanhou sem demora a câmera e passou a registrar os movimentos laterais que ele fazia, como se rodeasse o local. "A emoção foi tanta que esquecemos os pães que estavam assando no forno", lembrou. Jane confessa que ficou com medo de ser levada por alguém que estivesse dentro daquela "esfera perfeita", muito brilhante e de cor avermelhada.

Pouco antes, por volta das 22h30min, provavelmente o mesmo objeto levou o pânico a uma casa próxima do centro de Assis, localizada na rua Padre David. Dolores G. R., 43 anos, e sua irmã gêmea Doralice G. C., visitavam a irmã mais velha, Maria Nadir S. O., 48 anos. Sentadas tranqüilamente no muro da casa, não esperavam que uma forte luz iria pairar no céu, logo acima de suas cabeças. Dolores chegou a pensar que iriam ser sugadas para dentro do objeto. Quem mais se assustou, no entanto, foi Doralice. A jornalista Sandra Regina Pagnan, colaboradora do *Jornal da Segunda*, na edição de 16 de janeiro de 1995 escreveu que a luz forte e branca vinda do céu abalou a tranqüilidade de Dolores e de seus familiares. Auxiliada por sua irmã gêmea Doralice e seu sobrinho, Rafael C., 13 anos, Dolores recordou-se daquela noite e

---

[431] Vale notar que o contatado Gênesis Moreira também comparou a luz que apareceu em seu quarto com o "chuvisco de tevê".

[432] De Steven Spielberg, EUA, 1982.

confessou que ficou assustada com o que viu. "Parecia um farol grande apontado para nós, como que nos vigiando". Entre os que viram o OVNI, Doralice foi quem mais se assustou. "Eu corria de uma lado para o outro da casa. Certo momento fui para o quintal achando que estaria me escondendo, mas a luz estava no fundo da casa também". O medo de Dolores era o de que eles pudessem ser sugados para dentro do objeto. Dolores contou que estavam sentadas no muro da casa quando viram aquela luz. Segundo seu relato, a luz era forte mas não o suficiente para clarear o ambiente onde estavam. Apenas tornava impossível fixar o olhar contra a luz que, segundo as pessoas que viram, tinham o formato de uma estrela. A luz branca permaneceu visível por alguns minutos, distante cerca de 500 m dos observadores. "Em seguida, a luz se apagou e surgiu um ponto luminoso vermelho que permaneceu visível por mais tempo, uns 15 minutos", lembrou Doralice. A luz branca voltou a aparecer para depois apagar e distanciar-se do local.

Segundo o relato da família, a impressão que se teve foi que o OVNI estava bem próximo do solo e se afastou como se fosse um avião decolando. Passado o medo, Dolores e seus familiares começaram a analisar o fato tentando identificar aquela luz. Descartaram qualquer possibilidade de que se tratasse de uma aeronave ou um balão. "Conheço bem balões, e aquela luz não se parecia nada com um", assegurou Doralice. Estrela cadente foi outra hipótese não aceita por elas, já que a luz permaneceu parada por um certo tempo. No dia seguinte ao episódio souberam que não foram os únicos a ver o objeto. A luz intrigou um amigo da família que viu o objeto em Cândido Mota. A família nunca conseguiu elucidar o fato. Uma coisa, no entanto, é certa: a imagem do "farol com luz forte e branca" permanece registrada na memória de cada um como algo assustador, sobretudo pela impossibilidade de identificá-lo.[433]

Enquanto isso, o comerciante e técnico eletricista Ademar M. B., 55 anos, se dirigia para casa, no Jardim Europa, acompanhado de sua esposa Aparecida S. M., 52 anos. Da caminhonete Ford F-1.000, na rua José Severino, Ademar chamou a atenção da esposa para um objeto avermelhado com o formato de uma bacia emborcada se locomovendo em direção ao bairro de Santa Cecília. Parou o veículo e ficaram observando. A certa altura, o objeto fez uma curva de 90 graus e mudou o sentido para Cândido Mota. Por duas vezes, o objeto disparou fortes flashes de luz branca. "Andava um pouco, soltava um flash e voltava a apagar. O curioso é que a parte de baixo não era visível. Os contornos só eram nítidos na parte de cima. A luz refletia para baixo como um flash de máquina fotográfica". Como técnico, Ademar disse que nunca viu uma luz como aquela. Segundo ele, para que se produzisse uma luz com tal intensidade, seria necessário a aplicação de uma corrente contínua de no mínimo 28 volts. A corrente alternada ultrapassaria os 300 volts. A quantidade de watts teria de ser altíssima.

O *Jornal da Segunda* trouxe uma reportagem a respeito. Ademar contou que chegava a casa, acompanhado de sua esposa, na rua João Cabianca, no Jardim Europa, quando avistou o OVNI às 22h30min. O objeto era silencioso e se deslocava bem devagar. Ele se recorda que por duas vezes o objeto emitiu uma luz branca e forte "como se tivesse disparando um flash". "Nunca vi uma luz igual; é algo completamente diferente", declarou. Ele calculou que o objeto estava a uns 40 m do solo. O episódio deixou o eletricista e sua esposa assustados e ao mesmo tempo intrigados. Ademar diz conhecer bem balões e não acredita que fosse um. Com o seu conhecimento em eletricidade adquirido ao longo dos 40 anos que atua na área, ele ressalta que para emitir uma luz tão forte quanto a que foi emitida pelo OVNI seria necessário um equipamento com muita potência o que se tornaria pesado demais para ser transportado por um balão. Outro fato que fez com que Ademar descartasse a possibilidade de ser um balão foi a mudança de direção do objeto. "Um balão acompanha a direção do vento, além do mais, os balões possuem uma tocha de fogo bastante perceptível para quem os vê de longe", asseverou. A

---

[433] Pagnan, Sandra Regina. "Objeto Voador Não Identificado assusta moradores assisenses", in *Jornal da Segunda*, Assis (SP), 16-1-1995, ano VI, nº 269, Mistério, primeira página.

total ausência de barulho do objeto é outro fator que deixou o eletricista cismado. "O objeto se movia muito lentamente sem fazer barulho algum, por isso não acredito que fosse uma avião ou algo semelhante". A reportagem termina dizendo que "Durante todo o depoimento, Ademar demonstrou coerência e segurança nas explicações que deu. Ele está convencido de que trata-se de algo totalmente desconhecido e quer desvendar esse que é para ele 'um grande mistério' ".[434]

No aeroporto estadual de Assis,[435] o vigilante noturno José V. P., 41 anos, atendeu seguidamente telefonemas de moradores do centro da cidade (da rua José Nogueira Marmontel e da av. Rui Barbosa) que pediam aflitamente informações sobre o objeto estranho. José não acreditava no que ouvia, apesar do tom de semi-desespero de algumas pessoas. Por volta das 23 horas ele viu um ponto brilhante amarelo-claro próximo da zona urbana de Assis, mas achou que era só um balão. Católico praticante, para ele os OVNIs não passam de "superstição".

Nessa noite, o filho caçula de Terezinha, Marcelo V. P., 19 anos, chegou de uma festança e, tomado pelo cansaço, acabou dormindo. Ao cientificarem-no da aparição, ficou decepcionado, pois, conforme declarou, "também gostaria muito de poder ter visto". Logo na noite seguinte, por volta das 22h30min, assistia na sala um filme na Rede Globo enquanto a família dormia. De repente, sem que escutasse barulho de automóvel, um clarão branco, feito um farol, entrou pela janela. Contou para sua mãe, que achou estar ligado ao disco. Marcelo admitiu, porém, que "podia ser um relâmpago, ou qualquer outra coisa".

Um morador da rua Santos Dumont, do bairro de Santa Cecília, que preferiu não identificar-se, relatou à equipe de reportagens do jornal *A Gazeta do Vale* ter avistado um OVNI por volta das 4h15min de 18 de janeiro. Era uma bola de luz em tom amarelado que pairava no ar a uma altura estimada em aproximadamente 1 km. Segundo o morador, o objeto permaneceu no local até às 4h50min, quando deslocou-se no sentido sudoeste, até as proximidades da Vila Operária. O morador explicou que a luz desapareceu de repente, como se tivesse sido apagada, para não mais aparecer.[436]

O professor primário Milton M., 47 anos, formado em letras pela Unesp,[437] morador em um apartamento na av. Rui Barbosa, no centro, contou-nos que em 24 de janeiro 1995, terça-feira, por volta das 20h30min, viu um objeto esférico, brilhante, do tamanho de uma bola de futebol, pairando acima da catedral e que depois cortou todo aquele setor da cidade. Por fim, descreveu uma parábola e seguiu em direção a Palmital.

Por volta das 23h45min dessa mesma noite, o estudante Christiano José Jabur, 18 anos, residente próximo ao centro, filmou[438] do fundo de seu quintal um objeto redondo vermelho-alaranjado que pairou no local até às 00h30min.

Na noite de 27 de janeiro, entre 22h48min e 23 horas, a estudante e secretária Aline C. S., 21 anos, descia uma rua da Vila Operária, onde morava, quando viu um objeto esférico branco meio disforme, com cerca de 5 m de diâmetro, que aumentava e diminuía de tamanho e fazia movimentos ascendentes e descendentes. Ela confessou que sentiu medo de entrar em casa sozinha e deparar-se com um ser esperando-a.

Em meados de fevereiro, Milton voltou a avistar o mesmo OVNI. Às 4h30min estava lendo na sala e ao desviar o olhar para a janela notou que a luz pairava na altura da igreja. Milton

---

[434] Pagnan, Sandra Regina & Nogueira, Dagoberto. "Objeto voador não identificado vira notícia na imprensa nacional", in *Jornal da Segunda*, Assis (SP), 23-1-1995, Mistério, p. 3

[435] Acesso pela rodovia Raposo Tavares, km 449, 5. Fundado em 1º de julho de 1967 pelo governador de São Paulo Abreu Sodré e pelo prefeito de Assis Oliveiros Alberto de Castro. Em 1990, foram feitas várias melhorias no local, entre elas: terraplanagem e pavimentação asfáltica da ampliação da pista de pouso para 1.400x30 m; construção da casa do mantenedor e de transmissores KC-KT; instalação de equipamentos para vôos noturnos por instrumentos, para estação privada de telecomunicações aeronáuticas (EPTA) e para rádio farol não direcional (NDB).

[436] *A Gazeta do Vale*, Assis (SP), 19-1-1995, Cidade, p. 3.

[437] Em 1971, na época em que esta pertencia a USP.

[438] Usando uma câmera Panasonic, A1 digital, VHS, hand-can.

acordou seu filho Lucas S. M., 12 anos, para que igualmente testemunhasse. Eis o que o garoto contou: “Fiquei até às 6h20min admirando o objeto amarelo claro na varanda do apartamento. Ele tinha o formato estrelar, e uns 40 m de diâmetro. Parecia de metal. Aproximava-se e afastava-se, dando a impressão de mudar de tamanho. Telefonamos para o 190 (Batalhão da Polícia Militar) comunicando o fato mas o general de plantão não viu o objeto. Mas eu acredito que era mesmo um disco voador”.

Na época em que a onda já tinha se arrefecido, em 6 de março, o motorista José M. C. conduzia de volta para Assis o ônibus da empresa Florínea, transportando cerca de cinqüenta estudantes da Unimar. Marcão, um investigador da polícia, viajava em pé ao seu lado. Por volta das 22h30min, no trecho compreendido entre as duas serras no acesso a Marília pela SP-333, perto do município de Oscar Bressane, José notou uma luz estranha no céu. No intuito de observar melhor, parou no acostamento e apagou todas as luzes do veículo. Deteve-se no local durante uns 5 minutos, período em que procurou captar os detalhes do objeto. “Era meio oval, mais embaçado do que uma lâmpada e mais brilhante do que uma estrela. Tinha uma cor amarelada, quase marrom. Da distância em que nos encontrávamos, parecia do tamanho de uma laranja. Não variou o formato. Ficou parado e depois saiu em alta velocidade. Seguiu para a direita, no sentido norte/nordeste. Fiquei impressionado com a visão e senti um pouco de medo. Aquilo não era deste mundo. O negócio era sério mesmo”. José disse ter feito o seguinte comentário ao Marcão: “Se existir disco voador, aquilo lá é um”. Marcão concordou. Nessa altura, alguns alunos também comentavam o avistamento. Por vias das dúvidas, José M. C. disse que tratou logo de deixar o local. Exatamente uma semana depois, só que na viagem de ida a Marília, por volta das 20 horas, José voltou a observar, desta vez sozinho (ninguém o acompanhava e os alunos estavam lendo distraidamente) o mesmo objeto, no mesmo local.

Fechando a onda, em 27 de abril de 1995 a estudante de Letras da Unesp, Cláudia C. S., 19 anos, viu da sacada de sua casa na rua Sebastião Leite do Canto, no Centro, entre 20h45min e 21 horas, um objeto oval amarelo, meio torto, brilhando como uma estrela, com cerca de 1 m de diâmetro. “O objeto parecia estar girando em torno de si mesmo, no sentido horário. Começou a subir e em seguida desceu de novo. Fez uma curva de 30 graus e foi em direção às imediações da Vila Operária e do Buracão. Piscou várias vezes e sumiu atrás do prédio do Banespa”. Sua irmã mais velha, Célia R. S., 23 anos, aluna do curso de pós-graduação em história, também viu o objeto mas achou que era apenas um satélite.

Com o propósito de realizar uma análise crítico-comparativa dos casos reportados no período e detectar possíveis discrepâncias, aplicamos em todas as testemunhas por nós entrevistadas um extenso questionário, o qual permitiu auferir a consistência real das descrições e os condicionamentos culturais em curso. Cumpre observar que no momento da inquirição tomamos o cuidado de não proceder como muitos ufólogos, que acabam por influenciar sutilmente o desfecho dos casos, forçando as respostas de modo a validar conclusões preconcebidas. Infelizmente, verificamos que a maioria tende a tirar conclusões precipitadas com base em dados insuficientes. Para tanto, nossa “Planilha para pesquisa preliminar e recolhimento de informações básicas”[439] procurou abarcar um amplo espectro, levando em consideração

[439] Para a elaboração da planilha tomamos por base questionários utilizados pelo CBPDV, pelas Forças Aéreas Norte Americana, Francesa e Brasileira e pelos antropólogos ligados a pesquisa das sociedades urbanas. Eis os dados contidos na planilha: Informações relativas a testemunha: nome; endereço; telefone; data e local de nascimento; profissão; onde trabalha ou trabalhou; formação educacional; onda estuda ou estudou; estado civil; cônjuge; filhos; religião ou crença praticada; que tipos de centros religiosos ou místicos freqüentou? já presenciou aparições de fantasmas? espíritos? duendes, santos, anjos, demônios, etc.? entidades folclóricas? acredita em algo do que foi mencionado acima? passou por experiências paranormais? sofreu distúrbios psicológicos? é portador ou já contraiu doenças graves? sofreu acidentes graves? quadro geral de saúde; coisas que faz no cotidiano; atividade política; relações sociais; programas que costuma assistir na tevê; programas que costuma ouvir no rádio; publicações que costuma ler (jornais, revistas, etc.); filmes e peças de teatro de que mais gostou; outros interesses artísticos e

parâmetros não só de ordem objetiva como também subjetiva. Em certos casos, parte dos dados necessários não foi disponibilizado. Dependendo da situação, refizemos as perguntas, até que as informações necessárias aparecessem. Não obstante, sempre respeitamos as opções das testemunhas, não objetando caso não quisessem responder a determinado item, o que raramente veio a ocorrer.

Antes ou depois da aplicação do questionário, deixamos a testemunha descrever livremente o fenômeno. Pedimos em seguida que nos fizesse um esboço ou desenho sobre o que avistara. Reunindo e classificando todos os dados obtidos, constatamos numerosas diferenças e contradições. Mas não ficamos surpresos com os resultados e já esperávamos que assim fossem. A percepção, entendida como o ato ou efeito de perceber, é uma função psíquica complexa, por intermédio da qual a mente vem a formar uma reprodução dos objetos exteriores, com o conhecimento da situação espacial, da individualidade e da realidade desses objetos. A percepção visual se distingue da sensação, pois que é muito mais complexo; exige o concurso de imagens, de um juízo de exterioridade, da atenção, etc. Na filosofia de Leibiniz, a percepção é a "representação mais ou menos viva que transforma cada mônada num espelho mais ou menos vivo de todo o Universo".

A crença na existência do mundo exterior é um produto de aquisição, admitindo alguns como imediata a percepção do nosso eu e, como adquirida, por via discursiva a noção do não-eu (Descartes, Berkeley) e pretendendo outros (James, Baldwin) que ambas as noções se expliquem por aquisição. Dois indivíduos ao verem uma coisa dificilmente captam os mesmos dados sobre ela, pois cada um interpreta de modo diferente. A interseção entre o estímulo e a reação não é biunívoca nem independe da educação, da história e da linguagem. A visão e sua representação são determinadas não só pelo sistema neural, mas principalmente pelos condicionamentos

---

culturais (música, pintura, escultura, literatura, etc.); sonhos e pesadelos mais freqüentes; esta foi a primeira vez que teve um contato?; alguém da família ou um conhecido próximo já teve um contato? opinião sobre o que é o fenômeno e o que ou quem poderia tê-lo produzido; interesse pelo assunto discos voadores, antes e depois da ocorrência. Informações relativas às condições gerais da ocorrência: data e local; hora do início e do término; onde estava a testemunha no momento; região urbana ou rural; localização; ponto de referência; estrutura da região (hidrelétricas, linhas de alta tensão, indústrias, usinas, aeroportos antenas de rádio e tv, etc.); ambiente natural da região; o que fazia no momento; condições ópticas (a olho nu, óculos, binóculos, telescópio, pára-brisa de carro, vidro de janela, etc.); visibilidade; condições do tempo (antes, durante e depois da ocorrência); se foi durante o dia, onde estava o sol; se foi durante a noite, onde estavam as estrelas e a lua; tipo de lua: descrever as estrelas; havia pessoas próximas? havia animais? havia automóveis ou máquinas? se estava num automóvel ou outro veículo, descrever a velocidade em que se movia e a direção em que se deslocava; a testemunha se deteve por alguns momentos? Informações relativas ao fenômeno observado: nº de objetos; voavam em formação (tipo)?; formato; superfície brilhante ou opaca?; era mais brilhante do que o fundo do céu?; cores; parecia feito de que material?, tamanho aparente em m; dimensão comparada a; houve variação no tamanho ou formato?; anexos ao corpo principal (antenas, asas, etc.); distância média do objeto em relação a testemunha; altitude média do objeto; manobras executadas pelo objeto; houve pouso ou sobrevôo rasante?; rota tomada. Efeitos físicos verificados: acústicos (sons, ruídos, etc.); luminosos (flashes, faíscas, etc.); magnéticos (imantação de objetos, interferências. etc.); biológicos (na vegetação, em animais, etc.); químicos (odores, gases, queimas, etc.); mecânicos (ventos, quebra na vegetação, etc.); extraordinários (desaparecimentos, materializações, levitação, etc.); ordem de acontecimento dos efeitos. Efeitos psicobiofisiológicos manifestados na testemunha: sistema circulatório (paralisação ou aceleração cardíaca, arroxeamento da pele, sangramentos, etc.); sistema respiratório (falta de ar, etc.); sistema neurológico (dores localizadas ou genéricas, choques, arrepios, paralisia, etc.); anatomia (calor, frio, desequilíbrio, cegueira, etc.); funcionamento orgânico (diarréia, vômitos, suor, secreções, lacrimejações, etc.); efeitos psicológicos (medo, ansiedade, aflição, terror, admiração, etc.); efeitos extraordinários (sensação de máximo bem-estar, absoluto desespero, etc.); efeitos paranormais (telepatia, levitação, etc.); outros. Informações adicionais: vestígios ou evidências da ocorrência; o objeto deixou marcas no solo ou na vegetação?; de que tipo?; liberou líquidos ou fragmentos?; foram feitas fotos? quantas? câmera usada; filme usado; asa; data da revelação; laboratório fotográfico; foram feitos filmes?; duração; câmera usada; filme usado; outras informações; vestígios ou amostras. Verificações pessoais: descrição da rua em que reside a testemunha; descrição da vizinhança; características da casa (externamente); características da casa (internamente); nível econômico-financeiro; nível cultural-educacional; animais de estimação; relações entre as pessoas da casa; observações adicionais.

culturais. Sabemos que todas as testemunhas podem cometer erros ou falsear a realidade, sem que tivessem esses propósitos, moldando suas narrações de acordo com expectativas previamente definidas, afetando certas magnitudes observáveis. Mais do que um receptor ou transmissor de informações, o ser humano é um transformador.

Não podemos logicamente, a partir dessa reduzida amostra, chegar a conclusões de caráter universal, mas é muito provável que em outras condições se alcancem resultados ainda mais eloqüentes. Seria aconselhável, assim, que no futuro outros pesquisadores viessem a aplicar sobre um grupo diferenciado e em circunstâncias distintas, a mesma metodologia empregada, modificando e incluindo outras variáveis que permitissem obter novos resultados. Destarte, a análise realizada possui um valor de confirmação dentro de um corpo de hipóteses sobre a percepção e um significado mais qualificativo do que propriamente estatístico.

Num primeiro grupo, reunimos as dez testemunhas que observaram o mesmo OVNI em diversos pontos de Assis na noite de 7 de janeiro. A maioria delas (sete) encontravam-na na Vila Operária, enquanto uma passava pela av. José Severino, uma vigiava o aeroporto e outra estava perto do Centro. A Vila Operária margeia a linha férrea que corre no sentido leste-oeste, desembocando num velho depósito da Fepasa. Todos os locais são núcleos marcadamente urbanos, com razoável concentração populacional, o que vem a quebrar a noção geralmente difundida de que os OVNIs aparecem somente — ou de preferência — em áreas desabitadas ou rurais. Relacionamos a seguir alguns tópicos gerais do questionário, incluindo os comentários suscitados pela leitura das respostas.

*Veículo*: levou-se em conta aqui se a testemunha, no momento da eclosão do fenômeno, estava a pé ou se fazia uso de algum meio de transporte. Duas andavam de bicicleta, uma dirigia um Ford F-1.000 e outra, embora não se encontrasse dentro de um avião, achava-se num aeroporto.

*Animal*: nesse grupo, ninguém reportou a presença de animais selvagens ou domésticos no momento da aparição.

*Hora*: a hora apresentou uma variação de 2 horas (das 22h30min às 00h30min), vindo a confirmar que as testemunhas costumam estimar a ocorrência horária em frações de 15 minutos.

*Duração*: a discrepância aqui é ainda mais considerável, variando de três minutos a uma hora e meia.

*Tempo*: a maioria alegou que as condições do tempo eram boas, com um céu sem nuvens e estrelas perfeitamente visíveis. No entanto, três enxergaram o céu nublado e uma notou nuvens brancas.

*Visibilidade*: todos foram unânimes em dizer que o campo de visão permitia uma boa apreciação do fenômeno.

*Óptica*: a luz é uma forma de energia que, excitando o nervo óptico, provoca a visão. De modo geral, considera-se a luz como um fenômeno ondulatório que é emitido pela fonte luminosa. No vácuo e num meio homogêneo, como o ar, o vidro e a água, a luz se propaga em linha reta e com velocidade constante. Dependendo do meio material pela qual passa, a luz sofre uma diminuição de intensidade ou uma distorção. Levando isso em conta, perguntamos se para as testemunhas se observaram o fenômeno a olho nu ou através de algum meio artificial. Metade viu a olho nu, enquanto duas valerem-se de binóculos, uma usava óculos, uma viu através da câmera da filmadora e outra (que também usava óculos) viu através do pára-brisa do carro.

*Distância*: é notável a grande dispersão de medida que se produz na estimação do cálculo das distâncias, oscilando entre perto (o que vai de 100 a 500 m) a longe (2.000 m), mesmo com elementos de paisagem que serviam de referência para um cálculo mais exato.

*Altitude*: este é outro item com muitas variações. O OVNI foi visto pairando tanto perto do solo (o que vai de 0 a 350 m) como muito alto no céu (2 km).

*Tamanho* (*dimensões*): percebe-se aqui novamente uma clara dispersão, variando em 60 cm ao tamanho de uma avião. Devemos lembrar que se desconhecemos a distância a que se encontra um objeto, não podemos calcular o seu tamanho real, mas a maioria elabora seus próprios cálculos, de acordo com as dimensões prototípicas que cada um tem de um OVNI.

*Formato*: reproduzo aqui as expressões utilizadas pelas próprias testemunhas: bola, esfera perfeita, esfera, esfera ½ oval, oval, bacia e estrela.

*Cores*: menciona-se três cores básicas e suas combinações: vermelho, laranja e amarelo; amarelo claro, prata, verde, azul e branco. As localizações dessas cores no objeto são as mais díspares.

*Sons*: nenhuma testemunha se recordou de ter escutado qualquer som.

*Flashes*: para duas testemunhas apenas, o objeto emitiu flashes ofuscantes.

*Material*: nenhuma conseguiu presumir de que material era constituído o objeto, vendo somente a luz irradiada em torno.

*Superfície:* para seis testemunhas a superfície era brilhante, para duas era fluorescente, para uma era fosforescente e para uma era fosca.

*Manobras:* atribuiu-se ao objeto os mais diversos e inusitados movimentos: retilíneos, laterais, aleatórios, curvos (incluindo-se uma mirabolante curva de 90 graus).

*Rota*: três disseram que o OVNI dirigiu-se para Cândido Mota. Uma apontou para Ourinhos, outra para Santa Cecília, e uma última apontou para a zona urbana. Quatro não souberam precisar.

*Velocidade:* muito lenta, permitindo que fosse visto durante tanto tempo. Somente uma arriscou calcular a velocidade: 20 km/h.

*Reações psíquicas e físicas:* as reações de ordem psíquicas são mais comuns que as físicas e vão desde o simples fato de achar "normal" ou "bonito", passando pela fascinação, admiração e curiosidade, até estados de ansiedade, medo, aflição, pânico, desespero, ou mesmo paz interior e bem estar. Em termos físicos, oito não sofreram qualquer reação, ao passo que uma não conseguir dormir e outra dormiu mau.

*O que fazia no momento da ocorrência:* três conversavam informalmente, duas andavam de bicicleta, duas assistiam tevê, uma simplesmente estava dentro de casa, uma dirigia uma caminhonete e uma vigiava o aeroporto.

*Detalhes*: incluímos aqui detalhes extras presumivelmente observados, na maioria das vezes criados pela própria fantasia dos observadores: brilhos tipo estrela, bolas ao redor, listras coloridas.

*Evidências*: somente duas testemunhas conseguiram obter algum documento material registrando o fenômeno.

As disparidades ficam mais acentuadas na tabela a seguir:

Tabela n$^{o}$ 1

| **Testem.** | **Natália** | **Tereza** | **Roque** | **Sonia** | **Rafael** | **Jane** | **Dirce** | **Ademar** | **Valdir** | **Nadir** |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Data** | 7-1 | 7-1 | 7-1 | 7-1 | 7-1 | 7-1 | 7-1 | 7-1 | 7-1 | 7-1 |
| **Local** | Vila Operária | Vila Operária | Vila Operária | Vila Operária | Vila Operária | Vila Operária | Vila Operária | av. José Severino | aeroporto | centro |
| **Zona** | urbana | urbana | urbana | urbana | urbana | urbana | urbana | urbana | urbana | urbana |
| **Veículo** | bicicleta | nenhum | nenhum | nenhum | bicicleta | nenhum | nenhum | F-1000 | aviões | - |
| **Animal** | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum |
| **Hora** | 22h45 | 22h45 | 23h30 | 23h00 | 00h30 | 23h00 | 23h00 | 22h30 | 23h00 | 22h30 |
| **Duração** | 1 hora | 1 hora | 30 min | 1 hora | 15 min | 1h30 | 1h30 | 3 min | 5 min | 15 min |
| **Condições do tempo** | bom | sem nuvens | céu estrelado | bom | bom | nublado | nublado | nuvens brancas | bom | nublado |
| **Visibilidade** | boa | boa | boa | boa | boa | boa | boa | boa | boa | boa |
| **Condições ópticas** | olho nu | óculos | binóculos | olho nu | binóculos | câmera | olho nu | pára-brisas e óculos | olho nu | olho nu |
| **Distância** | - | 2 km | perto | - | longe | longe | longe | 800 m | longe | 500 m |
| **Altitude** | - | 1 km | 100m | - | baixa | 2 km | 2 km | 350 m | baixa | p. solo |
| **Tamanho** | carro | 3 m | 60 cm | carro | carro | avião | avião | 10 m | balão | avião |
| **Forma** | esfera | esfera, oval | bola, esfera | oval | oval | esfera perfeita | esfera | bacia | esfera | estrela |
| **Cores** | laranja, verde e azul | vermelha e branca | azul, amarela e laranja | laranja, verm. e prata. | vermelha e laranja | branca e vermelha | branca e vermelha | vermelha fosca | amarela clara | branca e vermelha |
| **Sons** | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum |
| **Flashes de luz** | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | ofuscante | nenhum | ofuscante |
| **Material** | luz | luz | - | luz | - | luz | luz | luz | luz | luz |
| **Superfície** | brilhante | brilhante | brilhante | fosforescente | brilhante | fluorescente | fluorescente | fosca | brilhante | brilhante |
| **Manobras** | laterais | retas e curvas | - | - | linha reta | laterais | laterais | curva de 90$^{o}$ | linha reta | aleatórias |
| **Rota** | - | rumo a Ourinhos | - | - | - | rumo a Cândido Mota | rumo a Cândido Mota | rumo a Santa Cecília | rumo a zona urbana | rumo a Cândido Mota |
| **Velocidade** | lenta | lenta | lenta | lenta | lenta | lenta | lenta | 20 km/h | lenta | lenta |
| **Reações psíquicas** | achou bonito | admiração, ansiedade | curiosidade | curiosidade | ansiedade, paz, bem estar | medo, ansied., aflição, admiração | medo, fascinação | admiração, emoção | achou normal | medo, desespero, pânico |
| **Reações orgânicas** | nenhum | não dormiu | dormiu normal | nenhum | dormiu bem | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | dormiu mau |
| **O que fazia no momento** | andava de bicicleta | conversava com a Nora | dentro de casa | conversava | andava de bicicleta | assistia tevê | assistia tevê | dirigia o Ford | vigiava o aeroporto | conversava com a família |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Detalhes** | brilhos tipo estrela | ver- melha em cima | - | esferas ao redor | listras colo- ridas | a luz ficou + clara | - | o flash era intenso | - | perse- guição |
| **Evidên- cias** | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | filme | filme | nenhum | nenhum | nenhum |

Fonte: Suenaga, Cláudio Tsuyoshi. São Paulo, 1997.

No segundo grupo, reunimos nove testemunhas que presenciaram o fenômeno em dias diversos; com exceção o de Maria, todos os casos são subseqüentes a 7 de janeiro. Deparamo-nos novamente com as mesmas disparidades de dados reportadas pelo grupo anterior:

Tabela nº 2

| **Testem.** | **Maria** | **Marcelo** | **Christ.** | **Milton** | **Lucas** | **Aline** | **José** | **Cláudia** | **Célia** |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Data** | 5-1 | 8-1 | 24-01 | 24-01 | fev. 1995 | 27-1 | 6-3 | 27-4 | 27-4 |
| **Local** | Vila Operária | Vila Operária | centro | centro | centro | Vila Operária | rodovia SP- 333 | centro | centro |
| **Zona** | urbana | urbana | urbana | urbana | urbana | urbana | rural | urbana | urbana |
| **Veículo** | nenhum | nenhum | carros | carros | carros | carros | ônibus | carros | carros |
| **Aninal** | cão | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum |
| **Hora** | 2h30 | 22h30 | 23h45 | 20h30 | 4h30 | 22h48 | 23h30 | 20h45 | 20h45 |
| **Duração** | 30 min | 30 min | 45 min | 10 min | 1h50 | 12 min | 15 min | 15 min | 15 min |
| **Tempo** | poucas nuvens | estrelado com lua | céu limpo s/ chuva | sem nuvens | bom | céu limpo | céu limpo | sem nuvens | sem nuvens |
| **Visibili-dade** | boa | boa | boa | boa | boa | boa | boa | boa | boa |
| **Condi-ções ópticas** | olho nu | olho nu | câmera | óculos | olho nu | a olho nu | pára-brisas | olho nu | olho nu |
| **Distância** | 400 m | próximo | - | 500 m | - | 5 km | longe | 2 km | 2 km |
| **Altitude** | perto | - | acima da nuvens | 300 m | 1 km | abaixo das nuvens | baixa | muito alto | muito alto |
| **Tamanho** | casa | - | bimotor | 15 cm | 40 m | carro | laranja | 1 m | 1 m |
| **Forma** | oval | clarão | redondo | globo | estrelar | esférico disforme | oval | oval, torto | oval |
| **Cores** | verde, lilás, laranja | branca | vermelha rosa, laranja | branco | amarela clara | branco | amarela, marrom | amarela | amarela |
| **Sons** | chiado | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum |
| **Flashes** | cegante | ofuscante | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | nenhum | piscou | piscou |
| **Material** | vidro | luz | metálico | luz | metálico | luz | luz | luz | luz |
| **Super-fície** | brilhante | luz | brilhante | brilhante | brilhante | brilhante | brilhante | brilhante | brilhante |
| **Mano-bras** | balanço | - | horizon-tais e verticais | percorreu a cidade | afastava-se e aproxi-mava-se | subia e descia | ficou parado e depois partiu | girava em torno de si mesmo | girava em torno de si mesmo |
| **Rota** | rumo a Vila Po-tenciana | - | veio do Aeroporto | rumo a Palmital | - | - | sentido norte-noroeste | rumo a Vila Operária | rumo a Vila Operária |
| **Velo-cidade** | rápida | - | lenta | lenta | lenta | lenta | rápida | lenta | lenta |
| **Reações psíquicas** | paralisia, desequi-líbrio, pavor | curiosi-dade estra-nheza | um pouco de ansiedade | curiosi-dade | arrepio, admi-ração | medo, admiração | ficou impres-sionado, medo | bem estar, paz | admi-ração |
| **Reações orgâ-nicas** | visão irritada | nenhuma | coração disparou | nenhuma | coração disparou | coração disparou | nenhuma | nenhuma | nenhuma |
| **O que fazia no momento** | estava com in-sônia | assistia tevê na sala | estava no fundo do quintal | estava no quarto | estava dormindo | descia a rua da casa | dirigia o ônibus da empresa Florínea | pensava no namora-do | lavava roupa |
| **Detalhes** | ganchos | só viu um clarão | nenhum | estava de férias | o pai o acordou | bolas ao redor | listras coloridas | viu da sacada | viu da sacada |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Evidên-cias** | nenhuma | nenhuma | filme | nenhuma | nenhuma | nenhuma | nenhuma | nenhuma | nenhuma |

Fonte: Suenaga, Cláudio Tsuyoshi. São Paulo, 1997.

Com vistas a realizar uma apreciação crítica do problema das observações e suas falsificações potenciais, o psicólogo e ufólogo argentino Roberto Banchs idealizou e levou a cabo, no final de 1984, pela primeira vez, uma “experiência controlada” em que simulou as condições habituais de uma observação ufológica, ajustando-a de maneira a reduzir ao mínimo o risco envolto nas decisões.

Para a realização da experiência, Banchs utilizou uma sala com assentos colocados ao longo do seu contorno, um projetor e sua tela e um amplificador de som. Tais condições foram apresentadas aos participantes em 18 de novembro, na cidade de Rosário, província de Santa Fé, pela regional da Federación Argentina de Estudios Extraterrestre (FAECE), sob a assistência, durante a prova, de Eduardo Ficarotti. O grupo experimental foi formado por quinze pessoas de ambos os sexos, idades variadas, de nível educacional e profissional, interessadas no tema ufológico. Para impedir vícios nos resultados, nenhum dos participantes conhecia previamente a prova nem sequer sabia que iria ser submetido a tal experiência.

Em suma, projetou-se durante 5 segundos uma imagem de um OVNI característico e bastante apreciável (45 cm sobre a tela, a uma distância máxima de 3,5 m). Essa aparição teve como particularidade a imprevisibilidade e a fugacidade. Interrompendo de improviso as condições recriadas de uma observação ufológica (imagem, som), solicitou-se em seguida que os participantes evitassem o intercâmbio de impressões e instruiu-se o grupo a responder, sem limite de tempo e com absoluta liberdade, a um breve questionário específico para observação ufológica.

Ao analisar os dados obtidos, Banchs encontrou uma série disparidades — as mesmas que viríamos a detectar no caso de Assis — e concluiu que “nenhum dos testemunhos refletiu realmente o oferecido aos sentidos, e poucos foram os que se aproximaram deles”. Em uma análise particularizada, Banchs percebeu diversos mecanismos da psique:

a) *Omissão*: em alguns casos os observadores omitem partes visíveis do fenômeno (ausência das prolongações, etc.);
b) *Substituição*: as testemunhas modificam ou substituem aspectos do OVNI (cor alaranjada por vermelha, etc.);
c) *Adição*: os observadores agregam elementos inexistentes (pequenas torres, ruído de motores, etc.).

“Isso pareceria ser o que alguns autores denominam ‘elaboração projetiva’ (a testemunha produz um relato mais complexo e irreal)”, asseverou Banchs. Em função das influências culturais e sociais, produz-se uma “transformação projetiva”, em que o sujeito projeta seus conhecimentos mais ou menos conscientes sobre OVNIs, não induzidos do fato percebido, mas deduzidos do conhecimento adquirido.

Enfrentando o desconhecido e partindo da presunção de que o observado guarda relação com a idéia que tem sobre os OVNIs (por exemplo, naves extraterrestres), as testemunhas acomodam a imagem do objeto a essa imagem pré-fabricada, que, em aparência, soluciona as falhas e incongruências do avistamento, eliminando as restrições e reforçando com detalhes inexistentes aquilo que não podem interpretar fora do marco de suas crenças, só freadas pelo raciocínio crítico. Conclui Banchs: “A convicção científica é dissimulada pela crença, surgida do aspecto emocional e de certas idéias preestabelecidas na consciência. O OVNI adquire pois um sentido e um significado individual e coletivo, sob aparências diversas que se acham subordinadas pela memória visual, sensível aos influxos da mente. Em definitivo, pode-se afirmar que uma das grandes limitações da investigação consiste em que as testemunhas ufológicas não descrevem o que vêem, mas o que crêem ter visto”. A forma como vemos o mundo é a forma útil à nossa perspectiva, afirmou Nietzsche. Em *Fragmentos Póstumos* (1885-

87), o filósofo escreveu que “O mundo que nos concerne é falso, ou seja, não é estado de fato, mas invenção poética”.

Premido por fatores históricos, culturais e sociais, as testemunhas reagem de acordo com suas convicções, interpretando as experiências dentro de suas respectivas realidades consensuais. As variáveis comportamentais se enquadram como peças de fundamental importância na visão global do problema. Os valores pessoais estão sujeitos a toda sorte de influências, configurando um painel difuso, de múltiplas interpretações. Vislumbradas em conjunto, entrevemos uma série de particularidades e tendências nos perfis das dezenove testemunhas entrevistadas.

As tabelas a seguir representam a conjugação sintetizada dessas informações:

Tabela nº 3 - Perfil sócio-econômico das testemunhas

| Testem. | Natália | Terez. | Roque | Sonia | Rafael | Jane | Dirce | Ademar | Valdir | Nadir |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Idade** | 5 | 53 | 62 | 29 | 11 | 39 | 62 | 55 | 41 | 48 |
| **Naturalidade** | Ubatuba SP | Cornélio Procópio/SP | Tatuí - SP | Botucatu/SP | Pompéia SP | Assis SP | Assis SP | Marília SP | Presidente Venceslau-SP | - |
| **Estado civil** | solteira | casada | casado | casada | solteiro | solteira | viúva | casado | casado | casada |
| **Filhos** | 0 | 4 | 4 | 2 | 0 | 1 | 3 | 4 | 2 | 1 ou 2 |
| **Formação** | pré-primário | 4ª série 1º grau | 4ª série 1º grau | universitária | 5ª série 1º grau | 2º grau | primário | 2º grau técnico | 1º grau | primário |
| **Profissão** | estudante | dona-de-casa | aposentado | aux. de enferm. | estudante | bancária | dona-de-casa | comerciante | vigia | servente |
| **Classe** | média baixa | média baixa | média baixa | média baixa | média baixa | média | média | média | baixa | média |
| **Religião** | evangélica (Igreja Renovada) | católica praticante | católico não praticante | evangélica (Igreja Renovada) | católico não praticante | católica praticante | admira o kardecismo | católico praticante (Carismático) | católico praticante | - |
| **Outros cultos ou crenças** | nenhum | nenhum | é médium | crê em magia negra | igrejas evangélicas | centros espíritas | nenhum | nenhum | nenhum | - |
| **Viu fantasmas?** | não | não | não | não | não | não | não | não | não | - |
| **Espíritos?** | não | não | sim | não | não | não | não | não | não | - |
| **Entidades folclóric.?** | não | não | saci | não | não | não | não | não | não | - |
| **Atividade paranormal** | não | não | não | não | não | não | premonições | não | não | - |
| **Problemas psiq.?** | não | não | não | não | não | não | não | não | não | - |
| **Doenças graves?** | não | não | sim | não | não | não | colesterol alto | não | não | - |
| **Saúde** | ótima | boa | regular | ótima | ótima | ótima | regular | boa | ótima | boa |
| **Atuação política** | não vota | nenhuma | é pelo "voto útil" | apenas vota | nenhuma | petista simpatizante | vota no PSDB | votou em FHC | vota no PMDB | - |
| **Sonhos/ pesadelos marcantes** | que sua casa está sendo assaltada | que estava num temporal | não tem | assuntos do dia-a-dia | sonhou que sua mãe morreu | pedia dinheiro a seu pai | capaz de criar seus sonhos | sonha com pescaria (hobby) | - | - |
| **Crê em ETs?** | sim | sim | sim | não tem certeza | sim | sim | sim | sim | não | - |
| **Leu algo sobre OVNIs?** | não | não | não | não | não | notícias de jornais | notícias de jornais | notícias de jornais | não | - |
| **1ª vezque viu um OVNI?** | sim | sim | sim | sim | sim | não | não | não | sim | sim |
| **Alguém da família já viu?** | avós, pais, tios e irmão | marido, filhos, netos | esposa, filhos e netos | pais, irmãos, filhos | avós, pais, irmãos | mãe, tios, irmãos | irmãos, filha | sua esposa | não | irmãs, sobrinho |

Tabela nº 4 - Perfil sócio-econômico das testemunhas

| **Testem.** | **Maria** | **Marcelo** | **Christ.** | **Milton** | **Lucas** | **Aline** | **José** | **Cláudia** | **Célia** |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Idade** | 45 | 19 | 18 | 47 | 12 | 20 | p.v. 40 | 19 | 23 |
| **Naturalidade** | Cândido Mota/SP | Sorocaba SP | Assis - SP | Rancharia/SP | Assis/SP | Assis/SP | - | Mirassol SP | Mirassol SP |
| **Estado civil** | casada | solteiro | solteiro | casado | solteiro | solteira | solteiro | solteira | solteira |
| **Filhos** | 2 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| **Formação** | 6ª série 1º grau | 5ª série 1º grau | 2º col. 2º grau | formado em Letras | 7ª série 1º grau | 2º colegial 2º grau | 5ª série 1º grau | 2º ano de Letras | pós-graduação |
| **Profissão** | costureira | balconista/ ajudante | estudante | professor primário | estudante | secretária/ estudante | motorista | estudante | historiadora |
| **Classe** | média baixa | média baixa | média | média | média | média | baixa | média | média |
| **Religião** | espírita (é médium) | católico não praticante | católico não praticante | católica praticante | nenhuma | católica não praticante | católico praticante | agnóstica | agnóstica |
| **Outros cultos** | freqüentou a Assembléia de Deus | ex-evangélico | encontro de jovens na Capela da Vila Adileta | maçonaria | não | sociedade secreta druida | terreiros de umbanda | acredita em astrologia | acredita na cura através de florais de Bach |
| **Viu fantasmas?** | sim | não | não | não | não | não | sim | não | não |
| **Espíritos?** | sim | não | não | não | sim | não | sim | não | não |
| **Entidades folclóric.?** | mula sem cabeça | não | não | não | não | não | não | não | não |
| **Atividade paranormal** | telecinese | não | não | não | não | não | não | não | não |
| **Problemas psiq.?** | sim | não | não | não | não | não | não | não | não |
| **Doenças graves?** | sim | não | não | teve úlcera | não | não | não | não | não |
| **Saúde** | ruim | boa | ótima | boa | ótima | ótima | boa | ótima | ótima |
| **Atuação política** | votou no Lula | apenas vota | segue as metas do PSDB | Votou no Lula, mas é de centro | nenhuma | vota no PT | apenas vota | petista simpatizante | petista simpatizante |
| **Sonhos/ pesadelos marcantes** | que está sendo enterrada viva | que está voando ou caindo | viu Cristo e a Virgem Maria | não tem | terroristas entrando no apto. | que está levitando | não se recorda | com acidentes | não se lembra |
| **Crê em ETs?** | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | sim | tem dúvidas |
| **Leu algo sobre OVNIs?** | não | não | sim | matérias de jornais e revistas | não | matérias de jornais | não | matérias de jornais e revistas | matérias de jornais e revistas |
| **1ª vez que viu um OVNI?** | sim | sim | sim | Sim | sim | não | sim | sim | sim |
| **Alguém da família já viu?** | não sabe | avós, pais, irmãos, sobrinhos | não | Irmã | pai, tia | pai | não | irmã | irmã |

Indagando a respeito da vida pregressa e presente das testemunhas, das quais dez eram mulheres (52,6%) e nove homens (47,3%), descortinamos fenômenos recorrentes. Duas disseram ter visto fantasmas (10,5%) e quatro admitiram ter presenciado a aparição de espíritos (21,5%). Uma viu saci na infância e outra uma mula sem cabeça. Quatro já tinham visto OVNIs e quinze possuíam algum parente que igualmente já tinha visto (78,9%), a maioria das quais na mesma ocasião. A esmagadora maioria disse acreditar em extraterrestres (78,9%). Apenas uma disse não acreditar e duas manifestaram dúvidas. Oito já havia lido algo sobre o assunto (42,1%). No setor paranormal, uma experimentou telecinese[440] e outra premonições.[441] O aspecto religioso, todavia, é o que reserva maiores surpresas. Seis declararam-se católicas praticantes (54,5% do universo de católicos), uma das quais ligada a ala da Renovação Carismática superando o número de não praticantes (45,4%). Apenas duas eram evangélicas (10,5%), da Igreja Renovada. Duas disseram-se agnósticas, uma confessou admiração pelo kardecismo e uma assumiu que era espírita, sendo dotada de mediunidade. Uma ainda frisou que não fazia questão de apoiar-se em nenhuma religião. Paralelamente, doze praticavam ou tinham praticado outros cultos, não ligados a primeira opção, à guisa de complemento (63,1%). Outras somente professaram a crença em determinada prática "mágica". Uma achava que era médium e pretendia desenvolver o dom. Uma acreditava em trabalhos de magia negra. Uma freqüentava "Igreja crente". Duas freqüentavam centros espíritas. Duas já tinha sido evangélicas. Uma participava de encontros de jovens evangélicos na Capela da Vila Adileta. Uma era maçom. Uma confidenciou ser integrante de uma obscura "sociedade secreta druida". Uma já tinha estado em terreiros de umbanda. Uma acreditava em astrologia e outra em Florais de Bach. No mais, é notório observar que todos nasceram no interior paulista. Quanto ao estado civil, 52,6% eram solteiros, 42,1% casados, e 5,2% viúvos. 52,6%, possuíam filhos, ou seja, maior que o índice de casados. Quanto à ocupação, 10,5% eram donas-de-casa, 31,5% jovens estudantes e apenas um estava no ramo do comércio. Quanto à educação, 26,3% tinham nível primário, 26,3% ginasial, 21% colegial, 15,7% superior e 5,2% curso de pós-graduação. Quanto a posição política, 31,5% disseram votar na esquerda. Quanto ao nível econômico, 10,5% eram de classe baixa, 36,8% de classe média baixa e 52,6% de classe média.

A que exigiu maior atenção de nossa parte foi a costureira Maria. Durante sua vida, tem se visto às voltas com paracineses, visões de pessoas mortas, premonições, desdobramentos, períodos de tempo perdido dos quais nada se lembra, flashes de luz no quarto, insistentes contatos com seres "demoníacos", monstros, etc. Quando criança, viu um estranho animal que soltava fogo (mula sem cabeça) num sítio em Água Nova. Viu fenômenos no céu (estrelas caindo, bola de fogo mudando de lugar) que interpretou como "sinais". Dos 18 anos 25 anos, sofreu distúrbios psicológicos que foram diagnosticados como "perturbação espiritual". Teve um começo de leucemia, que felizmente foi tratada a tempo. Sempre foi muito nervosa, chegando em certos períodos a agredir, como ela disse, "por nada". Sentia raiva dos pais (principalmente do pai, que era alcoólatra).

Casada com Wilson P., 52 anos, mãe de um casal de filhos (Nucimara de 24 e Willer R. de 20), morava há mais de 30 anos no local.[442] Chegaram a tentar morar em São Paulo, onde só ficaram 1 ano e meio. Maria já freqüentou a Igreja Católica, onde foi batizada e crismada. Freqüentou depois a Igreja pentecostal Assembléia de Deus durante 4 anos. Participou ainda de um culto na Igreja Messiânica. Ela só se tornou espírita devido a um episódio pitoresco. Numa noite de maio de 1990, surgiu um corte redondo embaixo de seu joelho esquerdo. "Eu senti uma

---

[440] Capacidade de mover objetos inanimados com a força da mente.

[441] Capacidade de prever acontecimentos futuros.

[442] A casa de Maria era antiga, construída de madeira. Localizava-se numa esquina, ocupando uma área de cerca de 25 $m^2$. No fundo do quintal foram construídos dois cômodos de alvenaria. Ali havia uma goiabeira e pés de limão. A família possuía um carro e poucos móveis e eletrodomésticos. Sobre uma cômoda, havia somente um velho aparelho de tevê. Ao lado da casa, havia um terreno coberto de grama e capim. Existiam algumas árvores na região.

faca entrando no meu joelho e espetando. Levantei-me e acendi a luz. Pensei que tivesse deixado a tesoura na cama. Olhei e não tinha nada. Ficou um buraco no meu joelho, um furo, que parecia feito com bisturi". Depois de 3 dias e com a perna bastante inchada, procurou a casa de oração. No centro espírita, disseram-lhe que havia sido "furada espiritualmente". Em seguida proclamaram-na médium. Tinha visões, pressentimentos. Não conseguia andar de carro porque "via" desastres. Chegou a prever a morte do sogro e viu o enterro do seu tio passando na rua às 3 horas da manhã. "Em 1984, eu acordei e abri a janela do quarto. Olhando para a rua de baixo eu vi um enterro passando. Comentei com uma vizinha que também estava na janela: 'Olha, você já viu enterro uma hora dessas?' Ela pensou que eu era louca. E eu vi aquele enterro passando e a última pessoa do enterro era uma tia minha. Aí eu fechei a janela e fui deitar. Noutro dia bem cedo, meu tio veio avisar que a mulher dele, a mesma que eu tinha visto no enterro, havia falecido. Já vi desastres que aconteceram. Eu sonhei que meu marido iria sofrer um acidente no caminhão e por pouco isso não aconteceu. Já previ coisas com meu filho que acabaram acontecendo. Eu vejo e escuto coisas sem explicação, além de muitas coisas que a gente não pode nem falar". Maria era capaz de sair do próprio corpo, em "projeção astral": "Já fiz isso umas dez vezes. Vi a mim mesma fazendo as tarefas de casa ou dormindo. Atravessei as paredes, o teto. Voei e vi a cidade funcionando embaixo". Ela observou, porém, que fazia isso sem controle.

Certa vez, limpava o quarto quando uma estátua de gesso representando um menino vendendo jornal (presente do filho), ergueu-se sozinha no ar e voou em sua direção. Ao desviar, a estátua bateu na parede e espatifou-se. No dia a dia, Maria costurava, cuidava da casa, assistia televisão (só a noite), lia a *Bíblia* e livros espíritas. Às vezes ia a bailes para dançar forró. Evitava sair muito de casa por causa das sensações de "perda de tempo". Num dia de 1993, por volta das 17h30min, saiu para levar costuras à uma freguesa, que morava um pouco distante. "Ia para perto de uma creche na Vila Xavier. Entrei numa rua e apaguei. Quando voltei a mim já eram quase 19 horas e estava andando perto das antenas da rádio na Vila Ribeiro. Havia percorrido mais de 5 km. Eu não sabia de que forma havia chegado naquele lugar. Só sei que quando voltei ao normal, perguntei para as pessoas onde era a creche e fiquei com vergonha de falar que não conhecia a cidade. Desse dia em diante fiquei com medo de andar sozinha". Noutra ocasião, em dezembro, foi fazer compras no mercado e, numa esquina, "saiu fora do ar". Chegou a passar em frente da casa sem reconhecer onde estava.

Defrontou-se com uma figura diabólica numa noite irriquieta: "Eu vi uma coisa que até meu marido viu. Ouvi um barulho vindo de fora da casa e pensei que era as folhas da planta do vizinho que estavam batendo na parede. Quando levantei (meu marido foi junto comigo) olhei atrás da casa e não vi nada, só senti uma presença diferente, parecia um vento, um calor. Fiquei com medo, ele também ficou, aí entramos para dentro. Eu tentei fechar a porta mas ela não fechava. Parece que tinha uma coisa empurrando a porta. Quando a gente finalmente conseguiu fechá-la, a casa começou a revirar. Eu li a *Bíblia* e fui deitar. Depois acordei e vi um tipo de um homem, uma coisa diabólica. E aquela coisa se transformando num homem ainda fez uma proposta para mim. Ele falou que o que eu quisesse ele daria pra mim. Ele era um homem bonito, bem vestido e bem vistoso, feito um rapaz de 25 anos, mas quando comecei a desafiá-lo, ele se transformou em uma coluna de fumaça, uma espécie de gênio da lâmpada de Aladin. Eu não sei se isso é coisa da mente da gente. E eu senti que aquela coisa parecia que explodiu ou algo assim, sumiu no meio da fumaça e soltou um cheiro ruim. Desmaiei e quando voltei a mim meu marido perguntou o que tinha acontecido. E respondi que não havia sido nada. Ele contou que eu fiquei andando pelo quarto e falando com alguém".

Mostrando a ela o retrato falado de um alienígena tipo alfa (cinzento), ela imediatamente ligou a imagem a um sonho. "Eles falavam de um modo muito engraçado. Tinha um tipo de comunicação pelo cérebro da gente que me induzia ao sono. E no sonho que tive me fizeram

dormir e me levaram para um espaço, não sei identificar que espaço é esse. Só sei que fiquei vários dias trancada nesse espaço e com aquela gente perto de mim. Era uma gente esquisita, com orelha de cavalo ou de porco, corpo muito fino, cabeça grande e mãos diferentes. Talvez fossem espíritos ou almas". Maria confessou que já ficou esvaindo em sangue. "Acordei toda lavada em sangue, com sangue saindo pelo meu nariz. Não sei como isso aconteceu".

O aposentado Roque V. P. trabalhou durante 31 anos na Fepasa (antiga Sorocabana). Casou-se com Terezinha G., com quem teve quatro filhos: Marcelo, Robson, João Rodolfo e Sônia. A família também residia no local há várias décadas.[443] Contou que viu saci na infância, passada inteiramente no sítio. Aliás, só aos 13 anos de idade é que calçou sapatos pela primeira vez. Desde então não conseguiu mais andar descalço porque se sentia mal: "O fluido da terra me perturba e fico com vontade de chorar". Ao contrário de Maria, nunca converteu-se ao espiritismo, mas já lhe disseram que era médium. Seguidores dessa doutrina chegaram a ir à sua casa tentarem convencê-lo disso. Na Fepasa, viajava de cidade em cidade com um grupo de trabalhadores. Contou que em 1957 ou 1958, quando estava numa ferrovia perto de Avaré, um negro alto que nunca tinha visto antes surgiu no local em que dormia e colocou as mãos sobre seu joelho. Ao despertar, ouviu ele dizendo: "Quieto filho". Roque desfaleceu. No dia seguinte, não conseguiu trabalhar por causa das dores que sentia no joelho. Em seu grupo, composto por oito pessoas, assegura que não havia nenhum negro. Roque disse que já viu seu quarto todo iluminado por luzes. No dia seguinte, sentia o corpo perturbado. Sua saúde não andava muito boa quando fora entrevistado. Alguns anos antes havia sido operado da hérnia. Tinha problemas no estômago (devido ao consumo excessivo de café, cigarros e bebida) e problemas de visão, o que o impedia de assistir televisão.

Três casas depois ficava a residência da bancária Jane M. V. e sua mãe Dirce, cujo padrão suplantava a das demais.[444] Jane, mãe-solteira, tinha uma filha de 5 anos. Declarou ser católica praticante, porém costumava ir a centros espíritas tomar passe. Na infância já tinha visto um disco voador num sítio perto de Quatá, junto com a mãe e vários parentes. Dirce tinha mais dois filhos. O colesterol andou alto mas foi sanado com dieta. Admiradora do kardecismo, às vezes tomava passe em centros espíritas e costumava ler obras referentes a doutrina. Considerava a sua fé bem viva. Conseguia sentir premonições se algo ia ou não dar certo e controlava os próprios sonhos. Declarou que em janeiro de 1974 já tinha visto um disco voador, ainda mais impressionante, num sítio perto do município de Quatá, em Santalina. Perto dali havia uma usina de cana-de-açúcar, uma indústria têxtil e uma de processamento de proteínas. Por volta das 20 horas, estava na área se despedindo dos parentes quando surgiu um objeto discóide branco, fluorescente, com cerca de 7 m de diâmetro. "A luz que existe no céu, onde está Jesus. Deve ser esta a luz", correlacionou Dirce. O OVNI desceu no canavial, a uns 200 m de distância e permaneceu pairando a uns 40 m do solo. Encontravam-se presentes cinco homens, cinco mulheres e dois meninos. A irmã de Dirce sentiu que o OVNI a estava "puxando". Todos ficaram com medo e queriam entrar logo nos carros para irem embora de lá. De repente, o objeto desceu e sumiu, como se tivesse adentrado no solo.

Nas horas livres, o técnico Ademar M. B. costumava dedicar-se à família, à pescaria e às orquídeas que cultivava em sua chácara.[445] Era também um ativo participante do movimento de renovação carismática da Igreja Católica. Pertencia ao "ministério da música" e tocava violão.

---

[443] A casa, como a de Maria, era antiga e feita de madeira. Pequeno quintal na entrada. Muro baixo. Portão baixo. Espaço para um carro. Árvores na calçada. Móveis simples, poucos eletrodomésticos. Dois cães pequenos vira-latas. Família estruturada, laços fortes. Conviviam na casa cerca de dez pessoas, de três gerações diferentes.

[444] Tratava-se de uma construção recente, bem projetada e requintada no acabamento. O seu interior estava equipado com os eletrodomésticos mais modernos: tevê, videocassete, aparelhos de som, ar condicionado, ventilador de teto, etc. O sagrado também não deixou de estar presente. Vimos na sala uma imagem de Virgem Maria junto com Cristo na manjedoura e uma escultura de Maria e José.

[445] Ademar possui um orquidário na chácara Primavera, de sua propriedade.

"É o retorno ao início da Igreja. O batizado no Espírito Santo tinha o dom de cura e ainda hoje pode haver a manifestação desse poder", apregoou. Ademar igualmente confidenciou-me um episódio que vivenciara anteriormente. Em julho ou setembro de 1972, por volta das 20h30min, retornava num Volkswagem de uma pescaria com o amigo Donato E. R., 53 anos, na época funcionário da casa da agricultura e na ocasião da entrevista balconista da autoelétrica. Perto de Presidente Prudente, um clarão atingiu o veículo. O motor morreu e os faróis se apagaram. Ao conferir a avaria, Ademar constatou a queima do platinado (distribuidor). "Não deu para ver o objeto, só o clarão. Do jeito que apareceu na lombada, sumiu. Não ouvi qualquer barulho". Ademar criticou um programa da rádio religiosa que disse que o povo deveria buscar mais a Deus do que discos voadores. "Fiquei irado com o pastor e por isso fiz questão de contar à imprensa o que tinha visto. Telefonei para o jornal *A Gazeta do Vale* e conversei com colegas que vieram até a oficina. No mesmo dia, o 'Papa Sanfoneiro' (morador do parque das Acácias) e o Bruno B. (morador de uma chácara em Assis) confirmaram que também tinham visto".

Morador de um confortável apartamento[446] no centro comercial de Assis,[447] o professor[448] Milton M., casado e pai de três filhos (Lucas de 13, Marcos de 19 e Juliana de 20), definiu-se como um sujeito metódico e obsessivo. Lia francês no original, tocava piano e clarineta. Católico não praticante, disse acreditar em Deus enquanto ser supremo. Dedicava-se à maçonaria[449] há 26 anos, tendo atingido o grau máximo dentro da hierarquia. Fazia viagens

---

[446] Na parte inferior do edifício funcionava a loja Burali. Era um edifício de porte médio, com cerca de dez andares. O apartamento era espaçoso, com excelente vista para a cidade. As janelas eram grandes e proporcionavam uma excelente vista.

[447] A rua mais movimentada da cidade conta com bancos, lojas, magazines, bancas de jornal, bares e restaurantes.

[448] Professor primário (4ª série) da E.E.P.G. Carlos Alberto. Há 28 anos no magistério, planejava aposentar-se em 1997.

[449] Associação Internacional de caráter secreto, dita também franco-maçonaria (do francês *francmaçonnerie*), que procura inculcar a fraternidade universal, partindo de princípios em que estão ausentes quaisquer dados sobrenaturais. Sua origem é bastante discutida. Entre outras hipóteses, uns a fazem originária dos mestres construtores do templo de Salomão, cujo chefe teria sido Hiram, arquiteto fenício, e outros, da escola filosófica de Pitágoras. A primeira loja maçônica em sentido moderno surgiu na Inglaterra em 1717; guardou como símbolos a régua, o compasso e o fio de prumo. Espalhada na Alemanha, Itália e sobretudo na França, se fez mentora do liberalismo, insuflando poderosamente os movimentos do iluminismo racionalista e do enciclopedismo, preparando o terreno para a Revolução Francesa. Condenada em numerosas bulas pontifícias, sua ação caracterizou-se em muitos países por ser abertamente anticlerical, inclusive no Brasil, onde essa luta provocou a famosa Questão Religiosa. Em nosso país, aliás, a maçonaria desempenhou importante papel histórico, tendo pertencido aos seus quadros os nomes mais relevantes do século XIX. O mesmo aconteceu nos restantes países americanos. Hoje, no entanto, a maçonaria perdeu uma parte substancial de sua força na vida pública, ao menos na brasileira, podendo-se afirmar que está atualmente privada de sua antiga e importante expressão de disciplinamento e comando políticos. O ordenamento interno da maçonaria é hierárquico, com 33 graus de iniciação secreta; os 3 graus iniciais, ou da maçonaria exterior, são: aprendiz, companheiro e mestre. Diversas são as dignidades e altas funções, tanto administrativas como místicas dos iniciados nos graus superiores e em diferentes títulos simbólicos (Cavaleiro Rosacruz, Cavaleiro Kadosch, Príncipe do Real Segredo, Soberano Inspetor Geral, etc.); possuem também as denominações de grão-mestre e venerável. As lojas diferem pelo rito seguido, sendo os principais o rito egípcio (ou rito de Misfraim), o rito escocês (ou rito antigo, que é o mais aceito). Em sua clássica obra *As ciências ocultas: compêndio de doutrina e experimentação transcendental* (Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1985, p. 161-169), o ocultista Arthur Edward Waite (1857-1942), define assim a maçonaria nos tempos modernos: "A atual constituição da confraria como associação para a difusão de benefícios dos princípios humanitários e para o desenvolvimento da perfeição moral proporciona naturalmente um campo favorável ao trabalho do místico moderno. A base de toda a filosofia transcendental é a doutrina da regeneração interior, e seu objetivo é o Homem Perfeito. Essa é também a base , e esse é também o objetivo da maçonaria. Ao examinarmos a instituição, devemos levar em conta os seus verdadeiros princípios. Não se pode negar que estes foram se apagando com o correr do tempo; a instituição não escapou à corrupção da riqueza mundana e da magnificência; desviou os olhos dos seus objetivos; a eucaristia transcendental foi substituída pelo banquete, e a pompa do poder ofuscou o esplendor espiritual da grande obra de reconstrução; mas os princípios permaneceram os mesmos, e esperemos que, dentro ou fora das fileiras da irmandade, seja possível insuflar-lhes nova vida". Segundo nos informou Martins, em Assis há três templos maçônicos e seis lojas. O Templo Ordem e Justiça é a loja mãe, situado em frente a Cristalina. Lá, às quartas-feiras,

freqüentes pela maçonaria, que definiu como uma "sociedade beneficente, filosófica e progressista". Milton lembrou-se de uma ocasião em que perdeu um alicate de bico curvo. Passados uns 5 ou 6 anos, sua avó morreu. Dez dias depois, viu sua avó em sonho, dizendo-lhe que o alicate estava caído no meio de um móvel antigo. Ao procurar no local, acabou encontrando. O alicate não tinha nenhum valor especial, apenas lhe era bastante útil, tanto é que havia comprado outro. Milton contou que sua irmã Miriam M. L. viu OVNIs por duas vezes no balneário de Rancharia. Seu filho Lucas, já havia visto objeto esférico alaranjado em dezembro de 1994, entre 21h20min e 22 horas.

O sonho revelador de Milton é um fenômeno comum e vem sendo registrado em inúmeros episódios ao longo da história. O poema *Divina comédia*, de Dante Alighieri, por exemplo, é considerado uma obras-primas da literatura universal. No entanto, se não fosse o sonho de Jacopo, filho do poeta já então falecido, o original da obra poderia ter desaparecido para sempre. Quando Dante morreu em 1321, Jacopo e seu irmão Pietro ficaram desesperados, não apenas pela perda do pai, mas também por causa do original de *Divina comédia* que ele deixara completo, porém ninguém sabia onde escondera. Os dois viraram a casa de cabeça para baixo procurando entre os papéis, mas os textos que completavam o poema do velho Dante não foram encontrados. Profundamente transtornado, Jacopo teve um sonho. Seu pai entrou em seu quarto, vestido com roupas impecavelmente brancas. Quando o filho perguntou se ele terminara a obra-prima, Dante balançou afirmativamente a cabeça e indicou onde as partes faltantes podiam ser encontradas. Com um advogado amigo do pai por testemunha, Jacopo entrou no quarto de Dante. Atrás do pequeno biombo junto à parede, eles encontraram uma pequena janela. No cubículo para o qual ele se abria, ambos localizaram as páginas finais do poema, já cobertas pelo mofo. Assim, a obra ficou completa, graças a um sonho.

Christiano José Jabur, estudante do 2º grau e do curso de inglês do CCAA, tinha acabado de tomar café quando, do fundo do quintal de suas casa,[450] viu o objeto sobre a Vila Adileta. Justamente naqueles lados é que costumava participar de um grupo de jovens da Capela da Vila Adileta. Anualmente promoviam um encontro com sentido claramente religioso. Cantavam músicas gospel e liam mensagens. Filho único e temporão, sua mãe já não esperava mais poder conceber quando engravidou aos 50 anos de idade. Por isso, diz que seu filho foi um "presente de Deus". Conservadora e religiosa, duvida que o homem um dia tenha estado na lua e tampouco acredita em OVNIs. Christiano, ao contrário, assistiu a todos os filmes e documentários que pôde sobre OVNIs e tornou-se em pouco tempo um ufólogo de destaque, participando de congressos, trocando informações pela Internet, escrevendo sobre o assunto em jornais da região e em revistas especializadas.

A estudante e secretária Aline C. S. nasceu em 25 de abril de 1974. Católica não praticante, integrava uma obscura "Sociedade Secreta Druida" que apregoava a existência de magos, anjos e bruxas. Disse que um dia experimentou uma projeção astral. "Estava deitada, enquanto o meu espírito flutuava". Aline se recordou de que na infância viu uma "bola cor de chumbo" passar lentamente sobre sua casa. O seu pai trabalhava há 33 anos no Horto Florestal[451] e, segundo ela, sempre via OVNIs. Em 7 de janeiro de 1995, viu um objeto que achou ser um

---

funciona uma outra loja que é a Renovação e Trabalho. Depois há outra no Jardim Europa onde funcionam três lojas e uma perto do mercadão onde funciona uma loja. A maçonaria em Assis integra cento e seis membros. Admite-se apenas cerca de nove novos membros por ano.

[450] A casa é antiga, de alvenaria e bastante ampla. No quintal nos fundos há outros cômodos reservados mais para o uso dos pais. Notei uma certa separação entre o espaço ocupado por Christiano e pelos seus pai. Como filho único usufrui de um espaço considerável, ficando com cerca da metade da casa para uso livre. Dispõe de eletrodomésticos modernos como TVs, vídeos-cassete, aparelhos de som, etc., incluindo um microcomputador. Há um quadro da Virgem Maria pendurado numa porta.

[451] Na estrada para Tabajara, perto de Echaporã. Área de lazer usada pela população.

helicóptero. O pessoal que lá trabalhava costumava ver também. Aline contou que uma vez seu pai dormiu no local e acordou com uma hemorragia no nariz, cuja causa não foi esclarecida.

O motorista José M. C., residente na rua Joaquim Carvalho Mota,[452] contava 1 ano e 11 meses de serviços na empresa de ônibus Florínea. Antes havia trabalhado na empresa de ônibus Andorinha durante cerca de 13 anos. Nesse período, garante que nunca se envolveu em acidentes de trânsito. Católico praticante e fervoroso, exibia um crucifixo pendurado no pescoço. Todavia, admitiu que já freqüentou terreiros de umbanda, onde teria visto "um gato morrer sozinho, possuído por um espírito maligno". Perguntado se acreditava em espíritos, santos, anjos, demônios ou entidades folclóricas, respondeu que "a gente tem que acreditar e não acreditar". José afirmou que presenciara outros fenômenos enquanto dirigia pelas estradas à noite e de madrugada, alertando que "existem muitas coisas estranhas por aí". Na época em que guiava um caminhão de transporte na região de Campinas e Santa Maria, ouviu referências sobre a "mulher de branco", a qual foi vista pelos seus companheiros na Dutra e na Castelo Branco. Contou que freqüentava uma estradinha na cidade de Platina. Certa noite, enquanto guiava seu Fiat branco, por volta das 23 horas, foi acompanhado por um "cavaleiro vestido de branco montado num cavalo meio baio também branco": "O cavalo flutuava no ar e andava parelho ao meu carro. Fui acompanhado por um trajeto de quase 1 quilômetro". Perguntado se acreditava em milagres, respondeu que "o milagre é a fé".

Há nitidamente um ponto de confluência entre todas as ondas que afetaram o interior de São Paulo no início de 1995. Na região Oeste, além de Assis, as cidades adjacentes de Cândido Mota, Marília, Paraguaçu Paulista e Echaporã registraram casos, embora em menor número. E se ousarmos estender uma linha reta de mais de 1.000 km, chegaremos ao município de Quaraí, no Rio Grande do Sul, onde no dia 6 de janeiro de 1995, por volta das 22 horas, uma emissora de rádio local transmitiu ao vivo a aparição de um objeto esférico de luzes multicoloridas. Parecia coisa de Orson Welles, mas era real. Independente disso, devemos assinalar que a região oeste do Estado, tal como vários pontos espalhados pelo Brasil, é privilegiada em fenômenos ufológicos, concentrando um grande número de casos. Citemos duas ocorrências antigas, que atestam essa alta incidência.

Conceição de Monte Alegre, distrito de Paraguaçu Paulista,[453] viveu momentos estranhos em meados de outubro de 1978 com o aparecimento de um objeto no céu que emitia fachos de luz e chegou a perseguir um casal e seus quatro filhos por uma estrada da região durante algum tempo. Segundo depoimento de Dalmeir M., uma forte luz começou a acompanhar o seu automóvel e mesmo aumentando a velocidade a luz continuou a persegui-lo. Logo depois de uma lombada a luz desapareceu e Dalmeir teve a nítida impressão de que a luz ia pousar na pista. Como já estava apavorado, Dalmeir freou e fez o retorno na tentativa de afastar-se daquele objeto, mas a luz reapareceu e a perseguição continuou. Dessa maneira, Dalmeir teve que apagar as luzes do seu automóvel para tentar despistá-lo e continuou fugindo até chegar ao restaurante Jóia, onde procurou ajuda pois estava em pânico e chorando. Na noite de segunda-feira (uma noite após o ocorrido) algumas pessoas estavam no mesmo restaurante comentando os estranhos acontecimentos da noite anterior quando de repente um clarão iluminou todo o local e o telhado do restaurante desabou ferindo algumas pessoas que ali se encontravam. Para o dono do restaurante o caso não tinha explicação porque não houve ventanias nem chuvas. "Quando o 'flash' iluminou, todo o teto veio abaixo. Depois, do lado de fora, vimos a luz desaparecendo à distância. Mas o que mais me impressionou não foi o acidente com a estrutura do meu

[452] Onde divide uma pequena casa com o amigo "Vavá", também funcionário da empresa Florínea.
[453] A 503 km de São Paulo, 113 km de Ourinhos e 125 km de Presidente Prudente.

restaurante, mas sim o estado em que o Dalmeir chegou pois ele é um moço corajoso e estranhei em vê-lo chorando e tremendo, e a sua mulher que nem conseguia falar".[454]

O comerciante e espírita Renaldy S. M., nascido em 11 de agosto de 1939, contou que em dezembro de 1979, por volta das 19h30min, presenciou estranhos fenômenos em Ibirarema, cidade vizinha a Palmital. "Um objeto circular de cerca de 10 m de diâmetro, incolor, chegou vindo do norte e aos poucos foi clareando tudo. Durante o tempo em que o objeto permaneceu estático sobre nós, a uma altura máxima de apenas 4 m, todo o sistema elétrico do veículo foi desligado, como se a bateria tivesse pifado. As pessoas que transportava eram crentes e se jogaram de joelhos crendo ser o Espírito Santo. O que nos pareceu ser 10 minutos, na realidade eram 2 horas ou mais, e após o distanciamento do aparelho, as luzes da Kombi acenderam sozinhas".[455]

A onda de Assis ganhou notoriedade com as reportagens veiculadas primeiramente no *Jornal da Segunda* pela jornalista Sandra Regina Pagnan em 16 de janeiro — 9 dias depois de iniciada a onda — e no diário *A Gazeta do Vale* em 20 de janeiro de 1995.[456] Uma equipe de reportagem da Rede Globo Oeste Paulista esteve em Assis em 21 de janeiro para ouvir as pessoas que viram o objeto. O cinegrafista da Rede Globo gravou as imagens feitas por Jane e mais tarde a emissora tentou comprar a fita original. No mesmo dia, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) também entrou em contato com Jane para negociar a aquisição da fita. No geral, a imprensa noticiou corretamente os fatos, com exceção da *A Gazeta do Vale* que incorreu em exageros e deliberadamente faltou com a verdade. O vigia do aeroporto, por exemplo, nunca afirmou que o objeto que avistara era um disco voador — para ele era um balão — conforme escreveu o jornal. E o ônibus da empresa Florínea, de acordo com o próprio motorista, não foi "perseguido por um objeto sem forma definida que emitia uma luz azulada de intensidade moderada", muito menos as "luzes se apagaram e o motor deixou de funcionar por alguns instantes" em função do objeto que aliás não "pairava logo acima do veículo". José contestou com veemência todos os pontos dessa esdrúxula versão.

Nossa pesquisa, que se prolongou por quase 2 anos, iniciou-se em 21 de fevereiro de 1995, mais de 1 mês depois, portanto, de iniciada a onda. Nesse dia, dirigi-me à casa de Jane e de sua mãe Dirce, sendo muito bem recebido. Pouco antes, havia estado na redação de *A Gazeta do Vale* conferindo as reportagens. Ambas foram muito receptivas, chegando mesmo a se colocarem a disposição para qualquer eventualidade. Por isso, estranhei ao ser tratado de modo ríspido e esquivo por Jane quando lhe telefonei em 19 de março. Ela se dizia aborrecida com a situação que se criara e assinalou que não pretendia mais falar sobre o assunto. Como insistisse, ela ainda aquiesceu em conceder uma última entrevista. No dia seguinte, telefonei para Maria Nadir e, para minha surpresa, ouvi as mesmas alegações de Jane. Nadir por sua vez não quis nem mesmo marcar um encontro ou fornecer o telefone de suas irmãs. Negou-se terminantemente a falar qualquer coisa, parecia ansiosa em encerrar logo a conversa, mas admitiu que o OVNI tentou seqüestrá-las. Diante das negativas tão concordantes entre si, como se tivessem sido previamente ensaiadas, logo desconfiei de uma operação de acobertamento. Mais tarde, Maria também se recusaria a prestar novos depoimentos. Em 14 de janeiro de 1996, fiz nova tentativa de falar com Nadir. Acompanhado de Christiano, fui à sua casa e sem forçar nada pedi que me concedesse apenas um minuto de sua atenção. Identifiquei-me como um pesquisador da Unesp, mesmo assim Nadir não foi nem um pouco reticente, expulsando-nos de modo rude. A jornalista

---

[454] "Clarão luminoso faz telhado de restaurante desabar em Paraguaçu Paulista", in *O imparcial*, Paraguaçu Paulista (SP), 19-10-1978.
[455] Caso pesquisado por Christiano José Jabur em 12-1-1996.
[456] "OVNI é avistado na Vila Operária: Bancária filmou objeto que na mesma noite foi avistado em toda a Cidade", in *A Gazeta do Vale*, Assis, 20-1-1995, nº 708, ano IV.

Sandra Regina Pagnan também estranhou essa súbita mudança de comportamento, já que logo depois do ocorrido ela próprio se dispora a narrar publicamente tudo em detalhes.

A imprensa, se no início posicionou-se favoravelmente às testemunhas, tendeu a "abafar" o assunto. Examinemos o caso de *A Gazeta do Vale*. Na edição de 21 de janeiro de 1995, dizia: "O objeto voador não identificado que tem rondado a cidade nos últimos 15 dias foi visto por um número incalculável de pessoas. Prova disso são os telefonemas recebidos pela redação de *GV* durante todo o dia de ontem. Entre elas estão o senhor Ademar e esposa, moradores do Jardim Europa, que avistaram o tal ponto luminoso e se dizem impressionados até hoje. Outra testemunha é um morador do Parque das Acácias, conhecido como Papa Sanfoneiro. Ele também viu a luz intensa e assustou-se. A maioria das pessoas admite que só estava esperando a imprensa pronunciar-se a respeito para, então, lançar o testemunho. É o temor de declarar em público o avistamento de um OVNI, e ser considerado louco ou coisa parecida. Mas, ao mesmo tempo em que aplaudiam a iniciativa do *GV* por dedicar manchete de primeira página ao assunto, as testemunhas do fenômeno lamentavam o comportamento de uma emissora de rádio local, que banalizou a reportagem. Mas, nesse caso, nós temos uma explicação para isso: falta do que falar ou falta de fonte segura para debater o assunto. Um repórter de *GV* foi indagado na rua por 'um qualquer' sobre o fenômeno. Queria saber como o jornal teve a coragem de publicar tamanha besteira, justo na primeira página. Sutilmente, nosso companheiro de trabalho saiu-se com esta: 'Ora, o outro jornal não publica diariamente que um certo deputado vive fazendo coisas por Assis e tem muita gente que acredita?'. Banalidade ou não, o certo é que pessoas sérias, cuja conduta merece o respeito de toda a sociedade, testemunharam a aparição do objeto luminoso nesses últimos 15 dias. São pessoas como a dona Dirce e sua filha Jane, que se sobrepuseram ao preconceito e aceitaram expor o que viram à nossa reportagem. Testemunho cuja coerência chegou ao ponto da Rede Globo Oeste Paulista, regional de Marília, vir a Assis hoje para registrar os depoimentos".[457]

Já em 27 de janeiro de 1995, o jornal assumia uma postura totalmente díspare: "Só rindo mesmo. O caso do OVNI em Assis acabou tomando rumos que mereciam espaço na página policial. No último sábado, atendendo aos insistentes pedidos de *GV*, a TV Globo enviou sua equipe à Assis para reportar o acontecimento à região. Mas, na hora de ceder uma fita com as imagens do possível objeto voador não identificado, uma das entrevistadas acabou pisando na bola. Amparada por um 'causídico', a tal entrevistada que teria filmado o OVNI pediu nada menos que R$ 50 mil por 20 segundos de gravação de uma luzinha no céu. Sabemos que a Globo, realmente e quando é de grande interesse da emissora, costuma pagar pelas imagens, além de conceder o devido crédito, direito até que a cinegrafista amadora teria, se negociado diretamente com a tevê numa boa, sem advogado. Nesse caso, parece que tem gente que deve passar o carnaval 'duro'. Mas, um jovem assisense, com a cabeça no lugar, também filmou, por cinqüenta minutos, o tal OVNI e cedeu gentilmente a fita à emissora para colocar no ar e posteriormente ser analisado por quem conhece. Agora, já pensou se o nosso amigo Ivo Guilotti quisesse cobrar aquelas imagens feitas de nosso herói maior, Airton Senna, quando em visita na região? Quinhentos mil reais seria pouco. É ou não é?".[458] Em 3 de março de 1995, o jornal arrematava: "Mais uma pessoa entrou em contato com a redação de *GV* dizendo ter visto um objeto voador não identificado pelos lados de Paraguaçu Paulista. A fonte é residente na Vila Souza, ponto da cidade em que há grande número de pessoas que afirmam ver esses objetos com freqüência. *GV* dirigiu-se ao ponto indicado para fotografar o OVNI, mas não foi possível: pelo jeito o objeto é tímido".[459]

---

[457] *A Gazeta do Vale*, Assis (SP), 21-1-1995, A Gazeta e Você/Em Off, p. 2.
[458] *A Gazeta do Vale*, Assis (SP), 27-1-1995, A Gazeta e Você/Em Off, p. 2.
[459] *A Gazeta do Vale*, Assis (SP), 3-3-1995, A Gazeta e Você/Em Off, p. 2.

Consideramos a hipótese de Jane ter ficado aborrecida com as insinuações maldosas do jornal e por isso se recusado a nos atender. Entretanto, quando a entrevistamos em 21 de fevereiro, ocasião em que, repetimos, fomos muito bem recebidos, a matéria de *A Gazeta do Vale* já havia saído há quase 1 mês. Não há assim uma relação direta entre o comportamento arredio e as insinuações que, àquela altura, haviam sido superadas, além do que nem Nadir muito menos Maria foram alvos de qualquer crítica por parte da imprensa. Maria, aliás, nem sequer chegou a aparecer nos jornais. Sempre que perguntávamos a Jane onde estava a fita original do filme, esta desconversava dizendo que o emprestara a uma irmã mais velha residente em Lençóis, perto de Bauru. Conseguimos obter, todavia, na redação de *A Gazeta do Vale*, dois fotogramas originais do filme, nos quais se vê uma esfera contra o céu escuro.

Levando em conta que os radares dos aeroportos e dos centros de controle de tráfego aéreo costumam detectar OVNIs, solicitei informações aos seguintes aeroportos, em cartas datadas de 2 de maio de 1995, sem contudo obter qualquer tipo de resposta: Aeroporto Internacional Antônio João (Campo Grande-MS), Aeroporto Afonso Pena (São José dos Pinhais-SP), Aeroporto de Ourinhos, Aeroporto de Marília, de Tupã, Adamantina e Paraguaçu Paulista. O Cindacta II de Curitiba, por sua vez, em carta assinada pelo capitão aviador Diógenes Camargo Soares, oficial de Comunicação Social, datada de 10 de maio de 1995, emitiu as seguintes escusas: "Infelizmente não seremos capazes de lhe oferecer nenhuma informação, por duas razões: 1) Como o sr. bem sabe, as características físicas que esses possíveis veículos necessitam ter, para a realização de deslocamentos interplanetários, os tornam, cientificamente falando, invisíveis aos equipamentos de detecção de radar; e 2) Não houve, efetivamente, nenhum registro nesse campo na área de nossa jurisdição desde a sua implantação". Duas mentiras: os OVNIs são, na maioria das vezes, perfeitamente detectáveis pelo radar e inúmeros registros foram obtidos pelo Cindacta II, conforme denunciaram outros oficiais.

Ante os meus veementes protestos, Diógenes enviou-me uma extensa carta, datada de 18 de setembro, em que admite as aleivosias enunciadas e procura justificar-se sub-repticiamente: "Gostaria de dizer inicialmente, que o motivo da demora em responder a sua segunda carta, deveu-se ao fato de eu ser da equipe brasileira da Força Aérea de Pentatlo Aeronáutico Internacional e, por essa razão ter estado em viagem ao exterior pelo período de trinta dias (de 15 de junho a 15 de julho) participado do XXXIX International Aeronautical Militar Pentatlo Championship, que ocorreu na cidade de Florenes, na Bélgica, onde nos classificamos em terceiro lugar. Durante esse período, o meu substituto julgou que não deveria responder à sua carta, por entender que se tratava de assunto já gerenciado por mim. Também preciso dizer que sou oficial do Ministério de Aeronáutica, que reconhece ser um funcionário da Administração Direta da União, pago pelos impostos dos contribuintes, dos quais me incluo, e conheço bem as obrigações inerentes a minha função, não tendo portanto, nenhuma razão plausível para esconder quaisquer informações, até porque, não há o que esconder onde trabalho. O fato de estar dedicando muito do meu tempo em lhe redigir esta carta comprova a minha consciência e o meu zelo quanto a minha função. Obviamente, o sr. entendeu mal as palavras que lhe enviei comentando sobre os problemas técnicos em relação a detecção radar e suas implicações no tocante a identificação de objetos voadores não identificados, por esse aspecto, peço-lhe desculpas. Nem sempre é fácil saber-se com quem estamos lidando ao tratarmos por carta e, meu intuito foi o de demonstrar as dificuldades no que tange a fatos dessa natureza, de uma maneira simples e compreensível. Espero sinceramente, através dessa segunda carta, esclarecer melhor os pontos que tentei na primeira carta. [...] Ainda, visando a finalidade para qual se gasta uma soma considerável de dinheiro, os sistemas de detecção radar existentes no Brasil são necessariamente voltados para o controle e a vigilância do espaço aéreo. Nessas funções, entende-se a capacidade visualizar bem um retorno de radar de aeronave cujo tipo se conhece para, efetivamente exercer o controle, evitando que haja uma proximidade indesejável desses plotes, ao ponto de virem a

colidir. Quanto a vigilância, o raciocínio não pode ser diferente, pois os recursos não foram voltados para uma defesa do espaço aéreo contra possíveis 'alvos intergalácticos de características desconhecidas', mas sim de retornos ao menos compatíveis com os já conhecidos pelos radares, ou seja, aviões. Não estou dizendo com isso, que as autoridades aeronáuticas estão de olhos fechados para o problema dos OVNIs. Quando há qualquer anomalia radar de caráter desconhecido, inicia-se imediatamente um processo investigatório, com fins a esclarecer o problema. Digo entretanto que, ao conceber-se um sistema de detecção radar, que custa caro, deve-se saber exatamente para qual finalidade se pretende utilizá-lo, o que no nosso caso, visou a dar condições para o Brasil figurar entre os países que detém um dos espaços aéreos mais bem controlados e seguros do mundo. [...] Por óbvio que conheço os episódios protagonizados pela própria Força Aérea até porque sou piloto de caça e servi 8 anos como tal, conhecendo bem de perto as missões aludidas, entretanto, o que discuto é que até hoje, nada de concreto se obteve a respeito dos casos. Algo de diferente aconteceu, mas que conclusões foram alcançadas? A verdade é que, em nenhum lugar do mundo civilizado de hoje se conhece resposta para tais fenômenos. [...] Sobre a relação Nucomdabra e os Cindactas, o que de fato existe é que estes últimos são responsáveis pelas ações de defesa aérea, as quais são supervisionadas pelo Comando de Operações de Defesa Aérea (CODA). Se por acaso, como disse, for detectado qualquer fenômeno no sistema de detecção-radar, aquele núcleo será avisado quando então passará a determinar o que deve ser feito a respeito. Nós somos apenas órgãos executores e não detemos o poder de decisão. Ainda que julgue a minha opinião sobre o assunto, apenas uma a mais, gostaria de dizer que acredito ser possível alguma forma de civilização e vida diferentes da nossa, haja vista a infinidade do cosmos. Mas o que preciso deixar claro, é que o nosso serviço, que é prestado 24 horas, 365 dias ao ano, está voltada diretamente para a segurança das pessoas que utilizam os céus como meio de transporte e o desejam sempre seguro. Para nós é muito importante que não haja erro no controle do espaço aéreo, pois se houver, ele poderá custar muitas vidas, já que os aviões de hoje transportam, em média, mais de duzentas pessoas por vôo. Aqui no Cindacta II, nós controlamos oitocentos vôos por dia, num espaço aéreo de mais de 1.500.000 $km^2$ de área. Frente a esta responsabilidade, sentimo-nos cumpridores do nosso dever, quando vemos que, em mais de 10 anos de funcionamento, não houve nenhum acidente de tráfego aéreo, por falta de um sistema de controle de radares ou ineficiência de nossos operadores. Como o sr. já sabe, o único órgão no Brasil responsável sobre a investigação de objetos não identificados é o Nucomdabra e, fora ele, nenhum outro órgão terá condições de ajudá-lo no assunto".

Com relação a goiabeira, supostamente afetada pelas luzes do OVNI, Maria declarou: "A goiabeira estava cheia de goiaba. Os frutos amadureceram fora do tempo e caíram, como se tivessem amadurecido muito rápido. As goiabas apodreceram. Ficou aguada. Achei que era por causa do eclipse do sol que ocorrera em 3 de novembro de 1994.[460] Não encontrei nenhum fungo. Colocamos remédio, mas não adiantou". Em 2 de maio de 1995, enviei uma carta (*sedex*) explicando o caso junto com algumas amostras de goiabas ressecadas que recolhi no quintal de Maria à Faculdade de Agronomia de Jaboticabal, da Unesp. O correio enviou-me o comprovante de recebimento, assinado por Nadia Leynn.[461] Semanas depois, como não recebia qualquer retorno, escrevi novamente à Faculdade. Telefonaram-me em seguida alegando que nada havia chegado. Mesmo insistindo que possuía um comprovante dos correios atestando a entrega, encerraram o assunto e se recusaram a prestar maiores satisfações.

---

[460] Este foi o último eclipse solar total que visto no Brasil no século XX. Em São Paulo, foi visto entre 9h40min e 12h21min.

[461] ECT - Aviso de Recebimento - Sedex - nº do objeto 65913200-8, data de postagem 4-5-1995, para Unesp, rodovia Carlos Tonanni, km 5, Jaboticabal. Carimbo da Faculdade de Ciências Agrárias Veterinárias de Jaboticabal.

Repassando todos os fatos, inferimos que os avistamentos não passaram de fantasias retiradas do inconsciente coletivo a partir do encontro real com um OVNI, o qual serviu como detonador do processo.[462] Seres bem reais encenaram operações simuladas, bem ao estilo do teatro ou do cinema, de modo a inserir determinadas imagens, capazes de conduzir a aspectos que as pessoas são incapazes de perceber. A teoria não é completamente satisfatória. Mas há motivos que apoiam fortemente a possibilidade de que uma "operação de controle mental", cuidadosamente planificada com o objetivo de manipular ou testar as reações humanas, aproveitando a enorme expectativa popular em torno do fenômeno, foi implementada secretamente por militares ou setores desconhecidos do governo na região Oeste do Estado. Em última instância, poderia tratar-se de uma montagem oficial com vistas a encobrir os testes e as manobras de protótipos secretos, sob a aparência de OVNIs. Indagando às testemunhas o que elas pensavam ser o objeto, ouvimos duas respostas que vão ao encontro dessa assertiva. Sônia V. P. achou que o objeto era uma "projeção". Maria A. de O. P., pensou que era um "avião de outro país que estava aqui para pesquisar". O fenômeno OVNI é portanto uma questão concreta, em que um processo social está em jogo. Entendemos que esses casos não constituem fins em si mesmos, mas só têm valor na medida em que apreendemos aspectos culturais presentes na mentalidade coletiva hodierna.

---

[462] A Pepsi-Cola estava comemorando o crescimento de 64% de suas vendas de 1º de dezembro até o dia 23 de fevereiro de 1995 em relação ao mesmo período do ano anterior. O motivo, segundo a empresa, foi a forte campanha de marketing iniciada no final de 1994. Na guerra das "colas", como se convencionou chamar a disputa pelo mercado, a Pepsi usou como mote de propaganda a opção pela mudança, já que a Coca-Cola era a líder com cerca de 90% do mercado de sabor cola. Um dirigível com a marca Pepsi foi outra inovação. Funcionando como um *outdoor* no céu, foi usado em vários eventos, inclusive na festa de passagem de ano em Copacabana e no show dos Rolling Stones nos dias 27 e 28 de janeiro no Estádio do Morumbi em São Paulo e nos dias 2 e 4 de fevereiro no Maracanã. (Paulino Neto, Fernando. "Pepsi investe e tira mercado da Coca", in *Folha de S. Paulo*, 25-2-1997, dinheiro, p. 8, c. 2). Assisti ao show no dia 27 de janeiro e pude discernir bem o dirigível. Não há dúvidas de que alguém desavisado confundiria facilmente o "luminoso e silencioso" dirigível com um OVNI. Porém, ao que consta, o dirigível não passou pela região nos dias em que foram reportados os avistamentos.

# III. O MESSIANISMO ESPACIAL E O TERRORISMO DE ALADINO FÉLIX

## 1. Considerações Iniciais

Os pseudônimos Dino Kraspedon e Sábado Dinotos soaram-me como uma evocação, desde a primeira vez que os ouvi, no início de 1994. Alguns ufólogos[463] andavam em polvorosa com o aparecimento de Eddie van Blundht,[464] um personagem que assumira a identidade de Kraspedon, mas que abjurava qualquer ligação com Dinotos. Conforme ia tentando decodificar de modo apriorístico os significados lingüísticos dos pseudônimos, fui sendo levado, pouco a pouco, a revisitar uma antiga e problemática história, edificada num entroncamento em que se cruzam uma infinidade de variantes. Em 22 de abril, durante o XII Congresso Brasileiro de Ufologia Científica,[465] realizado em Curitiba (PR), Rhalah Rikota e Wolfgang Mengele,[466] este último auto-intitulado "descobridor" de Blundht, proferiram uma palestra que teve por efeito atiçar ainda mais minha veia detetivesca.

Uma série de conexões acausais ou sincronísticas[467] irrompeu logo em seguida. Em 5 de maio, encontrei no sebo do "Messias", na Praça João Mendes, centro de São Paulo, o livro *O impacto do novo século*, de Adelpho Lupi Pittigliani, que se revelaria uma fonte de consulta imprescindível. Uma semana depois, encontrei no mesmo sebo uma fotocópia encadernada da segunda edição revista e ampliada de *Contatos com os discos voadores*, de Kraspedon, lançado em novembro de 1957, que poucos conhecem, pois a maioria ateve-se apenas à primeira edição, lançada em março daquele ano. O original do raro e clássico livro só consegui obter em 30 de agosto, no mesmo sebo, apesar de tê-lo procurado em todos os pontos da capital paulista. Nos meses seguintes fui paulatinamente localizando e adquirindo as demais obras, se bem que me fora impossível encontrar certos títulos devido a sua extrema raridade.

Os eventos sincronísticos convergiram num atípico 19 de dezembro. Havia marcado com antecedência para esse dia uma consulta aos recém liberados documentos do DOPS, no Arquivo do Estado de São Paulo, então sediado na rua Dona Antônia de Queirós, nº 183, num prédio da antiga Fábrica de Tapetes Santa Helena, erigido na década de 30.[468] Cheguei pouco depois das 9 horas, no mesmo instante em que entrava um senhor idoso, que nunca vira antes pessoalmente, mas que reconheci logo pelos traços inconfundíveis das fotos de revistas e jornais da década de

---

[463] Especialistas no estudo do fenômeno dos OVNIs (Objetos Voadores Não Identificados).

[464] Nome fictício.

[465] Promovido pelo Núcleo de Pesquisas Ufológicas (NPU), de Curitiba, e pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), de Campo Grande, entre os dias 21 e 24 de abril no auditório da Antiga e Mística Ordem Rosacruz (AMORC).

[466] Nomes fictícios. Todos os outros pseudônimos e nomes citados neste livro são literalmente verdadeiros.

[467] Termos cunhados por Carl Gustav Jung para enquadrar os fatos determinados pelos instintos ou pelos arquétipos e que não podem ser compreendidos dentro do princípio da causalidade. Tratam-se de coincidências bastante significativas que trazem uma nova dimensão à compreensão científica e mostram a existência de conexões entre os conhecimentos da moderna física e da psicologia analítica. Os agrupamentos ou séries de casualidades não têm sentido, pelo menos para o nosso modo atual de pensar, situando-se, quase sem exceção, dentro dos limites da probabilidade. Afiguram-se como acontecimentos absolutamente únicos e efêmeros cuja prevalência não há como provar nem tampouco negar (Ver *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*, 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1985).

[468] A nova sede do Arquivo, sito à rua Voluntários da Pátria, nº 596, zona norte, foi inaugurada em 22 de abril de 1997.

70. Não havia dúvidas que se tratava do médico Max Berezovsky, um dos pioneiros da ufologia no Brasil e fundador da Associação de Pesquisas Exológicas (APEX). Apresentei-me relevando o quão honrado me sentia e imediatamente travamos conversa. Berezovsky contou-me que se dirigira para o Arquivo com o intuito de conferir o que constava contra ele e seu grupo, na época perseguidos pelo DOPS.[469]

Lembrei-me de ter lido e ouvido qualquer comentário a respeito do envolvimento de Kraspedon ou Dinotos com os militares e resolvi conferir, solicitando a Alfredo Moreno Leitão, documetarista do Arquivo, que procurasse referências dos pseudônimos no fichário. Qual não foi minha surpresa quando, cerca de meia hora depois, retornou ele trazendo várias pastas, cada uma das quais contendo dezenas de páginas de processos e relatórios do DOPS relacionados a Aladino Félix, vulgo Sábado Dinotos!

Não obstante, a surpresa maior estaria reservada para às 11h45min, horário em que Berezovsky já havia partido para o seu consultório, na Lapa. Debruçado sobre os documentos, lia avidamente e fazia anotações nas fichas de registro. Na mesma mesa, bem à minha frente, sentou-se um senhor de meia idade, que me pareceu um daqueles ex-militantes políticos de esquerda, igualmente interessado em rever seu nebuloso passado. Não demorou muito para que Leitão trouxesse a ele algumas pastas, ansiosamente aguardadas. Quase não acreditei quando constatei o nome escrito na capa de uma das pastas que inclinara à altura de meus olhos. Naqueles poucos momentos ali absorto, já havia retido na mente os nomes da maioria dos seguidores de Aladino. Para confirmar, pedi-lhe permissão para ver uma de suas fichas de criminoso político. Não me enganei, seu nome era mesmo Edson Chicaroni Vieira. Restava confirmar com o próprio se era quem estava pensando, ou apenas um homônimo. Perguntei se o nome Aladino Félix soava-lhe familiar. Estupefato, ouvi-o dizer: "Você está brincando, éramos praticamente irmãos!". Edson também não deixou de ficar assombrado ao ver que estava ali pesquisando justamente a história da qual tomara parte. Dali por diante, ao mesmo tempo em que consultava os documentos, não paramos mais de conversar.

À medida que ia escutando-o, sentia que os acontecimentos passados ainda estavam vivos e presentes para Edson. Embora tenha conhecido outros militantes políticos que guardam fortes recordações, certamente em nenhum deles elas pesavam tanto. Edson não conseguira suplantá-las, e permanecia vivendo numa espécie de tempo contínuo, que anulava as chances de um rompimento. O mais impressionante foi notar que as idéias de Aladino continuavam a influenciá-lo, não tão fortemente quanto na época das ações, mas de qualquer forma orientando sua maneira de viver e de pensar. Para cada questionamento, Edson possuía um arsenal de respostas, quase sempre preservando a legitimidade dos atos praticados. Defendeu enfaticamente que "se" tudo tivesse saído como o planejado, o mundo estaria bem melhor, "no seu verdadeiro rumo". A vida de Edson fundiu-se espiritual e organicamente com a do movimento preconizado por Aladino, de tal modo que tornou-se impossível uma desvinculação. Ao mencionar o nome de Eddie van Blundht, ele foi enfático: "Nunca ouvi falar em ninguém com esse nome. Com toda certeza, Dino Kraspedon ou Sábado Dinotos sempre foram os pseudônimos de Aladino Félix, que infelizmente faleceu em 1985".

Sobreveio, após o encontro com Edson, um período particularmente desfavorável, que obrigou-me a deixar a pesquisa em segundo plano. Em agosto de 1995, todavia, a chegada do

---

[469] A *Folha de S. Paulo* dedicou uma ampla reportagem a respeito de nossas pesquisas. Ver "Militares espionaram ufólogos brasileiros", São Paulo, domingo, 11-5-1997, ano 77, nº 24.875, primeira página; "Arquivo X: Regime militar investigou óvnis e ETs", são paulo, p. 6, c. 3; "Arquivo X 2: Aeronáutica recolhe dados sobre óvnis", são paulo, p. 7, c. 3. Por Mauricio Stycer (da reportagem local). Fotos de João Quaresma. Um resumo do trabalho foi publicado pela revista *UFO*. Ver "Ditadura militar investigou ufólogos", in Campo Grande (MS), dezembro 1996, ano 11, nº 48, denúncia, p. 35-37.

furacão "Félix" à costa leste dos EUA, com ventos de até 225 km/h, prenunciava estragos e mudanças.[470] A revista *Istoé* trazia uma matéria em que o bancário aposentado Eddie van Blundht, então com 90 anos, residente em Uberaba, Minas Gerais, era apontado pela reportagem como sendo Dino Kraspedon, o autor de *Contatos com discos voadores*: "...o ufólogo paulistano Wolfgang Mengele localizou o autor do livro que tanto o fascinou na década de 60. Ninguém suspeitava no meio ufológico que Dino Kraspedon ainda estivesse vivo e lúcido. E que por trás do pseudônimo se escondia um funcionário aposentado da Caixa Econômica do Estado de São Paulo. O livro ganhou uma segunda edição brasileira há 3 meses e agora P. se prepara para se apresentar em outubro no Congresso Internacional de Ufologia, em Curitiba".

Enviei imediatamente um telegrama a Edson, solicitando que me telefonasse. No domingo, dia 13, por volta das 19 horas, recebi sua ligação. Perguntei se o assustara com o telegrama, ao que respondeu: "Depois de tudo o que passei na minha vida, isso não foi nada". Ele não havia ainda lido a revista, e quando lhe contei o que se sucedia, sua reação foi de espanto e raiva. "Cláudio, vou tentar falar com alguns antigos amigos de Aladino e os porei em contato com você".

O primeiro a telefonar foi Estefani José Agoston, um ex-militante ferrenho do grupo de Aladino. Na quinta-feira, 17 de agosto, ele concordou de imediato em comparecer no dia seguinte à minha casa. Atribuo essa pressa ao extremo interesse em contar o que sabia sobre o movimento, razão máxima de sua existência, tal como o era para Edson. Entre às 11 e às 20h30min, com uma pequena pausa para o almoço, fiquei tentando reter na memória o máximo de informações que podia, já que ele não permitiu nenhum tipo de registro, nem mesmo que anotasse suas falas no papel. Estefani conservava uma memória estupenda, capaz de reconstituir com minúcias um atentado. E por mais que se esforçasse, não se lembrava de ter visto antes a figura de Blundht.

No domingo, 27 de agosto, foi a vez de um amigo íntimo de Aladino desde a década de 50, Edgar Alves Bastos, telefonar-me. Marquei um encontro com ele para o dia seguinte, às 19 horas. Edgar também não continha a revolta, e sua disposição era a de levar o caso às últimas conseqüências. Identifiquei-o de imediato. Aparentava cerca de 60 anos e portava uma bolsa preta. Assim que nos apresentamos, meu amigo Antônio Manoel Pinto, a quem havia convidado para acompanhar-me, chegou. Dirigimo-nos ao local onde se achava estacionado o carro de Edgar. Lá, um amigo deste, chamado Élcio, aguardava-nos. Edgar levou-nos a um restaurante nas imediações, onde jantamos e conversamos até por volta das 22h30min.

Mantive ainda longas conversações com Edgar nos dias 1º e 26 de setembro e 1º de outubro, que culminaram em minha ida, novamente acompanhado de Antônio e do próprio Edgar, à casa de Raul Félix, filho de Aladino, em 12 de outubro. A essa altura, Raul já havia acionado seu advogado e movia processo por falsidade ideológica e estelionato contra Blundht e Mengele.[471] De todos os depoimentos que colhemos, o de Raul foi sem dúvida o mais valioso e esclarecedor. Ele guarda uma coleção de obras de seu pai e uma série de documentos comprobatórios (cartas, atestados, certidões, manuscritos, etc.). Seguiram-se outras entrevistas e uma intensa troca de correspondências com personalidades que de alguma forma estiveram envolvidas com a fantástica história.

---

[470] "Bermudas se prepara para o furacão Félix", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15-8-1995, geral, p. A-16; "Furacão atinge Costa Leste dos EUA", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16-8-1995, mundo, p. 10, c. 2; "Furacão põe costa leste dos EUA em alerta", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16-8-1995, geral, p. A-14; "Americanos protegem casas contra Furacão Félix", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17-8-1995, geral, p. A-21.

[471] A Justiça os condenou em dezembro de 1997, ficando proibidos de usarem indevidamente o pseudônimo Dino Kraspedon e de comercializarem os livros.

## 1. O Comandante Do Disco Voador

Aladino Félix nasceu em 1$^0$ de março de 1920, em Lorena,[472] Estado de São Paulo, filho de Ernesto Félix e Augusta da Silva Félix. Conforme ele mesmo conta em sua breve bibliografia,[473] a família era humilde, e por isso cedo começou a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Seu avô, de origem judaica, costumava ensinar-lhe a *Bíblia*, lendo, para seu encantamento, passagens do livro sagrado. Sua mãe devotava-se ao catolicismo e conservava com veneração uma imagem de Nossa Senhora, vista com pouco respeito pelo seu avô.[474]

Não suportando as freqüentes humilhações a que era submetido pelos seus irmãos e irmãs, fugiu de casa, nunca mais voltando. Ainda menor de idade, serviu o Exército em Piquete, uma cidade próxima. Aladino costumava percorrer os campos das imediações, até a serra que ele tão bem conhecia. Nessa época, nem se lembrava mais dos textos sagrados, vindo a tornar-se ateu por indiferença.

Eclodindo a Segunda Guerra Mundial, serviu na aviação norte-americana. Terminado o conflito, fixou-se em Chicago, onde estudou na Universidade local, tendo colaborado em pesquisas científicas. Para custear o seu sustento, manteve um pequeno escritório comercial naquela cidade, cuja clientela constituía-se principalmente de brasileiros.

Voltando ao Brasil, casou-se em Minas Gerais com Marta, uma moça de Campo Belo, com quem gerou cinco filhos (Augusta, Raul, Mansueto, Tarsila e Germânia). Nessa cidade, foi redator do jornal local, o que lhe proporcionou seus primeiros contatos políticos, vindo a conhecer o então governador de São Paulo, o populista Adhemar Pereira de Barros.

Transferindo-se para a capital paulista, começou a ganhar a vida como professor num colégio de bairro. Os seus proventos exíguos não eram suficientes para sustentar a família em crescimento. Começou a escrever, e ganhava algum dinheiro como "escritor fantasma". Porém, sua capacidade literária se revelaria mais tarde, em decorrência aos acontecimentos de que tomaria parte.

Durante 5 anos, Aladino diz ter conservado em segredo o contato que manteve com os tripulantes de um disco voador, em novembro de 1952. "Procuramo-los ocultar a todo custo, temerosos da crítica dos que só acreditam na vida terrena e que não podem admitir uma outra humanidade vivendo em nosso sistema, que raciocine em termos científicos superiores ou ao menos iguais aos nossos".[475]

O jornal carioca *O Globo*, de 28 de agosto de 1957, publicou uma reportagem a respeito com um título bastante sugestivo: "Além de visitar o disco recebeu o comandante em casa, para um almoço!".[476]

---

[472] Cidade situada a cerca de 190 km da capital paulista.

[473] Pitigliani, Adelpho Lupi. *O impacto do novo século*, Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1973, apêndice 1, "duas bibliografias", p. 369-373.

[474] Na zona litorânea, as diversas ordens religiosas mantiveram o catolicismo tradicional sob controle efetivo. Nas regiões sertanejas, porém, o pequeno número de sacerdotes colocou fora da área de controle social da Igreja grandes contingentes populacionais de origem lusitana, os quais permaneceram ligados a um catolicismo popular com características próprias, voltado para o culto de santos locais.

[475] Justificou na introdução de *Contato com os discos voadores* (São Paulo, São Paulo Editora, 1957, p. 15).

[476] Biblioteca Nacional, Divisão de Informação Documental, Rio de Janeiro; Hugo Rocha, em sua obra *O enigma dos discos voadores ou a maior interrogação do nosso tempo* (São Paulo, Gráfica Biblos, 1959, p. 268-269), também menciona essa matéria.

A matéria assinalava que "Com a celeuma surgida com o caso do professor paulista que disse ter feito um passeio num disco voador, elementos empolgados com o assunto promoveram uma mesa-redonda ontem à noite, no Clube dos Inapiários, conseguindo atrair numerosa assistência. Dos cinco membros que compareceram à mesa, o sr. Dino Kraspedon se destacou referindo-se a um seu trabalho em que relata o encontro que teve com um disco voador em novembro de 1952, na Estrada de Angatuba, em São Paulo".

Projeções de fotografias de discos, argumentos e relatos foram feitos de entremeio às repostas que o advogado José Augusto da Costa Júnior, o médico Walter Karl Bühler — foi nessa ocasião que conhecera Aladino — e Valdir Cortinhas deram às perguntas formuladas por Oto Gluck, que presidiu os trabalhos. Na impossibilidade de explicações mais coerentes sobre a existência dos discos, a matéria diz que procurou-se preparar psicologicamente a platéia para a próxima chegada dos tripulantes dos aparelhos interplanetários. Cortinhas, após frisar que nós já estamos na "idade cósmica" e de que necessitamos de uma "consciência cósmica", declarou que os habitantes da Terra, na qualidade de "cidadãos do Universo", precisavam "estar preparados para receber os habitantes de outros planetas que nos vêm visitar pacificamente".

Finalmente foi concedida a palavra a Kraspedon, "homem simples e até meio retraído", segundo o jornal, que passou a relatar a sua aventura com o comandante de um disco voador: "Foi em novembro de 1952. Eu vinha no meu jipe de uma das minhas costumeiras viagens ao Estado do Paraná. Em minha companhia viajavam um rapaz[477] e um menino e dirigiamo-nos para São Paulo. Ao chegar próximo à estrada de Angatuba, o menino chamou-me a atenção para cinco pontos luminosos que se locomoviam no espaço. A princípio não acreditei em nada. Mas, devido a insistência, parei o jipe na estrada e levantei a cabeça, vendo, realmente, os cinco objetos. Confesso que na hora nem pensei em discos voadores, mesmo porque não acreditava neles. Não dando importância ao fato, prossegui viagem até a capital paulista, onde cheguei horas mais tarde. À noitinha, intrigado com a história, voltei novamente ao local, onde fiquei durante 3 dias esperando pela volta dos estranhos objetos. No terceiro dia, à tarde, notei uma chama meio esverdeada ao lado da estrada. Aproximei-me com o jipe e coloquei uma de suas rodas sobre o fogo. Depois, estendi minha mão, notando, com surpresa, que não sentia nenhuma queimadura. Estava assim abaixado, quando senti uma força incontrolável que me fez olhar para trás. Vi, então, um objeto circular parado sobre a estrada, a poucos metros de mim. Do seu bojo interior uma escada metálica e sem beira descia até o chão, tendo a seu lado um indivíduo alto e vestido com uma roupa colante, espécie de macacão de *nylon*. Sem que trocássemos qualquer palavra, fui induzido a entrar no estranho aparelho e no interior notei de dez a quinze indivíduos iguais ao primeiro, todos altos, com a mesma roupa e de cabeças raspadas. Procurei ver nas paredes algum símbolo ou palavra escrita em qualquer dos idiomas conhecidos na terra, nada tendo visto, a não ser alguns desenhos parecidos com figuras geométricas. Após ter permanecido alguns instantes em seu interior, fui convidado, ainda mentalmente, a sair do aparelho, o que também fiz obedecendo ao mesmo impulso inicial. Mal pisei o solo o aparelho desapareceu numa velocidade vertiginosa, sem qualquer ruído, deixando-me atordoado no meio da estrada".

A seguir, Kraspedon contou a inesperada visita que recebeu do comandante do disco voador 1 ano depois, o mesmo que o convidara a entrar no aparelho. No dia seguinte, acompanhado de um astrônomo do Observatório de São Paulo, muito seu amigo, encontrou-se novamente com o comandante na Praça da República, bem na esquina da rua Barão de Itapetininga. Conversaram então os três, sobre diversos problemas de física, astronomia e matemática, prolongando-se a palestra até altas horas da madrugada.

A conversa foi feita toda em português, tendo o personagem, após marcar novas visitas para 1956 e novembro de 1959, no mesmo local, se despedido, dizendo que tão cedo não se encontrariam de novo. "A princípio não contei nada a ninguém, mas com a publicação do fato

[477] Segundo Edgar Alves Bastos, o rapaz que o acompanhava era Paulo Fulerman.

em uma revista, começaram os telefonemas e visitas de curiosos. Já sem tempo para me dedicar aos meus afazeres, resolvi, então, de comum acordo com esse astrônomo meu amigo, escrever sobre o que se passou e sobre a discussão que travamos com o estranho personagem. Isso tudo escrevi em apenas 4 dias e publiquei no livro *Contato com os Discos Voadores*. Pelo que me foi dito pelo comandante do disco, esses estranhos objetos interplanetários devem a sua alta velocidade ao vácuo que formam com o bombardeio de raios catódicos — elétrons emitidos em movimento rápido pelo catodo de um tubo de descarga —, dispostos em toda sua parte externa, formando um túnel de 45 graus. Tendo o vácuo sempre a sua frente, o disco pode movimentar-se sem qualquer atrito e em qualquer velocidade. Fácil é também o seu governo, pois que esse vácuo pode ser transferido em todas as direções".

Acrescentou Kraspedon: "O disco para destruir um aparelho dos nossos, bastaria ir em uma direção fazendo-se cair em uma zona de baixa pressão. Depois, invertendo a direção do vácuo a atmosfera produziria um fabuloso choque contra o aparelho, destruindo-o. Isso foi o que aconteceu com o capitão Mantell da Força Aérea dos EUA, ao perseguir um disco voador na Base Aérea de Fort Knox". Encerrando sua exposição, Kraspedon afirmou que "eles" já estiveram em contato com autoridades norte-americanas, como lhe foi relatado pelo comandante Auriphebo Berrance Simões, que esteve nos EUA e que soubera disso por uma pessoa, ligada ao Pentágono. O relato de Aladino é um tanto menos místico e muito mais técnico do que o dos contatados[478] norte-americanos, mas certamente foi baseado neles, principalmente nos de George Adamski e Truman Bethurum.

Agora que o mundo já tinha se acostumado com os OVNIs, "era inevitável que alguém, em algum lugar, mais cedo ou mais tarde, afirmasse ter feito contato com seres extraterrestres a bordo de discos voadores", asseverou Dannis Stacy. No início dos anos 50, surgiram nos EUA — não por acaso a nação mais poderosa e influente do planeta — as primeiras narrativas dando conta de que de Vênus vinham homens e mulheres altas, de pele translúcida, iluminados por uma luz interior, vestindo roupas prateadas e colantes e de Marte vinham homens morenos com roupas de borracha. Dando-se crédito a tais histórias, quase todos os orbes do nosso sistema seriam habitados por grandes construtores de naves espaciais.

A missão dos "irmãos do espaço": salvar o nosso mundo da ganância, da corrupção e da bomba atômica. O público exigia poucas provas, ficando ao que parece satisfeito com a "sinceridade" dos contatados. Eric Hobsbawn comentou com propriedade a insurgência dos OVNIs: "Os leigos só podiam reagir contra seu senso de impotência buscando coisas que 'a ciência não podia explicar', na linha do hamletiano 'Há mais coisas entre o céu e a terra... do que sonha a tua vã filosofia', recusando-se a acreditar que elas pudessem algum dia ser explicadas pela 'ciência oficial', e ansiando por acreditar no inexplicável porque parecia absurdo. Pelo menos num mundo desconhecido e incognoscível todos estariam igualmente impotentes. [...] Qualquer ceticismo em relação ao OVNIs era atribuído ao ciúme de cientistas de mentalidade tacanha, incapazes de explicar fenômenos além de seus estreitos horizontes, talvez até mesmo a uma conspiração dos que mantinham o homem comum em servidão intelectual para ocultar-lhes um saber superior".[479]

Os filmes de ficção científica da década de 50 valeram-se dos relatos dos contatados, bem como apontaram as suas próprias respostas, infundindo no imaginário popular a noção de uma realidade diferente da humana. O gênero vivia seu auge. Monstros espaciais e invasões

---

[478] Para maiores detalhes ver o trabalho "Contatados: escravos de aliens ou cidadãos cósmicos?", publicado pelo autor em duas edições integrais da revista *UFO Especial*, Campo Grande, Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), outubro-dezembro de 1997, ano 10, n[os] 20 e 21.

[479] Hobsbawn, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 512.

interplanetárias refletiam nas telas a política macartista paranóica norte-americana, com sua fobia ao comunismo.

O diretor Robert Wise rodou em 1951 — 1 ano antes de Adamski despontar como o primeiro contatado da era moderna e de Aladino viver seu primeiro encontro com o comandante espacial —, um dos clássicos que mais influenciaram a estrutura dos relatos ufológicos: *The day the Earty stood still*. Um emissário chega à Terra num disco voador e aterrissa em Washington. Klaatu, cuja compleição física é semelhante a humana, vem com o objetivo de prevenir os líderes políticos e militares de que se continuassem insistindo no uso de armas nucleares — o que poderia afetaria outros planetas, já que o homem dava seus primeiros passos em direção ao espaço — teria de destruir a Terra. Auxiliado por Gort, um implacável robô programado para desintegrar toda fonte de violência, Klaatu tenta transmitir o seu aviso, mas é recebido com tiros e histeria coletiva. A única forma que ele encontra de impressionar a humanidade é através de um efeito de choque: durante meia hora neutraliza a eletricidade no mundo todo. Depois disso é descoberto, perseguido e morto. Mas Gort consegue ressuscitá-lo a fim de que possa, finalmente, anunciar sua mensagem antibelicista para os povos da Terra. O filme foi um marco, pois pela primeira vez um ser extraterrestre não era apresentado como ameaça à vida na Terra, e sim como conselheiro pacifista. Os pontos altos do filme são os efeitos especiais, excelentes para a época, a fotografia em preto e branco de Leo Tover, que procura realçar os contrastes de luz e sombra, como nos filmes expressionistas alemães, e os diálogos, com frases brilhantes de Klaatu, como: "minha missão não é resolver seus mesquinhos problemas de política internacional. Não falarei com nenhuma nação ou grupo de nações; não pretendo trazer minha contribuição aos seus ciúmes e suspeitas infantis".

O filme é um daqueles que provam o quanto a ficção imbrica-se com a realidade. As imagens primordiais criadas — ou recriadas — definiu muitos dos pensamentos, sentimentos e ações dos futuros contatados, abduzidos e testemunhas. O disco voador com o típico formato discóide aterrissa numa praça. Uma porta se abre e uma rampa desliza até o chão. Um alienígena com um macacão prateado desce por ela. Quando a porta se fecha, não deixa entrever sinais de frestas ou emendas. Klaatu mistura-se com os membros de uma família sem ser notado. No interior do disco o alienígena é deitado sobre uma mesa de operações. As palavras finais de Klaatu, um ultimato aos humanos, relevam a necessidade premente de acabar com as hostilidades.

Todos esses elementos passaram a partir de então a fazer parte das narrativas ufológicas. A maioria dos contatados, não por acaso, alertavam que a humanidade encontrava-se ameaçada. Outro ponto de conexão entre as mensagens recebidas eram as "revelações" relacionadas a "religiões cósmicas", cada qual com seus dogmas, liturgias e éticas.

O livro de Aladino — o primeiro no Brasil do gênero "contatados" — alcançou relativo êxito entre os primeiros aficionados pelo assunto e 8 meses depois foi lançada uma segunda edição, vindo a ser considerado um clássico. Examinemos o seu conteúdo, atentando para os pontos em comum com os seus congêneres norte-americanos.

Aladino conta que num certo domingo, um homem de quase 2 m de altura, disfarçado de pastor protestante, trazendo uma *Bíblia* nas mãos, tocou a campainha da porta. Residia então na rua Iguatemi, n$^0$ 274, no bairro de Chácara do Itaim, zona oeste de São Paulo. Quase todos os domingos apareciam protestantes ou meros pregadores que tentavam doutriná-lo ou fazer convites para o culto. Assim, Aladino pensou inicialmente que se tratava de mais um deles. Ateu em toda a extensão do termo e avesso a tudo que cheirasse religião, aborrecia-se com tais tipos de pregações. Teve impulsos de perder a compostura e mandá-lo embora, mas conservou o cavalheirismo e procurou sorrir. Marta abriu a porta e fê-lo entrar e sentar no sofá da sala. Aladino foi ao seu encontro e deparou-se com um indivíduo apuradamente vestido, trajando um lindo costume de casimira inglesa que lhe caía bem no corpo atlético. O pastores eram modestos,

mas esse estava demasiadamente decente. Tinha a camisa alva e o colarinho engomado, com gravata azul de desenhos brancos geométricos. Apenas o sapato demonstrava ter sido usado uns 2 meses. Chamou sua atenção as luvas que usava, de um tecido muito fino, fazendo-o pensar onde havia visto outra igual. "Encarei-o de frente, e tive a voz embargada pelo inesperado: tinha diante de mim o comandante de um disco voador".[480]

A origem extraterrestre dos discos voadores não fazia parte das crenças de Aladino. "Este assunto me parecia mais uma impostura de seres da própria Terra, que aproveitando esse vago desejo que tem a humanidade de possuir irmãos no nosso sistema solar, se apresentavam como seres de um outro mundo para melhor exercerem atividades inconfessáveis" (leia-se de espionagem ou terrorismo). Aladino anunciava timidamente pela voz do comandante, seu *alter ego*, quais seriam suas intenções futuras. Mas o visitante reagiu sorrindo, e devolveu: "Asseguro-lhe que a indireta é inconsistente, mas não resta dúvida ser o seu dever precaver-se contra possíveis embaraços. Fique certo, porém, que se eu fosse agente estrangeiro, há muito que eu teria dominado a Terra e que você já não existia devido à sua curiosidade em penetrar no disco".

Nesse momento, Marta anunciou que o almoço estava posto, e que convidasse o "pastor". Ela iria levar as crianças para passear e só voltaria à noite. Durante o almoço, Aladino quis testar os conhecimentos lingüísticos do hóspede e descobri a sua origem pelo sotaque. Encaminhou o assunto para a religião cristã e pediu-lhe que o fizesse recordar as primeiras palavras da *Bíblia* em língua hebraica, ao que ele atendeu prontamente, sem demonstrar o menor constrangimento ou embaraço: "Breshit bara Elohim...",[481] recitando um longo trecho. Sem deixar que ele notasse que estava sendo testado, Aladino continuou no mesmo assunto. Em certo momento, fez-se de esquecido. Começou falando: "Hodie si audieritis vocem mean...",[482] ao que ele completou: "nolite obdurare corda vestra".[483] Usando o mesmo sistema, o comandante disse: "Nolite putare quoniam veni solvere lege aut prophet; no veni solvere, sed adimplere".[484] Aladino falou ainda em inglês e grego. "A tudo ele respondeu com perfeição. Não só conhecia as línguas, mas sabia aprofundar-se no assunto a que eu me reportava, indicando a data, o lugar dos acontecimentos históricos e o nome dos protagonistas. Apenas dava, algumas vezes, interpretação diferente do nosso ponto de vista ortodoxo. Sua língua pareceu-me arrastar somente quando se expressou em inglês. Entretanto, a proficiência com que dissertava sobre questões mais diversas, deixava-me perplexo".[485]

Ao voltarem à sala de estar, Aladino quis verificar até onde chegavam os seus conhecimentos científicos, "porque uma coisa é tratar de assuntos religiosos e históricos e possuir o dom de poliglota, e outra é falar de ciência. É lógico que falando de ciência, devia não só ter os conhecimentos que temos, mas apresentar algo mais elevado. Caso contrário revelaria ser habitante da própria Terra".

Com veemência, o comandante foi demonstrando conhecimentos sobre ciência e a história da humanidade que o impressionaram grandemente, transcendendo a esfera comum. Revelou proceder de dois satélites de Júpiter, Io e Ganimedes,[486] podendo viver em qualquer um deles. Num mesmo satélite haviam "homens pequenos e grandes, loiros, pretos ou morenos", tal

---

[480] Kraspedon, Dino. *Contato com os discos voadores*, São Paulo, São Paulo Editora, 1957, p. 21-22.
[481] "No princípio criou Deus...".
[482] "Hoje si ouvirdes a minha voz...."
[483] "...não endureçais os vossos corações".
[484] "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas completar".
[485] Kraspedon, Dino, op. cit., p. 23-25.
[486] A revista científica norte-americana *Science* anunciou em sua edição de 10-10-1997, que as duas maiores luas de Júpiter, Ganimedes e Calisto, possuem material orgânico, isto é, as mesmas substâncias químicas que são consideradas a base para o surgimento da vida na Terra. "A composição química da superfície desses objetos (os satélites de Júpiter) são de interesse porque dão

qual na Terra. Nota-se aqui que Aladino deixou-se influenciar pelo caso dos irmãos argentinos Jorge e Napy Duclout. Praticantes do espiritismo, numa série de sete sessões — a primeira efetuada em 9 de julho e a última em 6 de setembro de 1952 —, alegaram que conseguiram entrar em contato mediúnico com uma entidade extraterrestre. As captações foram registradas num livro ao mesmo tempo fascinante e inacreditável, com o extenso título de *Origen, estructura y destino de los platos voladores*: *transcripción de las grabaciones, sobre alambre, registradas durante experimentaciones psíquicas*, *con varios esquemas y 1 apéndice*, editado em Buenos Aires em fevereiro de 1953.

Jorge Alberto, o mais velho, na época com 50 anos, era um engenheiro de vasto *curriculum*. Fabricou e instalou os primeiros radiotransmissores da Argentina, assim como o primeiro transmissor e receptor de televisão em 1928. Construiu o primeiro gravador de som com película de 35 milímetros, escreveu vinte e cinco livros de divulgação técnica e inventou um processo simplificado de terceira dimensão para o cinema. Foi professor da Faculdade de Engenharia de Buenos Aires e da Sorbonne e foi o primeiro Diretor de Navegação e Portos da Argentina. Ele é que fez o papel de médium nas experiências psíquicas. Napy, na época com 43 anos, era jornalista, escreveu programas de rádio, colaborou com programas de televisão, preparou argumentos para doze películas cinematográficas e dirigiu filmes. No livro em questão, começam tecendo considerações de coisas que a maior parte das pessoas não podem compreender e admitir por estarem além de seu conhecimento. E logo fazem uma série de revelações fantásticas.

Segundo a entidade comunicante, os discos voadores que nos visitavam com relativa freqüência, provinham do maior dos quatro satélites principais de Júpiter, aquele que os nossos astrônomos chamam de Ganimedes. Com um diâmetro aparente de 5.730 km, era o único habitado por seres humanos, ou melhor, humanóides: "Temos os satélites de Júpiter que são: Io, Europa, Ganimedes e Calisto. Os dois primeiros são pequenos e quase não tem atmosfera. Calisto é quase nebuloso, muito leve. É uma esponja. E Ganimedes é o mais interessante porque

---

dicas sobre a origem do nosso Sistema Solar e porque contêm moléculas orgânicas que são essenciais para o início da vida", declararam os autores da descoberta, uma equipe de doze cientistas dos EUA, liderada por Thomas B. McCord, da Universidade do Havaí. Para eles, os quatro grandes satélites de Júpiter — Ganimedes, Calisto, Io e Europa — constituem um verdadeiro "Sistema Solar" em miniatura. As substâncias descobertas chegaram até aqui, provavelmente, através de cometas ou meteoros, que poderia ter, segundo uma teoria, "inseminado" a Terra e outros planetas com as sementes daquilo que viria a ser a vida — substâncias orgânicas, isto é, construídas em torno do carbono. Na Terra, a vida prosperou por encontrar solo fértil. O mesmo pode ou não ter ocorrido em outros pontos do Sistema Solar. Os satélites jupiterianos são quatro laboratórios excelentes por possuírem atividades muito variadas. Ao contrário de Calisto e Ganimedes, Io tem vulcanismo e Europa pode ter mesmo água líquida debaixo de uma crosta de gelo, e talvez alguma forma de vida primitiva. Cada um desses quatro satélites, chamados de galileanos porque foram descobertos pelo cientista italiano Galileu Galilei, possuem características que os tornam semelhantes a planetas. Eles equivalem, em tamanho, à Lua terrestre ou são maiores que o planeta Mercúrio. A descoberta do material orgânico só foi possível graças a sonda espacial — que a NASA, em homenagem ao cientista, batizou de Galileo — lançada pelo ônibus espacial Atlantis em 1989. Pouco antes, a sonda já havia tirado fotos da Lua Europa, os quais indicavam que ali poderia existir um oceano de água. As imagens feitas pela sonda revelaram uma superfície coberta por crostas de gelo e evidências de atividade geológica. A Galileo igualmente produziu imagens de um vulcão em Io. Embora as descobertas estivessem longe de comprovar a existência de vida inteligente fora da Terra, atestaram que Aladino intuiu corretamente ao apontar Io e Ganimedes como locais privilegiados de morada de seres extraterrestres (Bonalume Neto, Ricardo. "Luas de Júpiter têm substâncias da vida", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10-10-1997, mundo/ciência, p. 18, c. 1.

não é frio como dizem, mas tem uma atmosfera densa, de 100 km de espessura. E é daí que vêm os discos voadores. Junto com a Terra e Marte, é um dos três únicos corpos habitados do nosso sistema solar".

O livro terminava com a revelação de que, em 1967, a Terra entraria em novo conflito mundial, fato que não se realizou. E que haveria uma misteriosa intervenção dos ganimedianos, visando acabar com a guerra e salvar a humanidade da catástrofe.[487]

A parte do livro de Aladino considerada científica (ou científica-espiritual, já que conceitos científicos e religiosos são justapostos) resultou de cinco encontros que manteve com o comandante: uma vez no próprio disco, uma vez em sua residência, duas vezes na Praça da República e uma última na estação Roosevelt. As duas conversas que tiveram na Praça da República foram assistidas por um professor de física e matemática, cujo nome foi mantido em sigilo.[488]

A matéria e a energia seriam, conforme explicou o comandante, a expressão de outra coisa que nós não percebemos, fundada em princípios antes teológicos do que matemáticos. "O homem só pode realmente compreender os fenômenos da natureza quando compreende a natureza de Deus". Natureza essa intrinsecamente racionalista: "Deus é uma reta isotrópica,[489] paralelo a si mesmo e sobre si mesmo vibrando num ângulo de 90 graus. É como um sistema de eixos, cujo ponto de interseção das linhas estivesse em toda a parte ao mesmo tempo. Logo múltiplo em si, porque nele contêm dimensões — para servir-me de uma definição terrestre — que contravariadas, 'n' seria igual ao infinito".[490]

O comandante explicou que um corpo ou uma partícula não pode fazer indefinidamente um movimento no espaço porque ela perda energia, e que todo corpo carece de força aceleratória. Aladino retrucou mencionando que para a física newtoniana todos os corpos podem ser considerados como um ponto no espaço. Levando em conta que a Terra é uma simples partícula, teríamos dois movimentos — o da rotação terrestre e o da revolução que o nossa planeta faz no espaço — que negariam a teoria esposada. O comandante rebateu dizendo que o caso da Terra é diferente.

A analogia que os físicos quiseram ver entre os movimentos dos astros e planetas com o movimento inter-atômico não existe. "No átomo temos ondas estacionárias, em estado vibratório permanente; a Terra é um corpo impulsionado por uma força constante. Ainda que ela não tivesse energia intrínseca, movimentar-se-ia no espaço. O que se passa com ela é o mesmo que se dá com o radiômetro. Nesse aparelho, as pás sofrem uma diferença de potencial. Enquanto as faces pretas absorvem a luz solar, entram em rotação em torno do seu eixo. A intensidade do movimento depende da intensidade da luz solar que as faces negras conseguem reter. A Terra, também, tendo uma face iluminada e a outra no escuro, é presa de uma diferença de potencial, diríamos melhor um binário, e roda em torno do seu eixo. Observe que no radiômetro é mister fazer-se baixa pressão no seu interior, caso contrário não giram as pás. Também a Terra tem nas altas camadas a baixa pressão necessária, que vai até ao vácuo".

---

[487] João Martins, na edição de 9-10-1954 de *O Cruzeiro*, abordou o caso. "Na esteira dos discos voadores, parte II: Plato Volador sobre Buenos Aires", Rio de Janeiro, p. 68-72.

[488] Kraspedon, Dino, op. cit., p. 25-28.

[489] Todo meio homogêneo para o qual as propriedades físicas são idênticas em todas as direções traçadas por um ponto qualquer. Peculiaridade característica dos corpos amorfos e dos cristais do sistema cúbico ou monométrico no interior dos quais não se observa variação das propriedades físicas. Todo meio não isótropo é chamado anisótropo. Um corpo naturalmente isótropo pode tornar-se anisótropo, se for submetido a ações suscetíveis de alterar seu estado molecular, como, por exemplo, as da pressão e do calor.

[490] Kraspedon, Dino, op. cit., p. 29-31.

Com isso, o comandante pretendeu postular que o Sol e os planetas se sustentam no espaço de forma contrária a que a ciência terrena apregoa. O Sol não atrairia os planetas, mas provocaria uma repulsão. Enquanto a Terra seria atraída para um hipotético centro magnético do sistema, sofreria a repulsão da luz. Esta, segundo o comandante, repeliria o campo magnético[491] terrestre, da mesma forma que o raio de luz de uma estrela seria repelido e sofreria desvio ao aproximar-se do centro magnético do sistema. A translação terrestre seria, pois, o resultado da velocidade de rotação e da camada etérea,[492] que lhe daria um plano de sustentação ou de rolamento sob a ação das duas forças concorrentes. A razão de sua órbita não ser excêntrica deveria-se ao fato de que o Sol gira em torno do centro ao mesmo tempo em que a Terra faz a sua revolução no espaço. Os planetas que, de acordo com essas suposições, passassem pela oposição ou conjunção com o Sol e o centro, sofreriam uma perturbação da órbita, com os conseqüentes atraso ou adiantamento dos movimentos de rotação e revolução. A elipse descrita pelos planetas seria conseqüência da ação entre as duas forças.[493]

Se até então a ciência terrestre não encontrara solução para o problema dos três corpos, brevemente (no final do século), alertara o comandante, haveria maior dificuldade com a inclusão de um outro Sol em nosso sistema.[494] Aliás, essa seria uma das razões porque aqui eles se encontravam, além de vir prevenir-nos contra os perigos a que estávamos expostos com o advento da era atômica: “Esse corpo é um monstro, que em breve poderá ser visto na direção de Câncer, de luz apagada. A luz de um Sol só passa a brilhar quando penetra num campo magnético secundário como o nosso. Penetrando no sistema, toma um movimento de rotação, deforma o espaço e gera correntes que lhe darão brilho. Se viesse luminoso, sua luz provocaria forte repulsão e seria desviado da sua rota. Sem brilho, ele sofre a pressão do nosso Sol, mas o seu momento cinético lhe garantirá a penetração. De início será uma luz avermelhada, depois azul. Após vencer a zona das grandes massas planetárias, terá a oposição solar pela frente, mas na retaguarda terá o peso das grandes massas a impulsioná-lo por uma ação repulsiva. A repulsão contra os planetas, pela retaguarda, a sua luz brilhando e o volume de sua massa descomunal fará o Sol atual deslocar-se das proximidades do centro magnético, situando-se mais longe. Então os

---

491 A Via Láctea seria um imenso campo magnético e dentro desse campo haveria outros secundários. Por sua vez, a Terra possuiria seus campos secundários, que todavia não foram ainda descobertos. Curiosamente, Ramatis em sua obra *Mensagem do Astral*, à pág. 114, já havia dito: “Vossa ciência há de descobrir, com surpresa, que o vórtice magnético do Sol, seu ‘chakra constelatório’, ou centro de forças de sustentação em um turbilhante cruzamento de correntes cósmicas, encontra-se separado do centro físico conhecido! Na realidade, cada estrela ou sistema, oscila suavemente ao redor de seu ‘ponto magnético’, produzindo a mais indescritível pulsação sinfônica, em todo o Universo!”.

492 O verdadeiro diâmetro do planeta não seria dado pela sua massa sólida, mas sim pela soma das partes sólida e gasosa. Multiplicando o raio terrestre (6.378 km) pela velocidade de translação (106.000 km/h) e dividindo pela velocidade de rotação do globo (1.660 km/h) obtêm-se o tamanho do raio da massa gasosa, ou seja, 407.200 km. Descontando-se o raio terrestre, temos 400.822 km, que seria a altura até onde se eleva a camada etérea. A Lua se encontraria, pois, situada na zona periférica da camada de éter, onde ocorrem os vários fenômenos que lhe são pertinentes (Kraspedon, Dino, op. cit., p. 48-49).

493 Kraspedon, Dino, op. cit., p. 29-47.

494 No filme *2010: o ano em que faremos contato* (Peter Hyams, EUA, 1984), continuação de *2001: uma odisséia no espaço* (Stanley Kubrick, Inglaterra, 1968), baseado na obra homônima de Arthur C. Clarke, russos e norte-americanos unem-se para descobrir o que aconteceu com a nave espacial Discovery, desaparecida no espaço. No final, o planeta Júpiter explode e transforma-se no segundo Sol de nosso sistema, sendo encarado a partir de então como um sinal perene de paz.

dois sóis demarcarão as suas órbitas, ficando o de maior massa e menos luz mais próximo do centro".[495]

Todos os planetas teriam suas órbitas modificadas. A Terra, por exemplo, sob a pressão combinada de dois sóis, iria ocupar a zona onde hoje se encontra o cinturão de asteróides, entre Marte e Júpiter. A Terra não sofreria com o choque, pois a sua camada etérea ofereceria proteção. Haveria um abalo, porém suportável porque o novo Sol só aos poucos iria influir com a sua força repulsiva. Ao atingir o máximo de sua luminosidade, a Terra já estaria no lugar devido no sistema. Apenas cairia uma chuva de pedras sobre a superfície, principalmente na zona compreendida pelo sul europeu, norte da África, Ásia Menor, norte da América do Sul e sul da América do Norte. Haveria uma transformação do tipo biológico terreno, mas a vida ainda continuaria, talvez em melhores condições.

O evento cósmico é associado à chegada de uma nova era e a de um messias: "A Terra começará o seu novo milênio com uma nova fonte de luz a iluminar os seus prados. Muitos desaparecerão para sempre do cenário terrestre, mas um pequeno rebanho restará, obediente às leis de Deus, e não haverá mais as lágrimas que aqui existem. Haverá paz e abundância, justiça e misericórdia. As almas injustas terão o castigo merecido, e só os bons terão guarida. Nesse dia o homem compreenderá o triunfo dos justos, e verá porque Deus não puniu imediatamente os maus. O Sol, que há vir, será chamado o 'Sol da justiça'. O seu aparecimento nos céus será o sinal precursor da vinda daquele que brilha ainda mais que o próprio Sol".[496]

Acerca do funcionamento dos discos voadores, o comandante explicou, sem qualquer inconveniente, que o segredo residia no emprego correto da pressão atmosférica e do vácuo, e não na anulação da gravidade. Tendo o vácuo sempre à frente, o disco pode movimentar-se sem qualquer atrito e em qualquer velocidade. Fazem o vácuo na direção que desejam seguir. "Se temos baixa pressão de um lado, do outro obtemos a pressão atmosférica integralmente. Qualquer aparelho, seja ele o que for, só se pode mover obtendo uma diferença de potencial [...] Podemos transferir esse vácuo para qualquer sentido. Com uma simples alavanca numa semi-esfera transferimo-lo para onde queremos seguir. Se queremos ir para um lado, provocamos o vácuo para ele, e imediatamente a atmosfera exerce pressão naquele sentido. Digamos: estamos voando no plano horizontal. Se queremos fazer um ângulo de 90 graus, basta transferirmos o vácuo para cima ou para um dos lados, e iremos com a mesma velocidade naquele sentido. Não precisa uma curva. Quanto ao processo de fazer-se o vácuo externamente, não haveria dificuldade técnica alguma. Você sabe que os raios catódicos têm a estranha propriedade de decomporem a atmosfera, por onde passam. Os elementos atmosféricos, sob a ação desses raios, retornam ao estado etéreo. A essa propriedade, juntamos a de fazer que os raios catódicos se cruzem com os anódinos num ângulo de 45 graus. Isso fazemos empregando elevadas voltagens e amperagem".

O emissor de raios catódicos ficaria situado em toda a zona periférica do disco, ou seja, toda a parte lateral do aparelho seria um tubo de raios, entre duas paredes. "Esses raios são mortais e só podem ser projetado para o exterior. Um ser humano que recebesse a emissão dos raios catódicos, com a intensidade que usamos, teria todos os glóbulos destruídos e sofreria queimaduras mortais. Mas, no interior do aparelho, há menos radiatividade que o ar que se respira na Terra. A coloração que vocês vêem é a conseqüência desses raios, como num tubo de Crooks e Geissler. Depende da baixa pressão que obtemos, ou seja o vácuo. Se queremos ir

[495] Para Aladino, a penetração desse novo corpo já teria sido predita pela *Bíblia* e por Nostradamus (Kraspedon, Dino, op. cit., p. 53-54). "E sucederá naquele dia, diz o Senhor, que farei que Sol se ponha ao meio dia, e a Terra se entenebreça em dia de luz" (Amós, 8-9). "*La grande estoille para sept jours bruslera, Nuce fera deux soleils apparoir*" ("Por sete dias a grande estrela brilhará, nuvem fará dois sóis aparecer") (*centúrias*, II, quadro 41).

[496] Kraspedon, Dino, op. cit., p. 52-57.

depressa, fazemos o vácuo absoluto e nos tornamos um raio no espaço; se não, fazemos semivácuo, e vamos devagar. A intensidade do vácuo é conseguida com a amperagem empregada, usando-se um reostato. Se queremos flutuar, empregamos uma corrente fraca. Quando estamos com semi-vácuo, vocês vêem a luminosidade à noite; mas se estamos usando vácuo absoluto, ninguém nos vê, porque não existe luz no vácuo. É por isso que dizem sempre que ficamos parados, e repentinamente sumimos e aparecemos noutro lugar. Fácil é, também, a sua maneabilidade, pois que esse veículo pode ser transferido em todas as direções".

Considerando que a pressão atmosférica é igual a 1,033 kg por $cm^2$, chega-se a conclusão de que a força que atua sobre o disco é de 3.278.272,8 kg, quando as suas dimensões correspondem a 20 m de diâmetro. Para que tenhamos idéia do que isso representa, num disco pequeno teríamos um impulso de mais de três milhões de kg, enquanto os maiores aviões não vão além de alguns milhares de kg. Já num aparelho de porte regular, essa pressão seria muito superior. Num disco de 100 m de diâmetro, teríamos 78.540.000 kg; num de 200 m, a pressão seria igual a 314.160.000 kg.[497]

A energia atômica, da forma como vinha sendo usada pelos cientistas terrenos, tenderia a desencadear o apocalipse e o fim do mundo. O comandante frisou, todavia, que não era o uso da energia atômica que oferecia risco direto à humanidade, e sim o ódio guerreiro, aliado a ela. "A energia atômica é uma dádiva de Deus, desde que usada com parcimônia e com finalidades pacíficas. O seu uso imoderado e o emprego na guerra pode ser o extermínio total e inapelável da vida nos padrões hoje conhecidos no seu planeta. [...] Um planeta é um organismo delicado, cujo equilíbrio natural não pode ser destruído impunemente. O surto radiativo começa por influir no cérebro do homem, perturbando-o sensivelmente. Logo verão a loucura campear sobre a Terra". Advertiu ele que as explosões atômicas estavam alterando a camada superior da atmosfera terrestre. Esta camada é um filtro supremo que decompõe os raios solares, transformando-os em luz e calor. Se os governos e cientistas continuassem com suas explosões nucleares, chegaria o dia em que o filtro já não seria capaz de analisar e decompor os raios solares em luz e calor. Então veríamos o Sol negro como silício e a luz vermelha como sangue e sobre a superfície da Terra uma cor vermelho-ferruginosa. "A Terra receberá a energia em ondas ultravioletas, com velocidades de milhões de quilômetros por segundo. [...] Na marcha que prosseguem as explosões atômicas, o calor médio da Terra já começa a ser alterado e assim prosseguirá em 0,3 graus anualmente. Se vier então a guerra de hidrogênio será o pandemônio. Com o que já tem as altas camadas basta para derreter a calota polar e inundar as cidades baixas. Em 20 anos haveria uma diferença de seis graus centígrados. Antes disso estaria derretido todo o gelo dos pólos. Doenças estranhas aparecerão. O fígado é o laboratório orgânico, e ficando atacado pela ingestão de elementos radiativos espalhados pelo mundo, perderá a sua capacidade de produzir os elementos de defesa. [...] Que ele continue no caminho atômico que está seguindo. Um dia o fim há de chegar. Ou nós o próprio homem — alguém apertará um botão, encerrando a história de uma humanidade que preferiu morrer do que viver feliz nas leis que Deus lhe deu".[498]

Ora, o que Aladino ouviu do "comandante" do disco voador, não é menos delicado do que o ouvido por Adamski e demais "escolhidos" que tiveram contato com tripulantes de naves interplanetárias. Dos pontos de vista científico e religioso, porém, as revelações de Aladino sobrelevam às dos demais, o que confere ao livro uma importância maior. Transparece em cada linha um sentido salvacionista, de cunho milenarista e messiânico. São deveras dignas de atenção as advertências nele contidas. O funcionamento do discos voadores é amplamente pormenorizado.

---

[497] *Ibid.*, p. 58-64.
[498] *Ibid.*, p. 153-165.

Os conceitos expostos, entretanto, não resistem a uma análise científica rigorosa. O físico Renato Levai, atendendo a uma solicitação de Pablo Villarrubia Mauso,[499] efetuou três leituras do texto (uma dinâmica, uma crítica e uma revisão), concluindo que "o texto mistura resultados científicos aceitos com proposições duvidosas, uma espécie de camuflagem". Levai notou que a citada obtenção química da energia nuclear é deveras semelhante à fusão a frio, grande fiasco da física em 1989. Há uma certa confusão entre ionização dos átomos por raios catódicos, e aniquilação da matéria. Os raios catódicos não aniquilam a matéria, apenas a ionizam. Ao falar de rotação natural e camada etérea, Aladino apenas promoveu o retorno a conceitos antigos; campos magnéticos e a pressão da luz são empregados artificiosamente. Um grave equívoco de Aladino: falar em novo século ou milênio, sem notar que na Era Islâmica o século atual é o XV, e na Era Hebraica estamos no $5^0$ Milênio (o mesmo erro que os astrônomos cometem contra os astrólogos, sobre os signos zodiacais). Outros sutis enganos — mas fatais para a teoria apresentada — detectados por Levai: erro ao considerar a alavanca de direção do disco; erro de cálculo na espessura da atmosfera atravessada pela luz; interpretação ambígua na exposição de Roemer (aliás, a velocidade da luz é medida por outros meios). Arremata Levai: "Enfim, o texto apresenta um saldo negativo nas questões técnicas. A conotação moralista achei muito primária. No fundo me pareceu tratar-se de literatura de ficção, essencialmente psicológica. O fato de ser best seller apenas reforça a opinião que fazemos. Porém, todos têm a liberdade de exprimir pontos de vista diferentes; se faço esses reparos, não é por preconceito (também sou crítico da oficialidade científica), mas fundado em largos anos de observação, estudo e reflexão". [500]

O que aqui nos importa destacar, sobretudo, é o sentido salvacionista do livro: ele como que preparava o terreno para os acontecimentos que adviriam. Até a política social e a distribuição de verbas posta em prática pelo governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira e dos demais estados foram criticadas: "Suponho que a despesa do seu país orce, anualmente, pela casa dos Cr$ 65 bilhões. Dessa importância, Cr$ 45 bilhões são gastos com as forças armadas, Cr$ 15 bilhões são despendidos com o funcionalismo, assembléias, juros da dívida pública, amortizações, banquetes, despesas governamentais, Ministério do Exterior, viagens protocolares, máquina eleitoral, etc. Resta uma pequena parte que se dedica a bons fins, como a educação, saúde e agricultura. Imagine se todo esse potencial econômico fosse revertido na construção de estradas, escolas, hospitais, igrejas, centros de pesquisas, saneamento, indústrias novas, habitação, agasalho, medicamentos, transporte... Calcule se toda essa imensa legião de desocupados que se vê perambulando pelas ruas durante o dia passasse a ser uma nova fonte de produção. Toda a verba consumida pela República ainda não é tudo. E as despesas estaduais? Já verificou todo o dinheiro gasto com o governo, funcionalismo público, polícia? Quantos policiais há no seu Estado? Fique certo que só a despesa com os cavalos mantidos para os desfiles daria para alimentar e agasalhar uma multidão de famintos que perambulam pelas ruas sob o sereno e a chuva. E parece irônico que numa sociedade cujos membros sofrem fome e frio, vivam cavalos com rações balanceadas, cobertos com boas mantas de lã".[501]

A segunda edição de *Contatos com os discos voadores* saiu em novembro de 1957, revisada e acrescida de trinta e quatro páginas. No prefácio, Aladino assinalou que não esperava que tão em seguida muitos fatos viessem a comprovar a veracidade de suas afirmações. "Um mês após sair do prelo a primeira edição, um indivíduo holandês afirmou ter estado em contato com criaturas de Vênus, que lhe afirmaram que um outro Sol entraria no nosso sistema planetário, de acordo com o que inserimos nesta páginas; um professor de Direito Romano da Universidade Católica de Santos, declarou haver estado em contato com os tripulantes de um

[499] Jornalista e escritor, autor do livro *Mistérios do Brasil: 20.000 quilômetros através de uma geografia oculta* (São Paulo, Mercuryo, 1997).
[500] Carta datada de 6 de maio de 1997, São Paulo.
[501] Kraspedon, Dino, op. cit., p 146-147.

disco, e o seu relato assemelha-se ao nosso, inclusive no sistema de propulsão do aparelho baseado na criação do vácuo, coisa que antes do autor deste livro ninguém ainda havia afirmado".

Não só os contatados referendavam Aladino. O papel mais significativo era cumprido pela própria ciência oficial. Nações como os EUA e a Inglaterra anunciavam a pretensão de construir naves interplanetárias propelidas a íons, semelhante ao sistema descrito no livro. Aladino havia proposto que a gravidade é um conjunto de fenômenos, nos quais influi poderosamente a atmosfera. Pondo em cheque a exatidão da lei de Newton, ratificou que, no vácuo, duas massas diferentes possuem a mesma velocidade de queda porque as massas são atraídas pela componente vertical do magnetismo.

E eis que o *Sputnik* soviético veio demonstrar que ele estava correto: "...havendo os 'vermelhos' anunciado que tinham lançado um satélite artificial e pesando 86 kg, os americanos, aferrados à lei da gravidade e à relatividade, puseram em dúvida a palavra dos soviéticos, dizendo que naquela órbita indicada só poderia ter estabilidade um corpo pesando 5 kg. Revidaram os *bolcheviques*, dizendo que não só um satélite pesando 86 kg estava a revolucionar, como até a terceira seção do foguete que o transportou havia contrariado os cálculos e entrara a revolucionar em torno da Terra. E o foguete pesa muito mais que o satélite... Esboroou-se, pois, a gravitação. Nessa altura, livre da atmosfera e enfraquecida a componente vertical do magnetismo, o corpo ficou sujeito apenas à componente horizontal e se propagou com certa velocidade, que corresponde a relação existente da sua massa e a impulsão magnética. Como as linhas magnéticas têm um movimento esférico em torno do planeta, ambos os corpos lançados passaram a revolucionar em torno de nós. [...] eis que ainda os soviéticos anunciaram também que os planetas são repelidos pela luz solar e não atraídos. Ora, tal princípio está contido neste livro, e podemos dizer que é ele, a espinha dorsal do sistema que descrevemos".[502]

Sugerindo um tanto presunçosamente — sem que estivesse inteiramente destituído de razão — que os russos valeram-se de suas informações, Aladino estampou a cópia de uma carta timbrada endereçada pela Academia de Ciências Soviéticas a um de seus amigos, homem de ciência, cujo nome não declinou. Eis o que diz a carta, redigida em espanhol e assinada por Konstantin Chugunov, chefe do Departamento Americano da VOKS: "Comunicamos que hemos recibido su carta y libro *Contato com discos voadores* los hemos hecho llegar al Consejo de Astronomia de la Academia de Ciencías de la URSS (rua Bolchaya Gruzinekaya, 10), pidiendo que la conteste directamente. Creemos que los astrónomos soviéticos con mucho interés conocerán las obras de sus colegas brasileños".

Esse amigo de Aladino teria enviado um exemplar do livro a um outro amigo da URSS, sem pedir-lhe nenhuma apreciação da Academia de Ciências. Quis somente mostrar-lhe a importância que era dada aos discos voadores no lado Ocidental. Sendo homem de ciência e não querendo passar por "estúpido" ou "louco" perante os *bolcheviques*, disse ao seu amigo soviético que o livro era um romance apenas, que indicava uma nova espécie de literatura ocidental.

Todavia, o chefe da VOKS, que também era cientista, tomando conhecimento do caso, providenciou para que a Academia o estudasse. Diante disso, perguntou Aladino: "Seriam idiotas os vermelhos? Concentrar-se-iam para estudar um simples romance? Ou teriam eles visto outra coisa além de literatura balofa?". A remessa postal foi feita em junho, e só em outubro a URSS publicou o resultado das suas pesquisas sobre o efeito de repulsão da luz solar. "Longe de nós a veleidade de dizer que o pugilo de sábios renomados da União Soviética se baseou no nosso livro; mas ainda que o fosse, só nos restaria dizer-lhe: muito obrigado pelo apoio moral que nos deram. Que aceitem as teorias científicas, e que não se esqueçam de reservar um lugar na cachola para as conclusões morais. Façam o coração equacionar as coisas de ordem religiosa ou humana tão bem como equacionam com o cérebro as coisas científicas. A simples deferência

[502] IDEM, *Contato com os discos voadores*, 2ª ed., São Paulo, São Paulo Editora, 1957, p. 15-16.

demonstrada pelos meios culturais da URSS ao nosso pequenino livro, e que muito nos honra, devia ser o suficiente para chamar a atenção das nossas autoridades [...] E se sentem náuseas em copiar o procedimento soviético, deveriam quando nada examinar a batalha feroz empenhada pelos americanos do norte em obter todas as informações que digam respeito aos discos voadores, chegando a agir de certos modos que não seria elegante tocar-se neste livro. E não só os americanos, os russos também...".

Editou-se em Buenos Aires, em abril de 1958, um livreto dedicado "al sr. Dino Kraspedon y a los espiritualistas" O pesquisador Manuel Valverde[503] transcreveu em *La Nueva Era y las naves interplanetarias*[504] o conteúdo da conferência que proferira em 5 de outubro de 1957 na sede da Associação Espiritualista Mision de Jesus, versando justamente sobre as revelações contidas em *Contatos com os discos voadores*. "Al Cientifico Dino Kraspedon dedico com Amor y Fraternidad esta conferencia que tantas satisfaciones espirituales me ha deparado. Gracias a este esforzado trabajador brasileño, que no escatimó esfuerzo, para presentar a la humanidad, el conocimento Cientifico-Espiritual que otros hermanos desconocidos para nosotros y proveniente de Jupiter nos legan, con el santificado deseo de que nos mejoremos y nos reintegremos a las filas de la 'derecha' del Maestro Jesús, antes de la hora del tiempo fijado desde lo Alto".

O pseudônimo Dino Kraspedon seria usado por Aladino pela segunda e derradeira vez num livro de cento e uma páginas que praticamente só os que fizeram parte de seu círculo restrito de amigos chegaram a conhecer. Lançado em janeiro de 1959 pela mesma editora, *A órbita da Terra e a gravitação*[505] afigura-se como um apêndice de *Contatos com os discos voadores*.

Ao complementar e aprofundar os dados relacionados a composição das forças do Universo, Aladino procurou restringir-se às questões pertinentes à órbita da Terra e à gravitação. Propôs novos métodos para determinar a distância da Terra ao Sol e de interpretação dos diversos fenômenos e movimentos do nosso planeta na sua órbita.[506]

A gravitação é apresentada como uma transformação mecânica aplicável tanto à Terra como às nebulosas, por mais distantes que estejam. Para não alongar desnecessariamente o trabalho, excluiu muitas considerações que naturalmente poderiam ser apreciadas perante estas novas teorias, deixando ao critério do leitor o trabalho de fazê-las. Sintetizou o assunto em poucas palavras e resumiu as fórmulas matemáticas de forma arejar o assunto. Mesmo assim, estava ciente de que se tratava de um tipo de leitura pouco atraente e cansativa, que dificilmente agradaria e só com muita boa vontade poderia ser tolerado. Apesar da complexidade das fórmulas e equações, Aladino ressalvou que "Procuramos escrever de acordo com essa simplicidade que emana do próprio Universo",[507] já que ele "se recusa a se deixar analisar por abstrações que se não coadunam com a sua própria simplicidade. Toda dificuldade está em nós, e não na natureza".

---

[503] Raul possui uma carta enviada a "Sábado Dinotos" por Valverde, em que este agradece pelo recebimento do livro *Pentateuco*.

[504] Edição do autor, que distribuiu os cinco mil livretos gratuitamente.

[505] Um exemplar xerografado me foi fornecido por Edgar Alves Bastos.

[506] O problema da sustentação da Terra no espaço foi sempre angustioso para os homens. Primeiro acreditavam que só um elefante poderia sustentá-la. Considerando que a nobre função de sustentar a Terra não poderia ser delegada a um animal irracional que a qualquer momento lhe poderia passar a tromba e a atirar desgovernada ao espaço, os filósofos gregos criaram o Atlas.

[507] Kraspedon, Dino. *A órbita da Terra e a gravitação*, São Paulo, São Paulo Editora, 1959, p. 95.

A ciência emprega dois métodos principais para fazer a determinação da distância média entre o Sol e a Terra, o método de Bradley[508] e o da paralaxe. Sobre o primeiro, Aladino diz que "nem se lhe podia dar essa classificação de *método*, porque ele é tão só e simplesmente um erro de trigonometria que até agora passou despercebido aos olhos dos homens de ciência".[509]

Tomando o diâmetro médio da Terra (12.735,3 km), e calculando de acordo com a figura da órbita, Aladino concluiu que o verdadeiro centro da Terra acha-se deslocado. Assim, um corpo em queda livre no espaço sofreria um pequeno desvio em relação ao plano da superfície. O eixo de rotação seria aquele em torno do qual gira a Terra, mas o seu movimento de revolução estaria ligado ao eixo magnético que deve ligar os dois pólos desse nome. "O resultado desse movimento de revolução ligado aos pólos magnéticos seria o planeta, em conseqüência da rotação, sofrer um afastamento e aproximação de 340 km por dia em relação ao Sol, principalmente o Pólo Sul, enquanto o Pólo Norte terá pouca variação. Se tomássemos o eixo magnético, que existe na prática e que acabamos de encontrar com o auxílio do cálculo, como o verdadeiro eixo da Terra, veríamos que o nosso planeta se apresenta com uma grande protuberância de um lado. Essa região protuberante não seguiria a linha do Equador, mas passaria pelo norte do Chile, sul da Bolívia, cortaria o Brasil atingindo Natal, depois o norte da África, atravessando o local da Pirâmide, Oriente Médio e por fim a URSS. O ponto mais protuberante estaria situado onde se encontra a Pirâmide. Portanto, embora, pelos nossos cálculos, o Pólo Sul tenha em si mesmo maior massa que o Pólo Norte, devido à desigualdade de distribuição da massa planetária o hemisfério norte torna-se mais pesado, com uma depressão profunda na região do Pacífico Sul para compensar. A ilação que se tira disso é que houve um tempo em que a vida era impossível na Terra, se é que em alguma época a Terra esteve verticalizada no seu eixo de rotação, ou seja, os pólos magnéticos e geográficos estiveram localizados num mesmo lugar. O nosso planeta estaria literalmente coberto de água, visto que a vida se tornou possível com a inclinação, que obrigou, a com a força centrífuga, os atuais continentes a se projetaram para fora das águas, formando a protuberâncias que atualmente podem ser constatadas. Uma tremenda força, inexplicável através do raciocínio, deve ter obrigado o planeta a inclinar-se e a expulsar o elemento árido. A força centrífuga deve ter comprimido o fundo do Pacífico em cerca de 3.500 m e levantando o fundo oposto o mesmo tanto".[510]

À medida em que os satélites artificiais subiam e iniciavam — tremulando as bandeiras da Guerra Fria — a marcha nas suas respectivas órbitas, Aladino via suas teorias se confirmarem, ao passo que "o antigo mundo da ciência com as suas crendices científicas, com o seu orgulho, com a sua pretensa infalibilidade", ruía. "Quase podemos dizer que já pertence aos fatos históricos aquele ar de superioridade que caracterizava os homens de ciência que de público gostavam de exibir os seus conhecimentos. [...] As grandes leis da física foram por terra, e com elas muitos nomes ilustres — com os quais os nossos antigos mestres deslumbravam a nossa mente quando ainda não tínhamos os cabelos grisalhos — apagaram a resplandecência que ostentavam no zimbório negro deste céu da nossa ignorância".[511]

Muito embora Aladino reconhecesse o imenso valor e utilidade que tiveram as teorias de Newton até a nossa época, para ele sua validade chegava ao fim. "Não o Newton-homem, não o cientista sincero e muito humano, não o profundo pensador que iluminou não só a Velha Albion

---

[508] James Bradley (1693-1762), astrônomo inglês, ingressou em 1718 na Real Sociedade de Londres e foi diretor do observatório de Greenwich. Estudou os satélites de Júpiter, descobriu a aberração da luz e apresentou a fórmula empírica da refração. Escreveu mais de treze alentados volumes sobre suas observações astronômicas.

[509] Kraspedon, Dino, op. cit., p. 12; 21-22

[510] *Ibid.,* p. 49-50.

[511] *Ibid.,* p. 52.

como o mundo inteiro e os seu século. Caiu aquele Newton, não este. Este não, porque o seu valor pessoal jamais poderá ser destruído, ainda que aos céus fossem enviados tantos satélites artificiais quanto sejam os homens da nossa época". Juntamente com Newton, na acepção de Aladino, outros gigantes teriam tombado, principalmente Einstein. "A Relatividade, que tanto deslumbra o espírito dos nossos contemporâneos, já não é outra coisa que vá além de uma curiosidade capaz de revelar até onde o espírito humano pode prosseguir com a sua capacidade de fantasia [...] Esses dois foram os principais. Mas com eles tombaram os modernos homens de ciência, inclusive os próprios que atiraram foguetes ao espaço. Sim, porque mesmo estes verificaram que tudo era diferente do que acreditavam".[512]

O magnetismo, entendido como uma transformação mecânica dos movimentos terrestres, seria afetado com baixas magnéticas no sul do Brasil e aumento principalmente no Oriente Médio e na região oriental onde se situam a URSS e o Japão. Outrossim, na zona do Pacífico, onde se encontram o Chile, o Equador, a Bolívia e o norte do Brasil, formar-se-ia uma grande linha de aumento magnético. Todas essas regiões estariam sujeitas ao aparecimento de vulcões e tremores de terra.[513]

Apesar do caráter científico-filosófico do livro, repleto de fórmulas e equações fisicistas, citações a Pascal, Platão e Lemaitre e contestações às teorias de Newton, Bradley e Einstein, Aladino preferiu não alcunhá-lo como científico, mas como religioso. "Eu não diria que este livro é de ciência. [...] E isto por muitos motivos. Primeiramente porque só é considerado científico aquilo que é empolado e incompreensível, aquilo que exige da alma da gente a coragem para largar o chão empoeirado onde vivemos e voar rumo ao reino da fantasia, do irreal, daquilo que não existe no Universo. [...] Em segundo lugar é porque eu preferiria o nome de livro religioso, embora ele não forneça qualquer definição teológica. [...] porque, leitor, nós o escrevemos mais com essa finalidade, e menos como contribuição à ciência. Para nós pouco importa se a rotação é relativa à revolução, se os corpos são atraídos ou pressionados para baixo, se a luz impele ou não os corpos. Isso em nada, em coisa alguma pode contribuir para que nos tornemos melhores e mais humanos uns com os outros [...] É um livro religioso, leitor, porque ele também é uma resposta àqueles que fugiram da luz do Sol dos mandamentos divinos para ficar abrigados sob o guarda-sol gigantesco formado pelo cogumelo da bomba de hidrogênio. Serve para lhes dizer que eu e tu, que todos nós que amamos e respeitamos acerca das coisas do Universo, e que a nossa crença não nos impede de imaginar como eles imaginam".[514]

## 2. O Escolhido De Deus

Numa noite de 1959, surgiu inesperadamente um fato que mudaria definitivamente o curso da vida de Aladino. Nas centúrias de Nostradamus que já vinha traduzindo e interpretando, pensou ter encontrado uma referência à sua pessoa. Certas passagens mencionariam o seu nome e de seus parentes e falariam de particularidades que só ele mesmo conhecia. Impressionado com tudo aquilo, foi deitar-se e, embora há muito tivesse deixado de rezar, lembrou-se de Deus e fez a seguinte oração: "Senhor, quem é essa pessoa? Porventura serei eu? Deseja o Senhor que isto se realize em mim, para servir de exemplo a outras pessoas? Se é o desejo do Senhor, assim seja feito. Se a minha destruição como homem e como espírito for útil de alguma forma à glorificação do nome do Senhor e para a salvação de outros, aqui está o vosso servo". Cansado

---

512 *Ibid.,* p. 53.
513 *Ibid.,* p. 71.
514 *Ibid.,* p. 96-99.

da labuta diária, proferiu a oração e adormeceu. Não sabemos se o fizera profundamente, ou se ficara naquele estado intermediário de sonolência, talvez com a mente mais lúcida ainda. "Coloquei a perna direita na cama, não consegui pôr a esquerda. Fui levado até a sala. Na cama, via meu corpo, ao lado de minha mulher".

Levantou-se pouco depois e desceu as escadas de sua residência. Nada lhe parecia anormal, inclusive uma voz que lhe dizia: "Ouça-me: Eu sou Jeová dos Exércitos. Dou-te toda a força de que necessitas para lutar e vencer. Vieste ao mundo para reunificar meu povo. Ninguém poderá suportar tua força, porque sou eu que te dou a força, eu sou Jeová dos Exércitos. Onde puseres tua mão prevalecerás. Eu sou o Senhor, Jeová dos Exércitos é o meu nome, sou eu que te falo". Somente aquela voz e mais ninguém. Uma voz que ressonava não nos ouvidos, mas na mente.

Atônito, desceu as escadas, atravessou a parede feito um fantasma e viu-se no quintal de sua casa. Era noite alta e só as estrelas o contemplavam. Súbito, uma visão. Surgiu um varão de elevada estatura, fortíssimo, barbudo, com meio peito descoberto, que atacou-o na intenção de feri-lo. Entraram em luta corporal, que se prolongou pela madrugada. Embora tivesse força suficiente para pulverizar o estranho contendor, não o quis fazê-lo, indagando, enquanto lutava, porque se opunha se ele não lhe desejava mal. Estava quase amanhecendo quando o seu inimigo mostrou pressa em escapar e, encontrando um canivete em algum lugar, tentou feri-lo na coxa. Bastou tocá-lo para que a faca voasse à distância, obrigando o gigante a fugir. Ficou, contudo, esperando-o de novo, matutando se ele voltaria armado. Voltou realmente daí a minutos. Ele era o patriarca Jacó, que lutara com um anjo do Senhor, e fora por isso chamado Israel. Vinha com uma capa muito comprida que lhe tocava os pés, com o rosto de quem havia sofrido muito, trazendo pela mão seu filho Judá, de cerca de 5 anos de idade. "Não vim para lutar", falou Jacó. "Vim para pedir-te que abras a tua porta e deixes morar contigo". Quando pretendia destrancar a porta, contente por sua regeneração, a "voz" o deteve, proclamando: "Basta. Ouça-me agora: Dei-te toda a força para lutar e vencer. Onde puseres a tua mão prevalecerá. Nenhuma força humana suportará a tua. Sou eu que te dou, eu sou Jeová dos Exércitos. Tu me perguntastes se eras aquele homem. Não. Tu não és aquele homem. Eu não te castigaria dessa forma. Por que iria eu castigar-te assim? Ouça-me mais: Eu te dei a força. Digo-te também: tu não és Elias. Mas se seguires os meus mandamentos, e não desviares os teus pés dos meus caminhos, e se obedecerdes as minhas leis, e se usares a força que te dou, e jamais duvidardes, e se fores atrás de meu povo e o trouxeres de volta aos meus caminhos, eu te darei um lugar entre os que aqui estão, e tu serás para mim um novo Elias; porque eu sou Jeová dos Exércitos. Tu serás para mim um novo Elias".

Depois de reintegrar-se ao corpo, pôs-se a pensar: havia sido incumbido de uma missão, mas como levá-la a cabo? Ele deveria trazer de volta o seu povo e reuni-los todos. Eram judeus e portugueses os seus antepassados. Estudioso e conhecedor da história, sabia que Judá era uma das doze tribos de Israel. Seu povo pertenceria às tribos que há 3.430 anos se haviam instalado na Palestina. Sem saber precisar um ponto de partida, decidiu ler a *Bíblia* e tudo o que se relacionasse com os povos antigos. Releu toda a mitologia que já conhecia e correlacionou a identidade dos personagens de variadas tradições com os da história bíblica.

De modo a marcar o ingresso na nova fase, Aladino abandonou em definitivo o pseudônimo Dino Kraspedon e passou a adotar um novo: Sábado Dinotos, igualmente formado com a radical de seu nome. O primeiro livro que escreveu como Dinotos foi um romance histórico intitulado *O hebreu, libertador de Israel*,[515] lançado ainda em 1959 pela mesma editora. Em vigorosas e poéticas quinhentas e oito páginas, retraçava a vida de Otiniel, conhecido por

[515] Aladino confidenciou a Edgar que o livro foi escrito depois que ele e sua mãe sonharam cada qual com a metade do conteúdo do livro.

"Hebreu", o primeiro juiz desse povo e guerreiro de Judá, que lutou contra o rei Cusã-Risataim da Mesopotâmia.

Conferindo um caráter mais realista à obra, logo no início começa transcrevendo uma notícia publicada em setembro de 1958 no jornal *A Estrela de Judá*, da cidade de Hebrom, que falava de um fabuloso achado arqueológico nas imediações, nas proximidades da histórica "Colina de Macpela", onde estão sepultados os ossos dos patriarcas bíblicos. Procedendo a escavações por conta do Museu de Londres, os arqueólogos Grant, inglês, chefe da expedição científica, Gray, escocês, e Ema, norte-americana, ao removerem uma pedra na montanha, depararam-se com extenso túnel, onde estavam dois caixões metálicos e um rolo de lâminas de cobre. No caixão menor havia ossos normais de uma mulher. No segundo e maior, destarte, havia os restos de um homem agigantado, de quase 3 m de altura. Para Ema, tratava-se de um excepcional achado que vinha a erguer o véu da *Bíblia*. Os ossos, informou ela, pertenceram a um homem gigante, cujo tórax tinha 1,10 m de largura e mais de 2 m de circunferência. A princípio a equipe sentiu-se perplexa, com dificuldade para acreditar que se tratassem de ossos humanos. Estavam eles por entre uma túnica de couro, bastante carcomida, franjada de prata, tendo estampada no peito a figura de uma antiga balança, indicativa de que ele fora juiz, e sobre ela, tecida em fios de ouro, a espada hebraica. A mesma espada desenhada foi encontrada no ataúde, ao lado dos ossos. Era uma lâmina grossa e muito longa, de 1,90 m e pesando 30 libras, o que indicava a força colossal da criatura que a manejava. E o mais estranho é que ela era de aço, revelando que desde a Antigüidade os homens conheciam os processos para obtê-lo. As análises atestaram que o aço continha uma porcentagem de manganês, como se fosse produzido pelas modernas aciarias. O crânio do homem tinha uma testa ampla, o nariz normal e o queixo forte. Devia ter abrigado um cérebro com profundas circunvoluções. Depreendeu-se que fora não só um gigante, mas um gênio de seu tempo, principalmente pelo relato encontrado nas lâminas de cobre. Aquela criatura correu grandes perigos. Enfrentou um leão, que lhe cravou as garras no tórax. Essa, contudo, não teria sido a causa de sua morte. Ele venceu o animal, pois se assim não fosse os seus ossos não estariam calcificados. Depois disso viveu por muitos anos. Além disso, o ferimento só foi encontrado no peito, e não nos braços (quando a vítima fica em estado passivo ou em situação de inferioridade, instintivamente põe os braços à frente, à guisa de defesa). Para Ema, a criatura "não podia ser uma tentativa frustrada da natureza, porque, quando nada, exatamente em algumas partes do seu relato, se verificou que ele tivera um continuador chamado Hatate". Ele teria sido o tronco de numerosa família, cujos descendentes são nomeados na *Bíblia* como oficiais do rei Davi. Ema anunciou que o esqueleto já havia sido identificado: "Nós o conseguimos pelo relato encontrado ao seu lado. Trata-se de Otiniel, filho de Quenaz, a quem a *Bíblia* atribui a conquista de Quiriate Sefer, mais tarde denominada Debir. Foi ele o primeiro juiz de Israel, que derrotou a Mesopotâmia e moralizou os costumes corrompidos do povo hebreu, que se entregara à devassidão logo em seguida à morte de Josué. Foi guerreiro e místico, homem de bondade raiando pelo divino e lutador sem entranhas, ao mesmo tempo. Pelo que existe traduzido, verifica-se que ele gozava de um dom estranho, pois em certos momentos, quando orava, sentia-se envolvido por misteriosa força que o tornava indestrutível. Acredito que esse fato possa trazer algum esclarecimento acerca do dom profético que muitos homens tiveram na Antigüidade. Até hoje se acreditava ser ele uma propriedade física do indivíduo, uma particularidade do funcionamento glandular. Entretanto, a dar-se crédito à narrativa desse antigo juiz hebreu, o profetismo era conseqüência da santidade dos homens, espécie de manifestação direta da divindade através do ser humano. Mas é muito cedo, ainda, para falarmos desse assunto".[516]

Imbuído de sua "missão", que aos poucos ia se delineando, Aladino escreveu no ano seguinte *Mensagem aos judeus: o nascimento do messias*, numa tentativa direta de sensibilizar

[516] Dinotos, Sábado. *O hebreu: libertador de Israel*, São Paulo, São Paulo Editora, 1959, p. 9-11.

os patrícios.[517] Etimologicamente, messias tem o significado de "intermediário", isto é, pessoa por meio da qual é executada determinada missão. Não entendendo a verdadeira obra que deveriam realizar, muitos pensadores e teólogos fundaram diversas seitas e religiões, nas quais é exaltada a figura de um "messias".

É preciso considerar aqui que quase todas as promessas messiânicas do Senhor ao seu povo deram-se em épocas amargas para os hebreus. Parte do povo já estava cativo dos assírios, tendo sido levado para as terras destes, como escravos, no ano de 721 a.C. Israel foi formada por dez tribos na sucessão entre Jereboão e Roboão, após a morte de Salomão. Restava ainda Judá, nação formada pelas tribos de Judá e Benjamin (II Reis, 12:21). Em 587 a.C., chegou a vez de Judá; tropas de Nabucodonosor vieram da Babilônia, dominaram a pequena nação, e seu povo foi levado cativo para aquele país além do Eufrates. Jerusalém foi destruída pelos agressores. Queimaram a casa do Senhor. Todos os objetos preciosos foram levados como despojos (II Crônicas, 36; II Reis, 25:8,12; Jeremias, 39:8,10 e 52:12,16). Ciro, Rei da Pérsia, em 537 a.C., autorizou os judeus a voltarem para a Palestina (III Crônicas, 32:22 e 23). Porém, continuaram como povo sem autonomia política-administrativa. As profecias nos livros de Isaías, Jeremias, Daniel e nos demais livros proféticos, expressam claramente as promessas do Senhor: "Porque eu vos tirarei dentre as nações, vos congregarei de todos os países e vos trarei para a vossa terra" (Ezequiel, 36:24). "O meu servo Davi reinará sobre eles, e será um só pastor de todos eles; observarão as minhas leis, guardarão os meus preceitos e praticá-los-ão (Ezequiel, 37:24). "Este seu tempo está próximo a vir, e os seus dias não se prolongarão; porque o Senhor terá compaixão de Jacó, reservará ainda para si alguns escolhidos de Israel e fá-los-á descansar na sua terra; agregar-se-á a eles o estrangeiro e se incorporará com a casa de Jacó. Tomálos-ão os povos e os conduzirão para o seu país; possuí-los-á a casa de Israel na terra do Senhor como servos e como servas; ficarão cativos aqueles que os tinham cativado, e sujeitarão os seus opressores" (Isaías, 14:1 e 2). "Não temas, porque eu sou contigo; eu trarei do oriente a tua posteridade e te congregarei do ocidente. Eu direi ao aquilão: Dá-mos cá; e ao meio-dia: Não os retenhas; traze os meus filhos de países remotos, e as minhas filhas das extremidades da terra, porque todos aqueles que invocam o meu nome, eu os criei, formei e os fiz para minha glória" (Isaías, 43:5-8). "Eis que vou tomar os filhos de Israel do meio das nações, para onde foram, juntá-los-ei de todas as partes e os tornarei a trazer para sua terra; e formarei deles uma só nação na terra, sobre os montes de Israel, e será um só o rei que os comande a todos, e nunca mais formarão duas nações, nem os dividirão para o futuro em dois reinos" (Ezequiel, 37:21 e 22).

Nos livros proféticos, verificamos que as promessas do Senhor se fundamentam na reunificação das doze tribos de Israel, no reinado do renovo de Davi, na imposição, por este, das leis e mandamentos. Em Daniel, capítulo 7, registra-se a visão de quatro animais (leão, urso, leopardo e animal estranho com dez chifres) representando quatro reinos sucessivos (babilônico, medo-persa, grego e romano). "No primeiro ano de Baltasar, rei da Babilônia, teve Daniel uma visão em sonhos. Essa visão teve-a o seu espírito, estando na sua cama; e, escrevendo o seu sonho, resumiu-o em poucas palavras, e, apontando-o em suma, disse: Eu estava na minha visão noturna e eis que os quatro ventos do céu pelejavam uns contra os outros no mar grande. E quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, saíam do mar. O Senhor prometeu e jurou que daria o Reino messiânico ao seu servo Davi".

O messias tem, entre outras, como máxima missão: 1) Reunificar as doze tribos de Israel: "Levantará o seu estandarte entre as nações, juntará os fugitivos de Israel e reunirá os dispersos de Judá, dos quatro cantos da terra" (Isaías, 11:12). "Este seu tempo está próximo a vir, e os seus dias não se prolongarão; porque o Senhor terá compaixão de Jacó, reservará ainda para si alguns escolhidos de Israel e fá-los-á descansar na sua terra; agregar-se-á a eles o estrangeiro e se incorporará com a casa de Jacó" (Isaías, 14:1). "E sabereis que eu é que sou o Senhor, quando

[517] IDEM, *Mensagem aos judeus: o nascimento do Messias*, São Paulo, São Paulo Editora, 1960.

eu vos tiver introduzido na terra de Israel, na terra que jurei dar a vossos pais" (Ezequiel, 20:42); 2) Reinar sobre o reino hebreu unificado: "O messias deveria reinar sobre Israel, "Porque isto diz o Senhor: Não faltará jamais um homem na linhagem de Davi que se assente no trono da casa de Israel" (Jeremias, 33:17); 3) Executar juízo e justiça na Terra: "Onde há outro povo tão ilustre, que tenha cerimônias e ordenações justas, e toda esta lei que eu exporei hoje diante de vossos olhos?" (Deuteronômio, 4:8); 4) Os mandamentos do Senhor e sua Lei; aplicados a todo povo: "Mas eis a aliança que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Imprimirei a minha lei nas suas entranhas, escrevê-las-ei nos seus corações, sereis o seu Deus e eles serão o meu povo" (Jeremias, 31:33).

Os judeus ficaram desde então em compasso de espera, aguardando a chegada daquele que restabeleceria a antiga união. Aladino classificou como absurda a idéia de que os judeus esperavam o messias apenas para que os libertasse do jugo romano. Em sua acepção, o assunto não se restringia às questões políticas de uma tribo, mas abrangia uma complexidade de fatores que envolviam toda a nação israelita. Não se tratava de uma tribo, de um pugilo de homens que se negavam a pagar impostos aos usurpadores romanos. Tratava-se do domínio do mundo, da posse inteira de um planeta, para que se cumprisse a profecia de que a semente de Abraão dominaria a Terra.

Nessa época veio Jesus. Olhares atônitos ficaram de espreita, à espera do momento em que ele faria estremecer o mundo. Seus feitos eram grandiosos, seus milagres eram portentosos. Entretanto, nada do que era esperado pelo povo judaico aconteceu. Ele não provocara a fusão das tribos dispersas. As tribos estavam esquecidas desde a época em que partiram. Nem o nome dos povos irmãos eles sabiam. Ele, que deveria ser o pastor e navegante, que rasgaria os mares em busca das ovelhas perdidas, fora crucificado entre dois ladrões e saiu do mundo deixando a questão no mesmo pé em que encontrara. Ora, ele viera para estabelecer o reino de Deus, que era o mesmo Reino de Israel que os judeus aguardavam. Ocorre que, na época, o hebraico[518] já tinha sido esquecido, e ninguém sabia que "Israel" era pronunciado de outra forma. Para os judeus, o nome correto nada mais significava. Jesus chamou os doze discípulos e disse o nome do reino que estava fundando: Igreja. Nem os próprios discípulos podiam saber ao certo o significado do misterioso termo. Os exegetas da *Bíblia* buscaram uma ligação da palavra com o *Ekklesia* dos gregos, mas esse não era o fundamento do vocábulo. Retrocedamos no tempo até aquele dia em que Jacó ficou do outro lado do rio. Um homem celeste travou contra ele uma terrível batalha. Durante toda a noite eles pelejaram, e Jacó surrou valentemente o desconhecido. Quando o Sol estava raiando, o homem quis fugir, mas Jacó não o deixava. Por fim, o homem perguntou o seu nome. Ele respondeu: "É Jacó". O ser do espaço então lhe disse: "Não. Jacó ainda será o teu nome; és agressor de Deus, porque lutar com a divindade e com a humanidade lhe foi possibilitado". O nome "agressor de Deus" é o mesmo que "Israel", na interpretação de Aladino. Pronunciava-se *lyta* (luta), ou fazendo soar a letra inicial, *klexe*, *chelexe* (agressão). Portanto, Israel eqüivaleria a *Chelteo*, ou *Ichelteo*. Com a dispersão das tribos, esse nome apareceu na Europa, designando os "celtas", povo que dominou o Ocidente. Na Jônia formou o nome "Grécia", corruptela da mesma palavra, e a Trácia (Turquia). Esse é o nome que Jesus empregou, *Chelteo*, semelhante ao alemão *Kiroche* e ao inglês *Church*. Igreja, portanto, traduz a união de todas as tribos do povo santo. Não se trata, pois, de uma organização de caráter religioso, mas político. É o nome da nação, do reino, ao qual só podem pertencer os descendentes das doze tribos, e nenhuma pessoa de outra raça. As doze tribos seriam as de Ruben, Simeão, Levi, Judá, Dan, Naftali, Gad, Aser, Issacar, Zabulon, José e Benjamin. Muitos outros povos se formaram através do cruzamento entre as diversas tribos da Igreja.

No mesmo ano de 1960, Aladino recorreu à Imprensa para contar uma "História Fantástica" referente aos objetivos secretos de certas potências estrangeiras que pretendiam

---

518 Língua semítica do tronco cananeu.

provocar uma guerra civil no Brasil, para depois conseguirem uma intervenção da ONU e o conseqüente envio de tropas estrangeiras (norte-americana, alemã, portuguesa, francesa, etc.) para restabelecer a ordem no país conflagrado. A ocupação do Brasil por tropas estrangeiras facilitaria — como na Alemanha vencida — o nascimento (provocado) de um movimento separatista, o que os faria alcançar o principal objetivo: a "ocupação" da Amazônia. Aladino assumiu que estava colaborando com um oficial do Serviço Secreto do II Exército da II Região, um tal "major B". Chegou a representar, por meio de gráfico, o Brasil dividido em duas regiões, norte e sul, separadas por um "paralelo", tal como a Coréia. A região norte ficaria em poder dos revolucionários vermelhos, enquanto a região sul-sudeste (abarcando os estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), ficaria na zona controlada pelos norte-americanos, franceses, portugueses, italianos e alemães. O gráfico e os dizeres do próprio punho de Aladino foram, dias depois, "conseguidos" por um agente disfarçado do governo. Foi dessa forma que o arquivo do DOPS passou a contar com a ficha de Aladino, sendo considerado, desde então, um "agente provocador".[519]

A Era Juscelino Kubitschek, marcado pela política nacional-desenvolvimentista, chegava aos estertores. O dinâmico presidente prometera "50 anos de progresso em 5", e de fato entre 1956 a 1961 o Brasil apresentou altas taxas reais de crescimento econômico (7% ao ano e, aproximadamente, 4% *per capita*). A produção industrial cresceu 80% (em preços constantes). Na década de 50, o crescimento *per capita* efetivo do Brasil foi três vezes maior que o do resto da América Latina. Em essência, essa era uma nova fase no processo de substituição de importações, iniciada na virada do século e acelerada na década de 30.[520] Brasília foi escolhida para ser o símbolo dessa era. Durante a campanha eleitoral, JK anunciara que levaria adiante a previsão de uma nova capital, consignada na Constituição de 1891. Discutido por mais de meio século, o projeto era freqüentemente revogado como utópico ou proibitivamente caro. Quando o novo presidente levou a matéria ao Congresso para votação em 1956, o projeto foi aprovado. Kubitschek arrojou-se na construção com infatigável entusiasmo, confiando o projeto ao arquiteto Oscar Niemeyer e ao urbanista Lúcio Costa. O trabalho mobilizou brasileiros de todas as classes, que viam na construção da nova capital, no interior abandonado, o sinal de novos tempos. A obra serviu também para desviar a atenção de problemas sociais que se mantiveram intocados.[521] Em 21 de abril de 1960, a portentosa e mística Brasília[522] era inaugurada por JK, que planejava uma espetacular volta em 1965. Para o governo seguinte, ficariam como herança da corrida desenvolvimentista — subordinada às metrópoles econômicas e ao capital monopolista externo — o aumento das taxas inflacionárias e o agravamento dos conflitos sociais.

As proféticas afirmações de Aladino, que se antecipavam, grosso modo, ao golpe de 1964 e às discussões em torno da internacionalização da Amazônia que tomariam conta da década de 90, devem ser consideradas mais como produto de um contexto que já vinha se agravando nos anos anteriores do que propriamente naqueles momentos. As inúmeras ameaças de golpes e de intervenções da década de 50 apontavam para uma guerra civil ou algo pior. Um pequeno grupo de militares de "linha dura" se mostrava cada vez mais disposto a intervir no processo político. Em 1955, ao tomarem conhecimento que o candidato da coligação PSD/PTB era o popular JK, a liderança udenista começou a tramar uma possível mudança nas regras do jogo, apelando para grupos militares e deixando no ar a ameaça de um golpe de Estado. A *Tribuna da Imprensa*, jornal do incansável Carlos Frederico Werneck de Lacerda, divulgava em 16 de setembro uma

---

519 DOPS, São Paulo, 28-10-1968, nº 30Z/160/202, p. 1.
520 Skidomore, Thomas, op. cit., p. 204-205.
521 *Ibid.*, p. 208.
522 O sacerdote católico Dom Bosco indicou o local como sendo o de salvação da humanidade no fim dos tempos. Em suas *Memórias biográficas* (pág. 350 do v. XVI), Dom Bosco diz que em 30 de agosto de 1833, sonhou que viajava de trem, quando viu diante de seus olhos o mapa de uma imensa região. Concomitantemente, uma voz o advertiu de serem ali as terras do interior do Brasil, de onde um dia irromperia novo surto espiritual, como base e momento de uma civilização nova, saída das terras sobre as quais acenderá Deus a constelação de sua cruz, o Cruzeiro do Sul.

carta de Antonio Brandi, ex-deputado peronista, ao então ministro João Belchior Marques Goulart. Lacerda queria provar que Goulart havia comprado armas de Perón em 1953 a fim de equipar milícias operárias e instalar uma “República Sindicalista” no Brasil, mas uma sindicância do Exército provou que a carta fora forjada.

Os partidários do golpe começaram a fazer-se ouvir à medida que os resultados das eleições de 3 de outubro definiam-se a favor de JK e Goulart. Lacerda bradava que o eleitorado, formado por uma massa “ignorante”, havia sido contaminado pela propaganda “solerte” do PCB e com isso preparava justificativas para um golpe de Estado: “Esse homens não podem tomar posse, não devem tomar posse, nem tomarão posse”, escrevia ele na edição de 9 de novembro de seu jornal. Na prática, as engrenagens do golpe foram acionadas já na manhã de 3 de novembro, quando João Café Filho sofrera um ataque cardiovascular. Os médicos prescreveram-lhe repouso completo. Em 8 de novembro, assumiu interinamente Carlos Coimbra da Luz, presidente da Câmara, um pessedista dissidente, contrário à JK e ligado aos conspiradores udenistas. Na tarde do dia 9 de novembro, uma cisão na alta cúpula das Forças Armadas precipitou os acontecimentos: o ministro da Guerra, marechal Henrique Duffles Teixeira Lott, defensor da legalidade da posse dos eleitos e envolvido num intrincado conflito desde o dia 1º com seus subordinados golpistas — particularmente com o coronel Jurandir Bizzaria Mamede, que representava o pensamento ultradireitista do Clube Militar —, anunciou sua demissão, formalizada no dia seguinte. Nem bem o general Lott deixara o cargo, Carlos Luz preparou, no dia 10, com o udenista da pasta da Justiça, Prado Kelly, e com o recém-nomeado titular da Guerra, general Fiúza de Castro, uma longa lista de comandos militares a serem transferidos. Foi aí que Lott resolveu promover o seu próprio “golpe preventivo”, mobilizando rapidamente o comando do Exército no Rio de Janeiro. Em 11 de novembro, cerca de vinte e cinco mil soldados ocuparam os principais prédios públicos da capital federal, estações de rádio e jornais e cercaram as bases aéreas e navais envolvidas na preparação golpista. Seu fulminante contragolpe e a decretação do estado de sítio desarticulou totalmente os conspiradores militares.[523]

No final de janeiro de 1956, o Congresso votou pela continuação do estado de sítio no primeiro mês da nova administração. No espaço de duas semanas do mandato de JK, uma revolta militar eclodiu. Em 11 de fevereiro, um grupo de oficiais direitistas da Aeronáutica, liderada pelo major Haroldo Coimbra Velloso e pelo capitão José Chaves Lameirão, levantou-se contra Juscelino, acusando-o de desmandos e de continuar a linha política nacionalista de Getúlio Dornelles Vargas.[524] A tentativa de golpe não aglutinou as adesões esperadas e os rebeldes se refugiaram num posto avançado rebelde na remota Base Aérea de Jacareacanga, na Amazônia. O calapso da revolta, em 29 fevereiro do mesmo ano, levou o presidente a declarar anistia para

---

523 Skidomore, Thomas, op. cit., p. 187-194.

524 Decorridos dois meses do suicídio de Vargas, em 24 de agosto de 1954, o Brasil era novamente abalado, desta vez com um pronunciamento público, o primeiro da história mundial em que um governo reconhecia oficialmente a existência dos OVNIs. (“A palavra da Força Aérea Brasileira sobre os discos em Porto Alegre”, Rio de Janeiro, 27-11-1954, p. 16-17). O Comando da Base Aérea de Porto Alegre, V Zona Aérea, liberou em 26 de outubro um relatório acerca dos objetos avistados sobre a base de Gravataí e em vários pontos do Rio Grande do Sul. O coronel Hardman, comandante da base, proibiu que seus subordinados prestassem declarações. O brigadeiro Gervásio Duncan, chefe do EMA, concedeu em 16 de outubro uma entrevista coletiva à Imprensa em seu gabinete no Ministério da Aeronáutica, limitando-se a ler os cinco dos dezesseis relatórios enviados pela V Zona Aérea (“No Rio Grande do Sul Discos aterrissaram”, in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 4-12-1954, p. 8-14; 18). Por ordem da ESG, o coronel aviador João Adil de Oliveira, chefe do Serviço de Informações do EMA, proferiu em novembro uma conferência na Escola Técnica do Exército. Na platéia, o alto escalão das Forças Armadas — inclusive o chefe do EMA, brigadeiro Duncan, e o tenente-brigadeiro Eduardo Gomes —, técnicos, cientistas e convidados credenciados. No ano seguinte, Duncan, então ministro chefe em exercício do Estado-Maior das Forças Armadas, foi contatado pelo general Henrique Lott por ocasião da crise provocada nos meios militares com o discurso pronunciado pelo coronel Jurandir Bizarria Mamede na tarde chuvosa de 1º-11-1955 no Cemitério São João Batista, em Botafogo, zona sul do RJ, pouco antes do sepultamento do general Canrobert Pereira da Costa, chefe do EMFA. O coronel aviador João Adil de Oliveira, promovido mais tarde a brigadeiro, ficou famoso ao presidir o inquérito do Galeão, no Rio de Janeiro, o qual apurou as responsabilidades de um dos mais sensacionais crimes políticos do Brasil — que culminou no fim do governo e no conseqüente suicídio de Vargas —, o atentado da rua Toneleros contra o jornalista Carlos Lacerda, em que perdeu a vida o major Rubens Florentino Vaz.

todos os oficiais acusados de “atos revolucionários” desde o golpe de novembro.[525] Contornando as pressões da esquerda e enfrentando a cerrada oposição direitista (como a do fascistóide “Clube da Lanterna”, uma organização golpista liderada por Lacerda), Juscelino enfrentou duas rebeliões de oficiais da Aeronáutica — politicamente próximos à oposição representada pela UDN — no início e fim de seu mandato. Em 2 de dezembro de 1959, o tenente-coronel aviador João Paulo Moreira Burnier detonava a segunda rebelião com o objetivo declarado de implantar o estado de sítio no país, sob o pretexto de frustrar um suposto levante comunista que ocorreria no dia 15 de dezembro. Burnier declararia anos mais tarde que uma das razões de Aragarças era “alertar a nação sobre o que se passava dentro do próprio governo contra Juscelino”, ou seja, que Brizola e Goulart preparavam um golpe de Estado, de modo a implantar uma república sindicalista apoiada nas organizações que ambos controlavam no Rio Grande do Sul.[526] Os rebelados possuíam três aviões militares: um apossado no Aeroporto do Galeão, um avião comercial quadrimotor, seqüestrado em vôo com trinta e oito passageiros a bordo, e um avião particular, trazido de Belo Horizonte. Os revoltosos, depois de dominarem a vila de Aragarças, em Goiás,[527] lançaram um manifesto em que denunciavam a corrupção do governo e conclamavam o país à rebelião. No entanto, as personalidades políticas com que contava Burnier não aderiram e os insurretos foram obrigados a desistir. Dois dias depois, alguns deles pediram asilo político na Bolívia.

Tanto no caso de Jacareacanga como no de Aragarças, JK sufocou as rebeliões e concedeu espontaneamente anistia aos envolvidos, mas a fragilidade do Estado em conter tais situações era cada vez mais visível. Muitos oficiais normalmente voltadas à legalidade já se convenciam de que os processos constitucionais estavam entrando em colapso. Em 25 de agosto de 1961, com a renúncia de Jânio da Silva Quadros (eleito em outubro do ano anterior com 5.636.623 votos, ou 48% do total) e sua tentativa de auto-golpe — esfacelando as instituições políticas e levando o país à beira de uma guerra civil —, ocorreu uma espécie de ensaio do golpe consumado em 1964. O presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, foi empossado no cargo, pois o vice-presidente da República, Goulart, achava-se em viagem pela China. Ao tomar conhecimento da renúncia de Jânio, ele retornou ao Brasil para ocupar o cargo que legalmente lhe cabia.

Entretanto, muitos círculos políticos e militares opunham-se à sua posse, por considerá-lo comprometido com as esquerdas. Essa desconfiança vinha desde a época em que era ministro do Trabalho do governo Vargas.[528] Em São Paulo, os efetivos do II Exército chegaram a ser deslocados, e houve tentativa de levante na Aeronáutica (São Paulo e Brasília). Por outro lado, no Rio Grande do Sul, houve forte reação em favor de Goulart, e as forças do Estado, encabeçadas pelo governador Leonel de Moura Brizola — um híbrido entre populista e nacionalista-revolucionário que despontava como a maior ameaça depois de Fidel Castro para os interesses do governo dos EUA,[529] conforme a preocupação deste manifestada nas páginas do

---

[525] Skidmore, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, p. 212.

[526] Argolo, José Amaral, et alii, op. cit., p. 94.

[527] A apenas 1 km dali fica Barra do Garças (a 500 km de Cuiabá, MT). Entre brigas de posseiros, grileiros, jagunços, latifundiários e as pregações do bispo espanhol Dom Pedro Maria Casaldáliga (ao contrário da acusações do regime militar, sempre que procurado, recusou o apoio à luta armada), havia o Monastério do Roncador, liderado por Udo Oscar Luckner, o “Grande Hierofante”. Numa área de mais de 100.000 m², construiu até discoporto e, garantia, o vaivém de discos voadores era freqüente. Só em torno da Serra do Roncador, perto de Barra do Garças, existiam dezenas de correntes místico-religiosas na década de 80, entre elas a Sociedade Brasileira de Eubiose, que afirmava ser a Serra uma entrada e saída de naves, com uma passagem submarina para o Egito dos faraós.

[528] Goulart coordenou a campanha de Vargas às eleições presidenciais de 1950. Deputado federal em 1947 e 1950, secretário de Negócios do Interior e da Justiça do Rio Grande do Sul em 1952, em 1953 foi nomeado ministro do Trabalho, mas deixou a pasta 1 ano depois, devido as reações à revisão do salário mínimo. Foi eleito vice-presidente da República por dois mandatos consecutivos (em 1955, com Juscelino Kubitschek, e em 1960, com Jânio Quadros).

[529] A pretensão de Brizola, cunhado de Goulart, era de, depois de ter impedido o golpe em 1961, tornar-se ele mesmo, através de um golpe apoiado por militares nacionalistas, um novo Fidel Castro, só que populista.

*The New York Times* — foram mobilizadas com o objetivo de marchar para o norte, para assegurar a posse de Goulart, que assume em 7 de setembro de 1961, carregando as bandeiras nacionalistas e antiimperialistas de Vargas como meta de governo, que por sua vez eram as bandeiras da Aliança Nacional Libertadora (ANL) de 1935, que continuavam a ser as bandeiras do PCB.[530] Brizola conseguira o feito de encurralar os militares golpistas nos quartéis. O Exército jamais o perdoaria por ver pela primeira vez sua participação e intervenção permanente na história brasileira malograda pelo voluntarismo de um civil, que fizera o que Luís Carlos Prestes sempre desejou depois de 1935 e nunca concretizou: a força militar que altera batalhas e vence as guerras. Fidel Castro, bloqueado pelo PCB, vê em Brizola um promissor representante seu no continente. Esse delírio alimentou em Brizola a disposição para o assalto extralegal do poder, levando-o almejar instalar num contragolpe um governo nacionalista e reformista junto com Goulart, que, apesar de agradecido pela ajuda ao garantir sua posse, negou-se a acompanhá-lo nessa aventura. Ambos, cada qual tomando para si o espólio de Vargas, travariam um embate contínuo até serem depostos do poder pelo golpe de abril de 1964. Em outubro de 1961, os governadores Brizola e Mauro Borges (Goiás) criam a Frente de Libertação Nacional (FLN), cujo programa tinha como ponto central a luta pela independência nacional.[531]

Conforme se aprofundava no estudo filológico, Aladino procurava relacionar as línguas atuais com o hebraico antigo, a língua falada e escrita pelos patriarcas. Edgar Alves Bastos contou-nos que, na juventude, Aladino estudou um pouco de hebraico e latim com um padre de Lorena, mas aprendeu quase tudo por autodidatismo. Certo dia, no escritório do advogado Osmar Mesquita, sito à rua 7 de abril — lugar onde costumavam reunir-se por ser um ponto central —, cada um dos presentes, entre eles Edgar, resolveu analisar separadamente um texto no idioma de sua preferência ou de origem — a maioria descendia de espanhóis e italianos — no intuito de descobrir algum pormenor, mas ninguém conseguiu inferir nada. Edgar propôs então que comparassem dois textos de cada vez de modo a traçar paralelos. Como Edgar conhecia bem o francês, resolveu comparar este idioma com o português. Aladino optou pelo grego e hebraico. Dois dias depois, Aladino telefonou a Edgar pedindo que fosse à sua casa, pois havia descoberto algo de interessante: em grego, Abraão era escrito de sete modos diferentes. Pensou-se inicialmente em erro de grafia ou impressão, o que foi logo descartado já que o mesmo ocorria com outros nomes próprios. Uma regra específica permeava-os, diferenciando-os das palavras comuns. O valor de pronúncia e de escrita das línguas não eram correspondentes. No geral, as palavras possuíam três valores de declinação, como no latim, que se modificavam de acordo com as marcas colocadas sobrescritas ou subscritas às mesmas, chamadas de sons eclesiásticos. Com base nisso, muitos nomes de personagens e lugares foram identificados nos textos antigos. Para citar alguns exemplos, Moisés eqüivaleria a Foibon (corrupção de Febos, Deus Sol grego), Brahma a Abraão, Baco a Dionísio e Félichen (Félix) a Hércules. A mitologia passou a ser vista assim como fonte mais confiável do que a própria história religiosa. "Aladino pegou todos aqueles valores de pronúnica e os aplicou a palavras comuns, corrigindo as que estavam erradas. Acabou então toda aquela mitologia romântica, aquela situação religiosa: os acontecimentos surgiram de modo perfeitamente explicáveis à luz da ciência moderna", afirmou Edgar.

Procurando as palavras faladas e escritas modernamente em cada idioma e buscando na língua de origem, o hebraico antigo, a respectiva correspondência, Aladino escreveu o que seria sua obra mais erudita e alentada, o *Dicionário Hebraico-Português*,[532] editado em 1962 por seu

---

530 Mir, Luís, op. cit., p. 55-56.
531 *Ibid.*, p. 57-58.
532 Em outubro de 1995, Rifka Berezin, da Universidade de São Paulo (USP), lançou o seu *Dicionário Hebraico-Português*. A obra — que teria exigido mais de 10 anos de preparação, com a participação de uma equipe —, publicada pela Edusp, foi anunciada como a "primeira do gênero feita no país", contendo cerca de sessenta mil verbetes e trazendo informações sobre a gramática do hebraico, a história da língua desde os tempos bíblicos até este século quando se tornou o idioma oficial de Israel, relação de siglas e abreviaturas, etc. O objetivo da autora, conforme declinou, "foi criar uma obra que pudesse ser útil tanto para os estudantes e estudiosos da *Bíblia*, como para interessados no hebraico falado em Israel" (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26-10-1995, geral, p. A-20).

amigo Henri Koersen e tido como o primeiro no gênero já publicado, contendo cerca de trinta mil verbetes. Em carta datada de 31 de março de 1996, Henri C. Koersen, atualmente à frente da empresa Planear S/A Assessoria Planejamento e Incorporações, confirmou-nos que seu pai, já falecido e com quem infelizmente pouco conviveu, editou sob os seus auspícios o *Dicionário*, do qual dispunha de um exemplar que a ele pertencera. A obra, se não alcançou sucesso nas vendas, por outro lado serviu para atrair setores mais intelectualizados e alguns membros das igrejas protestantes e da colônia judaica, que viriam a apoiar Aladino.[533]

Simultâneo à edição do dicionário, começaram a aparecer nos bondes e ônibus das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, assim como nas toaletes de muitos bares e restaurantes, inscrições misteriosas com a Estrela de Davi[534] e as palavras Sábado Dinotos. Sem dúvida, uma auto-propaganda, rabiscada por alguns de seus seguidores.[535]

Na introdução, escrita em 1º de Tishri do ano 5723 (19-9-1962), Aladino agudiza o chamamento aos membros da comunidade judaica: "Dentro desse imenso território brasileiro, coeso com um bloco monolítico não obstante sua população heterogênea, bem como na Lusitânia, pátria de nossos antepassados, há dezenas de milhares de judeus que colaboram sob aspectos múltiplos e diversificados para o engrandecimento desta terra amiga e acolhedora; há milhares e milhares de teólogos de muitos matizes — os que têm a *Bíblia* como fonte de verdade — que estudam o idioma sagrado ou que manuseiam diariamente o texto bíblico-massorético, razão por que a apresentação desta obra tem como escopo preencher a lacuna que havia com a falta de um dicionário. Sendo a primeira obra no gênero que se publica no Brasil ou em Portugal, há grandes falhas no nosso trabalho, que pedimos a você queira nos perdoar. Até mesmo gostaríamos de receber suas sugestões para o melhoramento da segunda edição, a qual você dirá se chegaremos a imprimir. Interessa-nos sempre a opinião do leitor, do consulente, do professor de hebraico, do teólogo, do judeu em geral. Sempre nos interessa! Porém, o nosso empenho principal é saber como o leitor reagirá diante de cousas que aqui estamos publicando pela primeira vez no mundo. São os primeiros alicerces do mundo judeu e israelita que permaneceram encobertos sob as areias milenares, e que nós, pacientemente, batendo a picareta dia e noite, conseguimos pôr à luz do dia".

O seu alcance transcendia os propósitos de um dicionário. "Há nele coisas que nunca os judeus sonharam, que nunca os teólogos pressentiram, e haverá dificuldade inicial para aceitá-lo. Mas o Senhor Deus nos garante a vitória", proclamou.

Tratava-se de uma bandeira que Aladino arvorava aos quatro ventos, um convite para que os judeus se reunissem sob a égide de Deus e estabelecessem a sua sede em Jerusalém: "...a nação israelita é a verdadeira Igreja de Deus. Igreja é o seu nome. É o Reino de Deus entre os homens, não há outra Igreja. É uma reunião das dozes tribos, uma aliança política, cultural e econômica. [...] É uma organização racial, não racista. É um assunto de família".

Profetizava: "Ninguém poderá deter o seu crescimento, porque é uma ordem emanada de Deus que o seu povo se restaure. Nem homem e nem força alguma no Universo será capaz de

---

Será que Berezin desconhecia a obra homônima de Aladino ou preferiu deliberadamente não mencioná-la? Observe que não só título, mas também a intenção da obra de Berezin é a mesma. A Biblioteca da Esalq (Comut - Programa de Comutação Bibliográfica; Unibibli/CD-ROM/260151, US 901323810; Biblioteca da USP, Esalq-BC) e do Centro Cultural Vergueiro (R 492.4369 D549) possuem exemplares do *Dicionário Hebraico-Português* de Aladino. Nesses mais de 10 anos que durou a preparação, Berezin e sua equipe tiveram, portanto, tempo de sobra para consultá-lo. Se não o fizeram, incorreram em grave negligência. Por outro lado, se sabia que já havia um dicionário hebraico, porque apresentou o seu como o "primeiro do gênero no país" ?.

533 Aladino rende agradecimentos às seguintes pessoas e setores no início do livro: prof. João Teixeira de Paula, sr. Hénricus Jacobus Aloysius Maria Koersen, linotipista Antonio Jordão; amigos Sylvano Doll, dr. Osmar Mesquita de Souza, dr. Silvio Canuto de Abreu, dr. Wanderley Chagas de Oliveira, dr. Reinaldo Livan Groede, sr. Moysés Zveiter; profs. Helmuth Alfredo Simon e S. Schmal; colônia judaica, Igrejas Católica Romana, Metodista, Presbiteriana, Batista, Adventista e Assembléia de Deus.

534 Esse símbolo judaico surgiu na Antigüidade. Inicialmente não era só usado por judeus. Junto com a estrela de cinco pontas, aparecia como decoração ou sinal mágico. Místicos judeus o popularizaram à guisa de proteção contra maus espíritos. A partir do século XVII, tornou-se o símbolo oficial de várias comunidades judaicas.

535 DOPS, São Paulo, 28-10-1968, nº 30Z/160/202.

barrar a sua marcha. Bem se compreendeu que uma união do povo é inquietante para as casas reais, para os políticos em geral, e não há governo que queira ceder em favor da aliança de Israel. Essa união derrubará a estátua desta civilização corrompida e a pulverizará, atirará por terra grandes interesses, rachará câmaras e congressos, igrejas e quartéis. É o futuro do mundo, marchando ao som de clarins a rebate. É a preparação para a chegada do messias. É o fim de uma época e a salvação do mundo. Nesta hora conturbada na vida das nações, em que ninguém sabe o instante em que uma guerra nuclear poderá eclodir, aparece a 'nação' que restará do conflito. A Ásia recuará diante da união das potências européias. A fusão de recursos da Turquia, Grécia, Polônia, Alemanha, Suécia, Suíça, França, Itália, Portugal, Espanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Inglaterra, as duas Américas com os seus vastos recursos minerais e industriais, dominará imediatamente o planeta. Comunismo ou capitalismo, ambos cairão. Um sentimento de fraternidade dominará o Ocidente".

Grandes mudanças estavam por vir, e o Brasil seria forçado a fazer parte da pátria lusitana se quisesse sobreviver, o mesmo devendo ocorrer com os EUA, que se integrariam ao mundo britânico, enquanto a Inglaterra deixaria a sua união com os povos da raça amarela. A Alemanha também se uniria a Inglaterra, numa aliança fraterna, pois eram os dois filhos de José que deveriam voltar à comunidade da Igreja como um só povo. Não poderia haver supremacia entre as tribos, mesmo religiosa, porque a cidade santa sempre fora Jerusalém. Só dali emanariam as leis para toda a comunidade de nações irmãs.

De maneira cabal e definitiva, Aladino pretendeu provar a origem das atuais raças humanas, estabelecendo um elo ligando o passado ao presente. No sistema empregado, não só a raiz das palavras podia ser encontrada: o nome dos acidentes geográficos evidenciava a origem das migrações. No Brasil, bem como em diversas partes do mundo, havia muitos exemplos evidentes. Por exemplo: a tribo de Ares combateu as mulheres *machoni* nas margens do rio Biti que está na Bitínia. Não é difícil identificar a analogia entre este fato e a lenda das Amazonas, mulheres guerreiras das nossas selvas. *massoni* ou *amassoni* é o mesmo amazonas. Não bastasse isso, temos ainda o nome do trecho inicial do rio Amazonas que é *Solimões*. Solimões ou Solimon, ou ainda Salomão, têm a mesma origem. Aladino elaborou sua própria versão para a história do povo hebreu, sem o qual não se poderia abarcar o assunto e nem medir as conseqüências que promanam dele, propugnando que o hebraico é o idioma falado em toda parte do Universo onde se manifesta a vida inteligente e que Deus mandava à Terra enviados de outros planetas.

Até a época de Salomão, segundo Aladino, a nação israelita vivera de forma coesa e feliz. Pequenas rusgas ocorridas durante 480 anos não chegaram a afetar o organismo da vida nacional. Geralmente, era Efraim, uma tribo constituída por excelência de biliosos rixentos, que provocava disputas. Com a formação do reino de Israel, houve atrito entre Saul e Davi, mas o assunto não transbordou de seu leito natural, restringindo-se às duas famílias que disputavam o cargo. Salomão apareceu em cena, e a coroa israelita resplandeceu no mundo. Exércitos poderosos foram constituídos, Jerusalém nadou em outro e prata e a rapinagem internacional iniciara a sua vida em Israel.

Ergueu-se o Templo de Deus, o primeiro da Terra — fato esse que deveria servir de poderoso traço de união entre as tribos, se já não houvesse o vínculo racial que arcabouçava a nacionalidade. Foi nesse período áureo de resplandecer inigualável que teve início o drama que sacudiu a história em seus fundamentos. Permeando o brilho do fausto de Salomão, as trevas da imensa noite que se abateu sobre a história foi-se insinuando, até engolfar o reino. No meio de luzes o homem tornou-se desgraçado e cego. Havia terminado o tempo de austeridade com a morte de Davi, e Salomão, engrandecido em demasia, entregou-se à idolatria, ao sexualismo desmedido e à opressão de seu povo. Impostos escorchantes empobreceram as criaturas. Ao mesmo tempo em que o Estado se agigantou, nadando arquipotente em recursos e tentando com

isso a conquista de novas fronteiras, ficaram proletarizados os valores das tribos. Em 973 a.C., ele expirou, e em seu lugar ergueu-se o seu filho chamado Roboão. Cansado de tanto padecimento sem necessidade, o povo pediu justiça. Ninguém queria esse "progresso" que faz a desgraça do homem ao invés de trazer-lhe tranqüilidade. Só queriam a redução de impostos. Jovem e inexperiente, o novo rei não deu ouvidos às instâncias do povo nem aos conselheiros reais. Uma onda de indignação sacudiu a nação inteira. Os ânimos exaltaram-se e veio a rebelião. O reino foi esfacelado. A espada de Apolo partira Israel. A idolatria e a desobediência às leis de Deus começaram a produzir os seus primeiros frutos. Judá e Benjamin permaneceram coesos, formando o reino de Judá, com uma parte da tribo de Levi que continuou oficiando no Templo.

As demais tribos se uniram na construção de um novo reino, o de Israel. Nunca mais houve unir-se, nunca mais um rei se sentiu tão desprendido ao ponto de abdicar para que o monarca do outro reino regesse os dois povos. Reis e reis se sucederam em ambos os reinos. Ao invés de tentarem um retorno à rota de compostura e respeito, as tribos afundaram na miséria moral. A idolatria mais furiosa passou a campear, culminando no período do rei Manassés em que até as crianças eram impiedosamente atiradas às fogueiras, em homenagem aos deuses. A prostituição, o adultério, o roubo, o assassinato, o juízo falso, o falso testemunho, a opressão, a mentira, o despotismo, tudo isso passou a fazer parte da vida dos dois povos. A lei de Deus, que devia ser a coluna vertebral da pátria, foi relegada como coisa ultrapassada. A nação apodreceu. Profetas foram mandados num esforço para salvar o que ainda havia de aproveitável no mais monturo e ver se ainda podia ocorrer o impossível milagre de uma restauração. Alguma coisa deve ter sido salva, mas o resto pereceu. A Assíria atacou e deu início à liquidação do reino de Israel. O primeiro golpe desterrou sumariamente três ramos de Israel: Rúben, Gade e Manassés. O povo, que entrara gloriosamente em Canaã ao som das trombetas que demoliram fortalezas, a fronte erguida perante a maravilha dos milagres que assombraram o mundo, saiu cabisbaixo, humilhado. Efraim aliou-se à Síria para tentar a destruição do povo judeu, mas nada conseguiu.

Embora visse a mão de Deus que começava a agir, não podiam os efraimitas, que já tinham arrebatado a primogênita Rúben, sentir-se diminuídas perante a supremacia judaica. Pretendiam, ainda, engolfarem o mando tribal. Deus marcou o fim de Efraim como povo constituído, que ocorreria 65 anos depois (Isaías, 7:8). Israel foi sendo liquidado por etapas. Primeiramente foram mandadas para o exílio as tribos citadas; depois foi Aser, Dã, o resto de Manassés que vivia no ocidente do Jordão, Zabulon, Naftali, Levi, parte da tribo de Benjamin, Simeão, Isaac. Atravessaram as águas perturbadoras de Letes, e a sombra do esquecimento pairou sobre elas. Não mais se lembraram de sua origem e nem mais ninguém conseguiu identificá-las. Mas a obra ainda não estava completa. Deus prometeu que faria com que tudo caísse no esquecimento, para que então aquele povo corrompido libasse a mentira. A língua hebraica cairia no olvido, o segredo da escrita desapareceria da terra para que ninguém mais entendesse a verdade. Isso deveria durar até a época da restauração. Assim disse, assim fez. Em 587 a.C., Nabucodonosor deu o golpe de morte em Judá. O povo judeu, já reduzido por causa de tanto sofrimento, tanta miséria e tanta guerra, foi conduzido para o exílio na Babilônia. A terra só não ficou deserta porque foram levados colonos de outros países da margem do Cáspio e do Mar Negro que ali passaram a viver.

Durante 70 anos, Judá viveu em terra alheia, na condição de escravo. O orgulho judeu começou a ser abatido. Aquele que tratava a todos com dureza teve que curvar a cabeça e aceitar a canga que a Babilônia lhe impusera. Judá mudou a sua língua, trocando-a pelo babilônio, o qual nada tinha de judaico, malgrado as afirmações em contrário. Quando retornou à pátria, os judeus nem sequer entendiam a leitura que Esdras fizera do livro da Lei. A vontade de Deus tinha se cumprido. A língua sagrada, que Paulo chamou "língua dos anjos" por ser o idioma falado em toda parte do Universo onde se manifesta a vida inteligente, desapareceu da Terra. Perante os visitadores que Deus mandava de outros planetas, o homem estava mudo e surdo.

Tendo, agora, de readaptar-se à região, Judá deixou o idioma babilônio e aprendeu o samaritano, um dialeto que era mais armênio que outra coisa. De hebraico nada mais se sabia. Somente os velhos, os que foram para o exílio ainda crianças e que conseguiram regressar já alquebrados, recordavam-se da língua mãe. Surgiu a classe dos escribas, os que guardavam os segredos da língua que podiam provocar a restauração de Israel. Esperavam que Judá fosse inteiramente libertado para então restaurarem a língua e os costumes e irem em busca das ovelhas desgarradas da casa do Pai, irem atrás das tribos de Israel. Finalmente, essa classe também se corrompeu e terminou por fazer dos segredos da língua o ganha pão cotidiano. Tudo se resumiu num punhado de homens avarentos e presunçosos, que se negavam a explicar ao povo os segredos da lei. Foi contra o procedimento daquelas aves de rapina que ocultavam as chaves do reino dos céus que Jesus verberou, em termos candentes e indignados. Judá não havia pecado menos que as demais tribos. Não se compreendia porquê outras tribos, algumas não tão culpadas, tivessem sido banidas da terra ao passo que o exílio de Judá fora de curta duração.

Ocorre que Judá tinha uma missão importante a desempenhar. Cumprida a tarefa, também seria enxotado. Judá havia ficado como guardião da porta do tesouro, como detentor dos segredos que podiam causar a unificação do reino. Cabia-lhe receber o messias para que se cumprisse a profecia de Jacó. No ano 70, aproximadamente 40 anos depois de Jesus ter sido crucificado, Judá foi golpeado de morte de uma forma impiedosa. O gládio romano puniu-o cometendo fraticídio, pois Roma não sabia que toda a Itália era também uma das tribos de Israel que havia sido exilada, como também não sabiam disso os alemães que massacravam os judeus na Segunda Guerra Mundial. Um inferno de fogo devorou a cidade santa, arrasou o templo de Deus, desgraçando milhões de seres humanos. Um castigo fulminante, arrasador, abateu-se sobre a raça de tal forma que nunca se ouviu dizer de povo ou de nação que sofresse de forma tão terrível. Jesus havia pedido perdão para o povo judeu pouco antes de morrer na cruz, mas nem ele fora ouvido; a punição dos crimes veio de forma inexorável. Judá tivera a mesma sorte que a das suas tribos irmãs. Todas foram postas na desobediência, para que, pela obediência de uma, a nação inteira se salvasse. As esperanças que ainda subsistiam nos corações judeus foram dissipadas.

Os judeus foram dispersados aos quatro cantos do mundo e submetidos a trabalhados forçados. Fora Judá quem propusera que José fosse vendido ao Egito, fora Judá que ali já manifestava a sua incontrolável vocação de mercador. Quando o comércio se efetuava com o sangue de um irmão, fora Judá que negociara Jesus. Uma nação irmã, de parentesco esquecido, era o instrumento para redimi-lo de uma culpa que os homens pensavam estar sepultada no passado.

A classe de escribas viu que o seu comércio chegava ao fim. Dispersos os judeus, não havia como os escribas prestarem serviços, principalmente porque, nos países em que viviam, os judeus se interessavam mais pela língua da terra do que pelos segredos do hebraísmo. Assumiram o nome de "massoreta" (tradicionalistas). Por volta do ano mil, eles viram que não havia mais esperanças de um retorno judeu ao lar nacional. Nessa época, eles já celebravam nos "mistérios" do esoterismo internacional, o "som perdido", ou seja, a verdadeira pronúncia da língua hebraica. De posse dela, qualquer criatura receberia poderes como os daquele menino da história que esfregava a lâmpada e fazia aparecer o gênio. A matéria já havia se transformado em fonte de lendas e misticismos. Mais patriotas do que os seus antepassados escribas, os judeus dispersos serviram a um bom propósito: organizaram um sistema chamado massorético, através do qual uma pessoa estudiosa, no futuro, pudesse reconstituir os segredos da língua antiga e promover o retorno de todas as tribos ao lar nacional na Palestina.

A escrita antiga, de acordo com o que apontam os escritores gregos, dividia-se em três modos distintos: a simples e clara, a simbólica e figurada e a hieroglífica. Heráclito chamou as três formas de falante, significadora e ocultadora. Isto é, havia um sistema simples, silábico, em

que a pessoa tinha a impressão de estar no lugar de quem o escreveu. A significadora consistia numa forma de escrita representada por figuras ou ideogramas. Já a escrita ocultadora só podia ser lida pelos sacerdotes e pelos escribas que ficavam a serviço do sagrado.

O segredo desse método na verdade era simples. Consistia de um código em que cada consoante, além de seu valor natural, possuía mais um som particular, o que dificultava a decifração. Quando os "Setenta" elaboraram a versão da *Bíblia* para o grego, uma parte do segredo ainda estava viva. Em virtude disso, verteram as palavras comuns para o grego. Não podendo fazer o mesmo com os nomes próprios, grafaram esses nomes em caracteres gregos, tal como aconselhava a escrita secreta. Séculos depois, os judeus (rabinos, hebraistas, fariseus, etc.) consideraram falho o trabalho dos "Setenta" e atacaram a tradução, esquecendo que a própria leitura do texto tradicional só se tornara possível com a tradução feita pelos "Setenta", pois nunca mais os judeus haviam falado ou escrito em hebraico. No caso dos nomes próprios, eles conferiram outros valores às consoantes hebraicas porque essas consoantes tinham sons suplementares que o vulgo — inclusive os pretensos sábios constituídos por rabinos — desconheciam. O "m" tinha sempre um valor natural, soando como "ba" quando invertido. Por sua vez, o "l" podia ser "n", dependendo do acento regente. Seguindo as regras, uma palavra como *almá*, que se traduz por "virgem", era *nubes*, que é "noiva", com o mesmo significado do termo latino. A letra "n" tinha o som comum e mais o valor adicional de "ch". Não há como demonstrar o som dessa letra por falta de recursos no alfabeto português. Era um som produzido com a abóbada palatina, quase um chiado, que se traduz por *sin*, nome do deserto ao sul de Israel. *Such* é a raiz da palavra Suez, de "sul" em português e "sud" em outras línguas, já que Suez era o lado sul da Terra Santa. O "b" também tinha outro som auxiliar, parecido com o som adicional do "n". Soava "ch", porém era uma forma que ficava entre a palatinal e a gutural, traduzida por "ch" ou "r". Cada letra tinha os dois sons. O *sin* soava "ch" gutural ou "n". Como não havia para *sin* um som característico, pronunciavam *ebetch* ou *eben*, originadas das raízes dos termos grego e alemão, respectivamente. Substituindo a letra *sin* por um *tau*, obtinha-se *batch* ("sábado"), raiz do alemão *woche* ou "bar" ("feriado"). Na palavra *saba* poder-se-ia considerar o "b" com o som invertido, e então pronunciar-se-ia *sem*, que é a raiz de semana e da forma russa para o número sete. A primeira letra seria pronunciada se a palavra fosse declinada e posta no particípio. O sistema de declinação alemão é uma decorrência natural da gramática hebraica arcaica, o que resultou numa fabulosa riqueza de sinônimos em hebraico. A palavra *icho*, raiz do *uios* grego, corresponde ao *hijo* castelhano. A letra "d" também era "r" em casos especiais. O nome de Davi era Ovídio, Diuvide, que significa "inspetor" e corresponde ao grego *diopos*. A mitologia ligou o seu nome ao *Diopois* Júpiter, o Deus que vencera o gigante Klutios, cuja verdadeira pronúncia é "Golias".

A questão não se restringe apenas aos setenta sábios. Há um fato de natureza assaz curiosa que se verifica na *Bíblia*. Um nome próprio é escrito com determinada ortografia, mas, repentinamente, o redator bíblico muda a ortografia daquele mesmo nome, como se mudasse o nome em questão. O redator de Gênesis, por exemplo, refere-se à cidade de Sodoma e sem qualquer explicação preliminar muda o nome para *Salém*, dizendo: "E Melquei-Sedeque, rei de Salém...". A pronúncia correta de Sodoma era *Txalem*, raiz da palavra Atlântida, a cidade que submergiu no oceano. Sodoma era a Atlântida, e Gomorra é o mesmo que Lemúria. Usando o mesmo processo de leitura e levando em conta que antigamente não se pronunciava a primeira sílaba., compreende-se porque Deus chamou Jerusalém de Sodoma e Samaria de Gomorra. *Txalem* era a terminação própria da palavra "Jerusalém", e *Emura* era o mesmo que *Samaria* (Israel, 1:14). Essa pequena mostra do sistema de transformação de palavras "redescoberta" por Aladino, altera a ordem e o significado de muitos fatos. Todos os escribas e massoretas, vendo o erro em que incidiam os povos com as suas histórias e superstições, mas com medo de revelarem seus segredos, mantiveram-se calados. Não queriam que a sabedoria deixasse de ser um

patrimônio exclusivamente judeu. Vendo, porém, as dificuldades enfrentadas para que a nação judaica se restabelecesse em solo palestinense, resolveram deixar a *Bíblia* com os sinais massoréticos na esperança de que alguém, no futuro, operasse o milagre de decifrar o sistema e procedesse uma restauração, uma volta à Terra Santa. Para a regência de vogais, os massoretas manejaram um sistema de sinais, vulgarmente chamamos de "sinais eclesiásticos" (s.e.). Havia s.e. positivos, negativos e neutros, usados em cima da consoante. O sistema funcionava do seguinte modo: digamos que queiramos modificar a vogal da palavra filho, que se lia *icho*, *hijo*, sem causar qualquer alteração no som da palavra. Nesse caso, podemos mudar a vogal para o grupo negativo, alterando, concomitantemente, o s.e. que passará para o grupo também oposto.

O método massorético consistia portanto em fornecer a verdadeira natureza de uma sílaba. Na falta de melhor opção, os hebraístas criaram uma gramática completamente distinta das bases tradicionais da cultura judaica, e a língua assumiu a feição que hoje ostenta, divorciada das outras. Fenômeno único, pois até mesmo o japonês, o chinês, o russo, as línguas indígenas e os dialetos africanos estão ligados por um laço. Se estudarmos a raiz das palavras japonesas, veremos que essa língua saiu do mesmo berço de onde saíram as demais línguas, fato que não se aplica ao judaico atual. Isso revela que ele é o produto de um sistema artificial, criado por pessoas bem intencionadas mas desabilitadas para tanto.

Segue uma breve relação de palavras traduzidas e interpretadas por Aladino:

* *Abuma* ou *Abana*: em Damasco existe o rio Abana. No Brasil, o rio Abana deságua no Madeira e faz divisa com o Acre.

* *Acre*: antes de ser conquistado chamava-se *Aco*. De *Etieli* (nome de uma das tribos). Como os egípcios não utilizavam a letra *l*, corromperam para *Etieri*, depois *Atiere* e finalmente Acre.

* *Ba:* corruptela que redundou, sucessivamente, em *bai*, *pai*. O significado é o mesmo tanto numa como noutra língua. A raiz da palavra portuguesa provém diretamente no hebraico.

* *Cergol* ou *argol*: raízes das palavras círculo e argola. *Cergol* tornou-se *cirgol* ou *circol*. Através dos séculos, os ingleses passaram a pronunciar *circle*, e os portugueses, círculo.

* *Cham*: chamar.

* *Espada*: espada, nave, globo, golfo.

* *Feri*: coxo em tupi-guarani; daí se derivou *Félichen*, nome dado a Jacó quando se tornou coxo devido a um ferimento no nervo ciático.

* *Gatsu*: grande; em tupi-guarani é *guassu*.

* *Lusuvech*: os hebreus pronunciavam assim o nome do primogênito de Jacó; a história conta que ele traiu o pai, tendo relações com uma de suas esposas. Esta palavra, como todas as que se seguem, devem ser lidas com a pronúncia que possuíam em hebraico, isto é: *h* aspirado e *ch* gutural.

* *Mahu*: no tupi-guarani, *mahi* é mar.

* *Marane*: é o rio Geon citado na *Bíblia* como um dos rios do Paraíso. Os indígenas brasileiros dão à água o nome de *in*, que originou *Maranein*, *Maranon* ou (rio) Maranhão.

* *Matreya Buda*: expressão derivada de *Métchrê Xaboda*. Em hebraico e aramaico,[536] *Sha* é *da*, e *boda* significa mestre ungido pela água. Em grego, ungido é *Cristos*.

* *Mbá*: casa grande, resplandecente. Os indígenas chamavam o entroncamento dos rios Abana e Madeira de *Vera Guassu* (Paraíso de ouro e metais preciosos).

* *Meson* ou *Pison*: outro rio do Paraíso. A palavra foi corrompida para *Mason*, Amazonas.

* *Métchrê*: mestre, ungido. Em francês é *maître*, e em português, *mestre*.

---

536 Língua semítica falada pelos arameus, povo que atingiu seu apogeu entre os anos 300 a.C. a 650 d.C. É a língua em que Jesus e seus discípulos pregaram.

* *Ofiro* (Terra de): a palavra passou várias transformações: *Firo, Piro, Peru* e *Purus*. Para os indígenas, *Purus* é rio de ouro, ou ouro amarelo-brilhante.

* *Or*: luz; em guarani, *ara* é dia.

* *Orbe*: coisa redonda que voa; rolo de cobras, gafanhotos, pombo, urubu. Nas traduções vulgares do *Êxodo*, diz-se que os urubus traziam alimentos para o profeta. Trata-se de uma distorção resultante das más traduções.

* *Piairoti*: origem de *Pilúsio* ou *Pirúsio* (Golfo Pelúsio citado no *Gênesis*). *Pi* em tupi-guarani é lago, enseada; *ipiti* é golfo.

* *Pir* ou *Xir*: *xirê*, *xara* ou *yara* é cantar em tupi-guarani. A palavra xirê relaciona-se à lenda da sereia Iara, que com seu canto atrai os homens.

* *Piro*: em grego é fogo, o mesmo significado de *pir* em tupi-guarani.

* *Querubí*: nuvens, nave ou barco, cogumelo aéreo; no plural, querubim é tripulante, navegante. Vimos aqui duas palavras que, derivadas da mesma raiz, apresentam significados tão díspares a ponto de confundir tremendamente os tradutores. *Curupí* dos nossos indígenas é outro versão da mesma raiz e significa cogumelo aéreo.

* *Ron*: em inglês, *run*; em português, correr.

* *Sat*: seta, arco (flecha), assistente, satélite.

* *Silifin*: do grego *Silfuos*; em português, *Serafim*. Em hebraico significa corpo redondo, de fogo ou de luminosidade intensa.

* *Spéchula*: espelho, mostrador, vídeo.

* *Spich*: espírito, vento, espera. Em inglês, *speak* é falar e tem raiz na mesma palavra hebraica.

* *Tchipe*: barco; em inglês, *ship*. O grego *Hippeus* (*hippo*: cavalo) era conhecido como o cometa que transportava pessoas entre o céu e a Terra..

* *Üva*: mulher; em tupi-guarani, *ive*.

* *Xápari*: os indígenas diziam que descendo o Acre, chegava-se à encruzilhada do *Xápari*. O *Chápari* dos gregos e latinos era a "terra do ouro", conforme o Gênesis.

Os exemplos selecionados bastam para fornecer uma idéia do raciocínio adotado por Aladino, sempre procurando estabelecer uma estreita ligação entre as línguas modernas e o hebraico antigo, mesmo nos casos em que isso parece assaz duvidoso, tanto mais para um etimólogo. Na acepção de Aladino, um estudo completo e comparativo permitiria não só determinar a origem filológica dos idiomas, como também a origem das raças e suas migrações. Muitas lendas encontradas entre os indígenas americanos são comuns a outros povos da Antigüidade. "O tupi-guarani é quase um hebraico antigo, tendo seguramente uns 60% de suas palavras correspondentes naquela língua", postulou, rebatendo previamente as críticas do leitor menos avisado que porventura apontasse o exagero da corrupção de palavras, julgando-o além do limite da tolerância. "Sem um estudo analítico da evolução histórico-filológica, poderíamos achar procedente a contestação. Contudo, atentemos para as línguas da nossa época: na Itália, por exemplo, existem vários dialetos, ao ponto de os italianos do norte quase não compreenderam seus patrícios do sul. Para não falar em outros; famosos são os dialetos napolitanos de pronúncia embolada e o calabrês, falado na Calábria, Sicília. E, note-se, todos existindo num território de exíguas dimensões. O mesmo fato pode ser observado em todos os idiomas. É pelo sotaque que conhecemos a procedência do nosso interlocutor; sabemos se a pessoa reside no litoral, no norte ou no sul, na serra ou no campo, etc. Reconhecemo-lhe até a nacionalidade".[537]

Ao mesmo tempo em que Aladino conferia novo sentido às palavras, um vocabulário de caráter nacionalista-revolucionário insuflava os debates políticos no país. Certamente nunca se falara (e se acreditara) tanto em "unidade do povo", "política externa independente", "libertação

537 Pitigliani, Adelpho Lupi, op. cit., p. 82.

nacional", "reformas estruturais de base", "combate ao imperialismo e ao latifúndio", "diminuição das desigualdades" e "justiça social". Nunca se assistira, em tão breve período de tempo, ao surgimento de tantos movimentos populares reivindicatórios calcados nessas diretivas. A política saía da esfera exclusiva de influência das classes dominantes para ser afetada diretamente pelo movimento operário — que crescia expelindo velhos pelegos do Estado Novo e fortalecendo os mecanismos de pressão sindical —, pelo movimento das Ligas Camponesas — que avançava notadamente nos estados de Pernambuco (o bastião do líder das ligas) e da Paraíba, alcançando repercussão inédita e remexendo no velho tabu da reforma agrária — e pelo movimento estudantil — a União Nacional dos Estudantes (UNE), em plena legalidade, levava a juventude ao palco das discussões.[538] Os primeiros anos da década de 60 foram um dos únicos momentos da história brasileira em que as forças esquerdizantes estiveram próximas do poder, prestes a assumi-lo. As articulações, entretanto, obedeciam a um roteiro desconexo e na maioria das vezes ao sabor da mais pura irresponsabilidade e improvisação. Dois motivos básicos anunciavam a tragédia: divisões internas geradas por discórdias em torno de conceitos e ações e fatores externos internacionais, num contexto de auge da Guerra Fria.

Nem bem acabara de formular as políticas quanto ao Vietnã e o Laos, no princípio de 1961, John Fitzgerald Kennedy fora obrigado a tomar uma decisão peremptória. Os planos a longo prazo para a América Latina — cujos preparativos foram iniciados logo que a nova administração tomou posse —, firmados com a Aliança para o Progresso, encontravam-se seriamente ameaçados por Fidel Castro, determinado a exportar sua revolução para todo o resto do Hemisfério Ocidental. Nenhum governo latino-americano era suficientemente estável para ser considerado imune. O programa de Castro e a elaborada rede de acordos econômicos e militares que concluíra recentemente com o bloco soviético, colocara os EUA em alerta máximo.[539] Eisenhower, já em março de 1960, decidira equipar e treinar militarmente os refugiados cubanos em campos da América Central e no Sul dos EUA, sob direção e patrocínio da CIA. Kennedy resolveu liqüidar o regime de Castro apoiando os milhares de cubanos anticastristas que haviam fugido do país depois de 1959, tornando-se responsável por um dos mais malogrados episódios do imperialismo norte-americano. Os aeroportos de Cuba foram atacados na manhã de 15 de abril de 1961 por bombardeios B-26 que levantaram vôo de uma base de refugiados na América Central. A invasão teve lugar antes da madrugada de 17 de abril, na Bahía de Cochinos (Baía dos Porcos), na costa sul de Cuba. Tomaram parte no desembarque cerca de mil e quinhentos refugiados cubanos, os quais, na ausência de apoio naval ou bombardeio aéreo, foram cercados e atacados por aviões, canhões, tanques e tropas das forças de Castro. Os invasores não conseguiram entrar em contato com os rebeldes cubanos dentro do país, e o esperado levante geral não ocorreu. Castro capturou mil e duzentos invasores. Os EUA sofreram uma condenação mundial e uma grande perda de prestígio. Kruschev combinou as suas ameaças de possível intervenção armada soviética com conselhos piedosos a Kennedy sobre a boa conduta e a importância de observar as leis internacionais.[540] Castro, mais fortalecido do que nunca, reafirmou suas ligações com a URSS, proclamando formalmente Cuba como uma "nação socialista" e apressando as medidas de socialização em todos os setores da vida cubana.[541]

A situação mundial agravava-se. As duas superpotências anunciaram, no verão de 1961, aumentos no contingente das suas forças armadas e orçamentos militares. O governo da Alemanha Oriental, visando pôr fim ao movimento de refugiados que procuravam abrigo no lado ocidental, fechou a fronteira de Berlim em 13 de agosto, enquanto as tropas soviéticas cercavam a cidade. Uma semana depois, um muro de blocos de concreto e arame farpado era erguido ao

---

538 Ligado à UNE, surgia no Rio em 1961 o primeiro Centro Popular de Cultura (CPC), que percorreu o Brasil inteiro mobilizando a população e difundindo um ideário revolucionário-nacionalista, com boa dose de ingenuidade.
539 Link, Arthur S. *História moderna dos Estados Unidos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1965, v. III, p. 1.441.
540 *Ibid.*, p. 1.442.
541 *Ibid.*, p. 1.443.

longo de toda a fronteira. O muro de Berlim foi um perfeito símbolo da barreira que dividiu o Oriente e o Ocidente.[542]

No princípio de 1962, Cuba já era um satélite do regime comunista e tornara-se uma base militar soviética, capaz de apoiar operações de guerrilha e atividades subversivas em toda a América Latina.[543] Em 14 de fevereiro, foi excluída da OEA. Nesse mês e no seguinte, os EUA intensificaram o bloqueio comercial. Em resposta, grande número de técnicos soviéticos chegaram a Cuba durante todo o verão de 1962. Em 22 de outubro, a Casa Branca anunciou que o presidente falaria nessa noite à nação para transmitir uma mensagem de "urgência nacional". Kennedy surpreendeu o mundo com uma série de declarações incisivas. As plataformas, construídas em tempo recorde, em San Cristóbal, a 160 km de Havana, fotografadas pelos satélites e aviões espiões U-2 em vôos rotineiros sobre todo o planeta, poderiam lançar mísseis nucleares de alcance médio (1.000 milhas) e de alcance intermédio (mais de 2.000 milhas). No total, quarenta e dois foguetes, suficientes para evaporar nuclearmente os principais centros industriais e militares norte-americanos e carbonizar as principais cidades.[544] Kennedy apresentou a questão sem meias medidas: "A política desta nação será considerar qualquer míssil nuclear lançado de Cuba contra qualquer nação do Hemisfério Ocidental como um ataque da URSS aos EUA, exigindo uma resposta retaliatória contra a URSS". Foi o mais direto e decisivo confronto na história das relações entre os EUA e a URSS. Durante alguns tensos dias, o mundo esteve à beira do apocalipse. Kennedy não fechou a porta às negociações, mas insistiu que a suspensão do bloqueio dependia da retirada das bases ofensivas e de uma inspeção internacional do território cubano para assegurar a medida. Os navios de guerra e os aviões norte-americanos começaram, no Atlântico e nas Antilhas, a efetuar o serviço de patrulha e a fazer preparativos para interceptar todos os transportes que levassem equipamento ofensivo a Cuba. O povo norte-americano, os seus aliados ocidentais e a OEA apoiaram Kennedy, e os russos tiveram de retroceder ante o repto, o que irritou sobremaneira a Castro, que sentiu-se usado como moeda militar no conflito Leste-Oeste. Em 28 de outubro, a URSS concordou que retiraria todas as armas ofensivas e aceitaria a inspeção internacional se os EUA garantissem não invadir Cuba. O presidente aceitou a condição e suspendeu o bloqueio, enquanto U. Thant partiu para Havana, em 29 de outubro, para preparar a inspeção pelas autoridades internacionais.[545]

A decisão de instalar mísseis nucleares na ilha partiu do secretário-geral do PC da URSS, Nikita Kruschev. Impasses nas negociações sobre paridade nuclear e coexistência pacífica vinham se arrastando desde o ano anterior. A crise de Berlim Ocidental em agosto, entre a URSS e as quatro potências ocidentais que a ocupavam, foi a gota d'água. Os militares soviéticos, receosos de um ataque traiçoeiro, cobravam ao criador da tese da coexistência pacífica uma demonstração de força. Kruschev avaliava que os mísseis inibiriam um ataque estadunidense contra o bloco socialista. A URSS atacava de frente, a menos de 167 km do território norte-americano. Quebrava-se o cerco nuclear a que estava submetida em todas as suas fronteiras. Os militares soviéticos imputam a Kruschev a responsabilidade pela derrota frente ao ultimato norte-americano, além da exposição do país ao risco de um ataque nuclear devastador. O principal argumento: não havia necessidade de bases dentro de Cuba possuindo a URSS, como

---

542 *Ibid.*, p. 1.444-1.445.
543 O período entre 1960 a 1963 é o auge da exportação do modelo revolucionário cubano na América Latina, com derrota continental e total. Em 1963 começaram os golpes militares: Guatemala, Equador, República Dominicana e Honduras. Em 64, Bolívia e Brasil. Em 65, Argentina (Mir, Luís, op. cit., p. 110). De 1961 a 1970, de acordo com o advogado argentino Gustavo Roca, um dos braços direitos de Che Guevara, morreram seiscentas mil pessoas e mais de cinqüenta organizações guerrilheiras foram dizimadas pelas Forças Armadas (Mir, Luís, op. cit., p. 249).
544 O jornal *Miami Herald*, citando documentos encontrados nos antigos arquivos da URSS, revelou em sua edição de 3-5-1998, que na verdade foram enviadas cerca de cem bombas nucleares de pequeno porte a Cuba. A inteligência norte-americana soube desse fato somente 30 anos depois. O jornal diz que Kruschev ordenou a retirada das ogivas após Castro ter cogitado atacar os EUA ("Cuba teve cem armas atômicas", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4-5-1998, mundo/multimídia, p. 14, c. 1).
545 Link, Arthur S., op. cit., p. 1.448-1.450.

possuía, foguetes intercontinentais. A crise demonstrou de forma dramática que a guerra nuclear não teria vencedores.[546]

O susto apocalíptico obrigou Washington e Moscou a estabelecerem mecanismos de prevenção e consulta, comportando-se como antagonistas que poderiam ter interesses comuns. Ambos, por exemplo, consideravam a China um rival incômodo, famélico de poder e influência. Para os EUA, o grande empecilho no domínio do Pacífico. Para a URSS, um parceiro que, ao invés de sentar-se na mesa do bloco socialista em igualdade de condições, queria ocupar a outra cabeceira, no mínimo. Juntos deveriam impedir os planos chineses de liderar o Terceiro Mundo como força independente e autônoma.[547] Os soviéticos alertam os EUA de que Pequim estava propenso a um enfrentamento militar com o capitalismo em escala planetária.[548] O conflito sino-soviético,[549] emperrando as investidas externas de Cuba, debilita o movimento comunista internacional, propiciando aos EUA tempo e espaço suficiente para preparar um cordão sanitário militar – ditaduras – por todo o continente contra a febre revolucionária.[550] O laboratório estava sendo montado no Brasil e o seu êxito seria o norteador dos golpes subseqüentes.[551]

O posicionamento de Goulart no final de outubro de 1962, contrário à invasão de Cuba e reconhecendo "a todos os países, sejam quais forem os seus regimes ou sistemas de governo, o direito de soberanamente se autodeterminarem", admitindo "como legítimo o direito de Cuba de defender-se de possíveis agressões, partam de onde partam e que visem pela força ou violência, subjugar a sua soberania ou impedir o direito de autodeterminação de seu povo", fez os EUA considerarem o governo nacionalista brasileiro uma ameaça paritária ao do revolucionário cubano. A remoção de Goulart do poder tornou-se um assunto de política interna e de segurança nacional. A disposição de negociar com o presidente brasileiro reformas, indenizações das empresas norte-americanas desapropriadas e aceitar um papel crescente no Brasil como potência emergente cessa por completo. Tornou-se em animosidade pessoal de Kennedy para com Goulart. Os EUA evitariam uma nova Cuba com tantos mísseis e bombas nucleares fossem necessários.[552] Depois da URSS e da China, o Brasil era considerado, pelo tamanho continental e por suas potencialidades econômicas, o país destinado a um papel crucial. A prioridade era impedir que o nosso país viesse a ter um governo independente, e, o que era mais assustador, com condições de arrastar junto toda a América Latina.

As desconfianças em torno da figura de Goulart, como é sabido, já vinham sendo alimentadas desde a sua posse. Somente com a aprovação do parlamentarismo, em 2 de setembro de 1961, os setores contrários o aceitaram na presidência. O que se passava nos bastidores do governo justificava isso. De saída, os militares nacionalistas queriam todos os poderes para Goulart e entre eles havia os que propugnavam, abertamente, uma Junta Militar acoplada à presidência para garantir as reformas. O comandante do I Exército se aliara a Brizola na preparação do golpe dentro dos quartéis. Os generais direitistas, alarmados com a organização dos sargentos, temem que a mobilização brizolista reeditasse 1961. Goulart recebe do CIE um dossiê detalhado do que se armava: um quadro de mobilizações populares para fechar o Congresso e transformá-lo em ditador, junto com Brizola. Caso se antepusesse, também seria destituído. Goulart se assusta: seu próprio cunhado o atropelava. Mas a opção golpista foi

546 Mir, Luís, op. cit., p. 88-92.

547 Impelidos pela agressividade chinesa, Kruschev e Kennedy formalizaram uma trégua na Conferência de Desarmamento em Moscou, em 5 de agosto de 63, quando assinaram um acordo tripartite – URSS, EUA, Inglaterra – proibindo testes nucleares no ar e água fechando a crise dos mísseis.

548 Mir, Luís, op. cit., p. 105-108.

549 Embora, desde seu início, a revolução chinesa tenha recebido o apoio e a ajuda material da URSS, cedo começaram a surgir divergências profundas quanto à linha de ação política e econômica, evidenciado-se o desejo chinês de procurar uma via própria de socialismo.

550 Mir, Luís, op. cit., p. 109.

551 Aplicaram o modelo militar brasileiro (repressivo) com precisão cirúrgica, o coronel Hugo Banzer, na Bolívia, em 1971; o general Augusto Pinochet Iriarte, no Chile, em 1973; e o general Jorge Rafael Videla, na Argentina, em 1976.

552 Mir, Luís, op. cit., p. 90-92.

seguida pela esquerda com sofreguidão. O primeiro-ministro Tancredo de Almeida Neves, artífice da negociação da fórmula parlamentarista com os militares em 61, renunciou para sair candidato ao governo mineiro em agosto de 1962. Se por um lado essa era a motivação oficial, por outro Tancredo protestava contra a preparação ostensiva e quase pública do golpe. Após a renúncia do primeiro-ministro e ex-secretário da Justiça do governo Brizola no Rio Grande do Sul, Francisco de Paulo Brochado da Rocha — coveiro do parlamentarismo, seu Gabinete duraria os meses suficientes para a realização do plebiscito em 6 de janeiro de 1963 —, Goulart montou com rapidez um novo Gabinete de centro-esquerda liderado pelo presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB), Hermes Lima, ex-militante da ANL de 1935, para acalmar os progressistas. E começa célere o desmonte da influência de Brizola nos meios militares com a retirada dos generais brizolistas dos comandos de tropa. Pessoalmente frustrado com o recuo do cunhado-presidente, Brizola aspira agora, em definitivo, o papel de novo Fidel Castro. Adere ao programa de reformas da Frente de Mobilização Popular (FMP), um frentão dominado pelo PCB e PTB com aspirações revolucionárias. Uma de suas prioridades era organizar uma força militar, pequenos núcleos de militantes que receberiam adestramento militar, inspirada na formação clássica do grupo de combate do Exército, com onze membros. Em Havana, as notícias sobre o fracasso do golpe brizolista desanimam e desolam. Prestes sente então que chegara a hora de tentar um novo 1935 e comprovar, na prática — e nisso ele acreditava cegamente —, que o caminho para a revolução brasileira era o delineado pelo XX Congresso do PCUS: acesso democrático e majoritário ao poder, sem violência nem guerra civil. Em agosto de 1962, a FLN realiza um congresso em São Paulo. Brizola perde o controle político e ideológico. Os comunistas conseguem retirar a FLN da ótima eminentemente nacionalista e reformista e a fundem com a FMP com um programa inclinado sensivelmente à esquerda.[553]

Ao retomar os poderes presidenciais, Goulart deu início à execução de um Plano Trienal e baixou medidas para controlar a inflação; destarte, a luta de bastidores entre os grupos que o apoiavam e as pressões de setores militares e empresariais de um lado e operários de outro, desgastava-o rapidamente. Sem crescimento econômico e com uma vertiginosa inflação, o descontentamento generalizava-se. Em 12 de setembro de 1963, eclodiu em Brasília um levante de seiscentos e cinqüenta sargentos e cabos da Marinha e da Aeronáutica, logo sufocado. Essa foi a mais gritante prova de desarticulação e amadorismo da esquerda militar influenciada pelo brizolismo e pela Revolução Cubana. Utilizando como pretexto a impugnação das eleições de dois sargentos à Câmara Federal, dois sargentos da Aeronáutica e da Marinha se rebelam e tomam Brasília por cerca de 20 horas. O ministro da Guerra, Jair Dantas Ribeiro, avisado que o STF iria anular a eleição dos sargentos Antônio Garcia Filho e Aimoré Koch Cavalheiro, determinou, dias antes, a transferência dos seus líderes para batalhões de fronteira. Os sargentos comunistas do Exército avisaram, na reunião preparatória do levante, que não participariam. O movimento morria no nascedouro. Foi sufocado pelo Exército, sem tiro e baixas, de ambos os lados.[554] Os militares comunistas[555] avisaram por enviados pessoais ou visitas noturnas discretas a dirigentes comunistas que a posse do general Humberto de Alencar Castelo Branco na chefia do Estado-Maior do Exército em 14 de setembro prenunciava o golpe. Apesar dos insistentes e comprovados avisos, Prestes estava seguro de que a aliança com Goulart e o programa de reformas era imbatível. Com o apoio de Moscou, não tinham o que temer.[556] No mês seguinte, malogrou uma tentativa de instalação de estado de sítio.

O assassinato de Kennedy em 22 de novembro de 1963, joga um balde de água fria em Goulart. Pretendia ele convencer Kennedy de que só o Brasil poderia livrar a América Latina de uma onda de revoluções através da colaboração e do comprometimento da esquerda (do PCB, a

[553] *Ibid.*, p. 79-85.
[554] *Ibid.*, p. 109-110.
[555] Os principais informes sobre a conspiração vinham de dois coronéis do CSN.
[556] Mir, Luís, op. cit., p. 112-113.

força majoritária) com a convivência pacífica. A morte de Kennedy não freia, mas acelera os preparativos para o desfecho do golpe pró-estadunidense no Brasil, um dos mais discutidos episódios da Guerra Fria. O vice-presidente Lyndon Johnson, um fazendeiro texano conservador, assume a Casa Branca com tudo montado, em fase final de operacionalização. Johnson pede urgência para remover Goulart, tido como um mero refém da esquerda.[557]

O balanço final de 1963 revelaria, de forma dramática, o resultado dos impasses governamentais: o índice geral dos preços alcançou 78%; a taxa do PIB caiu ao ponto mais baixo dos últimos anos, 1,5%; o déficit de caixa do Tesouro Nacional atingiu CR$ 500 bilhões; os meios de pagamento cresceram 65%. Pressionado pelo movimento popular organizado e pelas esquerdas em geral, o governo de Goulart foi sendo também encurralado pela violenta oposição e conspiração dos setores civis e militares. Além da permanente pregação anticomunista e de combate a uma "República Sindicalista", o que unia as classes dominantes era a ameaça concreta que pairava sobre seus lucros e suas propriedades, menos em função das medidas nacionalistas do que das sucessivas greves[558] e ampliação dos direitos dos trabalhadores rurais.[559] Junto com a preocupação dos setores tradicionais, crescia o pânico na classe média e entre os industriais e banqueiros. A ineficácia federal, as dificuldades estruturais para a implantação das reformas de base, as tensões nas relações econômicas internacionais, a incontrolável alta do custo de vida, tudo isso formava um coquetel extremamente perigoso no início de 1964. As perspectivas de futuro pareciam sombrias.

O consenso público no Brasil estava em desintegração. Elementos representativos das duas alas extremas proclamavam com freqüência cada vez maior sua perda de fé na política democrática.[560] Em 3 de janeiro de 1964, data do seu aniversário, o secretário-geral do PCB anuncia no programa de televisão *Pinga Fogo*, transmitido em cadeia nacional pela Rede Tupi, que o melhor candidato para as eleições presidenciais de 1965 era Goulart. Os seguidores de Prestes ficam perplexos. Rompia-se com a política intransigente do partido na defesa da legalidade. Prestes pregara publicamente a continuidade de Goulart com um golpe.[561] O conflito político intensifica-se em uma atmosfera carregada de denúncias de golpes e contragolpes. Com o governo esforçando-se por tentar simultaneamente a reforma, a estabilização e o desenvolvimento econômico, os extremistas colheram os frutos da discórdia, promovendo, como acreditavam, suas próprias possibilidades de alcançar o poder.[562]

Argumentos radicalizantes atraíam facções militares diversas. Chocados com a renúncia de Jânio e impossibilitados de impedir a posse de Jango, antigetulistas tradicionais, representados pelo antigo Ministro da Marinha e por generais como Cordeiro de Farias e Nelson de Melo, já em 1962 trocavam idéias quanto à natureza do regime discricionário que seria necessário implantar após a derrubada de Jango.[563] Em outubro de 1963, oficiais mais antigos começaram a organizar uma conspiração. Seu líder era o chefe do Estado-Maior do Exército, nomeado há 1 mês, o general Castelo Branco, o segundo na hierarquia militar — o primeiro era o ministro da Guerra. Escolha pessoal do embaixador norte-americano Lincoln Gordon e do adido militar, coronel Vernon Walters para comandar o golpe, representava a maioria moderada, contrário às atitudes de Jango, mas sem pretensões de intervir no jogo democrático enquanto o presidente não desse razões para tanto.[564] Castelo Branco e os oficiais fiéis a seu comando executam a desmontagem do oficialato nacionalista e esquerdista dentro dos quartéis com remoções para confins do território nacional ou privando-os de qualquer comando ou

---

557 *Ibid.*, p. 110-111.
558 Uma passeata de protesto em Brasília, reuniu sete mil operários.
559 Registravam-se vários choques entre fazendeiros e camponeses em diversos pontos do país, sobretudo em Minas Gerais.
560 Skidmore, Thomas, op. cit., p. 310.
561 Mir, Luís, op. cit., p. 113.
562 Skidmore, Thomas, op. cit., p. 304.
563 *Ibid..*, p. 274.
564 *Ibid..*, p. 321.

ascendência na tropa. Os sargentos, especialmente, são bloqueados no acesso e controle dos paióis de munição e armas. Como em 1954, o acionamento da máquina militar contra o seu comandante-em-chefe foi um processo lento. Embora conspiradores de longa data como Odílio Denys e Cordeiro de Farias não precisassem ser convencidos, constituía ainda uma árdua tarefa mobilizar os comandantes de exércitos. Com efeito, os conspiradores estavam certos apenas do apoio de um dos quatro generais comandantes de quatro principais regiões militares: o general Justino Alves Bastos (IV Exército, Nordeste). Os outros três, general Amaury Kruel (II Exército, São Paulo), general Âncora (I Exército, Rio de Janeiro) e general Galhardo (III Exército, Rio Grande do Sul), eram legalistas, mas mostravam-se simpáticos aos argumentos dos conspiradores.

O líder comunista embarca para Moscou em 10 de janeiro de 1964 para uma série de encontros e acordos políticos com os dirigentes da URSS, onde desembarca em 22 de janeiro depois de ficar 10 dias na capital francesa simulando passeios (fachada legal para despistar espiões).[565] Kruschev cede seu avião particular para que Prestes, autorizado a negociar em seu nome, decole para Havana. Faz o trajeto em 14 horas, sem escalas, como único passageiro do Iliushin 62. Lá chegando, comunica a Fidel que Goulart fechara um acordo político e reformista com os comunistas e estes seguiriam os ditames de Moscou. Eles não investiriam de modo violento contra o regime. A revolução seria pacífica. Prestes deixa Havana sobressaltado. A política cubana de exportar guerrilhas representava um golpe desestabilizador.[566] Fidel poria tudo a perder se os soviéticos não agissem.

A CIA seguiu todos os passos de Prestes, tanto em Moscou como em Havana. O diagnóstico: esperar o fim do mandato de Goulart e apoiar uma candidatura civil de direita e anticomunista seria uma imprudência. Os comunistas brasileiros estavam conduzindo setores estratégicos do governo federal brasileiro e se preparavam para tomar as suas rédeas em parceria com as forças nacionalistas. O governo norte-americano movimentava-se num cenário estratégico alarmante para seus interesses no Brasil: Prestes e Kruschev fraturariam o Ocidente. O desfecho do golpe se acelera quando Prestes regressa ao Brasil. Os informes da CIA em Moscou alertavam que os comunistas tentariam, junto com Goulart, um assalto extralegal ao poder nas próximas semanas. No Terceiro Mundo, o país que ostentava as condições para um movimento revolucionário antiimperialista e nacionalista era o Brasil. As guerras de independência na África eram incipientes, os blocos socialista e capitalista na Europa estavam definidos e imutáveis, na Ásia, URSS e China dividiam sua influência no Pacífico. Colocado a par das novidades de Moscou e Havana, Brizola ignorou-as completamente. Prestes fez a Goulart um relato pormenorizado da viagem, garantindo que Moscou o respaldaria quando declarasse a independência e a neutralidade brasileira no conflito Leste-Oeste. Não havia potência hegemônica. A paridade nuclear seria usada quando necessária.[567] Irradiando otimismo, Prestes declara no início de março numa estação de TV paulista que "não estamos no governo mas estamos no poder". Ao dizer "estamos", Prestes deixou de dizer que referia-se apenas a uma pequena parcela da esquerda, a que ele efetivamente representava e comandava.

Enviado ao Brasil para coordenar os preparativos da derrubada de Goulart, o coronel Walters solicita ao embaixador Gordon que informe ao presidente Johnson que o golpe teria de ser antecipado. O embaixador soviético Guennadi Fomim estava articulando apoio político e todo tipo de ajuda para a instalação de um governo democrático-popular no Brasil. Em março, o general Castelo Branco recebe instruções diárias de Walters e de Gordon: deflagrar o quanto

---

565 Mir, Luís, op. cit., p. 115.
566 Os principais dirigentes concordavam que a explosão da guerrilha em toda a América Latina era a única alternativa que restava a Cuba para evitar a invasão estadunidense.
567 Mir, Luís, op. cit., p. 121-124.

antes o golpe, ocupar o poder e instalar um governo autoritário e anticomunista, evitando uma guerra civil. Se houvesse resistência ao golpe, os EUA desembarcariam com os *mariners*.[568]

Os acontecimentos se precipitaram em 13 de março com o comício pelas reformas de base em frente à Estação Central do Brasil no Rio de Janeiro, mobilizando cerca de cem mil pessoas. No dia 15, Goulart aposta a última carta que lhe resta frente a Brizola e os militares golpistas ao enviar ao Congresso a mensagem presidencial batizada de *Caminho Brasileiro*, plataforma getulista-nacionalista da década de 50 modernizada e ampliada, ou melhor, as bandeiras de 35 revividas: "Remoção dos obstáculos constitucionais à realização da reforma agrária — distribuição de terras sem prévia indenização; implantação da lei de remessa de lucros; hidrelétrica de Sete Quedas (construção e financiamento soviético); conversão do Brasil em exportador de aço; criação da Embratel, Eletrobrás e Universidade de Brasília (UnB); controle do capital estrangeiro, nacionalização de todos os serviços públicos e exploração das riquezas nacionais; voto aos analfabetos e praças".[569] No dia 19, a direita responde com a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", reunindo quinhentas mil pessoas em São Paulo. Vivendo as agruras da crise econômica, insatisfeita com a corrupção e a incompetência administrativa que grassavam na vida pública e assolada pelo fantasma da bolchevização do país, a classe média "silenciosa" manifestava-se.

A conspiração tomou vulto em 21 março, quando Castelo Branco distribuiu um memorando clandestino para os comandos militares definindo quem era o inimigo. A senha do golpe: "Uma cúpula sindical que vive na agitação subversiva, todos tendentes a submeter a nação ao comunismo de Moscou". O memorando, que se tornou peça principal da conspiração anti-Jango, começa por mencionar o comício de 13 de março como a causa do alvoroço entre o pessoal de seu Estado-Maior. Na última semana de março o golpe já estava totalmente definido, faltando apenas um empurrão final. A fim de quebrar a disciplina e motivar a oficialidade, foram armados três incidentes militares: uma revolta de sargentos em Brasília, sob o pretexto de protestar contra a cassação de mandato de um graduado ilegalmente eleito para um cargo parlamentar; no dia 25, uma revolta de marinheiros que haviam criado uma associação e eram insuflados por um agente da CIA, o cabo Anselmo; e uma manifestação de cerca de dois mil sargentos e suboficiais das Forças Armadas a favor de Jango que discursara no auditório do Automóvel Clube do Brasil, na Cinelândia, em 30 de março, que a hierarquia militar considerou atentatório à disciplina. Na frente de Goulart, reformas e revolução o arrastavam para o centro de um furacão que ele não sabia exatamente como dominar ou conduzir. Liberara os escaninhos do poder para a esquerda e estava sendo atropelado pelos militares de direita.

Com o apoio logístico do governador José Magalhães Pinto, o general Olympio Mourão Filho detonou a partir de Juiz de Fora, Minas Gerais, o golpe militar de 31 de março. Suas tropas marcharam em direção ao Rio de Janeiro — essa manobra era essencial para a revolta, devido à importância estratégica do Vale do Paraíba no caso de uma guerra civil — e, já no dia seguinte, com a adesão dos principais comandantes em todo o país — principalmente do general Amaury Kruel —, o governo federal desmoronou. Entrementes, o governador Lacerda, que mantinha estranho silêncio em torno do tenso fim da Semana Santa, entricheirara-se no palácio e ordenara que os caminhões de lixo do Estado formassem barricadas na avenida que dava acesso ao palácio do governo. No seu interior, Lacerda estava vestido com um blusão de couro e armado de duas metralhadoras portáteis e uma pistola, prevenido contra os boatos de que os fuzileiros navais do almirante Aragão atacariam o palácio. Os poucos setores militares dispostos a defender a legalidade foram dissuadidos por Goulart a não se envolverem numa "luta fraticida"; outros, porém, fariam ainda algumas tentativas de resistir ao golpe, mas a completa falência do comando

568 *Ibid.*, p. 124-125.
569 *Ibid.*, p. 127-128.

do general Assis Brasil, chefe do chamado "dispositivo militar" de sustentação do governo, frustrou seus esforços isolados.[570]

Quando o golpe foi iniciado, Goulart ainda se encontrava no Rio de Janeiro. Rumando para Brasília, descobriu que na capital da República a situação também estava insustentável e foi convencido a refugiar-se em Porto Alegre. Alguns políticos e militares legalistas ainda tentaram fazer com que o presidente resistisse, mas Jango capitulou miseravelmente e, no dia 4 de abril, seguiu para o exílio no Uruguai. As esquerdas, perplexas, não souberam levantar palavras de ordem, e muito menos tiveram forças para resistir. A hegemonia da liderança nacionalista burguesa, a falta de unidade entre as várias correntes, a competição entre chefias personalistas, as insuficiências organizativas, os erros desastrosos acumulados, as ilusões reboquistas e as incontinências retóricas — tudo isso em conjunto explica o fracasso da esquerda. O governo soviético, através de seu embaixador na ONU, Anatoly Dublin, pede esclarecimentos ao governo norte-americano sobre a mobilização de uma poderosa força naval em rápido deslocamento para o Atlântico Sul, detectada quando saía do Panamá. A invasão de Cuba não era seu propósito. Os soviéticos não sabiam que seu destino era o Brasil. O golpe militar os pegou de surpresa. Com a definição incontestável no dia 1º de abril, já no dia 3 a operação *Brother Sam* era desativada no Caribe.

Os conspiradores civis, notadamente Carlos Lacerda, Magalhães Pinto, Adhemar de Barros e Juscelino Kubitschek, ao se darem conta do que realmente era o golpe dos EUA e dos militares, nada puderam fazer.[571] Os generais triunfantes proclamaram que o Ocidente ganhou no Brasil formidável vitória a baixíssimo custo,[572] já que uma intervenção militar exigiria recursos incalculáveis em função do tamanho continental do país. Na disputa pela hegemonia do planeta entre Moscou e Washington, os EUA se reafirmaram como o os reais detentor do poder no Ocidente. Travou-se, sub-repticiamente, uma das mais importantes batalhas geopolíticas da Guerra Fria pela dominação hegemônica mundial. O embaixador Lincoln Gordon, 1 mês depois do golpe, durante uma conferência na Escola Superior de Guerra (ESG),[573] reconheceu que "A revolução de 31 de março no Brasil constitui, do ponto de vista americano, um dos mais notáveis acontecimentos da segunda metade do século XX e merece ocupar um lugar na história tão importante como o fim da guerra da Coréia, o início do Plano Marshall ou a solução das crises do mísseis soviéticos em Cuba".[574]

À revelia de qualquer otimismo, Castelo Branco assumia a Presidência da República em 15 de abril, declarando-se "síndico de uma massa falida". Seis meses depois, Mourão se autonomeia apóstolo da salvação nacional. Em 15 de junho, com a decretação do primeiro Ato Institucional, os direitos políticos de trezentos e setenta e oito pessoas eram cassados. Dentre elas estavam três ex-presidentes da República — Kubitschek, Quadros e Goulart —, seis governadores de Estado, cinqüenta e cinco membros do Congresso Nacional, diplomatas, líderes trabalhistas, oficiais militares, intelectuais e funcionários públicos. A intervenção norte-americana no Vietnã começa em 24 de abril. Lyndon Johnson nomeia o general William Westmoreland comandante-em-chefe das forças estadunidenses no Vietnã do Sul em 25 de abril e, em agosto, ordena ataques aéreos ao Vietnã do Norte; em outubro, cento e quarenta e oito mil soldados norte-americanos entravam na guerra. Kruschev é removido do comando do PCUS e da liderança da

---

570 Skidmore, Thomas, op. cit., p. 361-366.
571 Mir, Luís, op. cit., p. 131-132.
572 Gorender, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*, 2ª ed., São Paulo, Ática, 1987, p. 67.
573 Junto com a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), é o centro elaborador da doutrina do golpe de 1964 e da ditadura militar. Criada por Dutra em 22 de outubro de 1948, e seguindo o modelo da War Colleges dos EUA, a ESG implanta-se até 1952, num prédio do forte São João, no Rio de Janeiro. Como potência hegemônica no continente latino-americano caberia ao Brasil resguardar o continente do assédio vermelho e do conflito Leste-Oeste dentro dos limites que lhe foram impostos pelos EUA. A ESG criou e adicionou a essa "missão" a tese das fronteiras móveis, o eterno espantalho dos vizinhos preocupados com a incontida fome territorial do gigante brasileiro.
574 Mir, Luís, op. cit., p. 22.

URSS em 15 de outubro. As investidas cubanas e o custo político do golpe militar no Brasil haviam desgastado-o sobremaneira.

Montou-se uma máquina para a "produção e operação de informações", o SNI. A CIA brasileira se situava logo abaixo do topo da pirâmide ocupada pelo CSN. Criado em 13 de junho pela lei nº 4.341, torna-se a célula *mater* repressiva e herda o fichário com quatrocentos mil nomes de "inimigos" arquivados pelo general R-1 Golbery do Couto e Silva (1911-1987).[575] O SNI objetivava "superintender e coordenar em todo o território nacional as atividades de informação, em particular as que interessem à Segurança Nacional". O peso do SNI no alto escalão do regime conferia ao seu comandante o *status* de ministro, além do privilégio de compor o grupo dos quatro que mantinha encontro diário com o presidente da República, logo no início do expediente. Desse posto saíram dois dos presidentes militares: Emilio Garrastazzu Médici e João Baptista de Oliveira Figueiredo.

O jornalista Ayrton Baffa mostrou que a "hidra", com porte de governo paralelo, indevassável, janízaro e livre de qualquer controle, não respeitava a vida de ninguém, monitorando todos os aspectos da sociedade e dos indivíduos. Ao chefe do SNI ainda eram concedidos prerrogativas para solicitar a colaboração, voluntária ou gratificada, de civis ou militares, servidores públicos ou não, em condições de "participar de atividades específicas". Os serviços prestados ao SNI por civis ou militares constituíam serviços relevantes a serem considerados em todos os setores da vida funcional.[576] Havia ainda uma vasta rede de informantes, que chegavam a trezentos mil segundo o delegado Romeu Tuma. O SNI ficha mais de duzentos e cinqüenta mil cidadãos em Listas de Dados Biográficos que ditam a atitude do regime ante ao fichado.

Uma apostila de vinte páginas ensinava ao agente do SNI a vigiar o alvo suspeito. "Vigilância é um processo de observação de pessoas, objetos e locais, com a finalidade de obter-se informes", dizia a NA 10-112, Confidencial. Tal vigilância poderia ser ostensiva, sigilosa, fixa ou móvel com elementos disfarçados e executada a pé ou motorizada. Jamais o agente poderia apresentar caracteres distintivos e dele também eram exigidos resistências à fadiga, capacidade de memorização, fluência verbal, imaginação criadora, paciência e traços afins. No decálogo de comportamento, o agente do SNI não devia olhar nos olhos do alvo, andar de maneira suspeita, correr, manter distância inconveniente ou distrair-se. Não devia cumprimentar colegas, expor armas, usar disfarce anormal ou exagerado. Era instruído a usar sinais básicos de atenção, aproximação e de comunicação, que incluíam evasivas de detecção e despistamento. "Evasivas são todas as atitudes, ações ou deslocamentos que visam a detectar, iludir ou despistar", ensinava a apostila ilustrada. Uma apostila da época de Médici tratava do emprego de meios fotográficos: "Quando no decurso de suas investigações, o agente de informações consegue fotografar a maior parte de suas atividades, pode, sem dúvida, considerar seu relatório praticamente pronto. Ela responde a quase todas as perguntas em proveito de uma informação: que, quem, como, onde e até quando. A principal ferramenta de um agente de informação é a máquina fotográfica". Dividida em ostensiva e sigilosa, a importância da fotografia para efeito de espionagem estava descrita em setenta e cinco páginas da apostila, que abordava até a origem grega da palavra e detalhava as técnicas de como usar a principal ferramenta do espião: luz, câmera, filme, etc.[577]

Como identificar o perfil ideológico de um entrevistado pelo SNI? Nada menos que oitenta e oito perguntas versavam sobre conceitos filosóficos, doutrinas políticas, livros famosos, personalidades mundiais e outras aparentemente irrelevantes que visavam descomprimir a pessoa durante a entrevista. Recomendava-se ao entrevistador que tivesse conhecimento pelo menos superficial de cada assunto, de modo a evitar que um indivíduo loquaz o iludisse demonstrando falsa cultura. Não devia debater e sim concordar, aparentemente, com as respostas. Para o SNI, a

---

575 *Ibid.*, p. 25.
576 Baffa, Ayrton. *Nos porões do SNI: o retrato do monstro de cabeça oca*, Rio de Janeiro, Objetiva, 1989, p. 14.
577 *Ibid.*, p. 26-31.

experiência demonstrava que o comunista convicto e culto revelava coerência lógica, enquanto o comunista fanático e ignorante procurava sair com negativas de perguntas que supunha comprometedoras. "O inocente útil é difícil de ser caracterizado, pois revela certa coerência na defesa das teses nacionais e favorável a certas teses marxistas. O ignorante total se evidencia com facilidade. O simplório responde com naturalidade e confessa desconhecimento das demais".

Quanto ao perfil filosófico, as perguntas do SNI versavam sobre opiniões a respeito de Sócrates, Platão, Aristóteles, Bíblia, Voltaire, Marx, religião, crônica social e o papel das elites. O entrevistado devia opinar sobre mais valia, incerteza, felicidade, patriotismo, arte moderna, música clássica e diversão predileta. No rol de perguntas para avaliar o perfil doutrinário, o entrevistado devia responder sobre Getúlio Vargas, a morte de Kennedy, a queda de Kruschev, Petrobrás, disputa entre socialismo e capitalismo, jogo do bicho, histórias em quadrinhos, Cuba, liberdade de cátedra, filme de preferência, se acreditava em comunismo e em disco voador. Quanto ao grau de politização, o entrevistado tinha de desfilar opiniões e preferências sobre política, jornais, clube de futebol, Brasília, custo de vida, capital estrangeiro, Luiz Carlos Prestes, homens públicos. "Acompanhou a novela Selva de Pedra? Qual seria a forma de ensinar democracia ao povo? Há cobiça internacional pela Amazônia? O que acha da música popular brasileira? Que entende por obscurantismo cultural? Opinião sobre os Atos Institucionais. Cite três amigos de sua confiança", eram algumas das outras indagações que, segundo a apostila, forneciam ao entrevistador, "com apreciável segurança", o perfil da pessoa com quem falava.[578]

O SNI mantinha, em complemento à agência central sediada em Brasília, oito agências regionais, de Manaus a Porto Alegre. Só para os gastos dessas agências, a dotação das verbas cresceu três mil e quinhentas vezes de 1964 a 1981. Chegou a ter três mil funcionários. Segundo o general Newton Cruz, em 1980 a agência central tinha quatrocentos homens, as estaduais, de sessenta a duzentos, dos quais 62% são civis, 26% militares da ativa e 12% da reserva. Na esteira dessa expansão, surgiu a necessidade de uma integração entre os organismos repressivos já existentes — ligados às três Armas, à PM e às polícias estaduais — para melhorar a eficiência dos mecanismos de repressão e controle.[579] Em 1969, o governo contava com trezentos mil homens das Forças Armadas, transformadas em um bem equipado exército de ocupação interna e duzentos mil policiais (federais, civis, militares) como força auxiliar.[580]

Paralelamente, o agente especial da CIA, Dan Anthony Mitrione, reformula em 1965 o Departamento Federal de Segurança Pública (herdeiro do Departamento Federal de Segurança Pública do Estado Novo), que tem o nome modificado para Polícia Federal, com sedes em todos os estados e territórios, uma nova estrutura política e repressiva como órgãos de informações e defesa do Estado contra a subversão. As redes de segurança que sempre existiram dentro dos ministérios militares se transformaram em centrais repressivas de informações e combate à esquerda. O Centro de Informações do Exército (CIE), se especializou em guerrilha rural. O Centro de Informações da Marinha (Cenimar), o mais antigo e secreto, em guerrilha urbana. E o Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA), na elaboração de esquemas de terrorismo e extermínio de militantes de esquerda.[581] A partir do golpe militar, 20% do orçamento da União é empregado em armamentos e pagamento dos proventos militares. Surgia o complexo industrial-militar brasileiro, que drenaria recursos da ordem de bilhões de dólares deixando como herança um arsenal obsoleto e ultrapassado. Anunciado publicamente em abril, poucos dias depois do golpe, o Grupo Permanente de Mobilização Industrial, cuja central era a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), se transmuta de braço político do

---

578 *Ibid.*, p. 32.
579 Arns, Dom Paulo Evaristo (coord.). *Brasil: nunca mais*, 19ª ed., Petrópolis, Vozes, 1986, p. 72-73.
580 Mir, Luís, op. cit., p. 13.
581 *Ibid..*, p. 25.

empresariado paulista para a derrubada de Goulart a fornecedor privilegiado das Forças Armadas.[582]

Partindo da premissa de que a *Bíblia*,[583] tal como foi traduzida,[584] não podia mais ser aceita por pessoas que tivessem uma "mente racional", tantos "os absurdos e as impropriedades" que continha, Aladino resolveu trazer à lume em 1964, o "verdadeiro significado" da linguagem bíblica, traduzindo na "linguagem certa que deve ter", diretamente do texto hebraico massorético.[585] Da *Bíblia Sagrada* de Aladino, publicou-se o *Pentateuco*,[586] os cinco primeiros livros (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio),[587] com a ajuda do amigo Silvano Doll, que o financiou. Por iniciativa própria, Doll mandou encadernar vários exemplares da obra, distribuindo-os gratuitamente aos amigos, entre eles Edgar. A *Bíblia* foi anunciada como a mais diferente tradução já publicada no mundo, feita diretamente do texto

---

582 *Ibid.*, p. 27.

583 Estudiosos da *Bíblia* descobriram que existem entre cinqüenta a cem mil diferenças entre os vários manuscritos dos evangelhos. Já em 370 d.C., Jerônimo queixou-se disso ao tentar traduzir esses fragmentos para o latim, a pedido do papa Damasus. Avisou ao papa que seria uma tentativa perigosa tentar compor a *Bíblia*, pois existiam acentuadas variações entre as cópias extensas do texto original.

584 A primeira tradução de que se tem notícia foi aquela denominada *Septuaginta*, iniciada durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo, entre 285 e 274 a.C., por Demetri Falero. Sua conclusão ocorreu muito tempo depois. Todavia, não há certeza se tal versão foi realizada, de fato, pelos "setenta sábios" que deram origem ao nome, visto que a versão, para angariar o respeito e o acatamento do povo contemporâneo, foi alvo de muitas lendas e difundidas a propósito. A primeira lenda diz que teria sido vertida por setenta e dois sábios, homens de idade madura, sendo seis sábios por tribo, entre as doze tribos de Israel. Só que simplesmente já não existiam mais as doze tribos em território palestinense, pois a dispersão havia ocorrido 500 anos antes. Qualquer que tenha sido a sua origem, essa versão grega provocou sérias e calorosas polêmicas entre os próprios judeus e entre judeus e cristãos. O caráter polêmico foi suscitado com o aparecimento dos primeiros cristãos, que se socorriam do texto grego para apontarem o líder de sua doutrina como sendo o messias prometido. Os judeus ortodoxos, indignados, revidavam dizendo que a *Septuaginta* fora vertida por homens que eram apenas bons helenistas, e não hebraístas idôneos. Nunca foi encontrado um terreno comum para a conciliação. Os judeus toleraram a versão grega enquanto não apareceu uma doutrina baseada nela, enquanto não representou qualquer perigo para os fundamentos da doutrina pregada pelos doutores da lei. Quando, porém, notaram que o texto grego servia de ponto de apoio aos seus opositores cristãos, moveram guerra sem trégua contra o dito texto. O Antigo Testamento chegou até nós em três idiomas originais, a maior parte em hebraico. Alguns capítulos dos livros de Esdras e de Daniel, e um versículo de Jeremias, estão em aramaico, que foi o idioma falado na Palestina depois do exílio babilônico (séc. VI a.C.). Dois livros, o segundo dos Macabeus e a Sabedoria, foram escritos originalmente em grego. Ainda no decorrer do segundo século, apareceram as versões de Teodócio e de Símaco. A de Teodócio, um ebionita a quem fez referência Justino Mártir, era um sistema da *Septuaginta* e da versão de Aquila. Não tinha originalidade. A de Símaco, samaritano ebionita, era tão somente uma boa tradução do ponto de vista grego, com requinte gramatical. Mais tarde surgiu Orígenes, que compôs a *Hexapla*, trabalho comparativo entre as versões existentes, em que tentava corrigir o texto da *Septuaginta*. No terceiro século apareceu a Versão Latina, também chamada africana do norte, que não fora vertida diretamente do hebraico, e sim do tão discutido texto grego. Entre 390 e 404, São Jerônimo realizou a sua tradução, que se denominou *Vulgata Latina* (por antonomásia, a versão latina em uso na Igreja Latina). São Jerônimo também não se baseou no texto hebraico. Tomou como base a *Hexapla* de Orígenes e a versão de Símaco. A *Bíblia* foi traduzida mais tarde em diversas línguas; destarte, todas essas traduções foram um mero decalque da *Septuaginta* ou da *Vulgata Latina*, não obstante, em muitas delas, aparecer impressa: vertida diretamente do hebraico.

585 As letras hebraicas possuíam dois sons distintos, segundo Aladino. Um dos sons era conhecido do público, e conservou-se mais ou menos, com ligeiras alterações; o outro som, só os escribas profissionais conheciam. Por essa razão, a escrita era uma arte difícil de ser vulgarizada. Mesmo sabendo ler, uma pessoa não dispensava o concurso de um escriba para ler ou escrever um documento de importância. Jeremias, por exemplo, não era analfabeto, mas ao escrever suas profecias socorria-se do conhecimento de Baruque, o escriba que o assistia. Havia um conjunto de regras que regiam os fonemas e a gramática de modo geral, que Aladino restaurou pela análise do texto massorético. Foi um trabalho hercúleo que lhe permitiu chegar a uma versão bastante particular, que naturalmente discorda das demais. Tem a seu favor o mérito de haver restaurado o texto original quase sempre mal versado.

586 *Bíblia Sagrada* (*Pentateuco*); traduzido, anotado e comentado por Sábado Dinotos, São Paulo, [s.n.], 1964.

587 A obra mais importante em língua hebraica é sem dúvida o Velho Testamento, que contém uma literatura que se estende por um período de aproximadamente 1.100 anos, do século XIII ao século II a.C. Compõe-se de três partes: o Pentateuco, os Profetas, e os Hagiógrafos. Os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis são conhecidos como os dos profetas anteriores, enquanto os três maiores e os doze menores os dos posteriores. Os livros restantes constituem os hagiógrafos, dos quais os Salmos ocupam o primeiro lugar e as Crônicas o último. Além dos Salmos, os livros Proféticos são Provérbios, Jó, Cantares e Lamentações. Muitas partes dos livros sagrados são escritas em forma de poesias. A forma fundamental da poesia hebraica é o dístico, em que a segunda linha repete, reforça ou completa o pensamento da primeira (paralelismo). O Velho Testamento principia com a criação do mundo, e, depois de fornecer uma perspectiva dos tempos pré-históricos, põe Israel na ordem universal. Em Gênesis XII, a história do povo escolhido começa com Abraão, o progenitor dos hebreus. O Velho Testamento é a primeira literatura que apresenta uma filosofia da história, e os livros históricos mostram como Deus realiza seus fins através da história.

hebraico-massorético. Aladino revela os elementos gramaticais do antigo hebraico, chamados por ele de o “som perdido”. Através de seu método, o *Pentateuco* torna-se concorde com a ciência, a história e a mitologia, permitindo ao leitor vislumbrar além das fronteiras postas pelas religiões. As identidades de personagens mitológicos da Grécia, de Roma, da Índia, etc., são desvendadas nessa tradução. Em decorrência, Aladino foi convidado a fazer duas conferências públicas na Biblioteca Municipal de São Paulo e concedeu diversas entrevistas a jornais e à televisão,[588] as quais só foram conseguidas depois de muito empenho de seus amigos. Argumentava Aladino: “...se o livro tinha a pretensão de revelar os ensinamentos divinos, como poderia conter absurdos inaceitáveis pela razão? Impropriedade não existe nenhuma, o que existe, isto sim, é tradução estropiada que lhe deturpa completamente o sentido. Em primeiro lugar, não conheciam os tradutores a língua que estavam traduzindo, e em segundo lugar não conheciam nem a linguagem nem os conceitos científicos ali mencionados. O redator, ante a evidência dos fatos que estava narrando, não teve a preocupação de lhe acrescentar explicações adicionais. Falou de uma maneira simples e direta. O tradutor, ao contrário, sem saber emprestou-lhe uma linguagem fantasiosa. O resultado é o absurdo que conhecemos”.

Para efeitos de comparação, transcrevemos alguns versículos do Gênesis e um do Êxodo, selecionados dentre os mais eloqüentes na tradução convencional da vulgata[589] e na de Aladino, seguida de uma síntese de seus comentários:

Tradução convencional: “No princípio Deus criou o céu a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas” (1:1).

Tradução de Aladino: “Primeiramente a Santidade criou o espaço e depois a Terra. E a Terra era caótica e opaca, escura perante o Cosmo. E o veículo da Santidade adejou perante a atmosfera”.

“Como não podia ser de outra maneira, o redator bíblico estava se referindo à criação do nosso planeta e não do Universo inteiro, pois se assim fosse, não seria em apenas um versículo que a sua história poderia ser contada. [...] Refere-se à Terra e ao espaço que a rodeia, nada mais. A palavra opaca tanto podia ser traduzida por vazia (vaga) como também por vagabunda ou perambulante. Espírito também pode ser esfera, veículo, ar ou vento. Porém, na forma como está escrita no texto, é veículo aéreo mesmo, coisa que percorre o vento, pois está acompanhada do verbo esvoaçar, adejar, pairar, correr de forma estabilizada. Santidade, em hebraico primitivo, lia-se *Helichem*, que em hebraico moderno é *Elohim*. Significava, quando no plural, Santidade, Santíssimo, religiões, oráculos, poderes celestes. No singular era religião, relíquia, oráculo, santo, poder celeste, senhor, dono, herói, *logos*. Como vemos, as palavras tinham diversos significados e os tradutores escolheram aquelas que melhor se coadunassem com os seus ensinamentos ou seus interesses. Mas, mesmo assim, dizer que o ‘Espírito de Deus movia-se sobre as águas’ é emprestar-lhe muita força de expressão, a qual em nada melhora o sentido, mas ao contrário, leva-nos a conceber um absurdo, que já de início invalida toda a verdade que o texto pudesse conter. Não podia, pois, ser aceito de maneira nenhuma”.

---

588 Segundo Raul, seu pai foi entrevistado por Osvaldo Sargentelli na estréia do programa “O advogado do diabo”, na TV Excelsior. Na mesma emissora, participou de um programa de debates em que foi posto frente a uma bancada de representante de diversas igrejas. “Meu pai contestou a *Bíblia* e aí o debate pegou fogo. Ele então os desafiou, dizendo que topava discutir em qualquer idioma que escolhessem (latim, grego, hebraico, etc.). Os que o questionaram ficaram mudos. Isso ficou gravado na minha cabeça. Ele ia a esses programas e se saía bem”. Na Record (canal 7, estúdio próximo ao Aeroporto de Congonhas, São Paulo), Aladino foi entrevistado por Blota Jr. e, três dias antes de ser preso, por Hebe Camargo. Edgar acompanhava Aladino por ocasião de sua participação no programa “Esta noite se improvisa”, de Blota Jr. Escrevi uma carta a Sargentelli, cronista do programa de rádio “Plantão CBN”, da Central Brasileira de Notícias. Na madrugada de 5-12-1995, Sargentelli respondeu-me no ar, alegando que não se lembrava de ter entrevistado Aladino.

589 Valemo-nos aqui da tradução da *vulgata* feita pelo padre Matos Soares, coordenada por Honório Dalbosco e revista por Dom Mateus Rocha (*Bíblia Sagrada*, 5ª ed., São Paulo, Edições Paulinas, 1978).

Tradução convencional: “Disse também Deus: Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas. E fez Deus o firmamento, e separou-as das águas, que estavam sob o firmamento, daquelas que estavam por cima do firmamento” (1:6 e 7).

Tradução de Aladino: “E falou a Santidade: Haja uma camada no meio da atmosfera, e sirva de divisora entre a atmosfera e atmosfera. E fez a Santidade a camada, e diferiu entre a atmosfera que era de baixo da camada e entre a atmosfera que era superior à camada. E foi assim”.

“No singular, a palavra atmosfera tinha a primeira consoante eclipsada e então se lia *ach* (gutural), que tanto era ar como água, a qual o latim corrompeu para *aquam*. No plural lia-se *achme* que os gregos corromperam para átomo, vapor, coisa rarefeita, que é a mais provável raiz de átomo. Em hebraico, era a camada de ar ou conjunto de água. Ao traduzir, precisamos escolher a palavra que se presta ao sentido certo. Quem traduziu linguagem técnica sabe como isso deve ser feito, pois muitas vezes uma mesma palavra tem mais de um sentido, dos quais só um se presta ao sentido do texto. Da mesma maneira deve acontecer com qualquer outra tradução. O desconhecimento deste critério elementar levou os tradutores bíblicos a proferir uma grande bobagem: como poderia ter Deus feito um firmamento no meio das água?!... A palavra camada corresponde ao hebraico *kamo*, origem da palavra latina. É camada, cinturão, arco, abóbada, órbita. A impressão que nos dá o texto é de que foi feito um cinturão espacial em torno da Terra, talvez um cinturão energético. Na época em que as traduções foram feitas não se poderia saber ao certo, porém agora as sondas e naves espaciais revelaram a existência de um cinturão energético ao qual se deu o nome de Cinturão de Van Hallen. Confirma assim a ciência a autenticidade do texto bíblico, o qual, como dissemos, fala até de eletrônica...”.

Tradução convencional: “E Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, e criou-os varão e fêmea. E Deus os abençoou e disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra....” (1:27 e 28).

Tradução de Aladino: “E criou a Santidade o homem em sua alma. Em alma a Santidade criou-o. Masculino e feminino criou-os. E abençoou-os a Santidade, e lhe falou: Frutificai e abundai, e enchei a terra”.

“Que o homem fosse criado à imagem de Deus, já havia sido dito no versículo anterior. O que se disse agora é que o homem foi criado primeiramente em alma, só depois ele recebeu o corpo (2:7). A análise tanto desse versículo, como principalmente do anterior, desfaz o mito das religiões: se Deus é um espírito, como pôde o homem ser criado à sua imagem e semelhança? Seria só no espírito? Não é isso que nos diz o versículo 26, que fala da criação do homem. Além disso, menciona expressamente: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’, conforme traduzem. O texto certo seria: ‘Façamos um homem à nossa alma, conforme o nosso molde’. Mas tanto numa como na outra tradução, fala expressamente no plural. Logo, como podia ser Deus que estava criando o homem? A tradução certa vai mais além e diz que ele seria feito conforme o molde de quem o estava fazendo, por isso teria o molde da pessoa humana”.

Tradução convencional: “E expulsou Adão, e pôs diante do Paraíso de delícias querubins brandindo uma espada de fogo, para guardar o caminho da árvore da vida” (3:24).

Tradução de Aladino: “E expulsou o homem. E colocou ao oriente do jardim do Elídien naves e um fulgurante globo giratório, para guardar a direção da árvore da vida”.

“A palavra que foi traduzida por querubim deriva do hebraico *kerubi*, cujo significado é *barco*. Quando o brasileiro ou português fala caravela, não se dá conta de que isto quer dizer *kerubi* a vela. Em grego ou russo, o significado é o mesmo. Só os tradutores não sabiam! A palavra que traduziram por espada também tem o significado de globo e, como era fulgurante, eles logo acharam que era de fogo!”

Tradução convencional: "O Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo (que saía) do meio de uma sarça, e (Moisés) via que a sarça ardia, sem se consumir. Disse, pois, Moisés: Irei e verei esta grande visão (e verei) por que causa se não consome a sarça" (3:2 e 3).

Tradução de Aladino: "E manifestou-se um emissário de Deus a ele, em labareda de fogo, no meio de um batel. E olhou, e então o batel brilhava pelo fogo, e não ficava queimado. E falou Foibon: Sairei já, e observarei esta aparição grande. Por que não se queima o batel?".

"A palavra batel podia ser lida como *bachen*, com o ch gutural, e como *xinon* ou *xonon*. A primeira forma corresponde ao *batus* latino ou *batia* dos gregos, sarça, que também é a raiz hebraica de batel. A segunda forma, xinon, corresponde ao latim *sentis*, moita de espinho, sarça, e também significa cone, corpo cônico, sinoidal, barco redondo usado pelos egípcios. Cada um opta pela preferida: o redator bíblico preferiu sarça. Porém, ele não soube explicar como é que Deus, que aparecia sendo uma pessoa física, podia suportar estar metido no meio de uma sarça ardente em fogo. Se admitirmos que era um emissário de Deus e que vinha em uma nave, estaremos falando de coisas banais que nada têm de sobrenatural. O problema é ter o conhecimento da língua e principalmente do assunto".

Tradução convencional: "Já tinha chegado o terceiro dia, e reinava a manhã, e eis que começaram a ouvir-se trovões fuzilar relâmpagos, e uma nuvem muito espessa cobriu o monte, e o som duma trombeta atroava muito forte; o povo que estava no acampamento atemorizou-se (24:16).

Tradução de Aladino: "E estava no dia terceiro, ao ser de manhã. E houve sons e relâmpagos, e o sino pousou sobre o monte, e houve o som de soprano muito forte. E estremeceu todo o povo que estava no acampamento".

"O sino, ou barco (nave) em forma de sino, pousou sobre o monte. Nada de nuvem muito espessa, pois se assim fosse, como Deus poderia aparecer no meio dela? E por que precisaria de uma nuvem, pois não tinha a finalidade de ocultar, já que ele aparecia e era visível?"

Tradução convencional: "E Deus disse: eis o sinal da aliança, que faça entre mim e vós, e com todos os animais viventes, e que estão convosco, por todas as gerações futuras: Porei o meu arco nas nuvens, e ele será o sinal da aliança entre mim e a terra. E quanto eu tiver coberto o céu de nuvens, o meu arco aparecerá nas nuvens, e me lembrarei da minha aliança convosco e com toda a alma vivente que anima a carne; e não voltarão as águas do dilúvio a exterminar toda a carne. E o arco estará nas nuvens, e eu o verei, e me lembrarei da aliança eterna que foi feita entre Deus e todas as almas viventes de toda a carne que existe sobre a terra" (9:12-17).

Tradução de Aladino: "E falou a Santidade: Este é o sinal da aliança que interponho entre mim e vós, e entre toda a pessoa vivente que está convosco, por eras perenes. O meu assistente ponho num sino, e ficará por sinal da aliança entre mim e a Terra. E ficará em meu sino, o sino sobre a Terra, e será visível o assistente no sino. E lembrar-me-ei da aliança que há entre mim e vós e entre toda a pessoa vivente em qualquer corpo, e não haverá mais águas para um dilúvio, para destruir todo o corpo. E ficará o assistente no sino, e o verei para lembrança da aliança perene entre o Santíssimo e toda a pessoa vivente em qualquer corpo que esteja sobre a terra".

"O texto acima fala por si só. Nem seria necessário dizer que um arco-íris não poderia ser sinal para que Deus se lembrasse dos viventes, a fim de evitar-lhes uma catástrofe. O arco-íris só aparece quando está chovendo e geralmente depois do fim da chuva. Como poderia ele evitar que chovesse? O que Deus colocou foi um satélite tripulado para coordenar a meteorologia. Já tivemos a oportunidade de ver e mostrar às pessoas que estavam conosco, em São Paulo, ao ameaçar cair a maior tempestade, aparecer um disco voando baixo e a grande velocidade, a fim de ordenhar a carga eletrostática da atmosfera, impedindo desta maneira que se consumasse a

catástrofe. É um fato simples que demanda apenas conhecimentos de navegação e de eletrostática aplicada à meteorologia".

Tradução convencional: "E acrescentou: não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e viver. Disse mais: Eis um lugar junto de mim, e tu estarás sobre aquela pedra. Quando passar a minha glória, eu te porei na concavidade da pedra, e te cobrirei com a minha direita, até que tenha passado. Depois tirarei minha mão e me verás pelas costas; mas meu rosto não o poderás ver". (Êxodo 33:20-23).

Tradução de Aladino: "E falou: não poderias ver o meu rosto, porque não me vê um homem, então vivo. E falou Deus: Então há um lugar comigo, e pararás sobre a torre. E será que, ao passar o meu barco, então te porei na nacela da torre, e cobrirás o meu apoio sobre ti enquanto me locomover. E retira o apoio, e olharás as minhas costas, e de frente não me verás".

"Deus está numa nave. Moisés quer conhecê-la e pede ao Senhor que a mostre. Deus o introduz na nacela da nave, fazendo-lhe, porém, uma observação para que se cobrisse enquanto ele passasse a fim de não ser visto o seu rosto. Esta cena é absolutamente banal para nossos dias. Os tradutores, contudo, não podiam imaginá-la, mas puderam imaginar uma outra despida de todo o nexo. Ora, como Deus poderia mostrar-lhe sua glória? Para que colocaria Deus a Moisés numa pedra e para que o introduziria mais ainda dentro da cavidade? Precisaria ele ficar ali escondido enquanto passasse a glória de Deus? Seria a sua glória um ser concreto? Vejam como de um fato banal e cotidiano os tradutores puderam fazer uma monstruosa fantasia! Fantasia de que Moisés falava com um espírito, e ainda mais: ele via um espírito face a face! Fantasia de que um espírito precisaria de uma nuvem a fim de poder aparecer enquanto estivesse oculto!".

Aos demais textos do Pentateuco, Aladino aplicou os mesmos critérios, apontando os absurdos das traduções incoerentes e sem nexo. Indo aos extremos do tecnicismo, admoestou: "Se nós, homens do século XX, já dispomos de máquinas aéreas, e até já saímos da atmosfera em gigantescos foguetes, não teria Deus outros meios mais evoluídos? Como pretendem os pregadores de religião convencer-nos de que estão falando sério? E quem poderia aceitar um livro que contivesse tais absurdos como verdadeiros?". Por fim, concluiu que "...felizmente, errados estão os doutrinadores e as traduções, não o livro que é de uma coerência científica acima de qualquer suspeita. Não é do livro que se deve suspeitar. A *Bíblia* falou a verdade, quem não falou foram os tradutores e principalmente os seus pregadores, que transformaram um livro científico em instrumento de seus propósitos". Indiretamente, Aladino identificou a figura do comandante da nave com quem se encontrou pela primeira vez em 1952 na serra de Angatuba, com o Deus dos hebreus: "Assim, uma das palavras que muito embaraço causou aos tradutores, que indistintamente a verteram para Deus, foi *Tiufan* que também se pronunciava *Tiufas*, que corresponde à pronúncia tupi-guarani de *Tupã*. Os judeus hoje a pronunciam Jeová *ou Jawé*. Os povos da Letônia corromperam a palavra para *Devas*, os finlandeses para *Kave* e os gregos para *Diopois*, que é Júpiter, ou o comandante, chefe, dirigente. Realmente a palavra é, muitas vezes, comandante, (como em Gênesis 13), em que o chefe de um grupo é chamado de *Tiufan*. em outros lugares é divino, visto ser esta palavra uma corruptela de *Tiufan*. Portanto, em lugares onde foi traduzido por Deus da religião, também pode ser substituído por divindade da religião, ou simplesmente dirigente ou comandante de um grupo".

Dentre os profetas antigos ou modernos, certamente nenhum conquistou a imaginação do público como Nostradamus, forma latinizada do sobrenome de Michel de Nostre-Dame, médico e astrônomo francês nascido em Saint-Remy, Provença, em 14 de dezembro de 1503. Dentre os cultivadores da tradição profética, certamente nenhum deixou-se influenciar tão fortemente pelo seu teor quanto Aladino, a ponto de encontrar referências à sua própria vida e pessoa. Preparando o terreno para os fatos mirabolantes que em breve iriam eclodir — boa parte deles instados por

ele próprio —, Aladino lançou em 1965 pela mesma São Paulo editora, *As centúrias de Nostradamus*, que, como o *Pentateuco*, foi anunciado como uma tradução direta do texto original, nesse caso do provençal.[590] Curiosamente, o contatado Alberto Sanmartin, que aliás fora colega de Aladino, publicou no mesmo ano o livreto *Profecias de Nostradamus sobre o grande rei*.[591] É quase certo que o verdadeiro autor da obra era mesmo Aladino. Edgar Alves Bastos nos assegurou que Sanmartin apenas emprestou o seu nome.[592]

Nostradamus pertencia a uma família de judeus ilustres que legou à França vários médicos de renome. Seu pai foi notário e o seu avô astrônomo e droguista. A fase estudantil foi acidentada, com interrupções que retardaram a graduação em Medicina. Estudou em Avinhão e na Escola de Medicina de Montpellier, de onde teve de sair por causa da peste que grassava entre 1525 e 1529. Devido a falta de profissionais ante o surto epidêmico, clinicou em Narbona, Toulouse e Bordeaux sem ainda ser diplomado. Terminado aquele período, regressou a Montpellier e finalmente graduou-se. Em seguida, chamado pelo seu amigo Escalígero, foi para Agen onde abriu um consultório. Fez fortuna como médico, exercendo a profissão com rara presteza, especialmente por ocasião das epidemias. Casou-se com Adriette de Loubejac, natural de Aden, com a qual teve dois filhos. Mas apesar de seus conhecimentos, não conseguiu evitar a morte de sua esposa e seus filhos. Amargurado com tamanho infortúnio, resolveu viajar. Durante 10 anos percorreu diversas localidades. Em 1544, contraiu segundas núpcias com Ana Ponsarde, natural de Salon. Um ano depois, estourou nova epidemia. As autoridades de Aix e de Lyon convocaram seus serviços médicos. O surto parecia incontrolável, e todos os esforços para detê-lo pareciam vãos. Com um novo remédio que inventou, Nostradamus conseguiu debelar a peste. Começou aí a sua odisséia. O êxito no combate à epidemia despertou a inveja de seus colegas médicos que desfecharam tremenda guerra contra ele. Amargurado, retornou à cidade onde residia. Desgostoso com a atitude de colegas que lhe invejavam o favor público, retirou-se a uma vida solitária, dedicando-se às fórmulas farmacêuticas. Publicava-as, atribuindo-lhes propriedades ocultas. Escreveu várias obras, a princípio médicas, dentre as quais *Traité des fardements* (Lyon, 1552); *Le remede très utile contre la peste et toutes fièvres pestilentielles* (Paris, 1561); *Traité des singulières recettes pour entretenir la santé du corps*; *les confitures*; *Opuscule de plusieurs exquises recettes* (Lyon, 1572). Foi nessa época de quase absoluto recolhimento e desgosto, em que se distraía escrevendo, que lhe surgiu o dom da profecia, levando-o a publicar aos poucos o seu famoso *Almanaque*.[593]

A forma como foram escritas as profecias sempre ofereceu margem à controvérsia. Os astrólogos se aproveitam de seu imenso prestígio afirmando oportunisticamente que ele fora astrólogo. Aladino refuta isso com veemência, citando Vicente Seve de Beaucaire, que em 19 de março de 1605, ao apresentar ao rei Carlos IX uma das centúrias, escreveu: "Recueillies des

---

[590] Nostradamus escreveu em provençal, que era uma mistura de francês e português, o que resultou em alguma dificuldade na tradução, não no sentido do texto, como asseverou Aladino, mas em seguir a língua palavra por palavra. Nem sempre lhe foi possível acompanhar a conjugação correta dos verbos. Justificou Aladino: "Os tempos dos verbos, usados naquela língua, nem sempre se coadunam com a atual forma portuguesa [...] A língua em que ele escreveu tornou-se um grande entrave. Nem mesmo homens que nasceram na França e que cursaram Universidade têm-se revelado capazes ao menos de ler o texto provençal. Hoje pomos ao alcance do povo as palavras do grande e ilustre vate. Sendo a primeira versão em nossa língua, é possível que se encontrem nela muitas imperfeições" (Dinotos, Sábado. *As centúrias de Nostradamus*, São Paulo, São Paulo Editora, 1965, p. 9). Fernando Grossmann sugeriu-nos em carta datada de 4-5-1997, que "O provençal provavelmente seria indicativo de ligações com o 'Graal'. É interessante lembrar também, de que apesar das declarações de Nostradamus, de que usou o 'método espírita' para elaborar as 'centúrias', acho mais provável, pelo fato dele ser judeu, que tenha usado de fato o 'Método Cabalístico' ou seja, a Cabala judaica".

[591] Sanmartin, Alberto. *Profecias de Nostradamus sobre o Grande Rei*, São Paulo, [s.n.], 1965; Programa de Comutação Bibliográfica (Comut), Unibibli/CD-ROM/82802, UC CM000574757, Biblioteca da Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

[592] A vida do espanhol Sanmartin (1917-1982), confundiu-se com uma pedra. Não uma pedra qualquer, mas uma pedra com nove símbolos gravados deixada em suas mãos por um "embaixador das estrelas" de cabelo claro, longo e abundante — praticamente idêntico ao tipo descrito por Adamski — na madrugada de 17 de novembro de 1954, entre às 2 e 2h30min, na célebre Puente de los Franceses, que atravessa um barranco bastante amplo na estrada da Coruña, em Madrid, perto da Praça de Moncloa.

[593] Dinotos, Sábado. *As centúrias de Nostradamus*, São Paulo, São Paulo Editora, 1965, p. 5-6.

memoires du feu maistre Michel Nostradamus, vivant medecin du roy Charles IX, et l'un des plus excellens astronomes qui furent aimais". O próprio Nostradamus diz na centúria VI: "Qmnesque astrologi, blenni, barbari procul sunto".[594] Acerca das convicções religiosas do profeta, Aladino ressalvou que apesar dos comentaristas das centúrias apresentarem-no, com muita insistência, como um devotado cristão, na verdade "era judeu sincero e o continuou sendo. Foi homem de terrível coerência e destemor em uma época que, o simples fato de não ser cristão significava a morte nas fogueiras. Exatamente porque a sua obra era profundamente contra o cristianismo, mais tarde Roma o amaldiçoou e mandou queimar tantos livros dele se encontrassem. Porém, amaldiçoando-o, elevou-se a venda dos livros — pois o povo sempre gostou de ler obras amaldiçoadas. Foi a mais interessante propaganda que Nostradamus conseguiu".[595]

A primeira edição de sua obra máxima, *As centúrias*, apareceu em Lyon em 1555. Essa não continha mais do que sete centúrias. Não obstante a linguagem enigmática e obscura de seu trabalho, ao qual o vulgo praticamente não tinha acesso, sua popularidade cresceu assustadoramente a ponto de ser chamado à corte por Catarina de Médicis. Ela o respeitava e o temia. Em 1558, Nostradamus publicou nova edição das *centúrias*, acrescentando mais três às já existentes. Foi nessa época que ele, finório bajulador da corte, publicou a célebre carta a Henrique II, que começou a escrever em 14 de março de 1557 e concluiu em 27 de junho de 1558, período em que compôs as quadras das três centúrias complementares. Sua reputação de profeta se consolidou com a morte de Henrique II. Nostradamus havia publicado, na centúria 1:35, que, num torneio a lança, o olho do rei seria furado, e que morreria em conseqüência disso — o que de fato aconteceu conforme se interpretou. Desde então a nobreza achou de bom alvitre dar honras ao profeta. Provavelmente tangidos pela superstição e pelo medo mórbido que se conferia a um homem possuidor de poderes transcendentais. Ou talvez tudo não passasse de um bem planejado expediente maquiavélico para angariar o apoio das massas. A fama popular e o prestígio que desfrutava junto a corte foram os escudos que o protegeram das chamas da Santa Inquisição, já que "as suas quadras, veladas por um véu por demais transparente, eram um libelo assacado contra o cristianismo e atirado à face de Roma". Roma soube esperar, mas nunca soube perdoar. Em 1781, cessado o eco ensurdecedor de sua popularidade, o clero condenou as obras. *As centúrias* foram amaldiçoadas e cassadas para servir de combustível às fogueiras. Uma parte porém chegou até nós, com as últimas centúrias mutiladas, faltando quase que todas as quadras. Nostradamus expirou em 2 de julho de 1566. Morreu de gota. Foi sepultado na igreja do Convento de Cordeliers. Durante muitos anos o seu túmulo foi visitado por personalidades ilustres, tais como Luiz XIII e Luiz XIV. Verdadeiras romarias se formavam para render homenagens aos restos mortais do ilustre vate. Destarte, a fúria sanguinária da Revolução Francesa, em 1791, nem sequer respeitou os seus despojos, e o seu túmulo foi profanado. Em virtude disso, seus ossos foram transferidos para Salon e depositados na Capela da Virgem, na igreja de Saint-Laurent.[596]

As profecias não podem ser interpretadas sem que se leve em conta o fato de que Nostradamus era judeu de origem e de ideais. Suas quadras refletem a sua fé e as suas esperanças, as mesmas que ainda hoje demonstram os judeus que crêem e esperam. Desde a dispersão das tribos os judeus aguardam a vinda do messias, do rei Davi reencarnado. "E é essa crença quase que todo o fundamento profético das centúrias. A preocupação de Nostradamus foi indicar o lugar, a época e as circunstâncias em que o Grande Rei surgiria. Com esse propósito em mente, desceu às minúcias, chegando a indicar o seu nome, os membros de sua família, sua profissão, suas condições sociais, seus amigos e inimigos, suas virtudes e seus defeitos", asseverou Aladino, convicto de que "o Grande Rei seria brasileiro, paulista, escritor, de origem

594 "Que todos os astrólogos, estúpidos, bárbaros, de longe estejam".
595 Dinotos, Sábado, op. cit., p. 6.
596 *Ibid.*, p. 6-7.

humilde, humilhado pelos homens de sua época. Iniciando o seu trabalho em São Paulo, estender-se-ia através do mundo inteiro. Teria lutas terríveis para implantar a ordem divina na Terra. Por fim conseguiria o seu objetivo, e a sede do governo mundial seria posta em Jerusalém". Oculto sob o pseudônimo de Sábado Dinotos, Aladino anunciava em grande estilo que o messias não era ninguém menos do que ele próprio.[597]

Certo de que os tempos eram chegados, recorre a história e invoca o quadro político em voga: "Um leitor menos avisado em assuntos de história não aceitaria estas indicações geográficas, visto que, aparentemente, Nostradamus insinuou que o Grande Rei seria francês — ou por outra, nasceria em província francesa. Por isso, tornam-se necessárias algumas referências à história: O rei da França, naquela época, era Henrique II. Esse rei, influenciado pelo almirante Coligny, ordenou a invasão do Brasil. Em 1555, a esquadra francesa, sob o comando de Nicolau Durand de Villegaignon, invadiu o Brasil. O objetivo francês era fundar no Brasil a 'França Antárctica', onde viveriam os protestantes calvinistas — pois Coligny, o idealizador e planejador da invasão, era protestante. Villegaignon tomou a ilha de Sergipe e construiu o Forte Coligny em homenagem ao famoso almirante francês, e tomou as providências para estabelecer *Henriville*, uma cidade em honra a Henrique II. Villegaignon, homem perspicaz, conseguiu captar a simpatia de Cunhambebe, cacique dos Tamoios. Só em 1560 os franceses foram expulsos em conseqüência dos esforços de Mem de Sá, coadjuvado pelo padre Nóbrega que comandava a coluna paulista. Ora, Nostradamus foi um grande amigo do almirante Coligny. Conhecia todo o plano de invasão contra o Brasil. Villegaignon invadiu o Brasil em 1555, no mesmo ano em que Nostradamus publicou *As centúrias*. Em 1558, Nostradamus deu a público a segunda edição de sua obra, corrigida e ampliada — e só em 1560 os franceses foram batidos e expulsos. Portanto, Nostradamus deu a pública a segunda edição de sua obra no período em que todo o sul brasileiro estava sob o jugo francês. Para todos os efeitos, o Brasil era uma colônia da França. É óbvio que Nostradamus, homem ligado à corte, não iria fazer profecia contrária aos interesses do trono que o protegia. Assim é que, ao profetizar o estabelecimento de um rei mundial, apresentou o rei indicado como um homem que nasceria em 'província francesa'. Esses elementos históricos, nem sempre lembrados, faltaram aos que pretenderam interpretar a obra do ilustre vate. Além disso, o Grande Rei, segundo Nostradamus, nasceria numa cidade chamada Lorena. Ninguém poderia imaginar que a Lorena, a qual o profeta se referiu, fosse outra além daquela da França; ninguém se lembraria de que há uma Lorena no Estado de São Paulo, fundada muito depois que Nostradamus morreu. Em vez de fornecer datas acerca do aparecimento do personagem profetizado, Nostradamus adotou outro sistema de indicação: indicou as obras que seriam feitas pelo rei profetizado; indicou os nomes dos políticos e governantes que estariam de posse do poder quando o 'Grande Rei' iniciasse o seu trabalho. Os governos, por ele apontados, são os atuais, a época de crise econômica, que coincidiria com tais acontecimentos, estamos atravessando no momento. Ele fala do atual governo brasileiro e dá-lhe o nome; fala acerca do governador da Guanabara, fala do governador de São Paulo e do vice-governador atual, que substituiria o governador. Por conseguinte, Nostradamus não escreveu um livro profético para todos os países, para todos os séculos e para todas as época. Escreveu-o para o Brasil, para o instante que o Brasil está vivendo agora; escreveu-o visando um homem de sua raça e pela sua raça esperado; escreveu-o como um testemunho eloqüente de sua fé judaica. Fez das *centúrias*, antes de tudo, um livro muito brasileiro, revelando que a sorte do mundo e do milênio de paz mundial, que é aguardado, dependerá dos acontecimentos que se desenrolarão no Brasil de agora em diante. Oxalá ele esteja certo!".[598]

---
[597] *Ibid.*, p. 7-8.
[598] *Ibid.*, p. 8-9.

Traduzindo e interpretando as quadras como lhe convinha, Aladino buscava deliberadamente referências cabais à sua pessoa, o próprio messias anunciado:

*D'un nom Falouche tel profere sera,*
*Que les trois soeurs auront fato le nom:*
*Puis grand peuple par langue et faict dira,*
*Plus que nul autre bruit et renom.*[599]

"*Falouche* é o nome do rei universal, esperado pelos israelitas. É a forma que os franceses da idade média pronunciavam o nome dado em Isaías, capítulo 9, onde diz que o *Menino* seria chamado *Félech*, que é Maravilhoso. O rei teria três irmãs que seriam chamadas pelo nome do rei. Depois o grande povo disperso, que constituiu a Europa, seria chamado também por um nome semelhante, que é *Félichen*, ou Israel vulgarmente. Mais que nenhum outro o rei terá fama e renome."

*Les Atomiques par Agen et l'Estore,*
*A sainct Félix seront leur parlament:*
*Ceux de Basas viendront à la mal'heure,*
*Saisir Condon et Marsan promptement.*[600]

"Félix é um nome que significa Israel (*Félichen*). A verdadeira pronúncia em hebraico primitivo era *Félichen*, que os alemães diziam *Welechen*, designação dada ao povo celta e ao Vulcão mitológico. Os gregos o chamavam de *Hefaísto*, que quer dizer Fausto, nome que em latim também significa feliz. Mas, em Isaías, Deus disse que o seu *chábad* (servo) chamar-se-ia *Félichen*, que traduzido é *Félix*. Portanto, Félix seria um dos nomes do Grande Rei. Com referência à palavra francesa *Condon*, trata-se de uma corruptela do latim *Conton, Contonat* — apelido de Júpiter Tonante, que é o mesmo Davi (*Dzábid*), que viria para reocupar o seu trono". Aladino pretendia a restauração do "Reino de Félichen", que estaria condicionado a reunificação das tribos e a sua identificação.

*L'Enfant naistra à deux dents en la gorge,*
*Pierres en Tuscie par pluy tomberont,*
*Peu d'ans apres ne sera bled ni orge,*
*Pour saouler ceux qui de faim failliront.*[601]

"O 'Menino' aqui referido é o mesmo do qual se diz na quadra 3:55, que nasceria em meio lusitano, e o mesmo, também, chamado de giboso na quadra 3:41. Na quadra 2:7 há outra referência a esse homem de 'dois dentes', que nasceria numa ilha (o Brasil). Menino, como já comentamos, é a tradução de seu nome, que em hebraico é *Aladen*. Quando à expressão 'dois dentes' é um de seus apelidos, que seria *Denoth*. Quando ele assumir o poder, a situação financeira do país será encontrada em estado de caos, com pessoas morrendo de fome, cabendo-lhe a reestruturação de sua pátria". Uma das características físicas mais marcantes na figura de Aladino era justamente seus dois dentes incisivos frontais projetados para fora, conforme vemos retratado em fotos e caricaturas.

---

599 "De um nome Falouche o tal será chamado,/ Que as três irmãs terão o destinado nome:/ Depois o grande povo por língua e de fato dirá./ Mais que nenhum outro terá fama e renome" (centúria I, quadra LXXVI, p. 33).
600 "Os atômicos por Cordeiro e Lâmpada,/ Com o Santo Félix terão sua palestra:/ Esses de Basas virão em má hora,/ Agarrar o Tonante e Marcial prontamente" (centúria IV, quadra LXXII, p. 116).
601 "O menino nascerá com dois dentes na garganta,/ Pedras em Tuscie por chuva tombarão./ Poucos anos depois não terão trigo nem cevada/ Para vender, Esses que de fome cairão" (centúria III, quadra XLII, p. 80).

*Entre plusiers aux isles deportez,*
*L'un estre nay à deux dents en la gorge:*
*Mourrant de faim les arbres esbrotez,*
*Pour eux neuf Roy, nouvel leur forge.*[602]

"A pessoa que nascerá com 'dois dentes na garganta' é o Grande Rei, que nascerá numa ilha, talvez o Brasil, que na época de Nostradamus era chamado de Ilha. Dois dentes é uma figura citada na profecia de Gênesis 49:12, que se refere ao Reunificador do povo santo. Em hebraico era *Tinoth* ou *Dinoth*. Quando no país houvesse uma grande crise econômica, o rei assumiria o governo".

*Tout aupres d'Aux de Lestore et Mirande,*
*Grande feu du ciel en trois nuits tombera,*
*Chose adviendra bien stupende et mirande,*
*Bien peu apres la terre tremblera.*[603]

"A palavra *lestore*, que traduzimos por lâmpada, em outros pontos das centúrias é *estore*. Ora, a palavra hebraica, que atualmente os judeus pronunciam *nor*, *norá*, lia-se *choir*, com o ch gutural — termo que serviu de raiz para cera. Em hebraico era candeia ou lâmpada de qualquer espécie — donde as estrelas eram consideradas lâmpadas celestes e passaram a chamar-se *schoir*, *stoile*, etc. Os judeus da Idade Média corrompiam a palavra *choir* para *toir*, *stoir*, *estoir*, que Nostradamus dizia *estor*. Com relação à palavra *mirande*, é uma expressão latina que significa maravilhoso. 'Lâmpada Maravilhosa' é uma maneira de Nostradamus referir-se ao 'Grande Rei', que dominaria a Terra, em virtude da promessa de Deus feita a *Sábid* (Davi), de que seria posta uma lâmpada sobre o seu trono, devendo o próprio Davi nascer de novo nessa época. Outrossim, Nostradamus, ao usar essas palavras, dá a entender que o nome do Rei seria o mesmo aquele da história das 'Mil e uma Noites',[604] do menino e a Lâmpada Maravilhosa. Quando ele aparecesse, logo em seguida viria a guerra".

*L'oeil de Ravena sera destitué,*
*Quando a ses pieds les aisles sailliront:*
*Les deux de Bresse auront constitué;*
*Turin, Verceil que Galois fouleront.*[605]

"O olho de Ravena sempre foi reconhecido como sendo a figura do papado e do cristianismo, que Nostradamus afirma que será destituído. Isso aconteceria quando aparecessem as asas perto de seus pés. As asas aqui referidas são uma decorrência do que se acha em

---

602 "Entre muitos nas ilhas transportados,/ Aquele nascerá com dois dentes na garganta:/ Morrendo de fome, as árvores desbrotadas,/ Para eles o novo Rei, novo édito lhes forja" (centúria II, quadra VII, p. 42).

603 "Tudo por perto da caverna da Lâmpada e Maravilhosa,/ Grande fogo do céu em três noites cairá:/ Causa virá bem estupenda e maravilhosa,/ Bem pouco depois a terra tremerá" (centúria I, quadra XLVI, p. 25).

604 Coleção de contos árabes (*Alif lailah wa lailah*) compilados entre os séculos XIII e XVI. O rei persa Schariar, vitimado pela infelicidade de sua mulher, mandou matá-la e resolveu passar cada noite com uma esposa diferente, que mandava degolar na manhã seguinte. Recebendo como mulher a Scheherazade, esta iniciou um conto que despertou o interesse do rei em ouvir a continuação na noite seguinte. Scheherazade, por artificiosa ligação dos seus contos, conseguiu encantar o monarca por mil e uma noites, ao fim das quais deu à luz um filho e foi poupada à morte. Os principais contos são: *O mercador e o gênio*, *Aladin e a lâmpada maravilhosa*, *Ali-Babá e os quarenta ladrões* e *Simbad, o marinheiro*. Essa coletânea foi revelada ao mundo ocidental em 1704 pelo orientalista francês Antoine Galland, numa tradução expurgada e adaptada ao gosto da época, e que obteve êxito imediato e universal. Não existe texto fixo para a obra completa, variando o seu conteúdo de um manuscrito a outro, mas em todos figuram alguns dos contos mais conhecidos, como os citados acima.

605 "O olho de Ravena será destituído,/ Quando a seus pés as asas sairão:/ Os dois do Brasil terão constituído,/ Turim, Verceil que os Gauleses espesinharão" (centúria I, quadra VI, p. 12).

Malaquias 4:2, onde se lê que o rei, que seria o 'Sol da Justiça', seria um ser alado. O Rei sairia do Brasil, aqui denominado *Bresse*, que em francês antigo era *brasa*. Mas o rei estaria apoiado por um outro brasileiro. Portanto, o rei sairá do Brasil, será de sangue lusitano. A palavra *galois* do último verso também se traduz por *leviano, estroina*".

*Par les Phisiques le grand roy delaissé,*
*Par sort non art de l'Ebrien est en vie.*
*Luy et son genre au regne hault poussé,*
*Grace donnee à gent Christ envie.*[606]

" 'Hebreu' é um dos escritos do rei, de estilo próprio, referido no verso terceiro. O rei não só é escritor, mas tem trabalho no ramo da física — e os físicos fazem-lhe pouco caso. Em outras quadras vê-se que o trabalho do rei é a 'luz perpétua', cujo segredo ele descobre".

*Par l'univers sera faict un monarque,*
*Qu'en paix et vie ne sera longuement;*
*Lors se perdra la piscature barque,*
*Sera régie en plux détriment.*[607]

"Nostradamus revela a sua esperança judaica de que o mundo seja regido por um rei universal, cujo domínio, segundo a linguagem bíblica, estenderia a sua influência de um mar a outro, dominando o globo inteiro. Esse rei seria Davi, que reencarnaria no Brasil. No desenvolvimentos destas centúrias, Nostradamus dá os dados referentes a ele, dizendo ele é o mesmo Júpiter Olímpico, Júpiter Tonante, etc. Quando esse rei fosse levado ao trono, a barca pescadora, símbolo do cristianismo, naufragaria. Significa que o rei universal fará com que a lei de Moisés seja obedecida em toda sua extensão".

Sobre a data de nascimento do messias, Aladino encontra uma fórmula que resulta num denominador comum:

*Vingt ans du regne de la lune passez:*
*Sept mil ans; autre tiendra sa monarchie.*
*Quand le soleil prendra ses jours laissez,*
*Lors accomplit a fine ma Prophecie.*[608]

"O reino da Lua terminou em 1º de março de 1920, quando se completam as 2.300 tardes e manhãs da profecia de Daniel, ou sejam 2.300 anos lunares que se iniciaram em 1º de setembro de 312 a.C. com a Era dos Salêucidas. Nessa data deveria ter nascido o Reformador, a quem Nostradamus chama de Grande Rei. É ele mesmo os 'sete mil anos', pois Nostradamus o chama de 'Sábado', o que dominaria durante o sétimo milênio, que se inicia em abril de 1973. Depois de 20 anos lunares após o seu nascimento, veio a Grande Guerra, em 1939. Mais 20 anos lunares, em 1959, e ele iniciaria o seu trabalho: 20 anos depois passaria a outra monarquia. Na centúria VI, quadra II, Nostradamus menciona que ano 580 mais ou menos, um século bem estranho teria início". O ano seria uma abreviação do ano 5580 do calendário judaico, que corresponderia a 1819/1820 do calendário gregoriano. "Na realidade, o século bem estranho começou a ser

606 "Pelos físicos o grande Rei é desprezado,/ Por sorte, não arte, do Hebreu está em vida/ Ele e o seu estilo. No alto reino possuído,/ Graça dada, à gente Cristo envia" (centúria VI, quadra XVIII, p. 156).
607 "Para o Universo será constituído um monarca,/ Que em paz e vida não estará longamente;/ Então naufragará a barca pescadora,/ Estará regida no maior detrimento" (centúria I, quadra IV, p. 12).
608 Vinte anos do reino da Lua passados;/ Sete mil anos; outro assumirá sua monarquia./ Quando o Sol deixar seus dias cansados,/ Aí se realiza por fim minha profecia (centúria I, quadra XLVIII, p. 25-26).

esperado em 1816/1817, quando as multidões aguardavam o próximo advento de Jesus e pessoas ardorosas se constituíram em pregadores, fundando o adventismo. Tomaram como base a profecia de Daniel acerca das 2.300 tardes e manhãs, que, para, eles, terminaram em 1844".

Aladino encontra até mesmo o nome de familiares e amigos próximos citados em algumas profecias:

*Du bourg Lareyne parviendront droit a Chartres*
*Et seront pres du pont Anthoni pause,*
*Sept pour la paix cauteleux comme Martres,*
*Feront entree d'armee à Paris clause.*[609]

"*Lareyne*, palavra provençal que corresponde ao francês *Lorraine*, é Lorena, da qual proviria o rei, que no verso terceiro é *Sept*. *Martres* é provençal, correspondendo ao francês *Martre* e *Marte*, que é Marta, nome feminino ou um mamífero roedor assim designado. O casal real é Sept e Marta". O nome da esposa de Aladino era Marta.

*Passer Guienne, Languedoc et le Rosne,*
*D'Agen tenans de Marmande et la Roole,*
*D'ouvrir par foy parroy, Phocen tiendra son trosne,*
*Conflict aupres sainct Pol de Manseole.*[610]

"*Roole* é uma corruptela do latim *reor*, que é imaginar, cuidar, crer, ter fé, julgar, termo do qual se originou o nome Raul. 'De abrir por fé parede' é um recurso usado por Nostradamus para indicar a raiz do nome referido. Esse nome é de um dos filhos do rei, que morará na Fócida, a comarca da Grécia onde se situavam o Parnaso, o templo de Delfos e o oráculo de Apolo. São Paulo de Mansueto significa Mansueto de São Paulo, como a dizer que esse filho do rei nasceria nessa cidade. Esse mesmo nome se encontra em outras quadras como sendo o que identifica o Salomão, filho de Davi. *Marmande* significa brilhante, estrela brilhante, apelido em uma quadra anterior". Raul e Mansueto eram os nomes dos filhos de Aladino.

*Bestes farouches de faim fleuves tranner,*
*Plus part du champ encontre Hister sera,*
*En cage de fer le Grand fera traisner,*
*Quand rien enfant Germain observera.*[611]

"Nostradamus empregou a palavra *Hister* com duplo sentido. *Ister* é o Danúbio na parte da Alemanha, e também é estrela, lâmpada, candelabro. Visto ele ter usado a palavra Germânia, empregou a palavra *Hister*, prefixada do H, que é o antigo hebraico. Porém, como ele se refere também ao Grande, que é o rei a quem ele chama de 'Lâmpada Maravilhosa' nessas profecias, usou também a palavra no sentido de lâmpada ou candelabro. Germânia aqui é uma criança ligada a esse personagem, talvez sua filha". Germânia é nome de uma das filhas de Aladino.

*Par la forest du Touphen essartee,*
*Par hermitage sera posé le temple,*
*Le Duc, d'Estempes par sa ruse inventee,*

[609] "Do burgo Lorena provirão direito a Chartres,/ E estarão perto da ponte. Antônio pára;/ O Sept pela paz é cauteloso como Marta./ Farão entrada de exército, a Paris cláusula" (centúria IX, quadra LXXXVI, p. 240).
[610] "Passar Guiana, Languedoc e o Rosne,/ De Agen dependendo, de Marmande e o Raul,/ De abrir por fé parede, Fócida será seu trono,/ Conflito perto de São Paulo de Mansueto" (centúria IX, quadra LXXXV, p. 239-240).
[611] "Bestas ferozes de fome, rios puxar/ Maior parte do campo. Encontrado o Candelabro será./ Em gaiola de ferro o Grande será levado./ Quando nada a infante Germânia observará" (centúria II, quadra XXIV, p. 47).

*Du mont Lehort prelat donra exemple.*[612]

"*Touphen* é palavra grega, derivado de *touphanes*, forma compacta de *teophánes*, coisa sagrada, teofania divina. Floresta de Touphen é o mesmo que Silvano, o Deus das florestas. *Duc* pode ser duque, como traduzimos, ou juiz e espírito, ambos os significados no jargão judeu do século XVI, que absorveram do grego *dike*, julgamento, e do russo *duk*, espírito. Ora, o grande rei, para os antigos judeus, devia chamar-se juiz, justiça, que era *Dan, Dinoth* — expressões das quais Nostradamus se serviu em suas profecias, e que aqui usou um sinônimo. O rei, pois, se serve de material impresso (estampas) para publicar o seu trabalho. Apoia-o Silvano". De acordo com que nos informou Edgar, Silvano Doll, já falecido, era uma das amizades mais antigas de Aladino, a qual se mantinha desde o início da década de 50.

O conturbado quadro político mundial, dividido entre capitalistas e comunistas, parecia o cenário ideal para o desenlace fatídico dos eventos aguardados:

*Quand la litière du tourbilion versée,*
*Et seront faces de leur manteaux couverts,*
*La république, par gens nouveaux vexée,*
*Lors blanc et rouges iugeront à l'envers.*[613]

"Quando a liteira do turbilhão mundial estivesse tombada, isto é, quando o mundo estivesse no fim, a República estaria deprimida por inexperientes, havendo disputas entre pessoas da corrente branca e da vermelha, que formariam juízos errôneos uns sobre os outros. Vermelhos, evidentemente, são os comunistas".

*Faulx à l'estang ioinct, vers le Sagittaire,*
*En sin hault AUGE de l'exaltation,*
*Peste, famine, mort de main militaire,*
*Le siecle approche de rénovation.*[614]

"*Faux* era a forma provençal do latim *falx*, foice. Estang era, antigamente, martelo, bigorna, tenaz, enfim ferramentas de ferreiro, que deu raiz ao francês moderno *estangues*, tenazes de ferreiro. O Sagitário é a Itália, segundo a classificação feita no capítulo 49 da Gênesis. Evidentemente, 'foice com o martelo' é um referência ao comunismo, que dirigiria uma vigorosa campanha contra a Itália e contra Roma diretamente, por estar nesta última a sede do cristianismo. Quando o comunismo, por feitos notáveis, estivesse no auge, o mundo estaria próximo da renovação predita pela *Bíblia*, que ocorreria ao entrar o sétimo milênio. Pelos dados bíblicos, o sétimo milênio terá início em 11 de abril de 1973. A grande destruição é esperada em 1966, 7 anos antes de iniciar-se o 7º milênio. Há outra interpretação: *Faulx* é o nome do Rei. Instalar-se-á num andar elevado de um prédio chamado 'Martelo', ligado a uma firma chamada 'Sagitário'. Quando isso ocorrer, os militares darão um golpe revolucionário. Está próximo o fim."

Nessa quadra, Aladino já manifestava seu ódio ao lacerdismo, que se materializaria mais tarde de forma contundente:

---

612 "Pela floresta do Toupheni cultivado,/ Por eremitério será posto o templo,/ O 'duque' de Estampas por sua ladinice inventado,/ Do monte do Horto prelado dará exemplar" (centúria IX, quadra LXXXVII, p. 240-241).

613 "Quando a liteira turbilhão tombada,/ Estiverem as faces de sua capota cobertas,/ A república, por gentes inexperientes vexada,/ Então brancos e vermelhos julgar-se-ão ao inverso" (centúria I, quadra III, p. 11).

614 "*Faulx* com o martelo junto, do lado do Sagitário,/ Em seu elevado Andar de elevação,/ Peste, fome, morte por mão militar,/ O século próximo de renovação" (centúria I, quadra XVI, p. 16).

*Dame par mort grandement attristee,*
*Mere et tutrice au sang qui l'a quitee,*
*Dame et Seigneurs, faits enfants orphelins,*
*Par les aspics et par les Crocodiles,*
*Seront surpris forts Bourgs, Chasteaux et Villes*
*Dieu tous puisant les garde des malins.*[615]

"Crocodilos, como se observa na quadra 31 desta centúria, são os que seriam chamados lacerdistas. Estes, como áspides, praticam um horrível crime, matando um homem de bem que deixa uma senhora cheia de filhos. Nostradamus invoca o nome de Deus, rogando que as pessoas fiquem livres desses malignos".

Aqui evidencia-se a predisposição em achacar o cristianismo:
*Le corps sans ame plus n'estre en sacrifice*
*Iour de la mort mis en nativité:*
*L'espirit divin fera l'ame Felice,*
*Voyant le verbe en son eternité.*[616]

"Esta quadra revela o profundo repúdio de Nostradamus ao cristianismo. O corpo sem alma, que não mais seria aceito, é a hóstia e o próprio crucificado. Nem mais seria lembrada a sua morte no dia em que nasceu a nação hebraica ao sair da terra egípcia pela mão de Moisés".

*Un peu de temps les temples des couleurs*
*De blanc et noir, les deux entremeslee.*
*Rouges et iaunes les embleront les leurs,*
*Sang, terre, peste, feu d'eua affollee.*[617]

"Os negros também teriam altos cargos na hierarquia católica — e Nostradamus registra esse caso, parece que com uma ponta de sarcasmo. Os vermelhos e os amarelos também introduziriam seus elementos no clero, os quais se fingiriam de católicos para solapar a Igreja com idéias 'progressistas'. Nessa época viria 'fogo da água', isto é, fogo do hidrogênio".

Sinais celestes — eclipses — foram apontados como presságios da hecatombe:

*Lune obscurcie aux profondes tenebres,*
*Son frere passe de couleur ferrugine;*
*Le grand caché long temps sous les tenebres,*
*Tiendra fer dans la pluie sanguine.*[618]

"Um eclipse total do Sol é o sinal para a chuva de fogo, isto é, a guerra atômica. Esse eclipse, marcado na *Bíblia* em Zacarias 14:6 e 7, será visível na Palestina em 20 de maio de 1966 às 9h42min GMT. Nessa data começa a última 'semana de anos' que terminará em 1973 para começar o sétimo milênio".

---

615 "Dama por morte grandemente entristecida,/ Mãe e tutriz do sangue que a deixou,/ Dama e senhores, transformados em crianças órfãs,/ Pelas áspides e pelos Crocodilos,/ Ficarão surpresos os fortes, burgos, castelos e vilas./ Deus todo poderoso os guarde dos malignos" (centúria XI, quadra XXXV, p. 283).
616 "O corpo sem alma mais não estará no sacrifício,/ O dia da morte posto no nascimento:/ O espírito divino fará a alma *Felice*,/ Manifestando o verbo em sua eternidade" (centúria II, quadra XIII, p. 44).
617 "Um pouco de tempo os templos de cores,/ De branco e negro, os dois entremeados./ Vermelhos e amarelos lhes introduzirão os seus,/ Sangue, terra, peste, fogo de água desatina" (centúria VI, quadra X, p. 154).
618 "A Lua é obscurecida em profundas trevas,/ Seu irmão passa de cor ferruginosa;/ O grande, oculto longo tempo sob as trevas,/ Forjar-se-á ferro na chuva sangüínea" (centúria I, quadra LXXXIV, p. 35).

Os discos voadores não poderiam deixar de estar presentes:

*Un peu devant monarque trucide*
*Castor, Pollux en nef, astre crainite.*
*L'erain public par terre et mer vuidé,*
*Pise, Ast, Ferrare, Turin, terre interdicte.*[619]

"Castor e Pólux são *Sascheli* (*Issacar*) e *Póluch* (*Zebulon*) da *Bíblia*. O primeiro corresponde a Sicília e o povo castelhano o segundo é a Polônia e a Albânia, território entre a Polônia e a Moscóvia, onde hoje é a Lituânia. O astro crinito aqui referido é o *hippeus* dos romanos, uma nave cósmica extraterrena que aparecia antigamente, que aqui Nostradamus diz ser mesmo uma nave".

*Corps sublimes sans fin à l'oeil visible,*
*Obnubiler viendront par ces raisons,*
*Corps, fornt comprins, sans chef et invisibles,*
*Diminuant les sacrees oraisons*.[620]

"Corpos aéreos sublimes passam a ser vistos a olho nu. O aparecimento desses corpos aéreos, cujos comandantes são invisíveis ou não existem, isto é, teleguiados, causa profunda perturbação nas pessoas. A ação desses corpos aéreos será tão notória em favor da humanidade que quase será desnecessário orar".

A guerra nuclear — e conseqüentemente o fim do mundo e a instalação de uma nova era —, era tida como próxima e inevitável:

*Cinq et quarente degrez ciel bruslera,*
*Feu approcher de la grand'cité neuve,*
*Instant grand flamme esperse sautera*
*Quand on voudra des Normans faire preuve.*[621]

"A grande cidade nova é Nova York, que fica a 40 graus e fração. Uma bomba é atirada contra ela. Cai muito próximo, mas não atinge o centro da cidade".

*Sol vingt, de Taurus si fort terre trembler,*
*Le grand theatre remply ruinera,*
*L'air, ciel et terre obscurcir et troubler,*
*Lors l'infidelle, Dieu et saincts voguera.*[622]

"Os fenômenos aqui descritos devem cair num dia que seja 20 de maio, quando o Sol ainda se encontra em Taurus, 29º grau, ou então em um dia 10 de maio, quando o Sol se encontra em 20 graus Taurus. Nesse dia, conforme diz o verso terceiro, haverá eclipse do Sol, e nesse

---

619 "Um pouco adiante o monarca trucida/ Castor, Pólux na nave, o astro crinito./ O erário público, por terra e mar esvaziado,/ Pisa, Asti, Ferrara, Turim, terra interditada" (centúria II, quadra XV, p. 45).
620 "Corpos sublimes, uma infinidade, a olho visíveis,/ Obnubilar virão por essas razões,/ Corpo, fronte incluída, sem comandante e invisíveis,/ Diminuindo as sagradas orações" (centúria IV, quadra XXV, p. 103).
621 "Um quinto e quarenta graus céu queimará,/ Fogo aproximar-se da grande cidade nova,/ Instante grande chama esparsa saltará/ Quando não poderá dos normandos fazer a prova" (centúria VI, quadra XCVII p. 176).
622 "Sol vinte, de Taurus tão forte terra tremer,/ O grande teatro repleto arruinará,/ O ar, céu e terra obscurecer e perturbar,/ Então o infiel, Deus e santos oscilará" (centúria IX, quadra LXXXIII, p. 238).

momento ou nesse dia virá a grande hecatombe terrestre. Se se tratar do dia 20 de maio, então esse acontecimento ocorrerá em 1966, pois nesse dia ocorrerá um eclipse anular do Sol visível na Palestina às 9h42min GMT. Realmente, esse eclipse é assinalado na *Bíblia* como o sinal do fim desta civilização. No dia 20 de maio de 1966 começará a 'semana de preparação', composta de 7 anos de 360 dias, para que tenha início o sétimo milênio em abril de 1973. Todavia, se Nostradamus quis dizer '20 graus Taurus', o dia será 10 de maio de 1994, em que ocorre um eclipse anular do Sol às 17h7min GMT. Não pode ser este dia, pois esse eclipse não é visível em Jerusalém como o exigem as profecias bíblicas. Além do mais, se o fim fosse em 1994, então as profecias bíblicas estariam erradas — pois esse acontecimento estaria ocorrendo 21 anos depois do começo do sétimo milênio. Esperemos, portanto, para maio de 1966". Como é de praxe, os fatos não se desenrolaram nas datas previstas.

De todas as profecias, somente uma única parece ter realmente se cumprido:

*Loing de sa terre Roy perdra la bataille,*
*Prompt eschappé poursuivy suivant prins.*
*Ignare prins soubs la doree maille,*
*Soubs fainct habit et l'ennemy surprins.*[623]

Indicaria essa passagem o prenúncio do fracasso de sua "missão"? Eis uma profecia verdadeira e que no entanto não foi por ele interpretada!

É igualmente espantoso verificar que um dos métodos de tortura a que seria submetido quando de sua prisão e de seu grupo, "o pau-de-arara", foi mencionado numa das quadras, acompanhado de uma menção ao general golpista Castelo Branco:

*De Castillon figuieres iour de brune,*
*De femme infame naistra souverain prince,*
*Surnom de chausses per hume luy posthume,*
*Onc Roy ne fut si pire en sa province.*[624]

"Pau de arara, do provençal *chausses*, é o pau onde fica o papagaio ou a arara. Essa palavra também significava apoio, chinela, calças, calçado. O *Castillon* aqui mencionado é chamado de Castelo Branco em outras quadras".

Por mencionar personagens políticos em suas obras, Aladino despertava suspeitas. O jornal *Folha da Manhã* de 18 de junho de 1966, publicou uma nota informando que Sábado Dinotos foi chamado a comparecer ao DOPS para prestar esclarecimentos sobre suas traduções da *Bíblia* e das *centúrias de Nostradamus*. Em 20 de outubro, a Frente Ampla é lançada em manifesto por Carlos Lacerda, já definitivamente rompido com o regime que ajudou a implantar. Juscelino Kubitschek (em 15 de novembro, Declaração de Lisboa) João Goulart (visita de Lacerda a Montevidéu em 25 de setembro de 1967), parte do MDB, do PCB e até da linha dura aderem a Frente Ampla, que exige redemocratização, anistia, reforma partidária e institucional, assembléia constituinte e retomada do desenvolvimento. Busca catalisar a oposição, conta com vasta cobertura da Imprensa, mas reduzida coesão e presença efetiva.

---

[623] "Longe de sua terra o Rei perderá a batalha,/ Pronto escapa, perseguido, em seguida preso./ Ignaro prende sob a dourada malha,/ Sob falso hábito, e o inimigo surpreende" (centúria VI, quadra XIV, p. 155).
[624] "De Castillon figuras, dia de bruma./ De mulher infame nascerá soberano príncipe,/ Apelido de 'pau-de-arara' para desacreditá-lo póstumo,/ Nunca um Rei foi pior em sua província" (centúria X, quadra IX, p. 247).

Com *A antigüidade dos discos voadores*,[625] o trabalho de Aladino atingia o ponto culminante. O último livro escrito antes da eclosão do movimento messiânico já em curso, lançado pela editora São Paulo em março de 1967, punha termo à longa série de traduções e reconduzia os leitores ao centro da questão, iniciada 10 anos antes com *Contatos com os discos voadores*. A capa ostentava inclusive o mesmo desenho — um disco voador aproximando-se da Terra. O livro antecipava-se a *Eram os deuses astronautas?* de Erich von Däniken, com a diferença de que a maioria dos capítulos, redigidos numa linguagem de caráter doutrinário, quase panfletário, versavam sobre a presença de seres extraterrestres nos tempos bíblicos. Refletindo acerca das concepções desenvolvidas durante aqueles anos, instava a população a atender o seu chamamento: "O mundo, atualmente, embora tema, sente a necessidade de uma intervenção extraterrestre comandada por Deus. E, bem no fundo de sua consciência, sabe que a intervenção virá infalivelmente. Será na hora final, quando tudo já parecer perdido. Não virá para apaziguar os ânimos, mas virá como um poder mais forte para destruir os poderosos da Terra. Isso ficou escrito na *Bíblia*. Foi chamado de o 'Dia de Deus'. Lugar de aterrissagem: Jerusalém. Data: 7 de maio de um ano que não se sabe ao certo".[626]

No espaço sideral, a guerra estaria sendo travada entre duas facções contrárias de seres interplanetários.[627] Uma, representando os ensinamentos do Velho Testamento, teria sua base em Júpiter — não por acaso o local de origem do comandante do disco voador —; outra, da qual teria derivado o Novo Testamento, procederia de Vênus, que seria o Lúcifer da tradição hebraica e latina, que se rebelou contra as disposições divinas.[628] "Um poder extraterrestre pretende arrebatar do homem o domínio do planeta. *Heshu* (cobra) é então o chefe desse movimento. Pessoalmente vem e engana a humanidade desde o Paraíso, até que, no futuro, venha a restauração — no derradeiro fim — acompanhada de uma guerra devastadora e depois da qual poucos homens restarão. A parte contrária, protetora do homem, interveio já naquela época. Vendo-se frustrados em seus propósitos, o ambiciosos tentaram uma segunda manobra: desceram e uniram-se às mulheres da Terra, gerando filhos e formando uma raça mestiça, de tal modo que eles, indiretamente, ficaram com o domínio do planeta.[629] Durante 120 anos, de 2414 a 2294 antes de nossa era, eles povoaram e dominaram a Terra. Era de se pensar que esses homens, de tão alta civilização, criassem na Terra uma 'Era de Saturno' onde, ao lado da prosperidade, houvesse paz e justiça. Ao contrário. Prevalecendo sobre os seres terrestres, estabeleceram apenas a violência e a injustiça. No deserto do Saara há pinturas que mostram o tipo que tinham. Aparecem empunhando lançadores de foguetes de guerra. No fim dos 120 anos, em 2294, veio o Dilúvio, e eles pereceram afogados como qualquer um dos mortais que existiam. Terminara a maléfica aventura interplanetária contra nós, naquela época, para iniciar-se, outra vez, com o advento de nossa era. Vivemos os derradeiros dias da terceira aventura. Outra vez serão eliminados, restando apenas os vestígios do mal que causaram ao nosso planeta".[630]

"Não é um segredo tão oculto a existência dessa luta, as razões que a movem e os que a dirigem...".[631] O cidadão comum, porém, restrito à simplicidade de sua vida, nem ao menos

---

625 Um exemplar me foi presenteado por Raul Félix.
626 Dinotos, Sábado. *A antigüidade dos discos voadores*, São Paulo, São Paulo Editora, p. 103.
627 "Por esses motivos", alertou Aladino, "aconselha-se prudência a muitas criaturas afoitas, que vivem a buscar um contato direto com essas inteligências como se buscassem um bate-papo com um amigo contador de piadas na porta de um botequim. Dentre tais pessoas estão muitas que se dizem 'sérios investigadores' e que dão célebres entrevistas na televisão. Que se precavenham!" (Dinotos, Sábado, op. cit., p. 72.
628 Dinotos, Sábado, op. cit., p. 17.
629 "Ora, tendo os homens começado a multiplicar-se sobre a terra, e tendo gerado filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que, dentre todas lhe agradaram. [...] Ora, naquele tempo, havia gigantes sobre a terra. Porque depois que os filhos de Deus tiveram comércio com as filhas dos homens, e elas geraram filhos, estes foram homens possantes e desde há muito afamados" (Gênesis, 6:1-2; 4).
630 Dinotos, Sábado, op. cit., p. 44.
631 *Ibid.*, p. 17.

desconfiava da existência de interesses em torno da Terra e mais além. "É a luta pelo domínio universal. Essa tendência de domínio registra-se até entre os animais, como se fora um imperativo da Natureza. No homem ela tem nuances diferentes daquela que há entre os irracionais, embora a centelha misteriosa que move a ambos seja idêntica. [...] E a luta, que se registra em cada camada social, chega à Prefeitura. Depois vem o domínio de um Estado da Federação; depois vem o domínio de uma nação sobre outra, buscando a hegemonia mundial. E, para alcançar o seu *desideratum*, o político se vale de mil astúcias, enganando deslavadamente o seu semelhante, indo desde o voto ao estabelecimento de leis, de tal maneira que o cidadão simples ache tudo legal e normal. Nem sente quanto é lesado em seus interesses e em sua liberdade. Restrito ao seu mundo, o homem não percebeu ainda que a luta pelo domínio alcança outros estágios segundo o desenvolvimento mental de quem o busca. Um planeta procura influir em outros planetas. Depois, o planeta dominante busca o domínio do sistema solar. Depois vem o controle da nebulosa; depois, vem o domínio sobre o sistema de nebulosas, e, por fim, o ser pensante sonha com o domínio universal, que só a Deus pertence. [...] É uma constante guerra dos mundos, embora a disputa, entre os grandes poderes cósmicos, nem sempre se valha de soluções armadas. Na maior parte dos casos é uma luta no terreno das sutilezas, onde o mais inteligente sempre prevalece".[632]

A guerra interplanetária seria o motivo principal da preocupação por parte dos governos, forçando-os a manterem sigilo sobre tudo que diga respeito aos discos voadores: "Durante todos estes anos os governos das nações mantêm prudente silêncio sobre tais fatos, mesmo quando a opinião pública mundial exigia uma definição categórica das autoridades de seus países. Os governos hesitaram e com sobras de razão. Particularmente um homem pode publicar tudo o que sabe sobre determinado assunto; oficialmente ele se sente impedido por razões de Estado. [...] Todavia, as autoridades foram soltando as notícias vagarosamente, sem provocar comoção popular". A publicação de toda a verdade sobre os discos voadores estabeleceria a anarquia política na Terra e deitaria abaixo até um Estado, pois a repercussão seria bem maior do que se avalia.[633] Explicando o segredo, muitos interesses religiosos, principalmente os do cristianismo[634] se desmoronariam como um castelo de cartas.

A influência que as naves interplanetárias exerceram podia ser sentida em cada episódio bíblico, fosse na paz ou na guerra: "Elas nortearam o comportamento dos profetas, as auxiliando e lhes ditando as mensagens. Em alguns casos elas se tornavam visíveis e falavam diretamente; em outros elas se mantinham invisíveis, e assim se comunicavam com o seu agente terreno. Nota-se que gozavam dessa estranha faculdade de permaneceram invisíveis quando lhes convinha".[635] A chave do segredo liga-se, estreitamente, à ação do planeta Júpiter sobre este planeta: "Há, no Universo, uma lei geral que promana do Poder Supremo. Foi essa a lei ditada a Moisés no monte Hórebe, quando, sobre aquele monte, pousou uma grande nave luminosa procedente de Júpiter. Naquele planeta ficou sediada a equipe que tinha e tem por missão impor a lei universal ao nosso sistema".[636]

Tais são as ilações feitas por Aladino em conformidade com as escrituras sagradas e as mensagens proféticas: 1) As doze tribos que compunham o antigo Israel, mantinham ligações

---

632 *Ibid.*, p. 64-66.
633 *Ibid.*, p. 24.
634 Aladino via no cristianismo a principal fonte do mal e da mentira na Terra: "...a oficialização do cristianismo, feita em 25 de agosto de 325, e o poder mundial que ele alcançou, abafou, durante outros muitos séculos, essa consoladora idéia de que não estamos sós no Universo. A partir daí, era considerado herético quem quer que ousasse dizer que outros globos existiam habitados. Contra o ponto de vista universal, a Igreja considerava o céu como um *firmamentum* e a Terra o centro de toda a criação. Foi por protestar contra esse dogma medieval que Giordano Bruno foi condenado pela Santa Inquisição e levado à fogueira. Dezenas de milhares de mártires pagaram com a vida o preço de acreditarem numa criação divina em termos universais. A razão humana, compenetrada de uma verdade, desafiava a ferocidade do dogma e vilipendiava o cristianismo, embora lhe custasse a vida" (Dinotos, Sábado, op. cit., p. 8).
635 Dinotos, Sábado, op. cit., p. 83.
636 *Ibid.*, p. 123.

com o planeta Júpiter, que tem doze satélites. Assim sendo, o povo santo representava, na Terra, o que Júpiter representa dentro do nosso sistema planetário; 2) Nos anos 1462-61 antes de nossa era, quando o povo santo se preparava para entrar na Terra Prometida, o profeta Balaão predisse o nascimento de uma “estrela” que dominaria a Terra. Um período profético depois — 365 anos — nasceu o rei chamado vulgarmente de Davi. Na forma arcaica, seu nome era *Chôfich*, que significa Jofre, Orfeu, jovem ou Júpiter. No antigo sistema gramatical hebraico, também se pronunciava *Dzáfidz*, que era Júpiter, ou *Dzanidz*, Dionísio. Davi, portanto, era a “estrela” profetizada por Balaão. Foi ele, na realidade, um representante do planeta Júpiter posto na Terra, um delegado e executor da lei cósmica que rege o Universo. Daí a mitologia ter Júpiter como o Deus máximo. A volta de Davi foi anunciada em todos os livros proféticos da *Bíblia*. Retornaria para fazer a restauração do reino, reunificando as doze tribos que foram dispersas. Nostradamus predisse a sua vinda e marcou a data de seu nascimento, guiando-se pelo sistema de período profético bíblico. Sua volta ao mundo ocorreria em 1º de março de 1920, e sua morte num dia 14 de junho. Representando Júpiter, Davi, agora sob outro nome, lutaria contra o poder oposto que dominou a Terra durante milênios. Levando uma vida de pobreza jobina, sofrendo horrores motivados pela sociedade injusta, faria o seu trabalho na cidade de São Paulo; 3) Os judeus seriam os depositários da Aliança durante o período dominado pelo poder sediado em Vênus. Daí os judeus conservarem a estrela Júpiter — representada por dois triângulos trançados, perfazendo seis pontas — como símbolo nacional, que ainda ostentam bordado no peito da camisa. Sob a influência de Júpiter, que teria lhes dado forças para suportar o sofrimento, viveram oprimidos por 2.557 anos. Mas não desfaleceram. Suportaram com estoicismo toda a tribulação. Primeiro sob o jugo de Babel; depois, sob o império medo-persa; depois sob os macedônios e, finalmente, sob Roma. No ano 70 espalharam-se pelo mundo. Foram perseguidos, enxovalhados, assassinados, escorraçados como cães, roubados pelos cristãos, queimados vivos, sofrendo horrores nunca registrados contra qualquer outro povo até que, em 1948, voltaram a ter independência em sua terra.[637]

Nenhum povo suportaria tanto sofrimento, durante tanto tempo, se não permanecesse sob uma poderosa influência extraterrestre. Quem contemplou os campos de concentração e viu a imensa tragédia do povo judeu pode avaliar o poder dessa influência que desceu de Júpiter e que

---

[637] O clamor pela restauração do Estado judeu ganhou forças em meados do século XIX, particularmente entre os judeus russos, vítimas de numerosas medidas discriminatórias; subvencionados por sociedades judias, milhares deles emigraram para a Palestina (cerca de um milhão de árabes habitavam o território que seria posto sob mandato britânico com esse nome. Referências à sua presença ali datam da mais remota Antigüidade — a *Bíblia* chama-os de filisteus —, e eles estiveram durante muito tempo sob jugo otomano); em 1914, eles já somavam cem mil, espalhados por colônias agrícolas. Após a Primeira Guerra Mundial — em conseqüência da luta simultânea contra a ocupação britânica e a colonização judaica (a primeira colônia agrícola, judia, Rishon-le-Sion, subvencionada pelo barão de Rotschild, instalou-se perto de Jafa em 1882) — começou a surgir o germe de um sentimento nacionalista palestino (data dessa época o jornal *Filastin*, *Palestina*, que circulou até 1967). O secretário de Negócios Estrangeiros da Inglaterra, lorde Balfour, anunciou em 1917 que seu país favoreceria o estabelecimento de um lar nacional judeu na região, após o término da Primeiro Guerra Mundial. A Liga das Nações entregou a administração da Palestina aos ingleses em 1922, exigindo que levassem adiante a Declaração Balfour. O crescente número de imigrantes judeus, sua oposição à ocupação britânica, e os choques constantes entre eles e os árabes originários da região fizeram com que, depois da Segunda Guerra Mundial, o problema fosse levado à ONU que, em novembro de 1947, decidiu pela partilha da Palestina como forma de solucionar o conflito entre a população árabe (um milhão e trezentos mil habitantes) e a crescente imigração judaica (cento e setenta e cinco mil em 1930; setecentos mil em 1947); ficou decidida a criação de dois estados: um judeu, com 14 mil $km^2$, incluindo a Galiléia Oriental, a zona que vai de Haifa a Telavive, e a zona que vai do deserto do Neguev até o golfo de Akaba; e um árabe, com 11.500 $km^2$, incluindo a Cisjordânia e a faixa de Gaza; a cidade de Jerusalém teria *status* internacional. Um dia depois da proclamação da independência de Israel e a saída das tropas britânicas de ocupação, o país foi invadido pelo Egito, Iraque, Transjordânia, Líbano e Síria. A recusa da Liga Árabe em aceitar essa divisão provocou uma guerra de seis meses (julho de 1948 a janeiro de 49), que resultou na anexação da Cisjordânia, no controle do Egito sobre a faixa de Gaza e no exercício, pelos israelenses, dos mais variados mecanismos terroristas para expulsar os palestinos dos territórios ocupados (incluindo o massacre de Deir Yassin, a que se seguiu um êxodo de grandes proporções). Os que permaneceram (cerca de trezentos mil) transformaram-se em cidadãos de segunda classe, com direitos políticos limitados e submetidos, até 1966, ao regime do governo militar. As hostilidades terminaram em janeiro de 1949; os armistícios assinados entre fevereiro e julho estipularam a divisão de Jerusalém e fixaram as fronteiras entre Israel e o que seria o Estado árabe da Palestina, cujo território foi anexado pela Transjordânia, constituindo-se, a partir daí, o Reino Hachemita da Jordânia.

lhe deu tanto estoicismo. Foi essa força que, por 19 séculos, o manteve imune e absolutamente impermeável ao cristianismo, religião decorrente do poder emanado de Vênus. "Júpiter, por conseguinte, é a base planetária que deu assistência à Terra desde o começo. De lá vieram as primeiras naves que criaram a atual forma de vida animal e vegetal da Terra. Trouxeram sementes para reflorestar este planeta, e, também, casais de animais de conformidade com a flora criada. Ao primeiro casal humano, ensinaram a língua universal, que chegou até nós através do hebraico — a língua sagrada. Deu ao homem os primeiros ensinamentos acerca de manufaturas. Guiou-o como um pai faz para com o filho. Mais tarde, estando já selecionado um povo, deu-nos, por meio de Moisés, a lei que rege as esferas do Universo, dando ao homem, com esse ato, as leis de higiene, as leis trabalhistas, as sociais, as econômicas, as federativas, as do direito, as penais, as que mantêm a constituição da família, as religiosas, etc.".[638]

Não só de Júpiter teriam vindo naves, na acepção de Aladino. Júpiter seria apenas a sede do poder do sistema solar. De todos os outros planetas, que estão além de Júpiter, decolaram naves com destino à Terra. Foi um esforço geral em nosso benefício. Desse esforço, se omitiram os planetas de pequena massa, de Marte para baixo, que constituiriam poder oposto. Vênus encabeçou a luta contra o poder universal: "Em 730 antes de nossa era, a influência de Vênus começou a ser preponderante, concomitantemente enfraquecendo-se a influência de Júpiter. Nesse ano teve começo a diáspora hebraica, sendo onze tribos expulsas do solo palestinense e levadas para a Europa, onde se constituíram nas nações atuais. Na Palestina ficou a tribo de Judá. Em 609, ou seja, 121 anos depois, os judeus perderam a sua autonomia. Júpiter deixava que Vênus preponderasse. Começou a opressão contra os judeus, que era o único povo ainda restante que permanecia fiel a diretriz de Júpiter. Era necessário esmagá-lo, pois, em o esmagando, seria erradicada da Terra a influência doutrinária oriunda de Júpiter. Todavia, nada foi conseguido. O poder oposto não conseguiu destruir o povo judeu e nem convertê-lo. Foi como se os poderes de Júpiter lançassem um repto a Vênus para que tentasse erradicar o que aqui fora posto, e assim fosse convencida de seu fracasso. Porém, ficou marcado um prazo para a liberdade de ação dos seres de Vênus sobre a Terra. Desde a diáspora, em 731 a.C., ser-lhe-iam dados doze períodos de 224,7 anos, que terminaram em 19 de maio de 1967, para começar o fim do cristianismo. Para o sofrimento dos judeus, iniciado em 609 antes de nossa era, o prazo fixado foi de sete períodos de 325,25 anos, ou sejam, 2.557 anos — que se completaram em 1948. Então viria, de novo, a influência de Júpiter para destruir a obra feita pelos agentes de Vênus. Os dois poderes travariam luta decisiva no espaço nesta época em que vivemos. E essa luta existe de fato".[639]

Muitas naves teriam caído na Terra desde que, após a Segunda Guerra Mundial, começaram a aparecer nos céus. "Um aparelho desses, que rasga a imensidão do espaço, não é um teco-teco que pode cair por causa de um defeito mecânico ou por causa de uma intempérie. São máquinas perfeitas. Só caem se forem abatidas por outras máquinas de seu nível técnico ou superiores. Contam-se as dezenas as que caíram em diversas partes do mundo e que foram encontradas — sem se falar das que devem ter caído no mar ou nos desertos ou florestas. A *Bíblia* dá o nome dos comandantes das hostes celestes em contenda. O defensor da Terra é Mercúrio, vulgarmente chamando Miguel; seu opositor é *Heshu*, a serpente que enganou desde o começo, chefe das hostes que pretendem obter o domínio planetário".[640] A propósito, lemos no Apocalipse 12:7-9: "Houve no céu uma grande batalha: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o dragão, e o dragão com os seus anjos pelejava contra ele; porém estes não prevaleceram, nem o seu lugar se encontrou mais no céu. Foi precipitado aquele grande dragão, aquela antiga serpente, que se chama Satanás, que seduz o mundo, foi precipitado na terra, e foram precipitados com ele os seus anjos".

[638] Dinotos, Sábado, op. cit., p. 124-126.
[639] *Ibid.*, p. 127-128.
[640] *Ibid.*, p. 128.

A perda do controle aéreo do planeta os forçou a descerem à Terra para agirem diretamente sobre a humanidade. Passam-se como homens comuns aos olhos de quem os vê. Ajudam a provocar a guerra contra os judeus a fim de desalojá-los da Palestina e fazer cessar a sua influência religiosa. Aladino anuncia que em maio de 1967 eles provocariam um conflito entre judeus e árabes. Os judeus seriam vitoriosos e recuperariam o domínio da Palestina e estabeleceriam Jerusalém como capital: "Então os judeus, de posse de Jerusalém, expulsariam de lá as religiões cristãs e a maometana. Então viria o conflito geral, porque o Vaticano pregaria uma nova cruzada contra o povo judeu tendo em vista recuperar Jerusalém. Todas as nações iriam à luta. Nesse dia, cuja data será 7 de maio, haverá a guerra atômica, e as naves extraterrestres descerão à Terra e interferirão em favor do povo judeu, fazendo cessar, definitivamente, a interferência de Vênus e de seus agentes".[641] Sobre esse dia, o profeta Zacarias escreveu: "Eis que estão a chegar os dias do Senhor e os teus despojos serão divididos no meio de ti. E juntarei todas as nações para darem batalha contra Jerusalém. A cidade será tomada, as casas serão destruídas, as mulheres violadas; metade da cidade irá para o cativeiro e o resto do povo não será lançado fora da cidade. Depois sairá o Senhor e pelejará contra aquelas nações, como pelejou no dia do combate (à saída do Egito). Naquele dia pousarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente. O Monte das Oliveiras dividir-se-á em dois pelo meio, ao Oriente e ao Ocidente, formando uma muito grande abertura; uma metade do monte se separará para o setentrião e a outra metade para o meio-dia" (14:1-4). Milhares de veículos aéreos desceriam em Jerusalém nesse dia, que já estaria bem próximo, conforme advertia Aladino. "Virão, de forma bem visível, para tomar parte na peleja final. Será a hora da decisão pela sorte do mundo. O Monte das Oliveiras será rachado ao meio, ficando ali um grande vale que se chamará 'Vale do Julgamento'. Por esse vale, futuramente, passará um ribeiro, que se chamará 'ribeiro da vida' ".[642] Sobre isso, disse Joel: "Levantem-se as nações e vão ao vale de Josafá; porque ali me sentarei para julgar todas as nações em circuito" (3:12).

A contenda desenrolar-se-ia tanto na terra como no espaço: "Na Terra, as nações atacantes serão contidas e castigadas pelos poderes supremos do espaço, e, no espaço, os planetas ambiciosos serão cercados e detidos. Sitiados tais planetas, suas naves não mais poderão voar para ir a outros planetas e causar perturbações".[643] Escreveu Isaías: "E acontecerá que naquele dia o Senhor visitará a milícia do céu lá no alto, e os reis do mundo que estão sobre a terra. Serão atados todos juntos como num feixe, lançados no lago, onde ficarão ali encerrados no cárcere e depois de muitos dias serão visitados" (24:21-22).

---

[641] Excetuando a guerra atômica, que obviamente não ocorreu, Aladino acertou na previsão da chamada Guerra dos Seis Dias. É bem verdade que a tensão na região já vinha aumentando desde anos anteriores, agravada pela formação de movimentos terroristas de libertação da Palestina. Na segunda quinzena de maio de 1967, Nasser exigiu a retirada das tropas da ONU, colocou seus soldados em posição de combate, fechou o golfo de Akaba, bloqueando o porto israelense de Eilat, e assinou um acordo militar com a Jordânia, provocando o ataque israelense de 5 de junho ao Egito, à Jordânia e à Síria, e a rápida conquista de toda a península do Sinai até o canal de Suez, à Cisjordânia e às colinas de Golã. O cessar-fogo decretado pela ONU foi acatado pela Jordânia (7-6), pelo Egito (8-6) e Síria (10-6); mas a retirada das tropas israelenses dos territórios ocupados não foi obedecida pelo governo de Israel, com a alegação de que as fronteiras de antes de 5 de junho não passavam de linhas de demarcação traçadas pelo armistício de 1949 e que nunca tinham sido reconhecidas juridicamente pelos estados árabes. Enquanto isso, a atividade crescente dos *fedayins* (guerrilheiros palestinos que operavam contra Israel a partir de bases na Síria ou na Jordânia) e o bloqueio naval imposto pelo Egito a Israel no Golfo de Ácaba, determinavam a eclosão da guerra relâmpago dos seis dias (5 a 10-6), durante a qual o contingente militar da OLP mostrou-se absolutamente inoperante. O exército israelense ocupa toda a península do Sinai, a margem leste do canal de Suez, a Faixa de Gaza e toda a margem oeste do Jordão, além das colinas de Golã, Belém, Jericó, Jerusalém e a ilha de Tiran. Após a derrota da OLP, duas novas organizações são formadas: a Al-Saica, apoiada pelo partido sírio Baath, e liderada por Zoher Mohsen, e a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), liderada por Georges Habache, a ala mais radical, responsável pelos seqüestros de aviões e por violentos atentados em Argel, Atenas, Zurique, Damasco e Munique, e que recusa uma solução que não tenha sido obtida pela força das armas.

[642] Dinotos, Sábado. *A antigüidade dos discos voadores*, São Paulo, São Paulo Editora, 1967, p. 129.

[643] *Ibid.*, p. 130.

Cessada a influência de Vênus sobre a Terra e desmantelada toda a sua imensa "organização mística", voltaria a imperar na Terra a lei que veio de Júpiter, e as antigas tribos, que foram dispersas, formariam com os judeus uma federação mundial sob a égide de Davi reencarnado, ou seja, Aladino Félix. Um cântico no capítulo 14 do livro de Isaías é mencionado a propósito: "E naquele tempo em que o Senhor se tiver dado descanso, depois do teu trabalho e da tua opressão, e dura servidão, a que estivesse sujeito, usarás desta parábola contra o rei de Babilônia e dirás: [...] Como caíste do céu, ó astro brilhante, que, ao nascer do dia, brilhavas? Como caíste por terra, tu que ferias as nações? Que dizias ao teu coração: Subirei ao céu, estabelecerei o meu trono acima dos astros de Deus, sentar-me-ei sobre o monte da aliança, (situado) aos lados do aquilão. Sobrepujarei a altura das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo". Vênus, em hebraico, pronunciava-se *Hechelel*, com h e ch aspirados, que á a raiz do inglês *hell*, inferno. Portanto, Vênus era a sede do inferno. "A idéia geral do inferno era que a sua localização estava em órbita inferior, donde as religiões, mais tarde, pensaram tratar-se do centro da Terra. Bem no centro estava o Sol — a região do fogo infernal. Talvez daí o credo cristão dizer que Jesus desceu ao infernos. Lúcifer, ou Vênus, foi o chefe da rebelião contra o poder divino, que a tradição religiosa dá notícia". A rebelião, todavia, não partiu originalmente de Vênus. "Esse planeta apenas aceitou idéias importadas de outros sistemas. A origem do mal foi na constelação do Cruzeiro do Sul — donde a cruz passou a ser o símbolo de todos os que aceitaram a sua filosofia".[644]

Mesmo na época em que Júpiter manteve as rédeas do poder, os agentes de Vênus desceram à Terra para perturbá-la, dificultando o trabalho divino. "Buda, cuja doutrina absorveria centenas de milhões de pessoas, foi um de seus agentes. Nasceu com a cruz suástica desenhada na sola dos pés. Enquanto esse poder criava no Oriente uma filosofia dispersiva, no Egito, que também tinha a cruz como símbolo, ele criava a mais furiosa idolatria". Os seres interplanetários, de um poder muito superior aos dos terrestres, criavam coisas que deslumbravam a razão humana e distanciavam-no da verdade. Várias vezes tentaram a conquista da Terra, sem sucesso. Apelaram então para o misticismo, usando sempre as armas do engano. "E é assim que o leitor, compenetrado de que o chefe de Vênus era *Heshu*, a serpente, poderá perceber qual foi o agente que tentou o primeiro casal. Só raciocinando em termos universais ele pode decifrar o grande enigma". Aladino manifestava desprezo a outros povos que não o judeu, identificando-os com os seres nefastos de Vênus. "Uma outra vez tentaram a conquista, conforme narra o capítulo 6 da Gênesis, mas fracassaram. Nessa época tentaram uma colonização em massa. Vieram amarelos, que povoaram o Oriente; negros que se localizaram na África e se tornaram selvagens; os antigos habitantes das Américas. Vem daí que *Heshu*, a serpente, era cultuada entre os maias, astecas e incas. Entre os incas, a sua língua se chamava *Heshua*, que hoje, por causa da corruptela através dos séculos, chamamos *quechua*. Ainda é falada na Bolívia e no Peru. Ao escrever o número 666, que designava o chefe do mal, os gregos, com as letras que compõe esse número, escreveram exatamente *Heshua*.[645] Paulo, o apóstolo cristão, já havia sugerido essa luta existente entre os dois poderes do espaço, razão por que, em uma de suas cartas, escreveu: 'Porque nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os poderes do ar' ".

Por fim, Aladino anunciava que havíamos chegado ao crepúsculo desta civilização e ao alvorecer de uma nova era, que se iniciaria com a Restauração. Os discos voadores estavam prontos para intervir. "De novo será estabelecido o intercâmbio entre Júpiter e a Terra, e a humanidade poderá dar outro salto no longo caminho do progresso. As barreiras siderais serão, até certo ponto, franqueadas ao homem. Na Terra, então, haverá paz, justiça e abundância. Poucos eventos restam a acontecer para que tenhamos um novo sistema de vida. Falta cair, para

644 *Ibid.*, p. 132.
645 *Ibid.*, p. 133.

sempre, a nefasta influência adversária que ainda predomina sobre a mente de centenas de milhões de criaturas ignorantes. Mas, para isso, já estão a postos naves procedentes de Júpiter e de outros planetas, que tomarão parte ativa na derradeira batalha. Darão combate às forças terrestres e àquelas de outros planetas. Fenômenos fabulosos, então, ocorrerão naquele 7 de maio. Atuarão diretamente sobre o Sol e farão com que a sua luz se apague temporariamente, deixando todos os planetas em escuridão no momento em que estiveram agindo sobre a Terra e contra os planetas adversários. Sem a ação da luz solar, a Terra inteira será sacudida, derrubando as cidades. A Terra cambaleará como bêbado em sua órbita, provocando monstruosos maremotos. Haverá trevas em todo o sistema solar. Então raiará o novo dia, e a humanidade verá, ao clarear, um outro céu e uma outra Terra. Tudo será diferente". [646] Só mais um pouco e viria o desfecho. "Os judeus, depois de tomarem posse de Jerusalém, proibirão os cultos idólatras em sua capital. Virá a reação. Roma proporá uma nova cruzada para libertar os lugares sagrados, e o mundo todo unir-se-á para conquistar Jerusalém. Aí será o fim".[647]

Para Aladino, destarte, era só o começo do fim.

## 4. A Terceira Força

Terça-feira, 5 de março de 1968. 20h05min. Centro da cidade de São Paulo. Rua São Bento, nº 405. Edifício América, antigo Prédio Martinelli.[648] Pelos acessos da rua Líbero Badaró e do Hotel São Bento, as últimas pessoas entram apressadas e se dirigem ao elevador. Sobem até o 21º andar e penetram numa sala minúscula, a de nº 2.123. As paredes são sujas, a mobília é velha. Sobre a mesa desarrumada cresce uma pilha de livros: são *As centúrias de Nostradamus*. Cerca de cinqüenta pessoas, acomodadas em cadeiras dispostas em círculo, ouvem silenciosa e atentamente.

À frente e de pé, Aladino fala e gesticula sem parar. Cinco minutos antes havia dado início a mais uma aula de seu curso sobre discos voadores, manifestando certa preocupação com os rumos que poderiam tomar as declarações prestadas ao *Jornal da Tarde* e publicadas naquele dia na primeira página. Com a voz pausada e solene, ele ensina: "Muitos pensam que os discos voadores apareceram pela primeira vez em 1945. Isso é uma opinião falsa. Lembro de um fato da minha infância: minha mãe viu descer uma bola de fogo perto de uma montanha, e da bola saiu um homem que parecia vestido de pele de jacaré. O povo daquele tempo não tinha cultura científica, e não podia saber que a bola de fogo era um disco voador tripulado por uma criatura de outro planeta".

Em seguida, Aladino afirmou que os discos aparecem desde os tempos bíblicos e que foi um disco que guiou os judeus no deserto, quando fugiam do Egito. Pela sua tradução da *Bíblia*, Sodoma e Gomorra chamavam-se, na realidade, Atlântida e Lemúria e foram destruídas por explosões atômicas. Na lousa, desenhou um cogumelo, segundo a forma que encontrou descrita na *Bíblia*. "O incesto de Netuno com suas filhas, contado pela mitologia grega, foi a mesma coisa que aconteceu com o Lot do texto bíblico, que traduzi. Sodoma ou Gomorra, ou Atlântida e Lemúria, foram destruídas por naves interplanetárias, tripuladas por seres armados de instrumentos bélicos nunca dantes imaginados pelos habitantes da Terra. Essas naves são tripuladas por criaturas com uma cultura muito superior à nossa". A platéia, composta em sua maior parte por amigos de Aladino, ouviu-o em silêncio absoluto, não ousando fazer quaisquer perguntas. Duração da aula: 1 hora e meia.

---

[646] *Ibid.*, p. 134-135.
[647] *Ibid.*, p. 156.
[648] O Martinelli, símbolo do imigrante italiano, construído em 1929, inicialmente era um prédio residencial. Em 1979, passou por um processo de restauração e a sediar em seus conjuntos, empresas municipais, bancos e sindicatos, entre outros.

"Era uma vez uma República — sul-americana — onde todos os Exércitos foram mobilizados no dia do discurso do líder da oposição". Em tom de realismo fantástico começava a série de reportagens bombásticas que o *JT* passava a publicar nesse dia.[649] O governo garantira que a prontidão nada tinha a ver com o discurso. Ninguém acreditou. Dias depois, soube-se que o presidente mobilizara as Forças Armadas depois de ter recebido um bilhete de um amigo, no qual se denunciava uma conspiração contra o regime. O amigo, ninguém sabia qual era. Do bilhete, sabia-se duas coisas: a revolta estouraria no sul do país, enquanto o líder da oposição estivesse falando; a revolta era financiada e inspirada pelo general Charles de Gaulle.

"Eu entreguei o bilhete", assegurou Aladino. A manchete na primeira página alardeava: "Contada pela primeira vez: a fantástica história do golpe que não houve".[650] Logo abaixo, lia-se: "Uma história fantástica, contado ao presidente Costa e Silva por Aladino Félix, foi o ponto de partida para aquele regime de prontidão que houve em todo o país, no último mês de janeiro. De acordo com o que o bilhetinho dizia, Carlos Lacerda em seu discurso no Teatro Municipal de São Paulo iria pronunciar as duas palavras — Sábado Dinotos — que constituíam a senha para o golpe de Estado. De norte a sul do país, um levante militar teria sido preparado para depor o governo. E quem financiava e inspirava essa rebelião? Nada menos que o presidente da França, general Charles de Gaulle".

Ao lado da foto em que Aladino aparece sentado no sofá da sala de sua casa, o texto aludia: "O Sábado Dinotos, este homem da senha, existe. Só que seu nome é Aladino Félix, pai de sete filhos,[651] morador da Parada Inglesa. Ele já denunciou vários golpes de Estado. Sabia, por exemplo, que o presidente Kennedy ia ser assassinado: 'Mandei avisá-lo sobre a data, os motivos, o local — tudinho. Mas ele não me ouviu. E morreu'. Agora, Aladino está prevendo uma guerra atômica que acontecerá em 1972, com a Terra perdendo um terço de sua população. Numa salinha do Edifício Martinelli, Aladino Félix sorri muito enquanto vai falando. E falando com autoridade. Porque, afinal de contas, ele foi eleito por Jeová dos Exércitos para reunificar o Povo de Deus, conforme lhe confiou o patriarca Jacó".

Elementos ligados aos altos escalões do governo o conheciam — entre eles os generais Sílvio Correia de Andrade e Picanço, chefe e subchefe da Polícia Federal (PF) em São Paulo. E tudo indicava que aquele homem místico e misterioso estivera realmente com o marechal Arthur da Costa e Silva, aconselhando-o a pôr o Exército de prontidão no dia do discurso de Lacerda no Municipal. Um jornal carioca publicou na ocasião a notícia de que um misterioso "dr. Félix" era quem tinha levado o bilhete ao marechal Costa e Silva. "É verdade. Aliás, fui eu quem fiz toda aquela revolução da mobilização do Exército no fim de janeiro. Evitei um golpe de Carlos Lacerda", reivindicou Aladino.

O golpe se devia ao fato do Brasil estar profundamente envolvido na disputa política internacional. "Como a revolução brasileira foi pró-americana, começou a conspiração. Lembram-se todos de como Juscelino, quando foi cassado, recebeu uma enorme festa do de Gaulle? Isso foi o início de tudo, e nem houve segredo: era uma violação das normas diplomáticas internacionais, pois poderia aborrecer o governo brasileiro. De Gaulle quer atrapalhar os americanos; por isso interessou outros países anti-americanos seu plano. A URSS foi o primeiro a apoiá-lo, e convenceu a República Árabe Unida a segui-la; na Argélia, Miguel Arraes convenceu o coronel Boumedienne a acompanhar de Gaulle. Juan Domingo Perón logo aderiu, pois um golpe aqui lhe permitiria voltar à Argentina. Lacerda, quando esteve em Paris, entrevistou-se secretamente, duas vezes com o general de Gaulle, combinando detalhes do plano;

---

649 Integravam a diretoria do jornal à época, os jornalistas Ruy Mesquita (editor), Júlio de Mesquita Filho, Francisco Mesquita, Marcelino Ritter, Luiz Vieira de Carvalho Mesquita, Julio de Mesquita Neto, José Vieira de Carvalho Mesquita, Ruy Mesquita e Luiz Carvalho Mesquita.

650 Brickmann, Carlos. "Contada pela primeira vez: a fantástica história do golpe que não houve", in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 5-3-1968, nº 668, ano 3, primeira página e p. 24.

651 O número de filhos atribuídos a Aladino nas reportagens varia. Segundo amigos e familiares, eram em total de cinco.

Jango concordou, por intermédio de emissários;[652] Adhemar de Barros conversou com o general de Gaulle, ou com seus emissários, e aderiu".

Estavam conjugadas as seguintes forças para o golpe: "Força Pública de São Paulo (a tropa seria enganada, pensando que se levantava por causa da briga com a Guarda Civil), chefiada pelo capitão Cid e pelo coronel Canavó; partes do II Exército, com notórias simpatias lacerdistas; PM de Minas Gerais, chefiada pelo coronel que comandou a retaguarda das tropas do general Mourão, em 31 de março, e que aderiu publicamente à Frente Ampla;[653] a Brigada Gaúcha; Polícias Militares do Paraná e Santa Catarina (que não queriam aderir, mas foram obrigadas, para não ficarem prensadas entre a FP e a Brigada Gaúcha); o general de Gaulle; Perón; RAU, URSS e Argélia. Ora, se o sul do país ficasse em poder dessas tropas, os norte-americanos teriam de desembarcar no Nordeste. E o povo brasileiro, prensado entre esses dois poderes, como uma lingüiça no pão, morreria numa luta que não é a sua". O presidente Costa e Silva, com a atenção desviada pela Frente Ampla, descuidaria de Adhemar de Barros que passaria por homem de negócios, mobilizando a FP, onde tinha muitos amigos. "Adhemar é o principal articulador da tentativa de golpe. Até aí eu não dera muita atenção ao plano, embora soubesse de tudo".

O que alarmara Aladino fora a descoberta de uma suposta lista de execuções com trezentos nomes, dentre eles o dele próprio, o do governador Abreu Sodré e o do ex-governador Laudo Natel. Tencionando evitar um derramamento de sangue — especialmente o seu —, avisou o amigo Natel e resolveu interferir diretamente. No dia 15 de janeiro, às 15 horas, em companhia do general José Paulo Trajano da Silva, embarcou para o Rio de Janeiro pela ponte aérea (Aladino possuía o canhoto da passagem), levando o relatório do plano a Costa e Silva. Lá, o presidente convocou o coronel Florimar Campelo, chefe da PF, o general Sílvio Correia de Andrade, da Polícia Federal de São Paulo, agentes dos serviços secretos das três Armas, do Serviço Nacional de Informações (SNI) e de outros órgãos.

Cada qual era sabedor de uma parte pequena do plano; o plano completo, detalhado, só Aladino sabia. "Costa e Silva seria assassinado em São Paulo no dia 25 quando viesse inaugurar obras em homenagem ao aniversário da cidade. Veja só: fui ao Rio dia 15; nos dias 15 e 16 estive com o presidente; no dia 17 ele anunciou que não viria mais. Com a confusão que se seguiria ao assassínio de Costa e Silva, a FP se levantaria, acompanhada de seus aliados, sem que ninguém soubesse exatamente para que. Quando soubessem, o golpe estaria dado".

O anúncio de que o presidente não viria mais provocou mudanças repentinas no plano. Originalmente, Lacerda pronunciaria a senha do golpe no meio de seu discurso: a senha seria o pseudônimo de Aladino, Sábado Dinotos. A FP se levantaria, o governador Sodré seria deposto e executado, e o QG revolucionário se instalaria no Horto Florestal. Lacerda fora avisado que o plano havia sido descoberto e aconselhado a esperar mais um pouco. Destarte, qualquer confusão na porta do Teatro Municipal resultaria no início do golpe. Por isso havia um helicóptero sobrevoando o local: qualquer movimentação estranha e o presidente saberia de tudo. Se o grupo de Lacerda tivesse detonado o golpe, Aladino garantiu que ele e seus seguidores interviriam com violência. "Nós (Aladino não quis dizer quais eram seus companheiros) já estávamos no caminho do Horto, esperando. Quando eles fossem para lá, para transformar o Horto em QG, seriam presos e executados, como pretendiam fazer conosco".

Sem arrefecer as palavras, nem quando um amigo lhe sugeriu que talvez fosse conveniente gravar as declarações, Aladino confessou ao repórter: "Tenho mesmo ódio de Lacerda e Adhemar. Lacerda é um malvado, matou mendigos. Adhemar fuzilou dezenas de

[652] Lacerda e Goulart, o derrubador e o derrubado, encontraram-se em Montevidéu em 25 de setembro de 1967. A inclusão de Prestes a esse centro decisório reativava um quadro político pré-golpe militar: os comunistas eram recebidos como formuladores políticos e no programa da Frente Ampla estaria assegurada a legalização do PCB.
[653] Em setembro de 1967, Lacerda e Kubitschek lideraram a formação da Frente Ampla, a qual aderiu Goulart. O movimento, que contava com o apoio do PCB, exigia anistia, eleições diretas e uma assembléia constituinte.

pessoas na Segunda Guerra Mundial. Além disso, para agradar os nazistas, transferiu a zona do meretrício para o Bom Retiro. Não posso perdoá-los. Tenho ódio deles, e não escondo de ninguém. Quanto a história do golpe e do relatório que entreguei ao presidente, é verdadeira — quero ver quem tem coragem de desmenti-la”.

A personalidade e as pregações de Aladino mereceram igual destaque da reportagem: “Sábado Dinotos, ou Aladino Félix, é um homem de 48 anos, estatura média, jeito místico. Sorri muito, e quando sorri aparecem seus dentes, projetados para fora e separados. Tem sete filhos, a mais nova com 3 anos. Mora nunca casa nova, na Parada Inglesa, numa rua sem calçamento. Lá mesmo recebe políticos que vão visitá-lo, e foi de lá que saiu com o bilhete para o marechal Costa e Silva. Na rua, é considerado quase como um guia espiritual. Dois sargentos da FP, respeitosos, ouvem-no contar como previu a morte de Kennedy. ‘Mandei avisar o presidente Kennedy de que seria assassinado. Dei a data, o motivo, local e autores do crime. Mas ele não quis ouvir-me, morreu. Quem mandou matá-lo? Os políticos sulistas, entre eles o atual presidente Johnson, que seriam prejudicados com uma reforma eleitoral que faria, e um pastor protestante da extrema-direita, de quem Kennedy tirou uma ajuda federal de US$ 300 milhões por ano’. Aladino fuma calmamente, pede à filha, que está gritando muito, que fique quieta. Sempre fala baixo, não se exalta, comenta as acusações de que é louco: ‘Apenas sigo a *Bíblia*, mas a *Bíblia* verdadeira, que traduzi. Mais tarde, todos me seguirão’. Conta, depois, que por três vezes salvou a vida do presidente João Goulart, ‘procurando por um grupo de nove elementos, chefiados pelo general Castelo Branco, que queria matá-lo’. Aladino não concordava com o governo Jango — ‘cheguei a dizer-lhe que estava conspirando para derrubá-lo’ — mas não podia aceitar a morte de um chefe de família. Considera-se o escolhido por Jeová dos Exércitos para reunificar o povo de Deus — todos os povos de raça branca do mundo, ‘pois os pretos e amarelos são invasores de outro planeta’.[654] Já sabe onde eles estão: na Europa. Vê os alemães arrependidos pelo que fizeram aos judeus, sem saber que são também filhos de Israel. ‘Os alemães provêm de *Hermann*. O h tornou-se gutural, deu *German*. Os romanos, que não tinham o h gutural, deturparam o nome para *eleman*, ou alemão. Esta é a prova’. Inventou um novo hebraico e por sua tradução da *Bíblia* o salvador da humanidade virá do Brasil, e a salvação acontecerá depois de 1972 — ano em que, na noite de 6 para 7 de maio, começará a guerra atômica. ‘Um terço da humanidade será destruída, e então eu conduzirei os restantes ao reino de Deus’. Lembra que Jesus veio de outro planeta: ‘Foi isso que ele quis dizer ao afirmar que seu reino não era deste mundo’. Sustenta que o Vaticano será destruído na guerra: ‘Está no Apocalipse: o trono da besta caíra, e os falsos profetas serão destruídos. O trono da besta, é claro, é o cristianismo. Quanto ao Vaticano, até seu nome quer dizer lugar de falsos profetas. Veja: *Vaticinare*, em latim, quer dizer profetizar. *Canum* é a mesma coisa em português. Portanto, Vaticano quer dizer profetas que entram pelo cano’ (*sic!*). Acredita que os outros planetas são habitados, e que a língua neles falada é o hebraico — o hebraico que descobriu, não o comum. ‘Pois foi Deus quem ensinou o hebraico, língua do Universo, ao homem, e colocou na Terra os bichos de todos os planetas’. Garante que o Brasil já foi uma colônia de Israel, há milênios, e que as línguas dos índios brasileiros são corruptelas do hebraico. E garante que as façanhas dos deuses gregos são apenas adaptações da *Bíblia* que traduziu. ‘Os gregos são danos, uma tribo judaica que fugiu para as Argólidas. Mas danos não se pronunciava assim: lia-se *djános*, ou *jônios*, o que prova que os gregos são judeus’. Já fazem 7 anos que Jeová dos Exércitos incumbiu Aladino de reunificar seu povo. Não tem dinheiro para a campanha — mas acha que Jeová dos

---

[654] Ao referir-se aos povos de raça amarela, Aladino tinha em mente a história antiga do Japão. Conforme as tradições, nos primeiros tempos, envoltos em lendas, o país foi criado e povoado pelos deuses, entre eles a deusa do Sol, Amaterasu, e seu irmão Susanov, que desceram em pontos diferentes do arquipélago (o que, na opinião de alguns, indicaria a origem mista ou extraterrestre da raça japonesa). O primeiro imperador humano foi Jimmu Tennu, descendente direto de Amaterasu e antepassado de todos os imperadores subseqüentes. No século VI, a princípio através da Coréia, depois mediante relações diretas, a cultura chinesa e o budismo foram introduzidos no país, marcando-o profundamente com suas influências.

Exércitos intervirá para torná-lo vitorioso. Tem vários livros publicados: A *Bíblia, O hebreu, As centúrias*. 'Mas o escritor, no Brasil, é um coitado. Eu gastei tudo o que tinha na pesquisa do hebraico verdadeiro. Hoje sou um homem pobre. Uma editora americana quis comprar os direitos de *O hebreu: libertador de Israel*, e lançar dois milhões de exemplares no mercado. A Metro queria comprar os direitos de filmagem. Mas eu não tinha dinheiro para contratar um tradutor. E ninguém quis dar nada, que posso fazer?'. Enquanto não reúne dinheiro para obedecer a Jeová, vai vivendo como 'escritor fantasma', escrevendo livros e discursos para outros. Também vende bijuterias. 'O que me daria mais dinheiro é uma roupa anti-radiativa que inventei. Mas o presidente Castelo Branco a deu de presente aos americanos. Como era para salvar vidas, que não se salve ninguém de um lado só: entreguei minha roupa anti-radiativa para a Rússia e China'. Um vidente, um sábio, um louco? Aladino Félix, Sábado Dinotos, não se considera nada disso: é apenas um estudioso da *Bíblia* e o encarregado por Deus de conduzir os homens ao reino dos céus. E garante que sua influência política está se expandindo: 'Fora do país ainda ninguém me ouve. Mas os grandes do Brasil já me estão ouvindo, já seguem meus conselhos' ".

As reações das autoridades às declarações fizeram-se sentir logo no dia seguinte, 6 de março.[655] Adhemar de Barros, falando do Rio de Janeiro, negou ao jornal que tivesse algo a ver com um golpe. "Estou por fora de tudo isso. Não sei de nada. Não quero nem posso ajudar ninguém, nem atrapalhar quem quer que seja. Estive muito tempo afastado de minha vida particular, 18 anos fora dela. Agora estou cuidando de por minha vida em ordem. Não sei de nada. Tenho raiva de quem sabe. Agora assisto de camarote aos acontecimentos. Como é bom".

O governador Sodré, que, pelo relatório de Aladino, seria executado no início da revolta, não quis fazer quaisquer comentários. "O governador nada tem a declarar", disse um porta-voz do Palácio dos Bandeirantes. "O próprio presidente Costa e Silva já lhe dera conhecimento do plano, há tempos. O governador sabia que seu nome estava numa suposta lista de execuções, e não se importou com isso". Solicitado a voltar ao assunto, no final de 1995, Sodré preferiu continuar mantendo silêncio. Numa carta a nós enviada, datada de 8 de dezembro, ele apenas diz: "Tenho vaga lembrança do nome do sr. Aladino, que estaria envolvido em uma conspiração anti-revolucionária. Nada de esclarecedor poderei dar ao senhor. Em meu livro recém lançado, *No espelho do tempo*, digo tudo que me lembro dessa época".[656]

O coronel Celso Meyer, chefe de Relações Públicas do Ministério do Exército, chamou Aladino de "louco" e "mentiroso". A opinião generalizada no Gabinete do Ministério do Exército, segundo ele, era a de que Aladino não passava de um "biruta", e atacou: "Na minha opinião esse homem, além de ser doido varrido, está querendo publicidade. Ele deve ter juntado vários fatos e imaginado a história toda. Não entregou relatório nenhum ao presidente. Para chegar até o presidente da República é uma dificuldade tremenda, há muita gente entre ele e o pretendente a uma entrevista. Como é que ele conseguiu falar com o presidente? Não há o que informar sobre o caso, pelo menos por enquanto. Entretanto, deve-se levar em consideração que nós sabemos desse caso pelo jornal. Evidentemente o II Exército mandará um informe, porque São Paulo é a sua área.". O general Sílvio Correia de Andrade, por sua vez, reconheceu imediatamente o personagem: "Aladino Félix? Já sei, ele escreve livros com o pseudônimo de Sábado Dinotos". Andrade negou que tivesse tomado conhecimento do relatório sobre o golpe de Estado, mas admitiu que Aladino estava procurando contato com o presidente da República por intermédio de autoridades no Rio de Janeiro.

A terceira reportagem da série, em 7 de março, anunciava um desmentido, referindo-se à carta que o governo federal prometeu enviar ao *JT* refutando as declarações de Aladino e

655 "O golpe fantástico", in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 6-3-1968, p. 6.
656 Em 1995, Sodré, então com 77 anos, lançou o livro *No espelho do tempo: meio século de política* (São Paulo, Best Seller) em que descreve e avalia sua participação durante períodos políticos marcados por longos fechamentos e breves distensões, incluindo os anos em fora governador do Estado de São Paulo (1967-1970).

insistindo que a mobilização militar de 27 de janeiro devera-se apenas a manobras de rotina, não obstante o marechal Amaury Kruel, ex-comandante do II Exército e agora deputado federal, ter dito que as manobras de rotina eram marcadas no início do ano, e não se faziam de repente. Os assessores de Costa e Silva negaram que Aladino tivesse estado com ele ou com autoridades próximas.[657]

Os líderes do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e da Frente Ampla em Brasília, a exemplo de Lacerda, exigiram um imediato desmentido do governo, sob pena de desmoralização pública e descrédito internacional do Brasil. No MDB, as declarações de Aladino foram comentadas, entre outros, pelos deputados Mário Covas, Bernardo Cabral, Amaury Kruel, Hermano Alves, Edgar da Matta Machado, padre Godinho e David Lerer. Mário Covas — eleito governador de São Paulo nas eleições de 1994 —, então líder do MDB na Câmara e membro da Frente Ampla, lembrou que a história do bilhete ao marechal Costa e Silva — o bilhete que provocou a mobilização e que, segundo Aladino, foi escrito por ele — nunca foi desmentida, embora fosse fartamente divulgada. "Não sei o que mais que espanta, se o relato de Aladino Félix ou a aparência de veracidade das medidas conseqüentes tomadas pelo governo. O assunto, não importa se o personagem é ou não um místico, tem de ser aprofundado. O governo tem obrigação, mas obrigação mesmo, de dar explicações sobre isso. Caso contrário, estará endossando toda essa história". Hermano Alves, antigo comentarista político do *Jornal do Brasil*, na época deputado e partidário da Frente Ampla, assinalou que, desde que começara a tentar descobrir por que o governo mobilizara os quatro Exércitos, se falava que um vidente estava envolvido na história: "Eu sabia dessa história. Diziam que havia um vidente no meio do caso da mobilização militar. O vidente é esse Aladino, claro". Alves aproveitou o ensejo para atacar o governo, que "...não consegue dialogar com gente séria, com o povo, e tem de conversar com os videntes. No momento em que o governo investe contra a inteligência e a cultura, e vive fora da realidade, só lhe resta um caminho: dar crédito ao misticismo e à fantasia". O padre Godinho, da Frente Ampla, deu crédito ao "profeta Aladino": "Ele contou na frente de um gravador a fantástica história do golpe que conseguira evitar e desafiou quem tivesse coragem para desmenti-lo. Depois de citar os nomes das altas patentes que confiaram em suas previsões e que fizeram o plano falhar, vamos ver quem vai desmenti-lo". Raul Brunini, da Frente Ampla, alfinetou: "Se o governo, de fato, deu crédito à história desse Aladino, só merece piedade. Isso é o fim do mundo". David Lerer encaminhou-nos uma carta datada de 30 de outubro de 1995, na qual declara: "Sou de fato o ex-deputado federal David Lerer, cassado pelo AI-5 em 30 de dezembro de 1968. Infelizmente não sei como ajudá-lo no assunto Aladino. Ignoro tudo a respeito do referido personagem nem tenho qualquer anotação entre os meus guardados. Para nós do MDB da época ele estava a meio caminho entre a provocação policial e um caso psiquiátrico. Nada mais. Certo ou erradamente, não o levamos a sério, pelo menos eu. Se fiz algum comentário foi talvez por ter sido perguntado a respeito pela personagem. Mas deve ter sido mais ou menos na mesma linha do Covas, tipo 'o governo está na obrigação de dar explicações a respeito', etc.".

Os membros da Aliança Renovadora Nacional (Arena) que se pronunciaram — a maioria se esquivou —, taxaram Aladino de "doido". O líder da Arena, Ernani Sátiro, recusou-se a fazer quaisquer comentários, alegando não ter conhecimento das declarações. O vice-líder do governo, Rui Santos, sorriu discretamente, evitou lê-las e também não comentar. O deputado paranaense Léo de Almeida Neves, responsável pelo lançamento da candidatura de Carvalho Pinto como alternativa civil para a presidência, conversou a respeito de Aladino com Amaury Kruel, que teria se abismado: "Não conhece o homem, mas acha que, se o governo acreditou nele, ficou muito mal para o Costa e Silva". O deputado Adhemar de Barros Filho, numa carta ao *JT*, esclareceu que embora acreditasse que Aladino tivesse levado o bilhete ao presidente Costa e

657 "Agora, um desmentido", in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 7-3-1968, p. 2; 6-7.

Silva, não concordava com a inclusão do nome de seu pai entre os conspiradores. “Não duvido que Aladino Félix, ou Sábado Dinotos, tenha levado sua história às autoridades. Mas meu pai nada tem a ver com suas revelações fantásticas. Meu pai está fora da política, completamente. Só cuida de sua vida particular. Se algum dia notar que se prepara algum golpe, sairá do país, pois não pretende envolver-se em nada”.

Entrementes, a maioria concordou num ponto: se o governo não desmentisse urgentemente a história, correria o risco de perder o controle da situação.

O mais efusivo, como não poderia deixar de ser, era Carlos Lacerda. Exigia uma vigorosa — e idônea — retratação oficial: “Até agora não consegui entender as razões da mobilização de 27 de janeiro, mas agora chego à conclusão de que só é possível compreender essa coisa pela posição dos astros. Só a astrologia e a quiromancia podem explicar toda aquela encenação. Faço votos para que o presidente da República, em defesa do decoro, desminta tudo isso, pois afeta o bom nome do Brasil”. Fazendo jus ao seu estilo, Lacerda avisou que não se contentaria com um simples desmentido. O governo deveria explicar as razões daquele imenso aparato militar no dia do seu discurso. “Se a mobilização geral não foi feita pelas razões reveladas na reportagem, resta saber qual foi a razão. Se não foi esse o louco, qual foi o outro? Seria extremamente penoso que o Exército brasileiro fosse transformado em joguete de uma fantasia. Mas realmente é tão absurda aquela mobilização de 27 de janeiro que a gente é obrigado a pensar que deve haver uma razão absurda. O absurdo é filho do absurdo, não da razão. E, enquanto não vem o desmentido, eu fico preocupado em que haja uma declaração de guerra do Brasil aos EUA, porque o embaixador americano me deu o prazer e a honra de almoçar em minha casa. Se o embaixador russo quiser almoçar também em minha casa, terei prazer em recebê-lo. Faço apelo ao presidente da República: não declare guerra aos EUA por causa desse almoço”. Falando como jornalista, profissão que nunca vinha antes da política, Lacerda ironizou a reportagem do *JT*: “É uma obra-prima. Acho que é o capítulo que faltou ao romance *O triunfo*, porque Galbraith não conseguiu imaginar coisa tão cômica. Mas acho que o autor deve ter se baseado na literatura de Eça de Queiroz, uma vez que seus personagens prediletos fazem parte do governo: o conselheiro Acácio, o Pacheco e outros”.

Por outro lado, o homem que dizia ter, com a denúncia de um golpe da Frente Ampla, mobilizado o Exército no dia do discurso de Lacerda no Teatro Municipal, não se considerava louco, muito pelo contrário, e ainda ousava culpar os militares pela pobreza do Brasil. Só quando os civis ocupassem a Presidência é que o país teria possibilidades de crescer. “Todo o mal que foi feito ao Brasil foi feito por militares. Quem fez mais mal ao Brasil? Juscelino, Adhemar, todos esses. Nenhum deles era civil: Adhemar era capitão e Juscelino capitão-médico das Forças Armadas. Lacerda, que faz ainda um mal imenso ao país, não é militar, mas sempre buscou nos militares a sua sustentação”.

Antimilitarista — paradoxalmente, o próprio Aladino fora militar e contava com seguidores militares — e opondo-se à ordem vigente, por que resolvera prevenir Costa e Silva de um golpe que se avizinhava? “Por não concordar com derramamentos de sangue. Não concordo com o governo Costa e Silva, mas não podia concordar com guerra. Além disso, como já disse, Juscelino, Adhemar e Lacerda não são civis”. Ratificando sua posição, citou os exemplos da Alemanha e do Japão. “Depois da guerra, a arrasada Alemanha começou a crescer vertiginosamente e seu povo enriqueceu. Os americanos, assustados com o desenvolvimento alemão que poderia superá-los, resolveram o problema com um remédio clássico: criaram novamente um Exército na Alemanha. O Exército consome e não produz e a Alemanha logo entrou em recessão. O mesmo está ocorrendo com o Japão: os japoneses começaram a crescer demasiadamente e por isso já estão sendo pressionados para que formem um Exército. Só que os japoneses não aceitam, não são bobos”. Os militares brasileiros, na acepção de Aladino, eram ineptos para o poder. Cientes disso, mais cedo ou mais tarde restituiriam o governo aos civis. “Só

assim o Brasil se tornaria uma grande potência, cumprindo o destino de liderar o mundo na reunificação das tribos de Israel".

A carta do chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, general Jayme Portela de Mello,[658] a Júlio de Mesquita Filho, diretor do *JT* e de *O Estado de S. Paulo*, era publicada na íntegra na primeira página da edição de 8 de março. Desmentia veementemente a versão de Aladino sobre a mobilização militar de 27 de janeiro: "O *JT*, em sua edição do dia 5 corrente, publicou uma notícia, em manchete principal, com o título 'A fantástica história do golpe que não houve'. Desejo esclarecer que a reportagem em tela transcreve uma história fantasiosa, narrando uma série de fatos não ocorridos. Para o estabelecimento da verdade, naquilo que julgo essencial, deve ser dito: 1º) Que o cidadão de nome Aladino Félix não teve contato em qualquer oportunidade, com o exmo. presidente da República, ou com autoridades a ele diretamente ligadas. 2º) Que as razões da prontidão ocorrida em algumas unidades do Exército em janeiro próximo passado, foram amplamente explicadas pelo exmo. sr. ministro do Exército. De acordo com a legislação em vigor e em nome da boa ética jornalística, solicito a v.sa. a publicação desta carta em idêntico destaque ao do artigo citado. Atenciosamente, Jayme Portela de Mello, chefe do Gabinete da Presidência da República".

O *JT* anuiu às solicitações do general mas não deixou de referendar o teor reportagem: "A história fantástica começou em Petrópolis, numa reunião ministerial, quando o presidente Costa e Silva muito reservadamente passou um bilhetinho que denunciava uma conspiração, ao seu ministro do Exército, general Lyra Tavares". A informação teria partido de fontes militares absolutamente seguras. Até o porta-voz do Palácio dos Bandeirantes admitira em 6 de março: "Ele sabia do plano há muito tempo. Quem lhe contou foi o próprio presidente Costa e Silva". Ao *JT* coube apenas entrevistar Aladino, o qual lamentou que Costa e Silva tenha ficado irritado com a história: "Não tenho de que me arrepender. Tudo que disse ao repórter é verdade".

O bilhete escrito em 23 de janeiro num cartão do comando do II Exército pelo coronel Edgard Bernardes, em que este, a pedido do chefe do Departamento de Polícia Federal, coronel Florimar Campello, marcava um encontro com Aladino para ouvi-lo, era publicado na íntegra e na primeira página logo do dia seguinte, 9 de março, sob a manchete: "Documentos da história fantástica". A fotocópia do bilhete chegou acompanhado de uma carta de Aladino igualmente dirigida a Júlio de Mesquita Filho, na qual reafirmava que as verdadeiras e únicas razões que determinaram a prontidão militar de janeiro eram as que revelara. Daí estar sofrendo pressões de autoridades que tentavam dissuadi-lo: "Com referência à nota expedida pela Casa Militar da Presidência da República, negando qualquer participação minha no caso de 27 de janeiro, devo declarar o seguinte: a) Confirmo tudo o que disse com referência ao relatório por mim apresentando sobre os acontecimentos que deviam ocorrer, com uma única ressalva; no dia em que eu me devia entrevistar com sua excelência, sr. presidente da República, isso não foi possível. Naquela data sua excelência achava-se acamado. Tive, então, contato direto com o general Freitas, da Polícia da Guanabara e com o coronel Florimar Campello, da Polícia Federal. Esteve presente também o general Paulo Trajano, que estava como elemento de ligação; b) Com referência às reportagens, apenas lamento o tom que o *JT* lhes emprestou, apresentando-me como vidente, 'profeta de Deus' e outros epítetos; c) A Casa Militar, em carta a esse jornal, colocou toda a questão em dois tons. Primeiro, que não tive contato com o exmo. sr. presidente da República ou com autoridades diretamente a ele ligadas. Segundo, que as razões da prontidão militar foram explicadas pelo exmo. ministro do Exército. A primeira afirmação já pode ser invalidada pela fotocópia que vai junto a esta. No dia 23 de janeiro mantive contato com o coronel Campello, da Polícia Federal, no Hotel Othon Palace, quando estiveram presentes, também, o general Picanço, da Polícia Federal, e o general Paulo Trajano. O segundo item nada

[658] Portela de Mello, o inseparável acompanhante de Costa e Silva, escreveria anos mais tarde o livro *A revolução e o governo Costa e Silva* (Rio de Janeiro, Guavira, 1979).

explica. Bem sabemos o que disse o exmo. sr. ministro. É óbvio que a carta de sua excelência, general Portela, de nenhuma forma invalida tudo o que disse. Para evitar qualquer deturpação da verdade, apresentarei a esse jornal um relatório completo de tudo o que aconteceu na ocasião. Apenas pedirei que essa folha publique na íntegra aquilo que oportunamente lhe enviarei. Na expectativa de suas prezadas ordens, firmo-me atenciosamente".

O quadro pintado por Aladino ganharia contornos mais nítidos em 11 de março. O *JT* anunciava em primeira página que ele estava de volta com sua história e ameaçava apresentar novos documentos que mantinha bem guardados para provar que o governo federal mentia. Carlos Lacerda, por sua vez, exigia que o governo respondesse com seriedade, "porque esse negócio de manobras só serve para fazer rir".

No seu editorial,[659] o jornal manifestava estranheza quanto ao desmentido: "É certo que, como todo bom brasileiro que não deseja ver seu país envolvido em situações ridículas, folgamos muito ao saber que o presidente da República nega que se tenha encontrado com o personagem central de sua história. Estranhamos, no entanto, o desmentido, porque quem leu a matéria que o provocou terá tido, com certeza, a nítida impressão de que o *JT* nunca acreditou na história. Quer dizer, nunca acreditou que o general de Gaulle tivesse planejado um golpe com Carlos Lacerda, que o presidente Costa e Silva ia ser assassinado e o governador Sodré também, etc., etc. e tal. Pelo menos foi com a intenção de criar essa impressão que demos ao relato sobre a versão do golpe um tom de inverosimilhança, facilitado, aliás, pelos pormenores fantásticos da história que nos foi contada e que comentamos aos nossos leitores. Na realidade, levando alguns dias pesando os prós e os contras da publicação da reportagem e só nos decidimos a publicá-la quando, depois de cuidadosas pesquisas, de minuciosos inquéritos junto a pessoas responsáveis, sobre a possibilidade ou não ter de havido um encontro de nosso personagem com o presidente da República, e de alguém ter acreditado na história que nós não levamos a sério, chegamos a conclusão que essa possibilidade era muito mais real do que podíamos imaginar. O fato é que, dadas as informações que havíamos recebido anteriormente, de pessoas altamente vinculadas na hierarquia de nosso Exército, podemos comprovar que era absolutamente verdadeira a história do bilhetinho passado pelo presidente ao seu ministro do Exército [...]. Depois disso, um jornal do Rio surgiu com a versão de que o autor do bilhetinho era o personagem que fomos procurar aqui em São Paulo, cuja entrevista provocou toda a celeuma. Sua história pareceu-nos tão fantástica, os detalhes de sua conspiração são tão delirantes que acreditamos sinceramente que quem a leu não acreditou em nada. O único problema era acreditar se a história fora contada antes a alguém e se alguém acreditava nela. Não se narrou, portanto, como diz a carta do general Portela, 'uma série de fatos não ocorridos'. O único fato que se narrou e que poderia não ter ocorrido, foi o da entrega, pelo entrevistado, pessoalmente ao presidente da República, do 'relatório' sobre o golpe. Mas parece que até isso ocorreu, 'ou, pelo menos, houve um encontro com gente muito chegada ao presidente. Por isso estranhamos o desmentido do general Portela. No caso, ao nosso ver, não cabia desmentido formal nenhum, a nós. Cabia, no máximo, uma declaração do presidente de que não conhece indigitado entrevistado ou de que, se o conhece, como parece ser o caso, de que não o recebeu. O *JT*, porém, não fez mais do que contar uma história curiosa e jornalisticamente interessante. Por isso continuamos sem entender o desmentido, sério demais para uma história que não devia ser séria".

O começo da história era incompreensível e o final afigurava-se fantástico.[660] As Forças Armadas mobilizaram-se em todo o país e todos continuavam sem saber os reais motivos disso. A prontidão militar justificava-se até certo ponto pelo discurso que Lacerda fez na noite de sábado, 27 de janeiro, no Teatro Municipal de São Paulo. Já a mobilização no restante do país era injustificável. O governo insistia que a prontidão era apenas uma manobra de rotina. Só que

[659] "História fantástica e desmentido que não cabia", in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 11-3-1968, p. 4.
[660] "História é fantástica, até o fim", in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 11-3-1968, p. 14.

nessa noite, antes de Lacerda chegar, dois agentes da Polícia Federal revistaram seu quarto de hotel; e após a sua chegada, agentes do DOPS e da PF passaram a vigiá-lo, sem que se registrasse nenhum incidente.[661]

Dali a poucos dias, fontes militares informaram que um bilhete sem assinatura, entregue ao marechal Costa e Silva por um desconhecido, fora o responsável pela mobilização do Exército. No bilhete relatava-se uma conspiração internacional chefiada por Charles de Gaulle com o intuito de destituir o governo militar brasileiro. O plano incluía várias execuções sumárias, dentre elas a do próprio Aladino e a de Abreu Sodré. Segundo um porta-voz do Palácio Bandeirantes, o governador fora informado do plano pelo presidente Costa e Silva. Outras informações de fontes seguras indicavam que o autor do bilhete era mesmo Aladino, um homem que se afirmava escolhido por Jeová dos Exércitos para reunificar as doze tribos de Israel. A história do bilhete começou a correr pouco depois da mobilização. Reunido com os comandantes dos quatro Exércitos, Costa e Silva entregou-lhes um papel com os planos da conspiração, instando-os a colocarem de prontidão as tropas. Nada de excepcional tendo ocorrido, alguns coronéis do III Exército se arrependeram em conferir crédito ao documento e o desqualificaram: o papel não trazia nenhum carimbo, nenhuma assinatura e não estava protocolado. Um oficial enviado ao Rio de Janeiro ouviu um lamento de Costa e Silva: “O bilhete eu recebi de um amigo meu. Não lhe dei muita importância, mas quando vi as tropas já estavam mobilizadas. Era tarde demais”.

Amplificando prestígio, Aladino aquilatou que o bilhete não era apenas um bilhete, mas um relatório. “Só não era um perfeito relatório de Estado-Maior porque, ao lado de localizar as causas da crise, previa também sua solução”. A solução, que o governo não levou em conta, era a prisão imediata de Carlos Lacerda e Adhemar de Barros. Aladino alegou ainda que em 23 de janeiro encontrou-se em São Paulo com um representante do chefe da Polícia Federal, coronel Florimar Campelo, o qual lhe confiou uma missão secreta a ser executada, com o aval de Costa e Silva, caso o golpe fosse deflagrado. A conspiração era internacional, chefiada por De Gaulle, com o apoio da URSS, RAU, Argélia e Perón; no Brasil, a Frente Ampla desviava a atenção do governo, enquanto Adhemar de Barros articulava o golpe. Alas lacerdistas do II Exército, da Força Pública, da Brigada Gaúcha e das polícias militares de Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná o sustentariam. Costa e Silva seria assassinado quando viesse a São Paulo em 25 de janeiro, após o qual sobreviria o tumulto. Precavido por Aladino, o presidente cancelou sua viagem a São Paulo sem explicar os motivos. Como não veio, o golpe foi transferido para o dia 27 e acabou novamente adiado porque as Forças Armadas estavam de prontidão. Na carta enviada ao *JT*, Jayme Portela reiterava que a prontidão fora normal, de rotina, e que Aladino Félix não se encontrara com ninguém ligado à administração federal, muito menos com o presidente. Florimar Campelo ratificou Portela.

---

[661] Novos documentos localizados em 1998 nos arquivos secretos do Ministério da Justiça, provaram que Jânio Quadros e Carlos Lacerda foram sistematicamente vigiados e seguidos por agentes do governo militar. A espionagem sobre ambos foi feita pelo menos de 1968 a 1974. O jornal *O Estado de S. Paulo* teve acesso exclusivo ao arquivo secreto que se encontrava no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. O primeiro documento é um telex, datado de 1º de agosto de 1968, enviado pelo general José Bretas Cupertino, diretor-geral do Departamento de Polícia Federal, ao Ministério da Justiça. O levantamento do serviço de informações da PF, descreve detalhadamente cada passo dado por Jânio durante uma viagem a Mato Grosso em 31 de julho. O autor manifesta a preocupação de que Lacerda e Kubitschek se juntassem a Jânio nesse encontro em Corumbá. Outro telex enviado pelo general José Bretas Cupertino, em 6 de agosto, segue informando o ministro da Justiça (na época, o professor Luiz Antônio da Gama e Silva) sobre cada passo de Jânio. Noutro documento, setores do governo chegaram a desconfiar que Lacerda estaria preparando um contragolpe que o levaria à Presidência da República no lugar dos militares. Em 27 de maio de 1974, a Divisão de Segurança e Informações (DSI) do Ministério da Justiça, recebeu um informe do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA) falando sobre as atividades de Lacerda. Por fim, o relatório secreto revela que “informe proveniente de fonte razoavelmente idônea, datado de 9-2-1974, certifica que Lacerda estaria conspirando, visando ao retorno da situação política anterior à Revolução de 1964. Pelo êxito da conspiração, sacrificaria suas últimas chances, numa missão que poderia ser considerada suicida”. (Luiz, Edson & Moraes, Marcelo de. “Jânio e Lacerda foram vigiados, mostra arquivo”, in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26-4-1998, política, p. A-8).

Irritado com os desmentidos, Aladino resolveu entregar ao *JT* uma fotocópia autenticada de um bilhete datado de 23 de janeiro de 1968, assinado pelo coronel Edgard Bernardes: "Prezado dr. Dinotos: A pedido do coronel Florimar Campelo, estou pronto para ouvi-lo hoje, às 15h15min, no Edifício... (segue-se o endereço). Aí estaremos mais à vontade. Apresento-lhe minhas cordiais saudações". Caso o governo insistisse em taxá-lo de mentiroso, avisou, revelaria novos documentos comprometedores. De antemão, mencionava outras autoridades com quem se encontrava: o general Freitas, da Polícia da Guanabara, o general Moura e o ex-governador Laudo Natel. "Se o governo federal precisasse da minha presença na Guanabara, deveria mandar um recado em código à casa do dr. Laudo Natel". Como o código não funcionara, em 22 de janeiro foi procurado em São Paulo por Florimar Campelo. "O coronel Campelo hospedou-se no Othon Palace Hotel e passou o dia todo tentando encontrar-me. Não conseguiu. No dia seguinte, falei com um emissário seu, o coronel Edgard Bernardes". Na ponte aérea, antes de embarcar para o Rio de Janeiro, Aladino disse chamar-se "Saladino", com o intuito de despistar. No mesmo avião, na poltrona à sua frente, viajava o ex-ministro do Planejamento de Castelo Branco, o economista e diplomata Roberto Campos.

De quais fontes, afinal, teriam partido as informações sobre o golpe que não houve? De "redes de espionagem internacionais", assegurou Aladino. Sabedores de sua atuação como pivô da resistência do governo, o grupo golpista liderado por Lacerda enviou um emissário, o advogado Paulo Bruck de Lacerda, acompanhado de um militar. Ante a tentativa de dissuasão, Aladino pontificou que falhariam as tentativas de silenciá-lo, pois seu arquivo encontrava-se fora do Brasil. "No dia em que revelar tudo que sei, a nação ficará coberta de vergonha". E reafirmou que o que fora publicado no *JT* era verdade: "Não deixarei que o governo me faça passar por vidente, mentiroso ou louco. Tudo o que disse é verdade, tenho documentos que provam tudo o que falei. Enquanto o governo insistir em desmentir a verdade, continuarei a prová-la. Já estão afirmando que recebi dinheiro, mas isso é desespero. Tenho apenas minhas calças, mas sei usá-las, e legarei a meus filhos o nome honrado que tenho".

Às assertivas de Aladino, Lacerda continuava exigindo um formal desmentido por parte do governo. A carta do general Jayme Portela ao *JT* não servira para esclarecer nada: "Acho que até agora o governo não deu o desmentido que devia ter dado. Está zombando do Brasil. Esperava-se que o governo desmentisse; no entanto, vieram com desculpas de que a mobilização era coisa de rotina. Querem que se acredite que houve manobras de rotina no dia 27 de janeiro, em São Paulo, com os fuzileiros em Santos e o III Exército de prontidão no Rio Grande do Sul? O país inteiro estranhou essa mobilização. No entanto, em vez de desmentir o suposto golpe, o governo vem com zombarias". Lacerda prosseguia, irônico: "A informação de que tudo era rotina fez rir o Brasil inteiro, levando o Exército ao ridículo. Ninguém quer isso. Ninguém quer o Exército no ridículo. Houve a informação de que esse sr. Aladino esteve com o presidente, falando de um ataque psicodélico. O que se quer saber é se houve ou não esse encontro. Em vez de dizer se isso é verdade ou não, fica falando de manobras de rotina". O líder da Frente Ampla comentou o bilhete assinado pelo coronel Edgard Bernardes, o qual marcava um encontro com Aladino, a pedido do coronel Florimar Campelo: "Quanto a esse bilhete, se é que ele existe mesmo, mostra que nesse caso não há o que dizer, e o homem (Aladino) falou sério. O que o governo devia ter feito era desmentir ou não tomar conhecimento. Aquela coisa de manobra não convence ninguém. Isto não é um país de cretinos. A menos que seja rotina tirar banhistas da praia de Copacabana e mandar que as famílias dos oficiais fiquem em casa para evitar represálias".

O advogado Paulo Bruck de Lacerda, apontado por Aladino como representante de Carlos Lacerda e um dos articuladores em São Paulo do golpe que não houve, defendeu-se: "Este Aladino é um louco. Eu me interesso muito por discos voadores. Foi assim que conheci Aladino. Assisti a algumas aulas sobre discos voadores dadas por ele, mas discordei das coisas que disse

— e não fui mais. Acho que ele se aborreceu com isso". Não estava interessado em golpes, "Apenas em discos voadores e foram os discos que me levaram ao escritório dele". O advogado sugeriu por um instante que se olhasse com atenção as fotos de Aladino, as quais evidenciavam o quanto "ele é louco", retificando-se logo em seguida: "Não posso acusá-lo de forma tão direta. Como advogado, sou pelo direito: para chamá-lo de louco, teria de submetê-lo a um exame de sanidade mental". O seu nome teria sido erroneamente associado ao de Lacerda: "Ele deve ter-me relacionado ao ex-governador da Guanabara por causa do sobrenome. Daí ter inventado essa história". Bruck não era parente de Lacerda, mas fez questão de declarar ser seu admirador. Por fim, resolveu ridicularizar Aladino: "Guardei as reportagens sobre Aladino Félix e mostrei-as ao general Mena. A opinião dele é a mesma que a minha: o homem é louco mesmo. Notou o olhar dele? Minha opinião é de que ele é um irresponsável".

A história viria a comprovar que Aladino não podia ser simplesmente taxado de louco ou irresponsável. Agindo às expensas — ou à revelia — do governo militar, contribuía ele na gestação do monstro que nasceria 9 meses depois e que arrasaria com a vida democrática da nação por uma década: o golpe dentro do golpe. Não por acaso, logo a seguir às denúncias alardeadas por Aladino de que Lacerda e a Frente Ampla conspiravam perigosamente contra o regime,[662] Costa e Silva esteve a ponto de decretar um novo Ato Institucional, o de nº 5. Na segunda-feira, 1º de abril, quarto aniversário do golpe militar, rumores de que o governo iria editar um novo ato ou decretar o estado de sítio invadiram o Congresso. O colunista Carlos Castello Branco, que desvendou esse ensaio de golpe, mostrou como, junto ao presidente da República, alertava-se insistentemente sobre o erro do seu antecessor, que não queria baixar o AI-2 e acabou derrotado pela linha dura. Rumores acerca das possiblidades que estavam sendo consideradas cresciam a níveis alarmantes.

Ante a pressão militar, Costa e Silva estaria disposto — se não editasse um novo AI ou decretasse o estado de sítio —, a pelo menos ordenar a intervenção federal na Guanabara e a seguir nos demais estados. Proibidos de se manifestarem nas ruas, os estudantes ainda comovidos com a morte de Edson Luís resolveram comemorar à sua maneira o aniversário do golpe. Paralelamente, uma guerra de comunicados, declarações, notas e manifestos tomou conta do país, tendo o Rio de Janeiro como centro nervoso. Na terça-feira, dia 2, Lacerda anunciou que iria quebrar o seu silêncio. Desde que rompera com o golpe que ajudara a articular, Lacerda passou a ser considerado um traidor. Agora era tão odiado quanto tinha sido amado. Andava numa quietude inquietante — não se manifestara nem mesmo por ocasião da morte de Édson Luís. Da última vez em que se pronunciara — numa entrevista há 15 dias —, conclamara a paz: "É hora de levantar o povo para pedir anistia". Sabedor do segundo golpe que se preparava nos bastidores, lançou um manifesto. Após reunir-se com Juscelino Kubitschek, entregou ao deputado Renato Archer, ambos companheiros de Frente Ampla, um documento no qual dizia: "A violência tornou-se norma nas relações entre governo e povo. Do restaurante do Calabouço à Constituição da República, esse governo, no qual se irmanaram os mistificadores (referindo-se indiretamente a Aladino) faltou à sua palavra. Ninguém deseja a baderna, mas ninguém suporta a crueldade e a covardia. É inaceitável que o Exército trate os estudantes como se fossem uma horda de inimigos". Pela primeira vez, Lacerda se solidarizava com os estudantes. Isso não foi o suficiente para sensibilizar a UNE, que, em nota, rejeitou a solidariedade.

Como parte das comemorações do Dia do Trabalho, cerca de dez mil pessoas, em sua maioria operários, reuniram-se na Praça da Sé. Em frêmito, os militantes de esquerda escorraçaram do palanque e da praça o governador Abreu Sodré, encarado como representante

---

662 Outro fato marcante foi o assassinato do estudante secundarista Édson Luís de Lima Souto, dentro do restaurante-bandejão Calabouço, no Rio de Janeiro, em 28 de março. Os líderes estudantis transformaram o cadáver de Edson Luís em mártir contra o regime militar. Apesar do enterro ser comparado ao de Getúlio Vargas, em termos de manifestação popular, em nenhum instante ameaçou a ditadura em seus alicerces (Mir, Luís. *A revolução impossível: a esquerda e a luta armada no Brasil*. São Paulo, Best Seller, 1994, p. 305).

da ditadura militar, o que elevou o ânimo dos operários. Nesse 1º de maio, os dirigentes do PCB e Sodré assistem, inertes e surpresos, a radicalização definitiva da luta contra o governo. O episódio mais violento, a "Sexta-Feira Sangrenta" em 21 de junho no Rio de Janeiro, começa numa passeata por verbas, que tenta em vão falar com o ministro da Educação Tarso Dutra. Diante da embaixada dos EUA, chovem pedras; do edifício, tiros. A PM, sob comando do 1º Exército, ataca. Os líderes se dispersam, mas vários estudantes resistem, contando com a ajuda de populares. Durante 8 horas o centro virou um campo de batalhas com barricadas, tiros, bombas, cavalarias, golpes de sabre, pedras e objetos jogados dos prédios. Estagiários de medicina de plantão nos hospitais contam vinte e oito mortos, enquanto o governo admite somente dois, um deles um PM, alvo de um tijolo. Em 26 de junho, as manifestações populares desembocaram em um ato de enorme repercussão, a Passeata dos Cem Mil, que se concentrou na Cinelândia e percorreu a avenida Rio Branco, até a Praça Quinze. Tamanha a repercussão que Costa e Silva se predispôs a receber em Brasília uma comissão de representantes.[663]

Na manhã desse dia, morria o soldado Mário Kozel Filho, quando a caminhonete carregada de dinamite explode contra o muro do QG do II Exército em São Paulo. Em 1º de julho, o Teatro Galpão em São Paulo, onde era encenada a peça Roda Viva, de Chico Buarque de Holanda, sofre a invasão dos militantes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), que espancam atores e pessoas do público. De 17 a 20 de julho ocorre uma greve de metalúrgicos em Osasco, com o apoio do Sindicato presidido por José Ibrahim e de Grupos de Dez nas fábricas, sob estímulo da Aliança Libertadora Nacional (ALN). O regime intervém no sindicato e passa a caçar Ibrahim. Os grevistas revidam ocupando a Cobrasma, maior empresa da cidade, mas são expulsos, de mãos na cabeça, por carros blindados e metralhadoras do Exército, sendo obrigados a encerrar a greve. Em 30 de julho, Jânio Quadros era confinado em Corumbá, Mato Grosso, onde permanece até 26 de novembro.

As ações terroristas em São Paulo haviam se iniciado em fins de 1967 com algumas ocorrências isoladas — assaltos a bancos e carros pagadores.[664]

---

[663] Gorender, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada.* 2ª ed., São Paulo, Ática, 1987, p. 148.

[664] A onda de assaltos principiou em 28 de novembro de 1967, ocasião em que NCr$ 900,00 foram subtraídos de uma agência bancária na Penha. No dia seguinte, novo assalto, desta vez a uma agência na avenida Jabaquara, de onde foram levados Cr$ 1.500.000,00. Em dezembro, foram cinco assaltos a agências nos dias 1, 3, 8, 11 e 19. Na Vila Guilherme roubaram Cr$ 3.800.000,00; na Vila Mariana, Cr$ 1.000.000,00; no Tatuapé Cr$ 500.000,00; no Pari, NCr$ 1.100,00, e no Ipiranga, NCr$ 3.800,00. Nesta última morreu o vigia do estabelecimento que, na tentativa de impedir o assalto, reagiu e acabou assassinado a tiros. Em, janeiro houve apenas um assalto a banco, justamente o primeiro da ALN do qual Marighella tomou parte. Para dar o exemplo, levou CR$ 35.000,00 da agência do Banco Francês e Brasileiro, na rua Santo Amaro. Como não haviam armas suficientes, o líder da ALN utilizou uma faca. O segundo assalto, que alguns reclamam ser o primeiro, foi na avenida Angélica. Um dos seus participantes, Itobi Alves Corrêa Júnior, relembrou: "Marighella queria mostrar como era fácil tirar dinheiro dos bancos. Ele tinha pressa em pôr em prática a palavra de ordem segundo a qual o dever de todo o revolucionário é fazer a revolução. Por isso, o assalto foi feito quase sem preparação e tão sem cobertura que alguns participantes tiveram de fugir de ônibus. Marighella assaltou o banco de cara limpa, sem disfarce algum. As testemunhas, interrogadas pela polícia, disseram que o assaltante era o cantor Ciro Monteiro. Ciro era também mulato e careca. O que não se sabe é se chegou a ser incomodado" (Mir, Luís, op. cit., p. 280-281). A fase organizada das ações, imediatamente associadas ao terrorismo de esquerda pela habilidade e imaginação com que foram executadas, principiou em 8 de fevereiro de 1968, quando um carro-pagador foi interceptado na passagem de nível da Estada de Ferro Santos-Jundiaí, em Capuava. A Kombi que transportava o numerário destinado ao banco foi obrigada a parar antes de atravessar a linha férrea. De um automóvel estacionado nas proximidades, saltaram os assaltantes que levaram mais de Cr$ 23.000.000,00. Em 7 de março, de uma agência bancária da Lapa, foi roubada a quantia de NCr$ 2.150,00 Em abril, as ações se concentraram entre os dias 15 e 22. A primeira, em Santo Amaro, marcou o aparecimento das armas pesadas, ou seja, metralhadoras. Os terroristas atiraram para o ar e levaram Cr$ 35.000.000,00. Da outra levaram apenas Cr$ 180.000,00. Em 30 de maio, na agência de Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo, ocorreu um dos assaltos mais violentos. As metralhadoras entraram em ação para intimidar os funcionários e o montante do roubo chegou a NCr$ 80.000,00. O DOPS passou então a desconfiar de possível ligação entre os que vinham explodindo bombas e os que assaltavam bancos. Suspeitava-se que os terroristas pretendiam arrecadar dinheiro para desencadear a guerra revolucionária. Em 3 de junho, um carro-pagador que trafegava pelo município de Mauá foi interceptado à rajada de metralhadora e mais NCr$ 80.000,00 foram levados. Em 11 de junho, a quadrilha, portando metralhadora, atacou a agência bancária do Parque São Lucas, roubando cerca de NCr$ 43.000,00. De uma agência da Mooca levaram Cr$ 1.000.000,00. O dia 1º de julho foi marcado pelo assalto à agência Leme Ferreira, sito à avenida Angélica. A "quadrilha da metralhadora" invadiu o banco em pleno meio-dia e levou NCr$

Em 16 de janeiro de 1968 foram furtadas da reserva de armas da Companhia de Comando do QG da FP, uma metralhadora Ina, mais três pistolas Walther e treze revólveres Taurus, além de diversos carregadores e farta munição. Não obstante, o ciclo agudo dos atentados principiou em fins de março e início de abril, justamente depois das declarações de Aladino e simultaneamente às investidas dos militares em apressar a implantação do AI-5. Em 10 de abril, um petardo explodiu sobre o elevador do QG da FP, sito à Praça Coronel Fernando Prestes, nº 115, causando apenas estragos materiais. Em 15 de abril, uma bomba foi atirada contra o Gabinete do comandante do II Exército, na rua Conselheiro Crispiniano, ao lado do antigo QG. Arremessada de um prédio vizinho, não atingiu o alvo, indo cair entre dois edifícios. Explodiu na mão de um comerciário, que por sorte apenas se feriu. Em 15 de maio, um petardo explodiu na entrada do prédio onde se localizava a Bolsa de Valores de São Paulo, ocasionando danos materiais. Na noite de 19 maio, uma bomba danificou os sanitários do Departamento de Alistamento da FP, sito à rua Jorge Miranda, nº 72. Entre um atentado e outro, a população parecia mais propensa a ver coisas estranhas no céu. A Imprensa noticiou que os discos voadores rondavam São Paulo e faziam manobras no bairro da Vila Mariana.[665] Na madrugada de 7 de julho, houve cinco explosões quase simultâneas de bombas em linhas férreas. No pontilhão da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB) sobre a avenida Gabriela Mistral; na estação Engenheiro Goulart na Penha; na ponte da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ), sobre o rio Tietê, no Piqueri; no terminal do Oleoduto Santos-São Paulo, em Utinga, e na passagem subterrânea de pedestres sob a ponte do km 29 da Via Anhanguera, onde ficavam os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS), nas proximidades do Mercado da Lapa. Em 12 de julho bombas explodiram nos vagões de dois trens, um da EFCB e outro da EFSJ, provocando danos materiais e escoriações leves em alguns passageiros. Em 1º de agosto, por volta das 10 horas, um grupo armado de metralhadora e revólveres roubou NCr$ 26.290,98 de uma agência do Banco Mercantil e Industrial de São Paulo, no distrito de Perus. Na madrugada de 20 de agosto, três novas explosões abalaram São Paulo: uma defronte ao prédio do DOPS, onde um Aero-Willys furtado, carregado com mais de cem bananas de dinamite, explodiu acarretando vultosos danos materiais aos edifícios dos arredores e ferimentos leves em algumas pessoas. A outra detonação se verificou no prédio ocupado pelo 4º Fórum Distrital, em Santana. Quase ao mesmo tempo outro petardo explodiu no prédio ocupado pelo 5ª Fórum Distrital, na Lapa. Os dois últimos causaram danos materiais de monta, tanto na repartição policial como nos prédios vizinhos.

Os roubos e atentados acima correspondiam a quase metade de todas as principais ações terroristas registradas no período.[666] O DOPS acentuou que "diante desse quadro tenebroso, que

---

23.000,00. Esse ataque lembrou os velhos filmes sobre a conturbada Chicago da década de 30: as metralhadoras eram transportadas em caixas de violino. Finalmente, em 1º de agosto, ocorreram os dois últimos e grandes assaltos a bancos. Um em Perus, de onde foi levado um montante de NCr$ 32.000,00 e outro no Itaim Bibi, de onde levaram NCr$ 47.000,00, após imobilizarem quinze pessoas e obrigarem o gerente a abrir o cofre. Nesse assalto surgiu em cena, pela primeira vez, uma mulher, apelidada pela Imprensa de *Bonnie*, personagem de um grande sucesso na época, do filme *Boonie and Clyde*. Por volta das 18 horas de 5 de agosto, um grupo portando uma metralhadora e outras armas pequenas roubou NCr$ 35.000,00 do Banco Comercial e Industrial de São Paulo, sito à avenida São Gabriel. Nesse mesmo dia, por volta das 16 horas, NCr$ 47.000,00 foram levados do Banco Mercantil de São Paulo, no bairro de Itaim Bibi. Em 10 de agosto, novamente armados com metralhadoras, cinco homens da ALN assaltaram o trem pagador da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, nas imediações de Pirituba, levando NCr$ 108.000,00. Em 13 de novembro, cinco guerrilheiros da ALN e Marighella assaltaram pela manhã um carro pagador do Instituto de Previdência do Estado da Guanabara (IPEG).

665 Jorge, Moacyr, et alii. "Disco voador ronda São Paulo e faz manobras em Vila Mariana: mundo todo abalado com seres de outros planetas", in *Notícias Populares*, São Paulo, 7-7-1968, p. 3.

666 Os demais atentados foram cometidos por grupos de variadas linhas e tendências, inclusive ultra-direitistas. Os principais deles: Em 30 de dezembro de 1967, furtou-se da Pedreira Gato Preto, da Companhia de Perus, várias caixas contendo bananas de dinamite e detonadores. Na madrugada de 19 para 20 de março de 1968, os estudantes Orlando Lovechio Filho, Vitor Fernando Siqueira e Edmundo Ribeiro de Mendonça guardaram o automóvel na garagem do Edifício do Conjunto Nacional, na avenida Paulista. Quando passavam defronte ao Consulado norte-americano, a bomba explodiu ferindo os três e causando danos materiais. Em 9 de abril, uma bomba por pouco não explodiu no Departamento da Polícia Federal, na rua Piauí. Em 17 de abril, houve a eclosão de uma bomba no Instituto de Educação em Pirassununga, interior de São Paulo, ocasionando danos materiais. Vários kg de dinamite estouraram no prédio do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 20 de abril. Os danos foram consideráveis e o porteiro Mario José Rodrigues sofreu ferimentos graves. Em 22 de abril, uma bomba explodiu na

vinha trazendo a intranqüilidade ao país e principalmente ao Estado de São Paulo, viu-se a Polícia paulista, juntamente com a Polícia Federal e as Forças Armadas, na contingência de redobrarem suas atividades, visando pôr um paradeiro a tal situação. Para tanto, as autoridades passaram a trabalhar dia e noite, levantando pistas, instaurando sindicâncias, efetuando prisões de pessoas suspeitas, reforçando as guardas em diversos prédios, pondo em execução um plano de segurança das ferrovias. Persistiam as autoridades policiais do DOPS paulista em suas teses de que os assaltantes procuravam juntar dinheiro para um plano político que pretendiam executar. Porém, debalde os esforços desenvolvidos, não conseguia a Polícia desbaratar o grupo de assaltantes e de terroristas que estava levando o país a um clima de insegurança. O comércio e a rede bancária se ressentiam dos efeitos maléficos e perturbadores das ações terroristas. Os brios da Polícia paulista estavam afetados. As autoridades sentiam o peso da responsabilidade que lhes cabia. O amor próprio de cada policial estava ferido. Era preciso mais trabalho, mais vigilância, mais ação, tudo enfim que fosse necessário para conter a onda de terrorismo que trazia prejudicial insegurança à nação brasileira. Por conseguinte, vinha a Polícia desenvolvendo os melhores de seus esforços para conseguir uma pista que a levasse aos criminosos. Várias sindicâncias foram instauradas, centenas de pessoas ouvidas, diversos suspeitos interrogados, inúmeras diligências realizadas, documentos e outras provas materiais coletadas...".[667]

A Polícia Civil, responsável pela investigação de assaltos a bancos, enviou informes ao DOPS e ao II Exército assinalando que as ações eram de autoria do "terror". A equipe do DEIC, conhecida como patrulha bancária, tinha dois integrantes que se tornariam figuras-chave da repressão: Sérgio Paranhos Fleury[668] e seu braço direito Edsel Magnotti.

Antes mesmo de qualquer investigação mais apurada, os agentes da repressão atribuíram a autoria das ações a grupos armados de esquerda. Tal pressuposto, justificável pela confusão em que a opinião pública se lançava com o início da luta armada,[669] norteou os trabalhos até o fim

---

avenida Rebouças, no jardim da residência de Virgilio Malta Cardoso, desembargador aposentado e ex-procurador do Estado, causando danos insignificantes. Houve o estouro de uma pequena bomba no interior de um ônibus da Viação Urbana Penha S/A, em 7 de maio. Em 23 de maio, um petardo explodiu na residência do secretário da Educação, Ulhôa Cintra, na rua Marina Cintra, nº 57, Jardim América, provocando danos materiais. Em 27 de maio, houve uma pequena explosão em um terreno baldio da rua Itambé, defronte ao prédio nº 431, perto da Faculdade Mackenzie, assustando os circunstantes. Em 30 de maio, uma bomba explodiu na caixa de luz do Colégio Estadual Enio Voss, sem maiores conseqüências. Em 20 de junho, dois homens num automóvel jogaram uma bomba tipo *molotov* contra a casa do presidente da Cia. Kibon, Eric Egan, provocando danos materiais. Em 24 de junho, uma bomba de pouca potência explodiu num dos elevadores do Conjunto Nacional, na avenida Paulista, causando danos reduzidos. O alvo visado era o Consulado da França. Na manhã de 26 de junho, uma perua Chevrolet, carregada de petardos, foi atirada contra o edifício do QG do II Exército, no Ibirapuera, causando estragos de monta e matando o sentinela Mario Kozel Filho. Em 28 de junho, verificou-se o furto de sete mil e quinhentos bananas de dinamite na Pedreira Fortaleza. Em 22 de julho, a sede da ABI sofreu atentado à bomba. Por engano dos terroristas de esquerda, em 1º de julho o major do Exército alemão Edward Ernst Tito Otto Maximilian von Westernhagem, caía morto perto de sua casa no Rio, atingido por dez tiros de pistola automática. Como lutara na Segunda Guerra Mundial, e fazia um curso na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, a Polícia, num primeiro momento, atribuiu o crime a caçadores de nazistas. Ao atirar no major alemão, três militantes do Comando de Libertação Nacional (Colina) acreditavam estar matando Gary Prado, o oficial que prendera Guevara na Bolívia. Além desses, segundo a Polícia, ocorreram outros atentados de menor importância que não tinham ligações com o movimento terrorista.

667 Alcântara, Benedito Sidney. "IV - Intranqüilidade no País", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, nº 97312.

668 No início de sua carreira como delegado de Polícia, freqüentava o bar do Instituto dos Arquitetos de São Paulo, tradicional reduto de jornalistas e intelectuais. Quando foi transferido em julho de 1969, levou consigo os métodos do DOPS e do inferno chamado DEIC para dentro dos DOI-CODI. Morreu em 1º de maio de 1979 ao escorregar e cair no mar no atracadouro do Iate Clube de Ilhabela, litoral paulista, onde estava ancorado um barco recém-comprado por ele, o "Adriana". Para a maioria da esquerda brasileira, uma "queima de arquivo", executada antes da abertura política que Figueiredo promoveria nesse ano (Mir, Luís, op. cit., p. 479-480).

669 O objetivo da ALN e de Marighella era resgatar a insurreição 1935. Intentava-se cooptar Prestes para a conclusão da revolução irrealizada. Se Moscou falhara com Prestes, eles e Cuba finalizariam a empreitada. A indefinição do caminho a seguir foi uma das marcas do fracasso da ALN. Luta armada, sem dúvida, mas sem clareza de foco: guerrilha urbana ou rural? Marighella tropeça num problema básico: a pressa em queimar etapas. A fundação da ALN, em março de 1968, teve como palco a casa do ex-deputado comunista do PSB, Jéthero de Faria Cardoso, no bairro do Sumaré. Ressaltava-se a criação de uma organização revolucionária e não um partido. Os fundadores: Carlos Marighella, 57 anos, baiano, quadro profissional, membro do Comitê Central e da Executiva do PCB. Cotado como sucessor natural de Prestes na secretaria-geral; Joaquim Câmara Ferreira, 57 anos, paulista, jornalista, ex-vereador do PCB em Jaboticabal, membro do Comitê Central e considerado quadro de

das diligências. Assim, quando descobriram que eram de autoria do grupo liderado pelo messiânico Aladino Félix, custaram a reconhecer a verdade. "Sabemos de onde partiu o golpe. Foram os homens da esquerda, não temos dúvidas. Mas, acabaremos por agarrá-los", afirmou em 19 de março o general Sílvio Correia de Andrade, delegado da Polícia Federal de São Paulo, uma das autoridades apontadas poucos dias atrás por Aladino como sendo um de seus contatos. Aborrecido, Andrade contemplava os danos causados pela explosão da bomba no Consulado dos EUA — a primeira da série —, a qual foi seguida por outros atentados, dentre eles os de Aladino. Também compartilhavam o pensamento de Andrade o delegado João Cândido Delfino, do Departamento de Polícia Federal, e os delegados do DOPS paulista. As assunções, nessa última repartição: "Carlos Marighella comanda o terror"; "Os terroristas são homens que fizeram cursos de guerrilhas em Cuba e na China"; "Tarzan de Castro, Gerson Parreiras, Edgar de Almeida Martins e Manuel Luiz Vieira de Sousa Coelho, todos comunistas, são os homens que praticam os atentados". Policiais do DEIC prenderam como suspeito o operário José Luis Sabino de Santana, obrigando-o, com torturas, a confessar um fantástico e inexistente plano de subversão comunista. O delegado do Setor de Assaltos do DEIC, Ernesto Milton Dias, 32 anos, negou que ele e seus companheiros tivessem torturado o operário. Faltou dizer por que o rapaz, inocente, resolveu arcar com a culpa dos atos terroristas.

Nessa altura, no início de agosto, era considerado tolice pensar que eram outros, e não os comunistas, os responsáveis. Quando, finalmente, Aladino e seus seguidores acabaram presos, a surpresa foi geral: "Como, é gente de direita?".

Segunda-feira, 19 de agosto. Policiais da 40ª Circunscrição, sito à avenida Deputado Emilio Carlos, prenderam um rapaz, Osvaldo de Azevedo, que dirigia um Galaxie e estava acompanhado de outro jovem e de três moças. Alguns tubos de psicotrópicos e um pouco de maconha foram encontrados no veículo. O delegado Rui Prado de Franchequi[670] deteve Osvaldo para interrogações, liberando as moças e o outro jovem. No dia seguinte, novamente inquirido, Osvaldo disse conhecer um menor de nome Félix Dias Castelúcio[671] que saberia muito acerca dos assaltos a bancos em São Paulo. Detido na quinta-feira, o garoto contou que ouvira comentários sobre o roubo do banco de Perus num bar e bilhar da Vila Bonilha. "Quem falava sobre isso era um homem cujo apelido era Ika". Investigações realizadas a partir dessa informação conduziram os agentes a uma loja de venda de pássaros na rua A, no mesmo bairro. Ao anoitecer, Ika ou Gregório Cutcheravia,[672] foi preso, apontando como seus comparsas Antonio Pereira, alcunhado de "Baixinho",[673] e o soldado da FP Jessé Cândido de Moraes.

---

primeira linha do PCB. O segundo no comando. Em certos momentos, radicalizou suas propostas, colocando-se em rota de colisão com Marighella. Mas os dois mantiveram-se juntos, como amigos e aliados; Cícero Silveira Vianna, 40 anos, paulista, procurador da Rede Ferroviária Federal, dirigente municipal do PCB em São Paulo; Rafael Martinelli, 47 anos, paulista, líder sindical, ex-presidente da Federação Nacional dos Ferroviários; Osvaldo Lourenço, 33 anos, santista, líder sindical; Farid Helou, 36 anos, goiano, arquiteto, secretário-geral do PCB em Goiás; João Adolfo Castro da Costa Pinto, 43 anos, paulista, jornalista e dirigente estadual do PCB; Agonalto Pacheco da Silva, 41 anos, sergipano, dirigente municipal do PCB; Rolando Frati, 57 anos, paulista, instrução primária, fundidor, líder operário em Santos, membro do Comitê Central do PCB. A partir da organização da ALN, o terrorismo de esquerda eclodiria no Brasil (Mir, Luís, op. cit., p. 263-273).

670 Em carta datada de 6-12-1995, Alice Pamfilio, residente no bairro Parque Jabaquara, São Paulo, comunicou-me que Ruy Prado de Franchequi havia falecido no dia 23 de junho último.

671 O garoto servira como um dos pontos de partida para o desbaratamento do grupo, graças às informações que prestara a respeito do que ouvira de seu conhecido, Norival de Paula, vulgo Corisco.

672 Natural de Piratininga, 28 anos, solteiro, instrução primária, pintor de móveis. Envolveu-se com o grupo na intenção de apenas praticar crimes comuns. Preso em função do assalto ao banco de Perus. Conforme apontou o Relatório de Inquérito do delegado adjunto do DOPS, Benedito Sidney Alcântara, colaborou ainda nas explosões defronte ao DOPS e nas 4ª e 5ª Varas Distritais. Além disso, foi quem roubou, junto com Antonio Pereira, vulgo "Baixinho", os veículos utilizados no assalto. Com o dinheiro amealhado, adquiriu um veículo ("XXVI - Resumo da atuação de cada indiciado", São Paulo, 18-12-1968, p. 40).

673 Natural de Matão (SP), 39 anos, solteiro, instrução primária, torneiro mecânico. Também envolveu-se com o grupo apenas na intenção de praticar crimes comuns. Preso em função do assalto ao banco de Perus. Conforme apontou o Relatório de Inquérito do delegado adjunto do DOPS, colaborou ainda nas explosões defronte ao DOPS e nas 4ª e 5ª Varas Distritais. Além disso, foi quem roubou, junto com Gregório Cutcheravia, vulgo "Ica", os veículos utilizados no assalto ao banco. Com o dinheiro amealhado, comprou um veículo DKW. Era adquirente do

Inquirições posteriores trouxeram à tona novos nomes, entre eles o de Norival de Paula, vulgo Corisco,[674] o do próprio Aladino Félix, os dos sargentos da FP Rubens Jairo dos Santos, Cláudio Fernando Pereira Lopes, Juraci Gonçalves Tinoco e Juarez Firmiano, os dos soldados Luiz Ataliba da Silva e Sebastião Fernandes Muniz, o do cabo Edson Vieira e o do assaltante Pierino Gargano.[675] Com a prisão de boa parte dos membros do grupo, a polícia apreendeu alguns documentos, dois carros (um Volkswagen e um DKW) e Cr$ 4.000.000,00. Durante os interrogatórios no DEIC, Aladino e seguidores foram sordidamente torturados. O delegado que conduziu os inquéritos foi Ernesto Milton Dias, o mesmo que negou ter maltratado o operário José Luís Sabino de Santana. Removidos para o DOPS, tiveram a prisão preventiva decretada pela 9ª Vara Criminal e pela Justiça Militar. Dos depoimentos prestados à Polícia, nada transpirou. Mais tarde, a Imprensa teria acesso as declarações feitas à Justiça.[676]

A captura do grupo de Aladino em decorrência desse assalto a banco, o único por ele cometido, levou muitos a se precipitarem, atribuindo-lhe os demais atentados. Num primeiro momento, os jornais o alcunharam de "o bando da metralhadora". O *Notícias Populares*, por exemplo, notório por seu sensacionalismo no melhor estilo tablóide, estampou em 24 de agosto: "Roubo de armas e subversão na trama dos terroristas!". O jornal publicou uma série em quatro partes sobre as ações e a prisão do grupo, sempre acompanhada de manchetes escandalosas.[677] Entre outros aspectos, comentou-se que Aladino era réu numa ação de despejo que lhe movia o senhorio Augusto Lobo Ribeiro, proprietário da casa localizada na rua João Raposo (igualmente conhecida com o nome de rua Tomé Pontes), nº 23, por falta de pagamento do aluguel. A última audiência a que teria direito estava marcada para o dia que antecedeu a explosão na Vara Distrital de Santana (madrugada de 20 de agosto). Caso tivesse comparecido, não restavam dúvidas, perderia a ação, e teria que inevitavelmente desocupar o imóvel. Ao negligenciar a audiência em função dos preparativos para o atentado, Aladino ganhou pelo menos mais 6 meses de prazo para que se restabelecesse aquela ação.

No dia seguinte à prisão em 23 de agosto, Aladino e seguidores foram submetidos a interrogatórios sob torturas no DEIC. Sem opor resistência, Aladino confessou sua participação nos atentados terroristas e discorreu, com detalhes, sobre as bombas que mandara explodir. Negou, todavia, ser autor dos atentados ao QG do II Exército no Ibirapuera,[678] ao Consulado

---

material para a confecção de bombas. Tido como batedor de carteiras, principalmente de senhoras ("XXVI - Resumo da atuação de cada indiciado", São Paulo, 18-12-1968, p. 41).

674 Natural de Bilac (SP), 22 anos, solteiro, instrução primária, operário. Único negro a envolver-se com o grupo, embora apenas em função do assalto a banco comandado por Jessé Cândido de Moraes.

675 Italiano, natural de Frosisone, 19 anos, instrução primária, meio-oficial de ajustador mecânico. Único estrangeiro a envolver-se com o grupo, embora apenas na intenção de praticar crimes comuns. Preso em função do assalto ao banco de Perus. Conforme apontou o Relatório de Inquérito do delegado adjunto do DOPS, colaborou ainda nos furtos de dinamite na Pedreira Panorama, em Perus, nas explosões ocorridas no pontilhão da EFSJ, no bairro do Piqueri, bem como na explosão verificada no km 29,5 da via Anhanguera ("XXVI - Resumo da atuação de cada indiciado", São Paulo, 18-12-1968, p. 41).

676 Montero, Armando, et alii. "O terror da esquerda à direita", in *Última Hora,* São Paulo, 21-9-1968, suplemento especial, p. 5.

677 "Chefe do terror ganhava meio milhão por atentado", in *Notícias Populares*, São Paulo, 27-8-1968, p. 10; "Ferrovias na mira da gang da metralhadora", in Notícias Populares, São Paulo, 28-8-1968, p. 11; "Conversa de bar levou a Polícia aos terroristas", in *Notícias Populares*, São Paulo, 29-8-1968, p. 12; "Inquérito do terror na Polícia Federal!", in *Notícias Populares*, São Paulo, 30-8-1968, p. 11.

678 O grupo dos sargentos da ALN toma a dianteira e executa na madrugada de 22 de junho um ataque ao Hospital Militar no Cambuci, dominando os guardas e roubando onze fuzis FAL (sigla de Fuzil Automático Leve, armamento padrão da OTAN, de fabricação belga). O capitão Carlos Lamarca, que fora colocado à margem do acontecimento, ficou duplamente contrariado. Primeiro, não fora consultado e gostaria de ter ajudado no planejamento; segundo, participou a direção máxima da organização — Onofre Pinto, Wilson Fava e João Quartim —, um enorme risco para a pouca quantidade de armamento conseguida. Quatro dias depois, poucas horas antes da Passeata dos Cem Mil, a mesma caminhonete Veraneio (Chevrolet) usada no assalto ao hospital era lançada, com cerca de 50 kg de explosivos, contra o edifício de alojamento de oficiais no QG do II Exército, recém construído no Ibirapuera. Era a resposta que a ALN dava ao general Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa, comandante do II Exército. Depois do atentado ao hospital, convocou a Imprensa para desafiar: "Atacaram um hospital. Que venham atacar o meu quartel!". Foram. Tencionando evitar vítimas, afixaram no pára-brisa uma folha de sulfite com o aviso "Não se aproxime: explosivos". Não seguindo a rota prevista, o veículo se chocou contra um poste, perdeu velocidade e explodiu antes de aproximar-se do alojamento, estraçalhando o soldado Mário Kozel Filho, de sentinela na ocasião e que correu atrás de dois carros em alta velocidade numa zona de

norte-americano[679] e ao jornal *O Estado de S. Paulo*,[680] bem como outros de menor vulto. Sobre o atentado ao Consulado, tergiversou que por intermédio de Antonio Antão da Silva viera a saber que fora obra do "Grupo 105", integrado por comunistas e chefiados por Casimiro Bruno Taleics,[681] conforme indicações de Adhemar Viola. Contou que o furto de armas no QG da FP fora determinado diretamente pelo general Paulo Trajano em presença do grupo. Assumiu que os atos terroristas eram encomendados a ele, Aladino, por intermédio de cartões timbrados da Casa Militar da Presidência da República e do Ministério da Justiça. As ações visavam sustar um movimento contra-revolucionário encabeçado por Lacerda, Juscelino, Jango, Brizola e Adhemar de Barros. Este último utilizar-se-ia do poderio militar da FP de São Paulo e de milícias estaduais do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Bahia, além do apoio de grande parte do clero. Insistiu na versão que alardeara havia 5 meses: os conspiradores planejavam assassinar o governador de São Paulo e o presidente da República, que só escapou da morte graças a um aviso contido no relatório que encaminhara através do general Trajano, resultando daí a falha do movimento. Discorreu sobre seus contatos com o coronel Campelo e com o general Picanço. Implicou no movimento revanchista os coronéis Canavó, Cabeti e Sheffer e os capitães Cid Benedito Marques e Malvásio, todos oficiais da FP. Referiu-se também a um agente do Serviço Secreto de Israel, de nome Bergman. Confessou sua ideologia socialista, nos moldes de Israel e Suécia, garantindo por fim que nenhum elemento de seu grupo era comunista.[682]

A Secretaria da Segurança distribuiu um comunicado oficial na tarde de 26 de agosto, publicado pelo jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro na edição do dia posterior: "O Gabinete do secretário da Segurança Pública, em face da identificação de autores e co-autores de assaltos a bancos e atos de terrorismo, visando esclarecer a opinião pública, informa: 1) através de inquérito instaurado pela 40ª Delegacia da capital, já concluído, foram indiciados, como autores, co-autores e receptadores, do assalto ao Banco Mercantil e Industrial de São Paulo, agência de Perus, os seguintes indivíduos, cuja prisão preventiva está sendo solicitada à Justiça estadual: Aladino Félix, escritor, também conhecido como Sábado Dinotos; 2º sargento Juarez Nogueira Firmiano; 3º sargento Juracy Gonçalves Tinoco; 3º sargento Cláudio Fernando Pereira Lopes; soldado Jessé Cândido de Moraes; soldado Sebastião Fernandes Muniz, todos da FP; Antonio Pereira, torneiro; Gregório Cutcheravia, pintor; Norival de Paula, operário; Pierino Gargano, foragido. Com isso, encerrou-se a competência da Polícia Civil do Estado. 2) As diligências prosseguem com relação a outros elementos implicados no caso e nos demais assaltos ainda não esclarecidos. 3) Os atos de terrorismo, enquadrados como crimes contra a segurança nacional, estão sendo apurados pelo DOPS por delegação da Polícia Federal em inquérito regular a ser remetido oportunamente à Justiça Militar competente; já foi apurada a participação dos

---

segurança. A morte foi festejada pelos comandos militares. Tinham agora um cadáver na mão. O regime militar, com a tomada pacífica do poder, procurava inimigos desesperadamente. O segundo ataque contra uma instalação militar em menos de uma semana instala um clima de rebelião no governo. O Estado-Maior do II Exército apresenta um ultimato a Costa e Silva: pena de morte aos subversivos (Mir, Luís, op. cit., p. 310-312; Gorender, Jacob, op. cit., p. 132).

679 Marcos Antonio Braz de Carvalho explodiu artefatos nos consulados dos EUA e da URSS. Marighella teve de explicar-lhe que a URSS não era inimiga. Acompanhado de Renato Martinelli, Carvalho chegou a colocar duas bombas em uma rua comercial, à noite, somente para testar seu poder explosivo (Mir, Luís, op. cit., p. 322).

680 O atentado contra esse jornal, na madrugada de 19 de abril, foi realizado sem discussão prévia por três jovens militantes do grupo dos sargentos da ALN. Haviam saído para escolher alvos inimigos e levavam uma bomba dentro do Fusca. Ao passarem em frente a sede do jornal, na rua Major Quedinho, centro de São Paulo, um deles sugeriu que se atacasse o jornal que havia conspirado em 1964 contra Goulart e apoiava a ditadura militar. Por dezenas de vezes rondaram a portaria do edifício, esperando o momento ideal de colocar a bomba. Uma hora o guarda que saía na porta; outra, muitas pessoas aglomeradas. Finalmente, o militante que carregava a bomba diz para o que estava dirigindo o carro que parasse pois iria colocá-la. Seus companheiros perguntam se não seria conveniente esperar um pouco: "Não podemos esperar nem mais um minuto. Já acendi a mecha" (Mir, Luís, op. cit., p. 307).

681 Entrou para a ALN acreditando que ela se transformaria num partido marxista-leninista revolucionário. Depois do golpe militar no Chile, se radicou em Cuba. Retornou ao Brasil com a anistia, passando a militar na área sindical (Mir, Luís, op. cit., p. 705).

682 Alcântara, Benedito Sidney. "IX - Interrogatório de Aladino Félix", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 14-15.

detidos na explosão de doze bombas nesta capital. 4) As demais infrações, da competência da Justiça Militar, são objetos de inquéritos policiais militares a cargo das corporações interessadas. 5) Já foram apreendidos armas, munições, uma parte do dinheiro roubado, veículos e outros objetos adquiridos com o produto do roubo, assim como material para confecção de bombas. 6) As investigações para a identificação dos implicados prosseguem nos restantes casos ainda não esclarecidos. 7) A Secretaria da Segurança Pública esclarece, finalmente, que da rebelião dos presos do DEIC ocorrida na tarde de sábado, dia 24 de agosto, não houve fuga de quaisquer dos implicados nos assaltos e atos de terrorismo, os quais estão à disposição das justiças competentes para os respectivos processos".[683]

"Parte do terror está desvendada", anunciava a manchete principal da *Folha de S. Paulo* de 27 de agosto: "A Polícia concluiu que Aladino Félix chefiava o grupo de soldados e civis que explodiram algumas bombas e praticaram alguns assaltos em São Paulo. Sábado Dinotos, que diz ter ido a Vênus num disco voador e aprendido a 'língua universal' com Deus, confessou ter praticado os atentados. Seu objetivo de visionário era tomar o poder para implantar um regime de extrema-direita. O Exército, que considera 'razoáveis' as investigações da Polícia, espera agora obter novos elementos antes de encerrar o caso dos atentados terroristas e assaltos a metralhadora, porque muitos não foram ainda esclarecidos". Chamando Aladino de "visionário", a reportagem informava que bastara uma semana de investigações e o depoimento de dezenove presos para a Polícia e o Exército concluir que Aladino era o chefe do movimento que explodiu quatorze bombas e assaltou um banco com metralhadora em São Paulo. Para o jornal, tratava-se de um movimento político de "tendências extremamente confusas, mas de modo geral direitista". O grupo ainda não tinha nome, não obstante "já ter elaborado leis constitucionais para usá-las quando da tomado do poder".[684]

As explicações das autoridades eram insatisfatórias, pugnava a *Folha de S. Paulo* em editorial, apoiando a atitude dos deputados que requereram uma comissão parlamentar para averiguar o que realmente estava acontecendo em São Paulo. Havia excesso de sigilo e muito mistério, enquanto sobravam insinuações cuja procedência ninguém tinha condições de avaliar: "A versão policial dá como chefe de um dos movimentos terroristas (supõe-se que haja outros) uma figura com todas as características de visionário: até que ponto acreditar nessa versão, ou nas próprias declarações do acusado? Fala-se que altos figurões estariam envolvidos nos acontecimentos, mas não se dá nome aos bois, embora se permita que a sombra da suspeita paire sobre a reputação de diversas personalidades. Quem sabe com a intervenção das autoridades se poderá saber algo de mais concreto sobre o assunto; aliás, a opinião pública tem direito a isso".[685]

O matutino *Folha da Manhã*, de 9 de setembro, anunciou que "os terroristas de tendências políticas confusas, mas de bases direitistas", seriam apresentados à Imprensa: "O DOPS deverá apresentar amanhã os doze presos acusados de assaltos a bancos e atentados terroristas em São Paulo. [...] Segundo a Polícia, os presos já confessaram um assalto a banco, com o uso de metralhadora, e quatorze atentados a bomba contra quartéis, ferrovias, dependências policiais e um jornal. Aladino Félix, que usa o pseudônimo de Sábado Dinotos, é o chefe da quadrilha, que conseguiu organizar através da formação de um movimento de tendências políticas confusas, mas de bases direitistas".[686]

A seção "O fato do dia" do jornal paulista *A Gazeta*, de 14 de setembro, trouxe como tema o "sensacionalismo de Dinotos". Destarte, o sensacionalismo era do próprio artigo que, preterindo a apuração dos fatos, preferiu achincalhar a figura de Aladino e a de seus sequazes,

---

683 "Assaltantes indiciados", in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26-8-1968; DOPS, São Paulo, 3-9-1968, nº 30Z/160/16.
684 Flosi, Edson. "Visionário era o chefe do terror", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27-8-1968, p. 10, 1º caderno.
685 "Mistério", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29-8-1968, 1º caderno, p. 4.
686 "Terroristas serão apresentados à Imprensa amanhã", in *Folha da Manhã*, São Paulo, 9-9-1968 ; DOPS, São Paulo, 11-9-1968, nº 30Z/160/89.

rotulando-os de fanáticos, charlatães, mentirosos, bandidos, loucos e condenado-os previamente antes de qualquer julgamento. A reprobatória tendência de acusar sem hesitação, bastando que a acusação seja forte, e o acusado, fraco, continuou sendo praxe entre os mais diversos setores da Imprensa nas décadas seguintes, adjudicando danos irreparáveis a centenas cidadãos que, como Aladino, não tinham como defender-se à altura.[687]

Lemos em *A Gazeta*: "Sempre existiram e existirão nestas terras de Deus, os ingênuos, formando um mundo de que se aproveitam os espertalhões de todos os matizes. A crendice humana não tem limitações e a habilidade dos exploradores também. Vamos dar de barato que uns tantos charlatães neste século chamado das luzes prossigam, através de crendices, feitiçarias, de *buena-dicha*, de truques e de lábias, continuar furtando quantos se deixam anestesiar pelo feitiço da palavra falada, simbolismo que vale como arma de estranho fascínio, de enorme poder. Vá lá que certos 'milagres', que logo se apuram não passam de bem engendrada maroteira, ainda confundam os mais tolos, mais ingênuos ou carecidos de crer em algo para que sintam felizes ou coisa parecida. Mas o que não se pode admitir é que marotos inteligentes e persuasivos, cheguem a confundir até a gente da Polícia, organização cuja especialidade é exatamente essa de conhecer e combater a carta dos malviventes de todos os naipes. Chega a ser estranho esse sadismo, como procuram manter no cartaz o curioso personagem que chamam de Sábado Dinotos. Conseguiu ele, durante muito tempo, convencer, aqui fora, gente até de certa posição, de que estivera em Marte, viajara em disco voador, urdindo com inteligência uma série de contos fantásticos para o homem que vive a realidade de todas as horas em todos os dias. Falou demais em torno de suas 'altas amizades internacionais', meteu-se com a política interna e acabou na cadeia, como qualquer vulgar larápio, envolvido em assaltos terroristas, ataques a bancos e o diabo. Mas, valendo-se dos seus dotes, continuou, na polícia, a descrever fantásticos acontecimentos que se dariam em nosso país, pintando à sua moda levantes revolucionários. É possível que o homem, para espíritos despreparados, tenha grande poder de convicção. A Polícia, ouvindo-o descrever com bem estudada calma e inacreditável espírito de confusão episódios havidos e por haver, foi aceitando tudo, inclusive os nomes de personalidades que ele, com ardilosa malícia, ia enfiando nos seus relatos. Só não fazem do homem uma espécie de herói porque a opinião pública, mais serena e mais ocupada com a luta pelo ganha-pão de cada dia, de há muito não perde o seu tempo com histórias da carochinha. Parece que já é mais do que tempo das autoridades entrarem no caminho certo, evitando outros depoimentos sensacionalistas cinicamente arquitetados pelo inventor de histórias tolas e incríveis que já ninguém leva a sério, nem mesmo, possivelmente, os antigos crédulos desse mentiroso oráculo. O homem não passa de delinqüente comum, apenas com mais inteligência do que os seus seguidores que agora amargam o arrependimento e com ele purgam, no cárcere, os crimes. A história em quadrinhos, criada pelo malandro, já chegou ao epílogo".[688]

Ao depor na sindicância instaurada pelo juiz Alexandrino de Almeida Prado Sampaio, corregedor dos Presídios, Aladino, Jessé e quatro membros do grupo confirmaram em 13 de setembro que foram torturados nas dependências da 40ª Delegacia e no DEIC. Aladino disse ter sido espancado, colocado no pau-de-arara, tomando choques elétricos e até queimado com um isqueiro.[689]

A recém lançada revista *Veja*, de 18 de setembro, indagava: "Que estranho poder terá Sábado Dinotos, que se apresenta como vidente e escolhido de Jeová para 'reunificar as doze tribos de Israel?' Que estranho poder terá Sábado Dinotos, que se diz íntimo de venusianos

---

687 Pedicini, Richard. "Prezados jornalistas", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29-7-1997, opinião, p. 3, c. 1. Pedicini, formado em filosofia pela Universidade de Yale (EUA), consultor nas áreas de informática e loterias, foi envolvido, preso e posteriormente libertado e inocentado no caso da Escola Base em São Paulo, em 1994.

688 "O sensacionalismo de Dinotos, in *A Gazeta*, São Paulo, 14-9-1968, fato do dia; DOPS, São Paulo, 17-9-1968, nº 30Z/160/93.

689 "Membros da quadrilha do terrorismo voltam a dizer que foram torturados", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14-9-1968, p. 10, 1º caderno.

tripulantes de discos voadores e de 'figuras importantes do governo?' Que estranho poder terá Sábado Dinotos, autor de uma fantástica história de terrorismo em São Paulo, que diz ter sido arrancada sob tortura na Polícia, mas que, sem constrangimento, repete com mais detalhes diante do juiz da 9ª Vara Criminal? Afinal, quem é Sábado Dinotos, cujo nome verdadeiro é Aladino Félix, paulista de Lorena, 48 anos, pai de sete filhos, sétimo de um casal de portugueses?". O envolvimento de nomes de políticos e militares nos atentados repercutiam na Assembléia Legislativa de São Paulo. O deputado Fernando Perrone, do MDB, solicitava a convocação do secretário da Segurança Pública, Hely Lopes Meireles, para que apurasse responsabilidades. Na Câmara dos Deputados em Brasília, Aladino era tema de discussão no plenário. José Penedo, da Arena da Bahia, pedia a convocação de uma comissão parlamentar para ir a São Paulo. O delegado Ernesto Milton Dias, ao saber que era apontado por Aladino como um dos que o torturaram durante o interrogatório, comentou: "Deixa ele falar o que quiser. Já disse tanta coisa, não custa nada acrescentar um pouco mais". Na alegação de Dias, Aladino queria aparecer, sentir-se importante, por isso citava políticos e militares como sendo seus amigos: "Não que ele esteja mentindo intencionalmente. Ele acredita nisso. Se falo em militares, afirma até que foi piloto americano durante a guerra". Um jornalista enquadrou Aladino como adepto do *wishful thinking*: inventava coisas que gostaria que acontecessem e acabava acreditando nelas. Especialistas em personalidade e comportamento foram consultados pela *Veja*. Um psicoterapeuta explicou que "Pode-se nascer paranóico, e quem não nasceu assim pode vir a sê-lo. Até os 7 anos é normal que uma criança confunda seu mundo de desejos com o mundo real que a cerca. Esse mundo de desejos é o que chamamos de 'mundo mágico'. Mas, a partir do momento em que essa criança, ao atingir a mocidade, perde os limites da comparação e passa a misturar os fatos com seus desejos e temores, já então será uma espécie de paranóico". Aladino, "mesmo diante de um pelotão de fuzilamento continuará afirmando, provavelmente, que foi o autor intelectual dos assaltos e atentados". Um psiquiatra analisou o caráter místico das revelações: "Se a campainha toca, a pessoa sabe que foi uma campainha que tocou. Mas é capaz de jurar que o som foi um chamamento de Deus". Um terceiro psiquiatra classificou-o como um paranóico mitomaníaco com delírios, pensamentos absurdos e idéias falsas irredutíveis: "Quando ele diz que entrou no disco voador e foi a Vênus, não se tem a impressão de que ele tenha experimentado realmente essa sensação ou passando por essa alucinação. Dessa forma, quando afirma que está predestinado a ser o rei do mundo, é um delírio paranóico e de grandeza, mas, quando relata a viagem no disco voador ou a luta com um personagem bíblico num quintal, está mentindo". A revista chamou a atenção a uma particularidade física de Aladino: os dentes grandes e bem separados. Sua sogra, que não o encontrava há mais de 20 anos, espantou-se ao ver um retrato recente do genro: "O que houve com seus dentes? Antigamente não eram assim". Apesar de ridicularizar a figura de Aladino — estampando inclusive uma caricatura em que aparece travestido como Napoleão Bonaparte —, e suas alegações sobre os discos voadores,[690] a revista viu-se obrigada a admitir que "Contudo, parte da confissão de Sábado na polícia foi confirmada pelas declarações de outros quatro suspeitos presos — entre eles um soldado da FP — que, juntamente com Pierino Gargano, ainda procurado pela Polícia, estão sendo processados pelo assalto à agência do Banco Mercantil e Industrial de Perus, subúrbio de São Paulo".[691]

A melhor e mais ousada peça jornalística sobre o movimento de Aladino foi produzida pelo jornal *Última Hora* de São Paulo, um dos raros focos de esperança e de resistência aos abusos cometidos pelo Estado naquele momento. No sábado, 21 de setembro, os leitores receberam junto com o jornal um suplemento especial, em formato tablóide, que trazia o

---

690 Nas décadas seguintes, a revista manteria a mesma tendência, tratando o assunto dos discos voadores com ceticismo e escárnio ou simplesmente ignorando-o.
691 "O Sábado Falado: uma história de terror com muitas interrogações e pouca certeza", in *Veja*, São Paulo, 18-9-1968, nº 2, brasil, p. 24.

seguinte título, impresso em letras garrafais: "Você vai ver todo o terror".[692] Logo abaixo, reproduzia-se uma carta de Aladino dirigida ao redator de *UH*, protestando contra a veleidade de certos setores da Imprensa que insistiam em deturpar sua imagem: "Eu lhe ficaria sumamente grato se desse acolhida, nesse jornal, a este esclarecimento público que faço: Repentinamente, a Imprensa tem me atribuído declarações que nunca fiz e nunca pensei fazê-las, tais como eu ter afirmado viagens em disco voador, viagens a Vênus, etc. O que ocorre é o seguinte: Há interesse, em determinados círculos, em me apresentar como criminoso ou louco, de tal maneira que me faltasse autoridade moral ou psíquica para fazer declarações que afetam a autoridade do governo. Vasculharam toda a minha vida à procura de algo que me comprometesse com roubo ou assassinato. Nada encontraram. Então apelaram para o recurso estúpido de me atribuir coisas que dêem ao povo a impressão de que não passo de um psicopata. Essas calúnias começaram a ser assacadas contra mim desde os acontecimentos de 27 de janeiro e agora atingem o auge. Naquela oportunidade me apresentaram como astrólogo e macumbeiro. Tudo foi infâmia, pois eu não aceito a astrologia e condeno toda a forma de manifestação espírita. Jamais alguém me viu apoiar tais coisas. Há grande diferença em ser tradutor da *Bíblia* e ser um místico, principalmente porque sou materialista. Agora, levando mais longe as calúnias, para salvaguardar interesses políticos, querem até que eu tenha feito viagem interplanetária. Ficar-lhe-ia grato este leitor e admirador de *UH*, se este fosse publicado. Atenciosamente, Sábado Dinotos".

Ante a situação desfavorável que se criara, Aladino tentava desvencilhar-se da imagem que ele próprio construíra e alimentara. Note-se, porém, que não negava o vínculo com os discos voadores, mas simplesmente as atribuições quanto a ter feito viagens interplanetárias, o que realmente nunca afirmara. Quanto às práticas astrológicas e espíritas, Aladino as desprezava, como várias vezes deixou subentendido em suas obras. Não havia contradição quando se proclamava materialista, já que, para ele, Deus não era um ser espiritual, mas físico, de origem extraterrestre.

Na prisão, Aladino e seus sequazes (Rubens Jairo dos Santos, Edson Vieira, Luiz Ataliba Silva, Juarez Nogueira Firmiano, Juraci Gonçalves Tinoco, Cláudio Fernando Pereira Lopes, Sebastião Fernandes Muniz e Jessé Cândido de Moraes) escreveram um relatório de próprio punho endereçado aos seus advogados e ao público em geral. Publicado com exclusividade pelo *UH*, nele contavam como se conheceram, como ficaram amigos e como realizaram ações terroristas: "Cada um de nós vivia no meio da multidão de brasileiros, de todas as raças, de todos os credos, de todas as correntes sociais, políticas e filosóficas, de maneira indistinta. Claro que admitimos como quase certa e definitiva a impossibilidade de uma igualdade absoluta entre dois seres humanos. Todavia, as desigualdades entre nós e a multidão eram tão poucas e tão insignificantes que não sentíamos qualquer diferença flagrante. Então, individualmente, espontaneamente, racionalmente, fomos nos tornando amigos da pessoa de Sábado Dinotos — Aladino Félix, através da leitura do *Pentateuco* (a primeira parte já editada da *Bíblia Sagrada*, traduzida e comentada por ele desde o texto hebraico massorético), das *centúrias de Nostradamus* (também traduzidas, comentadas e editadas por ele desde o texto provençal), da *Antigüidade dos discos voadores* (escrito recentemente por ele), do romance *O hebreu: libertador de Israel* (escrito por ele há alguns anos), do livro do profeta Daniel (traduzido do texto original hebraico massorético e editado em monografia mimeografada), das profecias de Dom Bosco, São Francisco de Paula, padre Antonio Vieira, padre Cícero (o célebre protetor do rei do cangaço nordestino — Lampião), White Davis (autora do livro profético *Sinais do Tempos*), de outros livros do próprio Sábado Dinotos, de livros religiosos, históricos, mitológicos, filosóficos, científicos e etc., cujos autores marcaram épocas na esteira do tempo, cujas relações com a pessoa de Aladino Félix são da mesma natureza de seus conteúdos e cuja

[692] Montero, Armando, et alii. "Você vai ver todo o terror", in *Última Hora*, São Paulo, 21-9-1968, nº 5.118, suplemento especial; DOPS, São Paulo, 25-9-1968, nº 30Z/160/129-A.

necessidade de se conhecê-las são da mais elementar e imperiosa obrigação intelectual do homem que pode raciocinar. Essa amizade não é conseqüente apenas desse conhecimento através de profetas e de livros, mas também de contatos pessoais inúmeros, durante os quais fomos constatando que não éramos nós (sargentos, cabos e soldados da FP) os únicos a privar de sua atenção e amabilidade, eis que vimos desfilar os seus outros amigos, de que nos fizemos amigos igualmente: médicos, advogados, engenheiros, economistas, sociólogos, músicos, químicos, físicos, astrônomos, religiosos e militares, desde a mais humilde até as mais altas posições hierárquicas. Das mais diversas correntes e armas, homens e mulheres que cada um de seu modo e capacidade analisaram este personagem — Sábado Dinotos — e lhe concederam admiração e respeito na forma de uma amizade nunca antes experimentada, senão, talvez, por aqueles lendários personagens de Dumas — os três mosqueteiros do rei — cujo lema teria sido 'um por todos e todos por um'. Concordamos que será necessário esclarecer a motivação mais íntima dessa amizade tão rara, aparentemente. Pois bem, em geral nós tomamos consciência das leis de Deus, explícitas no Pentateuco, tanto pela versão de Sábado Dinotos, como pelas outras versões da *Bíblia* e não admitimos nenhuma reformulação, quer no seu todo, quer em quaisquer de suas partes, pois toda sistemática messiânica implica em ratificação das leis do Criador e jamais em sua retificação. Disso resulta um altíssimo respeito ao senhor nosso Deus, de tal modo que nem os judeus ortodoxos ou radicais conseguem compreender, pelo menos à primeira vista, a problemática que nos circunstancia e nos une. Não cremos ser preciso dizer que não estamos ligados a qualquer filosofia política ou religiosa e que nosso único objetivo é o restabelecimento das leis de Deus, nas quais está implícita a lealdade, a fidelidade e o respeito para com nosso Criador, bem como para com os nossos semelhantes. De acordo com o que ficou exposto agora é fácil explicar que Sábado Dinotos vinha sofrendo uma terrível pressão por parte dos interessados em manter a indústria da mentira religiosa, política, científica e filosófica, com as quais vêm acabrestando os homens como nem os animais têm feito. Nessa luta, vínhamos todos nós combatendo, conforme nossas possibilidades individuais, cada vez mais incentivadas pelo cumprimento exato das promessas de Deus. Ora, até aqui, nada de mais, se considerarmos que esperanças e desilusões sempre aconteceram durante a história da humanidade e, em particular, de cada homem em que vibre um cérebro e pulse um coração. A diferença, a mais, no caso nosso é que não nos baseamos pura e simplesmente no sentido literal das profecias, mas sim empregamos métodos científicos e, por conseguinte, racionais nas suas análises e interpretações, que no momento não é nossa intenção demonstrar".

Referiram-se em seguida a uma revolução que estava por ocorrer, "com chuva ou sem chuva": "Era, pois, assim que vivíamos até meados do ano 1967, quando... Bem, antes de prosseguir, desejo salientar que estou (Luiz Ataliba Silva) falando na segunda pessoa, porque realmente meus colegas de prisão concordam comigo, mas para fins de responsabilidade, assumo toda ela, declarando como faço agora, que a segunda pessoa é apenas um recurso de estilística. Quanto mais, nossos advogados estão autorizados a dar plena publicidade a esse relatório. Em meados do ano de 1967, começamos a ouvir referências cada vez mais constantes a uma revolução (que, em relação à de março de 1964, seria uma contra-revolução) a qual seria apoiada e financiada pela Rússia, pela China vermelha, pela França, pela RAU e pelo general Perón. As duas potências comunistas decidiriam depois qual das linhas predominaria — este era um problema delas, entre si.[693] A França ganharia na ONU mais uma potência a favor de suas pretensões de ver retiradas as tropas americanas estacionadas em seu solo, assim como esperava reforçar sua posição no Mercado Comum Europeu. A RAU, liderada pelo fracassado presidente

---

693 A China rompeu oficialmente com Moscou em junho de 1963, após divergir do recuo soviético na crise dos mísseis em Cuba. O dirigentes comunistas chineses publicaram uma declaração política que ficou conhecida como *Os 25 pontos*. O documento, intitulado *Propostas para a linha geral do movimento comunista internacional*, pregava uma ofensiva frontal contra Moscou e, especialmente, Kruschev. Com o cisma, surgiu a "linha chinesa" e a "linha soviética" dentro do movimento comunista internacional.

Nasser,[694] teria mais um aliado para sua nova investida, contra o inofensivo Estado de Israel. E, finalmente, Perón, simplesmente aspira voltar ao poder na Argentina, sendo óbvio que só poderia fazê-lo através de uma nação limítrofe, poderosa como o Brasil (e isso pelo menos em relação àquela República do Prata, nosso país o é). Eis as razões do apoio e financiamento para a revolução, que dia após dia mais se pronunciava, bafejada pela promessa de imediato reconhecimento oficial por aqueles grupos de nações interessadas. Os promotores da revolução eram e são os únicos homens capazes de uma trapaça dessa natureza, na cúpula da política brasileira, razão por que, graças a Deus, caíram todos, quase a um só tempo, cassados, banidos, confinados, exilados e fugidos: Adhemar de Barros, Carlos Lacerda, Jango Goulart, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, Leonel Brizola e, lá mais distante e até esquecido, Miguel Arraes, todos acobertados pela famosa Frente Ampla, que felizmente o governo federal destruiu antes de ser destruído. Os executores da revolução, incluindo planejadores, estrategistas, etc., seriam e são, elementos que pertencem a FP de São Paulo, às polícias militares de Minas Gerais, Guanabara, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e parte de Mato Grosso, com a quase certa colaboração de elementos do II Exército, naquela oportunidade. Os chefes ou comandantes da revolução, na área de São Paulo, eram e são alguns oficiais da milícia paulista. Particularmente, acreditamos que a maioria dos oficiais e a quase totalidade das praças ignoravam os pormenores que neste relatório revelamos. Estes seriam combatentes profissionais, sem o direito de indagar por que lutavam. Admitíamos e até conhecíamos outras implicações que tornariam longo e estafante esse trabalho, se as mencionássemos. Mas não faltarão oportunidades para fazermo-las públicas. Os planos para a deflagração dessa revolução incluíam os assassinatos do então comandante-geral da FP, coronel Barbosa de Moraes, do então secretário da Segurança Pública — coronel Chaves, do governador Abreu Sodré e do presidente Costa e Silva, entre outras personalidades. Os preparativos já eram velhos, apenas foram reativados ultimamente, com o aumento de efetivos, compra de novos armamentos, edificações de novas e gigantescas instalações, inclusão de novas práticas bélicas na instrução de tropas da Polícia paulista, ampliação do domínio da área policial, antes dividida com a Guarda Civil, etc. As datas foram sendo transferidas à medida que obstáculos vinham aparecendo e dificultando a eclosão do movimento, como ocorreu com a cassação do mandato do então governador Adhemar de Barros. Em janeiro de 1968, no entanto, resolveram estabelecer a data de 27, com chuva ou sem chuva, com obstáculos ou sem obstáculos. Então, nós, os 'terroristas' — sargentos Jairo, Cláudio, Juarez, Juraci, cabo Edson, soldados Muniz, Jessé e Ataliba, para citar somente os que estão presos no DOPS, juntamente com o nosso amigo Sábado Dinotos e inúmeros outros, fizemos uma pausa para meditação em torno da gravidade do momento".

Até esse ponto, o relatório expõe as razões políticas que os levaram à ação terrorista: Adhemar de Barros, que estaria tramando uma contra-revolução; as atividades dos políticos cassados; as conferências de Kubitschek (exilado na Espanha) com o general de Gaulle; a FP infiltrada por subversivos e convertida num exército poderoso, com armas modernas e adestramento puramente militar. Acrescentavam-se novos detalhes ao repisado episódio da

---

694 A República do Egito foi proclamada em 1954 com o general Mohamed Neguib como presidente. Afastado do governo pouco tempo depois, foi substituído pelo coronel Gamal Abdel Nasser, que nacionaliza o canal de Suez em 1956. Israel, barrado no canal, invade o estreito de Gaza e a península do Sinai; Inglaterra e França atacam o Egito. As forças dos três países invasores são obrigadas a se retirarem sob pressão dos EUA, da URSS e da ONU. Em 1958, o Egito e a Síria formam a RAU, sob a presidência de Nasser. As tentativas de integrar as duas economias, a nacionalização da indústria síria e a presença em altos postos do Exército sírio de oficiais egípcios, provocam um descontentamento generalizado que culmina, em 1961, com um golpe militar e no restabelecimento da independência Síria e a conseqüente saída da RAU. No ano seguinte, o Egito manda tropas para o Iêmen, em apoio a uma revolta republicana. Em 1967, na Guerra dos Seis Dias contra Israel, o Egito perde toda a península do Sinai e o estreito de Gaza, que são ocupados por referendo israelense; o governo retira suas tropas do Iêmen. Em 1968, eclodem revoltas estudantis generalizadas em protesto contra o governo Nasser, acusado de policialesco. Tropas egípcias e israelenses travam repetidos duelos de artilharia ao longo do canal de Suez. O governo egípcio concorda com uma trégua em 1970, garantida pelos EUA, como um primeiro passo para as conversações de paz. Nasser morre de um ataque do coração e é sucedido pelo vice-presidente Anuar Sadat.

tentativa de golpe por Lacerda em janeiro. Lacerda marcara uma visita a São Paulo, onde seria paraninfo de uma turma de formandos de uma Faculdade de Economia, ocasião em que daria o tiro de partida contra-revolucionário. Lacerda tinha enviado seu primo — Paulo Bruck Lacerda — para negociar com Aladino sua adesão ao movimento em troca da cabeça de Adhemar de Barros. A oferta foi recusada porque sabia que seria traído por Lacerda e sua Frente Ampla. Outra traição perpetrariam contra João Goulart, no Uruguai, quando tomasse o avião para vir ajudar na derrubada do governo militar. Seus aviões estavam minados, de sorte que não chegariam nem às fronteiras do Brasil. Aladino remetera ao presidente Costa e Silva um minucioso relatório desse "plano dos cassados" por intermédio do general Trajano. Ao todo, de acordo com o relatório, eram dezessete os motivos que os levaram ao terrorismo. O último previa três possibilidade: os revolucionários seriam desmascarados e ficariam sem meios para prosseguir com a trama; o governo procuraria assimilá-los na sua máquina político-administrativa, reabilitando-os; ou, finalmente, continuariam a trama revolucionária e, mais dia menos dia, deflagrariam uma guerra civil.

Como as duas primeiras não se cumpriram, a terceira acenava ameaçadoramente. Daí, para evitar a reformulação dos planos contra-revolucionários, a fórmula proposta e aceita pelo governo federal foi a ação terrorista. Prossegue o relatório: "Antes, porém, de passarmos a esse importante ponto, lembramos aos nossos leitores que os motivos referidos são apenas alguns do que nos colocaram na condição de terroristas, cônscios da gravidade da situação nacional. Para os que nos atiram a pecha de traidores da FP, respondemos que antes dos nossos compromissos de fidelidade a ela e acima de tudo temos o compromisso com a pátria. Qual das duas trairiam os nossos acusadores? Quais dos nossos acusadores teriam a coragem de passar as madrugadas dos dias 24, 25, 26, 27 e 28 de janeiro na Praça Marechal Deodoro, sem agasalho, sem armas, sem dormir, deixando suas esposas, seus filhos, seus pais, na expectativa de um desenlace fatal? Se não tivéssemos mais nada de moral e de dignidade para deixar como herança aos nossos antecedentes, isso que fizemos já nos encheria de orgulho, a nós, às nossas esposas, aos nossos filhos, aos nossos pais e, porque não dizer, a todos os brasileiros que ainda têm um sentimento de Deus, Pátria e Família".

O grupo encontrou no terrorismo uma saída de emergência, pois o governo não podia agir abertamente contra tantos conspiradores e nem lhe convinha deixar que tomassem as rédeas que lhes foram arrancadas pelo golpe de 1964: "Nós, Sábado Dinotos e seus amigos civis e militares, que já arriscamos nossas vidas para salvar as vidas do presidente Costa e Silva, do governador Sodré, do secretário de Segurança Pública, coronel Chaves, do comandante-geral da FP, coronel Barbosa de Moraes (esses dois últimos demissionários quando cientes do perigo que corriam), bem como a dignidade das Forças Armadas, iniciamos a execução do plano de terrorismo para afastar sempre as possibilidades de qualquer iniciativa belicosa na área de São Paulo. Nossa maior preocupação era evitar vítimas e, para isso, usamos todos os recursos técnicos [...] cada uma dessas bombas poderia ter causado inúmeras vítimas, não fossem os extremos cuidados que tínhamos ao colocá-las".

Desvencilhando-se dos atentados contra o Consulado Norte-Americano, o jornal *O Estado de São Paulo*, o Quartel do II Exército no Ibirapuera, a casa do desembargador aposentado, e do roubo de armas do Hospital Militar do Exército, enumeraram todas as bombas que explodiram. Os assaltos a bancos não faziam parte de sua diretiva, por isso consideravam o roubo comandado por Jessé como um ato isolado, premido pelas condições econômicas precárias em que viviam: "Nós, sargentos, cabos, soldados, civis, Sábado Dinotos, já explicamos que temos esposas, filhos, pais, irmãos que, de uma forma ou de outra, dependem do nosso trabalho para viver como família. O que não tínhamos dito é que somos todos pobres, e até fome alguns de nós passariam, se não tivéssemos aquele senso de fraternidade aludido na primeira parte deste trabalho. Nos dias finais do mês era comum não termos dinheiro para o pão que nossos filhos

reclamariam no dia seguinte, para não dizer 'na tarde do mesmo dia'. E só Sábado Dinotos tem seis filhos, todos menores... Alegria de pobre é o dia de pagamento, porque era nesse dia que se fazia a 'vaquinha' para comprar os canos, os pavios, etc., para confecção de bombas, cujo técnico era o soldado Jessé. Como Jessé estava cansado de esperar que o governo ressarcisse nossos gastos com essas atividades, o que apenas prometia por intermédio do general Trajano, resolveu fazer o assalto ao Banco Mercantil e Industrial de São Paulo, em Perus. Ele empregou nessa ação alguns homens que não pertenciam ao nosso grupo e cujas vidas de marginais não desconhecia, razão por que, após nossa prisão, em conselho, nós o criticamos e exigimos que apresentasse seus motivos". Justificou-se Jessé: "Os assaltos a bancos em São Paulo haviam se tornado comuns, sendo atribuído ao grupo a autoria de todos, sem que nada tivessem com essa atividade paralela à deles; o governo federal prometera ajuda para o movimento terrorista e não o fez, parecendo aprovar até mesmo os assaltos, supondo serem parte do plano, pois a Polícia, a Imprensa, e alguns populares admitiam isso; eram pobres e a colaboração na 'vaquinha' os empobrecia ainda mais (cada um deles doava, em média, NCr$ 20,00 por mês); eram todos honestos e trabalhadores e não consentiriam em ingressar no 'jogo dos assaltos', sendo, no entanto, cada vez mais premente a necessidade disso"; alguém devia aventurar, sem que os demais do grupo soubessem, para não se constrangerem.

"Aventurei", redargüiu Jessé. "Sacrifiquei-me escolhendo alguns marginais aos quais dei uma ligeira aula de patriotismo, oferecendo-lhes a primeira oportunidade de suas vidas para uma ação nobre, sendo que alguns já estavam regenerados e até nos auxiliaram na obtenção de dinamite. Planejei o assalto e incumbi quatro homens (Antonio Pereira, Gregório Cutcheravia, Norival de Paula e Pierino Gargano) da execução da tarefa. Recebi o dinheiro (NCr$ 26.500,00) e o dividi com todos, comprando três carros (um Volkswagen, um DKW e um jipe Willys), para nossas futuras e eventuais ações terroristas. Para alguns de vocês, ofereci pequenas quantias para que não desconfiassem da origem delas, dizendo que eu recebera licença-prêmio em dinheiro. Eu não contava com a traição, pois eu morreria mas não delataria a ninguém e vocês não o fariam também, simplesmente por não saberem de nada, exceto os em que confiei (sargentos Juarez, Cláudio e soldado Muniz), colocando-os diante de um fato consumado. Agora, julguem-me". O grupo julgou Jessé dentro dos ditames em que lutavam: "Perdoamos sua aventura e consideramos tão inocente quanto qualquer um de nós. Esse foi o nosso julgamento. O da Justiça e o do povo estamos aguardando. O de Deus já sabemos qual é".

Ao pormenorizarem a prisão do grupo, tornaram a acusar gravemente a Polícia de violências, torturas e arbitrariedades: "Nós, que já déramos demonstrações cabais de senso de humanidade, de respeito à pessoa física e moral dos nossos adversários e que esperávamos ter em São Paulo uma organização policial coerente com a evolução alcançada no século XX em todas as outras áreas da atividade humana, fomos arrancados brutalmente dos braços até de nossos filhos por um bando de vândalos, anormais, tarados, ávidos de sensacionalismo barato e humilhante, pretensiosos de uns míseros centavos a mais nos seus ordenados, com promoções por 'ato de bravura', um bando de covardes que nunca terão condições de nos enfrentar 'homem a homem' e nunca terão coragem nem capacidade para fazer o que nos orgulhamos de ter feito. Saqueadores até. Sábado Dinotos foi preso às 3 horas do dia 22 de agosto, quando dormia toda a sua família. Acordaram apavorados, as crianças chorando e sua filha Germânia, de 7 anos, perguntando: 'por que isso com papai?'. O sargento Tinoco teve seu quarto invadido, às mesmas horas, por policiais que, ato contínuo, puxaram as cobertas da intimidade do casal e pressionaram seus corpos com os canos de metralhadoras e carabinas. A primeira reação do casal foi de um ódio mortal e a seguir perguntaram: 'É um assalto?' Responderam: 'É ordem do comandante-geral'. Invadiram o quarto dos pais do sargento e acossaram sua mãe, surpresa e paralisada pelo pavor. Prenderam a seu pai também, um senhor de 68 anos, e depois não negaram que o prenderam 'de graça', isto é, 'para mostrar serviço' (e que serviço!...). Às 5h30min do mesmo

dia 22 de agosto foi a vez do sargento Cláudio. Seu pai, um senhor de quase 50 anos, abriu a porta e a invasão daqueles monstros armados até os dentes não lhe deram impressão diferente: era um assalto mesmo! Depois foi preso, também 'de graça', pois, como o pai do sargento Tinoco, nada tinha a ver com nossas atividades. E a polícia sabia disso. Às 7h15min daquela quinta-feira, já estavam na casa do sargento Juarez, que igualmente foi invadida, sem cerimônia, ficando sua esposa pasmada. Às 8h15min bateram às portas de minha casa. Minha esposa levantou-se em trajes íntimos e foi atender. Ouvi um vozerio e me levantei também, pois estávamos dormindo. De supetão, entraram em todas as dependências da casa, sob protestos nossos, pois nossos filhos acordaram espantados e perplexos. Não tiveram a menor consideração com os nossos meninos, sendo-me impedido até uma palavra de confronto ou adeus a eles. Tiraram-me de pijamas e pés no chão, dando aos circunstantes a sensação de que estavam prendendo o mais perigosos dos bandidos e ameaçando prender minha esposa, diante dos filhos já traumatizados. Às 11 horas o soldado Muniz foi preso, porém respeitado como prisioneiro. Pela manhã desse dia, o soldado Ataliba foi preso em seu quartel, o Batalhão de Guardas, sendo muito bem tratado por seus superiores. De lá foi transferido para o DEIC.[695] O cabo Edson foi preso no dia 22 e permaneceu incomunicável até 23 de agosto, quando foi transferido para o DEIC. No dia de sua prisão, esteve no Departamento de Polícia Militar (DPM), onde foi ameaçado de espancamento, apesar de ser um homem licenciado por doença pulmonar. No dia anterior, 21 de agosto, às 9h30min, foi preso o soldado Jessé, na 40ª Circunscrição Militar, onde ficou até às 17 horas do mesmo dia. De lá foi transferido para o DPM, donde, às 20h30min, seguiu para o DEIC. Aí começou a ser supliciado na presença de oficiais e praças de sua própria corporação. Também Sábado Dinotos não escapou à sanha assassina de alguns investigadores e de um soldado da DPM de nome Lázaro (Lazinho). Aquilo que tantos delegados, inclusive secretários da pasta da Segurança tentaram negar como um fato — o maldito 'pau-de-arara', estava ali, com aperfeiçoamentos científicos até, ligado a correntes de variadas e altas tensões elétricas, engenho diabólico que só um cérebro doentio poderia conceber. Várias vezes foram submetidos ao aparelho que representa a 'máquina intelectual' da Polícia, oportunidades em que não bastavam os sofrimentos físicos, pois acrescentavam sevícias morais que não temos liberdade de descrevê-las, tão humilhantes eram. O soldado 'Lazinho', que parecia ser o representante do próprio Comando Geral da FP, tanta era a sua 'petulante autoridade' diante das autoridades civis e militares, aproveitava-se da indefesa posição de Sábado Dinotos e Jessé para ofender-lhes a honra e a moral, até mesmo nas pessoas de suas filhas menores, sendo uma delas de apenas (pasmem, senhores!) 2 anos. Foi simplesmente indescritível e dantesco! Só Deus poderia impedir que aqueles assassinos e loucos acabassem com suas vidas. Outros presos sofreram horrores, como aquele estudante que ludibriou a Polícia, na Cidade Universitária. Se não o fizesse, não suportaria as torturas. Para não prolongar este relatório, omitiremos os outros, mas aqui fica o nosso protesto por eles. Nossas casas foram saqueadas, quebrados nossos móveis e arrancados até objetos pessoais de nossas esposas (relógio, dinheiro, etc.), de sorte que, doravante, qualquer bando de salteadores poderá agir livremente, eis que a própria Polícia assim procede. Alguns de nossos parentes receberam ajuda e solidariedade de vizinhos e amigos, que se ofereciam para perseguir os assaltantes de nossas casas ou fazer queixa na Polícia... Não podiam acreditar que aquilo fosse obra da própria Polícia! Depois, vieram os longos dias de incomunicabilidade. Desde 22 de agosto até o dia 2 de setembro, não pudemos receber visitar de nossas famílias, nem mesmo de nossos filhos, para lhes transmitir recomendações, orientações e algum conforto moral, como chefes de família que somos. Durante os quatro primeiros dias no DEIC, tivemos de dormir no chão, pois nem jornais para nos cobrir tínhamos. Dissemos 'tivemos de dormir', mas, em verdade, não conseguimos descansar os olhos, tal era o frio e tantas eram as nossas preocupações. Durante todos esses dias passamos fome, pois quando se lembravam de

[695] Quartel da Abílio Soares, então situado na avenida Tiradentes, centro de São Paulo.

nos dar almoço não tínhamos jantar nem café. E qualquer coisa que nos ofereciam era simplesmente intragável, dadas as condições de higiene em que ficamos. Comíamos com as mãos (os que conseguiam comer), pois não nos forneciam talher algum. Sentávamos para comer nas beiras dos próprios sanitários, sempre cheirando podridão, sem nenhuma divisão ética ou estética. Alguns delegados e investigadores ainda nos ofereciam alguns cigarros e uma palavra amiga e, sinceramente, pedíamos a Deus que os afastasse dali, para que não se pervertessem com o ambiente desgraçado que nós, por sermos prisioneiros, éramos forçados a suportar, ouvindo, incessantemente, gritos de dor e de protesto".

Os familiares foram isentados de envolvimento nos atos: "Aproveitamos o ensejo para lembrar às autoridades encarregadas do Inquérito Policial Militar (IPM) e da Justiça que temos outros companheiros comprometidos conosco, como os sargentos Esdras de Mattos,[696] Walter Hermann Heyder,[697] José Caxias David,[698] Luiz Ferreira Daniel[699] e outros, cujos locais de prisão ignoramos, cujos destinos deveriam ser os nossos. Por outro lado, nenhum de nossos familiares (pais, esposas e filhos) tinham conhecimento de nossas atividades e não se justifica que a Polícia tenha levado ao local de um assalto bancário uma de nossas esposas, junto de seu filho, menor de idade, para humilhá-la publicamente, antes de qualquer evidência de crime. Aliás, ainda que fôssemos criminosos não se justificariam os crimes que contra nossas famílias cometem. Se estamos em guerra, já esses são crimes de guerra, pelo que os nazistas pagaram com a própria vida o seu cometimento. Nenhum de nós seria tão estúpido de arriscar nossa estabilidade funcional, que oscila entre 3 e 18 anos de serviço, nem nossa reputação, como a de escritor e tradutor de Sábado Dinotos, se não sentíssemos a obrigação moral de defender a integridade nacional e se não esperássemos amigos no povo — e porque não dizer? — nas próprias autoridades a indispensável inteligência e bom senso para interpretar o momento crítico de nossa terra. Enquanto aguardamos numa emocionante expectativa o desfecho dessa situação, pedimos licença para transmitir um forte abraço aos nossos filhos, esposas, irmãos e pais e estender um sincero aperto de mãos aos nossos amigos e ao povo em geral".

No domingo, 25 de agosto, o grupo foi transferido para o DOPS, surpreendentemente elogiado pelo tratamento diferenciado ao do DEIC: "Que paraíso! Colchões, cobertas, alimentação farta, talheres, tratamento humano, interrogatórios de polícia inteligente, respeito às nossas famílias, imparcialidade na apreciação da nossa conjuntura político-social e, finalmente, em 2 de setembro, liberação de nossas visitas. Os oficiais do Exército, encarregados do IPM, general Felipe, coronel Américo e o capitão Laranjeira, discretos e respeitosos. Sensação maravilhosa de que ainda estamos no Brasil".[700] Por outro lado, as ordens no DOPS eram rigorosas: ninguém podia falar com o grupo. A incomunicabilidade era justificada com a alegação de que os presos estavam à disposição da Justiça Militar e respondiam a processo administrativo.

---

696 1º Sargento da Força Pública de SP, natural de Lençóis Paulista (SP), 28 anos, casado, instrução secundária. Apesar de citado, tomou parte de apenas duas ações, tendo contatos esporádicos com Aladino. Conforme apontou o Relatório de Inquérito do delegado adjunto do DOPS, Benedito Sidney Alcântara, participou de furtos de dinamite na Pedreira Panorama, em Perus, e da colocação e explosão da bomba no QG da FP, ocasião em que dirigiu o veículo dos terroristas ("XXVI - Resumo da atuação de cada indiciado", São Paulo, 18-12-1968, p. 39).

697 3º Sargento da FP de SP, natural de São Paulo, capital, 28 anos, casado, instrução primária. Não tomou parte nos atentados, tendo apenas contatos esporádicos com Aladino. Conforme apontou o Relatório de Inquérito do delegado adjunto do DOPS, participou de algumas reuniões do grupo, mas a partir de janeiro de 1968 afastou-se e não mais compareceu. ("XXVI - Resumo da atuação de cada indiciado", São Paulo, 18-12-1968, p. 41).

698 1º Sargento da FP de SP, natural de Cajazeiras (PB), 35 anos, instrução superior. Não tomou parte nos atentados, tendo apenas contatos esporádicos com Aladino.

699 2º Sargento da Força Pública de SP, natural de Lençóis Paulista, 28 anos, casado, instrução secundária. Não tomou parte nos atentados, tendo apenas contatos esporádicos com Aladino. Conforme apontou o Relatório de Inquérito do delegado adjunto do DOPS, numa das reuniões do grupo chegou a sugerir o furto de armas no Serviço de Fundos da FP, por isso desconfiando ser o grupo responsável pelo furto de armas no QG. Porém, calou-se, por não ter certeza e por receio de vir a sofrer represálias, caso denunciasse os autores ("XXVI - Resumo da atuação de cada indiciado", São Paulo, 18-12-1968, p. 39-40).

700 Montero, Armando, et alii, op. cit., p. 2-3.

Os repórteres de *UH* engendraram um esquema para fazer chegar às mãos de Aladino um questionário com várias perguntas sobre o movimento. Queriam saber os nomes dos responsáveis pelas explosões, pelos assaltos a bancos e se, conforme os boatos que circulavam, existia um plano de subversão da extrema-esquerda em andamento. Iludindo a vigilância dos homens que o observavam, Aladino conseguiu escrever de próprio punho uma extensa declaração. Trabalhava à noite, sob a luz fraca da sua cela. De madrugada, quando a ronda dos carcereiros voltava à normalidade, escondia as folhas de papel de caderno comum sob o catre imundo. No dia da visita, um parente de Aladino avisou os repórteres: "Fiquem atentos. Observem os movimentos do DOPS. Vão levar o Sábado para depor no Fórum. É a ocasião de receber o questionário e as respostas dele". E assim vieram a público, num furo sensacional de *UH*. De tão fantásticas, foram tomadas como fruto da imaginação de um louco. A Polícia tentou inutilmente refutar tudo o que Aladino escreveu, principalmente no que se referia as torturas a que foram submetidos.

O suplemento conferia a Aladino atributos de homem douto, merecedor de admiração e respeito, ao contrário da reportagem da *Veja* que o taxara de desvairado: "Civil Aladino Félix (Sábado Dinotos), 48 anos, casado, pai de seis filhos, oficial aviador das Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial, reserva da Aeronáutica Brasileira, contador, teólogo, físico, tradutor da *Bíblia Sagrada* (texto hebraico massorético), tradutor das *centúrias de Nostradamus* (texto provençal), tradutor de latim, grego, sânscrito, fenício, russo, tupi-guarani, inglês, francês, alemão e outros idiomas. Escritor de *O hebreu* e *A antigüidade dos discos voadores*". Acalentava-o também como uma nova espécie mártir: "Em sua cela, um homem solitário escreve. Seu corpo está marcado de torturas, mas ele não esmorece. Está contando tudo o que viu, fez e comandou. Ele está falando do terror. Esta é a 'História que Dinotos escreveu' ".

Admitindo comandar os atos terroristas em São Paulo, ressalvou, porém, que seu chefe estava instalado em Brasília, no mais alto escalão da República. Aderiu ao governo militar em 1965, conspirando junto com os oficiais do II Exército. O terrorismo visava instaurar, até janeiro de 1969, um clima propício à implantação de uma ditadura plenipotenciária. Percebendo a reação negativa da população a essas atitudes, atribuíam sua autoria à extrema- esquerda. Procurando exagerar as dimensões e a influência desses grupos de subversivos, a linha dura aproveitava-se da instabilidade e do medo gerados por suas ações para justificar o aumento das medidas repressivas e o fechamento político. Até mesmo as passeatas estudantis eram estimuladas e manipuladas pelo governo. Os operários em greve serviam de massas de manobra para a conturbação da ordem.[701]

As diretivas promanavam de Brasília e chegavam pelo Correio, mas Aladino contrariou muitas delas. Deixou de desferir ataques contra o Ministério da Aeronáutica e as instalações da Marinha, pois queria evitar mortes. Nesse caso, a finalidade precípua era a de criar, entre aviadores e marinheiros, um espírito concorde com a ditadura. Desviou-se dos alvos originais e atingiu outros, sem importância militar. Recusaram-se a assassinar um trêfego político muito em evidência em São Paulo. "Confundiram-nos com pistoleiros", lamentou Aladino. Por não terem cumprido à risca todas as ordens é que foram delatados às autoridades como terroristas: "A Polícia sabia de nossas atividades, mas a prudência nos manda fazer silêncio sobre certas coisas". Haveria ligação entre os atentados a bomba e os assaltos? "Nenhuma. Nem sei quem praticou os assaltos. Tomei conhecimento de que éramos responsáveis pelo assalto ao banco de Perus quando fui preso e torturado no DEIC. Quem roubou, nesse caso, foi Jessé e alguns elementos por ele contratados. Pretendiam arrecadar dinheiro para cobrir os gastos com as nossas operações terroristas. Mas foi o único assalto do meu grupo". Negaram qualquer ligação com o furto de armas verificado no Hospital Militar do Exército, no Cambuci. Já o ocorrido na FP foi

701 Os sindicatos, rearticulados, deflagraram várias greves, com destaque para a de Contagem (MG) e a de Osasco (SP).

praticado por eles. A ordem partiu do general reformado do Exército, Paulo Trajano, que por sua vez foi orientado pelo general Freitas, da Polícia Federal da Guanabara, subordinada à Casa Militar da Presidência da República. O furto visava levar pânico à milícia e desmoralizar os oficiais contra-revolucionários.

Os castigos e maltratos impingidos nos recintos do DEIC despertaram a ira no grupo. Padeceram com as torturas, os choques elétricos, a palmatória e o famigerado pau-de-arara. Aladino fez um relato lancinante: "Os policiais do DEIC, delegados e investigadores são doentes mentais, tarados, bestiais, ladrões, torturadores e assassinos. Fui levado para uma sala pelo delegado Ernesto Milton Dias.[702] Fui despido e surrado. Até dentes me arrebentaram. Aí, veio o suplício nas mãos. Meus dedos foram torcidos e sovados com uma peça de madeira, até que ficaram inchados. Em seguida, fui posto no pau-de-arara. Primeiramente ligaram dois cabos de bateria em meus pés e durante muito tempo fiquei sob aqueles choques tremendos. Nem sei quanto tempo, porque cerca de meia hora após iniciarem os choques, desmaiei. Acordei depois que me tiraram do suplício, entre 10h30min e meia e 11 horas. Introduziram um fio na minha uretra e outro no ânus, e fecharam a corrente ao máximo da amperagem. O aparelho que controla a amperagem ou a voltagem tem a semelhança de um pequeno piano, com cinco botões. Os dois últimos são vermelhos, indicando perigo de vida. Em mim, foi ligado ao máximo durante cerca de 15 a 20 minutos. Antes, desferiram um chute nos meus testículos. Perdi a consciência. Quando me voltou a razão, introduziram um fio em cada um dos meus ouvidos. Diziam que, depois daquilo eu morreria, ficaria cego ou louco, pois as minhas células cerebrais não resistiriam. À noite, voltei a ser supliciado. Amarraram um fio no meu dedinho do pé direito, enrolado com um pano molhado, para aumentar a corrente. O outro fio foi enrolado ao meu membro viril. Carga ao máximo! — gritou um dos torturadores. Meu membro viril, sob o efeito da corrente, chegou a queimar no lugar onde o fio foi enrolado. Perdi a consciência outra vez. Então, para ver se eu estava morto, um dos torturadores acendeu um isqueiro de gás e queimou o meu ânus. Muitos foram os torturadores, não sei os nomes de todos. Tomaram parte o delegado Ernesto Milton Dias e outros delegados, os investigadores Salvio, José, Gaúcho, etc., o soldado Lázaro da FP, um capitão do Exército, cujo nome não sei e um coronel da FP".[703]

Dispostos a morrer pelo cumprimento das profecias, sargentos, soldados e um cabo da FP obedeciam cegamente às ordens do messias que salvaria o mundo conforme previra Nostradamus. Estes eram os homens de Aladino:

• Juraci Gonçalves Tinoco, 31 anos, casado, pai de dois filhos, 1º grau, formado pela Escola Preparatória de Especialistas da Aeronáutica, desenhista, datilógrafo, escrevente, comerciário na vida civil, noções de primeiros socorros, enfrentamento à calamidade pública e sobrevivência em condições extremas, 3º sargento, 8 anos de serviços à FP. Absorveu as premissas de Aladino: "Não tenho religião, mas aceito Deus e suas leis, como os judeus ortodoxos". A conturbação mundial o levava a crer nas promessas de Deus presentes no Velho Testamento. "Lá consta que haveria guerras, pestes, fome e horrores às vésperas de uma mudança geral. É justamente o que ocorre na atualidade". Sua concepção de Deus: "Um ser superior, material e justo". Ingressou na FP por gostar da vida militar e porque a carreira oferecia-lhe maiores e melhores garantias futuras. Conhecer Aladino — "Um homem equilibrado, de uma inteligência rara, enviado por Deus para preparar a humanidade, dentro do possível, para a fase final dos tempos bíblicos" — afigurava-se como o fato mais importante de sua vida. Ponderou ter sido bom acabar preso junto com Aladino, "porque além de verificar pessoalmente o cumprimento exato e fiel de algumas profecias de Nostradamus em relação a ele, pude

702 O delegado Ernesto Milton Dias foi um dos mais eméritos e temidos torturadores do período. Descobri seu endereço (residia ele em Cerqueira César) e escrevi-lhe uma carta em 29-11-1995, mas ele não se dignou a responder.
703 Montero, Armando, et alii, op. cit., p. 4.

comprovar as torturas que sofrera, de maneira bárbara e desumana, aplicadas por policiais que são verdadeiras bestas-feras, sob as vistas complacentes de seus chefes, outros monstros-intelectuais da desgraçada Polícia de São Paulo". Uma das profecias cumpridas referia-se ao episódio em que Aladino fora preso diante de sua filha Germânia, que, chorando, ficara sem compreender a razão daquilo. Juraci não se arrependia dos atos terroristas, pois estava certo de que eles haviam impedido uma contra-revolução patrocinada pelas potências anti-americanas. Uma das finalidades, produzir efeito psicológico, foi amplamente alcançada: "Mostramos aos 'políticos-satélites' que ainda existem homens nesta terra capazes de arriscar a própria vida para impedir uma indignidade dessa natureza". Relevou que o grupo era "integrado por homens de coragem, habilidade, decência, fidelidade a Deus e simpatia pela humanidade", razões pelas quais se sentiam "melhor em qualquer lugar do que numa igreja, em hipócritas orações".

• Sebastião Fernandes Muniz, 28 anos, estatura média, cabelos castanhos cortados ao estilo militar, casado, pai de dois filhos, 2º grau incompleto, eletricista, radiotécnico e pintor na vida civil, soldado, 9 anos de serviços à FP. Acreditava que Deus enviaria um emissário seu à Terra para julgar a humanidade: "Quando esse emissário aparecer publicamente, será o fim dos tempos bíblicos!". Compartilhava de uma visão sombria do que passava ao redor: "É um mundo de incompreensão entre pais e filhos, de desrespeito até entre amigos, de busca constante e desleal da aniquilação do homem". Entrou na FP porque considerava ser ela um ótimo local de trabalho, onde poderia ganhar o suficiente para sustentar a família. Só há pouco tempo, através de amigos, é que conhecera Aladino, a quem logo devotou admiração por causa de seus "espantosos conhecimentos". Também não se arrependia dos atos de terrorismo, "uma atividade necessária para evitar uma catástrofe no Brasil". Avaliava que até aquele momento, o êxito tinha sido completo: "Daqui para frente, compete ao governo federal consolidar sua força e prestígio, afastando em definitivo o perigo de uma guerra entre irmãos, que era o que alguns políticos cassados desejavam eclodir em São Paulo e em boa parte do Brasil, amparados pela máquina de fazer revolução". Para o soldado Sebastião, o grupo não poderia ser melhor, "mesmo não conhecendo os moços que recentemente passaram a integrá-lo, pois, pelo que sei, também eles o fizeram por idealismo". Confiava num julgamento justo: "Creio que seremos julgados com honestidade e, se isso acontecer, nada tenho a temer. Não fomos covardes em nossas declarações e nem poderão esquivar-se de suas responsabilidades os demais implicados na questão. Minha família teve a primeira impressão (transmitida pelos jornais), pois desconhecia minhas razões. Depois da primeira visita que me pôde fazer é que se acalmou, compreendendo que não somos assaltantes, como as notícias faziam crer". Pediu compreensão ao povo: "Gostaria que o povo compreendesse a nossa situação. De nossa parte, não nos sentimos abatidos por tudo o que foi atirado contra nós de indigno e mau. Temos consciência de ter evitado uma catástrofe brasileira. E, se preciso for, faremos tudo novamente para termos uma nação tranqüila, com a graça de Deus".

• Luis Ataliba da Silva, 24 anos, casado, 1º grau, ajustador mecânico pelo Serviço Nacional da Indústria (Senai), motorista profissional, auxiliar de escritório, comerciante, pintor, soldado, 3 meses na FP. Não via contradição entre o ideário religioso abraçado pelos seus companheiros e sua postura de permanecer católico apostólico romano: "Vejo Deus nos homens justos e nos perseguidos por amor à justiça". O mundo estava quase que totalmente pervertido, "apesar de existir ainda mais homens idealistas, honestos e honrados que não medem sacrifícios pelo amor ao próximo". As mortandades indicavam que os tempos haviam chegados: "É a guerra em Biafra,[704] onde não há humanos, mas sim restos de homens, é a cruel invasão da Rússia na

[704] Agrupando tribos de culturas conflitantes — nômades e muçulmanos hausas ao norte, iorubas a oeste e ibos a leste —, cujas divergências à política britânica de controle indireto, através das hierarquias tribais, nunca conseguiu sanar, a Nigéria viu-se, desde a sua independência (outubro de 1960) transformada em palco de violentas confrontações interétnicas.

Tchecoslováquia;[705] é a mais besta, cruel e idiota guerra do Vietnã; é a euforia de conquista dos chineses; é a guerrilha em toda parte do mundo; são homens pervertidos, assassinos cruéis que fazem as guerras para conseguir o poder. É o fim dos tempos!". As ações que desenvolveram teriam justamente evitado que o Brasil se transformasse em um novo Vietnã: "Temos a consciência tranqüila. Tenho certeza de que o povo bom e ordeiro, ao tomar conhecimento de nossa causa, nos verá com bons olhos, pois somos homens de valor que passaram noites em claro para evitar a morte de infelizes que seriam jogados na luta sem saber o porquê, enquanto seus dirigentes camuflados como covardes que são aguardariam o derramamento de sangue dos patrícios." A relação com os militantes esquerdistas era marcada pela incompatibilidade recíproca: "Eles, os revolucionários, nos odeiam, nos humilham e, em nossa presença, disseram: vocês nos atrapalharam, mas nós conseguiremos nosso intento". Para o soldado Ataliba, Aladino era um homem de coração benevolente, e só quem o conhecia chegava a entendê-lo. Embora pobre, ajudava a muitos. "Culto, inteligente, patriota, conseguiu muitas provas da fracassada revolução, pelo menos até agora". O processo terminaria por apontar a verdade e aliviar a dor na família, que de nada sabia até então: "Só Deus sabe como devem estar sofrendo minha querida esposa, minha mãe, meu pai, meus irmãos, meus amigos. Deus guarde a todos, pois a justiça há de vencer e então sairemos daqui com a cabeça erguida e com a consideração de nossos patrícios".

• Juarez Nogueira Firmiano, 27 anos, casado, pai de um filho, 2º grau científico, comerciário na vida civil, escrevente, 2º sargento, 7 anos de serviço na FP. Entrou para a corporação como soldado, passando a cabo e prestando concurso para sargento-escrevente. Gostava da vida militar e estava satisfeito, apesar das reticências do governo militar para com a classe de praças da FP, negando-lhe aumento nas mesmas bases que concedeu aos oficiais. "Aliás, negando-lhe qualquer aumento". Também conhecera Aladino através de amigos. A princípio considerou-o louco, mas à medida que o ouvia, foi mudando de opinião. Acreditava que ele faria alguma coisa de grande importância no Brasil com a ajuda dos demais seguidores. "Se tivesse que escolher uma ação diferente da que ajudei a desenvolver, não saberia como realizá-la. O plano de terrorismo tinha finalidade moral e esta foi devidamente alcançada até o momento". Quando a família ficou sabendo, não o condenou nem o criticou, atinando que, se fizera aquilo, era porque precisava fazer. Quanto ao processo, estava confiante, pois bastaria que apurassem as verdadeiras responsabilidades: "Se não o fizerem, pior para os responsáveis, que são gente grande".

• Cláudio Fernandes Pereira Lopes, 24 anos, solteiro, 1º grau, mecanógrafo e datilógrafo na vida civil, escrevente, 3º sargento, 4 anos de serviço na FP onde ingressou "por ilusão de uma carreira promissora numa corporação de utilidade pública, coesa e imparcial no julgamento e solução dos seus problemas internos e externos, voltada a uma finalidade única: servir a pátria e o povo". Confessando-se parcialmente frustrado, cunhou uma frase antológica: "Tive de, simultaneamente, servir na Força para ganhar a vida e servir contra a Força para servir à pátria". Sem possuir uma religião definida, simpatizava com as causas do judaísmo ortodoxo, indubitavelmente por influência de Aladino. Vendo o nosso pequeno mundo transformado numa arena por homens e nações que se digladiam o tempo todo como feras — "uns, por desmedida ambição, egoísmo e vaidade; outros, por instinto de autodefesa, autoconservação e sobrevivência" —, buscava quebrar o condicionamento imposto por uma sociedade em decadência, em que a lei, tacitamente, "significa lutar com qualquer arma ou sucumbir com qualquer alma": "A maioria dos homens procura aniquilar seus semelhantes, por estas ou aquelas razões, esquivando-se do cumprimento das leis de Deus e para com ele faltando com o devido

[705] Uma onda contrária de contestação havia atingido o bloco socialista em 21 de agosto com a invasão da Tchecoslováquia pelos tanques e tropas do Exército Vermelho. Os PCs soviéticos atingiam seu ponto mais débil de atração como força central. A defesa que Fidel faz da intervenção ao Pacto de Varsóvia causa um estupor geral, principalmente na Europa. Havana se atrelara incondicionalmente a Moscou.

respeito". A obediência às leis de Deus resultaria, explícita e implicitamente, na coexistência pacífica e progressista de homens e nações. "No entanto, as lutas se intensificam, se aceleram: crimes, greves, rebeliões, revoluções, guerras... Parece que a humanidade faz questão de provocar sua autodestruição. É para esse ponto que caminhamos e é exatamente isso que merecemos". Deus teria decidido, no entanto, pela preservação da humanidade desde que sofresse um processo de purificação, vivendo, a partir de então, condignamente como seres racionais e não como animais. Antes de contatar pessoalmente Aladino por intermédio do sargento Jairo, o sargento Cláudio havia lido os livros com reticência e ceticismo. "Conversei três vezes com o sargento Jairo sobre a figura de Dinotos. A vários outros colegas tive oportunidade de dizer que eu tinha muita pena do sargento Jairo, pois era tão bom, tão amigo, tão inteligente, mas agora estava ficando doido, pois só uma dessas palestras durou 10 horas. Isso me obrigou a aceitar o convite para conhecer Dinotos. Confesso que fui precipitado ao fazer aquelas críticas, pois também eu me tornei amigo e admirador desse moço simples, humilde, pobre, mas extraordinariamente inteligente e objetivo. Em poucos dias compreendi quanta mentira havia nos meus conhecimentos de toda sorte — religiosos, científicos, filosóficos, históricos. No começo, eu queria colocar no lugar de uma inverdade uma verdade improvável, mas depois contentei-me em excluir os erros, estudando, analisando, medindo, pesando sempre que tivesse de admitir qualquer coisa. Tornei-me, pois, um racionalista, e nem por isso deixei de respeitar Deus e suas leis. A metamorfose foi grandiosa e devo isso a Sábado Dinotos, que considero um amigo, cujas qualidades prefiro omitir para que os interessados em conhecê-lo não percam a sensação da surpresa sempre agradável". As manobras contra-revolucionários oneraram a nação e colocaram em risco a população civil, por isso resolveu seguir pelas vias extralegais do terrorismo: "Era preciso aparecer um grupo de homens diferentes dos que estávamos acostumados a ver desfilar pelas ruas de São Paulo e do resto do Brasil: sambistas, grevistas, passeatistas, anti-divorcistas e outros istas. O momento exigia um grupo de ação, composto por homens que pudessem realizar uma tarefa inédita mas efetivamente neutralizante do poderio irracional dos revolucionários que pretendiam colocar a pátria sob o jugo de pelo menos duas potências antagônicas: América do Norte e Rússia ou França e China. Passamos a acossá-los com as bombas. Assim, tornamo-nos os terroristas". Enalteceu o grupo, para ele composto de idealistas, patriotas e trabalhadores conscientes da gravidade do momento nacional: "Mesmo aqueles integrados mais recentemente no grupo, cujas vidas pregressas não são uma beleza, não empenharam o brilho do grupo em si. Sou crente de que um homem (genericamente falando) não deve ser julgado pelo seu passado mau, quando seu presente é bom e está decidido a fazer melhor ainda o seu futuro". O sargento Cláudio encontrava-se igualmente confiante de que em breve sairia da prisão, já que "O governo tem em mente que, embora pareça incrível, subsiste graças a Deus e a um pequeno grupo de terroristas de São Paulo que, com bons modos ou bombas, conseguiu impedir sua morte, tal como ocorreu com Kennedy". Não cobravam essas dívidas: "Nem o presidente nem o povo nos deve nada. O que fizemos resultou do nosso dever de fraternidade". Sua família e sua noiva há muito desconfiavam de que levava uma vida paralela, pois sempre que saía tarde e voltava mais tarde ainda, uma bomba explodia em algum lugar de São Paulo. "Eu dizia que era pura coincidência, que até tinha muito medo de bombas, e sorria quando me falavam do caso. Depois da minha prisão, foi a vez deles: eu bem que desconfiava... aquela sua alegria... uma coincidência passa... duas é difícil, três é impossível... Mas agora eles concordam com o que eu fiz. Agradeço a Deus esse belo desfecho, exceto as torturas sofridas pelos meus companheiros. Mas isso cobraremos na Justiça".

• Edson Vieira, 24 anos, natural de Atibaia, interior de São Paulo, casado, 1º grau, motorista profissional e enfermeiro veterinário na vida civil, noções de primeiros socorros, sobrevivência em condições extremas e de enfrentamento à calamidade pública, passou pelo curso preparatório para a Escola de Especialistas da Aeronáutica (onde não chegou a ingressar),

cabo, 3 anos de serviço na FP, carreira a qual optou por gostar da vida militar e ademais porque precisava de um emprego. Não imaginava que um dia se voltaria contra a própria FP, atitude de que não se arrependia apesar dos pesares, "pois acima de meu compromisso de fidelidade a ela eu tinha prestado no Exército um outro — o primeiro — de fidelidade à pátria. Por isso, sinto ter cumprido o meu dever. Espero que meus amigos da corporação, superiores e subordinados, compreendam o que foi o meu, o nosso dilema". A sua prisão fora o maior e único choque que causara até então a seus familiares e amigos. "Não tinham conhecimento algum do problema e, creio, não me julgavam capaz de jogar um jogo tão alto. Contento-me em saber que não estão decepcionados comigo. Dizem-se até orgulhosos". Considerava Aladino o homem mais inteligente que já conhecera. Repetiu a mesma versão sobre o plano golpista da Frente Ampla: "Nossa ação foi conscientemente desenvolvida no sentido de evitar uma revolução separatista, de vez que os países que a apoiavam (Rússia, China, RAU, França, além do general Perón) obrigariam os EUA a intervirem, dividindo o Brasil em duas facções marionetes. Daí o terrorismo. Conseguimos, com isso, impedir essa desgraça, pelo menos até agora. Já que estamos presos, esperamos que os nossos amigos afastem ainda mais esse perigo". A responsabilidade maior cabia ao governo federal, "que deverá, urgentemente, fazer alguma coisa, se não quiser que aqueles vendilhões façam alguma coisa com o presidente". Sentia-se honrado de pertencer a um grupo composto por homens de extraordinário senso de patriotismo — "e não de bandidos, como em princípio quiseram taxar-nos". Referindo-se ao processo a que estavam submetidos, o cabo Edson argumentou que "seria o maior absurdo se fôssemos condenados pelo que fizemos, pois, como conseqüência, ninguém mais teria condições psicológicas para colaborar com o governo federal, sujeitando-se a ser traído por ele. Se o próprio governo, através de seus acessores, mandou, determinou que impedíssemos, a todo custo, o levante revolucionário, não se justifica que agora fiquemos sozinhos com o foguete nas mãos".

• Jessé Cândido de Moraes, 24 anos, casado com Palmira de Jesus, pai de dois filhos (Cássia Margarete, 2 anos, e Edson Clayton, 10 meses), 4º ano primário, freqüentou o curso de mecânico ajustador do Senai, comerciário na vida civil, datilógrafo, soldado, 6 anos de serviço na FP. "Espero que isso seja publicado para que vejam que ainda existem homens com coragem para revelar toda a verdade proibida pelo governo". De maneira incisiva, o lugar-tenente de Aladino iniciava suas declarações. O ingresso na FP de São Paulo em 13 de julho de 1962, servira de compensação para o fato de não ter podido servir o Exército. "Entrei para a milícia por julgar que lá poderia servir minha pátria e, ao mesmo tempo, seguir uma carreira, ganhando o sustento da família". Embora nunca tivesse tido interesse em participar de movimentos políticos, sempre quis debelar as injustiças, a miséria e as aflições: "Sempre esperei uma oportunidade para ser útil à minha pátria e poder servir meus compatriotas em tudo que fosse do meu alcance". Não confirmou nem desmentiu ser ele o segundo homem na hierarquia do grupo. Se o colocaram na posição de lugar-tenente, era porque recebia ordens diretamente de Aladino: "Os colegas me consideravam muito, devido ao fato de conquistar amizades com facilidade, raciocinar rapidamente e resolver os problemas surgidos entre o nosso pessoal. Talvez seja esse o motivo de me considerarem um sub-líder, depois de Dinotos". O lugar-tenente confirmou que o movimento era chefiado, na cúpula, por elementos da Casa Militar da Presidência da República. As ordens chegavam via Correio ou através de cartões — com o brasão da República e o timbre daquela repartição — deixados na portaria do Edifício Martinelli. Tudo o que Aladino tinha a fazer era transmiti-las e colocá-las em execução junto aos seus comandados. Como não eram responsáveis pelos assaltos a bancos, mas temiam ser acusados desses delitos, o soldado Moraes resolveu planejar e executar um golpe: "Nós lemos e fizemos uma análise da situação. Concluímos que, se um assaltante ou terrorista fosse preso, levaria a culpa dos dois crimes. Isso porque a situação do nosso grupo era precária, os gastos com transporte, material explosivo e outros, não tinham sido ressarcidos pelos nossos mandantes". Co-participaram do assalto ao

banco de Perus, Pierino Gargano, Antonio Pereira, Gregório Cutcheravia e Norival de Paula. O dinheiro arrecadado foi assim distribuído: Aladino, NCr$ 1.500,00; sargento Juraci, NCr$ 500,00; sargento Juarez, NCr$ 250,00; sargento Cláudio, NCr$ 250,00; soldado Sebastião, NCr$ 250,00. O maior montante ficou com Pierino, Antonio Pereira, Gregório e Norival de Paula. Um Volkswagen, um DKW e um jipe Willys foram adquiridos com parte do produto do roubo, cujo total excedeu os NCr$ 26.000,00. Uma parcela serviu para a compra de material explosivo. O lugar-tenente justificou porque aquele não era um crime comum: "O assalto não foi para atender os nossos interesses pessoais. Foi, sim, de caráter político. Basta ver como foi empregado o dinheiro. Escolhemos o Banco de Perus devido às facilidades que proporcionava o local e pelo número reduzido de funcionários. Antes de partir para o nosso objetivo, recomendei aos homens que não maltratassem nem ferissem, física ou moralmente, qualquer bancário. As ordens foram cumpridas à risca, conforme as próprias vítimas atestam". Quando era violentamente torturado, fizeram com que Aladino assistisse a cena, e vice-versa: "Fui preso no dia 21 de agosto pelas autoridades da 40ª Circunscrição. Às 9h30min, segui para o DPM da FP. No mesmo dia, fui transferido para o DEIC. Apesar do meu estado de nervos, agravado pela falta de alimentação e repouso, passei a ser interrogado pelo delegado Ernesto Milton Dias, pelo coronel Cabetti, da FP, e os cangaceiros da Polícia. Fui pendurado no pau-de-arara por 2 horas, e em virtude do desgaste físico, mal podia articular as palavras para responder ao interrogatório. Em seguida, levaram-me para o xadrez e por alguns instantes deixaram-me em paz. Reconduziram-me à sala de torturas, despiram-me e surraram-me. Fui novamente pendurado no pau-de-arara e levei choques com a máquina que os torturadores chamam de 'pianinho'. A certa altura, meus algozes introduziram na sala o Sábado Dinotos, para assistir o tratamento que me davam. Mais tarde, colocaram-no em meu lugar e o investigador de nome Salvio passou a torturá-lo, das maneiras mais terríveis que um ser humano pode imaginar, para que eu visse 'o quanto é bom salvar o governo do Estado e a vida do presidente da República' ". Ocorreu ainda uma terceira sessão de maus tratos e, no fim do dia, estava quase morto. Não podia me mover, nem mesmo controlar o pensamento. As pernas, os braços, o corpo todo, apresentavam sinais de queimaduras produzidas pela máquina de choques. Esperava que o governo federal analisasse o problema e fizesse justiça com aqueles que o salvaram, evitando a eclosão de uma guerra civil, o que levaria o país a uma situação bem pior". Fazia votos de que as autoridades encarregadas do caso procurassem conhecer profundamente o problema, pesando os motivos que os levaram a cometer tais atos: "Confio e espero que a justiça seja feita, de acordo com a consciência de cada um que irá nos julgar. Que olhem profundamente, desde o início, aquilo que fizemos e porque o fizemos. Que olhem o problema de cada um de nós. Que pensem nas sentenças dadas com injustiça, pois elas irão refletir em nossos filhos".[706]

• Rubens Jairo dos Santos, 35 anos, casado, pai de dois filhos, técnico contábil e músico na vida civil, 1º sargento, 18 anos de serviço na FP. Até aquele momento não tinha conseguido vencer os obstáculos do cárcere para fazer chegar às mãos dos repórteres o seu depoimento pessoal.[707]

Um dos que despistaram a Polícia foi Pierino Gargano, cujo paradeiro nem os seus próprios familiares conheciam. Tanto o DOPS como o DEIC acionaram diligências visando capturá-lo, tudo em vão. Uma das amantes de Pierino chegou a ser presa para interrogatório, mas nada revelou. Ao libertarem-na, passaram a vigiá-la na esperança de que viesse a encontrar-se com ele. Os membros do grupo desbaratado aproveitaram a oportunidade para notificar as autoridades encarregadas do IPM que outros companheiros, entre eles Esdras de Mattos, Walter Hermann Heyder, José Caxias David e Luiz Daniel, "cujos destinos deveriam ser os nossos"

---

706 Montero, Armando, et alii., op. cit., p. 8.
707 *Ibid.*, p. 6-7.

estavam igualmente refugiados “em locais que ignoramos”. Os nomes apontados, no entanto, não figuravam nos depoimentos que prestaram ao DEIC e à 9ª Vara Criminal. Suspeitavam-se que havia outros envolvidos, mas esses ninguém ainda sabia — a não ser os próprios membros do grupo — quem eram.[708]

As denúncias sobre as torturas lhes foram infligidas impressionaram o juiz corregedor dos presídios e da Polícia Judiciária. O magistrado Alexandrino de Almeida Prado mandou instaurar sindicância e determinou que os presos fossem submetidos a exame de corpo de delito. O Instituto Médico Legal (IML) designou os legistas Osvaldo Salzano e Ablarde Queiroz, os quais confirmaram que Aladino, Jessé e Gregório haviam sido de fato torturados. O laudo oficial foi anexado à sindicância. Restava apurar quem eram os algozes, e mesmo esses Aladino denunciara.

O laudo do exame de corpo de delito nos três presos atestou que Aladino apresentava “duas cicatrizes alongadas de coloração rósea, de limites lineares paralelos, bem nítidas, medindo 20 e 40 milímetros de largura, respectivamente, por 2 milímetros de largura, dispostas obliquamente na face ventral do pênis, com características de terem sido produzidas por queimaduras elétricas. Cicatriz com as mesmas características da anterior, formando um semi-círculo, na glande, ao redor do meato uretral. Sinais de avulsão do dente canino superior direito, cuja gengiva, no local, se encontrava em fase de cicatrização”. Gregório Cutcheravia apresentava “sufusão hemorrágica na mão direita, visível através da epiderme”. Jessé Cândido de Moraes apresentava “cicatrizes, uma resultante de ferimentos contusos e outras semelhantes àquelas que resultam de ferimentos por eletricidade. Cicatrizes existentes nos antebraços, quase perfeitamente simétricas, sugeriam resultado de ferimentos contusos, provocados por atritos contra o corpo duro”. Com o laudo em mãos, o deputado Fernando Perrone, do MDB — o qual já havia anteriormente solicitado a convocação do secretário da segurança na Assembléia Legislativa, proposição essa derrotada — requisitou a constituição de uma Comissão Especial de Inquérito. Reportando-se às violências anteriormente cometidas pela Polícia contra estudantes e políticos, Perrone queria autorização para os membros da Comissão averiguarem a situação dos presos. Seriam necessárias trinta e nove assinaturas para a aprovação do requerimento, que acabou obstruído pelos parlamentares da Arena.[709]

Transcorridas poucas horas da prisão de seu pai, Raul Félix, acompanhado do irmão Mansueto, tomou a iniciativa de vistoriar o escritório de seu pai no Prédio Martinelli. Lá chegando, encontraram a porta arrombada e todos os móveis e objetos revirados. No caminho para o ponto do ônibus que os levaria de volta, Raul viu a imagem de Aladino estampada na primeira página dos jornais. “Quando vi aquelas fotos, pensei comigo: estamos perdidos”. No dia seguinte, 23 de agosto, Raul resolveu visitá-lo no DEIC. “Um funcionário mandou que eu subisse alguns andares acima. Fiquei aguardando sentado dentro de uma sala durante muito tempo, até que um delegado aproximou-se e perguntou-me o que desejava. Respondi que gostaria de ver o meu pai, Aladino Félix. Assim que pronunciei o nome, o delegado retirou-me da sala e recomendou que sumisse dali o mais rápido possível, sem falar com ninguém ou ao menos olhar para trás, caso contrário também seria preso e torturado”.

Recorreu-se primeiramente a um velho amigo da família, o advogado Osmar Mesquita, morto misteriosamente quando se dirigia a Brasília para entrar com um pedido de *habeas-corpus*. “Morreu no próprio aeroporto. A sua família não pôde nem ver o corpo. Aí ficamos sem advogado, sem ter a quem recorrer”, contou Raul, que contava com 14 anos de idade. Seu irmão Mansueto, que no dia 28 vindouro iria atingir a maioridade, era o que suscitava as maiores preocupações, já que deixaria de ser inimputável, podendo a vir a ser preso mesmo sem ter participado dos atos terroristas. A família resolveu então fugir para a cidade de Campo Belo,

---

708 *Ibid.*, p. 9.
709 *Ibid.*, p. 10.

Minas Gerais, onde se refugiariam num sítio a ela pertencente. Marta arrumou as malas e trancou o imóvel alugado na Parada Inglesa. A viagem foi custeada pelo empresário e embaixador Silvio Canuto de Abreu, outro velho amigo de Aladino. Temendo serem apanhados na rodoviária pelos agentes da repressão, a família dirigiu-se à garagem da viação, cujo proprietário era amigo de Marta. O ônibus saiu da garagem com a família discretamente instalada em suas poltronas, apanhou os passageiros regulares na rodoviária e chegou ao destino programado sem nenhum incidente. Sentindo que seriam obrigados a viver por bastante tempo em Campo Belo, Marta retornou 1 mês depois a São Paulo onde alugou um caminhão e carreou o restante dos pertences a Campo Belo.

Durante o período em que aí permaneceram, isolaram-se do restante do mundo. Obedecendo aos instintos de proteção materna, Marta destruía os jornais e desligava a televisão sempre que surgiam notícias sobre Aladino. Nunca tinham enfrentado uma situação tão difícil, principalmente no campo econômico, conforme lamuriou Raul: "Muitas vezes faltava o que comer. A nossa avó é que nos doava alguns mantimentos. Meu pai não tinha nem um centavo no banco. Dependíamos da ajuda das pessoas próximas. Vivíamos com o dinheiro contado do dia. Minha mãe teve de voltar a trabalhar como professora, dando aulas numa escola rural. Mesmo mancando, devido a uma paralisia no pé, andava diariamente cerca de 5 km. E nós acabamos de ser criados assim, sem dinheiro para nada".[710]

Nessa altura, o grupo estava com a prisão preventiva decretada pela Justiça Comum e respondia processo perante a 9ª Vara Criminal, presidida pelo juiz Marzagão Barbuto.[711] Em 26 de agosto, Paulo Fulerman, Adhemar Viola, Francisco Pereira Lopes e Alfredo Beccia foram intimados a prestar depoimentos no DOPS.[712]

A primeira resposta pública e ostensiva dos militares às oposições vem em 29 de agosto na forma de uma invasão ao campus da UnB comandada diretamente do Gabinete do ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva. A pretexto de deter estudantes cujas prisões preventivas haviam sido decretadas, a Polícia Civil e Militar e pequenos choques formados por agentes do serviços de informações militares entram no campus disparando, espancando estudantes a granel, quebrando instalações e terminando por fuzilar um estudante com um tiro na testa. Todos os professores e alunos estavam dentro das salas de aula e laboratórios e não havia nenhuma manifestação ou reunião estudantil programada. O Senado e o Congresso ficaram em estado de choque. O deputado Mário Covas sintetizou o que se avizinhava: "O que provoca meu ódio e impotência diante de tudo isso é que não podemos fazer nada, rigorosamente nada".[713]

---

710 "Quando foi preso, minha irmã caçula estava apenas com 3 anos de idade e ficou muito tempo sem vê-lo. Tive de virar o pai dela. A minha irmã caçula toma benção de mim até hoje como se eu fosse seu pai. Quem cuidou da família na ausência dele fui eu. Sustentei minha mãe até morrer e custeei o estudo de minhas irmãs. Meu irmão morreu cedo, não se ligava à família, tomou um rumo pessoal. Até à época em que fui servir o Exército, aos 18 anos, as roupas e os sapatos que usava eram usados, doados por amigos. Não tínhamos dinheiro nem para comprar roupas. Apenas o Canuto de Abreu e o Zito nos ajudavam financeiramente de vez em quando. Os outros ficaram com medo de chegar perto da família, tal a violência da repressão militar. O Zito era milionário. Um juiz chegou a aconselhá-lo, dizendo que se continuasse nos ajudando poderia ser preso. Essa foi a pior fase que atravessamos, apesar de sempre termos vivido em dificuldades econômicas. Os amigos de meu pai ajudavam o quanto podiam, mesmo assim éramos despejados das casas onde morávamos. Nós não possuíamos bens materiais. A minha irmã só pôde estudar depois de velha porque meu pai não tinha condições de mantê-la na escola. Fomos criados no meio dessas dificuldades e sofrimentos, sem dinheiro, devendo aluguel. Por esses motivos, acabamos criando uma certa aversão a livros. Crescemos aprendendo a não gostar de livros, porque eram sinônimos de dificuldade financeira. Minha mãe queria que meu pai arrumasse um trabalho fixo, ao invés de passar o tempo todo escrevendo, para que tivéssemos uma vida mais confortável". Antiteticamente ao seu pai, Raul voltou-se à melhoria das condições materiais da família. Enriqueceu e hoje reside com sua esposa e filhos numa mansão luxuosa no bairro do Butantã, zona oeste de São Paulo. O caderno de empregos do jornal *O Estado de S. Paulo* ("Raul Félix: Como consegui meu emprego", São Paulo, 10-3-1996, empregos, p. J-2) destacou sua atuação profissional: "Há 16 anos ele ocupa cargos de direção, tendo passado por empresas como a empreiteira Servaz, Rohr, Grupo Itamarati e na Enesa Engenharia".

711 Boletim Infomativo do SNI, São Paulo, 25-9-1968, nº 227; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, folhas 2-3.

712 Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fls. 8-9.

713 Mir, Luís, op. cit., p. 322.

No mesmo dia, depuseram Israel Jacob Averbach, Esdras de Mattos e Solon Dias dos Santos.[714] Em entrevista a nós concedida em 1º de dezembro de 1995, Solon, que se formou sociólogo em 1974, garantiu que assistiu a apenas duas reuniões no Edifício Martinelli. Para ele, Aladino era um "messiânico com idéias desvairadas", dotado de um discurso poderoso, porém pouco fundamentado, e um tradutor bíblico por demais tendencioso: "Ele tentava nos convencer de que as nuvens que jogavam maná para os hebreus eram, na verdade, naves espaciais". No entanto, cumpre assinalar que Solon admitiu nunca ter lido os livros de Aladino. Compareceu às reuniões no Martinelli movido mais pelos aspectos culturais do que propriamente políticos. Saiu duplamente frustrado, pois além de não identificar-se com as idéias expostas, viu-se contrariado em suas inclinações esquerdistas: "Aladino era de direita e estava do lado dos militares". Ao ser interrogado, um dos membros do grupo de Aladino citou o nome de Solon como estando ligado a um suposto movimento esquerdista (inexistente). Em conseqüência, ficou detido por 3 dias. "Ele intentava desviar a culpa dos atentados terroristas. Mas não chegaram a me maltratar, só fizeram perguntas".

O Boletim Informativo do SNI comunicava em 29 de agosto, que Aladino e seus seguidores voltaram a assacar no DOPS gravíssimas acusações contra o general Paulo Trajano, a quem agora apontavam como "mentor intelectual" do movimento golpista.[715]

O discurso do deputado e jornalista Márcio Moreira Alves, em 3 de setembro, exceto pela primeira parte, em que protestou pela invasão militar do campus da UnB, oscilou do infantil ao ingênuo. Conclamou a população a boicotar os desfiles de 7 de setembro e as mulheres a não namorar soldados. Os jornais ignoraram completamente a alocução e não publicaram sequer uma nota. Mas o SNI anotou e os generais, na falta de outro expediente, decidiram transformar a inocente provocação em grave fato político, em cavalo de batalha para uma encenação que servisse de pretexto a novas medidas de arrocho político. O Supremo Tribunal Federal (STF) solicita autorização ao Congresso Nacional para processá-lo. O coronel Jarbas Passarinho foi o autor da proposta de pedir licença à Câmara para processar o abusado parlamentar. Numa reunião com os três ministros militares — general Aurélio de Lyra Tavares (Exército); almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald (Marinha) e o brigadeiro Márcio de Sousa e Melo (Aeronáutica) — a fórmula foi aprovada previamente e depois levada a Costa e Silva.[716]

Em portaria datada de 3 de outubro — no momento em que travava-se uma guerra entre a esquerda e a direita universitária, a primeira com seu QG na Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antonia, e a segunda, liderada pelo CCC, protegida na fronteiriça Universidade Mackenzie —, o DOPS registrava que Fernando Roberto Dimárzio, um dos implicados nos atos terroristas, se apresentara naquele Departamento confessando sua participação na colocação de uma bomba no terminal da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, em Utinga, por ordem de Aladino.[717]

Os estudantes expuseram-se ao massacre em 12 de outubro ao realizarem clandestinamente num sítio em Ibiúna, pequeno município a 60 km de São Paulo, o XXX Congresso da UNE. Elegeriam uma nova diretoria para a entidade nacional e deliberariam sobre os rumos do movimento. Tropas da Polícia cercaram a área, prendendo os cerca de oitocentos participantes, incluindo as principais lideranças.[718]

Na manhã do mesmo dia, um comando da ALN abateu a tiros o capitão norte-americano Charles Rodney Chandler, introdutor no Vietnã das aldeias estratégicas, tentativa de romper o

---

714 Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 9.
715 Boletim Informativo do SNI, São Paulo, 30-8-1968, nº 206; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 2.
716 Mir, Luís, op. cit., p. 336.
717 Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 3.
718 Dirigentes universitários comunistas ainda fiéis ao PCB haviam proposto que esse o encontro fosse realizado dentro da USP, o que imobilizaria a repressão. Luiz Tenório de Lima, do PCB, chegou a negociar indiretamente com o governador Abreu Sodré a não-intervenção policial no Congresso. O resultado da negociação é apresentado numa assembléia dentro da Faculdade de Filosofia e os comunistas são derrotados fragorosamente por dois líderes estudantis avessos totalmente a qualquer concessão: José Dirceu e Vladimir Palmeira (Mir, Luís, op. cit., p. 333).

controle dos vietcongues em seu próprio campo. A partir de sua execução, os interesses norte-americanos passariam a ser atacados dentro do Brasil. O capitão levava no peito todas as credenciais para ser tomado como alvo ideal dos revolucionários: ex-combatente no Vietnã; amigo pessoal do general William Westmoreland, comandante-chefe das tropas norte-americanas no Sudeste Asiático; assessor de contra-insurgência do Exército Brasileiro. Bolsista de uma instituição estadunidense, Chandler freqüentava o curso da Escola de Sociologia Política e se aperfeiçoava no português para fins de ensino na Academia Militar de West Point. Sob tais fachadas, levava a cabo sua verdadeira missão: avaliar as chances do Brasil vir a tornar-se um novo Vietnã. Para tanto, deveria fazer um levantamento sobre as principais táticas militares da Coluna Prestes. Um grupo de oficiais norte-americanos, acompanhados do coronel Vernon Walters, percorreu as principais rotas utilizadas pela Coluna no interior do Brasil. Na reunião em que se decidiu a morte de Chandler estava o comando máximo da VPR: João Quartim, Ladislau Dowbor e Onofre Pinto. Esse último apresenta um fato consumado. Executariam Chandler para homenagear Che Guevara, nada mais que isso. A decisão acaba sendo unânime. O atentado seria no dia 8 de outubro, primeiro aniversário da morte de Che na Bolívia. O comando formado para a execução era integrado pelo ex-sargento da PM Pedro Lobo de Oliveira (na função de motorista), pelo estudante Diógenes José de Carvalho Oliveira, da VPR, e por Marcos Antonio Braz de Carvalho, chefe do Grupo Tático Armado (GTA) da ALN. O levantamento dos deslocamentos e horários em que o militar norte-americano saía e chegava em casa foi feito por Dulce Souza Maia. No dia 8 de outubro, às 6h30min, estacionaram o Volkswagen na calçada oposta à casa do capitão, a 30 m, na rua Petrópolis, bairro do Sumaré, São Paulo. Esperaram até às 14 horas que saísse ou entrasse e Chandler não apareceu. Frustrados, suspenderam a ação. Marquito irritou-se profundamente: "Voltaremos amanhã, depois, tantos quanto forem necessários. Mas Che será vingado". Voltaram em 12 de outubro. Desta vez, decididos a invadir a casa, caso ele não saísse. Apareceu às 6h30min da manhã. Alto, forte, cabelo curto, estilo militar, abriu a garagem da casa para retirar a caminhonete nova que recebera recentemente dos EUA para seu uso. Entrou nela, deu a ré e estava em cima da calçada quando viu um Volks surgir de surpresa e obstruir sua passagem. Pedro Lobo salta do Volks e dispara contra a cabeça de Chandler. Ele desaba para o lado direito do assento. Estava ferido, mas não morto. Lobo se afasta da porta e Marquito dá uma rajada de Ina sobre o corpo estendido no assento. Quatorze tiros. O último não sai, a metralhadora engripou. Quando recebeu a rajada, Chandler emitiu um ronco. Estava morto. Tudo em menos de um minuto. O pé de Chandler, que estava segurando o freio, solta-se e a caminhonete abalroa o Fusca. Jogaram os panfletos para o alto e saíram com o carro amassado em disparada. Na tarde desse dia, as agências de notícias informavam que já se encontrava detido o principal suspeito do justiçamento de Chandler, o dentista José Luiz Andrade Maciel. Preso em Jales, a 600 km de São Paulo. A apresentadora Hebe Camargo, que morava na casa ao lado da do capitão, ouviu os tiros, anotou a placa do Volks e passou a informação à Polícia. Andrade Maciel e a mulher, aterrorizados, torturados durante 4 dias, ela grávida. Quando roubaram o Volks para a ação, os guerrilheiros colocaram nele uma placa velha que havia sido "expropriada" no pátio do Detran. O dentista tinha colocado recentemente uma placa nova em seu carro. Jogou a velha no pátio do Detran. Era a que estava no Volks usado na ação.[719]

A Justiça Militar, através da 2ª Auditoria da 2ª Região Militar, prorrogava no final de outubro a prisão preventiva de Aladino, bem como dos demais integrantes da "gang do terror", atendendo solicitação do DOPS que ultimava o inquérito dos atentados em São Paulo.[720] De modo a esclarecer os pontos divergentes existentes entre os respectivos autos de interrogatório, dentre eles o roubo de armas da FP, Aladino era acareado em 7 de novembro junto ao general

[719] Mir, Luís, op. cit., p. 329-332; Gorender, Jacob, op. cit., p. 132-133.
[720] Boletim Informativo do SNI, São Paulo, 31-10-1968, nº 258; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 3.

Trajano.[721] Em 29 de novembro, o jornal *Diário da Noite* noticiava que vários terroristas tinham sido transferidos no dia anterior do DOPS para a Casa de Detenção no Carandiru, entre eles Aladino.[722] A anotação para prontuário ordenando a remoção era assinada pelo delegado Wanderico de Arruda Moraes.[723]

O governo havia controlado os opositores e as semanas finais de 1968 transcorriam em relativa calma. O andamento do processo judicial no STF para punir o deputado Moreira Alves aguardava licença a ser concedida pela Câmara. Em 12 de dezembro, o expediente formal dos altos comandos das Forças Armadas era derrotado por duzentos e dezesseis votos contra, cento e quarenta e um a favor e doze em branco. O I Exército entra de prontidão. O ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, um fanático que defendia a utilização da violência necessária contra os inimigos, viaja de Brasília para o Rio de Janeiro acompanhado do comandante do I Exército, general Syzeno Sarmento, para uma reunião com os três militares da Vila Militar, sede do I Exército. Gama e Silva leva praticamente pronto seu projeto de acirramento do regime: proibir quaisquer atividades políticas; fechar o Congresso Nacional, o Senado, as Assembléias Estaduais e Câmaras Municipais permanentemente; afastar do cargo todos os governadores. De Belo Horizonte, onde se encontra, Costa e Silva recebe a notícia exultante. Era a justificativa que faltava para liqüidar a Frente Ampla, que, mesmo proibida de atuar por um decreto-lei, aprofundava suas bases políticas e sindicais, atingindo até mesmo grupos civis e militares conservadores. Embarca imediatamente para o Rio de Janeiro, e aproveita o tempo dentro do avião para rascunhar os pontos que gostaria de ver incluídos no AI que editaria dando um novo golpe e evitando sua queda. No Palácio das Laranjeiras, esperavam-no Gama e Silva, o general Garrastazzu Médici, chefe do SNI, e vários ministros.[724] Apresentam-lhe o ultimato: cumpriria o estabelecido ou seria derrubado. Do Palácio das Laranjeiras, Gama e Silva vai para o Ministério da Marinha e confabula com o almirante Rademaker, o brigadeiro Sousa e Melo e o general Antônio Carlos Muricy. A exemplo de seu colega de 1937, Carlos Macedo Soares, o ministro da Justiça de 1968, cumpriu o figurino: "Certo da gravidade da situação, idealizei uma solução: elaborar um instrumento jurídico que, retomando o processo revolucionário, assegurasse a ordem e a paz, em todo o país. Em meu apartamento, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, redigi dois projetos do AI, com um só preâmbulo, estando presentes meus amigos e companheiros de revolução, general Cid Osório e coronel José Thomaz. Os dois foram redigidos na madrugada de 12 de dezembro".

O Palácio das Laranjeiras viveu uma de suas noites mais movimentadas e febris. Os primeiros a chegarem foram o general Lyra Tavares, ministro do Exército, e o general Orlando Geisel, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA). Costa e Silva não recebeu mais ninguém depois deles, recolhendo-se no Gabinete. O seu contato com o mundo exterior passou a ser feito por intermédio do general Jayme Portela, que atendia à romaria de ministros e de autoridades militares. No decorrer da noite lá estiveram Costa Cavalcanti, Albuquerque Lima, Antonio Delfim Netto, Hélio Beltrão, Macedo Soares, Leonel Miranda e Gama e Silva. Às 22h30min, Portela recebeu um telefonema do general Sarmento, que estava no Gabinete do ministro do Exército. Duas horas antes, Syzeno desembarcara na base aérea do Galeão como virtual comandante daquela turbulência que já tomava a forma de insurreição.

Às 7 horas da manhã de 13 de dezembro, no quartel da Vila Militar, Costa e Silva pactuava com todos os oficiais que detinham postos de comando no I Exército para reverter sua deposição já aceita pela maioria dos chefes militares. Ouviu muito, falou pouco, e encerrou a reunião afirmando que concordava com a instauração de um regime militar puro, sem qualquer tipo de instituição ou participação civil. Costa e Silva sai da Vila Militar para o Palácio das

[721] Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 3.
[722] Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 3.
[723] Secretaria da Segurança Pública, DOPS, São Paulo, 28-11-1968, nº 97312.
[724] Mir, Luís, op. cit., p. 336-338.

Laranjeiras, onde já o aguardava Gama e Silva, que em rápida conversa, lhe entrega o papel com as anotações que fizera sobre os pontos que considerava imprescindíveis no novo AI. Às 11 horas, Costa e Silva convoca para uma reunião urgente no Palácio das Laranjeiras, os três ministros das Forças Armadas, o chefe do Gabinete Civil da Presidência, deputado Rondon Pacheco, o chefe do Gabinete Militar, general Jayme Portela, e o chefe do SNI, general Garrastazu Médici. Gama e Silva procede à leitura dos dois projetos que trazia. Declararia depois: "Iniciei pelo preâmbulo, que a todos agradou, lendo a seguir o projeto mais amplo e que era, na verdade, uma revolução dentro da revolução".

À tarde, o Conselho de Segurança Nacional (CSN) aprova o golpe numa reunião pró-forma. Gama e Silva: "Após alguns debates, com a manifestação contrária do vice-presidente da República, Pedro Aleixo,[725] adotou-se o projeto, tendo eu pedido que o presidente designasse uma Comissão de Redação, que ficou constituída por mim, pelo ministro Tarso Dutra e pelo chefe do Gabinete Civil, deputado Rondon Pacheco. O meu projeto foi aceito, integralmente, com uma única alteração em seu artigo 9º proposta por Rondon Pacheco, que acolhi".[726] Nascia o monstro.

À noite, após o discurso do ministro da Justiça, um locutor leu pelo rádio o AI-5, que permitia ao presidente exercer poderes discricionários expressos, sem qualquer limitação: fechar o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas dos estados e os STFs por tempo indeterminado; retomar as cassações e suspender direitos políticos; demitir, remover, aposentar ou pôr em disponibilidade funcionários civis e militares; demitir ou remover juízes; decretar estado de sítio sem as restrições e condicionantes da Constituição; legislar por decreto, baixar AI ou complementares; censurar inflexivelmente a Imprensa; não conceder habeas-corpus a detidos por infração à Lei de Segurança Nacional; julgamentos sumários e aplicação da pena de morte a subversivos e revolucionários que fossem detidos. As decorrências do AI-5 não são passíveis de apreciação pelo Judiciário. O regime militar alcançava o ápice do fechamento, trazendo conseqüências imediatas. Publicações da oposição deixaram de circular, artistas foram presos, professores universitários foram aposentados compulsoriamente e forçados a se exilarem no exterior.[727]

"Eu confesso que é com verdadeira violência aos meus princípios e idéias que adoto uma atitude como essa", diria Costa e Silva naquela sexta-feira 13. Segundo seus exegetas, ele esperava que o AI-5 não perdurasse mais do que 8 ou 9 meses. Alguns ex-acessores do presidente alimentaram a ilusão de que se o ato tivesse encontrado uma razoável oposição, uma fórmula menos radical teria sido adotada. "Estou convencido", disse D'Aguiar, "que se houvesse uma divisão grande — Pedro Aleixo, por exemplo, e mais oito ou nove de um lado — o presidente procuraria outra solução que não o AI-5".[728]

---

725 Natural de Mariana (MG), advogado e professor de direito, foi deputado federal em 1934, presidente da Câmara dos Deputados em 1937, fundador do jornal *Estado de Minas* e da UDN; novamente deputado federal em 1958, foi reeleito em 1962. Participou do movimento de março de 1964 e foi líder da maioria na Câmara durante o governo Castelo Branco. Como vice-presidente de Costa e Silva, pronunciou-se contra o AI-5 e elaborou a revisão da Constituição de 1967. Aleixo e Costa e Silva tinham um pelo outro apreço e respeito. "Dificilmente", escreveria mais tarde José Carlos Brandi Aleixo num livro sobre o pai – "se encontrará, na história republicana, um relacionamento tão correto e cordial entre um presidente e seu vice como no caso de Costa e Silva e Pedro Aleixo". Aleixo era tido como um conselheiro que pesava as decisões do presidente, embora naquele dia isso não fosse ocorrer. Foi impedido de assumir a presidência da República pela Junta Militar, que mais tarde considerou extinto o seu mandato. Em 1970, afastou-se da Arena e dedicou-se à formação do Partido Democrático Republicano. Faleceu em 3 de março de 1975. O sobrinho de Pedro, o também mineiro Húlvio Brant Aleixo (psicólogo formado pela Universidade Federal de Minas Gerais; professor da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas de Belo Horizonte e oficial-aviador da Reserva da FAB), curiosamente viria a tornar-se um aficionado por discos voadores, fundando em 1954 o Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados (CICOANI), uma das entidades pioneiras na área.

726 Mir, Luís, op. cit., p. 338-340.

727 Gorender, Jacob, op. cit., p. 149.

728 Ventura, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*, 21ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 263-273.

## 5. O Grupo Secreto

O delegado de polícia adjunto do DOPS, Benedito Sidney de Alcântara, mal terminara de finalizar um extenso relatório de vinte e oito tópicos e quarenta e quatro páginas sobre o grupo terrorista, em 18 de dezembro, quando recebeu a notícia de que Aladino "escapara". O Boletim Informativo do SNI notificou que "por um equívoco", o preso na Casa de Detenção fora posto em liberdade por força de alvará expedido pela 9ª Vara Criminal, alusivo ao assalto contra o banco em Perus, o mesmo não ocorrendo com os seguidores detidos no DOPS.[729] A *Folha da Tarde* repercutiu: "Livre Dinotos, um místico do terror".[730]

O juiz Marzagão Barbuto, embora ciente de que Aladino se encontrava com prisão administrativa decretada pelo Comando do II Exército em função do atentado que se verificou contra esse QG, relaxou a prisão expedindo o alvará de soltura, encaminhado ao coronel Fernão, diretor da Casa de Detenção, pelo próprio filho do juiz, que ocupava o posto de 1º tenente na FP e exercia a função de assistente militar do secretário da Justiça. Estranhamente, o diretor da Casa de Detenção, que costumava sair entre às 18 e 18h30min, ficou à espera do alvará de soltura até às 19h30min, despachando-o de imediato e colocando Aladino em liberdade. O próprio diretor acompanhou-o até o lado de fora do presídio onde um tenente da FP já aguardava por Aladino, em cuja companhia se retirou num automóvel particular. O que se afigurava mais suspeito, porém, é que o alvará de soltura fora entregue em mãos, quando a praxe era que fosse levado pelo oficial de justiça no horário normal de expediente. Veio-se a descobrir que o juiz Barbuto mantinha ligações com todos os oficiais subversivos da FP, conforme assinalou o relatório do DOPS. Pela amizade mantida com o general Amaury Kruel, o coronel Edmur de Moura Salles foi por ele indicado para a chefia da Casa Militar do governador. Posteriormente, Kruel indicou ao secretário da Segurança o nome do coronel Fernão para dirigir a Casa de Detenção.[731]

Quando as organizações guerrilheiras de esquerda foram inculpadas pelos incêndios das emissoras televisivas Record, Globo, em 14 de julho de 1969, e Bandeirantes, no dia seguinte, em São Paulo, Joaquim Câmara Ferreira, jornalista, membro do Comitê Central do PCB, considerado quadro de primeira linha do partido (o segundo no comando) e militante da ALN,[732] redigiu e distribuiu um comunicado violento em que aproveitou para chamar Aladino de "provocador" e colaboracionista direto do regime, daí a sua soltura: "Somos aberta e conscientemente partidários da utilização da violência e do terror contra os que esmagam — com violência e terror — as liberdades e os direitos do povo. Contra os homens da ditadura e seus lacaios. Contra os que roubam, pelas mais variadas formas, o produto do trabalho da população laboriosa, contra os imperialistas norte-americanos e seus agentes, os grandes capitalistas e senhores de terras. Temos empregado e continuaremos a empregar o terror contra essa gente. Com autoridade que nos dá uma afirmação tão clara — não fazemos senão repetir o que já disse nosso dirigente Carlos Marighella —, queremos informar à população de São Paulo que nada temos a ver com os incêndios ocorridos nas estações de televisão. Também não pretendemos defendê-las, tanto mais quando a sua orientação geral consiste em servir à ditadura e às empresas estrangeiras que patrocinam seus programas. Mas é preciso que se saiba que os responsáveis por esses incêndios devem ser procurados entre os que procuram valer-se deles para açular o povo contra os que estão lutando pela libertação do Brasil. Entre os que ajudaram um provocador como Dinotos (Aladino Félix) a atirar bombas a esmo e libertam-no, 'por engano', logo depois do AI-5. Entre os que mandam os jornais — impedidos de divulgar qualquer documentos efetivamente revolucionário e mesmo simples notícias de ações revolucionárias — dar enorme

729 Boletim Informativo do SNI, São Paulo, de 10 horas de 17-12 às 10 horas de 18-12-1968, nº 298, p. 3; DOPS, São Paulo, 20-12-1968, nº 50Z/9/5889.
730 Boletim Informativo do SNI, São Paulo, de 10 horas de 18-12 às 10 horas de 19-12-1968, nº 268, fl. 4.
731 "Sábado Dinotos", in Relatório do DOPS, São Paulo, 25-8-1969, nº 50D/18/1253, p. 16.
732 Em certos momentos, radicalizou suas propostas, colocando-se em rota de colisão com Marighella. Mas os dois mantiveram-se juntos, na vida e na morte da organização, como amigos e aliados.

destaque ao manifesto de uma pseudo 'Frente de Libertação Nacional' em que se 'condena à morte' os membros do CSN 'até a terceira geração' ".[733]

À recaptura de Aladino, liberado "por engano" como ironizou Câmara Ferreira, deu-se prioridade total. Duas equipes de investigadores chefiadas pelos delegados Orlando Rozante e Waldi Simonetti, diligenciaram buscas em vários pontos da cidade.[734] Até hoje, nem Raul sabe explicar como seu pai conseguiu ser libertado. Às vésperas do Natal, a família ficou na expectativa de sua volta, logo frustrada: "Foi uma festa. Minha irmã até assou um bolo. No dia seguinte, entretanto, ao invés de meu pai, a Polícia de São Paulo e o DOPS chegaram exibindo metralhadoras. Cercaram todas as vias de acesso à cidade. Muitos policiais viajaram à paisana nos ônibus. Só que como minha mãe e meu avô eram pessoas respeitadas em Campo Belo, dessa vez as autoridades nos trataram educadamente, pedindo permissão para revistar a casa. De qualquer modo, foi uma grande decepção e o nosso segundo grande trauma. Minha mãe não agüentou e sofreu um choque. Durante 2 dias ficou em estado vegetativo, deitada, com os olhos fixos no teto. Não comia, não conversava e só balbuciava palavras desconexas. O farmacêutico teve de aplicar-lhe uma série de injeções para trazê-la de volta".

O relatório do delegado adjunto Renato D'Andrea, datado de 20 de dezembro, esmiuça o que se passou na ótica policial: "Dando cumprimento às ordens de v.sas., no dia 18 passado, por volta das 11 horas, dirigimo-nos à cidade de Campo Belo, Estado de Minas Gerais, visando a captura do indivíduo Sábado Dinotos ou Aladino Félix. Chegamos àquela cidade, por volta das 24 horas, e imediatamente entramos em contato com o delegado de Polícia local, o qual não mediu esforços em nos ajudar. No dia 19, pela manhã, demos uma ampla revista na casa da esposa de Sábado, Marta, e encontramos inclusive duas garrafas de champanhe destinadas a comemorar a chegada de seu esposo. Diligenciando a seguir na casa da sogra de Sábado, apuramos que a mesma estava de viagem para Belo Horizonte. Conversando com a empregada, a mesma nos confirmou a chegada de Sábado Dinotos, possivelmente para aquele dia, confirmando ainda outra informação por nós obtida, isto é, de que Sábado havia enviado um telegrama à sua esposa, comunicando sua chegada por aqueles dias. Imediatamente nos colocamos na estrada, na via de acesso à cidade, efetuando rigorosa busca em todos os veículos que por ali passavam, sem nenhum resultado positivo. Essa revista estendeu-se até a manhã de hoje, quando resolvemos retornar a São Paulo, deixando a Polícia daquela cidade continuar com as buscas. Deixamos ainda em poder do delegado local uma fotografia de Sábado, para maior facilidade de serviço. Queremos mais uma vez deixar consignado a boa vontade de todos os policiais daquele município em nossa ajuda, bastando dizer que por ordem do delegado, dois soldados, à paisana, passaram a vender bilhetes de loterias nas imediações da casa da esposa de Sábado, mantendo uma 'campana' de 24 horas naquele bairro. Campo Belo dista de São Paulo cerca de 418 km, sendo 48 km de estrada de terra e o restante de asfalto. Esclarecemos ainda que resolvemos retornar hoje à São Paulo tendo em vista não aumentarmos mais as despesas que estávamos fazendo, e por acharmos que a Polícia local estava plenamente entrosada no serviço, podendo levá-lo à bom termo. Era o que tínhamos a informar".[735]

O juiz auditor-corregedor das execuções criminais da Justiça Militar de São Paulo, Agnelo Camargo Penteado, expedia em 19 de dezembro um novo mandado de prisão preventiva contra Aladino, determinando agora que fosse recolhido ao Presídio Militar Romão Gomes.[736] O delegado titular do Setor de Capturas, Feiz Assad Chad, encaminhou uma fotocópia do mandado

733 Mir, Luís, op. cit., p. 400.
734 Boletim Informativo do SNI, São Paulo, de 10 horas de 18-12 às 10 horas de 19-12-1968, nº 299, p. 3; DOPS, São Paulo, 20-12-1968, nº 50Z/9/5885.
735 DOPS, São Paulo, 26-12-1968, nº 30Z/160/364.
736 Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 4; DOPS, São Paulo, 26-12-1968, nº 50Z/9/5849.

ao delegado auxiliar da 5ª Divisão Policial do DOPS, Aldario Tinoco.[737] O jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, noticiava em sua edição de 20 de dezembro que Wanderico Arruda de Moraes, titular do DOPS, informara que no dia anterior haviam sido remetidos à 2ª Auditoria da 2ª Região Militar, os autos de processo referentes aos atos de terrorismo em que estavam implicados Aladino Félix e os réus Paulo Trajano da Silva, general; Rubens Jairo dos Santos, 1º sargento (excluído); Jessé Cândido de Moraes, soldado (excluído); Cláudio Fernandes Lopes, 3º sargento; Juarez Nogueira Firmiano, 2º sargento; Juracy Gonçalves Tinoco, 3º sargento; Edson Vieira, cabo (excluído); Luiz Ataliba, soldado (excluído); Sebastião Fernandes Muniz, soldado; Esdras de Mattos, 1º sargento (excluído); Luís Ferreira Daniel, 2º sargento; Gregório Cutcheravia, pintor; Norival de Paula, vulgo Corisco, operário; Paulo Francisco Alves, vulgo Paulão; Fernando Roberto Dimárzio, bancário; Pierino Gargano, mecânico; Antônio Pereira, vulgo Baixinho; Estefani José Agoston (foragido); Walter Hermann Heyder; José Caxias David, 1º sargento (excluído e foragido).[738]

O paradeiro de Aladino não demorou a ser localizado pelo aparato repressivo. Em 7 de janeiro de 1969, a 4ª Zona Aérea, através do Informe nº 5/QG-5, transmitia ao DOPS que Aladino se encontrava homiziado em uma fazenda em Campinas.[739] Feita a recaptura, entrava-se na fase dos julgamentos. A primeira sentença referia-se ao assalto contra a agência bancária de Perus. O capitão Carlos Lamarca deserta do Exército em 25 de janeiro levando um caminhão cheio de armas. Entra para a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e monta um campo de treinamento de guerrilha no Vale do Ribeira, São Paulo. Em 29 de março, o juiz Marzagão Barbuto, da 9ª Vara Criminal, condenara os elementos pertencentes ao grupo às seguintes penas: Antonio Pereira, 18 anos de prisão; Gregório Cutcheravia, 11 anos e 4 meses; Jessé Cândido de Moraes, 9 anos; Pierino Gargano, 8 anos; Norival de Paula, 8 anos; Juraci Gonçalves Tinoco, 1 ano e 2 meses; Sebastião Fernandes Muniz, 1 ano e 2 meses. Aladino recebera a menor pena: 1 ano.[740] Em 30 de maio, o Superior Tribunal Militar (STM) do Rio de Janeiro decidira em sessão mandar extrair peças do IPM que apurou a prática de atos terroristas em São Paulo e remetê-la à 2ª Auditoria da 2ª RM para oferecimento de denúncia.[741] Em 2 de junho, dera entrada na 1ª Auditoria da 2ª RM os autos de IPM instaurado pelo II Exército sobre o atentado a bomba contra o antigo QG dessa unidade, no qual o grupo de Aladino figurava como indiciado.[742]

A Operação Bandeirantes (Oban), mantida com recursos fornecidos por multinacionais como o Grupo Ultragás, Ford, General Motors, entre outros, e oficiosamente assumida apenas pelas autoridades militares, surgia em 2 de julho em São Paulo. Formalmente não se vinculava ao II Exército, embora seu comandante, o general José Canavarro Pereira, do 2º Exército, visitasse regularmente a Delegacia que lhe servia de sede, o 36º Distrito Policial, na rua Tutóia, que se tornou o mais conhecido centro de torturas do país. A Oban, apoiada pelo governador Sodré e pelo prefeito Paulo Salim Maluf, era composta por efetivos do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, das Polícias Políticas Estaduais, Polícia Civil, Força Pública — todos os tipos, enfim, de organismos de segurança e policiamento. Sem estrutura legal ou vínculos formais, o novo organismo paramilitar ganhou mobilidade — e impunidade — quanto aos métodos. Seus agentes circulavam à paisana, em carros de chapa fria. Seqüestrando e torturando suspeitos de subversão, objetivavam obter informações que permitissem novas ações e confissões que orientassem as fases de inquérito, a cargo do DOPS ou PF, e julgamento, pela Justiça Militar.

---

737 Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública, Divisão de Investigações Gerais, Gabinete do Delegado, São Paulo, 19-12-1968, nº 30031; DOPS, 26-12-1968, nº 50Z/9/5850.
738 "Auditoria com autos de bombas", in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20-12-1968; DOPS, São Paulo, 26-12-1968, nº 50Z/9/5766; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 5.
739 Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 5.
740 *Diário da Noite*, São Paulo, 29-3-1969; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 5.
741 *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31-5-1969; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fls. 5-6.
742 Boletim Infomativo do SNI, São Paulo, 3-6-1969, nº 204; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 6.

Um dia antes do vice-presidente Pedro Aleixo, solitária voz do governo que se erguera contra o AI-5, ser impedido de assumir pela Junta Militar — formada pelos ministros Augusto Hamann Rademaker Grunewald, Aurélio Lyra Tavares e Marcio de Sousa e Melo que ocupam provisoriamente a Presidência da República por 2 meses no lugar de Costa e Silva, afastado do cargo por ter sofrido uma trombose que paralisa metade de seu corpo em 28 de agosto, no momento em que buscava aproximação com setores civis e militares que pretendiam o retorno à normalidade constitucional —, o STM devolvia à 2ª Auditoria de Guerra o processo sobre terrorismo em São Paulo, com destaque para a figura de Aladino: "Encontram-se novamente na 2ª Auditoria de Guerra, os autos de inquéritos instaurado pelo DOPS sobre as atividades terroristas de um grupo chefiado por Aladino Félix, vulgo Sábado Dinotos, do qual participavam entre outros, Jessé Cândido de Moraes, ex-soldado da FP, Juarez Nogueira Firmiano, sargento da mesma corporação, Antônio Pereira, vulgo Baixinho, Gregório Cutcheravia, Norival de Paula, Pierino Gargano e outros, todos indiciados na Lei de Segurança Nacional por atentados a bomba praticados contra o DOPS, dois juízos distritais e outros de menor projeção".

Apontado como o mentor intelectual do movimento contra-revolucionário, o general da reserva Paulo Trajano negou qualquer participação nas tramas engendradas, alegando que freqüentava esporadicamente o escritório e a residência de Aladino na qualidade de curioso em assuntos bíblicos e em discos voadores, nunca tendo tomado parte de reuniões subversivas. Não obstante, Trajano não escapou de ser indiciado. Como alta patente, valeu-se do benefício da concessão de foro especial e o processo seguiu para apreciação no STM. A superior instância da Justiça Castrense deferiu a solicitação, determinando que cópias das peças que lhes diziam respeito para constituição de processo à parte a ser apreciado pelo STM fossem extraídas dos autos, Quanto os demais implicados, o STM determinou que os processos seguissem tramitando na Segunda Auditoria de Guerra, restando-lhes somente aguardar o parecer da Justiça Militar.[743]

Anexo a um extenso relatório assinado pelo general Luiz Felipe Carneiro da Cunha, que presidiu o IPM, dera entrada em 2 de setembro na 2ª Auditoria de Guerra o processo instalado na 2ª RM contra Aladino, principal indiciado, bem como contra o 1º sargento Rubens Jairo dos Santos e o soldado Jessé Cândido de Moraes, responsabilizados pelo atentado a bomba ao Gabinete do comandante do II Exército em 15 de abril de 1968. No IPM, o general Carneiro da Cunha avaliou que o artefato, de alta potência explosiva, caso houvesse atingido o alvo colimado causaria inúmeras mortes.[744] Em 16 de setembro de 1969, o DOPS encaminhava uma cópia do inquérito nº 17/68 ali instaurado para figurar nos autos do STM.[745]

Por volta dessa época, Raul visitou seu pai no presídio do Carandiru. Ele conta como conseguiu encontrá-lo após tantos meses: "Próximo da rodoviária de Campo Belo, peguei carona com um caminhão que me deixou na Rodovia Fernão Dias. Dali tomei um ônibus e vim parar em São Paulo. Apresentei-me como filho de Aladino ao delegado que, compadecido por ter vindo de tão longe, permitiu que entrasse na cela. Quase toda a turma se encontrava lá. Pude ver o quanto meu pai havia sofrido com a tortura. Os seus dentes tinham sido quebrados. Mostrava sinais de perturbação e dificuldades para andar. Mas mesmo assim tranqüilizou-me dizendo que estava melhor, que as coisas ali eram diferentes. Perguntou-me como conseguira chegar ali. Ao contar-lhe que havia pegado uma carona pois não tinha dinheiro, tirou cinco cruzeiros novos do bolso e me deu. Não sei como dentro da prisão arranjara aquela razoável quantia, suficiente para comprar a passagem de volta. Depois disso, só voltei a vê-lo quando foi preso pela segunda vez. Aí passei a visitá-lo quase todos os sábados no Presídio Tiradentes, onde mais tarde passaria a

---

743 "STM devolve à auditoria processo do terrorismo", in *Diário Popular*, São Paulo, 30-8-1969; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 6; DOPS, São Paulo, 5-9-1969, nº 50Z/9/9613.
744 "Na Justiça, IPM sobre bombas", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3-9-1969; DOPS, São Paulo, 5-9-1969, nº 50Z/9/9610.
745 Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 6.

funcionar a Ronda Tobias de Aguiar (Rota). Lembro-me que antes sempre tinha que ir até a 2ª Auditoria de Guerra pegar uma autorização para tanto".

De modo surpreendente, Aladino lograva o feito de escapar novamente da prisão. As circunstâncias que o revestem permanecem um tanto quanto obscuras, pois nenhuma das fontes consultadas forneceu detalhes a respeito. Em 24 de setembro, o *Diário Popular* anunciava que um capitão da Aeronáutica prendera Aladino na cidade de Cruzeiro, a cerca de 230 km da capital paulista.[746] Em 6 de outubro, Aladino prestava declarações à Oban.[747] Em 30 de outubro, dia em que Médici assume a Presidência diante da impossibilidade de recuperação de Costa e Silva, os autos do IPM que o Comando Geral da FP mandara instaurar sobre as atividades do grupo eram encaminhados à Justiça Militar e distribuído à 2ª Auditoria da 2ª RM.[748] Às 20 horas de 4 de novembro, numa emboscada que mobilizara cerca de cento e cinqüenta pessoas entre civis e militares, tendo à frente o delegado Sérgio Fleury, Carlos Marighella era assassinado a tiros pela Polícia assim que adentrava o Fusca estacionado em frente ao nº 806 da alameda Casa Branca, próxima a rua Oscar Freire, onde os freis dominicanos Fernando de Brito e Yves Lesbaupin, usados como isca, o aguardavam. Em 13 de novembro, a Casa de Detenção disponibilizava a relação de réus que ali se achavam recolhidos e que ora eram transferidos para o presídio Tiradentes,[749] a essa altura abarrotado de presos políticos.[750]

Mais de 1 ano e meio depois de projetar Aladino no cenário político nacional, o *JT* anunciava em sua edição de 28 de novembro de 1969 que estava "Em julgamento, o profeta Dinotos": "Ele seria o unificador das doze tribos de Israel. Só ele e o resto dos hebreus sobreviveriam ao Apocalipse. Ele se comunicava com os discos voadores de Júpiter. Hoje, no recolhimento Tiradentes, espera julgamento por terror. Com o terror, queria estabelecer seu reino na terra. Seria ele uma mescla de gênio e louco, um visionário, um místico, um paranóico, um mitomaníaco, um profeta, ou então nada mais que um grande charlatão. Aladino Félix, ou Sábado Dinotos, chefe de um grupo responsável por uma série de atentados terroristas em São Paulo, foi ontem assim denunciado à 2ª Auditoria da 2ª Região Militar. Foram denunciados, além de Aladino Félix: Jessé Cândido de Moraes, ex-soldado da FP; Cláudio Fernando Pereira Lopes, ex-sargento; Juracy Gonçalves Tinoco, ex-sargento; Edson Vieira, ex-cabo; Luiz Ataliba da Silva, ex-soldado; Sebastião Fernandes Muniz, ex-sargento e os civis Gregório Cutcheravia, o Ica; Paulo Francisco Alves, o Paulão; Fernando Roberto Dimárzio; Antonio Pereira, o Baixinho; e Estefani José Agoston. O grupo é apontado, também, como autor dos atentados ao jornal *O Estado de S.Paulo* e ao Consulado Norte-Americano".

A matéria destacava o relatório apresentado pela 2ª Auditoria, no qual se confirmava que o grupo começou a agir em dezembro de 1967, partindo no ano seguinte para "explosões a bomba, assalto a banco e furtos, intranqüilizando a população paulista, pois tais fatos, como é óbvio, criaram um clima de insegurança". No escritório do Edifício América, Aladino, "indivíduo dotado de personalidade mística, de notável inteligência e elevada cultura geral, com alto poder de persuasão", ministrava cursos sobre discos voadores, assuntos religiosos e questões políticas, autoproclamando-se o escolhido para na Terra reunir as doze tribos de Israel e depois governar os hebreus, único povo que se salvará da destruição mundial preconizada no Apocalipse. Sendo assim, "não foi difícil arregimentar os demais denunciados que nele viam o

---

[746] *Ibid.*, fl. 6.
[747] *Ibid.*, fl. 9.
[748] Boletim Informativo do SNI, São Paulo, 31-10-1969, nº 254; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 6.
[749] Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 7.
[750] Em 11 de novembro, Carlos Alberto Libânio de Christo, o frei Betto, entra pela porta do presídio. Não sofrera torturas. Traçara para a repressão as rotas de saída da ALN para o exterior e a importância de alguns prelados católicos na estrutura de apoio ao movimento revolucionário. Com a ajuda dos dominicanos, o governo conquistara um trunfo há muito perseguido: pressionar diplomaticamente o Vaticano para que imobilizasse os movimentos de sua poderosa e eficiente estrutura internacional nas denúncias que soltava sobre maus tratos, torturas e violações dos direitos humanos no Brasil (Mir, Luís, op. cit., p. 467-468).

chefe, o conselheiro, o sábio digno de ser admirado e obedecido". Retraçava-se o caminho percorrido até o governo federal: "O denunciado engendrou um plano verdadeiramente diabólico, começando por dirigir-se ao governo federal de então, denunciando a existência de um movimento contra-revolucionário encabeçado por Lacerda, Juscelino, Jango, Brizola e Adhemar de Barros, plano esse com data marcada, que incluía o assassinato do presidente da República e do governador de São Paulo. Pretendia assim criar uma onda de agitação que desencadearia um conflito armado, onde os grupos em choque iriam se desgastar, proporcionando-lhe oportunidade para desferir um golpe como Terceira Força, vindo assim a dominar os poderes governamentais, atingindo a cobiçada chefia do governo. Prometia aos seus sequazes, caso bem sucedido esse *desideratum*, reduzir os gastos com as Forças Armadas, os preços das utilidades, dando melhores condições de vida ao povo, tirando o Brasil da situação de miséria em que se encontrava. A referida denúncia chegou mesmo a ser investigada pelas autoridades federais com quem o denunciado manteve contatos, conforme documento anexado aos autos. O intermediário nessa denúncia foi o general de brigada reformado Paulo Trajano da Silva, cujas responsabilidades estão sendo apuradas perante o STM, que é o foro privilegiado. A 2ª Auditoria Militar acusa, em relatório de denúncia, que o primeiro sargento Rubens Jairo dos Santos e o soldado Jessé Cândido de Moraes, dentre os demais componentes do grupo, foram os que mais se destacaram nos atos terroristas. O grupo de Aladino roubou ainda do QG da FP em 16 de janeiro de 1968, uma metralhadora Ina 45, três pistolas Walter, treze revólveres Taurus, diversos carregadores e muita munição, além de trezentas bananas de dinamite da Pedreira Panorama, em Perus. Todos do grupo aguardam julgamento presos no Recolhimento Tiradentes".[751]

O procurador militar da 2ª Auditoria de Guerra, Durval Ayrton Moura de Araújo, foi quem ofereceu a denúncia, enquadrando-os nos artigos 21, 23 e 25 da Lei de Segurança Nacional. Araújo eximiu Norival de Paula, Pierino Gargano e os sargentos Walter Hermann Heyder e José Caxias David, considerando que os dois primeiros apenas tomaram parte do assalto ao banco, objeto de processo na Justiça comum, ao passo que os dois militares, embora foragidos, nada tinham contra si. Araújo solicitava a manutenção das prisões preventivas de todos os denunciados, inclusive do foragido Estefani José Agoston, a requisição do IPM instaurado pela FP sobre o furto de armas no QG da corporação, bem como que fossem desentranhados dos autos a sindicância referente aos fatos ocorridos em 1º de maio de 1968 na Praça da Sé, quando se verificaram atos de vandalismo e agressão contra o governador Abreu Sodré, a fim de anexá-la aos autos de inquérito.[752]

Os êxitos no combate à repressão levaram as altas esferas responsáveis pela Segurança Nacional a implantarem, em escala nacional, organismos oficiais inspirados no tipo de estrutura da Oban, os quais receberam a sigla DOI-CODI. O Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna, surge em janeiro de 1970, formalizando no Exército um comando que englobava as outras duas Armas. Em cada jurisdição territorial, os CODI passavam a dispor do comando efetivo sobre todos os organismos de segurança existentes na área, fossem das Forças Armadas ou das Polícias Estadual e Federal. Comandados por um oficial do Exército, mantidos com dotações orçamentárias regulares, os DOI-CODIs passaram a ocupar o primeiro posto na repressão política e conseqüentemente na lista das denúncias sobre violações aos direitos humanos.

Mas tanto os DOPS como as delegacias regionais da PM prosseguiram em faixas próprias de atuação. No caso de São Paulo, o DOPS — mais tarde DEOPS (Departamento Estadual de

---

751 Na mesma reportagem, reportava-se que frei Betto e outros "padres do terror" já estavam em São Paulo. Os padres tinham chegado de avião, vindos de Porto Alegre. Eram eles: frei Betto, padre Manoel Vasconcelos Valiente e o monsenhor Marcelo Pinto Cavalheiro. "Deles, o mais importante é frei Betto, ex-chefe de reportagem do jornal *Folha da Tarde* de São Paulo. A Polícia quer que ele conte quais foram os terroristas que conseguiu passar para outros países". As duas principais redes de coleta de dados e informações da ALN em São Paulo contaram com jornalistas dentro das empresas de comunicação Editora Abril e do grupo Folhas.

752 "Grupo terrorista denunciado", in *Cidade de Santos*, Santos, 28-11-1969.

Ordem Política e Social) — competia abertamente com o DOI-CODI na ação repressiva, reunindo em torno do delegado Fleury uma equipe que, além de torturar e matar inúmeros oposicionistas, integrava o Esquadrão da Morte, precursor dos grupos de extermínio. A entrada em cena dos militares no combate à guerrilha urbana lastreados por uma estrutura autônoma e extralegal dentro dos quartéis, foi detalhadamente descrita num documento do DOI-CODI do II Exército datado de 1971: "No início de 1969, a prisão em Itapecerica da Serra de alguns elementos que pintavam uma viatura com as cores do Exército e, a seguir, a ocorrência do episódio Lamarca no 4º RI, mobilizaram a 2ª Seção a fim de opor-se ao movimento de natureza subversiva que, tudo indicava, viria a eclodir em seguida ao roubo dos FAL daquela unidade. A Sub-área A, por intermédio da 2ª Seção/2ª DI intensificou a busca de informes e informações e passou a acionar freqüentemente suas agências na execução de diligências e investigações que pudessem resultar na captura dos elementos subversivos. Por outro lado, passou a coordenar equipes do Exército e da Secretaria de Segurança e iniciou a elaboração dos Relatórios Especiais de Informações, visando manter seus escalões superiores e subordinados a par do andamento das investigações. Tal estruturação alcançou êxitos marcantes, representados principalmente pela desarticulação da VPR, pela prisão de inúmeros integrantes da ALN de Marighella e da Ação Popular (AP) e pelo total esclarecimento de vários atos terroristas como o atentado ao QG do II Exército e o assassinato do capitão norte-americano Charles Chandler, ataque a sentinela do quartel do Barro Branco da FP, assaltos a bancos e casas de armas, roubos de explosivos, etc. No entanto, diversas circunstâncias levaram à interrupção desse trabalho coordenado, resultando na rearticulação da VPR e no surgimento de outras organizações subversivo-terroristas. Tornou-se evidente a necessidade imperiosa de coordenação de todos os órgãos com responsabilidade na segurança interna e na manutenção da ordem, integrando-se e fazendo convergir os esforços de todos para o fim comum. A estrutura sofre as seguintes mudanças na reorganização: passou a denominar-se CODI/II Exército; passou a ser chefiado pelo chefe do EM/II Exército; a coordenação de execução passou a denominar-se DOI e ficou sob o controle operacional do chefe da 2ª Seção do QG do II Exército, desvinculando-se da 2ª DI; a Central de Difusão passou a chamar-se Central de Assuntos Civis; foi extinto o Centro de Coordenação; foi criado o Conselho de Defesa Interna, com atribuições e composições semelhantes ao Centro de Coordenação, porém em nível acima do CODI".[753]

As leis da guerra anti-subversiva previam que o preso que não colaborasse seria torturado indefinidamente até que lhe fossem extraídas todas as informações; quem o fizesse espontaneamente, dependendo da qualidade das informações, poderia vir a tornar-se membro do corpo repressivo, com troca de identidade e um salário tentador. A polícia e os militares privilegiariam as infiltrações, deserções e traições.[754]

O Conselho Permanente da 2ª Auditoria de Guerra, em 31 de março de 1970, condenava Aladino a 5 anos de reclusão.[755] A primeira turma do STF em Brasília recusa o pedido de *habeas-corpus*.[756] Algum tempo depois, o STM reduziu a pena para 8 meses.[757]

Atacado por cinco mil militares em 18 de abril, Lamarca rompe o cerco com alguns militantes após 41 dias e alguns combates. Passa a criticar o foquismo, troca a VPR pelo MR-8 e tenta criar uma base guerrilheira em Brotas de Macaúbas, Bahia.

O II Exército enviou em 28 de agosto ao DOPS, uma fotocópia de uma carta anônima endereçada ao comandante da 1ª RM, na qual Francisco de Oliveira Roxo, residente em Cruzeiro, era apontado como elemento a serviço do comunismo com quem Aladino mantivera contato enquanto esteve refugiado nessa cidade.[758]

---

[753] Mir, Luís, op. cit., p. 357-358.
[754] Mir, Luís, op. cit., p. 358-359.
[755] *Última Hora*, São Paulo, 31-3-1970; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 7.
[756] Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 7.
[757] *Ibid.*, fl. 7.
[758] *Ibid.*, fl. 8.

O delegado Fleury prendia Câmara Ferreira em 23 de outubro na avenida Lavandisca, no bairro da Vila Mariana, zona sul de São Paulo. Conduzido para o sítio que Fleury mantinha nos arredores da cidade como centro particular de tortura, Ferreira sofre um enfarte dentro da viatura policial. Cardíaco, tomando seis comprimidos diferentes diariamente, sua saúde era precária. Chegou vivo ao sítio, morrendo poucas horas depois.

O ex-deputado federal Rubens Paiva, cassado pelo AI-1, em 20 de janeiro de 1971 é levado de sua casa no Rio de Janeiro por elementos que se dizem pertencentes à Aeronáutica. Os órgãos de segurança alegam que foi seqüestrado por desconhecidos. Sua esposa, Eunice Paiva, na época presa e mantida incomunicável por 15 dias, inicia longa batalha, concluída somente 15 anos depois, para responsabilizar o governo pelo desaparecimento.

Depois de caminhar 300 km pelo sertão junto com José Campos Barreto, Lamarca e seu companheiro são mortos a sangue-frio pelo major Nilton Cerqueira e sua força composta de sessenta e três homens, em 18 de setembro. No segundo semestre, o Exército fez um balanço repressivo da guerrilha urbana num grosso volume organizado pelo DOI-CODI do II Exército. Os dados ali expostos mostram que a guerrilha não tinha praticamente nenhuma chance vitória, atestando que a repressão militar sempre foi exagerada e injustificada, já que não havia um inimigo a altura.[759]

O DOPS expediu a relação dos nomes que se encontravam presos no Recolhimento de Presos Tiradentes no exercício de 1971, figurando entre outros, o de Aladino, que cumpria mais do que os 8 meses estipulados. Só em 14 de janeiro de 1972, por força do Alvará de Soltura expedido pela 2ª Auditoria da 2ªRM, conforme ofício nº 96/72 daquele presídio, é que Aladino foi finalmente posto em liberdade,[760] sendo acolhido por Raul e o restante da família.

As agruras da prisão não o abalaram a ponto de desencorajá-lo a retomar sua carreira literária. Decorrido pouco mais de 1 mês, em 24 de fevereiro, já havia finalizado *O impacto do novo século*, editado no ano seguinte pela editora de Adolfo Bloch. Uma parte da obra talvez tenha sido redigida no cárcere, mas o mais provável é que um amigo o auxiliara na compilação e organização dos originais dessa que pode ser considerada uma espécie de coletânea autobiográfica. O amigo era o gaúcho Adelpho Lupi Pittigliani, quem aliás assina o livro, conferindo-lhe um tom apócrifo. Obviamente, caso fizesse constar o seu nome ou um de seus pseudônimos na capa, os exemplares acabariam inevitavelmente apreendidos e ele novamente preso. Preferiu assim lançar mão do velho expediente de permanecer incógnito sob a identidade de outrem. Um tanto receoso, Aladino não tornou a tergiversar com o mesmo ímpeto sobre os assuntos que lhe renderam tamanhas desgraças, enterrando todas as ambições messiânicas que porventura ainda tivesse. O grupo fora completamente desmantelado. Aladino esperava que os fatos desfechassem segundo um figurino prévio, cinematográfico, seguindo o roteiro das profecias, com cada personagem desempenhando um papel pré-definido. O processo histórico mostrou-se muito mais complexo, com um repertório inesgotável de possibilidades.

Os sequazes, ainda que condenados por terrorismo perante o órgão de 1º grau da Justiça Militar, foram absolvidos pelo STM, o qual auferiu “discussões jurídicas em torno de um caso que se afigura fantástico”. O parecer a seguir compete à procuradora-geral Marly do Vale Monteiro: “Neste processo, tudo gira em torno da figura de um mistificador, um visionário, um paranóico, que, impelido por seus mirabolantes sonhos de grandeza e mando, arrastou na sua ambiciosa aventura alguns desavisados que, acreditando nos poderes sobrenaturais que ele proclamava, o seguiam cegamente, prestando-lhe obediência irrestrita. [...] Com sua alucinada imaginação e invulgar capacidade de persuadir, formou o seu grupo, composto de militares da FP de São Paulo, de civis e alguns partidários pertencentes a altas esferas. O general Trajano, amigo do presidente Costa e Silva, tantas vezes citado em depoimentos nos autos, foi a sua presa

[759] Mir, Luís, op. cit., p. 632.
[760] Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 8.

mais interessante. Não foi difícil ao mistificador Aladino, vulgo Sábado Dinotos, convencê-lo de que o governo de seu camarada e amigo corria sérios perigos. Engajou-se então o general no movimento de 'contragolpe' preparado pelo visionário. Para defender Costa e Silva, o camarada e amigo pronto estava. Não é de admirar, portanto, que subalternos da FP de São Paulo tenham acreditado e seguido o profeta, que se dizia 'pacificador das doze tribos de Israel' e dotado de poderes até de ressuscitar os mortos" (*sic!*).

Pelo modo como a Justiça encarava Aladino, um "*sui generis* Antonio Conselheiro dotado de mente mórbida que conseguiu iludir um general",[761] entende-se porque os seguidores foram absolvidos e alguns até reconduzidos à ativa, a exemplo do sargento José Caxias David, reintegrado às fileiras da FP. O fiasco do movimento, entretanto, afastou-os em definitivo de Aladino. O único que de vez em quando o visitava era o sargento Rubens Jairo dos Santos. Com Médici, o país passava pelo período mais repressivo de todos os governos militares. A linha dura, que foi assumindo as rédeas durante o governo Costa e Silva, estava plenamente instalada no comando político. Liquidando um a um os grupos de extrema-esquerda, avançaram também contra outros setores da sociedade, semeando temor e insegurança entre os que ousavam buscar formas de combate à situação.

Por outro lado, diversos fatores concorriam para gerar entre 1968 e 1973 um surto de excepcional crescimento econômico. O mundo capitalista vivia sua última fase de franco desenvolvimento. O Produto Interno Bruto (PIB) dos sete grandes somados (EUA, Japão, Alemanha Ocidental, França, Canadá, Itália e Inglaterra) sobe 31,1% de 1967 a 1973 (média de 4,6% ao ano). Tal ritmo puxa o comércio mundial e as economias periféricas. Há relativa fartura de capitais disponíveis. O Brasil, após a fase de estagnação de 1962 a 1966 (quando o PIB *per capita* cresce apenas 1,4% ao ano), tem capacidade ociosa a ser mobilizada.

O regime repressivo e a política de arrocho salarial elevam as taxas de lucro, acumulação e investimento. A euforia do empresariado estendia-se aos setores da classe média urbana e da reduzida faixa de operários altamente qualificados nos grandes centros industriais que, beneficiados com a elevação de seu padrão de vida, passavam a legitimar o regime, omitindo-se da atividade política. Obras faraônicas como a hidrelétrica de Ilha Solteira e a ponte Rio-Niterói são iniciadas mediante a contração de vultosos empréstimos internacionais. Algumas jamais seriam concluídas, como o caso da Rodovia Transamazônica que, inspirada na Belém-Brasília, se propõe a unir o país em seus extremos Leste (João Pessoa, PB) e Oeste (Cruzeiro do Sul, AC), ligando estradas já existentes e rasgando 2.025 km, em sua maior parte na selva virgem.

Os meios de comunicação alardeavam o "milagre brasileiro", estimulando o ufanismo verde-amarelo, principalmente depois da conquista do tricampeonato mundial de futebol em 1970 no México. A ofensiva propagandística cunhou slogans governamentais como "Brasil, ame-o ou deixo-o" e "Ninguém segura este país". Apesar da modernização e do crescimento econômico acelerados, as camadas desfavorecidas da população não se beneficiaram com o "milagre". A elas, o ministro da fazenda e economista Delfim Netto, alegava que "É preciso primeiro fazer crescer o bolo, para depois dividi-lo". Como resultado dessa política, os dados sócio-econômicos do período atingiram níveis crônicos. A concentração de renda é confirmada no Censo de 1970: em 10 anos, a parcela dos 50% mais pobres caiu de 17,4% para 14,9% da renda nacional; já a fatia dos 10% mais ricos subiu de 39,6% para 46,7%; e a do 1% do topo da pirâmide, de 11,9% para 14,7%. Os dados de 1972 mostram nova piora: os 50% de baixo têm 11,3% da renda; os 10% de cima, 52,6%; o 1% do topo, 19,1%. O próprio Médici admite: "A economia vai bem, mas o povo vai mal". Em 1975, o Banco Mundial estimava que setenta milhões de brasileiros sofriam de desnutrição.

---

[761] Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, 3-6-1992, Acórdão nº 338, Autos de Apelação Cível nº 165.309-1/9.

Nos anos de 1974 e 1975, Raul voltou a viver com seu pai quando cursava economia na Faculdade Mackenzie. Residiam na casa, além de Raul, um amigo de Aladino chamado Marcos Bezerra. "O Marcos foi uma das pessoas mais íntimas de meu pai, por isso nós o chamamos de 'o elo perdido'. Assemelhava-se muito a ele e até fazia aniversário no mesmo dia. Eu chegava da Faculdade tarde da noite e me deparava com eles conversando e às vezes bebendo". Aladino bebia esporadicamente, ocasiões em que tomava porres homéricos, segundo um de seus amigos mais antigos, Edgar Alves Bastos: "Gostava de misturar conhaque com vinho doce. À noite, ele ficava ruim. Mas de manhã já estava inteiro, restabelecido, pronto para outra. Sabia a hora de parar". Depois que saíra da prisão, Aladino passou a beber com mais freqüência: "Meu pai mudou bastante. Acontecia de chegar quase de madrugada em casa e encontrá-lo de porre. Aquilo era um choque para mim, pois nunca admitira bebidas e jogos na frente dos filhos. Como ele ainda costumava guardar os sábados, nada fazendo nesse dia, a partir das 18 horas de sexta-feira ele e o Marcos começavam a beber. Ele se justificava alegando que se não bebesse não conseguia dormir. Eu dormia ao seu lado e muitas vezes escutava-o falando e discutindo sozinho em meio a algum pesadelo".

O processo de "abertura lenta, gradual e segura", marcada por avanços e retrocessos autoritários, tinha início no governo do general Ernesto Geisel, empossado em 15 de março de 1974. A guerrilha urbana praticamente se extinguira e a guerrilha do Araguaia, no Brasil Central, agonizava.[762] Geisel indica o general Golbery do Couto e Silva para a chefia da Casa Civil, o general João Baptista Figueiredo para o comando do SNI, e o economista Mário Henrique Simonsen em substituição a Delfim Netto. A obsessão de Geisel e Golbery era a de institucionalizar o Estado militar. O que era um regime de exceção deveria tornar-se um modelo "democrático".[763] O modelo econômico começava a mostrar sinais de crise, agravada com o choque do petróleo em outubro de 1973. As eleições de 15 de novembro de 1974 para as Assembléias Legislativas Estaduais e o Congresso Nacional, desmontam o projeto de Geisel e Golbery da institucionalização do Estado Militar. O pleito transcorreu num grau de liberdade maior que os anteriores, o que permitiu a vitória do MDB, que com onze milhões de votos elegeu dezesseis senadores e cento e setenta e cinco deputados federais.

Receando que através do voto direto a oposição tomasse o poder, os militares de linha dura voltaram a pressionar por um novo "fechamento" político, dessa vez sem a colaboração do grupo de Aladino. Embora a censura houvesse arrefecido a partir de 1975, o regime se mantinha fechado e a repressão célere, porém seletiva e discreta. Em outubro, o DOI-CODI de São Paulo efetuou dezenas de prisões de supostos militantes do PCB. Uma das vítimas, o diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo, Vladimir Herzog, intimado na noite de 24 de outubro a depor, acusado de pertencer ao PCB, se apresenta voluntariamente na manhã seguinte. Ao cair da noite, aparece morto em sua cela, enforcado com o próprio cinto. Contra todas as evidências, o general Ednardo D'Ávila Mello, então comandante do II Exército, expediu declaração alegando que o jornalista se suicidara. As oposições, mesmo proibidas, participam de um culto ecumênico na Catedral da Sé, promovido pelo cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Era o primeiro protesto de massas contra a ditadura desde o AI-5.

O DOI-CODI anunciaria outro "suicídio" em 17 janeiro de 1976, o do metalúrgico Manuel Fiel Filho. Preso na fábrica onde trabalhava, acusado de pertencer a uma base do PCB, horas depois aparece morto na cela, enforcado em suas meias. O legista que atesta a *causa mortis* é, como no caso Herzog, o médico Harry Shibata, mais tarde punido pelo Conselho Regional de Medicina (CRM). O desafio à distensão leva Geisel a reagir de pronto enfrentando a linha dura, exonerando e substituindo no dia 20 o general D'Ávila Mello por um oficial de confiança, o general Dilermando Gomes Monteiro, sem sequer consultar o Alto Comando do Exército. A

762 Gorender, Jacob, op. cit., p. 232.
763 Mir, Luís, op. cit., p. 667.

atitude de Geisel condenando os excessos e as "violências inúteis" fortaleceu o processo de abertura e delimitou a atuação da linha dura. A oposição via-se espremida entre a repressão controlada de Geisel e os atos terroristas da extrema-direita.

Meses depois, têm início os atentados clandestinos da direita, já sem a cobertura estatal. Vários atentados foram realizados em 1976 contra jornais alternativos, políticos da oposição, membros do clero, editoras de livros e até personalidades conservadoras que não compactuavam com a linha dura. Em 19 de agosto, uma bomba explode na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no Rio de Janeiro. A autoria do atentado ao Centro Brasileiro de Análises e Planejamento (Cebrap) em São Paulo, no dia 4 de setembro, é reivindicada pela Aliança Anticomunista Brasileira (AAB). Outro atentado a bomba realizado pela AAB é dirigido contra a mansão do empresário Roberto Marinho, presidente das organizações *Globo*. Em 6 de dezembro, a AAB lança uma bomba contra a Editora Civilização Brasileira no Rio de Janeiro.

O governo Geisel também temia o avanço da oposição, que exigia democracia. Entre 1976 e 1977, cassou os direitos políticos de inúmeros parlamentares do MDB. Em 1º de abril de 1977, utilizando o AI-5, decretou recesso do Congresso Nacional e promulgou o chamado Pacote de Abril, o qual estabeleceu mandato de 6 anos para presidente da República, a manutenção de eleições indiretas para governador, a criação de "senadores biônicos" indicados pelo governo para ocupar um terço do Senado, e a diminuição da representação dos estados mais populosos no Congresso Nacional. O antigo desafeto de Aladino, Carlos Lacerda, falece em 21 de maio. Em 20 de setembro, a Polícia bloqueia o campus da USP para impedir o III Encontro Nacional dos Estudantes marcado para 21 de setembro. A reunião é transferida para a Pontifícia Universidade Católica (PUC), em segredo. Na noite do dia 22, quando está sendo lida a ata do encontro, a Polícia invade o local, e duas estudantes ficam gravemente queimadas com a explosão de bombas de gás lacrimogêneo. A Comissão Especial da Assembléia Legislativa acusou o secretário de Segurança, o coronel Erasmo Dias, de abuso do poder ao ordenar a invasão da PUC e não coibir os desmandos policiais. Geisel substitui em 12 de outubro o general Sylvio Frota, que pretendia ser o próximo presidente apoiado pela linha dura, em especial pelo comandante do III Exército, general Fernando Belfort Bethlem.

O STM aprova por unanimidade, em 3 de novembro, documento que pede às auditorias militares que tomem a iniciativa de mandar apurar as denúncias de tortura feitas pelos réus da Justiça Militar. O ano de 1978 assistiu a volta das passeatas em São Paulo e em outros estados. Sob a liderança de Luís Inácio da Silva, o Lula, é deflagrado em 12 de maio, na região do ABC, a greve dos metalúrgicos; era o início de um ciclo de grandes manifestações que até o final de julho se alastra por São Paulo, Osasco e Campinas. Em 4 de outubro, é revelado que o SNI grampeou todos os telefonemas de Geisel, com seu conhecimento.

O general Figueiredo, apoiado pela Arena, é nomeado presidente da República pelo Colégio Eleitoral em 15 de outubro, derrotando o candidato apoiado pelo MDB, Euler Bentes Monteiro, que pregava a rápida redemocratização. O juiz Márcio José de Moraes, da 7ª Vara da Justiça Federal de São Paulo, em 27 de outubro dá ganho de causa à família de Vladimir Herzog na ação declaratória movida contra a União. Nas eleições de 15 de novembro, o Pacote de Abril cumpriu suas metas: O MDB ganhou em número de votos mas, graças às arbitrariedades do Pacote, ficou com minoria de representantes no Congresso Nacional. No final de seu governo, em 29 de dezembro, Geisel revoga os atos de banimento de dezenas de presos políticos trocados por diplomatas seqüestrados e extingue a Comissão Geral de Investigações (CGI), mas faz incorporar à Constituição a possibilidade do presidente decretar estado de sítio sem aprovação do Congresso Nacional.

O AI-5 chegava ao fim em 31 de dezembro (após 10 anos e 18 dias de arbítrio), e junto com ele as penas de morte, a prisão perpétua e o banimento. Figueiredo é empossado na Presidência em 15 de março de 1979, e no dia 27 de junho envia ao Congresso o projeto da

Anistia, que sanciona em 28 de agosto. Leonel Brizola desembarca em Foz do Iguaçu em 6 de setembro, após amargar um exílio de 15 anos. A Lei de Anistia "ampla geral e irrestrita" é regulamentada por Figueiredo em 1º de novembro. A partir dessa data registrou-se o retorno maciço dos exilados, a libertação de presos políticos e o reaparecimento de militantes que se encontravam na clandestinidade. O Congresso Nacional aprova em 22 de novembro a emenda da Reforma Partidária, que extingue a Arena e o MDB e estabelece condições para a criação de novos partidos, excetos os comunistas. Formam-se as seguintes agremiações: Partido Democrático Social (PDS), herdeiro da antiga Arena; Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), continuidade do antigo MDB; Partido Democrático Trabalhista (PDT), liderado por Brizola; Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), formado por setores da antiga Arena; Partido dos Trabalhadores (PT), de caráter socialista; e o Partido Popular (PP), logo extinto.

Contrários à continuidade da abertura, os setores radicais como sempre não hesitam em deflagrar atos terroristas buscando desestabilizar o próprio governo e criar condições para um retrocesso político. A linha dura, debilitada com a deposição do general Sylvio Frota, está presente no governo Figueiredo na figura dos generais Otávio Medeiros, chefe do SNI, Walter Pires, ministro do Exército, e Newton Cruz, levado da seção carioca do SNI para o Comando Militar do Planalto. Mantém ainda posições no aparato repressivo, mas não influi mais na estratégia política do governo, conduzida pelo general Golbery, seu tradicional desafeto. Desde o início da abertura, o general Médici, o maior expoente da linha dura, declara-se contra a extinção do AI-5, a anistia, a volta dos civis ao poder e a atuação da Imprensa.

Oficiais de médio escalão ligados ao esquema repressivo, com a conivência e sob a cobertura de seus superiores, decidem passar à ação clandestina. Em 27 de janeiro de 1980, uma bomba destrói o palanque da quadra de ensaios da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, no Rio de Janeiro, onde seria realizado um ato de apoio à criação do PMDB; não há vítimas. Em 22 de março, uma bomba colocada no auditório da Confederação dos Trabalhadores da Agricultura (Contag), em Brasília, impede o líder comunista Gregório Bezerra de pronunciar palestra; descoberta antes da explosão, a bomba é detonada em outro local pela polícia. O advogado Dalmo de Abreu Dallari, da Comissão de Justiça e Paz, é seqüestrado em 2 de julho na porta de sua casa em São Paulo, encapuzado e espancado por quatro pessoas. No dia seguinte, Dallari afirma estar convencido do caráter político do atentado e, no dia 4, acusa o governador Paulo Salim Maluf e o secretário de Segurança do Estado, Otávio Gonzaga Júnior, de "omissão criminosa" em relação ao seqüestro e pede ao presidente da República e ao ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel, que intervenham no caso. Abi-Ackel diz no dia 9 que a identificação dos agressores é uma questão de honra para o governo federal. Nesse mês ocorreu uma onda de bombas em pontos-de-venda de jornais alternativos em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Uma bomba explode em 4 de agosto na 3ª Companhia do 4º Batalhão de PM de Diadema, São Paulo. Uma semana depois, a creche da União Israelita Brasileira do Bem-Estar Social em São Paulo, é quase totalmente destruída por um atentado. No dia 14, é formada em Belo Horizonte a primeira CPI do país sobre a violência política. Duas bombas com alto teor explosivo são enviadas à sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e ao Gabinete do vereador do PMDB Antônio Carlos de Carvalho na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, no dia 27, provocando a morte de Lyda Monteiro da Silva, secretária da OAB, e ferimentos em seis pessoas; num terceiro atentado, uma bomba de baixa potência destrói parcialmente a sala do jornal *Tribuna Operária*.

A escalada do terrorismo de direita, ativo nos subterrâneos do governo, culminou na noite de 30 de abril de 1981, às vésperas de 1º de maio, no malogrado atentado ao festival do trabalhador, no Centro de Convenções do Riocentro, na Barra da Tijuca. A primeira bomba explode às 21h15min, dentro de um automóvel Puma ocupado por dois agentes do DOI-CODI do 1º Exército. O sargento Guilherme Pereira do Rosário morre instantaneamente e o capitão

Wilson Luís Chaves Machado sai gravemente ferido. A segunda bomba, menos potente, é detonada às 21h45min na casa de força do prédio. Outros dois artefatos explosivos são achados nos escombros do carro.

O caso Riocentro coloca a violência de direita no foco de uma crise política nacional. Todas as pistas, relatos de testemunhas, coincidências suspeitas — como a suspensão do policiamento do show, horas antes — e o próprio laudo da autópsia do sargento — feita por engano, no Instituto Médico Legal e não no Hospital Central do Exército — apontam que os ocupantes do Puma preparavam um atentado e foram vítimas de um macabro acidente de trabalho. O Exército assume imediatamente a defesa dos ocupantes do Puma. O sargento Rosário é sepultado com honras de herói em 1º de maio. O comandante do 1º Exército, general Gentil Marcondes, comparece pessoalmente e ajuda a conduzir o ataúde. O coronel Job Lorena Sant'Anna lê na cerimônia uma nota oficial sustentando que ambos foram vítimas de um atentado esquerdista; a mesma versão estapafúrdia fora sustentada horas antes pelo secretário da Segurança do Rio de Janeiro, general Waldyr Muniz. Como os envolvidos integravam as Forças Armadas, a investigação do caso fica a cargo de um IPM. O responsável pelo inquérito, o coronel Luís Antonio do Prado Ribeiro, empenha-se na elucidação, mas é afastado em 15 de maio, alegadamente por motivos de saúde, e substituído pelo mesmo coronel Lorena da nota no sepultamento. O inquérito é cercado por completo sigilo e sequer procura ouvir devidamente o depoimento do capitão Wilson, que corrobora a versão do atentado e é promovido. Figueiredo manteve-se em completo silêncio. O resultado do IPM foi apresentado à Imprensa em 30 de junho pelo coronel Job, com auxílio de um projetor de *slides*; o relatório final conclui que os dois militares estavam em missão sigilosa do DOI-CODI no Riocentro, onde ocorria um ato promovido por comunistas, e que foram vítimas de uma bomba colocada no Puma por grupos não identificados, interessados em comprometer os órgãos militares de segurança; não se menciona a bomba da casa de força, nem se admite perguntas.

O IPM tramita longamente na Justiça Militar, sempre suscitando reações de estranheza e pedidos de nova investigação. Acaba arquivado pelo STM em 2 de outubro, por dez votos a quatro, entre estes o do almirante Júlio Bierrembach, um incisivo libelo de acusação. Na Nova República, em 12 de novembro de 1985, o procurador-geral da Justiça Militar solicitaria a abertura de novo IPM do Riocentro, mas o STM rejeitou o pedido. O episódio é incluído na anistia concedida pela Constituição de 1988. A linha dura sai aparentemente vitoriosa do episódio. Abafa o caso, enquadra Figueiredo num silêncio cúmplice[764] e força a renúncia do chefe da Casa Civil, Golbery, que alega divergências irreconciliáveis, nunca explicitadas, mas provavelmente ligadas ao desfecho do IPM. O substituto é Leitão de Abreu, que havia ocupado o cargo na gestão de Médici, com quem se identifica.

Com o Riocentro, começa a fase de agonia do regime de 1964. O caso Baumgarten deixa ainda mais expostos os porões do sistema. O corpo do jornalista e informante íntimo do regime Alexandre von Baumgarten era encontrado em 25 de outubro de 1982, na praia da Macumba, no Rio de Janeiro. Desde o atentado de que fora vítima em 31 de julho, Baumgarten passou a procurar pessoas influentes que fizessem chegar às mãos de Figueiredo um dossiê meticuloso que havia montado. Um de seus contatos era o amigo Miguel Cruz, acessor do deputado Gustavo de Faria (PMDB-RJ). Cruz auxiliou-o na preparação da minuta de uma carta que fora enviada pelo parlamentar ao presidente, de quem era amigo. Uma nota redigida horas após ter sido cercado por dois homens que tentaram espetá-lo com um agulha no momento em que deixava a residência do responsável pela ação conjunta movida pelos ex-diretores da revista *O Cruzeiro*, o advogado Reynaldo Reis, revela a ação de agentes escusos, agindo a mando de um grupo secreto entranhado nos subterrâneos do poder: “Hoje, por volta de 23h45min, quando saí da casa do

---

764 Em nota divulgada à Imprensa em 8 de maio de 1991, Figueiredo afirmou que “teria comprometido de forma irremediável” o processo de abertura caso não tivesse aceito as conclusões do IPM (“Figueiredo divulga documento sobre Riocentro”, in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9-5-1991, brasil, p. 10, c. 1).

Reynaldo Reis, na rua Júlio de Castilho, próximo à avenida Atlântica, fui empurrado por um homem gordo e bem grande — foi intencional — ao mesmo tempo fui espetado por trás por um homem magro, de bigode e cabelos pretos. Caso me aconteça algo, devem ser responsabilizados por isso os generais Octávio de Aguiar Medeiros e Newton de Oliveira Cruz".[765] Deles teriam partido ordens extra-oficiais a serem executadas o mais sub-repticiamente possível; eventuais mortes deveriam parecer decorrentes de fatores meramente naturais ou acidentais. Em 1º de fevereiro de 1983, vem à luz um dossiê datado de 1981, em que o jornalista já acusava os generais Medeiros e Cruz de tentarem matá-lo por resistir a passar a revista *O Cruzeiro* para a Caixa de Pecúlio dos Militares (Capemi), envolvida em outro escândalo por gozar de facilidades oficiais para extrair madeira na área da represa de Tucuruí, Pará. A investigação dura anos e revela indícios de uma rocambolesca Operação Dragão, que confirma o dossiê. O caso vai ao 1º Tribunal do Júri do Rio de Janeiro, onde Cruz, o coronel Carlos Alberto Prado e o agente do SNI Mozart Melo da Silva são julgados e absolvidos em 1º de julho de 1992 pelo seqüestro e assassinato de Baumgarten, sua esposa Jeanette e o barqueiro Valente Pires. Em 11 de março de 1983, descobriu-se um aparelho de escuta clandestina no Gabinete do presidente Figueiredo. Nada se divulgou sobre a apuração.

A articulação cada vez mais forte da sociedade civil pressionava o governo Figueiredo, exigindo basicamente a volta ao estado de direito, a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte e justiça social. A crise econômica se agravava com o aumento das taxas de inflação, das dívidas interna e externa e do índice de desemprego. Em novembro de 1982, realizam-se eleições diretas para governador, que não ocorriam desde 1967. A vitória dos partidos de oposição em dez estados — o governo obtivera em doze — ampliou o espaço de atuação das forças que exigiam a redemocratização do país.

Toda a insatisfação da sociedade brasileira, sufocada por duas décadas de repressão, culminou em uma reivindicação política que mobilizou o país de norte a sul: a campanha pela eleição direta para presidente da República. A luta pela Diretas-Já, como ficou conhecida, foi responsável pelas mais numerosas manifestações de massa da história brasileira. O primeiro comício pelas diretas, liderada pelo PT, aconteceu em 27 de novembro de 1983, reunindo dez mil pessoas na Praça Charles Muller, em frente ao estádio do Pacaembu. O noticiário da Rede Globo de 25 de janeiro de 1984, ignora a maior manifestação que São Paulo já viu, reunindo cerca de trezentas mil pessoas na Praça de Sé. Cerca de um milhão e duzentas mil pessoas concentraram-se na Candelária, Rio de Janeiro, em 10 de abril. Ultrapassando o recorde carioca, reunia-se no dia 16, no Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo, uma multidão estimada em um milhão e setecentas mil pessoas. Era o auge da campanha. Num último esforço antidiretas, o governo decreta o estado de emergência em Brasília e arredores no dia 18. O general Newton Cruz, admirador de Mussolini, toma a capital com tropas e carros blindados, proíbe caravanas e passeatas. A *Folha de S. Paulo* de 19 de abril, calcula que mais de seis milhões de pessoas se manifestaram nas ruas do país antes de 25 de abril, data da votação da emenda constitucional do senador Dante de Oliveira. Nesse dia, porém, jogou-se um balde de água fria nos anseios nacionais: faltaram apenas vinte e dois votos favoráveis para completar os dois terços necessários para a aprovação da emenda. A campanha das diretas resgatara momentaneamente a esperança da nação. Votar para presidente afigurava-se como o primeiro passo para a resolução dos inúmeros problemas que se acumularam durante a ditadura. Com a derrota da emenda, os partidos de oposição iniciaram articulações visando derrotar o regime no Colégio Eleitoral. Em 11 de junho, o senador José Ribamar Ferreira de Araújo Costa, o José Sarney, renunciou à Presidência do PDS. Setores dissidentes desse partido se articularam e formaram o Partido da Frente Liberal (PFL). Em julho, o PFL e o PMDB formalizaram um acordo de apoio à candidatura de Tancredo Neves para presidente e Sarney para vice. A convenção do PDS em 11

---

765 "Caso Baumgarten", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9-2-1983.

de agosto escolheu Paulo Maluf para candidato, que derrota Mário Andreazza, indicado pelo presidente Figueiredo. A derrota de Andreazza resultou no apoio de mais dissidentes do PDS a Tancredo.

O clima andou tenso até meados de novembro. O ministro da Aeronáutica, brigadeiro Délio Jardim de Matos, ataca os "covardes, traidores, surdos, omissos, falsos cordeiros e múmias". Pela primeira vez desde 1969, o Alto Comando do Exército debate formalmente a cena política. Na madrugada de 10 de agosto, quatro militares do Ciex são presos no Distrito Federal colando cartazes apócrifos que associavam Tancredo ao comunismo. A acessoria do candidato chega a elaborar um plano de 100 dias para o caso de golpe, prevendo sua fuga, seguida de um contra-ataque. Newton Cruz, no Comando Militar do Planalto, promete que durante a reunião do Colégio deixará o povo "para além de Paracatu" (cidade de Minas Gerais a 400 km de Brasília). Tancredo não se abala e continua sua costura, voltando a encontrar-se com Geisel. Cruz é transferido para um cargo decorativo. Em 15 de janeiro de 1985, Maluf era derrotado no Colégio Eleitoral por quatrocentos e oitenta votos contra cento e oitenta. Tancredo prepara seu governo em condições que pareciam favoráveis, contando com cômoda maioria parlamentar. Os ministros militares espelham o acordo negociado com o sistema, inclusive a manutenção do SNI, com o mesmo *status* ministerial, a cargo do general Ivan de Souza Mendes. Entretanto, em 14 de março, apenas 12 horas antes de tomar posse, Tancredo era internado às pressas no Hospital de Base de Brasília. Era o início de uma longa agonia que comoveria toda a população. Boletins médicos de um otimismo forçado ocultaram, a princípio até da família e dos meios políticos, a gravidade da situação. Quando a equipe de José Pinotti realiza a segunda cirurgia em 20 de março e transfere o doente para o melhor equipado Hospital das Clínicas de São Paulo no dia 26, a piora é irreversível. Tancredo morre oficialmente de "falência de múltiplos órgãos, decorrente de septicemia (infecção generalizada do organismo)", às 22h23 de 21 de abril, após sete cirurgias. No imaginário popular, dissemina-se a versão de assassinato, reforçada pela coincidência com a data do enforcamento de Tiradentes. Sarney — apoiador do golpe de 1964 e eleito governador do Maranhão no ano seguinte como candidato do regime com o empenho pessoal de Castelo Branco e do então coronel Figueiredo —, assumiu a Presidência em situação precária. À esquerda, é visto como homem da ditadura, oligarca, grileiro e coronelista; à direita, como o traidor que possibilitou a vitória oposicionista. O risco de uma primeira crise institucional na chamada Nova República é afastado pelas multidões que acorrem ao funeral de Tancredo; PDT e PT declaram-se pela solução constitucional e Sarney comunica ao Congresso que assume automaticamente a presidência efetiva.

Os derradeiros anos Aladino viveu na reclusão e no anonimato, tentando compreender o fracasso do projeto messiânico. Recebia velhos amigos, trocava idéias, arriscava-se a escrever e traduzir algumas passagens. Dentre os poucos a continuar mantendo contatos estavam Silvio Canuto de Abreu e Edgar Alves Bastos. Poucos meses antes de sua morte em 1985, Aladino faria sua última profecia. Nessa época, Edson Vieira e Estefani Agoston estavam dispostos a revê-lo. No dia em que finalmente conseguiram localizá-lo, encetaram uma conversa que se iniciou às 8 horas da manhã e se estendeu até às 20 horas, sem pausas para lanche ou almoço. Aladino vaticinou que Tancredo Neves não assumiria a Presidência, pois faleceria antes. Naquela altura, ninguém imaginava que tal coisa pudesse acontecer. Todavia, Edson e Estefani relevaram a exatidão da profecia. Na opinião deles, Tancredo não morreu, foi assassinado. Em novembro, Aladino preparava-se para submeter-se a uma cirurgia de hérnia. Segundo Edgar, um medicamento que tomou levou a complicações. Não resistindo, faleceu em 11 de novembro e foi cremado 2 dias depois. Acompanharam o velório, Raul, alguns de seus irmãos e um dos ex-seguidores de Aladino: Juracy Gonçalves Tinoco. Solicitei ao Serviço Funerário do Município de São Paulo os registros de cremação. Ei-los: "Aladino Félix faleceu em 11 de novembro de 1985 e foi cremado no dia 13 de novembro às 12 horas, solicitada por seu filho Raul Félix, tendo

falecido no Hospital das Clínicas de São Paulo. Quanto às cinzas resultantes, não constam de nossos registros o destino das mesmas. O atestado de óbito foi registrado no Cartório do Jardim América. Segue com a presente 2ª via do certificado de cremação. Sendo o que se apresenta para o momento, subscrevo-me. Atenciosamente, Arlete Bertolini Cruz, administradora do Crematório".[766]

Um dos primeiros a apontar integrantes de facções militares de extrema-direita como os verdadeiros responsáveis pela onda de atentados terroristas que ele mesmo ajudou a deflagrar em São Paulo, Aladino Félix antecipou-se em muito aos que só anos depois teriam coragem para tanto.

Na madrugada de sábado, 20 de abril de 1968, um petardo explodiu no saguão do edifício do jornal *O Estado de S. Paulo*, na rua Major Quedinho. O impacto trincou as colunas de mármore e estilhaçou vidraças num raio de 500 m. A autoria foi logo atribuída às organizações de esquerda. "A direita", garantiu o governador Abreu Sodré, "não está organizada para isso". O comandante do II Exército, general Carvalho Lisboa, compartilhava dessa leviana opinião. Uma década depois, em dezembro de 1978, Luiz Alberto Bettancourt entrevistou um coronel do Exército que participara do atentado. Exigindo anonimato, confessou ao jornal *Repórter*: "A operação foi planejada pelo Estado-Maior do II Exército — certamente em conjunto civil, embora isso eu não possa garantir —, que designou um oficial para articular todos os contatos necessários. Esse articulador foi um coronel da Intendência, que aliás era dono da fábrica que fornecia os cantis do II Exército".[767]

Ora, as revelações feitas pelo coronel anonimamente, Aladino já as tinha feito abertamente. Mesmo assim, os historiadores tardaram a reconhecer e ainda incorreram em graves equívocos.

Hélio Silva em *O poder militar*, dedicou duas páginas e meia às conspirações de Carlos Lacerda e da Frente Ampla contra o governo militar, transcrevendo quase que literalmente as denúncias assacadas por Aladino, mas, injustificadamente, deixou de mencionar o seu nome, censurando-o.[768]

Jacob Gorender em *Combate nas Trevas*,[769] dedica umas poucas linhas ao movimento de Aladino, chamando-o preconceituosamente de "guru místico e marginal". Os seguidores são caracterizados como "um bando de soldados e sargentos da FP".[770] Arremata Gorender: "Do lado da direita, só temos a registrar a prisão de Aladino Félix, jogado às baratas depois de se servirem de sua estupidez. Fora este caso singular, os agentes do terrorismo de Estado praticaram os crimes de tortura e homicídio incentivado e acobertados pelo próprio Estado".[771]

Seguindo o coro, José Luís Garcia Mir em *A revolução impossível*, taxou Aladino de militante do CCC, o que ele nunca foi. A ação mais sensacional e marca registrada da ALN, o assalto ao trem-pagador da estrada de ferro Santos-Jundiaí, em 10 de agosto de 1968, segundo Mir, teria sofrido um adiamento imprevisto por culpa e obra de Aladino: "Abandonava-se os grandes planos de sabotagem econômica e ataques a objetivos econômicos (fábricas, portos, rodovias, pontes, telecomunicações, transportes) que provocariam o colapso econômico.

---

766 Crematório de São Paulo, Certificado de Cremação nº 8.680/1.295/85, 2ª via: "Certifico que, no Livro nº XLV de Registro de Cremações deste Crematório de São Paulo, sob fls. nº 109, encontra-se registrada, com data de 13 de novembro de 1985, observadas as formalidades prescritas pela legislação vigente, a ata de cremação do corpo de Aladino Félix, falecido no dia 11 de novembro de 1985, às 14h25min do sexo masculino, com 65 anos de idade, de nacionalidade brasileira estado civil viúvo, filiação Ernesto Félix e Augusta Silva Félix, tudo de acordo com a declaração de óbito nº 3.235 expedida pelo Registro Civil das Pessoas Naturais Jardim América - SP, que se encontra arquivada neste Crematório. O presente Certificado é expedido na conformidade da Lei nº 7.017, de 19 de abril de 1967 e Decreto nº 10.869, de 28 de janeiro de 1974, para os efeitos legais. O referido é verdade e dou fé. Assinado Arlete Bertolini Cruz, administradora do Crematório".

767 Gorender, Jacob, op. cit., p. 140; Ventura, Zuenir, op. cit., p. 226.

768 Silva, Hélio. *O poder militar*, 2 ª ed., Porto Alegre, L&PM, 1985, p. 434-436.

769 Ex-membro do Comitê Central do PCB e fundador do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR).

770 Gorender, Jacob, op. cit., p. 151.

771 *Ibid.*, p. 236.

Planejado e executado por Marcos Antonio Braz de Carvalho, Carlos Marighella e Francisco Gomes. O trajeto do trem, seus horários, paradas e segurança interna foram fornecidos por Gomes a Marighella. Este conferia tudo pessoalmente, não queria erros. Gomes liderava a base ferroviária comunista de Sorocaba, cerca de trinta ferroviários que teriam a sua primeira participação como integrantes da ALN. O assalto sofre um adiamento por um motivo inimaginável. Na mesma ponte onde o plano previa que o trem fosse brecado para o comando descer com os sacos de dinheiro, a extrema-direita realiza um atentado um dia antes. Aladino Félix (Sábado Dinotos), chefe de um grupo de extrema-direita e militante do CCC, braço político composto por informantes e agentes de repressão civil e militar, colocara uma bomba que explodiu um pilar. Tiveram de esperar uma semana para retomar os planos. Participaram da ação Braz de Carvalho, João Leonardo da Rocha, Virgílio Gomes da Silva, dentro do trem, e Marighella e Aloysio Nunes Ferreira Filho no transporte e guarda de dinheiro. A ação foi um êxito nos jornais e televisões".[772] Cumpre aqui uma pequena retificação. O pilar referido foi danificado pelos seguidores de Aladino em 7 de julho — madrugada em que promoveram cinco explosões quase simultâneas de bombas em linhas férreas —, o que antecederia portanto em quase 1 mês a ação da ALN originalmente programada para 3 de agosto.

Júlio José Chiavenato em *O golpe de 1964 e a ditadura militar* conseguiu ser mais acertado: "Seguiram-se outros atentados planejados pelo II Exército para culpar a esquerda, entre eles um idealizado pelo general Jayme Portela, chefe da Casa Militar da Presidência da República. Em 20 de agosto de 1968, um grupo de soldados da FP de São Paulo explodiu uma bomba em um estacionamento em frente ao DOPS. A operação era tão secreta que seu líder foi torturado por engano nas dependências do DEIC: pressionado, Aladino Félix (também conhecido por 'Sábado Dinotos') confessou ter agido sob as ordens do general Portela".[773]

Nem tudo era tão secreto, evidentemente. Vários atentados e agitações tinham origem clara, como os verificados contra as peças *O burguês fidalgo*, no Rio de Janeiro, e *Roda-viva*, em São Paulo, assumidos pelo CCC. No início de outubro, travou-se uma guerra entre a esquerda universitária, com seu quartel-general na Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antonia, e a direita universitária liderada pelo CCC, protegida na fronteiriça Universidade Mackenzie. A guerra vai das pedradas da Maria Antonia aos disparos de armas de fogo do Mackenzie, que acabam matando o estudante secundarista José Guimarães em 2 de outubro.[774]

O governo prometia combater o terrorismo de direita, mas não admitia que ele estava infiltrado dentro dos seus próprios meandros, como qualquer investigação séria desvendaria. Num relatório secreto intitulado *Os militares no Brasil*, publicado em 20 de novembro de 1968 no seu boletim semanal, a CIA alertava que "Alguns linha-duras também podem estar fornecendo apoio moral — e possivelmente material — a grupos civis de direita, como o CCC, que está envolvido em atividades terroristas, e a Tradição Família e Propriedade (TFP), uma organização de ultradireita de católicos militantes".[775] Se a CIA sabia, o governo certamente não desconhecia, com a diferença que à primeira interessava informações, e ao segundo indícios que pudessem incriminar, a priori, a esquerda.[776]

Várias modalidades de terrorismo seriam ensaiadas em 1968: de direita, de esquerda, e até uma estarrecedora tentativa de terrorismo de Estado.[777] Denunciava-se em 1º de outubro um plano de oficiais da Aeronáutica para desvirtuar as funções do Para-Sar.[778] O plano previa o

---

[772] Mir, Luís, op. cit., p. 320-321.
[773] Chiavenato, Júlio José. *O golpe de 1964 e a ditadura militar*, São Paulo, Moderna, 1994, p. 124.
[774] "Os estudantes em guerra", in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4-10-1968; "Jovem morto; depredações na cidade", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4-10-1968; "A incrível batalha dos estudantes", in *Veja*, São Paulo, 9-10-1968, nº 5.
[775] *The Military in Brazil*, Special Report de 14 páginas da *Weekly Review*, 29-11-1968.
[776] Ventura, Zuenir, op. cit, p. 225-226.
[777] *Ibid.*, p. 209.
[778] O Para-Sar era uma divisão da Aeronáutica voltada para salvamentos em locais de difícil acesso, na selva ou no mar. Ironicamente, foi usado para 'desaparecer' inimigos do governo. Várias entidades denunciaram que o

seqüestro de quarenta líderes políticos que seriam lançados de avião a 40 km da costa, no oceano, entre outras operações. As sindicâncias realizadas concluíram que um "grupo de radicais" pretendia inclusive eliminar líderes estudantis. Se a operação tivesse sido posta em prática, provocaria não só a execução de personalidades políticas, como também a morte de cerca de cem mil habitantes do Rio de Janeiro, decorrente das explosões de um gasômetro no início da avenida Brasil, às 18 horas, isto é, em plena na hora do *rush*, e de uma represa de Ribeirão das Lajes. Os atentados seriam imputados aos grupos de esquerda. Nada mais diabolicamente perfeito aos extremistas que buscavam pretextos para deflagrar caça às bruxas. Um militar, sem motivação ideológica ou partido político, chefe do Gabinete do ministro da Aeronáutica, Márcio de Sousa e Melo, impediu a tragédia. O capitão pára-quedista Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho, duas décadas depois, ainda continuaria sofrendo as conseqüências pela ousadia. O desprendimento do capitão — e de alguns poucos colegas que o apoiaram — custou-lhe a carreira. Depois de reformado em 1969, foi definitivamente afastado da FAB.

O clímax desse *script* de horror foi vivenciado numa reunião realizada no 11º andar do prédio onde ficava o Ministério da Aeronáutica, na avenida Churchill, centro do Rio de Janeiro. Às 13 horas de 14 de junho de 1968, guarnecidas por uma dezena de soldados armados de metralhadoras, mais de quarenta militares ali reunidos, entre oficiais e subalternos, ouviam a exposição do brigadeiro João Paulo Burnier,[779] responsável pela chefia de Gabinete do ministro da Aeronáutica. Tenso, andando de um lado para o outro, às vezes esmurrando a própria mão, Burnier descrevia as novas diretivas do Para-Sar: "1) No caso de uma guerra, ante a necessidade de resgatar um companheiro ou prisioneiro, a exemplo do que faz o Sar dos EUA no Vietnã, o Para-Sar poderia matar para cumprir sua missão; 2) No caso de uma guerra civil contra os revolucionários compatriotas, estes teriam que ser eliminados pelos homens do Para-Sar; 3) No caso de paz, mas em agitações de rua, o Para-Sar também deveria desempenhar a mesma missão". O terceiro item vinha acompanhado de observâncias: "Para cumprir missões de morte na guerra, é preciso matar na paz; [...] figuras políticas como Carlos Lacerda, esse canalha, que alguns pensam que é meu amigo, já deveriam estar mortas, se não fosse a mão dos pára-quedistas ter tremido; eles se perderam em considerações se a ordem era certa ou errada; ordens dessa natureza não comportam perguntas nem dúvidas, cumprem-se e não se fazem comentários posteriores; elementos indesejáveis serão lançados de navio, ou avião, a 40 km da costa". Uma das missões era o seqüestro de quarenta personalidades a serem lançadas no mar, cinco quais já escaladas: general Olympio Mourão Filho, Dom Hélder Câmara, Carlos Lacerda, Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek. As outras seriam anunciadas verbalmente, de cinco em cinco.[780] A escalada terrorista deveria ser gradativa, com o surto de "pequenos incidentes".

Ao recusar tomar parte dessa insensatez, o capitão Sérgio Ribeiro foi punido com uma transferência para Recife. Julgado e absolvido pelo STM, reformado pela Junta Militar em setembro de 1969, o capitão poderia ser anistiado, mas recusou o benefício. "Anistia-se a quem cometeu alguma falta. Eu não posso ser anistiado pelo crime que evitei". Em longa carta datada de 20 de maio de 1974 ao presidente Geisel, o brigadeiro Eduardo Gomes historiou o episódio e solicitou "a devida reparação da imensa injustiça" com a reintegração do capitão ao serviço ativo de sua corporação: "O capitão Sérgio, por seu valor pessoal, exercia em sua unidade, voltada a missões humanitárias de risco e sacrifício, uma legítima e incontestável liderança. Tal como na guerra, ali, naquela unidade especial, se formara uma verdadeira hierarquia de bravura e valor. Graças a isso, pôde o capitão Sérgio impedir fosse o Para-Sar convertido, por um paranóico, em esquadrão da morte, execrado instrumento de política assassina, inimiga da democracia, da

deputado Rubens Paiva e o líder comunista Mário Alves foram jogados em alto-mar por aviões do Para-Sar. O termo vêm do inglês *Para-Chute Search And Rescue*.

[779] Burnier entraria para a história como torturador e assassino.

[780] Por aqui vemos porque Aladino acusava tanto Lacerda, Jânio e Juscelino de conspirarem contra o regime. Coincidência ou não, Aladino encontrou-se com Dom Hélder Câmara no final da década de 50, ocasião em que esteve acompanhado de Walter Bühler.

fraternidade cristã e da dignidade humana. É estranho e lamentável que fosse aquele infeliz doente mental secundado, em suas ações delirantes e perversas, por alguns companheiros de farda descontrolados, prestigiados e apoiados por um ministro de Estado. O capitão Sérgio se opôs ao plano diabólico e hediondo do brigadeiro João Paulo Burnier que, em síntese, se consumaria através de execução de atos de terrorismo, usando das qualificações possuídas pelos integrantes do Para-Sar. A explosão de gasômetros, a destruição de instalações de força e luz, posteriormente atribuídas a comunistas, propiciaram um clima de pânico e histeria coletiva, permitindo, segundo Burnier, uma caçada a elementos já cadastrados, o que viria a 'salvar o Brasil do comunismo'. Ao mesmo tempo, executar-se-ia, sumariamente, a eliminação física de personalidades político-militares. O plano aproveitar-se-ia do momento psicológico em que as passeatas e agitações estudantis perturbavam a ordem pública".

Perseguido e discriminado, Sérgio Ribeiro teve que viver, durante anos, da solidariedade moral e material de alguns amigos. Em 1970, necessitando de um tratamento da coluna, foi aconselhado a não permitir que o internassem em hospital militar. Um médico da Aeronáutica avisou Gomes: "A vida do Sérgio, se ele entrar em um hospital militar de qualquer das três armas, não vale dez centavos". Graças ao jornalista Darwin Brandão e ao médico Sérgio Carneiro, o oficial foi tratado clandestinamente no Hospital Miguel Couto. Um outro amigo, ex-capitão da Marinha e empresário, ajudou-o com US$ 3.000,00. Os inimigos de Sérgio o chamavam de louco. Nas raras vezes em que se referiu ao fato, Burnier valeu-se de um velho expediente militar, igualmente utilizado pelos acusados por Aladino: negou tudo. "Tanto era fantasia desse rapaz doente, revoltado, de mente doentia, que não fui punido. Eles sim é que sofreram punições disciplinares, foram presos e separados para ver se paravam com a campanha", disse em 1978. "Essa tese, juridicamente absurda, tenta demonstrar que, se não houve punição, é porque não houve crime. A impunidade deixaria assim de ser agravante para ser absolvição", rebateu Zuenir Ventura. No início de 1988, o jornalista ouviu o ex-ministro da Aeronáutica Márcio de Sousa Melo, que inverteu as posições de culpa: "O senhor conhece esse rapaz? Ele, sim, é que tinha esse plano". Pondera Ventura: "Num momento em que a insanidade ameaçou transformar-se em norma, esse estranho no ninho pareceu de fato um louco. Mas foi graças ao seu não que hoje se conta essa história como se ela não tivesse passado de um pesadelo, desses que desaparecem com o amanhecer".[781]

Convidados por Luiz Alberto Machado Fortunato, José Amaral Argolo e Kátia Maria Ribeiro Teixeira escreveram com ele parte da história do Brasil que, ao longo de sua vida, assistiu como filho do coronel de artilharia Alberto Carlos Costa Fortunato, um dos mais ativos integrantes do grupo secreto. O livro *A direita explosiva no Brasil: a história do grupo secreto que aterrorizou o país com suas ações, atentados e conspirações*, identificou parcela significativa dos personagens que estavam por trás do terrorismo nos anos 60 e 70, confirmando aquilo que Aladino e outros denunciaram; terrorismo esse que não começou ali, mas décadas atrás, nos anos 40 e 50, quando davam seus primeiros e decisivos passos no cenário político nacional.[782] A conclusão sobre o que os autores ouviram e anotaram é a de que o Brasil possui duas histórias: a oficial e a verdadeira. A que todos conhecem, costurada como um romance épico e transmitida nas salas de aula e nos centros de formação para a vida religiosa ou militar, e a que emerge das profundezas, por vezes aparentemente louca, mas praticamente inquestionável.[783]

As conspirações do grupo secreto, que, sob inúmeras denominações ou siglas, disseminou o pânico entre as esquerdas e procurou inibir, com a utilização de bombas, as manifestações contrárias ao regime militar, estavam "esquecidas" e as referências eram

---

781 Ventura, Zuenir, op. cit., p. 210-219.
782 Argolo, José Amaral, et alii. *A direita explosiva no Brasil: a história do grupo secreto que aterrorizou o país com suas ações, atentados e conspirações*; Rio de Janeiro, Mauad, 1996, p. 5.
783 *Ibid.*, p. 16-17.

limitadas. A peça chave para o resgate da história foi o coronel Fortunato, então com 75 anos e residente em um modesto apartamento em Brasília. Confessadamente um dos mais ativos integrantes do grupo secreto, prestou depoimento revelador enunciando os nomes e codinomes dos integrantes do Grupo e igualmente daqueles que trabalhavam na "periferia" da Comunidade de Informações, caracterizados pelos gestos e idiossincrasias. O labirinto onde se ocultavam os operadores da Ala Radical foi igualmente desvendado.[784]

Remanescente do grupo de oficiais do Exército engajados primeiramente na luta contra Getúlio Vargas e, depois, contra o ministro da Guerra, general Henrique Teixeira Lott; companheiro de lutas do legendário tenente-coronel aviador Haroldo Coimbra Velloso e do brigadeiro João Paulo Burnier, a sua história pessoal é de alguém que, conscientemente, participou das ações de toda uma geração de militares a partir de 1945, quando termina o Estado Novo e, entre os países vitoriosos após o cataclisma que durou 6 anos, teve início outra forma de conflito dissimulada e letal, a Guerra Fria.[785] Oficialmente afastado das atividades conspiratórias, Fortunato manteve-se "antenado" sobre o que acontecia de importante nos bastidores do governo e, em particular, no Alto Comando do Exército. Graças a uma eficiente rede de colaboradores e amigos, colheu informações precisas sobre o descontentamento da oficialidade, sobretudo no que dizia respeito à operacionalidade das tropas e ameaças à soberania do país.[786] Para ocupar o tempo, desenvolvia estudos avançados nos campos do kardecismo e da parapsicologia, temas que, acreditava, não haviam sido pesquisados adequadamente em nosso país.[787] Em nota de apresentação, Moniz Bandeira salientou que o livro "veio comprovar que o terrorismo no Brasil sempre foi um recurso a que a direita apelou muito mais do que a esquerda. Aliás, muitos atos de terrorismo atribuídos à esquerda, nos anos 60 e 70, foram na verdade praticados pela direita com vistas a justificar a repressão".[788]

Os militares de extrema-direita estavam dispostos a tudo a fim de oferecer justificativas para a supressão dos resquícios liberais remanescentes no primeiro semestre de 1968. As ações da esquerda radical não eram suficientes para a criação do clima propício ao fechamento completo. Daí a formação, às expensas do alto escalão governamental, de organizações paramilitares e de grupos provocadores como o de Aladino que, tendo em mente acirrar o conflito armado criando um "ambiente de agitação e de terrorismo nos órgãos governamentais, de maneira a trazer a inquietação geral", compactuou com a direita radical fomentando a oportunidade de desferir um golpe particular como Terceira Força.[789]

A explosão de uma bomba no Gabinete do comandante do II Exército, na rua Conselheiro Crispiniano, ao lado antigo QG da FP, pouco depois das 22 horas da noite de 15 de abril de 1968, destruiu o elevador, quebrou vidraças e arremessou portas a vários metros de distância. A Polícia Técnica auferiu que a bomba não era de fabricação caseira e de pouca potência como a que atingiu o Consulado Norte-Americano, nem como a que falhou, na sede da Polícia Federal. A Técnica achava que se tratava de uma bomba-relógio. O barulho da detonação foi ouvido em quase todo o quarteirão em volta do QG. Alguns estudantes do Curso Politécnico de Engenharia, situado bem à frente do QG, saíram da sala para ver o que havia acontecido e assim que chegaram ao meio da rua foram detidos como suspeitos pelos soldados da FP. Logo após a explosão, os soldados se espalharam pelos arredores impedindo que as pessoas se aproximassem. Agitados, armados de metralhadoras, negavam-se a fornecer qualquer informação e não permitiam a passagem de jornalistas e fotógrafos. A Polícia Técnica chegou às 10h45min. Pelo lado de fora, era possível divisar as enormes vidraças da porta de entrada espatifadas com o

---

[784] *Ibid.*, p. 14.
[785] *Ibid.*, 16-17.
[786] *Ibid.*, p. 19.
[787] *Ibid.*, p. 319.
[788] *Ibid.*, p. 11.
[789] Alcântara, Benedito Sidney. "XXVIII - Conclusão", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 44.

deslocamento de ar. Os bombeiros, que entravam e saíam do prédio num vaivém contínuo, também não quiseram falar. Um deles se perguntava como alguém conseguira colocar uma bomba no próprio QG. Comentava baixinho, ao lado do carro gerador: "Só sei que essa bomba teve força suficiente para mandar várias portas a grande distância. Se alguém estivesse por perto, morreria na certa". Às 23 horas, chegou a RP 304, trazendo um moço alto, magro e de bigode, que andava perto do QG na hora da explosão. Cinco minutos depois, os soldados traziam pelo braço um dos professores do Curso Politécnico, detido por tentar libertar seus alunos. O cabo-do-dia, muito nervoso, insistia com os repórteres para que se afastassem da porta de entrada: "São ordens, muitos pais de família poderiam ter morrido hoje". Às 23h30min, chegava os pais do moço de bigode, recebidos na porta do prédio pelo filho.[790]

A Técnica apurou que a bomba fora lançada do vitrô do banheiro de um conjunto desocupado, no sexto andar daquele prédio. A pessoa não teria jogado com força suficiente, fazendo-a cair na área do edifício: um vão de apenas 1 m, cinco andares abaixo e um acima do Gabinete do general Syzeno Sarmento. Darci Lima, vendedor da loja Marisa, viu "um foguinho" na área de serviço da loja. Pediu à telefonista Iara Mendes que fosse buscar um copo d'água para apagá-lo, enquanto abria a porta corrediça de vidro, curioso para ver do que se tratava. Aproximou-se do foguinho saindo de um embrulho cor-de-rosa em cima de um vaso com plantas. A pouco mais de 1 m de distância, certificou-se de que era uma bomba e voltou-se para alarmar os outros funcionários da loja. Nesse instante, a bomba explodiu atrás dele. "Saiu como um foguete pelas minhas costas, quebrou oito janelas e desapareceu". O vendedor e a telefonista foram os únicos a ver a bomba e as únicas vítimas: ele quebrou a perna e ela sofreu arranhões. A bomba, que explodiu às 18h05min, era semelhante ao do Consulado dos EUA: um cano de aço galvanizado de 30 cm de comprimento por 5 cm de largura, preenchido de pólvora negra, soldado em uma das pontas, fechado com uma rosca em outra e com um pavio em uma delas. A bomba explodiu na área de serviço, no primeiro andar, por onde passavam os tubos de ventilação do Edifício Hélio, um andar acima da sala do general Syzeno Sarmento. Uma janela grande do segundo andar foi quebrada. No Edifício Hélio, oito janelas se quebraram e os estilhaços fizeram mais de vinte furos nas paredes. O secretário da segurança, Ely Lopes Meirelles, anunciou que "por ser um quartel do Exército, as investigações estão a cargo da Polícia do Exército, mas a Polícia Estadual poderá colaborar com as autoridades federais, se for preciso". Dias antes, havia afirmado: "Isso é o elo de uma cadeia de terrorismo de âmbito nacional".[791]

Quem confeccionou a bomba foi Estefani José Agoston, então com 29 anos. Aladino incumbiu-o da missão, que consistia em atirar o petardo através da janela do edifício defronte, com vistas a atingir o QG. Confiante e subestimando contratempos, por sua própria conta e risco Agoston levou consigo Raul, filho de Aladino, com apenas 14 anos. Aladino garantira que ele mesmo havia preparado o local, destravando a janela a ser utilizada. Na hora e no lugar indicado, Agoston acendeu o pavio. Ao tentar abrir a janela, porém, constatou que essa ainda se encontrava travada. Desesperado, já que não era mais possível desativar a bomba a tempo de evitar sua explosão — uma vez aceso o pavio, os parafusos dos canos teriam se ser desatarraxados —, forçou a janela com o máximo de suas forças até que conseguiu abrir uma fresta. Na pressa, arremessou a bomba sem calcular a direção, fazendo com que ela caísse no lugar errado, um andar acima do Gabinete de Sarmento. Agoston contou-nos que confeccionava as bombas com canos grossos de ferro, adquiridos em estabelecimentos comerciais diversos para não despertar suspeitas. Os recursos para a compra dos artefatos saía na maioria das vezes de seu próprio bolso. Os canos eram preenchidos com dinamite. O comprimento do pavio era calculado de acordo com o tempo previsto para cada missão. Em várias ocasiões, as bombas foram transportadas já com o pavio queimando. Quanto ao atentado no Oleoduto de Utinga, perto do

[790] "Bomba era para general", in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 16-4-1968, nº 703, ano 3, primeira página e p. 24..
[791] "Bomba explodiu no quartel", in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17-4-1968, p. 7.

terminal da EFSJ, Agoston ressalvou que o plano original consistia na colocação da bomba num trecho que, ao explodir, provocaria uma reação em cadeia, incendiando boa parte das reservas de petróleo do país. Por motivos que não quis declinar, na última hora desistiu da idéia e jogou a bomba num outro trecho, causando um estrago de bem menores proporções.

Dois documentos em poder dos advogados do grupo, publicados em *UH*, provavam cabalmente que Aladino seguia ordens superiores. Uma carta manuscrita, com o timbre do Ministério da Guerra, Comando do II Exército, datada de 23 de janeiro de 1968, vinha assinada pelo coronel Edgard Bernardes: "Prezado sr. Dinotos. A pedido do cel. Floriano Campelo, estou pronto para ouvi-lo hoje, às 15h15min, no Edifício do Cine Paissandu, nº 78, apt. 1.711. O local é um apartamento meu, onde estaremos mais à vontade. Antecipamente grato pela sua presença, apresento-lhe minhas cordiais saudações". Outra carta, só que datilografada, com o emblema da República e o timbre do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Departamento de Polícia Federal, datada de 8 de maio de 1968, vinha assinada pelo coronel Firmiano Pacheco: "Prezado sr. Dinotos. Recebi a carta e desde já aceite meus agradecimentos pelas informações nela contidas. Encaminhei imediatamente cópia das informações ao meu diretor, tendo ele ficado também impressionando e levará o assunto às autoridades superiores. Esperando contar com a valiosa cooperação que o senhor vem prestando, aguardo novas notícias".[792] Para o delegado Alcântara e os investigadores do DOPS, entretanto, as cartas eram apenas uma maneira de Aladino "impressionar seus adeptos e, dessa forma, ser tido em elevada consideração, fazendo supor que essas autoridades apoiavam seus planos diabólicos".[793] As autoridades, de fato, negavam ter determinado qualquer missão a Dinotos. Apenas dizem que do mesmo recebiam informações, denúncias, de caráter grave, sobre a situação do país. O que o delegado e seus bajuladores não levaram em conta é que a única atitude que se poderia esperar dos militares era que negassem participação naqueles atos, fazendo toda a culpa recair sobre Aladino, um perfeito bode expiatório. Por trás do "louco", do "místico" e do "visionário", ocultava-se uma gigantesca rede conspirativa que ao longo dos anos assumiu o controle de todos os aspectos da vida da nação.

Na carta de 3 de maio (classificada como Confidencial pelo Centro de Informações do Exército), a qual instou a resposta de 8 de maio do coronel Pacheco,[794] fica patente o quanto Aladino estava comprometido com setores do próprio governo que agiam nas sombras, sob seu intermédio: "Caro Pacheco. Não me foi possível escrever-lhe antes por causa de muitos embaraços que meus inimigos têm criado em meu caminho. Você mesmo foi testemunha daquela farsa que a FP preparou contra mim. As ciladas continuam, porque eles sabem que eu posso barrar-lhes a marcha. Eis o que eu tenho a lhe dizer: Conforme lhe informei — e agora tudo se confirmou — nenhum esquema revolucionário havia para 1º de maio. Disse-lhe também que de 15 a 20 é perigoso. As últimas informações que tenho são as seguintes: 1) Os estudantes querem fazer explodir mais uma bomba no Consulado Norte-Americano, mais ou menos no dia 15. A data pode ser transferida, mas isso já está assentado. Então continuarão com uma série de atentados. Que você acha de introduzirmos alguns 'revolucionários' nossos entre os estudantes?; 2) Se tudo der certo para eles, poderão explodir um movimento revolucionário do dia 20 em diante. Eles já conseguiram um comandante militar que se responsabilizará pelos planos de

---

792 Montero, Armando, et alii., op. cit., p. 10-11; DOPS, São Paulo, 25-9-1968, nº 30Z/160/129-A.

793 Alcântara, Benedito Sidney. "XII - Documentos oficiais", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 18.

794 Documento Confidencial (informação nº 83/69/S-102-CIE) do Gabinete do ministro do Exército, general Aurélio de Lyra Tavares, datado de 10-1-1969 e com o carimbo do II Exército (QG, protocolo sigiloso, Estado-Maior nº 000287, 15-1-1969), aponta o coronel como elemento ligado a Aladino: "Firmiano Pacheco, ex-oficial da FP de SP, veio servir no DFSP, trazido pelo coronel Jaime Santos (FP/SP), no governo Jânio Quadros. Com a renúncia de Jânio, Firmiano foi o único oriundo da FP/SP a permanecer no DFSP, sob a chefia do coronel Carlos Molinari, na chefia do Serviço de Informações do DOPS. Durante os primeiros dias de março de 1964, Pacheco ausentou-se do serviço, negando-se a comparecer, sob a alegação de encontrar-se gripado. O epigrafado continua como chefe do SI/DOPS. É ligado a Sábado Dinotos (Aladino Félix), conforme carta anexa por cópia" (DOPS, São Paulo, nº 50D/18/2245).

operações; 3) Diversos depósitos de cargas já foram constituídos em vários pontos desta capital. Um dos chefes desses depósitos é um cidadão chamado 'Stempe' (seria nome de guerra?), líder comunista.[795] Dezenas de metralhadoras já estariam em mãos dos estudantes. Segundo consta entre os estudantes, unidades do Exército e da FP aderiram; 4) Ontem houve uma reunião dos comandantes de unidades (coronéis) da FP de São Paulo, presidida pelo próprio Comando Geral e na presença de dois oficiais do Exército. Essa reunião foi feita no QG da FP. Um dos assuntos tratados: derrubada do governador Abreu Sodré. Meu informante não me esclareceu bem os termos do *modos aprendi*. Se isso for verdade e essa loucura consumar-se neste instante de perigo, a nação poderá ser lançada em uma guerra civil. Quero lhe adiantar que não são os oficiais do Exército que estão propondo à FP essa violência, valendo-se do ódio que alguns oficiais da Força tem contra o Governador. Embora esta seja uma carta particular, tomo a liberdade de remeter ao dr. Abreu Sodré uma cópia, sem assinatura, para que ele possa ficar prevenido. Embora o governador não goste de mim — pelo que sei — nunca apreciei assistir impassível a queda de um homem apunhalado pelas costas mesmo que o apunhalado seja meu inimigo. Espero que vocês tomem todas as medidas no âmbito federal, e, inclusive, que investiguem essas coisas em seus detalhes, pois a mim me faltam certos meios e recursos econômicos. A PF os têm. Desejo-lhe bastante sucesso profissional e prosperidade pessoal. Sinceramente, Sábado Dinotos".[796]

O general de brigada Paulo Trajano da Silva, reformado, então com 54 anos e pai de seis filhos, foi apontado no relatório do DOPS como um dos que tomaram parte nos propósitos de Aladino, servindo como elemento de ligação entre este e as altas patentes do governo. Conhecia-o há vários anos, mantinha sólidas relações de amizade e freqüentava sua residência e seu escritório. Ouvira de Aladino em janeiro de 1968, a denúncia referente ao movimento contra-revolucionário para depor o presidente da República, acreditando piamente em sua veracidade. Diante da gravidade da situação, solicitou a elaboração de um relatório circunstanciado que faria chegar às mãos de Costa e Silva. Redigido o documento, eis que o general rumou para o Rio de Janeiro, onde, em companhia do general Moura de Castro e Cunha, entregou-o ao delegado regional da Polícia Federal da Guanabara, general Luiz Carlos Reis de Freitas, que por sua vez apressou-se em cientificar o seu chefe imediato, o diretor-geral do Departamento de Polícia Federal, coronel Florimar Campelo. Após uma cuidadosa leitura, Campelo intimou Aladino a fim de que prestasse esclarecimentos adicionais sobre as graves denúncias. Às 15 horas de 15 de janeiro, em companhia do general Paulo Trajano, embarcou para o Rio de Janeiro pela ponte aérea, apresentando-se no dia seguinte no Gabinete do general Freitas. Dali foram chamados ao Gabinete de Campelo, a quem Aladino expôs de viva voz tudo o que escrevera no relatório e acrescentou novos detalhes. As denúncias foram tomadas tão a sério que Campelo viajou a São Paulo pouco antes de 25 de janeiro, mantendo encontros secretos com Aladino em um apartamento do Othon Palace Hotel. O coronel manifestou desejo de localizar os depósitos clandestinos de armas aludidas por Aladino, que no entanto esquivou-se da diligência alegando que se a PF aparecesse nas investigações ficaria mal situado perante seu grupo. Campelo alertou também o coronel Edgard Barreto Bernardes, chefe da 2ª Seção do II Exército, a ele recomendando futuras diligências para apurar a procedência das denúncias. Foi em decorrência disso que o coronel Edgard remeteu a Aladino um cartão com timbre do Ministério da Guerra, convidando-o a uma conversa no apartamento 1.711 do edifício nº 78, do Largo Paissandu.

[795] As relações de Aladino com a esquerda eram apenas fortuitas. Um relatório reservado de Santos (SP), datado de 9-9-1968, informava que o PCB mandara imprimir panfletos, mas não autorizara sua imediata distribuição, já que aguardava investigações que estavam sendo feitas em torno das atividades do grupo chefiado por Dinotos. Certificando-se de que não havia notícia de vinculação dos atos de terrorismo de Aladino com o partido, autorizou sua distribuição. Em Santos, entretanto, não foi encontrado nenhum desses panfletos (Serviço de Informações do DOPS, 28-11-1973, fl. 2). Informação reservada do Serviço de Informações do DOPS, datada de 20-1-1970, destacava que o jornal *Notícias Populares* de São Paulo, publicara o "quadro de acesso" à promoção de oficiais da FP, figurando, entre outros, elementos ligados a Carlos Lamarca e a Aladino Félix (*Ibid.*, fl. 7).
[796] DOPS, São Paulo, 1968, nº 50D/18/2244.

Aladino compareceu acompanhado do general Trajano, assegurando ter à sua disposição uma força de blindados capaz de tomar a cidade de São Paulo e expondo um plano de ação concomitante.[797]

Nos interrogatórios a que foi submetido no DOPS, Trajano assentiu que logo após entregar o relatório ao general Freitas, Aladino provavelmente levara o assunto ao conhecimento do presidente da República, pois houvera grande movimentação de tropas militares. Admitiu que: sempre consultava Aladino quando precisava inteirar-se de alguma novidade; assistiu todas as reuniões de Aladino com os militares aludidos; a PF de São Paulo fornecera a informação de que Aladino fora um colaborador da revolução de março de 1964; continuou a manter contatos com Aladino, pois era solidário a Costa e Silva, com quem servira na vida militar e de quem recebera valiosos apoios; Aladino assegurava possuir uma tremenda estrutura para reprimir a contra-revolução, a qual incluía cinqüenta carros blindados da Empresa Brinks, tropas aero-transportadoras do Rio de Janeiro e o concurso da Guarda Civil de São Paulo. No primeiro semestre de 1968, na residência de Aladino, Trajano ouvira dele a notícia de que, ante a aproximação da data marcada para o início do movimento contra-revolucionário, várias armas haviam sido furtadas do QG da FP de São Paulo. Embora Aladino não tenha revelado os autores do furto, desconfiou que deveriam ser elementos do próprio grupo. Negou que: tivesse sugerido ou ordenado o furto conforme acusação imputada pelos próprios companheiros, mas tomou ciência dele somente após o fato; soubesse dos atentados terroristas que estavam sendo executados pelo grupo de Aladino, já que ele lhe dizia que aquilo era obra do pessoal da FP e de elementos radicais de esquerda; tivesse participado de qualquer ato terrorista em São Paulo ou em outro lugar; tivesse dado ordens a Aladino ou a qualquer elemento do seu grupo para a prática de atos terroristas; servisse de intermediário para trazer ordens do governo ou de seus colegas de farda a Aladino; tivesse dito que daria um jeito na Polícia não levantar impressões digitais nos locais em que o grupo de Aladino agisse e que se algo houvesse contra os seus sequazes alegaria que eles estariam caçando consigo no Estado do Mato Grosso. Por fim, Trajano garantiu que nem ao menos passava pela sua cabeça o fato de sua presença nessas reuniões poder contribuir para incentivar as ações terroristas.[798]

As negativas de Trajano não demoveram o grupo de Aladino a apontá-lo frontalmente como aquele que ordenara o furto de armas no QG da FP. Sugerida numa das reuniões, a idéia contou com o apoio do general, que antes consultou a Polícia Federal do Rio de Janeiro. Alguns dias depois, retornou à residência de Aladino autorizando-lhe o furto. Como possuía amigos na Polícia, adiantou que não se preocupassem pois daria um jeito dos peritos não levantarem impressões digitais. Ainda que surgisse alguma suspeita, alegaria que teria estado caçando com os membros do grupo em Mato Grosso. Face as divergências, o DOPS acareou Trajano junto a Aladino, Juracy Gonçalves Tinoco, Edson Vieira, Jessé Cândido de Moraes e Cláudio Fernando Pereira Lopes. Os acusadores, simples graduados e soldados da FP, e portanto seus subordinados, o enfrentaram com firmeza, reafirmando os depoimentos. Concluiu-se que embora o general não tivesse participado diretamente dos atentados, concorreu decisivamente em suas execuções. Ademais, sabia dos fatos e mesmo assim não levou ao conhecimento dos superiores. Na pior das hipóteses, pecou por omissão. Além disso, a simples presença de um general num grupo constituído por subordinados já manifestaria uma tácita solidariedade. Agiu deliberadamente intencionando incentivar as atividades terroristas. Pela sua conduta, foi também considerado um terrorista e indiciado nos autos, não obstante as dúvidas acerca dos motivos que o levaram a agir: “Seria esse general do Exército mais uma vítima da astúcia de Sábado Dinotos? Sua boa fé ou, admitindo-se sua possível ingenuidade, o levaram a uma vinculação a esse

---

797 Alcântara, Benedito Sidney. “XI - Atuação do general Paulo Trajano da Silva”, in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 16-18.
798 IDEM, “XIII - Interrogatório do general Trajano”, in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 18-19.

maquiavélico e misterioso homem? Ou, muito ao contrário, tratando de um oficial general, tarimbado da vida, tinha plena consciência de sua conduta e assim poderia mesmo estar se servindo do grupo de Dinotos para desencadear ações de interesse dos extremistas da direita ou da esquerda?".[799]

O sargento Rubens Jairo dos Santos declinou em seu interrogatório os nomes que privavam da amizade e mantinham contato freqüente com Aladino: general Paulo Trajano da Silva, sargento Esdras de Mattos, major Edson Isaac Corrêa, tenente Moacyr e o tenente Cardoso, todos pertencentes à FP de São Paulo, com exceção de Trajano. Entre os civis estavam Dom Lírio Prado Fontes, da Igreja Ortodoxa Brasileira, o advogado Constantino, o ex-governador Laudo Natel e sua secretária Belmira. Contou que: a partir de fins de 1967 passou a ouvir referências sobre um plano contra-revolucionário comandado por Carlos Lacerda, Juscelino Kubistchek, Adhemar de Barros, João Goulart, Leonel Brizola e Jânio Quadros, apoiado pelos governos da Rússia, China, RAU e do general Perón; o movimento contra-revolucionário teria concurso do grosso das milícias de São Paulo, Guanabara, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; na FP de São Paulo o golpe seria encabeçado pelos coronéis Canavó e Adauto e pelos capitães Cid Benedito Marques e Malvásio; obtiveram essas informações por intermédio do sargento Esdras de Mattos, amigo íntimo de Malvásio, com o qual vinha confabulando a respeito do movimento revanchista; o coronel Adauto sabia onde estava escondido o armamento que seria usado na contra-revolução; o soldado Guimarães sabia da existência de armas depositadas nos túneis que ligavam os diversos quartéis da FP; o soldado Geraldo sabia de um plano para assassinar o coronel Barbosa de Moraes, antigo comandante da FP; as ações terroristas tinham por escopo arrefecer as intenções revanchistas dos políticos da Frente Ampla; um plano contra-revolucionário apoiado por potências estrangeiras opostas aos EUA provocaria uma guerra dentro do Brasil, expondo nossa terra às lutas fraticidas de um campo de batalha; o presidente da República e o governador do Estado corriam o risco de serem assassinados por insurretos da FP; face à gravidade da situação nacional, decidiu integrar o grupo de Aladino, visando em primeira instância evitar a eclosão do movimento revanchista. Confessou que: tomou parte na colocação bombas na EFSJ, na Lapa, e na passagem para pedestres sob os trilhos da EFS; fez explodir uma bomba na composição da EFCB, na Estação Roosevelt; a bomba foi atirada por Agoston contra o QG do II Exército em observância a uma ordem que viera do Rio de Janeiro através do general Trajano. A finalidade era alertar o general Syzeno Sarmento, à época comandante do I Exército e aliado da FP de São Paulo. Negou conhecer os autores das bombas colocadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, no QG do II Exército, no Ibirapuera e no Consulado Norte-Americano. Referiu-se aos transportes de armas dos túneis da FP para o QG do Barro Branco, feitos pelo coronel Canavó.[800]

Por sua vez, Jessé admitiu em seu interrogatório que: há tempos vinha notando freqüentes e desusados movimentos por parte de um grupo de oficiais da FP (majores e capitães), sendo que o capitão Cid Benedito Marques participava dessas reuniões em meio a oficiais superiores; vários componentes do Departamento da PM, da FP, entre eles o coronel Cabeti, o capitão Cid e o coronel Canavó participavam do movimento revanchista; Aladino externava que para seu desiderato dispunha de vários grupos combatentes, sendo que um, por medida de segurança, não deveria conhecer os outros; ouvira de Aladino informações sobre a existência de armamentos escondido em túneis que ligavam os quartéis da FP; aprendera a confeccionar apetrechos explosivos com Aladino, o qual construíra a primeira bomba que servira de modelo para as demais; era o autor da montagem de várias bombas que explodiram, com exceção da que fora colocada no QG do II Exército; a bomba colocada no QG da FP fora feita por Aladino e

---

799 IDEM, "XIV - Acusações ao general Trajano"; "XV - Acareações"; "XVI - Considerações sobre atuação do general Trajano", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 19-21.
800 IDEM, "XVII - Personalidade e Atuação do sargento Jairo", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, p. 21-24.

colocada por ele, Jessé, e pelo sargento Juracy Gonçalves Tinoco; colocou uma bomba à porta do prédio ocupado pela Bolsa de Valores; furtou em várias etapas junto com Aladino, Juracy, Cláudio, Ataliba, Juarez, Paulo Francisco Alves e Pierino Gargano, cerca de trezentas bananas de dinamite da Pedreira Panorama, em Perus; em companhia do sargento Juarez e do cabo Edson furtou diversas armas e munições do QG da FP; houve um IPM no QG da FP, presidido pelo capitão Cid Benedito Marques, o qual não conseguiu identificar os autores do furto de armas, isso porque na ocasião os coronéis degladiavam-se em busca de altos cargos e não se preocuparam devidamente com o caso, na suposição de que o desaparecimento das armas seria obra de sabotagem de alguns oficiais; a bomba colocada no Departamento de Alistamento da FP fora confeccionada por ele e colocada pelo sargento Cláudio; junto de Antonio Pereira, do sargento Cláudio e do civil Gregório Cutcheravia, fizeram explodir bombas defronte ao DOPS e nas 4ª e 5ª Varas Distritais; a bomba detonada no DOPS visava desmoralizar o órgão governamental; a bomba colocada na 4ª Vara Distrital destinou-se a conseguir o adiamento de uma ação de despejo a que respondia Aladino e que a bomba colocada na 5ª Vara Distrital, no bairro da Lapa, visava despistar o interesse de Aladino em destruir o Juízo onde respondia a ação de despejo; a bomba colocada no pontilhão da EFSJ fora feita e colocada por ele, em companhia de Pierino Gargano e do soldado Luiz Ataliba da Silva; a bomba explodida no vagão estacionado na Estação Roosevelt foi feita por ele, assim como a do viaduto da Via Anhanguera, colocada pelo próprio em companhia do sargento Cláudio e do soldado Muniz; a bomba explodida no túnel da EFS, no bairro da Lapa, fora feita por ele e colocada pelos sargentos Jairo e Cláudio; Aladino foi quem confeccionara a bomba colocada por Jessé e o sargento Juracy Gonçalves Tinoco no elevador do QG da FP; a bomba do Oleoduto de Utinga fora feita por ele e detonada por Estefani José Agoston e pelo sargento Juracy; Aladino tinha ciência de todos esses atos terroristas e estava concorde com eles. Jessé negou sua participação nas explosões verificadas no prédio do jornal *O Estado de S. Paulo*, no edifício onde se situa o Consulado Norte-Americano, no prédio do Departamento de Polícia Federal, na residência localizada à av. Rebouças e no QG do Exército, no Ibirapuera.[801]

O capitão Cid Benedito Marques, citado por Jairo e Jessé, foi designado para o IPM que apurava a explosão da bomba no QG da FP. No mesmo dia, foram presos como suspeitos Juarez, e os próprios Jairo e Jessé. Entrevistei o capitão em 16 de dezembro de 1995. O agora coronel da reserva chegou até a pensar em consultar seus superiores da PM antes de falar qualquer coisa a respeito, mas acabou ponderando que depois de quase três décadas não haveria problemas. Negou veementemente as insinuações de Jairo e Jessé de que na FP o golpe seria encabeçado por ele e pelos coronéis Canavó, Adauto e Malvásio. Para Marques, Aladino era um "sujeito inteligente e perigoso". Foi ele quem presidiu o IPM contra Aladino, vindo a conhecê-lo em função da bomba colocada no QG da FP. "E me queimei porque todo mundo queria por a mão nele (Serviços de Inteligência do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, da PF, do DOPS). Minha companhia o temia. Todo mundo querendo agarrar alguém que estava agitando aí". Nos documentos do DOPS consta que Aladino acusava Marques e outros de encabeçar uma contra-revolução. "Isso não tem fundamento nenhum. Eu sempre defendi a Revolução de 64. Inclusive fui ajudante de ordem do general Figueiredo", rebateu. Mas com surgiu essa versão? "Sei lá. O Aladino falava coisas desse tipo. Eu não participei da Revolução, porque na época estava de prontidão e aquilo foi em âmbito federal. Isso me fere profundamente. Por isso estou querendo desfazer esses enganos. O Canavó já era reformado, tinha sido comandante-geral. Um homem legalista. O Adauto também. Éramos todos antigolpistas". Na avaliação de Marques, o assunto disco voador era usado por Aladino como uma fachada, visando encobrir atos subversivos: "Escuta, por que o Aladino estaria se encontrando com o pessoal da FP? Ele alegou que estava se

801 IDEM, "XVIII - Considerações sobre o sargento Jairo"; "XIX - Personalidade e atuação do soldado Jessé", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, p. 24-27.

reunindo no Prédio Martinelli para discutir discos voadores. No entanto, para discutir não seria preciso fazer reuniões. Poderia abrir uma sessão pública para o comparecimento do maior número de pessoas". Em sua acepção, Aladino era capaz de tudo: "Eu escondia meus filhos porque tinha receios de que pudesse ordenar algum atentado contra eles. Ele disse que não era o autor das ameaças, que não faria isso porque era um homem de família. Alguém fez chegar a mim, através de uma carta anônima, a informação de que eu corria riscos. Como o seu grupo tinha facilidade de colocar bombas, acautelei-me com relação a meus filhos, que eram pequenos. Mas não ocorreu nada. Avisei a ele que se acontecesse algo a minha família, não hesitaria em pegá-lo e aos seus". Marques o via quase todos os dias em que Aladino esteve preso. "As audiências eram longas, ele divagava, falava sobre várias coisas. Era uma pessoa inteligente não posso dizer que não era. Pelo menos deu uma demonstração de sabedoria, de conhecimento alentado. Ele falava que eu era um assassino, que eu matava soldados e jogava-os no rio Tietê... Aí eu conversei com meu comandante, pedindo-lhe calma pois nos defenderíamos das leviandades". Um grande amigo de Marques era o delegado Romeu Tuma. Perguntado se ele estava inteirado do caso Aladino, respondeu: "Sim, porque ele já era do DOPS. Tinha ligações diretas com ele. Mas nenhum deles me informou nada, nem Marinha, nem Exército". Sobre os soldados da FP, Juarez Nogueira Firmiano, Cláudio Fernando Pereira Lopes e Edson Vieira, seus subordinados, disse que além de imputarem-lhe várias acusações, desviavam o rumo das investigações com declarações falsas. "Uma vez me garantiram que quem havia colocado a bomba eram funcionários de uma empresa de elevadores. Eu ouvi mais de cem pessoas dessa empresa, perdendo um tempo enorme. Todos eles foram expulsos da FP, mas no outro inquérito, não no meu". Entre os documentos do DOPS há menção de uma carta dirigida a Marques, e assinada por "um velho amigo X". "Essa carta, escrita com letra de jornal e posteriormente anexada ao inquérito, falava de alguém que se identificava como amigo, alertando que a vida de meu filho corria risco. Quando a recebi, fiquei apavorado. Fiz com que meus filhos passassem a ser escoltados por policiais até o colégio". Indagado se o movimento de Aladino teria instado a decretação do AI-5, respondeu: "Nessa época eu estava na Faculdade de Direito, no Largo São Francisco. Dizia para meu colega que as coisas não podiam ficar daquele jeito. As feras estavam soltas. Vivíamos uma situação parecida com a que antecedeu 1964. A ordem social determinava a tomada de medidas drásticas. Imagine só fazer uma Revolução em pleno regime democrático. Juristas de renome foram chamados e elaboraram as medidas. E o governo aplaudiu. Estava uma baderna, um negócio que ninguém conseguia segurar. E ainda havia Cuba agitando tudo isso. O Brasil caminhava para o esfacelamento. Os subversivos agiam sem limites, arrebentavam tudo. Afora isso o Aladino queria fazer sua revolução particular. Ele tinha lá suas idéias grandiosas. Partiu para o ataque, para as bombas, e aí é que a coisa ficou séria".

Nos autos anexados ao relatório do DOPS, lê-se que vários indiciados citavam os nomes do major Edson Isaac Corrêa,[802] da FP, do capitão Zofiel Gouveia de Matos,[803] primeiro-tenente

---

802 Documentos do Serviço de Informação da Polícia dão conta que Edson Isaac Corrêa (recém promovido a tenente-coronel) freqüentava a casa de Aladino, juntamente com o sargentos Rubens Jairo dos Santos, Juraci e outros, posteriormente presos e expulsos da FP como réus confessos de atos terroristas. Certa vez, Aladino o alertou que estava para eclodir um movimento no âmbito da FP, recomendando a ele (Isaac) que se afastasse do quartel, devendo, para tanto, quebrar uma perna ou cortar um pé. Por "coincidência", o epigrafado cortou um pé quando jogava uma partida de futebol. Alegou que comparecia às reuniões no Edifício Martinelli apenas para participar de estudos sobre discos voadores. Embora mantivesse relações com o grupo de Aladino, não lhe foi imputado qualquer punição, já que não tomara parte nos atos terroristas. Exerceu depois as funções de Assistente Militar na Assembléia Legislativa do Estado, onde se infiltrou no Gabinete da Presidência. Estando ali, divulgou pela Imprensa que seria criada a Casa Militar da Assembléia Legislativa. Suas atitudes levaram o presidente do Legislativo, deputado Salvador Julianelli, a solicitar providências urgentes em telefonema ao Comandante Geral, coronel Cabette, a quem pediu o afastamento daquele oficial (DOPS, São Paulo, 1975, nº 50D/18/2426).

803 Em fevereiro de 1996, conversei por telefone com o capitão Zofiel Gouveia de Matos, residente num edifício do largo do Arouche, centro de São Paulo. Dizendo-se engenheiro, nacionalista e obediente às ordens do Exército, negou-se a prestar maiores esclarecimentos, admitindo somente que costumava freqüentar as reuniões de Aladino porque se interessava por discos voadores. Zofiel o teria conhecido na seção esotérica de uma livraria da rua Riachuelo. Quem o ajudou a ficar livre de qualquer suspeita de ligação com o grupo foi o general Mena Barreto.

reformado do Exército, e do tenente Moacir Ribeiro de Freitas, da FP de São Paulo, como elementos que privavam da amizade de Aladino e freqüentavam a residência e escritório deste. Os três foram ouvidos e nada autorizava suas implicações nos atos delituosos. Outros oficiais foram citados como componentes do grupo revanchista da FP. Contudo, não havia no inquérito elementos que indicassem responsabilidade de outras pessoas.

Boletim Informativo do SNI, de 10 de setembro de 1968, informava que Aladino, juntamente com o sargento Cláudio Fernando Pereira Lopes, havia afirmado que explodiram bombas em São Paulo por ordens diretas de altas autoridades.[804] Outro boletim, do mesmo dia, acrescentava que o sargento Juarez Nogueira Firmiano, da FP, declarara na 9ª Vara Criminal que o general Trajano animava as atividades terroristas em que estava envolvido Aladino. Declarou ainda que o referido general afirmava agir em nome de Jayme Portela e Meira Matos.[805]

Informe do II Exército, anotava que o ex-3º sargento Sebastião Francisco da Silva, expulso da FP, mantinha ligações com Aladino e seus bando.[806]

Boletim Informativo do SNI, datado de 3 de dezembro, informava que o general Paulo Trajano da Silva, apontado como um dos integrantes da quadrilha de terroristas liderada por Aladino, desmentira no dia anterior ter participado da trama, como transpareceu em depoimentos dos detidos. Em declarações prestadas no IPM instaurado pelo II Exército, o general Trajano dizia ser apenas amigo pessoal de Aladino e freqüentador das reuniões mantidas para estudos bíblicos e sobre discos voadores.[807]

O jornal *Diário de S. Paulo*, em 6 de dezembro, anunciava que o STM julgaria o pedido de prisão preventiva do general Paulo Trajano, acusado pelo general Luiz Felipe Galvão como o principal responsável pelo furto de armas da FP. As acusações contra o general Trajano tinha sido feitas pelo soldado da FP Jessé Cândido de Moraes, que declarara ter recebido ordens daquele militar "para que atacasse o QG da corporação, roubasse armamento, desmoralizando assim os oficiais da corporação". Acrescentava ainda que por ocasião do recebimento de tal ordem, Trajano estava em companhia de Aladino.[808]

Conforme informação de 7 de janeiro de 1970, Carlos Domingo Bertolozzi era homem de confiança de Aladino e promovia reuniões em sua casa.[809] Informação do DOPS datada de 7 de julho de 1970, dava conta que a diretoria do Centro Social de Sargentos e sub-tenentes da PM, através de seu presidente e com a autorização de toda a diretoria, vinha mantendo as famílias dos ex-militares e terroristas entre os quais Sábado Dinotos.[810]

Informe do DOPS, de março de 1971, dizia respeito ao capitão Rubens Gonçalves, chefe do Serviço Secreto da FP, então com 30 anos de idade. Constava-se que era intimamente ligado a vários oficiais subversivos, entre eles Aladino.[811] Quando era tenente, Gonçalves comandava o destacamento de Cotia, da Polícia Rodoviária, tendo feito um levantamento topográfico daquela região, auxiliado pelo sargento Estikowicz e pelo tenente Mazzuco (reformado). Causou estranheza esse tipo de serviço, pois não era comum à FP e muito menos à Polícia Rodoviária, da qual o referido oficial fazia parte. Logo em seguida a esse levantamento, o capitão foi designado para chefe de todos os serviços de informação da milícia, ocupando o cargo de S/2, isso logo após o golpe de 64. O capitão era ligado a vários oficiais subversivos, entre eles o coronel Vilela, que foi quem o trouxe para o QG e colocou-o à frente daquele Serviço de Informações. O

---

804 Boletim Informativo do SNI, São Paulo, 10-9-1968, nº 213; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 2.
805 IDEM, nº 214; IDEM, fl. 2.
806 Informe nº 526/69, II Exército, São Paulo, 1969; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 7.
807 Boletim Informativo do SNI, São Paulo, 3-12-1968, nº 209; Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fls. 3-4.
808 Serviço de Informações do DOPS, São Paulo, 28-11-1973, fl. 4.
809 *Ibid.*, fl. 7.
810 *Ibid.*, fl. 8.
811 *Ibid.*, fl. 8.

sargento Estikowicz era muito ligado aos sargentos cassados na FP, devido à proteção do coronel Vilela. O capitão Gonçalves fez curso nos EUA durante 6 meses e estudava direito na Faculdade de Bragança Paulista. No início de 1968, atritou-se com o major Edson Isaac Corrêa, pois não quis tirar a ficha do sargento Jairo dos arquivos do Serviço Secreto, conhecidíssimo na FP como comunista. Especulou-se que Jairo teria programado uma reunião no escritório de Aladino, ocasião em que o capitão Rubens, junto com outra pessoa, seriam jogados do Edifício Martinelli durante uma briga simulada. Como o capitão Rubens não compareceu, mesmo convidado pelo próprio sargento Jairo, tal "acidente" não ocorreu. Rubens designou como seu representante um sargento do seu serviço, de nome Cherachmidt. Após a prisão de Aladino, o nome desse sargento apareceu, e o capitão informou que ele tinha comparecido àquele local apenas para um serviço de contra-informações e infiltração.[812]

Quais teriam sido as causas determinantes para a decretação do AI-5? Muito se discutiu a respeito e ainda não se estabeleceu um consenso. Em termos econômicos, o governo não foi verdadeiramente ameaçado. A inflação de 1968 foi de 25,4% e o PIB cresceu em espantosos 9,8%. Não era ainda o "milagre econômico", mas as elites — apesar do susto político — consideravam-se protegidas pelo modelo implantado. Por essa razão, alguns pensam que o que ocorreu naquele ano foi o esgotamento de uma etapa iniciada em 1964, que consistiu na tentativa de conciliar a manutenção de um mínimo de democracia com o projeto autoritário de reformas na infra-estrutura. Os comunistas não eram uma ameaça real naquele momento, como nunca o foram. A oposição ao regime, em termos gerais, estava com seu perfil ampliado. Dois anos antes a ela aderiu um dos homens-chave de 1964, Carlos Lacerda, articulador da Frente Ampla. O movimento foi colocado na ilegalidade pela portaria 177, promulgada por Costa e Silva em 4 abril, não por acaso logo em seguida às denúncias de Aladino de que uma contra-revolução estava sendo preparada. Para Carlos Heitor Cony, o AI-5 foi o "instrumento de força provocado pela Frente Ampla e não pelas passeatas. Muito menos pela música de protesto. [...] Não fosse a Frente Ampla, não teria havido o AI mais truculento de nossa história".[813]

"A trama do AI-5", segundo Gorender, "se consumou a frio, num momento de certa calmaria. Cabe indagar por que veio. À primeira vista, a explicação pode estar na escalada da esquerda, tanto pela via das ações armadas como das lutas de massas. [...] Mas o movimento operário-estudantil se achava reprimido e esgotado no final do ano e não podia ser a causa determinante do fechamento ditatorial. A causa determinantes esteve na tendência crismada na época de 'linha dura', atuante desde 1964 e responsável pela crise político-militar de outubro de 1965".[814]

De acordo com Ventura, o discurso do deputado Márcio Moreira Alves foi usado como pretexto para o fechamento do regime, num momento de relativa calmaria: "A degringola do Congresso decepou a representatividade da UNE e a deixou num beco sem saída. O governo dominou a situação e os meses finais de 1968 tinham a aparência de calmaria. O único motivo de perturbação política vinha do requerimento formal dos altos comandos das Forças Armadas para processamento judicial do deputado Márcio Moreira Alves. A acusação se baseava no discurso do parlamentar que recomendou ao povo o boicote dos desfiles militares do Dia da Independência. Quando proferida na Câmara, a pequena alocução recebeu apagado registro na Imprensa. Mas o SNI tomou nota e os generais fizeram dela o cavalo de batalha para uma encenação com vistas a novas medidas de arrocho político".[815]

Os "meses finais" a que Ventura se refere principiaram no final de agosto. Com o fim do grupo de Aladino, a onda de atentados terroristas também terminava. Conforme levantamento de Flavio Deckes, os atentados terroristas de direita com autoria oculta atingem o pico em 1968,

---

812 DOPS, São Paulo, 29-3-1971, nº 50D/18/1590 e 1591.
813 Cony, Carlos Heitor. "1968, outra vez", in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7-5-1998, opinião, p. 2, c. 1.
814 Gorender, Jacob, op. cit., p. 150.
815 Ventura, Zuenir, op. cit., p. 149.

decaem bruscamente em 1969 e desaparecem, de todo, entre 1971 e 1975. Consumado o fechamento ditatorial, não era mais necessária a atuação provocadora das organizações paramilitares. O terrorismo de direita se oficializou. Tornou-se terrorismo de Estado, diretamente praticado pelas organizações militares institucionais.[816]

Concluímos que os historiadores subestimaram o papel exercido pelo grupo de Aladino Félix — responsável por quase 50% de todos os atentados ocorridos no período em São Paulo — no quadro político que antecedeu a decretação do AI-5. Os militares radicais buscavam justificativas que reforçassem o enfoque básico da política de contenção da subversão oposicionista. As forças ativas de Aladino contribuíram enormemente com suas diretrizes ao pressionar o governo para a aprovação do estado de sítio, sugerindo que o regime de 64 estava em perigo, o que não foi tarefa fácil, pois tiveram de fazer muitas manobras nos bastidores, mas ao fim o AI-5 foi deflagrado. Os complexos aspectos que envolvem as atividades subversivas praticadas pelas alas contrárias ao regime pediam cuidados especiais nas ações objetivando a sua contenção. Os excessos ou desacertos porventura praticados nessa ação poderiam provocar, forçosamente, resultados contrários aos desejados e prejudicar tanto o almejado apoio da opinião pública quanto a necessária compreensão da maioria ainda não seduzida pelas idéias de esquerda. Esses dois últimos aspectos poderiam significar para o governo a abertura de áreas de fricção piores do que as que se desejava eliminar. No fato em exame, a probabilidade de criar essas áreas de fricção ficou tão claramente evidenciada, que os militares linha dura decidiram recorrer ao terrorismo, instando um clima de crescente radicalização. Reivindicado por um grupo clandestino que se autoposiciona de extrema-direita, os atentados poderiam provocar ainda a reação de extremistas de posição oposta, suscitando uma confrontação de grupos e um processo de represálias de imprevisíveis conseqüências para o ordem pública. Poder-se-ia atribuir a autoria dos atentados a extremistas de esquerda, interessados na subversão genérica, inconformados com a condução da política governamental, abrindo caminho para o "golpe dentro do golpe", o qual sem a participação do grupo de Aladino não teria sido possível.

## 6. O Advento Do Reino Divino

Apesar das singularidades, o movimento messiânico de Aladino Félix encontra afinidades com o de Oceano de Araújo de Sá, vulgo Yokaanam, líder fundador da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. Ambos surgiram no contexto de sociedades tecnológicas urbanas, num período em que o ciclo dos messianismos parecia esgotado. Lísias Nogueira Negrão foi quem se ocupou da experiência relativamente bem sucedida e rotinizada de Yokaanam, surgida em meados do século XX no Rio de Janeiro.[817] Enquanto os movimentos clássicos como Canudos, Juazeiro, Contestado, e outros de menor expressão surgiram no contexto de sociedades rurais de tipo patrimonialista e dentro dos horizontes do catolicismo rústico, o movimento de Yokaanam,

---

[816] Gorender, Jacob, op. cit., p. 152.

[817] Negrão defendeu em 1973, junto ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, a tese de doutorado intitulada *Um movimento messiânico urbano: messianismo e mudança Social*, publicada por essa Universidade e pelo Centro de Estudos da Religião em 1984, dentro da Coleção Religião e Sociedade Brasileira (v. 1), em conjunto com o trabalho *Os "Borboletas Azuis" de Campina Grande: um movimento messiânico malogrado*, de Negrão e da socióloga Josildeth Gomes Consorte. Negrão foi orientado por Maria Isaura Pereira de Queiroz, autora de trabalhos pioneiros na área, entre eles *O messianismo no Brasil e no mundo* (São Paulo, Dominus/Edusp, 1965), em que analisa os movimentos messiânicos mais importantes que tiveram lugar no meio rural. Foram eles: 1) A Cidade do Paraíso Terrestre, Pernambuco, 1817; 2) O Reino Encantado, Pernambuco, 1836; 3) O Império de Belo Monte, de Antonio Conselheiro, surgido por volta de 1875; 4) Os Santarrões, ou os Mucker, no Rio Grande do Sul, também por volta de 1875; 5) O movimento do padre Cícero, que tem início no Ceará na mesma época; 6) A Guerra Santa das populações caboclas da zona serrana do Estado de Santa Catarina, entre 1910 e 1914; 7) O movimento do beato do Caldeirão e do Circo dos Santos, no norte da Bahia, em 1935; 8) O movimento de Pedro Batista, também no norte da Bahia, próximo a Paulo Afonso, iniciado em 1944.

tal como o de Aladino, surgiu no contexto social de grandes aglomerados urbanos.[818] Tomando por base a importante tese de Negrão, iremos comparar inicialmente os dois movimentos.

No antigo Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, surgiu em 1946 a organização denominada "Fraternidade Eclética Espiritualista Universal", liderada por Oceano de Araújo de Sá, ex-oficial da FAB, conforme se anunciava. Adotando o pseudônimo de Yokaanam — que significa João em aramaico —, e tratado por mestre pelos seus seguidores, pregava a união de todas as religiões e anunciava a proximidade do fim dos tempos. Nascido em Maceió, capital de Alagoas, em 1911, filho de Joaquim C. de Sá — fiscal-geral de Consumo do Rio de Janeiro, funcionário da Estrada de Ferro Great Western de Alagoas e funcionário do Serviço de Telégrafos de Alagoas — e de Bárbara de Sá, que faleceu quando Oceano, o caçula dos seus quatorze filhos, tinha 4 anos de idade. Criado pela mãe-preta Maria Pastora, abandonou a casa paterna aos 16 anos de idade, quando seu pai casou-se em segundas núpcias. Ingressou no 20º Batalhão de Caçadores e depois na Escola de Aeronáutica, a serviço da qual foi enviado ao Estado de Mato Grosso, onde se casou com Adiles Ramos, quando contava apenas 19 anos. Mais tarde foi enviado a São Paulo, onde teria dirigido o Serviço de Telecomunicações Aéreas e Terrestres do QG da rua Conselheiro Crispiniano, chegando ao posto de capitão. Diz ter ingressado na Faculdade de Direito de São Francisco, interrompendo seu curso em virtude da Revolução. Quando a derrota paulista se afigurou inevitável, Yokaanam se exilou na Bolívia, a conselho de seu superior, general Klinger, onde diz ter sido procurado pelos oficiais alemães e se tornou piloto de Condor e da Lufthansa, de 1932 a 1936, período em que teria percorrido a Europa, Ásia e América, fazendo cursos de especialização de teologia na Alemanha e Inglaterra, também neste período e, ainda, convivido com os membros da Fraternidade Branca dos Monges de Benares, na Índia, com os monges trapistas no deserto do Saara e com os lamas do Tibet. De volta ao Brasil em 1936, afirma ter se tornado piloto particular do presidente Getúlio Vargas, até 1944, quando teria se reformado com a patente de coronel, após grave acidente aéreo em que quase perdeu a vida. "Saí despedaçado. Ressuscitei, por assim dizer, e decidi-me a não contrariar a minha vocação". A vocação se manifestara quando tinha 11 anos de idade e se consubstanciaria após o acidente "pela violenta transição do meu destino, porque meus olhos espreitavam sempre a oportunidade esperada do meu verdadeiro futuro". Passa a fazer pregações em centros e associações espíritas, defendendo o ecletismo religioso — "todas as religiões são boas porque todas conduzem a Deus" — e atacando o "mercenarismo" das religiões oficiais, especialmente do catolicismo. Resolve criar uma escola espiritualista "destinada à unificação, seleção e restauração moral e espiritual, pacificamente, de todas as religiões e escolas do planeta, em torno do Evangelho de Cristo".[819]

Os dados bibliográficos foram extraídos por Negrão da biografia oficial de Yokaanam publicada no livro *O cristianismo não divide, reúne!*, e de entrevistas concedidas ao sociólogo nos anos de 1966 e 1967. Existiam obviamente alguns exageros, os quais evidenciavam o conceito que o mestre tinha de si mesmo. Quanto a ter dirigido o Serviço de Telecomunicações e ingressado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, por exemplo, Negrão apurou que, casando-se aos 19 anos ainda em Mato Grosso, Yokaanam teria esta idade quando chegou a São Paulo, em 1930, e dificilmente poderia ter dirigido o Serviço de Telecomunicações. Permanecendo em São Paulo de 1930 a 1932, no máximo, não teve tempo material para concluir o curso de Direito. Entre outras contradições e exageros, diz ter feito curso de Medicina na Bahia, porém não existe em sua biografia oficial registro de qualquer passagem por aquele Estado. Dizia pertencer, entre outras, à Sociedade Esotérica da Comunhão do Pensamento, à Ordem Mística da Regeneração e, inclusive, ao Conselho Nacional da Loja Maçônica e à Academia Guanabarina de Letras.

---

[818] Negrão, Lísias Nogueira. *Um movimento messiânico urbano: messianismo e mudança Social*, São Paulo, FFLCH-USP, Centro de Estudos da Religião, 1984, p. 6.
[819] *Ibid.*, p. 29-32.

A figura de Yokaanam, como vimos, a começar pela adoção de um pseudônimo aramaico (língua próxima ao hebraico) apresenta muitos pontos em comum com a de Aladino, que por sua vez dizia que servira o Exército em Piquete e fora piloto da aviação norte-americana na Segunda Guerra,[820] o que tampouco se confirma. Raul assinalou que eles não possuíam praticamente nenhuma informação acerca de seu passado. "Meu pai não falava, apesar de insistirmos. Ele só dizia que lutara na guerra e mencionava alguns tipos de aviões que pilotara". A única coisa concreta que Raul viu foi uma foto de quando estava no Exército. "No Prédio Martinelli, meu pai me mostrou uma foto em que ele aparecia numa dessas barras de fazer ginástica. Estava magrinho, e usava uma camiseta do Exército". Afora isso, logo após o casamento, Marta encontrou no meio dos objetos pessoais de Aladino uma foto em que aparecia ao lado de um homem muito alto, negro, de quase 2 m de altura. Ao fundo, via-se um navio de guerra coberto de neve. "Minha mãe perguntava que lugar era aquele, o que fazia lá e quem era o negro ao seu lado. Mas ele desconversava, até que numa certa noite teve um pesadelo. Gritava o nome de Charles. Acordou chorando, apavorado. Aí ele acabou confessando à minha mãe que Charles era o homem da foto. Durante a guerra, o navio em que estavam fora avariado e Charles não pôde embarcar no bote, pois não havia mais espaço. Antes de morrer afogado, Charles ficou pedindo a Aladino que não o deixasse lá, mas ele nada pôde fazer". Aladino nunca falava sobre seus pais, parentes ou irmãos, dos quais estava irremediavelmente afastado. Raul só veio a conhecer as irmãs de seu pai quando estas os visitaram em Campo Belo, logo após a sua prisão. Yokaanam diz que em São Paulo teria dirigido o Serviço de Telecomunicações do QG da rua Conselheiro Crispiniano. Por coincidência, o grupo de Aladino praticou um atentado a bomba justamente nesse local. A violenta transição do destino de Yokaanam foi deflagrada por um acidente aéreo em que quase perdeu a vida. Já Aladino despertou para sua vocação depois do encontro com o comandante do disco voador e do chamado de "Jeová dos Exércitos". Yokaanam atacava o mercenarismo das religiões oficiais, especialmente o catolicismo, tal como Aladino.

Congregando os primeiros adeptos, a partir de 1945 Yokaanam começou a promover reuniões na rua das Laranjeiras, no prédio da Pan Film do Brasil, transferindo-se no início de 1946 para um prédio antigo na avenida Presidente Vargas, ex-sede de uma associação de ferroviários, onde em 27 de março daquele ano, por ato oficial, foi fundada a "Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, com finalidades filantrópicas, eclético-religiosas de Assistência Social, Moral e Espiritual", conforme se registrou na Ata de Instalação. Em 31 de março, data do "desenlace de Allan Kardec", foi a Fraternidade franqueada ao público em sessão solene à qual compareceram autoridades e instituições de escol do então Distrito Federal, inclusive a Diretoria da Federação Espírita Brasileira, da Fraternidade Rosa-Cruz, da Cruzada dos Militares Espíritas do Brasil e da Sociedade Teosófica Brasileira. Yokaanam passou a ali residir, juntamente com os seus seguidores mais próximos, os quais fizeram-se acompanhar de suas respectivas esposas. O mestre, por sua vez, abandonou a sua, dedicando-se a "contatos com a espiritualidade" e ao proselitismo, concedendo entrevistas à Imprensa e proferindo palestras em associações espíritas. Segundo noticiários na época, cerca de cinco mil pessoas, todas as noites, enchiam as dependências, as escadarias, e a fila se estendia ao longo da av. Presidente Vargas, numa distância total de 1 km. Os que chegavam iam em busca de socorros médicos ou espirituais, e eram tratados por médiuns. Yokaanam "convencia" os espíritos a abandonarem suas vítimas, mediante doutrinação e persuasão espiritual. Noticiava-se a realização de curas milagrosas por parte de Yokaanam e, inclusive, de intervenções cirúrgicas mediúnicas realizadas pelo mestre e seus apóstolos, o que fez crescer o séquito de seus crentes, fossem esses novos apóstolos ou simples adeptos. O número total de seguidores foi crescendo paralelamente à fama de Yokaanam, que continuava sua pregação contra "as religiões que se digladiam em nome de

---

[820] O ufólogo Willi Wirz, que conheceu Aladino, achava que ele não conhecia a terminologia da aviação, segundo me informou Fernando Grossmann em carta datada de 4-5-1997.

Deus, que não é propriedade de ninguém". Em 1947 se iniciava a campanha para a arrecadação de fundos para a construção da sede própria. *O Nosso*, jornal mensal de divulgação das atividades do grupo que defendia suas posições religiosas subordinadas à Divisão de Imprensa e Propaganda (DIP), começou a ser editado naquele ano. A campanha para a consecução de dez mil sócios contribuintes se realizou em 1949. Nesse ano, em 27 de setembro, com a elaboração da "Constituição Estatutária" e sua legalização mediante publicação no *Diário Oficial*, a Fraternidade definiu-se jurídico-burocraticamente, discriminando a existência de um "Poder Legislativo" ou "Supremo Poder Espiritual", constituído de uma plêiade de mentores, instrutores e conselheiros divinos. No capítulo II de sua Constituição, a Fraternidade foi definida como "científica, filosófica, altruísta e, sobretudo, eclética-religiosa e apolítica".[821]

Todavia, desde o início houve problemas internos de rebeldia e contestação de liderança na seita. Além disso, campanhas violentas contra a pessoa de Yokaanam e as práticas religiosas do grupo apareceram na Imprensa carioca que denunciava a existência de uma "macumba" eclética com deturpação de ritos católicos nos cerimoniais da Fraternidade. Yokaanam foi diversas vezes acusado de exploração, charlatanismo e exercício ilegal da medicina. Pretendendo "unificar as religiões em litígio", Yokaanam se viu envolvido no litígio de que tentava superar pugnando contra todas elas e por todas sendo combatido; pretendendo restaurar moralmente a "sociedade corrompida" na qual vivia, foi por ela moralmente questionado e acusado de corrupção. Foi essa situação de tensão que fez crescer no mestre o desejo de fundar uma "cidade limpa e livre de escórias", conforme anunciaria já em 1946, quando denunciou a falência das religiões, a proximidade dos fins dos tempos e o advento de uma nova era de regeneração. O Rio de Janeiro não era o local certo para a construção da cidade santa, em função das catástrofes que atingiriam nosso planeta — todo o litoral brasileiro, de norte e sul, submergiria sob o impacto de um asteróide que se projetaria no Oceano Atlântico. Em *O cristianismo reúne, não divide!*, Yokaanam sustentava que "As ilhas da bacia do Mediterrâneo estão submergindo repentinamente... A Europa está condenada a desaparecer... haja visto o que sucedeu à Holanda, que foi apenas um aviso... A Ásia, a Oceania, a Austrália, o Canadá e a América do Norte estão condenadas a sofrer terrível demolição de lado a lado. De forma que sobreviverá — sofrendo menos — a América do Sul, com grupos aqui, ali e acolá".[822]

Para onde ir, então? A solução foi fornecida pela própria sociedade global, pois já tinha sido demarcada a área do novo Distrito Federal no planalto goiano e já se planejava a construção de Brasília. Antecipando-se ao governo federal, Yokaanam resolveu sediar sua Fraternidade no planalto central, próximo à futura capital do país. Negou, contudo, ter sido influenciado pelos planos de transferência da sede do governo federal; para ele teria ocorrido o contrário. Teriam sido suas campanhas que convenceram o governo da inevitabilidade da destruição do litoral brasileiro e do surgimento de uma "nova civilização" no local. Segundo declarou, teria sido ele orientado por uma entidade espiritual para conduzir seus seguidores ao planalto goiano, região indicada pelas profecias de Dom Bosco como o local da salvação da humanidade no fim dos tempos. Reconhecera Yokaanam as terras sagradas ao avistar de um avião que pilotava, um monte idêntico ao monte Tabor de Jerusalém. As terras foram adquiridas e os preparativos para a transferência ultimados. Um comunicado oficial dirigido aos exmos. srs. presidente e vice-presidente da República; ministros de Estado, chefes de Polícia, magistrados, desembargadores e demais autoridade civis e militares, e à Imprensa falada e escrita" informava a "transferência da sede matriz principal da Fraternidade Eclética para Campo Limpo, Goiás", em agosto de 1956. As terras adquiridas pela Fraternidade situavam-se em Luziânia, município goiano limítrofe à capital federal. Seu povoado distava aproximadamente 55 km do centro de Brasília.[823]

---

[821] Negrão, Lísias Nogueira, op. cit., p. 32-38.
[822] *Ibid.*, p. 56-57.
[823] *Ibid.*, p. 57-60.

A Fraternidade já havia sofrido cerca de trezentas baixas em 1971, entre desertores, excluídos e mortos. Em compensação, muito mais pessoas aderiram à causa. O mestre envelheceu bastante. Houve muito sofrimento e muitas incompreensões; houve também momentos de grande felicidade. O Brasil continuava sendo visto como Pátria privilegiada para os acontecimentos do Terceiro Milênio. A Fraternidade continuava "fiel a Jesus", seu "condutor espiritual".

O Ecletismo Religioso, entendido como "integração seletiva" — em oposição ao sincretismo que seria "mistura heterogênea" — era a principal bandeira da Fraternidade. Não pretendia Yokaanam ter criado uma nova religião, já que "todas as religiões são boas, porque todas ensinam e conduzem o homem para o mesmo fim". A sua doutrina religiosa se apresenta como fundamentalmente espírita. Ela pode ser considerada como parte do *continuum* mediúnico, definido por Cândido Procópio Ferreira de Camargo. Isto é, são reconhecidas na religião da Fraternidade as teses que o citado autor encontra nas religiões mediúnicas e que incluem a crença na pluralidade dos mundos habitados e na indistinção entre o sobrenatural e o natural, entre religião e ciência.[824]

Alegava Yokaanam que entrava em contato com esses demais mundos, não só espiritualmente, através de mestre Lanuh, de quem recebia instruções, mas também diretamente. Extraterrestres o visitavam na Fraternidade, vindos a bordo de discos voadores. Ocorre que Yokaanam chegou a tais inferições influenciado pela obra de Aladino Félix. *O Nosso* divulgou em capítulos, durante os anos de 1966 e 1967, o livro *Contato com os discos voadores*. Segundo o jornal, na obra "o autor apresenta entrevista com um piloto de discos voadores, que lhe deu informações sobre como funcionam suas naves espaciais, como são os diferentes planetas de nosso sistema solar e de outros sistemas solares. Entremeadas às informações 'técnico-científicas' ('se vamos da Terra para Júpiter, geralmente passamos por Marte ou Vênus, dependendo da posição que os planetas tenham no momento [...] A terra se movimenta com 106.000 km/h, Marte com 86.000 e Júpiter com 47.000 [...] A principal técnica está na tomada de contato com a camada etérea do planeta que queremos atingir), à terminologia específica (movimento sideral médio, conjunções, revoluções, eixo equatorial) e às representações gráficas de posições e movimentos de astros, aparecem no texto discussões metafísicas entre o autor e seu informante, sobre a essência de Deus e o significado da vida".[825]

Valendo-se das demais proposições de Aladino contidas no livro, Yokaanam previa duas calamidades para as próximas décadas: o surgimento de um novo Sol em nosso sistema solar e a eclosão da terceira guerra mundial. O novo Sol era para ele o planeta Bóhan, que vem em direção à órbita terrestre e ainda não foi avistado porque vem "navegando com as luzes apagadas", em função da "despolarização da excitação magnética", já que "a luz de um Sol passa a brilhar quando penetra em um campo magnético secundário como o nosso". Quando Bohán entrar na órbita terrestre, o povo amarelo — chineses e malásios — declarará guerra ao Ocidente. Serão quinhentos milhões de amarelos invadindo as Américas e a Europa, e a guerra se processará através de engenhos espaciais. "Então, nessa época, meus amigos, de acertos de contas, de toda parte, vamos ficar cercados de todos os lados pelo Sol negro e pelo povo amarelo, pelas tribulações de toda parte, para chamar a humanidade todinha às falas, e ninguém escapará. Então acontecerá aquilo que nós já avisamos também: dois terços da humanidade será banida! Porque ela se afastou do caminho das estrelas. A humanidade em sua maioria caiu na bossa nova, caiu no lodo e se esqueceu dos seus deveres para com Deus, para com Cristo. A humanidade atual será banida, só sobreviverão aqueles que estiverem em condições de permanecer na Terra, para constituir uma nova família, uma nova sociedade". Embora Yokaanam se refira aos chineses como um perigo para a humanidade, admira a Rússia — onde

[824] *Ibid.*, p. 79-81.
[825] *Ibid.*, p. 95.

dizia ter ido várias vezes quando piloto da Lufthansa — e o estilo de seu povo. Condena apenas o ateísmo oficial. Em entrevista concedida em 1966, recomenda que os norte-americanos abandonem o Vietnã — de Gaulle mediaria o conflito — e se aliem à Rússia, pois ambos os países enfrentariam os chineses em 1979/80. A data do conflito final foi sendo adiado por Yokaanam. *O Nosso*, de dezembro de 1971, já se referia a 1990. O motivo principal da destruição era a perversidade humana.[826]

A Cidade foi alvo de investigações realizadas pelo Exército em 1964, em decorrência do caráter socialista de sua organização, incidente esse logo superado.[827] Embora se afirmasse estatutária e manifestadamente apolítica, a Fraternidade efetivamente não o era. Usava de sua força eleitoral para conseguir recursos, exercendo grande influência no âmbito municipal e alguma no âmbito estadual. Devido à sua força política, as autoridades municipais, especialmente prefeitos e vereadores, estavam sempre presentes nas festividades e comemorações da Cidade, tratando Yokaanam e os demais membros com toda a reverência, e elogiando sempre suas realizações.[828]

Os membros da Fraternidade sentiam-se como os guardiães das verdades universais e responsáveis pela regeneração moral de toda a humanidade. As preocupações políticas de Yokaanam não ficavam circunscritas ao âmbito nacional. O mestre falava da Guerra do Vietnã e alertava para um possível expansionismo asiático. Identificava-se mais plenamente, como seria natural, com o Brasil — o qual é denominado, de acordo com a famosa frase do médium Chico Xavier, "coração do mundo, pátria do Evangelho" —, e em segundo plano com os EUA. Referia-se comumente aos dois governos mais importantes das Américas — Brasil e EUA. A este último cabia a responsabilidade maior — auxiliado pela URSS, Inglaterra e França — da contenção dos amarelos quando invadissem o Ocidente. Yokaanam dirigia suas profecias aos "governos dos mundo", sobre os quais julgava ter ascendência.[829]

O movimento de Aladino, em termos quantitativos e financeiros, chega a ser bem modesto comparado ao de Yokaanam. Ao contrário deste, Aladino não contou com seguidores prévios; as reuniões e os "cursos sobre discos voadores" no escritório do Prédio Martinelli é que propiciaram a arregimentação dos primeiros adeptos. Os encontros não evoluíram na direção de um movimento de massas, mas ficaram restritos a um pequeno círculo de seguidores e amigos. Com efeito, não adquiriu a conformação de uma sociedade organizacional, regida por normas e estatutos, beneficiária de recursos ou doações. As reuniões também eram de cunho científico, filosófico e altruísta, porém nada tinham de eclético-religiosas ou apolíticas. A única religião válida era a judaica[830] e a atuação no campo político era considerada essencial para que Aladino ascendesse ao poder, cumprindo as profecias. Ocorre, no entanto, que se por um lado Yokaanam não via na política uma forma direta de alcançar suas maiores pretensões, por outro valeu-se dela para viabilizar e consolidar o movimento. Um ponto em comum é que ambos pretendiam a unificação: Yokaanam de todas as religiões e Aladino das doze tribos de Israel. Ao mencionar a entrada de um novo Sol no sistema, a extinção de dois terços da humanidade e a ameaça do "perigo amarelo", Yokaanam deixa patente o quanto ficou impressionado com o conteúdo das revelações do "comandante espacial" transmitidas há mais de uma década a Aladino, a ponto de adotá-las e incorporá-las ao seu repertório. Certamente, um foi influenciado pela figura do outro. Primeiro Aladino, que já devia acompanhar as primeiras reportagens sobre Yokaanam na segunda metade da década de 40. Este iria descobrir o livro de Aladino, identificando-se de imediato com os ensinamentos e com o próprio autor, que em parte também havia se inspirado

---

826 *Ibid.*, p. 96-97.
827 *Ibid.*, p. 104.
828 *Ibid.*, p. 106-107.
829 *Ibid.*, 117-118.
830 Dentre as correntes do judaísmo contemporâneo (ortodoxa, conservadora, reformista e reconstrucionista), Aladino enquadrava-se na Reformista, pela ênfase aos valores proféticos do judaísmo e aceitação somente daquelas práticas judaicas que considerava relevantes aos tempos atuais.

em sua figura. Um processo reinterpretativo entrou em cena, com cada um dispondo de sua *praxes* a partir de elementos compartilhados.

A aversão ao espiritismo nutrida por Aladino chega a ser ambígua. Apesar de condená-lo peremptoriamente, proclamando-se "científico-materialista", soubemos por Raul que no início da década de 50 andou se exercitando na área. "Possuía ele um grupo de amigos que freqüentava a casa em virtude de sua mediunidade, muito acentuada. Minha mãe contou que, numa das sessões, Horácio, um espírito que costumava 'baixar' em meu pai, avisou que aquela seria a última vez que se manifestaria. Depois disso, meu pai nunca mais se envolveu com as práticas espíritas, dedicando-se apenas aos discos voadores".

O que não deixa dúvidas é a aversão ante o catolicismo. Aladino teria inclusive enfrentado ameaças de autoridades religiosas quando morava em Perdizes, segundo Edgar Alves Bastos. Uma carta da Cúria Metropolitana "recomendava" que não continuasse a publicar trabalhos com afrontas aos dogmas da Igreja, caso contrário sofreria as conseqüências. Certa noite, uma bomba explodiu na porta de sua casa. Edgar acusou: "Os religiosos não são o que parecem. Se eles acharem ser necessário matar para se manterem no poder eles matam mesmo. Não é só a Igreja Católica que age assim. Veja o caso do escritor Salman Rushdie, autor de *Versos satânicos*, jurado de morte pelos muçulmanos só por causa desse livro. A verdade é que as religiões temem serem desmanteladas, já que estão sem base nenhuma". Os problemas com a Igreja explicam porque Aladino não foi nem mesmo citado no livro *Brasil: nunca mais*, projeto conduzido e coordenado pelos arcebispos da Arquidiocese de São Paulo. A omissão é tanto mais grave se levarmos em conta que Aladino e seus seguidores foram praticamente os primeiros "terroristas" torturados pelo aparato repressivo que se solidificava. Apenas à página 116, numa tabela mostrando a atuação de diversos grupos de esquerda, vemos que uma "organização sem identificação" atuou em 1968. Muito pouco para um movimento responsável por quase metade dos atentados cometidos naquele ano em São Paulo. Durante os seus 16 anos de permanência em Goiás, foram tensas as relações entre a Fraternidade e a Igreja Católica. O clero da região não via a Cidade e seus líder com bons olhos.[831]

Rastreando a origem dos seguidores de Yokaanam, Negrão constatou que os adeptos da Cidade eram em sua maioria membros originários de ambientes tradicionais. Trinta e quatro vinham de cidades pequenas e vinte e seis do meio rural; cerca de 70% da amostra provinha de ambientes tradicionais rurais ou urbanos (cidades pequenas). Apenas 30% dos fraternários da amostra nasceram em grandes centros urbanos industrializados.[832] A maioria dos membros exercia ocupações manuais por ocasião de sua admissão ao quadro da Fraternidade: 69,4% do total de membros situam-se no nível ocupacional baixo.[833] Os indivíduos que se tornaram adeptos após o estabelecimento da Fraternidade em Goiás (membros não pioneiros) situavam-se na mesma categoria ocupacional dos indivíduos que se tornaram adeptos quando ela ainda estava no Rio de Janeiro (membros pioneiros); tanto num caso como em outro, tratava-se predominantemente de indivíduos de *status* ocupacional baixo, seguidos por indivíduos de *status* ocupacional médio, que representavam menos da metade dos primeiros.

O movimento messiânico de Yokaanam, embora aparentemente discrepante dos demais por ter surgido em uma cidade moderna e não em ambiente tradicional, não pode ser considerado excepcional. Se por um lado ligava-se aos meios urbano-industriais, por outro tinha raízes rurais. A Fraternidade resulta, portanto, do processo de êxodo rural de cidade pequena para cidade grande, que se acentuou a partir da década de 30, tanto em sua forma inter-regional como intra-regional.[834] A industrialização e a urbanização provocaram importantes mudanças sociais, instalando a sociedade de classes que passa a coexistir e a competir com a sociedade tradicional

[831] Negrão, Lísias Nogueira, op. cit., p. 118.
[832] *Ibid.*, p. 192.
[833] *Ibid.*, 209.
[834] *Ibid.*, p. 194-195.

preexistente, ou com ela combinar-se em graus variáveis, determinando a substituição de um sistema de relações sociais por outro.[835] O movimento de Yokaanam, derivado de uma crise de mudança social, vincula-se aos processos de industrialização e urbanização da sociedade brasileira. Seus adeptos eram egressos de meio tradicional e lançados, devido à alta mobilidade espacial acarretada por aqueles processos, ao meio industrializado. A crise, gerada pelo processo de mudança da sociedade brasileira e configurada pela inadaptação de indivíduos do meio rural ao estilo de vida moderno, manifestava-se através do repúdio aos valores e práticas sociais a este associados.[836]

Tais inferências podem ser perfeitamente estendidas aos seguidores de Aladino, em número ritual de doze. Cabe esclarecer que o termo "seguidores" é aplicado somente aos integrantes do "grupo terrorista", já que os "amigos" não participaram das ações. Todos os implicados eram brancos. Seis eram oriundos de cidades pequenas ou médias do interior de São Paulo (Cachoeira Paulista, Bragança Paulista, Taubaté, Cubatão e Mirandópolis), um da capital do Mato Grosso (Corumbá), um do interior de Minas Gerais (Cachoeira de Minas), e cinco da capital paulista. Seis possuíam instrução secundária, seis primária e nenhum deles curso superior. A média de idade girava em torno dos 28 anos (o mais jovem contava com 19 e o mais velho 54). Um era general do Exército, oito deles faziam parte da FP de São Paulo (um cabo, três soldados, um primeiro sargento, um segundo sargento e dois terceiros sargentos) e só três eram civis (um graniteiro, um estudante e bancário e um estudante e vendedor).[837]

Tabela
Perfil sócio-educacional dos seguidores de Aladino

| Seguidores de Aladino | Origem | Idade | Instrução | Profissão |
|---|---|---|---|---|
| Paulo Trajano da Silva | Corumbá - MT | 54 | secundária | general do Exército R/1 |
| Rubens Jairo dos Santos | Cachoeira Paulista - SP | 35 | secundária | 1º sargento da FP |
| Jessé Cândido de Moraes | Bragança Paulista - SP | 24 | primária | soldado da FP |
| Cláudio F. Pereira Lopes | Taubaté-SP | 24 | primária | 3º sargento da FP |
| Juarez N. Firmiano | Cachoeira de Minas -MG | 27 | secundária | 2º sargento da FP |
| Juracy Gonçalves Tinoco | São Paulo - SP | 29 | primária | 3º sargento da FP |
| Edson Vieira | Cubatão - SP | 24 | secundária | cabo da FP |
| Luiz Ataliba da Silva | Mirandópolis - SP | 23 | primária | soldado da FP |
| Sebastião F. Muniz | São Paulo - SP | 28 | primária | soldado da FP |
| Paulo Francisco Alves | São Paulo - SP | 22 | primária | graniteiro |
| Fernando R. Dimárzio | São Paulo - SP | 19 | secundária | estudante e bancário |
| Estefani José Agoston | São Paulo - SP | 29 | secundária | estudante e vendedor |

Fonte: Secretaria da Segurança Pública, DOPS, São Paulo, 20-11-1968, nº 30Z/160/316-323; Alcântra, Benedito Sidney. "I - Qualificação dos Indiciados", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 2-5; Montero, Armando, et alii. "Você vai ver todo o terror", in *Última Hora*, São Paulo, 21-9-1968, nº 5.118, suplemento especial.

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA
**Comment [1]:**

Faz sentido enquadrar o messianismo entre as religiões de salvação: gestado nas camadas sociais inferiores, busca a remoção das causas que oprimem os indivíduos, chegando inclusive, no caso de movimentos revolucionários ou subversivos, a pretender a eliminação da classe opressora.[838]

Destaquemos dois personagens do grupo: o sargento Rubens Jairo dos Santos e o soldado Jessé Cândido de Moraes. O primeiro era o mais instruído e por conseguinte o mais graduado,

[835] *Ibid.*, p. 198.
[836] *Ibid.*, p. 204.
[837] Fonte dos dados: Relatório de Inquérito do DOPS, elaborado pelo Delegado de Polícia Adjunto, Benedito Sidney Alcântara. São Paulo, 18-12-1968.
[838] Negrão, Lísias Nogueira, op. cit., p. 225.

excetuando-se Aladino e o general Trajano. Com 35 anos, Jairo era casado, pai de dois filhos, um tanto introspectivo, de aspecto misterioso, imodesto e inteligente. Sua personalidade está espelhada em uma carta dirigida a um companheiro Rosa-Cruz,[839] o "frater" Pércio Vanzelli, a quem declara: estar cursando canto no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo; ser professor de musicopiografia no Conservatório da Associação Musical Evangélica de São Paulo; ser copista e transpositor de música; ser técnico contábil, diplomado em 1961; ser conhecedor de hipnose; ser mal casado; ser pai de dois filhos chamados Adonai Ubyrajara e Adonis Guarani; ter sido secretário-geral do Centro Social dos Sargentos da FP do Estado no triênio de 1965 a 1967; ser conselheiro; ser uma usina ambulante, transformadora de tudo em felicidade. Jairo fez várias inferições elogiosas a Aladino, descrevendo-o como tradutor da *Bíblia* e das centúrias de Nostradamus. Apregoou que nas profecias deste último consta que o "intérprete da *Bíblia*" nasceria em São Paulo, na cidade de Lorena, e realizaria sua obra dos 39 aos 46 anos (1959 a 1966) e daí por diante, durante 7 anos (de 20 de maio de 1966 a 1973), Deus faria cumprir a promessa ao povo santo (doze tribos), isto é, procederia sua reunificação. Nesse ínterim, haveria uma torrente de acontecimentos, tais como: guerra civil no Brasil; queda do poder militar que dirige a nação; subida ao poder de um personagem imprevisto (Aladino Félix); guerra mundial, a terceira e a última, com extinção de dois terços da humanidade; reunificação das nações hebraicas dispersas pelo mundo; sede do governo mundial na cidade de Jerusalém, na pessoa de um personagem imprevisto (Aladino). No interrogatório a que foi submetido, contou que após ter lido os livros escritos e traduzidos por Aladino, ficara impressionado, ao ponto de desejar conhecer pessoalmente o autor, o que logo veio a acontecer. A partir de então, passou a ser doutrinado religiosa e politicamente por Aladino, adotando suas idéias e convicções anti-cristãs. Referiu-se a ele como alguém de elevada cultura, com cursos de física pela Universidade de Chicago, de pilotagem na Força Aérea Norte-Americana, de Teologia no Colégio de Minas Gerais, além de inventor de um plástico anti-radioatividade. Em função de suas convicções e qualificações, Jairo representava o elemento de proa no grupo. Era ele o principal aliciador de novos integrantes. Devotando grande admiração e estima a Aladino, procurava projetar esses sentimentos às outras pessoas, tornando-as igualmente fanatizadas, a ponto de deflagrarem atentados terroristas. Jairo acreditava piamente nas profecias forjadas por Aladino, nas quais se apresentava como o novo messias, reunificador das "doze tribos de Israel" dispersas pelo mundo, pronto a assumir o governo mundial na cidade de Jerusalém até o ano de 1973.[840]

O soldado Jessé Cândido de Moraes, 24 anos, casado e pai de um casal de filhos, pelos dotes de liderança e espírito audacioso, era considerado "lugar-tenente" e "ponta-de-lança" de Aladino. Doutrinado pelo "messias", com ele aprendia, nele acreditava e a ele obedecia. Elemento dos mais importantes no seio do grupo, Jessé fora também o seu desarticulador. Em sua ficha de antecedentes, constava ter sido indiciado em 26 de outubro de 1966, como agressor

---

[839] Há muito que a Fraternidade Rosa-Cruz-Amorc (Antiga e Mística Ordem Rosa-Cruz) desperta curiosidade graças ao mistério impenetrável que a envolve, exercendo fascínio sobre a imaginação das pessoas e transfigurando fatos que, em si, são meramente prosaicos. Embora o nome Rosa-Cruz tenha surgido entre os místicos em determinado período histórico e seja de aplicação limitada, seu significado original desapareceu; hoje é tido como equivalente de Mago, de Homem de Saber e outros termos gerais, e visto como designação adequada ao verdadeiro místico, quer este pertença ou não à Irmandade que inventou tal nome. O nome não adveio do seu suposto fundador, Christian Rosenkreuze. O nome refere-se simplesmente a rosa e cruz, uma vez que o símbolo da suposta Ordem era o de uma rosa crucificada no centro de uma cruz, geralmente de ouro ou de ébano. Tomadas separadamente, a rosa e a cruz são hierogramas antigos. Já a união dos dois símbolos é moderna — ou seja, subseqüente à Renascença e à Reforma. A história da Irmandade Rosa-Cruz propriamente dita começa na Alemanha onde, na cidade de Cassel, em 1614, o mundo dos alquimistas, dos teósofos, adeptos de Paracelsus e mestres da magia e misticismo, foi abalado pela publicação de um panfleto de modesta aparência mas de importância colossal. Continha a proclamação universal de certos homens anônimos, dotados de grande sabedoria e escolhidos por Deus para a renovação e aperfeiçoamento de todas as artes destinadas a instruir a humanidade quanto ao seu próprio valor e nobreza, e à revelação da verdadeira e oculta natureza do microcosmo (Waite, Arthur Edward. *As ciências ocultas: compêndio de doutrina e experimentação transcendental,* Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1985, p. 153-160).

[840] Alcântara, Benedito Sidney. "XVII - Personalidade e atuação do sargento Jairo"; in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 21-24.

de Rosa Gomes da Silva. Seu companheiro Paulo Francisco Alves contou que, certa vez, Jessé fora surpreendido escondido no forro de um estabelecimento comercial que estava assaltando, na estrada do Rio Verde. Apesar dos deslizes, foi aceito nas fileiras da FP de São Paulo. Interrogado, contou que em 1967 fora apresentado pelo sargento Juracy Gonçalves Tinoco a Aladino, com ele mantendo estreita amizade, dele recebendo ensinamentos sobre religião, política, etc. Aladino teria lhe revelado a existência de um plano revanchista contra o governo e, por isso, aderiu a prática de atos terroristas, dispondo-se a enfrentar a situação. Entretanto, o grupo vinha atravessando dificuldades financeiras, não lhe restando outra alternativa senão a de executar um assalto que contou com a participação de Pierino Gargano, Norival de Paula (vulgo Coriscão), Antonio Pereira (vulgo Baixinho) e de Gregório Cutcheravia (vulgo Ica). De posse da metralhadora furtada no QG da FP e de outras armas, efetivaram o crime. Jessé confessou ainda ter furtado, com a ajuda de Juracy, Cláudio, Juarez, Ataliba, Pierino e Paulo Francisco Alves (vulgo Paulão), bananas de dinamite na Pedreira Panorama, em Perus. Aladino os instruiu a combater os insurretos da FP, já que o presidente da República, em sua avaliação, não estava agindo convenientemente contra esses revanchistas. Agastado com a tolerância, pretendia forçar o governo a agir, provocando um conflito deste com os grupos de insurretos. Para tanto, Aladino resolveu criar um ambiente de agitação e de terrorismo nos órgãos governamentais até ao ponto em que os grupos conflitantes entrassem em choque, com o conseqüente desgaste dos adversários, o que proporcionaria oportunidade para que deflagrasse um golpe como Terceira Força, vindo a dominar a situação e a assumir os poderes governamentais. Haveria então a automática melhoria das condições de vida do povo, com a redução dos gastos com as Forças Armadas, dos preços das utilidades, dos impostos, etc.[841]

Os amigos de Aladino distinguiam-se totalmente dos seguidores. Com idade em torno dos 45 anos, de ascendência européia (incluindo os oriundos de tradicionais famílias judaicas), pertenciam a estratos sociais elevados e possuíam instrução superior. Eram eles: João Teixeira de Paula, Hénricus Jacobus Aloysius Maria Koersen, Sylvano Doll, Osmar Mesquita de Souza (advogado), Silvio Canuto de Abreu (proprietário da empresa J. B. Duarte, embaixador do Brasil no Japão, tradutor de grego), Wanderley Chagas de Oliveira, Reinaldo Livan Groede, Moysés Zveiter; Helmuth Alfredo Simon, S. Schmal e Edgar Alves Bastos (professor e comerciante). Na avaliação de Raul, o maior equívoco de seu pai foi o de ter buscado seguidores nos meios militares, policiais e em outros constituídos geralmente por indivíduos desprovidos de formação intelectual sofisticada. "Enquanto ele permaneceu pregando suas idéias dentro do círculo restrito de amigos, as coisas correram bem. O Canuto de Abreu, por exemplo, era de uma cultura extraordinária, possuía uma biblioteca gigantesca e falava vários idiomas. Quando era moleque, o Canuto quase sempre aparecia lá em casa com seu Impala, o carro de luxo da época. Ele mandava seu motorista particular nos levar para longos passeios no Parque Ibirapuera. Havia uma classe de pessoas que mantinham contato com meu pai só para discutir assuntos ligados a judaísmo, profecias, física espacial e discos voadores.[842] Assim que ele se aproximou desse pessoal da FP, os velhos amigos foram se afastando, em função do nível cultural discrepante. Os que acabaram presos não eram amigos, mas entusiastas da revolução política. Veja o caso do Edgar. Ele não foi nem mesmo interrogado, já que a amizade que mantinha com meu pai não visava o terrorismo, mas o aprimoramento intelectual".[843] Os amigos não concordavam com os

---

[841] IDEM, "XVIII - Considerações sobre o sargento Jairo"; "XIX - Personalidade e atuação do soldado Jessé", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 24-26.

[842] Raul confessou-nos que também já vira um disco voador, justamente na época em que a família estava escondida em Campo Belo, em 1969: "Eu não tenho problemas em falar disso porque o que eu vi na ocasião todos na cidade viram. Por volta das 19 horas, encontrava-me na praça principal, quando as pessoas começaram a correr e a apontar para o céu. Era um objeto esférico que projetava uma luz intensa. Para produzir aquilo seria preciso uns dez helicópteros juntos. Em questão de minutos o mesmo objeto foi visto em Belo Horizonte, onde provocou um blecaute, conforme noticiou a Imprensa".

[843] Indagado sobre como Aladino conseguiu aglutinar tantas pessoas em torno de si, Raul ponderou: "Considero que ele tinha uma capacidade extraordinária de polarizar idéias divergentes em conceitos convergentes. Sua

rumos tomados por Aladino, mas nenhum tinha coragem de questioná-lo. Edgar fora o único a fazê-lo, tentando mostrar-lhe que as coisas podiam não estar certas. "A turma toda estava de ouvido baixo e aceitavam sem discussão o que ele falava. Mas eu ainda argumentava na esperança de demovê-lo daquelas idéias".[844]

Situações históricas ou sociais adversas podem conduzir à crença de que as condições pré-existentes de felicidade, imaginárias ou não, serão restabelecidas, ou então que uma nova era de felicidade e perfeição absoluta será instituída. O milenarismo, exprimindo um desejo de renovação, consiste em motivação necessária à eclosão de movimentos sócio-religiosos que busquem a concretização do Paraíso terrestre almejado. O termo movimento não se restringe aqui apenas a convicções ideais; constitui atividades concretamente efetivadas.[845] A motivação religiosa, portanto, por si só não determina o surgimento do messianismo; é necessário que condições de vida insuportáveis venham despertar o desejo de superá-las. A religião serve para fornecer as justificativas da transformação social pretendida, ao mesmo tempo em que as sanciona. No que tange ao messianismo rústico brasileiro, a reação messiânica insurgiu da tentativa de reorganização social do estilo de vida tradicional e de superação do estado de anomia vivido pela sociedade em fins do século XIX e início do XX.[846]

No mítico ano de 1968, vários setores se insurgiram contra um sistema de vida fechado e controlado por elites, em que o destino vinha em decorrência de imposições exteriores. A idéia de um messianismo revolucionário não esteve restrito a grupos isolados, mas permeava o espírito de toda uma geração. O apocalipse era sentido como algo real e verdadeiro. Descobria-se de repente uma fórmula às dúvidas desarrazoadas e vagas que povoavam o espírito, que poderia haver "outra coisa do outro lado", que a vida não consistia necessariamente na aceitação de uma realidade única e irremediável. Tomava-se consciência, enfim, da possibilidade de uma alternativa a um modo de vida que até aí poucos tinham posto em cheque. E mesmo se naquela altura tal descoberta não fosse claramente definida, as perspectivas que se abriam provocavam uma poderosa e feliz vertigem. Até os conservadores mais arraigados chegaram a temer que algo falhara no projeto de continuidade, e que o futuro, tal como eles haviam planejado, não começaria.

Vivia-se sob o impacto de uma conjuntura açodada pelo acirramento de conflitos já não mais restritos às sociedades periféricas — onde o enfrentamento do colonialismo e das ditaduras assumia feições trágicas com a deflagração de processos de lutas e de guerrilhas. Os países centrais assistiam a explosão de uma onda de protestos comandados pela juventude. O fim da cultura ocidental parecia iminente. Nos EUA, um forte movimento de resistência pacifista contrapunha-se à guerra do Vietnã. A deserção e a desobediência civil assumiam dimensões de

---

oratória era poderosíssima. Todos que conversavam com ele se impressionavam. De uma hora para outra, se desligavam das coisas em redor e passava a vislumbrar um outro mundo, tamanha a riqueza de detalhes que ele conferia às idéias. De eruditos a simples curiosos, todos ficavam fascinados. Eu não me envolvia com aqueles fatos porque o meu mundo era outro. Ficava admirado com o modo dele escrever. Às vezes, ele me colocava de castigo ao lado de sua mesa. Podia ver então que entrava numa espécie de transe, estado em que permanecia durante várias horas. Das pessoas que freqüentavam a casa, haviam umas cinco ou seis que costumavam varar a madrugada. Antes de meu pai chegar, por volta das 19 horas, já tinha gente esperando por ele. De manhã, quando saía para comprar pão, o pessoal ainda estava lá. Minha mãe ficava nervosa, porque ao mesmo tempo que tinha de preparar o café para eles, tinha de nos aprontar para ir à escola. Ela resmungava e meu pai simplesmente dizia que não podia mandá-los embora. Muitas vezes, eu é que recolhia os livros deixados sobre as mesas. A sala estava sempre repleta de livros. Na casa da rua Artur Azevedo, éramos obrigados a passar pela sala sem fazer barulho, por causa das visitas. Se passássemos ali correndo, levávamos uma surra. Se houvessem carros estacionados na porta, era sinal de que teríamos de entrar na ponta dos pés para não atrapalhar. Meu pai era autoritário mesmo. Se alguém tentasse contar uma piada a ele era repreendido. Não admitia assuntos como futebol, por exemplo. Apesar disso, era brincalhão. Na televisão, uma das poucas coisas que gostava de assistir eram filmes de bang-bang. Nunca me envolvi no assunto literário dele, já que não tinha nível para discutir de igual para igual. Seria a mesma coisa se eu tentasse conversar com minha filha sobre os problemas da empresa. Portanto, nós nos acostumamos a ficar sempre quietos. Não podíamos participar das conversas, não dávamos palpites. Havia um desnível muito grande entre a cultura dele e a dos filhos".

[844] Ao mesmo tempo em que louva a figura de Aladino, Edgar deplora sua opção pelo terrorismo.

[845] Negrão, Lísias Nogueira, op. cit., p. 153.

[846] *Ibid.*, p. 234-235.

radical atitude política. O assassinato de Martin Luther King em 4 de abril, o mais importante líder do movimento pelos direitos civis, desencadeou a violência radical em mais de cem cidades. A capital viveu sob o toque de recolher durante uma semana. Surgia uma nova esquerda que explora o domínio da problemática pessoal ou de as reivindicações tidas como secundárias ou minoritárias — a libertação sexual, a luta dos negros, das mulheres, dos ecologistas, etc. O movimento *hippie* fervilhava, fazendo da sensualidade e da liberdade comportamental suas armas para combater a violência do *way-of-life* industrializado. O uso da droga como busca de novas percepções, o amor livre e a expressão artística assumiam um sentido "contracultural". A cultura, agora, estava posta a serviço da revolução. Novos símbolos e formas ganhavam corpo. Também na Europa, a radicalização assumia contornos inusitados. Entre 10 e 11 de maio, com a decretação da greve geral, vinte mil estudantes enfrentaram a Polícia na República do general de Gaulle. As ruas de Paris viram-se transformadas em cenário de uma verdadeira guerra civil. Era o auge da revolta estudantil. Atraindo a solidariedade da intelectualidade e do operariado, que deflagraria uma greve geral envolvendo dez milhões de trabalhadores, os estudantes franceses colocavam em prática novas formas de luta e de organização, questionando a um só tempo o *establishment* social e a política tradicional dos partidos de esquerda. "A imaginação no poder" era o grito dos que enfrentavam a repressão policial e o autoritarismo gaullista. Fatos semelhantes ocorriam na Itália, na Inglaterra e na Alemanha. No Leste, a insatisfação com os métodos das burocracias governamentais e partidárias despertava a oposição estudantil e operária, revelando sinais de desgaste no campo socialista. Na primavera, tanques do Pacto de Varsóvia desfilavam pelas ruas de Praga, atestando a disposição soviética de manter sob seu controle os rumos do socialismo europeu. No Brasil, a mobilização da juventude encontraria um ambiente marcado pelo desenvolvimento das contradições que a permanência no poder do regime de 64 traria. Aqui, se a repressão política logrou os efeitos desejados para a desarticulação dos movimentos populares, em relação à classe média, especialmente no setor estudantil e intelectual, restou uma relativa margem de manobra que permitiria, com o acirramento das feições autoritárias e antipopulares do novo regime, a expressão do movimento de massas.

Num livro de texto gongórico[847] — *Geopolítica do Brasil* —, e influenciado fortemente pelo esoterismo do qual era um adepto incondicional, o general Golbery, apelidado de "bruxo" pela sua condição de maior comprador de livros de magia do país — intermináveis listas de compras enviadas à livreiros do Rio de Janeiro —, descrevia o cenário no qual a ditadura militar brasileira estava inserida e comprometida: "No mundo de hoje, o antagonismo entre os EUA e a URSS, polarizando todo o conflito de profundas raízes ideológicas, entre a civilização cristã do Ocidente e o materialismo comunista do Oriente, e no qual se joga o domínio ou a libertação do mundo, arregimenta todo o planeta por seu dinamismo avassalador, ao qual não poderão escapar, nos momentos decisivos, os propósitos mais reiterados e honestos de um neutralismo, afinal de contas, impotente e obrigatoriamente oscilante. [...] Essa é a guerra total, permanente, global, apocalíptica — que se desenha desde há muito no horizonte sombrio de nossa era perturbada. E só nos resta, nações de qualquer quadrante do mundo, preparar-nos para ela, com determinação, clarividência e fé [...] Não basta a esses países dispor de um amplo arsenal nuclear de intimidação, resposta violenta e, por isso mesmo, exageradamente rígida, nem sempre aplicável no caso de ameaças limitadas. O que lhe convém é contar com forças militares organizadas, de preferência com elementos locais devidamente equipados e assistidos, reforçados, se necessário, por destacamentos dotados de armamento mais moderno e poderoso, e ademais disso, construiu um primeiro escalão de reserva geral, brigada de choque altamente móvel e superiormente equipada, capaz de atender no mais curto prazo, aqui ou acolá, como bombeiros internacionais

[847] Relativo a Luís de Góngora ou ao gongorismo, escola espanhola de poesia inspirada no modelo de Luís de Góngora y Argote, poeta espanhol (1561-1627), e caracterizada por um excesso de metáforas, antíteses, inversões, trocadilhos e alusões clássicas

de uma nova estirpe, aos focos de perturbação instigados pelos comunistas ou as ameaças de ataque, tanto da Rússia como da China, no amplo perímetro do mundo livre...”.[848]

Frente a esse contexto de Guerra Fria, encarado pelos sequazes de Aladino como “caótico e decadente”, o movimento tomava forma, destoando de todos os demais. Era um “corpo estranho”, que não podia ser situado nem à direita ou à esquerda, mas que carregava em seu bojo as mesmas aspirações de mudança. Pugnavam pela extinção da ordem prevalente e pela reunificação das doze tribos de Israel, os quais provocariam, inexoravelmente, o surgimento de uma sociedade perfeita, cuja sede seria em Jerusalém.[849] O messias era aquele homem de linguagem mística, misteriosa, cheia de detalhes conspiratórios, sobre quem pairava uma nuvem de clandestinidade. Megalomanias quixotescas, propostas fantásticas de alteração da ordem global, estratégias logísticas e militares exerciam imenso fascínio na mente de uma camarilha de “discípulos” dispostos a seguir o mestre.

O conceito messiânico, em seu significado mais difundido, se formou na luta do povo de Israel contra seus vizinhos e adquiriu conotação definitiva quando do cativeiro na Babilônia. Não obstante, babilônicos, egípcios e a religião de Zoroastro já haviam produzido mitos tipicamente messiânicos. Mas foi no judaísmo que a noção adquiriu sua definição plena.[850] O messias é o personagem concebido como um guia divino que deve conduzir o povo eleito ao desenlace natural do desenrolar da história, isto é, à humilhação dos inimigos e ao restabelecimento de um reino terreno e glorioso para Israel.

De modo a “tolerar a história”, ou seja, a resistir às derrotas militares e humilhações políticas, os hebreus interpretavam os eventos contemporâneos através do primitivo mito heróico-cosmogônico, que apesar de admitir a vitória provisória do dragão, acima de tudo implicava na extinção final do dragão, vencido por um rei-messias.[851] Na acepção de Eliade, o messianismo não produz a valorização escatológica do tempo: o futuro é que se encarrega de regenerar o tempo, de restaurar sua pureza e integridade originais. O *in illo tempore* encontra-se situado não apenas no princípio do tempo, mas também no seu final. O messias assume o papel do rei como Deus, ou de representante da divindade na Terra, cuja missão principal é a periódica regeneração da natureza. Sob “pressão da história”, e com o apoio da experiência profética e messiânica, uma nova explicação dos acontecimentos históricos nasce entre os filhos de Israel. Sem renunciar ao tradicional conceito de arquétipos e repetições, Israel tenta “salvar” os acontecimentos históricos, considerando-os como sinais da presença de Yahveh na terra de Israel. Assim são tolerados porque resultantes da vontade de Yahveh e necessários para a salvação final do povo escolhido. Com a chegada do messias, o mundo será definitivamente salvo e a história deixará de existir.[852]

Analisando o termo, Max Weber e Paul Alphandéry chegaram a definições muito próximas, de que o messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, para corrigir a imperfeição do mundo e implantar o Paraíso terrenal. Investido de papéis religiosos e sociais, o líder goza de tal *status* não porque possui uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas ou estáticas, conferem-lhe autoridade; tratar-se-ia, pois, de um líder essencialmente carismático. Weber define a liderança carismática em oposição à liderança tradicional e à burocrático-legal. Nesta última, as leis são racionalmente formuladas, isto é, decorrem do raciocínio objetivo diante de uma realidade. Na carismática, as leis são impostas aos comandados porque estes acreditam nas qualidades sobrenaturais do líder; não há nenhum exame racional ou objetivo da realidade, mas as ordens são acatadas devido às relações afetivas e

848 Mir, Luís, op. cit., p. 250-251.
849 Ao contrário das religiões institucionalmente organizadas, o objetivo central do milenarismo não é só a salvação de almas individuais, mas a construção de uma cidade celestial para o “povo escolhido”.
850 Queiroz, Maria Isaura Pereira de, op. cit., p. 3.
851 Eliade, Mircea. *O mito do eterno retorno*, São Paulo, Mercuyro, 1992, p. 40.
852 *Ibid.*, p. 97.

irracionais entre líder e comandados. Seja reencarnação de divindade ou de herói, o messias é uma categoria dentro da classe dos profetas: é o profeta com um destino político a cumprir, segundo o sentido do termo no seu nascedouro, isto é, na religião do povo judeu, em que Profeta e messias se diferenciavam dos sacerdotes. Estes reclamam autoridade porque estão a serviço de uma tradição sagrada; os dois primeiros trazem a mensagem de fora da tradição sagrada, inspirados diretamente pela divindade, e não auferida através de cargos que ocupem na hierarquia religiosa.[853] Weber partiu da situação da antiga Israel,[854] mostrando que, quanto mais privado de autonomia política, mais fortemente se desenvolveram as esperanças da vinda de um reino messiânico para converter a posição de dependência política à posição de dominador do mundo, pois foram "chamados e escolhidos por Deus não para uma posição de pária e sim para uma posição de prestígio".

A história de Israel é profusa em acontecimento que afetam não só a nação, como também, e principalmente, o povo. Repleta de vicissitudes alternadas com períodos de prosperidade, o ritmo de sua história é cíclico: à formação da legenda messiância segue-se o tempo de espera; o aparecimento do messias dinamiza a legenda, que dá lugar ao movimento, isto é, à formação de um grupo; e, quando o movimento termina, recomeça o tempo de espera, que poderá ser ou não vivificado por novo aparecimento. O esquema do movimento é semelhante. Um eremita, um peregrino, um visionário, cujas qualidades extraordinárias são atestadas pela realização de milagres, pela renúncia ao mundo e seus bens e por sacrifícios de toda ordem, põe-se a pregar de aldeia em aldeia. Depois de várias andanças, localiza uma cidade ou vila, que proclama ser a capital de seu reino (no caso dos movimentos políticos), ou a Nova Jerusalém (no caso dos movimentos sociais), da qual será ao mesmo tempo o rei ou autoridade civil suprema, o pontífice, a autoridade religiosa máxima. Junto ao líder, um grupo organizado de discípulos ou apóstolos, algumas vezes em número ritual de doze, como no caso de Aladino, serve de intermediário entre ele e os simples fiéis. E é por determinação do messias que os adeptos se elevam ou não a tal posição.[855]

Da África ao Oceano Índico também existem, com várias modalidades, a crença (muito semelhante às dos heróis culturais norte-americanos), num Deus que habitara entre os homens, se zangara com estes e partira, devendo voltar um dia. A chegada dos colonizadores tornou mais estreita a ligação entre o mito do regresso do herói — que só ocorreria depois da prévia expulsão dos brancos — e a idéia de uma Idade de Ouro indígena. A lenda do advento do Paraíso, que incluía, anunciando os novos tempos, catástrofes como o dilúvio, tremores de terra, chuvas de fogo, eclipses, apresenta aquela condição como imprescindível. As pesquisas etnológicas revelaram a existência de crenças messiânicas — não vinculadas ao contato com os brancos — entre populações primitivas, demonstrando sempre a mesma insatisfação com o mundo presente e o desejo de reformá-lo. O herói cultural é semelhante ao messias do Ocidente: ambos retornarão para introduzir no mundo uma nova era regenerada e feliz.[856]

O que diferencia o milenarismo do messianismo é a forma pela qual a busca do milênio é realizada. No messianismo, o líder carismático rompe a cadeia das antigas relações sociais e propõe uma nova hierarquia, calcada em princípios religiosos. Ele é o catalisador da insatisfação social e propositor de soluções capazes de mobilizar os descontentes.[857] A consciência de que as condições insatisfatórias se originam da própria ação humana é fundamental, já que dela deriva a

[853] Queiroz, Maria Isaura Pereira de, op. cit., p. 4-6.
[854] Israel era uma comunidade nacional constituída de doze tribos, cujos patriarcas eram os doze filhos de Jacó. Mais tarde, bipartiu-se, ficando treze povos reunidos. Não havia, contudo, um rei ou qualquer outra forma de governo visível. Somente o Senhor era considerado rei de Israel, e as suas leis estavam gravadas unicamente nos livros de Moisés. Ninguém tinha o direito de impor regulamentos ou de exigir de seus irmãos procedimentos contrários, em essência e substância, àqueles contidos na *Torá*. Havia apenas juízes, condutores do povo, suscitados por Deus, que julgavam os problemas e os destinos da comunidade.
[855] Queiroz, Maria Isaura Pereira de, op. cit., p. 105-106.
[856] *Ibid.*, 12-14.
[857] *Ibid.*, p. 156-157.

noção segundo a qual a mudança do mundo depende também da ação dos agentes sociais. Assinala Queiroz que "os fiéis sempre tem um papel ativo a desenvolver e portanto uma responsabilidade: se não obedecem ao messias ou obedecem ao mal, o reino celeste não se instalará sobre a terra.[858] O reino messiânico (milênio) está no futuro, mas sua vinda é apressada pelas atividades exercidas de acordo com as regras impostas pelos messias.[859]

No relatório do DOPS, o delegado de Polícia Adjunto, Benedito Sidney Alcântara, com base em depoimentos e documentos, traçou um perfil extremamente acurado de Aladino, que se encaixa na tipologia de líder messiânico: "Trata-se de um homem de tez morena, de estatura mediana, de sobrancelhas cerradas, com dentes grandes e separados, com 48 anos de idade, sétimo filho de um casal de portugueses, de maneira simples, mas imbuído da crença de ser 'O Escolhido' para na Terra reunir as doze tribos de Israel e depois governar os hebreus, único povo que se salvará da destruição mundial, preconizada no Apocalipse. Tudo isso consta de seus livros editados em várias edições. Em um deles assevera que os chamados 'discos voadores' vêm de Júpiter, planeta habitado por uma raça superior que virá em socorro dos hebreus, conseguindo estes escapar da maldição divina, enquanto os demais povos perecerão nas chamas, por serem impuros e se originarem de Vênus, Marte, Saturno e outros planetas considerados de categoria inferior. Alega que Jeová, na figura de um guerreiro jovem e forte, que tem na mão direita uma espada, costuma acordá-lo, puxando-o pelas pernas, (*sic!*) para adverti-lo de sua destinação para reunificar as doze tribos de Israel, o que acontecerá com sua ascensão final antes do ano 2000. No edifício América, nesta capital, sala 2.123, Dinotos possui um escritório com cerca de cinqüenta cadeiras dispostas em círculo, onde ministrava cursos sobre 'discos voadores' e sobre assuntos religiosos. Em ocasiões oportunas desviava o assunto e abordava questões políticas. Inegavelmente é dotado de notável inteligência e de apreciável cultura geral. Pode mesmo ser considerado um autodidata, possuidor de manifesta agilidade mental, que lhe permite responder perguntas rapidamente, com argumentação convincente. Seria ele mescla de gênio e louco, visionário, um místico, um paranóico, um mitomaníaco, um profeta, ou então nada mais do que um grande charlatão? Somente um exame psiquiátrico poderia revelar essa personalidade de tão estranhas qualificações. Destarte, forçoso é reconhecer seu forte poder de persuasão, conseguindo arregimentar seus homens, doutrinando-os inicialmente com assuntos referentes a 'discos voadores' e questões religiosas, para depois dominá-los mentalmente, deixando-os à sua mercê. Com sua eloqüência mística atraía adeptos e seguidores incondicionais. Passava então a ser o Chefe, o Conselheiro, o Sábio, digno de ser admirado e obedecido. Os elementos de seu grupo, mesmo depois de presos, não aceitam a hipótese de ser Dinotos um débil mental. Dizem que possuem fortes motivos para nele acreditarem e por isso o defendem a todo momento. Dinotos com facilidade convencia a todos, dizendo ser íntimo de figuras importantes do governo. Realmente, conhece muita gente e mesmo conseguiria circular em áreas elevadas das administrações estaduais e federais. Suas palavras eram recebidas com reservas pelas autoridades, porém, não eram desprezadas e, em decorrência delas, foram tomadas providências acauteladoras em favor da segurança no país".[860]

Ante o conteúdo do relatório elaborado por Aladino, o delegado toma-o como um "visionário com fértil poder imaginativo". Expedindo conceitos duvidosos e externando situações reconhecidamente existentes, impressionava a qualquer pessoa que se dispunha a ouvi-lo. O cabedal de conhecimentos que desfilava acerca dos mais variados assuntos, principalmente os atinentes às esferas reservadas de poder, tornava-o um homem ao mesmo tempo temido e respeitado. Com tantas qualificações, passou a ser encarado como um elemento de utilidade em prol da segurança nacional. De início atraía seus correligionários com a isca dourada dos

---

[858] Negrão, Lísias Nogueira, op. cit., p. 226.
[859] *Ibid.*, p. 154.
[860] Alcântara, Benedito Sidney. "VIII - Descrição dos principais criminosos", in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 13-14.

assuntos referentes a “discos voadores”. Cooptados, eram conduzidos e doutrinados politicamente, transformando-se em instrumentos úteis, facilmente manejados pelo “Escolhido de Jeová”. Em seus contatos com oficiais do Exército, tentava contagiá-los, e graças aos informes que difundia, encontrava certa receptividade.[861]

O delegado adjunto do DOPS concluiu por fim que Aladino pretendia desferir seu golpe particular como “Terceira Força”. Numa apreciação atenta ao conteúdo do inquérito, depreendeu que a maioria dos indiciados devotava-lhe estima e admiração e dedicavam-lhe obediência cega: “Nele acreditaram, aceitaram suas idéias alarmantes, expostas de forma austera e convincente. Ao ler os autos parece-nos estar ouvindo ‘Dinotos’ dirigir-se aos discípulos nestes termos: ‘O Brasil encontra-se na iminência de uma luta fraticida — Mister se torna fazer algo para evitar o choque entre irmãos — Só mesmo provocando atos destinados a arrefecer os ânimos dos insurretos — Por isso, vão e façam explodir... bombas em tais e tais lugares — O governo ver-se-á na contingência de adotar represálias, impondo um regime forte, desviando, dessa forma, o Brasil do abismo a que está caminhando — Vamos evitar os assassinatos do presidente da República e de outros mandatários da nação — Evitemos ainda o retorno de políticos cassados, que pretendam levar o Brasil ao regime comunista’. No entanto, senhores membros do Conselho, quer nos parecer que a verdade era outra. Deduz-se que o senhor ‘Sábado Dinotos’, possuindo um conceito exagerado de si mesmo, com manias de perseguição e ao mesmo tempo de grandeza, crendo naquilo que inventou, criou também uma idéia falsa sobre movimentos contra-revolucionários. Dirigiu denúncias graves aos mandatários do país. Instou uma onda de agitação, levando intranqüilidade ao povo brasileiro. Tudo isso fazia parte de seu plano diabólico e tudo lhe agradava como vinha se desenvolvendo, pois, num conflito armado, os grupos em choque iriam desgastar-se, proporcionando-lhe a oportunidade de desferir um golpe como Terceira Força, vindo assim a dominar a situação e, conseqüentemente, assumir os poderes governamentais, atingindo a cobiçada chefia do governo. Para seu desiderato, resolveu Dinotos criar um ambiente de agitação e de terrorismo nos órgãos governamentais, de maneira a trazer a inquietação geral. Caso bem sucedido em seus sorrateiros propósitos, prometia reduzir os gastos com as Forças Armadas, reduzir os preços das utilidades e oferecer melhores condições de vida ao povo, tirando o Brasil da situação de miséria em que se encontra. Galgando o cetro mundial, estaria cumprida as profecias contidas na sua tradução das centúrias de Nostradamus, e isso teria que acontecer até o ano de 1973. Pois bem, senhores julgadores, os discípulos de Dinotos acreditaram em todo esse engodo e, com essas concepções em mente, se dispuseram a cometer uma série de desatinos, que, em seus julgamentos, eram tidos como admissíveis e até de elevado espírito cívico. Sinceramente, acreditavam que estavam absolutamente certos, pensavam que estavam prestando um grande serviço à pátria, por ela expondo suas vidas, sacrificando suas famílias”. [862]

## 7. Pseudônimos e Identidades

A personalidade é definida como o conjunto das maneiras de ser do indivíduo humano; conjunto, pois, de sua vida psíquica. Objetivamente considerada, é o caráter; subjetivamente, é a consciência do próprio eu. Composta de corpo e alma (psique), aquele subdividido em tecidos e órgãos com funções determinadas, e esta em faculdades e estruturas, há de a educação cuidar de cada uma das diversas partes que a integram. A personalidade não é petrificada e inalterável, pelo contrário; evolui e se transforma de modo dinâmico, influenciada por fatores hereditários e mesológicos.

---

[861] IDEM, “X - Considerações sobre ‘Dinotos’ ”, in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 15-16.

[862] IDEM, “XXVIII - Conclusão”, in Relatório de Inquérito do DOPS, São Paulo, 18-12-1968, p. 43-44.

Ao assumir a identidade de Kraspedon, o bancário aposentado Eddie van Blundht, nascido em 1904, necessariamente teria também de alterar a sua personalidade em todos os aspectos que esta comporta. Não foi o que fez, destarte. Nas declarações prestadas à revista *Istoé*, em agosto de 1995, cometeu erros crassos que já denunciavam o engodo, urdido por Wolfgang Mengele e escorado por Rhalah Rikota.

Instada por Wolfgang, sem ao menos averiguar a procedência da história, a repórter escreveu: "Em 1957, com o pseudônimo de Dino Kraspedon, Blundht lançou com seus próprios recursos o livro *Contato com os discos voadores*, em uma edição modesta com apenas trinta exemplares (*sic!*). O tempo passou, o livro ficou esquecido na poeira dos sebos paulistanos e o autor quis sossego". Lemos aqui a primeira grande aberração. Qualquer um sabe que nenhuma gráfica aceita imprimir apenas trinta exemplares. Raul corrigiu a tiragem, que na verdade foi de três mil exemplares. "Quando a gráfica descarregou *Contatos com os discos voadores* lá em casa, formaram-se pilhas de livros, com dez volumes cada".[863]

A matéria prosseguiu contando que, em 1993, Blundht teve uma surpresa: "Recebeu em sua casa o médico e ufólogo britânico Ian Rankin, interessado em mecânica de discos voadores, com um exemplar da sexta edição inglesa do seu livro. À sua revelia a obra foi traduzida e editada na Inglaterra pelo editor Neville Spearman, em 1958,[864] e mais de seis mil exemplares foram vendidos desde então. 'Fiquei muito surpreso. Nunca recebi nada, nem fui comunicado que meu livro foi vendido no exterior. O sucesso na Inglaterra foi tão grande que a revista *Flying Saucer Review*, que publicou capítulos do livro na época, editará novos extratos ainda este ano. 'O livro é valioso para quem se interessa por discos voadores', diz Gordon Creighton. A revista, editada há 40 anos, chega mensalmente ao Palácio de Buckingham e tem como assinante o duque de Edimburgo, marido da rainha Elisabeth II". A nós não surpreende que Blundht nunca tenha recebido nada da Inglaterra, já que não é o autor do livro. Esclarece Raul: "Logo depois que saiu a reportagem na *Istoé*, minha irmã telefonou para uma correspondente da Rede Globo em Londres. Ela apurou que na verdade o livro não estava disponível nas livrarias. Em seguida, estive no consulado da Inglaterra e lá me forneceram documentos mostrando que essa editora havia oficialmente fechado em 1988". Em maio do ano anterior, Raul havia escrito uma carta à editora, comunicando um tanto tardiamente a morte de seu pai. "De lá para cá não lidamos mais com isso, porque nós nunca nos envolvemos com os assuntos de meu pai". Raul guarda algumas cartas que Aladino recebeu da Inglaterra. Numa delas, endereçada a "mr. Kraspedon", o editor dizia entre outras coisas que não seria possível publicar a *Órbita da Terra e a gravitação* em separado e que *Contatos com os discos voadores* havia tido uma boa repercussão no seu país. Comunicava ainda que o livro estava sendo vendido não só na Inglaterra, mas também na Dinamarca, na França e na Alemanha. Apesar disso, relembra Raul, "a quantia enviada era ínfima, e minha mãe às vezes se zangava porque precisávamos de dinheiro e meu pai não se importava em cobrar. A última remessa de dinheiro ocorreu em 1969". *Istoé*: "Blundht nunca freqüentou a comunidade de ufólogos. Meses antes de seu encontro com Ian Rankin, entretanto, o ufólogo paulistano Wolfgang Mengele localizou o autor do livro que tanto o fascinou na década de 60. Ninguém suspeitava no meio ufológico que Dino Kraspedon ainda estivesse vivo e lúcido. E que por trás do pseudônimo se escondia um funcionário aposentado da Caixa Econômica do Estado de São Paulo. O livro ganhou uma segunda edição brasileira há 3 meses e agora P. se prepara para se apresentar em outubro no Congresso Internacional de Ufologia, em Curitiba".

Fica caracterizado que um dos interesses da reportagem era a de promover José e a "segunda edição" do livro, tendo em vista um Congresso que se aproximava. Aliás, ao

---

[863] Raul ainda se lembrava de ter visto seu pai desenhando as figuras contidas nos livros *Contatos com os discos voadores* e a *Órbita da Terra e a gravitação*. "Nós brincávamos com as canetinhas e as tintas nanquim dele. Ele mesmo elaborou aquelas figuras representando o Sol e os planetas".

[864] O título em inglês é *My contact with flying saucers*.

empregarem o termo "segunda edição", incorreram num dos erros mais graves, já que a segunda edição, como já o dissemos, fora lançada por Aladino em novembro de 1957. Mas era o quadro "Subversivo das estrelas", incluída na matéria, que trazia as maiores contradições e aleivosias: "Depois do golpe de 1964, o livro *Contatos com os discos voadores* foi recolhido por oficiais da Aeronáutica das livrarias de São Paulo. Blundht chegou a ser detido e levado ao Ministério da Guerra (atual Ministério do Exército), que ainda funcionava no Rio de Janeiro. Interrogado por quinze oficiais, ele foi libertado graças a um irmão general, com a condição de nunca mais falar sobre ETs. A causa do transtorno teria sido uma carta da Academia de Ciência Soviéticas à sua editora, informando que traduzira o livro para o russo. A perseguição teve repercussão no exterior. 'Quando o escritor foi acusado de terrorismo, publicamos artigos mostrando que tentavam acabar com sua credibilidade', conta Gordon Creighton, editor da revista inglesa *Flying Saucer Review*. Na Inglaterra o livro também fez sucesso entre os aeronautas. O britânico Michael George Mausell, engenheiro aeronáutico que há 27 anos mora no Brasil, leu em 1961 a edição inglesa na biblioteca da companhia Havilland Air Craft, uma velha fabricante de aviões extinta em 1994. Mausell, hoje professor de aerodinâmica da USP de São Carlos, atesta que as noções de física no livro são extremamente coerentes. 'Têm tanta lógica quanto as da física convencional' ".

Entrevemos uma tentativa confusa de atribuir a Blundht os fatos políticos originalmente relacionados a Aladino. Cumpre retificar que o livro nunca foi recolhido por oficiais das livrarias (nem seria preciso, pois segundo eles não haveria mais do que trinta exemplares...). Pelo que apuramos, Blundht nunca fora interpelado por nenhum oficial.[865] Creighton, ex-cônsul inglês em Recife, demonstrou o quanto andava mal informado, confundindo Blundht com Aladino e pensando que as acusações de terrorismo eram infundadas. Posteriormente, várias publicações ufológicas iriam, desavisadamente, fazer constar em suas páginas as mesmas inverdades propaladas por Blundht e Mengele.

Um folheto de propaganda da "segunda edição" de *Contatos com os discos voadores*, comercializada pelo Centro de Pesquisas Ufológicas Dino Kraspedon (CPUDK), de Uberaba, Minas Gerais, fundada e presidida por ninguém menos do que Wolfgang Mengele, começou a ser distribuído por volta de setembro de 1995: "*Contato com os Discos Voadores*. Esse é o nome do mais impressionante relato científico já escrito na história da ufologia e que agora está sendo impresso em segunda edição no Brasil, após 38 anos de seu lançamento. Editado em 1957 e recolhido pela repressão 3 anos mais tarde, (*sic!*) o livro escrito por Dino Kraspedon, pseudônimo de um ex-funcionário da Caixa Econômica Estadual de São Paulo que hoje reside em Minas Gerais, descreve os contatos mantidos pelo autor com extraterrestres em 1952. De alto valor científico e contendo revelações extremamente avançadas e surpreendentes para a época, a obra foi publicada em seis edições na Inglaterra, levada para a Academia de Ciências Soviéticas, onde um volume foi distribuído para cada membro, e hoje também está entre os livros de ufologia mais vendidos nos EUA. Mas, por conter informações inéditas sobre ciência e tecnologia e tratar de assuntos proibidos durante a ditadura militar, Dino Kraspedon teve seu livro recolhido e ainda foi 'convidado formalmente' a manter sigilo sobre o seu conteúdo. [...] Para garantir um exemplar da reedição de *Contato com os Discos Voadores*, o CPUDK está vendendo o livro através da (segue endereço)". O folheto — que não deixa dúvidas quanto a suas intenções puramente comerciais — registra outra grave contradição. Se antes haviam dito à reportagem da *Istoé* que o livro fora recolhido depois do golpe de 64, agora essa data era antecipada para 1960.

No intuito de restabelecer a verdade histórica — ciosos que somos por ela —, passaremos a apresentar provas documentais incontestáveis de que Blundht não é e nem nunca foi o autor de

---

[865] Um documento assinado pelo então Diretor Técnico do Arquivo do Estado de São Paulo, o historiador Nilo Odália, declara que não foi encontrado nenhuma referência a Eddie van Blundht nos arquivos do DOPS, em pesquisa preliminar realizada, através de fichas remissivas.

*Contatos com os discos voadores*. Pouco meses antes de sua morte, em 13 junho de 1996, nos correspondemos com o médico e pioneiro da ufologia no Brasil, Walter Karl Bühler,[866] com quem Aladino estivera ligado na década de 50, conforme registra o livro *A Antigüidade dos discos voadores*: "Quando nada, pessoas que tiveram experiências com discos voadores e que preferiam conservar o seu silêncio, conhecemos às dezenas. Até em que profundidade eles penetraram no problema? Impossível saber. Sabíamos que tais pessoas poderiam contar suas experiências se encontrassem um ambiente discreto e amigo, que lhes desse ouvidos. Em 1956 o Autor, juntamente com o dr. Walter Bühler, médico da Policlínica do Rio de Janeiro, começou a organizar, naquela cidade, uma sociedade que fosse composta de pessoas sérias. Ali as pessoas poderiam contar suas experiências sem sofrerem qualquer ordem de vexame ou de pressão. Se não quisessem aparecer, poderiam fazê-lo por escrito e remeter anonimamente...".

Segue transcrição textual da carta de Bühler datada de 22 de outubro de 1995: "Quanto ao sr. Dino Kraspedon (Aladino Félix), há pouco recebemos propaganda comercial, dando conta da reedição do livro de Dino. Isso nos causou estranheza pois a dita propaganda era muito formal, não se fazendo acompanhar de algumas linhas, a nós dirigidas, afinal tivemos no passado um bom relacionamento com Dino, especialmente intenso (veja *Boletim Informativo da SBEDV* n^os^ 72/73, p. 140), nos anos 1957 e 1958, após a fundação da SBEDV. Agora, através de sua carta estamos começando a entender a situação 'real': a pessoa que se faz passar por Dino deve ter outro objetivo em mente — não é de faturar alguns 'reais', pois as editoras não se interessam pelo assunto UFO e nem os livros rendem tanto assim. Se a matéria UFO está sendo hostilizada pela política dos governos, devemos suspeitar que os serviços de 'desinformação' têm algumas coisas em mira com essa reedição. Em se tratando de outra pessoa (e não de Dino) que edita o livro, é facilmente descoberto pela comparação da escrita, das impressões digitais, da conformação craniana, pela família (de Dino). A nós, Dino parecia pessoa corajosa, inteligente, porém impulsiva, a lutar para alcançar os seus objetivos, não medindo conseqüências — e isto em matéria hostilizada e 'minada' (até hoje) por todos os serviços secretos, o que envolve grandes riscos para o ufologista civil e apolítico... Assim, a pessoa que se envolve com a ufologia, por trabalhar em terreno 'minado e escorregadiço', deve ser dotada de extrema paciência — e nunca determinada a querer vencer rapidamente e de qualquer maneira dado obstáculo. Seria extremamente perigoso a pessoa deixar-se seduzir e procurar apoio na política, especialmente em tempos extraordinários ou de sítio. Parece que Dino Kraspedon enveredou para estes caminhos o que o prezado missivista com facilidade poderá computar pelos recortes de *UH* de São Paulo, pois o *Boletim Infomativo da SBEDV* n$^{os}$ 72/73, editado no início de 1970, deu conta de nossa surpresa com a atividade terrorista de Dino e sua prisão (perante a sua família e filhos)".

Complementou Bühler em carta datada de 12 de novembro de 1995: "O nosso convívio com o último, embora proveitoso para as duas partes (leia-se a eletrizante 'mesa redonda' na qual Dino participou (transcrita no *Boletim Informativo da SBEDV*) nossos contatos eram curtos, medidos em minutos ou horas, mais longos quando Dino pernoitava em nosso apartamento no Rio de Janeiro. Embora eu tivesse acompanhado Dino a um encontro com Dom Hélder Câmara (no Rio), não sei ou não me lembro das suas idéias a respeito de religião, embora ache que teve uma educação em seminário, para colégio de padres. Também pouco me preocupava com a dinâmica psicológica básica de Dino que o induziu a falsear (ou aumentar) posteriormente o seu

[866] O médico Walter Karl Bühler, cujo nome se confunde com a própria história da ufologia, começou seus estudos em 1950, sendo um dos pioneiros na área. Durante três décadas esteve à frente de uma das mais bem conceituadas organizações internacionais de pesquisa, a Sociedade Brasileira sobre o Estudo dos Discos Voadores (SBEDV), tendo a oportunidade de pesquisar centenas de casos de contatos, dos quais boa parte foi publicada no *Boletim da SBEDV*. Bühler também é autor do *Livro Branco dos discos voadores*. O *Boletim da SBEDV*, muitas vezes com mais de cem páginas de pura pesquisa, era leitura obrigatória entre ufólogos de organizações internacionais. Graças à sua sede incansável busca de novos casos, tomamos conhecimento de importantes contatos imediatos como os de Villas Boas, da Sagrada Família, de Mirassol, etc. Na época em que nos correspondemos, Bühler estava com 80 anos e vivia a maior parte do tempo recluso no seu sítio em Morro Azul do Tinguá, interior do Rio de Janeiro, dedicando-se a tradução de livros e ao estudo do fenômeno OVNI.

relato original [...] Naturalmente haveria em Dino uma incoerência 'flagrante' na parte psicológica, provavelmente por causa de seu egocentrismo, pois é inconcebível que uma pessoa que mexe com a ufologia, assunto hostilizado pelos governos terrestres, procure socorrer-se exatamente em uma das facções políticas ou enfrentar armadilhas. Favorável à credibilidade de seu primeiro encontro com entidades extraterrestres, nós consideramos a sua coragem em enfrentar esta hostilidade política contra a verdade ET. Também aqui citamos a favor de Dino a sua viagem (em nosso carro, com mais outros dois passageiros, um do Exército, amigo de Dino), para o local do primeiro contato com os ETs, lugar ermo, onde aguardamos sem dormir toda a noite a volta do disco no aniversário do encontro, sem entretanto percebermos nada de novo ou interessante [...] vale citar o fato de que Dino, após uma pausa de cerca de 10 anos, subitamente procurou-nos em nosso consultório no Rio, propondo organizar uma reunião pública (da SBEDV) onde queria expor um assunto (não nos disse qual). Na folha 'A' citamos a tendência de Dino de 'bajular' os grandes (para tornar-se um destes), quando em Chicago freqüentava a escola da CIA, de onde, por uma razão qualquer, foi desligado, o que deixou-o ressentido. Aliás, em São Paulo, outro agente da CIA, paulista e também formado em Chicago, combatia a ufologia (e, talvez até Dino)".[867]

Em entrevista concedida ao jornal *Bavic*, Bühler reafirmou: "No início não entendíamos a razão dos ataques feitos, por algumas pessoas, contra o assunto disco voador — para nós, já naquela época, oriundos do espaço cósmico. Foi com a aproximação à SBEDV do ufólogo paulista Aladino Félix (aliás Dino Kraspedon), na época egresso de um curso de recrutamento de pessoal para a CIA — órgão norte-americano encarregado de espionar o estrangeiro — realizado em Chicago, é que ficamos sabendo da real extensão do problema disco voador. Era, sem dúvida, um assunto temido por políticos e militares, razão pela qual em conjunto com outros serviços secretos internacionais, estenderam em torno do globo uma rede de informação e contra-informação à respeito do tema extraterrestre".[868]

Como que antevendo a usurpação do nome, em o *Livro branco dos discos voadores*, escrito em 1985 em parceria com o ufólogo Guilherme Pereira, Bühler fez questão de declinar em várias passagens[869] o verdadeiro nome de Kraspedon, isto é, Aladino Félix: "A real existência de tais contatos esporádicos entre governo terrestre e extraterrestres foi-nos confirmada na mesma época adicionalmente por outro membro da Comissão Confidencial de São Paulo. Trata-se do comandante da companhia de aviação Cruzeiro do Sul, Auriphebo Berrance Simões.[870] Os intermediários desta comunicação foram os dois amigos em comum: o primeiro, Dino Kraspedon pseudônimo de Aladino Félix; o segundo, o arqueólogo norte-americano George Hunt Willianson.[871] Ambos relataram-nos que o comandante, na época de 1958, perdera a prova que antes havia recebido de altos escalões de Washington.[872] Esta consistia de efígie de medalhinha apresentando, em um dos lados, rosto parecido com o humano,

---

867 Recebi mais duas cartas de Bühler, uma datada de 4-12-1995 e outra de 7-2-1996.

868 "Pioneiros", in *BAVIC*, Belém, s.d., nº 2, p. 2.

869 Para reforçar isso, ao citar o livro *Contato com os discos voadores*, fez questão de assinalar: "Dino Kraspedon é pseudônimo de Aladino Félix" (Bühler, Walter Karl & Pereira, Guilherme. *O livro branco dos discos voadores*, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 167).

870 Em seu livro *Os discos voadores: fantasia e realidade* (São Paulo, Edart, 1959, p. 173), Simões faz uma referência velada a Aladino Félix (F.A.): "O sr. F.A., de São Paulo, que diz ter estado em um disco voador, também notou o que, para certos observadores, poderia parecer um jogo de três esferas, igualmente espaçadas, na parte inferior do disco. Entretanto, segundo o sr. F. A., não se trata de esferas e sim de três aparelhos muito parecidos com os pesos dos halterofilistas. Esses 'halteres' — contou-nos ele — estão em posição vertical, de maneira que só as esferas da parte inferior são vistas; ao contrário do que se pensa, não constituem um trem de aterragem: são dispositivos electromagnéticos e fazem parte integrante do sistema de propulsão dos discos; têm pequenos movimentos de inclinação para um lado e para o outro".

871 *Boletim da SBEDV*, Rio de Janeiro, setembro de 1958, nº 5, p. 2-3; op. cit., dezembro 1961-março 1962, nº 24/25; op. cit., setembro de 1976-abril 1977, nº 112/115.

872 IDEM, novembro 1958, nº 5, p. 3-4; op. cit., maio 1961, nº 21; op. cit., julho-novembro 1961, nº 22/23; "Com. A. B. Simões traz proposta do governo norte-americano, "Com. A. B. Simões atente congresso internacional de astronáutica", in *O Globo*, Rio de Janeiro, 10-1-1959; "Prova da existência de extraterrestres nas mãos do com. A. B. Simões", in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10-8-1958.

mas com orelhas pontiagudas. Essa medalhinha, segundo Simões, Willianson[873] e Félix, teria caído do bolso do extraterrestre. Este escorregou no chão ensaboado do túnel que ligava em Washington os dois edifícios do legislativo, lavado à noite, na ocasião quando, por este túnel, o extraterreno estava àquela hora para interrogatório por legisladores".[874] "O resultado da pesquisa varia, obviamente, de acordo com a tendência, filosofia, educação e experiência de cada investigador. Assim, as deduções que tiramos no início de nossas pesquisas, entre 1956 e 1960, foram de ordem adamskiana, confirmadas entre nós pelos casos de Freitas Guimarães, e de Aladino Félix (de pseudônimo Kraspedon);[875] os ufonautas provinham do nosso sistema solar e eram morfologicamente idênticos a nós, respeitando ainda o nosso livre-arbítrio".[876]

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro,[877] instituição que armazena os registros de todos os escritores nacionais, enviou-nos em 24 de novembro de 1995 um documento[878] assinado pela Chefe da Divisão de Informação Documental Anna Naldi[879] e referendado pela pesquisadora Cássia Krebs, confirmando que Dino Kraspedon e Sábado Dinotos são a mesma pessoa, ou seja, Aladino Félix. Eis a relação bibliográfica:

1. *Bíblia*. A. T. Pentateuco. Port. *Bíblia Sagrada.* 1 volume: pentateuco. Traduzido em port. diretamente do texto hebraico massorético, anotada e comentada por Sábado Dinotos. São Paulo: [s.n.], 1964, 268 p.

2. Félix, Aladino. *Contato com os discos voadores*. São Paulo, São Paulo Editora, 1957, 188 p.

3. _____ *O hebreu, o libertador de Israel*. São Paulo, São Paulo Editora., 1960, 226 p.

4. _____ *Mensagem aos judeus: o nascimento do Messias*. São Paulo, Editora., 1960, 226 p.

5. _____ *A órbita da terra e a gravitação*. São Paulo, São Paulo Editora, 1959, 101 p.

A Biblioteca Municipal de São Paulo Mário de Andrade, por sua vez, através da Seção de Referência e Informação, enviou-nos em 27 de novembro de 1995 um ofício[880] assinado pela Bibliotecária Chefe Suely de Oliveira, que igualmente confirmou serem Dino Kraspedon e Sábado Dinotos a mesma pessoa:

1. Dos livros solicitados a Biblioteca Mário de Andrade possui:

– *Contatos com os Discos Voadores* (Kraspedon, Dino).

– *A órbita da Terra e a gravitação* (Kraspedon, Dino) e do mesmo autor o livro *O hebreu: libertador de Israel* (Dinotos, Sábado).

Por ocasião da visita que fizemos ao veterano ufólogo Fernando Cleto Nunes Pereira em seu apartamento no Rio de Janeiro (situada na histórica rua Toneleros), em 21 de fevereiro de 1996, aproveitamos para mostrar-lhe a *Folha da Tarde* de 6 de março de 1968 com a matéria "O golpe fantástico", que traz uma foto de Aladino Félix, a quem certa vez hospedou. Ao vê-la, Cleto logo reconheceu o velho colega. Acima da foto, escreveu: "Acredito que este é o Dino Kraspedon que conheci na década de 50".

Cito por fim uma carta do ufólogo Fernando Grossmann, datada de 4 de maio de 1997: "Concordo plenamente com o amigo de que o papel político-histórico de Aladino Félix foi

---

873 O arqueólogo Willianson foi uma das seis testemunhas do primeiro contato de Adamski com um extraterrestre em Desert Center.
874 Bühler, Walter Karl & Pereira, Guilherme, op. cit., p. 159.
875 *Boletim da SBEDV*, Rio de Janeiro, março 1960, nº 14, p. 14.
876 Bühler, Walter Karl & Pereira, Guilherme, op. cit., p. 167.
877 Departamento de Referência e Difusão (DRD), Divisão de Informação Documental (Dinf).
878 Ref. BN: 1102/95.
879 Matrícula SIAPE nº 224650.
880 Nº 033/95-SIC.

subestimado. Mas não por mim. Tive sempre curiosidade por essa folclórica figura, que aparecia freqüentemente nos jornais, relacionado com assuntos fora da rotina. Sem sombra de dúvida, o amigo pode contar conosco, para o que der e vier, no sentido de aprofundar as pesquisas sobre Aladino Félix e suas múltiplas facetas. [...] O folhetinho que estou enviando xerocopiado, Argentino, da 'Nova Era', apenas menciona e presta homenagem a Dino Kraspedon".

"Menino" é a tradução de Aladino, que em hebraico é *Aladen*, o mesmo da história árabe das "Mil e uma Noites", do menino e a Lâmpada Maravilhosa. *Felice* se escreve *Félix* em latim, e significa "feliz". Félix também significa "Israel" (*Félichen*). A pronúncia em hebraico primitivo era *Félichen*, que os alemães diziam *Welechen*, designação dada ao povo celta e ao Vulcão mitológico. Os gregos o chamavam de *Hefaísto*, que quer dizer "Fausto", nome que em latim também significa "feliz". Conforme Isaías, Deus disse que o seu *Chábad* (servo) chamar-se-ia *Félichen* (Israel), que traduzido é *Félix*. Portanto, Aladino Félix significa "menino feliz".

Os três pseudônimos adotados — Dino Kraspedon, Sábado Dinotos e Dunatos Menorá — adquiram vida própria e se converteram em heterônimos.[881] Os dois primeiros mantiveram a raiz Dino do nome original. *Dyx* em grego ou em russo significa juiz. Em aramaico, espírito. De *Dyx* saiu *Dinotos*. Assim, a expressão *Shaboda Dyx* significa da água e do espírito, elementos arquetipais que simbolizam o renascimento. *Dinoth* ou *Tinoth* no hebraico também significa "dois dentes". Menorá, que os judeus pronunciam *nor*, *norá*, lia-se *choir*, com o *ch* gutural, saiu da raiz da palavra "cera". Em hebraico era candeia ou lâmpada de qualquer espécie. As estrelas eram consideradas lâmpadas celestes e passaram a ser chamadas de *schoir*, *stoile*, etc. Os judeus da Idade Média corromperam a palavra *choir* para *toir*, *stoir*, *estoir*. Todas as definições são do próprio Aladino e estão contidas na sua tradução das *centúrias de Nostradamus* e no *Dicionário Hebraico-Português*. Para Fernando Grossmann, os codinomes estariam ligados mais ao "Graal Cátaro-Albigense-Provençal" do que com o judaísmo. Ele encetou um estudo detalhado de dois codinomes.

Sábado Dinotos: "O Sábado é o dia mais sagrado no judaísmo. Deus criou o mundo em 6 dias, e no sétimo dia descansou. O Sábado (do hebraico *Shabat*) inicia-se na sexta-feira com as primeiras estrelas no céu, quando os fiéis oram, e termina no Sábado, com as primeiras estrelas no céu, quando os fiéis tornam a orar. No *Parashá* desta semana, *Ki Tissá*, somos lembrados do significado singular do *Shabat*, que é um sinal de ligação entre nosso povo e Deus. Como dizia Achad Ha-am, os judeus mantiveram o *Shabat* e o *Shabat* manteve os judeus" (Shemot, 21:11 a 34:35). Na *Cabala* (ocultismo judaico) se diz que a Divina Providência conduz os acontecimentos de uma forma velada aos homens. O faraó, rei bárbaro e cruel, ordenou que atirassem todos os filhos israelitas recém nascidos ao Nilo. Todavia, Deus escolheu a filha do próprio faraó para salvar das águas aquele que deveria ser um dia o libertador de seu povo".

Dunatos Menorá: "O candelabro de vários braços (sete ou nove) é chamado de Menorá. Assumiu várias formas ao longo da história, mas sua característica essencial tem sido oito braços menores e um nono separado, usado na festa de *Chanucá*. É uma referência ao candelabro dourado de sete braços do antigo Templo de Jerusalém, que significava, entre outras coisas, os 7 dias da criação. Todas as cerimônias religiosas do judaísmo são iluminadas por velas (Na atualidade, antigamente usava-se óleo de oliva). 'E tu ordenarás ao filho de Israel, que te tragam azeite puro de oliveira' (versículo 20). Ao ouvir a recomendação de Moisés, os israelitas disseram: 'Tu, ó Deus, que estendes a luz sobre a Terra, nos ordenaste iluminar o Santuário'. Na *Torá* (livro sagrado dos judeus), lê-se: 'Como iluminaremos, a quem criou a luz? Não é para mim que acendereis, porém para a gente que ainda permanece na escuridão. A fim de que eles sejam iluminados e conheçam o criador'. (Êxodo, Parashá Tetzave, Cap. XXVII 20, Cap.

---

881 Este é o menos conhecido dos três, pois Aladino valeu-se dele em um único livro intitulado *O Papa Vermelho*, que circulou apenas em versão mimeografada e fotocopiada entre os amigos e seguidores de Aladino. *O Papa Vermelho*, segundo Estefani, ensinava como tomar o poder em qualquer país do mundo.

XXVIII 30). Os castiçais usados na iluminação chamam-se ‘Menorá’. A ‘Menorá’ do Templo, quando for reconstruído o Templo, comportará oito velas ou oito lamparinas de óleo de oliva”.[882]

---

882 Carta de Fernando Grossmann, São Paulo, 4-5-1997.

# CONCLUSÃO

O impacto das tecnologias emergentes na Segunda Guerra Mundial e o conseqüente advento das viagens espaciais, renovaram conhecimentos, conceitos, modos de vida, linguagens, imagens e visões de mundo, propiciando a formação de mitos e a reedição de antigos. Coadunando-se com fenômenos milenares congêneres — êxtases místicos, milagres, visões — conhecidos desde os tempos antigos e comuns a todos os povos, os discos voadores insurgiram como o mais expressivo dos paradigmas contemporâneos. Num período de rápidas transformações e redefinições, de foguetes e computadores, a idéia de que seres extraterrestres estariam nos visitando ganhou força e magnitude, levando a maioria a acreditar que não só poderia haver um contato imediato a qualquer momento, como também que o passado trazia fortes indícios de que isso já teria ocorrido.

As manifestações visíveis nesse campo variam em função do ambiente cultural ou contexto histórico nas quais se inserem ou se projetam, mas os mecanismos que as originam são idênticas, e provêm da mesma matriz emocional. Em meio a imagens incoerentes e dados dispersos, detectamos significados constantes, estáveis e invariáveis, condizentes com o nosso próprio estágio evolutivo, o que atesta a continuidade dos mesmos arquétipos se reiterando ao longo dos milênios. É quase impossível, aliás, encontrar uma cultura que não registre, em seu repertório mítico, histórias de seres sobrenaturais que voam pelo céu e arrebatam pessoas, transportando-as, com insistência, a locais esféricos uniformemente iluminados, onde os submetem a provações que incluem operações de órgãos internos e viagens astrais por paisagens desconhecidas. A interação sexual e genética é uma constante nesses relatos, que de forma alguma são exclusivos de nosso século, afigurando-se, pois, como uma versão moderna das lendas recolhidas pelos antropólogos sobre criaturas que vêm ao nosso mundo para prejudicar colheitas, roubar produtos, animais e, inclusive, para seqüestrar humanos.

Os mitos são uma expressão da própria natureza da psique, compondo estruturas que permitem a inserção dentro da realidade operante. O disco voador foi eleito por representar uma redução à vida banal e consciente e tão bem poder ser adaptado à visão tecnológica. Como projeção do interior, denota um esforço de compensação do inconsciente para lidar com o caos, e não esconde a angústia e a perplexidade de nossos dias, tão características de épocas proféticas e milenaristas. É a perfeita tradução do estado de depressão e medo, metaforizando temores onipresentes na tensão afetiva. Além disso, cabe lembrar que a máquina transformou-se num verdadeiro objeto de culto religioso.

Os ufólogos são tentados a explicar o fenômeno através de considerações meramente astronômicas e físicas. Supõem que, nos planetas habitados pelo espírito, técnicos pensantes inventaram máquinas capazes de se deslocarem a uma velocidade superior à da luz, manipulando a gravidade e a relatividade de tal maneira que lhes é possível enviar naves dotadas de propriedades psíquicas ao nosso planeta. Enunciam, pois, que os extraterrestres não somente utilizam uma técnica física superior à nossa, como também que possuem um caráter estranho e paranormal: tudo se passa não apenas como se os animadores dessas naves pudessem aparecer e desaparecer à vontade, interferir em aparelhos elétricos, deixar marcas na terra ou afetar nossos corpos, mas, ainda, como se fossem capazes de esquivar de todas nossas tentativas para captá-los e capturá-los, como se conhecessem nossas reações psíquicas e incessantemente anulassem todos nossos esforços para conhecê-los.

A maioria dos relatos provêm de pessoas que viram discos voadores apenas porque outras disseram tê-los vistos. O desejo de ver têm raízes profundas e, para muitas, implicações de ordem religiosa. Consciente ou inconscientemente, querem acreditar que os OVNIs realmente existam e venham do espaço exterior. Aterrorizadas pelas ameaças de destruição atômica ou por outros temores, agem como se os homens, por si mesmos, fossem incapazes de salvar a Terra,

buscando saídas no espaço exterior. Partem da falsa premissa de que os extraterrestres, simplesmente por existirem, são mais sábios e evoluídos do que nós. Se uma raça de seres superou a era atômica, tal raça guardaria, portanto, os segredos da sobrevivência. Talvez a ameaça de guerra atômica tenha unificado os povos do planeta em que vivem, levando-os a desviar seus esforços bélicos para um progresso exclusivamente social, espiritual e técnico.

A presença do fenômeno em praticamente todas as épocas da história, mormente nos períodos de grandes convulsões e transformações, nos leva a tergiversar que o fenômeno funciona como uma espécie de elemento antecipador do porvir ou desencadeador de motivações psicológicas que propiciam avanços. A imaginação constitui uma força poderosa capaz de moldar as ações humanas, expressas através de dogmas, estruturas políticas, instituições religiosas e organizações militares. A mente gera sua própria realidade, uma formidável fabulação coletiva de mitologias universais. O elemento vivo, aquilo que faz as pessoas viver, não está no real, mas no imaginário.

O contato imediato configura cenários completos, nos quais a psique se projeta inteiramente. É uma reminiscência do que se passa na sala de projeção do cinema. Tal como acontece com filmes que amedrontam, aterrorizam, revoltam, instilam risos, choro ou prazer, o contato se torna parte da realidade. Nas abduções, o tempo pára; as vítimas vivem no ritmo e no tempo dos seres da nave. No cinema, os espectadores se desligam do mundo externo e vivem no ritmo e no tempo do filme. Tanto no cinema como nos contatos, o espectador e a vítima são cúmplices de um rito, de uma cerimônia religiosa e sagrada, ficando entregues, com pouca resistência psíquica, àquilo que está sendo emitido. Essas situações assemelham-se às do sonho e da hipnose. A diferença entre o filme/contato imediato e o sonho reside no fato de que, nos dois primeiros, a pessoa tem consciência do seu estado, ao passo que o sonhador dificilmente sabe que está sonhando. O cinema prefere imagens excepcionais, diferentes, estranhas, insólitas. O que rompe a estabilidade psíquica do espectador é devidamente isolado, visando desencadear reações definidas. É por isso que os contatos parecem ter saído de filmes como *O mágico de Oz* ou *Alice no país da maravilhas*. A experiência OVNI dinamiza o imaginário produzindo imagens, reais para quem as vê. A realidade, porém, é o que se encontra por trás dessa pretensa realidade: existe um projetor oculto no teto da sala escura do cinema. A tecnologia que lhe permite isso, tal como a dos OVNIs, é heteronômica, ou seja, depende da condição de quem a recebe. Portanto, o contato imediato é um detonador real que liberta imagens latentes poderosas que carregamos em nosso inconsciente coletivo.

A despeito de ser insistentemente decodificada pela linguagem (pelas palavras e por signos lingüísticos), o fenômeno permanece turvo e indecifrável. Conhecer e nomear o mundo através linguagem, dos signos e dos símbolos parece não bastar para dissolver o permanente mistério e perplexidade. Talvez porque a significação do mundo deva irromper antes mesmo da codificação lingüística com que o recortamos. Fabricado pelos estereótipos, o referente se interpõe entre nós e a realidade fingindo ser o real. A linguagem criativa e poética, no conflito dialético com a práxis, desmonta os corredores isotrópicos e os estereótipos denunciando a fabricação da realidade. É por isso que os OVNIs insurgem como uma aberração: ao desafiar a percepção/cognição que previamente nos inculcaram, eles lembram que a realidade tão bem ordenada e natural é apenas um produto da práxis cotidiana e só tem sentido em relação a ele. Os OVNIs subvertem e abalam os fundamentos da ilusão referencial. E é sobretudo por causa dessa práxis libertadora que o fenômeno ameaça a ordem vigente.

As motivações para a profusão de casos sugerem que estamos lidando com um fenômeno terrestre ainda desconhecido da ciência, capaz de mobilizar estruturas poderosas. Com freqüência, aparecem na ufologia conceitos de "manipulação", "disfarce", "conspiração" e "encobrimento", acompanhadas pelo impulso para atingir uma "verdade que está lá fora" (a estrutura profunda), além da mera aparência, pois nesse jogo "nada é o que parece" (estrutura

superficial). Os privilegiados que mantiveram contatos, afirmaram que as entidades comunicantes se expressaram numa linguagem no mais das vezes compreensível. Não procuraram os cientistas nem enviaram complicados sinais em código como supunha-se que deveriam fazer. Em certos casos, as entidades paralisaram e até mataram pessoas em suas fugazes aparições, transportando-as através do espaço-tempo. Disfarçados de anjos benfazejos, fizeram promessas de salvação.

Ao que tudo indica, funciona uma ciência do engano (desinformação) em grande escala. A organização por trás disso tem um nome: comunidade secreta. Uma montagem colossal, urdida por serviços secretos de diversos governos com fins de experiência, manipulação e controle sociológico, foi levada a efeito. Por razões que se tornaram incontestáveis, não há como classificar os OVNIs apenas como fantasmas imaginários. Reunimos aqui dados físicos, concretos e materiais. Os sistemas biológicos são sem dúvida afetados pela exposição próxima a esses fenômenos. As conseqüências variam de meros efeitos transitórios até a alteração permanente ou mesmo a morte. Somos assim conduzidos à revisão dos nossos esquemas lógico-conceituais e de nossa cosmovisão de universo estável e ordenado.

# FONTES

## Arquivos E Bibliotecas

Arquivo do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo.

Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva, São Paulo.

Banco de Dados do jornal *Folha de S. Paulo*. Empresa Folha da Manhã, São Paulo.

Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis.

Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

Biblioteca do Instituto de Física da USP.

Biblioteca do Museu Paulista da USP.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Departamento de Referência e Difusão (DRD), Divisão de Informação Documental (Dinf), Rio de Janeiro.

Biblioteca Mário de Andrade, Seção de Referência e Informação. Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo.

Biblioteca do Centro Cultural Vergueiro. Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo.

Biblioteca Cassiano Ricardo. Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo.

Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda. Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo.

Biblioteca Cora Coralina. Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo.

## Documentos Oficiais

Relatórios de inquérito, processos, prontuários, ofícios, fichas, requerimentos, anotações, cartas e certidões do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), São Paulo, 1968-1979.

Boletins Informativos do Serviço Nacional de Informações (SNI), Agência de São Paulo, Presidência da República, 1968.

Ofícios da Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública, Divisão de Investigações Gerais, Setor de Capturas, São Paulo, 1968.

Mandados do Juíz Auditor da Justiça Militar do Estado, Poder Judiciário, São Paulo, 1968.

Ofícios do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Poder Judiciário, 1991-1992.

Certidões do Serviço Funerário Municipal, Crematório de São Paulo, 1997.

## Jornais

*A Gazeta*, São Paulo, 1968.
*Cidade de Santos,* Santos, 1969.
*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1968.
*Diário da Noite*, São Paulo, 1968-1969.
*Diário de São Paulo*, São Paulo, 1968.
*Diário Popular*, São Paulo, 1968-1982.
*Folha da Manhã*, São Paulo, 1968.
*Folha de S.Paulo*, São Paulo, 1968-1998.
*Jornal da Tarde*, São Paulo, 1968-1969.
*Notícias Populares*, São Paulo, 1968-1970.
*O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 1968-1998.
*O Globo*, Rio de Janeiro, 1957.
*Última Hora*, São Paulo, 1958; 1968-1969.

## Revistas

*Ano Zero*, São Paulo, 1991-1993.
*Año Cero*, Madrid, 1996-1997.
*Cinemin*, Rio de Janeiro, 1988-1989.
*Cuarta Dimensión*, Buenos Aires, 1986-1988.
*Fatos & Fotos*, Rio de Janeiro, 1966-1975.
*Fatos & Mistérios*, Curitiba, 1997.
*Incrível*, Rio de Janeiro, 1995-1997.
*Istoé*, São Paulo, 1982-1997.
*Leia*, São Paulo, 1991.
*Life*, Madrid, 1960-1968.
*Manchete*, Rio de Janeiro, 1968-1997.
*Mas Alla de la Ciencia*, Madrid, 1991.
*Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1952.
*O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1952-1973.
*OVNI-UFO Documento*, Rio de Janeiro, 1979.
*Parapsicologia Hoje*, Campo Grande, 1985-1986.
*Paulistania*, São Paulo, 1951-1960.
*Planeta*, São Paulo, 1973-1997.
*PSI-UFO*, Campo Grande, 1986-1987.
*Realidade*, Rio de Janeiro, 1968.
*Realismo Fantástico*, Curitiba, 1991-1996.
*Sputnik*, Rússia, 1989.
*Super Magazine Mystery Mu*, Tóquio, 1995-1997.
*UFO Documento*, Campo Grande, 1988.
*UFO Especial*, Campo Grande, 1988-1997.
*UFO*, Campo Grande, 1988-1997.
*Ufologia Nacional e Internacional*, Campo Grande, 1985-1986.
*Veja*, São Paulo, 1968-1997.

## Boletins

*Boletim Informativo da Associação de Pesquisas Exológicas* (*APEX*), São Paulo,1974-1977.

*Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Estudos de Discos Voadores* (*SBEDV*), Rio de Janeiro, 1957-1978.

*Stendek*. Barcelona, 1973.

*Supysáua*, Grupo Ufológico de Guarujá (GUG), 1995.

*UFO-Informe*, Grupo de Pesquisas Ufológicas (GPU), Itapema, 1997.

## Periódicos Científicos

*Astronomy*, Milwaukee, 1989.

*Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, 1988.

*Ciência Hoje*, São Paulo, 1993-1996.

*Globo Ciência*, Rio de Janeiro, 1993-1996.

*OMNI*, EUA/Canadá, 1991.

*Pós-história* (Unesp), Assis, 1995-1996.

*Revista de história* (USP), São Paulo, 1996.

*Revista USP* (*Dossiê Magia*), São Paulo, 1993.

# BIBLIOGRAFIA

## Geral


Abreu, Aurélio M. G. de. *Reinos desaparecidos, povos condenados*; apresentação de Antônio Rangel Bandeira. São Paulo, Hemus, s.d.; (Enigmas e Mistérios do Universo).

Almeida Filho, Hamilton. *A sangue quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978.

Ariès, Philippe. *O homem diante da morte*; trad. de Luiza Ribeiro. 2ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990; (Ciências sociais, 2 v.).

______. *O tempo da história*; trad. anotada de Roberto Leal Ferreira. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989; (Ciências sociais).

Argolo, José Amaral, et alii. *A direita explosiva no Brasil: a história do grupo secreto que aterrorizou o país com suas ações, atentados e conspirações*; nota de apres. de Moniz Bandeira. Rio de Janeiro, Mauad, 1996.

Arns, Dom Paulo Evaristo (coord.). *Brasil: nunca mais*; pref. de Philip Potter. 19ª ed., Petrópolis, Vozes, 1986.

Azevedo, Fernando. *A cultura brasileira: a transmissão da cultura*. 3ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1958; (Obras completas, t. III, v. XIII).

Baffa, Ayrton. *Nos porões do SNI: o retrato do monstro da cabeça oca*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1989.

Barthes, Roland. *Mitologias*; trad. de Rita Buongermino e Pedro de Souza. 9ª ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993.

Baudrillard, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*; trad. de Suely Bastos. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1993.

______. *América*; trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

Bernstein, Carl & Woodward, Bob. *Todos os homens do presidente*; trad. de Tonie Thomson. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

Bicudo, Hélio Pereira. *Meu depoimento sobre o esquadrão da morte*; pref. de Ruy Mesquita. 3ª ed., São Paulo, Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, 1976.

Blikstein, Isidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix/ Edusp, 1983.

Bloch, Marc. *Introducción a la Historia*; trad. de Pablo González Casanova e Max Aub. 5ª ed., México, Fondo de Cultura Econômica, 1970; (Introducción a la historia, 64).

Boff, Leonardo. *A teologia da libertação: balanço e perspectivas*. São Paulo, Ática, 1996.

Brandão, Carlos Rodrigues. *Diário de campo: a antropologia como alegoria*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

______. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro, Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

______. *O festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil*. Campinas, Ed. da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, Ícone, 1987.

______. *Identidade & etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

Brito, Joaquim Augustinho de. *Serões teológicos: uma tentativa de parafrasear e comentar a Bíblia*. Piracicaba (SP), Edição do autor, 1993.

Bronowski, J. *Magia, ciência e civilização*; trad. de Maria da Luz Veloso. Lisboa, Edições 70, 1986; (Perspectivas do homem, 25).

Brunschwig, Henri. *A partilha da África negra*; trad. de Sinval Freitas Medina. São Paulo, Perspectivas, 1974; (Khronos, 6).

Campbell, Joseph & Moyers, Bill. *O poder do mito*; organizado por Betty Sue Flowers; trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Palas Athena, 1990.

Carone, Edgard. *A República Velha: instituições e classes sociais*. São Paulo, Difel, 1970; (Corpo e alma do Brasil).

______. *Revoluções do Brasil contemporâneo: 1922/1938*. São Paulo, DESA, 1965; (Buriti, 11).

Carvalho, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Casalecchi, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista: política e poder* (*1889-1926*). São Paulo, Brasiliense, 1987.

Cascudo, Luis da Camara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5ª ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1984; (Clássicos da cultura brasileira, v. 4).

______. *Mitos brasileiros*. Rio de Janeiro, Ed. do Convênio DAC-MEC/Fundação Mudes-Projeto Museus, 1976; (Cadernos de folclore, 6).

Castelo Branco, Renato. *Piauí: a terra, o homem, o meio*. 2ª ed., São Paulo, Quatro Artes, 1970; (Brasil, década 70).

______. *Pré-história brasileira: fatos & lendas*. São Paulo, Quatro Artes, 1971; (Brasil, década 70).

Castro, Fidel. *La historia me absolvera*. Havana, Editora de Ciências Sociais, 1983.

Ceram, C. W. *Deuses, túmulos e sábios: o romance da arqueologia*; trad. de João Távora. 17ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1985.

Chartier, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*; trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa, Difel, s.d.; (Memória e sociedade).

Chanu, Pierre. *História da América Latina*; trad. de Miguel Urbano Rodrigues. 6ª ed., São Paulo, Bertrand Brasil, s.d.

Chiavenato, Júlio José. *O golpe de 1964 e a ditadura militar*. São Paulo, Moderna, 1994.

Childe, V. Gordon. *O que aconteceu na história*; trad. de Waltensir Dutra. 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1977; (Biblioteca de cultura histórica).

Chomsky, Noam. *Camelot: os anos Kennedy*; trad. de Maristela M. de Faria Ribeiro. São Paulo, Scritta Editorial, 1993.

Clastres, Hélène. *Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani*; trad. de Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Brasiliense, 1978.

Clastres, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*; trad. de Theo Santiago. 5ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990; (Ciências sociais).

Coelho, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. 2ª ed., São Paulo, Ática, 1991; (Princípios, 103).

Cohn, Norman. *El mito de la conspiración judía mundial*; trad. de Fernando Fontenla. Madrid, Alianza Editorial, 1983; (El libro de bolsillo, 942).

______. *En pos del milenio: revolucionarios milenaristas y anarquistas misticos de la Edad Media*; traducción de Ramón Alaix Busquets; traducción del Apéndice y notas Cecilia Bustamante y Julio Ortega. Barcelona, Barral Editores, 1972.

Corbin, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*; trad. de Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Costa e Silva, Alberto da (org.). *Lendas do Índio brasileiro*; pref. de Osmar Barbosa. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d.

Crouzet, Maurice. *A época contemporânea: o declínio da Europa, o mundo soviético*; trad. de J. Guinsburg e Vítor Ramos. São Paulo, Difel, 1958; (História geral das civilizações, t. 7, v. 15).

D'Angelo, José Carlos & Manoel, Ivan A. *Diocese de Assis: notas históricas e pastorais*. Aparecida do Norte, Santuário, 1991.

Darnton, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*; trad. de Sônia Coutinho. 2ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 1988; (Biblioteca de história, 13).

Darwin, Charles. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*; trad. de J. Carvalho. São Paulo, Abril Cultural, s.d.

David, Solange Ramos de Andrade. *O Menino da Tábua*. Assis, Departamento de História, Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, 1994.

Davidson, N. S. *A contra-reforma*; revisão da trad. de Luís Carlos Borges. São Paulo, Martins Fontes, 1991; (Universidade hoje).

Davis, Wade. *A serpente e o arco-íris: zumbis, vodu, magia negra*; trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

Deathridge, John & Dahlhaus, Carl. *Wagner*; trad. de Marija M. Bezerra. São Paulo, L & PM, 1988.

Delumeau, Jean. *A confissão e o perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XII a XVIII*; trad. de Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

______. *História do medo no Ocidente: 1300-1800. Uma cidade sitiada*; trad. de Maria Lucia Machado; trad. das notas de Heloisa Jahn. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Diacov, V. & Covalev S. (dir.). *História da Antigüidade. Volume II: Grécia*; trad. de João Cunha Andrade. São Paulo, Fulgor, 1965; (História do mundo).

Dias, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Alfa-Ômega, 1977; (Biblioteca alfa-ômega de ciências sociais, série I, história, v. 14).

Dibie, Pascal. *O quarto de dormir: um estudo etnológico*; trad. de Paulo Azevedo Neves da Silva. Rio de Janeiro, Globo, 1988.

Dimenstein, Gilberto. *As armadilhas do poder: bastidores da imprensa*; pref. de Arnaldo Jabor. São Paulo, Summus, 1990.

______. *A guerra dos meninos: assassinatos de menores no Brasil*. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1990.

______ et alii. *O complô que elegeu Tancredo*. Rio de Janeiro, J. B., 1985.

Dosse, François. *A história em migalhas: dos annales à nova história*; trad. de Dulce da Silva Ramos; pref. de Elias Thomé Saliba. São Paulo, Ensaio, Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

Duby, Georges. *Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990; (História da vida privada, 1).

______. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*; trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

______. *O ano mil*. Lisboa, Edições 70, s.d.

Durkheim, Emile. *Sociologia e filosofia*; trad. de J. M. de Toledo Camargo. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1970.

Einstein, Albert. *Notas autobiográficas*; trad. de Aulyde Soares Rodrigues. 4ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

Eliade, Mircea. *O conhecimento sagrado de todas as eras*; trad. de Luiz L. Gomes. São Paulo, Mercuryo, 1995.

______. *História das crenças e das idéias religiosas: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*; *das origens ao Judaísmo* (tomo I, v. 1); trad. de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro, Zahar, 1978; (Espírito e matéria).

______. *História das crenças e das idéias religiosas: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo, das religiões da China Antiga à síntese hinduísta* (tomo II, v. 1); trad. de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro, Zahar, 1978; (Espírito e matéria).

______. *Mito do eterno retorno*; trad. de José A. Ceschin. São Paulo, Mercuryo, 1992.

______. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*; trad. de Rogério Fernandes. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.; (Vida e cultura, 62).

______. *Origens: história e sentido na religião*; trad. de Teresa Louro Perez. Lisboa, Edições 70, 1989; (Perspectivas do homem, 34).

Elias, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes* (v. I); trad. Ruy Jungmann; revisão e apres. Renato Janine Ribeiro. 2ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

Engels, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*; trad. José Silveira Paes; apres. de Antonio Roberto Bertelli. 2ª ed., São Paulo, Global, 1985; (Bases, 45).

Evans-Pritchard, E. E. *Antropologia social*; trad. de Ana Maria Bessa. Lisboa, Edições 70, 1985; (Perspectivas do homem, 3).

______. *Brujería, magia y oráculos entre los azande*; trad. de Antonio Desmonte. Barcelona, Anagrama, 1976.

Fausto, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo* (*1880-1924*). São Paulo, Brasiliense, 1984.

______. *A revolução de 1930: historiografia e história.* 7ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1981.

Ferkiss, Victor C. *O homem tecnológico: mito e realidade*; trad. de Marco Aurelio de Moura Matos. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1976; (Atualidade).

Fernandes, Heloisa Rodrigues (org.). *Tempo de desejo: sociologia e psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

Flora, Marilene Cabello di. *Mendigos: por que surgem, por onde circulam, como são tratados?* Petrópolis, Vozes, 1987.

Focillon, Henri. *O ano mil*; trad. de Adelino dos Santos Rodrigues. Lisboa, Estampa, 1977; (Teoria, 39).

Fonseca, Homero. *Viagem ao planeta dos boatos*. Rio de Janeiro, Record, 1996.

Fortune, R. F. *Os feiticeiros de Dobu: a antropologia social dos ilhéus de Dobu do Pacífico Ocidental*; trad. de Salvato Tales de Meneses. Lisboa, Livraria Bertrand, 1977; (Tempo aberto).

Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*; trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987; (Campo teórico).

______. *Vigiar e punir: nascimento da prisão;* trad. de Lígia M. Pondé Vassallo. 8ª ed., Petrópolis, Vozes, 1991.

Fourquin, Guy. *História econômica do Ocidente Medieval*; trad. de Fernanda Barão. Lisboa, Edições 70, 1986; (Lugar na história, 12).

Frazer, James George. *O ramo de ouro*; trad. de Waltensir Dutra; pref. de Darcy Ribeiro; edição do texto de Mary Douglas; resumido e ilustrado por Sabine MacCormack. Rio de Janeiro, Guanabara, 1982.

Frank, Andre Gunder. *A acumulação mundial* (*1492-1789*); trad. de Lucília Maria Almeida. Lisboa, Estampa, 1979; (Imprensa universitária, 9).

Freud, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre a psicanálise: teoria geral das neuroses* (v. II, livro 23); trad. de José Luís Meurer; direção e revisão técnica de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

______. *Psicopatologia da vida cotidiana*; trad. e apres. de Álvaro Cabral. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1966.

______. *Textos escolhidos de psicanálise*; texto totalmente revisado sob a supervisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Imago, 1987; (Casos clínicos 3, 4, e 5).

Frischauer, Paul. *Está escrito: documentos que assinalaram épocas*; trad. de Else Graf Kalmus. São Paulo, Melhoramentos, 1972; (Cultura e ciência).

Fromm, Erich. *A linguagem esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos*; trad. de Octavio Alves Filho. 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

Furtado, Celso. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. 2ª ed., São Paulo, Nacional, 1968; (Biblioteca universitária, série 2ª, ciências sociais, v. 24).

Gadamer, H. G. & Vogler, P. (org.). *Nova antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural* (v. 4). São Paulo, EPU, Edusp, 1977.

Garelli, Paul & Nikiprowetzky, V. *Oriente Próximo Asiático: impérios mesopotâmicos, Israel*; trad. de Emanuel O. Araújo. São Paulo, Pioneira, Edusp, 1982; (Biblioteca pioneira de ciências sociais: história: série Nova Clio).

Gasset, José Ortega y. *A rebelião das massas*; trad. de Herrera Filho; pref. de Pedro Calmon. 3ª ed., revista por Carlos Burlamáqui Köpke. Rio de Janeiro, Ibero-Americano, 1971.

Gennep, Arnold van. *Os ritos de passagem*; trad. de Mariano Ferreira, apres. de Roberto da Matta. Petrópolis, Vozes, 1977; (Antropologia, 11).

Goffman, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*; trad. de Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

______. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

Goés, Lúcia Pimentel. *A aventura da Literatura para crianças: formas de avaliação da Literatura infantil e juvenil através da obra de Francisco Marins.* São Paulo, Melhoramentos, 1993.

Goldmann, Lucien. *Ciências humanas e filosofia*; trad. de Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti. 6ª ed., Rio de Janeiro, Difel, 1978.

Goode, William J. *A família*; trad. de Antônio Augusto Arantes Neto. São Paulo, Livraria Pioneira, 1970; (Fundamentos da sociologia moderna).

Gorender, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 2ª ed., São Paulo, Ática, 1987.

Graham, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil.* Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1990; (Reconquista do Brasil, 2ª série, v. 157).

Greene, Theodore Meyer. *Liberalismo: teoria e prática;* trad. de Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo, Ibrasa, 1963; (Clássicos da democracia, 5).

Grosrichard, Alain. *Estrutura do harém: despotismo asiático no Ocidente Clássico*; trad. de Lydia H. Caldas. São Paulo, Brasiliense, 1988.

Halebsky, Sandor. *Sociedade de massa e conflito político*; trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1978; (Biblioteca de ciências sociais).

Harnecker, Marta. *Os conceitos elementares do materialismo histórico*. 2ª ed., São Paulo, Global, 1983; (Bases, 36).

Held, Jacqueline. *Imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*; trad. de Carlos Rizzi. São Paulo, Summus, 1980; (Novas buscas em educação; v. 7).

Henderson, George. *Arte medieval*; trad. de Jamir Martins. São Paulo, Cultrix, 1978.

Heyerdahl, Thor. *Aku-Aku: o segredo da ilha da Páscoa*; trad. de Raul de Polillo. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

______. *A expedição Kon-Tiki*; trad. de Agenor Soares de Moura. 7ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1959.

Hill, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*; trad. de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

______. *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*; trad., apres. e notas de Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

Hobsbawn, Eric J. *Bandidos*; trad. de Donaldson Magalhães Garschagen. 2ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1976.

______. *Era dos extremos: o breve século XX* (*1914-1991*); trad. de Marcos Santarrita; revisão técnica de Maria Célia Paoli. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

______. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*; trad. de João Carlos Victor Garcia e Adelângela Saggioro Garcia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982; (Pensamento crítico; v. 43).

Holanda, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.

Hollanda, Heloisa B. de & Gonçalves, Marcos A. *Cultura e participação nos anos 60*. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1982; (Tudo é história, 41).

Hugon, Paul. *História das doutrinas econômicas*. 10ª ed., São Paulo, Atlas, 1969; (Economia).

Huizinga, Johan. *O declínio da Idade Média*; trad. de Augusto Abelaira. 2ª ed., Lousã/Ulisséia, s.d.; (Biblioteca ulisséia do conhecimento atual, 10).

Hunt, Lynn. *A Nova história Cultural*; trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1992; (O homem e a história).

Ismael, J. C., *Cinema e circunstância*. São Paulo, Desa, 1965; (Buriti, 6).

Josefo, Flávio. *Seleções de Flávio Josefo: autobiografia; Resposta a Ápio; Antigüidades judaicas; As guerras judaicas*; trad. de P. Vicente Pedroso. São Paulo, Edameris, 1974.

Jung, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência;* trad. de Maria de Moraes Barros, revisão técnica de Jette Bonaventure. Petrópolis, Vozes, 1985; (Obras completas de Jung, v. 15).

______. *Memórias, sonhos e reflexões*; compilação e pref. de Aniela Jaffé; trad. de Dora Ferreira da Silva. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

______. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*; trad. de Elva Bornemann Abramowitz; revisão técnica de Jette Bonaventure. Petrópolis, Vozes, 1988; (Obras completas de Jung, v. 10/4).

______. *A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência*; trad. de Maria Luiza Appy; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, Vozes, 1985; (Obras completas de Jung, v. 16).

______. *Psicologia e Religião Oriental*; trad. de Mateus Ramalho Rocha; revisão téc. de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, Vozes, 1982; (Obras completas de Jung, v. 11/5).

______. *Psicologia do inconsciente*; trad. de Maria Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980; (Obras completas de Jung, v. 7, t.1).

______. *Sincronicidade*; trad. de Mateus Ramalho Rocha. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1985; (Obras completas de Jung, v. 8).

______ & Wilhelm, Richard. *O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês*; trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. 5ª ed., Petrópolis, Vozes, 1988.

Kohn, Hans. *Meus encontros com a história*; trad. de Luciano Amaral. Rio de Janeiro, Zahar, 1965; (Divulgação cultural, história).

______. *O Século Vinte: um desafio ao homem*; trad. de Anna Britto da Rocha Acker. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960.

Kramer, Heinrick & Sprenger, Jacobus. *Malleus Maleficarum* (*Manual de caça às bruxas*); trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo, Três, 1976.

Lacan, Jacques. *Escritos*; trad. de Inês Oseki-Depré. São Paulo, Perspectiva, 1978; (Debates, 132).

______. *O seminário: a ética da psicanálise* (livro 7); versão brasileira de Antônio Quinet. 2ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

Lacoste, Yves. *Os países subdesenvolvidos*; trad. de Diva Benevides Pinho. 12ª ed., São Paulo, Difel, 1977; (Saber atual, 62).

Lambert, Jacques. *Os dois brasis*. 4ª ed., Nacional, 1969; (Brasiliana, v. 335).

Leach, Edmund Ronald. *Repensando a antropologia*; trad. de José Luis dos Santos. São Paulo, Perspectiva, 1974; (Debates, 88).

Le Bon, Gustave. *As opiniões e as crenças*. São Paulo, Cia. Brasil Editora, 1956.

Le Goff, Jacques. *A bolsa e a vida: usura na Idade Média*; trad. de Rogério Silveira Muoio. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1989.

______ (compilador). *História: novas abordagens*; trad. de Henrique Mesquita; revisão técnica de Dirceu Lindoso e Theo Santiago. 3ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

______. *Os intelectuais na Idade Média*; trad. de Luisa Quintela. Lisboa, Estúdios Cor, 1973; (Idéias e formas, 14).

______. *Mercadores e banqueiros da Idade Média*; trad. de Orlando Cardoso, revista por Margarida Sérvulo Correia. Lisboa, Gradiva, s.d.; (Construir o passado, 2).

______. *A Nova história*; trad. de Ana Maria Bessa. Lisboa, Edições 70, 1986.

______. *Reflexões sobre a história: entrevista de Francesco Maiello*; trad. de Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa, Edições 70, 1986; (Lugar na história, 19).

Lenharo, Alcir. *Nazismo: "O triunfo da vontade"*. 4ª ed., São Paulo, Ática, 1994; (Princípios, 94).

Lerker, Manfred. *Dicionário dos deuses e demônios*; trad. de Cecília Camargo Bartalotti e Marcelo Brandão Cipoela. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

Leroi-Gourhan, André. *La Préhistorie*. Paris, Presses Universitaries de France, 1968; (Nouvelle Clio, 1ª historie et ses problèmes).

______. *As religiões da Pré-história: Paleolítico; o mito, o rito e o resto por Victor Gonçalves*; trad. de Maria Inês da França Souza Ferro. Lisboa, Edições 70, 1983; (Perspectivas do homem, 17).

Lévi-Strauss, Claude. *Antropologia estrutural*; trad. de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967; (Biblioteca tempo universitário, 7).

______. *Antropologia estrutural dois*; trad. de Maria do Carmo Pandolfo. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976; (Biblioteca tempo universitário, 45).

______. *O cru e o cozido*; trad. de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo, Brasiliense, 1991; (Mitológicas, 1).

______. *As estruturas elementares do parentesco*; trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, São Paulo, Edusp, 1976; (Antropologia, 9).

______. *História de lince*; trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Companhia das Letras, 1993; (Antropologia, 9).

______. *Minhas palavras*; trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1986.

______. *Mito e significado*; trad. de António Marques Bessa. Lisboa, Edições 70, 1989; (Perspectivas do homem, 8).

______ et alii. *Mito e linguagem social: ensaios de antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970; (Comunicação, 1).

______. *A noção de estrutura em etnologia*; *Raça e história, Totemismo hoje*; trad. de Eduardo P. Graeff et alii. 3ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1980; (Os pensadores).

______. *O pensamento selvagem*; trad. de Tânia Pellegrini. Campinas, São Paulo, Papirus, 1989.

______. *Raça e história*; trad. de Inácia Canelas. 2ª ed., Lisboa, Presença, São Paulo, Martins Fontes, 1975.

______. *Seleção de textos*. São Paulo, Victor Civita, 1976; (Os pensadores, 5).

______. *O sistema dos objetos*; trad. de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo, Perspectiva, 1973.

______. *Totemismo hoje*; trad. de Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis, Vozes, 1975; (Textos clássicos do pensamento humano, 3).

______. *Tristes trópicos*; trad. de Wilson Martins. São Paulo, Anhembi, 1957.

Lima, Delcio Monteiro de. *Os demônios descem do Norte*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991; (Ciências sociais).

Lima, Lauro de Oliveira. *Mutações em educação segundo McLuhan.* 7ª ed., Petrópolis, Vozes, 1974; (Cosmovisão, 1).

Lima, Maria do Rosário de Souza Tavares de. *Lobisomem: assombração e realidade*. São Paulo, Escola de Folclore, 1983.

Lima, Rossini Tavares de. *Folclore Nacional: resultado de um inquérito sobre mitos do Estado de São Paulo, realizado em setembro e outubro de 1947*. São Paulo, Separata da Revista do Arquivo Municipal, 1948.

Link, Arthur S. *História moderna dos Estados Unidos*; colab. de William B. Catton; trad. de Waltensir Dutra et alii. Rio de Janeiro, Zahar, 1965, 3 v.

Llobera, José R (org.). *La antropología como ciencia*. Barcelona, Anagrama, 1975.

Lorenz, Konrad. *Civilização e pecado: os oito erros capitais do homem*. São Paulo, Círculo do Livro, s.d.

Loyola, Maria Andréa. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*; fotografias de Ana Regina Nogueira. São Paulo, Difel, 1984; (Corpo e Alma do Brasil).

Macedo, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo, Contexto, 1990; (Repensando a história geral).

Machiavelli, Niccollò. *O Príncipe*; comentado por Napoleão Bonaparte; trad. de Torrieri Guimarães (e extratos dos discursos de Maquiavel acerca das décadas de Tito Lívio; comentados por Bonaparte; trad. de Márcio Pugliesi). São Paulo, Hemus, 1977.

Malinowski, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*; trad. de José Auto. 3ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

______. *A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das ilhas Trobriand* (*Nova Guiné Britânica*); trad. de Carlos Sussekind; prefácio de Havelock Ellis. 2ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983; (Ciências sociais).

Mandrou, Robert. *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII: uma análise de psicologia histórica*; trad. Nicolau Sevcenko e J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1979; (Debates, história, 126).

Marcondes Filho, Ciro. *Televisão*. São Paulo, Scipione, 1994; (Ponto de apoio).

______. *Televisão: a vida pelo vídeo.* 9ª ed., São Paulo, Moderna, 1988; (Polêmica).

Marcuse, Herbert. *Eros e civilização: uma crítica ao pensamento de Freud*; trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

Marx, Karl. *O capital: crítica da economia política*; apres. de Jacob Gorender; coord. e rev. de Paul Singer; trad. de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2ª ed., São Paulo, Nova Cultural, 1985; (Os economistas).

Matta, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

Mauss, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris, PUF, 1968.

Melatti, Júlio César. *Índios do Brasil*. 2ª ed., Brasília, Coordenada, 1972; (Antropologia brasileira).

Mello, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo, Contexto, 1992; (Caminhos da história).

Mello e Souza, Laura de. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

______. *A feitiçaria na Europa Moderna*. São Paulo, Ática, 1987; (Princípios, 118).

Messner, Johannes. *Ética social: o direito natural do mundo moderno*; trad. de Alípio Maia de Castro. São Paulo, Quadrante, Edusp, s.d.

Miceli, Paulo. *O mito do herói nacional*. São Paulo, Contexto, 1988; (Repensando a história).

Michelet, Jules. *A feiticeira*; trad. de Ronaldo Werneck. São Paulo, Círculo do Livro, 1974.

______. *História da Revolução Francesa: da queda da Bastilha à festa da Federação*; trad. de Maria Lucia Machado; consultoria e introd. de Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1989.

Mir, José Luís Garcia. *A revolução impossível: a esquerda e a luta armada no Brasil*. São Paulo, Best Seller, 1994.

Monod, Jacques. *O acaso e a necessidade*; trad. de Bruno Palma e Pedro Paulo de Sena Madureira. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1976.

Montero, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*; apres. de Cândido Procópio Ferreira de Camargo. Rio de Janeiro, Graal, 1985; (Biblioteca de saúde e sociedade, v. 10).

______. *Magia e pensamento mágico*. São Paulo, Ática, 1986; (Princípios, 43).

Montesquieu. *Do espírito das leis*; trad. de Gabriela de Andrada Dias Barbosa. São Paulo, Brasil, 1960; (As grandes obras da filosofia, 2 v.).

Motoyama, Shozo. *A formação da mecânica clássica: um estudo sobre a lógica do desenvolvimento científico*. São Paulo, USP, 1975.

Negrão, Lísias Nogueira & Consorte, Josildeth Gomes. *O messianismo no Brasil contemporâneo*. São Paulo, FFLCH-USP, Centro de Estudos da Religião, 1984; (Religião e sociedade brasileira, 1).

Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *Como falava Zaratustra: livro para toda a gente e para ninguém*; trad. de Araújo Pereira. Lisboa, Guimarães e Cia., 1913; (Sociológica, XIV).

______. *Genealogia da moral*; preparação dos originais de Joaquim de Faria. São Paulo, Moraes, s.d.

______. *O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo*; trad., notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

______. *Para além do bem e do mal*; trad. de Hermann Pflüger. Lisboa, Guimarães e Cia., 1974; (Filosofia e ensaios).

Nogueira, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo, Nacional, 1974; (Brasiliana, v. 355).

Nogueira, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente Cristão*. São Paulo, Ática, 1991.

______. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo, Ática, 1996; (Princípios, 101).

Novais, Fernando A. *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial* (*sécs. XVI-XVIII*). 5ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1990.

Ortiz, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes*. Petrópolis, Vozes, 1978.

Ossowski, Stanislaw. *Estrutura de classes na consciência social*; trad. de Affonso Blacheyre. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1976; (Biblioteca de ciências sociais).

Pagels, Elaine. *Adão, Eva e a serpente*; trad. de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

Pastoreau, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda: França e Inglaterra, sécs. XII e XIII*; trad. de Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989; (A vida cotidiana).

Pierce, Charles. *Semiótica*; trad. de J. Teixeira Coelho Netto. 2ª ed., São Paulo, Perspectivas, 1990; (Estudos, 46).

Platão. *Diálogos*; seleção de textos de José Américo Mota Pessanha; trad. e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 4ª ed., São Paulo, Nova Cultural, 1987; (Os pensadores).

Poirier, Jean. *História da etnologia*; trad. de Ivone Toledo. São Paulo, Cultrix, Edusp, 1981.

Pomer, Leon. *América: histórias, delírios e outras magias*; trad. de J. Roberto da Silva Jr. São Paulo, Brasiliense, 1980.

Prado Jr., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 8ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1965.

______. *História econômica e política do Brasil*. 20ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1977.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo, Dominus, Edusp, 1965; (Ciências sociais, Dominus, 5).

Radclife-Brown, A. R. *El método de la antropología social*; trad. de Carlos Manzano. Barcelona, Anagrama, 1975; (Biblioteca de antropología, 4).

Reed, John. *Dez dias que abalaram o mundo*; trad. de Armando Gimenez. 10ª ed., São Paulo, Global, s.d.; (Bases, 1).

Reich, Wilhelm. *A função do orgasmo: problemas econômicos-sexuais da energia biológica*; trad. de Maria da Glória Novak. 5ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1979.

______. *A revolução sexual*; trad. de Ary Blaustein. São Paulo, Círculo do Livro; 1983.

Rodrigues, José Carlos. *Antropologia e comunicação: princípios radicais*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.

Rostovtzeff, Michel Ivanovitch. *História de Roma*; trad. de Waltensir Dutra. 5ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

Rousseau, Jean Jacques. *Do contrato social e discurso sobre a economia política*; trad. de Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo, Hemus, 1981.

Runciman, Steven. *A teocracia bizantina*; trad. de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro, Zahar, 1978; (Biblioteca de cultura histórica).

Schaff, Adam. *História e verdade*; trad. de Maria Paula Duarte; revisão de Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo, Martins Fontes, 1978; (Novas direções).

Schreber, Daniel Paul; *Memórias de um doente de nervos*; trad. do original alemão de Marilene Carone. Rio de Janeiro, Graal, 1984; (Biblioteca de psicanálise e sociedade, v. 5).

Schwennhagen, Ludwig. *Fenícios no Brasil* (*Antiga história do Brasil, de 1100 a.C. a 1500 a.C.*); apres. e notas de Moacir C. Lopes. 4ª ed., Rio de Janeiro, Cátedra, 1986; (Cátedra histórica).

Schopenhauer, Arthur. *Esboço de história da teoria do ideal e do real* (*Dos "Parenga e Paralipomena"*); trad., pref. e notas de Vieira de Almeida. 2ª ed., Coimbra, Atlântida, 1965; (Biblioteca filosófica, 3).

Sevcenko, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Sheperd, Clovis R. *Pequenos grupos: aspectos sociológicos*; trad. de Auriphebo Berrance Simões. São Paulo, Atlas, 1969.

Sicuteri, Roberto. *Lilith: a lua negra*; trad. de Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990; (Psiquê, v. 2).

Silva, Maria Beatriz Nizza da (org., seleção de textos, trad. e introd.). *Teoria da história*. São Paulo, Cultrix, 1976.

Silva, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1990; (Biblioteca de cultura humanista, v. 5).

Silveira, Nise da. *Imagens do inconsciente*. 4ª ed., Brasília, Alhambra, 1981.

Skidmore, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco* (*1930-1964*); trad. por uma equipe coord. por Ismênia Tunes Dantas; apres. de Francisco de Assis Barbosa. 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

Soboul, Albert. *A Revolução Francesa*; trad. de Rolando Roque da Silva. São Paulo, Difel, 1974; (Saber atual, 163).

Sodré, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966; (Retratos do Brasil, v. 51).

Steiner, George. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*; trad. de Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

Taunay, Affonso de Escragnolle. *Zoologia fantástica do Brasil (séculos XVI e XVII)*. São Paulo, Melhoramentos, 1934.

Thomas, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais* (*1500-1800*)*;* trad. de João Roberto Martins Filho; consultor desta edição: Renato Janine Ribeiro; consultor dos termos zoológicos: Márcio Martins. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

Thoureau, Henry David. *Escritos selecionados sobre a natureza e a liberdade*; trad. de Aydano Arruda. São Paulo, Ibrasa, 1964; (Clássicos da democracia, 25).

Todorov, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*; trad. de Beatriz Perreno Moisés. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

Trotsky, Leon. *A história da Revolução Russa: a tentativa de contra-revolução* (2º v.); trad. de E. Huggins. Guanabara, Saga, 1967.

Türke, Christoph. *O louco: Nietzsche e a mania da razão*; trad. de Antônio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo, Vozes, 1993.

Velho, Gilberto (org.). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1977; (Antropologia).

______. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.

______. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1978; (Biblioteca de ciências sociais).

Ventura, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. 21ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

Veyne, Paul. *Como se escreve a história*; *Foucault revoluciona a história*; trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 2ª ed., Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1992.

Vidal, Gore. *De fato e de ficção: ensaios contra a corrente*; trad. de Heloisa Jahn; org. de Michel Hall e Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

Villas Boas, Orlando & Cláudio. *Xingu: os índios, seus mitos*. 2ª ed., São Paulo, Edibolso, 1975.

Vizentini, Paulo Gilberto Fagundes. *A 2ª Guerra Mundial: 1913-1945*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989; (Revisão, 32).

Vovelle, Michel. *Ideologias e mentalidades*; trad. de Maria Julia Cottvasser. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1991.

Weber, Max. *Ciência e política: duas vocações*; trad. de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota; prefácio de Manoel T. Berlinck. São Paulo, Cultrix, s.d.

Wittgenstein, Ludwig. *Cultura e valor*; trad. de Jorge Mendes. Lisboa, Edições 70, 1996; (Biblioteca de filosofia contemporânea, 22).

______. *Tractatus Logico-Philosophicus*; trad. e apres. de José Arthur Giannoti. São Paulo, Nacional, 1968; (Biblioteca universitária, série 1ª filosofia, v. 10).

## Especializada

Adamski, George & Leslie, Desmond. *Discos voadores: seu enigma e sua explicação*; trad. de Fernando de Castro Ferro e Alzira Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1957.

Alberton, Valério. *A Virgem Maria nas aparições de Medjugorje*. São Paulo, Loyola, 1986.

André, Marc. *O cientista e o disco voador*. São Paulo, Edição do autor, 1969.

Banchs, Roberto Enrique. *Fenómenos aéreos insulares: un enfoque biopsicosocial*. Buenos Aires, LEUKA, 1994.

______. *Las evidencias del fenómeno OVNI*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso Editor, 1976; (Coleccion Mundos y Misterios).

Benítez, J. J. *Os astronautas de Yaveh*; trad. de Maria Luíza Fernandes Faroña. São Paulo, Mercuryo, 1989.

______. *Eu, Júlio Verne*; trad. de Maria Luíza Fernandes Faroña. São Paulo, Mercuryo, 1990; (Fragmentos da história).

______. *O mistério da Virgem de Guadalupe*; trad. de Attílio Cancian. São Paulo, Mercuryo, 1991.

______. *Operação Cavalo de Tróia*; trad. de Hermínio Tricca. São Paulo, Mercuryo, 1988.

______. *A quinta coluna do espaço*; trad. de Hermínio Tricca. São Paulo, Mercuryo, 1992; (Os humanóides, nº 2).

______. *Rebelião de Lúcifer*; trad. de Lucy Ribeiro de Moura. São Paulo, Mercuryo, 1988.

______. *O testemunho de São João*; trad. de Hermínio Tricca. São Paulo, Mercuryo, 1989.

______. *Os visitantes*; trad. de Cláudia Schilling. São Paulo, Mercuryo, 1993.

Bergier, Jacques. *Os extraterrestres na história*; trad. de Luiz Carlos Teixeira de Freitas. São Paulo, Hemus, 1981; (Enigmas e mistérios do Universo).

______ & Grupo INFO. *O livro do inexplicável*; trad. de Francisco de Souza. São Paulo, Hemus, s.d.

______. *Os mestres secretos do tempo*; trad. de Edson Bini. São Paulo, Hemus, 1975.

Berlet. Artur. *Os discos voadores: da utopia à realidade*; introd. de Jorge E. M. Geisel; conclusões de Walter K. Bühler. 2ª ed., Sarandi, A Região de Sarandi, 1978.

Berlitz, Charles. *1999: o dia do Juízo Final*; trad. de João Távora. Rio de Janeiro, Record, s.d.

______. *Sem deixar vestígios*; trad. de Sônia Coutinho. 3ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.

______. *O triângulo das Bermudas*; trad. de Carmen Ballot. 5ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

______ & Moore, William L. *Incidente em Roswell*; trad. de Áurea Weisenberg. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

Bhaktivedanta, Swani A.C. *Fácil viagem a outros planetas: pela prática da yoga suprema*; trad. de Mahãkala dãsa (Márcio Lima P. Pombo). 5ª ed., São Paulo, Bhaktivedanta, 1986.

Bianca (Maria Aparecida de Oliveira). *As possibilidades do infinito: de um contato de 3º grau à conquista da auto-consciência*. São Paulo, Kópyon, 1987.

Blair, Syll & Still, Clark. *Seriam os deuses outras coisas?* São Paulo, Edicon, 1986.

Blum, Ralph & Judy. *Toda a verdade sobre os discos voadores*; trad. de Maria Lúcia Vasconcelos de Azevedo. 2ª ed., São Paulo, Edibolso, 1976.

Bondarchuk, Yurko. *UFO: observações, aterrissagens e seqüestros: a prova documentada*; trad. de Wilma Freitas Ronald de Carvalho; pref. de Stanton T. Friedman. 2ª ed., São Paulo, Difel, 1982.

Bono, Ernesto. *A grande conspiração universal*. Porto Alegre, Bonoppel, 1994.

Bourret, Jean-Claude. *OVNI: as Forças Armadas falam*; trad. de Adelino Dias Coelho. São Paulo, Difel, 1980.

Briazack, Norman J. & Mennick, Simon. *O guia dos UFOs*; trad. de Reinaldo Castro. São Paulo, Difel, 1979.

Buark, Cícero. *Ilhabela e seus mistérios*. 3ª ed., São Paulo, Monsanto, 1980.

Bueno, Bernardino Sánchez. *Os OVNI no passado remoto* (livro I). Lisboa, Bertrand, 1985.

Bühler, Walter & Pereira, Guilherme. *Livro branco dos discos voadores*. Petrópolis, Vozes, 1985.

Buttlar, Johannes von. *O fenômeno UFO*; trad. de Trude von Laschan Solstein Arneitz. São Paulo, Melhoramentos, 1980.

______. *Mais veloz do que a luz*; trad. de Flávio Meurer. São Paulo, Melhoramentos, 1976.

Cajado, Syomara. *Meu padim Ciço* (*Padre Cícero Romão Batista*)*: o santo de Juazeiro*. São Paulo, Nova Época Editorial, 1980.

Câmara, Lobo. *A farsa da Nova Era: nem Apocalipse, nem Era de Aquário*. São Paulo, Edição do autor, julho 1998.

Camp, L. Sprague de & Catherine C. de. *Cidadelas do mistério: da Atlântida às Minas do rei Salomão*; trad. de Fred Madersbacher. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984.

______. *Cidadelas do mistério: da Távola Redonda à ilha da Páscoa*; trad. de Fred Madersbacher. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984.

Canto, Pedro P. *Visitantes de dormitório: el contacto sexual con extraterrestres*. Madrid, Temas de Hoy, 1994; (Esoterika, 27).

Cardeñosa, Bruno et alii. *50 años de OVNIs: las mejores evidencias*. Madrid, América Ibérica, 1997.

Cardinale, Quixe. *Das galáxias aos continentes desaparecidos*; trad. de João Amendola. São Paulo, Hemus, 1972; (Enigmas do Universo, v. II).

______. *De volta às civilizações perdidas*; trad. de João Amendola. São Paulo, Hemus, 1971.

Cardoso, Walmir Thomazi. *Utopia do espaço sideral*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

Carneiro, André. *O mundo misterioso do hipnotismo*. São Paulo, EdArt, 1963; (Visão do Universo, 4).

Carrion, Felipe Machado. *Discos voadores: imprevisíveis e conturbadores*. Porto Alegre, Impresso nas oficinas da Escola Gráfica Educandário São Luiz, 1968.

Cesca, Olivo. *Medjugorje urgente: as aparições de Nossa Senhora na ex-Iugoslávia*. 14ª ed., Porto Alegre, Secretariado Rainha da Paz, 1993.

Charroux, Robert. *História desconhecida dos homens*; trad. de Gina de Freitas. São Paulo, Círculo do Livro, 1976.

______. *O livro do misterioso desconhecido*; trad. de Ricardo Sarmentes. 3ª ed., São Paulo, Difel, 1976.

______. *O livro dos mundos esquecidos*; trad. de Agatha M. Auersperg. São Paulo, Hemus, 1975.

______. *O livro do passado misterioso*; trad. de Attílio Cancian. São Paulo, Hemus, 1975.

______. *Tesouros do mundo: emparedados, enterrados, submersos*; trad. de Torrieri Guimarães. São Paulo, Hemus, 1973.

Chatelain, Maurice. *Em busca de nossos antepassados cósmicos*; trad. de Luíza Ibañez. Rio de Janeiro, Record, s.d.

Chaves, Eduardo B. *Mensagem dos deuses: para uma revisão da história do Brasil*. Lisboa, Bertrand, 1977.

Childress, David Hatcher. *Cidades perdidas e antigos mistérios da América do Sul*; trad. de Anna Maria Dalle Luche. São Paulo, Siciliano, 1987.

Coppetti, Marcello. *OVNI: arma secreta*; trad. de Maria Gabriela de Bragança. Lisboa, Publicações Europa-América, s.d.; (Portais do desconhecido, 48).

Córdova, Mário Sérgio Baêta & Menezes, Bárbara Borges. *Missão Terra: preparando o ponto-base* (parte I). Piracicaba, Carlton Editora, 1992.

______. *Missão Terra: preparando o ponto-base* (parte II). Manaus, edição dos autores, 1993.

Däniken, Erich von. *Aparições: fenômenos que excitam o mundo*; trad. de Trude Arnetz von Laschan Solstein. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.

______. *De volta às estrelas: argumentos para o impossível*; trad. de Else Graf Kalmus e Trude von Laschan Solstein Arneitz. 8ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1971; (Enigmas do Universo).

______. *Provas de Däniken: Deuses espaçonaves e Terra*; trad. de Trude von Laschan Solstein Arneitz. São Paulo, Melhoramentos/Círculo do Livro, s.d.

______. *O dia em que os deuses chegaram: 11 de agosto de 3.114 a.C.*; trad. de Trude von Laschan Solstein Arneitz. São Paulo, Melhoramentos/Círculo do Livro, 1985.

______. *Eram os deuses astronautas? Enigmas indecifrados do passado*; trad. de E. G. Kalmus; apres. de João Ribas da Costa e Flávio A. Pereira. 37ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1986; (Enigmas do Universo).

______. *O grande enigma*; trad. de Reinaldo Guarani. 2ª ed., Rio de Janeiro, Record, 1984.

______. *Os olhos da esfinge: novas perspectivas sobre o antigo país do Nilo*; trad. de Dante Pignatari. São Paulo, Melhoramentos, 1991.

______. *O ouro dos deuses*; trad. de Trude von Laschan Solstein Arneitz. São Paulo, Melhoramentos, 1977; (Enigmas do Universo).

______. *Profeta do passado: idéias arriscadas da onipresença dos extraterrestres*; trad. de Trude von Laschan Solstein Arneitz. São Paulo, Melhoramentos, 1980; (Enigmas do Universo).

______. *Semeadura e cosmo: vestígios de planos de inteligências alienígenas*; trad. de Trude von Laschan Solstein Arneitz. São Paulo, Melhoramentos, 1972; (Enigmas do Universo).

______. *Será que eu estava errado?*; trad. de José Kalmus. São Paulo, Melhoramentos/Círculo do Livro, 1987.

______. *Somos todos filhos dos deuses: se os túmulos pudessem falar*; trad. de Dante Pignatari. 2ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1990.

______. *Viagem a Kiribati*; trad. de A. J. Keller. São Paulo, Melhoramentos, 1982.

Darquea, Javier Cabrera. *As mensagens das pedras gravadas de Ica*; trad. de Júlia de Mello e Souza. São Paulo, Melhoramentos, 1980.

Dequerlor, Christine. *Os pássaros mensageiros dos deuses*; trad. de Celso Nuca Filho. São Paulo, Hemus, 1976; (Enigmas do Universo).

Dibo, Dulcídio. *Vida em outros planetas: ciência, filosofia, religião: um estudo crítico sobre a problemática da vida do Universo*. 3ª ed., São Paulo, Lake, 1991.

Dinotos, Sábado. *A antigüidade dos discos voadores*. São Paulo, São Paulo Editora, 1967.

______. *As centúrias de Nostradamus*. São Paulo, Edição do autor, 1965.

______. *Bíblia Sagrada* (*Pentateuco*); trad. em port. diretamente do texto hebraico massorético, anotada e comentada por Sábado Dinotos. São Paulo, Edição do autor, 1964.

______. *Mensagem aos judeus: o nascimento do messias*. São Paulo, São Paulo Editora, 1960.

______. *O hebreu: libertador de Israel*. São Paulo, São Paulo Editora, 1959.

Drake, W. Raymond. *Deuses e astronautas na Grécia e Roma antigas*; trad. de Miécio Araújo Jorge Honkis. Rio de Janeiro, Record, s.d.

Durrant, Henry. *Os estranhos casos dos OVNI*; trad. de Américo Bandeira. São Paulo, Difel, 1980; (Enigmas de todos os tempos).

______. *Informe UFO: o livro negro dos discos voadores*; trad. de Maria Elisa Mascarenhas. 4ª ed., São Paulo, Difel, 1983.

______. *Primeiras investigações sobre os humanóides extraterrestres*; trad. de Luzia D. Mendonça. São Paulo, Hemus, 1980; (Enigmas e mistérios do Universo).

Edmunds, Simeon. *Poder psíquico da hipnose: instrumento de saúde e autoconhecimento*; trad. de Lindbergh Caldas de Oliveira. São Paulo, Hemus, s.d.

Elsasser, Hans et alii. *Estamos sós no cosmos? As respostas de onze cientistas*; trad. de Antônio Last. Lisboa, Edições 70, 1976; (Esfinge, 12).

Emenegger, Robert. *OVNIs*: *passado, presente e futuro*; trad. de Francisca Athouguia Rocha Fontes. Lisboa, Portugália, 1979.

Encausse, Gérard (Papus). *Tratado de ciências ocultas: a magia, a cabala, os espíritos, a pedra filosofal, a maçonaria*; trad. de Luís Carlos Lisboa. São Paulo, Três, 1983; (Biblioteca Planeta).

Faleiro, Antonio. *Discos voadores e seres extraterrestres no folclore brasileiro*. Campo Grande, CBPDV, 1991; (Biblioteca UFO, 4).

Faria, Francisco C. Pessoa. *Os astrônomos pré-históricos do Ingá*. São Paulo, Ibrasa, 1987; (História, explorações e descobertas, 34).

Faria, José Escobar. *Discos voadores*; prefácio de Flávio Pereira. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

Ferryn, Patrick & Verheiden, Ivan (coords.). *Civilizações superiores da Antigüidade*; trad. de Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa, Edições 70, 1981; (Esfinge, 40).

Fiebcaist, R. *Nem deuses, nem astronautas*. São Paulo, Melhoramentos, 1973; (Enigmas do Universo).

Flint, Leslie. *Em busca da vida após a morte*; trad. de Alcides Nogueira Pinto. São Paulo, Três, s.d.; (Planeta pesquisa).

Fort, Charles. *O livro dos danados: verdadeiro caos de fatos insólitos*; trad. de Edson Bini e Márcio Pugliesi. São Paulo, Hemus, s.d.; (Enigmas e mistérios do Universo).

Fowler, Raymond E. *Os observadores*; trad. de Lindeci Camara de Sousa Pinto; prefácio de Whitley Strieber; prefácio para a edição em português de Irene Granchi. Rio de Janeiro, Educare, 1994; (Biblioteca documento UFO; 1).

Fuller, John G. *A viagem interrompida*; trad. de Vera Sarmento; introd. de Benjamin Simon. Rio de Janeiro, Record, s.d.

Gama, Arthur Oscar Saldanha da. *Brasileiros no sinistro Triângulo das Bermudas*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1984; (Biblioteca do Exército, 532, col. General Benício, v. 218).

Gaston, Patrice. *Desaparições misteriosas: o cosmo observa-nos*; trad. de Maria Teresa Ramos. Lisboa, Livraria Bertrand, 1974; (Enigmas de todos os tempos).

Geller, Uri. *Minha história*; trad. de Milton Persson. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

Giese, Daniel Rebisso. *Vampiros extraterrestres na Amazônia*. Belém, Edição do autor, 1991.

Granchi, Irene. *UFOs e abduções no Brasil*; trad. de Liana Moreira. Rio de Janeiro, Novo Milênio, 1992.

Gris, Henry & Dick, William. *Novas descobertas parapsicológicas: a experiência soviética*; revisão de Affonso Mondego. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

Hall, Richard. *Uninvited Guests: a documented history of UFO sightings, alien encounters & coverups*. Santa Fe, New Mexico, Aurora Press, 1988.

Hawking, Stephen W. *Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros*; trad. de Maria Helena Torres; introd. de Carl Sagan. 5ª ed., Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

Heras, Antonio Las. *Informe sobre los visitantes extraterrestres y sus naves voladoras*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso Editor, 1974; (Coleccion Mundos y Misterios).

Hind, Cynthia. *UFOs: contatos africanos*; trad. de Irene Granchi. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1987.

Holzer, Hans. *Os ufonautas: quem são os tripulantes dos discos voadores*; trad. de Lauro Blandy. São Paulo, Global, 1979.

Homet, Marcel F. *Os filhos do sol*; trad. de Beatriz Sylvia Romero Porchat. São Paulo, Ibrasa, 1959; (Biblioteca explorações e descobertas, 1).

Hopkins, Budd. *Intrusos: um estudo sobre o rapto de pessoas por alienígenas*; trad. de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro, Record, 1993.

Huguenin, O. C. *Dos mundos subterrâneos para os céus: discos voadores*. Rio de Janeiro, Irmãos Di Giorgio, 1956.

Hutin, Serge. *Governantes invisíveis e sociedades secretas*; trad. de Ágata M. Auersperg. São Paulo, Hemus, 1972; (Enigmas e mistérios do realismo fantástico).

Hynek, Josef Allen. *OVNI: relatório Hynek*; trad. de Francisca Athouguaia Rocha Fontes. Lisboa, Portugália, s.d.

Jacchieri, Carlos. *Os deuses não eram astronautas!* São Paulo, Ciência e Progresso, 1971.

Jaguaribe, Domingos. *Brasil Antigo: Atlantide e antigüidades americanas*. 2ª ed., São Paulo, Typographia Casa Garraux, 1910.

Kaiser, Andreas Faiber. *Em busca dos extraterrestres*; apres. de Ignácio de Loyola Brandão; prólogo de Antonio Ribeira. São Paulo, Três, s.d.; (Planeta, grandes mistérios).

Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*; trad. de Salvador Gentile; revisão de Elias Barbosa. 24ª ed., Araras, Instituto de Difusão Espírita, 1992.

Keyhoe, Donald E. *A verdade sobre os discos voadores*; trad. de Lauro S. Blandy. São Paulo, Global, 1977.

Khuon, Ernest von (compilação). *Vieram os deuses de outras estrelas?*; trad. de Trude von Laschan Solstein. 2ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1972; (Enigmas do Universo).

Kinder, Gary. *Anos-luz: uma investigação sobre fenômenos extraterrestres segundo as experiências de Eduard Meier*; trad. de Lauro Santos Blandy. São Paulo, Best Seller, 1987.

Kolosimo, Peter. *Antes dos tempos conhecidos*; trad. e notas de Anacleto Valtorta e Paulo Sérgio M. Machado. São Paulo, Melhoramentos, 1970; (Enigmas do Universo).

______. *Astronaves na Pré-História*; trad. de Octavio Mendes Cajado, São Paulo, Melhoramentos, 1976; (Série Enigmas do Universo).

______. *Não é terrestre*; trad. de Anacleto Valtorta. São Paulo, Melhoramentos, 1972; (Enigmas do Universo).

______. *O planeta desconhecido*; trad. de Maria Leonor de Castro Bastos Magalhães. São Paulo, Melhoramentos, 1973; (Enigmas do Universo).

______. *Sombras sobre as estrelas*; trad. de Anacleto Valtorta. 2ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1972; (Enigmas do Universo).

Kraspedon, Dino. *Contato com os discos voadores*. 2ª ed., São Paulo, São Paulo Editora, 1957.

______. *A órbita da Terra e a gravitação*. São Paulo, São Paulo Editora, 1959.

Lisboa, Luiz Carlos & Andrade, Roberto Pereira de. *Grandes enigmas da humanidade*. São Paulo, Círculo do Livro, 1987.

Machado, Antonio Augusto Borelli. *As aparições e a mensagem de Fátima conforme os manuscritos da Irmã Lúcia*. 15ª ed., São Paulo, Vera Cruz, 1981.

Mack, John E. *Abduction: human encounters with aliens*. London, Simon & Shuster, 1994.

Mahieu, Jacques de. *Os vikings no Brasil*; trad. de Wilma Freitas Ronald de Carvalho; revisão técnica de André Selon. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

Martins, João. *As chaves do mistério*. Bonsucesso, Hunos, 1979; (Biblioteca OVNI Documento, 2).

Mauso, Pablo Villarrubia. *Mistérios do Brasil: 20.000 quilômetros através de uma geografia oculta*. São Paulo, Mercuryo, 1997.

Molina, N. A. *3.777 pontos cantados e riscados na Umbanda e na Quimbanda*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Espiritualista, s.d.

Moore, William L. *Acidentes de UFOs e resgates de tripulantes*. Campo Grande, CBPDV, 1993; (Biblioteca UFO, 6).

Moreaux, Abbé. *Serão habitados os outros mundos?*; trad. de J. P. Figueiredo Drumond. 11ª ed., Salvador, Livraria Progresso, 1956.

Moura, Gilda. *UFO: contato alienígena: a história traumatizante de quem o viveu*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1992.

Mourão, Ronaldo Rogério de Freitas. *Universo: as inteligências extraterrestres*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.

Navia, Luis E. *A aventura do Universo: a caminho da sociedade cósmica*; trad. de Pedro de A. Briese. São Paulo, Melhoramentos, 1981.

Nostradamus, Michel de. *O verdadeiro breviário de Nostradamus*; trad. de Júlio Alcoforado Carqueja. 2ª ed., Rio de Janeiro, Eco, s.d.

Oliveira, Wilson Geraldo de. *Fenômeno OVNI: dinâmica social*. Brasília, Universidade de Brasília (UnB), Grupo de Estudos Ufológicos (GEU), Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais (NEFP), 1992.

Ortzen, Len. *Strange Stories of UFOs*. Londres, Arthur Barker, 1977.

Ostrander, Sheila & Schroeder. *Experiências psíquicas atrás da Cortina de Ferro*; trad. de Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, s.d.

Pauwels, Louis & Bergier, Jacques. *O despertar dos mágicos*; trad. de Gina Freitas. 18ª ed., São Paulo, Difel, 1982.

______. *O planeta das possibilidades impossíveis: perspectivas para o terceiro milênio*; trad. de Guttorm Hanssen. 3ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1972; (Enigmas do Universo).

Pereira, Fernando Cleto Nunes. *A Bíblia e os discos voadores: a missão dos astronautas extraterrenos*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1984; (Realismo fantástico).

______. *Que ciência constrói discos voadores?* Rio de Janeiro, Record, 1995.

______. *Sinais estranhos*. Rio de Janeiro, Hunos, 1979; (Biblioteca OVNI Documento, 1).

Pereira, Flávio. *Astrobiologia: vida no cosmos*. 12ª ed., São Paulo, Traço, 1990.

______. *O livro vermelho dos discos voadores*. São Paulo, Florença, 1966.

Pereira, Jader U. *Tipologia dos humanóides extraterrestres*. Campo Grande, Grupo Editorial Paracientífico, 1991; (Biblioteca UFO, 1).

Pittigliani, Adelpho Lupi. *O impacto do novo século*; prólogo de Quirino Dech. Rio de Janeiro, Bloch, 1973.

Pottier, Jacques. *Os discos voadores: haverá guerra entre os mundos?* Barcelona, De Vecchi, 1979.

Puentes, Fabio. *Auto-hipnose: manual do usuário*. São Paulo, CenaUn, 1996.

Puharich, Andrija. *Uri Geller: um fenômeno da parapsicologia*; trad. de A. B. Pinheiro Lemos. Rio de Janeiro, Record, s.d.

Quevedo, Oscar González. *Curandeirismo: um mal ou um bem?* São Paulo, Loyola, 1976; (Parapsicologia, 5).

Quirino, Luiz. *A mulher que fala com Marte*. São Paulo, EdArt, 1962.

Ribera, Antonio. *Proces Aux OVNI*; trad. de Marie-Françoise Tabaraud. Paris, Editions de Vecchi, 1977.

Rocha, Hugo. *O enigma dos discos voadores ou a maior interrogação do nosso tempo*. São Paulo, Gráfica Biblos, 1959.

Rooney, Lucy & Faricy, Robert. *Medjugorje se revela: Maria fala ao mundo*; trad. de Maria Lúcia Vianna. Rio de Janeiro, Edições Louva-a-Deus, 1987.

Rossi, Antonio. *Num disco voador visitei outro planeta*; prefácio de Levino Cornélio Wischral. São Paulo, Nova Era, 1957.

Ruppelt, Edward J. *Discos voadores: relatório sobre os objetos aéreos não identificados*; trad. de J. Escobar Faria & Auriphebo Berrance Simões; pref. de Flávio Pereira. São Paulo, Difel, 1959.

Russo, Sérgio O. *O livro dos deuses e extraterrestres*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1991; (Realismo fantástico).

______. *Monstros, seres estranhos e criaturas extraordinárias*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1987; (Realismo fantástico).

______. *Nos domínios do mistério.* Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1985; (Realismo fantástico).

______. *Nas fronteiras do desconhecido.* Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1985; (Realismo fantástico).

______. *No paraíso das coisas estranhas.* Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1987; (Realismo fantástico).

______. *Nos portais do inexplicável.* Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1986; (Realismo fantástico).

Sagan, Carl. *Murmúrios da Terra: o disco interestelar da Voyager*; trad. de Maria Goretti Dantas de Oliveira et alii. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984; (Arte e luxo).

Sampaio, Fernando G. *A verdade sobre os deuses astronautas*. 2ª ed., Porto Alegre, Movimento, 1973; (Documentos, v. 2)

Sanmartin, Alberto. *A pedra do espaço*. São Paulo, Aquarius, 1978.

Santos, Agostinho Soares dos. *Ufologia à luz da Bíblia*. São Paulo, Vida, 1995.

Shi, Bo. *A China e os extraterrestres*; prefácio de Aimé Michel; trad. de Antonio Carlos Alves Olivieri; revisão de Regina Laura de Souza Pinto. São Paulo, Difel, 1985.

Sierra, Javier. *Extraterrestres: deuses de uma nova religião?*; trad. de Encarnación Zapata Garcia. Campo Grande, CBPDV, 1993; (Biblioteca UFO, 5).

Silva, Ivan & Oliveira, Geraldo P. *Os extraterrestres e a Sirja*. Rio de Janeiro, MmFreire, 1993.

Simões, Auriphebo Berrance. *Discos voadores: fantasia e realidade*. 2ª ed., São Paulo, Edart, 1959.

Sitchin, Zecharia. *O 12º planeta*; trad. de Ana Paula Cunha. 2ª ed., São Paulo, Best Seller, s.d.

______. *Os astronautas do passado*; trad. de Margarida Pratas. Lisboa, Europa-América, s.d.; (Portais do desconhecido, 61).

______. *Gênesis revisitado: as provas definitivas de que os extraterrestres estiveram entre nós*; trad. de Evelyn Kay Massaro e Marcília Britto. São Paulo, Best Seller, s.d.

Steiger, Brad. *Projeto Livro Azul*; trad. de Francisca Athouguia Rocha Fontes. 3ª ed., Lisboa, Portugália, 1976.

Steinhäuser, Gerhard R. *O herdeiro dos astronautas*; trad. de George Schlesinger. Rio de Janeiro, Artenova, 1976.

Strehl, Rolf. *O céu não tem fronteiras: a grande aventura da astronáutica*; trad. de Pedro De A. Briese. São Paulo, Melhoramentos, 1965.

Striber, Whitley. *Projeto Majestic*; trad. de José Antonio Ceschin. São Paulo, Mercuryo, 1991.

Stringfield, Leonard H. *Situação alerta: o novo cerco dos OVNIs*; trad. de Wilma F. R. de Carvalho. Rio de Janeiro, Nórdica, 1980.

Sussol, Max. *Não existem discos voadores*. São Paulo, Parma, 1986; (Ufologia, v. 1).

______. *Os falsos discos voadores*. São Paulo, Parma, 1986; (Ufologia, v. 2).

______. *Porque não há discos voadores*. São Paulo, Parma, 1986; (Ufologia, v. 3).

Tarade, Guy. *Civilizações extraterrestres*; trad. de Torrieri Guimarães. São Paulo, Hemus, 1972; (Enigmas e mistérios do Universo).

Thompson, Keith. *Anjos e extraterrestres: OVNIs e a imaginação mítica*; trad. de Aulyde Soares Rodrigues; consultoria de coleção Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro, Rocco, 1993; (Arco do tempo).

Thomas, Andrew. *Não somos os primeiros: enigmas da ciência antiga*; trad. de Pinheiro de Lemos. São Paulo, Melhoramentos, 1972.

Trench, Brinsley Le Poer. *A história dos discos voadores*; trad. de Lauro Santos Blandy. São Paulo, Global, 1974.

______. *Homens, deuses ou seres de outro planeta?*; trad. de Miécio Araujo Jorge Honkis; introd. de Leslie J. Otley. Rio de Janeiro, Record, s.d.

______. *A invasão dos discos voadores*; trad. de Lauro Santos Blandy. São Paulo, Global, 1974.

Uchôa, Alfredo Moacir. *Além da parapsicologia: 5ª e 6ª dimensões da realidade*. Brasília, Ebrasa, 1969.

______. *Mergulho no hiperespaço: dimensões esotéricas na pesquisa dos discos voadores*; prefácio de Flávio Pereira. Brasília, Senado Federal, 1976.

______. *A parapsicologia e os discos voadores*. 3ª ed., Brasília, Horizonte, 1981.

Vallée, Jacques. *Confrontos: a pesquisa e o alerta de um cientista sobre contatos alienígenas*; trad. de Celso Nogueira. São Paulo, Best Seller, s.d.

______. *Pasaporte a Magonia*; trad. de Antonio Ribera. Barcelona, Plaza & Janes, 1975.

______ & Janine. *Desafio à ciência: o enigma dos discos voadores*; trad. de Maria Lúcia Azevedo e Eneas Theodoro Jr., pref. de J. Allen Hynek. São Paulo, Global, 1979.

Varanda, Francisco Donizetti. *Maivotzinim e o contato imediato tribal*. Águas da Prata (SP), Edição do autor, julho de 1996.

Velikovsky, Immanuel. *Mundos em colisão*; trad. de Dirce de Moraes Bonilha. São Paulo, Melhoramentos, 1981.

Waite, Arthur Edward. *As ciências ocultas: compêndio de doutrina e experimentação transcendental*; trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1985; (Realismo fantástico).

Wallace, Carlos S. (org.). *UFOs: ilusão ou realidade?* Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1985; (Realismo fantástico).

Wilson, Cliford. *Segredos das civilizações perdidas*; trad. de Agatha Maria Auersperg. São Paulo, Nova Época, s.d.

Zerpa, Fabio. *Los OVNI existen y son extraterrestres*. Buenos Aires, Grupo Editorial Planeta, 1994.